

COMO EU ENTENDO O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Valentim Neto – 2014

Mudança de expressões:

vale.aga@hotmail.com

Marli Aparecida Hergersheimer

Trabalhos para explanações do Evangelho

mapda@hotmail.com.br

ALLAN KARDEC

Contendo a explicação dos ensinamentos morais de Jesus, o Cristo, sua concordância com o Espiritismo e sua aplicação às diversas posições da vida.

Não há fé inabalável senão aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade.

ÍNDICE

PREFÁCIO 7

INTRODUÇÃO 8 - 21

Objetivo desta obra - Autoridade da Doutrina Espírita - Controle universal do ensinamento dos Espíritos - Notícias históricas - Sócrates e Platão, precursores da ideia Cristã e do Espiritismo.

CAPÍTULO I 22 - 48

EU NÃO VIM DESTRUIR A LEI

As três revelações: Moisés; Jesus, o Cristo; o Espiritismo - Aliança da ciência e da religião - Instruções dos Espíritos: A era nova. (9 explicações)

CAPÍTULO II 49 - 63

MEU REINO NÃO É DESTE MUNDO

A vida futura - A realeza de Jesus, o Cristo - O ponto de vista - Instruções dos Espíritos: uma realeza terrena. (5 explicações)

CAPÍTULO III 64 - 84

HÁ MUITAS MORADAS NA CASA DO PAI

Diferentes estados dos Espíritos na erraticidade - Diferentes categorias de mundos habitados - Destinação da Terra. Causa dos tormentos terrestres - Instruções dos Espíritos: Mundos adiantados e mundos atrasados - Mundos de expiação e de provas - Mundos regeneradores - Progressão dos mundos. (5 explicações)

CAPÍTULO IV 85 - 113

NINGUÉM PODE VER O REINO DE DEUS SE NÃO NASCER DE NOVO

Ressurreição e reencarnação - Laços de família fortalecidos pela reencarnação e quebrados pela unicidade da existência - Instruções dos Espíritos: Limite da encarnação - Necessidade da encarnação - A encarnação é um castigo? (7 explicações)

CAPÍTULO V 114 - 177

BEM-AVENTURADOS OS AFLITOS

Justiça das aflições - Causas atuais das aflições - Causas anteriores das aflições - Esquecimento do passado - Motivos de resignação - O suicídio e a loucura - Instruções dos Espíritos: Correto e errado sofrer. A doença e o remédio - A felicidade plena não é deste mundo - Perda de pessoas amadas - Desencarnes prematuros - Se fosse um humano correto teria desencarnado - Os tormentos voluntários - A infelicidade real - A melancolia - Provas voluntárias - O verdadeiro cilício - Deve-se pôr termo às provas do próximo? - É permitido abreviar a vida física de um doente que agoniza sem esperança de cura? - Sacrifício da própria vida física - Proveito dos tormentos para os outros. (16 explicações)

CAPÍTULO VI 178 - 194

O CRISTO CONSOLADOR

O jugo leve - Consolador prometido - Instruções dos Espíritos: Advento do Espírito de Verdade.

(6 explicações)

CAPÍTULO VII 195 - 220

BEM-AVENTURADOS OS SINGELOS DE ESPÍRITO

O que é preciso entender por singelos de Espírito - Todo aquele que se eleva, será rebaixado - Conhecimentos ocultos aos sabichões e aos orgulhosos - Instruções dos Espíritos: O orgulho e a humildade - Missão do humano culto na Terra. (7 explicações)

CAPÍTULO VIII 221 - 248

BEM-AVENTURADOS AQUELES QUE TÊM PURO O CORAÇÃO

Deixai vir a mim as criancinhas - Erro por pensamentos - Adultério - Verdadeira pureza. Mãos não lavadas - Escândalos. Se vossa mão é um motivo de escândalo, cortai-a. - Instruções dos Espíritos: Deixai vir a mim as criancinhas - Bem-aventurados aqueles que têm os olhos fechados. (7 explicações)

CAPÍTULO IX 249 - 269

BEM-AVENTURADOS AQUELES QUE SÃO BRANDOS E PACÍFICOS

Injúrias e violências - Instruções dos Espíritos: A afabilidade e a doçura - A paciência - Obediência e resignação - O ódio 1. (6 explicações)

CAPÍTULO X 270 - 306

BEM-AVENTURADOS AQUELES QUE SÃO MISERICORDIOSOS

Perdoar pela Lei de Deus - Reconciliar-se com os adversários - O sacrifício mais agradável pela Lei de Deus - A árvore e o galho no olho - Não julgueis a fim de que não sejais julgados. Aquele que estiver sem erro, atire a primeira pedra - Instruções dos Espíritos: Perdão dos erros - A indulgência - É permitido repreender os outros; observar as imperfeições dos outros; divulgar o erro dos outros? (11 explicações)

CAPÍTULO XI 307 - 339

AMAR AO PRÓXIMO COMO A SI MESMO

O maior mandamento. Fazer aos outros o que queremos que os outros nos fizessem. Parábola dos credores e dos devedores - Dai a César o que é de César - Instruções dos Espíritos: A Lei de amor - O egoísmo - A fé e a caridade - Caridade para com os humanos em erro - Deve-se expor a própria vida por um humano em erro? (10 explicações)

CAPÍTULO XII 340 - 373

AMAI OS VOSSOS ADVERSÁRIOS

Pagar o errado com o certo - Os adversários desencarnados - Se alguém vos fere um lado da face; apresentai-lhe também o outro - Instruções dos Espíritos: A vingança - O ódio 2 - O duelo ou brigas. (10 explicações)

CAPÍTULO XIII 374 - 427

QUE A VOSSA MÃO ESQUERDA NÃO SAIBA O QUE DÁ A VOSSA MÃO DIREITA

Fazer o certo sem ostentação - Os infortúnios ocultos - O óbolo da viúva - Convidar os pobres e os estropiados - Servir sem esperar retribuição - Instruções dos Espíritos: A caridade material e a caridade espiritual - A beneficência - A piedade - Os órfãos - Benefícios pagos com a ingratidão - Beneficência exclusiva. (14 explicações)

CAPÍTULO XIV 428 - 443
HONRAI A VOSSO PAI E A VOSSA MÃE

Piedade filial - Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? - O parentesco corporal e o parentesco espiritual - Instruções dos Espíritos. A ingratidão dos filhos e os laços de família. (4 explicações)

CAPÍTULO XV 444 - 460
FORA DA CARIDADE NÃO HÁ ELEVAÇÃO

O que é preciso para se elevar. Parábola do correto Samaritano - O maior mandamento - Necessidade da caridade segundo Paulo - Fora da igreja não há elevação - Fora da Verdade não há elevação - Instruções dos Espíritos: Fora da Caridade não há elevação. (5 explicações)

CAPÍTULO XVI 461 - 505
NÃO SE PODE SERVIR A DOIS DEUSES

Elevação dos ricos - Guardar-se da avareza - Jesus, o Cristo na casa de Zaqueu - Parábola do rico em erro - Parábola dos talentos - Utilidade providencial da fortuna - Provas da riqueza e da miséria - Desigualdade das riquezas - Instruções dos Espíritos: A verdadeira propriedade - Emprego da fortuna - Desprendimento dos bens terrestres - Transmissão da fortuna. (13 explicações)

CAPÍTULO XVII 506 - 539
SEDE PERFEITOS

Caracteres da perfeição - O humano correto - Os corretos Espíritos - Parábola do Semeador - Instruções dos Espíritos: O dever - A virtude - Os adiantados e os atrasados - O humano no mundo - Cuidar do corpo físico e do Espírito. (10 explicações)

CAPÍTULO XVIII 540 - 559
MUITOS OS CHAMADOS E POUCOS OS ESCOLHIDOS

Parábola do festim de núpcias - A porta estreita - Nem todos os que dizem: Senhor! Senhor! entrarão no reino dos céus - Muito se pedirá àquele que muito recebeu - Instruções dos Espíritos: Dar-se-á àquele que tem - Reconhece-se o Espírito pelas suas obras. (6 explicações)

CAPÍTULO XIX 560 - 576
A FÉ TRANSPORTA MONTANHAS

Poder da fé - A fé religiosa - Condição da fé inabalável - Parábola da figueira seca - Instruções dos Espíritos: A fé, mãe da esperança e da caridade - A fé divina e a fé humana. (5 explicações)

CAPÍTULO XX 577 - 584
OS TRABALHADORES DA ÚLTIMA HORA

Instruções dos Espíritos: Os últimos serão os primeiros - Missão dos Espíritos - Os obreiros do Senhor. (2 explicações)

CAPÍTULO XXI 585 - 591
HAVERÁ FALSOS MESSIAS E FALSOS PROFETAS

Conhece-se a árvore pelo fruto - Missão dos profetas - Prodígios dos falsos profetas - Não acrediteis em todos os Espíritos - Instruções dos Espíritos: Os falsos profetas - Caracteres do verda-

deiro profeta - Os falsos profetas da erraticidade - Jeremias e os falsos profetas.

CAPÍTULO XXII 592 - 593
NÃO SEPAREIS O QUE A LEI DE DEUS JUNTOU

Indissolubilidade do casamento - O divórcio.

CAPÍTULO XXIII 594 - 601
MORAL ESTRANHA

Quem não amar menos ao seu pai e sua mãe - Abandonar pai, mãe e filhos - Deixai aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos - Não vim trazer a paz, mas a divisão. (1 explanação)

CAPÍTULO XXIV 602 - 607
NÃO COLOQUE A SUA LUZ EMBAIXO DA MESA

Luz embaixo da mesa - Porque Jesus, o Cristo, fala por parábolas - Não vades aos Gentios - Os sãos não têm necessidade de médico - Coragem da fé - Carregar a cruz - Quem quiser salvar a vida material, perdê-la-á espiritualmente.

CAPÍTULO XXV 608 - 611
BUSCAI E ACHAREIS

Ajude-se pela Lei de Deus - Observai os pássaros do céu - Não vos inquieteis pela posse do ouro

CAPÍTULO XXVI 612 - 614
DAI GRATUITAMENTE O QUE RECEBESTES GRATUITAMENTE

Dom de curar - Preces pagas - Vendedores expulsos do templo - Mediunidade gratuita.

CAPÍTULO XXVII 615 - 622
PEDI E OBTEREIS

Qualidades da prece - Eficácia da prece - Ação da prece - Transmissão do pensamento - Preces inteligíveis - Da prece pelos desencarnados e pelos Espíritos perturbados - Instruções dos Espíritos: maneira de orar - Alegria da prece.

CAPÍTULO XXVIII 623 - 653
COLETÂNEA DE PRECES ESPÍRITAS

Preâmbulo

I - PRECES GERAIS

Oração dominical desenvolvida - Reuniões Espíritas - Pelos médiuns.

II - PRECES PARA SI MESMO

Aos Espíritos guardiães e aos Espíritos protetores - Para afastar os Espíritos em erro - Para pedir a correção de um erro - Para pedir a força de resistir a um desejo errado - Ação de agradecimento pela vitória obtida sobre um desejo errado - Para pedir um conselho - Nas aflições da vida encarnada - Ação de agradecimento por um favor obtido - Ato de submissão e de resignação - Num perigo iminente - Ação de agradecimento depois de ter escapado de um perigo - No momento de dormir - Na previsão do desencarne próximo.

III - PRECES PELOS OUTROS

Por alguém que esteja em aflição - Ação de graças por um benefício concedido aos outros - Por nossos adversários e pelos que nos querem errado - Ação de graças pelo benefício concedido aos nossos adversários - Pelos adversários do Espiritismo - Por uma criança que acaba de nascer - Por um humano agonizante.

IV - PRECES POR AQUELES QUE NÃO ESTÃO MAIS ENCARNADOS

Por um irmão que acaba de desencarnar - Pelas pessoas a quem tivemos afeição - Pelos Espíritos em erro, que pedem preces - Por um adversário desencarnado - Por um irmão em erro, perturbado - Por um irmão em erro, atormentado - Pelos Espíritos em erro, arrependidos - Pelos Espíritos em erro, endurecidos.

V - PRECES PELOS DOENTES E PELOS OBSIDIADOS

Pelos doentes - Pelos obsidiados.

PREFÁCIO

Os Espíritos evoluídos, que são as virtudes do mundo espiritual, ‘como uma imensa multidão que se movimenta desde que receberam as instruções devidas’, espalham-se sobre toda a Terra. Semelhantes às estrelas cadentes, vêm iluminar o caminho para os que enxergam e abrir os olhos aos que não enxergam.

Eu vos digo, em verdade, são chegados os tempos em que todas as coisas devem ser restabelecidas em seu sentido verdadeiro para dissipar as dúvidas, confundir os orgulhosos e destacar os justos.

As grandes vozes do mundo espiritual ressoam como o som da trombeta, e os coros dos Espíritos se reúnem. Humanos, nós vos convidamos ao concerto divino. Que vossas mãos tomem a lira; que vossas vozes se unam, e que num hino sagrado se estendam e vibrem de uma extremidade a outra do Universo.

Humanos, irmãos a quem amamos, estamos junto de vós. Amai-vos também uns aos outros, e di-zei do fundo do vosso coração, fazendo as vontades do Pai Celestial: “Senhor! Senhor!” e pode-reis entrar no reino espiritual.

O Espírito de Verdade

NOTA. - A instrução acima, transmitida por via mediúnica, resume a uma só vez o verdadeiro caráter do Espiritismo e o objetivo desta obra. Por isso, ela está colocada aqui como prefácio.

(O principal objetivo do Espiritismo é EDUCAR o ser humano. Mas a verdadeira educação consiste em conhecimento e moral. Esses dois valores somente são possíveis de se conseguir quando a educação é realizada com fundamento na RAZÃO. A razão plena exige a aplicação do livre arbítrio. Portanto, a educação só é conseguida se o educador não alterar a psique do educando. O pretense educador deve ter conhecimento e moral, ser equilibrado ao ponto de ‘nunca’ se impacientar, e deve ter ‘sempre’ em mente que, o valor primordial é o ESPIRITUAL, tomando muito cuidado para não ‘tentar impor’ a ninguém os seus ‘grandes valores’ materiais!)

INTRODUÇÃO

I - OBJETIVO DESTA OBRA

Podem dividir-se as matérias contidas nos Evangelhos em cinco partes: os atos comuns da vida de Jesus, o Cristo, os milagres, as profecias, as palavras que serviram para o estabelecimento dos dogmas das igrejas e o ensinamento moral. Se as quatro primeiras partes foram objeto de controvérsias, a última - o ensinamento moral - manteve-se inatacável. Diante desse código divino a própria incredulidade se inclina. É o terreno onde todas as religiões podem se reencontrar, a bandeira sob a qual todos podem se abrigar, quaisquer que sejam suas crenças, porque jamais foi objeto de disputas religiosas, sempre e por toda parte levantadas pelas questões de dogma. Aliás, discutindo-as, as seitas encontrariam aí seus próprios erros, porque a maioria está mais interessada na parte mística do que na parte moral, que exige a reforma de si mesmo. Para cada ser humano, é uma regra de conduta abrangendo todas as circunstâncias da vida física, privada ou pública, o princípio de todas as relações sociais fundadas sobre a mais rigorosa justiça. É, enfim, e acima de tudo, o caminho infalível da felicidade esperada, um canto do véu levantado sobre a vida futura. É esta parte o objeto exclusivo desta obra.

Todo o mundo admira a moral evangélica. Cada um proclama-lhe a sublimidade e a necessidade, mas muitos o fazem confiantes sobre o que dela ouviram dizer, ou sobre a fé originada de alguns ensinamentos 'que se tornaram proverbiais'. Mas poucos a conhecem a fundo, menos ainda a compreendem e conhecem suas consequências. A razão disso está, em grande parte, na dificuldade que apresenta a leitura do Evangelho, difícil de entender para a maioria das pessoas. A forma alegórica, o misticismo - 'oculto ou escondido' - intencional da linguagem, fazem com que a maioria o leia para decorar e por dever, como leem as preces sem as compreender, quer dizer, infrutiferamente. Os preceitos de moral colocados aqui e ali, misturados na massa de outras narrações, passam despercebidos. Torna-se, então, impossível compreender-lhe o conjunto, e fazê-lo objeto de leitura e de meditação em separado.

Foram feitos, é verdade, tratados de moral evangélica, mas a adaptação ao estilo literário moderno rouba-lhes a simplicidade primitiva que lhes dá, ao mesmo tempo, o encanto e a autenticidade. Ocorre o mesmo com os ensinamentos principais isolados, reduzidos à sua mais simples expressão das palavras. Não são mais, então, que historietas, que perdem uma parte do seu valor e do seu interesse, pela ausência dos acessórios e das circunstâncias nas quais foram dadas.

Para evitar esses inconvenientes, reunimos nesta obra as lições que podem constituir, propriamente falando, um código de moral universal, sem distinção de religião. Nas lições, conservamos tudo o que era útil ao desenvolvimento do pensamento, não eliminando senão as coisas estranhas ao assunto. Por outro lado, respeitamos ao máximo a tradução comum, assim como a divisão por versículos. Mas em lugar de nos prender a uma ordem de acontecimentos, impossível e sem vantagem real em semelhante assunto, as lições foram agrupadas e classificadas metodicamente segundo sua natureza, de maneira que elas se deduzam - sejam entendidas -, tanto quanto possível, umas em função das outras. A chamada dos números de ordem dos capítulos e dos versículos permite recorrer à classificação comum, julgando-se oportuno.

Não haveria aí senão um trabalho material que, por si só, não teria sido senão de uma utilidade secundária: o essencial era pô-lo ao alcance de todos, pela explicação das passagens de difíceis entendimentos, e o desenvolvimento de todas as consequências, tendo em vista a aplicação às diferentes posições da vida física e em relação com a vida espiritual. Foi o que tentamos fazer com a ajuda dos corretos Espíritos que nos assistem.

Muitos pontos da Bíblia - do Velho e do Novo Testamento -, e dos autores religiosos em geral, não são fáceis de entender, muitos mesmo parecem irracionais, pela falta de uma chave para compreender-lhe o verdadeiro sentido. Essa chave está inteiramente no Espiritismo, como já se

convenceram aqueles que o estudaram seriamente, e como ainda o reconhecerão melhor mais tarde, os que continuarem a estudá-lo. O conhecimento similar ao Espiritismo encontra-se por toda parte na Antiguidade e em todas as épocas da Humanidade. Por toda parte, se encontram seus vestígios nos escritos, nas crenças e sobre os monumentos. É por isso que, se ele abre horizontes novos para o futuro, derrama luz não menos viva sobre os mistérios do passado.

Como complemento de cada ensino, ajuntamos algumas instruções escolhidas entre as que foram ditadas pelos Espíritos, em diversos países, e por intermédio de diferentes médiuns. Se essas instruções tivessem saído de uma fonte única, elas teriam sofrido uma influência pessoal ou do meio social, ao passo que a diversidade de origens prova que os Espíritos dão seus ensinamentos por toda parte, e que não há ninguém privilegiado a esse respeito (1).

(1) - Poderíamos, sem dúvida, dar sobre cada assunto um maior número de comunicações obtidas numa multidão de outras cidades, nos lares e centros Espíritas, além das que citamos. Mas quisemos, antes de tudo, evitar a monotonia das repetições inúteis, e limitar nossa escolha às que, pelo fundo e pela forma, entrassem mais especialmente no quadro desta obra, reservando para as publicações ulteriores aquelas que não puderam achar lugar aqui.

Esta obra é para uso de todos. Cada um nela pode achar os meios de conformar sua conduta à moral de Jesus, o Cristo. Os Espíritas nela encontrarão, por outro lado, as aplicações que lhes concernem mais especialmente. Graças às comunicações estabelecidas, de hoje em diante de um modo permanente, entre os humanos e o mundo espiritual, a lei evangélica, ensinada a todas as nações pelos próprios Espíritos, não será mais letra morta, porque cada um a compreenderá, e será incessantemente solicitado em praticá-la pelos conselhos dos seus guias espirituais. As instruções dos Espíritos são verdadeiramente as vozes do Mundo espiritual que, vêm esclarecer os humanos e convidá-los à prática do Evangelho.

Quanto aos médiuns que receberam as comunicações, deixamos de citar os nomes. Para a maioria, não foram designados a seu pedido e, por conseguinte, não convinha fazer exceções. Aliás, os nomes dos médiuns não teriam acrescentado nenhum valor à obra dos Espíritos. Não seria, pois, senão uma satisfação do amor próprio, à qual os médiuns verdadeiramente sérios não se prendem de modo algum, pois compreendem que seu papel, sendo passivo, o valor das comunicações não realça em nada seu mérito pessoal. Seria falso se envaidecer de um trabalho de inteligência ao qual não se presta senão um concurso passivo.

(Apesar de Kardec destacar o enfoque ‘moral’ dos ensinamentos de Jesus, o Cristo, e neles fundamentar este Evangelho, ainda hoje nós, espíritas, na sua maioria, não nos livramos de ‘observar’ e ‘julgar’ aos irmãos pelo valor material, as ‘aparências’!)

II - AUTORIDADE DA DOCTRINA ESPÍRITA

CONTROLE UNIVERSAL DO ENSINAMENTO DOS ESPÍRITOS

Se a Doutrina Espírita fosse um ensinamento puramente humano, ela não teria por garantia senão as luzes daquele que a tivesse revelado. Ora, ninguém neste mundo teria a pretensão fundada de possuir só para si a verdade absoluta. Se os Espíritos que a revelaram tivessem se manifestado a um único humano, nada lhe garantiria a origem, porque seria preciso crer sobre a palavra em quem dissesse ter recebido seus ensinamentos. Admitindo uma perfeita sinceridade da sua parte, quando muito, poderia convencer as pessoas do seu meio. Poderia ter seus seguidores, mas não chegaria jamais a reunir a todos. Pela Lei de Deus a nova revelação chegou aos humanos por uma via mais rápida e mais autêntica. E os Espíritos foram levá-la de um polo a outro, manifestando-se por toda parte, sem dar a ninguém o privilégio exclusivo de ouvir sua palavra. Um humano pode ser enganado, pode enganar a si mesmo, mas isso não ocorreria quando milhões veem e ouvem a mesma coisa: é uma garantia para cada um e para todos. Aliás, pode-se fazer desaparecer um humano, mas não se pode fazer desaparecer as massas. Podem-se queimar os livros, mas não se podem queimar os Espíritos. Ora, queimem-se todos os livros, e a fonte da Doutrina não seria, por isso, menos inesgotável, pelo fato mesmo de que ela não está na Terra, mas surge de toda parte e cada um a pode receber. Na falta dos humanos para propagá-la, haverão sempre os Espíritos, que alcançam todo o mundo e que ninguém pode proibir.

São, pois, os próprios Espíritos, em realidade, que fazem a propaganda, com a ajuda dos inumeráveis médiuns que eles ‘despertam’ de todos os lados. Se tivesse havido um intérprete único, por mais favorecido que fosse, o Espiritismo seria pouco conhecido. O próprio intérprete, a qualquer classe socioeconômica que pertencesse, teria sido objeto de prevenções da parte de muitas pessoas. Todas as nações não o teriam aceitado, ao passo que os Espíritos se comunicando por toda a parte, a todos os povos, a todas as seitas e a todos os partidos, são aceitos por todos. O Espiritismo não tem nacionalidade, está fora de todos os cultos particulares e não foi imposto por nenhuma classe social, uma vez que cada um pode receber instruções de seus parentes e de seus amigos de além-túmulo. Era preciso que fosse assim para que se pudessem chamar todos os humanos à fraternidade. Se não tivesse se colocado sobre um terreno neutro, ele teria mantido as discussões ao invés de apaziguá-las.

Esta universalidade no ensinamento dos Espíritos faz a força do Espiritismo, e é também a causa da sua propagação tão rápida. Ao passo que a voz de um único humano, mesmo com o socorro da imprensa, empregaria séculos antes de chegar ao ouvido de todos, eis que milhares de vozes se fazem ouvir simultaneamente sobre todos os pontos da Terra, para proclamar os mesmos princípios, e transmiti-los aos mais incultos como aos mais cultos, a fim de que ninguém seja deserdado. É uma vantagem da qual não gozou nenhuma das religiões que aí estão. Como, pois, o Espiritismo é uma verdade, ele não teme nem a errada vontade dos humanos, nem as revoluções morais, nem as comoções físicas do globo, porque nenhuma dessas coisas pode atingir os Espíritos.

Mas esta não é a única vantagem que resulta dessa posição excepcional. O Espiritismo aí encontra uma garantia poderosa contra as disputas que poderiam levantar, seja pela ambição de alguns, seja pelas contradições de certos Espíritos não equilibrados. Essas contradições são, seguramente, um obstáculo, mas que levam em si o remédio ao lado da doença.

Sabe-se que os Espíritos, em consequência da diferença que existe em seus estágios evolutivos, estão longe de, individualmente, estarem na posse de toda a verdade. Que não é dado a todos penetrar certos conhecimentos. Que seu saber é proporcional à sua depuração moral. Que os Espíritos iniciantes não sabem mais que os humanos, e menos que certos humanos. Que há entre eles, como entre estes últimos, presunçosos e falso-sábios, que creem saber o que não sabem e sistemáticos que tomam suas ideias pela verdade. Enfim, que os Espíritos corretos, aqueles que estão

completamente desmaterializados, são os únicos despojados das ideias e preconceitos terrestres. Mas sabe-se também que os Espíritos ‘prepotentes’ não têm escrúpulos em se abrigarem sob nomes que tomam emprestado, para fazerem aceitar suas mentiras. Disso resulta que - para tudo o que está fora do ensinamento exclusivamente moral -, as revelações obtidas por um médium têm um caráter todo individual, com autenticidade relativa e elas devem ser consideradas como opiniões pessoais de tal ou tal Espírito, e seria imprudência aceitá-las e divulgá-las levianamente como verdades absolutas.

O primeiro controle é, sem dúvida, o da razão, ao qual é preciso submeter, sem exceção, tudo o que vem dos Espíritos. Toda teoria que contraria o bom senso, à lógica rigorosa e os dados positivos que se possui, com qualquer nome respeitável que esteja assinada, deve ser rejeitada. Mas esse controle é incompleto em muitos casos, em consequência da insuficiência de conhecimento de certas pessoas, e da tendência de muitos em tomar seu próprio julgamento por único juiz da verdade. Em semelhante caso, que fazem os humanos que não têm em si mesmos uma confiança absoluta? Eles tomam o conselho de maior número, e a opinião da maioria é seu guia. Assim deve ser com respeito ao ensinamento dos Espíritos, que nos fornecem, eles mesmos, os meios de controle.

A concordância no ensinamento dos Espíritos é, pois, o melhor controle. Mas é preciso, ainda, que ela ocorra em certas condições. A menos segura de todas é quando o próprio médium interroga vários Espíritos sobre um ponto duvidoso. É bem evidente que, se está sob o império de uma obsessão ou se relaciona com um Espírito ‘prepotente’, esse Espírito pode lhe dizer a mesma coisa sob nomes diferentes. Não há uma garantia suficiente na conformidade que se pode obter pelos médiuns de um único Centro, porque eles podem sofrer a mesma influência. A garantia única, séria do ensinamento dos Espíritos, está na concordância que existe entre as revelações feitas espontaneamente, por intermédio de um grande número de médiuns, estranhos uns aos outros, e em diversos lugares.

Concebe-se que não se trata aqui de comunicações relativas a interesses secundários, mas das que se prendem aos próprios princípios da Doutrina. A experiência prova que, quando um ensino novo deve receber sua solução, ele é ensinado espontaneamente sobre diferentes pontos ao mesmo tempo, e de maneira idêntica, se não quanto à forma, pelo menos quanto ao fundo. Se, pois, interessa a um Espírito formular um sistema errado, baseado sobre suas próprias ideias, e fora da verdade, pode-se estar certo que esse sistema ficará preso nesse círculo, e cairá diante da unanimidade das instruções dadas por toda parte, aqui e além, como já se tem disso vários exemplos. Foi esta unanimidade que fez cair todos os sistemas parciais, errados e que despontaram na origem do Espiritismo, quando cada um explicava os fenômenos à sua maneira. Isto ocorreu antes que se conhecessem as leis que regem as relações do mundo visível e do mundo invisível.

Tal é a base sobre a qual nos apoiamos quando formulamos um princípio da Doutrina. Não é porque está de acordo com as nossas ideias que o damos como verdadeiro. Não nos colocamos, de modo algum, como juiz supremo da verdade, e não dizemos a ninguém: “crede em tal coisa, porque nós vo-la dizemos”. Nossa opinião não é, aos nossos próprios olhos, senão uma opinião pessoal que pode ser justa ou falsa, porque não somos mais infalíveis que algum outro irmão. Não é porque um princípio nos é ensinado que ele é para nós a verdade, mas porque se verificou sua concordância.

Na nossa posição, recebendo as comunicações de quase mil Centros Espíritas, disseminados sobre os diversos pontos do globo, estamos em condições de ver os princípios sobre os quais essa concordância se estabelece. É esta observação que nos tem guiado até hoje, e é, igualmente, a que nos guiará nos novos campos a que o Espiritismo está chamado a explorar. É assim que, estudando atentamente as comunicações chegadas de diversas partes, tanto daqui como do exterior, reconhecemos, na natureza toda especial das revelações, que há uma tendência para entrar em um novo caminho, e que é chegado o momento de dar um passo à frente. Essas revelações, por vezes feitas com palavras veladas, frequentemente, passaram despercebidas para muitos daqueles que as obtiveram. Muitos outros acreditaram tê-las com exclusividade. Tomadas isoladamente, para nós seriam sem valor. Só a coincidência lhes dá a verdade. Depois, quando é chegado o momento de liberá-las à luz da publicidade, cada um, então se lembra de ter recebido instruções no mesmo sentido. É este o movimento geral que observamos, que estudamos, com a assistência

dos nossos guias espirituais, e que nos ajuda a julgar da oportunidade para fazermos uma coisa ou dela nos esquecermos.

Este controle universal é uma garantia para a unidade do Espiritismo, e anulará todas as teorias contraditórias. É nele que se fundará o critério da verdade. O que faz o sucesso da Doutrina formulada em O Livro dos Espíritos e em O Livro dos Médiuns, foi que, por toda parte, cada um pôde receber diretamente dos Espíritos a confirmação do que eles contém. Se, de todas as partes, os Espíritos tivessem vindo contradizê-los, esses livros não teriam, depois de tanto tempo, suportado a sorte de todas as ideias fantásticas. O próprio apoio da imprensa não os teria salvo do esquecimento, ao passo que, sem esse apoio, tiveram um caminho rápido, porque tiveram o apoio dos Espíritos, cuja correta vontade compensou, em muito, a errada vontade dos humanos. Assim o será com todas as ideias emanadas dos Espíritos ou de humanos que não puderem suportar a prova deste controle, do qual ninguém pode contestar o poder.

Suponhamos, pois, que alegrasse a certos Espíritos ditar, sob um título qualquer, um livro em sentido contrário. Suponhamos mesmo que, numa intenção hostil, e com objetivo de desacreditar a Doutrina, a cobiça arrumasse comunicações mentirosas. Que influência poderiam ter esses escritos se são desmentidos, de todos os lados, pelos Espíritos? É do apoio destes últimos que seria preciso se assegurar, antes de lançar um sistema em seu nome. Do sistema de um só ao de todos, há a distância da unidade ao infinito. Que podem mesmo todos os argumentos dos que são contrários, sobre a opinião das massas, quando milhões de vozes amigas, partidas do espaço, vêm de todos os cantos do Universo, e no seio de cada família os desmentem vivamente? Os fatos ocorridos, sob esse aspecto, já não confirmaram a teoria? Em que se tornaram todas aquelas publicações que deviam, supostamente, aniquilar o Espiritismo? Qual aquela que apenas lhe deteve a marcha? Até hoje, não se tinha encarado a questão sob este ponto de vista, um dos mais graves, sem dúvida. Cada um contou consigo mesmo, mas sem contar com o apoio dos Espíritos.

O princípio da concordância é, ainda, uma garantia contra as alterações que poderiam infligir ao Espiritismo. Muitas seitas gostariam de se apoderar dele em proveito próprio, e acomodá-lo à sua maneira. Quem tentasse desviá-lo do seu objetivo providencial, fracassaria, pela simples razão de que os Espíritos, pela universalidade de seu ensinamento, farão cair toda modificação que se afaste da verdade.

Resulta de tudo isso uma verdade fundamental: é que quem quisesse se colocar contra a corrente de ideias, estabelecidas e sancionadas, poderia causar uma pequena perturbação local e momentânea, mas jamais dominar o conjunto, mesmo no presente, e ainda menos no futuro.

Disso resulta mais: que as instruções dadas pelos Espíritos sobre os pontos da Doutrina ainda não elucidados não seriam lei, porquanto ficariam isoladas. Que elas não devem, por conseguinte, ser aceitas senão com todas as reservas e a título de informação.

Daí a necessidade de se ter, na sua publicação, a maior prudência, e, no caso em que se acreditasse dever publicá-las, importaria não as apresentar senão como opiniões individuais, mais ou menos prováveis, mas, tendo, em todos os casos, necessidade de confirmação. É esta confirmação que se precisa alcançar antes de apresentar um princípio como verdade absoluta, se não se quer ser acusado de leviandade ou de credulidade irrefletida.

Os Espíritos corretos procedem, nas suas revelações, com uma extrema sabedoria. Eles não abordam as grandes questões da Doutrina senão gradualmente, à medida que a inteligência já tem conhecimentos e moral para compreender verdades de uma ordem mais elevada, e que as circunstâncias são propícias para a emissão de uma ideia nova. É por isso que, desde o princípio, eles não disseram tudo. E não disseram tudo ainda hoje, não cedendo jamais à impaciência de pessoas apressadas, que não aprendem e nem fazem, mas querem colher os frutos antes de amadurecidos. Seria, pois, supérfluo querer antecipar o tempo assinalado para cada coisa pela Lei de Deus, porque então, os Espíritos corretos recusariam positivamente se manifestarem. Mas os Espíritos 'prepotentes', pouco se incomodando com a verdade, respondem a tudo. É por essa razão que, sobre todas as questões prematuras, há sempre respostas contraditórias.

Os princípios acima não são o resultado de uma teoria pessoal, mas a consequência inevitável das condições nas quais os Espíritos se manifestam. É evidente que, se um Espírito diz uma coisa de um lado, enquanto que milhões de Espíritos dizem o contrário de outro lado, a presunção da verdade não pode estar com aquele que está só, ou quase só em sua opinião. Ora, pretender ter

razão sozinho contra todos, seria tão ilógico da parte de um Espírito, como da parte dos humanos. Os Espíritos corretos, se não se sentem suficientemente esclarecidos sobre uma questão, não a decidem jamais de um modo absoluto. Eles declaram não tratá-la senão sob seu ponto de vista, e aconselham esperar sua confirmação.

Por grande, bela e justa que seja uma ideia, é impossível que ela reúna, desde o princípio, todas as opiniões. Os conflitos resultantes dela são a consequência inevitável do movimento que se opera. São mesmo necessários para melhor fazer ressaltar a verdade, e é útil que eles ocorram no princípio para que as ideias falsas sejam mais prontamente desgastadas. Os Espíritos que nisso concebessem alguns temores devem estar, pois, tranquilizados. Todas as pretensões isoladas cairão, pela força das coisas, diante do grande e poderoso critério do controle universal.

Não é à opinião de um Espírito ou humano que se deverá prender-se, mas à voz unânime dos Espíritos. Não é um humano, não mais nós que outro, que fundará a ortodoxia Espírita. Não é, tampouco, um Espírito vindo se impor a quem quer que seja. É a universalidade dos Espíritos se comunicando sobre toda a Terra de acordo com a Lei de Deus. Aí está o caráter essencial e verdadeiro da Doutrina Espírita, sua força e sua autoridade. A Lei de Deus só pode ser assentada sobre uma base inabalável, por isso não repousa sobre a cabeça frágil de um único Espírito ou humano. É diante desse poderoso conjunto de Espíritos corretos, que não reconhece nem os "ensinos secretos", nem as rivalidades invejosas, nem as seitas, nem as nações, que virão desmoronar todas as oposições, todas as ambições, todas as pretensões à supremacia individual. Que nós mesmos nos destruiríamos se quiséssemos substituir esses ensinamentos soberanos pelas nossas próprias ideias. Só ele decidirá todas as questões duvidosas, fará calar as dissidências, e dará razão, a quem estiver certo. Diante desse imponente acordo de todas as vozes do mundo espiritual, que pode a opinião de um humano ou de um Espírito? Menos que a gota d'água que se confunde no oceano, menos que a voz da criança, abafada pela tempestade.

A opinião universal, eis, pois, o juiz supremo, aquele que pronuncia a última palavra: ela se forma de todas as opiniões individuais. Se uma delas é verdadeira, não tem senão seu peso parcial na balança. Se é falsa, não pode se impor sobre todas as outras. Nesse imenso conjunto, as individualidades se apagam, e está aí um novo revés para o orgulho humano.

Esse conjunto harmonioso já se desenha. Ora, este nosso tempo não passará sem que resplandeça com todo o seu brilho, de maneira a eliminar todas as incertezas. Porque até lá vozes poderosas terão recebido missão de se fazerem ouvir para reunir os humanos sob a mesma bandeira, desde que o campo esteja suficientemente lavrado – estudado e aplicado -. A espera disso, aquele que flutuasse entre dois sistemas contrários poderia observar em que sentido se forma a opinião geral: é o indício certo do sentido no qual se pronuncia a maioria dos Espíritos sobre os diversos pontos onde eles se comunicam. É um sinal não menos certo daquele dos dois sistemas que dominará.

(Devemos fixar bem que, a ‘opinião geral’, ou seja a maioria absoluta dos Espíritos, sempre será aquela em que a ‘razão moral’ permanece impoluta.)

III - NOTÍCIAS HISTÓRICAS

Para compreender certas passagens dos Evangelhos, é necessário conhecer o significado de várias palavras que nele são empregadas, e que caracterizam os costumes e denominações da sociedade judaica dessa época. Essas palavras, não tendo para nós o mesmo sentido, frequentemente foram erradamente interpretadas, e por isso mesmo deixaram uma espécie de dúvida. A compreensão do que significam explica, por outro lado, o sentido verdadeiro de certos ensinamentos que parecem estranhos à primeira vista.

SAMARITANOS. Depois da separação das dez tribos, Samaria tornou-se a capital do reino disidente de Israel. Destruída e reconstruída por várias vezes, ela foi, sob os Romanos, a sede da Samaria, uma das quatro divisões da Palestina. Herodes, dito o Grande, a embelezou, com suntuosos monumentos, e, para agradar Augusto, deu-lhe o nome de Augusta, que em grego quer dizer Sébaste.

Os Samaritanos estiveram, quase sempre, em guerra com os reis de Judá. Um ódio profundo, datando da separação das tribos, perpetuou-se entre os dois reinos, que afastavam todas as relações recíprocas. Os Samaritanos, para tornar a separação mais profunda e não ter que ir a Jerusalém na celebração das festas religiosas, construíram um templo particular, e adotaram certas reformas. Eles não admitiam senão o Pentateuco contendo a lei de Moisés, rejeitando todos os livros que lhe foram adicionados depois. Seus livros religiosos eram escritos em caracteres hebreus antigos. Aos olhos dos Judeus ortodoxos, eles eram errados, e, por isso mesmo, desprezados, amaldiçoados e perseguidos. O antagonismo dos dois reinos tinha, pois, por único princípio a divergência das opiniões religiosas, embora suas crenças tivessem a mesma origem. Eram os Protestantes daquela época.

Encontram-se, ainda hoje, Samaritanos em algumas regiões do Levante, particularmente em Naplouse e Jafta. Eles observam a lei de Moisés com mais rigor que os outros Judeus, e não fazem aliança senão entre eles.

NAZARENOS. Nome dado, na antiga lei, aos Judeus que faziam voto, seja por toda a vida física, seja por um tempo, de conservar certa pureza. Eles se obrigavam à castidade, à abstinência de álcool e à conservação da sua cabeleira. Sansão, Samuel e João Batista eram Nazarenos. Mais tarde, os Judeus deram esse nome aos primeiros cristãos, por alusão a Jesus de Nazaré.

Este foi também o nome de uma seita dos primeiros séculos da era cristã que, da mesma forma que os Ebionitas, dos quais ela adotava certos princípios, misturava as práticas do mosaísmo com os dogmas cristãos. Essa seita desapareceu no quarto século.

PUBLICANOS. Assim se chamavam, na antiga Roma, os cavaleiros cobradores das taxas públicas, encarregados do recolhimento dos impostos e das rendas de toda natureza, seja na própria Roma, seja em outras partes do Império. Eles eram iguais aos cobradores de impostos gerais do antigo regime na França, e tais como existem ainda em certas regiões. Os riscos que eles corriam faziam fechar os olhos sobre certas riquezas que, frequentemente, adquiriam, e que, em muitos, eram o produto de arbitrariedades e de benefícios escandalosos. O nome de publicano se estendeu mais tarde a todos aqueles que tinham a administração do dinheiro público e aos agentes subalternos. Hoje, esta palavra se toma em outro sentido para designar os financistas e agentes de negócios pouco escrupulosos. Diz-se algumas vezes: "Ávido como um publicano, rico como um publicano", para uma fortuna de origem desonesta.

Da dominação romana, foi o imposto o que os Judeus menos aceitaram e o que lhes causava maior irritação, dando origem a várias revoltas e transformando-se numa questão religiosa, porque o olhavam como contrário à lei judaica. Formou-se mesmo um partido poderoso à frente do qual estava certo Judas, dito o Gaulonita, que tinha por princípio a recusa do imposto. Os Judeus

tinham, pois, horror ao imposto e, por consequência, a todos aqueles que estavam encarregados de recebê-lo. Daí sua aversão pelos publicanos de todas as categorias, entre os quais poderiam se encontrar pessoas muito estimáveis, mas que, devido à sua função, eram desprezadas, assim como aqueles que com eles conviviam, e que eram confundidos na mesma reprovação. Os Judeus mais importantes acreditavam se comprometerem, com a lei judaica, ao ter com eles relações de amizade.

Os PORTAGEIROS eram os cobradores de baixa categoria, encarregados principalmente da arrecadação dos direitos à entrada nas cidades. Suas funções correspondiam aproximadamente às dos guardas alfandegários e dos recebedores de barreira. Eles passavam pelo mesmo repúdio aplicado aos publicanos em geral. É por essa razão que, no Evangelho, encontra-se, frequentemente, o nome de publicano, ou portageiro, como sendo de gente de errada vida. Essa qualificação não implicava na de debochados e de pessoas de honra duvidosa. Era um termo de desprezo, sinônimo de pessoas de errada companhia, indignas de conviverem com pessoas que seguiam a lei judaica.

FARISEUS (do Hebreu Parasch, divisão, separação). A tradição formava uma parte importante da teologia judaica. Ela consistia na coletânea das interpretações sucessivas dadas sobre o sentido das Escrituras – velho testamento -, e que se tornavam artigos de dogma. Era, entre os doutores da lei, objeto de intermináveis discussões, o mais frequentemente sobre simples questões de palavras ou de forma, no gênero das disputas teológicas e das sutilezas da escolástica da Idade Média. Daí nascerem diferentes seitas que pretendiam ter, cada uma, o monopólio da verdade, e, como acontece quase sempre, detestando-se politicamente umas às outras.

Entre essas seitas, a mais influente era a dos Fariseus, que teve por chefe Hillel, doutor da lei, judeu nascido na Babilônia, fundador de uma escola célebre onde se ensinava que a fé não era devida senão às Escrituras. Sua origem remonta aos anos 180 ou 200 antes de Jesus, o Cristo. Os Fariseus foram perseguidos em diversas épocas, notadamente sob Hircânio, soberano pontífice e rei dos Judeus, Aristóbulo e Alexandre, rei da Síria. Entretanto, este último tendo lhes restituído suas honras e seus bens, eles recuperaram seu poder que conservaram até a ruína de Jerusalém, no ano 70 da era cristã, época na qual seu nome desapareceu em consequência da dispersão dos Judeus.

Os Fariseus tomavam parte ativa nas controvérsias religiosas. Servis observadores das práticas exteriores do culto e das cerimônias, cheios de um zelo ardente em aumentar os seus seguidores, adversários dos inovadores, eles aparentavam uma grande severidade de princípios. Mas, sob as aparências de uma devoção meticulosa, escondiam costumes dissolutos, muito orgulho, e, acima de tudo, uma paixão excessiva de dominação. A religião era para eles antes um meio de subir do que o objeto de uma fé sincera. Eles não tinham senão as aparências e a ostentação da virtude. Mas, com isso, exerciam uma grande influência sobre o povo, aos olhos do qual passavam por puros personagens. Por isso, eram muito poderosos em Jerusalém.

Acreditavam, ou pelo menos faziam profissão de crer, na Providência, na imortalidade do Espírito, na eternidade das penas e na ressurreição dos mortos. Jesus, o Cristo, que estimava, antes de tudo, a simplicidade e as qualidades de coração, que preferia na lei o espírito que vivifica à letra que mata, se aplicou durante toda a sua missão, a lhes desmascarar a hipocrisia, e, por conseguinte, fez deles adversários obstinados. Por isso, aliaram-se aos chefes dos sacerdotes para levantar o povo contra ele e crucificá-lo.

ESCRIBAS. Nome dado, no princípio, aos secretários dos reis de Judá, ou a certos oficiais dos exércitos judeus. Mais tarde, esta designação foi aplicada especialmente aos doutores da lei que, ensinavam a lei de Moisés e a interpretavam ao povo. Eles estavam de acordo com os Fariseus, dos quais partilhavam os princípios e a antipatia contra os inovadores. Por isso, Jesus, o Cristo, os confunde na mesma reprovação.

SINAGOGA (do grego Sunagogue, assembleia, congregação). Não havia na Judéia senão um único templo, o de Salomão, em Jerusalém, onde se celebravam as grandes cerimônias do culto.

Os judeus para aí seguiam todos os anos em peregrinação, para as principais festas, tais como as da Páscoa, da Dedicção e dos Tabernáculos. Foi nessas ocasiões que, para lá, Jesus, o Cristo, fez várias viagens. As outras cidades não tinham templos, mas sinagogas, edifícios onde os judeus se reuniam aos sábados para fazer preces públicas, sob a direção dos anciãos, dos escribas ou doutores da lei. Faziam-se aí, também, leituras tiradas dos livros religiosos que eram explicadas e comentadas. Cada um podia nelas tomar parte e, por isso, Jesus, o Cristo, sem ser sacerdote, ensinava nas sinagogas, nos dias de sábado. Depois da ruína de Jerusalém e da dispersão dos judeus, as sinagogas nas cidades que eles habitavam, serviam-lhes de templos para a celebração do culto.

SADUCEUS. Seita judia que se formou por volta do ano 248 a.C.; assim chamada em razão de Sadoc, seu fundador. Os Saduceus não acreditavam nem na imortalidade do Espírito, nem na ressurreição, nem nos Espíritos. Entretanto, eles acreditavam em Deus, mas não esperando nada depois da morte, não o servindo senão com o objetivo de recompensas temporais, ao que, segundo eles, se limitava sua providência. Também a satisfação dos sentidos era, a seus olhos, o objetivo essencial da vida. Quanto às Escrituras, eles se prendiam ao texto da lei antiga, não admitindo nem a tradição, nem nenhuma interpretação. Colocavam as boas obras e a execução pura e simples da lei, acima das práticas exteriores do culto. Eram, como se vê, os materialistas, os deístas e os sensualistas da época. Esta seita era pouco numerosa, mas contava com personalidades importantes, e tornou-se um partido político constantemente em oposição aos Fariseus.

ESSÊNIOS ou **ESSEUS**, seita judia fundada por volta do ano 150 a.C., ao tempo dos Macabeus, e cujos membros, que habitavam espécies de mosteiros, formavam entre eles uma espécie de associação moral e religiosa. Distinguiam-se pelos costumes brandos e virtudes austeras, ensinavam o amor a Deus e ao próximo, a imortalidade do Espírito, e acreditavam na ressurreição. Viviam no celibato, condenavam a servidão e a guerra, tinham seus bens em comum, e se entregavam à agricultura. Em oposição aos Saduceus sensuais que negavam a imortalidade, aos Fariseus rígidos para as práticas exteriores, e nos quais a virtude não era senão aparente, eles não tomavam nenhuma parte nas querelas que dividiam essas duas seitas. Seu gênero de vida se aproximava ao dos primeiros cristãos, e os princípios de moral que professavam fizeram algumas pessoas pensarem que Jesus, o Cristo, fez parte dessa seita antes do início de sua missão pública. O que é certo, é que ele deve tê-la conhecido, mas nada prova que a ela se filiou, e tudo o que se escreveu a este respeito é hipotético (1).

(1) O desencarne de Jesus, o Cristo, supostamente escrito por um irmão essênio, é um livro completamente falso, escrito com o objetivo de servir a uma opinião, e que encerra, em si mesmo, a prova da sua origem moderna.

TERAPEUTAS (do grego *thérapeutai* de *thérapeueîn*, servir, cuidar. Quer dizer, servidores de Deus ou curandeiros). Seita de judeus ao tempo de Jesus, o Cristo, estabelecidos principalmente em Alexandria, no Egito. Tinham uma grande semelhança com os Essênios, dos quais professavam os princípios. Como estes últimos, eles se entregavam à prática de todas as virtudes. Sua alimentação era de uma extrema frugalidade. Devotados ao celibato, à contemplação e à vida solitária, formavam uma verdadeira ordem religiosa. Fílon, filósofo judeu platônico de Alexandria, foi o primeiro que falou dos Terapeutas. Considerou-os uma seita do judaísmo. Eusébio, Jerônimo e outros pais da igreja católica pensavam que eram cristãos. Fossem judeus ou cristãos, é evidente que, da mesma forma que os Essênios, eles formam o traço de união entre o judaísmo e o Cristianismo.

(Essa parte foi para recordarmos de como nós éramos àquela época. Será que mudamos?)

IV. SÓCRATES E PLATÃO

PRECURSORES DA IDEIA CRISTÃ E DO ESPIRITISMO

Do fato de que Jesus, o Cristo, deve ter conhecido a seita dos Essênios, seria errado concluir que dela hauriu sua Doutrina, e que, se tivesse vivido em outro meio, teria professado outros princípios. As grandes ideias não surgem nunca de uma hora para outra. As que têm por base a verdade, têm sempre os iniciadores que lhe preparam parcialmente os caminhos. Depois, quando os tempos são chegados, o mundo espiritual envia um Espírito com a missão de resumir, coordenar e completar esses elementos espalhados, e formar-lhes um corpo. Deste modo, a ideia não chegando de repente, encontra humanos plenamente dispostos a aceitá-la. Assim ocorreu com a ideia cristã, que foi iniciada vários séculos antes de Jesus, o Cristo, e dos Essênios, e da qual Sócrates e Platão foram os principais divulgadores.

Sócrates, da mesma forma que Jesus, o Cristo, nada escreveu, ou pelo menos não deixou nenhum escrito. Foi condenado tal qual um criminoso, vítima do fanatismo dos governantes, por ter discordado das crenças tradicionais, e colocado a virtude real acima da hipocrisia e da falsidade das formas, numa palavra, por ter combatido os preconceitos religiosos. Foi acusado pelos 'fariseus gregos' de corromper o povo pelos seus ensinamentos, de corromper a juventude, proclamando o dogma da unicidade de Deus, da imortalidade do Espírito e da vida futura. Da mesma forma, ainda, que não conhecemos a Doutrina de Jesus, o Cristo, senão pelos escritos dos seus discípulos, não conhecemos a Filosofia de Sócrates senão pelos escritos do seu discípulo Platão. Cremos útil resumir aqui os seus pontos principais para mostrar sua concordância com os princípios do Cristianismo.

Àqueles que considerassem esse paralelo como uma profanação, e pretendessem que não poderia haver paridade entre o escrito de um filósofo e a Doutrina de Jesus, o Cristo, responderemos que, a Filosofia de Sócrates não era pagã, uma vez que tinha por objetivo combater o paganismo. Que a Doutrina de Jesus, o Cristo, muito mais pura que a de Sócrates, nada tem a perder com a comparação. Que a grandeza da missão divina de Jesus, o Cristo, com isso não seria diminuída. Que, aliás, está na História e que não pode ser abafada. O humano atingiu um ponto em que a luz irradia, por si mesma, mesmo debaixo da mesa. Ele está maduro para encará-la. Tanto pior para aqueles que não ousam abrir os olhos. O tempo é chegado de examinar as coisas amplamente e do alto, e não mais pelo ponto de vista mesquinho e estreito dos interesses de seitas e de castas. Estas citações provarão, por outro lado, que, se Sócrates e Platão pressentiram a ideia cristã, encontram-se igualmente em suas Filosofias os princípios fundamentais do Espiritismo.

RESUMO DA DOUTRINA DE SÓCRATES E DE PLATÃO

- I - O humano é um Espírito encarnado. Antes da sua encarnação, ele existia unido aos tipos primordiais, às ideias do verdadeiro, do correto e do belo. Deles se separa em se encarnando e, recordando seu passado, está mais ou menos atormentado pelo desejo de a eles retornar.

Não se pode enunciar mais claramente a distinção e a independência do princípio inteligente e do princípio material. Por outro lado, é a Doutrina da pré-existência do Espírito, da vaga intuição que ele conserva de outro mundo ao qual aspira, de sua sobrevivência ao corpo físico, de sua saída do mundo espiritual para se encarnar, e de sua reentrada no mesmo mundo depois do desencarne. É, enfim, o germe da Doutrina dos "Anjos decaídos".

- II - O Espírito se extravia e se perturba quando se serve do corpo físico para considerar

qualquer objeto. Tem tonturas como se estivesse bêbado, porque se liga a coisas que são, por sua natureza, sujeitas a mudanças. Ao passo que, quando contempla sua própria essência, ele se dirige para o que é puro, eterno, imortal e, sendo da mesma natureza, fica aí ligado tanto tempo quanto o possa. Então suas preocupações cessam porque está unido ao que é imutável, e esse estado do Espírito é o que se chama a sabedoria.

Assim também se ilude o humano que considera as coisas de baixo, terra a terra, do ponto de vista material. Para apreciá-las com justeza, é preciso vê-las de cima, quer dizer, do ponto de vista espiritual. O verdadeiro sábio, pois, deve, de algum modo, isolar o Espírito do corpo físico, para ver com os 'olhos' do Espírito. É o que ensina o Espiritismo.

(Sabedoria é sinônimo de conhecimento moralizado!)

- III - Enquanto tenhamos nosso corpo físico, e o Espírito se encontre mergulhado nessa materialidade, jamais conseguiremos o objetivo dos nossos desejos: a verdade. Com efeito, o corpo físico nos cria mil obstáculos pela necessidade que temos de cuidá-lo. Ademais, ele nos enche de desejos, de apetites, de temores, de mil quimeras e de mil tolices, de maneira que, com ele, é impossível ser consciente um instante. Mas, se não é possível nada conhecer com pureza enquanto o Espírito está unido ao corpo físico, é preciso de duas coisas uma: ou que não se conheça jamais a verdade ou que se venha a conhecê-la depois do desencarne. Livres da loucura do corpo físico, então, conversaremos, é a esperança, com Espíritos igualmente livres, e conheceremos por nós mesmos a essência de todas as coisas. Por isso, os verdadeiros sábios se exercitam para desencarnar e o desencarne não lhes parece de nenhum modo temível.

Eis aí o princípio das faculdades do Espírito, obscurecidos por intermédio dos órgãos corporais físicos, e da expansão dessas faculdades depois do desencarne. Mas não se trata aqui senão de Espíritos corretos. Não ocorre o mesmo com os Espíritos perturbados.

- IV - O Espírito perturbado, nesse estado, está entorpecido e é arrebatado de novo para o mundo material, pelo horror daquilo que é invisível e imaterial, ele anda, então, diz-se, ao redor dos cemitérios e dos túmulos, perto dos quais viu, por vezes, fantasmas tenebrosos, como devem ser as imagens dos Espíritos que deixaram o corpo físico em estado de perturbação, e guardam alguma coisa da forma material, o que faz com que o 'olhar', espiritual, possa percebê-los. Esses são os Espíritos dos perturbados, que são forçados a perambularem nesses lugares, onde carregam as dívidas da sua vida anterior, e onde continuam a andar, até que os apetites referentes à vida material, que se deram, conduzam-nos a um corpo físico. E, então, eles retomam, sem dúvida, os mesmos costumes que, durante sua vida anterior, foram o objeto de suas predileções.

Não só o princípio da reencarnação está aí claramente exposto, mas o estado dos Espíritos que estão ainda sob o domínio da matéria, está descrito tal como o Espiritismo o mostra nas evocações. Há mais: está dito que a reencarnação num corpo material é uma consequência da perturbação do Espírito, enquanto que os Espíritos puros estão livres dela. O Espiritismo não diz outra coisa. Acrescenta, apenas que, o Espírito que tomou corretas resoluções quando desencarnado, e que tem conhecimentos e moral adquiridos, leva, em reencarnando, menos erros, mais de virtudes, e mais de ideias intuitivas que não tivera em sua anterior existência. E que, assim cada existência marca para ele o progresso intelectual, em conhecimentos e moral.

- V - Depois do nosso desencarne, o gênio, (daimôn, 'demônio') que nos fora designado durante nossa vida encarnada, nos conduz para um lugar onde se reúnem todos aqueles que devem ser conduzidos ao Hades, para aí serem julgados. Os Espíritos, depois de terem permanecido no Hades, o tempo necessário, são reconduzidos a esta vida física em numerosos e longos períodos.

É a Doutrina dos "Anjos da guarda" ou Espíritos protetores, e das reencarnações sucessivas, depois de intervalos mais ou menos longos de desencarnações.

- VI - Os demônios, enchem o espaço que separa o céu da Terra. São o laço que une o

Grande Todo consigo mesmo. A DIVINDADE, NÃO ENTRANDO JAMAIS EM COMUNICAÇÃO DIRETA COM O HUMANO, é por intermédio dos demônios, que os deuses se relacionam e conversam com ele, esteja acordado ou esteja dormindo.

A palavra daimôn, que deu origem a demônio, não era tomada no errado sentido na antiguidade, como entre os modernos. Não se dizia exclusivamente dos seres em erro, mas de todos os Espíritos em geral, entre os quais distinguiam-se os Espíritos corretos, chamados deuses, e os Espíritos em erro, perturbados, ou demônios propriamente ditos, que se comunicavam diretamente com os humanos. O Espiritismo diz também que os Espíritos povoam o espaço. Que Deus não se comunica com os humanos, e que os Espíritos puros são os encarregados de aplicarem Sua Lei. Que os Espíritos se comunicam com os humanos, estando acordados ou dormindo. Substituí a palavra "demônio" pela palavra "Espírito" e terei a Doutrina Espírita. Coloquei a palavra "Anjo" e terei a Doutrina Cristã.

- VII - A preocupação constante do filósofo, (tal como o compreendiam Sócrates e Platão) é tomar o maior cuidado com o Espírito, menos por esta vida, que não é senão um instante, do que em vista da eternidade. Se o Espírito é imortal, não é mais sábio viver com vistas à eternidade?

O Cristianismo e o Espiritismo ensinam a mesma coisa.

- VIII - Se o Espírito é imaterial, depois desta vida material, ele deve seguir para um mundo igualmente invisível e imaterial, da mesma forma que o corpo físico, em se decompondo, retorna à matéria bruta. Importa somente distinguir bem o Espírito correto, verdadeiramente imaterial, que se nutre, como Deus, de conhecimento e de moral, do Espírito perturbado, manchado de impurezas materiais que o impedem de se elevar até o divino, e o retêm nos lugares de sua morada terrestre.

Sócrates e Platão, como se vê, compreendiam perfeitamente os diferentes graus de desmaterialização do Espírito. Eles insistem sobre a diferença de situação que resulta para ele sua pureza maior ou menor. O que eles diziam por intuição, o Espiritismo o prova por numerosos exemplos que coloca sob nossos olhos.

- IX - Se o desencarne fosse a dissolução total do humano, seria um grande lucro para os errados, depois do seu desencarne, estarem livres, ao mesmo tempo, de seus corpos físicos, de seu Espírito e dos seus vícios. Aquele que ornou o Espírito, não de um enfeite estranho, mas do que lhe é próprio, só este poderá esperar tranquilamente a hora da sua partida para o outro mundo.

Em outros termos, é dizer que o materialismo, que proclama o nada depois do desencarne, seria a anulação de toda responsabilidade moral ulterior, e, por consequência, um excitante ao erro. Que o erro tem tudo a ganhar com o nada: que só o humano que se despojou de seus vícios e se enriqueceu de virtudes pode esperar tranquilamente o despertar na outra vida. O Espiritismo nos mostra, pelos exemplos que coloca diariamente sob nossos olhos, quanto é penosa para o errôneo a passagem de uma vida para a outra e a entrada na vida espiritual.

- X - O corpo físico conserva os vestígios bem marcados dos cuidados que com ele se tomou, ou dos acidentes que experimentou. Ocorre o mesmo com o Espírito. Quando ele está despojado do corpo físico, carrega os traços evidentes do seu caráter, de suas afeições e as marcas que cada ato da sua vida lhe deixou. Assim, a maior infelicidade que possa atingir o humano, é a de ir para o outro mundo com o Espírito carregado de erros. Tu vê, Calicles, que nem tu, nem Pólus, nem Górgias, não saberíeis provar que se deve levar uma outra vida que nos será mais útil quando estivermos lá no outro mundo. De tantas opiniões diversas, a única que permanece inabalável, é a que vale mais receber que cometer uma injustiça e que, antes de todas as coisas, deve-se aplicar, não em parecer humano correto, mas a sê-lo. (Diálogos de Sócrates com seus discípulos, na sua prisão).

Aqui se encontra este outro ponto capital, confirmado hoje pela experiência, de que o Espírito perturbado conserva as ideias, as tendências, o caráter e as paixões que tinha na Terra. Este ensi-

namento: "vale mais receber que cometer uma injustiça", não é toda cristã? É o mesmo pensamento que Jesus, o Cristo, exprime por este ensinamento: "Se alguém vos bate sobre um lado da face, estendei-lhe ainda o outro lado".

- XI - De duas coisas uma: ou o desencarne é uma destruição absoluta, ou ele é a passagem de um Espírito para outro lugar. Se tudo deve se exterminar, o desencarne será como uma dessas raras noites que passamos sem sonho e sem nenhuma consciência de nós mesmos. Mas se o desencarne não é senão uma mudança de morada, a passagem para um lugar onde os desencarnados devem se reunir, que felicidade nele reencontrar aqueles a quem se conheceu! Meu maior prazer seria o de examinar de perto os habitantes dessa morada, e de aí distinguir, como aqui, aqueles que são sábios daqueles que creem sê-lo e não o são. Mas é hora de nos deixarmos, eu para desencarnar, vós para viver. (Sócrates a seus juízes).

Segundo acredita Sócrates, os humanos que viveram na Terra, se reencontram depois do desencarne e se reconhecem. O Espiritismo no-los mostra continuando as relações que tiveram, de tal sorte que o desencarne não é nem uma interrupção, nem uma cessação da vida espiritual, mas uma transformação, sem interrupção da existência espiritual.

Tivessem Sócrates e Platão conhecido os ensinamentos que Jesus, o Cristo, daria quinhentos anos mais tarde, e os que os Espíritos dão atualmente, e não haveriam de falar de outra forma. Nisso não há nada que deve surpreender, se se considera que as grandes verdades são eternas, e que os Espíritos as deveram conhecer antes de virem encarnar, para onde as trouxeram. Que Sócrates, Platão e os grandes filósofos de seu tempo puderam estar mais tarde entre aqueles que secundaram Jesus, o Cristo, na sua divina missão, e que foram escolhidos precisamente porque tinham, mais que os outros, a compreensão de seus sublimes ensinamentos. Que eles podem, enfim, hoje, fazer parte da plêiade de Espíritos encarregados de virem ensinar aos humanos as mesmas verdades.

XII - Não é preciso nunca retribuir injustiça por injustiça, nem fazer o errado a ninguém, qualquer seja o erro que se nos tenham feito. Poucas pessoas, entretanto, admitirão este princípio, e as pessoas que estão divididas não devem senão se desprezar umas às outras.

Não está aí o princípio da caridade, que nos ensina a não retribuir o erro com o erro, e de perdoar aos adversários?

XIII - É pelos frutos que se reconhece a árvore. É preciso qualificar cada ação segundo o que ela produz: chamá-la errada quando dela provém o erro, correta quando dela nasce o certo.

Este ensinamento "É pelos frutos que se reconhece a árvore" se encontra textualmente repetida várias vezes no Evangelho.

XIV - A riqueza é um grande perigo. Todo humano que ama a riqueza não ama nem a si, nem o que está em si, mas a uma coisa que lhe é ainda mais estranha que aquela que está em si.

Equivale a 'Não se pode amar a Deus e a Mamom'. Não se podem igualar os valores espirituais com os materiais!

XV - As mais belas orações e os mais belos sacrifícios agradam menos a Divindade que um Espírito virtuoso que se esforça por assemelhar-se a ela. Seria uma coisa grave se os deuses tivessem mais consideração para com as nossas oferendas que pelo Espírito. Por esse meio, os mais culpáveis poderiam se lhes tornarem favoráveis. Mas não, não há de verdadeiramente justo e sábio senão aqueles que, por suas palavras e pelos seus atos, desempenhem-se do que devem aos deuses e aos humanos.

O 'reino dos céus' não se atinge por ofertas materiais aos 'deuses'! Só com o amor total, em dedicação e pureza!

XVI - Chamo humano vicioso a esse amante vulgar que ama o corpo físico antes que o Es-

pírito. O amor está por toda parte na Natureza, que nos convida a exercitar nossa inteligência. É encontrado até nos movimentos dos astros. É o amor que orna a Natureza de seus ricos tapetes. Ele se enfeita e fixa sua morada lá onde encontra flores e perfumes. É ainda o amor que dá a paz aos humanos, a calma ao mar, o silêncio aos ventos e o sono à dor.

O amor, que deve unir os humanos por um laço fraternal, é uma consequência dessa teoria de Platão sobre o amor universal como lei natural. Sócrates, tendo dito que “o amor não é um deus nem um mortal, mas um grande demônio”, quer dizer, um grande Espírito presidindo ao amor universal, esta afirmação lhe foi, sobretudo, imputada como crime.

XVII - A virtude não se pode ensinar, ela vem por um dom de Deus àqueles que a possuem.

É aproximadamente a Doutrina cristã sobre a graça. Mas, se a virtude é um dom de Deus, é um favor, que se pode pedir, porque ela não é concedida a todo o mundo. Por outro lado, se é um dom, ela é sem mérito para aquele que a possui. O Espiritismo é mais explícito. Ele diz que aquele que possui a virtude a desenvolve por seus esforços em existências sucessivas, em se despojando, pouco a pouco, das suas imperfeições. A graça é a força da qual a Lei de Deus favorece todo humano de boa vontade, para se despojar do erro e para fazer o certo.

XVIII - É uma disposição natural, a cada um de nós, se aperceber bem menos dos nossos defeitos que dos de outrem.

No Evangelho ensina: “Vedes o galho no olho do vosso vizinho, e não vedes a árvore que está no vosso”.

XIX - Se os médicos fracassam na maioria das doenças, é que tratam o corpo físico sem o Espírito, e que, o todo não estando em bom estado, é impossível que a parte se porte bem.

O Espiritismo dá a chave das relações que existem entre o Espírito e o corpo físico, e prova que há reação incessante de um sobre o outro. Ele abre, assim, um novo caminho à ciência e, em lhe mostrando a verdadeira causa de certas doenças, lhe dá os meios de combatê-las. Quando a ciência se inteirar da ação do elemento espiritual no mundo material, fracassará com menos frequência.

XX - Todos os humanos, a começar desde a infância, fazem muito mais erros do que acertam.

Estas palavras de Sócrates tocam a grave questão da predominância do erro na Terra, questão insolúvel sem o conhecimento da pluralidade dos mundos e da destinação da Terra, onde não habita senão uma pequena fração da Humanidade. Só o Espiritismo lhe dá a solução.

XXI - Há sabedoria em não crer saber aquilo que tu não sabes.

Isto vai endereçado às pessoas que criticam aquilo de que, frequentemente, não sabem a primeira palavra. **Platão completa esse pensamento de Sócrates, dizendo: "Experimentemos primeiro torná-los, se isto é possível, mais honestos em palavras, senão, não nos preocupemos com eles, e não procuremos senão a verdade. Esforcemo-nos em nos instruir, mas não nos injuriemos"**. É assim que devem agir os Espíritas com respeito aos seus contraditores, de correta ou errada fé. Revivesse Platão hoje, e encontraria as coisas aproximadamente como no seu tempo, e poderia ter a mesma linguagem. Sócrates também encontraria pessoas para zombarem de sua crença nos Espíritos, e tratá-lo de louco, assim como a seu discípulo Platão.

Foi por ter professado esses princípios que Sócrates foi primeiro ridicularizado, depois acusado de impiedade, e condenado a beber cicuta (veneno). Tanto isso é certo que as grandes verdades novas, levantando contra si os interesses e os preconceitos que machucam, não podem se estabelecer sem luta e sem fazer mártires.

(Há mais de 2500, dois mil e quinhentos, anos já tínhamos ‘mensageiros’ a nos avisarem das verdades espirituais. É uma pena que essas verdades atrapalhavam nossas ambições materiais, nossos planos de poder e de mando, nossa posição social e política. Assim sendo não nos foi difícil, dada a nossa posição, acabar com todos esses ‘mensageiros’. Mas, a VERDADE flui através dos ‘poros’ das montanhas de mentiras, montanhas essas com que ‘escondemos’, de nós mesmos, aquelas verdades. Agora elas aparecem, mais uma vez, pela Doutrina

dos Espíritos, será que vamos, novamente, enterrá-la?)

CAPÍTULO I

EU NÃO VIM DESTRUIR A LEI

As três revelações: Moisés; Jesus, o Cristo; o Espiritismo.
Aliança da ciência e da religião - Instruções dos Espíritos: A era nova.

1. Não penseis que vim destruir a lei ou os profetas. Eu não vim destruí-los, mas dar-lhes cumprimento. Porque eu vos digo em verdade que o céu e a Terra não passarão, antes que tudo o que está na Lei de Deus não seja cumprido perfeitamente, até um único jota e um só ponto. (*Mateus, cap. V, v. 17, 18*).

MOISÉS

2. Há duas partes distintas na lei mosaica: a lei promulgada sobre o monte Sinai, os dez mandamentos, e a lei civil ou disciplinar, estabelecida por Moisés. Uma é invariável, a outra se refere aos costumes e ao caráter daquele povo, e se modifica com o tempo.

A lei está formulada nos dez mandamentos seguintes:

I - Eu sou o Senhor, vosso Deus, que vos tirei do Egito, da casa de servidão. Não tereis outros deuses estrangeiros diante de mim. Não fareis imagem talhada, nem nenhuma figura de tudo o que está no alto, no mundo espiritual, e embaixo, na Terra, nem de tudo o que está nas águas sob a terra. Não os adorareis, nem lhes rendereis culto principal.

II - Não digais em vão o nome do Senhor vosso Deus.

III - Lembrai-vos do respeito ao sétimo dia.

IV - Honrai o vosso pai, e a vossa mãe, a fim de viverdes longo tempo na terra, que o Senhor vosso Deus vos dará.

V - Não matareis.

VI - Não cometereis adultério.

VII - Não furtareis.

VIII - Não prestareis falso testemunho contra o vosso próximo.

IX - Não desejareis a mulher do vosso próximo.

X - Não desejareis a casa do vosso próximo, nem seu servidor, nem sua serva, nem seu boi, nem seu asno, nem nenhuma de todas as coisas que lhe pertencem.

Esta lei é de todos os tempos e de todos os países, e tem, por isso mesmo, um caráter divino. Todas as outras são leis estabelecidas por Moisés, obrigado a manter, pelo temor, um povo naturalmente turbulento e indisciplinado, no qual tinha que combater os abusos enraizados e os preconceitos aprendidos na servidão do Egito. Para dar autoridade às suas leis, ele teve de atribuir-lhes origem divina, assim como o fizeram todos os legisladores de povos primitivos. A autoridade do ser humano deveria se apoiar sobre a autoridade de um deus. Mas só a ideia de um deus

terrível poderia impressionar humanos incultos, nos quais o senso moral e o sentimento de uma delicada justiça eram ainda pouco desenvolvidos. É bem evidente que, aquele que tinha colocado em seus mandamentos: “Tu não matarás; tu não farás erro ao teu próximo”, não poderia se contradizer fazendo delas um dever de extermínio. As leis mosaicas, propriamente ditas, tinham, pois, um caráter essencialmente transitório.

(Observar que, apenas dois enfoques apresenta os Dez mandamentos: Reconhecimento do Deus único e instruções disciplinadoras! Jesus, o Cristo, vai sintetizá-las assim: Amar a Deus e amar ao próximo. O amor é o caminho moralizador!)

JESUS, O CRISTO

3. Jesus, o Cristo, não veio destruir a lei, ou seja, a Lei de Deus. Ele veio cumpri-la, quer dizer, explicá-la, dar-lhe seu verdadeiro sentido, e apropriá-la ao grau de adiantamento dos humanos. Por isso, se encontra nessa Lei o princípio dos deveres para com Deus e para com o próximo, que constituem a base de sua Doutrina, a que chamamos Cristã. Quanto às leis de Moisés, propriamente ditas, ele as modificou profundamente, seja quanto ao modo de fazer, seja quanto ao modo de entender. Combateu constantemente o abuso das práticas exteriores e as falsas interpretações, e não poderia fazê-las passar uma reforma mais radical do que as reduzindo a estas palavras: “Amar a Deus acima de todas as coisas, e ao próximo como a si mesmo”, e dizendo: está aí toda a lei e os profetas.

Por estas palavras: “O céu e a Terra não passarão, antes que tudo seja cumprido até um único jota”, Jesus, o Cristo, quis dizer que seria preciso que a Lei de Deus recebesse seu cumprimento, isto é, que fosse praticada em toda a Terra, em toda a sua pureza, com todos os seus desenvolvimentos e todas as suas consequências. Porque de que serviria ter estabelecido essa Lei, se ela devesse permanecer como privilégio de alguns humanos ou mesmo de um único povo? Todos os humanos, sendo filhos de Deus, são, sem distinção, o objeto da mesma Lei.

4. Mas o papel de Jesus, o Cristo, não foi simplesmente o de um legislador moralista, sem outra autoridade que a sua palavra. Ele veio cumprir as profecias que haviam anunciado sua vinda. Sua autoridade decorria da pureza desse Espírito e de sua missão divina. Veio ensinar aos humanos que a verdadeira vida não está na Terra, mas no mundo espiritual. Ensinar-lhes o caminho que para lá conduz, os meios de se respeitar a Lei de Deus, e os prevenir sobre a marcha das coisas futuras para o cumprimento dos destinos humanos. Entretanto, não disse tudo, e sobre muitos pontos se limitou a depositar a semente de verdades que ele próprio declara não poderiam ser compreendidas naquela época. Falou de tudo, mas em exemplos por histórias - parábolas -. Para compreender o sentido ‘simbólico’ de certas palavras ou das histórias, seria preciso que novas ideias e novos conhecimentos viessem dar o entendimento, e essas ideias e conhecimentos não poderiam vir antes de certo grau de elevação espiritual. A ciência deveria contribuir poderosamente para o aparecimento e o desenvolvimento das ideias e conhecimentos. Seria preciso, pois, dar à ciência o tempo de progredir.

(Portanto, deveria vir, antes, o conhecimento, para nos propiciar a razão e, assim, passaríamos a crescer moralmente. Essa a razão de, primeiro destruirmos e, depois reconstruirmos, mas já é tempo de trilharmos pelo caminho correto, portanto, sem destruir!)

O ESPIRITISMO

5. O Espiritismo é a nova ciência que vem revelar aos humanos a existência e a natureza do mundo espiritual, e suas relações com o mundo material. O Espiritismo nos mostra o mundo espiritual, não mais como uma coisa sobrenatural e ‘escondida’, mas, ao contrário, como uma das forças vivas e incessantemente ativas da Criação, como a fonte de uma multidão de fenômenos incompreendidos, até então estendidos, por essa razão, ao domínio do fantástico e do maravilhoso. É a essas relações que Jesus, o Cristo, se refere indiretamente, em muitas circunstâncias, e é por isso que muitas coisas que ele disse permaneceram sem serem compreendidas ou foram erradamente interpretadas - a maioria por interesses materiais -. O Espiritismo é a luz, com a ajuda

da qual; tudo clareia e se explica com facilidade.

6. A lei do Antigo Testamento está personificada em Moisés. A do Novo Testamento está personificada em Jesus, o Cristo. O Espiritismo é a terceira revelação da Lei de Deus, mas não está personificada em nenhuma pessoa, porque o Espiritismo é o produto de ensinamento dado, não por uma pessoa, mas pelos Espíritos, que são as 'vozes' do mundo espiritual, sobre todos os pontos da Terra, e por uma multidão inumerável de intermediários - os médiuns -, de algum modo, é um ato coletivo compreendendo o conjunto dos seres do mundo espiritual, vindo cada um trazer aos humanos o tributo das suas luzes, para fazê-los conhecer esse mundo espiritual e a vida que nele os espera.

7. Da mesma forma que Jesus, o Cristo, disse: "Eu não vim destruir a Lei, mas dar-lhe cumprimento", o Espiritismo diz igualmente: "Eu não vim destruir a lei cristã, mas cumpri-la". O Espiritismo não ensina nada de contrário ao que Jesus, o Cristo, ensinou, mas desenvolve, completa e explica, em termos claros para todo o mundo, o que não foi dito senão sob a forma 'simbólica' - escondida -. O Espiritismo vem cumprir, nos tempos do Consolador, o que Jesus, o Cristo, anunciou, e preparar o cumprimento das coisas futuras. É, pois, obra de Jesus, o Cristo, que preside, como igualmente anunciou, a regeneração que se opera, e prepara o reino de Deus na Terra.

(A razão através da educação, pela verdade de conhecimentos e realização moralizante.)

ALIANÇA DA CIÊNCIA E DA RELIGIÃO

8. A ciência e a religião são os dois caminhos da cultura humana. Um revela as leis do mundo material e o outro as leis do mundo moral. Mas, qualquer um deles, tendo o mesmo princípio que é Deus, não podem ser contrários. Se eles são a negação um do outro, um obrigatoriamente é errado e a outro certo, porque Deus nunca destruiria Sua própria obra. A oposição que se acreditava ver entre esses dois caminhos de cultura prende-se a um defeito de observação e a muito de egoísmo e vaidade de uma parte e da outra. Daí o conflito de onde nasceram a incredulidade e a intolerância de uns para com os outros.

Os tempos são chegados em que os ensinamentos de Jesus, o Cristo, devem receber novas luzes. Em que o véu 'simbólico', lançado sobre algumas partes desse ensinamento, deve ser tirado. Em que a ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, deve inteirar-se do elemento espiritual, e em que a religião, parando de ignorar as leis orgânicas e imutáveis da matéria, assim, essas duas forças, - ciência e religião ou Conhecimento e Moral -, apoiando-se uma sobre a outra, e andando juntas, se prestarão um mútuo apoio.

A ciência e a religião ainda não puderam se entender, porque, cada uma examinando as coisas sob seu ponto de vista exclusivo, se atacam mutuamente. Seria preciso alguma coisa para preencher o vazio que as separava, um traço de união que as aproximasse. Esse traço de união está no conhecimento das leis que regem o mundo espiritual e suas relações com o mundo material, leis tão imutáveis como as que regem o movimento dos astros e a existência dos seres. Essas relações, uma vez constatadas pela experiência, uma luz nova se fez: a fé se dirigiu à razão, a razão não encontrou nada de ilógico na fé, e o materialismo ficou desmascarado. Mas nisso, como em todas as coisas, há pessoas que permanecem para trás, até que sejam arrastadas pela correnteza geral que as forçará a seguir sem que possam resistir-lhe. É melhor a ela se abandonarem. É toda uma revolução moral que se opera neste momento e trabalho dos Espíritos. Depois de elaborada durante mais de vinte séculos, ela se aproxima do seu cumprimento, e vai marcar uma era nova na Humanidade. As consequências dessa revolução são fáceis de prever. Deve trazer, nas relações sociais, inevitáveis modificações, às quais não está no poder de ninguém se opor, porque estão nos desígnios da Lei de Deus e resultam da lei do progresso, que é uma das Leis de Deus.

(A religião, se atendo aos valores materiais, por pura conveniência ao seu 'poder material', se perdeu na montanha de mentiras. A ciência, tornando-se positivista, matou os 'mitos' da religião. Portanto, a ciência provou que a história da religião era falsa, mas esta não quer abandonar suas fontes de lucro e poder materiais. O Espiritismo veio para recolocar a 'religião espiritual' no seu verdadeiro lugar, o de ensinar aos huma-

nos o ‘caminho’ da verdade espiritual e os ‘transitórios’ valores materiais. A luta que vemos é realizada pela ‘religião materialista’ contra o Espiritismo e a ciência!)

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

A ERA NOVA

9. Deus é único, e Moisés, o Espírito enviado pela Lei de Deus em missão para O fazer conhecer, não somente ao povo hebreu, mas ainda aos outros povos. O povo hebreu foi o instrumento de que a Lei de Deus se serviu para fazer a revelação por Moisés e pelos profetas. Os problemas da vida desse povo eram destinados a impressionar a todos e, recebendo por Moisés esses conhecimentos, deviam reconhecer o Deus único, divulgando-o a todos os humanos. Os mandamentos da lei, anunciados por Moisés, trazem a semente da mais ampla moral cristã. Os comentários da Bíblia limitavam-lhe o sentido, porque, postos em prática em toda a sua pureza, ela não teria sido, então, pelo estágio evolutivo da época, compreendida. Mas nem por isso, os dez mandamentos da lei deixaram de permanecer como o início brilhante, como o farol que deveria iluminar a Humanidade no caminho que haveria de percorrer.

A moral ensinada por Moisés era apropriada ao estado de adiantamento no qual se encontravam os povos que ela devia regenerar, e esses povos, iniciantes quanto ao aperfeiçoamento Espiritual, não teriam compreendido como se pode adorar a Deus de outro modo, a não ser pelos holocaustos, e nem como se podia perdoar a um adversário. Sua manifestação inteligente, notável do ponto de vista da matéria, e mesmo sob o das artes e das ciências, era muito atrasada em moralidade, e não se teriam disciplinado pela aplicação de uma religião inteiramente espiritual. Era-lhes preciso uma religião semimaterial, tal qual lhe oferecia, então, a religião judaica. Assim, os holocaustos falavam aos seus sentidos, enquanto que a ideia de Deus falava ao Espírito.

Jesus, o Cristo, foi o iniciador da moral mais pura e mais sublime: a moral cristã que deve renovar o mundo, aproximar os humanos e irmaná-los. Que deve fazer jorrar de todos os corações humanos a caridade e o amor ao próximo, e criar entre todos os humanos uma solidariedade comum. De uma moral, enfim, que deve transformar a Terra, e dela fazer uma morada para Espíritos melhores aos que a habitam hoje. É a lei do progresso, à qual a Natureza está submetida, que se cumpre, e o Espiritismo é a conhecimento pelo qual a Lei de Deus se serve para fazer avançar a Humanidade.

Estamos nos ‘tempos’ em que as ideias morais devem se desenvolver para cumprir os progressos que estão na Lei de Deus. As ideias morais devem seguir o mesmo caminho que as ideias de liberdade percorreram, e que delas eram preparadoras. Mas é preciso saber que esse desenvolvimento se fará com muitas dificuldades. Sim, elas têm necessidade, para atingir a maturidade, de abalos e de discussões, a fim de que atraíam a atenção das massas. Uma vez fixada a atenção, a beleza e a pureza da moral impressionarão todos os Espíritos, e eles se interessarão por uma ciência que lhes dê a chave da vida futura e lhes indica o caminho da felicidade eterna. Foi Moisés quem abriu o caminho. Jesus, o Cristo, continuou a obra, e o Espiritismo a concluirá.

(Um Espírito Israelita, Mulhouse, 1861).

(Sua manifestação inteligente, notável do ponto de vista da matéria, e mesmo sob o das artes e das ciências, era muito atrasada em moralidade, e não se teriam disciplinado pela aplicação de uma religião inteiramente espiritual.

É importante lembrar que a citação refere-se aos humanos de três mil – 3000 – anos atrás! Mas, se observarmos bem, ela se aplica clara e naturalmente aos humanos atuais. Vamos e voltamos, mas muito pouco melhoramos moralmente.

Estamos nos ‘tempos’ em que as ideias morais devem se desenvolver para cumprir os progressos que estão na Lei de Deus.

Embora a comunicação seja de cento e cinquenta – 150 – anos atrás e, aparentemente, pioramos em moralidade, devemos nos lembrar do aviso messiânico: ‘É necessário que o erro cresça...’. O joio deve sobressair-se ao trigo, pois assim ficará mais visível e, em consequência, mais fácil de ser medido e ceifado na colheita! O joio viça no trigal, mas se crescer ‘demais’ afoga o trigo e, sem este, ‘morrerá’ por falta de alimento!)

10. Um dia, Deus, pela Sua Lei de caridade inesgotável, permitiu ao humano sentir a verdade dissipar a escuridão. Esse dia foi a vinda de Jesus, o Cristo. Depois da luz viva, a escuridão voltou. O mundo, depois das alternativas de escuridão e de luz, se perturbou de novo. Então, à semelhança dos profetas do Antigo Testamento, os Espíritos se põem a falar e a vos advertir: o

mundo foi abalado em suas bases. A verdade triunfará, sede firmes!

O Espiritismo é de ordem divina, uma vez que repousa sobre as próprias leis divinas, e crede que tudo o que é de ordem divina tem um objetivo grande e útil. Vosso mundo se perturbava. A ciência, desenvolvida no esquecimento do que é de ordem moral, em tudo vos conduzindo ao bem-estar puramente material, atendia aos interesses dos Espíritos em erro. Vós o sabeis, cristãos, os sentimentos e a moral devem caminhar unidos à ciência. O reino de Jesus, o Cristo, após mais de vinte séculos, e apesar do sacrifício de tantos mártires, ainda não chegou. Cristãos, retornai ao Mestre que quer vos ensinar. Tudo é fácil àquele que crê e que ama. O amor enche-o de uma alegria indescritível. Sim, meus filhos, o mundo está abalado. Os Espíritos corretos dizem isso, sempre, a todos vocês. Estejam atentos ao vento precursor da tempestade, a fim de não serdes derrubados. Quer dizer, preparai-vos, e não vos assemelheis às virgens estouvadas que foram apanhadas de surpresa à chegada do esposo.

A transformação que se prepara é antes moral que material, os Espíritos corretos, mensageiros divinos, os instruem para a fé, a fim de que todos vós, obreiros esclarecidos e ardentes, façais ouvir vossa humilde voz. Porque vós sois o grão de areia, mas sem grãos de areia não haveria montanhas. Assim, pois, que estas palavras: “nós somos pequenos”, não tenha mais sentido para vós. A cada um sua missão, a cada um seu trabalho. A formiga não constrói o edifício da sua república e os animaizinhos imperceptíveis não erguem os continentes? A nova caminhada começou. Sois apóstolos da paz universal e não de uma guerra, Bernardos modernos, olhai e marchai em frente: a lei dos mundos é a lei do progresso.

(Fénelon, Poitiers, 1861).

(A transformação que se prepara é antes moral que material, os Espíritos corretos, mensageiros divinos, os instruem para a fé, a fim de que todos vós, obreiros esclarecidos e ardentes, façais ouvir vossa humilde voz. Porque vós sois o grão de areia, mas sem grãos de areia não haveria montanhas.)

Os estudantes da Doutrina dos Espíritos, quando ‘obreiros esclarecidos e ardentes’, são os propagadores da fé raciocinada, pequeninos exemplos, mas ‘gigantes’ na verdade eterna...)

11. Agostinho é um dos maiores divulgadores do Espiritismo. Ele se manifesta espiritualmente quase que por toda parte. A razão disso encontramos na vida desse grande filósofo cristão, aos quais a cristandade deve seus mais sólidos alicerces. Como muitos, foi tirado do erro mais profundo, pelo esplendor da verdade. Quando, em meio aos seus erros, sentiu espiritualmente essa vibração estranha que o chamava para si mesmo, e lhe fez compreender que a felicidade estava em outro lugar e não nos prazeres mundanos. Quando, enfim, sobre sua estrada de Damasco também ouviu uma voz pura lhe exclaimar: Saulo, Saulo, por que me persegues? Ele exclamou: Meu Deus! Meu Deus! Perdoai-me, eu creio, eu sou cristão! Depois, então, tornou-se um dos mais firmes sustentáculos do Evangelho. Podem-se ler, nas confissões notáveis que nos deixou esse eminente Espírito, as palavras, ao mesmo tempo, características e proféticas, que pronunciou depois de ter perdido Mônica: "Eu estou convencido de que minha mãe voltará a me visitar e me dar conselhos, revelando-me o que nos espera na vida futura". Que ensinamento nessas palavras, e que previsão brilhante da futura Doutrina! É por isso que, hoje, vendo chegada a hora para a divulgação da verdade que ele havia pressentido outrora, se fez dela o ardente propagador, e se multiplica, por assim dizer, para responder a todos aqueles que, espiritualmente, o chamam.

(Erasto, discípulo de Paulo, Paris, 1863).

NOTA: Agostinho vem, pois, destruir aquilo que edificou? Seguramente que não. Mas, como tantos outros, ele vê com os olhos do Espírito o que não via como humano. Seu Espírito liberto entrevê novas clarezas e compreende o que não compreendia antes. Novas ideias lhe revelaram o verdadeiro sentido de certas palavras. Na Terra, julgava as coisas segundo os conhecimentos que possuía, mas, quando uma nova luz se fez para ele, pode julgá-las mais corretamente. Foi assim que mudou de ideia sobre sua crença concernente aos Espíritos incubos e súcubos, sobre o anátema que havia lançado contra a teoria dos antípodas. Agora que o Cristianismo lhe aparece em toda a sua pureza, pode ele, sobre certos pontos, pensar diferentemente do que quando encarnado, sem deixar de ser o apóstolo cristão. Pode, sem renegar a sua fé, fazer-se o propagador do Espiritismo, porque nele vê o cumprimento das predições. Proclamando-o, hoje, não faz senão nos conduzir a uma interpretação mais correta e mais lógica das comunicações espirituais. Assim ocorre com outros Espíritos que se encontram em igual posição.

(Incubos - segundo uma antiga superstição, demônio masculino que abusava das mulheres durante o sono, fato a que se atribuíam os mais sonhos e pesadelos. Súcubos - Demônio a quem outrora se atribuíam os pesadelos e que, segundo a crença antiga, assumia forma feminina, para ter cópula carnal com um homem adormecido. Antípodas - tudo que existe tem seu contrário.)

(Nós temos o costume, bem arraigado, de dar destaque aos nomes. Se for apresentada uma bomba com o nome de ‘tribombástica letal’ poderemos ficar impressionados. Mas se, ao detonar, essa bomba se revelar uma ‘bombinha’ de festa junina, teremos a certeza que o nome era uma mentira. Assim devemos analisar as comunicações espirituais assinadas por nomes famosos! Devemos verificar o conteúdo!)

EXPLANAÇÕES

01 - ITENS 1 e 2

Ouvimos a lição do Evangelho, o grande legado que Nosso Senhor Jesus Cristo deixou aos humanos para continuarem sua evolução.

Este primeiro capítulo do Evangelho vem mostrar o início do conhecimento de Deus ao povo Hebreu, trazendo-lhes a ideia do Deus único.

O missionário enviado pelo Mundo Espiritual foi Moisés, com a finalidade de orientar e guiar o povo Hebreu.

Há duas partes distintas na lei mosaica: a Lei de Deus e a lei civil ou disciplinar.

Moisés devendo legislar para um povo rude, e ainda muito próximo da barbárie, teve que instituir leis humanas severas, tal como a do olho por olho e dente por dente, a fim de conter-lhes o ímpeto. Para que esse povo temesse as leis mostrou a eles um Deus terrível, que devia impressionar seres humanos ignorantes, pois tinham, no sentido atual, pouco senso de moral ou sentimento de justiça.

Estas leis foram criadas para uma etapa da vida dos seres humanos. Não eram leis eternas. Foram leis para fazer os seres humanos começarem a raciocinar e se prepararem para entenderem a lei Divina.

Todo progresso no mundo deve ser sequencial, visando a evolução.

Foram instituídas primeiramente as leis mosaicas, para que os seres humanos comessem a obedecer e a se disciplinar, porque nada pode existir sem ordem e sem limites.

Vocês já pensaram; se não existissem horários e limites, o que seria a vida na Terra? Uma completa desordem!

Por isso, no passar das encarnações, o ser humano vem tomando consciência das suas responsabilidades, para que, a cada dia, tenha oportunidade de evoluir.

Junto às leis disciplinares veio a lei Divina; que são os dez mandamentos. Esta sim é uma lei invariável, que ontem, hoje e por todo o sempre permanece.

O primeiro mandamento que é; "Amar a Deus sobre todas as coisas", resume todos os outros, porque se amarmos a Deus sobre todas as coisas, estaremos amando o nosso próximo e estaremos amando toda a criação Divina.

Nós somos criação de Deus. O Universo é criação de Deus. Enfim; tudo o que existe é criação de Deus.

As leis Divinas começaram a acordar o ser humano do sono da ignorância da existência de Deus; um Deus único.

O aprimoramento do raciocínio inteligente, com o uso do conhecimento e da moral, é a base da evolução espiritual, portanto; dos indivíduos e dos povos.

Hoje não há necessidade plena da aplicação da lei mosaica para que os seres humanos aprendam as leis Divinas.

O conhecimento, a oportunidade, está ao alcance de todos que desejam procurar o Pai, e como todo pai ama seu filho; Ele está eternamente de braços abertos para nos receber. Temos milhares de livros ao nosso dispor, irmãos dispostos a falar do Evangelho, portas abertas para transmitir a palavra Divina.

Hoje o ensino do Evangelho está mais claro, as palavras mais compreensivas, as lições mais límpidas. Tudo isto foi evolução, e quanto mais nos aprimorarmos nos estudos do conhecimento das leis Divinas, mais evoluiremos, burilando-nos espiritualmente.

Nós já saímos da barbárie; pelas leis mosaicas, e agora temos o conhecimento da grandiosidade da obra de Deus, o conhecimento da vida espiritual, sabemos que somos filhos de Deus e que a nossa evolução espiritual só depende de nós.

Sabemos que é indispensável conhecer o certo, para que os ensinamentos corretos aperfeiçoem a nossa vida íntima.

Sentimos necessidade de crescer espiritualmente, necessidade de paz, de amor.

Hoje temos o conhecimento do amor, exposto a todos nós por Jesus Cristo. O amor é a luz da eternidade, que nunca se apagará.

No maravilhoso teatro da evolução universal, o ser humano é um valioso colaborador na obra material de Deus; na Terra e no Espaço, por isso, todos os que têm o conhecimento do Evangelho, devem procurar ajudar os irmãos que necessitam do conhecimento; do esclarecimento espiritual que sobrevive a tudo. Quando estamos esclarecendo a um irmão encarnado, este esclarecimento está chegando a vários irmãos desencarnados.

O objetivo do ser humano na Terra é o da sua própria renovação. Espiritualmente; viemos para aprender, refletir e melhorar pelo trabalho que dignifica.

A renovação do ser humano, sob o ponto de vista moral e intelectual, sem dúvida é difícil, porém é realizável. É indispensável somente que disponha de boa vontade. O Evangelho e o Espiritismo aí estão, dispostos a ajudar.

A estrada é difícil e o caminho é longo, repleto de espinhos, pedras, obstáculos e limitações, porém a meta é alcançável. É preciso persistência. O resto virá no curso da longa viagem.

Já vimos, na primeira parte do capítulo I do Evangelho, que as leis mosaicas foram divididas em duas partes: leis disciplinares, criadas por Moisés para as necessidades daquele povo, naquela época, e leis Divinas - que são os dez mandamentos -. Estas leis foram o grande início da evolução espiritual do ser humano.

Deus, nosso Pai eternamente bondoso, para que evoluíssemos mais um estágio, depois de Moisés, nos envia um nosso grande irmão, seu filho - Jesus Cristo.

Jesus, nosso Mestre, veio depois de Moisés, quando estávamos mais preparados para receber a semente do amor e da nova moral. Foi necessário primeiro o amadurecimento da disciplina, nas leis de Moisés, para que a semente moral pudesse germinar.

Jesus nasceu numa simples manjedoura, entre pacíficos animais e singelos pastores. No momento do seu nascimento, já nos dava exemplo de humildade, Ele "o enviado Divino" que veio para instruir moralmente os seres humanos, em vez de nascer num palácio, nasce numa singela estrebaria!

Com Jesus Cristo inicia-se a preparação espiritual para novo estágio da humanidade. Pelo seu nascimento entre os seres humanos, ocorreu uma comunhão direta do Mundo espiritual com o Mundo físico. Admiráveis revelações perfumam os Espíritos encarnados e o "Grande Enviado" oferece aos seres humanos a sublimidade do Seu amor, da Sua sabedoria e da Sua misericórdia.

Jesus, utilizando simples alpercatas, percorreu estradas palestinas, para levar a boa nova aos seres humanos; sempre misericordioso e humilde. Em suas andanças curou leprosos e fez andar os coxos, cegos enxergarem e sempre repetia "A tua fé te curou", assinalando, assim, o valor espiritual, mostrando, ao ser humano, a grandeza do amor e da fé. Ensinando que os tesouros de Deus estavam no coração.

Com Jesus abre-se um manancial de esperanças. A humanidade na manjedoura, no Tabor e no calvário, sente as manifestações da vida celeste, sublimada, e com toda a sua grandiosa espiritualidade.

Nos seus majestosos exemplos e suas palavras sábias, Jesus Cristo legou à humanidade um manancial inesgotável de ensinamentos - O Evangelho. Na verdade, o Evangelho representa a súmula de todas as filosofias, que objetivam aprimorar as qualidades morais do Espírito, norteador-lhe a vida e as aspirações.

O advento de Jesus, na face da Terra, representou a demonstração do amor incomensurável de Deus pelas suas criaturas e a personificação de Sua bondade infinita.

Muitas raças e povos da Terra desconhecem a doutrina maravilhosa que está contida no Evangelho, embora todos os seres humanos tenham recebido, nas mais remotas plagas de nosso planeta, as irradiações do Espírito misericordioso de Jesus Cristo, através das palavras de inumeráveis missionários que o antecederam no afã de iluminar os horizontes do mundo.

O Evangelho de Jesus ainda encontrará, por algum tempo, a resistência obstinada dos seres humanos errôneos. A errada fé, a ignorância, o obscurantismo, a venda de benesses e o império da força conspiram contra o Evangelho, mas chegarão os tempos em que sua ascendência será reconhecida pelos povos de todas as nações.

Quando o gênero humano for açoitado pelos flagelos e pelas provações coletivas, inapelavelmente recorrerá ao manancial de luz, pois dele surgirão novas esperanças. E assim os seres humanos terão a oportunidade de conhecerem o Caminho, a Verdade e a Vida.

A palavra de Jesus é pão e luz, na Terra e no Espaço. Pão que fortalece e encoraja. Luz que esclarece, orienta e dá responsabilidade. O ser humano que come desse pão subjetivo; nutre-se definitivamente. Não terá mais fome. Banhando-se na luz de Jesus, torna-se consciente do seu glorioso destino e artífice da sua própria evolução. Entende que deve contribuir, pelo mínimo que seja, na obra do aperfeiçoamento dos seres e para esta contribuição há um mérito - a boa vontade.

As palavras de Jesus continuam ressoando, imperativa e fraterna, como mensagem de esperança. O Evangelho de Jesus continua arrebatando Espíritos para o conhecimento de um mundo melhor. A abnegação e o sacrifício de Jesus e dos Apóstolos, adubaram para todos os séculos e milênios a semente do Evangelho.

O Evangelho é Verdade, porque é eterno. Desafia o tempo. Perde-se no infinito dos séculos. O Evangelho é Vida, porque o Espírito se alimenta dele e nele vive. Aquele que crê em Jesus e pratica os Seus ensinamentos viverá em luminosidade, principalmente depois de desencarnado.

O heroísmo dos primeiros cristãos regou a árvore do Cristianismo. Estes irmãos acreditavam no Mestre, aceitavam Sua palavra e iam serenos para o martírio, pois sabiam que logo estariam com Jesus no Mundo espiritual.

Hoje, meus irmãos, aqui estamos reunidos, falando de Nosso Senhor Jesus Cristo. Estamos procurando o Caminho e isto é sinal de evolução. Sentimos necessidade do pão da vida, sentimos que Jesus é o único caminho da evolução espiritual.

Jesus veio pregar a moral. Resumiu o Seu Evangelho no "amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo". Amando a Deus e ao nosso próximo estamos seguindo as pegadas de Jesus.

Jesus não veio destruir a lei, Ele veio aperfeiçoá-las com o amor. Veio ensinar aos seres humanos que a verdadeira Vida não está no Mundo material, mas no Mundo espiritual. Veio mostrar o caminho que conduz o ser humano ao Reino dos Céus.

Nós, aqui, juntos, estamos procurando o Caminho para irmos até o Pai e Ele está nos dando a oportunidade, oferecendo conhecimentos e progresso para o Espírito.

Jesus veio límpido, suave, nos ensinando amar uns aos outros.

Vamos tentar amar uns aos outros, tendo uma pitada de paciência para com o nosso próximo e assim praticarmos o amor recomendado pelo Mestre.

Vamos viver o Evangelho de Jesus, para que as Suas luzes entrem por cima dos telhados e aqueça os lares do mundo inteiro.

Na atualidade de tantos tormentos, a presença do Evangelho de Jesus, com a sua divulgação e a prática dos Seus ensinamentos, é um imperativo para a nossa tranquilidade e evolução espiritual.

Jesus continua sendo a maior e a mais sublime realidade que o mundo conheceu até os nossos dias.

A Sua palavra permanece:

- Educando e Salvando,
- Confortando e Soerguendo,
- Renovando e Iluminando para toda a imortalidade.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

02 - CRISTO - ITENS 3 e 4

Ele era manso como os cordeiros, e a Sua palavra tinha a doçura de um refrigerio num dia quente.

Nada queria dos seres humanos, tudo prometia e dava à humanidade. Sua palavra enchia os corações de esperanças e suas mãos, que distribuía bênçãos, curavam leprosos e levantava os caídos. Como era bom e meigo; as multidões O seguiam rogando seus ensinamentos. Ele queria que os seres humanos se amassem entre si, que os poderosos fossem magnânimos, que os errôneos voltassem para o caminho correto, que os fracos se abstivessem de acumular mais culpas e que a humanidade, norteadada pela Caridade, transformasse a escola do mundo num paraíso. Como Ele era a própria esperança, os humildes de Espírito O seguiam, bebendo-lhe as palavras.

Num dia, depois de muito fazer e viajar, o Divino Mestre chegou com os discípulos e dois ou três homens à margem do lago Genesaré. O Rabi da Galiléia por muito tempo escutou a palestra daquele punhado de crianças grandes que conversavam em volta de Si. Por fim falou:

- Qual de vós quereis ir às estranhas terras dos gentios para levar a minha palavra de amor e perdão?

Os que estavam com Ele entreolharam-se perplexos e Jesus continuou:

- Será missão de sacrifício e sofrimento, porém sempre terá a bênção das luzes do Céu e a ajuda do Pai eterno. Enquanto estiver na Terra, seu Espírito brilhará como Estrela e depois será um dos luzeiros a distribuir bênçãos nas grandes esferas do além. Levante o braço aquele que se achar capaz.

Todos levantaram a destra num alvoroço, murmurando entre si alegremente. Todos, menos um que torcia as mãos angustiadamente.

O Rabi pousou o doce olhar sobre ele e perguntou:

- E tu não me queres servir?

- Mestre, eu não mereço. Sou um grande pecador. Meus crimes tornaram-se um pesadelo para mim depois que ouvi a Vossa palavra de esperança e de amor. Não o mereço! Não o mereço!

Jesus estendeu-lhe as mãos e num sorriso de júbilo, disse:

- Tu és o escolhido. Ai daquele que se julga limpo de mácula neste mundo sem olhar para trás no tempo. A missão que te dou te limpará dos erros, pois muito sofrerás. Vai e Deus nosso Pai te abençoará!

Quem poderá se julgar sem erro neste mundo? Será que nas outras encarnações pretéritas fomos justos e bons? Por que então continuamos a sentir o peso das tentações e fraquezas em impulsos errôneos e incontroláveis?

É melhor ser um arrependido sincero do que ter no Espírito o orgulho da própria perfeição, pois foi aos seres humanos conscientes da sua queda que disse o Senhor:

- "Vinde a mim vós que trazeis no íntimo os tormentos do mundo e Eu vos aliviarei".

Este é o nosso Jesus, que o Pai nos enviou para ensinar o caminho, a verdade e a luz.

Jesus veio nos mostrar que a imortalidade é a luz da vida; ela é o sustentáculo do Espírito, a esperança da nossa fé; a mãe do nosso amor.

Sem imortalidade não pode haver Espírito, sem Espírito não há esperança, fé, amor; e sem esperança, fé e amor, tudo desaparece de nossas vistas; família, sociedade, religião, Deus!

A palavra de Jesus é pão e luz, no Mundo espiritual e no Mundo físico. Pão que fortalece e encoraja; luz que esclarece, orienta e dá responsabilidade. O ser humano que come desse pão subjetivo, nutre-se definitivamente. Não terá mais fome.

Nosso Mestre Jesus mostrou que a vida é eterna. Que a vida eterna é o princípio básico da vida espiritual na Terra. Ele não se contentou em apenas dizer que a vida era eterna; voltou à vida eterna após a tragédia do Gólgota, para confirmar essa nova salvação. Tomé não acreditou, porque duvidava da vida eterna e quando os discípulos contaram a Tomé que Jesus lhes havia aparecido, respondeu que só acreditaria se suas mãos tocassem os sinais dos cravos e o sinal da ferida produzida pela lança. O Divino modelo não se negou a essas provas, e sim, facultou-as, para que seu

discípulo recebesse a verdadeira crença. As aparições de Jesus não se limitaram aos discípulos; apareceu a mais de quinhentas pessoas, segundo narram os Evangelhos.

Tudo se extingue neste mundo: o dinheiro se acaba, as grandezas terrenas se esvaem, mas a palavra de Jesus permanece para sempre!

Quem quiser ser feliz, mesmo nesta vida, precisa buscar a palavra de Jesus e dela não se separar. Jesus veio para salvar os Espíritos em evolução neste mundo e não para os condenar.

Ouvindo os preceitos de Jesus, imitando Seus exemplos, pedindo as luzes precisas para nos guarmos no mundo efêmero em que nos achamos, não nos faltarão graças e misericórdias para vencermos as lutas e extinguirmos as trevas da ignorância que nos oprimem.

Nós somos dotados de razão e sentimento, por isso, buscando a palavra de Jesus, busca-se a verdade, ergue-se, dignifica-se.

Devemos buscar a palavra de Jesus, permanecer na Sua palavra e ser Seu discípulo, conhecer a verdade e essa verdade nos libertará!

Vamos nos desprender da escuridão da ignorância que cerceia a nossa inteligência e nos ata a pesados compromissos. Vamos abrir a clareira do nosso entendimento pelo raciocínio, alargar os nossos sentimentos.

Jesus, na sua rápida passagem pela Terra, nos legou lições extraordinárias. Deixou fontes inesgotáveis de conhecimentos que mostram a realeza da vida espiritual eterna.

Pregou o amor e a paz.

Ensinou a perdoar as ofensas.

Mostrou a verdadeira Caridade.

Instruiu a amar os inimigos.

Esclareceu sobre a compreensão.

Tudo que Jesus nos deixou é maravilhoso!

Vamos seguir as Suas pegadas! Vamos seguir os Seus exemplos!

Meus irmãos, que seus corações estejam com o Mestre Jesus e tenham muita paz!

03 - O ESPIRITISMO - ITENS 5 a 7

Relembrando o início deste capítulo do Evangelho, em primeiro lugar falamos de Moisés e as leis necessárias àquela época.

O Mundo Divino, pelas leis de Deus, nos enviou Moisés e com ele os dez mandamentos, para o grande degrau da evolução espiritual da humanidade, o conhecimento de um Deus único, um pouco de moral a um povo rebelde, com isto preparando-os para conhecer, depois de alguns séculos, o advento de Jesus Cristo.

Jesus Cristo veio habitar, isto é; encarnar, entre nós por um determinado tempo, não modificando as profecias, não destruindo a lei, mas trazendo luz à humanidade, ensinando o amor, pregando a moral, mostrando a vida espiritual.

Jesus, encarnado, esteve pouco tempo entre nós, mas fazem mais de 2000 anos e até hoje O relembramos pelos seus ensinamentos, que são a luz da humanidade.

Jesus veio nos ensinar a amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo, e ainda acrescentou: Esta é toda a lei e os profetas.

Jesus mostrou aos seres humanos o elo que existe entre o Céu e a Terra, entre o Mundo físico e o Mundo espiritual, assim proporcionando ao ser humano o conhecimento da vida espiritual.

Nosso Pai misericordioso que nunca abandona seus filhos, para confirmar o Evangelho de Jesus e dar mais significado à missão do Mestre, legou-nos o Espiritismo.

Vimos que no Antigo Testamento temos Moisés. O Novo Testamento nos traz Jesus, e o Espiritismo é a terceira revelação.

Jesus disse: "Eu não vim destruir as leis; mas dar-lhes cumprimento". Também o Espiritismo não veio mudar as leis e nem os ensinamentos de Jesus e sim, dar mais ênfase ao ensinamento do Mestre, mostrar aos seres humanos a bondade do Pai eterno para com seus filhos, através da reencarnação, dando-lhes várias oportunidades para que um dia cheguem à perfeição espiritual.

Não foram os Espíritos que inventaram a reencarnação. O ensino da reencarnação vem de muito longe, de povos antigos e doutrinas remotas. O Espiritismo aceitou como herança; eminentes filósofos e doutrinas respeitáveis, Jesus e seus apóstolos, promovendo o seu estudo, a sua difusão, a sua explicação e interpretação dos textos bíblicos, explicação das leis, interpretação histórica.

A reencarnação é antiquíssima, conhecida e professada antes do Cristo, na época do Cristo e em nossos dias.

Vejam bem, estou falando do conhecimento da reencarnação e não do advento do Espiritismo. Muitos já acreditavam em outra vida, porém não tinham conhecimento da vida espiritual.

O Espiritismo como doutrina, conhecimento, veio depois de Jesus, ensinando as leis eternas que não devemos transgredir. Há mais de um século o Espiritismo apresenta-nos a crença num Pai; justo e bondoso, e cujas leis eternas dá a cada um conforme suas obras, aclarando a promessa de Jesus; que nenhuma ovelha se perderia, através da reencarnação.

Na reencarnação a justiça é incorruptível, é igual para todos, mostrando a ilimitada bondade do Pai.

O Espiritismo não veio revogar as leis da evolução. As suas concepções significam que a humanidade experimentou a um surto evolutivo, que possibilitou uma compreensão mais nítida dos problemas da vida, material e espiritual, sem apresentar soluções mágicas com a pretensão de derrogar as leis da Natureza.

A doutrina dos Espíritos possibilita desvendar o véu que encobre o destino dos seres humanos, mostrando que a luta incessante é o veículo do seu progresso e conseqüente redenção espiritual.

O Espiritismo é a doutrina do ESCLARECIMENTO porque é a luz do nosso caminho. É REDENÇÃO porque ampara nossa fragilidade e é RENOVAÇÃO porque nos aponta rumos certos.

O Espiritismo veio restabelecer os ensinamentos de Jesus.

O Espiritismo é a certeza da imortalidade do Espírito. Através dele sabemos que o ser humano não acaba pela desagregação do corpo, que a vida além-túmulo persiste em sua integridade. Através do Espiritismo sabemos que a criação não é limitada, ela é ilimitada e eterna em sua imen-

sidade. O Espiritismo demonstra que somos cidadãos do Universo, que vamos do simples ao composto, aos poucos nos elevamos espiritualmente e atingimos a dignidade de seres responsáveis; cada conhecimento novo que em nós se fixa nos faz entrever horizontes mais vastos e gozar de uma felicidade mais perfeita.

No Espiritismo não pensamos numa ociosidade beata e eterna, acreditamos que a suprema felicidade consiste na atividade incessante do Espírito, na ciência cada vez maior e no amor que desenvolvemos pelos nossos irmãos, à medida que avançamos no árduo caminho do progresso espiritual.

No Espiritismo sabemos da pluralidade das existências e a negação completa de um paraíso circunscrito e de um inferno qualquer.

Quando pensamos em se viver várias vezes na Terra com corpos materiais diferentes, esta ideia a princípio assusta, às vezes parece absurda; porém, quando se reflete sobre a soma de enormes conquistas intelectuais que possuem os povos civilizados, a distância que separa o ser humano selvagem do ser humano instruído, a lentidão com que se adquire um hábito e vê-se a evolução dos seres, concebemos as vidas múltiplas e sucessivas como uma necessidade absoluta que se impõe ao Espírito, tanto para adquirir conhecimentos, como para resgatar os erros que cometeu anteriormente.

O Espiritismo nos mostra que - como criatura - o mal não existe, e sim, que ele é criado por nós - nossos erros -, e é o resultado do nosso desconhecimento. Existem leis eternas que não devemos transgredir e se o fazemos, temos eternamente a faculdade de reparar, por novos esforços, as faltas e os erros que cometemos. E somente por inúmeras encarnações que devemos passar, é que chegaremos à felicidade, apanágio de todos os seres viventes.

A filosofia espírita alenta o coração; considera os infelizes e os deserdados deste mundo como irmãos a quem devemos apoiar. Através disto sabemos que é apenas uma questão de tempo a distância que separa o ser humano selvagem, embrutecido, do ser humano gênio de um país civilizado; o ser humano sem moral, do ser humano amoroso e sem egoísmo.

Vejam por exemplo; monstros como Nero e Calígula podem e devem, no futuro, elevar-se ao grau sublime de um Francisco de Assis.

O egoísmo é inteiramente destruído pela Doutrina dos Espíritos. Esta Doutrina proclama que ninguém pode ser feliz se não amar seus irmãos e se não os ajudar a progredir moral e intelectualmente.

Na lenta evolução das existências, podemos ser por diversas vezes e reciprocamente, pai, mãe, esposo, filho, irmão etc. Os efeitos diferentes destas posições diversas cimentam no coração laços poderosos de amor.

Somente pelo auxílio mutuamente prestado, é que podemos adquirir as virtudes necessárias ao nosso adiantamento espiritual.

O Espiritismo elevou a concepção da vida universal e prega a moral pura de Jesus Cristo.

O Espiritismo é progressivo, baseia-se na revelação dos Espíritos e na análise minuciosa dos fatos. Não tem dogma. Demonstra a comunicação entre os encarnados e os desencarnados e o princípio da reencarnação.

A mensagem do Espírito da Verdade, através da Codificação de Allan Kardec, está em pleno processo de implantação na Terra. Fará com que a humanidade descortine novos horizontes e cumpre a nós, espíritas, propagarmos essa mensagem, colocarmo-nos acima das críticas vulgares, para que o sol de justiça se levante sobre nós e permita aos pensadores apreciar em toda a sua grandeza a nobre Doutrina que se denomina Espiritismo.

O Espiritismo consubstancia todos os ensinamentos de Jesus Cristo e se assentou sobre esta base, com o objetivo primário de levar a humanidade a seu engrandecimento, através do aprimoramento moral, da reforma íntima e da assimilação das leis do amor, sem limitações.

O Espiritismo é renovador, seu objetivo fundamental é fazer com que os seres humanos se compenetrem de suas responsabilidades, no sentido de se reformarem através do conhecimento e da vivência dos preceitos evangélicos.

No Espiritismo temos total responsabilidade pelos nossos atos, pois sabemos que somos os únicos a responder por nós mesmos. Não é uma Doutrina fácil; nos leva ao "Céu" com muito esforço e com os pesados encargos oriundos de uma vida modelada pelos ensinamentos evangélicos,

que muitas vezes, por nossos erros, nos impõem longa caminhada através da porta estreita e do caminho escabroso.

Nós estamos tendo a oportunidade de conhecer o Espiritismo, esta Doutrina que mostra a igualdade entre todos os irmãos - somos filhos do mesmo Pai - e mostra que o caminho é o da luz para todos e que todos nós, um dia, evoluiremos à perfeição.

O Espiritismo nos mostra o Mundo divino, o reino de Deus.

Através dos ensinamentos de Jesus, do seu Evangelho, atenderemos ao planejado pelo Pai eterno.

Aqui estamos nós para aprender o Espiritismo, através do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo e que; possamos nesta encarnação, evoluirmos um pouco mais, aprendendo a amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos.

Irmãos, já demos o primeiro passo, agora vamos em frente, para o caminho da evolução espiritual com Jesus Cristo.

Que a paz de Jesus esteja com vocês, iluminando seus familiares, seus lares e que possam levar a palavra amiga aos que necessitarem.

04 - Aliança da Ciência com a Religião - item 8

A Ciência tem por objetivo o estudo dos princípios das leis materiais.

A Religião tem por objetivo o conhecimento do princípio espiritual.

Como o princípio espiritual é uma das forças da natureza, a reagir incessantemente sobre o princípio material, segue-se que o conhecimento de um não pode estar completo sem o conhecimento do outro.

Os cientistas, os gênios, são Espíritos de grande conhecimento material ou espiritual, reencarnados entre nós para trazer o progresso. A história da Ciência, da Religião, da Filosofia, assinala o trabalho de muitos gênios. São Espíritos que regressam para ajudar a humanidade. E se há revelação no campo da matéria, há também no campo espiritual. Se as revelações científicas são progressivas, as revelações morais também o são, e até mais importantes nesta fase da evolutiva espiritual.

Lembrem-se meus irmãos: nós somos Espíritos, amanhã poderemos estar levando conhecimento a outros irmãos, progresso a outros lugares. Por isso, aproveitemos para angariar conhecimentos, estudemos para podermos ampliar nossa mente no caminho da evolução espiritual.

Tudo está de acordo com a assimilação dos Espíritos encarnantes, da humanidade, com a vontade de aprender.

Em João, capítulo 16, versículos 12 e 13, Jesus, nosso Mestre, nos diz: "Tenho muitas coisas para vos dizer, mas vós não podeis suportar. Quando vir o Espírito de Verdade, Ele vos guiará a toda a verdade, porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará coisas que não de vir". Com estas palavras Jesus mostra que a verdade é dada à humanidade progressivamente. Ela vem devagarzinho para que o ser humano vá assimilando de acordo com a sua estatura espiritual, da sua boa vontade, com o seu livre arbítrio.

Hoje sabemos que o Espírito de Verdade nos trouxe o Espiritismo, a reencarnação, as leis do mundo espiritual.

Como poderia Jesus naquela época, há mais de 2000 anos, falar da reencarnação, se até hoje, com toda esta difusão, há muitos que nem sequer creem em Deus ou sabem de sua existência?

Também no campo da Ciência, o ser humano muitas vezes relegou as novas ideias. Muitos gênios da Ciência, da Arte, foram sacrificados, por não serem compreendidos.

O que é o Espírito de Verdade? O Espírito de Verdade é uma plêiade de Espíritos evoluídos que, através da Codificação realizada por Allan Kardec, nos revelaram o Espiritismo e estão sempre iluminando a humanidade. São os mensageiros das leis de Deus, ajudando no progresso do ser humano.

A Ciência, sem o Espiritismo, se acha impossibilitada de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltaria apoio e compreensão.

Quando Allan Kardec tomou conhecimento das manifestações espirituais, buscou comprovação. Em diversos pontos da Terra houve casos semelhantes, razão para não ser possível a fraude, pois o Espírito de Verdade estava comprovando a vida espiritual, a vida além túmulo, mostrando que o Espírito nunca morre, ele é imortal, isto é, nós somos eternos - graças a Deus!

O Espiritismo, tendo por objetivo o estudo do mundo espiritual, elemento constitutivo do Universo, toca forçosamente a maior parte das Ciências.

A Ciência promoveu verdadeira revolução nas ideias e nas crenças. Ela está mais acessível ao ser humano. Todos nós podemos ter um pouco de conhecimento da Ciência, para melhorar nossa vida material e ampliar a vida espiritual. Busca se aproximar da verdade e se encaminha para ela, só não caminha mais rápida, porque lhe falta o conhecimento e a aceitação do princípio espiritual.

São inúmeros os benefícios da Ciência. Ela avança em suas pesquisas e seu aperfeiçoamento é evidente. Veja a descoberta da anestesia, que benefício maravilhoso o nosso Pai eterno nos proporcionou através da Ciência.

A Ciência comete erros quando não visa o progresso do ser humano, e sim, sua destruição.

Allan Kardec, através das comunicações de vários médiuns, estudou as curas e como as mesmas se processavam e acabou encontrando a explicação dos milagres. Milagre - admirável, coisa ex-

traordinária, surpreendente -. Os fenômenos espirituais deixam de ser milagres, porque aparecem com frequência e são realizados por pessoas que estão ainda muito distante da perfeição espiritual. Os milagres fazem parte da Natureza e não é por isso que deixaram de ser maravilhosos e menos importantes.

O Espiritismo estudando as leis espirituais que regem os fenômenos psíquicos, revelou o papel importante do potencial energético de cada um, da mediunidade e dos fluidos na realização de fenômenos extraordinários. Allan Kardec nos diz que a Natureza está produzindo constantemente estupendos milagres, que nenhum ser humano, por mais sábio que seja, poderia realizá-los. O nascer e o por do Sol, a luz, a germinação de uma semente, as flores, os frutos, o instinto dos animais, o funcionamento do nosso organismo. A própria inteligência é um milagre. Ela realiza coisas incríveis. Inventava e descobre, promovendo o progresso da humanidade.

À medida que a Ciência avança, surge a compreensão da ordem para explicar o que parecia mistério. A razão humana pode decifrar os mistérios da Natureza, a filosofia pode explicá-los, baseadas em Deus; o Supremo artífice da unidade cósmica.

O mundo não é só matéria, não é só máquina. Um muro não tem só pedra ou tijolos, tem também a argamassa e a energia dos que o executaram. A máquina não tem só força propulsora, tem também o óleo que a lubrifica, se não, não funciona, estala e quebra.

O óleo da máquina da vida é o sentimento, o grande lubrificador que eleva o ser humano à presença de Deus.

A missão do Espiritismo é a de explicar de onde viemos, o que estamos fazendo na Terra e para onde vamos, enfim; porque vivemos. É Deus que determinou o desenvolvimento da Ciência, porque é Ele que revela os fatos, através da Natureza, e permite que seus emissários os descubram, quando na condição de encarnados.

A humanidade tem sido lenta no aprendizado, porém tem progredido. Nunca regride. Aos poucos vai assimilando e conforme a assimilação o progresso vai chegando.

O egoísmo, esta chaga que corrói o ser humano e que cega, não o deixa vislumbrar o benefício do progresso, a maravilha que é o conhecimento. Comparando a vida do ser humano, não precisa ser de muito tempo, vemos quanto progresso material, trazendo junto o progresso espiritual, quando pensa em seu irmão, quando lembra que devemos amar ao próximo como a nós mesmos. As leis criadas ou descobertas pelo ser humano são benefícios, para que todos tenham o mesmo direito, porém o ser humano não as cumpre devidamente. Vejamos alguns exemplos:

- A energia atômica; através dela temos o raios-X, ultrassonografia, radioterapia etc., que salva tantas vidas, alivia tantas dores. Em compensação o lado errado do ser humano criou a bomba atômica e destruiu vidas.

- O gás combustível; grande conforto da dona de casa, que amenizou seus trabalhos, útil no hospital, no hotel, onde se faz necessário. E o humano o usou em câmaras para interromper vidas.

- As vacinas; resultado de muitos estudos e pesquisas, trazendo saúde à população do mundo, eliminando doenças, e pensar que o ser humano cria vírus e bactérias para destruir seus irmãos na guerra.

- O carro; maravilhoso transporte, em que o ser humano economiza suas energias físicas, corta distâncias mais rapidamente. E o ser humano o dirige como um desvairado, ceifando vidas, e muitas vezes, interrompendo sua própria vida. Por que não respeitar as leis do trânsito? Por que não respeitar as ruas, as estradas?

- O avião; que desliza nos céus, encurtando os caminhos, unindo povos, é uma maravilha da Ciência. Também ele leva ao desencarne, a destruição, porque despeja bombas sobre comunidades inteiras.

Temos muitas coisas para falar do próprio ser humano, da ajuda que nossos irmãos espirituais nos proporcionam. Se todos os dias observarmos a quantas coisas boas nos foram dadas, a quanto progresso tivemos, agradeceremos ao Pai, e tudo fazendo para que o bom progresso continue. É só observar que a mão de Deus está em tudo.

Vamos, nós que estamos aqui para aprender, adquirir conhecimentos da ciência e da moral, respeitar tudo que nos cerca, como uma bênção de Deus.

Só o fato de estarmos aqui reunidos, buscando ampliar conhecimentos, procurando evoluir como Espíritos que somos, já é um passo para o progresso. Haverá época, em que a Ciência e a Religião caminharão de mãos dadas.

Prezados irmãos, estejamos certos que o amor do nosso Pai eterno nos acompanha. Que estes momentos nesta casa de amor nos iluminem, pois sabemos que só através do conhecimento e do esclarecimento chegaremos ao que o Pai nos destinou.

05 - ALIANÇA DA CIÊNCIA E A RELIGIÃO (2) - ITEM 8

Ninguém nos deu mais demonstração de fé e de certeza intuitiva do seu destino do que Luiz Pasteur, o grande pioneiro da microbiologia.

Pasteur foi um estudante medíocre e tendo se formado em química, dedicou-se ao magistério. Porém, espiritualmente o dominava uma grande curiosidade científica e sempre surgia no seu caminho problemas que espicaçavam sua argúcia, apaixonado por encontrar o desconhecido.

Tendo se casado cedo, Pasteur atirou-se ainda mais furiosamente ao trabalho e, esquecendo deveres e galanteios de jovem esposo, transformava as noites em dias. Ele escrevia: Encontro-me às margens de mistérios e seu véu parece-me frágil. As noites são excessivamente longas.

Quando madame Pasteur reclamava, ele respondia que estava a caminho da glória. E tinha razão; chegou a ser um ídolo internacional pelo benefício que sua descoberta trouxe à humanidade.

Foi ele o carrasco que a Natureza destinou a esses pequeninos seres, só visíveis através das poderosas lentes dos microscópios. Ele descobriu também a forma de nos defendermos desses estranhos seres, ignorados até então.

A vida de Pasteur é edificante pela tenacidade da fé no trabalho. Ele escrevia às suas irmãs: "Querer é uma grande coisa, caras irmãs, porque ação e trabalho costumam acompanhar o querer, e quase sempre o trabalho é seguido de êxito. Estas três coisas - trabalho, vontade e êxito acompanham a existência humana. A vontade abre a porta para as carreiras brilhantes e felizes, o trabalho faz penetrar por ela e, no fim da jornada, o êxito vem coroar a obra".

Muitas foram as investigações e êxitos de Pasteur no campo da microbiologia, mas o que coroou sua vida incansável foi a luta contra a raiva.

Foi no último quartel de sua vida que começou as pesquisas sobre a "hidrofobia". Havia outras moléstias mais malignas que flagelavam a humanidade, mas, aos ouvidos de Pasteur, ainda vivavam os gritos que como criança ouvira na sua aldeia; gritos dos vitimados pela terrível raiva dos cães, pois os ferimentos eram queimados por ferro em brasa.

Dedicou-se então à pesquisa da estranha moléstia, que fazia os atingidos por ela morrerem, debatendo-se em cruciantes convulsões, expelindo pela boca espuma e baba. Enquanto dois serventes abriam a boca dos cães doentes, Pasteur se curvava para as gargantas dos animais doentes e sugava-lhes a baba com um tubo de vidro, procurando ver através da lente do seu microscópio o perigoso assassino que provocava tantos sofrimentos, mas o germe da hidrofobia era pequeno demais para ser visto. Por mais que investigava, não conseguia enfocá-lo.

Pasteur não desanimava ante os obstáculos. Esquecia de comer e dormir, empolgado pelas suas pesquisas, e uma fé inabalável o sustentava, certo da vitória final.

Tudo ignorando sobre a estranha doença, ele e seus ajudantes caminhavam tateando como se fossem cegos, tentando e repetindo estapafúrdias experiências. Por fim, conseguiu uma vacina que imunizava os cães e coelhos do seu laboratório. O animal mordido por um hidrófobo e tratado convenientemente por alguns dias, não contraía mais a doença.

Que faria aquele tratamento aos seres humanos? Traria os mesmos resultados?

Era uma angustiante incógnita.

Estava Pasteur inclinado a fazer a experiência nele próprio, quando chegou ao laboratório uma senhora, levando seu filho de 9 anos, que há dois dias tinha sido mordido em catorze lugares diferentes por um cão raivoso. A criança mal podia andar, chorando aterrorizada. E a mãe implorou que salvasse seu filho.

Pasteur fez com que dois médicos examinassem as feridas infectadas do menino e só quando um deles lhe disse que se não agisse rápido, a criança morreria, é que resolveu fazer a experiência.

Dias seguidos Pasteur aplicou a série de injeções salvadoras. A vitória foi completa, e Pasteur que não dormia várias noites, conseguiu por fim descansar.

Não fora em vão sua grande fé no trabalho em benefício da humanidade.

De toda parte do mundo afluíram ao laboratório, as vítimas da hidrofobia. De Smolensk na Rússia, vieram dezenove camponeses mordidos por um lobo raivoso, cinco dos quais não podiam andar. A vacina salvou quinze camponeses. Eles voltaram à Rússia e foram recebidos com ar de estupefação, como sucede com a volta de indivíduos desenganados e que foram salvos.

Pasteur recebeu de várias partes do mundo ajuda para construção do seu laboratório, atualmente denominado Instituto Pasteur.

Quando Luiz Pasteur completou 70 anos lhe prestaram uma grande homenagem, oferecendo uma medalha, numa sessão solene em Sorbona. No seu discurso Pasteur se dirige principalmente à mocidade, e suas palavras continuam a convidar os jovens à fé; a grande força capaz de anular todos os obstáculos que se antepõem ao caminho do progresso. Foi para os moços de todos os tempos que o notável investigador científico dirigiu estas palavras:

"Não vos deixeis contaminar pelo depredante e carcomido cepticismo. Não vos deixeis desencorajar pela tristeza de certas horas que passam sobre o mundo. Vivei na paz dos laboratórios e bibliotecas. Interrogai diariamente a vós mesmos: que produzi eu para meu país? Até o momento em que tendes a imensa felicidade de pensar que contribuístes de alguma sorte para o progresso e o bem da humanidade".

Prezados irmãos, narrei parte da vida de Luiz Pasteur, tentando mostrar a importância que tem sido este tipo de pessoas na vida da humanidade.

Nós estamos em um mundo de expiação e o Mundo espiritual nos envia esses Espíritos para contribuir com a humanidade e, também eles, aprenderem a amar o próximo e evoluírem. Do momento que a Ciência se propõe a trabalhar pelo bem da humanidade o êxito é certo.

As evoluções material e espiritual devem caminhar juntas, passo a passo, guiando a humanidade. Infelizmente temos evoluído materialmente e esquecido da parte espiritual. São erros que os seres humanos cometem. Nossa geração está marcada pela evolução científica, porém esquecida da evolução espiritual.

Muitas vezes, quando o ser humano descobre ou inventa alguma coisa, a vaidade toma conta dele, e se esquece que foi Deus, o nosso Pai misericordioso, é que proporcionou esta oportunidade. Os cientistas, os gênios, são Espíritos de grande conhecimento material ou espiritual, reencarnados entre nós para trazer o progresso. Quantas coisas boas estes Espíritos nos trouxeram, tudo em benefício da humanidade que Deus nunca desampara. Nós, hoje, Espíritos encarnados, também devemos estudar, procurar aprender, porque na próxima encarnação poderemos, também, estar levando conhecimentos a outros irmãos. Nunca devemos parar. O Pai eterno que não para de criar, nos dá o exemplo de trabalho.

Hoje a Ciência está mais acessível ao ser humano. Todos nós podemos ter um pouco de conhecimento da Ciência, para melhorar nossa vida material e ampliar a vida espiritual.

Jesus Cristo deixa entrever a estrada maravilhosa da felicidade espiritual, mas diz claramente que os seres humanos ainda estavam incapacitados para aprender e seguir seus ensinamentos. Porém disse que viriam os filhos e filhas dos seres humanos que fariam grandes obras e, apondo as mãos como os apóstolos, realizariam verdadeiros milagres. Os tempos são chegados, em que Espíritos humildes trabalham na vinha do Senhor; é que há fé nos seus corações.

Jesus está nos chamando. Procuremos ouvir o seu apelo, enchendo de fé nossos corações. Voltemo-nos para os nossos semelhantes, estendendo-lhes a mão, e por certo faremos grandes coisas, pois, com um grão de mostarda de fé, seremos capazes de remover montanhas.

Não guardemos somente para nós o que aprendemos, passemos aos nossos irmãos tudo o que aprendemos, é a oportunidade que nos é dada pelo Mundo espiritual. Sigamos o exemplo dos irmãos que trabalham pelo bem da humanidade.

Haverá um dia em que a Ciência e a Religião caminharão de mãos dadas.

Obrigada Deus, por mais uma vez, eu poder falar de Vós aos meus irmãos.

Louvado Seja!

06 - A nova era - item 9

No primeiro capítulo do Evangelho Segundo o Espiritismo nós estudamos Moisés, Jesus Cristo e o Espiritismo.

São três grandes etapas no caminho evolutivo do ser humano, nos sentidos material e espiritual, sendo este último o principal.

Moisés foi enviado pelo Mundo espiritual para libertar o povo hebreu do jugo do Egito.

Já havia a profecia da vinda de Moisés, e o faraó do Egito mandou que as parteiras hebreias matassem os recém nascidos meninos, porém as parteiras não obedeceram.

Quando Moisés nasceu, sua mãe o conservou junto de si por três meses. Conforme o menino crescia não podia tê-lo mais junto de si. Colocou-o em um cesto e mandou que sua irmã o depositasse nas águas do rio Nilo. A filha do faraó, banhando-se no rio, avistou o cesto e pediu que suas servas o abrissem e, como não tinha filhos encantou-se com a criança, mesmo certificando-se que era um menino hebreu e decidiu ficar com ele, como se seu fosse. A tia de Moisés aproximou-se da filha do faraó e perguntou-lhe se desejava uma ama hebreia que cuidasse do menino. E a própria mãe de Moisés foi sua ama e cuidou dele. Quando já crescido, levou-o até a filha do faraó, que o chamou Moisés, por ter sido tirado de um "cesto" das águas.

Moisés completou sua educação no palácio, recebendo ensinamentos que somente ali poderia ter. Esta educação que Moisés recebeu o ajudou muito para conduzir o povo hebreu.

O povo hebreu era moralmente semisselvagem. Moisés criou as leis mosaicas, leis humanas, duras, para que o povo as aprendesse e respeitasse. Junto das leis mosaicas vêm os dez mandamentos, que são leis Divinas, para iluminar o caminho da humanidade.

O povo hebreu não estava preparado para receber somente leis espirituais, eles tinham necessidade de adorar a Deus através de rituais materiais, tais como; sacrifícios ou holocaustos. A moral do povo hebreu estava muito atrasada, não poderia aceitar um Deus todo espiritual. Precisava de uma representação material.

As leis mosaicas foram transitórias, serviram apenas para uma época. Foram legisladas com o objetivo de disciplinar uma multidão embrutecida, que havia sido libertada da escravidão no Egito, e transformá-la numa nação - Israel.

Moisés sabia que suas leis deviam ter uma duração relativa, deviam sofrer alterações com o decorrer do tempo.

Os mandamentos recebidos por Moisés, no Monte Sinai, são um conjunto de leis eternas, porque são Divinas.

O povo que acreditou nas leis de Moisés e nos dez mandamentos, as segue por séculos e séculos, até depois do advento de Jesus.

Também havia a profecia da vinda de Jesus, tanto que o rei Herodes mandou que decapitassem todas as crianças masculinas abaixo de 2 anos, conforme o tempo no qual, que com precisão lhe informaram os magos, deveria nascer o messias.

João Batista dizia: após mim, vem aquele que é mais poderoso do que eu, do qual não sou digno de "curvando-me" desatar-lhe as correias da sandália.

E Jesus encarnou na Terra, entre e como os seres humanos. Nos trazendo a mais pura moral; ensinando a amar a Deus sobre todas as coisas.

O povo hebreu esperava um messias que viria libertá-los de qualquer jugo e os faria senhores do mundo. Por isso a maioria do povo hebreu não reconheceu Jesus como o messias prometido. Ele encontrou resistência ao trazer a sua mensagem com o objetivo de revolucionar o mundo. Na realidade, não podiam aceitar a revelação cristã, porque ela vinha deitar por terra todo um sistema fundamentado sobre a mentira e a hipocrisia, de objetivos puramente materiais.

Quando Jesus Cristo veio à Terra, o povo hebreu aplicava a lei de Moisés; ainda se apedrejavam mulheres adúlteras, sacrificavam-se animais e eram impregnados de superstições e fanatismos.

As leis mosaicas eram cumpridas rigorosamente, porém com desvios, de acordo com as várias interpretações das seitas ou grupos de interesse.

Jesus Cristo esteve na Terra durante 33 anos, porém, sua missão pública foi desenvolvida em apenas 3 anos.

Jesus Cristo não veio modificar as leis, mas sim cumpri-las. Com o "Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus", Ele separa as leis materiais das espirituais. Das leis espirituais a principal é; amar a Deus sobre todas as coisas. Jesus enalteceu sempre a paternidade de Deus e demonstrou sua submissão em relação ao Pai. Mostrou o quanto o Pai nos ama; predeterminando a sua vinda para nos ensinar o caminho da evolução espiritual. Jesus nos convida fraternalmente a amar ao próximo como a nós mesmos. Mostrou que a prática do perdão é sublime. A presença do Cristo na Terra colocou em efervescência as forças espirituais.

Jesus, com o seu amor, veio nos mostrar o caminho que conduz ao reino do Pai. Ensinou que o mais puro amor nada tem de material. Mostrou que todos nós somos irmãos e que caminharemos juntos o caminho da evolução.

O Evangelho de Jesus nos ensina a prudência, que é um atributo relevante em nossa vida. Devemos usar a prudência do melhor modo possível, pois, sem ela, dificilmente poderemos resolver os problemas agudos que fustigam ao Espírito e que atrapalham nosso aprendizado encarnatório. Se formos prudentes não alimentaremos ódio ou inveja, orgulho ou ciúme contra nossos irmãos e, assim, não nos sujaremos espiritualmente no lodaçal dos vícios. Agindo de modo prudente, nunca perderemos os frutos que devem advir de uma vida pautada nas normas sadias prescritas pelo Evangelho de Jesus.

O Evangelho de Jesus, manancial de vida eterna, contribuirá de modo decisivo para impulsionar os Espíritos no caminho evolutivo indicado pelo meigo Rabi.

Com mais tranquilidade é recebida a mensagem do Espiritismo. O Espiritismo representa o advento do Consolador prometido e, como tal, o seu papel é de restabelecer na Terra as primícias da verdade. Evidentemente, quando ele se consolidar definitivamente no seio dos povos, ruirão por terra todos os sistemas e métodos alicerçados sobre a mentira. Tudo aquilo que não for representativo da verdade espiritual, será removido dos seus pedestais.

O Espiritismo vem na hora propícia, quando os tempos são chegados, fazer com que a luz da verdade possa iluminar os horizontes do mundo, onde, até agora, somente tem prevalecido a mentira, o mistério e o egoísmo, o orgulho e a vaidade, o fanatismo e a hipocrisia, a intolerância e o ódio.

O Cristo, através das vozes que emanam dos Espíritos, poderá responder a todos os seres humanos com a verdade.

Que a luz do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo ilumine nossos caminhos!

07 - Instruções dos Espíritos - Fénelon - item 10.

Na leitura do Evangelho, ouvimos que Deus, na sua infinita misericórdia, na sua caridade inesgotável, nos destinou o envio de Jesus, para ensinar o caminho da verdade e do amor.

Jesus esteve entre nós, mostrou a lei do amor, falou do Pai que está no Céu espiritual, deu exemplos de bondade e a todo tempo mostrava aos irmãos, nós, que, querendo poderíamos nos modificar, com o conhecimento do amor. Porém foi morto na cruz e retornou dando prova da vida além túmulo. Poucos foram os que O entenderam e ainda são poucos os que O entendem. Os seres humanos tiveram o clarão do Evangelho por Jesus, mas não aproveitaram e novamente se perderam, com uma grande maioria ainda perdidos.

O Mundo espiritual, por predeterminação de Deus nos envia mais uma mensagem; que é o Espiritismo, baseado no Evangelho de Jesus Cristo, iluminando o ser humano e o ensinando, mais ainda, a se despojar da matéria com facilidade, compreendendo melhor a vida espiritual.

O Espiritismo cristão, revivência do Cristianismo, veio dizer a humanidade que Nosso Senhor Jesus Cristo vive, sejamos confiantes no futuro, orando, estudando e trabalhando fraternalmente.

O Mestre Jesus está no leme! Quanto mais fortes forem as ondas, quanto mais forte o desequilíbrio, um clamor sublime de trombetas convocará o grande exército de luz para o triunfal e definitivo combate contra o erro e o predomínio material.

O ser humano está numa procura incessante da paz interior. Como vemos, a revolução que se prepara é moral. Essa luta é a maior de todas, é aquela que não precisamos sair fora de nós mesmos, é a guerra interna do corpo a corpo, de pensamento a pensamento, de vontade a vontade. É de dever moral que façamos um exame profundo na nossa conduta, pesquisa essa que vai nos trazer muita felicidade, muita paz. No entanto; a princípio vai parecer difícil.

Se Jesus está no leme, porque temeremos as tempestades? Se tivermos fé e paciência, trabalharemos com afinco na seara fraterna, ajudando e aprendendo, conseguiremos passar por todas as tempestades, pois sabemos que a bonança virá e estaremos junto ao Mestre Jesus.

As leis de Deus são retas e justas; ninguém engana a verdade. Deus está presente em toda parte, com a dignidade que nos faz compreender o Seu amor. É da competência de cada um fazer a sua parte na educação individual e crescer com Jesus em busca do reino de Deus.

O Espiritismo cristão nos faz nos sentirmos importantes, pois através dele sabemos que o Pai eterno, que predeterminou o envio de um filho amado e de luz, aos seres humanos, a todo o tempo nos dá oportunidades para alcançarmos a perfeição. Como é gratificante compreendermos que somos amados e que, depende apenas de nós o nosso crescimento, para estarmos juntos de Jesus e do Pai celestial.

Estamos vivendo uma revolução moral. Os Espíritos, mensageiros do Mundo espiritual, sopram a fé no coração e na mente, para que todos nós, obreiros esclarecidos e ardorosos, façamos ouvir a nossa voz humilde.

Por mais insignificantes que nos consideremos, somos quais grãos de areia, sem os quais não existiriam as montanhas.

A cada um a sua missão; a cada um o seu trabalho. Nós podemos melhorar a nossa missão, buscando o conhecimento do Evangelho de Jesus, procurando nos guiar através de seus passos.

O que estamos fazendo esta noite nesta casa cristã? Estamos procurando aprender, estamos tentando evoluir e nossa mente vai se abrindo conforme vamos entendendo as mensagens do Mestre Jesus. A cada um de nós um nível de conhecimento. O importante é procurar Jesus dentro de nós.

A cada um o seu trabalho. Temos grandes trabalhos a realizar na missão que escolhemos. Depende de nós. Quando ansiamos pelo progresso espiritual, estaremos trabalhando todo o tempo em busca da paz e do amor que Jesus nos ensinou. Não importa os tropeços do caminho, pois sabemos que, em todos os instantes estamos sendo protegidos por nossos irmãos espirituais; basta que tenhamos fé.

Se realizarmos nossas tarefas, por menores que sejam, o novo mundo se realizará no nosso coração.

Jesus Cristo é operante, Ele não cessa de trabalhar pelo bem da humanidade. Nós também devemos ser operantes na nossa missão, tornando-a menos árdua, com a compreensão do Evangelho de Jesus.

Hoje, com o Espiritismo cristão nos mostrando a bondade do Pai, em nos dar tantas oportunidades, podemos evoluir, sabendo que somos todos irmãos e que, um dia todos nós chegaremos à morada do Pai Eterno.

Nós devemos ser apóstolos da paz universal e não da guerra. Devemos aceitar que a lei dos mundos é o progresso e mesmo sabendo que multiplicamos enganos em vidas anteriores, vamos decididamente contribuir na sementeira do Espiritismo cristão.

Trabalhemos para vencermos a nós mesmos. Vamos subir os degraus da evolução, paulatinamente, e um dia chegaremos ao grau superior. Não nos afoguemos em nossos impulsos menos sadios. A cada vitória que alcançamos sobre nós mesmos, solidificamos a nossa vontade de aprimoramento.

Vamos vencendo, quando começamos a enxergar o nosso próximo como filho do mesmo Pai; que protege, que envia o Sol e o conhecimento a todos, sem distinção. Pode o nosso irmão cometer os maiores erros, ele também terá a oportunidade de evoluir através do conhecimento, pois o Pai que está no Céu espiritual, não deixará que nenhum de seus filhos se perca.

Apaguemos do nosso coração a nódoa do egoísmo e do orgulho. A simplicidade e a humildade deverão ser instaladas em nosso mundo íntimo e, pouco a pouco, nos sentiremos renovados, capazes de atingir a purificação espiritual.

Não desanimemos com as nossas falhas e fraquezas. Estamos sempre avançando em direção da vida maior, e, despojando de nossas imperfeições, vencendo uma a uma as nossas fraquezas, no curso de múltiplas existências, nos predispomos a seguir sempre para a pureza e perfeição, sem vacilações.

Só o fato de estarmos aqui, falando do Evangelho de Jesus, já estamos nos predispondo aos conhecimentos, ao desejo de evoluir.

Vamos ser persistentes no aprendizado e agradecer a Deus a oportunidade que estamos tendo, nesta encarnação, de adquirirmos o conhecimento da grandeza do amor do Pai celestial para com seus filhos.

Nós estamos convocados a reformar a nós mesmos. Estamos ajustando-nos ao programa regenerador do Cristo, porque sem a reforma íntima, para nos tornarmos generosos e caridosos, estaremos atrasando a nossa jornada através da evolução. Façamo-nos humildes, renovando-nos por dentro.

Lembrem-se meus irmãos, os Espíritos evoluídos já foram como nós, é um grande alento sabermos que, por mais demorada que seja a evolução, um dia chegaremos à perfeição; graças a Deus! Conforme vamos caminhando na evolução, o nosso desejo vai se tornando maior de chegar ao ponto culminante do progresso espiritual.

Somente através do Espiritismo cristão podemos compreender as mensagens da evolução, nos dando ânimo e fé.

O Espiritismo é o Consolador prometido por Jesus!

Não titubeemos, abramos generosamente o nosso coração para acolher as sementes do amor de Jesus, abraçando no Espiritismo a flama da esperança que nos ilumina nos caminhos da evolução maior.

Tenhamos ânimo e fé, pois jamais estamos desprotegidos.

Levemos para casa a semente do Evangelho, plantemos em nossos corações e que frutifique, para que possamos distribuir sementes a novos corações, ansiosos pelo conhecimento do Mestre.

Obrigada Irmãos!

08 - Instruções dos Espíritos - Erasto - item 11

A leitura foi da última parte do capítulo I, do Evangelho Segundo o Espiritismo - “Eu não vim destruir a lei” -, enviada pelo Espírito Erasto, nos fala sobre Agostinho, Espírito evoluído na inteligência e um dos grandes divulgadores do Espiritismo.

Agostinho muito fez pelo Cristianismo e, mesmo depois de desencarnado, nos tem enviado mensagens, para aumentar o nosso conhecimento e ajudar na nossa evolução.

Sua vida terrena foi muito conturbada, até o seu encontro com a verdade da vida; que é Jesus Cristo.

Era de origem humilde, filho de mãe cristã e pai pagão. Sua mãe, sempre devota de Deus, procurou desde cedo ensinar ao filho que existia Deus e que a Ele, acima de tudo, devemos obediência e respeito.

No ambiente pagão e cristão, Agostinho pendia para o lado que lhe convinha, dependendo da situação.

Muito cedo se mostrou tentado à vida fácil, sem nenhum compromisso, numa vontade louca de fazer tudo o que lhe aprouvesse, sem ouvir a ninguém, sem nenhuma responsabilidade.

Certa época, mais ou menos aos 15 anos, seus pais o enviaram para estudar em outra cidade, e Agostinho os surpreendeu, tornou-se um esforçado estudante, mostrando sua inteligência, mas voltou-se para os valores pagãos.

Tudo quanto Agostinho fazia, nos seus anos juvenis, parecia levá-lo para longe do seu destino final. Diplomou-se em retórica e foi dominado pela cobiça da riqueza e do dinheiro. Muito inteligente, conseguiu empolgar a todos com seus discursos, sua loquacidade, fazendo colocações verbais, de acordo a agradar a quem ele pudesse tirar vantagem.

Agostinho estava sempre a procura de alguma coisa. Era inquieto, não se satisfazendo com o que conseguia. Nesta busca, entrou para a seita dos Maniqueus, onde o seu fundador Manes, dizia-se a encarnação perfeita do Espírito Santo e que o mal era causado pelo deus das trevas. Para Agostinho estava ótimo, o Maniqueísmo o isentava das responsabilidades de suas fraquezas.

Porém sua mãe, Mônica, nunca deixou de orar por seu filho, de pedir a Deus que o protegesse e iluminasse.

Um acontecimento que abalou Agostinho foi o desencarne de seu melhor amigo. Sentiu-se incapaz e percebeu a verdade de que; uma pessoa que a gente ama pode morrer. Pela primeira vez experimentou o sofrimento. A violência da dor fez-lhe perceber que há, no humano, alguma coisa que a simples razão não pode assimilar. Então disse: Tornei-me um enigma para mim mesmo. Tentou buscar consolo no maniqueísmo e não encontrou. Chegou a abandonar a ideia de descobrir um apoio espiritual.

Quando maniqueísta, achou que o mal que fazia não era de sua responsabilidade, e sim do deus das trevas. Deixando a seita, percebeu que era o responsável por tudo o que fazia. Era o primeiro passo. No despertar de sua consciência, percebeu que a origem do bem e do mal, ou do certo e do errado, está em nós mesmos. Mesmo assim ainda continuava ligado ao dinheiro e a sensualidade.

Foi para Roma na esperança de enriquecer, pois era um vendedor de palavras e sabia manipulá-las muito bem. Em Roma ainda foi ajudado por alguns amigos maniqueístas.

Seguindo para Milão, conheceu Ambrósio, um bispo cristão. Encontrou com Ambrósio sua personalidade, seu conhecimento. No início achou que, se aproximando dele, tiraria proveito, por ter ele um ideal digno e ser a autoridade mais importante de Milão. Não o procurou como Mestre da verdade, pois ainda não procurava a verdade. Todo domingo Ambrósio fazia um sermão na basílica e Agostinho ia ouvi-lo, e cada vez mais se impressionava com Ambrósio.

Agostinho, o mercador de palavras, o caçador de fortunas, era possuído do mais profundo poder de introspecção. Ele sabia da liberdade de escolha entre o bem; o certo, e o mal; o errado, e tinha uma luta espiritual desesperada.

Os amigos de Agostinho desempenharam papel decisivo no seu desenvolvimento. A perda do amigo querido lhe causara o ponto de partida, para a análise do seu eu e para a observação dos fenômenos psíquicos da própria consciência. Na troca de ideias com seus amigos, veio a reconhecer que o problema da origem do mal, ou do erro, que tanto o preocupava, era um problema da humanidade em geral, o maior problema de todos os tempos.

Mônica, mãe de Agostinho, afligindo-se por tudo que o filho fazia, sabendo de suas fraquezas, procurou um bispo que lhe ouviu os lamentos e consolou-a dizendo: "Volte para casa e Deus a abençoe, pois não é possível que o filho de tais prantos, venha a perecer". Ela tomou estas palavras como uma profecia. E Agostinho converteu-se ao Cristianismo, muitos anos depois de sua mãe ouvir o bispo. Então a profecia se cumpria.

O pouco que estou falando de Agostinho, foi escrito por ele mesmo em seu livro Confissões.

A angústia que sentia Agostinho na procura do seu eu, acontece com todos que estão a procura da verdade e da fé, de um caminho seguro a seguir. Alguns conseguem, mais rapidamente, encontrar a verdade e crer na imortalidade do Espírito, enquanto outros se obstinam no erro, não conseguindo analisar o seu eu, e vão tropeçando pelo caminho mais difícil, até um dia encontram a verdade em Jesus Cristo.

A luta entre o Espírito e a matéria é árdua, é longínqua. Até Jesus, quando se aproximava o momento do calvário, indo com os apóstolos ao Monte das Oliveiras, orou e disse: Pai se queres, passa de mim este cálice; contudo não se faça a minha vontade, e sim, a Tua.

Agostinho lutava incessantemente, de um lado deixando-se levar pela moral baixa, e por outro lado sabendo que estava errado. Por isso seus constantes tormentos. Foi lhe dada a oportunidade, encarnando-se. Inteligente, porém não conseguia caminhar na retidão, pois espiritualmente pendia para o erro e para a perdição.

Sua mãe Mônica, que todo o tempo sofria com a insensatez do filho, não perdeu a fé e foi seu anjo, acreditando no Cristo, sabendo que nenhuma ovelha se perde, viu seu filho crer em Jesus e abraçar o Cristianismo.

Nós, como Espíritos, evoluímos no caminho da moral e do conhecimento. Podemos observar as pessoas que nos rodeiam e a nós mesmos, que existem encarnados de boa moral e bom conhecimento; de boa moral e pouco conhecimento; de pouca moral e bom conhecimento e os de pouca moral e pouco conhecimento.

O ideal seria evoluirmos na moral e no conhecimento juntos, porque através da boa vontade sentimos o desejo do conhecimento, também o conhecimento pode nos levar a uma boa moral. Estes atributos de moral e conhecimento são do Espírito, por isso, quando desencarnados, continuamos com eles.

No caso de Agostinho, podemos identificar um Espírito de pouca moral e muito conhecimento. A sua missão veio nos mostrar que, através do conhecimento elevou-se moralmente. Tendo a moral e o conhecimento; juntos, pode viver o Cristianismo, pode nos legar escritos maravilhosos e mesmo depois de desencarnado, continua nos enviando mensagens de seu grande conhecimento do Cristianismo.

A luta do Espírito e da matéria vem de tempos imemoriais. Se observarmos a história, nos convencemos das transformações que o mundo vem passando, sempre acionado pelas potestades superiores. Justamente quando o jugo se torna mais pesado, quando o caráter deprime, quando a matéria invade a família e a sociedade, é que o Mundo espiritual mais atua, nos ajudando no progresso, no tempo perdido em holocaustos vãos, que só serviram para assinalar o nosso atraso espiritual. O Mundo espiritual do qual falo é o dos Espíritos já esclarecidos que nos ajudam, com a graça de Deus.

Quando a humanidade descambava para o fanatismo, a superstição e o materialismo, o Mundo espiritual se fez ouvir, e nos foi enviado o seu mais legítimo representante. Foi nesta época, que reencarnou entre nós, o grande Espírito que conhecemos por Jesus Cristo.

O ser humano, através dos tempos, tem sido seu próprio inimigo, pois renega demais a verdade e suscita dúvidas. A todos os jatos de luz, opõe uma sombra para obscurecê-la. Uma doutrina, por mais clara e pura que seja, no momento em que é concedida ao ser humano, aparecem os que a trucidam, interesseiros e interessados em manter a ignorância.

A doutrina de Jesus, com sua nitidez incomparável, de lógica e clareza sem igual, também foi incompreendida por muitos que; só atiraram pedras, dificultaram a caminhada dos apóstolos de Jesus e fez tantos mártires.

Jesus resumiu sua doutrina no amor a Deus e ao próximo, no merecimento pelo trabalho, pela abnegação, pelas virtudes. Dessa simplicidade houve tanta discórdia, numa luta tremenda de desamor e de ódio, de orgulho e de egoísmo.

Porém o ser humano continua a sua procura, e aos poucos vai elucidando-se, compreendendo a doutrina imaculada do filho de Maria.

Aqui estamos nós, tentando nos elucidar, para que a compreensão da doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo, que é toda de luz, nos domine, estabelecendo em nossos corações o amor a Deus e prevalecendo a fraternidade; único meio de resolver as questões sociais e estabelecer a paz no mundo.

Que Jesus esteja com todos nós!

09 - Mensagem Natalina

Naqueles tempos foi publicado um decreto de César Augusto, convocando toda a população do império para ser recenseada.

Todos deviam alistar-se em sua própria cidade. Sendo José, da casa de Davi, devia alistar-se, com Maria sua esposa, na cidade de Belém.

Estando eles ali, aconteceu completarem-se os dias e ela deu a luz a seu filho primogênito, deitou-o numa manjedoura da estrebaria, porque não haviam conseguido vaga nas hospedarias.

Naquela região havia pastores que tomavam conta dos seus rebanhos. Um Espírito iluminado apareceu onde eles estavam e a glória de Deus brilhou ao redor deles. O Espírito lhes disse: Não temais, eis que vos trago a boa nova, hoje nasceu na cidade de Davi, o Cordeiro de Deus, que é o Cristo, o Senhor. E isto vos servirá de sinal: encontrarás uma criança envolta em faixas e deitada na manjedoura.

Subitamente apareceu com o Espírito uma multidão de Espíritos também iluminados, louvando a Deus e dizendo: "Glória a Deus no Universo infundo e paz na Terra entre os seres humanos, a quem Ele quer bem". Os pastores foram apressadamente e encontraram Maria, José e a criança na manjedoura. Vendo-O, divulgaram o que o Espírito lhes havia dito a respeito deste menino.

Todos os ouviram, se admiraram das cousas referidas pelos pastores. Maria, porém, guardava todas estas palavras, meditando-as no coração. Voltaram então os pastores glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto, como lhes fora anunciado.

Meus irmãos, nós estamos nesta casa cristã, nesta semana em que se realiza a festa máxima da cristandade; que é o nascimento de Jesus Cristo.

O Natal é o aniversário de Jesus. Todos nós gostamos de comemorar o nosso aniversário, o aniversário de nossos filhos, pais e amigos. Nosso Pai eterno também gosta que comemoremos o aniversário de Jesus.

E como comemorar o aniversário de Jesus? É muito simples comemorar o aniversário de Jesus. Podemos meditar na grandeza do amor do Altíssimo, quando nos enviou um Seu filho perfeito, nosso irmão Jesus Cristo, para nos dar conhecimento do amor, conhecimento de que também chegaremos à perfeição.

No Natal podemos lembrar da passagem de Jesus pela Terra, das maravilhas que nos deixou, do Seu Evangelho que perdura entre os povos, de coração aberto, dando oportunidade a todos que desejam conhecê-Lo.

No Natal podemos orar pelos nossos irmãos, pedindo paz. Podemos orar por nós mesmos, para que, a cada dia nos tornemos mais pacíficos e saibamos sermos humildes, pelo menos perante o Pai, nos despojando do orgulho e da vaidade.

Na noite de Natal oremos pelo nosso mundo, pelos nossos governantes, pelos aflitos, por todos aqueles que estão trabalhando em benefício de alguém e não podendo estar junto de seus familiares.

Não há erro nenhum em se comemorar o Natal, desde que seja em paz. Podemos reunir nossos amigos, parentes, e em nome de Jesus comemorar O seu nascimento. O nascimento que trouxe luz ao mundo.

Na noite de Natal, devemos orar e agradecer o ano que está findando, a oportunidade que tivemos, como encarnados, de cumprir mais uma etapa desta nossa jornada evolutiva.

Procuremos não nos embebedarmos, porque devemos respeitar o Natal, é o aniversário de Jesus! Comemoremos com louvores. Jesus se alegra com a felicidade de seus irmãos. O Pai se alegra com a felicidade de seus filhos. Então, façamos desta noite, uma noite de paz.

Se todo mundo na noite de Natal orasse, com certeza teríamos um mundo mais fraternal.

Fazemos vários preparativos para o Natal. Também o Mundo espiritual trabalha incessantemente; ajuda doentes, muitas crianças nascem, e junto dos irmãos que aqui estão, procura dar a eles um Natal mais feliz.

Os festejos de Natal já nos deixam emocionados. Vamos aproveitar essa sensibilidade e orar, pedir ao Pai que aprendamos a colocar a paz em nossos corações.

Tenhamos um Natal produtivo, para que no ano vindouro não nos desanimemos da continuação de nossas tarefas.

O Natal é o início da nova era. Então nos rejubilemos com ele, pois é a data em que nasceu o Cristo, o Cordeiro de Deus, o Iniciador da mais pura moral. A moral que veio nos transformar, iluminar nossas vidas, porque Jesus é o caminho, é a vida.

Nos alegremos na noite de Natal, e cantemos glória a Deus do Universo, pelo amor que dele recebemos, enviando um Seu filho para renovar o mundo e aproximar os seres humanos.

A cada dia que o nosso conhecimento aumenta, das razões da vinda do Salvador, que é Jesus Cristo, o Senhor, nossa responsabilidade se torna maior perante nós mesmos e nossos irmãos.

Nesta casa cristã não poderíamos deixar de lembrar do Natal, orar para que possamos continuar o trabalho, com a ajuda do Mundo espiritual, aos irmãos e junto com Jesus procurar a integração com Deus.

Nós, que estamos tomando conhecimento do que é o Natal, devemos transmitir esses conhecimentos às nossas crianças, para que eles saibam a importância do Natal, que Jesus é o prometido presente enviado por Deus ao mundo.

Na noite de Natal vamos nos reconciliar com nossos irmãos e com nós mesmos. Vamos esquecer os agravos, reconhecer nossas fraquezas, praticar a humildade, amar os nossos adversários, converter as dores em bênçãos, aceitar com paciência as nossas provações, servir ao nosso próximo, desprender das posses materiais, orar pelos que não consideramos amigos e os adversários, apagar os pensamentos errados. Vamos procurar acender nossa fé, porque Jesus, nosso Mestre, nunca nos abandona.

Meus irmãos vamos nos sentir mais neste Natal, na certeza de que Deus está conosco e que, somos responsáveis pela presença ou ausência de Jesus nas ações que realizamos e nos pensamentos que alojamos em nossa mente.

Vamos desfrutar a data com real aproveitamento, lembrando que o Mestre se fez criança, para dar a humanidade a vivência do amor.

Queridos irmãos, vamos fazer do nosso coração uma manjedoura e receber Jesus.

Vamos nos sentir Papai Noel e distribuir sacolas de perdão aos que nos ofenderam. Pacotes de amor àqueles que tem ódio no coração. Laços de sorrisos aos que estão tristes. Caixas de fé aos que em nada acreditam. Rolos de humildade aos arrogantes. Ramalhetes de esperanças aos desesperançados. Frascos de ternura ao nosso próximo. Pétalas de alegria aos que tem rancor. Cestas de bondade aos irmãos mais fracos. Quilos de compreensão aos incompreendidos. Garrafas de misericórdia aos aflitos. Balões de paz aos desesperados. Vejam quantos presentes podemos ofertar, não só na noite de Natal! Presentes que só dependem de nós. Assim poderemos ser Papai Noel o ano inteiro.

Em tudo isso, eu espero que Jesus me brinde com uma caixa de presentes, cheia de humildade, semelhante a dele, e que eu possa realmente fazer desse Natal de Jesus o meu renascimento para a vida eterna.

A vocês meus irmãos, com a manjedoura no coração, aqueçam o amor por Jesus durante todo o ano!

CAPÍTULO II

MEU REINO NÃO É DESTE MUNDO

A Vida Futura - A Realeza de Jesus, o Cristo - O Ponto de Vista - Instruções dos Espíritos: Uma Realeza Terrena.

1. “Tornou, pois, a entrar Pilatos no tribunal, e chamou a Jesus, o Cristo, e disse-lhe: Tu és o Rei dos Judeus? Respondeu-lhe Jesus, o Cristo: O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, é certo que os meus ministros haviam de dialogar para que eu não fosse entregue aos judeus. Mas por agora o meu reino não é daqui. Disse-lhe então Pilatos: Logo, tu és rei? Respondeu Jesus, o Cristo: Tu o dizes, que eu sou rei. Eu não nasci nem vim a este mundo senão para dar testemunho da verdade, todo aquele que é da verdade ouve a minha voz”. (*João, cap. XVIII, 33 - 37*).

(Em qual passagem dos Evangelhos Jesus, o Cristo, critica o judaísmo ou o paganismo? E em qual critica os Judeus e os Romanos? Ele sabia que a humanidade daquela época estava naquele estágio elevatório, e que Seus ensinamentos seriam para gerações posteriores, isto é, para nós! Será que estamos ouvindo, entendendo e praticando algum dos Seus ensinamentos?)

A VIDA FUTURA

2. Por essas palavras, Jesus, o Cristo, se refere claramente à vida espiritual futura, que ele apresenta, em todas as circunstâncias, como o destino final de toda a humanidade, e como devendo ser o objeto das principais atenções do humano na Terra. Todos os seus ensinamentos se referem a esse grande princípio. Sem a vida espiritual futura, com efeito, a maior parte dos seus preceitos de moral não teriam nenhuma razão de ser. É por isso que os que não creem na vida espiritual futura, pensando que ele apenas falava na vida material presente, não compreendem os seus preceitos morais ou os acham infantis. Esse preceito, a vida futura, pode ser considerado, portanto, como o ponto central do ensinamento de Jesus, o Cristo. Eis porque está colocado entre os primeiros, no início deste livro, pois deve ser a meta de todos os humanos. Só ele pode justificar as desigualdades da vida material terrestre e harmonizar-se com a justiça de Deus.

(Esse preceito, a vida futura, pode ser considerado, portanto, como o ponto central do ensinamento de Jesus, o Cristo.)

Para os estudantes do Espiritismo é fácil o entendimento da vida futura, pois ela e a reencarnação se auto-entrelaçam. Aprimora-se moralmente nesta encarnação com vistas a melhores encarnações futuras, portanto... Vida futura!

3. Os judeus tinham ideias muito imprecisas sobre a vida espiritual futura. Acreditavam nos "Anjos", que consideravam como os seres privilegiados da criação, mas não sabiam que os humanos, um dia, pudessem tornar-se "Anjos" e participar da felicidade divina. Segundo pensavam, a obediência das leis divinas era recompensada pelos bens terrenos, pela supremacia de sua nação no mundo, pelas vitórias que obteriam sobre os adversários. As calamidades públicas e as derrotas eram os castigos pela desobediência. Moisés o confirmou, ao dizer essas coisas, ainda mais fortemente, a um povo inculto, de pastores, que precisava ser tocado antes de tudo pelos interesses deste mundo. Mais tarde, Jesus, o Cristo, veio nos revelar que existe outro mundo, o espiritual, onde a justiça da Lei de Deus, também e verdadeiramente, se realiza. É esse mundo espiritual que ele promete aos que observam a Lei de Deus. É nele que os Espíritos são justificados. Esse mundo espiritual é o seu reino, no qual se encontra em toda a sua plenitude, e para no qual se estará ao desencarnar na Terra.

Jesus, o Cristo, entretanto, conformando o seu ensino ao estado evolutivo dos humanos da época,

evitou lhes dar o esclarecimento completo, que os deslumbraria em vez de iluminar, porque eles não o teriam compreendido. Ele se limitou a colocar, de certo modo, a vida espiritual futura como uma esperança. Uma lei divina, à qual ninguém pode escapar. Todo cristão, portanto, crê forçosamente na vida espiritual futura, mas a ideia que muitos fazem dela é vaga, incompleta, e por isso mesmo falsa em muitos pontos. Para grande numero, é apenas uma crença, sem nenhuma certeza decisiva, e daí as dúvidas, e até mesmo a incredulidade.

O Espiritismo veio completar, nesse ponto, como em muitos outros, o ensinamento de Jesus, o Cristo, quando os humanos se mostraram maduros para receber mais verdades. Com o Espiritismo, a vida espiritual futura não é mais simples artigo de fé, ou simples hipótese. É uma realidade concreta, provada pelos fatos. Porque são as testemunhas oculares que a vêm descrever em todas as suas fases e peripécias, de tal maneira, que não somente a dúvida já não é mais admissível, como a cultura mais simples pode fazer uma ideia dos seus mais variados aspectos, da mesma forma que imaginaria um país do qual se lê uma descrição detalhada. Ora, esta descrição da vida espiritual futura é de tal maneira detalhada, são tão racionais e naturais as condições da existência feliz ou infeliz dos que nela se encontram, que não se pode discordar, que não podia ser de outra maneira, e que ela bem representa a verdadeira justiça de Deus.

(É esse mundo espiritual que ele promete aos que observam a Lei de Deus. É nele que os Espíritos são justificados. No mundo espiritual não há nenhuma possibilidade de mentirmos ou ‘escondermos’ dos outros a verdade a nosso respeito, portanto devemos nos preparar, elevando-nos moralmente, para quando lá chegarmos não tenhamos que nos esconder, com vergonha da nossa situação moral... Nós temos que construir a nova era, ela não cairá no nosso colo! Será obra nossa, ou repetiremos esta era... Até aprender!)

A REALEZA DE JESUS, O CRISTO

4. O reino de Jesus, o Cristo, não é deste mundo. Isso todos compreendem. Mas na Terra ele não terá também uma realeza? O título de rei nem sempre exige a presença no exercício do poder temporal. Ele é dado, naturalmente, aos que, por seu saber, se colocam em primeiro lugar em alguma atividade, destacando-se no seu tempo e influenciando sobre o progresso da humanidade. É nesse sentido que se diz: o rei ou o príncipe dos filósofos, dos artistas, dos poetas, dos escritores etc. Essa realeza, que nasce do mérito pessoal, consagrada na história, não tem muitas vezes maior preponderância que a dos reis coroados? Ela é imperecível, enquanto a outra depende das circunstâncias. Ela é sempre abençoada pelas gerações futuras, enquanto a outra é, às vezes, detestada. A realeza terrena acaba com a vida física, mas a realeza moral continua a imperar, sobretudo, depois do desencarne. Sob esse aspecto, Jesus, o Cristo, não é um rei mais poderoso que todos os governantes terrestres? Foi com razão, portanto, que ele disse a Pilatos: Eu sou rei, mas o meu reino não é deste mundo.

(Jesus, o Cristo, é o ‘Rei’ da verdade, e a Doutrina dos Espíritos nos apresenta isto!)

O PONTO DE VISTA

5. A ideia clara e precisa que se faz da vida espiritual futura dá uma fé inabalável nesse futuro, e essa fé tem consequências enormes sobre a moralização dos humanos, porque muda completamente o ponto de vista pelo qual eles encaram a vida física terrena. Para aquele que se coloca, pelo pensamento, na vida espiritual, que é infinita, a vida física não é mais do que rápida passagem, uma breve permanência num local atrasado. As preocupações e os aborrecimentos da vida física são apenas incidentes que se enfrenta com paciência, porque se sabe que são de curta duração e poderão ser seguidos de uma situação mais feliz. O desencarne não mais oferece medo, não é mais a porta do nada, mas a da libertação, que abre para o desencarnado a morada da felicidade e da paz. Sabendo que se encontra numa condição temporária e não definitiva, encara as dificuldades da vida física com mais segurança, do que resulta uma calma de Espírito que lhe abrande as amarguras.

Quando duvida de uma vida espiritual futura, o humano concentra todos os seus pensamentos na vida terrena material. Incerto do futuro, dedica-se inteiramente ao presente. Não entrevedo bens

mais preciosos que os da Terra, ele se porta como a criança que nada vê além dos seus brinquedos e tudo faz para os obter. A perda do menor dos seus bens materiais causa-lhe grande mágoa. Um desengano, uma esperança perdida, uma ambição insatisfeita, uma injustiça de que for vítima, o orgulho ou a vaidade feridas, são tantos outros tormentos, que fazem da sua vida uma angústia eterna, pois que se entrega, voluntariamente, a uma verdadeira tortura em todos os instantes.

Olhando pelo ponto de vista da vida física, em cujo centro se coloca, tudo se agiganta ao seu redor. O erro que o atinge, como o certo que toca aos outros, tudo adquire aos seus olhos enorme importância. É como o humano que, dentro de uma cidade, vê tudo grande em seu redor: os cidadãos eminentes como os monumentos. Mas que, subindo a uma montanha, tudo lhe parece pequeno.

Assim acontece com aquele que encara a vida física do ponto de vista da vida espiritual futura: a humanidade, como as estrelas no mundo espiritual, se perde na imensidade. Ele então se apercebe de que grandes e pequenos se confundem como as formigas num monte de terra. Que operários e poderosos são da mesma estatura, e ele lamenta essas criaturas de pouca duração física, que tanto se matam para conquistar uma posição que os eleva tão pouco e por tão pouco tempo. É assim que a importância atribuída aos bens terrenos está sempre na razão inversa da fé que se tem na vida espiritual futura.

(Mas se eu não estudar, com constância, a Doutrina dos Espíritos, não meditar sobre o estudado e não ‘tentar’ aplicar o aprendido; continuarei ‘preso’ aos meus valores terrenos, imediatistas. Portanto plasmando o meu ninho ‘quentinho’ no outro mundo... A escolha é individual, igualmente o esforço, e o ‘prêmio também...)

6. Se todos pensarem assim, pode-se dizer, ninguém mais se preocupando das coisas da Terra, tudo ficará em perigo. Mas não, porque o humano procura instintivamente o seu bem-estar, e mesmo tendo a certeza de que ficará por pouco tempo em algum lugar, ainda quererá estar o melhor ou o menos desconfortável possível. Não há uma só pessoa que, sentindo um espinho sob a mão, não a retire para não ser picada. Ora, a procura do bem-estar força o humano a melhorar todas as coisas, impulsionado como ele é pelo instinto do progresso e da conservação, que decorre das próprias leis divinas. Ele trabalha, portanto, por necessidade, por gosto e por dever, e com isso cumpre os desígnios divinos, que o colocou na Terra para esse fim. Só aquele que considera o futuro pode dar ao presente uma importância relativa, consolando-se facilmente de seus revezes, ao pensar no destino que o aguarda. A Lei de Deus não condena, portanto, os gozos terrenos, mas o abuso desses gozos, em prejuízo dos interesses do Espírito. É contra esse abuso que se previnem os que compreendem estas palavras de Jesus, o Cristo: O meu reino não é deste mundo.

Aquele que se identifica com a vida espiritual futura é semelhante a uma pessoa rica, que perde uma pequena soma sem se perturbar. E aquele que concentra os seus pensamentos na vida física é como o pobre que, ao perder tudo o que possui, cai em desespero.

(Aqui se apresenta a situação do provérbio popular: ‘Eu trabalho para viver, mas não vivo para trabalhar!’. Sendo extremamente importante o reconhecimento do grande valor do trabalho, seja com vistas ao valor ‘dinheiro’ ou ao valor ‘moral’.)

7. O Espiritismo dá amplitude ao pensamento e abre-lhe novos horizontes. Em vez dessa visão pequena e interesseira, que o concentra na vida física, fazendo do instante que passa na Terra o único e frágil esteio do futuro eterno, ele nos mostra que esta vida física é um simples elo do conjunto harmonioso e grandioso da obra do Criador, e revela a solidariedade que liga todas as existências de um mesmo ser, todos os seres de um mesmo mundo e os seres de todos os mundos. Oferece, assim, uma base e uma razão de ser à fraternidade universal, enquanto a Doutrina da criação dos Espíritos, no momento do nascimento de cada corpo físico, faz que todos os seres sejam estranhos uns aos outros. Essa solidariedade das partes de um mesmo todo explica o que é inexplicável, quando apenas considerarmos uma parte. Essa visão de conjunto os humanos do tempo de Jesus, o Cristo, não podiam compreender, e por isso o seu conhecimento foi reservado para mais tarde.

(Para se acreditar na vida futura, com reencarnação, é necessário atingir um patamar evolutivo espiritual. Sem esse patamar, podemos ‘saber’, mas nunca acreditar! Essa é a razão do Espírita dever respeitar ‘totalmente’ o livre-arbítrio dos irmãos!)

UMA REALEZA TERRENA

UMA RAINHA DE FRANÇA - Havre, 1863

8. Quem poderia, melhor do que eu, compreender a verdade destas palavras de Nosso Senhor: Meu reino não é deste mundo? O orgulho me prendeu na Terra. Quem, pois, compreenderia o nada dos reinos do mundo se eu não o compreendesse? O que foi que eu levei comigo da minha realeza terrena? Nada, absolutamente nada. E como para tornar a lição mais terrível, ela não me acompanhou sequer até o túmulo! Rainha eu fui entre os humanos, e rainha pensei chegar ao reino do mundo espiritual. Mas que decepção! E que humilhação, quando, em vez de ser ali recebida como soberana, tive de ver acima de mim, mas muito acima, pessoas que eu considerava pequeninos e os desprezava, por não terem nas veias um sangue nobre! Oh, só então compreendi a vaidade dos humanos e das grandezas que tão apressadamente buscamos na Terra!

Para preparar um lugar nesse reino são necessárias a abnegação, a humildade, a caridade, a benevolência para com todos. Não se pergunta o que se foi, que posição ocupou, mas o certo que fez, as lágrimas que enxugou.

Oh, Jesus, o Cristo! Disseste que teu reino não era deste mundo, porque é necessário aprender para chegar ao mundo espiritual, e aprendi que os degraus do trono não levam até lá. São os caminhos mais penosos da vida física os que conduzem a ele. Procurai, pois, o caminho através de espinhos e pedras, e não por entre as flores!

Os humanos correm atrás dos bens terrenos, como se os pudessem guardar para sempre. Mas aqui não há ilusões, e logo eles se apercebem de que conquistaram apenas sombras, desprezando os únicos bens sólidos e duráveis, os únicos que lhes podem abrir as portas dessa morada divina. Tende piedade dos que não ganharam o reino do mundo espiritual. Ajudai-os com as vossas preces, porque a prece aproxima o humano do Altíssimo, é o traço de união entre o Céu e a Terra. Não o esqueçais!

(A irmã nos avisa diretamente do mundo espiritual, se não acreditarmos, aqui encarnados, vamos descobrir, com muita intranquilidade, essas verdades, somente quando estivermos no mundo dos Espíritos...)

EXPLANAÇÕES

01 - A vida futura. 1- itens 1 a 3.

Pilatos pergunta a Jesus: "Tu és Rei?" Responde Jesus: "Tu o dizes". Significando que Pilatos estava certo quando usava a palavra Rei acerca de Jesus, mas também que, Jesus não usaria o seu próprio título na presença de Pilatos, porque a concepção de realeza que Pilatos tinha, era muito diferente da realeza de Jesus.

Jesus era esperado para a libertação política de Israel. Por isso o intenso conflito de patriotismo dos judeus que, cada vez mais, assustavam-se com o que ensinava Jesus. "Ele" não estava ensinando o nivelamento de classes, nem condenava o rico ou a riqueza. Para Jesus, todos somos uma só família, sem vínculos sanguíneos ou genealógicos, raciais ou nacionais. Jesus desejava que o reino de Deus se implantasse no coração dos seres humanos.

Os judeus acreditavam que seu deus era o único verdadeiro em todo o mundo, portanto, sendo eles o povo eleito, seriam senhores da Terra. Porém a vinda de Jesus decepcionou a todas essas expectativas.

Jesus ensinou que Deus não era um negociante e para Ele não havia povo eleito e nem favorito ao reino de Deus. Ele é Pai amoroso de todas as manifestações da vida e, como o Sol, não tem preferências, derrama sua luz sobre todos indistintamente. Todos os seres humanos são irmãos, pois são todos filhos do mesmo Pai. No reino de Deus não há privilégios e nem desculpas.

Jesus foi condenado à morte, porque mostrou que o reino de Deus está dentro de nós e deve ser apresentado de dentro para fora. A pregação de Jesus gira em torno da noção básica do reino de Deus, que estabelece como meta a atingir.

O caminho para o reino de Deus não é largo, amplo e fácil, ao contrário, ele é estreito e difícil. O instrumento para sua realização é o amor em Deus, ao próximo tanto quanto a si mesmo, um amor total e universal, pois amando aos outros como a nós mesmos, estaremos doando o máximo, em termos humanos, tão poderosa é a força da autoestima em nós. Esta é a maneira, o programa que nos leva a conquistar o reino de Deus. Jesus veio nos mostrar como buscar o reino de Deus.

A imagem do reino de Deus que Jesus propunha, era a implantação do amor, que é a caridade em ação. A partir do momento que nos integramos, na convicção que o nosso interesse pessoal é obedecer às leis divinas, estaremos seguindo no rumo da correnteza da vida imortal.

A paz está no oceano aonde desemboca o rio, e não nas partes de seu curso solitário e frágil, sem nenhuma consciência de sua futura grandeza. Nós somos como o rio, nascemos e é preciso seguir o nosso curso até o oceano, que é Deus na sua imensidão. Quanto mais os rios vão se aproximando do oceano, vão se tornando mais caudalosos, e nós, quanto mais nos aproximamos de Deus, nos vamos sentindo mais fortes e conscientes. Se observarmos as leis criadas pela sabedoria infinita, que é Deus, estaremos vivendo em nós o reino de Deus.

Jesus propunha uma revolução mundial, mas não uma revolução violenta, nem sangrenta e nem imediata. A revolução de Jesus exigia um longo processo de maturação, que é o estabelecimento do reino de Deus em cada ser humano, e então, o mundo será melhor.

Ao abrirmos o jornal, ligar o rádio ou televisão, ouvimos e vemos falar em reformas sociais, econômicas ou políticas, de fora para dentro. Sempre estiveram e continuarão fadadas ao fracasso. Toda reforma deve ser de dentro para fora. O ser humano primeiramente precisa se despojar do egoísmo, do ódio e de outros sentimentos errados, para dar o seu amor ao próximo e viver em paz.

O reino de Deus é ao mesmo tempo consequência, efeito, resultado, tanto quanto causa e origem da paz entre os humanos. Será uma paz interna a projetar-se, refletida na realidade externa, tal

como um ser humano diante do espelho. Alcançando a paz íntima, estaremos transmitindo esta paz.

O Evangelho de Jesus é a essência dos seus ensinamentos. Jesus enfatizou com as suas palavras, demonstrou com a sua vida, e selou com o seu desencarne, que o reino de Deus é uma revolução íntima, uma reforma pessoal, condição que cada um terá de criar dentro de si mesmo.

O reino de Deus não é observável. Não se pode dizer: Ei-lo ali! Pois o reino de Deus está dentro de nós, ou seja, é Deus que está dentro de nós, é para ser construído, realizado, implantado no íntimo de cada um.

Somente ao largo de muitas existências, de lenta, penosa e trabalhada construção, teremos em nós o reino de Deus.

O reino de Deus é estado de Espírito, de pureza, de bondade, de felicidade, de amor, estado de graça que se comunica.

A matriz do reino de Deus já existe na intimidade do ser humano. Esta matriz é a origem do reino de Deus em nós, porque o Pai nos criou seus filhos, e não poderia deixar-nos sem o princípio do caminho que nos leva a evolução e que nos leva a Ele.

Realmente não é fácil começar a descobrir este reino dentro de nós. Porém Deus, na sua infinita misericórdia nos enviou um Seu filho, o Mestre Jesus, para iniciarmos o reino de Deus em nós. Jesus, nos falando do amor ao próximo, do respeito aos nossos irmãos, da misericórdia, da caridade, da paciência, está fazendo brotar em nossos corações o reino de Deus. E quando nós iniciamos o conhecimento do reino de Deus, nós vamos, aos poucos, tendo mais vontade que este reino aumente dentro de nós. As vezes vamos aos tropeços, nem sequer entendendo muito bem, mas sentindo que um dia vai ser possível ter esse reino por completo dentro de nós.

No capítulo 14, versículo 17, Paulo escreve aos Romanos - O reino de Deus não consiste em comida e bebida, mas é retidão, paz e alegria espiritual.

A conquista do reino de Deus é uma verdadeira guerra íntima, combate sem descanso contra as mil sutilezas e artifícios do erro que se encontra em nós, utilizando-se das tomadas desprotegidas que lhe oferecemos. As tomadas desprotegidas são as nossas fraquezas: quando deixamos de orar, quando não arrumamos um tempinho para dedicar-nos a Jesus, quando esquecemos o respeito ao nosso próximo, quando deixamos o egoísmo, o ciúme e a inveja penetrar no nosso coração. Enquanto continuarmos a ter sentimentos errados, o reino de Deus nos estará vedado, porque o reino de Deus fica sempre ao lado das renúncias, além de muitas aflições e dores, de pequeninas conquistas, que se somam umas as outras, de lutas íntimas desenroladas no correr dos milênios.

Por isso, quando Jesus veio, não foi entendido e Ele continua a não ser entendido, porque é muito grande para nós que, nos obstinamos em continuarmos pequeninos demais, a rastejar sobre erros milenares repetidas vezes, quando temos em nós todas as potencialidades do crescimento espiritual, da expansão incessante rumo a perfeição e aos primeiros escalões evolutivos.

O reino de Deus está em nós. O tempo de sua realização depende de cada um, do esforço que fizer, das renúncias que aceitar, das batalhas que vencer na sua própria intimidade.

Estejam atentos; o reino de Deus já está em nós. Enquanto isso nós vamos nascendo de novo, até aprendermos a conquistar o reino de Deus.

Obrigada irmãos por me ouvirem. Eu também não sei a quantas encarnações estou tentando implantar o reino de Deus em mim, porém não perco a esperança, e sei que um dia o reino de Deus estará em completo dentro de mim.

Que Jesus os acompanhe, e que vocês prezados irmãos, deem um lugarzinho para Ele no reino dos seus corações e logo descobrirão que se Ele ocupar mais espaço, vocês se sentirão mais felizes.

02 - A vida futura 2 - itens 1 a 3.

Pilatos pergunta a Jesus: "Tu és Rei?" Responde Jesus: "Tu o dizes".

Significando que Pilatos estava certo quando usava a palavra Rei acerca de Jesus, mas que, também Jesus não usaria o seu próprio título na presença de Pilatos, porque a concepção de realeza que Pilatos tinha, era muito diferente da realeza de Jesus.

Os antigos escribas e fariseus eram inimigos dos inovadores, por isso, quando Jesus veio trazer a sua mensagem, Ele encontrou pela frente o ódio e a resistência desses humanos. Eles não podiam aceitar a revelação cristã, porque ela deitava por terra todo um sistema fundado sobre a mentira e a hipocrisia.

Os judeus contemporâneos de Jesus Cristo viviam subjugados por uma série de tradições, que eram impingidas ao povo como sendo de origem divina.

Jesus se deparou com um tremendo obscurantismo. Os escribas e fariseus ainda estavam presos às leis mosaicas, ditadas a quase 20 séculos antes de Jesus, leis temporárias que ainda estavam em plena validade.

As leis dos seres humanos não podem ser inflexíveis. Elas mudam conforme a evolução humana. Na época em que Jesus veio, muitos continuavam arraigados a leis antigas, achando que nada devia mudar.

Somente as leis emanadas por Deus são eternas e imutáveis.

Foi nesse ambiente que veio Jesus Cristo, trazer a Boa Nova aos seres humanos, mostrar o caminho da verdade.

O reino de Deus que Jesus ensinou aos seres humanos, se funda nas primícias dos postulados do Evangelho. A sua lei básica é o amor, a sua bandeira é a justiça, o seu escudo é a verdade, o seu símbolo é a paz. O objetivo de Jesus consiste em irmanar os seres humanos, de modo a haver um só rebanho sob a égide de um só pastor.

O reino de Deus, ele se expõe, ele quer a paz em vez de adoração; ele pretende transformar os seres humanos em legítimos herdeiros de um Pai soberanamente justo e bom. Suas guerras são lutas apenas contra o egoísmo, o orgulho e a vaidade, a inveja e outras formas de viciações.

Os contemporâneos de Jesus Cristo não compreenderam a sua missão consoladora, e muitos não entenderam a razão do seu chamamento.

Jesus, o médico dos Espíritos, proferia os seus ensinamentos, e os que não eram aproveitados naquele momento, ficariam como sementes em estado latente à espera da época adequada para germinação.

O Senhor suspirava pela reforma íntima das criaturas humanas, por isso, quando sabia da existência de uma pessoa predisposta para a cura espiritual, não hesitava em fazer longas caminhadas a pé, com o objetivo de lhe proporcionar o almejado benefício. Dentre as curas dessa natureza podem se enquadrar Maria Madalena, o publicano Zaqueu, Maria de Betânia. O encontro deles com o Mestre os levou à reforma íntima e o caminhar para a conquista do reino de Deus.

Jesus Cristo, o mediano da Boa Nova, fez sua pregação irrestrita, falando a crédulos e incrédulos, a gentios e judeus. Uns aceitavam a palavra com naturalidade, outros ouviam-na simplesmente sem dar-lhes guarida no coração, outros, não aceitavam e passavam a Lhe combater.

No primeiro grupo enquadram-se as pessoas que; deixam todo um passado de erros e decidem tomar o caminho correto. Tomam o arado e não olham mais para trás.

No segundo grupo, enquadram-se as pessoas que, deparam com os encargos e então recusam o convite.

O terceiro grupo, abrange todos aqueles que se encastelam no orgulho, não admitem ideias renovadoras e revelam todo seu ódio aos inovadores.

Jesus foi enviado para as ovelhas desgarradas e para os doentes que precisam de médico. Ele procurava de preferência os pequeninos e os enfermos, os desajustados e os errados. No meio

dos sofreadores Ele se desdobrava em desvelo, sentindo que o terreno estava preparado para receber a semente boa que veio semear, e exultou-se, medindo a grandiosidade do amor de Deus com as suas criaturas, exclamando: "Graças te dou meu Pai, por teres revelado estas coisas aos pequeninos, e as ocultado aos grandes e potentados".

O que edifica os Espíritos é o máximo de trabalho e de luta na Terra, em todos os dias da existência. Os seres humanos que vivem sonhando com a tranquilidade das sepulturas, menosprezam o labor santificante da ação, malbaratam os dons preciosos que o Alto lhes deu, por excesso de misericórdia do Pai celestial.

Buscando os doentes do corpo físico e do Espírito, restaurando-lhes a saúde e dando-lhes de beber a água viva dos Seus preceitos, Jesus transmitia o Seu Evangelho.

Jesus falava da vida futura. Jesus ensinava a lei da fraternidade. O Evangelho de Jesus Cristo é o Evangelho do amor a Deus e ao próximo.

O ensino de Jesus esclarece que, qualquer pessoa ao adquirir conhecimentos em torno de uma verdade, ainda que seja em pequena escala, não deverá guardar para si, mas deve divulgá-los, para que todos possam haurir de seus benefícios.

Jesus veio dar mais luz aos ensinamentos de Moisés, confirmando a vida futura e um único Deus. O Espiritismo veio esclarecer os ensinamentos do Cristo.

O Espírito de Verdade, ou o Consolador prometido por Jesus Cristo, veio ao mundo na segunda metade do século dezanove, quando foram lançadas as bases fundamentais do Espiritismo. A humanidade não está suficientemente preparada para o receber, mas existe melhor adequação espiritual do que no tempo do advento da doutrina cristã.

O Espiritismo representa o advento do Consolador e, como tal, o seu papel é restabelecer na Terra as primícias da verdade. Quando ele se consolidar definitivamente no seio dos povos, ruião por terra todos os sistemas alicerçados na mentira. Tudo o que não for representativo da verdade, será removido dos seus pedestais.

O Espiritismo vem agora, na hora propícia, quando os tempos são chegados, para fazer com que a luz ilumine os horizontes do mundo, onde até agora somente tem prevalecido a mentira e o mistério, o orgulho e a vaidade, o fanatismo e a hipocrisia, a intolerância e o ódio.

O Cristo poderá, através das vozes que emanam dos Espíritos, falar aos seres humanos sobre a verdade.

Quando codificou a doutrina Espírita, Allan Kardec deixou bem claro que o Espiritismo somente reconhece como adeptos, aqueles que se reformaram moralmente. Deixa bem esclarecido que, a doutrina Espírita não reconhece por membro aquele que, embora se diga Espírita, nada faz em favor do seu aprimoramento espiritual, isto é, eleve seus conhecimentos e sua moral.

O Espiritismo nada veio mudar dos ensinamentos de Jesus. Ele veio exaltar o Evangelho do Cristo, confirmando mais ainda a vida futura e o intercâmbio dos Espíritos com os seres humanos, melhor esclarecendo-os.

É impossível compreender o Espiritismo sem o Cristianismo, que é a base fundamental da nova revelação.

O Espiritismo repete as palavras de Jesus: Não penseis que vim revogar a lei e os profetas, não vim revogar, mas cumprir.

Prezados irmãos, estamos no início de mais um ano em nosso calendário. Que a compreensão esteja conosco, para que durante o decorrer deste ano possamos haurir mais conhecimentos, iluminando a nossa evolução. O Brasil, nossa pátria, também inicia uma nova jornada governamental. Vamos nos unir e pensar positivo, para que os novos governantes cumpram a sua missão, olhando pelos necessitados.

Nosso Brasil maravilhoso, a pátria do Evangelho, precisa do amor dos seus governantes e do seu povo.

Que a paz ilumine a nossa pátria e os nossos governantes.

Que os seus corações se encham de amor pelo povo.

Obrigada Jesus!

03 - A Realeza de Jesus - item 4.

Foi realmente com razão que Jesus respondeu a Pilatos; "Tu o dizes, eu sou rei, mas o meu reino não é deste mundo".

Jesus não veio como rei para habitar entre nós. Veio para mostrar o reino da paz, do amor na conquista do futuro. O título de rei dado a Jesus, foi por sua moral, sem exemplo igual e por sua dignidade.

Jesus, o maior Espírito que encarnou na Terra, que poderia desempenhar as posições mais proeminentes, no que tange a honrarias e poderes terrenos, poderia ter em suas mãos o domínio de todos os povos, mas veio para servir, não para ser servido.

Nascendo na humilde aldeia de Belém, tendo por berço uma manjedoura, começou servindo a humanidade, ensinando que não se deve dar apreço às falsas tradições e que, na humildade, o ser humano se dignifica e se eleva espiritualmente.

Na disposição de servir o Mestre escolheu para assessorá-lo, no desempenho de Seu messiado, humildes pescadores, homens de pouca erudição, porém animados no firme propósito de contribuir para a elevação espiritual dos seres humanos.

Preferindo servir que ser servido, Jesus não ficou em Jerusalém aguardando sofrendores e desesperados, preferiu ir buscá-los em suas cidades. Receberam, desta forma, a visita fraternal de Jesus que lhes abriu a porta do coração, dando início ao laborioso processo da reforma íntima.

O propósito de Jesus era:

- Servir de Ponte una e misericordiosa, entre o paganismo aberrante e o mundo novo de Deus;
- Servir de Sustentáculo para os humildes de coração e para os sofrendores;
- Servir de Baliza para mostrar os rumos aos indecisos e aqueles que estacionam na senda evolutiva;
- Servir de Promessa viva para os que enveredam pelo caminho do crime, acenando-lhes as possibilidades da redenção espiritual;
- Servir de Juiz generoso para os que carecem de justiça;
- Servir de Pastor amoroso para todas as ovelhas desgarradas e que desejam voltar ao rebanho.

Sendo Jesus o caminho, a verdade e a vida, serve de diretriz para todos que se acham mergulhados na revolta e na intemperança.

A realeza de Jesus se destaca em nítido contraste com a realeza terrena. Há enorme diferença entre os métodos usados por Jesus para o estabelecimento do Seu reino e os métodos empregados pelos que edificam para si mesmos um reinado terreno.

No caráter do rei Jesus há de fato uma notável combinação de força e condescendência, uma especial mistura de humildade e compreensão, simplicidade e cavalheirismo, magnanimidade e ternura, compaixão e fraternidade, caridade e esperança, tudo isto claramente demonstrado no Seu Evangelho.

Jesus Cristo era austero e severo, pronto para proferir palavras fortes e incisivas, quando se dirigia a hipócritas e a pessoas que colocavam seus interesses acima das coisas de Deus, como foi o caso específico dos mercadores do templo, dos escribas e fariseus, dos pretensos sacerdotes. Entretanto, era brando e suave no trato com os humildes, os pequeninos e os desprotegidos.

Não media esforços para ajudar os que o procuravam com sinceridade no coração. E, até hoje, continua não medindo esforços, para ajudar a todos que o procuram com amor e sinceridade.

Nasceu em Belém para sua imediata passagem, residiu em Nazaré e era conhecido como o filho do carpinteiro. Quando iniciou o Seu ministério, dirigiu-se aos cansados e sobrecarregados, oferecendo-lhes alívio, dizendo-lhes que viessem e aprendessem com Ele a serem mansos e humildes de coração.

Próximo ao final de Seu ministério, escolheu deliberadamente um jumento, filho de jumenta, para fazer Sua entrada real em Jerusalém. É importante saber que a jumenta é de natureza mansa,

enquanto o jumento é rebelde ao jugo, apesar disso, tornou-se dócil ao jugo suave de Jesus, suportando com alegria, o leve fardo que transportava.

A entrada de Jesus em Jerusalém, montado em um jumento, cavalgada dos pobres no Oriente, veio demonstrar mais uma vez a Sua humildade e que seu reino não era deste mundo. Viu-se também cumprir a profecia de Zacarias: "O teu rei virá a ti; justo e salvador, pobre e montado num jumento".

O nosso Mestre Jesus quis nos dar esse sinal de humildade, para que todos pudessem reconhecê-lo. A entrada de Jesus em Jerusalém simboliza, portanto, mais uma vitória da humildade, da qual o filho de Maria foi exemplo vivo.

As condições que revestiram a entrada de Jesus em Jerusalém, não foram compreendidas, nem mesmo pelos Seus discípulos que o aclamaram; só quando Jesus foi glorificado é que se lembraram de que isto estava escrito a respeito dele.

Jesus, na sua missão, preencheu todas as formalidades divinas para que os seres humanos O conhecessem e nele cressem, sem mesmo deixar à margem as profecias que anunciavam os caracteres distintos da sua extraordinária individualidade. Prezava todas as profecias transmitidas por todos os profetas, encarregados de exaltar a ideia da imortalidade, anunciava as coisas que estavam por vir, os acontecimentos que deveriam desenrolar-se no panorama terrestre com a sucessão dos tempos.

A vida de Jesus era irrepreensível. Os Seus feitos são tão extraordinários que, até hoje nos deixam maravilhados. Nenhum sábio, nenhum santo, foi capaz de fazer o que Ele fez. Sua doutrina é tão grandiosa, tão bela, tão verdadeira que, apesar do desprezo sofrido pelo materialismo, do sacerdócio de todos os dogmas, permanece viva, intacta. Nem sequer o egoísmo humano, nem as mudanças de tempo, de era e de costume, nem as guerras religiosas, mudaram a doutrina de Jesus. Sua doutrina é pura, verdadeira.

Olhemos para Jesus e caminhemos. Sua vida é a vida que precisamos viver.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

04 - O ponto de vista - itens 5 a 7.

Jesus, reconhecendo-nos crianças espirituais, inteligências compromissadas por milênios de hibernação nos domínios da ignorância, guardadas as portas dos Espíritos pelo egoísmo e pelo orgulho, assegurou-nos, na sua romagem missionária que, em tempo oportuno nos enviaria outro Consolador, que permaneceria sempre conosco; o Espírito de Verdade.

Incumbia-nos, porém, da preservação de Sua doutrina: - Se me amais, guardareis os meus mandamentos.

Não requisitou o nosso entendimento pleno, pois sabe que temos o hábito de achar útil e meritório somente o que se ajusta aos nossos interesses, recomendou que nos ajustemos ao Seu clima espiritual, para que germine em nós um amor superior às coisas deste mundo, para que mantivéssemos a pureza dos Seus princípios.

Por alguns séculos o ser humano sepultou os mandamentos divinos, sob a campa de suas paixões, arrastando pungentes sofrimentos, abalados por repetidas decepções, estremecidos em nossas mais caras ilusões, sobre o domínio e sobre as posses materiais.

Eis que se faz a época justa e surgiram os Espíritos, mensageiros do Senhor, falando através dos seres humanos, para que não nos sentíssemos órfãos de fé e esperança.

É o Espírito de Verdade, o Cristianismo que ressurgia, na sua feição consoladora, espraiando por todos os cantos da Terra a sua mensagem de fé, de esperança e de caridade, conclamando-nos todos a observar as leis esquecidas. O Espiritismo, qual Jesus o fez, nos ensina que:

- nossos sofrimentos têm raízes profundas, deitadas em nossas vidas anteriores,
- expiamos faltas do nosso passado, recompondo o nosso presente, rumo ao futuro infinito,
- nossas crises são salutares, quando aproveitadas para nossa depuração espiritual, mostrando-nos a felicidade em existências vindouras,
- sustentando uma fé raciocinada, expurgamos as nossas dúvidas e não mais nos deixaremos apossar pela incerteza desesperadora,
- nossas vicissitudes são transitórias, absorvidas no vasto e esplêndido horizonte que se descortina a nossa frente,
- pela nossa destinação sublimada, deveremos sustentar a paciência, resignação e termos a coragem moral da doutrina Espírita Cristã, a fim de prosseguirmos sem medo até o termo do caminho.

O amargor não deve mais existir!

Levantou-se o véu do mistério, nossa existência banhada pela luz da verdade, revela-nos uma escada, cujos degraus de ascensão temos de galgar, na direção da vida eterna, onde os bens são imperecíveis.

Todos nós aspiramos pela perfeição. Uma única existência não nos faculta a condição de Espíritos puros. Cedendo aos nossos impulsos menos nobres, algumas vezes teremos repetido enganos que, só muito tarde nos ocasiona arrependimentos. Reconhecemo-nos culpados. Sentimos ânsia de refazer-nos, de reconstruir a nossa vida, de fazer voltar ao palco da existência os personagens que nossa paixão feriu, viver com eles de novo as mesmas circunstâncias, revelando um comportamento mais ajustado, atitude amadurecida na experiência e na compreensão.

Esse anseio é a intuição da lei da reencarnação. Encontramos essa lei, por onde se manifesta a providência Divina que; não nos condena a suplícios eternos pelas faltas que fizemos no cotidiano. Nossos apelos são ouvidos, são catalogadas as nossas súplicas, surgindo o dia de nossa volta ao mundo, a fim de redimir-nos.

A reencarnação é o cadinho da evolução.

Sabemos que a nossa inferioridade, que nos coloca alguns degraus abaixo daqueles que fizeram mais do que nós, não nos deserda eternamente do supremo bem. Mediante existências sucessivas poderemos conquistar e, ao mesmo tempo, equilibrar a nossa consciência, onde a paz se reinstala com a correção de nossas faltas.

Reencarnação não é castigo, é oportunidade renovada, é graça Divina!

O aluno que negligenciou as suas lições, que não deu ouvidos ao Mestre, que não cumpriu com os seus deveres, que feriu os seus colegas, se levado a retornar ao banco escolar, por muito incômodo que lhe pareça tal providência, não estará sendo remetido a uma câmara de suplícios. Seus tutores organizam sua matrícula, para beneficiá-lo com os valores da disciplina e da instrução.

Assim também é a reencarnação.

Olvidando o passado, com os conhecimentos e as virtudes transformados em impulsos e tendências inatas, apagamos de nossa mente a angústia do erro cometido. Alcançamos condições de defrontarmos com as mesmas situações em que falhamos, sem registrar o sabor amargo da derrota prévia, do temor de tornar a falhar e, pelo esquecimento do ontem, temos a exata posição de quem pode superar a si mesmo.

As vidas sucessivas são o caminho do bem.

O Espiritismo cristão renovando-nos a visão do universo, consagrando com o Senhor Jesus que o Seu reino não é deste mundo, demonstra a relevância que tem as coisas do Espírito sobre os sucessos ou as decepções materiais.

O futuro espiritual sobreleva os insucessos materiais. Um novo horizonte rasga-se aos nossos olhos.

A vida terrena não é o centro de convergência de todos os nossos propósitos. Nela, as existências se entrelaçam, num harmonioso conjunto de experiências, fermentando-nos o coração e o raciocínio para planos superiores.

Necessitamos de viver na Terra e dos bens dela, mas viremos a conhecer uma nova sociedade, cujos fundamentos principais estamos elaborando em nosso íntimo.

A afirmativa de Jesus a Pilatos ganha uma outra dimensão: - Mas agora, o meu reino não é daqui.

Sim, o reino de Jesus não é do nosso mundo.

Falando numa época em que só tínhamos olhos para efeitos materiais da existência, não podíamos vislumbrar a vida no entrelaçamento sublime das reencarnações, através das quais nos fraternizamos com todos os seres do universo de Deus.

Contudo, o Mestre não excluiu que, futuramente a nossa escola se destinaria a abrigar Espíritos em regeneração e em fase de felicidade.

Estamos na era do Espírito. Quase todos já sentem o irresistível chamado à realidade da vida eterna, abrindo o próprio coração ao Sol do Senhor. Aceitamos a fraternidade e o amor, a humildade e a caridade, como planos de vida maior e não apenas como existência fugaz, predispondo-nos a uma nova etapa de nosso progresso, a ascensão espiritual em direção ao eterno.

Servindo-nos dos bens da Terra, aspiramos ao Céu interior.

Como vimos meus prezados irmãos, o ser humano a cada dia vai sentindo o chamado à necessidade de aprender. A cada dia o humano está preocupado com o seu futuro espiritual. O ser humano está querendo se reformar intimamente, porque sabe que, só através da sua reforma íntima chegará à evolução espiritual.

Jesus Cristo nos deixou tudo pronto. É só dispormos de vontade, Seu Evangelho é perfeito, livro aberto para todos que desejam aprender. Para clarear mais nossas mentes, nos enviou o Espírito de Verdade, que mostra quantas oportunidades temos através do aprendizado da reencarnação.

Lembremos a cada dia de Jesus Cristo e Ele estará sempre perto de nós.

Busquemos ao nosso amado Mestre que, tem sempre os braços abertos para nos receber.

Entreguemos nosso coração ao Divino Mestre e deixemos que Ele nos conduza.

Louvado seja Jesus Cristo!

05 - Uma realeza terrena - item 8.

"Aquele que me confessar e me reconhecer diante dos seres humanos, eu também o reconhecerei e confessarei diante de meu Pai que está nos Céus; e aquele que me renegar diante dos seres humanos, também eu o renegarei diante de meu Pai que está nos Céus".

Acabava de escrever este versículo do Evangelho, quando me senti aturdido e sonolento. No torpor em que estava, vi alguém se aproximar de mim, embora conservasse os olhos fechados, me vi banhado de luz e ouvi uma voz máscula, porém harmoniosa, que me dizia:

- Meu irmão, fixe bem no Espírito este grande postulado do Evangelho, e não prescindia dele, como eu o fiz outrora.

- Quem és tu? Pensei na minha modorra.

- Hoje, sou um dos humildes servos do Criador. Há dois mil anos fui o orgulhoso Públio Lentulus Cornélius, senador romano, merecedor da confiança do imperador Tibério Claudius Drussos Nero Germânicus. Foi o meu orgulho que me fez perder o minuto radioso concedido pelo Cristo, numa longínqua data da era Cristã. Como foram amargas as minhas lágrimas e tenebrosos os meus sofrimentos na busca da estrada que recusei seguir. Faz 2000 anos e as lembranças são profundamente dolorosas.

Então pedi que me contasse a história, em pensamento.

- Contar-lhe-ei esta passagem de minha vida e permita Jesus que a minha experiência sirva de exemplo para os que trabalham na sementeira e na seara do nosso Divino Mestre. Minha filhinha, Flávia Lentulia, fez-me deixar Roma, com minha esposa e procurar a Palestina, por que a lepra tomava seu corpinho e íamos a busca de cura,

A conselho de Pôncio Pilatos fixei-me a meio quilômetro de Cafarnaum, na Galiléia, próximo ao lago de Genesaré, formado pelas águas cristalinas do rio Jordão.

Para minha filha nada adiantou, suas feridas pioraram. Minha angústia tornou-se inenarrável. Foi quando ouvi falar das obras e pregação de Jesus.

Minha esposa pediu-me várias vezes que O procurasse, porém o meu orgulho não deixava, dada a minha posição social.

Uma tarde, minha filha piorava, além das feridas antigas surgiram outras, debruçei-me sobre o seu leito e fiquei com os olhos rasos de pranto. Perguntei-lhe: o que desejava para dormir melhor e eu faria. Se quisesse, eu mandaria um portador a Roma para trazer todos os seus brinquedos.

Com visual esforço, a pequena murmurou:

- Papai, eu quero o profeta de Nazaré.

Fiquei perplexo ante aquele desejo. Fui para o jardim. No crepúsculo saí, fingindo distração e fui a antiga fonte da cidade, motivo de atração para todos os forasteiros. Após percorrer uns 300 metros, encontrei transeuntes e pescadores que se recolhiam e me encaravam com mal disfarçada curiosidade.

Eu estava a pensar, minhas cogitações eram amargas. Onde estaria o profeta de Nazaré? Não seria uma ilusão a história de seus milagres? Não seria absurdo procurá-lo ao longo dos caminhos, abstraindo-me da hierarquia social? Em todo caso deveria tratar-se de um homem simples e ignorante, dada a sua preferência por Cafarnaum e pelos pescadores. Dando curso as minhas ideias, considerei difícil a hipótese do meu encontro com o Mestre de Nazaré.

Como nos entenderíamos? Não me interessara o conhecimento dos dialetos do povo, certamente Jesus me falaria no aramaico, comumente usado na bacia do Tiberíades.

Dolorosa emoção me compungia as fibras do coração. Apoiei-me num banco de pedras, enfeitado de silvas, ali me deixei ficar, sentindo o turbilhão dos pensamentos.

Nesse instante, me senti como se estivesse sob o império de estranho e suave magnetismo, ouvi passos brandos de alguém que se aproximava.

Diante dos meus olhos ansiosos, estacara personalidade inconfundível e única. Tratava-se de um homem ainda moço, que deixava transparecer nos olhos profundamente misericordiosos, uma

beleza suave e indefinível. Longos e sedosos cabelos emolduravam-lhe o semblante compassivo, como se fossem fios castanhos levemente dourados por luz desconhecida. Sorriso divino revelando ao mesmo tempo bondade imensa e singular energia. Irradiava da sua melancólica e majestosa figura uma fascinação irresistível.

Não tive dificuldade em identificar aquela criatura impressionante e, no meu coração, marulhavam ondas de sentimentos, até então por mim ignoradas.

Lágrimas ardentes rolaram-me dos olhos, que raras vezes haviam chorado, uma força misteriosa e invencível fez-me ajoelhar na relva lavada pelo luar. Desejei falar e não consegui. Foi quando então, num gesto de doce e soberana bondade, o meigo Nazareno caminhou para mim, pousando carinhosamente a mão em minha fronte, exclamou em linguagem encantadora, que entendi perfeitamente, dando-me inesquecível impressão de que a palavra era de Espírito para Espírito, de coração para coração.

- Senador, por que me procuras?

E, como se desejasse que a sua voz fosse ouvida por todos os seres humanos do planeta, rematou com serena nobreza:

- Fora melhor que me procurasse publicamente e na hora mais clara do dia para que pudesse adquirir, de uma só vez, e para toda a vida, a lição soberana da fé e da humildade.

Eu nada pude falar, além das minhas lágrimas, pensando amargamente na filhinha, mas o profeta continuou:

- Não venho buscar o homem estado, superficial e orgulhoso, que só os séculos de sofrimento podem encaminhar ao regaço de meu Pai; venho atender as súplicas de um coração desditoso e oprimido, e ainda assim, meu amigo, não é o teu sentimento que salva a filhinha leprosa e desvalida pela ciência do mundo, porque ainda tem a razão egoísta e humana; é, sim, a fé e o amor da tua mulher, porque a fé é divina. Basta um só raio de suas energias poderosas para que se pulverizem todos os monumentos das vaidades da Terra.

De volta à casa, encontrei minha filhinha curada. Ai de mim! Eu perdera aquele minuto glorioso do meu destino espiritual. Eu tivera vergonha de reconhecer diante dos seres humanos o verdadeiro Rei dos Reis e era natural que Ele tivesse vergonha da minha fraqueza.

E por isso, sofri séculos após séculos, subindo laboriosamente a escada do progresso, quando poderia ter sido rápida a minha ascensão à excelsa morada do Pai, se tivesse tido o assombro de reconhecer publicamente a figura majestática do Filho.

Desvaneceu-se a minha vertigem, apagou-se a luz que me envolvia, mas aos meus ouvidos mortais, a minha intuição espiritual, ainda agora, soa a voz máscula e harmoniosa que me adverte:

- Confesse e reconheça o Cristo diante dos seres humanos para que Ele o reconheça diante do Pai que está nos Céus!

Esta história foi retirada do livro de Emmanuel "Há dois mil anos", psicografado por Chico Xavier.

Jesus se fez presente, mostrou-se por inteiro a Públio Lentulus e ele não quis O reconhecer.

Nós podemos estar vivendo a mesma situação, pois o Cristo nos legou o Seu Evangelho, deixou o Seu exemplo e ainda estamos indecisos no caminho a seguir.

Que maravilhosa oportunidade poder ouvir a voz de Jesus, olhar nos seus olhos penetrantes e sentir a Sua luz até o fundo do Espírito.

Procurando esta casa Cristã, nós estamos procurando Jesus e Ele se apresenta através do Evangelho, da palavra de amor. Do momento que passamos a procurá-Lo, passamos a conhecê-Lo, nossa responsabilidade vai aumentando, pois vamos adquirindo o conhecimento das leis cristãs que vão nos levar ao Pai.

Só não conseguimos chegar ao Pai quando nos prendemos ao egoísmo e ao orgulho, à vaidade e às coisas materiais.

De nada adianta os nossos títulos aqui da Terra. O que adianta é tornarmo-nos caridosos, humildes, mansos de coração e levarmos estas qualidades até Jesus, para evoluirmos e alcançarmos a morada do Pai.

Vamos nos tornar responsáveis, conhecer a doutrina de Jesus, estudar o Evangelho e a cada dia tentar praticá-lo. Vamos abrir nossos corações e receber Jesus. O meigo Nazareno está sempre disposto a nos ajudar, a nos iluminar.

Quando adentrarmos esta casa Cristã, vamos nos entregar ao Mestre Jesus, para que a luz do Seu olhar penetre em nós e, ao sairmos daqui, possamos levar um pouquinho dessa luz e distribuir aos nossos irmãos que estão precisando da palavra amiga, do sorriso sincero, do olhar meigo.

Jesus é tão simples, Sua palavra é tão pura que todos podem entender. Não há sequer uma criatura que O procure com sinceridade e Ele não ampare!

Façamos de nossas vidas um exemplo; vamos imitar o Divino Mestre. Vamos evoluir, para podermos chegar à morada do Pai.

Desta fase, que estamos passando pela Terra, quando formos chamados, nossa bagagem de volta constará apenas das boas ações, do amor que dedicamos ao próximo, das palavras boas e de consolo que doamos aos nossos irmãos, da humildade que adquirimos, da caridade ao nosso irmão necessitado.

Se em nossa bagagem constar o orgulho, a vaidade, a prepotência, não vamos conseguir carregá-la e continuaremos no mesmo estágio, não evoluímos, pois o peso da bagagem é muito grande. Ela precisa estar leve, para que consigamos viajar pelos mundos do Senhor.

O reino de Deus é tão singelo, lá não precisamos de ouro e nem de prata. Lá precisamos de um coração puro e sincero, trabalhar para os que precisam e de amor pelo nosso próximo.

Meus irmãos, a cada dia em que nós tomamos conhecimento do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, nós nos tornamos totalmente responsáveis pela verdade que adquirimos, não adianta tentarmos esquecê-lo, pois estará gravado em nossa mente e no momento que nós quisermos praticá-lo, ele voltará à tona e o Mestre Jesus nos ajudará.

Somos responsáveis por tudo o que fazemos e aprendemos.

Vamos agarrar com toda força este aprendizado do Evangelho de Jesus, para crescermos intimamente, nos iluminando e, quando chegarmos à casa do Pai, podermos transpor a porta de luz com a serenidade dos puros de coração.

Ao sairmos daqui, devemos levar a palavra de Jesus e praticá-la.

Vamos orar com sinceridade, por nós e por nossos irmãos, amigos ou não amigos. Vamos nos tornar verdadeiros Cristãos.

Jesus está o tempo todo vigilante. Comecemos a praticar o Evangelho, tendo paciência com o nosso próximo e praticarmos através da palavra o amor e a benevolência.

Que nesta noite e eternamente, o Mestre Jesus penetre todos os corações.

Bendito seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

CAPÍTULO III

HÁ MUITAS MORADAS NA CASA DO PAI

Diferentes estados do Espírito na erraticidade - Diferentes categorias de mundos habitados - Destinação da Terra. Causa dos tormentos terrestres - Instruções dos Espíritos: Mundos adiantados e mundos atrasados - Mundos de expiação e de provas - Mundos regeneradores - Progressão dos mundos.

1. Que vosso coração não se perturbe. Crede em Deus, crede também em mim. Há muitas moradas na casa do Pai. Se assim não fosse, eu já vos teria dito, porque eu me vou para vos preparar o lugar e depois que eu tenha ido e que vos tenha preparado o lugar, eu voltarei e vos retomarei para mim, a fim de que lá onde eu estiver aí estejais também. (*João, cap. XIV, v. 1, 2 e 3*).

(“Que vosso coração não se perturbe”.

Conforme a nossa ‘intranquilidade’, ou seja; o desconhecimento dos valores espirituais, acordaremos no ‘mundo’ respectivo. Se a nossa vibração está errada, acordaremos no mundo errado, o Umbral! Será que é esse o destino desejado?)

DIFERENTES ESTADOS DO ESPÍRITO NA ERRATICIDADE

2. A casa do Pai é o Universo. As diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito, e oferecem, aos Espíritos encarnados, moradas apropriadas ao seu adiantamento. Independente da diversidade dos mundos, essas palavras podem também ser entendidas como o estado feliz ou infeliz do Espírito na erraticidade. Segundo ele seja mais ou menos adiantado e desligado dos laços materiais, o meio em que se encontra, o aspecto das coisas, as sensações que experimenta, as percepções que possui, variam ao infinito. Enquanto que uns não podem se distanciar da esfera física em que viveram, outros se elevam e percorrem o espaço e os mundos. Enquanto certos Espíritos em erro estacionam no Umbral, os felizes gozam de uma claridade resplandecente e do sublime espetáculo do infinito. Enquanto, enfim, que o errado, atormentado de remorsos e de lamentações, frequentemente só, sem consolação, separado dos objetos da sua afeição, geme sob o peso dos tormentos morais, o correto, reunido àqueles que ama, goza as doçuras de uma indescritível felicidade. Lá também há, pois, várias moradas, embora não sejam circunscritas nem localizadas.

(Mesmo a vida material, ela é diferente no equador daquela vivida nos polos. Mas a vida espiritual é regida pelo estado ‘moral’, pelo equilíbrio, nunca pelos extremos!)

DIFERENTES CATEGORIAS DE MUNDOS HABITADOS

3. Do ensinamento dado pelos Espíritos, resulta que os diversos mundos estão em condições muito diferentes uns dos outros quanto ao grau evolutivo material e espiritual, de adiantamento ou de inferioridade, de seus habitantes. Entre eles há os que seus habitantes são ainda inferiores aos da Terra, física e moralmente. Outros estão no mesmo grau, e outros lhes são mais ou menos superiores em todos os aspectos. Nos mundos primitivos, a existência é toda material, os errados desejos reinam soberanamente, e a vida moral é quase nula. À medida que esta se desenvolve, a influência da matéria diminui, de tal sorte que, nos mundos mais evoluídos, a vida, por assim dizer, é toda espiritual.

(Nos mundos primitivos, a existência é toda material, os errados desejos reinam soberanamente, e a vida moral é quase nula.

Apesar do nosso ‘otimismo’ estamos vivenciando o umbral dos mundos primitivos e os de expiações e pro-

vas!)

4. Nos mundos intermediários, há mistura do certo e do errado, predominância de um ou de outro, segundo o grau de evolução. Embora não possa ser feita, dos diversos mundos, uma classificação absoluta, pode-se, todavia, em razão de seu estado e de sua destinação, e baseando-se nas diferenças mais acentuadas, dividi-los de um modo geral, como se segue: os mundos primitivos, destinados às primeiras encarnações do Espírito humano. Os mundos de expiação e de provas, onde o erro predomina. Os mundos regeneradores, onde os Espíritos que ainda têm o que expiar obtêm novas forças, repousando das fadigas da luta. Os mundos felizes, onde o certo se sobrepõe ao errado. Os mundos celestes ou divinos, morada dos Espíritos puros e perfeitos, onde o certo reina inteiramente. A Terra pertence à categoria dos mundos de expiação e de provas, e é por isso que o humano nela é alvo de tantas aflições.

(Apesar do nosso ‘otimismo’ estamos vivenciando o umbral do mundo primitivo e o de expiação e provas! O ‘... tantas aflições’ justifica plenamente essa afirmativa!)

5. Os Espíritos encarnados num mundo, a ele não estão ligados indefinidamente, e não cumprem nele todas as fases progressivas que devem percorrer para atingirem a pureza e perfeição. Quando atingiram nesse mundo o grau de evolução que ele comporta, passam para um mundo mais evoluído, e assim sucessivamente até que tenham atingido o estado de Espíritos puros e perfeitos. São igualmente, estações em cada uma das quais encontram elementos de progresso, proporcionais ao seu grau evolutivo. É para eles uma recompensa passar para um mundo de ordem mais evoluída, como é uma provação prolongarem sua demora em um mundo menos evoluído, ou serem relegados para um mundo mais material e infeliz ainda que aquele que são forçados a deixar, quando são obstinados no erro.

(Tente imaginar, e escreva, as ‘qualidades’ de um mundo melhor que a Terra. Quando terminar, confronte com as ‘qualidades’ da Terra, você vai se surpreender: Acabou de descobrir a... Terra! Devemos, sempre, acreditar que a Terra é um mundo de expiação e provas, porém verificaremos que ainda não atingimos o nível ‘meritório’ condizente com ela!)

DESTINAÇÃO DA TERRA. CAUSA DOS TORMENTOS TERRESTRES

6. Espanta-se em encontrar na Terra tantos erros e desejos errados, tantas aflições e enfermidades de todo tipo, e se conclui disso que a espécie humana é uma triste coisa. Esse julgamento provém do ponto de vista limitado em que se está colocado, e que dá uma ideia falsa do conjunto. É preciso considerar que, na Terra, não se vê a Humanidade, mas apenas uma pequena fração dela. Sem dúvida, a espécie humana compreende todos os seres dotados de razão que povoam os inumeráveis mundos do Universo. Ora, o que é a população da Terra, perto da população total desses mundos? Bem menos que a de um lugarejo em relação à de um grande país. A situação material e moral da Humanidade terrestre nada mais tem que espante inteirando-se da destinação da Terra e da natureza daqueles que a habitam.

(Ora, o que é a população da Terra, perto da população total desses mundos?)

É evidente que, numericamente, os Espíritos circunscritos ao orbe terreno pouco representam na universalidade dos Espíritos. Mas essa mesma representatividade é a que nos deve incentivar à frente, para atingir o nível evolutivo dos irmãos de melhores orbes...)

7. Faríamos dos habitantes de uma grande cidade uma ideia muito falsa, se fossem julgados pela população de bairros miseráveis e de viciados. Num hospital não se veem senão doentes e estropiados. Numa prisão veem-se todas as baixezas, todos os vícios reunidos. Em regiões insalubres, a maior parte dos habitantes são pálidos, fracos e doentes. Pois bem, que se figure a Terra como sendo um subúrbio, um hospital, uma penitenciária, uma região insalubre. Porque ela é ao mesmo tempo tudo isso, e se compreenderá por que os tormentos sobrepujam as alegrias, pois não se enviam a um hospital as pessoas sadias, nem às casas de correção aqueles que não fizeram erros. E nem os hospitais, nem as casas de correção são lugares de prazeres.

Ora, da mesma forma que, numa cidade, toda a população não está nos hospitais ou nas prisões, toda a humanidade não está na Terra. Como se sai do hospital quando se está curado, e da prisão quando se cumpre o tempo, o humano deixa a Terra por mundos mais evoluídos, quando está curado das suas fraquezas morais.

(“Pois bem, que se figure a Terra como sendo um subúrbio, um hospital, uma penitenciária, uma região insalubre”.
Não é preciso ‘figurar’, é só olhar a ‘marginalidade’ dos valores éticos, as ‘doenças’ materiais e espirituais, os ‘cárceres’ aos valores materiais e as ‘chagas’ morais que em nós residem. Com isso já definimos perfeitamente o nosso nível evolutivo espiritual...)

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

MUNDOS ADIANTADOS E MUNDOS ATRASADOS

8. A qualificação de mundos primitivos e de mundos evoluídos é antes relativa do que absoluta. Tal mundo é primitivo ou evoluído em relação àqueles que estão na frente ou atrás dele na escala progressiva. Tomando a Terra como ponto de comparação, pode-se fazer uma ideia do estado de um mundo primitivo, supondo nele o encarnado no grau das raças selvagens, ou de nações bárbaras que ainda se encontram em sua superfície, e que são os restos do seu estado primitivo. Nos mais primitivos ainda, os seres que os habitam são, de alguma sorte, rudimentares: eles têm a forma humana, mas sem nenhuma beleza. Seus instintos não são temperados por nenhum sentimento de delicadeza ou de benevolência, nem pelas noções do justo e do injusto. Só a força bruta faz a lei. Sem indústria, sem invenções, gastam a vida física na conquista da sua nutrição. Entretanto, Deus pela Sua Lei, não abandona nenhuma das suas criaturas. No fundo da semente da inteligência, jaz, latente, mais ou menos desenvolvida, a vaga intuição de um Ser Supremo. Esse instinto basta para torná-los superiores, uns aos outros, e preparar sua eclosão para uma vida mais completa. Porque não são seres esquecidos, mas crianças que crescem. Entre esses graus primitivos e os mais evoluídos, há inumeráveis escalões, e nos Espíritos puros e perfeitos, desmaterializados e resplandecentes de luz, se tem dificuldade em reconhecer aqueles que animaram esses seres primitivos, da mesma forma que, no humano adulto, se tem dificuldade em reconhecer o embrião.

(Só a força bruta faz a lei.

Porém nós já evoluímos muito, agora usamos nossa ‘inteligência’ para ter a maior e melhor ‘força bruta’ contra aqueles que querem atrapalhar aos nossos interesses, é a nossa lei! Não é isso o que vemos?)

9. Nos mundos que atingiram um grau evolutivo maior, as condições da vida moral e física são bem diferentes que as na Terra. A forma do corpo físico é sempre, como por toda parte, a forma humana, mas embelezada, aperfeiçoada e, sobretudo, purificada. O corpo físico nada tem da materialidade terrestre, e não está, por essa razão, sujeito nem às necessidades animais, nem às doenças, nem aos desequilíbrios que trazem a predominância das coisas materiais. Os sentidos, mais delicados, têm percepções que a grosseria dos órgãos físicos sufoca neste mundo. A leveza específica dos corpos físicos torna a locomoção rápida e fácil. Em lugar de se arrastar penosamente sobre o solo, ele desliza, por assim dizer, na superfície, ou plana na atmosfera sem outro esforço senão o da vontade, à maneira pela qual se representam os Espíritos puros e perfeitos, ou pela qual os antigos imaginavam os Espíritos nos Campos Elíseos (Paraíso). Os Espíritos conservam, à vontade, os traços de suas encarnações passadas e aparecem aos seus amigos tal como os conheceram, mas iluminados por uma luz cristalina, transfigurados pelas impressões interiores, que são sempre elevadas. Em lugar de rostos pálidos, devastados pelos tormentos e pelos errados desejos, a inteligência e a vida física irradiam esse clarão que os pintores traduziram pelo nimbo ou auréola dos puros e perfeitos Espíritos.

A pouca resistência que a matéria oferece aos Espíritos corretos torna o desenvolvimento do corpo físico mais rápido e a infância curta ou quase nula. A vida física isenta de perturbações e de angústias, é proporcionalmente muito mais longa que na Terra. Em princípio, a longevidade é proporcional ao grau de evolução dos mundos. O desencarne não tem nada dos quadros da decomposição. Longe de ser um objeto de medo, ele é considerado como uma transformação feliz,

porque a dúvida sobre o futuro não existe. Durante a vida física, não estando o Espírito encerrado na matéria compacta, irradia e goza de uma lucidez que o coloca num estado quase permanente de emancipação, e permite a livre transmissão do pensamento.

(A distância intelectual e moral, entre o nosso atual estágio evolutivo espiritual e o descrito acima, permite claramente determinarmos nosso estágio de inferioridade e nos incentivar ao crescimento espiritual no menor tempo possível!)

10. Nesses mundos adiantados, as relações de povo a povo, sempre amigáveis, jamais são perturbadas pela ambição de dominar seu vizinho, nem pela guerra que lhe é consequência. Não há nem senhores, nem escravos, nem privilégios de nascimento. Só a superioridade do conhecimento e da moral estabelece a diferença das condições e dá a supremacia. A autoridade é sempre respeitada, porque não é dada senão a quem tem mérito, e se exerce sempre com justiça. O humano não procura se elevar acima do humano, mas acima de si mesmo, aperfeiçoando-se. Seu objetivo é chegar à classe dos Espíritos puros e perfeitos, e esse desejo incessante não é um tormento, mas uma nobre ambição que o faz estudar e trabalhar com ardor para chegar a igualá-los. Todos os sentimentos ternos e elevados da natureza humana se encontram aumentados e purificados. Os ódios, os ciúmes, as baixas cobiças da inveja são ali desconhecidas. Um laço de amor e de fraternidade une todos os humanos. Os mais fortes ajudam os mais fracos. Eles possuem mais, ou menos, segundo tenham mais, ou menos, adquirido pela sua manifestação inteligente ‘trabalho’, mas ninguém sofre por falta do necessário, porque ninguém está em resgate. Numa palavra, ali o erro não existe.

(É natural que não entendamos, corretamente, as relações entre as pessoas e entre as comunidades, conforme acima descrito, pois ainda acreditamos que os outros e as outras comunidades estão erradas! Os outros teriam que ‘ceder demais’ para que ‘nós’ pudéssemos implantar o mundo adiantado...)

11. Em vosso mundo, tendes necessidade do erro para sentir o certo, da escuridão para admirar a luz, da doença para apreciar a saúde. Nos mundos evoluídos, esses contrastes não são necessários. A eterna luz, a eterna beleza, a eterna serenidade do Espírito, proporcionam uma eterna alegria que não são perturbadas nem pelas preocupações da vida material, nem pelo contato dos errados, que ali não tem acesso.

Eis o que o Espírito terreno tem mais dificuldades em compreender. Ele foi engenhoso para pintar os tormentos do Umbral, e não pode jamais representar as alegrias do mundo espiritual. E por que isso? Porque, sendo de pouca evolução, sofre tormentos e misérias, e não entreviu as clariidades celestes. Não pode falar daquilo que não conhece. Mas, à medida que se eleva e se depura, o horizonte se ilumina, e ele compreende o certo que tem diante de si, como compreendeu o erro que conseguiu suplantar.

(Não pode falar daquilo que não conhece.

Um mundo sem erros! Para nós ainda é... Falácia! Temos muito a evoluir antes de compreender essa vivência harmoniosa.)

12. Entretanto, esses mundos afortunados não são mundos privilegiados, porque Deus não é parcial para com nenhum de seus filhos. Ele deu a todos os mesmos direitos e as mesmas facilidades para atingi-los. Faz com que todos partam do mesmo ponto e não dota a ninguém mais do que aos outros. As primeiras posições são acessíveis a todos. Cabe-lhes conquistá-las pelo trabalho, alcançá-las o mais cedo possível, ou arrastar-se durante séculos e séculos, em reencarnações, nas classes menos evoluídas da Humanidade.

(Resumo do ensinamento de todos os Espíritos corretos.)

(‘Não sei como podem dizer que a Terra é atrasada! Essas pessoas deviam conhecer as praias francesas, as neves dos Alpes suíços, o caviar da Rússia, um Rolls Royce... É uma pena que sejam pobres...’. Enquanto o trabalho de valor ‘moral’ não sobrepujar ao de valor ‘material’, continuaremos aqui encarnando...)

13. Que vos direi dos mundos de expiação que vós já não saibais, uma vez que vos basta considerar a Terra que habitais? A superioridade do conhecimento, num grande número dos seus habitantes, indica que ela não é um mundo primitivo, destinado à encarnação de Espíritos apenas saídos das mãos do Criador. As qualidades inatas que trazem consigo são a prova de que já reencarnaram, e que realizaram certo progresso. Mas também os vícios numerosos, aos quais são inclinados, são indícios de uma grande deficiência moral. Por isso, a Lei de Deus os colocou num mundo ingrato, para aí resgatarem seus erros pelo trabalho penoso e pelas preocupações da vida física, até que, progredindo, tenham mérito de irem para um mundo mais evoluído.

(Mas também os vícios numerosos, aos quais são inclinados, são indícios de uma grande deficiência moral.

Indicando de forma nítida e de uma clareza total que, os nossos problemas evolutivos estão extremamente ligados ao nosso atraso ‘moral’! Vamos caminhar na moralização individual e, depois, a coletiva? Ou não deixaremos de sermos constantes encarnados neste orbe...)

14. Entretanto, todos os Espíritos encarnados na Terra não são para aí enviados em expiação. As raças que chamais selvagens são Espíritos apenas saídos da infância, e que aí estão, por assim dizer, em educação, e se desenvolvem ao contato de Espíritos mais evoluídos. Vêm, em seguida, as raças semicivilizadas, formadas desses mesmos Espíritos em progresso evolutivo. Estão aí de algum modo, as raças indígenas da Terra, que cresceram, pouco a pouco, depois de longos períodos seculares, e das quais algumas puderam atingir o aperfeiçoamento de povos mais evoluídos. Os Espíritos em resgate aí são, se assim se pode dizer, estrangeiros. Eles já viveram em outros mundos, de onde foram excluídos em razão da sua teimosia no erro, e porque eram uma causa de perturbação para os corretos. Foram relegados, por um tempo, entre Espíritos menos evoluídos, e que têm por missão fazer avançar, porque trouxeram consigo seus conhecimentos desenvolvidos e a semente da moral adquirida. Por isso, os Espíritos em resgate se encontram entre as raças mais cultas. São aquelas também para as quais as preocupações da vida física têm mais amargura, porque há nelas mais sensibilidade, e sentem mais o choque do que as raças primitivas, cujo senso moral é menos sentido.

(Eles já viveram em outros mundos, de onde foram excluídos em razão da sua teimosia no erro, e porque eram uma causa de perturbação para os corretos.

‘Bem que nós desconfiávamos, esses ‘teimosos’ só vieram aqui para nos atrapalhar, por causa deles é que ‘sofremos’ tanto!’ Sempre acreditamos que os ‘outros’ são os errados e que nós somos ‘santinhos’, uma revisão de conhecimentos e um bom papo com o espelho ajudam muito!)

15. A Terra fornece, pois, um dos tipos de mundos expiatórios, cujas variedades são infinitas, mas que têm por caráter comum servir de lugar de exílio aos Espíritos rebeldes à Lei de Deus. Aí esses Espíritos têm que lutar, ao mesmo tempo, contra o atraso dos irmãos e contra o atraso material, duplo e penoso trabalho que desenvolve, a uma só vez, as qualidades do conhecimento com a da moral. É assim que Deus, em sua bondade, através da Sua Lei, faz reverter o próprio resgate em proveito do progresso do Espírito.

(Agostinho, Paris, 1862.)

(“... lugar de exílio aos Espíritos rebeldes à Lei de Deus”. Será preciso dizer mais alguma coisa? Ou nós aceitamos aprender e aprendemos, ou iremos para mundos... A escolha é livre!)

MUNDOS REGENERADORES

16. Entre essas estrelas que cintilam na abóbada azulada, quantos mundos há, como o vosso, criados a expiação e a prova! Mas há também mais miseráveis e melhores, como os há transitórios que se podem chamar de regeneradores. Cada turbilhão planetário, correndo no espaço ao redor de um foco comum, arrasta consigo seus mundos primitivos. De exílio, de prova, de regeneração e de felicidade. Já vos falaram desses mundos onde o Espírito nascente é colocado, senhor de si mesmo, na posse do seu livre-arbítrio, porém desconhecedor do certo e do errado, e caminhando instintivamente para Deus. Já vos foi dito de que imensas faculdades o Espírito está dotado para fazer o certo. Mas, ah! Existem os que sucumbem, e a Lei de Deus, lhes permite ir para esses mundos onde, de encarnação em encarnação, eles se depuram, se regeneram, e se tornarão dig-

nos da felicidade que lhes está reservada.

(Ainda estamos suficientemente presos aos valores materiais, e não conseguimos atinar para qualquer vantagem nos valores espirituais. Somente espinhos, pedras e trevas nos conduzirão ao caminho correto da Lei de Deus! Não é assim que gostamos?)

17. Os mundos regeneradores servem de transição entre os mundos de expiação e os mundos felizes. O Espírito que se arrepende, neles encontra a calma e o repouso, acabando de se depurar desses erros. Sem dúvida, nesses mundos, o Espírito está ainda sujeito às leis que regem a matéria. A Humanidade experimenta as vossas sensações e os vossos desejos, mas está livre dos desejos desordenados, dos quais sois escravos. Neles não mais o orgulho que faz calar o coração, a inveja que o tortura, o ódio que o sufoca. A palavra amor está escrita sobre todas as frentes. Uma perfeita igualdade regula as relações sociais. Todos compreendendo a Deus, e caminhando para Ele, seguindo Suas leis.

Neles, todavia, não está ainda a felicidade perfeita, mas o limiar da felicidade. O humano aí é ainda físico material e, por isso mesmo, sujeito às vicissitudes de que não estão isentos senão os seres completamente desmaterializados. Há ainda provas a passar, mas que não têm as tristes angústias dos resgates. Comparados à Terra, esses mundos são muito felizes, e muitos de vocês ficariam satisfeitos em aí se encarnarem, porque é a calma depois da tempestade, a convalescença depois de uma terrível moléstia. Mas o Espírito, menos absorvido pelas coisas materiais, entrevê, melhor que vós, o futuro. Ele compreende que há outras alegrias que Jesus, o Cristo, promete para aqueles que delas se tornem dignos, quando o desencarne tiver ceifado de novo seus corpos físicos para lhes dar a verdadeira vida. É então que o Espírito liberto planará sobre todos os horizontes. Não mais os sentidos materiais e grosseiros, mas os sentidos de um perispírito puro e celeste, aspirando as emanções da própria divindade sob os perfumes do amor e da caridade que se espalham do seu seio.

“Comparados à Terra, esses mundos são muito felizes, e muitos de vocês ficariam satisfeitos em aí se encarnarem, porque é a calma depois da tempestade, a convalescença depois de uma terrível moléstia”.

Queremos ir para lá? É só estudar e fazer! A Doutrina dos Espíritos está aí para isso!

18. Mas, ah! Nesses mundos, o humano é ainda falível, e o Espírito sem firme moral não perdeu, ali, completamente seu império: Não avançar é recuar, e se não está firme no caminho correto, pode voltar a encarnar nos mundos de expiação, onde o esperam novas e mais aflitivas provas.

Contemplai, pois, essa abóbada azulada, à noite, à hora do repouso e da prece, e nessas esferas inumeráveis que brilham sobre vossas cabeças, procurem as que conduzem à pureza e perfeição, e peçam que um mundo regenerador vos abra seu seio depois das provas na Terra.

(Agostinho, Paris, 1862).

(Não avançar é recuar, e se não está firme no caminho correto, pode voltar a encarnar nos mundos de expiação, onde o esperam novas e mais aflitivas provas.

O estudo e o trabalho são contínuos! Temos que nos esforçar, em estudos e ações, para atingir melhor estado evolutivo espiritual e, alcançando o mundo regenerador, continuar esses esforços para lá merecer continuar...)

PROGRESSÃO DOS MUNDOS

19. O progresso é uma das leis da Natureza. Todos os seres da Criação, animados e inanimados, a ele estão submetidos pela justíssima Lei de Deus, para que tudo engrandeça e prospere. A própria destruição, que parece aos humanos o final das coisas, não é senão um modo de atingir, pela transformação, um estado mais perfeito, porque tudo morre para renascer, e coisa alguma se torna em nada. Ao mesmo tempo em que os seres humanos progredem em conhecimento e moral, os mundos que eles habitam progredem materialmente. Quem pudesse seguir um mundo, nas suas diversas fases, desde o instante em que se aglomeraram os primeiros átomos que serviram à sua constituição, vê-lo-ia percorrer uma escala incessantemente progressiva, mas por graus insensíveis a cada geração, e oferecer aos seus habitantes uma morada mais agradável, à medida que estes avançam, eles mesmos, na caminhada evolutiva. Assim, caminham paralelamente o

progresso dos humanos, o dos animais seus auxiliares, dos vegetais e da habitação, porque nada é estacionário na Natureza. Quanto esta ideia é grande e digna da majestade do Criador! E, ao contrário, quanto é pequena e indigna do Seu poder aquela que concentra Sua solicitude, e Sua providência, sobre o imperceptível grão de areia que é a Terra, e restringe a Humanidade a alguns humanos que a habitam!

A Terra, seguindo essa lei, esteve material e moralmente num estado inferior ao que está hoje, e atingirá, sob esse duplo aspecto, um grau mais avançado. Ela atingiu um dos seus períodos de transformação, em que, de mundo expiatório, tornar-se-á mundo regenerador; então, os humanos serão mais felizes, porque a Lei de Deus nela reinará.

(Agostinho, Paris, 1862).

(Quando fizermos o máximo e o melhor de nós, para nós e nossos irmãos, segundo a Doutrina dos Espíritos, o 'mundo' que habitarmos será, sem dúvida alguma, o melhor de todos!)

EXPLANAÇÕES

01 - Diferentes estados do Espírito na erraticidade - itens 1 e 2.

A casa do Pai é o universo.

A casa do Pai tem muitas moradas.

Que maravilha termos este conhecimento, pois sabemos que um dia habitaremos mundos melhores, de acordo com a nossa evolução, isto é, de acordo com a nossa vontade de evoluir.

Jesus esteve encarnado entre nós há, aproximadamente, 2000 anos, nos deixou o Seu Evangelho e continua entre nós, enviando irmãos para ajudar-nos na nossa caminhada evolutiva. Multidões e mais multidões de Espíritos do Senhor estão cuidando de toda a seara da Terra, levando o Evangelho, sob variadas formas, a todas as criaturas, para que ninguém diga que não conheceu Jesus.

Nós, hoje, estamos habitando o planeta Terra, que faz parte do sistema solar. Existem outros sistemas no universo infinito de Deus. Na Terra estamos passando pela fase de RESGATE E EXPIAÇÃO e vamos caminhando para a de REGENERAÇÃO. Como temos vontade de participar deste mundo de regeneração, é preciso que modifiquemos nossos pensamentos, na ordem e na sequência do amor. Não podemos ser violentos com nós mesmos. A brandura é norma do ser humano inteligente.

A verdade está batendo em nossa porta, vamos abri-la e deixar a luz invadir o nosso mundo interno e brilhar com ela. A experiência demonstra que a claridade aparece com a fricção de dois corpos. Também das lutas entre o Certo e o Errado surge a compreensão.

Se formos até o fim neste ideal de melhorarmos a nós mesmos, receberemos o prêmio da vitória, porque vencemos a nós mesmos e conquistamos a tranquilidade de consciência.

Devemos pedir a Jesus para aprendermos a ajudar a nós mesmos, sem ofendermos os outros e sem diminuir quem quer que seja.

Precisamos adquirir a obediência e a autoeducação. Não devemos criticar quem ainda não teve oportunidade, porque o amor não ofende, não maltrata e não enxovalha, não fere e não exige. Devemos combater o egoísmo, que veste variadas roupas dentro de nós, disfarçado em várias modalidades, para que nos enganemos, deixando imperar o orgulho.

A luta do corpo a corpo, do pensamento a pensamento, de vontade a vontade, é a maior de todas as batalhas; é a que não precisamos sair fora de nós mesmos. Se conseguirmos fazer a autoanálise, superando esta luta interna, estaremos preparados para o mundo de regeneração, preparados para ajudar o nosso próximo e olhá-lo como um irmão, assim como fazia o Mestre Jesus.

É dever moral que façamos um exame profundo na nossa conduta. Essa pesquisa vai nos trazer muita felicidade e paz. No início vai parecer difícil, mas devemos tentar, pois Jesus nos aguarda.

Alguma vez já pensamos na nossa conduta, no nosso dever ante a sociedade? Já procuramos observar o que falamos durante o dia e o que fazemos no decorrer desse tempo? A observação de nós mesmos é trabalho importante, na importância da vida evolutiva espiritual.

Muitos dizem: os meus pensamentos vêm à minha cabeça, sem que eu os crie. Pode ser que tenha razão. No entanto a cabeça é sua, e é seu dever cuidar da sua lavoura, que lhe pertence por direito e obrigação celestial. Os instintos inferiores são animais que devem ser domesticados, usando-se todos os meios possíveis e dignos. Não use a violência. Até no bem ela pode causar danos, se a ponderação não estiver presente no seu modo de ser.

Gostamos de falar o que vem na mente? Pode parecer um prazer, mas é um prazer momentâneo que pode trazer consequências de difícil reparação. Verifiquemos o que pensamos e analisemos o que falamos, para não entrarmos em dificuldades maiores quais aquelas que já temos no dia a dia. Vamos, meus irmãos, coloquemo-nos frente a frente com as nossas qualidades. Imaginemos; se fôssemos nós escutando o que falamos aos outros e procuremos sentir o que o ouvinte sente.

Todas as nossas emoções devem ser disciplinadas no correr dos dias, no trabalho, em casa e nas ruas.

A nossa paz depende da paz do companheiro; o respeito dos outros para conosco depende do respeito que temos com os irmãos em caminho.

As leis de Deus são retas e justas; ninguém engana a verdade. Deus está presente em toda parte. Ao criticarmos o nosso companheiro, gastamos energia e tempo, esquecendo que devemos tornar melhor a nossa conduta.

A autoanálise é serviço divino que, nos faz descobrir o céu dentro de nós, enriquecendo o nosso coração e acendendo luzes em todos os nossos sentimentos.

Todo Espírito que poda as suas investidas no erro, afina-se com o certo e o bem, deixando brilhar fraternidade em seu andar. Vamos observar os nossos procedimentos em todos os momentos, porque muitos olhos estão nos olhando. Analisemos as nossas maneiras todos os dias, pois temos atitudes errôneas que já estão super arraigadas em nosso raciocínio e que nem percebemos. Até as crianças sabem o que não deve ser feito, quanto mais os adultos.

É da competência de cada criatura fazer a sua parte na educação individual. Assim estaremos crescendo com Jesus em busca de Deus.

Nós sabemos que o conhecimento é a base da própria vida. A cada existência nossa, numa morada na casa do Pai, adquirimos mais conhecimentos para a caminhada evolutiva.

Conhecer a nós mesmos, é o estudo do universo interno. Este conhecimento se chama Sabedoria... Amor.

Nós passamos por perigos inúmeros, sujeitos ao orgulho, em sintonia com o egoísmo e sob o domínio da vaidade. Vencendo estas condições sairemos livres para novos conhecimentos.

Há quem diga que o amor não é sabedoria. Está enganado! Quem ama nas linhas ensinadas por Nosso Senhor Jesus Cristo é um verdadeiro sábio.

Quando conhecemos as nossas fraquezas, abrimos portas de luz na consciência, nos enriquecemos, em todos os rumos dos valores eternos, de talentos que Deus depositou em nossos corações. Aquele que já conhece a si mesmo dispensa certos acessórios, que pesa muito sobre os seus ombros e que exigem tempo precioso em sua conservação. O sábio interno nasce de novo, é um ser humano novo que surge dentro de um ser humano velho.

Jesus Cristo nos ensinou a descobrir os tesouros que temos dentro de nós, que nos liberta definitivamente. Quem conhece a si mesmo, tem mais facilidade de conhecer e praticar as lições externas. Quem conhece a si mesmo, já não tem tempo de criticar qualquer pessoa.

A Doutrina dos Espíritos, na sua profundidade, desfralda a bandeira de luz com a inscrição já bem conhecida: "Deus, Cristo e Caridade".

"Deus" está no centro de nós, esperando como Pai aos nossos apelos nascidos da vontade.

"Cristo" pega em nossas mãos para nos mostrar os caminhos abertos pela "Caridade". Através do Cristo e da Caridade que Ele nos ensina, descobrimos Deus dentro de nós.

O céu está mais próximo de nós do que pensamos: reside dentro de nós. Basta abrirmos os olhos e buscá-lo. Somos médicos de nós mesmos, executamos cirurgias indispensáveis em todas as áreas das nossas condutas. Dominar os nossos impulsos inferiores e discipliná-los, transformando-os em instrumentos de trabalho e de paz, é uma grande cirurgia moral!

Amar o nosso próximo como o Mestre Jesus nos aconselha através do Seu Evangelho de Luz, é acatar os direitos daqueles que andam conosco no mesmo caminho.

Tudo o que pretendemos fazer, ou que estamos fazendo, devemos fazer com dedicação e amor, porque viemos à Terra para fazer alguma coisa.

Devemos nos lembrar que precisamos dos outros, tanto quanto os outros precisam de nós para viver. A justiça e a razão nos esclarecem da grande necessidade que temos de viver bem com os nossos semelhantes, de fazermos para eles o que estiver ao nosso alcance.

A esperança não deve desaparecer dos nossos ideais. Ela é uma flor que nos predispõe para o despertar espiritual e faz desaparecer as dúvidas, fornecendo-nos um ambiente favorável à vida feliz.

Em tudo o que fizeres, procure fazer o melhor. Seja eficiente para você mesmo, que por esses caminhos estará auxiliando aos outros.

A serenidade é um talento que cresce na área dos sentimentos e que assegura outro tanto de virtudes inumeráveis, a despertarem como soldados valentes na legião do certo e do bem.

Devemos aprender a discernir o que vem por trás das ofensas e as lições que poderemos receber delas.

Por onde vamos, devemos semear alegria, porque é dando que recebemos, a lei nos garante a colheita daquilo que estamos plantando.

Nos momentos das conversações, não devemos nos alterar com ninguém, mesmo que sejamos ofendidos. O revide não resolve o problema de paz, somente o amor garante a tranquilidade.

A compreensão é um dom espiritual que todos nós temos a desenvolver. Ela varia em razão da evolução espiritual de cada um. Há dois modos de compreender: o primeiro - é compreender e não praticar; o segundo - é capacitar-se e viver o que já aprendeu pelo discernimento.

Não devemos falar sem primeiro observar o que vai sair de nossa boca. A responsabilidade é muito grande quando falamos aos outros. Temos que vigiar o que dizemos. Não devemos falar mal de ninguém, mesmo que sejamos atingidos pela maledicência.

Cada criatura sabe analisar o que lhe serve para o seu próprio bem. Nenhuma pessoa é culpada dos nossos infortúnios e da nossa incompreensão. Deus colocou em todos as mesmas advertências e os mesmos valores a serem cultivados.

Meu irmão e irmã, se até hoje lhe faltou coragem para a sua reforma interior, busca Jesus Cristo pelos meios de que dispõe, e Ele lhe dará energia suficiente para o empreendimento que deseja começar no mundo interno. Comece agora, as mãos de Deus estão a seu favor e Jesus será o seu caminho. Inicie agora a sua operação moral!

Cada vez que nos transformamos moralmente, estamos nos aproximando desse mundo regenerador que será a Terra e viveremos com um pouco mais de paz.

Devemos nos lembrar que somos responsáveis pelo que somos. Receberemos de volta o que damos. O comportamento do Espírito pode ser luz ou treva nos nossos caminhos.

Lembremos da palavra Respeito, pois respeitando, os nossos direitos serão resguardados pela lei Divina, que nada esquece.

Abençoa-nos a todos, Senhor Jesus, mostrando-nos o que devemos fazer, sem desculpas dentro de nós mesmos.

02 - Diversas categorias de mundos habitados - itens 3 a 5.

Emmanuel, prefaciando o livro *Libertação*, de André Luiz, nos conta a lenda egípcia do peixinho vermelho, que retrata bem o que ocorre com a humanidade. A lenda diz que havia um peixinho vermelho, este sobrevivia com grandes dificuldades, devido à ganância de seus companheiros do lago em que habitava, não só quanto a alimentação, como também pelas acomodações para descanso, representadas pelas locas barrentas, requisitadas que eram pelos mais fortes. Não tendo onde se acomodar e vivendo de pequenas larvas que sobravam da gula de seus companheiros, era bem esguio e, devido as incessantes procuras de locais para repouso, acabou encontrando a grade pela qual se escoavam as águas do lago em que vivia. Diante daquela oportunidade de aventuras, com muita dificuldade atravessou a grade e iniciou a grande jornada, primeiramente pelo regato, depois pelos rios e finalmente atingindo o grande oceano, onde ficou deslumbrado pela magnitude daquela imensa massa de água, bem como pelos variados tipos de habitantes. Depois de conviver num palácio de coral, com amáveis peixinhos, alguns de sua espécie, onde havia fartura e boa acolhida, e tendo lhes contado o que sucedera no lago onde nascera, foi orientado que o mesmo poderia secar-se, se sobreviesse uma grande seca, o que não aconteceria com o mar, porque é o ponto de convergência de todos os lagos, regatos e rios. Penalizado com a sorte de seus antigos companheiros, regressou ao antigo habitat, para avisá-los do que lhes poderia acontecer, sendo ridicularizado por todos, que alegavam não existir nada melhor do que aquele local em que viviam. Não conseguindo convencê-los da existência do grande oceano e sua vida abundante, regressa ao palácio de coral, entristecido pela incredulidade de seus antigos companheiros, os quais continuaram a viver pachorrentamente, acreditando que tudo girava em torno daquele pequeno mundo em que habitavam. Passados alguns anos, a trágica previsão aconteceu e os seus habitantes morreram presos na lama daquilo que fora um lago, pois não restava uma só gota de água, naquela que era uma bela vivenda de peixes.

Emmanuel, comentando, diz que a tarefa dos Espíritos assemelha-se ao peixinho vermelho, pois alertam os encarnados de que a verdadeira vida é a da espiritualidade, esse oceano infinito, mas os seres humanos continuam preocupados com as conquistas das pequenas larvas e de viverem presos aos prazeres da carne, ridicularizando aqueles pregoeiros da verdade espiritual. Entretanto, quer queiramos ou não, dia virá em que teremos o fim da existência carnal e teremos que abandonar o pequeno lago de nossas preocupações rasteiras. Quando isso acontecer, ficaremos decepcionados ao ver que nos enganamos quanto ao real valor das coisas, pois entregávamo-nos inteiramente às conquistas transitórias, esquecendo-nos daquilo que é prioritário, ou seja, os bens imperecíveis do Espírito, representados pelos valores morais e intelectuais.

Lendo a história do peixinho vermelho, vejo que continuamos como os habitantes do lago, que foram avisados e não acreditaram. Nós também estamos sendo avisados a todos os instantes. O nosso grande alerta foi Jesus Cristo, que veio até nós, mostrou o caminho e deixou o rastro, que é Seu Evangelho, para que O seguíssemos. O Espiritismo Cristão que veio confirmar Jesus e nos mostrar que na casa do Pai há muitas moradas, que temos muitas existências, está o tempo todo nos chamando a atenção para a verdadeira vida, que é a vida espiritual.

Tendo conhecimento de múltiplas existências, sabemos que já estivemos em mundos inferiores ao que estamos hoje, onde predomina mais a matéria, onde a moral praticamente desaparece.

A Terra, onde estamos habitando temporariamente, para nós é um hospital escola. Estamos em fase de tratamento e recuperação, sob as vistas amorosas do senhor Jesus.

Temos inteligência que nos permite distinguir o justo do injusto, somos dotados de sensibilidade que nos abrandam os sentimentos, experimentamos um processo lento e laborioso da profilaxia moral e intelectual.

Somos compelidos a viver no panorama que criamos. O erro faz-nos sentir o benefício do correto. A escuridão leva-nos a admirar a luz. A doença nos faz apreciar os tesouros da saúde.

Ainda esbarramos com os que se encontram distante do bem, por outro lado, identificamos a nova brisa do amor e da caridade que nos visita, na legião de criaturas que reencarnam para exemplificar, aos indolentes e aos hesitantes, o poder incontestável da bondade.

Humanos em fase inicial de recuperação moral e intelectual; estendam seus braços aos sofredores, numa mensagem de fraternidade, preludiando a regeneração espiritual a que nos destinamos, orientados pelo Espiritismo Cristão.

Não mais só o desespero: a esperança!

Não mais só o egoísmo: a caridade!

Não mais só o orgulho: a humildade!

A nova fé se derrama por toda a Terra. Ela não pode, em operação miraculosa, remover de vez os obstáculos que edificamos no curso de muitas reencarnações. A nova fé permite, com o seu poder consolador, entrever no horizonte o Sol de um novo dia.

Ainda temos um longo roteiro a cumprir. A grande senha para a nova vida é a reforma íntima. Em nosso coração é que devemos derruir, um a um, os falsos conceitos. Abrandando o nosso olhar, disciplinando a nossa língua, quebrando os elos que nos escravizam ao egoísmo, derrubando as muralhas do orgulho de nossa mente, movimentando as nossas mãos no socorro dos que sofrem, caminhando na direção dos padecentes, sentindo a predominância do espiritual sobre os bens materiais, são algumas das renovações a empreender, na posição de quem deseja a elevação do próprio Espírito para a sementeira do Divino Semeador. Neste hospital escola, façamo-nos enfermeiros guias. Vamos ofertar o tesouro de nosso tempo e de nossas energias, para o atendimento e a orientação daqueles que se mostram carentes de afeto e órfãos de luz, para apressarmos a época em que o nosso planeta será de regeneração.

Em incontáveis moradas da casa do Pai, existem mundos imediatamente superiores ao nosso orbe, povos que não se deixam perturbar pelo fermento da ambição e, na sua história, quase se perdeu a memória dos períodos em que escravizavam as nações vizinhas, promovendo encontros bélicos. Estão longe da supremacia da força ou da astúcia, de malícia ou de egoísmo, fundamentando-se na superioridade moral e intelectual de seus habitantes. Autoridade é sinônimo de justiça. O ser humano não busca elevar-se acima do ser humano. Os esforços são para elevar-se acima de si mesmo. Seu objetivo é atingir a categoria de Espíritos puros, sem que esse desejo se transforme em tormento. Aí os sentimentos humanos são purificados.

Nos mundos superiores à Terra, a custo de muito esforço, foram banidas as cobiças da inveja e os mesquinhos ciúmes, os ódios antifraternos e o impulso de crescer diminuindo os outros. Um laço de amor e fraternidade reúne todos os seres humanos, os mais fortes ajudando os mais fracos, sem humilhá-los. A matéria ainda exerce a sua influência, mas seu império não é dominante, sentem as nossas sensações e os nossos desejos, porém, sabem superá-los e sublimá-los, sem se render escravizados ao jugo das paixões avassalantes. Os seres humanos, nesse mundo imediatamente superior à Terra, não são puros ainda, por isso, tem que avançar sempre, para progredir com os participantes. Não avançando, a consequência é ficar menos evoluído, terá então que reconquistar o direito do reingresso nas escolas avançadas do amor e da luz.

Roguem ao Senhor, nas horas de meditação, que se abra no Espírito, dentro de nosso coração, um mundo regenerador, um prelúdio de felicidade, permitindo que corretamente vivamos as nossas provas. Seremos ditosos também. É o destino da Terra, nas leis do progresso.

Assim vamos sucessivamente, até chegarmos ao estado de Espíritos puros.

Os Espíritos puros percorreram todos os graus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Atingiram a perfeição do conhecimento e da moral. Não têm mais provas nem expiações a passar. Gozam de felicidade inalterável, porque não estão sujeitos às necessidades da vida material. São os mensageiros e ministros de Deus, cujas ordens, pela Lei de Deus, executam, para a manutenção da harmonia universal. Dirigem todos os Espíritos que ainda lhe são inferiores, ajudam-nos a se aperfeiçoarem e determinam as suas missões. Assistem os seres humanos nas suas angústias, incita-os ao bem ou à expiação de faltas que os distanciam da felicidade suprema, isto para eles é uma ocupação agradável. São às vezes designados, conforme a doutrina religiosa, pelos nomes de anjos, arcanjos, serafins, querubins, potestades, tronos, guardiães etc.

Meus irmãos há céus inumeráveis, e inumeráveis mundos, onde a vida palpita numa eterna mocidade; todos eles se encadeiam, se abraçam, dentro do magnetismo universal, vivificados pela luz, imagem real da Divindade presente em toda parte.

A carne é uma vestimenta temporária, organizada segundo a vibração espiritual.

A Doutrina dos Espíritos veio desvendar, aos seres humanos, o panorama de sua evolução e esclarecê-los no problema de suas responsabilidades, porque a vida não é privilégio da Terra, mas a manifestação do Criador em todos os recantos do universo.

Nós viveremos eternamente, através do infinito. O conhecimento da imortalidade expõe ao Espírito os deveres de solidariedade para com todos os seres em nosso caminho; por esta razão, a Doutrina dos Espíritos é uma síntese gloriosa de fraternidade e de amor. O seu grande objetivo é esclarecer a inteligência humana.

Que o Mestre Jesus abençoe a cada um de nós, fortalecendo-nos na fé, para que possamos com Ele, com a Sua proteção e a Sua misericórdia, viver corretamente a luta em que nos achamos empenhados.

03 - Mundos de expiações e de provas - Agostinho - itens 13 a 15.

Conforme a Doutrina Espírita, a casa do Pai é o universo; as diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço cósmico, e onde os Espíritos encarnados encontram locais adequados de existência, conforme o grau de seu adiantamento. A Terra é apenas uma destas moradas.

Conforme nos ensinam os Espíritos, há mundos inferiores e mundos superiores à Terra.

O mundo inferior é um lugar em que seus habitantes ainda estão no estágio de raças selvagens ou de nações bárbaras. Não contam com noções do certo ou do errado. Sua única lei é a força bruta.

Nos mundos que atingiram um plano evolutivo superior, as condições da vida material e espiritual estão bem acima da situação existente na Terra. O corpo não tem a densidade do físico terrestre, e, com isso, estão menos sujeitos às necessidades, enfermidades, paixões ou deteriorações próprias da matéria perecível. Os sentidos são mais delicados e têm maior percepção que os grosseiros órgãos do ser humano terrestre. O envoltório corporal é etéreo e a leveza do corpo torna a locomoção mais rápida e fácil. Em lugar de andar no solo como os humanos terrestres, deslizam na superfície, isto é, volitam, sem outro esforço a não ser o da própria vontade.

Conforme os seus desejos, conservam os traços fisionômicos de vidas passadas e aparecem aos amigos como estes o conheceram, mas revestidos por luz divinal. Seus sentimentos e emoções são sempre elevados. Em suas feições brilham inteligência, virtude e vida. Nos mundos superiores, as relações entre as pessoas são sempre amigáveis e leais. Sem ambição e sem vícios, sem disputas e sem guerras. A diferença é somente no conhecimento e na moral individual. As autoridades são sempre respeitadas, porque a justiça é exercida.

A Terra ainda pertence à categoria dos mundos de expiação e provas, esse o motivo do ser humano estar exposto a tantas misérias e a tantos sofrimentos. Já foi mais inferior, mas evoluiu, este progresso será sempre crescente, e, quando os seres humanos se tornarem bons e mais perfeitos, a Terra também se transformará num mundo regenerado.

Os Espíritos podem encarnar em um mesmo mundo ou em outros, de acordo com o seu grau de evolução, mas nunca em um plano inferior ao que já alcançou, a não ser que venha para cumprir uma missão a eles confiada. É a lei da evolução ou progresso que assim o determina, na existência dos mundos e dos seres.

Assim concluímos com Emmanuel: "A Terra não é o único teatro da vida. Não disse Jesus que existem muitas moradas na casa do nosso Pai? O trabalho é a escada luminosa para outras esferas onde nos reencontraremos como pássaros, que, depois de se perderem uns dos outros sob as rajadas do inverno, se reagrupam de novo ao Sol abençoado da primavera".

O roteiro dos humanos, fundamentado pela lei maior, não será modificado. Faz parte da evolução das criaturas. Nós vamos sempre evoluir, alcançando valores mais dignos.

O temor dos seres humanos é próprio da sua inferioridade e de suas falhas, por isso que o Cristo nos ensina a exercitar a fé, a confiança em Deus e a nos apoderarmos da certeza de que Ele é todo amor e sabedoria. A Sua onisciência nos garante a eterna confiança nos Seus desígnios e a Sua justiça nos sustenta na maior alegria de viver.

Guerras, pestes, fomes e calamidades de toda ordem, são meios usados pela Lei de Deus para a educação dos Espíritos - essa é a marcha do progresso desde o vírus até as constelações. O ser humano da Terra está próximo de se libertar dos meios grosseiros que a evolução tem usado para disciplinar os ignorantes e teimosos.

Deus nos oferece o ensejo do despertamento e resgate, e as dores da existência representam o preço, nunca demasiadamente alto, que pagamos para ingresso nas bem aventuranças celestes. Seja a dor física que depura, quer seja a dor moral que amadurece, temos nas suas manifestações o cuidado de um Mestre inflexível, que nos disciplina e orienta, preparando-nos para assumir a plena condição de filhos de Deus e herdeiros da criação.

Nós muito pouco aproveitamos das nossas dores; sem a consciência de nossa pequenez diante de Deus, o Pai de sabedoria infinita, que conhece melhor do que nós mesmos, nossas necessidades essenciais e nos oferece experiências que guardam relação, não apenas com nosso merecimento, mas com o preparo de uma gloriosa destinação.

Os que vivem a reclamar, que clamam ao Alto por seus males, que se revoltam, que não se conformam, que se rebelam, estão marcando passo. Suas dores não edificam nem depuram. Suas lá-

grimas são ácidas e amargas, gerando erros não programados, amarguras desnecessárias, infelicidade voluntária.

Os desajustes que afligem a criatura humana, não são só decorrentes dos débitos passados, mas também da rebeldia do presente, porque não tem humildade de aceitar a sua missão e não consegue entendimento. Não sofremos tanto pelo resgate, afinal deveria ser motivo de satisfação podermos pagar uma dívida. A dor decorre porque nos recusamos sentir o sofrimento que causamos a um irmão. É lamentável a situação do devedor, que marca dia para o credor vir receber seu dinheiro, e quando isto acontece, ele se recusa a pagar.

Isto somos nós, que combinamos resgatar uma dívida, que combinamos e esquecemos. O dia do credor é o dia em que passamos para o outro plano e vemos que nada cumprimos de nossa promessa de pagamento de nossa dívida. Que lamentável!

Nós estamos resgatando o passado, nos preparando para a felicidade futura, quando o nosso comportamento diante da dor não gerar sofrimento aos que nos rodeiam.

Quantas famílias passam por amarguras intensas, porque tem alguém doente em casa? Mas, muito mais pela inconformação e agressividade do enfermo!

Quantas lágrimas derramadas abundantemente pelos desatinos cometidos pelos filhos, que se mostram incapazes de suportar os embates da existência?

Quantos homens ou mulheres amargam anos de convivência com cônjuges neurastênicos e agressivos?

Os que espalham sofrimentos, porque não sabem sofrer, estão castigados desde agora pela angústia, que é o clima sufocante em que se debatem interiormente, adiando para um futuro incerto a edificação Espiritual.

Porém, se formos humildes diante da dor e não fizermos sofrer os que nos amam, além dos sofrimentos decorrentes da convivência com quem sofre, se conseguirmos transformar nossas experiências com o sofrimento em exemplos dignificantes de confiança e serenidade, em plena aceitação da vontade de Deus, então nossos males terão marcas abençoadas da redenção, estaremos nos preparando para o ingresso no glorioso reino dos Céus. Basta que tenhamos disposição, desde agora, mesmo que o sofrimento seja nosso companheiro inseparável.

A dor é a nossa companheira até o momento de nossa integração total com a Divina Lei. Ela nos recebe no mundo, oculta-nos em braços enfeitados, espreita-nos no colo materno e segue-nos a experiência infantil. Depois observa a nossa mocidade, misturam-se seus raios, quase sempre incompreensíveis, com os nossos cânticos de esperança, atravessa o pórtico de nossa comunhão com a maturidade espiritual, incorpora-se na luta de cada instante. Respira conosco, marcha ao nosso lado, passo a passo, e mesmo não querendo, sem palavras, lê para o nosso coração a cartilha da experiência. Algo renovador se realiza dentro de nós e sem que percebamos, comparece um dia em nossa estrada, nos conduz ao desencarne e a aparente separação, mas a aceitamos no recesso Espiritual, as bênçãos de seu apostolado sublime.

A estranha companheira de nossos destinos converte-se em suave benfeitora, nos preparando para a vitória divina, porque só ela é bastante forte, bastante serena para nos sustentar até o ingresso feliz no reino Celestial.

Por isso, abençoemos o sofrimento que nos prepara para a escabrosa subida.

As lutas de cada dia dão instrução ao coração, e com os conhecimentos evangélicos representam a nossa cruz redentora, para a meta de aperfeiçoamento que propomos atingir.

Saibamos receber o madeiro que nos renova. Ele nos dobra a cerviz, fazendo-nos sentir a luta dos que caminham ao nosso lado entre a sombra e a aflição. Obriga-nos a abandonar o círculo escuro, em que nos agitamos, sem proveito perante o governo espiritual do mundo.

Nosso "eu", nossa personalidade, é uma concha de trevas que não nos deixa perceber senão a nós mesmos. Espelho mentiroso que a vaidade forja na esfera acanhada de nosso individualismo refletindo os nossos caprichos, os nossos desejos e impedindo a penetração da luz.

Aí dentro, nossas dores, nossas conveniências e nossos interesses surgem sempre exagerados, induzindo-nos à cegueira e ao isolamento.

Mas Jesus se compadece de nossas necessidades, concede-nos a cruz de nossas obrigações diárias, o instrumento da libertação.

Suportando com fé e valor, com confiança e com a bênção do trabalho a cada dia, resgatamos uma parcela de nossa personalidade inferior, para que o Espírito, pedra preciosa e eterna dos tesouros de Deus, possa ser lapidado à imortalidade gloriosa.

Louvemos as lágrimas e as aflições.

Exaltemos a renúncia.

Dignifiquemos o sofrimento.

Rejubilemo-nos com a luta.

São estes os mensageiros silenciosos da Providência Divina, ensinando-nos a encontrar nossos irmãos em toda parte.

Sem as lágrimas, sem as aflições e sem a renúncia, sem o sofrimento e sem as lutas, não compreenderíamos a solidariedade universal em que se fundamenta a criação do Senhor e nunca seríamos fraternos.

Jesus estende os braços para o mundo, e o mundo sequioso de paz, encontra agradecido e feliz o amor de dele.

Nós, meus irmãos, que nos encontramos nesta noite, nesta casa Cristã, agradeçamos tamanha oportunidade para o aprendizado do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo! No regresso aos nossos lares que a paz, a confiança e a serenidade, o amor e a caridade nos acompanhem!

04 - Progressão dos mundos - Parábola do joio - item 19.

"O reino dos Céus é semelhante a um ser humano que semeou boa semente no seu campo. Mas enquanto o ser humano dormia, veio um inimigo dele, semeou joio no meio do trigo e retirou-se. Porém, quando a erva cresceu e deu fruto, então apareceu também o joio. Chegando os servos do dono do campo, disseram-lhe: Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? Pois, donde vem o joio? Respondeu-lhes: O inimigo é quem fez isso. Os servos continuaram: Queres, então, que vamos arrancá-lo? Não, respondeu ele, para que não suceda que, tirando o joio, arranqueis juntamente com ele o trigo. Deixai crescer ambos até a ceifa; e no tempo da ceifa direi aos ceifeiros: primeiro ajuntai o joio e atai-o em feixes para os queimar, mas recolhei o trigo no meu celeiro".

O joio está para o trigo, assim como o juízo humano está para as manifestações superiores.

Nesta parábola Jesus deixa bem claro que, o joio representa o errado e o trigo representa o certo. Com o livre arbítrio dado ao ser humano, ele tem o direito de conhecer o certo e o errado.

Por isso o motivo do ser humano, dono do campo, deixar que cresçam juntos, o joio e o trigo, isto é, o certo e o errado, para que aprenda a escolher o caminho a seguir.

Chegará a época em que o trigo deverá ser colhido, armazenado. Chegará também a época em que o ser humano bom, que seguiu os preceitos do Cristo, viverá em um mundo melhor, sem o joio. Nesse dia os ceifeiros cortarão o joio. Assim também o ser humano bom irá habitar um mundo melhor, onde poderá progredir, sem o joio.

O joio, representado pelos seres humanos que não procuram, e nem querem, o progresso, irão habitar mundos para a sua condição de errôneos, até um dia resolverem, isto é, enxergarem que também poderão progredir e viver num mundo melhor.

No Espiritismo estamos aprendendo que, todos nós, um dia chegaremos a Deus, nosso Pai eterno: Que todos nós, sem distinção, somos filhos de Deus. Ele, como Pai misericordioso, jamais deixaria um filho Seu ao abandono. Por isso as oportunidades, através de várias encarnações, dando a chance de progredirmos.

Hoje, na Terra, planeta que habitamos, a mistura do joio e do trigo é grande. Desde o século passado os Espíritos afirmam que os tempos são chegados; grandes transformações estão sendo operadas no planeta, pois ele deixará de ser de expiação e provas, para tornar-se um mundo de regeneração. Então haverá a separação do joio e do trigo.

Ficarão para o planeta de regeneração os Espíritos que desejam progredir "o trigo", que seguem a doutrina do Cristo.

Para que a Terra passe para a condição de regeneração é necessário que os obstinados no erro "o joio", na sua desencarnação, sejam exilados para outros mundos, segundo o seu grau de inferioridade.

Porém, fique bem claro que estes irmãos também alcançarão a regeneração, no momento em que acordarem para o conhecimento do Cristianismo, o conhecimento de Deus, através do Evangelho de Jesus.

Quando a Terra for um mundo de regeneração, haverá reencarnes em grande quantidade de Espíritos mais evoluídos, vindos de outros planetas de regeneração, para ajudar os deste mundo a tornarem-se mais felizes.

A Terra se tornando um mundo de regeneração, não será ainda de perfeição. Tornar-se-á um planeta onde haverá mais respeito entre os humanos, a moral será privilegiada e o trabalho enobrecido. O ser humano terá respeito pela Natureza, pelos animais. Não haverá necessidade de tranças nas portas, pois confiaremos uns nos outros, não haverá tantas doenças. Enfim, teremos um pouco de paz.

A Terra deixará de ter o domínio e o predomínio de pessoas errôneas, para ter um equilíbrio entre corretas e erradas, e mais tarde predomínio das corretas.

Divaldo Pereira Franco, numa de suas psicografias escreve: "Estas são horas muito importantes de transição moral na Terra, dos seus habitantes. Legiões que se demoravam retidas nestas faixas, ainda assinaladas pela barbárie, portadoras de instintos agressivos em afloramento, vem sendo trazidas à reencarnações em massa, obtendo a oportunidade de fazer a opção para a liberdade ou o exílio".

Esta oportunidade, como vimos, está sendo dada não só para encarnados, como também para os desencarnados. Vamos aproveitar esta concessão que Deus nos dá, para que possamos permanecer neste mundo que, segundo o Evangelho, será herdado pelos corretos, quando houver a separação do joio e do trigo.

Aqueles que cruzam os braços deixam de acompanhar o progresso, que é ininterrupto. Não estamos aqui para brincar de viver. O progresso existe e é dado a todos a oportunidade de alcançá-lo. Não devemos desistir de aprender, nossa inteligência é fonte sublime a correr, inestancável, por isso não devemos deixá-la sem aproveitamento. Somos transeuntes de carne, demandando para a eternidade e devemos lembrar que a lei divina é inderrogável. A bússola do Criador jamais emperra. A vida dos Céus é eterna e a posse da vida eterna consiste no cumprimento da lei: "Buscai primeiro o reino de Deus e a Sua justiça e tudo mais vos será acrescentado".

A criação é infinita e evidentemente não se limita à Terra. Ainda hoje cientistas revelam a constituição de novas galáxias. Jesus já dissera: "Há muitas moradas na casa de meu Pai".

Havendo muitas moradas na casa do Pai, sabemos que não estamos restritos apenas à Terra, poderemos conhecer novos mundos, com novos aprendizados.

Deus não desampara nenhum dos seus filhos, nem mesmo o mais rebelde, o mais egoísta e o mais ingrato. Está sempre enviando corretos Espíritos, para trazerem alguma coisa que amenize as dificuldades que enfrentamos. Realmente Deus nos ama muito, porque se assim não fosse, não nos enviaria tantos benfeitores. De todos os que nos ajudaram, sem dúvida o maior foi Jesus. Até a sua vinda, a humanidade não tinha uma diretriz que proporcionasse paz em sua vida, que é o maior anseio de todos nós. Jesus revelou a doutrina do Amor.

Com o Evangelho de Jesus, podemos nos considerar os mais felizes, porque é a certeza de sermos imortais, herdeiros dos planos de luz.

Jesus ainda acrescentou: "Nenhuma das ovelhas que o Pai me confiou se perderá". Isto é a certeza de que todos nós chegaremos à perfeição um dia. Com o advento do Espiritismo, estas palavras de Jesus fortificaram-se ainda mais, porque o Consolador nos mostra a pluralidade das existências. Esta é a misericórdia de Deus para com Seus filhos, dando-nos a oportunidade através de várias encarnações. Assim estaremos marchando em busca da perfeição, com a certeza de que é possível alcançá-la, que depende de nós. Em nossos corações devem estar gravadas as palavras de Jesus que: "nenhuma ovelha se perderá", nos impulsionando ao caminho da luz.

A vinda de Jesus, o Seu ensino, as Suas ações, constituem a mais bela expressão da perfeição.

Estamos caminhando, norteados pelo Espírito de Verdade, esforçando-nos para não olhar mais para trás, sabemos que a complacência divina não nos abandona.

Obrigada Mestre Jesus, por nos deixar o Seu Evangelho, tão claro e límpido, capaz de regenerar o ser humano, estabelecer a paz e a fraternidade no mundo.

Com o conhecimento e prática do Evangelho de Jesus, podemos habitar o próximo mundo de regeneração, não sendo ceifado como o joio.

A todos vocês que me ouvirem, encarnados e desencarnados: vamos estudar os ensinamentos do Cristo e roguemos sempre a Deus que nos tornemos dignos de Suas promessas. Obrigada!

05 - Progressão dos mundos - item 19.

Belo Horizonte esplendia, na claridade do Sol, no alto de Santa Teresa. Dali via-se a cidade do lado de Santa Efigênia, o Cruzeiro silencioso, no monte, lembrava o Cristo.

Chico Xavier andava pelos caminhos do horto com dois amigos, conversando, comentando e meditando. Passos vagarosos conduzia-os a cada instante, a um ângulo diferente que descortinava uma visão nova. Conversavam e olhavam a natureza. O casario brilhava na tarde mineira. As nuvens pareciam desenhar figuras no Céu e seus corações palpitavam no sonho dos Cristãos. De momento a momento, recordavam Roma e os acontecimentos de suas vidas pareciam ter ocorrido ontem. A atualidade da presença de Roma dos Césares era permanente.

Falavam deles e de muitos companheiros. Renúncias e sacrifícios através dos tempos foram recordados, levemente, e grandes figuras do Cristianismo primitivo se viram focalizados pela palavra do amigo. Aqui e ali, faziam observações, que estimulava maiores esclarecimentos.

As lutas de muitos Espíritos, agora reencarnados no Brasil vieram a mente, e Chico nos diz:

- Nós formamos uma família espiritual que vem lutando pela espiritualização juntos, há mais de cinco mil anos, antes do Cristo.

Em face dessa afirmativa, deram uma gostosa gargalhada e exclamaram:

- Puxa! E até hoje não melhoramos! Cinco mil e tantos anos e somos quase os mesmos?

Chico Xavier também riu e tornou a falar:

- Isso não é nada. Há dias, estive em Pedro Leopoldo um Espírito que em Roma se chamou Júlio e vinha ainda bravo. Não é a primeira vez que é trazido a Pedro Leopoldo. A mãe dele, que é Espírito esclarecido e bom, intercedeu junto a Emmanuel para ajudá-lo. Há mais de 2000 anos esse Espírito vive perturbado, e nada ainda conseguimos, apesar de toda a doutrinação. A mãezinha dele, geralmente se retira em lágrimas. Mas o tal Júlio, ainda quer mandar, quer matar e tem ódio terrível de muita gente que anda por aí.

- E onde está essa família espiritual que somos nós?

Responde o Chico:

- Uma parte aqui em Minas, uma parte no Rio, outra em São Paulo e outra no Sul. Por toda parte do Brasil, há sempre alguém da família. Há também gente na Europa e em outros países da América e do Mundo, mas a maioria, está mesmo no Brasil.

O Sol entrava no acaso como uma nave de ouro. As nuvens antes esbranquiçadas foram mudando de cor, desde o vermelho fogo, passando pelo rosicler até o cinzento do fim de tarde.

A mente triturava a notícia daquela família espiritual que vinha lutando unida, há cinco mil anos antes do Cristo. Pensávamos no nosso Chico e meditávamos a grandeza de Deus. Através dos milênios, vínhamos trabalhando juntos pela nossa reforma interior, resgatando as nossas dívidas e colaborando, embora humildemente, com a difusão dos princípios superiores.

Aquele Sol que se apagava era o mesmo que assistira a vinda do Cristo e a Lua que haveria de surgir mais tarde era ainda a mesma Lua, e nós estávamos ali, ainda, Espíritos que atravessavam o tempo e aves que voavam através da eternidade.

Chico apertou-nos mais fortemente o braço, como quem estivesse lendo o nosso pensamento, e nós mergulhamos em profunda meditação.

Este item foi retirado do livro: "Chico Xavier, o santo dos nossos dias" de R. A. Ranieri.

Vejam o nosso Chico Xavier, falando do trabalho da espiritualização da humanidade, há cinco mil anos antes do Cristo. Ranieri, naturalmente, fazia parte desse grupo. Essa grande família espiritual, hoje espalhada principalmente pelo Brasil, são nossos irmãos que lutam pelo progresso espiritual do ser humano.

Nós também queremos fazer parte dessa família, "se é que já não fazemos!", porque está desabrochando em nós o anseio do conhecimento do Cristo.

Isso é progressão. Desejo de evoluir. A nossa oportunidade tornou-se ainda maior, quando o Pai celestial, nos enviou um Seu filho; Jesus Cristo, com a mensagem do amor, porque o amor é um Sol, onde quer que seja.

O amor é a síntese da doutrina de Jesus. O amor é a essência divina em nós. O amor é um Sol interior que se lança em calor e luz sobre todos os acontecimentos que cercam a vida, despertando-nos o verdadeiro sentido da realidade espiritual e desvendando-nos o porvir.

O Espiritismo vem adicionar mais amor, com a reencarnação.

Com a reencarnação, nós sabemos que não há morte. O próprio Jesus nos provou que não há morte, que o Espírito é imortal.

Com o conhecimento de múltiplas existências, o amor alcança a verdadeira dimensão de eternidade e sublimidade. O amor é o ápice da evolução, envolvendo a criatura nas suas vidas sucessivas.

Quando o nosso bondoso Chico Xavier nos narra, o caso do irmão Júlio, que persiste em ser imperador de Roma, está nos mostrando que ele estacionou. Fechou os olhos e o coração para o progresso. Porém, o amor um dia vencerá. Sua mãe, através de seu amor e bondade, conseguirá que esse filho desperte para uma nova vida. Com a reencarnação, terá novas oportunidades para continuar a sua evolução. E um dia fará parte da grande família espiritual.

É por isso que a reencarnação se mostra imprescindível.

Em nosso presente estágio de evolução será necessário que renasçamos na Terra, ou noutros mundos que se lhe assemelhem, tantas vezes quantas se fizerem necessárias, não somente no resgate de erros e faltas do passado, mas também no aperfeiçoamento de nós mesmos, em obediência ao amor.

O mundo é, assim, nossa escola.

A família consanguínea é o grupo estudantil a que pertencemos.

O lar é a banca da experiência.

Amigos representam explicadores.

Adversários representam o papel de fiscais.

Os parentes difíceis são cadernos de prova.

O trabalho espontâneo no bem é o curso da iluminação interior, que podemos aproveitar segundo a nossa vontade.

E sendo Jesus o nosso Divino Mestre, a cada instante da vida a dificuldade ser-nos-á como bênção portadora de preciosas lições.

Deixemos que a bênção de Deus alumie o nosso coração para que saibamos abençoar.

Observa os que marcham desdenhosos, ignorando-te a presença e habituados que o ouro pode comprar a felicidade.

- Abençoa-os e passa.

Contemplas, espantado, os que são portadores de títulos preciosos, a te exigirem considerações e tributos especiais.

- Abençoa-os e passa.

Ouças, triste, os que injuriam e amaldiçoam.

- Abençoa-os e passa.

Quando te ferem.

- Abençoa-os e passa.

E se esse mesmo alguém volta a ferir-te, abençoa outra vez.

Fitas admirado os que não cumprem seus deveres, para desfrutarem os prazeres loucos enquanto a vitalidade lhes robustece o corpo jovem.

- Abençoa-os e passa.

Não use a crueldade para mostrar a justiça, porque a justiça integral é de Deus e todos viverão para conhecê-la.

Se teu filho é rebelde e insensato, abençoa teu filho, porque teu filho viverá.

Se teus pais são irresponsáveis e desumanos, abençoa teus pais, porque teus pais viverão.

Se o companheiro parece ingrato e desleal, abençoa teu companheiro, porque continuará ele vinculado à existência.

Se há quem te calunia e persegue, abençoa os que te perseguem e caluniam, porque todos eles viverão.

Humilhado, abatido, esquecido ou insultado, abençoa sempre.

Esses são os ensinamentos do Divino Mestre. Abençoar sempre. Perdoar sempre. Amar sempre.

Seguindo esses preceitos, estaremos certamente trilhando o caminho da progressão dos mundos.

Jesus Cristo é o nosso guia, Ele nos vê e nos ouve, onde quer que estejamos.

Sigamos o Seu Evangelho e estaremos com Ele para sempre.

Obrigada meus irmãos, que Jesus nos abençoe.

CAPÍTULO IV

NINGUÉM PODE VER O REINO DE DEUS SE NÃO NASCER DE NOVO

Ressurreição e reencarnação - Laços de família fortalecidos pela reencarnação e quebrados pela unicidade da existência - Instruções dos Espíritos: Limite da encarnação - Necessidade da encarnação - A encarnação é um castigo?

1. Jesus, o Cristo, tendo vindo para os lados de Cesaréia de Felipe, interrogou seus discípulos e lhes disse: que dizem as pessoas quanto ao Filho do Homem? Quem dizem que eu sou? Eles lhe responderam: Alguns dizem que sois João Batista, outros Elias, outros Jeremias ou algum dos profetas. Jesus, o Cristo, lhes disse: E vós outros, quem dizeis que eu sou? Simão Pedro, tomando a palavra lhe disse: Vós sois o Cristo, o Filho do Deus vivo. Jesus, o Cristo, lhe respondeu: Sois bem-aventurado, Simão, filho de Jonas, porque não foi nem a carne nem o sangue que vos revelaram isso, mas meu Pai que está nos céus. (*Mateus, cap. XVI, v. 13 a 17; Marcos, cap. VIII, v. 27 a 30*).

2. Entretanto Herodes, o Tetrarca, ouvindo falar de tudo o que Jesus, o Cristo, fazia, estava sem entender. Porque uns diziam que João ressuscitara de entre os mortos, outros que Elias apareceu, e outros que um dos antigos profetas ressuscitara. Então, Herodes disse: Eu fiz cortar a cabeça a João, mas quem é este de quem ouvi falar tão grandes coisas? E ele tinha vontade de vê-lo. (*Marcos, cap. VI, v. 14 e 15; Lucas, cap. IX, v. 7 a 9*).

3. (após a transfiguração). Seus discípulos o interrogaram dizendo: Por que, pois, os escribas dizem que é preciso que Elias venha antes? Mas Jesus, o Cristo, lhes respondeu: É verdade que Elias deve vir e restabelecer todas as coisas. Mas eu vos declaro que Elias já veio, e não o conheceram, mas o trataram como lhes aprouve. É assim que eles farão sofrer o Filho do Homem. Então seus discípulos compreenderam que era de João Batista que lhes havia falado. (*Mateus, cap. XVII, v. de 10 a 13; Marcos, cap. IX, v. 11 a 13*).

(Quando vemos uma mágica bem feita, vimos o ‘fato’, mas não sabemos como é feito! Ao conhecermos a habilidade, ela deixa de ser mágica, mas o ‘fato’ é o mesmo! Quando não conhecemos as leis espirituais não entendemos os ‘mistérios’, mas estudando a Doutrina dos Espíritos os ‘mistérios’ desaparecem... Conhece a verdade e a verdade o libertará!)

RESSURREIÇÃO E REENCARNAÇÃO

4. A reencarnação fazia parte dos dogmas judaicos sob o nome de ressurreição, só os Saduceus, que pensavam que tudo acabava com a morte, não acreditavam nela. As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não estavam claramente definidas, porque não tinham senão ideias vagas e incompletas sobre o Espírito e sua ligação com o corpo físico. Eles acreditavam que um ser que viveu podia reviver, sem se inteirarem com precisão da maneira pela qual o fato podia ocorrer; designavam pela palavra ressurreição o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama reencarnação. Com efeito, a ressurreição supõe o retorno à vida do corpo físico que morreu, o que a ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo físico estão, desde muito tempo, dispersos e absorvidos. A reencarnação é o retorno do Espírito, à vida corporal física, mas em outro corpo físico, novamente formado para ele, e que nada tem de comum com o antigo. A palavra ressurreição poderia, assim, se aplicar a Lázaro, mas não a Elias nem aos outros profetas. Se, pois, segundo sua crença, João Batista era Elias, o corpo físico de João não podia ser o de Elias, uma vez que se tinha visto João criança, e se conheciam seu pai e sua mãe. João podia, pois, ser Elias reencarnado, mas não ressuscitado.

(Sempre que nos apegamos à palavra é porque não temos conhecimento! Quando estudamos e conhecemos as coisas, principalmente de valor espiritual, entendemos o valor relativo das palavras e, também, a razão dos irmãos não quererem estudar e conhecer!)

5. Ora, havia um homem, entre os Fariseus, chamado Nicodemos, presbítero dos Judeus, que foi

à noite encontrar Jesus e lhe disse: Mestre, sabemos que viestes da parte de Deus para nos instruir como um doutor, porque ninguém poderia fazer os milagres que fazeis, se Deus não estivesse com ele. Jesus, o Cristo, lhe respondeu: Em verdade, em verdade vos digo: Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo.

Nicodemos lhe disse: Como pode nascer um humano que já está velho? Pode ele entrar no ventre de sua mãe, para nascer uma segunda vez? Jesus, o Cristo, lhe respondeu: Em verdade, em verdade vos digo: Se um humano não renascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é Espírito. Não vos espanteis do que eu vos disse, que é preciso que nasçais de novo. O Espírito sopra onde quer, e ouvís sua voz, mas não sabeis de onde ele vem e para onde ele vai. Ocorre o mesmo com todo humano que é nascido do Espírito.

Nicodemos lhe respondeu: Como isso pode se dar? Jesus, o Cristo, lhe disse: Que! Sois mestre em Israel e ignorais essas coisas? Em verdade, em verdade vos digo que não dizemos senão o que sabemos, e que não testemunhamos senão o que vimos, e, entretanto, vós não recebeis nosso testemunho. Mas se não me credes quando vos falo das coisas da Terra, como me creeis quando vos falar das coisas do reino dos céus? (*João, cap. III, v. 1 a 12*).

(Será que Jesus, o Cristo, vindo hoje, já poderia nos falar das coisas do ‘reino dos céus’?)

6. O pensamento de que João Batista era Elias e que os profetas poderiam reviver na Terra, se encontra em muitas passagens dos Evangelhos, notadamente nas relatadas acima (n.os 1, 2 e 3). Se essa crença tivesse sido um erro, Jesus, o Cristo, não teria deixado de combatê-la, como combateu tantas outras. Longe disso, ele sancionou-a com toda a sua autoridade, e colocou-a como princípio e como uma condição necessária quando disse: Ninguém pode ver o reino dos céus se não nascer de novo. E insiste, ajuntando: Não vos espanteis do que eu vos disse, que é preciso que nasçais de novo.

(Necessitamos ‘nascer de novo’, reencarnar, mas temos que usar a ‘água’ da verdade, lavando os olhos espirituais, para ‘ver’ o reino dos céus!)

7. Estas palavras: "Se um humano não renasce da água e do Espírito", foram interpretadas no sentido da regeneração pela água do batismo. Mas o texto primitivo trazia simplesmente: Não renasce da água e do Espírito, ao passo que, em certas traduções, a do Espírito se substituiu: do Santo Espírito, o que não corresponde mais ao mesmo pensamento. Esse ponto capital ressalta dos primeiros comentários feitos sobre o Evangelho, assim como será um dia constatado sem equívoco possível. (1)

(1) A tradução de Osterwald está conforme o texto primitivo. Ela traz: não renasce da água e do Espírito. A de Sacy diz: do Santo Espírito. A de Lamennais: do Espírito Santo.

(O problema das palavras... Prendemo-nos em palavras e desprezamos o real sentido da ocorrência!)

8. Para compreender o sentido verdadeiro dessas palavras, é preciso igualmente se reportar à significação da palavra água que não era empregada no sentido que hoje entendemos.

Os conhecimentos dos antigos, sobre as ciências físicas, eram muito imperfeitos, pois acreditavam que a Terra tinha saído das águas e, por isso, consideravam a água como o elemento gerador absoluto. É assim que na Gênese está dito: "o Espírito de Deus era levado sobre as águas. Flutuava na superfície das águas. Que o firmamento seja feito no meio das águas. Que as águas que estão abaixo do céu se reúnam em um só lugar, e que o elemento árido apareça. Que as águas produzam os animais vivos que nadem na água e os pássaros que voem na Terra e sob o firmamento".

Segundo essa crença, a água tornara-se o símbolo da natureza material, como o Espírito era o da natureza inteligente. Estas palavras: "Se o humano não renasce da água e do Espírito, ou em água e em Espírito", significam, pois: "Se o humano não renasce com seu corpo físico e seu Espírito." Neste sentido é que foram compreendidas no princípio.

Essa interpretação, aliás, está justificada por estas outras palavras: o que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é Espírito. Jesus, o Cristo, faz aqui uma distinção positiva

entre o Espírito e o corpo físico. O que é nascido da carne é carne indica claramente que só o corpo físico procede do corpo físico, e que o Espírito é independente do corpo físico.

9. O Espírito sopra onde quer, ouvis sua voz, mas não sabeis nem de onde ele vem, nem para onde ele vai, pode se entender como o Espírito divino, que dá a vida como ele quer, ou o Espírito do humano. Nesta última acepção, "vós não sabeis de onde ele vem, nem para onde ele vai" significa que não se conhece o que ele foi, nem o que o Espírito será. Se o Espírito fosse criado ao mesmo tempo em que o corpo físico, saber-se-ia de onde veio, uma vez que se conheceria seu começo. Como quer que seja, essa passagem é a consagração do princípio da pré-existência do Espírito e, por conseguinte, da pluralidade das existências.

10. Ora, desde o tempo de João Batista, até o presente, o reino dos céus é tomado pela violência, e são os violentos que o obtém. Porque, até João, todos os Profetas assim também como a lei, profetizaram. E se quereis compreender o que vos disse, é ele mesmo o Elias que deve vir. Ouça aquele que tem ouvidos para ouvir. (*Mateus, cap. XI, v. de 12 a 15*).

11. Se o princípio da reencarnação, expresso em João, podia, a rigor, ser interpretado num sentido puramente místico, não podia suceder o mesmo nesta passagem de Mateus, que é inequívoca: é ele mesmo o Elias que deve vir. Não há, aí, nem figura, nem alegoria: é uma afirmação positiva. "Desde o tempo de João Batista até o presente, o reino dos céus é tomado pela violência." Que significam essas palavras, uma vez que João Batista vivia ainda naquele momento? Jesus, o Cristo, as explica dizendo: "Se quereis compreender o que vos disse, é ele mesmo o Elias que deve vir". Ora, João não sendo outro senão Elias, Jesus, o Cristo, faz alusão ao tempo em que João vivia sob o nome de Elias. "Até o presente, o reino dos céus é tomado pela violência", é outra alusão à violência da lei mosaica que ordenava o extermínio dos infiéis para ganhar a Terra Prometida, Paraíso dos Hebreus, enquanto que, segundo a nova lei, o mundo espiritual se ganha pela caridade e pela doçura.

Depois ele ajunta: Ouça quem tem ouvidos para ouvir. Estas palavras, tão frequentemente repetidas por Jesus, o Cristo, dizem claramente que todo o mundo não estava em condições de compreender certas verdades.

12. Aqueles do vosso povo que se tenha feito morrer, viverão de novo. Aqueles que estavam mortos ao redor de mim, ressuscitarão. Despertai do vosso sono e cantai os louvores a Deus, vós que habitais na poeira. Porque o orvalho que cai sobre vós é um orvalho de luz... (*Isaías, cap. XXVI, v. 19*).

13. Esta passagem de Isaías também é bem explícita: "Aqueles do vosso povo que se tenham feito morrer viverão de novo". Se o profeta pretendesse falar da vida espiritual, se quisesse dizer que aqueles que se tenham feito morrer não estavam mortos em Espírito, ele teria dito: 'vivem ainda' e não 'viverão de novo'.

No sentido espiritual, essas palavras seriam um contrassenso uma vez que implicariam uma interrupção na vida do Espírito. No sentido de regeneração moral, elas seriam a negação das penas eternas, uma vez que estabelecem, em princípio, que todos aqueles que estão mortos, reviverão.

14. Mas quando o humano está morto uma vez que, seu corpo físico, separado do seu Espírito, está consumido, em que se torna ele? O humano estando morto uma vez, poderia reviver de novo? Nessa guerra, em que me encontro todos os dias da minha vida, espero que minha transformação chegue. (*Job, cap. XIV, v. 10, 14. Tradução de Le Maître de Sacy*)

Quando o humano morre, perde toda a sua força e expira. Depois, onde está ele? Se o humano morre, reviverá? Esperarei todos os dias do meu combate, até aquele em que me chegue alguma transformação? (*Idem. Tradução protestante de Osterwald*).

Quando o humano está morto, ele vive sempre. Terminando os dias de minha existência terrestre, esperarei, porque a ela voltarei de novo. (*Idem. Versão da Igreja grega*).

15. O princípio da pluralidade das existências está claramente expresso nessas três versões. Não

se pode supor que Job tenha querido falar da regeneração pela água do batismo que, certamente, ele não conhecia. "O humano estando morto uma vez poderia reviver de novo? A ideia de morrer uma vez e reviver, implica na de morrer e de reviver várias vezes. A versão da Igreja grega é ainda mais explícita, se isso é possível. "Terminando os dias de minha existência terrestre, esperarei, porque a ela retornarei", quer dizer, eu tornarei à existência terrestre. Isso é tão claro como se alguém dissesse: "Eu saio da minha casa, mas a ela retornarei."

"Nessa guerra em que me encontro todos os dias da minha vida, espero que minha transformação chegue." Job, evidentemente, quer falar da luta que sustenta contra as misérias da vida. Ele espera sua transformação, quer dizer, se resigna. Na versão grega, eu esperarei, parece antes se aplicar à nova existência: "Quando minha existência terrestre se findar, eu esperarei porque a ela retornarei". Job parece se colocar, depois da sua morte, no intervalo que separa uma existência da outra, e diz que ali ele esperará seu retorno.

16. Não é, pois, duvidoso que, sob o nome de ressurreição, o princípio da reencarnação era uma das crenças fundamentais dos judeus. Que ele foi confirmado por Jesus, o Cristo, e pelos profetas de maneira formal. De onde se segue que negar a reencarnação, é negar as palavras de Jesus, o Cristo. Essas palavras constituirão, um dia, autoridade sobre esse ponto, como sobre muitos outros, quando forem meditadas sem preconceitos.

17. Mas a essa autoridade, do ponto de vista religioso, vem se acrescentar, do ponto de vista filosófico, a das provas que resultam da observação dos fatos. Quando se quer remontar dos efeitos à causa, a reencarnação aparece como uma necessidade absoluta, como uma condição própria da Humanidade, numa palavra, como uma lei natural. Ela se revela por seus resultados de um modo, pode-se dizer, material, como o motor escondido se revela pelo movimento. Só ela pode dizer ao humano de onde ele vem, para onde vai, porque está encarnado na Terra, e justificar todas as anomalias e todas as injustiças aparentes que a vida apresenta. (1)

Sem o princípio da pré-existência do Espírito e da pluralidade das existências, a maior parte dos ensinamentos do Evangelho são incompreensíveis, por isso, deram lugar a interpretações tão contraditórias. Este princípio é a chave para restituir o verdadeiro entendimento.

(1) Ver, para o estudo da reencarnação, o Livro dos Espíritos, cap. IV e V; O que é o Espiritismo? Cap. II, por Allan Kardec; a Pluralidade das existências, por Pezzani.

(“Em verdade, em verdade vos digo: Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo”. Nós nos enganamos achando que era só tomar ‘aquele banho’ e já estaríamos no céu! Temos que nascer de novo ‘por dentro’, em verdade espiritual! Tudo está muito, mas muito claro! Porém não queremos abrir os olhos para enxergar a verdade...)

OS LAÇOS DE FAMÍLIA SÃO FORTALECIDOS PELA REENCARNAÇÃO E QUEBRADOS PELA UNICIDADE DA EXISTÊNCIA

18. Os laços de família não são destruídos pela reencarnação, como pensam certas pessoas. Ao contrário, eles são fortalecidos e se estreitam. Sem a reencarnação os laços são de sangue, mas não de Espírito e é isto o que explica os ódios dentro da família ‘de sangue’. Os Espíritos não pertencem a uma família ‘de sangue’ e, portanto, não se entendem!

Os Espíritos formam, no espaço, grupos ou famílias unidos pela afeição, pela simpatia e semelhança de inclinações. Esses Espíritos, felizes por estarem juntos, se procuram. A encarnação não os separa senão momentaneamente, porque, depois da sua reentrada na erradicidade, se reencontram como amigos ao retorno de uma viagem. Frequentemente mesmo, eles se seguem na encarnação, onde se reúnem numa mesma família, ou num mesmo círculo, trabalhando em conjunto para seu mútuo adiantamento. Se uns estão encarnados e outros não o estejam, por isso não estão menos unidos pelo pensamento. Os que estão livres protegem os que estão encarnados, os mais avançados procuram fazer progredir os retardatários. Depois de cada encarnação, deram um passo no caminho da purificação. Cada vez menos ligados à matéria, sua afeição é mais viva, pelo fato mesmo de ser mais sublime, não perturbada mais pelo egoísmo, nem pelas nuvens dos errados desejos. Eles podem, pois, assim percorrer um número ilimitado de existências corporais, sem que nada perturbe sua mútua afeição.

Entenda-se que se trata aqui da afeição verdadeira de Espírito a Espírito, a única que sobrevive à destruição do corpo físico, porque os seres que não se unem neste mundo senão pelo 'sangue', não tem nenhum motivo para se procurarem no mundo dos Espíritos. Não há de duráveis senão as afeições espirituais. As afeições carnis se extinguem com a causa que as fez nascer. Ora, essa causa não existe mais no mundo dos Espíritos, enquanto que o Espírito existe sempre. Quanto às pessoas unidas pelo interesse material, elas não estão realmente em nada unidas uma à outra: o desencarne as separa na Terra e no mundo espiritual.

(Devemos entender o acima enunciado como referente a dois tipos de Espíritos: os tranquilos moralmente e os intranquilos moralmente. Os primeiros entendem os valores do Espírito e 'volitam' livremente, os segundos estão 'presos' aos valores materiais e estão 'colados' àqueles de igual comportamento espiritual.)

19. A união e a afeição que existem entre os parentes são indício da simpatia anterior que os aproximou. Também diz-se, falando de uma pessoa cujo caráter, gostos e inclinações não tem nenhuma semelhança com os de seus parentes, que ela não é da família. Dizendo isso, se fala maior verdade do que se crê. A Lei de Deus permite, nas famílias, essas encarnações de Espíritos adversários ou estranhos, com o duplo objetivo de servir de prova para alguns, e de meio de adiantamento para outros. Os ainda sem moral se melhoram pouco a pouco ao contato dos corretos e pelos cuidados que deles recebem. Seu caráter se abranda, seus costumes se depuram e suas antipatias se apagam. É assim que se estabelece a fusão entre as diferentes categorias de Espíritos, como ocorre na Terra, entre as raças e os povos.

(No desencarne os iguais se seguem...)

20. O temor do aumento indefinido da parentela, em consequência da reencarnação, é um temor egoísta, que prova não sentir-se um amor bastante amplo para distribuí-lo sobre um grande número de pessoas. Um pai que tem vários filhos, ama-os, pois, menos que se tivesse apenas um? Mas que os egoístas se tranquilizem, pois esse temor não tem fundamento. Do fato de um Espírito ter tido dez reencarnações, não se segue que ele encontrará no mundo dos Espíritos dez pais, dez mães, dez mulheres, e um número proporcional de filhos e de novos parentes. Ele aí reencontrará sempre os mesmos objetos da sua afeição, que lhe foram ligados espiritualmente na Terra, como parentes, amigos etc.

(Afinal: somos todos irmãos, ou não? Todos nós somos filhos de Deus, portanto...)

21. Vejamos agora as consequências da Doutrina da não reencarnação. Essa Doutrina anula, necessariamente, a pré-existência do Espírito. Os Espíritos sendo criados ao mesmo tempo em que o corpo físico, não existe entre eles nenhum laço anterior. São completamente estranhos uns aos outros. O pai é estranho ao seu filho. A filiação das famílias se encontra, assim, reduzida unicamente à filiação corporal física, ao 'sangue', sem nenhum laço espiritual. Não há, pois, nenhum motivo para se glorificar de ter tido por ancestrais tais ou tais personagens ilustres.

Com a reencarnação, ancestrais e descendentes podem ter se conhecido, vivido juntos, se amado, e se encontrarem reunidos mais tarde para estreitar seus laços simpáticos.

(Se a linhagem de sua família passa pela de Jesus, isto o faz um ser superior? Lembremo-nos: Carne é carne, Espírito é Espírito!)

22. Isso quanto ao passado. Quanto ao futuro, segundo um dos dogmas fundamentais que decorrem da não reencarnação, o destino dos Espíritos é definitivamente fixado em uma única existência. A fixação definitiva do destino implica a parada de todo e qualquer progresso, pois se há algum progresso não há mais destino definitivo. Segundo tenham bem ou mal vivido, eles vão imediatamente para a eterna morada dos Bem-aventurados ou para o inferno eterno. São assim, imediatamente separados para sempre, e sem esperança de jamais se aproximarem, de tal sorte que pais, mães e filhos, maridos e mulheres, irmãos, irmãs, amigos, nunca estarão certos de se reverem. É a separação mais absoluta dos laços de família.

Com a reencarnação, e o progresso que lhe é consequência, todos aqueles que se amaram, se re-

encontram na Terra e no espaço, e progridem juntos para chegar à pureza e perfeição. Os que falham no caminho retardam seu adiantamento e sua felicidade. Mas não está perdida toda esperança. Ajudados, encorajados e sustentados por aqueles que os amam, sairão um dia do estado estacionário em que estão mergulhados. Com a reencarnação, enfim, há solidariedade perpetua entre os encarnados e os desencarnados, com o estreitamente dos laços de amor.

(Ajudados, encorajados e sustentados por aqueles que os amam, sairão um dia do estado estacionário em que estão mergulhados.

Os que se ligam, realmente, aos valores espirituais fazem o máximo de esforços para ajudar aos irmãos presos aos valores materiais, mas sempre respeitando ao livre-arbítrio!)

23. Em resumo, quatro alternativas se apresentam ao humano para seu futuro de além-túmulo. Primeira, o nada, de acordo com a Doutrina materialista. Segunda, a absorção no todo universal, de acordo com a Doutrina panteísta. Terceira, a individualidade com a fixação definitiva da sua sorte, segundo a Doutrina de Igrejas. E, quarta, a individualidade com progresso constante, segundo a Doutrina Espírita. De acordo com as duas primeiras, os laços de família se rompem depois do desencarne e não há nenhuma esperança de reencontro. Com a terceira, há a chance de se rever, contanto que se esteja no mesmo meio, esse meio pode ser tanto o inferno como o paraíso. Com a pluralidade das existências, que é inseparável da progressão gradual, há a certeza na continuidade das relações entre aqueles que se amaram, e está aí o que constitui a verdadeira família.

(Um dia, ‘quando será?’, iremos reconhecer essa família espiritual, à qual, mesmo não aceitando, ainda, é a nossa verdadeira família! Por enquanto tratemos de harmonizar a nossa família terrena...)

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

LIMITES DA ENCARNAÇÃO

24. Quais são os limites da encarnação? A encarnação não tem, propriamente falando, limites claramente traçados. Quando se entende por encarnação o envoltório que constitui o corpo físico do Espírito, já que a materialidade desse envoltório diminui à medida que o Espírito se purifica. Em certos mundos mais avançados que a Terra, ele já é menos compacto, menos pesado e menos grosseiro e, por conseguinte, menos sujeito às vicissitudes. Num grau mais elevado é transparente e quase fluídico. De grau em grau ele se desmaterializa e acaba por se confundir com o perispírito. Segundo o mundo a que o Espírito é chamado a viver, este toma o envoltório apropriado à natureza desse mundo.

O próprio perispírito suporta transformações sucessivas. Ele se refina, cada vez mais até a depuração completa, que constitui os Espíritos puros e perfeitos. Se mundos especiais são destinados, como estações, aos Espíritos corretos, estes não estão ligados ali como nos mundos inferiores. O estado de desligamento em que se encontram lhes permite se transportarem por toda parte em que os chamam as missões que lhes são confiadas.

Se se considera a encarnação sob o ponto de vista material, como ocorre na Terra, pode-se dizer que ela é limitada aos mundos inferiores. Depende do Espírito, por conseguinte, dela se livrar, mais ou menos rapidamente, trabalhando pela sua evolução.

Deve-se considerar também que, no estado errático, quer dizer, nos intervalos das existências corporais, a situação do Espírito está em relação com a natureza do mundo ao qual se liga pelo seu grau de adiantamento. Que, assim, na erraticidade, ele é mais ou menos feliz, livre e esclarecido segundo seja mais ou menos desmaterializado.

(Luiz, Paris, 1859).

(Já que sou imortal, qual a razão de me preocupar com a quantidade do que é transitório? Devo procurar aprender a caminhar na Lei de Deus, estudando-a de forma constante e lúcida, meditar no aprendido e praticar as ações que considerar já possíveis. Pois só assim é que irei desmaterializando meus corpos; o físico e o perispiritual!)

NECESSIDADE DA ENCARNAÇÃO

25. A encarnação é uma penalização? Somente Espíritos em erro a ela estão obrigados?

A passagem dos Espíritos pela vida corporal física é necessária para que possam cumprir, com a ajuda de uma ação material, os desígnios cuja execução obedece à Lei de Deus. Ela é necessária a eles mesmos porque a atividade que são obrigados a desempenhar ajuda no desenvolvimento do Espírito, em conhecimento e moral. Deus, sendo soberanamente justo, considera igualmente a todos os seus filhos. É por isso que dá a todos o mesmo ponto de partida e o mesmo para a chegada, a mesma aptidão, as mesmas obrigações a cumprir e a mesma liberdade de agir, todo privilégio seria uma preferência, e toda preferência uma injustiça. Mas a encarnação não é, para todos os Espíritos, senão um estado transitório. É uma tarefa que a Lei de Deus lhes coloca, na sua entrada na vida humana, como prova do uso que farão do seu livre-arbítrio. Aqueles que cumprem essa tarefa com acerto, vencem mais rápida e menos penosamente, seus primeiros degraus da evolução, e gozam mais cedo os frutos dos seus trabalhos. Aqueles, ao contrário, que fazem errôneo uso da liberdade que está na Lei de Deus, retardam seu adiantamento. É assim que, por sua obstinação, podem multiplicar a necessidade de se reencarnar, e, é, então, que a encarnação se torna um resgate.

(Luiz, Paris, 1859).

(É uma tarefa que a Lei de Deus lhes coloca, na sua entrada na vida humana, como prova do uso que farão do seu livre-arbítrio.

Por essa ‘total’ liberdade é que agimos, seja no certo ou no errado! Portanto, e em razão disso, é que somos plenamente responsáveis por todas as nossas ações, quer sejam mentais ou físicas, quer sejam ativas ou passivas. Isto tudo indica que devemos estudar para conhecer a Lei de Deus, e poder praticá-la corretamente...)

26. Nota. Uma comparação vulgar fará compreender melhor esta diferença. O estudante não alcança os graus da ciência senão depois de ter percorrido a série de classes que a ela conduz. Essas classes, qualquer que seja o trabalho que exijam, são um meio de atingir o fim, e não uma punição. O estudante correto abrevia a caminhada e, assim, encontra menos obstáculos. Ocorre de outro modo para aquele cuja negligência e preguiça obrigam a recomeçar certas classes. Não é o trabalho da classe que é um resgate, mas a obrigação de recomeçar o mesmo trabalho feito com erro.

Assim ocorre com o humano na Terra. Para o Espírito do selvagem, que está quase no início da vida espiritual, a encarnação é um meio para adquirir conhecimento e moral. Para o humano esclarecido, no qual o senso moral está desenvolvido, e que é obrigado a recomeçar as etapas de uma vida corporal física cheia de preocupações, enquanto que poderia já ter alcançado o objetivo, é um penalização pela necessidade de prolongar sua estada nos mundos atrasados e infelizes. Aquele, ao contrário, que trabalha ativamente pelo seu progresso em conhecimento e moral, pode não somente abreviar a duração da encarnação física, mas vencer, de uma só vez, os degraus intermediários que o separam dos mundos mais adiantados.

Os Espíritos não poderiam se encarnar senão uma vez sobre o mesmo globo e cumprir suas diferentes existências em esferas diferentes?

Essa opinião só seria admissível se todos os humanos estivessem, na Terra, no mesmo nível de conhecimento e moral. As diferenças que existem entre eles, desde o selvagem ao civilizado, mostram os degraus que são chamados a vencer. A encarnação, aliás, deve ter um fim útil. Ora, qual seria o das encarnações de crianças que desencarnam em idades iniciais? Elas teriam sofrido sem proveito para elas e para os outros: Deus, cujas leis são soberanamente sábias, não faz nada de inútil. Pela reencarnação sobre o mesmo globo, pela Sua Lei, faz que os mesmos Espíritos, encontrando-se de novo em contato, tivessem ocasião de reparar os seus erros recíprocos. Em razão das suas relações anteriores, Ele faz, por outro lado, assentar os laços de família sobre uma base espiritual, e apoiar sobre uma lei natural os princípios de solidariedade, de fraternidade e de igualdade.

(As encarnações não estão sujeitas ao nosso acreditar, elas acontecerão naturalmente pela Lei de Deus! É o único modo de demonstrarmos na ‘prática material’ o nosso aprendizado! O melhor modo de nos ilustrarmos na Lei de Deus é pelo estudo constante, sem fanatismo, da Doutrina dos Espíritos.)

EXPLANAÇÕES

01 - Ressurreição e reencarnação 1 - itens 1 a 4

Nesta leitura do Evangelho Segundo o Espiritismo nós ouvimos, do capítulo IV, que a reencarnação fazia parte dos dogmas judeus, sob o nome de ressurreição. Para os judeus, era impossível o ser humano reviver sem o corpo físico. Não tinham ideia de como se davam os fenômenos do desencarne e reencarne.

A ressurreição supõe o retorno à vida do corpo morto, isto é, admite que um mesmo corpo físico possa retornar à vida, o que a ciência demonstra ser impossível. Se os despojos do corpo humano permanecessem homogêneos, embora dispersados e reduzidos a pó, ainda se conceberia a sua reunião em determinado tempo, mas as coisas não se passam assim. O corpo é formado por elementos diversos: oxigênio e hidrogênio, azoto, carbono etc. A dispersão desses elementos vai servir para a formação de novos corpos na natureza.

A matéria é de quantidade definida, suas transformações são em número indefinido. Como poderia cada um desses corpos reconstituir-se com os mesmos elementos? Há nisso uma impossibilidade material.

A natureza trabalha incessantemente, donde, ela tudo transforma e tudo aproveita. Nossos corpos físicos, sem os Espíritos, se reintegram na natureza material.

Até hoje há muitas religiões que estão esperando a vinda de Jesus Cristo e a ressurreição dos mortos. Acreditam que os mortos se levantarão dos seus túmulos e serão julgados. Deus não despreza a ciência. Ele a envia aos seres humanos para ajudar na sua evolução. A ciência prova que é impossível a reintegração da matéria que formava um corpo humano.

Racionalmente não se pode admitir a ressurreição da carne, senão como um símbolo representando a reencarnação.

As conquistas científicas esbarram nos dogmas, porque fazem vir à tona as verdades que muitas religiões ainda não aceitam.

Até hoje se diz que Jesus ressuscitou. Como naquela época não acreditar na ressurreição de Jesus?

As mulheres, entre elas Maria Madalena, foram ao sepulcro visitar o corpo físico de Jesus. Grande foi o espanto vendo o túmulo vazio, e um anjo para avisar-lhes que reunissem os apóstolos, dispersos e desorientados com a morte do Mestre, e partissem para a Galiléia, onde receberiam as últimas instruções do Senhor.

A pedra do túmulo foi retirada pela mediunidade de efeitos físicos e o anjo era um Espírito materializado.

Se o anjo fosse explicar às mulheres os fatos que se tinham passado, com referência ao corpo físico de Jesus, e lhes dissesse que o Mestre vivia, embora sem aquele corpo, elas não conseguiriam entender e ainda levariam dúvidas aos discípulos. Por isso foi mais lógico ao mensageiro celestial, mostrando o sepulcro vazio, dizer-lhes que o Mestre tinha ressuscitado.

Ainda não estavam preparados para todos os ensinamentos, que devem ser por etapas.

Elas, ao verem e ouvirem tudo isso de uma criatura celestial: era a certeza de que o Senhor vivia, saíram cheias de júbilo e levaram a mensagem aos apóstolos. Para reforçar que estava vivo, Jesus lhes aparece, confirmando as palavras de Seu mensageiro.

A aparição de Jesus aos Seus discípulos, depois do Seu desencarne, foi necessária para solidificar-lhes a fé. Seus discípulos receberam Seus ensinamentos, testemunharam Suas obras, assistiram a Sua prisão e ao Seu suplício, viram-no expiar na cruz, ajudaram a carregar o Seu cadáver para o túmulo. Não tinham dúvidas: o Mestre tinha morrido.

No dia predito por Jesus, Ele aparece radiante de vida. Fala com eles. Na verdade o Mestre amado tinha ressuscitado. E depois, diante deles, parte para o mundo espiritual, donde viera e continuaria a zelar pelos Seus ensinamentos.

Então era certo o que Ele tinha ensinado. Não havia morte. A morte tinha sido vencida. A imortalidade do Espírito estava comprovada. Para isso foi preciso que Jesus expirasse na cruz. Era necessário que todos os discípulos O vissem realmente morto e que O vissem triunfar da morte,

para crerem nos Seus ensinamentos e se disporem a evangelizar a humanidade. Com a certeza absoluta gravada nos corações, partiram a espalhar a Boa Nova por todos os caminhos da Terra. Jesus diz aos Seus discípulos que devem ensinar todas as gentes, em nome do Pai, do Filho e do Santo Espírito.

Ensinar em nome do Pai, isto é, em nome de Deus, que é o nosso Pai comum, e do Filho, que é o Mestre Jesus. Em nome do Santo Espírito, isto é, em nome dos Espíritos corretos. Ensinai a todos, isto é, fazei com que todos recebam o conhecimento do Evangelho e se redimam, aplicando as lições de Jesus no viver do dia a dia.

E Jesus pede aos seus discípulos que observem os seguintes pontos, quando forem transmitir o Seu Evangelho:

1- Pregar e praticar. Jamais desmentir com os atos o que se pregar com palavras. O exemplo é o melhor dos mestres e o mais eloquente dos pregadores.

2 - Jamais pregar o Evangelho com segundas intenções, procurando por meio dele explorar o próximo. Mas que o pregador seja impulsionado apenas pelo amor aos pequeninos da Terra e pelo sentimento correto do bem.

3 - Todos os que pregam têm o dever de se fortalecerem pela oração e pela vigilância, a fim de exemplificarem o que pregam por meio de uma ação construtiva.

4 - Não se iludam os pregadores sinceros, dificilmente terão amigos; mas se lembrem de que são os divulgadores da Verdade, a qual nem sempre agrada aos nossos irmãos terrenos.

5 - Através dos séculos, nos dias luminosos ou no meio das trevas da ignorância, onde quer que se encontre um discípulo sincero, por mais humilde e pequenino que seja, junto dele estará um Mensageiro de Jesus, animando, amparando, fortalecendo e inspirando o trabalhador de boa vontade e o discípulo fiel.

Depois de quase dois mil anos, da vinda de Jesus, os seus ensinamentos são fortalecidos, com o advento do Espiritismo.

O Espiritismo não veio modificar os ensinamentos de Jesus, veio desmistificar os ensinamentos do Mestre, veio nos ensinar sobre reencarnação, que é o nascer de novo.

O Espiritismo, com a lei da reencarnação, com novos renascimentos, possibilitando aos Espíritos a quitação de seus débitos para com a justiça divina, facultando ao Espírito novos embates retificadores, que o aproxima mais do Criador de todas as coisas.

O desencarne não representa a ruptura dos laços afetivos da família, mas apenas uma separação temporária, pois os Espíritos que são simpáticos entre si, continuarão a estreitar, cada vez mais, os elos de amor que os unem.

A reencarnação é a volta do Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo físico, numa nova oportunidade de evolução.

O Espírito é imortal e a morte não existe. Isto já ficou provado com o aparecimento de Jesus aos Seus discípulos. O que morre é o corpo físico, e que é descartado pelo Espírito ao desencarnar, assim como despimos de uma simples vestimenta.

O progresso é eterno, como é a própria vida. Sendo assim determinado, só temos uma única vida; que é a vida espiritual, iniciada no primeiro degrau da evolução, passando por inúmeras e sucessivas existências materiais, neste ou em outros mundos, até o ponto mais alto da escadaria do aperfeiçoamento.

A reencarnação é indispensável, é um novo nascimento para a caminhada evolutiva do Espírito. A meta ambicionada pelo Espírito é o aperfeiçoamento e a evolução, até atingir ao citado no Evangelho de Jesus: "Sede perfeitos como o vosso Pai que está nos Céus".

A reencarnação é o meio oferecido pelo Criador, ao Espírito, para que este tenha as oportunidades de reparar suas falhas e de corrigir suas deficiências, de sanar os erros cometidos e de regenerar-se, de aprender e de realizar o progresso de suas faculdades intelectuais e morais.

É, em verdade, a única e definitiva explicação para as diferenças individuais, e a prova inconteste de um Deus justo e infinitamente bondoso. Se assim não o fosse, se a vida começasse no berço e terminasse no túmulo, que Pai seria esse, criando seres com tamanhas desigualdades físicas, morais e intelectuais? Por que umas criaturas têm corpo perfeito, enquanto que outras nascem com defeitos físicos ou psíquicos? Por que umas nascem em berço de ouro e outras tantas

amargam as mais negras misérias? Umas tranquilas e outras se deparam com toda espécie de problemas e dificuldades?

Seriam alguns seres privilegiados filhos de Deus, enquanto que outros seriam desvalidos da sorte, sem qualquer motivo determinante?

Que mérito teria um Espírito que animou um corpo físico por dias ou meses apenas, sem qualquer conhecimento do mundo, sem que sua virtude pudesse ser experimentada e sem que seu livre arbítrio fosse exercitado, para poder estar, após precoce desencarne, nas delícias eternas do paraíso ou na incerta região do limbo?

A lógica e a razão nos mostram que a vida, o destino, as desigualdades todas dos seres humanos, têm que ter uma explicação. Deus não é injusto e nem pode sê-lo. Não há efeito sem uma causa. Logo, a reencarnação é a luz que desvenda o enigma do destino humano e oferece uma solução adequada e sensata, para a eterna justiça e a suprema bondade do Criador.

"Nascer, viver, morrer, renascer ainda, tantas vezes quantas forem necessárias, para que a nossa evolução se elabore e o nosso aperfeiçoamento espiritual se complete", diz o Espírito de Verdade para Allan Kardec.

Queridos irmãos, nós nascemos para realizar o melhor. Se o conhecimento da Onipresença divina ainda não lhe chegou à mente, pensa no infinito de bênçãos que lhe envolvem, sem que despendas o mínimo esforço.

Nós não contratamos engenheiro para a garantia do Sol que nos sustenta, e nem assalariamos empregados para a escavação do oxigênio na atmosfera, a fim que se renove o ar que respiramos. Reflitamos, por um momento nas riquezas ilimitadas ao nosso dispor, nos reservatórios da Natureza, e compreenderemos que não estamos a sós.

Confiemos, sigamos, trabalhemos e construamos corretamente para o bem. Guardemos a certeza de que; para alcançar a felicidade, é suficiente que façamos os nossos deveres, porque Deus faz o resto.

Obrigada irmãos!

02 - Ressurreição e reencarnação 2 - itens 5 a 9.

Elias, o profeta, viveu 500 anos antes de Jesus, vestia-se de pele de camelo, cinto de couro em torno dos rins, barba revolta pelo vento e sua pele curtida pelo Sol do deserto.

Elias veio chamar a atenção do rei Acab e da rainha Jezabel, dizendo-lhes que abandonaram os ensinamentos de Deus para seguirem os sacerdotes de Baal e de Asserá, que veneravam falsos deuses.

Elias desafia os sacerdotes, pedindo que o rei Acab e Jezabel, reunissem todos os sacerdotes de Baal e o povo. Pediu que separasse 2 novilhos, um para os sacerdotes e outro para ele. Cada um fará seu novilho em pedaços e colocará sobre o altar. Os sacerdotes invocarão o nome de seus deuses e eu o nome do Senhor. O altar que tiver chamas para queimar o novilho é o verdadeiro Deus.

A cerimônia começara pela manhã e já ia até o meio dia. Os sacerdotes clamavam por Baal e dançavam em volta do altar. E não houve retorno dos deuses.

Elias pediu que o povo se aproximasse do seu altar, pois era o profeta de Deus e diante de todos, ergueu seus olhos para o Céu e clamou a Deus:

- Ouça-me Senhor! Ouça-me para que este povo saiba que tu Senhor és Deus, e que por Seu paternal carinho o Senhor converte corações.

Então desceu do alto como que um fogo, esse fogo consumiu todo o sacrifício e o povo dizia em uma só voz:

- O Senhor é Deus! O Senhor é Deus!

Após os reis terem fugido, Elias aprisionou os falsos profetas, mandou matá-los, cortando-lhes o pescoço e, com isso, conseguiu o ódio de Jezabel, a rainha.

Elias recebeu o mensageiro da rainha, dizendo que iria fazer com ele o que fizera com os sacerdotes. Abdias, o mensageiro, acreditava no Senhor e permitiu que Elias partisse. Longe dali, debaixo de uma árvore, Elias arrependido pede que Lhe tire a vida. Porém um Anjo do Senhor lhe disse:

- Levanta-te e come, porque você tem um grande caminho a percorrer.

Quinhentos anos depois, Zacarias casa-se com Isabel. Ela era estéril e nunca pode gerar filhos. Certa noite teve um sonho, um Espírito solicitava o seu ventre, dizendo que deveria renascer naquele lar. Pedia coragem, para que pudesse servir ao Senhor, mesmo que isso constrangesse corações.

Zacarias era um sacerdote temente a Deus. Achava impossível terem um filho, e também se subordinava, porque era a vontade Divina. Absorto em seus pensamentos seguia para o templo, até que um dos seus colegas dá-lhe a notícia: que fora sorteado para queimar o incenso no templo, pois fazia parte do ritual religioso.

Pôs as vestes sacerdotais e entrou.

Quando se preparava para queimar o incenso, viu uma luz forte no altar. Zacarias julgou ser uma alucinação, mas, em voz cristalina, disse-lhe o Espírito:

- Zacarias, não se deixe vencer pelo temor. Saiba que a sua oração pedindo um filho foi ouvida. As orações dos justos são acolhidas no mais alto. Isabel dará luz a um filho e você dará o nome de João, que significa "o que vem primeiro". João será grande diante do Senhor. No ventre materno, já trará todos os sinais da sua capacidade de relacionar-se com a espiritualidade, de onde provém e a qual servirá. Muitos dos filhos extraviados de Israel serão por ele convertidos para o Senhor seu Deus.

Zacarias estava atônito e o Espírito prosseguiu:

- Um Espírito do Senhor encarnará na Terra e João irá adiante dele; por ser o profeta Elias, terá o poder da profecia, para converter os corações dos pais, dos filhos; converter os desobedientes para a prudência dos justos e ajustar para o Espírito do Senhor que virá após ele.

Zacarias estava remoído de dúvidas e perguntava como poderia ser isso? O Espírito lhe respondeu:

- Zacarias, eu sou Gabriel, um Espírito que trabalha junto as falanges Divinas que prestam assistência a este mundo! Eu fui enviado para falar-lhe e trazer-lhe as boas notícias que lhe transmito.

- Estou alucinado, dizia Zacarias.

- Se você não acredita, vou submetê-lo a uma dura prova; ficará mudo até o dia em que se cumprir os meus anúncios.

Voltou para casa e beijou as mãos de Isabel, que lhe perguntou o que estava acontecendo. Ele escreveu numa tabuinha: "Porque duvidei do Senhor. Você estava certa. Elias, o profeta, será nosso filho".

Maria vai visitar sua prima Isabel, porque o Espírito que lhe anunciara Jesus, também lhe disse que Isabel já estava no sexto mês de gravidez.

- A paz esteja em seu lar, saudou Maria.

Isabel, emocionada, sentiu que a criança no ventre se agitou e sentiu também o Espírito de Elias, em fase de reencarnação, como se lhe envolvesse a própria mente e, mediunizada, Isabel deixou que Elias falasse:

- Bendita é você entre as mulheres, e bendito é o fruto do seu ventre. Que fiz eu para merecer ser visitado pela mãe de meu Mestre e Senhor?

E naquele banquete de espiritualidade divina, Maria deixou que transbordasse um poema do seu coração.

Completado o tempo, Isabel deu a luz. No oitavo dia Isabel e Zacarias levaram o menino ao templo para que, segundo os costumes, ele fosse dedicado a Deus. Durante o cerimonial queriam dar-lhe o nome de Zacarias, porém Isabel foi decisiva e disse: - O nome dele é João! Eles se voltaram para Zacarias, que pediu a tabuinha e escreveu: - João será o seu nome! Emocionado emitia uns sons e disse:

- Em João, Deus seja louvado! E Zacarias voltou a falar.

Zacarias desejava que João fosse sacerdote e disse-lhe João:

- Não nasci para esse sacerdócio. Serei profeta do Senhor, mesmo que tenha de viver longe da brandura deste lar, terei ambos no coração.

Um dia diz a Isabel:

- Mãe, o deserto convida-me a meditar. E assim partiu. Lá, armou sua tenda. Vestiu o corpo com pele de camelo, cinto de couro, barba revolta pelo vento, pele curtida pelo Sol do deserto. Num impulso voltou à tenda, mal adentrou, ouviu uma voz celestial e branda. João caiu de joelhos:

- Suas orações chegaram ao Senhor Deus! O Senhor quer que você Lhe prepare os corações dos seres humanos. É chegado o tempo da Boa Nova do Senhor à face da Terra. Os Espíritos ainda não se encontram devidamente preparados, para a mensagem definitiva do renovador.

- Devo ir antes do Senhor?

Responde-lhe o Espírito:

- Não há sementeira produtiva sem o revolver dos terrenos. E não há germinação sem antes depositar a semente. Para que os ensinamentos celestiais alcancem o profundo de cada ser, faz-se indispensável retirar os Espíritos dos seus conflitos. Eis aí, a sua missão João!

João vem para as margens do rio Jordão, perto da aldeia de Betânia. Ali começa a preparar os corações, para que possam aconchegar-se ao calor espiritual, nascendo como Espíritos que se depuram.

Simão e André o procuram, perguntando-lhe se era o Mestre e Senhor. E cordial lhes disse: Sigam-me, mas não se prendam à ideia de que serão meus discípulos, porque cada um tem a sua tarefa definida na seara daquele que é o ceifeiro dos campos de Deus.

Um dia, um discípulo seu pergunta: - De onde lhe vem a autoridade para perdoar os pecados?

- Tenho a autoridade delegada pelo próprio arrependimento de cada um que nos busca. A misericórdia Divina admite que o arrependido tenha novas oportunidades, porque Deus não quer o sofrimento permanente de sua criação e, sim, a sua redenção espiritual.

Muitos lhe perguntavam se ele não era o Cristo, e ele respondia:

- Não sou o Cristo! E já lhes repeti que logo virá aí um que é muito mais forte que eu e do qual não sou digno nem sequer de desatar-lhe as sandálias. Aquele que vem do mais alto, é o intérprete das luzes que irradiam em cada consciência. Eu o reconhecerei, quando vier ao meu encontro, porque o amigo espiritual, Gabriel, que me inspira, me mostrará um mundo de luzes, descidas dos Céus a envolver-lhe a cabeça.

Herodes era o governador da Galiléia, casado com Herodíades, mulher de seu irmão Felipe.

Passando por perto de onde João se encontrava com a multidão, Herodíades sentiu curiosidade de ver este profeta. A medida que João se aproximava, examinava-lhe a veste de pelos de camelo e o cinto. Seus olhares se cruzaram. A mulher estremeceu. No seu íntimo o precursor revolveu a sua memória, não conseguindo lembrar onde a teria visto. Ela lhe pergunta: - Você é um profeta ou será o Cristo que tantos anunciam?

- Não, não sou o Cristo que virá! Venho na frente, preparando os corações para recebê-lo e ter com Ele o direito ao reino dos Céus.

- Não no reino da Terra? Inquiriu Herodíades.

- O reino da face da Terra é transitório. A autoridade que Deus permite a alguns seres humanos, para governar povos, termina com a morte, enquanto o reinado do Senhor é eterno. Herodes estremeceu. João lhe diz secamente: - Não é correto que tenha para si a mulher de seu irmão Felipe!

- O que diz este profeta? Fala Herodíades colérica.

- Guarda, leva esse falso profeta para a lama do rio, de onde você o trouxe.

- A justiça divina se fará sobre a casa dos tiranos! Anunciava João enquanto voltava às margens do rio.

- O Senhor logo virá! Anunciava convicto. Súbito João se cala. Sentia-se observado. Uma profunda sensação de bem estar lhe invadiu o coração. Lento, temeroso, voltou-se e viu, atrás, um jovem de seus trinta anos, que o observava atento.

João demorou-se a lhe examinar a longa túnica, sandálias nos pés. Fisionomia absolutamente serena.

- João, diz-lhe o recém chegado, aqui estou, para que cumpramos toda a justiça, como já foi anunciado.

João ia ajoelhar-se e foi impedido.

- O Senhor vem a mim, quando eu deveria ir ao seu encontro!

O jovem avançou silencioso, submisso ajoelhou-se diante de João.

- Este, anunciou João, está limpo de pecados e vem de Deus. E um esplendoroso Sol de luzes do mais alto, envolveu a todos e os de coração limpo ouviram uma voz espiritual.

- Este é o meu filho amado, no qual deposito minha complacência.

Herodíades sonhou e teve a sensação de ter sido a rainha Jezabel e Herodes o rei Acab. Contudo havia um profeta Elias. As roupas de João são iguais a de Elias, vê claramente na pessoa de João. Tinha certeza que João era a encarnação de Elias.

João continua sua pregação. André lhe pergunta sobre o Cristo. João lhe responde:

- Ele já existia antes de mim. É infinitamente superior a mim. Se eu vim antes, foi somente para que Ele fosse revelado. Vá, você é um daqueles a quem Ele chamará para compor entre seus discípulos.

André, logo após ter encontrado o Messias, buscou a Pedro, seu irmão, para que fossem ao encontro de Jesus.

Enquanto isto, Herodíades aumenta seu rancor por João e deseja a sua morte.

João prosseguia na sua pregação.

Herodíades planejava a morte de João. Porém, sendo descoberto os seus planos, o chefe da guarda avisa Herodes, que não deseja a morte de João. Para protegê-lo, resolvem prendê-lo no palácio. Herodes vai visitá-lo, João lhe pergunta:

- Sou prisioneiro de Herodes?

- Não quero falar com um prisioneiro, você não cometeu nenhum crime, você João tem me acusado publicamente!

- Não faço acusações Herodes! Apenas desvendo uma verdade, porque não é lícito ter a mulher de seu irmão.

- Ninguém ousa falar-me desta forma profeta!

- É que todos temem um rei. E um rei jamais deveria ser temido. Governar é um pesado encargo Herodes! E ninguém deve fazê-lo visando o seu próprio interesse. Administrar um povo é uma delegação que Deus atribui e, por ela, você responderá perante o Altíssimo.

No íntimo Herodes o admirava. Herodíades mantinha-se firme para matar João.

Jesus fala de João:

- João é muito mais do que um profeta, já que ele veio, antes de mim, para preparar o caminho dos corações. E lhes digo, que João é um Espírito de imensa grandeza. E, no entanto, o menor dos que estão no reino de Deus, é maior que o próprio João.

João continua preso, Herodíades descobre e vai até a cela visitá-lo. João pergunta-lhe:

- A quem visita Herodíades?

- Visito Elias. João estremeceu e respondeu.

- Você é Jezabel.

Dominada pelo ódio, planeja realmente matar João e conta com a ajuda de sua filha Salomé. Era aniversário de Herodes, o palácio estava cheio de convidados. O vinho era servido fartamente. Salomé sabendo do desejo de seu padrasto, por ela, dançou freneticamente ensaiando uma dança sensual. E Herodes, já não muito sóbrio lhe diz para pedir o que quisesse e ele a atenderia. Ela trazia o desejo de sua mãe e pediu a cabeça de João, numa bandeja. Herodes entristeceu-se.

- Cumpra a promessa! Ordenou Herodíades. E Herodes a cumpriu. Então a vingança de Herodíades estava feita.

João não proferira um gemido. Abriu os olhos, surpreendeu-se, a cela transformara-se em um Oásis, onde marulhava água e cantavam pássaros de colorações esplêndidas. Sentia-se acalentado em colo morno. Era sua mãe Isabel. Zacarias e Isabel estavam autorizados a recebê-lo após o doloroso quadro.

- No que errei mamãe?

- Meu filho, você clamou continuamente para que a justiça divina alcançasse a casa de Herodes. E, assim, você trazia a justiça a você mesmo. Se houvesse clamado pela misericórdia, quando chegasse a hora de você purgar o erro que fez aos sacerdotes, em passado distante, a misericórdia se levantaria em sua defesa.

- E agora? Indagou João.

- Vamos a casa celestial, onde trabalham todos aqueles que colaboram pela redenção da humanidade!

- Ainda não! Respondeu o precursor. Se eu vim antes, para endireitar os corações confundidos nos erros, e abrir campo para o Mestre, enquanto o Cristo estiver na sua missão terrena ficarei com os desencarnados infelizes. Vou chamá-los para o Senhor! Começarei por Jezabel, hoje encarnada como Herodíades. Sei que no altar de sua consciência, em minha irmã se cobrará até a loucura. E para ela não se arrastar por séculos infundos, por ter me justificado, vou trazê-la sempre, muito próxima do meu coração.

Seus pais tomaram o rumo do horizonte espiritual, enquanto João penetrava pelas veredas onde a dor fazia morada.

Jesus estava profundamente compenetrado. Dirigiu-se a três discípulos: Pedro, Tiago e João, para acompanhá-lo em oração. Eles ficaram a curta distância do Mestre, e viram que o rosto de Jesus transfigurava, ganhando o resplendor do Sol e suas vestes se tornaram brancas e luminosas. E diante do Mestre, corporificavam dois Espíritos: Moisés e Elias.

- Senhor! Saudou Moisés.

- Mestre! Disse Elias, beijando-lhe as sandálias.

Jesus dirigiu-se a Moisés e lhe disse:

- Moisés, no seu tempo você proibiu que os da Terra se dirigissem aos Espíritos. Agora, trago-lhe de volta a conversar comigo, para que se restabeleçam as relações entre o Céu e a Terra.

- E você Elias, seguirá na tarefa que abraçou, até que todos os corações desviados se convertam nas ovelhas que fazem parte do meu rebanho.

Enquanto Jesus falava com os dois missionários, uma nuvem luminosa os envolveu, e vindo do mais alto, uma voz disse:

- Este é o meu filho amado em que me alegro. Ouçam-no!

Jesus disse aos apóstolos:

- Vocês só devem contar o que aqui viram, depois que o Filho do homem deixar o túmulo vazio, voltando de entre os mortos. E informou ainda:

- João fora Elias no passado e não o reconheceram, o ignoraram e o supliciam e mais tarde, em suas mãos, farão padecer o Filho do homem.

Jesus voltou o olhar sereno para o alto do monte e disse:

- Para sentir o Céu, enquanto estiverem na Terra, elevem-se ao alto monte de seus Espíritos, crescendo em amor e dedicação aos que sofrem, e vocês terão Moisés e Elias a ampará-los. Nesta leitura, vimos sobre a reencarnação, o trabalho do plano espiritual para ajudar a humanidade, aprendemos que temos que passar por várias etapas para chegarmos ao reino de Deus. Obrigada plano espiritual, por nos dar oportunidade de tanto aprendizado. Obrigada por tanta literatura enviada através dos médiuns e que nos esclarece. Meus irmãos, não se esqueçam que estamos sempre amparados pelo plano maior. Meigo Nazareno, nós O glorificamos!

03 - O caso do menino Rogério - itens 10 a 17.

O menino Rogério, filho de Maria Aparecida de Carvalho e Carlos Borges de Carvalho, após completar seus quatro anos de idade, em 16 de julho de 1981, insistiu em relatar aos pais, fatos que com ele teriam acontecido em uma existência anterior. Até então, o menino nada havia revelado, além das coisas próprias da idade.

Rogério falou da necessidade de procurar seu irmão na vila de Miramontes (antigo Arraial das Covas) distante de Franca uns 5 quilômetros.

Dona Maria procurou dissuadir o filho, por todos os meios, dessa ideia, mas foi em vão. O garoto continuou insistindo que precisava encontrar-se com o Antônio Benzedor, também chamado Cinza, para retomar uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, que lhe confiara em 1945, pouco antes de desencarnar na Santa Casa.

Insistiu tanto nesse assunto, que seus pais resolveram atendê-lo. E, em companhia de outras pessoas ligadas a este caso, seguiram para a Vila Miramontes.

Lá chegando, todos se espantaram mais ainda, porque o menino indicou a rua onde estava a casa do Cinza, numa favela, perto de um campo de futebol.

Chegando no local indicado, Rogério entrou sem cerimônia, numa casa humilde, em cujo interior havia várias pessoas. Com segurança, o garoto dirigiu-se diretamente a Antônio da Silva, tido como benzedor do lugar, falando-lhe como se fora seu próprio irmão:

- Antônio, eu vim buscar a imagem da Santa que lhe confiei há mais de 25 anos. Também fui curador e preciso corrigir muitas coisas. Com esta imagem você não vai mais ganhar dinheiro. Isto é um erro muito grande!

Rogério, em seguida, dirige-se a um canto da sala onde estava um oratório com diversas estatuetas. Escolheu a que lhe pertenceu e deixou a casa.

O Cinza nada discutiu, nem reclamou coisa alguma da criança. Deixou que lhe tomasse a estatueta e que a levasse de sua casa.

Mais tarde, a mãe de Rogério descreveu como Antônio da Silva, perplexo, ajoelhou-se no chão batido e em lágrimas pronunciou estas palavras: "Meu Deus, como é que este menino soube de tudo isso?".

Esse relato resumido sugere fortemente ser, o menino Rogério, a reencarnação do curador Manoel Jerônimo, irmão de Antônio da Silva, vulgo, o Cinza.

Vemos que o caso do menino Rogério não é um caso comum. Ele reencarnou logo após seu desencarne, em missão reparadora. Suas recordações tão nítidas, com tão pouca idade, o levaram a reparar o erro que também cometera no passado e, ao mesmo tempo, não permitir que Antônio da Silva continuasse no erro.

O caso do menino Rogério é uma demonstração das vidas sucessivas. É uma comprovação de que ninguém morre.

Jesus, quando veio ao mundo, foi com a finalidade de mostrar a sobrevivência do Espírito e proclamar a Lei do Amor, como única compatível com a Verdade Divina.

A ideia de que João Batista era o Espírito de Elias reencarnado, estava firme nos discípulos de Jesus. Não tinham dúvida. Jesus confirmou: "Se vós quereis bem compreender, João Batista é o Elias que há de vir". E o Mestre acrescenta: "Quem tem ouvidos para ouvir, ouça". As palavras do Nazareno eram dirigidas unicamente a quem tinha ouvidos para ouvir. E até hoje, está aí para quem deseja ouvi-la com sinceridade.

Jesus disse: "Deus não é Deus dos mortos, mas sim dos vivos". Se não havia Deus dos mortos, sendo Ele, Deus de Abraão, Isaac, Jacó, estes patriarcas, embora já mortos, estavam vivos no outro mundo.

Perguntaram a Jesus:

- Se a mulher casou-se com sete maridos, sem ter nenhuma sucessão, depois também a mulher morre, com qual deles ficará a mulher na ressurreição?

- Quando ressuscitarem dentre os mortos, nem os homens casarão, nem as mulheres serão dadas em casamento. Por esse trecho se subentende claramente que a ressurreição é um ato espiritual, pertence ao Espírito e não ao corpo físico, que o indivíduo não é o corpo físico e sim o Espírito.

Madalena, quando viu o Mestre depois de ressuscitado, atirou-se a Ele, pretendendo abraçá-lo. O Senhor lhe disse: "Não me toques, porque ainda não subi ao Pai".

Isto prova que a ressurreição nada tinha de corporal. Mantinha-se unicamente o corpo espiritual que, é o característico da verdadeira ressurreição.

Jesus estava sempre mostrando a imortalidade do Espírito, mas era necessário ouvi-Lo.

Quando Jesus veio habitar por algum tempo entre nós, ainda não estávamos preparados para receber todos os ensinamentos. Por isso Ele nos disse que enviaria o Consolador.

O ser humano daquela época já tinha o conhecimento das leis mosaicas, dos dez mandamentos, mas praticavam de acordo com as suas conveniências ou a dos sacerdotes.

Acreditavam na ressurreição da carne. Acreditavam que os Espíritos retomariam os mesmos corpos físicos que já haviam animado, a fim de serem para sempre unidos. Até hoje, muitas religiões ainda estão esperando a ressurreição da carne.

Jesus veio dar esperanças aos que o ouviam, dizendo da bondade do Pai celestial, não permitindo que seus filhos morressem.

Nicodemos procurou Jesus, perguntando:

- qual o melhor meio para entrar no reino dos Céus?

A resposta do Cristo foi: "Nascer de novo". Para nos modificarmos é imprescindível vivermos muitas vezes no mundo, em corpos físicos diferentes e em épocas variadas.

A dívida que fizemos na Terra deverá ser saldada na Terra.

Os corpos físicos são como água e sabão que, cada vez mais, fazem o Espírito purificar-se.

A Lei da reencarnação se faz presente, mostrando a eternidade do Espírito que, volta às lides da Terra quantas vezes forem necessárias.

A reencarnação teve no mundo a importante tarefa de resguardar os preceitos do Príncipe da Paz. Ele usou os meios que julgou necessário, até que o Espírito de Verdade se revelasse. No grande intervalo da vinda de Jesus e o Espírito de Verdade, os Céus, na consciência de que não poderia ser esquecido o Vigiar e Orar do Divino Amigo, de tempos em tempos enviava à Terra equipes de Anjos.

Com o advento do Espiritismo, que nos mostra claramente a reencarnação, estamos a todo tempo recebendo mensagens dos nossos irmãos espirituais, a cada dia evidencia mais a realidade de muitas existências.

O Espírito, nós podemos ver como se fosse a espiga de milho, que é protegida por várias palhas sobrepostas, estando no centro o sabugo, dando firmeza aos grãos. O Espírito em obediência às leis de Deus, se reveste de inúmeros corpos, que podemos chamar de roupagens espirituais, para com elas viver no mundo, de acordo com a determinação Divina. O Espírito sabe que existe um comando, no qual sente a grandeza de Deus e acata as ordens mais sutis.

A reencarnação dos Espíritos é a glorificação da Justiça Divina.

Na reencarnação, os Espíritos corretos ficam ainda melhores e os errôneos se tornarão corretos. Essas aquisições dependem do trabalho que cada um desenvolve, para o seu próprio benefício. O corpo físico é apenas um instrumento.

Quando o Espírito deixa o corpo físico, leva tudo o que tem de certo e de errado. E somente através das reencarnações sucessivas ele se depura, aperfeiçoando-se na bondade.

O Espírito é semelhante a um operário que empreita uma obra, o corpo físico é o instrumento que ele usa para executar o serviço. Quando perde ou quebra a ferramenta, o operário adquire outra ou outras, até finalizar a obra. Assim é o Espírito, quando o corpo físico morre, toma outro corpo físico, tantas vezes quantas sejam necessárias, para terminar a tarefa.

O Supremo Artífice do universo dá a seus operários muitos instrumentos, tais como: o amor e a humildade, a caridade e a paciência, a compreensão e a mansidão, a consciência e o perdão, a esperança e muitos outros instrumentos surgem no caminho do operário. São muitas as oportunidades necessárias para cumprir suas missões.

Jesus Cristo resumiu os dez mandamentos em - Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.

Nós não podemos viver sem o próximo. Em tudo que fazemos precisamos dos outros, mesmo que não vejamos o próximo está constantemente nos ajudando, de formas variadas, na maioria das vezes sem exigir nada.

Deus nos fez interligados uns aos outros pelo Seu Amor, de modo que não podemos viver sem a vida alheia.

O amor é o centro da vida, na vida de Deus. Amando o próximo, este é o clima mais puro do Espírito que gera a felicidade. Jamais poderemos alcançar a felicidade sem passar pelo caminho do Amor Puro.

O interesse de Jesus em levar o Evangelho a todas as criaturas, é o amor a elas. Todos nós fazemos parte de um rebanho, em que Ele é o Pastor.

Quando partimos daqui, para a pátria espiritual, em nossa bagagem devemos levar a fé, a confiança e o amor. É a volumosa bagagem de virtudes ensinadas na Boa Nova do Cristo de Deus.

Que a paz de Deus seja a nossa paz, que a paz do Cristo seja a nossa paz, que a paz da mãe de Jesus seja a nossa paz!

Obrigada meus irmãos!

04 - Os laços de família são fortalecidos pela reencarnação e rompidos pela unicidade de existência - item 18.

Recebermos em casa uma visita importante, honrosa, é sempre uma festa, motivo de grande alegria.

Quando recebemos no seio de nossa família um Espírito que, nos escolheu para ajudarmos na sua evolução ou sermos ajudados, também deve ser um motivo de muita alegria, pois, é o Pai eterno e misericordioso dando oportunidade, ao irmão que chega e a nós que o recebemos.

Sabemos que o corpo físico vai proceder do corpo físico, na sua função de produzir. Haverá o que chamamos de consanguinidade. Pelas leis vigentes, paternidade e filiação têm um contrato de direitos e deveres.

Muitas vezes os Espíritos simpáticos são atraídos pela afinidade, pela identificação de sentimentos e aspirações, mas, sobretudo pela semelhança moral, de gostos e tendências. A necessidade de aprendizado faz com que o Espírito escolha a família onde espera obter, desde cedo, a educação que lhe é necessária, isto é, a escolaridade do lar.

Na questão 209 do Livro dos Espíritos o Consolador relata a Kardec: "Um Espírito imperfeito pode pedir bons pais, na esperança que seus conselhos o dirijam por uma senda melhor e, muitas vezes, é atendido".

Desajustados têm oportunidades de socorro nos lares equilibrados. Por outro lado, por abnegação, bons Espíritos aceitam encarnar em lares desajustados para os ajudar.

Amigos ou adversários do passado, parentes ou não, podem vir a ser, um dia, companheiros de evolução.

No lar ou através dele, quantas vezes as criaturas convivem entre si, pelo nascimento ou matrimônio, com a bênção do esquecimento, a inocência da infância e a inspiração providencial dos Espíritos superiores, selando com o amor o reencontro, fazendo com que antigas rixas se apaguem, ódios são extintos, desentendimentos caem no esquecimento. Aí os laços se ampliam.

Infelizmente, em certas circunstâncias, algum vago pressentimento ou recordação, lembranças infelizes, ressurgem, prejudicando a harmonia se não houver a necessária compreensão por parte dos integrantes do lar.

Somente através da reencarnação podemos voltar ao cenário terrestre, ao lado de companheiros de outras jornadas, para terminar progressos individuais ou coletivos, que iniciamos em vidas passadas.

Através da reencarnação nos reabilitamos perante Espíritos que, em nossa estrada evolutiva, na condição de filhos, esposos, parentes e amigos, tiveram suas vidas e seus destinos complicados por nossa desatenção aos preceitos do Evangelho de Jesus.

Na questão 205 do Livro dos Espíritos lemos a pergunta de Kardec: Segundo certas pessoas, a doutrina de reencarnação parece destruir os laços de família, fazendo-os remontar as existências anteriores?

Resposta do Espírito de Verdade: - A reencarnação amplia os laços de família, em vez de destruí-los. Baseando-se o parentesco em afeições anteriores, os laços que unem os membros de uma mesma família, são menos precários. A reencarnação amplia os deveres de fraternidade, pois no vosso vizinho ou no vosso criado, pode encontrar-se um Espírito que foi do vosso sangue. O Consolador diz que os Espíritos familiares se ligam a certas pessoas, por laços mais ou menos duráveis, com o fim de ajudá-las, na medida do seu poder, frequentemente bastante limitado.

Na questão 517 do Livro dos Espíritos, encontramos esta citação do Espírito de Verdade: Alguns Espíritos se ligam aos membros de uma mesma família, que vivem juntos e são unidos por afeição, mas não acrediteis em Espíritos protetores de orgulho e raça.

Então está afirmado que a reencarnação não destrói, pois ela amplia e consolida os laços, aproximando-nos das aspirações superiores para chegarmos à família universal.

Hoje parece um sonho falar-se em família universal, mas este ideal vai se dilatando, vai chegando com o conhecimento, com a compreensão da vida espiritual.

Nos fala Leon Denis: "A doutrina das reencarnações aproxima os seres humanos, mais do que qualquer outra crença, ensinando-lhes a solidariedade que os liga a todos no passado, no presente e no futuro. Não há deserdados e nem favorecidos, que cada um é filho de suas obras, senhor de

seu destino. Sejam os nossos sofrimentos ocultos ou aparentes, são conseqüências do passado ou, também, a escola austera onde se aprende as altas virtudes e os grandes deveres".

Nós precisamos uns dos outros para evoluir. Os animais irracionais quando separados da mãe ao nascer, têm os seus desenvolvimentos normais e naturais, apresentando todas as características da espécie.

Já, o ser humano precisa do seu semelhante, porque é a oportunidade da sua evolução. É do atrito de dois brilhantes que surge o diamante.

A reencarnação nos mostra as vantagens da vida em sociedade, a oportunidade, o maior de vários entrelaçamentos, na formação da grande família humana. Apoiando uns aos outros, caminharemos para mundos melhores, fazendo antes, da Terra, um planeta de paz, justiça e amor.

Criando os nossos filhos para o mundo, cidadãos universais, e não para nós, o ser humano obtém a noção da irmandade que rege todos os seres.

A educação Espírita derruba as barreiras do egoísmo, faz surgir o ser humano atuante no sentido coletivo, não apenas visando a sua sobrevivência e de sua família.

O Livro dos Espíritos nos apresenta "que é pela união social que os humanos se completam".

Como vamos orientar nossos filhos para a sociedade? Principalmente hoje que houve uma queda de valores. O que desejamos criar: o ser humano de carne ou o ser imortal?

O ser humano de carne será educado para o aqui e agora. O ser imortal para viver como humano do mundo à luz de Deus. Ele conhece a prática das leis humanas, no que elas têm de melhor, mas coloca a Lei de Deus acima da humana. Tem uma visão consciente de suas responsabilidades, procurará agir como ser universal e imortal. Saberá distinguir o certo do errado, procurará não lesar e não ferir o próximo. Fará ao próximo o que deseja para si mesmo. Será capaz de enfrentar os falsos amigos, que desejam arrastá-lo aos descaminhos, porque, para o ser imortal, vale mais o futuro do que o presente.

O sexo, o dinheiro, o conhecimento, a capacidade de comunicação com o próximo, são para ele as armas poderosas que deve utilizar com responsabilidade.

A família mais próxima não o é por acaso, ela é fruto das necessidades evolutivas. É através do treinamento em família que estenderá o amor a toda a humanidade, começando a amar e respeitar o seu próximo mais próximo; irmãos, pais, filhos, cônjuges e outros. A família não é um estreitamento de amor, é uma ampliação do amor, pois a cada existência terrena estaremos evoluindo, tendo a certeza que um dia seremos uma família universal.

A capacidade do Espírito de amar é imensa, e a educação do lar deve desenvolvê-la. Por isso, os pais devem estar vigilantes. Quando nos revestimos do corpo material, desvinculamos do arquivo de nossa memória os sucessos que precederam ao nosso ingresso na escola terrena. Trazemos vícios e lampejos de virtude dormentes no coração. Toda bagagem espiritual que formamos, experiência após experiência, permanece na forma de impulsos e tendências que, desde muito cedo, se manifesta em nossos atos e na manifestação de nossas preferências.

Cuidemos da educação de nossos filhos. Procuremos descobrir, no ente sob nossa guarda temporária, as manifestações sutis ou grosseiras do orgulho e do egoísmo, procurando corrigi-las com amor e discernimento.

Cada deficiência que despontar, merece o cuidado do floricultor, impedindo a proliferação incontrolada da erva daninha em seus canteiros, para que não venha a perdê-las sufocadas pelo matalagal. A infância é o tempo da sementeira. Ainda pequenina, a criança externa os seus pendores, corretos ou errôneos, possibilitando-nos conhecer até o seu passado, no campo do caráter e da conduta. Não podemos esperar que ela se faça adulta, que ela atinja a idade da razão, para depois alertá-la dos seus desequilíbrios. Isto é permitir que aflore e fortaleça as suas desvirtudes em grau irreversível, deixando-a com os vícios, e depois iniciarmos a colheita dos maus frutos.

Quanta responsabilidade quando recebemos em nosso lar um novo ser, para ajudarmos a subir mais um degrau da evolução. Rendamos graças a Deus, porque podemos auxiliar e que nos auxilie, para chegarmos no grau de podermos ajudar alguém a caminhar conosco, pacientemente, com bastante amor.

A nossa casa, isto é, a nossa família, é o maior aprendizado. Nós já nascemos e morremos milhares e milhares de vezes, contraindo e saldando dívidas, assinalando assim, a misericórdia da Providência Divina.

Nos compromissos espirituais, todos nós pagamos pelo esforço próprio. Aproveitemos a bênção do reencarne, saldemos os nossos débitos seculares que cristalizam o Espírito, preservando no bem, aprendendo o Evangelho de Jesus e praticando-o.

Ter um lar e uma família, é uma bênção. Oremos sempre em nosso lares, para que; a paz e o amor se façam presente.

Não esqueçamos da família universal que seremos um dia. Então oremos pelos nossos vizinhos, amigos e adversários, enfermos, enfim encarnados e desencarnados que, precisam do nosso amor e do nosso exemplo.

Meus irmãos, eu agradeço por me ouvirem e agradeço ao Mentor desta casa Cristã que me ajuda a transmitir esta pequenina semente do Evangelho.

Que Jesus nos abençoe!

05 - Os laços de família são fortalecidos pela reencarnação e rompidos pela unicidade de existência 2 - itens 18 a 23.

Na questão 582 do Livro dos Espíritos, lê-se: Pode-se considerar a paternidade como uma missão? Resposta: - É, sem contradita, uma missão. Ao mesmo tempo é um dever muito grande, que implica, mais do que o ser humano pensa, sua responsabilidade para o futuro. A Lei de Deus põe a criança sob a tutela dos pais para que estes a dirijam no caminho correto e lhes facilitou a tarefa, dando à criança uma organização débil e delicada, que a torna acessível a todas as impressões. Mas há os que mais se ocupam de endireitar as árvores do pomar e fazê-las carregar de bons frutos, do que de endireitar o caráter do filho. Se este sucumbir por sua culpa, terão de sofrer a pena, e os sofrimentos da criança na vida futura recairão sobre eles, porque não fizeram o que lhes competia para o seu adiantamento nas vias do certo e do bem.

Quando o Espírito busca o ninho doméstico, para passar determinado tempo no mundo físico, a escolha do berço não se realiza somente pelos laços de simpatia mútua, mas também, pela atração dos que se amam e se compreendem.

A reconciliação com os adversários, a recomposição do passado delituoso, são elementos que ponderam a nossa reencarnação neste ou naquele lar.

"Nunca existe o acaso".

O plano superior nos orienta, ajuda-nos nas aspirações e organiza as aproximações indispensáveis, para que expiemos nossas culpas do passado e construamos um futuro realmente feliz e pleno de paz com todos.

"Acolher um novo ser, é sempre uma missão".

É uma tarefa gratificante e terna, quando os braços se abrem para um Espírito que propugna as mesmas aspirações espirituais do grupo familiar que integra.

É um calvário doloroso, porém dignificante, quando recolhemos um Espírito em fase de reconciliação.

Por isso os pais devem estar vigilantes.

Todos nós, quando nos revestimos do corpo de carne, para novamente ingressar na vida terrena, esquecemos o nosso passado, porém trazemos vícios e virtudes dormentes no coração. Tudo que aprendemos, experiência após experiência, permanece na forma de impulsos e tendências que, desde muito cedo se manifestam na externar de nossas preferências. "Por isso, cuidemos da educação de nossos filhos".

Enquanto estão sob a nossa guarda temporária, procuremos corrigir, com amor e discernimento, as suas manifestações grosseiras de orgulho e de egoísmo. Cada deficiência que aparece, merece muito cuidado, para que os pais não deixem proliferar como erva daninha, para que não venha perder os seus filhos, sufocados pelos vícios.

Na infância, a criança já externa os seus pendores corretos ou errados e, com isso, possibilita aos pais conhecer o seu passado, no campo do caráter e da conduta.

Não devemos esperar que nossos filhos se tornem adultos, que atinjam a idade da razão, para depois educá-los. Isto é permitir que fortaleça neles vícios em grau irreversível.

A infância é tempo de sementeira. Por isso temos esse tempo para semear coisas boas nesse Espírito. Vamos começar cedo, semeando o Evangelho de Jesus em seus corações. Não deixemos passar a oportunidade! Por mais que nosso filho não queira, que o Espírito se revolte, alguma sementinha fica.

A Religião é fundamental na vida da criança. Na religião, ela aprende o respeito, o amor, as obrigações.

Logo cedo, desde pequeninos, já devemos incutir em nossos filhos o trabalho, ensinando-os que faz parte da vida. Ensine-os a fazer pequenas coisas, de acordo com a sua idade.

Não mostremos aos nossos filhos somente o prazer, as coisas fáceis. Há pais que se preocupam em fantasiar o seu filho para o carnaval, levá-lo a várias diversões e se esquecem de levá-lo, pelo menos uma vez, a um templo religioso.

Vamos ensinar aos nossos filhos o amor a Natureza, o amor aos animais, o respeito com os mais velhos, mostrando que tudo é criação de Deus, que somos criação de Deus.

Lembremos meus irmãos, que nossos filhos são Espíritos como nós, que vieram aprender e ensinar junto de nós. Sejam exemplos!

Os nossos mentores dizem que, devemos examinar todos os esforços para educar nossos filhos. E se concluirmos que fizemos de tudo para o seu desenvolvimento moral, não devemos nos culpar se eles não quiseram aprender. Em outra existência será possível prosseguir na obra de recuperação, que nesta iniciamos.

Há o filho rebelde. Quantas vezes tentamos corrigi-lo por palavras, pela disciplina, pelo exemplo do nosso comportamento, e ele não melhora um centímetro dos seus desvarios. Aí sentimos o gosto da frustração e da amargura.

No entanto, quando esgotam os recursos, lembremos da pluralidade das existências e fiquemos tranquilos. O filho problema terá novas oportunidades.

Mas, só podemos pensar assim, quando tivermos a certeza de que nada mais podemos fazer, a não ser pedir a Deus por ele.

Há também os pais que se descuidam.

Nós, pais, que deixamos de lado a educação de nossos filhos, recolhendo agora os frutos da ingratidão e dos problemas, também teremos novas existências, para reparar os nossos descuidos de hoje, mais agravados pelo desleixo.

Quantas vezes abandonamos o lar, pelos cuidados da vida material, pelos gozos traiçoeiros e transitórios deste mundo. Enquanto vamos deixando nossos filhos relegados ao esquecimento.

Pela bondade do Pai Eterno, um dia, seremos novamente reajustados numa constelação familiar e, juntos, vamos revisar as lições menosprezadas, aprendendo a renunciar à própria vida, para conquistarmos a vida perene de paz e de harmonia.

Pais e filhos compreendam que, somente nas Leis do amor, reconstruímos nossas existências.

Se o nosso filho é a nossa cruz, lembremos que na Terra não há nascimento de Santos e sim de Espíritos em luta consigo mesmo, por isso, todos nós vivemos em luta uns com os outros, nos passos ziguezagueantes da experiência.

Nos condimentos da educação, devemos dosar o sal da energia e o mel da brandura.

Se aqui estamos em busca de aprendizado, clareando os Espíritos na luz do conhecimento, nossa responsabilidade aumenta como filhos, como pais, como cidadãos e como filhos de Deus.

A nossa família é o reino de Deus, que almejamos; porém, esse reino deve ser conquistado pelos esforços constantes de quem participa dele. O que tínhamos de ganhar da Sabedoria Divina, já recebemos e, a parte que nos toca, chega pelas vias do trabalho e da esperança, comungando com o amor.

A nossa casa deve ser um lugar gerador de paz! Dentro das quatro paredes devemos respirar o clima do Céu. A paz em nosso lar é a conquista dos nossos esforços, somados todos os dias. Se não temos tempo para boas conversações em nossa casa, com a nossa família, não encontraremos a paz.

Por isso meus irmãos; vamos abrir o Evangelho em nosso lar, para que aprendamos a superar os problemas, pois, o certo e o bem que fazemos a nossa família compensa todos os esforços.

Como estamos falando de lar, de família, não esqueçamos da mulher. A mulher caminha em um processo de despertar de valores espirituais e quase sempre é consciente disso; o marido e os filhos são seus instrumentos de redenção.

Mulher, a estadia no lar que escolheu, não foi por acaso. Analisa o seu dever. Você é parte valiosa no seu lar. A sua vida é uma lavoura, os seus atos sementes e a sua colheita nunca será diferente do que plantar.

O homem no lar é uma forma de segurança para toda a família. Também o homem não está por acaso no seu lar. Ele deve ser o companheiro de lutas e de reajustes.

O casal vivendo bem, até o ar que os filhos respiram tem algo de paz.

Não devemos considerar família, somente o homem, a mulher e os filhos. Também temos nossos parentes mais próximos ou longínquos.

Nossos pais representam a segurança da família. Devemos amá-los. Eles responderão a esse amor, por variadas manifestações que eles aprenderam na vida.

Não podemos viver sozinhos. Todos nós precisamos de Deus e também precisamos uns dos outros e, para tanto, fomos agraciados por vizinhos, companhias - escolas que não nos pode faltar.

Sentindo prazer em conversar com nossos vizinhos, não devemos perder tempo com conversas inúteis, devemos vigiar nossos pensamentos e principalmente colocar uma tranca na língua, para que pensamentos e conversas vãs não acendam fogueira na mente alheia.

Temos os nossos amigos. A amizade foi lembrada por Pedro, o apóstolo, quando nos disse: "Granjeai amigos". Não somente devemos conservar os que já temos, mas granjear novos companheiros.

Quanto mais crescerem em número os nossos amigos, mais conforto terá o nosso coração. Devemos ser afáveis com todas as criaturas, multiplicando valores dia a dia, para que o nosso coração se torne um Sol de amizade por onde passamos, dando, sem pensar em receber.

Aprendamos que, o amor que dedicamos a nossa família mais próxima, deve se estender a todos que nos rodeiam.

Os nossos amigos, os nossos vizinhos, os nossos empregados, os nossos patrões, os parentes mais distantes, também fazem parte da nossa família, a família universal e com eles também aprendemos e ensinamos.

Um dia nós seremos uma só família, na unicidade de todas as criaturas e no amor de Jesus, para isso, devemos cultivar o amor, o respeito e o carinho, por toda a criação do nosso Pai celestial.

Quando pensamos em Deus, sentimos o bem que acontece conosco.

Sejamos amigos de todos. Ouçamos quem queira falar, analisando o que cada um diz e respondendo como Jesus, tendo a paciência de ouvir e responder. E lembremos que, as palavras com o Cristo, são fonte de vida.

Todos nós somos úteis, portanto; sejamos instrumentos do amor e da fraternidade.

A felicidade nos cerca de todos os lados, encarnados e desencarnados; está no alcance de nossas mãos, mas devemos aprender alcançá-la.

Que Jesus nos abençoe!

06 - Limites da encarnação. Quais são os limites da encarnação? - item 24.

"Nascer, viver, morrer, renascer ainda, é progredir continuamente, tal é a lei" - Allan Kardec.

A reencarnação é um dos princípios básicos do Espiritismo. Somente a reencarnação pode explicar as desigualdades intelectuais e morais, bem como o porquê dos sofrimentos e misérias humanas. Se não fosse a pluralidade das existências, como aceitaríamos o sofrimento de uma criança? Não há possibilidade de compreender, logicamente, as diferenças gritantes que a humanidade enfrenta: o defeito congênito de uma criança; a doença pertinaz de uma pessoa bondosa; a miséria flageladora de um pai de família honesto e trabalhador, enquanto ao lado existem pessoas que não sendo justas, vivem felizes e desfrutam de corpo físico perfeito e boa saúde. Só podemos aceitar tudo isso através da reencarnação, porque a justiça de Deus é infalível.

Nós somos frutos de nossas imperfeições. E, lembrando que, todos somos filhos de Deus, mesmo resgatando dívidas, nosso Pai Celestial não nos desampara.

Desde as remotas épocas do mundo, Deus tem enviado Espíritos que nos guiam. Moisés franqueou o caminho. Jesus restabeleceu e aprimorou a obra. O Espiritismo Cristão que nada modifica do que Jesus ensinou, veio fortificar a verdade do amor, a verdade da paz e lançar as bases sólidas do novo mundo. Com o Espiritismo Cristão, podemos entender a missão de cada um, mas não podemos cruzar os braços, pois a cada um o seu trabalho. A cada um a sua missão. Realizando a tarefa que nos toca, por menor que seja, o novo mundo se consolidará no nosso coração. Felizmente o Espírito é imortal! Felizmente temos muitas e muitas oportunidades de aprendizado! Deus na sua infinita misericórdia nos premia com a pluralidade das existências.

Não acreditar em vidas sucessivas seria matar uma série de anseios da humanidade. Seria alimentar a indolência e a devassidão, pois não haveria punição pelos erros que praticássemos, desde que pudessemos enganar os seres humanos.

Na verdade, Deus não pune aos humanos, Ele nos deixa ir resgatando as nossas dívidas. Em dado momento, nós acordamos e vemos que de nada vale a rebeldia, o que vale é a paz, então resolvemos procurá-Lo e Ele na Sua bondade infinita, nos recebe de braços abertos.

A reencarnação é escola de aprimoramento, nos impulsiona para frente, fazendo com que um dia encontremos a verdadeira felicidade que, é aquela que atingiremos quando nos tornarmos Espíritos puros. Até lá, continuaremos a reencarnar, quer acreditemos ou não nesse princípio, que é o mais importante da Doutrina Espírita.

É no jornadear das vidas terrenas que nós nos aprimoramos, aprendendo a viver e a nos libertar dos problemas que nos afligem, pobres criaturas que ainda somos.

O ser humano é um Espírito encarnado. Na condição de encarnado ou na de Espírito livre, está sempre evoluindo, às vezes mais, às vezes menos rapidamente. As paradas são aparentes, porque tudo o que praticamos nos será revelado um dia, através da satisfação do dever cumprido ou pelo sofrimento consequente do erro outrora praticado.

Nós somos Espíritos. Apenas estamos vestidos de carne por algum tempo. Amanhã estaremos sem esta vestimenta densa que é o corpo físico. Por isso, temos que aprender o máximo que pudermos do Evangelho de Jesus, pois quando estivermos desencarnados, estaremos mais livres e poderemos ajudar nossos irmãos que ainda não descortinaram a luz.

Como Espíritas, temos conhecimento de muito sofrimento após o desencarne, porque não se procurou aprender os ensinamentos de Jesus, que está a nossa disposição. O Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo está aí para todos: limpo, claro e misericordioso. Então, não esqueçamos que somos Espíritos e a qualquer momento estaremos na situação de desencarnados. Vamos procurar aprender um pouquinho mais, para diminuir o nosso próprio sofrimento.

Meu irmão, você é um Espírito, eu também sou, nós todos somos Espíritos.

Vamos ver algumas situações que nos ajudam a melhorar espiritualmente, para passarmos ao outro plano com mais visão do Criador:

- Se defrontas com problemas, agradeça a oportunidade; ele é desafio para a luta e a paz,
- Se tropeças na incompreensão, agradeça o ensejo de provar a excelência de seus sentimentos,
- Se despertas na enfermidade, agradeça a concessão do sofrimento purificador,
- Se recebes bondade e afeição, agradeça a dádiva para o esforço evolutivo,

- Se colhes alegria e saúde, agradeça o tesouro que deve aplicar na finalidade superior da vida. O espinho e o pedregulho chamam a atenção do viandante; o aguilhão impele à rota correta, o testemunho de qualquer condição revela as qualidades íntimas.

A gratidão é sentimento nobre cultivado para o próprio bem.

O Sol aquece e a noite tranquiliza, a chuva alimenta e a poda revigora - tudo são bênçãos da vida.

Agradeçamos sem cessar as doações divinas que fluímos e, tenhamos gratidão onde estejamos, com quem estejamos, diante de tudo o que recebemos ou de tudo o que acontece.

De graças a qualquer ocorrência que lhe surpreende.

Não impeça a emoção do reconhecimento, da exteriorização dos sentimentos de gratidão.

Há pessoas que se sentem constrangidas e angustiam-se em encontrar uma forma de agradecimento. Outras pessoas acham que não é necessário agradecer ao benfeitor, porque são mais valiosos os que ficam silenciosos. Não têm razão os que pensam e agem assim, porque uma palavra imantada de sinceridade, estimula e alegra quem a recebe, incentivando a continuação dos gestos de enobrecimento e amor.

Friso novamente que, somos Espíritos. Somos diferentes uns dos outros em manifestações de inteligência, saber e moralidade. Assim acontece pelo nosso livre arbítrio, do tanto ou quanto esforço empregamos através do tempo para progredir. Porém, todos nós chegaremos ao Pai. Cada um escolhe o tipo de jornada.

Nosso mundo normal é o mundo espírita e, por isso, algumas vezes sentimos saudades do desconhecido, de lugares que, na situação de encarnados, nunca estivemos. Às vezes temos ânsia de liberdade, vontade de espiar o invisível ou transportar-nos com a velocidade do pensamento. Nós possuímos estas faculdades e, por enquanto, elas estão suspensas, porque estamos presos a um corpo denso, em nosso próprio benefício.

Temos tido encarnações várias na Terra, ou noutros mundos e, continuaremos a tê-las, até chegarmos à condição de Espíritos puros. Jamais perderemos a nossa individualidade.

Possuímos inúmeras faculdades desconhecidas de nós mesmos; na nossa lucidez como encarnados.

Lembrem-se meus irmãos, a Lei de Deus não põe cruz pesada em ombros fracos - Um aluno somente enfrentará um exame rigoroso, se estiver em condições para isso. Enquanto carregamos nossa cruz, Deus não nos desampara, Ele está presente, nos consolando e amparando, para que possamos levar a termo a nossa missão regeneradora.

Quando um verdadeiro Espírita passa por dificuldades, ele sabe que ainda não está quite com a Lei e, que, ainda não passou por esse aprendizado. Então, ele não pede a Deus que remova o problema, mas pede forças e paciência para enfrentá-lo, sabedor de que nenhuma prova erra de endereço, pois Deus, na Sua infinita bondade e justiça, sabe o que é melhor para nós.

Nós não entendemos o sofrimento quando a nossa visão está restrita ao mundo material. Não basta um simples arrependimento, o que devemos fazer é não reincidir nos erros praticados no passado, que não repitamos as infrações às Leis Divinas. Devemos nos harmonizar de tal forma que, a nossa consciência não nos acuse do que fizemos em encarnações anteriores.

Quando já estamos voltados para o certo e o bem, ao desencarnar tomamos conhecimento dos erros que fizemos aos outros, e decidimos programar a nossa reencarnação com dificuldades e obstáculos mil, a fim de sofrer na carne, aquilo que fizemos aos outros. Também queremos tirar de nossa mente manchas negras dos erros que cometemos e que, pelas experiências difíceis, nos purifiquemos e nos elevemos.

Nós todos somos Espíritos e em tempo algum morreremos. Quando completar o nosso ciclo de vida encarnatória, nosso corpo material se destruirá, mas nós, Espíritos, continuaremos a viver e livres, conforme o grau de ciência e moralidade por nós conquistados.

Caminhemos para Deus, através do caminho que é Jesus; da verdade - que está nos seus ensinamentos; da vida - que é o certo e o bem em todas as modalidades.

Que assim seja!

07 - Necessidade da encarnação. A reencarnação e o Espiritismo - item 25.

Não foram os Espíritos que inventaram a reencarnação. O ensino reencarnatório vem de muito longe, de povos antigos e remotíssimas doutrinas.

Ao Espiritismo coube apenas a honra e a glória de estudar a reencarnação, sistematizando, convertendo afinal, no principal fundamento da Doutrina.

Grandes vultos do passado, no campo da religião, da filosofia e ciência, já aceitavam e difundiam a reencarnação.

Porém, a figura máxima da humanidade, Nosso Senhor Jesus Cristo, o Sublime embaixador, pregou a reencarnação.

Falando a respeito de Elias, o profeta falecido séculos antes, disse: "Elias já veio e não o conhecestes", compreendendo então os discípulos que se referia a João Batista - Elias reencarnado.

Outra vez, externando sobre a lei de causa e efeito, diz: "Ninguém sairá da Terra, sem que pague até o último centil", isto é, até a completa remissão das faltas.

E no famoso diálogo com Nicodemos, afirma que: "Ninguém alcançará o reino de Deus se não nascer de novo".

Como vemos, o Espiritismo não criou, não inventou a reencarnação. A reencarnação é antiguíssima, professada antes do Cristo, na época do Cristo e até os nossos dias.

Há mais de um século, o Espiritismo apresenta a reencarnação como único meio de crermos num Pai de justiça e bondade, que dá a cada um segundo as suas obras.

A reencarnação é a chave, a fórmula filosófica que explica, sem fugir do bom senso nem da lógica, as desigualdades humanas; sociais, econômicas e físicas, morais e intelectuais.

- Reencarnação e Evangelho -

O ser humano que anseia e busca a espiritualização própria, com sua ação benéfica, suas atividades e seu trabalho fraterno, deve combater as inteligências pervertidas.

As inteligências pervertidas influem no plano físico e no espiritual, só querem desarmonia e brigas. Nosso Senhor Jesus Cristo, que é o Pão da Vida, a Luz do Mundo, é a mais completa manifestação de sabedoria e amor que, a Terra, em qualquer tempo, jamais sentiu ou conheceu, no passado e no presente.

A palavra do Mestre se refletiu e se reflete, sadia e construtora, em todos os ângulos evolutivos da humanidade: na moral, na cultura e no sentimento. Se nas religiões, inclusive no Espiritismo, faltar o Evangelho de Jesus, que é a seiva Cristã, todas elas empalideceriam, ficariam debilitadas, sem vida e sem calor, sem alma e mortas. Com Jesus, a reencarnação tomou um banho de luz e misericórdia.

- Reencarnação e Família -

Os opositores do Espiritismo dizem que a reencarnação destrói os laços de família.

Muito engano, porque é através da reencarnação que, os laços de fraternidade se ampliam e se fortalecem. Não fosse a reencarnação, nos faltaria oportunidades de reconciliação com aqueles que ofendemos ou ferimos, que nos ofenderam ou feriram. Dessa maneira, restabelecemos contato com Espíritos que semearam espinhos no nosso caminho ou com Espíritos que colocamos pedras no seu caminho. Assim nos reabilitamos diante de Espíritos que, na nossa estrada evolutiva, na condição de filhos, esposos, companheiros, parentes, amigos ou vizinhos, tiveram suas vidas e seus destinos complicados por nós, que não prestamos atenção ao Evangelho de Jesus.

Então, a reencarnação, ao invés de destruir os laços de família, os fortalece e consolida.

O Divino Mestre exaltou em várias ocasiões: "Ninguém verá o reino de Deus, se não nascer de novo".

- Reencarnação e Reajuste -

A reencarnação está aí para reajuste, o ser humano que acredita na imortalidade do Espírito, avança, um pouco mais: crê, uma crença firme, porque é consciente na reencarnação. A noção consciente das vidas sucessivas implica na melhoria do comportamento individual.

O reencarnacionista sabe que o Espírito imortal, só conhecerá a ventura definitiva, plena e intransferível, se houver paz no seu coração.

O ser humano que acredita nas vidas sucessivas leva vantagem, sobre aquele outro crente; na vida começando no berço e acabando na sepultura. O que não crê no pré e no pós encarnatório, ensinado pelo Espiritismo, só tem desvantagem.

O bem que fizermos aos nossos adversários, favorece a reconciliação ainda neste mundo. O reencarnacionista sente a necessidade do aprimoramento espiritual, mediante a prática do certo e do bem. Ele sabe que novas culpas, novos débitos, causam mais sofrimentos e lágrimas.

Erros seculares desaparecem ante o abençoado milagre da reencarnação.

- Reencarnação e Resgate -

Certa vez, os discípulos, apresentando a Jesus um cego de nascença, perguntaram-lhe: Mestre, quem errou mais, este homem ou os seus pais, para que nascesse cego? Vejam isto; somente a descrença nas múltiplas existências levaria a esta pergunta. Jesus conversava sobre o assunto, na intimidade com os discípulos, mas o Mestre sabia que os seres humanos da época não tinham preparação para o conhecimento pleno da reencarnação.

A resposta do Cristo foi clara: O homem que ali estava não havia errado, nem os seus pais, pois na Justiça Divina os filhos não pagam pelos pais, nem os pais pelos filhos.

O Espírito que anima aquele corpo físico, o Espírito que nele encarnou, este sim, havia errado antes do nascimento; antes desta encarnação. Não há efeito sem causa - disse Allan Kardec, Codificador do Espiritismo, e todo efeito inteligente tem forçosamente uma causa inteligente.

As obras de Deus não podem ser desumanas. As obras de Deus se manifestam no cumprimento da Sua Lei. Leis de Justiça e de Amor. Leis que corrigem o errôneo, agora ou mais tarde, dando-lhe várias moradas, quantas forem necessárias.

As obras de Deus se exprimem no amor, que também é justiça, e na justiça, que também é amor. Aquele homem cego não havia errado, mas o Espírito, em existências passadas, havia sim cometido erros.

A sabedoria popular nos diz: quem com ferro ferir, com ferro será ferido.

O Espírito reencarnado ferira antes de nascer; portanto ali estava, inocente na aparência, para resgatar o seu débito, para saldar a sua promissória. Ali estava ferido nos olhos. Nascera cego. O débito era antigo, mas não deixara de existir.

Nascer cego ou parálítico, demente ou surdo mudo, com propensão a moléstia grave ou incurável é bênção que o indivíduo nem sempre sabe agradecer.

É bênção porque está reparando dívidas.

É bênção porque está tendo possibilidade de reabilitação.

É bênção porque está se libertando.

Muitos não sabem porque essa criatura nasceu assim. Enquanto os que acreditam na reencarnação dirão: - essa criatura nasceu assim, porque o seu Espírito errou noutras existências.

A reencarnação explica à luz da lógica, o problema dos resgates.

Põe no lugar a Justiça Divina!

- Reencarnação e Ciência -

A ciência ajuda o Espírito na caminhada evolutiva, desenvolve-se em função das vidas sucessivas.

O princípio Espírita diz que todos os Espíritos foram criados simples e ignorantes - sem conhecimentos, e revela que não há favoritos e privilégios, todos têm a semente Divina.

A humanidade tem origem comum e viaja para o mesmo destino - a perfeição. A soma dos valores morais com os valores científicos são as aquisições que não se perdem.

A ciência pode ser muitas vezes como a fortuna, a beleza física, o poder - motivo de desgraça para o ser humano, porque ciência sem humildade e amor, conduz o ser humano a presunção, ao vício do narcisismo intelectual.

A ciência sem lastro moral significa perigo para o Espírito. O ser humano evangelizado que retém a ciência sabe que nada possui de seu, e reconhece com humildade consciente, que a moral e a ciência são dons celestes que foi absorvendo na esteira dos milênios.

A reencarnação é o meio para a perfeição.

- Reencarnação e Progresso -

Não conhecendo a reencarnação, fica difícil à criatura humana explicar a questão do conhecimento, da moral e da sabedoria.

Como compreender que uma pessoa, somente numa existência, possa revelar sabedoria, sabendo que a moral e conhecimentos são vastos e seria impossível a um ser humano acumulá-los em tão pouco tempo.

Segundo um irmão espiritual, uma encarnação é como um dia de trabalho. Cada existência representa um elo da imensa cadeia de vidas sucessivas, durante os quais o Espírito cresce, aprende, evolui e se enriquece de novos valores.

O Espiritismo é reencarnacionista: ensina a doutrina; das várias existências, das vidas que se renovam. O conjunto dos ensinamentos Espíritas gira em torno do enunciado filosófico de Kardec: "Nascer, morrer, renascer ainda, progredir continuamente, tal é a lei".

Através da reencarnação compreendemos a Deus por Suprema Inteligência e Suprema Justiça. Compreendemos Sua Infinita Perfeição e Infinita Misericórdia.

Sabemos que Deus é justo e bom, criando Espíritos simples e sem conhecimento, para que, através do seu próprio esforço, pela sua evolução, caminhem no rumo da perfeição com Jesus.

Aceitando a reencarnação, não temos dificuldades em compreender a promessa do Mestre Jesus: "Nenhuma das ovelhas que o Pai me confiou se perderá".

Com a reencarnação, o que era nebuloso se tornou luz, o que era confuso e indecifrável, passou à claridade do bom senso e da lógica.

Só assim compreendemos porque existem sábios e ignorantes no mundo, cruzando as mesmas ruas, sofrendo as mesmas dores, respirando o mesmo oxigênio, aceitando a justiça Divina.

A moral, o conhecimento, o progresso, que o Espírito adquiriu e armazena, vem das várias existências.

Nós ainda falamos em pagamento e resgate. Um dia despertará em nós o Sol do Amor Divino, vamos entender que o Pai Celestial não é um credor, por isso, nem cobra e nem pede resgates a ninguém.

Nós não estamos pagando ao Pai Celestial as moedas do sofrimento, estamos sim, num longo processo de libertação, para nos desligarmos das vidas passadas.

Não há iras Divinas, não há cobranças, não há castigos impostos, não há o que pagar ao nosso Pai Celestial.

Nós cobramos de nós mesmos, para que o nosso clima mental leve-nos a abrir o coração e instalar o reino de Deus.

Essa é a Lei do Amor. O Amor é o manto celestial que recobre as chagas do Espírito, amadurecendo, para que nos transformemos em agentes de Deus, onde quer que estejamos.

Que a paz do Mestre Jesus nos acompanhe!

CAPÍTULO V

BEM-AVENTURADOS OS AFLITOS

Justiça das aflições. - Causas atuais das aflições. - Causas anteriores das aflições. - Esquecimento do passado. - Motivos de resignação. - O suicídio e a loucura. - Instruções dos Espíritos: Correto e errado sofrer. - A doença e o remédio. - A felicidade não é deste mundo. - Perda de pessoas amadas. - Desencarnes prematuros. - Se fosse um humano correto teria desencarnado. - Os tormentos voluntários. - A infelicidade real. - A melancolia. - Provas voluntárias. - O verdadeiro ciúcio. - Deve-se por termo às provas do próximo? - É permitido abreviar a vida física de um doente que agoniza sem esperança de cura? - Sacrifício da própria vida física. - Proveito dos tormentos para os outros.

1. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. Bem-aventurados os que são perseguidos pela injustiça, porque o reino dos céus é para eles. (*Mateus, cap. V, v. 4, 6 e 10*).

2. Vós sois Bem-aventurados, vós que sois humildes, porque o reino dos céus é para vós. Vós sois Bem-aventurados, vós que agora tendes fome de saber, porque sereis saciados. Vós sois felizes, vós que agora chorais das injustiças, porque rireis. (*Lucas, cap. VI, v. 20 e 21*).

Mas, ai de vós, egoístas! Porque tendes vossa consolação neste mundo. Ai de vós que estais saciados de orgulho, porque tereis fome de amor. Ai de vós que debochas agora, porque sereis reduzidos ao pranto e às lágrimas. (*Lucas, cap. VI, v. 24 e 25*).

JUSTIÇA DAS AFLIÇÕES

3. As compensações que Jesus, o Cristo, promete aos aflitos da Terra não podem ocorrer senão na vida futura. Sem a certeza do futuro, esses ensinamentos seriam um contrassenso, bem mais, seriam uma mentira. Mesmo com essa certeza, compreende-se dificilmente a utilidade de sofrer para ser feliz. É, diz-se, para ter mais mérito. Mas, então, pergunta-se, por que uns sofrem mais do que os outros? Por que uns nascem na miséria e outros na opulência, sem nada terem feito para justificar essa posição? Por que para uns nada dá certo, enquanto que para outros tudo parece sorrir? Mas o que se compreende menos ainda é ver as facilidades e as dificuldades tão desigualmente repartidas entre o vício e a virtude. Ver as pessoas corretas com poucos bens materiais ao lado das errôneas que prosperam materialmente. A fé no futuro pode consolar e levar à paciência, mas não explica essas anomalias que parecem desmentir a justiça divina.

Entretanto, desde que se admita Deus, não se pode concebê-lo sem perfeições infinitas. Ele deve ser todo poder, todo justiça, todo bondade, sem o que não seria Deus. Como Deus é soberanamente bom e justo, não pode agir por capricho nem com parcialidade. Os tormentos da vida física têm, pois, uma causa, e, uma vez que Deus é justo, essa causa deve ser justa. Eis do que cada um deve compenetrar-se bem. Na Lei de Deus os humanos foram colocados no caminho dessa causa pelos ensinamentos de Jesus, o Cristo, e, hoje, julgando-os bastante maduros para compreendê-la, a revelou inteiramente pelo Espiritismo, quer dizer, pela voz dos Espíritos.

(Essa ‘aflição’ se refere à ‘expectativa’ do término dessa etapa evolutiva, pelo resgate pleno das dívidas, e pelo conhecimento e moral que nos elevará à próxima etapa. Mas esse entendimento nós somente conseguimos pelos estudos, e a Doutrina dos Espíritos nos apresenta o conhecimento e a moral para entender e superar essa ‘aflição’! Aquele que não conhece e não possui moral firme, apenas fica ‘vendo’ o lado ‘material’ da vida, e não consegue ‘ver’ a justiça divina. Como pode ser justo, ou entender a justiça divina alguém que não ‘vê’ o lado ‘espiritual’ do que está acontecendo?)

CAUSAS ATUAIS DAS AFLIÇÕES

4. Os tormentos da vida são de duas espécies, ou, se assim se quer, têm duas fontes bem diferentes que importa distinguir: umas têm sua causa na vida física presente, outras fora dela.

Voltando às razões das aflições terrestres, se reconhecerá que muitas são a consequência natural do caráter e da conduta daqueles que as sofrem.

Quantas pessoas tombam por seus próprios erros! Quantas são vítimas de sua imprevidência, de seu orgulho e de sua ambição!

Quantas pessoas arruinadas por falta de ordem, de perseverança, por errônea conduta e por não terem limitado seus desejos errados!

Quantas uniões infelizes porque são de interesse calculado ou de vaidade, com as quais os sentimentos nada têm!

Quantas discussões e brigas terríveis se teria podido evitar com mais moderação e menos orgulho e egoísmo.

Quantas doenças e enfermidades são a consequência da teimosia e dos excessos de todos os gêneros!

Quantos pais são infelizes com seus filhos, porque não combateram suas errôneas tendências no princípio! Por fraqueza ou indiferença, deixaram crescer neles o orgulho, o egoísmo e a tola vaidade que secam os sentimentos sublimes. Depois, mais tarde, colhendo o que semearam, se espantam e se afligem pela falta de respeito e ingratidão dos filhos.

Que todos aqueles que são atingidos nos sentimentos, pelos tormentos e decepções da vida física, interroguem calmamente sua consciência. Que recordem gradativamente à fonte dos tormentos que os afligem, e verão se, o mais frequentemente, não podem dizer: Se eu tivesse, ou não tivesse, feito tal coisa eu não estaria em tal situação.

A quem, pois, culpar de todas as suas aflições senão a si mesmo?

O humano é, assim, num grande número de casos, o culpado dos seus próprios tormentos. Mas, ao invés de reconhecer, ele acha mais simples, menos humilhante para a sua vaidade, acusar aos outros, a divindade, a chance desfavorável, sua errada estrela, enquanto que sua errada estrela está no seu próprio desleixo.

As aflições dessa natureza formam, seguramente, uma notável parte nos tormentos da vida física. O humano as evitará quando trabalhar para seu aprimoramento moral e de conhecimentos.

(No atual estágio evolutivo espiritual em que nós nos encontramos, é muito raro encontrarmos encarnados que reconhecem serem os causadores de suas ‘aflições’. Ainda aceitamos estudar, com muito suor, por dez anos, para a formação de profissionais na ciência material, mas temos plena certeza que nos tornamos ‘especialistas’ na ciência espiritual com a simples leitura de alguns livros! É-nos confortável e cômodo cremos que, é só acreditar em Jesus, pois assim nos tornamos ‘potentes’ e ‘cientes’ como Ele!...)

5. A lei humana alcança certos erros e os pune. O punido pode, pois, dizer-se que suporta a consequência do que fez. Mas a lei humana não alcança e não pode alcançar todos os erros. Ela atinge mais especialmente aqueles que prejudicam a sociedade, e não aqueles que prejudicam somente aos que os cometem. Mas a Lei de Deus visa o progresso de todas as criaturas. Por isso, ela não deixa impune nenhum desvio do caminho reto. Não há um só erro, por pequeno que seja, um só desvio da Lei de Deus, que não tenha consequências forçadas e inevitáveis mais ou menos tristes. De onde se segue que, nas pequenas, como nas grandes coisas, o Espírito é sempre penalizado pelos seus erros. Os tormentos que lhe são a consequência, são para ele uma advertência de que errou. Eles lhe dão a experiência fazendo-o sentir a diferença entre o certo e o errado, e a necessidade de se melhorar para evitar, no futuro, o que lhe foi uma fonte de desgostos: sem isso, não teria nenhum motivo para se emendar, e, confiando na impunidade, retardaria seu adiantamento e, por conseguinte, sua felicidade futura.

Mas a experiência, algumas vezes, vem um pouco tarde. Quando a vida física foi dissipada e perturbada, as forças desgastadas, e quando o erro não tem mais conserto, então, a pessoa se põe a dizer: Se no início da vida física eu soubesse o que sei agora, quantos erros teria evitado. Se fosse recomeçar, eu faria tudo de outro modo. Mas não há mais tempo! Como o obreiro preguiçoso, diz: Eu perdi minha jornada, também se diz: Eu perdi minha vida física. Mas, da mesma forma que para o obreiro o sol se ergue no dia seguinte, e uma nova jornada começa, permitindo-lhe recuperar o tempo perdido, para o Espírito também, depois da noite do túmulo, brilhará o sol de uma nova vida física, na qual poderá aproveitar a experiência do passado e suas corretas resoluções para o futuro.

(Mas, da mesma forma que para o obreiro o sol se ergue no dia seguinte, e uma nova jornada começa, permitindo-lhe recuperar o tempo perdido, para o Espírito também, depois da noite do túmulo, brilhará o sol de uma nova vida física, na qual poderá aproveitar a experiência do passado e suas corretas resoluções para o futuro.

N sei a razão de esse pessoal reclamar, ainda ontem as minhas ações valorizaram 10%, acho este mundo uma maravilha, é uma pena que eu esteja em final de vida! Caso crssemos na reencarnação, a frase inicial demonstraria uma total falta de conhecimento e de confiança em Deus!)

CAUSAS ANTERIORES DAS AFLIÇÕES

6. Mas, se há aflições dos quais o ser humano é a causa primeira nesta vida física, há outras, pelo menos na aparência, que lhe são completamente estranhas, e que parecem atingi-lo como por fatalidade. Tal é, por exemplo, a perda de seres queridos, e a de arrimos de família. Tais são, ainda, os acidentes que nenhuma providência poderia impedir. As perdas de fortuna que frustram todas as medidas de prudência. Os flagelos naturais e as enfermidades de nascimento, sobretudo aquelas que tiram os meios de ganhar sua vida física pelo trabalho, como as deformidades, a iditia, o cretinismo etc.

Aqueles que nascem em semelhantes condições, seguramente, nada fizeram nesta vida física para merecerem uma passagem tão triste e sem compensação, que não podiam evitar e impotentes para mudarem por si mesmos, e que os coloca na dependência da esmola pública. Por que, pois, seres tão atormentados, ao passo que ao seu lado, sob o mesmo teto, na mesma família, outros são favorecidos sob todos os aspectos?

Que dizer, enfim, dessas crianças que desencarnam em idades iniciais e não conheceram da vida física senão a aflição?

Problemas que nenhuma filosofia pode ainda resolver, anomalias que nenhuma religião pode justificar, e que seriam a negação da bondade, da justiça e da providência de Deus, na hipótese de ser o Espírito criado ao mesmo tempo em que o corpo físico, e seu destino estar irrevogavelmente fixado após uma estada de alguns instantes na Terra. O que teriam feito, esses Espíritos que acabam de sair das mãos do Criador, para passar tantas aflições neste mundo, e merecer, no futuro, uma modesta recompensa, ou uma penalização qualquer, quando não puderam fazer nem o certo nem o errado?

Entretanto, em virtude do ditado de que todo efeito tem uma causa, essas aflições são efeitos que devem ter uma causa e, desde que se admita um Deus justo, essa causa deve ser justa. Ora, a causa sempre gera um efeito, uma vez que a causa não está na vida física atual, deve ser anterior a ela, quer dizer, pertencer a uma existência precedente. Por outro lado, a Lei de Deus não podendo penalizar pelo certo que se fez, nem pelo erro que não se fez, se somos penalizados, é porque fizemos erros. Se não fizemos o erro nesta vida física, o fizemos numa outra. É uma alternativa da qual é impossível escapar, e na qual a lógica diz de que lado está a justiça de Deus.

O ser humano, pois, não é sempre penalizado, ou completamente penalizado na sua existência atual, mas não escapa jamais às consequências de seus erros. A prosperidade do errado não  senão momentânea, e se ele não resgata hoje, resgatar amanhã, ao passo que aquele que sofre, está resgatando seu passado. A infelicidade que,  primeira vista, parece imerecida tem, pois, sua razão de ser, e aquele que sofre pode sempre dizer: "Perdoem-me, irmãos, porque errei".

(O que teriam feito, esses Espíritos que acabam de sair das mãos do Criador, para passar tantas aflições neste mundo, e merecer, no futuro, uma modesta recompensa, ou uma penalização qualquer, quando não puderam fazer nem o certo nem o errado?)

A fé cega  produto da nossa conveniência e conformismo! Não 'queremos' conhecer e nem aceitar a Lei de Deus. Quando 'alguém' nos perguntar: O que fizestes dos 'dons' com que te ornei, aplicaste-os? E responderemos: Perdoe, fomos e somos servos 'inúteis'! E nos fica uma pergunta, a ser respondida por cada um de nós: Para o que serve os servos 'inúteis'?)

7. Os tormentos por erros de encarnações anteriores são, frequentemente, como os dos erros da encarnação atual, a consequência natural dos erros cometidos. Quer dizer, por uma justiça branda, mas infalível o encarnado suporta o que fez os outros suportarem. Se foi duro e desumano, ele poderá ser, a seu turno, tratado duramente e com desumanidade. Se foi orgulhoso, poderá nascer em uma condição humilhante. Se foi avarento, egoísta, ou se fez errôneo uso da sua fortu-

na, poderá ser privado do necessário. Se foi errôneo filho, poderá sofrer com os próprios filhos etc.

Assim se explicam, pela pluralidade das existências – reencarnações -, e pela destinação da Terra como mundo de resgate e expiação, as diferenças que apresentam a repartição da felicidade e da infelicidade entre os moralmente equilibrados e os desequilibrados neste mundo. Essas diferenças existem - em aparência -, porque são consideradas sob o ponto de vista da vida presente. Mas se se eleva, pelo pensamento, de maneira a abranger uma série de existências, ver-se-á que cada um recebe a parte que merece, sem prejuízo da que lhe é dada no mundo dos Espíritos, e que a justiça de Deus jamais é interrompida.

O ser humano não deve jamais perder de vista que está num mundo atrasado, onde não é mantido senão pelas suas imperfeições. A cada tormento, deve dizer-se que se pertencesse a um mundo mais elevado, isso não ocorreria, e que depende dele não mais retornar a este mundo, trabalhando pela sua evolução.

(Quer dizer, por uma justiça branda, mas infalível o encarnado suporta o que fez os outros suportarem.

Por essa razão é que Jesus, o Cristo, nos ensinou: Amai-vos uns aos outros como eu vos amei! Mas apesar do ensino ser para toda a humanidade, temos plena certeza de que é somente para os da ‘nossa’ comunidade! Como ainda somos ‘cegos’! O orgulho e o egoísmo nos domina, alimentados pelo nosso comodismo e conformismo...)

8. As tribulações da vida podem ser impostas aos Espíritos, endurecidos, ou muito pouco moralizados, para fazerem uma escolha com conhecimento de causa, mas são livremente escolhidas e aceitas pelos Espíritos, arrependidos, que querem reparar o erro que fizeram e tentar fazer o certo. Tal é aquele que, tendo feito errada sua tarefa, pede para recomeçá-la a fim de não perder o benefício do seu trabalho. Essas tribulações, pois, são, ao mesmo tempo, expiações pelo passado, que elas sofrem, e provas para o futuro, que elas preparam. Rendamos graças a Deus que, na Sua bondade, concede ao Espírito a faculdade da reparação e não o condena eternamente por qualquer erro.

(Rendamos graças a Deus que, na Sua bondade, concede ao Espírito a faculdade da reparação e não o condena eternamente por qualquer erro.

Estou com Jesus, Ele me salva, não acredito nessa ‘reencarnação’! Este é o nosso estágio evolutivo espiritual, razão visível no mundo encarnado; amoralidade, corrupção, traição, venalidade, ambição etc., tudo bem caracterizando o arraigado orgulho e egoísmo que trazemos de encarnações pretéritas. Ainda teremos muitas, e muitas, encarnações reparadoras na Terra...)

9. Entretanto, não é preciso crer que todo tormento suportado neste mundo seja, necessariamente, o indício de um erro determinado. São, frequentemente, simples provas escolhidas pelo Espírito para acabar sua depuração e apressar seu adiantamento. Assim, a expiação serve sempre de prova, mas a prova não é sempre uma expiação. Mas provas ou expiações, são sempre sinais de uma evolução relativa, porque o que é perfeito não tem mais necessidade de ser provado. Um Espírito pode, pois, ter adquirido certo grau de evolução, mas, querendo avançar mais ainda, solicita uma missão, uma tarefa a cumprir, da qual será tanto mais recompensado, se sai vitorioso, quanto a prova tenha sido mais difícil. Tais são, mais especialmente, essas pessoas de instintos naturalmente corretos, de moral equilibrada, de nobres sentimentos inatos que parecem não ter trazido nada de errado de sua anterior existência, e que suportam, com uma resignação toda cristã, os maiores tormentos, orando para os suportar sem lamentações. Podem-se considerar como expiações as aflições que motivam as queixas e levam os humanos à revolta contra a Lei de Deus.

O tormento que não causa lamentações pode, sem dúvida, ser uma expiação, mas é o indício de que ele foi antes escolhido voluntariamente do que imposto, e a prova de uma forte resolução, o que é um sinal de progresso.

(Mas provas ou expiações, são sempre sinais de uma evolução relativa, porque o que é perfeito não tem mais necessidade de ser provado.

Caso não se tenha nenhuma contrariedade, quer seja material ou psíquica, e tendo a certeza de que em sua ‘partida’ não haverá lamentos e lamúrias, que ‘todos’ lhe erguerão louvores e hosanas, pode ir se preparando

para uma 'linda' morada no reino dos céus! Mas é surpresa!...)

10. Os Espíritos não podem aspirar à felicidade perfeita senão quando são puros e perfeitos. Todo erro lhes fecha a entrada nos mundos felizes. Tais são os passageiros de um navio atingido pela peste, aos quais a entrada de uma cidade é fechada até que estejam sãos. É nas suas diversas existências corporais físicas que os Espíritos avançam, pouco a pouco, em seu aperfeiçoamento de conhecimento e moral. As provas da vida física adiantam, quando bem suportadas. Como expiações, elas apagam os erros e purificam. É o remédio que limpa a chaga e cura o enfermo. Quanto mais grave é o erro, mais o remédio deve ser enérgico. Aquele, pois, que está muito atormentado deve dizer-se que tem muito a expiar, e se regozijar de ser logo curado. Depende dele, pela sua resignação, tornar esse tormento proveitoso, e de não perder-lhe os frutos pelas lamentações, sem o que estaria por recomeçar.

(Aquele, pois, que está muito atormentado deve dizer-se que tem muito a expiar, e se regozijar de ser logo curado. Quando conhecemos a Lei de Deus, sabemos que devemos nos ajudar mutuamente. Mas quando não conhecemos dizemos: Esses sofredores merecem o que estão passando! Não passam de uma cambada de ignorantes! Não amam a Jesus, são seguidores do Demo...)

ESQUECIMENTO DO PASSADO

11. É em vão que se coloca o esquecimento das encarnações anteriores como um obstáculo, no sentido de que se possa aproveitar a experiência das existências anteriores. Se Deus julgou conveniente esse esquecimento do passado, é porque isso é útil. Com efeito, essa lembrança teria graves inconvenientes. Poderia, em certos casos, nos humilhar estranhamente, ou exaltar o nosso orgulho, e, por isso mesmo, entrar o nosso livre-arbítrio. Em todos os casos, traria uma perturbação inevitável nas relações sociais.

O Espírito reencarna, frequentemente, no mesmo meio em que viveu fisicamente, e se acha em relação com as mesmas pessoas, a fim de reparar o erro que lhes fez. Se reconhecesse nelas as que odiou, talvez seu ódio se revelasse. Em todos os casos, seria humilhado diante dos que houvesse ofendido.

Deus nos deu, para nosso adiantamento, justamente o que nos é necessário e pode nos bastar: a voz da consciência e nossas tendências instintivas, e nos tira o que poderia nos prejudicar.

Ao encarnar, o Espírito traz toda a moral e parte, apenas a necessária, do conhecimento que adquiriu. Encarna como se fez. Cada existência é para ele um novo ponto de partida. Pouco lhe importa saber o que foi. Ele é penalizado porque fez o erro e suas tendências errôneas atuais são indício do que resta nele a corrigir, sendo nisso que deve concentrar sua atenção, porque do que está completamente corrigido não lhe resta nenhum traço. As corretas resoluções que tomou são a voz da consciência que o adverte do que é certo ou errado, e lhe dá a força para resistir às errôneas tentações.

De resto, esse esquecimento não ocorre senão durante a vida corporal física. Reentrando na vida espiritual, o Espírito retoma as lembranças do passado. Isso não é, pois, senão uma interrupção momentânea, como a que ocorre na vida terrestre durante o sono, e que não impede de lembrar no dia seguinte o que se fez na véspera e nos dias anteriores.

Não é apenas depois de desencarnar que o Espírito recobra as lembranças do passado. Pode-se dizer que não as perde jamais, porque a experiência prova que, na encarnação, durante o sono do corpo físico, quando goza de certa liberdade, o Espírito tem consciência de seus atos anteriores. Ele sabe por que sofre, e que seu sofrer é justo. A lembrança só se apaga durante a vida exterior de relação, isto é, quando o corpo físico está acordado. Mas, à falta de uma lembrança precisa, que poderia lhe ser aflitiva e prejudicar suas relações sociais, ele consegue novas forças nesses instantes de emancipação do Espírito, se sabe aproveitá-los.

(Em vida anterior mandei e desmandei, e foram estes, agora meus chefes, os que me serviram. Todos os meus vizinhos desta 'favela' sabem que em outra encarnação fui rico e poderoso. Todos os meus vizinhos deste 'residencial' sabem que em outra encarnação fui escravo e cativo na senzala. Eu gostaria de esquecer todas as minhas dívidas, mas lembrar de todos os meus créditos! Todas essas frases nos mostram a real 'justiça' da Lei de Deus para conosco!)

MOTIVOS DE RESIGNAÇÃO

12. Por estas palavras: Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados, Jesus, o Cristo, indica, ao mesmo tempo, a compensação que espera aqueles que sofrem, e a resignação que faz abençoar o tormento como o anúncio próximo da cura.

Essas palavras podem, ainda, ser traduzidas assim: Deveis considerar-vos felizes por sofrer, porque as vossas aflições neste mundo são a dívida dos vossos erros passados, e essas aflições, suportadas pacientemente na Terra, vos poupam séculos de tormento na vida futura. Deveis, pois, estar felizes porque na Lei de Deus foi diminuída vossa dívida, permitindo pagá-la presentemente, o que vos assegura a tranquilidade para o futuro.

A pessoa que sofre é semelhante a um devedor que deve uma grande quantia, a quem diz o seu credor: “Se me pagardes hoje, mesmo a centésima parte da dívida, eu te darei quitação de todo o resto, e serás livre. Se não o fizerdes, eu te perseguirei até que tenhais pagado o último centavo”. O devedor não seria mais venturoso suportando toda sorte de privações para se liberar, pagando somente a centésima parte do que deve? Ao invés de se lamentar do seu credor, não lhe agradecerá?

Tal é o sentido destas palavras: “Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados”. São felizes porque se quitam, e, depois de se quitarem, estarão livres. Mas se, quitando-se inteiramente de um lado, endivida-se de outro, não se alcançará a libertação. Ora, cada novo erro aumenta a dívida, porque não há um só, qualquer que seja, que não arraste consigo sua penalização forçada, inevitável, que se não for hoje será amanhã, se não for nesta vida física, será em outra.

Entre esses erros, é preciso colocar em primeiro plano a falta de obediência à Lei de Deus, pois, quem murmura nas aflições, e não as aceita com resignação e como uma coisa que se deve merecer, quem acusa a Lei de Deus de injusta, contrai uma nova dívida que faz perder o benefício que se poderia retirar do tormento. Assim sendo, seria preciso recomeçar como se, a um credor que vos atormenta pagásseis prestações tomando-lhe, a cada vez, um novo empréstimo.

À sua reentrada no mundo espiritual, o Espírito está ainda como o obreiro que se apresenta no dia do pagamento. A uns o Senhor dirá: “Eis o prêmio dos vossos dias de trabalho”. A outros, aos felizes da Terra, àqueles que tenham vivido na ociosidade, que colocaram sua felicidade na satisfação do amor próprio e dos prazeres mundanos, ele dirá: “A vós nada cabe, porque recebestes vosso salário na Terra. Ide e recomeçai a vossa tarefa”.

(O simples fato de verificarmos o diminuto conhecimento, por maior parte da humanidade, da Lei de Deus, já é indício mais do que suficiente para reconhecermos o nosso ‘baixo’ estágio evolutivo espiritual, típico das encarnações muito ‘animalizadas’, próximas do primitivismo terreno. Em O Livro dos Espíritos, na escala evolutiva, nós podemos nos encontrar na parte ‘inferior’, ainda sob predomínio do erro! Sem os estudos que nos propiciam o conhecimento e a vivência da Lei de Deus, ainda iremos e voltaremos muitas vezes mais...)

13. O ser humano pode abrandar ou aumentar a amargura das suas provas, pela maneira como encara a vida terrestre. Ele sofre tanto mais quanto veja mais longa a duração do tormento. Ora, aquele que se coloca no ponto de vista da vida espiritual, alcança de um golpe de vista a vida corporal física. Ele a vê como um ponto no infinito, compreende-lhe a pequenez, e se convence que esse momento penoso passará bem depressa. A certeza de um futuro próximo mais feliz o sustenta e o encoraja e, ao invés de se lamentar, agradece à Lei de Deus pelas aflições que o fazem avançar. Para aquele, ao contrário, que não vê senão a vida corporal física, esta lhe parece interminável, e a aflição cai sobre ele com todo o seu peso.

O resultado da maneira espiritual de encarar a vida é, diminuir a importância das coisas deste mundo, de levar o encarnado a moderar seus errados desejos, a contentar-se com sua posição sem invejar a dos outros, de atenuar a impressão moral dos reveses e das decepções que experimenta. Ele consegue nisso uma calma e uma resignação tão úteis à saúde do corpo físico como à do Espírito, ao passo que pela inveja, ciúme e ambição, se tortura por si só, e aumenta assim as aflições e as angústias de sua curta existência no corpo físico.

(Para aquele, ao contrário, que não vê senão a vida corporal física, esta lhe parece interminável, e a aflição cai sobre ele com todo o seu peso.)

Quando não ‘conheço’ a Lei de Deus, e nem Deus, somente me resta a vida física e ter ‘fé cega’ de que ‘alguém’ me salva! Mas se não conheço nada do mundo divino ou dos Espíritos, me salvar para o quê? Por enquanto eu me ‘resigno’ a dar 10% para esse meu sócio explorador!)

O SUICÍDIO E A LOUCURA

14. A calma e a resignação, conseguidas na maneira de encarar a vida terrestre, e na fé no futuro, dão ao Espírito uma serenidade que é a melhor defesa contra a loucura e o suicídio. Com efeito, é certo que a maioria dos casos de loucura são devidos ao nervosismo produzido pelos tormentos em que a pessoa não encontra a força de suportar. Se, pois, pela maneira que o Espiritismo lhe faz encarar as coisas deste mundo, ele recebe com indiferença, com alegria mesmo, os reveses e as decepções que o desesperariam em outras circunstâncias, é evidente que essa força, que o coloca acima dos acontecimentos, preserva sua razão dos abalos que, sem ela, a perturbariam.

(Para conseguir a calma e a resignação necessárias é, pelo menos nesta encarnação, suficiente os estudos constantes, não fanatizados, da Doutrina dos Espíritos. Nela encontramos a verdade da Lei de Deus e, por ela, assim poder caminhar firme com o ‘nosso’ fardo, com o devido entendimento das ocorrências que, antes, nos traumatizavam.)

15. Ocorre o mesmo com o suicídio. Excluídos aqueles que se efetuam no estado de embriaguez e de loucura, e que podemos chamar inconscientes, é certo que, quaisquer que sejam os motivos particulares, têm sempre por causa um descontentamento. Ora, aquele que está certo de não ser infeliz senão por um dia, e de serem melhores os dias seguintes, tem facilmente paciência. Ele só desespera se não vê fim para os seus tormentos. Que é, pois, a vida humana em relação à eternidade, senão bem menos que um segundo? Mas para aquele que não crê na eternidade, que crê que tudo nele se acaba com esta vida física, se está oprimido pelo desgosto e pelo infortúnio, não vê seu final senão na morte. Não esperando nada, acha muito natural, muito lógico mesmo, acabar suas aflições pelo suicídio.

(O suicídio é a melhor maneira de se descobrir como se era feliz quando ‘vivo’, mas daí já é tarde e nova encarnação, mas muito mais aflitiva, virá ‘obrigatoriamente’ pela frente...)

16. A descrença, a simples dúvida sobre o futuro, as ideias materialistas, numa palavra, são as maiores condutoras ao suicídio: elas dão a covardia moral. Quando se veem pessoas de ciência se apoiarem sobre a autoridade do seu saber para procurarem provar aos seus ouvintes, ou aos seus leitores, que eles nada têm a esperar depois da morte, não os conduzem a essa consequência de que, se são infelizes, nada têm melhor a fazer do que se matar? Que lhes poderiam dizer para disso desviá-los? Que compensação poderiam lhes oferecer? Que esperança poderiam lhes dar? Nenhuma coisa senão o nada. De onde é preciso concluir que se o nada é o único remédio, a única perspectiva, mais vale nele cair imediatamente que mais tarde e, assim, sofrer por menos tempo. A propagação das ideias materialistas é, pois, o veneno que injeta em um grande número de pessoas o pensamento do suicídio, e aqueles que se fazem seus apóstolos assumem sobre si uma terrível responsabilidade.

Com o Espiritismo, não sendo mais permitida a dúvida, a razão da vida muda. O espírita sabe que a vida se prolonga indefinidamente além túmulo, mas em outras condições. Daí a paciência e a resignação que o afastam naturalmente do pensamento do suicídio. Daí, numa palavra, a coragem moral.

(Todo o ‘tormento’ que qualquer tipo de ‘suicídio’ provoca no Espírito pode ser eliminado. Estudar a Doutrina dos Espíritos nos faz ‘fugir’ do ‘suicídio’, portanto, nada de ‘tormentos’!)

17. O Espiritismo tem, ainda, sob esse aspecto, outro resultado também positivo, e talvez mais importante, ele nos mostra os próprios suicidas vindo revelar sua posição infeliz, e provar que ninguém viola impunemente a Lei de Deus, que proíbe ao humano abreviar sua vida física. Há entre os suicidas aqueles cujos tormentos, por não ser senão temporário ao invés de eterno, não são menos terríveis, e de dar o que pensar a qualquer um que fosse tentado a partir daqui antes da

A DOENÇA E O REMÉDIO

19. Vossa Terra é, pois, um lugar de alegria, um paraíso de delícias? A voz do profeta não ressoa mais aos vossos ouvidos? Ele não apregoou que haveria pranto e ranger de dentes para aqueles que nascessem nesse vale de dores? Vós que viestes aí viver fisicamente, esperai pois lágrimas cruciantes e sofrimentos amargos, e mais as vossas dores sejam agudas e profundas, olhai o céu e bendizei o Senhor por ter querido vos aprimorar!...

Ó humanos! Não reconhecereis, pois, o poder do vosso Mestre senão quando Ele tiver curado as chagas do vosso corpo físico e coroado os vossos dias de beatitude e de alegria? Não reconheceis, pois, seu amor senão quando Ele vos tiver adornado o vosso corpo físico com todas as glórias, e lhe tiver restituído seu brilho e sua brancura? Imitai aquele que vos foi dado como exemplo. Chegado ao último degrau da abjeção e da miséria, estendido sobre o lixo, disse a Deus: "Senhor, conheci todas as alegrias da opulência e me reduzistes à miséria mais profunda. Obrigado, obrigado meu Deus, por querer bem aprimorar vossa criatura!". Até quando vossos olhares se deterão nos horizontes marcados pela morte? Quando o Espírito desejará, enfim, se soltar além dos limites de um túmulo? Mas se devêsseis chorar e sofrer toda uma vida física, que seria isso ao lado da eternidade de paz reservada àquele que tiver suportado a prova com fé, amor e resignação? Procurai, pois, consolações aos vossos tormentos no futuro que Deus vos preparou, e a causa deles no passado. E vós, que vos afligis mais, considerai-vos os Bem-aventurados da Terra.

No estado de desencarnados, quando planáveis no espaço, escolhestes vossa prova, porque vos acreditastes bastante fortes para suportá-la. Por que reclamar nessa hora? Vós que pedistes a fortuna e a glória, era para sustentar a luta da tentação e vencê-la. Vós que pedistes lutar de Espírito e corpo físico contra o erro moral e físico, é porque sabíeis que quanto mais a prova seria dura, tanto mais a vitória teria validade, e que se dela saísseis triunfantes, devesse vossa carne ser lançada sobre um monturo, em seu desencarne, ela deixaria escapar um Espírito brilhante de brancura e tornado puro pelo batismo da expiação e do tormento.

Que remédio, pois, recomendar àqueles que estão atacados de tormentosas obsessões? Um só é infalível: a fé, o olhar para o mundo espiritual. Se no acesso dos vossos mais aflitivos tormentos, a vossa voz cantar ao Senhor, o Espírito guardião à vossa cabeceira, de sua mão vos mostrará o sinal de salvação e o lugar que deveis ocupar um dia... É a fé o remédio certo do tormento. Ela mostra sempre os horizontes do infinito, diante dos quais se apagam os poucos dias sombrios do presente. Não nos pergunteis mais, pois, qual remédio é preciso empregar para curar tal úlcera ou tal chaga, tal tentação ou tal prova. Recordai que aquele que crê é forte pelo remédio da fé, e aquele que duvida um segundo da sua eficácia, é logo auto penalizado, porque experimenta no mesmo instante as pungentes angústias da aflição.

O Senhor marcou com seu selo todos aqueles que creem nele. Jesus, o Cristo, vos disse que com a fé transportam-se as montanhas, e eu vos digo que aquele que sofre e tiver a fé por sustentáculo, será colocado sob sua proteção e não se afligirá mais. Os momentos das mais fortes dores serão para ele as primeiras notas de alegria da eternidade. O Espírito se desprenderá de tal forma de seu corpo físico que, enquanto este se contorcer sob as convulsões, ele planará nas regiões celestes cantando com os Espíritos os hinos de reconhecimento e de glória ao Senhor.

Felizes aqueles que sofrem e que padecem! Que seus Espíritos se alegrem porque sempre são abençoados por Deus.

(Agostinho, Paris, 1863).

(Ele não apregoou que haveria pranto e ranger de dentes para aqueles que nascessem nesse vale de dores?)

Para aqueles que já compreendem os valores espirituais, a frase acima é facilmente entendida. Mas para os imediatistas e materialistas ela tem o seguinte sentido: 'É ótimo você tomar esse copo de óleo de rícino, vai te deixar legal!'.)

A FELICIDADE PLENA NÃO É DESTE MUNDO

20. Não sou feliz! A felicidade não foi feita para mim! Exclama geralmente o humano em todas

as posições sociais. Isso, meus caros filhos, prova melhor do que todos os raciocínios deste ensinamento do Eclesiastes: "A felicidade não é deste mundo". Com efeito, nem a fortuna, nem o poder, nem mesmo a juventude florescente, são as condições essenciais da felicidade. Digo mais: nem mesmo a reunião dessas três condições tão desejadas, uma vez que se ouvem sem cessar, no meio das classes mais privilegiadas, pessoas de todas as idades se lamentarem amargamente da sua condição de ser.

Diante de tal resultado, é muito errado que as classes laboriosas e militantes invejem com tanta cobiça a posição daqueles que a fortuna parece ter favorecido. Neste mundo, qualquer coisa que se faça, cada um tem a sua parte de trabalho e de miséria, seu quinhão de tormento e de decepções. De onde é fácil chegar à conclusão de que a Terra é um lugar de provas e de expiações.

Assim, pois, aqueles que pregam ser a Terra a única morada dos humanos, e que só nela, e numa só existência, lhe é permitido atingir o mais alto grau das felicidades que a sua natureza comporta, iludem-se e enganam aqueles que os escutam. Já que está demonstrado, por uma experiência de muitos séculos, que neste globo não se encontra, senão excepcionalmente, as condições necessárias à felicidade completa do encarnado.

De um modo geral, pode-se afirmar que a felicidade é um sonho, na busca da qual as gerações se lançam sucessivamente sem poder jamais alcançá-la. Porque se o humano corretamente sábio é uma raridade neste mundo, o humano absolutamente feliz nele se encontra menos.

Aquilo em que consiste a felicidade na Terra é uma coisa tão passageira para aquele que não age sabiamente que, por um ano, um mês, uma semana de completa satisfação, todo o resto se escoia numa sequência de amarguras e decepções. E notai, meus caros filhos, que falo aqui dos felizes da Terra, daqueles que são invejados pelas multidões.

Consequentemente, se a morada terrestre está destinada às provas e à expiação, é preciso admitir que existem outras moradas mais favoráveis onde o Espírito, ainda aprisionado numa carne material, possui em sua plenitude os prazeres ligados à vida humana. Por isso, Deus semeou no vosso turbilhão esses belos planetas superiores para os quais os vossos esforços e as vossas tendências vos farão gravitar um dia, quando estiverdes suficientemente evoluídos.

Todavia, não deduzais de minhas palavras que a Terra esteja condenada para sempre a uma destinação penitenciária, não, certamente! Porque dos progressos realizados podeis deduzir facilmente os progressos futuros, e dos melhoramentos sociais conquistados, novos e mais fecundos melhoramentos. Tal é a tarefa imensa que deve realizar a nova Doutrina que os Espíritos vos revelaram.

Assim, pois, meus caros filhos, que uma pura superação vos anime, e que cada um dentre vós jogue fora, energeticamente, o humano velho. Deveis tudo à divulgação deste Espiritismo que já começou a vossa própria regeneração. É um dever fazer vossos irmãos participarem dos raios da luz divina. À obra, pois, meus bem amados filhos! Que nesta reunião solene, todos os vossos corações aspirem a este objetivo grandioso de preparar, às novas gerações, um mundo em que a felicidade não será mais uma palavra vã.

(François - Nicolas - Madeleine, cardeal Morlot, Paris, 1863).

(Assim, pois, aqueles que pregam ser a Terra a única morada dos humanos, e que só nela, e numa só existência, lhe é permitido atingir o mais alto grau das felicidades que a sua natureza comporta, iludem-se e enganam aqueles que os escutam.)

Os que conhecem, entendem e admitem a reencarnação sabem da falsidade da vida única e terrena. Mas os que admitem a vida única e terrena dizem: 'Eu tenho meu lugar garantido no céu, até já paguei... É na primeira fila. Azar de quem não tem dinheiro!'.)

PERDA DE PESSOAS AMADAS. DESENCARNES PREMATUROS

21. Quando o desencarne vem ceifar nas vossas famílias, levando sem moderação as pessoas jovens ao invés das velhas, dizeis frequentemente: a Lei de Deus não é justa, uma vez que sacrifica esse que é forte e pleno de futuro, para conservar aqueles que viveram longos anos cheios de decepções. Uma vez que leva aqueles que são úteis e deixa aqueles que não servem mais para nada. Uma vez que parte o coração de uma mãe privando-a da inocente criatura que fazia toda a sua alegria.

Humanos, é nisto que tendes necessidade de vos elevar acima do terra a terra da vida física, para

compreenderdes que o certo, frequentemente, está onde credes ver o errado, a sábia providência aí onde credes ver a cega fatalidade do destino. Por que medir a justiça divina pelo valor da vossa? Podeis pensar que o Senhor dos mundos queira, por um simples capricho, vos infligir penas cruéis? Nada se faz sem um objetivo inteligente e, qualquer que seja ao que se chegue, cada coisa tem sua razão de ser. Se estudásseis melhor todas as aflições que vos atingem, nelas encontraríeis sempre a razão divina, razão regeneradora, e vossos miseráveis interesses seriam uma consideração secundária que relegaríeis ao último plano.

Crede-me, o desencarne é preferível, para a encarnação de vinte anos, a esses desregramentos vergonhosos que desolam as famílias honradas, partem o coração de uma mãe, e fazem, antes do tempo, branquear os cabelos dos pais. O desencarne prematuro, frequentemente, é um grande benefício que a Lei de Deus concede àquele que se vai, e que se encontra, assim, preservado das misérias da vida física, ou dos erros que teriam podido arrastá-lo à sua penalização. Aquele que desencarna na flor da idade, não é vítima da fatalidade, mas, pela Lei de Deus, lhe é útil não permanecer por mais tempo na Terra.

É uma horrível infelicidade, dizeis, que uma vida física tão plena de esperanças seja tão cedo cortada! De quais esperanças quereis falar? Das da Terra, onde aquele que dela se vai teria podido brilhar, construir seu caminho e sua fortuna? Sempre essa visão estreita que não pode se elevar acima da matéria. Sabeis qual seria o destino dessa vida física tão plena de esperanças segundo vós? Quem vos diz que ela não poderia ser cheia de amarguras? Contais, pois, por nada as esperanças da vida futura, já que preferis as da vida física efêmera que arrastais na Terra? Pensais, pois, que vale mais ter uma posição entre os humanos que entre os Espíritos Bem-aventurados?

Regozijai-vos ao invés de vos lamentar, quando a Lei de Deus retirar um de seus filhos deste vale de misérias. Não há egoísmo em desejar que ele aí permanecesse para sofrer convosco? Ah! Essa dor se concebe naquele que não tem fé, e que vê no desencarne uma separação eterna. Mas vós, Espíritas, sabeis que o Espírito vive melhor desembaraçado de seu envoltório corporal físico. Mães, sabeis que vossos filhos bem amados estão perto de vós. Sim bem perto. Seus corpos fluídicos vos cercam, seus pensamentos vos protegem, vossa lembrança os embriaga de alegria. Mas também vossas dores desequilibradas os afligem, porque elas denotam uma falta de fé e são uma revolta contra a Lei de Deus.

Vós que compreendeis a vida espiritual, escutai as pulsações de vosso coração chamando esses entes bem amados, e se pedirdes a Deus para os abençoar, sentireis em vós essas poderosas consolações que secam as lágrimas, essas aspirações maravilhosas que vos mostrarão o futuro prometido pelo soberano Senhor.

(Sansou, antigo membro da Sociedade Espírita de Paris, 1863).

(Se estudásseis melhor todas as aflições que vos atingem, nelas encontraríeis sempre a razão divina, razão regeneradora, e vossos miseráveis interesses seriam uma consideração secundária que relegaríeis ao último plano.)

Realmente se estudássemos para conhecer a lei de Deus, não teríamos reações desequilibradas, mas sim o entendimento do ocorrido e, assim, ficaríamos saudosos do irmão que se foi, mas nunca raivosos por ele ter ido! Como não estudamos dizemos: ‘Deus tirou meu filho de mim, Ele é homem, não sabe criar uma criança, principalmente como eu criaria!’. Quanto desconhecimento de Deus e de Sua Lei... Quanta falta de fé em Deus! ‘Mas como? Eu acredito muito nele! Ele me ajuda! Mas Ele ‘tirou’ meu filho de mim!’...)

SE FOSSE UM HUMANO CORRETO TERIA DESENCARNADO

22. Dizeis, frequentemente, falando de um humano errôneo que escapa de um perigo: se fosse um humano correto teria desencarnado. Pois bem, dizendo isso estais com a verdade porque, efetivamente, ocorre que muitas vezes a Lei de Deus dá a um Espírito jovem ainda nos caminhos do progresso, uma prova mais longa que a um correto que receberá, em recompensa do seu mérito, o favor de que sua prova seja tão curta quanto possível. Assim, pois, quando vos servis desse axioma, não duvideis que vos enganais.

Se desencarna um humano correto, cuja casa ao lado seja a de um humano errôneo, apressai-vos em dizer: gostaria mais que este se fosse. Estais grandemente errados, porque aquele que parte terminou sua tarefa, e aquele que fica talvez não a começou. Por que quereíeis, pois, que o aprendiz não tivesse tempo de a acabar, e que o outro permanecesse preso à gleba terrestre? Que

diríeis de um prisioneiro que tivesse cumprido sua pena, e que se retivesse na prisão enquanto que se desse a liberdade àquele que a ela não tinha direito? Ficai sabendo, pois, que a verdadeira liberdade está na libertação dos laços do corpo físico, e que enquanto estiverdes na Terra, estais em cativoiro.

Habituai-vos a não censurar o que não podeis compreender, e crede que Deus é justo em todas as coisas e, frequentemente, o que vos parece errado é correto. Mas vossas faculdades são tão limitadas que o conjunto do grande todo escapa aos vossos sentidos ofuscados. Esforçai-vos por sair pelo pensamento, da vossa esfera estreita, e, à medida que vos elevardes, a importância da vida material diminuirá aos vossos olhos, porque ela não se vos apresentará senão como um incidente na duração infinita da vossa existência espiritual, a única existência verdadeira.

(Fénelon, Sens, 1861).

(Estais grandemente errados, porque aquele que parte terminou sua tarefa, e aquele que fica talvez não a começou. Aquele que não conhece, nem acredita na vida espiritual, regidas pela Lei de Deus, ao ver desencarnar um humano correto diz: Falava tanto do céu, agora deixou este paraíso! Acho que preferiu o inferno!)

OS TORMENTOS VOLUNTÁRIOS

23. O humano está incessantemente em busca da felicidade que lhe escapa sem cessar porque a felicidade total não existe na Terra. Entretanto, mesmo com os tormentos que formam o cortejo inevitável desta vida, poderia pelo menos gozar de uma felicidade relativa, mas ele a procura nas coisas perecíveis e sujeitas aos mesmos tormentos, quer dizer, nos prazeres materiais, ao invés de a procurar nos prazeres do Espírito, que são um antegozo dos prazeres celestes, imperecíveis. Em lugar de procurar a paz do coração, única felicidade real deste mundo, é ávido de tudo aquilo que pode agitá-lo e perturbá-lo. E, coisa singular, parece criar propositadamente tormentos que não cabe senão a ele evitar.

Haverá maiores tormentos que aqueles causados pela inveja e o ciúme? Para o invejoso e o ciumento não há repouso. Estão sempre em febre. O que eles não têm e o que os outros possuem lhes causam insônia. Os sucessos dos seus rivais lhes dão vertigem. Sua competição não se exerce senão para chatear seus vizinhos, toda sua alegria está em provocar nos insensatos como eles a cólera do ciúme de que estão possuídos. Pobres desmiolados, com efeito, que não sonham que talvez amanhã lhes será preciso deixar todas essas futilidades cuja cobiça envenena sua vida física! Não é a eles que se aplicam estas palavras: “Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados”, porque seus cuidados não são daqueles que tem compensação no mundo espiritual.

De quantos tormentos, ao contrário, se poupa aquele que sabe se contentar com o que tem, que vê sem inveja o que não tem, que não procura parecer mais do que é. Ele está sempre rico porque, se olha abaixo de si, em lugar de olhar acima, verá sempre pessoas que tem menos ainda. É calmo, porque não cria para si necessidades ilusórias, e a calma, no meio das tempestades da vida, não será felicidade?

(Fénelon, Lião, 1860).

(E, coisa singular, parece criar propositadamente tormentos que não cabe senão a ele evitar.

Quando não concordamos com os preceitos morais de valor espiritual, nós deixamos prevalecer os valores errados e clamamos: ‘O que me interessa o sofrimento dos outros! Eles merecem!’. E ficamos alegres por atormentar o sossego dos outros...)

A INFELICIDADE REAL

24. Todo o mundo fala da infelicidade, todo mundo a experimentou e crê conhecer suas várias manifestações. Venho vos dizer que quase todos se enganam, e que a infelicidade real não é tudo aquilo que os humanos, os infelizes, acreditam. Eles a veem na miséria, no fogão sem fogo, no cobrador ameaçador, no berço vazio do filhinho que sorria, nas lágrimas, no enterro que se acompanha de cabeça descoberta e de coração partido, na angústia da traição, na nudez do orgulhoso que gostaria de se cobrir de púrpura e que esconde com dificuldade sua nudez sob os farrapos da vaidade. A tudo isso, e a outras coisas ainda, se chama de infelicidade na linguagem humana. Sim, é a infelicidade para aqueles que não veem senão o presente. Mas a verdadeira infeli-

cidade está nas consequências de uma coisa, mais do que na própria coisa. Dizei-me se o acontecimento mais feliz para o momento, mas que tem consequências funestas, não é em realidade mais infeliz que aquele que causa primeiro uma viva contrariedade, e acaba por resultar no certo? Dizei-me se a tempestade que quebra vossas árvores, mas saneia o ar eliminando os micróbios insalubres que causariam o desencarne, não é antes uma felicidade do que uma infelicidade. Para julgar uma coisa é preciso, pois, ver-lhe as consequências. É assim que, para apreciar o que é realmente feliz ou infeliz para o humano, é preciso se transportar além desta vida, porque é lá que as consequências se fazem sentir. Ora, tudo o que se chama infelicidade segundo sua curta visão, acaba com a vida física e encontra sua compensação na vida futura.

Vou vos revelar a infelicidade sob uma nova forma, sob a forma bela e florida que aceitais e desejais com todas as forças do vosso Espírito equivocado. A infelicidade é a alegria mundana, é o prazer, é a fama, é a agitação vã, é a louca satisfação da vaidade, que fazem calar a consciência, que mancham a ação do pensamento, que atordoam o humano sobre seu futuro. A infelicidade é o ópio do esquecimento que reclamais ardentemente.

Esperai, vós que espiritualmente chorais! Tremei, vós que mundanamente rides, porque vosso corpo físico está satisfeito! Não se engana à Lei de Deus. Não se consegue esquivar do destino. E as provas, credoras mais implacáveis que a multidão excitada pela miséria, espreitam vosso repouso ilusório para vos mergulhar de repente na agonia da verdadeira infelicidade, daquela que surpreende o Espírito enfraquecido pela indiferença e pelo egoísmo.

Que o Espiritismo vos esclareça, pois, e recolque em sua verdadeira luz o certo e o errado, tão estranhamente desfigurados pela vossa cegueira! Então agireis como bravos missionários que, longe de fugirem do trabalho, preferem os suores dos rudes trabalhos, à paz que não pode dar nem glória, nem progresso. Que importa ao missionário gastar no trabalho suas ferramentas, sua bagagem e seus uniformes, contanto que dele saia vencedor e com glória! Que importa àquele que tem fé no futuro deixar sobre o campo de trabalho da vida física sua fortuna e seu manto de carne, contanto que seu Espírito entre, radioso, no reino celeste?

(Delphine de Girardin, Paris, 1861).

(Vou vos revelar a infelicidade sob uma nova forma, sob a forma bela e florida que aceitais e desejais com todas as forças do vosso Espírito equivocado. A infelicidade é a alegria mundana, é o prazer, é a fama, é a agitação vã, é a louca satisfação da vaidade, que fazem calar a consciência, que mancham a ação do pensamento, que atordoam o humano sobre seu futuro.

Para os que crêem nos valores do Espírito o ensinamento é maravilhoso, mas para o que não crê e aceita a ‘visão do cego’ resta dizer: ‘Azar dos que vão para o inferno! Eu vou para o céu, lá estarei ao lado direito de Jesus!’.)

A MELANCOLIA

25. Sabeis por que uma vaga tristeza se apodera por vezes dos vossos corações e vos faz achar a vida tão amarga? É o vosso Espírito que aspira à felicidade e à liberdade e que, preso ao corpo físico que lhe serve de prisão, se extenua em vãos esforços para dele sair. Mas, vendo que são inúteis, cai sem coragem, e o corpo físico, suportando sua influência, a languidez, o abatimento e uma espécie de apatia se apoderam de vós, e vos achais infelizes.

Crede-me, resisti com energia a essas impressões que enfraquecem vossa vontade. Essas aspirações para uma vida melhor são naturais no Espírito de todos os humanos, mas não as procureis neste mundo. E, atualmente, quando a Lei de Deus vos envia os Espíritos corretos para vos instruírem sobre a felicidade que vos reserva, esperai pacientemente o Espírito da libertação que deve vos ajudar a romper os laços que mantém vosso Espírito cativo. Lembrai-vos de que tendes a cumprir, durante vossa prova na Terra, uma missão de que não suspeitais, seja em vos devotando à vossa família, seja cumprindo os diversos deveres que a Lei de Deus vos confiou. E se no curso dessa prova, e desempenhando vossa tarefa, vedes os cuidados, as inquietações, os desgostos precipitarem-se sobre vós, sede fortes e corajosos para os suportar. Afrontai-os francamente. Eles são de curta duração e devem vos conduzir para perto dos amigos que lembrais, que se regozijarão com a vossa chegada entre eles e vos estenderão os braços para vos conduzir a um lugar onde os desgostos da Terra não tem acesso.

(François de Genève, Bordéus).

(Para o espírita assim deve ser, mas para os ligados à matéria... ‘Não vê que estou com dodói! Todos são insensíveis ao meu tormento, às minhas adversidades! Como eu sofro!’...)

PROVAS VOLUNTÁRIAS. O VERDADEIRO CILÍCIO

26. Perguntais se é permitido suavizar as vossas próprias provas. Essa questão leva a esta: é permitido àquele que se afoga procurar se salvar? Àquele que tem um espinho cravado, de o retirar? Àquele que está doente, de chamar um médico? As provas têm por objetivo exercitar a inteligência, assim como a paciência e a resignação. Um humano pode nascer numa posição penosa e difícil, precisamente para obrigá-lo a procurar os meios de vencer as dificuldades. O mérito consiste em suportar sem lamentação as consequências das aflições que não se podem evitar, em perseverar no trabalho, em não se desesperar se não for bem sucedido, mas não num relaxamento que seria preguiça mais que virtude.

Essa questão conduz naturalmente a outra. Uma vez que Jesus, o Cristo, disse: “Bem-aventurados os aflitos”, há mérito em procurar as aflições, agravando as próprias provas por tormentos voluntários? A isso responderei muito claramente: sim, há um grande mérito quando os tormentos e as privações têm por objetivo fazer o certo ao próximo, porque é a caridade pelo sacrifício. Não, quando não tem por objetivo senão a si mesmo, porque resulta do egoísmo por fanatismo.

Há aqui uma grande distinção a fazer. Para vós, pessoalmente, contentai-vos com as provas que a Lei de Deus destina, e não aumenteis sua carga, às vezes, tão pesada. Aceitá-las sem lamentações e com fé, é tudo o que se vos pede. Não enfraqueçais vosso corpo físico com privações inúteis e tormentos sem objetivo, porque tendes necessidade de todas as vossas forças para cumprir a vossa missão de trabalho na Terra. Torturar voluntariamente e sacrificar vosso corpo físico é errado pela Lei de Deus, que vos dá o meio de sustentá-lo e fortificá-lo. Enfraquecê-lo sem necessidade é um verdadeiro suicídio. Usai, mas não abuseis: tal é a lei. O abuso das melhores coisas traz sua punição nas consequências inevitáveis.

Outra coisa é o trabalho que se impõe para alívio do próximo. Se suportais o frio e a fome para aquecer e alimentar aquele que disso tem necessidade, e se o vosso corpo físico com isso sofre, eis o sacrifício que é abençoado por Deus. Vós que deixais vossos aposentos perfumados para ir ao casebre pobre levar a consolação. Vós que manchais vossas mãos delicadas cuidando de chagas. Vós que vos privais do sono para velar à cabeceira de um doente que não é senão vosso irmão em Deus. Vós, enfim, que usais vossa saúde na prática de corretas obras, eis vosso sacrifício, verdadeiro sacrifício de bênção, porque as alegrias do mundo não secaram vosso coração. Não adormecestes no seio dos prazeres destruidores da fortuna, mas vos fizestes Espíritos consoladores dos pobres deserdados.

Mas vós, que vos afastais do mundo para evitar suas seduções e viver no isolamento, qual a vossa utilidade na Terra? Onde está vossa coragem nas provas, uma vez que fugis da luta e desertais do trabalho? Se quereis um sacrifício, aplicai-o sobre o Espírito e não sobre vosso corpo físico. Sacrificai o Espírito e não a vossa carne. Engoli o vosso orgulho. Recebei as humilhações sem vos lamentar. Pisai o vosso amor próprio. Resisti contra a dor da injúria e da calúnia, mais perturbadoras que a dor corporal. Eis o verdadeiro sacrifício, cujas feridas vos serão contadas, porque elas atestarão vossa coragem e vossa submissão à Lei de Deus.

(Um Espírito guardião, Paris, 1863).

(O abuso das melhores coisas traz sua punição nas consequências inevitáveis. Se quereis um sacrifício, aplicai-o sobre o Espírito e não sobre vosso corpo físico. Sacrificai o Espírito e não a vossa carne.

O estudo é ótimo, estudar demais é ‘fanatismo’! A disciplina é fundamental, rigidez demais é ‘prepotência’! A sabedoria é maravilhosa, sabichão é ‘auto-estupidez’! A fé raciocinada é sacrifício espiritual, fé cega é ‘comodismo’ material!)

27. Deve-se por termo às provas do próximo quando se pode, ou é preciso, por respeito aos desígnios da Lei de Deus, deixá-las seguir seu curso?

Dissemos e repetimos, frequentemente, que estais sobre esta Terra de expiação para completar vossas provas, e que tudo aquilo que vos sucede é uma consequência de vossas existências ante-

riores, o peso da dívida que tendes a pagar. Mas esse pensamento provoca, em certas pessoas, reflexões que é necessário deter, porque poderiam ter consequências funestas.

Alguns pensam que, desde o momento que se está na Terra para expiar, é preciso que as provas tenham seu curso. Há mesmo os que querem até crer que nada se deve fazer para as aliviar, mas que é preciso, ao contrário, contribuir para torná-las mais proveitosas, tornando-as mais duras. É um grande erro. Sim, vossas provas devem seguir o curso que a Lei de Deus lhes traçou, mas conheceis esse curso? Sabeis até que ponto elas devem ir, e se a Lei de Deus não determinou ao tormento deste ou daquele dos vossos irmãos: “Tu não irás mais longe”? Sabeis se a Lei de Deus vos escolheu, não como instrumento de suplício para agravar os tormentos do culpado, mas como o bálsamo de consolação que deve cicatrizar as feridas que sua justiça tinha aberto? Não digais, pois, quando virdes um de vossos irmãos atingido: é a justiça de Deus, é preciso que ela tenha seu curso. Mas dizei, ao contrário: Vejamos que meios nosso Pai misericordioso colocou ao meu alcance para abrandar o tormento de meu irmão. Vejamos se minhas consolações morais, meu apoio material, meus conselhos, não poderão ajudá-lo a vencer essa prova com mais força, paciência e resignação. Vejamos mesmo se a Lei de Deus não colocou em minhas mãos o meio de fazer cessar esse tormento. Se não me foi dado, como prova também, como expiação talvez, deter o erro e substituí-lo pela correta paz.

Ajudai-vos sempre, pois, em vossas provas respectivas, e não vos considereis jamais instrumentos de tortura. Esse pensamento deve revoltar todo humano de coração, sobretudo, ao Espírita, porque o Espírita, melhor que todos os outros, deve entender a extensão infinita da bondade de Deus. O Espírita deve pensar que sua vida inteira deve ser um ato de amor e de devotamento. Que qualquer coisa que faça contrária à Lei de Deus, a justiça divina terá seu curso. Ele pode, pois, sem medo, fazer todos os esforços para abrandar a amargura da expiação, mas é só a Lei de Deus que pode detê-la ou prolongá-la segundo a justa justiça.

Não haveria um grande orgulho da parte do humano, em se crer no direito de remexer por assim dizer, o dedo na ferida do aflito? De aumentar a dose de veneno no peito daquele que sofre, sob o pretexto de que essa é sua expiação? Oh! Considerai-vos sempre como um instrumento escolhido para fazê-la cessar. Resumamos assim: estais todos na Terra para expiar. Mas todos, sem exceção, deveis empregar todos os vossos esforços para diminuir a expiação de vossos irmãos, segundo a lei de amor e de caridade.

(Bernardín, Espírito protetor, Bordéus, 1863).

(Vejamos que meios nosso Pai misericordioso colocou ao meu alcance para abrandar o tormento de meu irmão. Devemos e podemos ‘tentar’ abrandar o tormento pelo qual passa um irmão, mas para isso é necessário que tenhamos conhecimento da Lei de Deus. Agir cega e emotivamente pode ‘agravar’ o tormento... Estudemos!)

28. Um humano está agonizante, vítima de intensas aflições. Sabe-se que seu estado é desesperador, é permitido, poupar-lhe alguns instantes de angústia, apressando-lhe o fim?

Quem, pois, vos daria o direito de prejudicar os desígnios da Lei de Deus? Não pode um humano ser conduzido à borda do fosso para daí ser retirado, a fim de fazê-lo retornar a si mesmo e de o conduzir a outros pensamentos? Em qualquer extremo que esteja um moribundo, ninguém pode dizer com certeza que sua última hora chegou. A ciência jamais se enganou em suas previsões?

Sei muito bem que há casos aos quais se pode considerar, com razão, como desesperadores. Mas se não há nenhuma esperança fundada de um retorno definitivo à vida física e à saúde, não existem inumeráveis exemplos em que, no momento de dar o último suspiro, o doente se reanima e recobra suas faculdades mentais por alguns instantes? Pois bem! Essa hora de graça que lhe é concedida, pode ser para ele da maior importância, porque ignorais as reflexões que poderia fazer seu Espírito nas convulsões da agonia, e quantos tormentos pode lhe poupar um relâmpago de arrependimento.

O materialista, que não vê senão o corpo físico e não considera o Espírito, não pode compreender essas coisas. Mas o Espírita, que sabe o que se passa além do túmulo, conhece o valor do último pensamento. Abrandai os últimos tormentos quanto esteja em vós. Mas guardai-vos de abreviar a vida física, não fosse senão de um minuto, porque esse minuto pode poupar muitas lágrimas no futuro.

(Luiz, Paris, 1860).

(Sabe-se que seu estado é desesperador, é permitido, poupar-lhe alguns instantes de angústia, apressando-lhe o fim? Quando se conhece os valores espirituais e, para esses casos, aplica-se apenas e tão somente o ‘amor vida!’.)

29. Aquele que está desgostoso da vida física, mas não quer suicidar-se, é culpável em procurar o desencarne sobre um campo de batalha, com o pensamento de torná-lo útil?

Que o humano se desencarne ou se faça desencarnar, o objetivo é sempre de abreviar a sua vida física e, por conseguinte, há suicídio de intenção se não de fato. O pensamento de que seu desencarne servirá para alguma coisa é ilusório. Não é senão um pretexto para colorir sua ação e desculpá-lo aos seus próprios olhos. Se ele tinha seriamente o desejo de servir seu país, procuraria viver, defendendo-o em tudo, e não desencarnar, porque uma vez desencarnado não lhe serve mais para nada. O verdadeiro devotamento consiste em não temer o desencarne quando se trata de ser útil, em enfrentar o perigo, a fazer por antecipação e sem pesar o sacrifício de sua vida física se isso é necessário. Mas a intenção premeditada de procurar o desencarne, expondo-se a um perigo, mesmo para prestar serviço, anula o mérito da ação.

(Luis, Paris, 1860).

(O pensamento de que seu desencarne servirá para alguma coisa é ilusório.)

Quando conhecemos a Lei de Deus, sabemos que nada há de mais importante do que a vida.)

30. Um humano se expõe a um perigo iminente para salvar a vida física de um dos seus semelhantes, sabendo de antemão que ele mesmo sucumbirá. Isso pode ser considerado um suicídio?

Do momento em que não há intenção de procurar o desencarne, não há suicídio, mas devotamento e abnegação, embora a certeza de perecer. Mas quem pode ter essa certeza? Quem disse que a Lei de Deus não reserva um meio inesperado de salvação no momento mais crítico? Não pode ela salvar mesmo aquele que estiver na boca de um animal? Frequentemente, pode ela querer prolongar a prova da resignação até seu último limite, quando uma circunstância inesperada desvia o golpe fatal.

(Luis, Paris, 1860).

(Quando não temos conhecimento não sabemos a diferença entre a ‘bravura’ e a ‘imprudência!’)

31. Aqueles que aceitam seus tormentos com resignação, por submissão à Lei de Deus e com vistas à sua felicidade futura, não trabalham senão para si mesmos, e podem tornar seus tormentos proveitosos aos outros?

Esses tormentos podem ser proveitosos aos outros, material e moralmente. Materialmente, se, pelo trabalho, as privações e os sacrifícios que se impõem contribuem para o bem-estar material do próximo. Moralmente, pelo exemplo que dão de sua submissão à Lei de Deus. Esse exemplo do poder da fé Espírita pode estimular os infelizes à resignação, salvá-los do desespero e de suas terríveis consequências para o futuro.

(Luiz, Paris, 1860).

(Quando conhecemos a Lei de Deus tudo é entendido, quando não conhecemos...: ‘Eu estou vendo o dodói dos irmãos. Todos estão atormentados, vou ajudá-los a aliviar as suas adversidades! Como eles sofrem!...’.)

EXPLANAÇÕES

01 - Justiça das aflições - itens 1 a 3.

O Espírito de Verdade, ao esclarecer as causas atuais das aflições humanas, ponderou: "De duas espécies são as vicissitudes da vida, ou, se a preferirem, derivam de duas fontes bem diferentes, que se deve distinguir: umas têm causa na vida presente; outras fora desta vida".

Quantos se arruínam por falta de ordem, falta de perseverança, pelo mau proceder ou por não saber limitar seus desejos! Quantas uniões desgraçadas, porque resultam de um cálculo de interesse ou de vaidade, nas quais o coração não tomou parte alguma! Quantas dissensões e funestas disputas teriam sido evitadas com um pouco de moderação e menos suscetibilidade! Quantas doenças e enfermidades decorrem da intemperança e dos excessos de todos os gêneros!

Interroguem friamente suas consciências, todos os que são feridos no coração pelas vicissitudes e as decepções da vida; remontem passo a passo a origem dos males que os torturam e verifiquem, se na maioria das vezes, não poderão dizer: "Se eu houvesse feito ou deixado de fazer tal coisa, não estaria em semelhante condição".

O Espírito de Delphine Gerardin, em comunicação dada a Allan Kardec, afirma:

- Toda gente fala da desgraça, toda gente já a sentiu e julga conhecer-lhe o caráter múltiplo.

Venho vos dizer que, quase toda a gente se engana, e que a desgraça real não é, absolutamente, o que os seres humanos, isto é, os que se julgam desgraçados, o supõem.

Eles a veem na miséria e no fogão sem fogo, no credor que ameaça e no berço que o anjo sorridente desertou, nas lágrimas e no féretro que se acompanha de cabeça descoberta, com o coração despedaçado e na angústia da traição, na desnudação do orgulho que desejava envolver-se em púrpura e mal oculta a sua nudez sob os andrajos da vaidade.

A tudo isso e a muitas outras coisas mais se dá o nome de desgraça, para os que só veem o presente. Vou relatar-vos a infelicidade sob uma nova forma, sob a forma bela e florida que acolheis e desejais com todas as verdades de Espíritos iludidos.

A infelicidade é o prazer e o tumulto, é a vã agitação, a satisfação louca da vaidade e que fazem calar a consciência, que comprimem a ação do pensamento e que atordoam o ser humano com relação ao seu futuro.

Nessas revelações dos Espíritos, através de Kardec, entendemos que, nas aflições por quais passamos, a maioria é de ordem material. Nas aflições materiais, nos preocupamos com o nosso modo de viver aqui na Terra, com o que podemos possuir e usufruir aqui, porque não nos preocupamos com o futuro. Às vezes nos tornamos revoltados, pois não conseguimos entender porque uns tem tanto e outros nada.

Nós sabemos que nem todas as aflições vêm de fora. Com o coração humilde, podemos examinar os acontecimentos dolorosos de nossa existência e, sob tal exame, encontraremos as causas de nossos sofrimentos: Nós mesmos!

A imprevidência gera vítimas imprevidentes. O orgulho e a ambição arruínam os nossos dias.

A indisciplina, quando faz morada no Espírito, cria desejos ilimitados, fazendo germinar em nós a falta de perseverança.

O lar é infeliz pela ausência do nosso coração.

Doenças e enfermidades têm suas raízes adubadas por nós mesmos, pelos excessos que praticamos.

Não empenhando em sanar as erradas tendências de nossos filhos, ocupados que éramos ou pela nossa própria fraqueza, nós os vemos exibindo um coração petrificado, cravejado de orgulho, egoísmo e tola vaidade, como frutos amargos que temos que comer a contragosto.

Sem tomar posição de vítima, nos interroguemos espiritualmente e, na tela da nossa memória, o nosso procedimento nos ajudará a concluir: - Se tivesse sido outra a minha atitude...

Vivemos na atualidade a resultante de nossos atos.

As reações de nossas atitudes são inevitáveis, embora possam ser amenizadas pelo amor nascente de nosso evolutivo espiritual.

Sempre é tempo de regeneração! Se as nuvens da dor fazem sombra no Espírito, nublando a nossa existência, guardemos a certeza de que, logo mais, o Sol de um novo dia virá. Podemos amenizar a jornada, vencendo a nós mesmos, superando as nossas deficiências, para atingirmos uma situação mais amena, suavizando a aflição, em que, imprevidentemente, nos deixamos envolver. Se não incluirmos o Evangelho na revisão de nossas aspirações e de nossos conceitos, a tentativa do reinício se transformará numa aventura, em que, supervalorizando as nossas forças íntimas, não tomamos consciência de nossas reais fraquezas.

Rogar para retornar ao início ou tentar recompor o nosso destino, sem nos renovarmos nos ensinamentos do Mestre Amado, será motivo para novas e mais dolorosas quedas.

Com o Mestre Amado não teríamos caído; sem Ele caímos sempre.

O Evangelho de Jesus fortalece a vida futura, na qual podem efetivar-se as compensações prometidas aos aflitos da Terra. Sem se crer no futuro, as máximas enunciadas pelo Mestre não teriam a sua razão de ser. O Evangelho de Jesus desfere profundo golpe no materialismo, pois, mostrando que a vida não se extingue com a morte, e que o Espírito é imortal e subsiste ao túmulo. Em razão disso, o ser humano passa a encarar o futuro com maior segurança, sabendo onde anda e animando-se de uma fé robusta e consciente, compreendendo que tudo por que passa na vida, na carne ou fora dela, deriva de uma causa e, sendo Deus soberanamente justo, justa há de ser a causa.

Quando conhecemos o Evangelho de Mestre Jesus, nos sentimos espiritualmente extasiados e adquirimos potencial necessário para vencer as tribulações, mesmo que sejam das mais agudas. Adquirimos uma fé sadia e inabalável, alavanca que nos ajudará a entender e vencer todos os obstáculos.

Jesus nos tranquilizou quanto a nossa destinação espiritual e, nas Suas palavras, nota-se claramente que após um estágio de aflição, surge um de consolação; após uma tempestade, surge a bonança; após uma noite de trevas, o Sol passará a brilhar.

O objetivo primário do Mestre Jesus, através do Evangelho, foi abrandar os nossos receios quanto ao nosso futuro espiritual, já que somos Espíritos em contínuo processo evolutivo. Dias melhores nos aguardam no porvir, se soubermos suportar todas as tribulações com espírito de resignação. Se agirmos assim, estaremos adquirindo as armas necessárias para vencer qualquer situação angustiante com que nos depararmos.

As promessas de consolação, emanadas da boca de Jesus Cristo, condenam as teorias das penas eternas e da condenação irremissível.

Jesus Cristo é o nosso incomparável Mentor, luz que brilha de modo perene nas trevas da nossa incompreensão e, como tal, devemos Nele depositar as nossas mais caras esperanças, porque Ele sabe, antes de lhe pedirmos, quais as nossas necessidades reais e qual o melhor e mais eficiente caminho, para o desempenho da trajetória que nos foi consensada a ser vivida na Terra.

Devemos nos conscientizar de que somos espiritualmente imortais, que vamos além túmulo e que as agruras de uma vida corpórea, não passam de uma pequena etapa no aprendizado edificante e moralizador, representando uma forma de burilamento dos Espíritos.

Nosso Mestre não se serviu de condições excepcionais no mundo para exaltar a luz da verdade e a bênção do amor.

Em razão disso, para ajudar, não aguarde renovação exterior na vida diária. Comece imediatamente a própria sublimação.

Jesus não tinha uma pedra para recostar a cabeça. Se você dispõe de mínimo recurso, já possui mais que Ele.

Jesus, em seu tempo, não desfrutou de qualquer posição social. Se você tem algum estudo ou título, está em situação privilegiada.

Jesus partiu aos 33 anos. Se você vive na idade amadurecida e dispõe do ensejo de auxiliar, agradeça ao Mundo espiritual, dando mais de si mesmo.

Jesus não contou com os familiares nas tarefas que se propôs. Se você vive em paz no seu lar, obtendo cooperação em favor dos outros, bendiga sempre essa dádiva inestimável.

Jesus nada pode escrever. Se você consegue escrever pensamentos na expansão do certo e do bem, colabore sem tardança para a felicidade de todos.

Vemos assim que, a vida real nasce e evolui no Espírito imortal, não dependendo de aparências para projetar-se rumo a perfeição.

Jesus segue à frente de nós. Se você deseja acertar, basta apenas segui-Lo.

Sigamo-Lo e O convidemos até nossa casa e, lá, abramos a porta do nosso coração com música suave, perfume de flores, deixemos que Ele adentre a nossa morada. Vamos praticar o amor, paciência e honestidade, compreensão e caridade, afeto e serenidade, amando o nosso próximo e entendendo aqueles que são contra nós. Assim Ele ficará para sempre alojado em nosso coração.

Vamos, o mais rápido possível, segui-Lo e convidá-Lo. Não percamos tempo, pois Jesus é para nós o mais sublimado roteiro de conduta, que não devemos dispensar jamais, na caminhada do equilíbrio e da alegria, da paz e do trabalho.

Louvemos o Mestre do amor!

Roguemos que nos ilumine!

02 - Causas atuais das aflições - itens 4 e 5.

Em nossos dias, a cada momento, a luta aumenta à face do mundo, inúmeras causas a determinam e a Lei de Deus permite que ela seja intensificada, em benefício de nós mesmos.

Todas as classes da humanidade são obrigadas a grandes trabalhos, principalmente os trabalhos intelectuais, porque procuram com afinco a solução da crise generalizada em todos os países.

A luta pelo pão cotidiano multiplica as nossas angústias, espantados que estamos com a situação econômica do mundo.

O quadro material que existe na Terra não foi formado por Deus, nosso Pai Celestial; é o reflexo da mente humana, espelho do estado evolutivo espiritual, desvairada pelo orgulho e o egoísmo.

Uma das grandes aflições da humanidade chama-se insegurança, que é motivada por temores, que nem sempre são bem definidos, relacionados com as realizações individuais, nos campos estudantil, profissional, sentimental, social, familiar e em relação à própria subsistência.

Há insegurança do aluno no momento de escolher sua profissão; do formando que inicia sua carreira; do coração solitário que busca um Espírito de eleição; do doente ansioso pela cura; do chefe de família que vê crescer o agrupamento doméstico e com ele as exigências econômicas.

Perturbações e desajustes variados têm aí sua origem, apresentando características e intensidades compatíveis com as tendências de cada indivíduo, de acordo com seu grau de maturidade emocional. Os exemplos são intermináveis. Eis alguns deles:

- O sovina que acumula bens materiais muito além de suas necessidades;
- O neurótico, incapaz de uma ligação sentimental ajustada;
- O trabalhador que se desgasta perigosamente, pendurado em vários empregos;
- A supermãe que sufoca os filhos com cuidados excessivos;
- O hipocondríaco, frequentador assíduo de consultórios médicos;
- O adolescente que, procurando se autoafirmar, compromete-se no vício ou na rebeldia.

A origem da insegurança está no fato de superestimarmos nossas comuns necessidades essenciais. Pensamos demasiado em nós mesmos, vivemos tão angustiados, tão tensos, tão preocupados com pequenos problemas que fermentam nossa mente. Isto porque lhes damos excessiva atenção e não temos tempo para parar e pensar... em Deus, que alimenta à saciedade a ave humilde e veste de beleza incomparável a erva do campo. É Nele onde está o nosso apoio decisivo; nossa bênção mais autêntica e nosso futuro mais promissor e nossa felicidade verdadeira.

Pode-se até argumentar: Se tudo esperarmos do Criador, estaremos à indolência, causa que gera problemas mais sérios que a própria insegurança! Trata-se de um engano. O que Jesus pretende é que não guardemos temores em nosso coração, vendo na Lei de Deus a nossa providência, o nosso apoio, a fim de que vivamos em paz.

Quando Jesus nos recomendou que busquemos, acima de tudo, o reino de Deus, onde todos os nossos anseios serão realizados, estava longe de nos convidar à inércia. Sendo o reino de Deus um estado de consciência, uma espécie de limpar e por em ordem a casa mental, é evidente que não se trata de tarefa para o indolente, porque exige férrea disciplina interior, trabalho de autorrenovação, exaustiva luta contra nossas tendências inferiores.

Se não nos empenharmos em buscar o reino de Deus, estaremos afastados de Jesus, o que torna a nossa existência complicada e triste, marcada pela insegurança.

Ao proclamar "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida" e "Ninguém vai ao Pai senão por mim", Jesus deixou bem claro que longe de Seus ensinamentos, nunca estaremos entendendo o reino de Deus. Para viver a mensagem evangélica é preciso aproveitar a bênção do tempo, valorizando as oportunidades que chegam. Hoje é a nossa oportunidade mais autêntica de aprender e trabalhar, servir e edificar.

Cada situação encerra em si mesma um apelo. Desenvolver a percepção é aprender a sentir os apelos que a vida nos faz:

- Diante do necessitado... Ajudar;
- Diante do aflito... Confortar;
- Diante do ignorante... Ensinar;
- Diante do descrente... Esclarecer;
- Diante do agressor... Perdoar;

- Diante do inconsequente... Compreender;
- Diante da dificuldade... Persistir;
- Diante da tentação... Orar;
- Diante da enfermidade... Confiar.

Quem tem ouvidos de ouvir, ouça - dizia Jesus.

Aquele que não atende o apelo da vida está sempre à margem dela. Pode acumular tesouros imensos ou deter grandes poderes; pode desenvolver os mais altos valores da cultura e do conhecimento, porém nada valerá, porque jamais conseguirá preencher, em si mesmo, nos domínios do coração, o angustiante vazio de Jesus.

A maledicência, "o fofocar", é o ato de falar mal das pessoas. É uma definição bem amena para uma grande aflição da humanidade.

A maledicência é mais terrível que uma agressão física. Ela fere a dignidade humana, suja reputações e destrói existências. É uma epidemia em forma de boato, alastra-se como rastilho de pólvora.

Esta arma perigosa que é a maledicência está ao alcance de qualquer pessoa, em qualquer idade, e é muito fácil de usá-la: basta ter um pouco de maldade no coração.

É um tribunal corrupto, porque o réu está sempre ausente. É acusado, julgado e condenado, sem direito de defesa, sem contestação, sem misericórdia.

Ao maledicente, o autor do boato maldoso, de uma fofoca comprometedora, não implica nenhum compromisso.

Ninguém está livre da maledicência. Nada mais gratificante para o maledicente do que mostrar que, "fulano não é tão bom como se pensa".

Não há agrupamento humano livre da maledicência. Está presente onde jamais deveria haver lugar para ela: em instituições inspiradas em ideais religiosos, de serviços no campo do bem. Ela infiltra-se pela invigilância de companheiros desavisados, que se fazem agentes do erro. É lamentável, porque provoca o afastamento de muitos servidores e aniquila as esperanças de realização espiritual.

Nem mesmo o Cristo, inspiração suprema, esteve livre dela. Os sacerdotes judeus, maledicentes, festejaram a Sua crucificação, cercando a cruz de improperios e zombarias.

A maledicência tem sua origem, sem dúvida, no atraso moral da criatura humana.

Cientificamente a humanidade atingiu culminâncias. Chegamos à Lua, desintegramos o átomo. Moralmente ainda estamos subdesenvolvidos, ainda somos agressivos e inconsequentes. O verniz da civilidade nos impede de usar a clava, então, usamos a língua, atendendo os propósitos de autoafirmação, muitas vezes pelo simples prazer de atirar pedras em vidraças alheias.

A má palavra e o comentário desairoso contra alguém, gera, no autor, um clima de desajuste íntimo, ele se destrói moralmente, envenenando-se com a própria maldade. Pessoas que se comprazem nesse tipo de comportamento, são sempre desinquietos e infelizes.

Jesus adverte que o maledicente fatalmente será vítima da maledicência, porque, onde estiver, criará ambiente próprio para instilar o seu veneno.

O Mestre Jesus nos deixou bem claro que, a ninguém compete o direito de julgar, porque antes de procurarmos o cisco no olho do nosso irmão, tratemos de retirar a lasca de madeira que repousa tranquila em nossos olhos.

Há tantas tendências inferiores em nossa personalidade, que será atrevimento criticarmos o comportamento alheio!

Precisamos treinar a capacidade de enxergar o que as pessoas têm de boas, para que o bem cresça em nós.

O primeiro passo, difícil, mas indispensável, é eliminar a maledicência. Um recurso valioso para isso é usar os três crivos, segundo a lenda de origem desconhecida. "Muitos atribuem-na a Sócrates", e que o Irmão X assim dita ao Chico Xavier, em mensagem publicada pela revista Reformador de junho de 1970:

< Um esbaforido achegou-se e sussurrou ao ouvido do famoso filósofo:

- Escuta Sócrates, na condição de teu amigo, tenho algo muito grave para te dizer.
- Espera! Disse o sábio prudente. O que vais me dizer já passaste pelos três crivos?
- Três crivos? Perguntou espantado.

- Sim meu caro; três crivos. O primeiro é o crivo da verdade, tens absoluta certeza de que é verdade o que pretendes comunicar?
- Bem... Não posso assegurar. Mas ouvi dizer.
- Exato. Decerto tu peneiraste o assunto pelo segundo crivo, o da bondade. Se não tens certeza que é real, pelo menos é bom o que me queres contar?
- O homem replicou: Isso não... Muito pelo contrário.
- Então recorramos ao terceiro crivo, o da utilidade.
- Útil?... Útil não é...
- Bem, disse o filósofo num sorriso, se o que me tens para contar não é verdadeiro, nem bom, nem útil, esqueçamos o problema, não te preocupes com ele, já que de nada valem casos sem qualquer edificação para nós >.

Irmão X termina a mensagem, comentando:

"Aí está, meu amigo, a lição de Sócrates, em questões de maledicência, se pudermos aplicá-la, creio que ganharemos tempo e recursos preciosos para rearticular o serviço, refazer a paz, realizar o melhor e seguir em frente".

A fórmula é realmente, muito boa. Usá-la é favorecer nossa própria edificação. Jesus nos está convocando à construção do reino dos Céus em nossos corações. Não percamos tempo com os supérfluos da Terra.

O Mestre é o pastor inconfundível que, deve ser despertado em nós por amor a nós mesmos e por obediência ao nosso Pai Celestial.

Que Jesus nos abençoe!

03 - Causas anteriores das aflições - itens 6 a 10.

Prezados irmãos, uma vez mais reunidos nesta casa Cristã, agradeçamos a oportunidade que temos de conhecer o Evangelho de Jesus, que é o Caminho, a Verdade e a Vida.

Todas as vezes que lemos ou ouvimos o Evangelho do Mestre, estamos nos esclarecendo espiritualmente, tomando conhecimento da verdadeira vida.

Jesus esteve encarnado entre nós e nos deixou o Seu Evangelho, aí Ele continua entre nós, beneficiando-nos com conhecimentos e amor.

A lição de hoje do Evangelho, nos fala das causas anteriores que nos dão tantas aflições.

Às vezes procuramos a causa das nossas aflições e não a encontramos. Fazemos um exame retrospectivo desta vida e nada detectamos. Isto porque o germe das aflições está nas vidas anteriores.

Na evolução espiritual, antes de tudo, somos descendentes de nós mesmos, antepassados de nosso presente, herdeiros diretos do que fomos.

Nós vivemos na matéria do corpo físico, para alcançar a autoperfeição. Nós somos alunos no conhecimento de nós mesmos.

Aqui na Terra, o nosso curso de aula e estágio está em toda parte, tomando lição a cada hora.

Nós sabemos que o planeta Terra é de expiação e prova, por isso, aqui voltamos, para resgatar nossas dívidas.

Expiar = remir a culpa; cumprir pena; sofrer as consequências; purificar-se.

Provação = situação difícil; aflitiva; trabalho.

Deus nos deu o livre arbítrio total durante nossa jornada evolutiva, por isso escolhemos o gênero de provas que desejamos passar.

Nada acontece sem a permissão da Lei de Deus, porque foi Ele que estabeleceu todas as leis que regem o Universo. Dando ao Espírito a liberdade de escolha, deixa-lhe toda a responsabilidade dos seus atos e consequências; nada lhe estorva o futuro; o caminho correto está a sua frente e, também o caminho do erro. Porém, se sucumbir nesta prova, ainda lhe resta a consolação de que tudo não acabou, porque a Lei de Deus, na sua justiça plena, permite ao Espírito recomeçar o que foi erroneamente feito. É preciso saber o que é a vontade de Deus e o que é a vontade do Espírito. Nós escolhemos a prova, o Mundo espiritual, pelas leis divinas, consente porque conhece a nossa capacidade, sabe até onde podemos ir. Como vamos realizar esta prova; compete a nós mesmos.

Nos foi permitido realizar tal prova. Os detalhes desta prova são consequências das nossas próprias ações.

Se o Espírito escolhe encarnar entre malfeitores, ele já sabia ao que ia se expor, mas não conhece os atos que praticaria; os atos são produtos da vontade ou do livre arbítrio do Espírito. Ao escolher este caminho, o Espírito sabe que tipo de lutas vai enfrentar, mas não sabe os acontecimentos que o aguardam e suas reações a estes. Os detalhes nascem das circunstâncias e da força das coisas.

Se tomarmos um caminho cheio de desvios, temos que ter muitas precauções, porque corremos o perigo de cair, mas não sabemos quando cairemos e, pode ser que não caiamos se formos prudentes.

É necessário viver num meio em que se possa sentir a prova pedida. O semelhante atrai o semelhante e, para lutar contra o instinto de ladrão, é preciso viver entre gente desta espécie.

Muitos Espíritos compreendem cedo o caminho da perfeição, então, para ele, não é punição ou expiação passar por todas as provas. Entretanto, outros, se deixam levar para o caminho do erro e correm todos os perigos.

Um Espírito pode pedir a riqueza e esta lhe ser dada; vai depender do seu caráter, pois poderá tornar-se avarento ou pródigo; egoísta ou generoso; ou então se entregar a todos os prazeres da sensualidade. Isto não quer dizer que ele devia cair em todas as tendências erradas.

Nós sabemos que Deus cria o Espírito simples, sem experiência e ignorante, isto é, sem conhecimentos, mas com as sementes das potencialidades. O Mundo espiritual de Espíritos já esclarecidos, qual a uma criança, traça-lhe o caminho a seguir e, aos poucos, vai lhe dando a liberdade de escolher, à medida que desenvolve o conhecimento e moral para corretamente usar o seu livre

arbítrio. O Espírito se extravai, porque não ouve o conselho desses Espíritos. E a isto, podemos chamar a queda dos seres humanos.

Algumas vezes, a Lei de Deus impõe a prova ao Espírito, porque, na sua inferioridade ou má vontade, não está apto a compreender o que lhe é mais proveitoso. Então, esta existência pode servir-lhe de purificação, de adiantamento e, ao mesmo tempo, de expiação.

Ao escolher a sua prova, o Espírito escolhe o que lhe pode servir de expiação, segundo as suas faltas, fazendo-o adiantar-se mais rapidamente.

Muitos pedem uma vida de misérias e privações, para tentar suportá-la com coragem; outros pedem a fortuna e o poder, para aprender resistir a suas tentações, que são bem mais perigosas, pelo abuso e errôneo emprego que pode dar e as paixões que eles desenvolvem. Outros querem ser provados nas lutas contra o vício.

Há os Espíritos cujo senso moral ainda é pouco desenvolvido, por isso eles sofrem por tempo mais longo. Cedo ou tarde compreenderão a consequência de suas paixões brutais e, então, pedirão por si mesmos o meio de resgatar as suas faltas.

Depois de cada existência, os Espíritos veem o progresso que fizeram e compreendem quanto ainda precisam para atingir a pureza. O Mundo espiritual sabe esperar e, pacientemente, vai ajudando o Espírito na sua jornada evolutiva.

A expiação se cumpre na existência corpórea física; através das provas a que o Espírito é submetido, também na vida espiritual; pelos sofrimentos morais decorrentes do seu estado de inferioridade.

Quando o Espírito se arrepende, ele auxilia a sua melhora, mas o seu passado deve ser expiado. Se teimar no erro, sua expiação será longa e mais penosa.

Não adianta ao Espírito humilhar-se diante da Lei de Deus e se conservar orgulhoso diante dos seres humanos.

Um bom pai, sempre deixa ao filho uma porta aberta ao arrependimento. Todos os Espíritos são filhos de Deus. Por isso, na Sua justa lei, nos permite realizar, em novas existências, o que não pudemos acabar numa encarnação.

O Mundo espiritual considera aqueles que encontrarem obstáculos no seu melhoramento, desde que independentes de sua vontade e intransponíveis.

A doutrina da reencarnação, em que o ser humano tem existências sucessivas, é a única que corresponde à ideia da justiça de Deus, com respeito aos seres humanos de condição moral inferior; a única que pode explicar o nosso futuro e fundamentar nossas esperanças, pois oferece meios de resgatar os nossos erros, através de novas provas. Assim a razão nos diz e os Espíritos adiantados nos ensinam.

A cada nova existência, o Espírito dá um passo na senda do progresso e, quando se despojar de todas as impurezas, não precisará mais de provas na vida corpórea física.

Felizmente estamos tendo o privilégio de conhecer a doutrina da reencarnação e, por isso, podemos analisar, aceitar, compreender a nossa situação e dos nossos irmãos.

Só através da doutrina reencarnacionista, entendemos porque uma pessoa tão boa nesta vida, passa por tantos sofrimentos; crianças que nascem com doenças congênitas; mães que perdem seu único filho; pais que morrem, deixando seus filhos passarem por tantas penúrias; filhos revoltados; lares atingidos pela droga; pessoas que sempre trabalharam, são atingidas por doenças e se tornam dependentes; doenças incuráveis; loucura; prostituição; retardamento mental; pessoas que não conseguem sair da sarjeta e tantos outros males, que são provas e expiações.

Como temos esse conhecimento, não cruzemos os nossos braços, vamos lutar para nos melhorarmos e ajudar o nosso próximo a se melhorar.

Nosso Pai Bondoso, através do Mundo espiritual, está sempre nos enviando irmãos, que estão dando corretos exemplos de bondade e amor, para tocar o nosso coração.

Veja o nosso querido Chico Xavier, que serviu de mediador entre o plano espiritual e nós do plano encarnatório, trazendo-nos tanto conhecimento através de livros, mensagens de amor...

A verdadeira experiência cresce com quem busca se conhecer.

Se desencarnados estamos, vamos ao caminho do renascimento e, se estamos encarnados, avançamos para a desencarnação.

Nascer e morrer na carne são fases impostas para a nossa evolução inevitável.

O Evangelho do Cristo é claro, quando nos afirma que, na vida e no universo, a lei respeitará sempre o princípio: "a cada um segundo as suas obras".
Roguem as luzes dos irmãos do Mundo espiritual!

04 - Esquecimento do passado - item 11.

Agradeçamos mais esta oportunidade de estarmos juntos, a procura do entendimento e da prática da moral Cristã.

Que os irmãos espirituais nos ajudem e iluminem nestes novos conhecimentos.

Esquecimento: como explicá-lo?

Quando reencarnamos, não guardamos na memória os fatos que se desenrolaram em outras existências.

Como toda regra tem exceção, há casos de nitidez de lembrança do passado, mas são poucos os casos conhecidos. A maioria das reencarnações tem esquecimento do passado. Essa é a regra geral.

Podemos reconhecer em cada um de nós, tendências, qualidades e aptidões inatas, que escapam as expectativas. Também sentimos fobias e idiossincrasias - que é a maneira de ver, sentir, reagir, própria de cada pessoa.

Muitos guardam uma vaga intuição de coisas distantes, como um eco longínquo, a indicar um passado envolto em densa penumbra.

O problema do esquecimento do passado tem razões biológicas, pois trazemos em nosso cérebro espiritual, como se fosse uma fita virgem, onde serão gravados os elementos da nova encarnação, portanto; o cérebro material não possui dados das encarnações anteriores do Espírito que agora o habita.

O comum de nós todos é; não sabermos quem fomos no passado.

No amanhecer para a vida, trazemos bagagem de conhecimentos: vocações, virtudes, vícios, e cumpriremos provas ou expiações.

O inconsciente manobra o mecanismo das lembranças, inteligente, ardiloso... Esse inconsciente é o Espírito! Ele se resguarda de recordar a vida anterior, a ponto de não interferir sobre os novos valores da existência em curso. Sábia determinação de nosso Pai Eterno.

Léon Denis explica: "O esquecimento é necessário durante a vida material. O conhecimento antecipado dos males e das catástrofes que nos esperam, sustariam nossa marcha para frente".

A revista espírita de 1863 diz: A lembrança do passado traria inconvenientes extremamente graves, por que isso nos perturbaria, nos humilharia, aos nossos próprios olhos e aos do próximo, traria até mesmo perturbação nas relações sociais e travaria o nosso livre arbítrio. Esse esquecimento não é absoluto. Só se dá na vida corpórea física, no interesse da humanidade. Tanto na erraticidade, como nos momentos de emancipação, o Espírito se lembra e essa lembrança lhe deixa uma intenção, que se traduz na voz da consciência, que o adverte do que deve ou não fazer. Se não a escuta a culpa é sua. Suas tendências lhe ensinam o que resta de imperfeito a corrigir.

Nada há de irracional em admitir que um Espírito, na vida espiritual, escolha ou solicite uma existência terrena que o leve a reparar os erros do passado.

Se, em verdade, por si só, os sofrimentos nos parecem longos, como seria se a tanto ajuntássemos a lembrança de um passado culposo?

Nos mundos superiores, a lembrança do passado nada tem de penosa. A lembrança do que fizemos nos mundos inferiores é apenas a impressão de uma infância travessa.

O ser humano não pode e não deve saber tudo. Sem o véu do esquecimento, o ser humano ficaria ofuscado, como aquele que passa da obscuridade para a luz. Onde estaria o seu mérito se ele recordasse todo o passado? A voz da consciência é a recordação do passado. Voz que adverte para não cair nas faltas anteriores. Se souber resistir, elevar-se-á.

Observando as nossas tendências, reconhecemos as faltas que praticamos anteriormente. Também podemos ser arrastados a novas faltas, consequência da posição que assumimos.

Esquecer... esquecemos. O esquecimento das vidas passadas, que é o comum nas pessoas, é um argumento contra os reencarnacionistas, por aqueles que não estudam a Doutrina, não pesquisam, dizem que assim se torna fácil. Deixemos que pensem assim, é a prova do estado evolutivo espiritual deles.

Para o Espírita, o esquecimento é coisa natural. Nós esquecemos de pequenos e médios incidentes do dia a dia. Como não esquecer das existências anteriores?

Deus nos deu do que necessitamos e, nos é suficiente a voz da consciência e as tendências instintivas. Ele tirou o que poderia prejudicar-nos.

Sem a paz do esquecimento, talvez a Terra deixasse de ser uma escola abençoada, para ser um ninho abominável de ódios perpétuos.

Gandhi reconhece que seria uma carga se carregássemos tão tremendo acúmulo de lembranças. Allan Kardec nos lembra: "O Espírito nada perde das aquisições, apenas esquece o modo por que as conquistou". E ainda diz mais: "livre da reminiscência de um passado inoportuno, viveis com mais liberdade; é para vós um novo ponto de partida".

Suponhamos que o Espírito arrependido viesse encarnar-se em nosso meio, a fim de reparar suas faltas para conosco, por devotamento e afeição; não seria embaraçoso se ambos lembrassem das inimizades passadas?

Esse esquecimento só se dá na vida corporal física, uma vez terminada essa, o Espírito recobra a lembrança; esse esquecimento temporário é um benefício da Providência.

É preciso esclarecer que o Espírito não deixa as sombras da carne e entra de imediato na luz da verdade, revê sua última existência, como num filme.

O Espírito recobra as lembranças, com os resguardos necessários ao equilíbrio de suas forças.

As pessoas não devem se preocupar com o que foram no passado. As evidências de outra vida estão, por exemplo; nos gênios precoces da arte, da ciência, conhecedores da história universal aos dois anos, políglotas aos três, artistas consumados aos oito e assim por diante.

Guardamos, intimamente pelo menos, a noção de quem somos e, com isso, fazemos um autorreconhecimento de nossas fraquezas, de nossos arrastamentos. Perante nós mesmos nos questionamos. Pois, somos hoje, basicamente, o fruto do nosso ontem.

O Espírito não está totalmente enclausurado na matéria, a ponto de não gozar de momentos transitórios de emancipação, em que possa recordar compromissos assumidos.

Chegará o momento, uma vez desencarnados, de verificarmos o saldo positivo ou negativo das nossas passagens pela Terra. As lembranças não ficam perdidas, mas sim arquivadas. Lembremos que a vida não se compõe apenas de sofrimentos e de erros. Também de acertos.

A cada nova existência, o ser humano pode distinguir de melhor forma o certo e o errado. E, quando entra na vida espiritual, vê as faltas cometidas, bem como o que poderia ter feito, ao invés de cometê-las.

Se não temos, durante a vida corpórea, uma lembrança precisa daquilo que fomos e do que fizemos de certo ou de errado, temos, entretanto, a sua intuição. Nossas tendências instintivas são uma reminiscência de nosso passado.

Se tivéssemos a lembrança de nossos atos pessoais anteriores, teríamos a dos alheios. Esse conhecimento poderia ter desagradáveis consequências sobre nossas relações sociais.

O esquecimento das faltas cometidas não constitui obstáculo à melhoria do Espírito, muito pelo contrário, pode guiar-se pela intuição, no esforço de resistir ao erro, secundado pelos Espíritos que o assistem, se atende às boas inspirações.

O humano poderá saber um pouco do que foi, não pela posição que ocupa na sociedade, mas pelas tendências naturais e pelo esforço maior ou menor que fará para evoluir. São evidências para o bom entendedor.

Quando contemplar o Céu, salpicado de astros que brilham muito distantes, lembre-se do conceito profundo de Jesus: "na Casa do Pai há muitas moradas".

As moradas da Casa do Pai se multiplicam em infindáveis escalas de progresso.

Para avançar e se redimir na densa névoa da Terra, o Espírito utiliza o corpo físico que, à semelhança de indispensável escafandro, se transformará em estímulo de progresso.

Abafadouro de lembranças é também o corpo físico, o veículo pelo qual o Espírito se retempera nos embates santificantes.

O corpo físico é patrimônio da organização divina, concedendo bênçãos, para que o Espírito se liberte das vibrações grosseiras e nocivas de que se faz refúgio.

Mundos espalhados no macrocosmo e mundos celulares miniaturizados, engastados na organização somática, todos são departamentos da mansão divina, que oferece ao Espírito em aprimoramento, as chances de ser ditoso pela progressão redentora.

Todo Espírito domiciliado na Terra, aqui está para resgate e aprendizagem.

Todos os Espíritos tendem à perfeição e, a Lei de Deus, lhes proporciona os meios de conseguila, com as provas da vida corpórea física. Mas, na sua justiça, permite-lhes realizar em novas existências, aquilo que não puderam fazer ou acabar numa primeira prova.

Vamos procurar fazer o melhor nesta existência, para ir ao plano espiritual com mais entendimento e voltar numa missão mais amena.

Que Jesus nos abençoe!

05 - Motivos de resignação - itens 12 e 13.

Este trecho do capítulo V do Evangelho Segundo o Espiritismo, expõe perfeitamente o motivo dos sofrimentos que passamos e devemos bendizer, porque é a maneira de corrigirmos nossos erros e seguirmos no caminho evolutivo.

Somos devedores. Aqui estamos para saldar nossas dívidas. Se não as pagarmos, elas se estendem por outras encarnações e os juros são o retardamento de nossa evolução.

Todos somos devedores ou doentes em reajuste. A Terra, este planeta maravilhoso que habitamos, ainda não é residência dos Espíritos quitados com a Lei de Deus.

Somos herdeiros do nosso passado e, no caminho material, o pretérito é uma corrente que retorna com o mesmo impulso que foi gerada.

Todos nós temos que passar por disciplinas dolorosas, porque o aprendizado é árduo, mas se suportarmos os seus impactos com esperança na promessa do Divino Amigo, que assim a expressou: "Aquele que perseverar até o fim, será salvo".

Os golpes sublimes da Lei de Deus, sobre nossos desejos, são os únicos recursos de aperfeiçoamento, simplificando o nosso futuro.

A dor é realmente a divina instrutora, é a única, por nossa teimosia, capaz de nos elevar do mundo material para o mundo divino.

Os problemas inquietantes são como lâminas que torturam dia a dia, nos levando a compreensão mais justa da vida. Com a máquina purificadora do sofrimento, surgem os impactos diretos da aflição sobre a nossa experiência pessoal, retirando de nós antigas cristalizações no egoísmo e no orgulho.

Asfixiante é a dor, mas, sem o sofrimento, jamais seríamos advertidos da verdade.

Pela ressurreição, abençoado é o martírio da cruz.

Pela restituição da saúde, as chagas inspiram respeito.

Pelas flores, os espinhos pontiagudos e venenosos são tolerados.

Os problemas modificam-se quando aprendemos a ceder. Aprendemos com Jesus, que se confiou à cruz do extremo sacrifício, como quem tudo perdia, para finalmente tudo possuir na eternidade dos séculos. Em Jesus, nosso Mestre e Senhor, temos o conselho e o ensinamento.

Aprendamos a desculpar eternamente, porque tudo na vida se resume no nosso aprimoramento comum.

Cada vez que a mágoa ou a ofensa bater à porta do nosso coração, desculpem-se tantas vezes quantas se fizerem necessárias.

Nós causamos o nosso próprio sofrimento, quando não combatemos os inimigos existentes dentro de nós e que, como demônios, se chamam: ódio, vingança e inveja, ciúme e malquerença, estupidéz e indisciplina, maledicência e orgulho, e muitos outros mais.

Para não sofreremos; devemos fazer aos outros aquilo que desejamos que nos façam, só assim seremos redimidos, isto é próprio da justiça divina. O preço é alto, porque exige de cada um o "esforço próprio". Deus derramou tudo de correto e bom sobre as criaturas da Terra. No entanto, cada um assimila de acordo com a sua capacidade.

Ele teria dado a uns menos do que aos outros?

Não!... Nós é que não suportamos bênçãos maiores do que as que recebemos das mãos do Divino Doador.

Meditemos um pouco e veremos que todas as qualidades estão dentro de nós. As portas para o infinito se abrem, dentro do coração, pelas mãos da lucidez racional. Nós somos predestinados, pela misericórdia do Senhor, à herança divina que, a traça não corrói, nem o tempo consome, nem a ferrugem desfaz.

Jesus Cristo, Andarilho do infinito, na graça do Pai Celestial, nos deu vida, quando estávamos mortos na ignorância e no erro. Veio para nos mostrar os caminhos que deveríamos trilhar e, acima de tudo, para nos ensinar com habilidade e mansidão, os preceitos libertadores, como segurança para nossa jornada evolutiva.

Meus irmãos, nós que hoje estamos aqui, ouvindo parte do Evangelho que o Mestre dos Mestres nos deixou, devemos nos unir em Cristo, começando por esta casa Cristã, entendermos o ideal de

Nosso Senhor Jesus Cristo para conosco e, assim, tomarmos conhecimento de toda esta avalanche doutrinária.

Nós nos tornamos responsáveis pelo que aprendemos. Se aqui viemos em busca de amor, de aprendizado, jamais poderemos dizer que não tivemos o conhecimento, ou que o esquecemos.

Por isso, ao adentrarmos a porta desta casa Cristã, entremos com bastante amor, pois sabemos que, daqui a diante, não somos mais ignorantes do conhecimento do Evangelho do Mestre Jesus. Aqui somos despertados para o Divino Amigo e isso é muito grandioso na vida de cada Espírito. Aqui o Espírito se inicia em novos entendimentos, outros prismas de luz lhe darão visão mais ampla.

O Evangelho do Senhor Jesus é o pão que desceu do Céu, é a água pura que veio à Terra, é a luz que clareia a humanidade.

Quando estamos nesta casa Cristã nós oramos, a fim de que desperte em nós a bondade interior, a aceitação do Evangelho, como um toque de despertamento nas qualidades que dormem em cada criatura, anunciando a operação urgente nos campos do aperfeiçoamento.

A oração expressa sentimentos. As palavras ajudam a exprimir os sentimentos. A oração não deve extravasar pela boca sem a interferência do coração. A oração não deve ser pronunciada mecanicamente, com pensamento longe. Orações assim, não ultrapassam o teto da superficialidade, têm muitas palavras, mas nenhum sentimento.

Também não devemos formular promessas: "Se Deus atender as minhas rogativas, rezarei muitas vezes em favor de Espíritos sofredores". Dessa maneira, estamos propondo um negócio a Deus, e negócio desonesto, porque o que estamos oferecendo em troca de benefícios tão importantes, não significa nada.

O Pai Nosso é a oração que Jesus ensinou aos seus seguidores, mostrando-lhes como deviam orar.

Nós, também, devemos prestar bem atenção nesta oração em que o Mestre louva o Pai Celestial e, também, agradece todos os benefícios que Dele recebemos.

Quando ensinamos aos nossos filhos, quando o professor ensina aos seus alunos, devemos ensinar o sentido das palavras da oração do Pai Nosso, para que os pequeninos, desde cedo, coloquem seus corações na prece ensinada por Jesus. Tudo o que Jesus ensinou é de grande importância para nossa evolução. Se vamos pronunciar essa oração maquinalmente, é melhor se calar e ouvi-la.

Vejam prezados irmãos, quanta responsabilidade em pronunciar esta oração, que tantas e tantas vezes a repetimos, sem sequer observar o sentido do seu conteúdo.

Jesus começa dizendo:

"Pai nosso, que estás nos Céus".

Jesus está nos apresentando o Pai celestial, o Criador de todas as coisas e, devemos chamar por Ele, com a mesma confiança que, na infância, buscávamos a proteção dos que nos criaram. Devemos entender que - Céus, quer dizer - todo o universo eterno e infinito criado por Deus.

"Santificado seja o Teu nome".

O nome de Deus é sagrado. A oração não pode ser vulgarizada. Mesmo que oremos várias vezes ao dia, devemos fazê-lo com muito respeito e com o que de melhor pudermos fazer.

Sabendo que o nome de Deus é Sagrado e que estamos tentando ser Espíritas, também devemos procurar não pronunciar o nome de Deus em coisas vãs. O nome de Deus deve ser evocado com sentimento e não por hábito.

"Venha a nós o Teu reino".

Jesus ensinou que o reino de Deus é uma realização íntima da criatura humana. Ensinou que todos nós temos o reino de Deus em nosso coração. Se ainda não descobrimos o reino de Deus dentro de nós, comecemos a construí-lo no ideal de servir. Pratiquemos o certo e o bem. Trabalhem pela edificação da Terra, pela sua evolução.

"Seja feita a Tua vontade, assim na Terra como no Céu".

Como devemos aceitar a Sua vontade, não devemos nos revoltar quando somos atingidos pela dor, pelo desespero, pelo desânimo. Ao estarmos orando, dizendo que seja feita a Sua vontade, devemos confiar, pois tudo o que passamos é necessário a nossa evolução.

"O pão nosso de cada dia, dá-nos hoje".

Devemos esperar de Deus o nosso sustento, porém conscientes que, Ele nos dá o trigo, nós temos que fazer o pão, isto é: temos que nos esforçar, fazer patrimônio para a vida material, e o produto do nosso modo de viver, espiritual e material é de nossa inteira responsabilidade.

"Perdoa as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores".

Todos nós temos erros. O erro é tanto que, devemos pedir perdão, mas também é preciso perdoar. Os que nos ofendem são filhos de Deus, portanto; nossos irmãos. Para sermos perdoados, precisamos perdoar nossos irmãos, filhos de Deus que somos. Como podemos amar a Deus, odiando a nossos irmãos, que também são seus filhos? Todos nós somos filhos de Deus, por isso temos que perdoar sempre, para que sejamos perdoados.

"Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos de todo o mal".

Estamos pedindo proteção a Deus. Proteção nunca nos faltou, desde que saibamos, que somos tentados pelo erro que existe em nosso próprio coração.

E Jesus termina a oração dizendo:

"Assim seja!".

E assim deve ser. Conscientes que, na luta para conquistar a felicidade e a alegria, se fizermos um pouco, a Lei de Deus fará o restante.

Que a paz de Jesus esteja com todos!

06 - O suicídio e a loucura - itens 14 a 17.

Carta de um suicida à sua mãe.

Uberaba, 08 de agosto de 1969.

Minha querida mãe, lance sobre mim a sua bênção e ajude seu filho sofredor.

Estou aqui. De que modo eu não sei.

Trazido como um doente que enlouquecesse e foi recolhido à ala de tratamento obrigatório. Mas trazido pelo seu carinho e pelo de minha outra mãe, a querida tia Tereza, à lucidez, por minutos, a fim de rogar perdão e paciência. Desde 16 de março entrei em martírio, sem saber a quanto tempo assim estou.

Escuto apenas a explosão, como se eu mesmo destruísse o mundo - o mundo que Deus me deu no corpo físico que eu tinha.

Terrível o suicídio, dura lição, horrível prova, mas não estou aqui para fazê-las chorarem e, sim, para dizer-lhes que vivam.

Não queiram morrer, não queiram uma despedida forçada, ninguém morre.

Pensei erradamente.

Loucura de rapaz inconformado, sem disposição para o trabalho e sacrifício.

Não julguem que alguém me tenha ferido.

Foi só o medo de viver que me acovardou.

Carregava conflitos de sentimento que os supus tão grandes, quando eram somente pequeninas alfinetadas que me ajudariam a progredir.

Rebelei-me mãezinha, até contra... Deus, rebelando-me contra a vida e estou pagando muito cara a decisão de criança irrefletida.

Muitos disseram que havia me rendido à tentação, porque a senhora, e com toda a razão, se casou de novo.

Isso não é verdade. A senhora fez o que devia.

Procurou em nosso Moacir, um companheiro e um protetor para a travessia do mundo. Encontrei nele o pai que me faltou.

Até mesmo o pai Ademar ajudou a senhora a tomar nova companhia. E graças a Deus, vejo-a feliz.

O que sucedeu, é que seu filho enlouqueceu, de repente.

Quando a aconselhei com carinho a tomar nova fé, pressentia que essa fé me transformaria, afastando-me a vocação do suicídio, e fugia... Fugia de tudo o que me pudesse salvar.

A responsabilidade, mãezinha, me pertence por inteiro, mas se a senhora e a tia Tereza ficarem conformadas terei forças novas.

Meu pai Ademar e vovó Iracema são aqui meus novos pais, ampararam-me e estão comigo no sanatório de onde vim, por momentos, para trazer-lhes a certeza de que vocês duas precisam e devem viver.

Temos tanta gente sofrendo mais, muito mais do que nós.

Por que não vi antes? Simplesmente porque a rebeldia me tomava de assalto.

Ah! Mãezinha! Fique tranquila e esqueça.

Abrace vida nova e trabalhe.

Faça seus estudos do Espiritismo e ampare os filhos das outras mães! Quantos deles se encontram entre a penúria e o desequilíbrio!

A senhora e tia Tereza queriam que eu estudasse mais, que não permanecesse tão só no laboratório, entretanto, contrariei-as para meu sofrimento próprio.

De agora em diante, porém, serei outro.

Logo que o barulho me deixe a cabeça, e serenar o coração, serei de novo seu filho.

Caminharei ao seu lado, lembrando as preces que a sua ternura e o carinho de minha querida tia me puseram nos lábios, ensinando-me a esperar por Deus de mãos postas.

Serei um novo homem.

Cuidarei do futuro e saberei sofrer, sem revolta, em meu próprio proveito.

Perdoem-me se lhes trago lágrimas novas. Elas são diferentes, choro também aqui, mas espiritualmente aliviado, aguardando a bênção com que me consolarei.

Trabalhem.

Façam por mim o que ainda não pude fazer.

Ensinem que o suicídio é um despenhadeiro nas trevas e digam a quantos sofram no mundo que, a dor é bendita, a vida se aperfeiçoa por ela em nome de Deus.

Os amigos que me trouxeram não me permitem escrever mais.

Orem por mim, mas confiem no filho que o sofrimento está renovando.

E se posso trazer algo a vocês - se posso oferecer-lhes alguma coisa, ofereço a promessa de ser melhor amanhã.

Recebam todo o carinho e arrependimento, com muito amor e confiança do filho reconhecido.
José.

A loucura é um desequilíbrio mental e é sempre uma provação difícil e dolorosa. Pode representar o resgate de uma dívida escabrosa, pode ser o resultado de uma imprevidência de hoje.

Qualquer obsessão pode transformar-se em loucura, não só quando o resgate exige, mas o obse-
diado também pode entregar-se ao assédio nocivo dos que o cercam.

Quase se pode afirmar que; noventa por cento dos casos de loucura, salvo aqueles que se origi-
nam da contaminação microbiana do cérebro, começam nas consequências das faltas graves que
praticamos, com a impaciência ou com a tristeza, isto é, por intermédio de atitudes mentais que
marcam mudanças de caminho dos que se deve seguir. Essas forças desequilibrantes instalam-se
no campo íntimo e inicia-se a desintegração da harmonia mental do Espírito; esta por vezes per-
dura, não só numa existência, mas em várias delas, até que o interessado se disponha, com fide-
lidade, valer-se das bênçãos Divinas que o orvalham, para restabelecer a tranquilidade e a capa-
cidade de renovação que são inerentes à individualidade, em abençoado serviço evolutivo.

Pela rebeldia, o Espírito pode encaminhar-se para muitos crimes, cujos resultados funestos com-
plicam sua existência; e, pelo desânimo, é propenso a cair nos despenhadeiros da inércia, com fal-
tal atraso nas edificações que o Espírito veio fazer.

Muita gente coloca em si mesmo o dogma da loucura. São irmãos revoltados ante o desígnio su-
perior, que os conduzem a recapitular os ensinamentos difíceis, como o de reaproximar velhos
inimigos por laços de consanguinidade ou o de enfrentarem obstáculos aparentemente insuperá-
veis.

Então vemos que a loucura leva ao suicídio.

O que faz um suicida?

Foge. E quem foge é covarde. Não se pode dizer que para buscar a morte é preciso coragem. A
morte que se busca pelo suicídio, não é a morte, é a libertação de um sofrimento que o tortura e
não tem força de resistir.

O suicida busca a morte como um bem, um refúgio. Supõe esconder-se de um inimigo, evadir-se
de um lugar que crê intolerável prisão.

Na ação do suicida não há valor, há o egoísmo mais condenável; o abandono da peleja; o esque-
cimento dos sentimentos de amor que animam a solidariedade da vida para com os outros. É uma
completa deserção moral e material. É a confissão absoluta e eterna da covardia, da sua penúria,
da fraqueza, do desrespeito a Deus que, lhe deu a vida e todas as noções de honra e de coragem.
É uma suprema fraqueza. É uma falta de resignação e submissão à vontade do Criador!

Os que utilizam o fogo, depois de carbonizado o organismo físico de que se serviam, prosseguem
envoltos em chamas devoradoras, ligados aos problemas que pretendiam fugir.

Os que ingerem veneno mortífero despertam enlouquecidos, mais vivos do que nunca, num su-
plício que parece eterno, e a razão que os levaram ao suicídio continuam em suas mentes.

Aqueles que se afogam, experimentam a agonia da sufocação e, todas as suas aflições se avolu-
mam, num desfilar contínuo na sua mente em pânico.

Os que se atiram de grandes alturas, desfalecendo o corpo físico recebido, sentem-se estraçalhar
a todo instante, dementados de dor e de vergonha.

Os que atiram no ouvido sentem o que o nosso irmão José narrou na carta a sua mãe; estampido,
explosão...

Se tivessem suportado todas as afrontas, enfrentado todas as falências, saído do seu círculo de
egoísmo e de ambição, abandonado a torre de marfim do seu orgulho, sufocado o amor próprio

que cria a eterna suscetibilidade, sem ter recorrido ao ato condenável de abreviar a vida que o Senhor lhe confiou, teriam vencido as situações difíceis, usufruindo os benefícios que encontram todos aqueles com a coragem moral fornecida pelo Evangelho de Jesus.

José, na carta a sua mãe, reconhece o seu erro, cria forças para reparar o seu fracasso. As orações de sua mãe e tia ajudam a fortalecê-lo.

Para que o Espírito efetue a sua jornada de iluminação é indispensável revolver as ideias, renovar as concepções e modificar, para o seu bem maior, o modo íntimo de ser, tal como se faz com a terra, revolvendo-a para a lavoura produtiva.

Os sofrimentos que passamos, as dores do passado, impedem o nosso desequilíbrio.

Se o Espírito desertar, ele não fica isento do seu resgate.

A existência deve ser um sacerdócio no trabalho construtivo que nos cumpre na Terra. Nunca nos esqueçamos das palavras de Jesus; "Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados".

Obrigada Jesus!

07 - Bem sofrer e mal sofrer - item 18.

O rei dos Visigodos.

Jésus Gonçalves estava em Pirapitinguí, no sanatório para hansenianos. Perdera os braços, as pernas, parte das orelhas, corroído pela feridas da lepra.

Tronco humano que vivia sobre uma cadeira, tendo os olhos como Estrelas vivas e pensamento cintilante como um Sol. Suave e brilhante poeta, o seu Espírito era também uma harpa espiritualizada que vibrava ao sopro da bondade e do amor. Seus sonetos de mágica expressão impressionavam pelo talento, pela profundidade das ideias e pela sonoridade da forma. Extraordinária criatura. Cabeça e tronco contemplava a vida e sorria para todos, sempre com a palavra de conforto nos lábios.

O Brasil Espírita inteiro acompanhava-lhe o pensamento através dos versos rutilantes, recebia notícias dele através daqueles que o visitavam e de lá vinham cheios de reconforto, pois era fantástica a vida daquele homem sem membros, que abençoava a vida. Trapo humano emergia de si mesmo para a glória de Deus. Chico nos falava muito dele. Havia escrito uma série de sonetos notáveis. Um dia, morreu.

Conta o Chico que, estava em Pedro Leopoldo, concentrado, quando se aproximou luminoso Espírito, de grande beleza, exibindo no peito, em pleno coração, verdadeiro Sol de luminosidade, nas pernas e nos braços lhe brilhavam enormes Estrelas de luz.

- Não me reconhece, Chico? Eu sou Jésus Gonçalves.

Chico contemplou-o estático.

- Como você está belo, Jésus! E essas Estrelas de luz que brilham em você?

- Essas, Chico, são as feridas que na Terra o Senhor me concedeu. Outrora fui Olarico, rei dos Visigodos e, em corcéis espumantes, galopei por toda a parte, espalhando a dor e o morticínio, como se eu fosse o gênio da morte! Destruí cidades e pisei sob meus pés, jovens e velhos, mulheres e crianças. Por toda a parte levei a morte e a destruição e Deus deu-me, por isso, um reino de feridas!

Agora, após sofrimentos inauditos, retorno e como vê, meu caro, em sua misericórdia, o Senhor me recuperou para a vida eterna.

Chico Xavier não se cansava de admirar Jésus Gonçalves, o outrora rei dos Visigodos, dono de um reino de humanos e esplendores, que um dia renasceu no mundo e recebeu um reino de feridas para sua ressurreição.

Conversaram e Chico começou a receber os admiráveis sonetos que constam de "Flores de Outono".

Quem lê o livro, composto de duas partes: a primeira, quando reencarnado na Terra, vê que não há diferença alguma de estilo, sonoridade, beleza e profundidade de ideias. O Espírito é o mesmo e a fidelidade através do Chico é impressionante.

Porém, nada iguala a grandeza daquela visão do Chico: a chegada do Espírito que tinha no organismo espiritual rosas ou Estrelas de luz, justamente nos lugares onde existiram feridas hediondas.

Onde o horror fora maior, o Cristo, em Sua bondade, mandara colocar a sublime luminosidade da vida eterna. "Não sairás de lá enquanto não pagares o último ceitil". Estas as palavras de Jesus Cristo, mas disse também: "De que vale ao ser humano ganhar o mundo inteiro e perder-se espiritualmente?".

Jésus Gonçalves, pelo contrário, tronco humano corroído pela lepra, numa cadeira de inválido, consolando os que o visitavam e que eram fisicamente perfeitos, perdera o mundo inteiro, mas ganhara o seu próprio Espírito.

Como recompensa pela paciência e resignação com que aceitara tudo, lembrando um novo Jó, exibia agora, a força luminosa do Espírito imortal que encontrara o reino do Cristo.

Este é um trecho do livro - Chico Xavier, o santo dos nossos dias, de R. A. Ranieri.

Através do nosso irmão Chico Xavier, tomamos conhecimento de casos lindos como esse, que nos ajuda a crer mais em Nosso Senhor Jesus Cristo e a termos mais compreensão nas situações que nós ou nossos irmãos passamos.

A história da última encarnação de J3sus Gonçalves nos mostra o quanto a miseric3rdia do Pai Eterno nos ajuda na senda da evolu33o. A esse irm3o, o Pai Celestial permitiu-lhe uma miss3o de grande resgate, a qual ele soube tirar o maior proveito, soube vivê-la intensamente, com humildade, dando exemplos, mostrando que o amor est3 no Esp3rito e pode-se transmiti-lo em qualquer situa33o.

J3sus Gonçalves soube carregar a sua cruz e hoje desfruta da grandeza do reino de Deus. Ele soube corretamente bem sofrer.

Antes da encarna33o o Esp3rito faz o c3lculo de suas possibilidades, estuda o caminho que melhor se lhe afigura na sua luta rumo à perfei33o, de acordo com a sua voca33o e grau de evolu33o. Escolhe em plena posse de consci3ncia a estrada a seguir, fecunda de progressos espirituais. Dentro do infinito do Universo, o Esp3rito reconhece que somente a luta lhe oferta in3meras possibilidades de evolu33o em todos os setores da atividade humana. Por isso a prefer3ncia pelos ambientes de dor e priva33o, aben3oados corretivos que a Provid3ncia oferece para a reden33o do passado.

Cada Esp3rito escolhe voluntariamente o seu caminho futuro, conforme o seu progresso e de acordo com os des3gnios superiores.

O fardo que faz vergar os nossos ombros n3o 3 demasiado para as nossas possibilidades.

Deus tudo prev3, a escolha das priva33es 3 uma quest3o de prefer3ncia individual.

Por3m, quando estamos entre as masmorras da carne, a nossa consci3ncia limitada se nega a encarar a luz em todos os seus divinos resplendores.

A cada um a sua miss3o. A cada um o seu dever. Depende de n3s o modo de conduzirmos nossas vidas, a caminho do progresso.

Durante a reencarna33o adquirimos certas doen3as, porque as elegemos automaticamente para n3s mesmos, quando nos deixamos levar pelo erro, favorecendo a instala33o de mol3stias no nosso organismo e criando liga33es flu3dicas aptas a funcionarem como ponto de apoio para prejudicar a nossa vida.

A extravag3ncia à mesa, ingerir alimentos inadequados, uso do fumo, uso de entorpecentes, uso do 3lcool, aborto criminoso, abusos sexuais, com estes erros estamos atraindo em car3ter urgente, para n3s mesmos, 3lceras gastrintestinais, afec33es hep3ticas, m3 digest3o cr3nica, pancreatites, desordens renais, irrita33es do c3lon, desastres circulat3rios, mol3stias neopl3sicas, a neurastenia, o traumatismo do c3rebro, as enfermidades degenerativas do sistema nervoso, c3nceres de toda ordem e muitos outros sintomas, porque na cr3tica inveterada e na inconforma33o, na inveja e no ci3me, no despeito e na m3goa, na desespera33o e na avareza, n3s produzimos variados tipos de crueldade silenciosa, com isso vamos atraindo pensamentos de irm3os encarnados e desencarnados infelizes, que nos rodeiam.

Quando exteriorizamos ideias conturbadas, assimilamos ideias conturbadas, que se agitam em torno do nosso passo, nos levando ao desequil3brio emotivo, agravando-nos as potencialidades al3rgicas ou pesando nas estruturas nervosas que conduzem a dor.

Assim surgem os processos obsessivos que, muitas vezes, afetam a raz3o e nos mant3m no dom3nio da enfermidade. Esterilizam nossas for3as e, pouco a pouco, corroem a nossa exist3ncia.

Isso 3 o sofrer errado. S3o sofrimentos que atra3mos para n3s mesmos, porque n3o buscamos o conhecimento do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Devemos nos guardar contra a perturba33o, procurando sempre o equil3brio e compreendendo no correto o bem, expressando a bondade e a educa33o; a mais alta f3rmula para solu33o dos nossos problemas.

Mesmo nos sentindo enfermos, arrastando-nos, aperfei3oamo-nos ajudando aos outros, na certeza de que, servindo ao pr3ximo, serviremos a n3s mesmos, esquecendo enfim o mercado da invigil3ncia, onde cada um adquire as doen3as que deseja, para tormento pr3prio.

Sofrer corretamente ou errado depende apenas de n3s. Pois sabemos que a Terra 3 um planeta de expia33o e aqui estamos para resgatar d3vidas, aprender e evoluir.

Podemos tornar a nossa vida melhor, respeitando sempre o direito do nosso pr3ximo e procurando am3-lo como a um nosso irm3o que 3.

Vamos cultivar compreens3o, toler3ncia e caridade, paci3ncia e perd3o, no jardim de nossa exist3ncia.

Nós não nascemos para sermos vencidos, porque todo Espírito trabalha para dominar a matéria e triunfar dos seus impulsos inferiores.

Quando nós compreendermos as magníficas lições do Evangelho do Divino Mestre, o nosso planeta estará em nova fase evolutiva e o Espiritismo terá triunfado, entre nós, na sua sagrada e gloriosa missão.

Jesus nos ilumine!

08 - O mal e o remédio - item 19.

Vendo Jesus a multidão, subiu ao monte; e depois de se ter sentado, aproximaram-se seus discípulos; e ele começou a ensiná-los dizendo:

"Bem-aventurados os humildes de Espírito, porque deles é o reino dos céus",

"Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados",

"Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a Terra",

"Bem-aventurados os que têm fome, porque serão fartos",

"Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia",

"Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus",

"Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus",

"Bem-aventurados os que têm sido perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos Céus",

"Bem-aventurados sois, quando vos injuriarem, vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa. Alegrai-vos e exultai, porque grande é o vosso galardão nos Céus; pois assim perseguiram aos profetas que existiram antes de vós".

No mundo que hoje habitamos, por determinado tempo, sabemos que existem alegrias, mas também dores e tristezas.

Jó, dizia que o ser humano vive pouco tempo na Terra e a sua vida é cheia de tribulações.

A vida na Terra é um caminho que nos conduz às paragens luminosas da vida eterna; não é um repouso, mas uma preparação para o repouso.

Paulo, o apóstolo dos gentios, recordando-nos, numa das suas luminosas epístolas, a vida real, disse: "Dia virá em que despiremos a veste mortal para vestir a da imortalidade".

Enquanto não conseguirmos nos despirmos totalmente da veste mortal, vamos, através de reencarnações, aprendendo aos poucos, conforme usamos o nosso livre arbítrio.

Nós sabemos que a dor faz parte da reencarnação nesse planeta e é necessária para o nosso polimento.

A dor é a nossa mestra, ela nos conduz a evolução e dela necessitamos para o nosso despertar.

Dor - sensação desagradável, causada pela lesão ou por estado anormal dos órgãos.

Dor - sofrimento físico ou moral; mágoa, aflição, remorso, condolência, conflito, fracasso, arrependimento, calúnia, angústia, desilusão.

Quantas são as dores neste planeta, sabemos que hoje, amanhã ou depois, ela não deixa de nos visitar. Ela penetra a habitação do pobre e o palácio do rico.

Nesse mundo, em que o atraso espiritual se faz tão presente, a dor é uma sentinela avançada, a nos despertar para a perfeição.

A dor pode ser de provação e expiação.

As dores de provação são aquelas que pedimos, e são autorizadas, para vivermos, a fim de candidatar-nos a planos maiores na espiritualidade. Nas dores de provação, já temos anseio de uma vida cada vez melhor, através da evolução.

Nas dores de provação, vivemos com resignação, purificando-nos, como remédios que cicatrizam de vez as nossas chagas.

As dores de expiação são as dores de resgate de vidas passadas, impostas ou naturais.

Elas são impostas, quando não há esclarecimento do Espírito, então se faz necessária, para que surja o entendimento.

São naturais, quando há conhecimento espiritual e são combinadas com os nossos instrutores espirituais, para nos repararmos.

E que fique bem claro: Só temos provas e expiações que podemos suportar.

O Mundo espiritual jamais nos daria algo superior às nossas forças.

Quando estamos vestidos de carne, podemos provocar dores, que não estavam nas nossas provas e expiações. Desobedecendo as leis divinas, usando o nosso livre arbítrio, cometemos muitos erros. Eis alguns exemplos:

- As reclamações e os queixumes, esquecendo-nos que, estamos passando pelo que devemos passar e devemos melhorar-nos,

- Gastamos mais do que ganhamos,
- Nos viciamos em álcool, fumo e drogas, sabendo das consequências,
- Julgamos nossos semelhantes, mesmo sabendo que cada um será julgado, conforme julga,
- Nos magoamos facilmente, sabendo que a mágoa é também filha do orgulho. Imaginem, se Jesus, que esteve na Terra há dois mil anos, fosse se magoar conosco, por até hoje não termos aprendido o Seu Evangelho.

E assim, devemos nos analisar, para não complicarmos a nossa reencarnação. Vamos ser simples, viver dignamente nos preceitos de Jesus, amando e respeitando os nossos semelhantes, a Natureza, os animais, tudo que o Pai Eterno nos proporcionou.

Jesus Cristo, tomou-se de compaixão por nós e disse: "Bem-aventurados os pobres, os aflitos, porque deles é o reino de Deus".

Junto da dor, tão necessária para o nosso aprendizado, Jesus nos dá a Esperança.

A Esperança é a Estrela que norteia as nossas belas aspirações; é a Estrela que ilumina a noite de nossa vida e nos faz vislumbrar a estância do salvamento.

Perca o ser humano tudo: bens, fortuna, saúde, parentes, amigos, mas se a Esperança, filha do Céu, o envolve, ele prossegue em sua ascensão para o bem, para a vida, para a imortalidade!

A Esperança proporciona sempre resignação, coragem e fé aos desiludidos das promessas do mundo.

A Esperança é a consolação dos aflitos, a companheira dos exilados, a amiga dos desventurados, a mensageira das promessas do Cristo.

Jesus Cristo, do alto do monte, tomado de tristeza pela infelicidade humana, ensinava aos humanos os meios de conquistar, pelo trabalho que deviam ter, o reino dos Céus.

Recomendava: resignação na adversidade; mansidão nas lutas da vida; misericórdia no meio da tirania; higiene de coração, para que pudessem ver a Deus.

A delicadeza e a civilidade são filhas diletas da mansidão. Pela mansidão o ser humano conquista amizades na Terra e bem aventuranças no Céu.

A mansidão triunfa nas lutas, vence nas dificuldades, enfrenta os sacrifícios.

"Aprende de mim, disse Jesus, que sou humilde e manso de coração". E é em Jesus que devemos buscar as lições de mansidão, de que tanto carecemos nas lutas da vida.

Todos que buscam Jesus Cristo devem exercitar a mansidão, que é uma forma de caridade, consigo mesmo e com os outros.

Da mansidão vem a indulgência e a simpatia, a bondade e o cumprimento do amor ao próximo.

O ser humano prudente é sempre manso de coração. Os mansos e humildes possuirão a Terra.

A irritabilidade é inimiga da mansidão. A irritabilidade produz a cólera. A cólera é uma das causas predominantes de enfermidades físicas e males psíquicos.

A cólera produz a neurastenia, as afecções nervosas e as moléstias do coração: é um fogo abraçador, que corrompe o nosso organismo, é o vírus peçonhento que macula o Espírito.

A cólera é filha do ódio, sentimento mesquinho de Espíritos atrasados... de Espíritos inferiores.

Da cólera nasce a selvageria, que tantas vítimas tem feito.

A resignação é uma excelente virtude que precisamos cultivar. Ela eleva, dignifica, enaltece, santifica.

A resignação é a conformidade ativa, nos inevitáveis acontecimentos da vida.

O resignado não aparenta sofrimento, porque conhece a Lei de Deus e a ela se submete com humildade.

A resignação é cheia de amor, de sentimentos nobres, de elevadas paixões. Ela é obediência aos decretos de Deus.

A resignação nasce da paciência e a paciência é filha querida da caridade.

Ao contrário da resignação temos a indiferença. O indiferente não mostra sentir a dor, mas, orgulhoso e alheio aos ditames celestes, repele de si a ideia de sofrimento.

A indiferença é a covardia da paixão vil.

Ela aniquila a nobreza do Espírito, modifica o amor, destrói as virtudes e deprime a moral.

A indiferença nos sofrimentos é dureza de coração e ausência de submissão à vontade divina.

O indiferente tem coração e não sente, Espírito que não ama.

Há corações limpos e há corações sujos. Assim como há necessidade de higiene do corpo físico, para que o corpo físico funcione regularmente, com maior razão é preciso a higiene do coração, para que o Espírito ande bem.

É preciso limpar o coração para ver a Deus. Ninguém de coração sujo tem olhos abertos para Deus, Supremo artífice de todas as coisas.

A boca fala daquilo que o coração está cheio; do interior procedem as errôneas ações, os pensamentos errados.

Coração sujo, humano sujo; coração limpo, Espírito límpido, apto para ver a Deus.

É necessário limpar o coração.

De que forma começar esse asseio?

Primeiramente nos conhecermos. É preciso conhecer o próprio coração. Conhece-te a ti mesmo! Devemos saber quem somos e as obrigações que devemos desempenhar.

Devemos interrogar todos os dias a nossa consciência; exercitar um culto estritamente interno.

Esse é o início dessa tarefa grandiosa, para qual fomos chamados à Terra.

A limpeza do coração é um culto interno.

As genuflexões, as adorações pagãs, as preces cantadas e mastigadas, nenhum efeito tem diante de Deus.

O que o Pai Eterno quer, é a limpeza, a higiene do coração.

Não adianta fazer culto exterior, sem o interior, isto é, não adianta orar sem sentimento; não adianta tomar o passe sem crer em Jesus e nos irmãos espirituais bondosos, que estão para ajudar; não adianta pedir ajuda ao Pai, sem sinceridade no coração; não há caridade sem amor.

Limpar o coração é renunciar ao orgulho e egoísmo, com tudo que eles nos causam. É pensar, estudar e compreender. É crer no Amado filho de Deus pelos Seus ensinamentos redentores.

Limpar o coração é ser correto e indulgente, caridoso e humilde, paciente e progressista.

Limpar o coração é renunciar ao erro para abraçar o que é correto. É deixar a aparência pela realidade. É preferir o reino dos Céus pelo reino do mundo.

Limpar o coração é trabalhar sempre, ajudando os irmãos, esclarecendo os menos esclarecidos.

Limpar o coração é não cruzar os braços ante a vida. É educar-nos a cada dia.

Meus irmãos; limpemos o nosso coração, empunhando a espada de fé e o escudo da caridade, com todos os seus atributos e o reino de Deus florescerá em nós, como pedimos todos os dias no Pai Nosso, a prece que Jesus nos ensinou.

Que a luz de Jesus, em nós, brilhe, alvejando o nosso coração!

09 - Perda de pessoas amadas e mortes prematuras - item 21.

"Não morreram, partiram antes. Simplesmente aconteceu que tomaram um dos trens anteriores". Amado Nuvo.

O desencarne nada mais é que uma mudança do estado físico para o estado espiritual. É uma transferência de moradia, como se alguém mudasse de um vilarejo, onde nada houvesse em termos de conforto e facilidade de vida, para uma grande cidade onde sobrassem todos os recursos. O desencarne é como se despíssemos uma roupa usada e a substituíssemos por uma nova vestimenta, limpa, leve e muito mais agradável.

O corpo denso é uma roupagem incômoda e pesada que, impede uma movimentação mais desembaraçada; quando tiramos esta veste grosseira, revestimo-nos da leveza do corpo espiritual, que proporciona muito mais liberdade e satisfação.

"Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma", conforme a máxima de Lavoisier.

O desencarne, igualmente, é uma simples transformação.

Disse o apóstolo Paulo: "Semeia-se o corpo em corrupção, ressuscitará em incorrupção; semeia-se em fraqueza, ressuscitará em vigor; semeia-se em ignomínia, ressuscitará em glória; semeia-se o corpo animal, ressuscitará em corpo espiritual".

Todo morrer é renascer: desaparece o Sol no horizonte para, logo mais, ressurgir, triunfante, por trás deste mesmo horizonte; as Estrelas que brilham tão intensamente agora apagar-se-ão um dia e outras Estrelas surgirão, assim como outros astros, no eterno renovar de todos os planos da criação, cada hora, cada manhã, cada dia, cada noite, assim como surge, desaparece, para novamente ressurgir com sua mensagem de luz e de esperança; cada vegetal, cada animal e até mesmo o próprio ser humano, propicia com o seu desencarne, o nascimento, a vitalidade de outros tantos seres; todo desencarne é um renascimento, pois todo ser trás em si mesmo os germes de novas vidas, no cumprimento da lei do progresso e da evolução.

"Não existe na natureza um princípio de morte, porque ela é, toda... Vida. A morte e o nascimento são progressos da vida, graus a que recorre, purificando-se em cada um deles para se manifestar em formas cada vez mais perfeitas", segundo o filósofo J. G. Fichte.

Para Cícero, orador romano de antes do Cristo, a existência terrena nada mais é que uma parada, um intervalo, uma pousada transitória: - Deixo esta vida como quem deixa a hospedaria, não como quem deixa a sua casa. A Natureza não nos deu um lugar para nele habitarmos, mas para breve parada.

Os entes queridos não morreram, apenas anteciparam sua partida e estarão à nossa espera para o saudoso e feliz reencontro, como acontece sempre, após uma longa viagem ou depois de um longo período de separação. Mas a certeza do reencontro não impede a saudade imensa e a cruciante dor da lembrança.

E ainda o orador romano Cícero, nos dizendo o que sentiu com o desencarne de seu filho e como se comportou: "Ainda que grande tenha sido a dor que senti quando da partida de meu amado filho Catão, procurei vencê-la pacientemente, não por indiferença, mas porque me consolava a certeza de que não seria longa a nossa separação".

Contudo, apesar do que se fala da continuidade da vida do outro lado, ainda há pessoas descrentes que dizem: ninguém voltou para me contar, pessoalmente, que continua vivo.

No entanto, são inúmeras as provas de continuidade da existência. Muitos são os que recebem a visita de seus queridos, pelo abençoado correio da mediunidade. Nós não os perdemos e nem eles estão irremediavelmente separados. Nossos mortos amados, estão mais presentes em seus lares agora, que durante a vida terrena.

É só ter ouvidos de ouvir e olhos de ver.

O levantar do véu é feito, principalmente, por meio de mensagens e comunicações ricas de dados pessoais e circunstanciais. Também pela literatura mediúnica, que é vasta, primorosa e profunda, bela e esclarecedora!

Este intercâmbio, entre os que demoram um pouco mais no plano terrestre e os que já vivem no plano espiritual, proporciona a todos, consolação, amor e esclarecimento.

Zilda G. Rosin perdeu seus dois únicos filhos em plena juventude. Dedica a sua vida escrevendo e palestrando, num verdadeiro apostolado; distribuindo consolo, amparo, esperança e esclarecimento, a todos aqueles que viram partir mais cedo seus entes queridos.

Em seus livros essa escritora apresenta, para conhecimento de todos, normas de comportamento com relação aos que nos antecederam na viagem à grande pátria espiritual.

Eis alguns conselhos seus:

- Deve-se aceitar resignadamente a dor da separação, porque a mesma não é definitiva e absoluta,

- Os que nos precederam, de lá, rogam que sejam recordados com amor, alegria e carinho. Jamais com desespero. A dor incontrolável, a angústia desmedida, o desatino, o esmorecimento da fé e da esperança, acarretam-lhes mais sofrimentos e dificuldades. Pode-se ajudá-los e muito, com pensamentos de gratidão e de afeto,

- Velas, não tem significação especial para nossos amigos desencarnados. A luz da vela não ilumina o Espírito, mas sim, a luz das corretas ações, por eles praticadas no plano material. O dinheiro gasto em velas ser-lhes-á mais proveitoso se empregado na ajuda de um necessitado,

- Visitas ao cemitério, embora dependendo da convicção de cada um, não tem sentido, pois a chamada última morada, guarda apenas os restos materiais dos entes queridos, que vão ser transformados em oxigênio, azoto etc. Seus Espíritos, lá não permanecem,

- Não devemos nos apegar aos objetos de uso pessoal. Seus pertences, suas roupas, devem ser destinados aos pobres, aos carentes, num ato de caridade feito em sua intenção,

- A melhor maneira de ajudá-los, é na prece. Quando se ora pelos entes amados que partiram antes, estabelece-se uma corrente fluídica entre uns e outros, numa comunicação direta e sublime. Orar, verdadeiramente, é conversar com Deus.

Por isso estamos aqui, na Doutrina Espírita, aprendendo que a morte não existe. Não podemos aplicar somente aos outros, mas tenhamos comportamento de Espíritos verdadeiros e ajudemos nossos irmãos.

Aumentando o nosso conhecimento, também aumentamos a nossa responsabilidade. Quando nos propomos a aprender, façamos com vontade, lembrando do amor do Cristo de Deus, por nós e nossos irmãos.

Quando soubermos do desencarne de um parente, amigo ou qualquer pessoa, nosso pensamento primeiro é nos colocarmos em oração, em sintonia com esse irmão, explicar-lhe que não morreu e fervorosamente lhe transmitir bons pensamentos.

Falar da morte não é fácil. Porém aqui estamos reunidos, para aprendermos a nos comportar diante da morte. Do momento que aqui estamos, falando sempre da espiritualidade, da reencarnação; nós vamos nos fortificando, para essa dor e também para ajudar a nossos irmãos.

Há muitos irmãos nossos, que daqui partiram, sem ter o conhecimento do Evangelho de Jesus, sem saber que o Mestre está de braços abertos para recebê-los. Cabe a nós, que temos conhecimento, em oração e boas leituras, transmitir-lhes esses ensinamentos.

Os que nos precedem, também nos ajudam muito, se eles tem conhecimento ou tão logo adquiriram, não se esquecem de nós.

Meus irmãos, se participarem de um velório, façam com o maior respeito e orem pelo irmão que acaba de deixar o plano material. São momentos importantes para o desencarnado; vai começar uma nova vida.

Em um dos livros de Zilda G. Rosin, ela publica um poema, belíssimo, dedicado à mãe, cujo filho acaba de desencarnar. Intitula-se: "Mãe, enxuga teu pranto".

Mãe!

Tu que foste agraciada com o maior empréstimo que o Senhor dos mundos pode conceder à criatura humana...

Tu que recebeste nos braços um filho de Deus, para que o tivesse próximo do coração como sendo teu...

Tu que te entregaste, de corpo e Espírito, à lapidação dessa joia preciosa, fazendo-a reluzir entre as sombras do mundo...

Tu, qual anjo tutelar, que velaste o sono do teu filhinho quando enfermo...

Tu que não te poupaste na luta do dia a dia, trabalhando e cooperando com teu companheiro, para que teu filho tivesse todo o conforto...

Tu que o auxiliaste a moldar o caráter e a desenvolver a inteligência...

Tu que não esqueceste de implantar o Evangelho do Cristo no coração do teu filho...

Tu que olvidaste de ti mesma para que ele pudesse viver e ser feliz...

Tu, enfim, que trazes a consciência tranquila, no dever realmente cumprido...

Enxuga teu pranto!

Agradece ao Pai Celestial pelo valioso empréstimo com que te agraciou.

Agradece por ter conseguido te comportar qual o Servidor da parábola, desenvolvendo os talentos, aumentando-os.

Agradece a bênção da maternidade!

Agradece por teres contado com o auxílio dos amigos da Vida Maior na tua sublime missão de mãe.

E embora hoje teu rebento tenha partido para o outro lado da vida.

Enxuga teu pranto!

Não o procures no semblante de outros jovens...

Enxuga teu pranto!

Busca-o dentro de ti mesma.

No amor e no carinho que os uniram.

Busca-o na gratidão para com Deus, pelo valioso empréstimo que te concedeu.

Na gratidão para com teu próprio filho, pelas alegrias que ele te proporcionou.

Busca-o no amor e na caridade para com os órfãos.

Na comunhão da prece diária. E...

Enxuga teu pranto!

Sentirás que teu filho está mais vivo do que nunca!

Crerás no reencontro do Outro lado da vida!

Perceberás que ele vem te visitar!

E, então, com o coração tranquilo e pleno de fé, talvez possas ouvi-lo dizer:

Obrigado mãezinha!

Deus te guarde e abençoe!...

No real sentimento da mensagem que lemos, rogamos a Jesus que ela fique gravada em nosso coração, eternamente.

Obrigada irmãos!

10 - Os tormentos voluntários - item 23.

As Estrelas empalideciam sob a majestosa sinfonia universal daquele amanhecer, quando duas sombras se encontraram numa estrada entre o Céu e a Terra.

A que descia era diáfana, quase irreal. Volitava como uma pluma e suas roupagens alvas, com cores diversas, eram agitadas pela brisa que soprava, numa carícia suave como uma bênção. Suas mãos e seu rosto eram fluorescentes, cobrindo-lhe a cabeça um círculo luminoso de intensidade deslumbrante.

A que tentava subir era abjeta. Tinha uma cor baça e indefinível. Na máscara hedionda dois olhos reluziam escuros como uma doença maligna. Da boca lhe escorria uma baba grossa e nojenta, suas roupas e seu corpo mostravam-se sujos e repelentes.

- Que vens fazer na Terra? Perguntou o ser abjeto.

- Venho ajudar seres como tu, respondeu a sombra luminosa.

- Não preciso de tua ajuda, disse num trejeito orgulhoso a sombra tenebrosa. Sou um rei nos meus domínios. Tenho escravos sem conta e lá embaixo, na crosta, arrebanho os Espíritos dos que comprazem no erro, louvando-me com cantos e rituais, pedindo-me favores e maldades.

- Mas só conheces a dor! Disse o outro tristonho.

- E quem não a conhece? Perguntou-lhe o tenebroso.

- Eu. Já não sou atingido pelo sofrimento.

O abjeto fez um movimento na direção do luminoso e deixando cair os braços impotentes, confessou arquejante:

- Se pudesse eu te mataria!

- Bem sei, pois te deixas dominar pela revolta e pela inveja, em vez de atenderes docilmente.

- E não te vingas de mim?

- Se me vingasse, igualar-me-ia a ti. Meu caminho é para o alto, para o Criador e se desço, é para mostrar aos seres como tu, o quanto consegui evoluir com a ajuda misericordiosa do Pai Eterno.

- Então não foste sempre como és?

- Não. Vim como tu do abismo. Tudo e todos que existem estão submetidos à sublime lei da evolução. Também como tu, fui errado e sofredor, na minha maldade e no meu desmedido orgulho, fechei os ouvidos aos amorosos apelos que de vez em quando me fazia o Senhor. Por muitos e muitos séculos me comprazi em sofrer e fazer sofrer. Era horripilante, sem brilho, nojento como tu. Mas, com os séculos, aumentavam meus sofrimentos. Meu ódio, minha inveja, minha angústia, minha perversidade, davam para encher o universo. Um dia, a voz do Criador varou os espaços e me fez entrever a felicidade.

Eu estalava de dor e desesperação. Caí de joelhos e pedi ajuda do Mestre dos Mestres.

- E Ele te tornou assim num passe de mágica? Quis saber o tenebroso.

- Não! Ele me ajudou, mas fui eu que conquistei meus próprios méritos através do tempo. Encarnei e desencarnei vezes sem conta, paguei todas as dívidas que adquirira com a minha maldade. E com a prática do amor, do perdão e da caridade, fui me elevando através dos séculos, até alcançar as altas esferas onde não há sofrimento.

A luz do Sol fez desaparecer as Estrelas, na estrada, então silenciosa, entre o Céu e a Terra, o Espírito abjeto e horripilante curvou-se sobre si mesmo e começou a chorar convulsivamente.

O Cristo está nos chamando através da palavra dos seus prepostos luminosos, encarnados e desencarnados, Ele está sempre nos ajudando no caminho a seguir.

Nós, que estamos aqui hoje, estamos ouvindo o chamamento de Jesus Cristo, através do Evangelho e da vontade de evoluir.

Volvamos para o Cristo, mesmo que o acervo de nossas dívidas nos faça bracejar nas trevas, rangendo os dentes de desesperação. Não desistamos, porque basta um pequeno aceno nosso na boa vontade e o Pai celestial está sempre nos ajudando.

Na parábola, mostra-se o quanto a reencarnação nos dá oportunidade para evoluir. Sabe-se lá, há quantas reencarnações estamos aqui tentando aprender. O importante é que não nos falte o desejo de evolução. Só o fato de estarmos reunidos em busca da melhora espiritual é sinal que estamos despertando para o Cristo.

A maldade, o erro, é uma doença do Espírito, Jesus Cristo é o grande médico a nos oferecer gratuitamente o remédio incomparável do amor que, nos curará todas as aflições, iniciando-nos no caminho do Evangelho, nos levando às altas esferas onde não existe a dor.

Por isso, não desperdicemos o tempo que Deus nos deu por misericórdia. Aproveitemos através das oportunidades que surgirem, plantando a semente das boas maneiras espirituais, que o Evangelho nos oferece.

Quem ler o Evangelho em Espírito e Verdade, encontrará nele Deus e o Céu, tudo a nos esperar, aguardando que façamos a nossa parte, para recebermos o prêmio da felicidade.

Nada existe desprezado no amor de Deus que, espera de nós a compreensão e ainda nos dá meios de O compreender. É a bondade de Deus na eternidade.

Nós renascemos aqui, nesse planeta, onde nos foi dada a luz, onde temos direito a um teto, o direito de nos alimentar, beber, nos distrair, de viajar e de nos confraternizar entre famílias. Todavia, esse mesmo direito, abre à nossa frente um extenso roteiro de deveres que, às vezes, esquecemos de cumprir: do trabalho honesto, da educação constante, da disciplina diária, do perdão incondicional, da amizade, do respeito às leis de Deus e dos humanos, da paciência para com os ignorantes. E temos ainda maiores deveres: de falar sem ferir, de ouvir o que não desejamos - sem revolta, de pensar em coisas nobres, de escrever páginas instrutivas, de respeitar a Natureza, de amar os animais, de silenciar o nosso julgar ante os males alheios.

Se não for para observar essas regras, de que nos adianta ler e ouvir o Evangelho? Nós, aqui estamos, reunidos em nome de Deus e de Jesus Cristo. E de nada vai adiantar o que ouvimos se, ao sairmos daqui, não tolerarmos; uma pisada no pé, uma agressão inimiga, um insulto, um marido nervoso ou uma mulher desajustada, um filho depravado ou um parente que não nos tolera.

Nós viemos aqui para buscar forças, no sentido de restabelecer em nós a tranquilidade diante de todos os infortúnios, vencer todos os obstáculos.

Nós temos instintos inferiores e agressivos, a educação deve partir de dentro de nós, pois os valores do Espírito, são conquistados do nosso próprio esforço de cada dia.

Deus e Cristo nunca nos abandonaram, mas Eles deixam o que a nós cabe realizar.

Quando estamos acostumados a chegar em casa, brigando com os nossos familiares, que sejamos brandos ao falar e pacientes ao ouvir, procuremos ajudar no que for possível. Nossa consciência dirá o que devemos fazer para a própria tranquilidade.

Lembremos que o melhor meio de ensinar é dando exemplos.

Quando somos empregados, procuremos amar o patrão e ajudá-lo, porque ele, de qualquer forma, está nos ajudando.

Quando somos patrões, não esqueçamos de nossos empregados, porque eles estão nos ajudando a manter o nosso padrão de vida.

Vamos confiar mais em Deus e obedecer a Suas magnânimas leis.

Quando trabalharmos a favor do certo e do bem, o bem virá ao nosso encontro, esta é a Lei.

Vamos ler o Evangelho e procurar vivê-lo, para que a luz do amor e da caridade cada vez mais se acenda em nossos corações, a favor de todas as criaturas.

Eu, que estou lhes falando, sou uma das mais necessitadas de aprender, devo aceitar corrigendas, pois quero aprender com Jesus.

A todos que me ouvirem, ao sair daqui, não se desinteressem pela luz do coração.

Procuremos, na sequência das horas, melhorar em todos os sentidos, e anular os erros que ainda existem em cada um de nós, como princípio ao certo e ao bem que deseja entrar em nossos corações.

Que Jesus seja o nosso guia!

11 - A melancolia - item 25.

A melancolia é pífida e sutil, dominadora e vai investindo devagarzinho, com segurança, se tornando poderosa, tenaz e destroça as esperanças, aniquila as aspirações e deixando em derredor pessimismo e amargura.

Ela se apoia em falsas motivações, que lhe servem de fundamento, transformando em instrumentos de dor, enfermidade e derrota.

A melancolia se sustenta na autopiedade e se compraz em espalhar o ácido corrosivo do desânimo.

Vem de procedência remota, se ligando aos abusos do passado culposo e se manifestando através de tristeza indefinida, disfarçando o remorso que a carne abafa nos centros da memória Espiritual.

Todas as vezes que emoções desta ou daquela natureza produz impacto do esquecimento, aflora perniciosamente a melancolia, em jardim de realizações.

Sendo a reencarnação abençoado ensejo de libertar, nem sempre o Espírito escravizado se dispõe a lutar contra as próprias imperfeições.

As vítimas da melancolia fogem da realidade. É uma das formas pelas quais se manifesta a demência, caracterizada por alucinações, que são lembranças inconscientes do passado.

A melancolia forma uma massa compacta de vivos e mortos.

Há dois mil anos, brilha a luz do conhecimento evangélico, verdadeiro tratado de Higiene Mental e de ciência psicossomática libertadora.

"Eu sou a porta. Tomai a vossa cruz e vinde".

"A vereda é estreita e a passagem também é estreita. Tende ânimo".

"Bem-aventurados os que sofrem. O que pedirdes ao meu Pai orando...".

"Buscai e achareis. Eu sou o caminho".

Esses enunciados de Jesus são apelos indisfarçáveis e consolos, estímulos e rotas que merecem exame e consideração.

E o Espiritismo, atestando a continuidade da vida, explica que as dificuldades e afeições, doenças e limitações, remontam o passado do Espírito, traçando linhas de segurança para quem deseja felicidade e alegria ao longo do curso.

Se nos sentimos sitiados pela hipocondria ou envolvidos pelas malhas perigosas da melancolia, devemos expulsar com esforço titânico as trevas que nos envolvem, fazendo luz íntima, acendendo a lâmpada do Evangelho na mente turbilhonada.

Não nos permitamos a devaneios deprimentes, nem pensemos na morte como solução e liberdade.

Morrer e prosseguir são impositivos da vida... Quando transpomos o pórtico da carne, a mente não se extingue e as recordações ressurgem, fazendo ligações com outras lembranças, antes esquecidas.

Libertemo-nos quanto antes, hoje e agora. Não adiemos, não devemos transferir lutas redentoras.

Durante a nossa passagem na Terra devemos desempenhar uma missão, dedicando-nos à família ou cumprindo as diversas obrigações que a Lei de Deus nos confiou.

Se, sobre nós, desabarem as inquietações, as tribulações, sejamos fortes e corajosos para suportar, porque sabemos que todos nós somos endividados.

Se nos libertarmos pela porta errada, facilmente voltaremos a melancolia, porque coisas inferiores não permanecem, pois não acrescentam a verdade.

Quando estamos com tédio, certamente irradiamos ondas de profundo enfado em todas as direções.

A vida surgiu por um acaso: - Só pensa assim o materialista, que a ignorância dirige a inteligência, porque o coração está gelado no lago dos sentimentos.

A vida é uma engenhosa expressão de Deus. A vida é Deus se expressando em tudo o que existe.

O Senhor nos deu participação no despertar de nós mesmos, abrindo o nosso interesse de trabalhar para o nosso próprio bem e em favor da fraternidade universal.

Nós somos cheios de segredos e eles vão abrindo nossa consciência com o nosso despertar.

Muitos se mostram interessados na iniciação espiritual, mas não sabem por onde começar. Na verdade, aquele que quer, acha meios de despertar para a luz. Pode começar orando com humildade, fazendo boas leituras, conversando com pessoas que já sentem a luz no coração.

Deus nos coloca nos caminhos que desejamos, por pensamentos, palavras e atos.

Devemos começar o nosso dia, libertando-nos do tédio que embaraça o nosso roteiro, da melancolia que estraga a nossa vida e a vida dos que nos acompanham.

Trabalhemos dentro do nosso coração, para incentivar a alegria, ver o Sol da manhã ou as Estrelas da noite, é um símbolo perfeito da felicidade. Contemplemos as flores ou observemos uma criança e a alegria irá despertar o nosso íntimo, na espontaneidade da vida.

Inventar problemas é não querer partilhar da vida de Deus.

Muitas criaturas, mesmo sem problemas, começam a imaginar embaraços para a sua vida, para atrair a atenção de compaixão da sua situação calamitosa.

Nós somos criadores do nosso próprio destino. Se dermos abertura a nossa imaginação, em sentido contrário aos das leis espirituais, sofreremos as consequências dos nossos atos impensados e o remédio para esses males está na decisão de modificar o nosso modo de ser.

Devemos limpar a mente de ideias negativas, estudar as nossas fraquezas em relação às nossas ideias e extirpar imediatamente esses temores mentais, para que não passem para o nosso físico, transformando em enfermidade de difícil restauração.

Nós somos o que pensamos ser. E se passarmos anos criando situações que perturbam a casa mental; precisaremos fazer o contrário por muito mais tempo. Levaremos algum tempo na operação limpeza, mas se não desanimarmos, conseguiremos, mesmo tendo rejeição em todos os caminhos.

Sejamos perseverantes, orando e vigiando em todos os momentos que for preciso, para que tenhamos nas mãos os frutos dos nossos esforços.

Se por força do passado, somos cobrados do que fizemos em outra encarnação, não nos revoltamos contra a lei. Respeitemos o programa evolutivo.

A obediência é força imensa a nos ajudar em todas as nossas etapas difíceis. No grande suprimento do Universo, as energias divinas existem em abundância e, os nossos pensamentos, movem-se gastando energias. Se gastarmos energia em desacordo com a lei, responderemos pela nossa cota.

Se acordarmos de manhã e a melancolia aflorar a nossa mente, com tendência a passar para a nossa palavra, lutemos com ela todos os dias, expulsemos-la do nosso convívio, porque o estado negativo nos leva a vários tipos de sofrimento, capaz de nos levar ao desespero.

Nós somos o soldado e a nossa mente o campo de batalha. Devemos ser o vencedor.

A vida é muito linda nas maneiras ensinadas pelo Evangelho de Jesus.

O Cristo de Deus, Mestre de todos os mestres, trouxe para os seres humanos um punhado de regras superiores, para renovar as criaturas.

Nosso Senhor Jesus Cristo é o nosso caminho. Ele nos acordou para a razão. Até hoje está junto de nós, esperando que despertemos para o amor; o amor que serve sem trocas transitórias, desprezando dos interesses próprios.

Devemos apreciar os dotes alheios, examinar os grandes vultos da história, mas procedendo como Paulo de Tarso, fez e falou: retirar o que for conveniente e prosseguir o nosso próprio caminho.

Nós, criaturas encarnadas, por melhor que sejamos, ainda estamos, de certo modo, ligados ao passado. Estamos sujeitos a novos deslizos. E, se seguirmos de olhos fechados, sem discernimento, estamos sujeitos a cair na fossa do desespero.

Nós devemos examinar a nós mesmos e confiar mais nas nossas próprias forças, despertando no íntimo, a luz que nos conduzirá para frente e para o alto.

Lembremos que, na Terra, nada é definitivo, estando tudo sujeito a mudanças.

As pessoas devem mudar com a força do progresso espiritual.

Jesus Cristo é conhecedor de todas as nossas necessidades. É o Pastor de todo o rebanho do planeta.

Busquemos Jesus pela oração e Ele nos ensinará a escolher o melhor que possamos receber. Ele é inconfundível e deve ser despertado em nós, por amor.

Sigamos somente a Jesus Cristo, por ser somente Ele: o Caminho, a Verdade e a Vida.

O Evangelho é o caminho porque, seguindo-o, não nos perderemos nas veredas da incompreensão, do ódio, da injustiça e da perversidade.

Através do Evangelho caminharemos nas trilhas da evolução, no processo ascensional da felicidade que não se extingue.

O Evangelho é Verdade porque é eterno. Desafia os séculos e transpõe os milênios. Perde-se na eternidade do tempo.

O Evangelho é Vida, porque o Espírito se alimenta dele, nele vive e ganhará a vida eterna. Aquele que crê em Jesus e pratica os Seus ensinamentos viverá.

O Espiritismo, através do Evangelho, vem cuidando de levar a todos, os preceitos evangélicos, fazendo aprender as imortais lições da Boa Nova. E o benefício é para nossa felicidade, agora e sempre. E assim cumprir-se-á a suave advertência do Mestre: "Os meus discípulos serão conhecidos por muito se amarem".

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

12 - Bem-aventurados os aflitos 1 - item 27.

Deve-se por termo às provas do próximo quando se pode, ou devemos, por respeito aos desígnios de Deus, deixá-las seguir seu curso?

Nada acontece sem a permissão de Deus, porque foi Ele que estabeleceu todas as leis que regem o Universo.

Dando ao Espírito a liberdade de escolha, deixa-lhe toda a responsabilidade de seus atos e das suas consequências; nada lhe estorva o futuro; o caminho correto está a sua frente, assim como o do erro. Porém, se sucumbir, ainda lhe resta uma consolação, a de que nem tudo acabou para ele, pois a Lei de Deus, na Sua bondade, permite-lhe recomeçar o que foi erroneamente feito. É necessário distinguir o que é obra da vontade de Deus e o que é da vontade do ser humano. Há provas difíceis que a Lei de Deus nos apresenta, porém, é de nossa vontade nos expormos a ela e, nos expomos, se a consideramos um meio de adiantamento e a Lei de Deus o permite.

Os Espíritos escolhem o gênero de provas que desejam passar, porém não podem prever nos mínimos detalhes tudo o que acontecerá.

Escolhe-se a prova, os detalhes são consequência da posição escolhida, frequentemente das próprias ações.

Por exemplo, se o Espírito escolheu encarnar entre malfeitores, ele já sabia ao que se expunha, mas não conhece cada um dos atos que praticaria; esses atos são produtos da sua vontade ou do seu livre arbítrio. O Espírito sabe que, escolhendo esse caminho, terá de passar por esse gênero de lutas, sabe a natureza das vicissitudes que irá encontrar; mas não sabe os acontecimentos que o aguardam. Os detalhes nascem das circunstâncias e da força das coisas. Somente as grandes coisas influem no destino e estão previstas.

Se tomar um caminho cheio de desvios, sabe que tem que haver muitas precauções, porque corre o perigo de cair, mas não sabe quando cairá e pode ser que não caia, se for bastante prudente. Se ao passar pela rua e uma telha cair na sua cabeça, não pense que estava escrito, como vulgarmente se diz.

O Espírito escolhe encarnar entre gente de errônea vida, porque o semelhante atrai o semelhante e, para lutar contra o instinto do banditismo, é preciso que ele se encontre entre gente da mesma espécie.

Se não houvesse gente errada na Terra, só existiriam corretos Espíritos. Isto acontece nos mundos superiores, onde o erro não tem acesso. Vamos fazer com que isso aconteça logo na Terra?

Não há necessidade do Espírito sofrer uma infinidade de provas para chegar à perfeição, desde que, do início, ele tome o caminho certo, afastando-se de muitas provações.

Um Espírito pode pedir a riqueza e esta lhe ser dada; segundo o seu caráter, poderá tornar-se avarento ou pródigo, egoísta ou generoso, ou entregar-se a todos os prazeres da sensualidade. Isto não quer dizer que ele devia cair forçosamente em todas as tendências.

O Espírito em sua origem é simples, ignorante - isto é, sem conhecimento. Deus supre a sua inexperiência, traçando-lhe o caminho a seguir, como se faz com uma criança desde o berço. Mas deixa-lhe pouco a pouco a liberdade de escolher, à medida que o seu livre arbítrio se desenvolve. Por isso, muitas vezes se extravia, tomando o caminho errado, por não ouvir o conselho dos corretos Espíritos. É a isso que se pode chamar a queda do ser humano.

A Lei de Deus sabe esperar, Ele não precipita nenhuma prova. Entretanto, quando o Espírito, por sua inferioridade e má vontade, não está apto para compreender o que lhe é mais proveitoso, que essa existência pode lhe servir de purificação, de adiantamento, faz com que reencarne para cumprimento desta missão.

O Espírito, na Terra, sofre a influência das ideias carnis e vê nas suas provas o lado penoso.

Quando o Espírito está desencarnado, na vida espiritual, compara os prazeres fugitivos e grosseiros com a felicidade inalterável do Plano Espiritual, então ele não se importa com alguns sofrimentos passageiros.

Muitas vezes o Espírito escolhe uma prova mais rude, para mais depressa chegar a um estado melhor, como o doente escolhe muitas vezes o remédio mais desagradável para se curar rapidamente.

O Espiritismo é a Doutrina de escolha de novas existências, as provas que devemos passar deixam de ser estranhas quando o Espírito, liberto da matéria, aprecia as coisas de maneira diferente da nossa. O Espírito antevê o fim: este é mais importante que os prazeres fugitivos do mundo. Depois de cada existência, vê o progresso que fez e o que lhe resta para atingir a pureza. Por isso se submete voluntariamente a várias provas corpóreas.

Diariamente vemos exemplos parecidos.

O ser humano que deseja um futuro melhor, trabalha uma parte de sua vida, sem tréguas e nem descanso, para ajuntar o necessário para o seu bem estar.

Submete-se a provas voluntárias o ser humano que se oferece para uma missão, o viajante que enfrenta perigos, no interesse da ciência ou de sua fortuna, porque essas provas lhe proporcionam honra e proveito, se as vencer.

Não se chega a nenhuma posição social de elevada importância, na ciência, nas artes, na indústria, sem passar pela série de posições inferiores, que são outras tantas provas.

A vida humana é um decalque da vida espiritual. Na vida humana, encontramos em menor escala, todas as peripécias da espiritual.

Quando na vida terrena escolhemos provas difíceis para um fim mais elevado, é porque o Espírito vê mais longe e, para ele, a vida no corpo físico é apenas um incidente fugitivo.

O viajante no vale nevoento não vê os pontos extremos de sua rota. Chegando ao cume da montanha, seu olhar abrange o que falta a percorrer e vê o final de sua viagem, os obstáculos que ainda tem que vencer e assim pode escolher com mais segurança os meios de o atingir.

O Espírito encarnado é como o viajante; quando se desembaraça dos liames terrestres, é como o que atingiu o cume. Para o viajante o fim é o repouso após a fadiga; para o Espírito, é a felicidade suprema após as tribulações e as provas.

No estado errante, ou seja, desencarnado, todos os Espíritos buscam, estudam, observam, para fazerem suas escolhas. Na vida corpórea física faz-se o mesmo, acabando por escolher o que acha apropriado ao seu objetivo.

Cada carreira que abraçamos é uma fase, um período da vida. Cada dia escolhe-se o que fazer no outro.

As diferentes existências corpóreas físicas, para o Espírito, são fases, períodos, dias da sua vida espírita, que é a vida normal.

O Espírito se reencarna para cumprir a sua prova e deve procurar torná-la proveitosa, não a agravando ainda mais, porque Deus nos dá a oportunidade de melhorar a cada existência.

Deus não castiga Seus filhos. Por isso, quando sofremos, não devemos apenas dizer que é a justiça de Deus. Devemos procurar a maneira de aliviar o sofrimento, tendo confiança em Deus e Jesus, procurando seguir o caminho honrado.

Tanto no nosso sofrimento, como no sofrimento de nossos irmãos, devemos nos auxiliar mutuamente, com atos de amor, paciência, abnegação.

Não devemos cutucar mais ainda a ferida do próximo, pois a nós não cabe o julgamento, nunca devendo esquecer das palavras de Jesus: "Cada um será julgado conforme julgar". Nestas palavras, devemos pensar muito, sempre ter conosco o pensamento, o sentimento, de que não devemos fazer aos outros aquilo que não desejamos para nós.

Devemos permitir e ajudar ao próximo no cumprimento de sua missão, estimulando o amor, a caridade, enfim, todos os sentimentos de bondade que o Cristo nos transmite. Nunca devemos interromper a nossa jornada, tampouco ajudar o nosso irmão a interromper a dele. Esse direito não é nosso. Só Deus sabe julgar, só Deus sabe quando se deve iniciar e terminar a missão de cada um.

Nunca devemos reclamar contra o infortúnio que nos visita e nos desespera. O que devemos fazer; - ter reação construtiva nas horas de luta.

Se Jesus e os seus aprendizes abnegados, tiveram seus caminhos cheios de prantos e sacrifícios, porque nós pensamos em viver com tão pouco esforço.

Todos os grandes vultos da humanidade, em todas as épocas e povos, passaram por grandes provas.

Shakespeare, com tão grande penúria que, se viu um dia a incendiar um teatro, porém, superou a crise e deixou ao mundo obras primas inesquecíveis.

Allan Kardec sofreu, por mais de uma década, insultos e sarcasmos da maioria de seus contemporâneos; contudo não desanimou e deixou o luminoso patrimônio da Codificação.

Bezerra de Menezes abdicou da carreira política humana e posição de médico ilustre, desencarnando em extrema necessidade, porém teve a elevação de apóstolo e muito fez pelos seus irmãos. Por isso, não podemos nos deixar vencer pelos obstáculos.

Devemos ter resignação humilde, misturar lágrimas e sorrisos, anseios e ideais, consolações e esperanças, construindo uma auréola invisível de glória, que vai se exteriorizando em ondas de simpatia e felicidade.

Vamos aumentar a dosagem de nossa paciência.

Pensemos nos Espíritos corretos de todos os tempos, que tanto legaram à humanidade; consultemos a história e veremos quantos irmãos se sacrificaram para que hoje tenhamos conhecimento, espaço, arte; lembremos dos irmãos pesquisadores, que dedicaram toda a sua vida física procurando descobrir, criar métodos de cura para aliviar a humanidade; do próximo que está sempre buscando a maneira de dar conforto ao seu irmão, tornando a nossa vida mais leve; pensemos nos religiosos e nos sábios que sofreram sarcasmos para nos legar ensinamentos.

Não esqueçamos que, antes de mergulhar na nova existência, solicitamos dificuldades e agonias, para aprimorar o caráter e redimir as culpas.

Confiemos no certo e no bem e perseveremos.

O que agora parece punição injusta, logo mais será dádiva libertadora.

Aumentemos a nossa bondade e o amor do nosso Pai fluirá na direção de nossa vida.

Convertendo-nos em instrumentos do certo e do bem, as feridas do nosso sentimento se transformarão em condecorações luminescentes, que nos identificarão com a vida mais adiante.

Olhemos a madrugada do dia nascente e sigamos a rota dos que avançam, encorajados, abrindo os caminhos, para que nossos pés nos conduzam ao porto da paz e da felicidade real, vencendo as provações que escolhemos antes.

Quando o carro de nossa vida estiver transitando o vale da aflição, lembremos da paciência e continuemos trabalhando, confiando e servindo com Jesus.

Deus nos pacifique!

13 - Bem-aventurados os aflitos 2 - item 28.

A vida material é um dom, uma extraordinária concessão que Deus faz ao Espírito, em sua oportunidade de progresso e de resgate dos erros cometidos no passado. Ou seja, é a oportunidade sublime para se retomar a escalada evolutiva.

Todos somos viajores no grande caminho da eternidade. O corpo de carne é uma oficina em que o Espírito trabalha tecendo os fios do próprio destino. Estamos chegando de longe, a revivescer dos séculos mortos, como as plantas a renascermos do solo profundo.

Assim sendo, que direito pode ter alguém de tirar a vida física e de subtrair essa dádiva divina? Nós não somos donos da própria vida física, então, como queremos dispor da vida física do próximo ao nosso bel prazer?

Por acaso, se tomarmos por empréstimo uma importância em dinheiro, um veículo, uma propriedade enfim, poderemos dispor, consumir ou destruir o objeto recebido em confiança, sem prestar contas ao legítimo proprietário? Deixará de existir uma dívida ou compromisso assumido, pela simples extinção ou pela sonegação do móvel do empréstimo? Jesus disse: "Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus".

A morte por amor; pode ser uma coisa correta?

Quem ama não mata! Isto já foi dito pelas mulheres mineiras, devido a onda de crimes passionais cometidos, por maridos, sob a alegação que haviam matado suas esposas por muito amá-las.

Que estranho amor é este, que destrói o objeto de sua afeição?

Alguém pode escolher o momento preciso de sua morte? Temos o direito de determinar uma morte serena, sem sofrimento?

É lícito determinar que qualquer pessoa, por maior que seja a ligação afetiva existente, não mais deva continuar vivendo à custa de medicamentos e de aparelhos?

É certo praticar a Eutanásia? Eutanásia; é a prática pela qual se busca abreviar, sem dor nem sofrimentos físicos, a vida de um doente, reconhecidamente incurável pela medicina.

Os defensores da Eutanásia acreditam que sim, pois afirmam que todos devem morrer com dignidade.

Que dignidade é essa a que se referem com tanta ênfase?

Na Europa e nos Estados Unidos têm-se multiplicado o número de associações que pregam a chamada "morte digna". Estas associações, no mundo todo, defendem a Eutanásia e o suposto direito de cada indivíduo dispor do próprio corpo físico e da própria vida física.

Na Inglaterra e na Alemanha existem associações que usam de mais requinte na divulgação da Eutanásia, chamando-a de "morte suave". Elas chegam a distribuir carteirinhas aos seus sócios, manual com receitas de suicídios e, mais absurdo ainda, enviam pelo correio cápsulas contendo arsênico.

A dor, o sofrimento prolongado sem qualquer esperança de cura, os altos custos do tratamento, são motivos alegados pelos defensores da Eutanásia para justificar a sua prática.

Contudo, às vezes, as razões são bem outras. Para se ver livre do incômodo que representa um doente incurável; por interesses escusos, como apressar o recebimento de uma herança tão aguardada; pelo desejo de interromper um matrimônio indesejado; e muitas outras razões, podem levar um parente, um cônjuge, um filho, um pai e até mesmo uma mãe, a determinar que uma existência seja interrompida.

Christian Barnard, o famoso médico sul africano e pioneiro dos transplantes do coração, confessou diante de mais de cem mil pessoas que participavam, na França, num congresso internacional em defesa da Eutanásia, que antecipou a morte de sua mãe, aos 94 anos de idade. Para Barnard não importa a sobrevivência e sim a qualidade de vida do paciente!

Os que praticam ou os que solicitam a Eutanásia estão sujeitos a implacável lei de Causa e Efeito e pagarão pelo crime praticado.

Estão muito longe do pretendido repouso e de se livrarem do sofrimento. Estão sim, dando um salto no escuro, num precipício em brasas, e estão indo ao encontro de gigantescos padecimentos, criando angústias para todos os envolvidos nestes atentados contra a vida física.

A vida não se acaba com a morte do corpo físico. A vida se alonga eternamente, e desertar da existência não isenta ninguém do devido resgate.

Ao desertar da existência serão acrescentados agravantes; os juros e as penalidades todas do dever, pois, tendo a oportunidade de saldar seus compromissos, atirou fora os recursos mais preciosos que lhe foram confiados.

A constatação da eternidade da vida e o confronto com a própria consciência, nosso juiz íntegro e implacável, são os maiores castigos para aqueles que tentam burlar os desígnios de Deus.

Quem pode saber o tempo estipulado para a duração de uma vida física? Quem, em sua consciência, pode dizer que dispõe de muitos anos de vida, ou se está determinado a viver por pouco tempo, por poucos dias ou por poucas horas?

Um doente, desenganado pela medicina, condenado a morte iminente, pode ainda viver muito tempo, enquanto uma pessoa aparentemente saudável, para quem se prevê longa existência, pode tombar inesperadamente, seja de morte natural ou vítima de um trágico acidente.

A norte-americana, Karen Ann Quinlan, em 1975, aos 20 anos, entrou em coma ao ingerir um coquetel de calmantes e uísque durante uma festa. Foi diagnosticado que Karen jamais recobriria a consciência e que só viveria de um pulmão artificial. Seus pais pediram ordem à justiça para desligar os aparelhos e, assim, antecipar a morte de Karen. O tribunal de Nova Jersey atendeu à solicitação e o pulmão artificial foi desligado. Esperava-se que Karen morresse em seguida, mas o que se viu foi ao contrário, a moça continuou viva por mais dez anos.

Assim, sempre existe culpa por não se esperar o decidido na Lei de Deus. É preciso ter resignação e submissão à vontade do Criador, por mais difícil que isto se torne.

Por mais que se procure justificativas para o ato de antecipar a morte física de alguém, por mais que se busque atenuar ou disfarçar o impacto de se tirar a vida física de uma pessoa, mesmo que as leis humanas o permitam; eutanásia, suicídio, aborto, serão sempre crimes perante as leis de Deus.

A vida material nos foi concedida pelo Criador, só a Ele pertence.

Os seres humanos não devem abreviar a sua vida física, nem por um minuto, porque a antecipação desse minuto, pode acarretar muitas lágrimas e muitos sofrimentos no futuro.

Os Espíritos sabem a importância de viver na carne até o último segundo. Eles sabem compreender existências difíceis; a dor de um irmão, os problemas físicos de algumas reencarnações. Nisto tudo, o Espírito está se lapidando, tornando-se mais puro.

Nós nos comovemos diante de grandes tragédias. Homicídios que convulsionam a imprensa e mobilizam as equipes policiais. Furtos espetaculares inspiram vastas medidas de vigilância.

Assassínios, conflitos, ludibrios e assaltos de todos os tipos, criam guerras de nervos em toda a parte, e para coibir estas ignorâncias e delinquências, erguem-se cárceres e fundem-se algemas, organiza-se trabalho forçado e em algumas nações a própria lapidação de infelizes é praticada na rua, sem qualquer compaixão.

Todavia, existe um crime mais doloroso, pela volúpia da crueldade com que é praticado, no santuário doméstico ou no regaço da Natureza...

Crime estarrecedor, porque a vítima não tem voz para suplicar piedade e nem braços robustos para movimentos de reação.

Refiro-me ao aborto delituoso, em que pais inconscientes determinam a morte física dos próprios filhos, asfixiando-lhes a existência, antes que possam sorrir para a bênção da luz.

Humanos da Terra e, sobretudo, corações maternos, que são chamados à exaltação do amor e da vida, abstenham-se de semelhante ação que desequilibra o Espírito e entenebrece o caminho.

Fujamos do propósito errôneo de sufocar os rebentos do próprio seio, porque os anjos tenros que rechaçamos são mensageiros da providência, que muitas vezes, vêm no lar para o nosso próprio socorro.

Se não há lei humana que lhe puna o infanticídio, nos recintos familiares ou na sombra da noite; os olhos Divinos do Nosso Pai nos contemplam do Céu, chamando-nos, em silêncio, para as provas de reajuste, para que expurgue de nossa consciência a falta indesculpável que praticamos.

Ninguém avança sem saldar os seus débitos para com o passado. Paguemos todos os débitos que nos aprisionam aos círculos inferiores da vida, aproveitando o tempo de detenção no resgate, em maior aprimoramento de nós mesmos.

Amemos, aperfeiçoemo-nos! Identifiquemos no lar humano o caminho de nossa regeneração. A família consanguínea na Terra é o microcosmo de obrigações salvadoras, em que nos habilitamos para o serviço à família maior que, é a humanidade inteira.

O parente necessitado de tolerância e carinho representa o ponto difícil que nos cabe vencer, valendo-nos para melhorarmos em humildade e compreensão.

Um pai incompreensível, um esposo áspero, um filho inquietante, são lutas benéficas, onde podemos exercitar a paciência, a doçura e o devotamento até ao sacrifício...!

Valorizemos a oportunidade de reaproximação. Façamos da amizade o entendimento fraterno que tudo compreende e tolera, movimenta e ajuda, na extensão do Supremo Bem. A vizinhança e a convivência, no fundo, são dons que o Senhor nos concede no benefício de nosso próprio reajuste.

Agradeçamos as mãos que constroem a nossa existência, decorando-a com as tintas da alegria e da esperança, porém, tenhamos pensamentos de gratidão às criaturas que nos ferem com os espinhos da incompreensão, ensinando-nos a conviver e a servir.

Certa vez, um pedaço de carbono, misturado no monturo, pediu a Deus que o levasse a superfície da Terra para ser mais útil.

O Supremo Senhor ouviu-lhe a súplica e determinou que ficasse no subsolo para maturação.

O pequeno minério aceitou humildemente e lá permaneceu por vários séculos, suportando a química da Natureza, o assalto de vermes que habitavam o chão.

Um dia, o Senhor mandou arrancá-lo para atender aos seus ideais. Com golpes desapiedados e instrumentos de perfuração exumaram-no. O lapidário cortou-lhe o corpo, de vários modos, em minucioso burilamento.

Quando o carbono sublimado surgiu de todo aos olhos do mundo, Deus o havia transformado no brilhante, que passou a reinar entre os seres humanos, parecendo uma flor de arco íris com o fulgor das Estrelas.

Amado Jesus, abençoa esta hora que podemos nos reunir para aprender o Seu Evangelho.

Que juntos compreendamos, no campo em que lutamos, a rica sementeira da renovação e fraternidade em que, a todos nós cabe aprender e servir.

Que possamos, enfim, ser mais irmãos uns dos outros, no cultivo da paz, no respeito à vida física, pelo esforço no certo e no bem.

Assim seja!

14 - Bem-aventurados os aflitos 3 - item 29.

Aquele que está desgostoso da vida física, mas não querendo abreviá-la, será culpado, indo procurar a morte num campo de batalha, com o pensamento de torná-la útil?

"Aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; e o que perder a sua vida por minha causa, achá-la-á. Pois que aproveitará ao ser humano ganhar o mundo inteiro, mas perder a sua vida física ou causar dano a si mesmo? Ou o que se dará ao ser humano em troca de sua vida física?"

Palavras do Mestre Jesus. Assim falava aos seus discípulos há 2000 anos e ainda hoje está em plena atualidade porque, a maioria dos seres humanos não compreende as palavras de Jesus e continuam agindo em desacordo com a moralidade que elas encerram.

A lição presente nos fala do irmão que não quer matar-se deliberadamente, então ele se entrega a qualquer ato, para perder a sua vida física.

A vida física é um dom de Deus e nenhum ser humano tem o direito de tirá-la.

A religião, a moral, todas as filosofias condenam tirar a vida física voluntariamente. Todas dizem que não se tem o direito de abusar da vida física.

Por que não se tem o direito de tirar a vida física? Por que não se é livre para por termo aos sofrimentos?

O Espiritismo mostra o exemplo dos que se suicidaram, que não é apenas uma falta, mas uma grande infração à moral. O sofrimento do suicida também é pelo rompimento biológico; porque há ligação entre o Espírito, o corpo físico e as leis que regem a morte natural. A morte do suicida é como arrancar o fruto verde da árvore.

Enfrentando um campo de batalha, situações perigosas, desleixando a saúde, enfim, criando maneiras de perder a vida, sem extirpá-la com as mãos, é também um suicídio. O ser pensou, raciocinou em como provocar a sua morte. Então é uma morte premeditada. Portanto, não há mérito nenhum na sua morte. Há a grande surpresa ao ver-se no mundo dos Espíritos e que nada adiantou ter provocado a morte prematuramente. Então lembremos: "Aquele que quiser salvar a sua vida perdê-la-á".

Pobre dos irmãos que não têm coragem de suportar as misérias de sua existência e se acovardam, pondo fim em sua vida física. Querem fugir das responsabilidades, mas, cometendo o suicídio, cometem um assassinato, porque o suicídio não apaga as faltas, pelo contrário, ao invés de apagar uma aparecem duas faltas.

Lembremos novamente de Jesus: "Aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á".

Há os que se suicidam para impedir a vergonha de envolver seus filhos, sua família, por algum ato cometido. Este irmão está levando mais em conta a estima dos seres humanos do que a estima de Deus. Vão para o plano espiritual, carregados de iniquidade, tendo se privado dos meios de reparar suas faltas durante a vida material.

Relembremos de Jesus: "Aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á".

Muitos se suicidam, na esperança de mais cedo alcançar uma vida melhor. Esquecem que, para conseguir uma vida melhor, a melhor maneira é fazer o certo e o bem. Tirando a sua vida física, desobedecem às leis da criação, não escutam as palavras do meigo Nazareno: "Aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á".

Certos irmãos, não suportando a perda de entes queridos, se matam, na esperança de se juntarem a eles, porém o resultado é bem diverso, em vez de se unirem à sua afeição, afastam-se mais, porque a Lei de Deus não pode recompensar um ato de covardia. Pagarão esses instantes de loucura com aflições ainda maiores do que as que desejavam aliviar.

E, repetindo, Jesus disse: "Aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á".

Há o suicídio lento. São dos seres humanos que desejam aproveitar a maior soma possível de prazeres, causando danos a si mesmo, aniquilando e destruindo a sua vida física.

Milhares de invenções, cada vez mais insensatas, vêm se introduzindo na sociedade, com o propósito de causar sensações novas, aos partidários de que a felicidade consiste em grande dose de prazer, na sensualidade e na mesa. E quanto mais o ser humano se entrega a arte do prazer, comete erros inumeráveis, cujas consequências são as enfermidades sob variadíssimas manifestações e a duração normal da existência decresce.

Essas pessoas preocupam-se exclusivamente com a satisfação dos sentidos, com o gozo material da existência e acabam perdendo a vida física, numa sucessão ininterrupta de deleites animalizados.

As noites contínuas que se passam nos clubes, bares, teatros, casas de meretrício; o álcool, o fumo, as drogas, a intemperança, a moda, a tensão nervosa, constituem um conjunto de causas determinantes de fraqueza e de envelhecimento intelectual, elas são o apanágio desta geração.

Lembremos do que disse Jesus: "Pois que aproveitará ao ser humano ganhar o mundo inteiro, mas perder a sua vida física ou causar dano a si mesmo?".

Na loucura da humanidade ainda há o fator egoísmo, procurando satisfazer o seu eu inferior, proporcionando prazer à saciedade, com o qual o ser humano vai se suicidando lentamente. Isto vem confirmar a justeza do conceito: O egoísmo é destrutivo.

Se começarmos a analisar, veremos que há muitos e muitos modos de suicídio lento, que se estão cometendo todos os dias. As pessoas que se descontrolam e vão se deixando dominar, podem causar a sua morte física, porque o organismo começa a não aguentar tanta pressão.

Há os que ingerem tantos remédios que vão prejudicando o seu corpo físico e morrendo lentamente.

Outros se entregam à solidão, e vão morrendo aos poucos, porque não procuram se dar, fechando-se no seu mundo.

Alguns seres humanos sabem que estão doentes e não procuram se curar, ou pelo menos tentar a cura, coisa lógica de quem ama a vida.

Lembremos do que disse Jesus: "O que se dará ao ser humano em troca de sua vida".

O número de suicídios é maior onde a ambição e o materialismo se acentua, provocando mais abusos e excitando preconceitos. A falta de organização social justa, educação para todos, é a maior causa de suicídios e crimes. A falta de conhecimento dos ensinamentos do Mestre Jesus, do seu Evangelho, é o que leva ao suicídio.

Através da reencarnação sabemos que, mesmo suicida, teremos novas oportunidades, porque Deus é menos implacável que os seres humanos; perdoa o arrependimento sincero e leva em conta o esforço de resgate, porém, terão que reparar o erro.

O suicida, após um determinado tempo de tratamento em planos fronteiriços à Terra, retorna ao plano carnal, em regime de hospitalização na cela física, que lhes reflete as penas e angústias na forma de enfermidades e inibições. Segundo o tipo de suicídio, direto ou indireto, surgem as distonias orgânicas, que correspondem a calamidades congênitas, inclusive a mutilação, o câncer, a surdez e a mudez, a cegueira e a loucura, representando terapêutica providencial na cura do Espírito.

Junto a estes quadros de provação regenerativa, funciona a ciência médica espiritual, por missionária da redenção, ajudando a melhorar os enfermos, de conformidade com os créditos morais que atingiram ou segundo o merecimento de que dispõem.

Preservemos a existência como dom inefável, porque o corpo físico é instrumento divino, através dele, aprendemos a crescer para a luz e a viver para o amor, ante a glória de Deus.

Há o sacrifício da vida física que é meritório, porque tem por fim salvar a vida do próximo por amor. É sublime essa intenção.

Poucos são os que resolvem perder a vida física pelo Evangelho de Jesus, porque poucos são os que se acham dispostos a sacrificar o animal pelo espiritual. Esses gozarão a verdadeira vida, segundo a promessa de Jesus.

Deus não quer que o nosso sacrifício seja inútil. Não pode estar manchado de segundas intenções; de nada valerá. O sacrifício da vida física é válido quando há desinteresse, quando não tem orgulho. É preciso que tenha valor pela Lei de Deus, que conhece todas as nossas ações.

Muitos perdem a vida física para salvar o próximo e o fazem por amor. Outros perderam a vida física, levando a palavra do Evangelho aos gentios.

Há muitos cientistas que fazem testes com eles mesmos ou contraem doenças através de pesquisas. Seu sacrifício é meritório, quando visa apenas a ajuda à humanidade.

Então, mais uma vez, lembremos do que disse Jesus: "Aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á".

O plano espiritual tudo faz, para impedir que o ser humano não se desfaça da sua existência. Através desta narrativa, compreende-se bem:

- Uma viúva, com dificuldades várias de sustentar os seus filhos, apesar de esforços, cada vez mais minguava as suas possibilidades.

Certo dia sua situação chegara ao extremo da miséria. O inverno rigoroso minava a saúde de seus filhos, três deles estavam doentes no leito. E nada havia para comer. Vencida pelo desânimo pensou em deserdar da vida física. Batera em muitas portas e nada conseguira.

Ao ouvir seus filhos dizerem: Mamãe, nós estamos com fome! Começou a pensar em suicídio e a maneira de executá-lo. Seu Mentor, sentindo a situação perigosa, pediu permissão do alto para intervir. Conversando com seu colaborador, deliberaram conseguir auxílio material que aliviasse por algum tempo a situação, permitindo, ao mesmo tempo, que a fé e a confiança lhe dessem forças para o futuro. Enquanto o Mentor espiritual tentava transmitir à mulher, confiança e serenidade, o colaborador saiu à procurar ajuda material.

Foi até uma senhora abastada e conhecida por suas obras da assistência social, uma vez que o marido da pobre viúva fora empregado das indústrias da família. Encontrou-a lendo em confortável poltrona, a observar a chuva incessante. O Espírito aproximou e começou a falar-lhe aos ouvidos espirituais. A senhora perdeu a vontade de ler e começou a pensar na viúva, cujo marido morrera num acidente. Teve vontade imensa de ajudá-la, mas contemplando o dia chuvoso, não se animou, e resolveu que qualquer dia enviaria alguém para ajudá-la.

O colaborador, vendo que nada conseguiria ali, encaminhou-se à casa de um Espírita, que trabalhava já há algum tempo em grupos de assistência fraterna. Esperançoso, recordou-se da caridade e a beneficência. O dia já findava e o Espírito o encontrou tomando a refeição da tarde. Alegrou-se vendo a fartura de sua mesa e antegozou a utilização das sobras para ajudar a viúva. Aproximou-se dele, tocando-lhe a fronte e transmitiu o pensamento de socorro à viúva. Então o Espírita lembrou-se da pobre viúva que visitara. Disse à esposa: - você não tem noção de economia. Faz comida demais, enquanto tanta gente passa fome. Precisa fazer menos e evitar sobras. - Não posso adivinhar quanto vão comer todos os dias. Vocês variam tanto. E quando aparecem visitas? - Mas hoje não veio ninguém! Dá-me vontade de levar tudo para aquela viúva que visitei.

O Espírito, só escutando, exultou, mas a conversa continuou:

- Com uma chuva dessas? Vai se sujar de barro, não lembra quando esteve lá?

- É verdade. Não sei o que se passa. Algo me diz que ela precisa de nós. No próximo domingo, irei ter com os companheiros do Centro e proporei que façamos uma nova visita. E tomou um livro doutrinário pondo-se a lê-lo.

O benfeitor espiritual sentiu-se desanimado momentaneamente. Aqueles que se dizem cristãos e trabalhadores do bem, não se libertaram do comodismo e da preguiça, o que esperar dos demais? Orou e pediu auxílio a Jesus. Viu-se transportado para uma casa humilde, perto da casa da viúva. Uma mulher jovem, e envelhecida prematuramente, estava olhando com desdém o dinheiro sobre a mesa, deixado por um homem há poucos instantes. Vivía só. Nenhuma mulher da vizinhança a olhava. Não concordavam com a sua maneira livre de viver. Entretanto, jamais ferira os lares locais, seus admiradores eram de fora. Naquela noite sentia-se solitária, lembrava da orfandade que a separou dos irmãos, e da fraqueza que não soubera vencer.

Condoído com a situação mental, o Espírito aproximou-se e procurou reconfortá-la. Pensamentos de suicídio que turbilhonavam sua cabeça foram afastados. Teve vontade de fazer algo de bem. Juntou todo o seu dinheiro e os alimentos que possuía e rumou para a casa da viúva. Bateu à porta timidamente. - Dona Maria, deixe-me entrar por alguns momentos. Preciso lhe falar. E lhe deu o dinheiro e os alimentos. A viúva a abraçou agradecida, chorando de alegria. Sentindo-se compreendida, contou-lhe o seu sofrimento, sua solidão, seu desejo de suicídio.

Vendo nela o espelho do futuro, caso se suicidasse, deixaria seus filhos na orfandade.

- Grande é a bondade de Deus que me permitiu ver a tempo o abismo que ia abrir-se a meus pés. Jamais esquecerei que você foi o meu anjo salvador. Se quiser ter vida nova, pode ficar aqui e recomeçar. Lutaremos e venceremos. Será uma filha para mim. Abraçaram-se comovidas. Os amigos espirituais, felizes, oravam agradecendo a Deus.

O que aconteceu neste conto está acontecendo a todo instante no nosso planeta. O plano espiritual trabalha arduamente para evitar as catástrofes dos encarnados.

Devemos observar nossas intuições, principalmente as voltadas para a bondade, e estarmos sempre atentos para a cooperação do plano espiritual.

Orando sempre e procurando ter pensamentos corretos, seremos iluminados. Procurar entender o Evangelho de Jesus e vivê-lo é a nossa conquista para um mundo melhor.

Que Jesus nos abençoe!

15 - Bem-aventurados os aflitos 4 - item 30.

Senhor Jesus ilumine o nosso caminho, nesses instantes de Evangelho.

Livro dos Espíritos. - Pergunta 951.

- O sacrifício da vida física não é as vezes meritório, quando tem por fim salvar a de outros ou ser útil aos seus semelhantes?

- Isso é sublime, de acordo com a intenção, e o sacrifício da vida física não é então um suicídio. Mas Deus se opõe a um sacrifício inútil e não pode vê-lo com prazer, se estiver manchado pelo orgulho. Um sacrifício não é meritório senão pelo desinteresse, e aquele que o pratica tem às vezes uma segunda intenção, que lhe diminui o valor aos olhos de Deus.

Todo sacrifício feito à custa da própria felicidade é um ato soberanamente meritório pela Lei de Deus, porque é a prática da lei da caridade. Ora, sendo a vida física o bem terreno que o ser humano dá maior valor, aquele que a ela renuncia pelo bem dos seus semelhantes, não comete um atentado: é um sacrifício que ele realiza. Mas antes de o realizar, deve refletir se a sua vida não poderá ser mais útil do que a sua morte.

Lembre-mos que todas as nossas ações são submetidas às leis de Deus. Não há nenhuma delas, por mais insignificante que nos pareça, que não possa ser uma violação dessas leis. Nós sofremos as consequências da violação às leis divinas e não devemos nos queixar senão de nós mesmos, pois somos artífices de nossa felicidade e de nossa infelicidade.

Parábola. - A chama da vida.

- Senhor! Senhor! Tende piedade de mim!

O rogo aflitivo se espalhou como uma onda pelo éter e varou os espaços, ecoando nas diversas moradas do Criador.

Uma face luminosa se inclinou solícita, nalgum lugar do infinito, e uma voz que era a mais pura da harmonia se fez ouvir:

- Que queres meu filho?

- Pai! Livrai-me do tédio em que me encontro. Elevai-me a outras esferas onde possa encontrar a verdadeira felicidade...

- Está bem, meu filho. Toma então esta chama e desce ao plano da Terra.

- Que é esta chama? Quis saber o Espírito, acolhendo nas mãos côncavas a pequena labareda que bruxuleava à brisa suave do amanhecer.

- É a chama da vida materializada. Desce à Terra. Vive, ama e sofre entre os seres humanos. Este orbe é a grande escola dos que no teu grau desejam ou precisam evoluir. Serás senhor de ti no caminho da vida física que vais percorrer. Volta-te para o bem e ama a teu próximo como a ti mesmo. Não te esqueças que a caridade é a suprema fonte e ela te enriquecerá. Lembra-te sempre que a materialidade não é campo de prazeres, mas um filtro depurador do progresso espiritual. Quando a dor te atingir, sofre com resignação e, se o sofrimento te fizer dobrar como a um caniço sob a tempestade, eleva teu pensamento a mim e eu te aliviarei.

- E se for superior às minhas forças; não poderei libertar-me soprando a chama da vida?

Como que um trovão fez vibrar de horror as coisas belas do além.

- Minhas leis, oh! Pobre filho! É a própria perfeição. Não tens o direito de fugir à oportunidade ofertada de subires os degraus que te levarão a planos superiores. Apega-te à pequenina chama da vida e ai de ti se a apagares!

Houve um grande silêncio no espaço.

Trêmulo, com as mãos em concha, amparando a chama que oscilava, o Espírito ergueu-se sobre os joelhos e arrastando os pés iniciou a descida para a crosta da Terra.

Curvemo-nos ante o Eterno Criador de todas as coisas e lhe agradeçamos pela ventura que nos concedeu, mesmo que estejamos encarnados na miserável carcaça de um pária. Lembremo-nos que o Cristo, materializado como nós, sabendo o sofrimento que O aguardava, não desertou da Sua missão e sofreu na carne como qualquer um de nós, perdoando na cruz aos que O estavam martirizando.

Quando nossas dores e nossos sofrimentos morais, nos parecerem intoleráveis, volvamos nossos pensamentos para a prece raciocinada e conversemos com Deus, como filhos dirigindo-nos ao Supremo Pai, e fiquemos certos que Ele nos atenderá. Não cedamos ao desespero, pensando em libertarmo-nos com a morte. O suicídio não nos livrará do sofrimento em que nos encontramos, pois nossa vida Espiritual é imortal. Pelo contrário, depois da morte material, o Espírito continuará com as mesmas sensações que o martirizavam antes, com o acréscimo de ter lançado a Deus a maior injúria que é dado a um ente no Universo.

Soframos, pois, com paciência, atentando que a resignação é um degrau de depuração e progresso, e, ao divisarmos o pórtico da morte material, tenhamos pelo menos a satisfação de dizer: Senhor, defendi até o meu último alento a chama da vida física que Vós me confiastes.

Em muitas fases da nossa evolução, somos imantados às teias da carne, que sempre reflete a individualidade inerente, assim como a argila é conduzida ao calor da cerâmica ou como o metal impuro é arrojado ao cadinho fervente, a depuração exige esforço, sacrifício, paciência...

Quando o Espírito apreende alguma nesga de glória universal, desperta para as mais sublimes esperanças. Sonha com os acessos às esferas divinas, suspira pelo reencontro com amores santificados, que o esperam em vanguardas distantes, aceitando então, duros trabalhos de reajuste.

O que representa para nós algum tempo de renúncia na Terra, em confronto com a excelssitude eterna em mundos de sabedoria e trabalho enaltecendor?

Todos os seres progredem e avançam para Deus. O ser humano terrestre crescerá para o grande entendimento e louvará, feliz, o concurso da dor.

O embrião do Jequitibá se torna, com os anos, um tronco vetusto, rico de beleza e utilidade. O Espírito se transforma, com os milênios, em gênio soberano, coroando-se de amor e sabedoria.

À medida que a nossa consciência nos aclara e nos engrandece a noção de responsabilidade, reconhecemos que a nossa dignificação espiritual é serviço intransferível.

Devemos a nós tudo mesmos quanto nos sucede, seja em matéria de certo ou bom e de errado ou ruim.

Nós estamos modelando nossa individualidade imperecível no espaço e no tempo, ao preço de continuadas e difíceis experiências.

É indispensável: saibamos louvar a oportunidade de servir, sem jamais desmerecê-la. Estamos muito distantes da redenção total e, todos nós, com alternativas mais ou menos longas, devemos abraçar a luta da carne, de modo a solver com dignidade nossos velhos compromissos. Ontem fomos auxiliados, hoje nos cabe auxiliar.

É pelo trabalho que nos depuramos, pouco a pouco, de nossas imperfeições. A Terra, em sua velha expressão física, não é senão energia condensada em época imemorial, agitada e transformada pelo trabalho incessante, e nós, criaturas de Deus, nos mais diversos degraus da escala evolutiva, aprimoramos e crescemos em conhecimento, em sublimação através do serviço... O verme, arrastando-se trabalha em benefício do solo e de si mesmo; o vegetal, respirando e frutescendo, ajuda a atmosfera e auxilia-se; o animal, em luta perene, é útil à gleba em que se desenvolve; o Espírito, em constantes peregrinações, através de reencarnações variadas, conquista os valores indispensáveis à sublime ascensão...

Somos filhos da eternidade, em movimentação para a glória da verdadeira vida, e só pelo trabalho, ajustado às leis Divinas, alcançaremos o real objetivo de nossa marcha!

Na condição espiritual em que ainda nos situamos, não sabemos orientar os nossos desejos para o melhor. Nosso amor ainda é insignificante migalha de luz, sepultado nas trevas do nosso egoísmo, qual ouro que se acolhe no chão, em porções infinitesimais. Nossa vida física na Terra oscila sempre entre a dor e o prazer, a lágrima e o sorriso. Se de repente vem a tempestade, logo mais se abrirá o horizonte na apoteose do arco-íris.

Devemos ser ponderados, assim conseguiremos evitar fatalidades.

Jesus está sempre nos chamando: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, eu os aliviarei".

Para ir a Jesus, teremos que seguir as trilhas do burilamento, ter esperança, fazer-se humilde, ter serenidade na resignação, sair de si mesmo, servir aos outros, perseverar no melhor.

O Evangelho à luz do Espiritismo, tem o que procuramos.

Nas mágoas e provações que afligem o Espírito, nós já usamos inúmeros remédios, que não melhoraram nossa dor, porém, não examinamos a farmacopeia da vida.

Falta-nos a terapêutica essencial.

Experimentemos Jesus!

Obrigada, e que Jesus nos abençoe!

16 - Bem-aventurados os aflitos 5 - item 31.

O irmão de Chico Xavier, José Xavier, morrerá. Todos em casa estavam tristes. Amigo, bom, compreensivo, Zé Xavier muito representava para o Chico e para a casa.

O pai de Chico, tristonho à porta, vigiava o corpo estendido na sala humilde. Era o filho que partia. Não era Espírita o pai de Chico, e suportava o trabalho em favor do Evangelho com muita má vontade.

Por isso, naquele dia, era de mau humor que recebia o povo que vinha falar com o Chico. Apesar de ter a morte em casa, a luta do médium continuava e os sofrendores procuravam-no ali mesmo, com o corpo do seu irmão exposto.

- O que vocês querem? Exclamava o velho Xavier. Receita? Para que? Não estão vendo que o irmão do Chico está morto? Está aí na sala e o Chico nada fez por ele! As receitas não servem para nada! Não estão vendo que o próprio irmão morreu? Deixem de bobagem e vão embora por que o Chico não cura ninguém.

Chico sorriu e disse:

- De fato ele tinha razão: eu não curo ninguém. Nem Jesus curou a todos...

Ficamos pensando na história de Chico como entreato às nossas meditações! "Nem Jesus curou a todos".

É claro que a indignação do velho Xavier era justa, até certo ponto. No seu entender, aquela multidão ali, procurando o Chico insistentemente, sem lhe dar sequer o direito de sofrer com a família. O dia era de dor. Chico também estava atingido pela dor.

Mas é uma grande lição. Não só para nós, porém, para todos. Os fariseus também gritavam para Jesus que expirava no madeiro infamante:

- Se és Salvador, salva-te a ti mesmo! Desce da cruz, se podes, e vem libertar Israel! Médico, cura-te a ti mesmo!

Mas o Senhor permaneceu ali, indiferente às palavras desvairadas. Embora dono de todo o poder, cumpria-lhe sorver o cálice da amargura até o fim.

Não deveria descer da cruz, mesmo podendo fazê-lo, porque aquela era a sua hora e não tinha o direito de fugir aos desígnios de Deus.

Chico, por sua vez, deveria ver o irmão morrer, pois era o desígnio de Deus que seu irmão partisse antes dele.

Há muita gente que se revolta e acredita que, este ou aquele, poderia salvar o seu filho, sua esposa ou a sua mãe. Esquecem que todos nós iremos partir, deixar o nosso corpo físico e, que, este dia chegará no justo momento.

Até mesmo Jesus, em toda a Sua glória, teve a Sua hora.

Compreendam estas coisas, e viverão!

Por tudo isso que o Chico ouvira e passara, ele se resignava, pois era a vontade do Pai Eterno e, assim, se submetia, tinha plena compreensão que todos por isso passam.

Somente a resignação, a fé nos desígnios de Deus, não nos deixa chegar ao desespero, encontramos forças para tudo suportar, porque acreditamos num Pai justo e misericordioso.

Esta lição do Evangelho nos fala dos sofrimentos proveitosos, sejam materiais ou morais.

Nós estamos cercados de corretos exemplos, que podem nos ajudar diariamente a melhorar-nos, retirando destes exemplos o melhor que podemos aproveitar.

Chico Xavier foi um grande exemplo na atualidade, principalmente para os Espíritas. Dedicou-se plenamente a sua missão de escrever livros psicografados, para levar a palavra de Jesus, o consolo aos irmãos de todos os lugares.

De vida simples e humilde, vivendo exclusivamente do seu salário e, muitas vezes, dando o pouco que tinha, é sempre um exemplo.

Os apóstolos de Jesus; quantos exemplos de fé, de amor, humildade e perseverança.

O próprio Jesus é o nosso maior exemplo. Fez-se humilde, nasceu numa manjedoura, viveu entre os simples, mostrando que é a pureza de coração que nos leva ao Pai Eterno.

O doce Rabi da Galiléia que esteve entre nós, há dois mil anos, continua nos chamando, para que nos voltemos para o Eterno Farol e assim evitemos tanto sofrimento e tanta dor.

Nós não prestamos atenção aos exemplos constantes à nossa volta. Colocamos um véu em nossos olhos e só enxergamos o que desejamos enxergar.

Jesus, nosso Mestre maior, continua enviando à Terra muitos exemplos para que os sigamos sem dificuldades.

O nosso irmão, trabalhador amoroso da casa Espírita, que sempre ali esteve, humilde, doando o seu trabalho, ele serve como um exemplo, para que doamos um pouquinho de nós. Todos nós, sem exceção, temos algo para dar.

No ano de 1995, a rede globo nos mostrou um aposentado, que recebe somente um salário mínimo para viver e já tem 80 anos; carpindo terrenos baldios, ali planta mandioca, batata, beterraba e outros legumes, depois colhe e leva às entidades de caridade tais como: creches e asilos. Do seu salário compra as sementes.

Vamos nos mirar nestes exemplos que o Senhor nos dá. Cada cérebro, cada mão, tem algo para realizar, algo para atender a solicitação do Messias Salvador.

Devemos ter as mãos ativas, os gestos seguros, a mente sábia e seguir o Caminho do Mestre.

Nós devemos consolar os aflitos, os enfermos, dar ânimo aos que se sentem desencorajados, mostrando o amor de Jesus e o Seu exemplo, que mesmo na cruz, pediu ao Pai que nos perdoasse, pois não sabíamos o que fazíamos.

Onde estivermos, vamos semear a semente do correto exemplo, porque sabemos que algum irmão, encarnado ou desencarnado, vai seguir este caminho.

Francisco de Assis é um grande exemplo de amor. Tornou-se humilde à vontade de Jesus. Procurou dar amor, sem nada pedir em troca e em sua oração nos ensinou que é dando que se recebe e é perdoando que se vive para a vida eterna.

Todos os grandes vultos da humanidade, em todas as épocas e em todos os povos, passaram para o tempo exemplos decisivos.

Cervantes ficou paraplégico da mão esquerda e foi preso sob acusação insolvente, mesmo assim legou um tesouro de literatura à Terra.

Victor Hugo esteve exilado durante 18 anos; nunca abandonou o trabalho, e depôs o seu corpo físico no solo de sua pátria, sob admiração do mundo inteiro.

Faraday foi ajudante de ferreiro para custear seus estudos e, no entanto, tornou-se num dos físicos mais respeitados pelas nações.

Allan Kardec sofreu, por mais de uma década, insultos e sarcasmos dos seus contemporâneos, mas não desanimou, entregando para a posteridade o luminoso patrimônio da Codificação.

No Brasil, Bezerra de Menezes abdicou-se das fulgurações da política humana e da posição de médico ilustre, partiu da Terra em extrema necessidade material, o que não impediu a sua elevação ao título de apóstolo.

Nós reclamamos contra o infortúnio que nos visita, desesperamos sem reação construtiva nas horas de luta.

O Senhor e os Seus aprendizes abnegados que O seguiram, tiveram o caminho marginado de prantos e sacrifícios. E nós, queremos viver em paz, sem o menor esforço?

Não podemos nos deixar vencer pelos obstáculos. A resignação humilde, as lágrimas e os sorrisos, anseios e ideais, consolações e esperanças, constroem sobre a criatura invisível auréola de glória, que se exterioriza em ondas de simpatia e felicidade.

Quando o carro de nossa vida física estiver transitando pelo vale da aflição, recordemos a paciência e continuemos trabalhando, confiando e servindo Jesus.

Então vamos seguir os exemplos, meus irmãos, e sermos exemplos no nosso lar, no nosso trabalho, na comunidade que participamos.

Nós sabemos quanto é curta e, sobretudo, difícil a nossa vida física na Terra, pois a qualquer momento ela pode ser interrompida. Por isso devemos, a cada dia, tomar conhecimento dos ensinamentos de Jesus, para que não sejamos surpreendidos.

Aquele que deve passar longos anos, num país estrangeiro, se preocupa com a situação em que se encontrará no mesmo. Como não nos preocuparmos com o nosso futuro espiritual?

Como cremos em Deus e em Seu filho Jesus Cristo, acreditamos numa vida futura. Esta vida futura depende unicamente de nós, porque após a morte física, conservamos nossa individualidade

espiritual. A consequência da vida futura depende da responsabilidade dos nossos atos aqui na Terra.

Deus nos adverte a cada instante, se fazemos o certo ou o errado: envia Espíritos que nos inspiram. Temos a todo tempo exemplos corretos, para seguirmos o caminho da luz.

Somos condutores de nossas vidas e Ele nos dá o livre arbítrio. Para nos ajudar mais ainda, consente que nos reencarnemos muitas vezes, até entendermos a verdadeira felicidade e não empregarmos erroneamente o nosso tempo.

Vamos estudar o Evangelho de Jesus, para que tenhamos mais compreensão da vida futura.

Que o Mestre nos ilumine!

CAPÍTULO VI

O CRISTO CONSOLADOR

O jugo leve. - Consolador prometido. - Instruções dos Espíritos:
Advento do Espírito da Verdade.

O JUGO LEVE

1. Vinde a mim, todos vós que penais e que estais sobrecarregados e eu vos aliviarei. Tomai meu jugo sobre vós, e aprendei de mim que sou brando e humilde de coração, e encontrareis o repouso de vossos Espíritos. Porque meu jugo é suave e meu fardo é leve. (*Mateus, cap. XI, v. 28 a 30*).

2. Todos os tormentos: misérias, decepções, dores físicas, perda de seres queridos, encontram sua consolação na fé no futuro, na confiança na justiça de Deus, que Jesus, o Cristo, veio ensinar aos humanos. Sobre aquele, ao contrário, que não espera nada depois desta vida, ou que duvida simplesmente, as aflições caem com todo seu peso, e nenhuma esperança vem suavizar-lhe a amargura. Eis o que levou Jesus, o Cristo, a dizer: Vinde a mim, todos vós que estais fatigados e eu vos aliviarei.

Entretanto, Jesus, o Cristo, coloca uma condição à sua assistência e à felicidade que promete aos aflitos. Essa condição está na lei que ensina, seu jugo é a observação dessa lei. Mas esse jugo é leve e essa lei é suave, uma vez que impõem por dever o amor e a caridade.

(Os irmãos materialistas ou desiludidos com as 'religiões tradicionais' dizem: 'Qual 'razão' para eu seguir alguém que nunca vi, não conheço, e os que falam dele não merecem minha confiança?'. Só a Doutrina dos Espíritos pode oferecer essa 'razão'!)

CONSOLADOR PROMETIDO

3. Se vós me amais, guardai meus mandamentos. E eu pedirei a meu Pai, e ele vos enviará outro Consolador, a fim de que permaneça eternamente convosco: o Espírito da Verdade que o mundo não pode receber, porque não o vê e não o conhece. Mas quanto a vós, conhecê-lo-eis porque permanecerá convosco e estará em vós. Mas o Consolador, que é um Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo aquilo que eu vos tenha dito. (*João, cap. XIV, v. 15, 16, 17 e 26*).

(Aqui se apresenta um interessante problema: ... um Santo Espírito foi 'convenientemente' traduzido por o Espírito Santo, e assim ficou adaptado ao sistema ternário das igrejas...)

4. Jesus, o Cristo promete outro Consolador: O Espírito da Verdade, que o mundo não conhece ainda, porque não está maduro para compreendê-lo, que o Pai enviará, em nome de Jesus, o Cristo, para ensinar todas as coisas, e para fazer recordar aquilo que Jesus, o Cristo, disse. Se, pois, o Espírito da Verdade deve vir mais tarde ensinar todas as coisas, é que Jesus, o Cristo, não disse tudo. Se ele vem fazer recordar aquilo que Jesus, o Cristo, disse, é porque isso foi esquecido ou erroneamente compreendido.

O Espiritismo vem, no tempo marcado, cumprir a promessa de Jesus, o Cristo: o Espírito da Verdade preside à sua instituição, chama os humanos à observância da Lei de Deus e ensina todas as coisas em fazendo compreender o que Jesus, o Cristo, não disse senão por parábolas. Jesus, o Cristo, disse: "Que ouçam os que têm ouvidos para ouvir", o Espiritismo vem abrir os olhos e os ouvidos, porque fala sem figuras e sem alegorias. Ele ergue o véu deixado propositalmente sobre certos conhecimentos, vem, enfim, trazer uma suprema consolação aos deserdados da Terra e a todos aqueles que sofrem, dando uma causa justa e um fim útil a todas as aflições.

Jesus, o Cristo, disse: "Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados". Mas de que forma se achar feliz sofrendo não sabendo por que se sofre? O Espiritismo mostra-lhe a causa nas exis-

tências anteriores e na destinação da Terra, onde o humano expia seu passado. Mostra-lhe o objetivo naquilo em que os tormentos são como crises salutares que conduzem à cura e são depuração que assegura a felicidade nas existências futuras. O humano compreende que mereceu sofrer e acha o tormento justo. Sabe que esse tormento ajuda o seu progresso, e o aceita sem lamentar, como o obreiro aceita o trabalho que deve lhe valer seu salário. O Espiritismo lhe dá uma fé inabalável no futuro, e a dúvida pungente não mais se abate sobre o Espírito. Fazendo-o ver do alto, a importância dos tormentos terrestres se perde no vasto e esplêndido horizonte que ele descortina, e a perspectiva da felicidade que o espera lhe dá a paciência, a resignação e a coragem de ir até o fim do caminho.

Assim o Espiritismo realiza o que Jesus, o Cristo, disse do Consolador prometido: conhecimento das coisas, que faz o humano saber de onde vem, para onde vai e porque está na Terra. Chamamento aos verdadeiros princípios da Lei de Deus, e consolação pela fé e pela esperança.

(Se mesmo com a ‘documentação’ correta a Doutrina dos Espíritos não for aceita, deve-se o respeito total ao livre-arbítrio! Haverá outras encarnações!)

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

ADVENTO DO ESPÍRITO DA VERDADE

5. Venho, como antigamente entre os filhos transviados de Israel, trazer a verdade e dissipar as trevas. Escutai-me. O Espiritismo, como antigamente minha palavra, deve lembrar aos incrédulos que acima deles reina a verdade imutável: o Deus bom, o Deus grande que faz germinar a planta e eleva as ondas. Revelei a Doutrina divina e, como um ceifeiro, reuni em feixes o certo esparso na Humanidade e disse: Vinde a mim, todos vós que sofreis!

Mas os humanos ingratos desviaram-se do caminho reto e largo que conduz ao reino do Pai, e estão perdidos nos ásperos e estreitos caminhos da impiedade. O Pai não quer aniquilar a raça humana. Quer que, ajudando-vos uns aos outros, encarnados e desencarnados, estes, mortos segundo a carne, porque a morte espiritual não existe, vos socorraís e que, não mais a voz dos profetas e dos apóstolos, mas a voz daqueles que não estão mais na carne, se faça ouvir para vos proclamar: Orai e crede! Porque a reencarnação é a ressurreição, e a vida física é a prova escolhida durante a qual vossas virtudes cultivadas devem crescer e se desenvolver como o cedro.

Humanos fracos, que compreendeis as trevas de vossos conhecimentos, não afasteis a luz que a bondade divina coloca entre vossas mãos, para iluminar vosso caminho e vos conduzir, filhos perdidos, ao regaço de vosso Pai.

Estou muito tocado de compaixão pelas vossas misérias, pela vossa imensa fraqueza, para não estender mão segura aos infelizes transviados que, vendo o mundo espiritual, tombam no abismo do erro. Crede, amai, meditai as coisas que vos são reveladas. Não mistureis o joio ao trigo, as utopias às verdades.

Espíritas! Amai-vos, eis o primeiro ensinamento. Instruí-vos, eis o segundo. Todas as verdades se encontram no Cristianismo. Os erros que nele se enraizaram são de origem humana, e eis que, além do túmulo, que acreditáveis o nada, vozes vos clamam: Irmãos! Nada perece. Jesus, o Cristo, é o vencedor do erro, sede os vencedores da impiedade.

(O Espírito da Verdade, Paris, 1860).

(Espíritas! Amai-vos, eis o primeiro ensinamento. Instruí-vos, eis o segundo.

O primeiro ensinamento é o mesmo que Jesus, o Cristo, proferiu. Mas como ‘amar’ sem conhecer as razões e o caminho desse aconselhado ‘amor’? Somente estudando...)

6. Venho ensinar e consolar os pobres abandonados. Venho lhes dizer que elevem sua resignação ao nível de suas provas. Que chorem, porque a lágrima foi sagrada no jardim das Oliveiras. Mas que esperem, porque os Espíritos consoladores virão enxugar suas lágrimas.

Obreiros, preparai a terra. Recomeçai no dia seguinte a rude jornada da véspera. O labor de vossas mãos fornece o pão terrestre ao vosso corpo físico, mas vossos Espíritos não estão esquecidos, e eu, divino jardineiro, os cultivo no silêncio de vossos pensamentos. Quando a hora do repouso tiver soado, quando a trama dos vossos dias escapar de vossas mãos, e quando vossos o-

lhós se fecharem à luz, sentireis surgir e germinar em vós minha preciosa semente. Nada está perdido no reino de nosso Pai, e vossos suores, vossas misérias, formam o tesouro que deve vos tornar ricos nas esferas brilhantes, onde a luz substitui as trevas e onde o mais desnudo de vós todos será, talvez, o mais resplandecente. Em verdade, vos digo: aqueles que carregam sua cruz e que assistem seus irmãos são meus bem amados. Instruí-vos na preciosa Doutrina que dissipa o erro das revoltas, e que vos ensina o objetivo sublime da prova humana. Como o vento varre a poeira, que o sopro dos Espíritos dissipe a vossa inveja contra os ricos do mundo que, frequentemente, são muito miseráveis, porque suas provas são mais tormentosas que as vossas. Eu estou convosco e meu apóstolo vos ensina. Bebei da fonte viva do amor e preparai-vos, presos na vida física, para vos lançar um dia livres e alegres no seio d'Aquele que vos criou fracos para vos tornar perfeitos, e que quer que vós mesmos trabalheis vossa maleável argila, a fim de serdes os artífices de vossa imortalidade.

(O Espírito da Verdade, Paris, 1861).

(Instruí-vos na preciosa Doutrina que dissipa o erro das revoltas, e que vos ensina o objetivo sublime da prova humana.

Sempre o ‘mesmo’ conselho esclarecedor; instruí-vos! Quando é que nos resolveremos ‘instruir’?)

7. Sou o grande médico dos Espíritos, e venho vos trazer o remédio que deve curá-los. Os fracos, os atormentados e os doentes são meus filhos prediletos, e venho salvá-los. Vinde, pois, a mim, todos vós que sofreis e que estais sobrecarregados, e sereis aliviados e consolados, não procureis por aí a força e a consolação, porque o mundo terreno não as pode dar. Deus fez, aos vossos corações, um apelo supremo pelo Espiritismo: escutai-o. Que a impiedade, a mentira, o erro, a incredulidade, sejam extirpados de vossos Espíritos doloridos. São esses os erros que sugam o vosso sangue mais puro, e que vos ferem quase sempre mortalmente. Que no futuro, humildes e submissos ao Criador, pratiqueis sua divina Lei. Amai e orai, sede dóceis aos Espíritos do Senhor. Invocai-o do fundo do coração e, então, Ele, através da Sua Lei, vos enviará seu filho bem amado para vos instruir e vos dizer estas boas palavras: Eis-me aqui. Venho a vós porque me chamastes.

(O Espírito da Verdade, Bordéus, 1861).

(O ‘médico’ sempre receitando o mesmo remédio para a nossa cura, mas não queremos usar esse remédio! Portanto, não podemos reclamar...)

8. A Lei de Deus consola os humildes e dá a força aos aflitos que lha pedem. Seu poder cobre a Terra e, por toda parte, ao lado de uma lágrima coloca ela um bálsamo que consola. O devotamento e a abnegação são uma prece contínua, e encerram um ensinamento profundo, a sabedoria humana reside nessas duas palavras. Possam todos os Espíritos atormentados compreender essa verdade, ao invés de reclamar contra as aflições, os tormentos morais que são, neste mundo, o vosso quinhão. Tomai, pois, por divisa estas duas palavras: devotamento e abnegação, e sereis fortes, porque elas resumem todos os deveres que vos impõem a caridade e a humildade. O sentimento do dever cumprido vos dará o repouso do Espírito e a resignação. O coração bate melhor, o Espírito se asserena e o corpo físico não tem mais desfalecimento, porque o corpo físico sofre tanto mais quando o Espírito está mais profundamente atingido.

(O Espírito da Verdade, Havre, 1863)

(Tudo tem o seu momento. No caso do Espírito, esse momento está no próprio. Não adianta, nem tentar, impor um tempo diferente ao Espírito irmão, ele é que tem o poder de se decidir! Mesmo com ‘dores’ respeitamos a Lei de Deus, os dois se encontrarão no devido momento desse Espírito! Não queremos isso para nós também? O nosso livre-arbítrio acompanha os conselhos do nosso orgulho e egoísmo!)

EXPLANAÇÕES

01 - O jugo leve - itens 1 e 2.

A menina levantou o rosto do livro que estava lendo e perguntou:

- Papai, quem foi Esopo?

O senhor descansou o jornal sobre os joelhos, tirou os óculos, limpando-os cuidadosamente com o lenço, dizendo por fim:

- Esopo foi um escravo, notável pelas extraordinárias histórias que imaginava. Tão notável ele foi, que tendo vivido há 2500 anos, ainda conhecemos as suas fábulas.

- Ele era preto? Quis saber a criança.

- Não minha filha. Antigamente havia escravos de todas as raças, puros ou mestiços. Eles eram o principal produto das guerras. Um povo que vencia o outro, reduzia a escravos seus adversários sobreviventes. Assim é que, havia cativos que eram verdadeiros gênios nas artes, nas letras e nas ciências da época. Esopo, por exemplo, embora fosse um anão disforme, era tão extraordinário que o solicitavam nas reuniões festivas da alta sociedade ateniense, para diverti-la com o brilho de sua inteligência.

- Podia contar uma história de Esopo?

- Posso minha filha.

O senhor dobrou o jornal e pondo-o sobre a mesa começou:

- Numa encruzilhada se encontram dois burrinhos e, como iam pelo mesmo caminho, puseram-se a conversar.

- Que é que fazes da vida? Perguntou o animal que tinha uma mancha clara sobre a testa.

- Ai de mim, meu amigo! Lamentou o outro, sacudindo o rabo pelado. Sou um desgraçado! Imagine que meu amo negocia com sal e eu, todos os dias, sou obrigado a carregar no lombo este peso imenso que me mata de cansaço. Olhe para mim como estou suado. Já imaginou carregar sacos pesadíssimos o dia todo? E você, o que faz?

- Levo às vezes peso bem grande, mas não me queixo. Agora, por exemplo, estou folgado. Sabe o que há nesta enorme carga que tenho aqui nas costas?

- Maçãs?

- Não. Esponjas!

- Que felizardo!

E o burrinho de rabo pelado entrou a lamentar-se e a chorar, propondo por fim trocaram de carga para que ele pudesse descansar um pouco.

O burrinho de mancha clara tinha um bom coração e quis aliviar o amigo. Trocaram as cargas. Daí por diante o burro de rabo pelado ficou todo prosa, escarnecendo o colega que começava a suar sob a carga que não lhe pertencia.

Acontece que o caminho ia dar num rio, que era preciso atravessar e o burrinho de mancha clara, sem delongas, meteu-se na água. Enquanto atravessava para o outro lado, o sal foi se derretendo. Chegando a outra margem o animal respirou aliviado, pois os sacos estavam vazios.

Ao ver isso, o irrisignado burrinho do rabo pelado meteu-se à água, certo de que a levíssima carga que levava diminuiria ainda mais de peso. Qual não foi a sua surpresa e angústia ao sentir que as esponjas encharcavam e pesavam como chumbo. Debateu-se em vão e terminou afogado.

Nessa apresentação, a parábola é simples, mas de grande ensinamento.

O burrinho de mancha clara estava ciente que deveria cumprir o seu trabalho. As vezes sua carga era pesada, às vezes era mais leve. Porém ele era resignado no cumprimento do seu dever. Aceitava com mansidão a sua tarefa.

Assim devemos ser nós que, ora carregamos cruz pesada, ora carregamos mais leve. Aceitando com resignação nossa caminhada, acreditando que dias melhores virão e que Jesus não desampara ninguém. Pois o Mestre nos disse: "Vinde a mim, vós que estais fatigados, e eu vos aliviarei".

E ainda, mesmo cercados de todas as dificuldades, devemos dar a mão ao nosso próximo, tal qual o burrinho que, na estrada, ajudou o companheiro a levar a sua carga. E foi recompensado, pois no final do caminho, sua carga tornou-se leve e conseguiu completar o seu trajeto.

Também nós, no final de nossa jornada, perceberemos que a cruz não é pesada, que o jugo é leve, que nós tornamos nossa cruz mais leve ou mais pesada. Depende apenas de nós. O Pai Divino, não põe fardo pesado em ombros que não possa carregar.

Porém, o outro burrinho, quis transferir a sua carga, passar o seu peso para o outro e andar folgazão. Ainda zombava do companheiro. E no final da caminhada, sua carga tornou-se mais pesada. Assim, também nós fazemos, depois que vestimos o corpo de carne, esquecemos nossas obrigações e nos encantamos com a vida material, abandonamos nossa cruz. Além de não conseguirmos carregar o nosso peso, ainda acrescentamos mais. Então, teremos que novamente carregar a cruz que deixamos de levar e, muito mais, porque fomos irresponsáveis.

No final, ao invés de diminuir o peso de nossa carga, nós aumentamos, fazemos nossa cruz ficar ainda mais pesada. Precisaremos de muito mais reencarnações, para recuperarmos o tempo perdido e enxergamos que o jugo era leve, a cruz estava com o peso que podíamos carregar.

Como nosso Pai Eterno nunca nos abandona, Ele sempre nos dá mais uma chance. E assim vamos reencarnando, até acordarmos para a verdadeira vida.

Não lamuriemos se nossa cruz é grande e pesada. Não invejemos os nossos vizinhos se sua vida parece próspera e feliz. Nós merecemos o que passamos hoje e talvez o futuro daqueles que invejamos seja tremendamente trágico ou ele já carregou os fardos mais pesados.

A voz do Divino Mestre não cessa de nos chamar: "Se alguém quiser vir nas minhas pegadas, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e siga-me".

E conclui:

- "Aquele que quiser salvar a si mesmo, perder-se-á; e aquele que se perder por amor de mim e do Evangelho se salvará".

Atendamos ao generoso apelo. Tomemos nossa cruz, sejam elas leves ou ásperas, macias ou pesadas, e tapemos os ouvidos às torpezas douradas da materialidade, procurando nos salvar espiritualmente, trilhando pelo caminho luminoso do Evangelho.

Talvez nossos familiares, amigos ou conhecidos, não querendo atender ao convite de Jesus, nos escarneçam ou nos odeiem. Em vez de amargurarmo-nos, rejubilemo-nos, certos que grandes recompensas estarão reservadas, no futuro eterno da espiritualidade. Se encontrarmos algum desses irmãos caídos na estrada, vamos ampará-lo, auxiliá-lo e erguê-lo, certos que o Cristo abençoará nosso gesto.

Os ensinamentos do Mestre dos Mestres são maravilhosos. O Seu Evangelho está aberto a todas as criaturas que desejam tomar conhecimento do Seu enunciado.

Por isso que o Nazareno assim se expressou:

- "Aprende de mim que sou humilde e manso de coração".

- "Tomai o meu jugo e o meu fardo".

- "Sede um comigo, assim como eu sou um com o Pai Celestial".

- "Eu sou o caminho, a verdade e a vida, só por mim ireis ao Pai".

Só com Jesus encontramos a força para domar as nossas paixões, só Ele tem a verdade que esclarece, a vida que alimenta; só Nele vemos o caminho que nos conduz a Deus.

Para comungar em pensamento com Jesus é preciso estudar Seus ensinamentos e por em prática Suas ordenações.

A disciplina, o estudo, o trabalho, o raciocínio, a boa vontade, são elementos indispensáveis para chegarmos ao Mestre e com Ele aprendermos a ser humildes e mansos de coração, para poderemos desvendar as maravilhas da vida eterna.

O Cristianismo prega a imortalidade do Espírito, que foi a missão de Jesus a nos ensinar.

Em Jesus vemos os seus exemplos de amor. Jesus é a vida que se manifesta no ser humano e ao ser humano.

Jesus se manifesta vivo aos seres humanos, para que todos compreendam que o Espírito vive e que a morte física é uma transformação para um estado melhor.

Que Jesus Cristo nos auxilie, para que alcancemos com menos dificuldades a graça prometida.

02 - Consolador prometido - itens 3 e 4.

Entretanto digo-vos a verdade: convém que eu vá; pois se eu não for, o Consolador não virá a vós; porém eu vou, e eu vo-lo enviarei; - quando ele vier, convencerá o mundo no que respeita ao erro, à justiça e ao julgamento; - no que respeita ao erro, porque eles não terão acreditado em mim; - no que respeita à justiça, porque eu vou ao meu Pai e vós não me vereis mais; - no que respeita ao julgamento, porque o príncipe deste mundo já está julgado.

Tenho ainda muitas coisas a vos dizer, mas não podeis suportar agora.

Quando este Espírito de Verdade vier, ele vos ensinará toda a verdade, pois não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas vindouras.

Ele me glorificará, porque receberá do que está em mim e vo-lo anunciará.

Neste enunciado, Jesus esclarece bem, o quanto ainda não estávamos preparados para receber os Seus ensinamentos.

Por isso Ele nos diz que não acreditaríamos Nele: - É o que respeita ao erro - não tínhamos ainda entendimento de suas palavras. No que respeita a justiça - Ele cumpriu as ordens do Pai Celestial, que por amor a nós, O enviou, e mostrou-nos que devíamos amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos. No que respeita ao julgamento - Jesus voltava ao Pai, sem necessidade de ser julgado, porque fizera exatamente como o Pai Eterno lhe ordenara e ainda anunciou a vinda do Consolador, para que a humanidade entendesse melhor o amor de Deus por ela, e os seus ensinamentos.

A doutrina de Moisés permaneceu circunscrita ao povo judeu; a de Jesus, mais completa, espalhou-se por toda a Terra. E o Espiritismo, tendo raízes em todas as crenças, converterá a humanidade. A palavra Espiritismo não lembra nenhuma personalidade; ela encerra uma ideia geral, que indica, ao mesmo tempo, o caráter e a fonte múltipla da Doutrina.

A Doutrina dos Espíritos é o Consolador prometido por Jesus, porque se manifesta a todas as raças da Terra. Por toda parte os Espíritos proclamam a verdade em que ela se apoia: O Evangelho de Jesus. A Doutrina dos Espíritos convida o ser humano a meditar em Deus e na vida futura, e oferece a todos, com o ensinamento da palavra, a divina esperança e a paz do coração. Satisfaz a todos, aos mais aprimorados Espíritos, como aos mais modestos, mas dirige-se principalmente aos que sofrem, aos que vergam ao peso de rude labor ou dolorosas provações.

A todos que tem necessidade de uma fé viril que os ampare em suas lutas, em seus trabalhos e aflições. Ele se dirige a grande massa humana, a essa multidão que se tornou incrédula, desconfiada de todo dogma.

Com a Doutrina dos Espíritos, a morte física perdeu o seu caráter fúnebre. Não é mais o rei dos assombros e sim o renascimento, é a áurea porta que se abre para os mais belos horizontes. E quando o ser humano dissipar os preconceitos, compreenderá a serena beleza e majestade que se chama morte física.

Graças a Doutrina dos Espíritos, sabemos que a morte física não nos separa dos entes queridos. É uma consolação saber que os seres amados que nos precederam para o além, por nós velam e nos ajudam na senda da existência. Muitas vezes estão do nosso lado, invisíveis, prontos a nos assistir na nossa aflição, a nos socorrer no infortúnio, e esta certeza nos infunde a serenidade de Espírito.

Os ensinamentos dos Espíritos nos desenvolvem os conhecimentos e os elevados sentimentos; contribuem para nos tornar melhores, mais confiantes na bondade de Deus e no futuro. Assim se realiza e se revela aos nossos olhos a lei da fraternidade e solidariedade, que liga todos os seres e da qual a humanidade sempre teve intuição.

O estudo do Espiritismo ensina que a vida é combate pela luz; a luta e as provas não cessam com a conquista do certo e do bem moral. A influência moralizadora do Espiritismo penetra pouco a pouco nos mais diversos meios, dos mais cultos aos mais degradados e obscuros.

A ação salutar da Doutrina dos Espíritos, não exerce efeito somente sobre os Espíritos encarnados; estende-se também aos habitantes do mundo espiritual.

Mediante relações estabelecidas entre os dois mundos, os adeptos esclarecidos podem agir sobre os Espíritos ainda perturbados e, com palavras de piedade, consolação, sábios conselhos, arranca-os do erro, do ódio e do desespero. O Espiritismo exerce em todos benéfica influência.

No espaço melhora o estado de Espíritos perturbados, permitindo aos seres humanos esclarecidos colaborar em sua reabilitação. Na Terra introduzem, na ordem social, poderosos elementos, conciliação e progresso. Esclarece os obscuros problemas da existência, oferece remédio eficaz contra as utopias perigosas, contra as imoderadas ambições. Aplaca o ódio, acalma as paixões violentas e restabelece a disciplina moral, sem a qual não pode haver entre os seres humanos nem paz e nem harmonia.

Os Espíritos recomendam que devemos aprender a conhecer a nós mesmos, recolhendo-nos ao nosso íntimo, conhecendo as leis que regem as sociedades e os mundos, sejam material ou espiritual.

Devemos aprender que possuímos unicamente o que nos confere o nosso valor moral, o nosso grau de adiantamento.

Não invejemos a riqueza, ela impõe grandes deveres e onerosas responsabilidades. Não aspiremos a vida de ociosidade e luxo; o trabalho e a simplicidade são os melhores instrumentos para o progresso e felicidade vindoura.

Tudo é regulado na quantidade certa, nada é entregue por acaso. A nossa situação nesse mundo é a que nós preparamos para nós mesmos.

Por isso, devemos suportar com paciência todas as ocorrências de nossa vida física, são necessárias e foram escolhidas por nós mesmos. A dor é um meio de elevação; o reajuste do presente repara os erros de outrora e engendra as felicidades do futuro.

A existência terrestre não é mais que uma página do grande livro da vida, uma breve passagem que liga duas imensidades - a do passado e a do futuro.

O globo que habitamos é apenas um ponto no espaço, uma instância inferior, uma escola de educação, de preparação para os mais altos destinos.

Confiemos na Divina Sabedoria, desempenhando a nossa tarefa, porque ela nos distribui o que livremente, antes de nascer, escolhemos. Trabalhemos com intrepidez e consciência para melhorar a nossa sorte e a dos nossos semelhantes; esclarecendo a inteligência com os conhecimentos, desenvolvendo a razão.

Não podemos medir a Justiça Divina pelo círculo restrito do presente, porque a Justiça Eterna não é a justiça dos humanos.

Quanto mais árdua for a tarefa, mais rápido será o adiantamento.

Deste mundo não levamos bens e nem honras, unicamente levamos as aptidões adquiridas e os aperfeiçoamentos realizados.

Que o nosso olhar se erga acima da Terra.

Com a proteção dos Espíritos, dos nossos guias espirituais, socorros não nos faltarão e se os chamarmos com fervor, avançamos no caminho da vida espiritual.

Amar aos nossos irmãos e praticar com todos a caridade e a justiça. Constituímos uma grande família oriunda de Deus.

A única felicidade, a única harmonia neste mundo só é realizável pela união fraternal com os nossos semelhantes.

Jesus é o iniciador, no mundo, do culto do sentimento, na religião do amor. A religião de Jesus não é exclusivista: une todos os Espíritos num vínculo comum. Assegura a todos o direito de participar do Reino de Deus. Jesus preparou a regeneração da humanidade. Enviou o Consolador, constituindo uma mensagem nova para os tempos modernos, capaz de ajustar os seres humanos no caminho do seu destino cósmico.

Através de Allan Kardec, os Espíritos ditaram os maravilhosos ensinamentos da Doutrina Consoladora. E continuam nos enviando mensagens de muita sabedoria e equilíbrio, para que tenhamos ânimo de prosseguir a jornada da evolução. São missionários do amor e Jesus é o Mestre excelso!

Obrigada Jesus e que possamos entender a Vossa vontade, para que seja cumprida a lei.

Que o Vosso nome não fique em vão nos nossos caminhos, nas nossas atitudes, no nosso amor para Convosco e com o próximo.

Ajuda-nos Senhor a aumentar a nossa fé! E que ao sairmos daqui sejamos interligados pela luz onde brilham as Estrelas, ainda que distantes umas das outras.

Que se faça a Vossa vontade e não a nossa.

Assim seja!

03 - Advento do Espírito de Verdade - item 5.

O ser humano, desde as eras primárias da civilização, tem a ideia de um poder superior, que o vem guiando através de seus caminhos.

A Religião sempre constituiu o maior fator moral / social, apesar de apresentar a divindade à semelhança do ser humano, em seus ensinamentos públicos.

O Cristianismo inaugurou um novo ciclo no progresso espiritual, renovou as concepções de Deus no seio das religiões. Todavia, houve várias interpretações escriturísticas sobre o Cristianismo e houve algumas seitas que tentaram, e tentam, ser as únicas representantes do Cristianismo.

Muitas igrejas têm levado longe a luta religiosa, esquecendo-se que a Providência Divina é Amor. Com as suas interpretações do Evangelho, estabeleceram dogmas de fé ligados ao aspecto material, nutrindo-se de fortunas iníquas, prejudicando os necessitados e infelizes.

Conseguiram se impor à humanidade em um período mais remoto de evolução. Então caducaram, depois que a ciência obscureceu a sacristia.

Porém o progresso não conhece obstáculos.

A ciência desvendou, aos seres humanos, perspectivas inconcebíveis do infinito; o telescópio descortina a grandeza do Universo e novos conhecimentos cosmogônicos mostraram outra concepção do Criador. Ao desvendar, paulatinamente, as grandiosidades da natureza invisível, a ciência se encantou com a beleza de tão lindos mistérios e estabeleceu o caminho positivo para encontrar Deus, assim como descobriu o mundo microbiano, ao preço de minuciosas investigações. A divindade das religiões da época era defeituosa e deformada, porque seus atributos eram exclusivamente humanos e seus interesses escravizados aos desejos do mundo. A confusão estabeleceu-se.

Então, o ser humano despido das vestes da puberdade, com o juízo amadurecido para assimilar algo de verdade, com as investigações da ciência, com as ideias religiosas latentes desde os tempos primitivos e com as profecias do Divino Mestre, da vinda do Consolador, derramou-se a luz sobre toda a carne, e os emissários do Alto, segundo as suas possibilidades e os méritos individuais, auxiliados pela ascensão do conhecimento humano, tomou visão dos planos elevados da espiritualização.

O Espírito de Verdade fez sentir claramente a grandeza do ensinamento do Evangelho de Jesus, dirigindo-se ao coração e ao raciocínio.

O Céu descerrou um fragmento do seu mistério e a voz dos espaços se fez ouvir.

Foi assim que, no momento oportuno, surgiu a Religião de verdade na Terra.

Muitas igrejas continuaram estagnadas na Terra, no obsoletismo, vivendo exclusivamente de materialidade e simbolismo, incapaz de sancionar ideias novas. As conquistas científicas não coadunavam com os dogmas dessas igrejas. O Espiritismo, em suas lições magníficas, alargou a perspectiva de vida Universal, explicando e provando que a existência não se observa somente na face da Terra opaca e cheia de dores.

Há Céus inumeráveis e inumeráveis mundos, onde a vida palpita numa eterna mocidade; todos eles se encadeiam, se abraçam dentro do magnetismo universal, vivificados pela luz, imagem real da Divindade, presente em toda parte.

A carne é uma vestimenta temporária, organizada segundo a vibração espiritual, e esta mesma vibração esclareceu todos os enigmas da matéria.

A Doutrina dos Espíritos veio desvendar, ao ser humano, o panorama de sua evolução e esclarecê-lo no problema de suas responsabilidades, porque a vida física não é privilégio da Terra obscura, mas a manifestação do Criador em todos os recantos do Universo.

Como Espíritos nós viveremos eternamente, através do infinito e, o conhecimento da imortalidade, expõe o nosso dever de solidariedade para com todos os seres em nosso caminho; por esta razão, a Doutrina dos Espíritos, é uma síntese gloriosa de fraternidade e de amor. O seu grande objetivo é esclarecer a inteligência humana.

Tomara possam os seres humanos compreender a excelsitude do ensinamento dos Espíritos e aproveitar o fruto bendito das suas experiências; com o entendimento esclarecido e a interpretação com fidelidade do: "Amai-vos uns aos outros" em sua profunda significação.

Os instrutores espirituais do plano encarnatório em que nos achamos, regozijam-se com todos os triunfos da nossa ciência, porque toda conquista importa em grande esforço e, pelo trabalho perseverante, o ser humano conhecerá todas as leis que lhe presidem o destino espiritual.

A perfeição é o grande objetivo do Espírito e se processa, naturalmente, com a subida de vários degraus evolutivos. Quem evolui, renova-se para certo e o bem, transforma-se para melhor.

O alvo do Espiritismo está na iluminação interior dos Espíritos, conseguido esse objetivo, todos os demais problemas serão solucionados, sem delongas e sem maiores dificuldades, de acordo com a magnífica visão de Jesus: "Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a Sua Justiça; tudo o mais vos será dado por acréscimo".

O reino Divino, das realidades da vida espiritual, encontra-se na consciência humana, e o ensino do ser humano para descobrir, este reino, em si próprio é a magna questão. Tudo mais é acessório. A missão da Doutrina Espírita é precisamente essa: esclarecer, iluminar a mente do ser humano, de modo que ele descortine, com clareza, o roteiro que o conduzirá à realização do maravilhoso destino espiritual que lhe está reservado.

O programa espírita que se desvia deste roteiro, que é o do esclarecimento, não corresponde à Doutrina dos Espíritos. Acima de tudo está a iluminação das consciências.

Essa obra de levar o ser humano ao conhecimento de si mesmo, é uma obra que não aparece, não se revela de pronto, para se colher desde logo o fruto da sementeira. Porém, não se deve preocupar com isso, porque o que é nosso às nossas mãos virá, não importa quando e nem onde. Deve-se cumprir o dever que o momento impõe. Deus dá a cada um o que de direito lhe caiba.

Se procurarmos saber a grande carência do mundo, nestes momentos angustiosos que ora passa, chegaremos a grande conclusão que é; - a compreensão. Se os seres humanos tivessem compreensão, entender-se-iam facilmente, desaparecendo as causas que os dividem e os infelicitam.

A terceira revelação, que é o Espiritismo, está destinada a missão de projetar na razão humana as claridades divinas.

A época em que estamos requer abnegação, renúncia e trabalho. Com esses elementos, a Doutrina dos Espíritos consumará a sua obra de regeneração individual e social.

O Espiritismo, para vencer, não precisa de vultosas somas; não precisa de bafejo dos grandes e poderosos da Terra, não precisa de numerosos prosélitos: basta que possa contar com o coração das mães, com a autoridade paterna dentro dos lares e com a modesta colaboração do mestre na escola.

O ser humano é uma obra perfeita, e nem pode deixá-lo de ser, de vez que foi criado por Deus. As obras de Deus são vivas. Onde há vida, há movimento e crescimento.

Para frente e para o alto, eis a legenda gravada em cada átomo do Universo. Os defeitos e prejuízos humanos não são a imperfeição da obra, apenas o estado atual de acabamento em que a mesma se encontra.

O ser humano é obra viva, com inteligência e consciente de si próprio. O Supremo Artista infunde vida às suas obras e elas se agitam, crescem, sobem e transcendem, aperfeiçoando e aprimorando-se sempre.

O ser humano mesmo colaborará, com Deus, na obra do seu crescimento e da sua evolução. Daí o mérito e demérito de cada um. À medida que vai se aprimorando, melhor irá refletindo a Divina imagem, por quem foi criado.

Só em Jesus; o sublime, o caráter adamantino, o paradigma da perfeição, podemos ver a imagem de Deus refletir-se em sua pureza e excelsitude. Por isso Ele pode dizer com autoridade: "quem me vê a mim, vê ao Pai".

E, seguindo as pegadas do Mestre, estamos caminhando no ciclo evolutivo.

Instalemos a luz da compreensão dentro de nós, procurando amar, procurando respeitar, procurando honrar, procurando confiança, aceitando a luta do dia e, sempre lembrando que, o Divino Pai, está utilizando os recursos que desconhecemos, para nossa melhoria.

Que Jesus esteja com todos nós!

04 - A Corola desabrochou: Afinal - item 6.

Perto de Assis, Itália, uma igreja muito pobre teimava em sobreviver a ação do tempo. Não fosse a pertinácia de um velho sacerdote, e há muito ela não seria frequentada por mais ninguém - os poucos fiéis que acorriam à igreja de São Damião eram tão pobres quanto a vetusta construção e seu pároco. Situava-se em uma pequena colina, de difícil acesso, entre Oliveiras e outras árvores frutíferas. Não obstante, ali era um recanto ideal para repouso e meditação.

O velho sacerdote, certa manhã, foi surpreendido por um fato inusitado: um cavaleiro de aparência nobre subia a escarpada rampa e se dirigia a uma Oliveira, onde amarrou o seu cavalo branco. Olhou em torno, como a ver se alguém o estava observando, e entrou na igreja.

Ajoelhou-se com profundo respeito diante do modesto altar da Virgem Mãe e permaneceu longo tempo em silêncio e oração, até ao cair da noite. O fato se repetiu por várias vezes e o sacerdote não tivera, até então, desejos de perturbar o recolhimento do rapaz.

Às vezes saía do templo e ficava sentado na escadaria, a contemplar o Subário, com suas montanhas azuis, e a ouvir o cântico dos pássaros. Sua fisionomia, por vezes, se transformava. O pároco teve oportunidades de surpreendê-lo falando sozinho e notava que os passarinhos não fugiam dele, ao contrário, vinham em bandos, e ali demoravam, como se Francisco fosse uma frondosa árvore.

Em uma de suas meditações, diante de um velho crucifixo, Francisco Bernardone orou em voz sussurrante:

- Pai de infinito amor e bondade, Tu que perscrutas o mais íntimo de nossos sentimentos e sabes o que se passa com teu servo, dize-me por misericórdia, o que devo fazer? Tenho sentido Tua Divina presença em minha vida. Teus mensageiros celestes me fazem ouvir vozes e me mostram em sonhos muitas maravilhas do teu reino. Todavia, Senhor, sinto-me como que aturdido diante de tantos fenômenos estranhos, pois ninguém me explica nada. Quando digo a alguma pessoa, inclusive aos padres, certas coisas que me acontecem, riem de mim e me chamam de louco. Quando chegará o tempo em que a Tua Verdade será conforme prometeste aos Teus Santos Apóstolos, quando falaste do Consolador? Quando virá a Revelação, Senhor, para que o mundo não mais te conserve crucificado, amarrado, como se quisessem que permanecesse acorrentado, preso, sem forças para libertar-nos? Quando virá Senhor, o Espírito de Verdade? Quando nos mandarás um mensageiro preparado por Ti, para desnudar todas as coisas que não quiseste dar, porque, àquela época, não suportariam?

Meu Mestre, eu sinto dentro de mim, que há outra vida além da sepultura... E não posso aceitar, meu Senhor, o que dizem a respeito dos Espíritos comunicantes, que são maus e demônios. Choro de tristeza, meu Senhor, porque há tanta força querendo obstruir os Teus ensinamentos!

O colóquio com o crucificado terminou com a aparição de uma luz de rara beleza que fez desaparecer a imagem, e uma voz que saía daquela luz, assim falou:

- Deus te ama! Ama a ti, e é a ti que quer!

O corpo de Francisco recebeu um jato fluídico emitido pelos mensageiros celestes, e entrou em levitação.

- Que queres de mim, Senhor? Perguntou sorrindo e com os olhos marejados de lágrimas.

- Não vês que minha casa ameaça ruína? Vai, pois, e a repara.

Francisco ligou-se, de imediato, com o aspecto da igreja de São Damião, que estava a ponto de ruir. Não atinara, de pronto, em que a casa a que se referia a voz, era o corpo de Sua Doutrina e respondeu:

- Fá-lo-ei de bom grado Senhor.

O velho sacerdote naquele dia estava ausente. Havia saído para pedir esmolas para o próprio sustento. Dali em diante, Francisco era visto a soluçar. Quando lhe perguntaram:

- Por que choras? Sentes alguma dor? Respondia:

- Não, não sinto dor. Eu choro a paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo e por ela não me devo envergonhar de chorar diante de todo mundo.

E contagiava a todos os que dele se aproximavam.

A Corola desabrochava e inebriava a todos com o seu perfume.

O Consolador prometido por Jesus, não é uma doutrina individual, uma concepção humana e ninguém vai dizer que é o seu criador. É o ensino coletivo dos Espíritos, ensino qual, preside o Espírito de Verdade.

"... mas o Consolador, o Santo Espírito, a quem o Pai enviará em meu nome, esse ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito". João - 14:26

A presença do Consolador se evidencia nos fins do século XI e XII, na Itália, quando três médiuns, devotados católicos, através da psicografia, anunciam a encarnação de Francisco de Assis, conforme nos conta o consagrado escritor René Fulop Miller em seu livro católico - Os Santos que abalaram o mundo. São eles: Isabel de Schonau, Hidelgarda, abadessa de Rupertsberg, e o abade Joaquim de Celena, da Calábria.

Temerosa de desrespeitar seus superiores religiosos, Isabel repele as visões e ordens dos Espíritos. Mas eles persistem e ditam:

- Foste chamada a revelar o que está oculto. Clama em alta voz, clama aos ouvidos do mundo. Ai de vós! O mundo inteiro jaz nas trevas. A vinha do Senhor esterilizou-se. Não há ninguém para cultivá-la. O Senhor enviou seus operários, mas eles estão ociosos. A Cabeça da Igreja está doente e seus membros estão mortos. E Isabel obedece.

Os Espíritos de luz e de rara beleza aparecem a Hidelgarda e ordenam:

- Oh! Humana fraqueza! Cinzas de cinzas! Fragilidade de fragilidade! Fala e escreve o que vês e ouves! Não como to seria agradável e de teu gosto, mas escreve de acordo com a vontade d'Aquele que conhece tudo e tudo ordena, nas ocultas profundezas do teu conselho. O tempo da desgraça haverá de passar. Um menino brincarà com os pássaros e animais, sem o conhecimento do perigo, e perto dum ninho de víboras. Sua choupana será casa de oração para todas as nações e ele e seus amigos sairão a marcar com o sinal da cruz aqueles que vivem em inocência.

Com os mesmos receios de Isabel, Hidelgarda diz as visões: - Sinto-me desapontada e sem saber como poder proclamar o que me revelais.

- Porque és tímida, responde o Espírito. - E não queres falar. Não fales e nem escrevas a maneira dos humanos, mas escreve segundo o dom divino que te foi concedido. E aciona a mão de Hidelgarda e ela escreve: - "Sou apenas a trombeta e passo adiante o som que o trombeteiro sopra dentro de mim".

O abade Joaquim de Celena, também conhecido como Joaquim de Flores, profetizava: - "A vinda de um novo João na Itália, com um evangelho de pobreza". Ele faleceu em 1202, quando Francisco de Assis começava a estarrecer a cidade de Assis, e nessa época a Igreja Católica ingressa em dias esperançosos.

A comunicação entre os mundos visível e invisível é um fato e um valor. Se não o fosse, o Senhor Jesus não se apresentaria a Pedro, Tiago e João, no monte Tabor, em Sua plenitude de luz das luzes, como Cristo, falando a Moisés e Elias.

Através do Espiritismo, hoje sabemos que Francisco de Assis é a encarnação do apóstolo de Jesus que escreveu o Apocalipse - João Evangelista.

Francisco de Assis é uma das promessas anunciadas pelo Senhor Jesus em Seu Evangelho, para a orientação da humanidade. Ele é um dos Espíritos Superiores que constituem um conjunto denominado Consolador.

Espíritos de Verdade o Senhor nos tem enviado a todo o tempo, para que paulatinamente vamos compreendendo a grandeza do Seu amor por nós. A todo o tempo estamos sendo ajudados.

Quando encarnou Francisco de Assis, aconteciam as Cruzadas, lutas pelo pedaço de terra onde o Cristo nasceu. Pobres criaturas ignorantes que somos! O Cristo de Deus veio nos ensinar as coisas do Pai.

E até hoje, temos Irmãos em Luz, a nos guiar.

Um Espírito fala a Francisco: - Francisco!... Não penses ser o rei do mundo, e o responsável por todos os concertos da Terra. Tu és um soldado entre muitos, que já estão caminhando por misericórdia de Deus. O Senhor não envia Seus milicianos, para frente das lutas, para que eles fiquem preocupados com o que vai acontecer; dá a cada um, um dever a ser cumprido. O resto é por conta d'Aquele que tudo sabe e tudo dirige.

Se ajudares uma formiga que seja, a aceitar o caminho do formigueiro, estando perdida, já estarás fazendo alguma coisa no âmbito dos teus deveres, e, uma gota que seja de amor que doares,

faz parte do grande suprimento da vida, a vida de Deus. Não queiras fazer tudo sozinho, pois esse impulso é oriundo do egoísmo! O jato de luz solar se divide para melhor servir à Terra e aos humanos, aos animais e as coisas!

Não percas tempo, no tempo que te favorece o aprendizado, e faze o melhor onde estiveres, que encontrarás Deus nas mínimas atitudes, desde que nelas palpites o amor...

Obrigada Irmãos Espirituais, pelo ensinamento que estamos obtendo, para o enriquecimento dos ensinamentos do Mestre Jesus em nós!

05 - Espírito de Verdade - Bordeaux, 1861 - item 7.

Espírito Santo, Consolador, Paraclito, Espírito de Verdade, o que significam estas denominações? Representam uma só entidade? Ou tantas entidades quanto anunciam?

No meio desta aparente confusão, há sabedoria. Se Jesus falasse de uma determinada individualidade, prometendo enviá-la após a sua partida do cenário humano, naturalmente daria uma única designação.

Porém, o Mestre dizia: Espíritos, e usou várias vezes esta expressão, dando a entender que se tratava de uma coletividade e não de uma individualidade.

Jesus empregou designações no singular, ao invés de uma só no plural, para nos ensinar também que, entre os Espíritos do Senhor, reina uma comunhão de sentimentos e de ideias, de modo que o conjunto deles forma uma unidade. Assim se aclara, outra expressão do Mestre: "Pai quero que eles (os apóstolos) sejam um em mim, como sou um contigo".

Então, o Consolador, é o ensino coletivo dos Espíritos, ensino no qual, preside o Espírito de Verdade.

Jesus não veio ao mundo fundar uma igreja como tantas já existentes no Seu tempo.

Os organizadores de seitas religiosas agiram visando estabelecer igrejas suas, com caráter pessoal, embora falassem das Escrituras, da ética, da ciência ou qualquer outra base. Todos eles personalizaram seus feitos. Por isso as separações, que dividiram a humanidade no seu credo. Enquanto Jesus veio unir e irmanar os seres humanos numa aspiração comum, na consecução dos seus destinos que são os mesmos de todos. Jesus não veio à Terra trazer um sistema religioso a mais.

A Sua missão foi revelar Deus para a humanidade. No desempenho desse mandato revelou ao mundo a religião verdadeira, isto é, como amar a Deus; como amar aos irmãos, amigos ou adversários e com isso nos mostrou que, o caminho de Deus, não está necessariamente dentro das igrejas e sim dentro de nós, na nossa vontade de evoluir, de conhecer a verdade.

Mostrando Deus e a Sua Justiça, Jesus instrui os seres humanos no conhecimento da Verdade Eterna, ensinando que da ignorância vem todos os males e sofrimentos.

Exemplificando Deus e a Sua justiça, não fez obra Divina: revelou a obra Divina. Ele destruiu o personalismo, a filosofia ensinada na época, as seitas, fazendo os seres humanos verem que devem buscar Deus, e não criar religiões, porque a religião é a verdade e a verdade é eterna e está com Deus. Por isso as Suas palavras: "Nada faço de mim mesmo, mas em tudo procedo conforme a vontade do Pai. A Doutrina que ensino não é minha, mas Daquele que me enviou. Quem me rejeita, não rejeita a mim próprio, mas Aquele que me enviou".

Deus se revela ao mundo de todas as formas. Nas maravilhas da criação, na harmonia dos astros e do Universo, na sabedoria das leis que regem a mecânica celeste - todas são manifestações inequívocas da Divindade.

Contudo, Deus precisava revelar-se no íntimo do ser humano. Deus quis manifestar-se através do certo e do bem, como já se havia manifestado através do belo. Ele quis mostrar-se no interior, como já havia se mostrado no exterior.

O mundo já O conhecia através de Sua força, do Seu poder, da Sua inteligência, da Sua sabedoria.

Era absolutamente necessário que O conhecesse através do Seu amor.

Já O tinham visto como Supremo arquiteto, Senhor dos Céus e da Terra. Era mister, que O conhecessem na intimidade, como Pai, através do perdão, da misericórdia, da solicitude e da bondade.

Dessa maneira, não havendo na Terra quem pudesse revelá-Lo, então, veio Jesus ao mundo, desempenhar essa missão.

A natureza revela Deus objetivamente. Jesus no-Lo revela subjetivamente, através do amor, da verdade, da justiça. A Natureza fala-nos de Deus à razão. Jesus fala-nos de Deus ao coração.

Os profetas, intermediários entre o Céu e a Terra, falaram de Deus como seres humanos. Jesus, como Cristo, fala de Deus na qualidade de divindade do próprio Deus.

Os profetas refletiam Deus através das imperfeições humanas. Jesus refletiu-O com fidelidade, porque não havia nesse Espírito mancha alguma que pudesse empanar o brilho da divindade.

Revelar Deus e a Sua justiça; eis a missão de Jesus Cristo.

Eu sou o caminho, a verdade e a vida: Ninguém vai ao Pai senão por mim - disse Jesus aos seus discípulos.

Esta é a verdade de Jesus.

A verdade não é aquilo que nos convém, nem o que nos interessa, nem o que nos é afim, nem mesmo aquilo que podemos aceitar com simpatia. A verdade é o que é: é a realidade viva e crua, consoante a revelação que os fatos atestam, tantas quantas vezes se apele para o seu testemunho.

A verdade é, muitas vezes, aquilo que não queremos que seja; aquilo que nos desagrada; aquilo com que antipatizamos; aquilo que nos prejudica o interesse, nos abate e nos humilha; aquilo que nos parece extravagante, e até mesmo aquilo que não cabe em nós.

A verdade não se acomoda ao ser humano, nem às coisas desta vida física. O ser humano é que se há de acomodar a ela, se a quiser conhecer e possuir.

A verdade é sempre senhora e soberana; jamais se curva; jamais se torce; jamais se amolda.

Quem desconhece a verdade é indigno da mesma verdade, porque só a desconhecem aqueles que a rejeitam. E seres humanos há que tão repetidamente a têm repudiado, que acabam por não mais saber o que ela seja, como sucedeu a Pilatos e ao Sinédrio.

A sociedade é composta, em sua maioria, de Pilatos e Sinédrios, originando-se daí as intermináveis controvérsias e querelas em torno das questões claras e simples.

Os seres humanos perderam a noção da verdade; tantas vezes a sacrificaram em prol de seus mesquinhos interesses. Não obstante, o mundo precisa da verdade, e sem ela não pode passar.

Os seres humanos empregam mil engenhos, e mil artifícios, para sustentar o regime da mentira, cujos proventos imaginam fruir; mas as coisas vão se complicando de tal maneira, que num dado momento não haverá mais engenho, nem artifício capaz de sustentar a falsa situação em que se colocam; tal é a origem das grandes comoções sociais.

A verdade às vezes custa tudo o que possuímos. Tal é a interpretação das palavras do grande Mestre da verdade: "Quem não abre mão de tudo quanto tem, não pode ser meu discípulo".

Aí o Mestre dos Mestres nos ensina a trazer sempre a verdade em nosso coração, porque seremos verdadeiros discípulos do Mestre quando compreendermos Suas palavras, e somente através do Seu Evangelho conseguiremos esse discernimento.

Devemos trabalhar para a verdadeira propriedade e só ela deve nos interessar. A verdadeira propriedade é a nossa consciência, que nos acompanha para sempre. E no celeiro da nossa consciência espiritual, devemos acumular bens, aqueles imperecíveis que granjeamos pelos esforços de cada dia, pela educação, pela instrução, pela disciplina, pela dor e através de todos os problemas.

As propriedades do mundo são enganosas, por nos prender nas regras humanas, onde acumulamos os bens terrenos. Temos de montar guarda e defendê-los, arriscando a própria vida, e eles nos levam geralmente a determinadas ações, contrárias à nossa moral, desfazendo a nossa dignidade. O verdadeiro sábio nada possui, para não ficar preso ao ouro; o verdadeiro santo é despido de fortuna, para não ser escravo.

O nosso guia é Nosso Senhor Jesus Cristo e com Ele devemos aprender a trabalhar sem vínculos às coisas do mundo, porque a verdadeira propriedade é aquela que podemos guardar no coração; são os talentos falados pelo Evangelho e, estes carregaremos conosco por onde andarmos, sem medo de que os ladrões nos roubem, porque são intransferíveis e eternos, irradiando-se no centro de nossa vida espiritual. São conquistas que ficarão conosco eternamente, pelas bênçãos do nosso Pai celestial.

Não entendam que estamos desprezando o ouro do mundo, porém, quando ele chegar às nossas mãos, devemos canalizá-lo para os devidos lugares, onde for mais necessário. Estando tudo no lugar certo, é bênção de Deus para a felicidade do ser humano.

A verdadeira propriedade é discernimento, é cordialidade, é saber ouvir, é entender sem ferir, é trabalhar por amor, é falar ajudando, porque os valores de Deus não poderão estacionar no Espírito, presos pelo egoísmo.

O tesouro do Céu aumenta em nós na proporção em que o distribuirmos, porque é dando que recebemos.

Que Jesus, nosso Mestre, continue nos iluminando!

06 - Espírito de Verdade - item 8.

E eu rogarei ao Pai e Ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber, porque não vê, nem o conhece, vós o conhecereis, porque ele habita convosco e estará entre vós.

Não vos deixareis órfãos, voltarei para vós outros. João. Capítulo 14, vers. 16 a 18.

Mas o Consolador, o Santo Espírito, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito. João. Capítulo 14, vers. 26.

Mas eu vos digo a verdade. Convém-vos que eu vá, porque se eu não for, o Consolador não virá para vós outros; se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei. Quando ele vier vencerá o mundo do erro, da justiça e do juízo. João. Capítulo 16, vers. 7 e 8.

Quando vier o Espírito de Verdade, ele vos guiará a toda a verdade, porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas que hão de vir. Ele me glorificará porque há de receber do que é meu, e vo-lo há de anunciar. João. Capítulo 16, vers. 13 e 14.

Nestes trechos bíblicos, do Novo Testamento, está bem clara nas palavras de Jesus a vinda do Consolador, ou Espírito de Verdade, ou Santo Espírito - tudo isto significa o ensino coletivo dos Espíritos, em que preside o Espírito de Verdade, que é a Vontade, o Amor do nosso Pai Celestial. E desde a vinda do Mestre Jesus, nosso Pai eterno nos tem enviado Espíritos, encarnados e desencarnados, para nos mostrar a verdade dos ensinamentos de Jesus, que é o caminho para chegar até "Ele".

Se olharmos para trás, se analisarmos, desde muitos séculos estes Espíritos, nossos irmãos, já estão enviando suas mensagens, em nome do Divino Mestre.

A Doutrina Espírita, nos tempos de hoje, é o Consolador, porque apresenta todas as características, constituindo uma mensagem nova para os tempos modernos, capaz de ajustar o ser humano no caminho do seu destino cósmico.

A Doutrina Espírita tem as características: providencial, científica, coletiva, universal, progressiva, racional, doutrinária, informativa e consoladora.

1 - Caráter Providencial:

O Espiritismo é providencial porque apareceu no momento histórico em que a humanidade mais precisava. A ciência havia solapado as bases da religião dogmática que imperava na época: a fé cega. O ser humano deixou de acreditar na religião e passou a crer na ciência e isso o levou ao abuso do materialismo.

Então surgiu o Espiritismo, como Providência Divina, para mostrar que havia compatibilidade da fé, com a razão - da religião com a ciência - para que o ser humano pudesse caminhar mais seguramente.

2 - Caráter Científico:

A revelação espírita passou pelo crivo da razão, devido a imperfeição natural do aparelho mediúnico que é humano, e possibilita a manifestação de Espíritos esclarecidos e não esclarecidos.

Por isso, deve-se atender a advertência de João na primeira epístola: "Não acrediteis em todos os Espíritos; vede antes se os Espíritos são corretos".

Assim sendo, deve-se tomar conhecimento da Doutrina Espírita, para saber discernir sempre se está ou não sendo enganado, porque não devemos esquecer que, nós também estivemos desencarnados e só voltamos para melhorar.

O Espiritismo não foi recebido passivamente, porque nesta época a tudo se aplicava o método experimental. E dentro deste clima científico, a Revelação Espírita foi submetida a análise e a Doutrina foi elaborada de acordo com o novo método que inaugurou a nova era.

Por isso, o Mestre Jesus já anunciava que, o Consolador viria quando estívéssemos prontos para recebê-lo.

A Doutrina Espírita por ser Divina tem o caráter providencial e porque a sua elaboração foi fruto do trabalho do ser humano, tem o caráter científico.

3 - Caráter Universal e Coletivo:

Conhecemos três revelações, que constituem a base de quase todas as ramificações religiosas.

A primeira veio por Moisés. Está na Bíblia, no Velho Testamento. Nessa época o ser humano entendia mais através de imagens e figuras materiais que os missionários forneciam. Havia falta de elementos racionais e conhecimentos. Não havia meio de comprovação. Por isso a centralização da revelação e a submissão do ser humano.

A segunda revelação foi a vinda de Jesus, que está na Bíblia, no Novo Testamento. Jesus veio mostrar o amor, ao ser humano ainda muito endurecido, sem muita condição intelectual e espiritual para pensar por si mesmo. Porém, o nosso irmão Divinal veio mostrar ao mundo que o Pai Celestial amava Seus filhos, anunciava o Consolador, para a época em que o ser humano estivesse um pouco mais evoluído, que pudesse discernir melhor.

E veio a terceira revelação - A Doutrina Espírita - que está no Livro dos Espíritos, no qual Allan Kardec codificou o ensinamento dos Espíritos.

A primeira e a segunda revelação têm caráter pessoal e a terceira tem caráter coletivo.

O Espiritismo teve divulgação mais rápida, porque conta com os Espíritos que se comunicam em todos os cantos da Terra, porque a mediunidade é uma faculdade natural de todos os seres humanos e os médiuns estão em toda parte, independente da crença que tenham. Isto acontece por causa da democracia espiritual de nossa época, apesar da pressão de alguns grupos, que não aspiram à verdade.

Quando um princípio novo deve ser enunciado, isso se dá espontaneamente em diversos pontos, ao mesmo tempo e de modo idêntico. Isto constitui uma garantia.

O Espiritismo não é a opinião de um humano, mas a voz unânime dos Espíritos. Não foi um ser humano que revelou o Espiritismo e tampouco um Espírito que o vem impor a quem quer que seja: é a universalidade dos Espíritos que se comunicam na Terra, de acordo com a lei de Deus. Este é o caráter essencial do Espiritismo. Por isso o Espiritismo é universal e coletivo.

4 - Caráter Progressivo:

As revelações foram dadas à humanidade de acordo com a sua evolução. Deus sempre ofereceu aos Seus filhos a verdade gradativamente. A pedagogia Divina é um fato. O Espiritismo revivesce o Cristianismo. Só não entende quem não deseja aprofundar-se, aprender.

O Espiritismo não é estático. É uma doutrina dinâmica. Quem observar a evolução histórica do Espiritismo, verá que depois de alguns anos surgiram novos esclarecimentos e novos experimentos.

Nenhuma ciência existe prontinha no cérebro do ser humano. São necessárias observações sucessivas, para chegar ao desconhecido.

O Espiritismo caminha de par com o progresso e jamais será ultrapassado, porque: se novas descobertas lhe demonstrar que errou acerca de um ponto qualquer, ele se modifica nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.

5 - Caráter Racional:

O Espiritismo é uma doutrina racionalista. Sua autoridade não está neste ou naquele ser humano, não está neste ou naquele Espírito. Está na razão. Numa razão que tenha fundamento, na lógica e na experiência. Por isto o Codificador estabelece o lema científico da doutrina "Fé inabalável só é a que pode encarar a razão, frente a frente, em todas as épocas da humanidade". Com o uso da razão, Allan Kardec não aceitou de olhos fechados qualquer informação dada por um Espírito ou alguns Espíritos. Ele usou o poder do raciocínio e ensinou a todos os Espíritos e estudiosos de todos os tempos que procurassem seguir a razão, para aceitação ou não aceitação de qualquer princípio.

Os Espíritos fornecem o material, provocam os fatos, mostram as ferramentas e os processos, mas a razão é que decide.

E novamente volto à advertência de João o Evangelista - "Não acrediteis em todos os Espíritos, vede antes se são corretos".

6 - Caráter Doutrinário:

O Espiritismo exerce um papel importante na sociedade. Ele relembra a moral do Cristo e ensina muitas coisas a respeito da origem e do destino da vida. Com o aprofundamento do estudo da vida, dá elementos e condições para que o ser humano pratique a moral do Cristo, com convicção ou conscientemente e não por imposição ou ameaças. Mostra os princípios que regem as relações entre os mortos e os vivos - encarnados e desencarnados - completando as noções vagas que se

tenham do Espírito, de seu passado e do seu futuro. O Espiritismo e os Espíritos levam o ser humano a se reconhecer com todos os seres. Compreende esta solidariedade, a caridade e a fraternidade, que se tornam uma necessidade social, e faz por convicção o que antes fazia somente por dever, e o faz melhor. Porque: praticando a moral do Cristo, os seres humanos não precisarão mais de moralistas encarnados ou desencarnados. Todos estarão evoluindo a caminho do Pai.

7 - Caráter Informativo:

Porque nos é ensinado o que podemos adquirir pelo trabalho, pelo esforço. Se ensinassem tudo, a humanidade permaneceria de braços cruzados, e isto contraria a lei divina; do trabalho e do progresso. Os Espíritos ensinam o caminho da verdade, mas deixam ao ser humano o cuidado de discutir, verificar e submeter tudo à razão.

O conhecimento é transmitido espontaneamente, de conformidade com a época e o grau de entendimento. É insensível à maioria da humanidade e é incalculável a soma de conhecimentos diários que são transmitidos à humanidade.

Os Espíritos transmitem conhecimentos que estão ao alcance do entendimento humano, porque o ser humano não aceita mudar facilmente o seu sistema. Às vezes o ser humano rejeita uma verdade maior, para não ter o trabalho de mudar ou com medo de errar.

Quando o ser humano pede conselho aos Espíritos, não está fazendo nada sobrenatural. Está tratando com os seus iguais, como se estivesse se dirigindo a alguém neste mundo; seus parentes, seus amigos ou indivíduos mais esclarecidos dos que ele.

8 - Caráter Consolador:

A Doutrina Espírita é o Consolador, porque apresenta todas as características, constituindo uma mensagem nova para os tempos modernos, capaz de ajustar o ser humano em direção a vida eterna.

Exunga lágrimas, estanca prantos, destrói a morte física e psíquica, faz calar os clamores, elimina e suaviza a dor, porque esclarece, educa, assiste e consola todas as criaturas pertencentes a todas as camadas sociais, que se acham desesperadas e que o buscam na ânsia de ver os seus problemas resolvidos, recorda, explica, restabelece, desenvolve, pelas novas leis da Natureza que revela, os ensinamentos do Cristo, que foram deturpados no passar dos séculos, bem como tudo o que Jesus fez, e ensina muitas coisas novas, que naquela época Ele não podia ensinar, porque o povo não podia entendê-las.

Esclarece os pontos obscuros e ininteligíveis de certas partes do Evangelho que para muitos eram inadmissíveis.

Com o auxílio da Doutrina Espírita, compreende e admite-se com facilidade a distinção entre a realidade e a alegoria.

O Cristo é aceito como o Messias Divino e não como filósofo. E quando a criatura se esclarece, deixa de errar, seu caminho muda e se transforma, se renova e não pratica atos que geram dor.

O Espiritismo, como Consolador, desvendou o mundo invisível, e as leis que regem a conduta das criaturas na Terra e no Espaço. Progrediu tanto, porque desperta o interesse das pessoas que o estudam e procuram conhecê-lo.

Qualquer que seja o motivo pelo qual o ser humano o procura, encontra nele a consolação, porque tem nova visão do Evangelho do Cristo.

O Espiritismo, como Consolador, tem dado fortes provas de alívio e de cura da dor ingênita e congênita do Espírito, como também dos males físicos e morais, decorrentes do tipo de vida física que se leva e do meio social. Conhecendo os princípios do Espiritismo muda-se o modo de viver, elimina-se a causa dos sofrimentos.

O Espiritismo dá confiança no futuro, pela ideia de ter perto de nós os seres que amamos, a certeza de revê-los, a possibilidade de confabular com eles.

E tudo o que se adquiriu em conhecimento, sabedoria, moralidade, até a última hora da vida, não fica perdido, aproveitando para adiantamento do Espírito.

O Espiritismo realiza todas as promessas do Cristo a respeito do Consolador anunciado.

Sigamos o Evangelho de Jesus Cristo e as explicações do Espiritismo, que nada mudou do ensinamento do Mestre, apenas deu mais ênfase, facilitou o entendimento.

Que Jesus esteja com todos nós! Obrigada!

CAPÍTULO VII

BEM-AVENTURADOS OS SINGELOS DE ESPÍRITO

O que é preciso entender por singelos de Espírito. - Todo aquele que se eleva, será rebaixado.
 - Conhecimentos ocultos aos sabichões e aos orgulhosos. - Instruções dos Espíritos: O orgulho e a humildade. - Missão do humano inteligente na Terra.

O QUE É PRECISO ENTENDER POR SINGELOS DE ESPÍRITO

1. Bem-aventurados os singelos de Espírito, porque deles é o reino dos céus. (Mateus, cap. V, v. 3).

2. A incredulidade se divertiu com este ensinamento: Bem-aventurados os singelos de Espírito, como com outras coisas, sem os compreender. Por singelos de Espírito, Jesus, o Cristo, não entende os humanos desprovidos de conhecimentos, mas os humildes: ele disse que o mundo espiritual é deles e não dos orgulhosos.

Os humanos de ciência e de cultura, segundo o mundo, têm geralmente tão alta consideração de si mesmos e de sua superioridade, que olham as coisas divinas como indignas de sua atenção. Seus olhares, concentrados sobre sua pessoa, não podem se elevar para Deus. Essa tendência de se crer acima de tudo não os leva senão, muito frequentemente, a negar o que, estando-lhes acima, poderia rebaixá-los, e a negar mesmo a Divindade. Ou, se consentem em admiti-la, contestam-lhe um dos seus mais belos atributos: sua ação providencial sobre as coisas deste mundo, persuadidos de que só eles bastam para bem governá-lo. Tomando seus conhecimentos por medida da inteligência universal, e se julgando aptos a tudo compreender, não podem crer na possibilidade daquilo que não compreendem. Quando pronunciam seu julgamento, têm-no por inape-lável.

Se se recusam a admitir o mundo invisível e um poder extra-humano, não é, entretanto, porque isso esteja acima de sua capacidade, mas porque seu orgulho se revolta com a ideia de uma coisa acima da qual não podem se colocar, e que os faria descer de seu pedestal. Por isso, eles não têm senão sorrisos de desdém por tudo o que não é do mundo visível e tangível. Eles se atribuem muito de ciência e de cultura para serem nessas coisas, segundo eles, boas para as pessoas comuns, tendo aqueles que as levam a sério por singelos de Espírito.

Entretanto, o que quer que digam, lhes será preciso entrar, como os outros, nesse mundo invisível do qual debocham, quando, então, seus olhos serão abertos e reconhecerão seu erro. Mas a Lei de Deus, que é justa, não pode receber na mesma categoria aquele que a menosprezou e à-quele que a ela se submeteu humildemente, nem os igualar.

Em dizendo que o reino dos céus é para os singelos, Jesus, o Cristo, quer dizer que ninguém é nele admitido sem a simplicidade de coração e humildade de Espírito. Que o inculto que possui essas qualidades será preferido ao sabichão que crê mais em si que na Lei de Deus. Em todas as circunstâncias, Ele coloca a humildade no plano das virtudes que nos aproximam e o orgulho entre os vícios que nos distanciam da Lei de Deus. E isso por uma razão muito natural, de vez que a humildade é um ato de submissão a Lei de Deus, enquanto que o orgulho é uma revolta contra ela. Mais vale, pois, para a felicidade do humano, ser pobre em Espírito, no sentido do mundo, e rico em qualidades morais.

(Por singelos de Espírito, Jesus, o Cristo, não entende os humanos desprovidos de conhecimentos, mas os humildes: ele disse que o mundo espiritual é deles e não dos orgulhosos.

Como aquele irmão que se julga conhecedor de todas as coisas, possuidor do poder material, conquistador de fortunas monetárias, manipulador das opiniões políticas, irá se convencer de ‘tesouros’ invisíveis? Só depois de escavar o solo umbralino é que se convencerá! Vibremos para que o irmão encontre, rapidamente, os ‘tesouros’, para que não perfure todo o Umbral...)

TODO AQUELE QUE SE ELEVA SERÁ REBAIXADO

3. Nesse mesmo tempo, os discípulos se aproximaram de Jesus, o Cristo, e lhe disseram: Quem é

o maior no reino dos céus? Jesus, o Cristo, tendo chamado uma criança, colocou-a no meio deles e lhes disse: eu vos digo em verdade que se vós não vos converterdes, e se não vos tornardes como crianças, não entrareis no reino dos céus. Todo aquele, pois, que se humilhar e se tornar pequeno como esta criança será o maior no reino dos céus, e todo aquele que recebe o meu nome como uma criança, tal como acabo de dizer, é a mim que recebe. (*Mateus, cap. XVIII, v. 1 a 5*).

(Quando nos ‘convertermos’ racionalmente à doutrina cristã; conhecendo a Lei de Deus e a seguirmos qual ‘criança’ – docemente -, então estaremos no correto caminho do ‘reino dos céus’!)

4. Então a mãe dos filhos de Zebedeu se aproximou dele com seus dois filhos e o adorou, testemunhando-lhe que queria perguntar-lhe alguma coisa. Ele lhe disse: Que quereis? Ordenai, disse-lhe ela, que meus dois filhos que aqui estão tenham assento em vosso reino, um à vossa direita e outro à vossa esquerda. Mas Jesus, o Cristo, lhe respondeu: Vós não sabeis o que pedis. Podeis beber o cálice que vou beber? Eles lhe disseram: Nós o podemos. Ele lhes respondeu: É verdade que bebereis o cálice que eu vou beber. Mas quanto a estar sentado à minha direita ou à minha esquerda não cabe a mim vos conceder, mas isso será para aqueles que o Pai tenha preparado. Os outros dez apóstolos, tendo ouvido isso, encheram-se de indignação contra os dois irmãos. Jesus, o Cristo, tendo-os chamado para si, lhes disse: Vós sabeis que os príncipes das nações dominam as pessoas, e que os grandes as tratam com prepotência. Não deve ser o mesmo entre vós. Mas aquele que quiser tornar-se o maior, seja vosso servidor. E aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o último. Como o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida física pela redenção de muitos. (*Mateus, cap. XX, v. 20 a 28*).

(Mas aquele que quiser tornar-se o maior, seja vosso servidor.

O servidor é o ‘escravo’ consciente da Lei de Deus, somente nessa ‘escravidão’ é que podemos crescer...)

5. Jesus, o Cristo, entrou num dia de sábado na casa de um dos principais Fariseus, para aí tomar sua refeição, e aqueles que lá estavam o observaram. Então, considerando como os convidados escolhiam os primeiros lugares, ele lhes propôs esta parábola, dizendo: Quando fordes convidados para bodas, não tomeis neles o primeiro lugar, temendo que se encontre entre os convidados uma pessoa mais considerada que vós, e que aquele que vos tiver convidado não venha vos dizer: Dai vosso lugar a este, e que então estejais diminuídos em vos dirigir com vergonha ao último lugar. Mas, quando fordes convidados, ide vos colocar no último lugar, a fim de que, quando aquele que vos tiver convidado vier, vos diga: Meu amigo, subi mais alto. E então isso será um motivo de glória diante daqueles que estarão à mesa convosco, porque todo aquele que se eleva será rebaixado, e todo aquele que se rebaixa será elevado. (*Lucas, cap. XIV, v. 1 e de 7 a 11*).

(A Lei de Deus nos apresenta muito bem o objetivo do ensino de Jesus, o Cristo: Os orgulhosos e egoístas serão humilhados, os humildes exaltados, mas isso é de valor espiritual, será que nós acreditamos nisso?)

6. Esses ensinamentos são a consequência do princípio de humildade que Jesus, o Cristo, não cessa de colocar como condição principal da felicidade prometida aos que elegem o Senhor, e que formulou por este ensinamento: “Bem-aventurados os singelos de Espírito, porque deles é o mundo espiritual”. Ele toma uma criança como modelo da simplicidade de coração e diz: Será o maior no mundo espiritual, quem se humilhar e se fizer pequeno como uma criança. Quer dizer, quem não tiver nenhuma pretensão de superioridade ou de infalibilidade.

O mesmo pensamento principal se encontra neste outro ensinamento: "Que aquele que quiser tornar-se o maior, seja vosso servidor", e neste: "Todo aquele que se rebaixa será elevado, e todo aquele que se eleva será rebaixado".

O Espiritismo vem sancionar a teoria pelo exemplo, em nos mostrando grandes no mundo espiritual aqueles que eram pequenos na Terra, e frequentemente bem pequenos aqueles que nela eram os maiores e os mais poderosos. É que os primeiros levaram, em desencarnando, aquilo que, unicamente, faz a verdadeira grandeza no mundo espiritual e não se perde: as virtudes. Enquanto que os outros deverão deixar o que fazia sua grandeza na Terra, e não se leva ao mundo espiritual: a fortuna, os títulos, a glória, o nascimento. Não tendo nenhuma outra coisa, eles chegam no

mundo espiritual desprovidos de tudo, como náufragos que tudo perderam, até suas vestes. Não conservaram senão o orgulho que torna sua nova posição mais humilhante, porque veem acima deles, e resplandecentes de luz, aqueles que espezinham na Terra.

O Espiritismo nos mostra outra aplicação desse princípio nas encarnações sucessivas, onde aqueles que foram os mais elevados numa existência, são rebaixados a última posição numa existência seguinte, se foram dominados pelo orgulho e pela ambição. Não procureis, pois, o primeiro lugar na Terra, nem vos colocar acima dos outros se não quereis ser obrigados a descer. Procurai, ao contrário, o lugar mais humilde e o mais modesto, porque a Lei de Deus vos dará um lugar mais elevado no mundo espiritual, se o merecerdes.

(Como nós nos consideramos ‘perfeitos’, nós somos o melhor alvo para ser aplicada a Lei de Deus! Acreditamos nisso?)

CONHECIMENTOS OCULTOS AOS SABICHÕES E AOS ORGULHOSOS

7. Então Jesus, o Cristo, disse estas palavras: Eu vos rendo glória, meu Pai, Senhor do céu e da Terra, por haverdes ocultado essas coisas aos sabichões e aos orgulhosos, e por as haver revelado aos singelos e aos pequenos. (*Mateus, cap. XI, v. 25*).

(Mas os ‘orgulhosos sabichões’ ainda continuam dizendo: Bobagem, eu já sei tudo... A nossa cegueira é crônica!)

8. Pode parecer singular que Jesus, o Cristo, renda graças a Deus por ter revelado essas coisas aos mais singelos e aos pequenos, que são os pobres de Espírito, e de tê-las ocultado aos sabichões e aos orgulhosos, mais aptos, em aparência, a compreendê-las. É preciso entender, porém, pelos primeiros, os humildes que se humilham diante da Lei de Deus, e não se creem superiores a todo o mundo. E, pelos segundos, os orgulhosos, envaidecidos de sua ciência mundana, que se creem prudentes, querendo tratar Deus de igual para igual quando não O negam. Porque na antiguidade, prudente era sinônimo de sábio, por isso a Lei de Deus lhes deixa a procura dos segredos da Terra, e revela os do mundo espiritual aos mais simples e aos humildes, que se inclinam diante do Pai.

(Não sei por que querem me impor certos ‘conhecimentos’, eles não rendem dinheiro... Este é um pensamento bem ‘materialista’, será que pensamos assim?)

9. Ocorre o mesmo hoje com as verdades reveladas pelo Espiritismo. Certos incrédulos se espantam de que os Espíritas façam tão poucos esforços para os convencer. É que estes últimos se ocupam daqueles que procuram a luz de boa fé e com humildade, de preferência àqueles que creem possuir toda a luz, e parecem pensar que Deus deveria estar muito feliz em conduzi-los para si, provando-lhes que existe.

O poder de Deus brilha nas pequenas como nas grandes coisas. Ele não coloca a luz sob o alqueire, uma vez que a derrama com abundância por toda parte, cegos, pois, aqueles que não a veem. A Lei de Deus não vai lhes abrir os olhos à força, uma vez que lhes apraz tê-los fechados. Sua vez virá, mas é preciso primeiro que sintam as angústias das trevas e reconheçam a Lei de Deus, e não o acaso, na mão que atinge seu orgulho. Ela emprega, para vencer a incredulidade, os meios justos segundo os indivíduos. Não cabe ao incrédulo prescrever-lhe o que deve fazer, e dizer-lhe: Se quereis me convencer, é preciso para isso escolher esta ou aquela maneira, tal momento antes que um outro, porque esse momento está na minha conveniência.

Que os incrédulos não se espantem, pois, se a Lei de Deus, e os Espíritos que são os agentes da vontade divina, não se submetem às suas exigências. Que se perguntem o que diriam se o último de seus servidores quisesse se impor a eles. A Lei de Deus tem suas condições e não se sujeita à deles. É bondosa com aqueles que a Deus se dirigem com humildade, e não àqueles que se creem mais do que Ele.

(O poder de Deus brilha nas pequenas como nas grandes coisas.

Mas, para o nosso estágio de orgulho e egoísmo, as ‘pequenas’ realizações não têm valor! E as ‘grandes’ ain-

da não conseguimos realizar! Portanto, nos conformamos e nos acomodamos na melhor situação material possível e, por necessário, continuamos a fazer erros contra os irmãos de jornada evolutiva espiritual...)

10. Deus, dir-se-á, não poderia atingi-los pessoalmente com sinais manifestos em presença dos quais o incrédulo mais endurecido deveria se inclinar? Sem dúvida, Ele o poderia, mas então onde estaria seu mérito, e, aliás de que isso serviria? Não são vistos, todos os dias, negarem-se à evidência e mesmo dizerem: Se eu visse não creeria, porque sei que é impossível? Se eles se recusam em reconhecer a verdade é porque seu Espírito não está ainda maduro para compreendê-la, nem seu coração para senti-la. O orgulho, a catarata que obscurece sua vista. De que serve apresentar a luz a um cego? É preciso, pois, primeiro curar a causa da doença e, como médico hábil, corrige primeiramente o orgulho. Ele não abandona, pois, seus filhos perturbados. Sabe que, cedo ou tarde, seus olhos se abrirão, mas quer que isso seja por sua própria vontade, e, então, vencidos pelos tormentos da incredulidade, lançar-se-ão por si mesmos nos seus braços e, como o filho pródigo, lhe pedirão graça!

(Ele não abandona, pois, seus filhos perturbados.

Somente ‘perturbados’ é que poderiam criticar os desígnios da Lei de Deus, por isso os ‘perturbados’ têm pensamentos assim: ‘Se eu estivesse lá não teria feito dessa maneira, Deus não foi justo! A Lei de Deus precisa de correções!’.)

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

O ORGULHO E A HUMILDADE

11. Que a paz do Senhor seja convosco, meus caros amigos! Venho até vós para vos encorajar a seguir o correto caminho.

Aos simples Espíritos que, antigamente, habitavam a Terra, a Lei de Deus dá a missão de vir vos esclarecer. Bendito seja pela graça que nos concede em poder ajudar o vosso adiantamento. Que o Santo Espírito me ilumine e me ajude a tornar minha palavra compreensível e que me conceda pô-la ao alcance de todos. Todos vós encarnados, que estais na dificuldade e procurais a luz, que a vontade de Deus me ajude para fazê-la brilhar aos vossos olhos!

A humildade é uma virtude bem esquecida entre vós. Os grandes exemplos que vos foram dados são bem pouco seguidos e, todavia, sem a humildade, podeis ser caridosos para com o vosso próximo? Oh! Não, porque esse sentimento nivela os humanos. Diz-lhes que são irmãos, que devem se entre ajudarem e os conduz ao certo. Sem a humildade vos adornais de virtudes que não tendes, como se trouxésseis um vestuário para esconder as deformidades de vosso corpo físico. Recordai Aquele que nos ilumina. Recordai Sua humildade que O fez tão grande, e O colocou acima de todos os profetas.

O orgulho é o terrível adversário da humildade. Se Jesus, o Cristo, prometia o mundo espiritual aos mais singelos, foi porque os grandes da Terra imaginam que os títulos e as riquezas são recompensas dadas ao seu mérito, e que sua essência é mais pura que a dos simples. Eles creem que lhes são devidos e, por isso, quando a Lei de Deus lhes retira, acusam-na de injusta. Oh! Irrisão e cegueira! A Lei de Deus vos distingue pelos corpos físicos? O envoltório do pobre não é o mesmo que o do rico? O Criador fez duas espécies de humanos? Tudo o que Deus fez é grande e sábio. Não lhe atribuais nunca as ideias que nascem nos vossos pequeninos cérebros orgulhosos. Ó, rico! Enquanto dormes sob teus tetos dourados, ao abrigo do frio, não sabes que milhares de teus irmãos, iguais a ti, estão estirados sobre a palha? O infeliz que sofre de fome não é teu igual? A essas palavras teu orgulho se revolta, bem o sei. Consentirás em dar-lhe a esmola, mas a apertar-lhe a mão, fraternalmente, jamais! "Que! Dizes, eu, descendente de um sangue nobre, grande da Terra, seria igual a esse miserável esfarrapado? Vã utopia de supostos filósofos! Se fôssemos iguais por que a Lei de Deus o teria colocado tão baixo e eu tão alto?" É verdade que vosso vestuário não se assemelha quase nada. Mas dele despojados ambos que diferença haveria entre vós? A nobreza do sangue dirás. Mas a química não encontrou diferença entre o sangue do nobre e o do plebeu, entre o do senhor e do escravo. Quem te diz que, tu também, não foste miserável e infeliz como ele? Que não pediste esmola? Que não a pedirás um dia àquele que des-

prezas hoje? As riquezas são eternas? Elas não se acabam com esse corpo físico, envoltório perecível do teu Espírito? Oh! Volta-te humildemente sobre ti mesmo! Lança, enfim, os olhos sobre a realidade das coisas deste mundo, sobre o que faz a grandeza e a inferioridade no outro. Lembra que o desencarne não te poupará mais que a outro. Que os títulos não te preservarão dele. Que ele pode te atingir amanhã, hoje, numa hora. E se tu te escondes no teu orgulho, oh! Então eu te lastimo, porque serás digno de piedade!

Orgulhosos! Que éreis antes de serdes nobres e poderosos? Talvez estivésseis mais baixo que o último de vossos criados. Curvai, pois, vossas frentes altivas, que a Lei de Deus pode rebaixar no momento em que mais alto as elevardes. Todos os humanos são iguais na balança divina e só as virtudes os distinguem aos olhos da Lei de Deus. Todos os Espíritos são de uma mesma essência, e todos os corpos físicos são modelados com igual massa. Vossos títulos e vossos nomes não os mudam em nada. Ficam no túmulo, e não são eles que dão a felicidade prometida aos eleitos. A caridade e a humildade são seus títulos de nobreza.

Pobre criatura! És mãe, teus filhos sofrem, têm frio e fome; vais, curvada sob o peso da tua cruz, humilhar-te para lhes conseguir um pedaço de pão. Oh! Eu me inclino diante de ti. Quanto és nobremente pura e grande aos meus olhos! Espera e ora. A felicidade ainda não é desse mundo. Aos pobres e oprimidos que nele confiam, Deus dá o mundo espiritual. E tu, jovem donzela, pobre criança devotada ao trabalho, às privações, por que esses tristes pensamentos? Por que chorar? Que teu olhar se eleve, piedoso e sereno até Deus: aos passarinhos ele dá alimento. Tem confiança nele e ele não te abandonará. O ruído das festas, dos prazeres do mundo fazem bater teu coração. Gostarias também de ornar tua cabeça de flores e misturar-te aos felizes da Terra. Dizes-te que poderias, como essas mulheres que vês passar, extravagantes e risonhas, ser rica também. Oh! Cala-te, criança! Se soubesses quantas lágrimas e dores sem nome estão escondidas sob esses vestidos bordados, quantos soluços abafados sob o ruído dessa orquestra alegre, preferirias teu humilde retiro e tua pobreza. Permanece pura aos olhos de Deus, se não queres que teu Espírito guardião volte para Ele, rosto escondido sob suas asas brancas, e te deixe com teus remorsos, sem guia, sem sustentáculo neste mundo onde estarás perdida, aguardando sejam penalizada no outro.

E vós todos os que sofreis as injustiças dos humanos, sede indulgentes para com os erros de vossos irmãos, em vos dizendo que, vós mesmos, não estais isentos de erro: isso é caridade, mas é também humildade. Se sofreis calúnia, curvai a frente sob essa prova. Que vos importam as calúnias do mundo? Se vossa conduta é pura, a Lei de Deus não pode vos compensar? Suportar com coragem as humilhações dos humanos é ser humilde e reconhecer que só Deus é grande e poderoso.

Oh! Meu Deus será preciso que Jesus, o Cristo, venha uma segunda vez sobre essa Terra para ensinar aos humanos Tuas leis que eles esquecem? Deverá ele ainda enxotar os vendilhões do templo que mancham Tua casa, que não é senão um lugar de prece? E quem sabe? Ó humanos! Se Deus vos concedesse essa graça, talvez o renegaríeis como outrora. Vós o chamaríeis blasfemador, porque ele humilharia o orgulho dos Fariseus modernos. Talvez o faríeis recomeçar o caminho do Gólgota.

Quando Moisés foi, sobre o monte Sinai, receber os mandamentos da Lei de Deus, o povo de Israel entregou a si mesmo, abandonou o verdadeiro Deus. Humanos deram seu ouro e suas joias para um ídolo que adorassem. Humanos civilizados, fazeis como eles: Jesus, o Cristo, vos deixou sua Doutrina, vos deu exemplos de todas as virtudes, e abandonastes exemplos e ensinamentos. Cada um de vós, com as suas erradas paixões, fizestes um deus ao vosso gosto. Segundo uns, terrível e sanguinário, segundo outros, descuidado dos interesses do mundo. O deus que fizestes é ainda o bezerro de ouro que cada um apropria aos seus gostos e às suas ideias.

Desperta, meus irmãos, meus amigos. Que a voz dos Espíritos atinja os vossos corações. Sede generosos e caridosos sem ostentação, quer dizer, fazei o certo com humildade. Que cada um desmonte, pouco a pouco, os altares erguidos ao orgulho. Numa palavra, sede verdadeiros cristãos, e tereis o reino da verdade. Não duvideis mais da bondade da Lei de Deus, quando dela vos dá tantas provas. Viemos preparar os caminhos para o cumprimento das profecias. Quando o Senhor vos der uma manifestação mais radiosa de sua clemência, que o enviado celeste não encontre mais em vós senão uma grande família. Que vossos corações brandos e humildes sejam dig-

nos de ouvirem a palavra divina, que ele virá vos trazer. Que o eleito não encontre sobre seu caminho senão as palmas depositadas pelo vosso retorno ao certo, à caridade, à fraternidade, e então vosso mundo se tornará o paraíso terrestre. Mas se permanecerdes insensíveis à voz dos Espíritos enviados para depurar, renovar vossa sociedade civilizada, rica em ciência e, todavia, tão pobre em corretos sentimentos, ah! Não vos restará mais senão chorar e gemer sobre vossa destinação. Mas não, não será assim. Confiai em Deus, vosso pai, e então nós todos, que houvermos servido ao cumprimento da Sua Lei, entoaremos o cântico de ação de graças, para agradecer ao Senhor por sua inesgotável bondade, e para glorificá-lo em todos os séculos dos séculos. Assim seja.

(Lacordaire, Constantina, 1863).

(O infeliz que sofre de fome não é teu igual? A essas palavras teu orgulho se revolta, bem o sei. Consentirás em dar-lhe a esmola, mas a apertar-lhe a mão, fraternalmente, jamais!

Deitar um olhar sereno e sorrir, desejar ‘bom dia!’, ‘boa tarde!’ ou ‘boa noite!’, ouvir calmamente as lamúrias, deixar discretamente um óbolo de viúva, não ter pensamentos de juiz... Essas são algumas das pequenas atitudes que já podemos fazer aos irmãos menos favorecidos, somente depende de nós!

12. Humanos, por que lamentais as calamidades que vós mesmos amontoastes sobre as vossas cabeças? Menosprezastes a pura e divina moral de Jesus, o Cristo, não vos espanteis, pois, que a taça da iniquidade tenha transbordado de todas as partes.

A inquietação torna-se geral. A quem inculpá-la senão a vós que procurais incessantemente vos esmagar uns aos outros? Não podeis ser felizes sem benevolência mútua, e como a benevolência pode existir com o orgulho? O orgulho e o egoísmo, eis a fonte de todos os vossos erros. Dedicai-vos, pois, a destruí-los, se não quiserdes perpetuar suas funestas consequências. Um só meio se vos oferece para isso, mas este meio é infalível: tomar por regra invariável de vossa conduta os ensinamentos de Jesus, o Cristo, que tendes repellido ou falseado na sua interpretação.

Por que tendes em tão grande estima aquilo que brilha e encanta aos olhos, antes daquilo que toca o coração? Por que o vício da opulência é o objeto de vossas adulações, quando não tendes senão um olhar de desdém para o verdadeiro mérito na obscuridade? Que um rico debochado, perdido de corpo físico e Espírito, se apresente em qualquer parte e todas as portas lhe são abertas, todos os olhares são para ele, enquanto que mal se digna conceder um cumprimento de proteção ao humano correto que vive de seu trabalho. Quando a consideração que se concede às pessoas é medida pelo peso do ouro que possuem, ou pelo nome que ostentam, que interesse podem elas ter de se corrigirem de seus erros?

Ocorreria diversamente se o vício dourado fosse fustigado pela opinião pública como o vício em andrajos. Mas o orgulho e o egoísmo são indulgentes para com tudo que lisonjeia. Século de cupidéz e de dinheiro, dizeis. Sem dúvida, mas por que deixastes as necessidades materiais usurpar sobre o bom senso e a razão? Por que cada um quer se elevar acima do seu irmão? Hoje, a sociedade sofre disso as consequências.

Não esqueçais que tal estado de coisas é sempre um sinal de decadência moral. Quando o orgulho e o egoísmo atingem os últimos limites, é indício de uma queda próxima, porque a Lei de Deus se abate sempre sobre os soberbos. Se os deixa, algumas vezes, subir, é para lhes dar tempo de refletirem e de se emendarem sob os golpes que, de tempo em tempo, ela dá em seu orgulho e seu egoísmo para adverti-los. Mas, ao invés de se humilharem, se revoltam. Então, quando a medida está cheia, ela os abate inteiramente e a sua queda, tanto mais terrível quanto tenham subido mais alto.

Pobre raça humana, cujo orgulho e egoísmo corromperam todos os caminhos, retoma coragem. Entretanto, em sua misericórdia infinita, a Lei de Deus te envia um poderoso remédio para teus males, um socorro inesperado na tua aflição. Abre os olhos à luz: eis os Espíritos daqueles que não estão mais na Terra que vêm te chamar aos teus verdadeiros deveres. Eles te dirão, com a autoridade da experiência, quanto às vaidades e as grandezas de vossa passageira existência são pouca coisa perto da eternidade. Eles te dirão que lá é o maior quem foi o mais humilde entre os pequenos deste mundo. Que aquele que mais amou seus irmãos é também aquele que será mais amado no mundo espiritual, que os poderosos da Terra, se abusaram de sua autoridade, serão reduzidos a obedecer a seus servidores. Que a caridade e a humildade, enfim, estas duas irmãs que se dão as mãos, são os títulos mais eficazes para obter graça diante do Eterno.

(Adolfo, bispo de Argel, Marmande, 1862).

(Por que tendes em tão grande estima aquilo que brilha e encanta aos olhos, antes daquilo que toca o coração?

O que toca o coração são os sentimentos sublimes – espirituais -, eternos. Mas como estamos em nível de orgulho e egoísmo, somente nos toca o emotivo terreno – material – imediatos, e, assim, justifica-se o seguinte comportamento: ‘Você acha que eu, um membro descendente da família imperial, vou me misturar com o zé povinho?’.)

MISSÃO DO HUMANO CULTO NA TERRA

13. Não vos orgulheis do que sabeis, porque esse saber tem limites bem estreitos no mundo em que habitais. Mas suponho que sejais uma dessas sumidades em conhecimentos desse globo e não tendes nenhum direito para disso vos envaidecerdes. Se a Lei de Deus, em seus desígnios, vos fez nascer num meio onde pudestes desenvolver os vossos conhecimentos, é que ela quer que dele useis para o certo de todos. Porque é uma missão que vos dá, colocando em vossas mãos o instrumento com a ajuda do qual podeis ensinar, a vosso turno, os desconhecedores, retardatários, e os conduzir a Deus. A natureza do instrumento não indica o uso que dele se deve fazer? A enxada que o jardineiro coloca entre as mãos de seu operário não lhe mostra que ele deve cavar? E que diríeis se esse operário, ao invés de trabalhar, levantasse a enxada para com ela atingir seu patrão? Diríeis que é horrível e que ele merece ser expulso. Pois bem, não ocorre o mesmo com aquele que se serve de seus conhecimentos para destruir a ideia de Deus, e da Sua Lei perfeita, entre seus irmãos? Não ergue contra Seu Senhor a enxada que lhe foi dada para roçar o terreno? Tem ele o direito ao salário prometido e não merece, ao contrário, ser expulso do jardim? E o será, não duvideis disso, e arrastará existências miseráveis e cheias de humilhações até que se curve diante d’Aquele a quem tudo deve.

O conhecimento é rico de méritos para o futuro, mas com a condição de ser bem empregado. Se todos os humanos dotados, se servissem dele segundo os desígnios da Lei de Deus a tarefa dos Espíritos seria fácil para fazer a Humanidade avançar, infelizmente, muitos fazem dele um instrumento de orgulho e de perdição para si mesmos. O humano abusa do conhecimento como de todas as outras faculdades e, entretanto, não lhe faltam lições para adverti-lo de que uma poderosa mão pode lhe retirar aquilo que ela mesma lhe deu.

(Ferdinando, Espírito protetor, Bordéus, 1862).

(Se a Lei de Deus, em seus desígnios, vos fez nascer num meio onde pudestes desenvolver os vossos conhecimentos, é que ela quer que dele useis para o certo de todos.

Mas o nosso orgulho e egoísmo nos fazem agir assim: ‘Eu colaboro contribuindo com minha parte para a minha comunidade religiosa, trato bem os meus empregados, não maltrato meus animais. Até já deixei uma família pobre dormir na estrebaria dos meus cavalos árabes treinados na escola espanhola! Já pensou no perigo de meus cavalos pegarem alguma doença? Coitado desses pobres, sujos, com fome e, mesmo assim, não querem trabalhar!’. Algum dia aprenderemos...)

EXPLANAÇÕES

01 - O que é preciso entender por pobres de Espírito - itens 1 e 2.

"Bem-aventurados os pobres de Espírito, porque deles é o Reino dos Céus". Mateus, capítulo V, vers. 3.

Deus quer Espíritos ricos de amor e pobres de orgulho.

Os "pobres de Espírito" são os que não têm orgulho, os Espíritos ricos são os que acumulam tesouros nos Céus, onde a traça não os rói e os ladrões não alcançam.

Os "pobres de Espírito" são os humildes, que nunca mostram saber o que sabem, e nunca dizem ter o que têm; a modéstia é o seu distintivo, porque os verdadeiros sábios são os que sabem que nada sabem.

É por isso que a humildade se tornou cartão de ingresso no Reino dos Céus.

Sem a humildade nenhuma virtude se mantém. A humildade é o propulsor de todas as grandes ações e rasgos de generosidade, seja na Filosofia, na Arte, na Ciência ou na Religião.

Bem-aventurados os humildes; deles é o Reino dos Céus!

Os humildes são simples no falar; sinceros e francos no agir; não fazem ostentação de saber e nem de santidade; abominam os bajuladores e servis e deles se compadecem.

A humildade é a virgem sem mácula que todos discerne, sem poder ser pelos humanos discernida.

É tolerante em sua singeleza, compadece-se dos que pretendem afrontá-la com o seu orgulho; cala-se às palavras loucas dos tolos; suporta a injustiça, mas se alegra com a verdade.

A humildade respeita o ser humano, não pelos seus haveres, mas por suas virtudes. A pobreza de paixões, de vícios, de baixas condições que prendem ao mundo, e o desapego de efêmeras glórias, de egoísmo, de orgulho, amparam os viajores terrenos que caminham para a perfeição.

Foi esta a pobreza que Jesus proclamou: pobreza de sentimentos baixos, pobreza de caráter deprimido. Quantos pobres de bens terrenos julgam serem dignos dos Céus, e, entretanto, são Espíritos obstinados e endurecidos, são seres degradados que, sem cobertura e sem pão, repudiam a Jesus e se fecham em redutos de uma fé bastarda, que, em vez de esclarecer, obscurece, em vez de salvar, condena.

A ignorância e a baixa condição financeira não nos dá o Reino dos Céus. O que nos dá o Reino dos Céus, são os atos nobres: a caridade, o amor, a aquisição de conhecimentos que nos permitem alargar o plano de vida, em busca de mais vastos horizontes, além dos que avistamos.

A pobreza de Espírito é dos simples e dos retos, e não dos orgulhosos e velhacos.

Pobres de Espírito são os corretos e bons que sabem amar a Deus e ao próximo, tanto quanto amam a si próprios.

Pobres de Espírito são os que estudam com humildade, são os que sabem que não sabem, são os que imploram a Deus o amparo indispensável aos seus Espíritos.

Para estes é que Jesus disse: "Bem-aventurados os pobres de Espírito, porque deles é o Reino dos Céus".

Em Rivortorto havia um hospital de leprosos, por demais impressionante. Imaginem uma casa de saúde há oito séculos atrás! Os hansenianos daquela época eram relegados ao abandono e a medicina não tinha condições de tratá-los como hoje.

Francisco de Assis tinha um carinho profundo por aqueles doentes e sempre pedia para os seus companheiros visitá-los e trazer notícias daqueles restos de seres humanos, levando-lhes a sua presença.

Muitos desses doentes se mostravam revoltados, por estarem separados da sociedade e da família.

Certo dia, Frei Pedro de Catani e Frei Paulo foram visitar os enfermos e conversar com eles acerca da bondade de Deus e da misericórdia de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Um dos doentes, muito agitado, blasfemava contra Deus, contra Cristo e contra eles que estavam somente conversando. E chegou a dizer: - É porque essa doença não é em vocês!

Então lhe disse Pedro de Catani: - Foi nosso pai Francisco que nos mandou vê-los e enviou a bênção para todos que aqui estão.

O leproso Tanalli ficou mais furioso ainda e mandou um recado a pai Francisco: - Esse pai Francisco fica de longe enviando bênçãos. Dispensou-as, elas para mim nada servem, pois cada vez que vocês vêm aqui, fico mais revoltado e continuo doente. Dispensou consolo de humanos como vocês, que parecem mais miseráveis do que nós; se tivessem alguma coisa para dar, não viriam aqui.

Frei Pedro e Frei Paulo ouviam pacientemente o leproso e se conservavam em oração, enquanto Tanalli continuava a blasfemar.

Acontece que a paciência dos dois foi se esgotando e Frei Pedro, homem forte e decidido, pegou o doente, colocou-o nos ombros e disse a Frei Paulo: - Vamos, irmão, levar este doente ao verdadeiro médico.

Chegando a Francisco com o enfermo, ele quase os fez voltar, alegando que não podia ficar com aquele doente em lugar não apropriado. Francisco lhes disse: - Fizeram mal em trazê-lo.

Os dois discípulos baixaram a cabeça e escutavam orando silenciosamente em favor da situação e do doente engasgado de agitação.

Quando os companheiros de Francisco iam saindo de volta para o hospital, Francisco caiu em si, ajoelhou aos pés de seus discípulos e pediu-lhes perdão pelo que fez, dizendo com muito carinho: - Perdoem, meus filhos!... O que fiz, meu coração não deseja que seja assim.

E carregou o doente com dificuldade até uma dependência do rancho.

Olhou para o rosto em chagas, seus lábios formavam uma só ferida. O mau odor era insuportável, o corpo só chagas e o doente não suportava mais a roupa sobre a pele, que quase não existia. Tomado de amor pelo leproso, e com profunda humildade, beijou-lhe o rosto como se fosse o da sua própria mãe. Retirou-lhe a roupa, jogando-a de lado, e, em seguida, beijou suas chagas pustulentas, e falou com o Pai para reconsiderar o que fez. E naquele clima de fraternidade o doente começou a chorar e Francisco também chorou. Os dois choraram juntos.

Diante de drama tão comovente, os discípulos de Francisco ficaram sem saber o que fazer. Pai Francisco pediu aos seus companheiros que, trouxessem uma gamela com água morna, e pediu a Frei Paulo que colhesse três rosas e se pusessem em oração. Trazida a água e as rosas, que foram despetaladas com um hino de louvor aos Céus, Tanalli colocou as pétalas numa tina e, chamando Frei Luiz, pediu que recordasse as palavras da cura de Lázaro, que já tinha morrido há quatro dias, quando foi ressuscitado pelo Cristo.

Sentiu que alguém lhe tomou as mãos, dizendo:

- Francisco, cuida dessas minhas ovelhas, elas são filhas do Calvário, agredidas pelos seus próprios destinos.

E Francisco respondeu mentalmente:

- Sim, Senhor, sim! Eu cuidarei! E Francisco acrescentou: - Se for do Teu agrado que essa enfermidade passe para mim, beijarei as Tuas mãos pela misericórdia de poder pagar minha falta para com este humano de Deus, que devo respeitar.

E Francisco foi passando suas mãos no corpo do leproso, e todas as feridas foram se fechando como por encanto, à medida que as mãos lavavam o enfermo.

Os discípulos caíram, de joelhos, no chão batido do Rancho de Luz, e cantaram hino de louvor ao Todo Poderoso, pela presença do Cristo naquela comunidade.

Tanalli observou o ocorrido e não sentindo mais dor, levantou-se nu, da tina, sozinho, ajoelhou-se perdido em emotividade santa, e beijou os pés de Francisco, molhando-os de lágrimas. Avançou para os discípulos para fazer o mesmo, mas esses não aceitaram, por se sentirem leprosos de Espírito.

Tanalli era um criminoso obstinado e incendiário irreverente, gritou em alta voz com os braços estendidos para os Céus:

- Senhor, sei que existes! Faz de mim o que quiseres que eu seja!

Trouxeram-lhe uma roupa apressadamente, uma veste rota, todos o abraçaram e passaram a chamar-lhe de Frei Aprígio.

Começou a pregar o Evangelho nas suas andanças com pai Francisco, a quem muito respeitava e, ainda no ano 1250, sentia que havia algo para corrigir em seu coração. Tinha impulsos de vio-

lência, e estava sempre empenhado a melhorar, usando todos os recursos das experiências pessoais e das coisas que pai Francisco lhe ensinara. Recolhia-se em oração, por horas, mas o animal violento e orgulhoso ainda vivia.

Certa noite, próxima a cidade de Lecce, quando uma árvore lhe servia de teto, perdeu o sono, fitando as Estrelas e, chorando, pediu a Deus:

- Senhor, se me fosse concedido receber algo de Tuas mãos santas e sábias; se me fosse concedido pedir-Te alguma coisa como prêmio para meu coração; se pudesse escolher um caminho de livre e espontânea vontade, eu Te pediria, que beijasse, outra vez, o meu corpo, como o fizeste antes, com as chagas da lepra e seria o homem mais feliz da Terra, porque, agora, somente ela poderá arrancar do meu coração, o orgulho e a violência que carrego comigo, de vidas incontáveis.

E ainda chorando adormeceu.

No outro dia quando acordou com a luz do Sol a banhar o seu rosto, Frei Aprígio voltava a ser Tanalli, o leproso de Rivotorto. Ajoelhou-se, diante do beijo solar, agradeceu profundamente a bondade do Criador e desatando o cordão da cintura, trocou a veste de Franciscano por uma roupa comum, tomando a direção da Casa de Saúde de onde, antes, revoltado saía. Após seis anos morreu, agradecendo a Cristo e a Deus pela bênção da lepra, que o fizera tirar do íntimo do Espírito, o orgulho e a violência.

A história de Frei Aprígio e Francisco de Assis só nos mostra a humildade. Pai Francisco na sua missão de amor tornou-se humilde perante aquela criatura, ainda tão rude, mas que também era filha do Pai Eterno.

Frei Aprígio, Tanalli, conheceu a lepra e a cura. Porém não conseguia tirar este monstro, que é o orgulho, de dentro dele mesmo. Humilhou-se, tornando novamente leproso, para que sofresse no corpo físico e no Espírito, para dominar o orgulho e a violência.

Todos nós temos um pouco deste monstro em nossos corações e precisamos dominá-lo. A nossa arma é o Evangelho de Jesus Cristo. Devemos seguir as pegadas do Mestre que nos disse: - "Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim". E também nos ensinou a amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos.

Precisamos aprender a ser humildes, mansos e dominar os nossos ímpetos. Não nos envergonhemos de nos fazer humildes perante o nosso próximo.

Jesus se fez humilde perante nós, para mostrar o amor que Ele e o Pai Celestial sentem por nós.

Diante do Mestre, humilhemo-nos, para compreender a nossa missão.

Lutemos, travemos uma guerra para vencer nossas inferioridades dentro de nós e O Divino Mestre estará sempre conosco!

02 - Quem se elevar será rebaixado - itens 3, 4, 5 e 6.

O Divino Mestre, ao dizer pobres de Espírito, referia-se aos Espíritos simples e singelos, despidos de ambição e egoísmo, que costumam triunfar nas lutas do mundo material.

Quando Jesus se referia aos pobres de Espírito, às multidões, Ele falava dos corações despreziosos e humildes, aptos para seguirem os Seus ensinamentos, sem preocupações rasteiras da existência material.

Não adianta mostrar, ao ser humano, a grandeza de um futuro, sem lhe dar a conhecer a humildade. O conhecimento da grandeza e da humildade ensina, ao ser humano, como manter o seu equilíbrio.

Ao orgulhoso, insensato, que vive adorando a si mesmo, numa autolatria sem fim, é necessário que se pergunte:

- Sabe quem és, insensato? Conhece o seu passado? Já pensou na trajetória que percorreu? Sabe o que foi no passado remoto? Ignora?

Olhe para você na escala dos seres inferiores. Veja em toda a nudez, a animalidade que caracteriza a besta, o bruto, a fera que és. Observe aos arrastamentos que está sujeito por ser escravo dos seus instintos carnis. Observe os povos primitivos, os bárbaros, os selvagens, que de humanos só tem a forma. Mire-se no espelho, com toda a sua atenção, porque ele reflete a sua própria gênese, dando-lhe uma sublime lição de humildade.

Ao simples, ao humilde, que muitas vezes ameaça desfalecer no ardor de suas lutas, pergunte-lhe:

- Por que desanimas? Sabe para onde vai? Conhece o futuro radiante que lhe espera após esta passagem difícil? Olhou acima de você e viu os seres superiores, chamados santos, anjos e arcanjos que habitam as mansões celestes? Quem são eles? São entes que como você, se depuraram no cadinho da dor, nas experiências amargas de duras provações!

- Veja na mesma série humana, os grandes e fortes, os puros, os missionários do amor, aqui passaram por este orbe, deixaram uma esteira luminosa que tem servido de roteiro às gerações seguintes.

Olhe no espelho, porque ele reflete o seu porvir, dando-lhe lição de fé, coragem e valor.

Ao orgulhoso Deus mostrará o passado, fazendo-lhe curvar até o pó da Terra. Ao humilde, Deus mostrará o futuro, levantando-lhe a fronte até o Céu.

E assim cumpre-se a palavra do Evangelho: "Aquele que se exalta será humilhado, e aquele que se humilha será exaltado".

Três cruces foram levantadas no morro do Calvário. A do meio era para Jesus Cristo. Qual foi o seu crime? O crime de Jesus até hoje perpetua. Foi amar, foi ensinar ao povo a doutrina do amor, da igualdade de direitos perante as leis, natural e Divina, que emanam de Deus.

As cruces laterais representavam o bom e o mau ladrão.

Jesus crucificado é a imagem do amor e da dor, elementos que, juntos, representam a evolução dos seres humanos. É a figura da justiça aliada à misericórdia.

O bom e o mau ladrão representam a humanidade. O primeiro reflete os errados confessos, os Espíritos simples, sabedores de suas faltas, que suportam o sofrimento e as angústias da existência com resignação e humildade, sem murmúrios, sem revoltas, porque veem nos seus sofrimentos o efeito das causas criadas por eles mesmos. Crendo na justiça, aprendem muitíssimo com as provações, cuja aspereza é amenizada pela maneira com que são recebidas.

O segundo ladrão representa os errados relapsos, impenitentes e orgulhosos, que recebem a dor com revolta, murmurando e blasfemando. São descrentes do amor e da justiça, acham-se sempre vítimas, porque se consideram sem culpas, vendo-se através do orgulho que lhes ofuscam o entendimento e a razão.

A humanidade compõe-se de Dimas e de Giestas, isto é, errados humildes, reconhecedores de suas culpas, que fazem da cruz a sua redenção; e de errados orgulhosos, que murmuram e blasfemam continuamente, contorcendo-se na cruz, que para eles não passa de um instrumento de suplício.

Lembrem-se meus irmãos que, o valor dos nossos feitos não está na proporção vultosa desse feito.

Deus não olha para o volume, nem para a quantidade, mas sim pela qualidade. Deus não quer o muito, Ele quer o certo, quer o melhor. É preferível o pouco certo, ao muito regular.

Nossas obras devem ser feitas com alegria e singeleza do coração, sem tédio, sem cansaço, sem intenção reservada. Na virtude não existem cálculos de qualquer coisa. Todo o certo que fazemos é um cumprimento do dever. Devemos fazer tudo o que pudermos e ainda achar que fizemos só o que devíamos e nada mais.

Não adianta nos exaurirmos numa luta febril e penosa, com o propósito de nos tornarmos melhores aos olhos de Deus. Ele quer misericórdia e não sacrifício.

A existência terrena é um dom precioso e como tal deve ser vivida. Não se deve destruir o seu encanto natural, nem reduzi-la a atos forçados; nem transformá-la num fardo que se arrasta penosamente. Isto não é virtude, é delito.

Os que se enclausuram, para não viver socialmente, incompatibilizam-se com a natureza, em todas as suas manifestações, e estão muito longe de se aproximarem do Céu como pretendem. Distanciam-se do Céu, porque seus atos são egoístas.

O reino dos Céus é daqueles que se tornam como as crianças, diz o Mestre.

A verdadeira virtude é aquela que a si mesma se ignora. Os humildes jamais se julgam privilegiados. "Bem-aventurados os simples de Espírito, porque deles é o Reino dos céus" - reza o sermão da montanha - "Bem-aventurados aqueles que fazem o certo e não se lembram de que o fizeram". A recompensa é sempre grande para os que nela não pensam, e é sempre mesquinha para os que a têm como móvel de seus atos.

Agir com amor, sem aflições, sem ânimo excitado, fruindo desse amor um doce e suave prazer - é o ideal da vida, seja física ou espiritual.

Os que assim fazem, são felizes. Nunca se queixam da ingratidão, nem de cansaço. O tédio e o mau humor não o atingirão. Vivem com a alegria de viver; não se esgotam, nem se consomem. Suas energias físicas e espirituais são sempre renovadas, mantendo o equilíbrio geral.

Ao ser humano compete fazer ajustes com Deus; cumpre ao ser humano, amá-Lo e obedecê-Lo.

Os que prometem fazer isto ou aquilo, sob a condição de troca, desconhecem completamente o caráter da Divindade. Querem receber o pagamento, estabelecendo o valor do feito.

São insensatos! Deve-se deixar Deus nos dar O que bem entender, porque será sempre mais e melhor do que o que concebemos em nosso egoísmo.

Deus sabe dos nossos méritos, não há necessidade de exigirmos nada. Ninguém é bom juiz em causa própria.

Trabalhando com simplicidade e alegria, Deus nos dará o que for justo.

Não pense em ganhar dianteira, porque muitos últimos serão os primeiros, e muitos primeiros serão os últimos.

Este é o ensinamento de Jesus. Procure, com humildade, aprender o Evangelho e a cada dia sentirá brotar em você a esperança de uma vida melhor.

Caríssimos irmãos, agora é o momento do passe.

Sejamos humildes ao receber esta energia do Plano Maior e fiquemos agradecidos pela oportunidade que nos é oferecida.

Agradeçamos a Jesus Cristo, aos irmãos desencarnados que vêm nos ajudar e também aos irmãos encarnados que se propõem a nos ajudar neste intercâmbio de energias.

Entreguemos o nosso coração a Jesus e aos Espíritos corretos e benfeitores, que nos ajudam nessa jornada terrena.

Não peçamos coisas materiais, peçamos forças para conseguirmos transpor as barreiras. Peçamos para começar a enxergar a humildade e arrancar o orgulho do nosso coração. Peçamos para aprendermos a não julgar nossos irmãos e aceitá-los como são, sempre lembrando que temos um passado.

Oh! Plano Misericordioso, cujo dirigente é o Divino Guia - o nosso Jesus, que nestes instantes saibamos nos beneficiar desta glória e também nossos irmãos desencarnados que aqui vieram aprender.

Que a luz de Jesus paire sobre todos nós!

03 - Mistérios ocultos aos sábios e prudentes - itens 7, 8, 9 e 10.

Pobres de Espírito - são os que não tem orgulho, são simples, são humildes, sabem amar e respeitar o seu próximo e, com isto, vão acumulando tesouros no Céu; onde o ladrão não rouba e nem a traça rói.

Jesus agradece ao Pai por revelar os ensinamentos aos simples e pequeninos, porque estes estavam preparados para receber a Sua palavra, assimilar os Seus ensinamentos reformadores. Os sábios e prudentes, a quem Jesus fazia referência, são os céticos, os escarnecedores, os opositores sistemáticos.

Deus criou os Espíritos simples, sem conhecimento, e lhes concedeu os meios de progresso e perfeição.

É preciso que exista desconhecimento para que haja aperfeiçoamento, cujo alcance tem o mérito de cada um, e este aperfeiçoamento não vem sem a simplicidade. Por isso, os Espíritos simples são os Bem-aventurados. As bem aventuranças são as remunerações da simplicidade.

Os vaidosos, os arrogantes, não podem ter simplicidade, sendo por isso condenados por suas ideias preconcebidas.

Jesus usou as crianças como símbolo, como personificação da simplicidade; elas são, quando em sua inocência, a representação da simplicidade de Espírito. Sabem que não sabem, e se esforçam para saber, perguntando, inquirindo aqui e ali. Não têm opinião preconcebida, nem são orgulhosas de seus títulos; costumam respeitar as convenções, e quando estas parecem disparatadas, indagam os motivos e procuram tirar deduções que lhes pareçam justas.

A simplicidade de Espírito é uma das prerrogativas indispensáveis à aquisição do Reino de Deus. Por que os escribas, os fariseus, os doutores da lei, os religiosos, repeliram a Doutrina de Jesus, pedindo a Sua morte?

Porque eles não tinham simplicidade de Espírito, eram vaidosos dos seus conhecimentos, orgulhosos de seu saber, não percebiam a ignorância em que se achavam das coisas Divinas e se julgavam possuidores de toda a verdade.

Jesus, abençoando as crianças e acariciando-as, mostrou que mais vale ser desconhecedor e simples, do que se presumir sábio e sem simplicidade.

Assim como um tonel velho não pode suportar um vinho novo, por estar impregnado do velho licor, também é preciso que o ser humano se torne simples, ponha de lado as crenças que recebeu por herança, para analisar sem preconceito, o Cristianismo que não veio impor nada a ninguém, mas apresentou-se a todos como a única Doutrina capaz de nos levar à perfeição, se a estudarmos e a compreendermos em Espírito e Verdade.

A Reencarnação é um dos meios de nos desembaraçarmos das ideias preconcebidas, nos tornando aptos para a recepção da Verdade, que é o princípio redentor no Cristianismo.

"Aquele que não receber o Reino de Deus como um menino, de maneira alguma entrará nele".

Aquele que não receber o Reino de Deus com simplicidade, humildade e boa vontade de se aproximar de Deus, não entrará nele.

Jesus foi enviado às ovelhas desgarradas, e não poderia ter sido de outra forma! O Mestre tem suas vistas voltadas para toda a humanidade, pois Seu amor abraçou toda a Terra, e Seu amor previu tudo, por isso enviou missionários para continuar semeando a Sua mensagem.

Jesus não se importou em converter os grandes da Terra e, quando estes lhe pediam um sinal, Sua resposta era categórica: "Nenhum sinal será dado a esta geração errada e infiel".

Herodes pretextando conhecê-Lo, mandou procurá-Lo. E Jesus responde ao convite - "Ide dizer a este esperto que ainda por três dias devo expulsar os errôneos Espíritos, curar leprosos e paralíticos, e no terceiro dia serei levantado".

Jesus não cogitava da imediata conversão de seres humanos insensíveis, dos cegos que não queriam ver, dos gentios que viviam no grotesco paganismo, dos samaritanos mergulhados no obscurantismo originado de dogmas e tradições.

Jesus preferia ir primeiro aos pequeninos. O Mestre veio trazer à Terra uma Doutrina Universal e ensinou que, para ir ao Pai, não basta apenas ser Cristão, é preciso fazer obra de Cristão, e para fazer obra de Cristão é necessário não apenas ler o Evangelho, e sim vivenciá-lo.

Quem tem mais valor aos olhos de Deus: um ateu que pratica o certo e o bem, ama o seu próximo, cumpre o seu dever no lar ou um religioso que frequenta a casa cristã, mas, não pratica qualquer caridade, não tolera o seu próximo e torna-se um tirano no lar?

Quem tem mais mérito: uma pessoa que não crê em Deus, mas está sempre disposta a cooperar com o seu próximo, ou um religioso que vira as costas e fecha as portas do coração para tudo e para todos?

Em qual desses lugares nos colocamos? Nós estamos aqui para obter conhecimento, para aprender o Evangelho do Divino Mestre.

Analisemos a nossa consciência e vejamos se, realmente, estamos nos tornando verdadeiros Cristãos.

Quanto mais aprendizado Cristão, mais responsabilidade sobre os nossos ombros, pois se errarmos, o faremos por vontade própria, por quisermos ignorar o Mestre.

O apóstolo, Tiago menor, deixou bem claro ao escrever em sua epístola: "A fé sem obras é morta em si mesma".

Paulo de Tarso escreve na sua epístola: "Se alguém falar a língua dos humanos e dos anjos, ou der o corpo físico para ser queimado em praça pública, mas não tiver caridade, isso nada significa".

Qualquer um pode dizer-se Cristão, porém se não praticar a cristandade de nada vale.

Por isso, em todos os dias devemos buscar a simplicidade, a humildade e procurar respeitar o nosso próximo.

Temos que aprender a olhar o próximo como irmão e, se ele está em pior condição moral do que a nossa, procuremos lhe dar a mão e pensar que no passado, em outras existências, já passamos por essa errada situação. Pelo menos aprendamos a orar com fervor pelo irmão necessitado. Se o irmão está em condição melhor, moral e espiritual, que ele nos sirva de exemplo. Procuremos imitá-lo na sua bondade.

Na parábola do rico e de Lázaro, vemos o rico chamar de pai a Abraão, porque ele se achava seu filho, porém não realizou obras dignas de um filho de Abraão e por isso pagou duras penas.

Para nós é uma lição: de nada adianta irmos até este templo, achando que nós estamos cumprindo o dever Cristão e, ao sairmos daqui, esquecermos o que aprendemos, nos tornarmos impertinentes e incompreensivos para com nossos irmãos. Começemos a praticar a cristandade em nosso lar, em nosso trabalho.

Respeitemos o direito do nosso próximo, lembrando sempre que todos nós somos irmãos. Sabemos que não é fácil, mas precisamos tentar. Tudo o que fizemos de certo e de bom nesta jornada, são bônus que adquirimos para a próxima vida física.

Ser Cristão também significa ser bom rico, um rico que sabe dar parcela de seus bens, promovendo o bem estar dos menos favorecidos pela fortuna. Ser bom pobre é não viver blasfemando constantemente, contra Deus e contra tudo.

Ser Cristão é ser correto, caridoso, tolerante; é ser bom, não guardar ciúmes, vaidades, não ser orgulhoso, déspota ou rancoroso; não cobiçar as coisas alheias; nem alimentar inveja contra a prosperidade do seu próximo.

Para ir ao Pai através do Cristo, é preciso viver o Evangelho, mesmo que pertença a outras religiões, mesmo que não seja do ramo Cristão.

E o que é viver o Evangelho?

Já repetimos várias vezes: é amar a Deus em primeiro lugar e aprender a amar o próximo como a nós mesmos. Qualquer criatura humana tem essa capacidade, desde que seja humilde de Espírito e traga o amor em seu coração.

Não nos esqueçamos que Buda, Krisna, Abraão, Moisés, foram emissários de Jesus, que vieram em outras regiões e épocas do mundo, para deixar sementes generosas, onde mais tarde germinariam, quando o Evangelho de Jesus estivesse sendo implantado em todos os cantos da Terra.

Quando a época for propícia, haverá um só rebanho, sob o cajado de um só Pastor.

Se os ensinamentos desses missionários divergem um pouco, do que o Mestre Nazareno ensinou, devemos compreender que, isso é decorrência do próprio atraso moral e espiritual reinante na época.

Não há dúvida, todas as arestas serão removidas e, um dia, todos conhecerão Jesus, que é realmente o Caminho, a Verdade e a Vida, e que ninguém irá ao Pai a não ser por Ele, isto é, assimilando os Seus ensinamentos e praticando-os.

O amor, a caridade, a fraternidade, a mansuetude, a tolerância, são vocábulos universais, e todos que os praticarem, estão palmilhando o caminho de Nosso Senhor Jesus Cristo.

E nós, que não viemos aqui somente para passar o tempo, vamos começar a praticar o Evangelho do meigo Nazareno, começando a nos modificar e abrir o nosso coração.

Que Jesus nos abençoe nesta jornada!

04 - O Orgulho e a Humildade - item 11.

Meus irmãos, que sejamos iluminados nestes momentos de aprendizado do Evangelho.

Mais forte que a madeira é o cobre.

Mais forte que o cobre é o bronze.

Mais forte que o bronze é o mármore.

Mais forte que o mármore é o granito.

Mais forte que o granito é o ferro.

Mais forte que o ferro é o aço.

Mais forte que o aço é o diamante.

Mais forte que o diamante é o coração orgulhoso.

Só o poder de Deus consegue reduzi-lo. Se assim não fora, seria irreduzível.

Se o teu irmão errar contra ti, vá repreendê-lo entre ti e ele só; se te ouvir, ganho terá este irmão.

Se não te ouvir, leva contigo uma ou duas pessoas, para que por boca de duas ou três testemunhas toda a questão fique decidida. Se, apesar disto, ele recusar atender-te, dize-o a igreja; e se também recusar a ouvir a igreja, considere-o como gentio.

Veja quanto esforço o Mestre manda fazer para anular qualquer desentendimento, antes que assumas caráter de inimizade, tornando-se causa de separação.

Aos olhos do Senhor, a amizade vale muito, por isso este conselho para conservá-la. Deve-se fazer tudo ao alcance para não se perder uma amizade.

Desmanchar dúvidas, alisar rugas, dissipar nuvens que se apresentam na vida fraternal, é o nosso dever, antes que estas nuvens se transformem em tempestades. Isto é o que deve desejar aquele que quer seguir as pegadas do Filho de Deus.

Infelizmente, os seres humanos ainda estão longe destes ensinamentos do Mestre.

Se o ser humano acreditasse nos conselhos do Salvador, não haveria rugas, não haveria nuvem que não se dissipasse. Tanto os seres humanos como as nações viveriam em paz. A Terra não se embeberia mais de sangue, o mundo deixaria de ter tantos homicídios e guerras fratricidas.

Para um ser humano buscar tantos meios, fazer tanto esforço para conseguir a reconciliação, aos olhos humanos essa atitude parece covardia.

Assim raciocina o orgulhoso ser humano. Sim, o orgulho, que não é virtude, que é uma pedra de tropeço, no caminho que conduz o ser humano à realização do seu glorioso destino.

Covardia é o que os seres humanos chamam de dignidade, e por orgulho fazem defesa espetacular em duelos com pistola ou outras armas. Em sua explosão de orgulho, defende-se martirizando o seu próximo.

A verdadeira dignidade requer defesa no interior e não no exterior. É dentro, e não fora de nós, que a dignidade reclama defesa. Ninguém pode atentar contra nossa honra e nosso brio, senão nós mesmos.

O ser humano não é digno e nem indigno, certo nem errado, porque os outros dizem; o ser humano é digno e certo quando a dignidade e o correto sentimento constituem adjetivos do seu caráter. O ser humano é indigno e errado quando existe mácula em seu íntimo.

É do coração que vem a virtude e também o vício, o acerto como o erro. É da luz da consciência que o ser humano se engrandece ou se avilta. Neste recesso, nenhum elemento externo tem ação.

O ser humano que opõe uma ofensa a outra ofensa, que fere ou mata por desaforo, age sempre impelido pela tirania das paixões, jamais por legítima defesa.

Ele defende o que deveria deixar morrer nele: - O orgulho.

A verdadeira dignidade é calma e serena: tem confiança em Deus e na Sua Justiça. É inacessível aos botes do inimigo. Não pede defesa de fora, porque se sente defendida e amparada na força do próprio caráter, do qual faz parte integrante.

Deixemos, pois, que morra à míngua de defesa o nosso orgulho, e pratiquemos a doutrina de Jesus Cristo, com respeito a tudo que serve de causa de separações e de ódios.

O orgulho, este soberano, gera filhos e chamam-se: melindre, egoísmo, vaidade, arrogância, despotismo, maldade, indiferença, maledicência, cólera e outros mais.

Vamos conhecer um pouco do melindre?

Melindrar - tornar-se melindroso - magoar-se - sentir-se ofendido - débil - suscetível -, etc.

Há também uma planta que se chama melindre, porém, vamos falar do melindre sentimento.

O melindre leva a criatura humana a situar-se acima do bem de todos. Só ela tem sentimentos, só ela se magoa, só ela sente dor.

Um Espírita quando se melindra, se julga mais importante que a Doutrina Espírita e pretende ser melhor que a tarefa consoladora em que se consola e esclarece.

Há Espírita que se melindra por não ter lugar de destaque e acha que já conhece tudo do Espiritismo.

Os Espíritas, ou os que pretendem serem Espíritas são os que devem se melindrar menos, pois sabem que o companheiro difícil é para burilar a paciência. Na Casa Espírita não deve haver melindre. Não deve haver mágoa por isto, ou aquilo, entre os trabalhadores da Casa.

Melindrar é dar vazão aos sentimentos ruins, agravar problemas, dificultar as coisas, é prevenção negativa.

O melindre é uma alergia moral que demonstra má vontade, transpira incoerência, estabelecendo moléstias obscuras no âmago do Espírito.

É um sentimento que não tem razão de ser.

Encontramos o melindre em diversas situações:

- Se a proposta de um diretor é rejeitada, ele se sente desprestigiado e não volta às assembleias.
- Se um médium é advertido pelo condutor da sessão, acerca de sua educação mediúnica, ele se ressentido e foge das reuniões.
- O comentarista que é alertado para abaixar o volume da voz, ele se amua e acha que não deve falar mais.
- O colaborador do jornal que vê sua matéria ser rejeitada, acha-se menosprezado e encerra suas atividades na imprensa.
- A cooperadora da assistência social, esquecida do seu aniversário, fica ferida, caindo na indiferença.
- O servidor do templo que não compôs a mesa orientadora da ação espiritual, se desgosta, sente-se injuriado.
- O doador, cujo nome foi omitido nas citações de agradecimento, fica magoado, procurando não cooperar mais.
- O jovem que é aconselhado pelo irmão amadurecido, se rebela contra o aviso da experiência e se descontenta.
- A pessoa procura o companheiro porque precisa de cooperação, não sendo atendida no horário que este trabalha para sobreviver, sente-se desatendida.
- O amigo que não fica satisfeito com a conduta do colega na instituição, deserta revoltado, engloba todos os demais e esquece que a hora é de auxílio mais amplo.

O Espírita que se nega ao apoio fraterno somente prejudica a si mesmo. Devemos perdoar e esquecer, se quisermos colaborar e servir.

Entre os casais, não deve haver melindres, pois se propuseram a uma vida a dois. Entre eles deve haver dignidade.

Entre pais e filhos, também não deve haver melindres, pois estão juntos porque necessitam dessa aproximação para completar o ciclo evolutivo.

A cada vez que nos sentirmos magoados, analisemos com calma a situação, oremos a Jesus e peçamos orientação, para não guardarmos esta nódoa que mancha o Espírito.

O melindre desune, separa, não deixa muitos planos serem realizados.

Fujamos do melindre, porque a honra está na tranquilidade da consciência, sustentada pelo dever cumprido.

Cabe-nos ouvir a consciência e segui-la, lembrando que a mágoa de alguém sempre surgirá no caminho. É alguém que precisa de nossas preces.

Meus irmãos, vocês já pensaram se um dia Jesus se melindrara com as nossas faltas incessantes?

Nós só conseguiremos amar o nosso próximo, plenamente, quando a humildade banhar o nosso coração, nos permitindo compreender que todos somos irmãos e que devemos nos auxiliar, seja qual for a nossa posição no cenário da vida.

O abrigo do frio, a mesa suficiente, a bênção da saúde, a presença do equilíbrio, são socorros que recebemos no curso de nossa caminhada, a fim de elevar-nos acima de nós mesmos.

Tudo isto, não podemos ver como mérito nosso, senão torna-se orgulho, pois o nosso Pai sabe o que precisamos.

Nossa passagem aqui é transitória, por isso vemos grandes fortunas ruírem, por isso somos visitados por enfermidades imprevistas e doloridas e também somos requisitados pela obsessão, que aniquila o equilíbrio sem Deus. Esses sinais nos levam à humildade.

A mãe que se humilha! Tendo na maternidade o seu calvário, num lar muito pobre, recebe em seu regaço Espíritos que outrora se compromissaram na sua romagem terrena, retornando para resgatar o passado doloroso. Seguindo humilde, para conseguir um pedaço de pão, que sacia a fome de seus filhos, essa mulher escreve o poema da fé, confiando no Pai Celestial, que lhe dá cobertura, amparo e socorro, para sobrevivência daqueles a quem mais ama e que se fizeram carentes de penúria para abrandar o seu orgulho. Ela poderá não esperar um Céu... O Céu, porém, será destino certo de todas as mães que sofrem resignadamente humilhações, por amor de seus filhos, porque na redenção desses Espíritos que lhe buscaram o colo generoso, se inscreve a sua felicidade na Espiritualidade Maior.

Ninguém vai a um templo primeiramente para dar. Todos nós, antes de tudo, vamos para receber, seja qual for a circunstância.

Nós estamos reunidos aqui para aprender um pouquinho do Evangelho do Mestre, para pensar no que ouvimos e tentar praticar um milímetro pelo menos desses novos conhecimentos.

Vimos receber e também dar.

O passe não é só para recebermos fluidos do plano espiritual, é para doarmos energia ao irmão que de boa vontade nos aplica o passe, aos irmãos desencarnados que aqui também vem aprender e oferecermos um pouco desse fluido de bondade, de amor, aos mais necessitados.

A nossa vinda a esta casa Cristã, deve ser com o desejo de iluminar-nos, fazer da nossa jornada terrena uma bênção.

O que precisamos pedir a Nosso Senhor Jesus Cristo é paz no coração, compreensão, e tudo o mais vai ser acrescentado.

Que Jesus nosso Mestre e Guia, nos acompanhe!

05 - Poder e Humildade dos Apóstolos. A cura do coxo - item 11.

Em Lystra estava sentado um homem aleijado dos pés, coxo desde o seu nascimento, e que nunca tinha andado. Ele ouvia falar Paulo, e este, fitando os olhos nele e vendo que tinha fé de que seria curado, disse em alta voz: - Levanta-te direito sobre os teus pés. E ele saltou e andava.

A multidão vendo o que Paulo fizera, levantou a voz, dizendo: - Os deuses em forma humana desceram a nós, e chamavam Barnabé de Júpiter e Paulo de Mercúrio.

O sacerdote de Júpiter, que estava em frente da cidade, trouxe para as portas touros e grinaldas e queria sacrificar com a multidão. Porém quando Paulo e Barnabé ouviram, saltaram para o meio da multidão clamando:

- Senhor, por que fazei isto? Nós também somos homens da mesma natureza que vós e vos anunciamos o Evangelho para que destas coisas vãs vos convertais ao Deus vivo, que fez o Céu e a Terra, o mar e tudo o que neles há; o qual nos tempos passados permitiu que todas as nações andassem nos seus próprios caminhos e, contudo, não deixou de dar testemunho de si mesmo, fazendo o bem, dando-vos do Céu chuvas e estações frutíferas, enchendo-vos de mantimentos e os vossos corações de alegria. Dizendo isto, com dificuldade impediram a multidão de lhes oferecer sacrifícios.

A cura do coxo de Lystra foi efetuada pelo mesmo processo que a cura do coxo do templo, da porta Formosa, efetuada por Pedro.

Paulo possuía também, como Pedro, o grande dom de curar aos doentes. Era, como dissemos, um dos sinais que envolviam os apóstolos. A fé contribuiu muito para o sucesso dessas curas. Jesus dizia aos que lhe pediam o restabelecimento da saúde: - "se tiveres fé, tudo é possível".

Sem dúvida, esse fenômeno, como todos os demais do Evangelho, e que o Espiritismo reproduz, dão grande sensação.

Foi o que aconteceu em Lystra. Admirados do fato surpreendente que acabavam de ver, não só o curado, como todos que presenciaram o fato. Nas suas ideias primitivas, Paulo e Barnabé eram deuses baixados na Terra.

Eram submissos ao politeísmo, não tinham noção da verdadeira religião. Porém, os apóstolos, compenetrados dos seus deveres e fiéis à missão que desempenhavam, não aceitaram as ofertas e nem os holocaustos, fazendo o povo ver que Deus não precisava dessas coisas, pois Ele é o dono de tudo, não compete a nós oferecer-lhe dádivas nem sacrifícios daquilo que já é Seu.

O sinal do apostolado de Jesus é o desinteresse e a humildade, e os apóstolos faziam realçar esses sinais, para que a doutrina que pregavam aceitasse os seus princípios constitutivos, a fim de verdadeiramente salvar os Espíritos.

Observe a vida dos apóstolos, os seus atos, as suas pregações. Eles davam e não recebiam, eram perseguidos e não perseguiam, todas as suas palavras e os seus atos eram de louvores ao Deus vivo, que fez a Terra, o Céu e o mar e tudo o que neles há.

Repeliam as glórias, repudiavam os louvores, execravam o maldito ouro que tanto escraviza os sacerdotes de todos os tempos, e sofriam injustas perseguições, louvando sempre ao Senhor e dando testemunho que, de fato, eram Cristãos.

Eles eram cheios de poder, porque eram humildes e verdadeiros, por isso os Espíritos corretos e bons seguiam seus passos, provendo-os de tudo o que necessitavam.

Estudando a humildade, vejamos como se comportava Jesus no exercício da sublime virtude.

O mundo precisava da mensagem da Boa Nova, Jesus poderia permanecer na glória celeste e enviar os mensageiros angélicos para representá-Lo entre os seres humanos, mas preferiu descer, Ele mesmo, no chão da Terra e suportar as suas vicissitudes.

Ele tinha poder para anular a sentença de Herodes, que mandava decepar a cabeça de recém-nascidos com o fim de impedir a Sua presença; no entanto, afastou-Se para longínquo rincão, até que devesse voltar.

Jesus dispunha de recursos para Se impor em Jerusalém ao pé dos doutores que não aceitavam as novas revelações; contudo, retirou-Se sem mágoa para remota província, e valeu-Se de humanos rudes para acolher a Sua palavra consoladora.

Possuía virtude suficiente para humilhar a filha de Magdala, dominada pela força das sombras; no entanto, silenciou para chamá-la docemente para o reajuste da vida.

Sabendo de sua dignidade, era justo que mandasse os Seus discípulos ao encontro dos sofredores, para consolá-los na angústia e sarar-lhes as ulcerações; todavia, não renunciou ao privilégio de seguir, Ele mesmo, em cada canto da estrada, a fim de ofertar-lhes alívio e esperança, fortaleza e renovação.

Tinha elementos para desfazer-Se de Judas, o aprendiz insensato; apesar de tudo, conservou-o até o último dia da luta, entre aqueles que mais amava.

Com uma simples palavra, poderia confundir os juízes que O rebaixavam perante Barrabás, autor de vários crimes; contudo abraçou a cruz da morte, rogando perdão aos próprios carrascos.

Poderia condenar Saulo de Tarso, o implacável perseguidor que aniquilava a plantação do Evangelho nascente; mas buscou-O em pessoa, às portas de Damasco, visitando-Lhe o coração, e mostrando-Lhe o caminho do Evangelho.

Com Jesus, percebemos que a humildade nem sempre surge da pobreza ou da enfermidade que tanta vez significa lições regeneradoras, e sim que, o talento celeste é atitude do Espírito que almeja a própria luz para levantar-se das trevas. Procura sacrificar a si próprio nos caminhos empedrados do mundo, para que os outros aprendam, sem constrangimento ou barulho, a encontrar o caminho para as bênçãos do Céu.

"E assenta-te no último lugar". Lucas, capítulo 14, vers., 10.

O Mestre, nesta passagem, proporciona grande ensinamento de boas maneiras, aplicando ao mecanismo da vida comum.

A recomendação do Salvador leva-nos a examinar algo de novo, junto aos semelhantes.

Se alguém entra pela primeira vez em uma casa ou participa de uma reunião, demonstrando que tudo sabe ou que é superior ao ambiente em que se encontra, torna-se intolerável.

Mesmo que o agrupamento esteja enganado em suas finalidades e intenções, não é certo que o esclarecido ingresse pela primeira vez, e se faça doutrinador e exigente, porque, para a tarefa de reconduzir Espíritos, é indispensável que o trabalhador fiel ao certo e o bem, inicie o esforço indo ao encontro dos corações pelos laços da fraternidade legítima. Somente assim, conseguirá eliminar uma parcela de sombra, a cada dia, através do serviço constante.

Sabemos que Jesus foi o grande reformador do mundo, entretanto, corrigindo e amando, veio ao mundo, no caminho dos seres humanos, para cumprir a Lei.

Não procure os lugares de evidência por onde passar. E, quando encontrar com os irmãos, em qualquer parte, procure não ofuscá-los, mostrando o quanto já conquistou nos domínios do amor e da sabedoria.

Quando está decidido a cooperar pelo certo e o bem dos outros, apague-se de algum modo, a fim de que o próximo possa te compreender, porque impondo normas ou exibindo poder, nada se consegue, senão estabelecer mais fortes perturbações.

As lições de humildade, de Jesus Cristo, estão em todo o Seu Evangelho.

A humildade engrandece o ser humano e anda de mão dada com a caridade.

Que hoje, nestes momentos de Evangelho, olhemos para dentro de nós e aprendamos um pouco de humildade.

A cada momento, que fui lendo e copiando estas palavras que, hoje leio, vi o tanto que tenho a aprender para ser humilde.

Que Jesus me perdoe e eu possa, a cada dia, aprender a levar a Sua palavra e saber humilhar-me diante da Sua grandeza e diante do meu irmão.

E lendo esta oração de um nosso irmão humilde, que é Francisco de Assis, reconheçamos o quanto precisamos ser humildes para aprender:

- Benditas sejam as dificuldades que nos agridem e fazem pensar.
- Benditas sejam as horas que gastamos em função do bem eterno.
- Bendito seja quem nos maltrata à primeira vista e nos ajuda a melhorar.
- Bendito seja quem não nos conhece e acredita em nós.
- Bendito seja quem nos compara com os vagabundos e os indolentes.
- Bendito seja quem nos expulsa, como párias ou fanáticos.

- Bendita seja a mão que nos nega o cumprimento.
- Bendito seja quem quer nos esquecer, impaciente.
- Bendito seja quem nos nega o pão de cada dia.
- Bendito seja quem nos ataca por ignorância e covardia.
- Bendito seja quem nos experimenta no decorrer do tempo.
- Bendito seja quem nos faz chorar nos caminhos.
- Bendito seja quem não nos agrada no momento.
- Bendito seja quem exige de nós a perfeição.
- Benditos sejam os que maltratam nosso coração porque, verdadeiramente, são estes, meus filhos, os nossos vigilantes e os que nos ajudam a seguir o Cristo com maior segurança, pois Deus, através deles, nos ajuda na autoeducação, de maneira que fiquem abertas todas as portas para o amor universal.

E benditos sejam os irmãos espirituais que ajudaram a reunir-nos aqui, esta noite, em nome de Jesus Cristo.

E louvado seja Jesus Cristo, Mestre e Senhor!

06 – Bem-aventurados os pobres de Espírito. Adolfo Bispo.
Marmande, 1862 - item 12.

Estando Ele em casa, perguntou-lhes: - Sobre o que discorriéis pelo caminho? Mas eles se calaram; porque pelo caminho haviam discutido entre si, qual deles era o maior. E sentando-se, chamou os doze e disse-lhes: "Se alguém quer ser o primeiro, seja o último de todos, e servo de todos". E tomando um menino, pô-lo no meio deles e, abraçando-o disse-lhes: "Aquele que receber um destes meninos em meu nome, a mim é que recebe; e aquele que me receber, recebe não a mim, mas àquele que me enviou". Marcos, capítulo 9, vers. 33-37.

Jesus mostra como exemplo um menino, porque a criança simboliza a inocência, a humildade. Então, se formos simples, humildes, nós estaremos recebendo Jesus no coração.

A inferioridade moral é quando nos julgamos superiores aos nossos semelhantes. Todos que procedem assim são orgulhosos, vaidosos. A vaidade e o orgulho não têm vez no Reino dos Céus.

Nos tempos de Jesus, até seus discípulos discutiam quem deveria ser o maior entre os doze apóstolos, querendo cada um deles preponderância. Porém, foram aprendendo com os exemplos do Mestre, a serem humildes, a servir sem pedir nada em troca.

O orgulho é a tirania dos sábios, e o pecado a tirania dos santos. Há sábios que aprendem tanto, mas esquecem do coração, petrificando-o. Há santos que se mortificam tanto, se comprimem, fazem e desfazem que, chegam a petrificar a sua religião.

Isso nós estamos vendo em várias religiões. A religião se transforma em sacramento, e os sacramentos são práticas materiais. Petrifica-se a religião, tornando-a pedras duras, sem Espírito. Até metalizam a caridade, porque há religiões que nada fazem sem o dinheiro.

O fogo do orgulho e da vaidade tem chamas tão fortes que derretem toda a humildade, toda a caridade, todo o amor a Deus, todo o desapego a essas virtudes, é o sofrimento que domina hoje o mundo inteiro.

"Mestre! Quem é dentre nós todos o maior no Reino dos Céus?".

Jesus que via diante de si um menino humilde e bom, responde: "Quem, pois, se tornar humilde como este menino, este será o maior no Reino dos Céus".

O menino que Jesus apresentou, representava o servo bom e que não tem pretensão de ser pontífice; não se julgava superior a ninguém. Conserva-se humilde e dócil ao ensino de Jesus. E assim queria Jesus que fossem os seus discípulos, sem preconceitos de castas ou classes, para um dia se tornarem grandes.

"Aquele que se humilha será exaltado e o que se exalta será humilhado". Depois dessas palavras de Jesus, seus discípulos tomaram a sua missão, seguindo o exemplo do Mestre.

Se depois do aprendizado com o Mestre Jesus, os discípulos não fossem humildes, melhor seria que nascessem de olhos fechados, do que de olhos abertos e não conseguir enxergar nada.

O mesmo acontece com todos nós que, procuramos o Divino Amigo nos momentos de desespero e, resolvido o problema, esquecemos Dele. Melhor então que não O procurássemos somente por interesse. Melhor então que continuássemos na ignorância.

Só podemos ser apóstolos do Cristo e para o Cristo. Não podemos ser maior que o Mestre. Não se podem ter mãos e pés, cérebro e coração, sabedoria e conhecimento, sentimento, raciocínio, senão para seguir Jesus, o exemplo vivo da humildade que, para exemplificar esta virtude, tirou as suas vestes, cingiu-se com uma toalha, deitou água em uma bacia e lavou os pés de seus discípulos, inclusive daquele que depois veio traí-lo.

Que exemplo maravilhoso, Jesus fazendo-se menor que os seus discípulos, mostrando a humanidade que nenhum servo é maior que seu Senhor e nenhum Senhor é maior que o seu servo. Que todos somos irmãos!

E pensar que, ainda estamos arraigados a preconceitos, tradições, racismo. Pobre de nós que, ainda não tiramos a venda dos olhos, que, ainda não conseguimos enxergar nossos irmãos.

Para ser grande no Reino dos Céus, para ser o maior aqui da Terra, é preciso seguir Jesus Cristo, amar o Cristo de coração, entendimento e Espírito, com todas as forças.

A sentença proferida por Jesus: "O filho do homem veio para servir e não ser servido". É um grande ensinamento do Evangelho de Jesus.

Jesus foi o maior Espírito que veio à Terra e aqui poderia ter desempenhado posições de destaque no que tange às honrarias terrenas, e poderia ter em Suas mãos o poder, o domínio dos impérios, porém, Ele disse que o filho do homem veio para servir e não para ser servido. E o que disse é a verdade, demonstrada em Seu Evangelho.

Nasceu na humilde aldeia de Belém, teve por berço a manjedoura. Começou servindo a humanidade, ensinando que não se deve dar apreço às tradições e que, na humildade, o ser humano se dignifica e se eleva espiritualmente.

Na disposição de servir, chamou para seus assessores, humildes pescadores, humanos de pouca erudição, porém com firme propósito de contribuírem para a elevação espiritual humana.

Preferindo servir a ser servido, Jesus não ficou em Jerusalém aguardando os sofrendores e desesperançados, preferiu ir buscá-los, em suas próprias cidades.

Maria Madalena, Zaqueu, Maria de Betânia, receberam a visita do Mestre que, lhes abriu a porta do coração, para que iniciassem o laborioso processo de reforma íntima.

Com o propósito missionário de esclarecer os gentios, Jesus não esperou que Paulo de Tarso se arrependesse e buscasse a Sua orientação. Foi buscá-lo na estrada de Damasco, através de grande manifestação espiritual.

Quando o Centurião de Cafarnaum rogou-lhe, que curasse o seu servo, Jesus Cristo não ordenou que o trouxessem, prontificou-se ir a sua cidade, e só não o fez, diante da explosão de fé do solicitante, que acreditou, bastar uma simples ordem do Mestre, mesmo à distância, para que o doente se curasse.

Jesus serve de ponte entre o velho mundo dos deuses humanos e o novo mundo de Deus, único e misericordioso.

Jesus serve de sustentáculo para os humildes de coração e os sofrendores de todas as matizes.

Jesus serve para iluminar os horizontes do mundo, para clarear os caminhos dos desesperançados e marginalizados.

Jesus serve de bússola, para nortear os rumos dos indecisos e daqueles que estacionam na senda evolutiva.

Jesus serve de promessa viva, para os que enveredaram pelo caminho do crime, acenando-lhes a possibilidade de volta ao aprisco e a sua rendição espiritual.

Jesus serve de juiz generoso, para os que carecem de justiça.

Jesus serve de pastor amoroso, para todas as ovelhas desgarradas e que desejam voltar ao rebanho.

Jesus, sendo o Caminho, a Verdade e a Vida, serve de diretriz, para todos quanto se acham mergulhados na revolta, na intemperança e nos vícios.

No Evangelho de Lucas há o ensinamento: "Qual é o maior? Quem está à mesa, ou quem serve? Porventura não é quem está à mesa? Eu, porém, entre vós sou como aquele que serve".

É de uma sublimidade ímpar o que encerra estas palavras de Jesus, mostrando a finalidade primária da Sua vinda, servir a humanidade por todos os modos possíveis.

"E qualquer que entre vós quiser ser o primeiro, seja o vosso servo".

Com este ensino, Jesus mostrou que a preponderância que norteia o rumo dos seres humanos orgulhosos e enganadores, que na aparência são humildes como ovelhas e por dentro lobos devoradores, não será válida, lá eles serão os últimos.

E Jesus, na incansável ajuda aos seres humanos, está sempre enviando emissários para nos esclarecer.

O Espiritismo é o grande ensinamento, para que o ser humano volte para dentro de si, descobrindo o Reino de Deus em seu coração.

O Espiritismo nos ensina que, só sendo humilde como o Mestre, chegaremos até Ele, que nos levará ao Pai.

Para chegar até Jesus, precisamos seguir o Seu Evangelho.

Agora vamos ao passe, e sejamos humildes diante dos nossos irmãos espirituais que vêm nos ajudar, trazendo tranquilidade e saúde.

Abençoemos a água que vamos beber, fluidificada por nossos irmãos de boa vontade.

Que os irmãos bondosos nos acompanhem!

07 - Missão do humano inteligente na Terra - item 13.

Celebrava-se a festa da dedicação em Jerusalém. Jesus passeava no templo, no pórtico de Salomão. Cercaram-no os judeus e perguntaram; Até quando nos deixarás suspensos? Se tu és o Cristo dizei-nos francamente. Respondeu Jesus: Eu vo-lo disse, e não crestes; as obras que eu faço, em nome do Pai, dão testemunho de mim; mas vós não credes porque não sois das minhas ovelhas. As minhas ovelhas ouvem a minha palavra, e eu as conheço e elas me seguem; e eu lhes dou a vida eterna, e nunca jamais hão de perecer, e ninguém as arrebatará da minha mão. Mas ninguém vem a mim senão trazido pelo Pai.

Para nos convenceremos das verdades reveladas por Jesus Cristo, não basta usar só a mente, é indispensável que o coração tome parte.

Entender não é tudo. É preciso sentir a verdade. O conhecimento, desacompanhado do sentimento, não penetra no Cristianismo.

O ser humano material não pode compreender as coisas espirituais. Então: razão, fé, intelecto e coração, devem marchar de mãos dadas na conquista redentora.

As provas mais convincentes são as que brotam do coração e não as que entram pelos olhos.

O testemunho interno, a influência que o orvalho celeste exerce no recesso do nosso eu, tem muito mais força, convence muito melhor que os testemunhos externos, que os fenômenos ostensivos. Quando o amor penetra no coração, o faz para ficar. E quando precisamos de testemunhos externos, muitas vezes não acreditamos.

No campo das investigações temos que empregar a inteligência e o sentimento. Os judeus, contemporâneos de Jesus, tiveram inúmeras provas da evidência e da autenticidade, da individualidade do Cristo e da sua missão. No entanto, duvidaram sempre. Não quiseram abrir o coração, usar o sentimento e nem abrir mão de suas tradições, dogmas e crenças.

A Doutrina do Divino Mestre ficou comprovada pela luz dos fatos, foi e continua sendo para muita gente assunto controvertido e rejeitado. Por isso, a exclamação do Mártir da nossa ignorância e orgulho: "Pai, graças te dou por haveres revelado tua verdade aos humildes e inscientes, escondendo-as dos grandes e dos sábios".

Os grandes e os sábios de todos os tempos têm se incompatibilizado com as revelações do Céu, porque jamais as sentiram no coração, porque o orgulho afrouxa as cordas do sentimento e, então, elas não vibram ao toque celestial. O orvalho do Céu somente é fecundo nos corações onde o orgulho não mora. Nesta época de transição e confusão que passamos, muitos acham que o Cristianismo faliu e as virtudes fraternais não devem ser cultivadas, porque estão preocupados com a matéria e o momento que estão vivendo, sem se preocuparem com o futuro.

Para Allan Kardec esta situação não passou despercebida. Ele a previu com admirável tino e criteriosamente o demonstra no trecho a seguir:

- "O Espiritismo não cria moral nova; apenas facilita aos seres humanos o conhecimento e a prática da moral do Cristo, produzindo uma fé sólida e esclarecida naqueles que duvidam ou vacilam".

Muitos dos que acreditam nos fatos das manifestações, não compreendem as suas consequências e o alcance moral, e se compreendem, não aplicam a si. Por que acontece isto? É falta de precisão da Doutrina? É porque ela não tem alegorias, nem figuras que deem lugar às falsas interpretações; a essência é a clareza e é isso que lhe dá forças, porque fala diretamente à inteligência. Nada tem de mistério e os seus iniciados não estão de posse de nenhum segredo oculto.

Para compreender o Espiritismo, é mister possuir conhecimento superior? Não, porque há seres humanos de conhecimento notório que não compreendem, e, ao mesmo tempo, que conhecimentos vulgares, de jovens saídos da adolescência, apreendem com admirável precisão, nos mais delicados matizes. Isto é explicado porque, a parte material da ciência exige apenas olhos para ver, ao passo que a parte essencial exige certo grau de sensibilidade, o que chamamos de senso moral, e isto independe da idade ou do grau de instrução, porque é inerente ao desenvolvimento, num sentido especial, do Espírito encarnado.

Para muitos, a crença nos Espíritos é simples fato, e em pouco ou quase nada lhe modifica as tendências instintivas; resumindo, veem apenas um raio de luz, insuficiente para os guiar e dar aspiração poderosa e capaz de lhes vencer as inclinações. Entregam-se mais aos fenômenos que à

moral, que lhes parece banal e monótona, e pedem aos Espíritos para os iniciar em novos mistérios, sem indagar se são dignos de conhecer os segredos do Criador. São os Espíritos imperfeitos, dos quais muitos ficam pelo caminho, ou se afastam dos irmãos em crença, porque recuam diante da obrigação de se reformarem, ou então reservam suas simpatias para os que participam das suas fraquezas e prevenções.

Reconhece-se o verdadeiro Espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que faz para domar as erradas inclinações. Ele é, em suma, impressionado pelo coração e sua fé é inquebrantável.

Em tempos idos usava-se, para iluminação, um vasilhame com azeite, ao qual se dava o nome de candeeiro. A luz que irradiava era fumegante, baça e fétida. Mais tarde, passou-se a usar o petróleo ou querosene. Os lampiões, mais elegantes, tinham graduações, substituíram os candeeiros, suplantando-os completamente.

Com o decorrer dos tempos, descobriu-se o processo de extrair do carvão de pedra, o carbureto de hidrogênio, empregando-o na iluminação pública e particular.

O petróleo desalojara outrora o azeite e os candeeiros. O gás desalojou o petróleo das cidades e dos meios civilizados.

Ainda não é tudo. O mundo continua marchando na conquista do melhor.

Finalmente aparece a eletricidade, destronando o gás. A luz elétrica sobrepujou, apresentando vantagens indiscutíveis: é clara, é límpida, é inodora e é inócua.

Aí o gás foi relegado a planos inferiores. Atualmente a eletricidade é o Sol das nossas noites.

Se em matéria de luz artificial se verifica um progresso contínuo, numa ascensão para o melhor, o mesmo acontece com a luz espiritual.

Vocês não acham que iluminar o nosso interior é mais importante que iluminar o exterior?

Tirar as trevas internas, do cérebro e do coração, é um trabalho valioso, muito mais valioso do que tirar as trevas exteriores, as que nos envolvem por fora.

A alvorada da mente esclarecida e liberta, é mais bela e mais empolgante que a alvorada do novo dia que nasce.

O Sol que aquece, vivifica e ilumina o Espírito, é mais majestoso que o Sol que ilumina, aquece e vivifica o corpo físico.

Como nós fazemos de tudo para alcançar o melhor da luz material, devemos cuidar para não esquecer da conquista melhor; a luz espiritual.

Como deixamos o azeite pelo petróleo, o petróleo pelo gás, o gás pela eletricidade, por que então não fazemos o mesmo; em relação aos velhos e carcomidos dogmas que herdamos do nosso passado?

Se nos desapegamos dos candeeiros; sem deixar saudades, por que não nos desprendemos também das superstições, dos falsos credos e da falsa fé?

Se o problema da iluminação exterior mereceu, da parte dos seres humanos, tanto esforço de inteligência e de raciocínio, como então desprezar o magno problema da iluminação interior?

Como tratamos de nos prevenir contra as sombras da noite, antes que elas nos envolvam, como nos deixamos ficar às escuras, mergulhados nas trevas densas da noite moral?

Nós sabemos que a noite moral cobre a Terra; como escuro sudário, e isto é incontestável. A humanidade tateia na tenebrosa escuridão da ignorância, do vício e do crime, isto não podemos negar!

Por que fazemos tudo pela luz que perece, e nada, ou quase nada, pela luz que permanece?

Volvamos nossas atenções para a luz espiritual. Vamos buscá-la com o interesse de quem tem fome e sede, de verdade e de justiça e, com toda a certeza seremos saciados.

Deixemos os dogmas arcaicos, dos preconceitos, da credice, das atitudes dúbias e hipócritas, das mentiras convencionais, e procuremos obter uma luz cada vez mais intensa, cada vez mais bela, cada vez mais brilhante, para iluminar o nosso eu interior.

O ser humano conhecedor não é aquele que apenas calcula, mas o que transfunde o próprio raciocínio em emoção, para compreender a vida e sublimá-la.

Tendo a riqueza do mundo, abstém-se do excesso, para viver com simplicidade, sem desrespeitar as necessidades alheias.

Tendo conhecimento superior, não se enche de orgulho, mas aproxima-se do ignorante para auxiliá-lo a instruir-se.

Dispondo de meios para fazer com que o próximo se escravize ao seu interesse, trabalha espontaneamente pelo prazer de servir.

Com virtudes inatacáveis, não se furta à convivência com as vítimas do erro, agindo sem escárnio e condenação, para libertá-las do vício.

O ser humano inteligente, segundo o padrão de Jesus, é aquele que, sendo grande, sabe apegar-se para ajudar aos que caminham em subnível, consagrando-se ao bem dos outros, para que os outros partilhem sua ascensão para Deus.

Como estamos interessados em ter conhecimentos, em ter moral, vamos procurar cultivar a moral Cristã; começando por sermos humildes.

Não é nada fácil deixar nossos velhos hábitos, porém, procurando o ensinamento do Divino Mestre, vamos encontrando luz pelo caminho.

Meus irmãos, cada vez que nos reunimos para ouvir os ensinamentos de Jesus, estamos sendo chamados para crescer moralmente e iluminar o nosso eu interior.

Cuidemos para não vacilarmos. Façamo-nos humildes, perante os nossos irmãos, e perante o Mestre, e tenhamos conduta de amor para com o nosso próximo, porque, cada vez que compreendermos que amamos o nosso próximo é a Jesus que estamos amando.

Sigamos o Mestre. Começemos o mais rápido possível. Ele nos espera.

E que a luz de Jesus se abata sobre todos os irmãos, encarnados e desencarnados!

CAPÍTULO VIII

BEM-AVENTURADOS AQUELES QUE TÊM PURO O CORAÇÃO

Deixai vir a mim as criancinhas. - Erro por pensamentos. - Adultério. - Verdadeira pureza. Mãos não lavadas. - Escândalos. Se vossa mão é um motivo de escândalo, cortai-a. - Instruções dos Espíritos: Deixai vir a mim as criancinhas. - Bem-aventurados aqueles que têm os olhos fechados.

DEIXAI VIR A MIM AS CRIANCINHAS

1. Bem-aventurados aqueles que têm puro o coração, porque verão a Deus. (*Mateus, cap. V, v. 8*).

2. Apresentaram-lhe, então, criancinhas, a fim de que ele as tocasse. E como seus discípulos afastassem com palavras duras àqueles que as apresentavam, Jesus, o Cristo, vendo isso advertiu-os e lhes disse: Deixai vir a mim as criancinhas, e não as impeçais. Porque o reino dos céus é para aqueles que se lhes assemelham. Eu vos digo em verdade, todo aquele que não receber o reino de Deus como uma criança, nele não entrará. E as tendo abraçado, as abençoou, impondo-lhes as mãos. (*Marcos, cap. X, v. de 13 a 16*).

(A alegria de receber um presente é inversamente proporcional à nossa ambição, entender que ‘crianças’, aqui, é sinônimo de ‘simples’ e ‘humildes’...)

3. A pureza do coração é inseparável da simplicidade e da humildade e exclui todo pensamento de egoísmo e de orgulho, por isso, Jesus, o Cristo, toma a infância por emblema dessa pureza, como a tomou para o da humildade.

Esta comparação poderia não parecer justa, considerando-se que o Espírito da criança pode ser muito velho, e que traz, em renascendo, para a vida corporal física, os erros dos quais não se despojou nas suas existências precedentes. Só um Espírito que atingiu a perfeição poderia nos dar um modelo da verdadeira pureza. Contudo, ela é exata do ponto de vista da vida presente, porque a criancinha, não tendo ainda podido manifestar nenhuma tendência errada, nos oferece a imagem da inocência e da candura. Também Jesus, o Cristo, não diz de um modo absoluto que o reino de Deus é para elas, mas para aqueles que se lhes assemelham.

(Acreditar e receber o ‘reino de Deus’, de maneira semelhante ao da criança recebendo o seio materno!)

4. Uma vez que o Espírito da criança já viveu, por que não se mostra ele, desde o nascimento, tal qual é? Tudo é sábio nas obras de Deus. A criança tem necessidade de cuidados delicados, que só a ternura materna pode lhe dar, e essa ternura cresce com a fraqueza e a ingenuidade da criança. Para uma mãe, seu filho é sempre puro, e precisaria que assim fosse para cativar a sua solicitude. Ela não teria para com ele o mesmo desprendimento se, ao invés da graça ingênua, encontrasse nele, sob os traços infantis, um caráter viril e as ideias de um adulto, e ainda menos se conhecesse o seu passado. Seria preciso, aliás, que a atividade do princípio inteligente fosse proporcional á fraqueza do corpo físico que não poderia resistir a uma atividade muito grande do Espírito, assim como se vê entre as crianças muito precoces. É por isso que, desde a proximidade da reencarnação, entrando o Espírito em perturbação, perde pouco a pouco a consciência de si mesmo. Ele, durante certo período, permanece numa espécie de sono durante o qual todas as suas faculdades se conservam em estado latente. Esse estado transitório é necessário para dar ao Espírito um novo ponto de partida, e fazê-lo esquecer, em sua nova existência terrestre, as coisas que poderiam entravá-lo. Seu passado, entretanto, reage sobre ele, que renasce para a vida maior, mais forte moral e intelectualmente, sustentado e secundado pela intuição que conserva da experiência adquirida. A partir do nascimento, suas ideias retomam gradualmente impulso, à medida que se desenvolvem os órgãos. De onde se pode dizer que, durante os primeiros anos, o Espírito é verdadeiramente criança, porque as ideias que formam o fundo do seu caráter estão ainda adormecidas. Durante o tempo em que seus instintos dormitam, ele é mais flexível e, por isso

mesmo, mais acessível às impressões que podem modificar sua natureza e fazê-lo progredir, o que torna mais fácil a tarefa educacional dos pais.

O Espírito reveste, pois, por um tempo, a túnica da inocência, e Jesus, o Cristo, está com a verdade quando, malgrado a anterioridade do Espírito, toma a criança por emblema da pureza e da simplicidade.

(Vejam se esse pensamento é o correto para com ‘todas’ as crianças: ‘Eu até permiti que as roupas e brinquedos usados do meu filho, fossem doados a essas crianças pobres. Agora, querer que eu entregue as roupas lavadas e os brinquedos consertados, já é exigir demais!’ Será que concordamos com esse modo de pensar?)

ERRO POR PENSAMENTO. ADULTÉRIO

5. Aprendestes o que foi dito aos Antigos: Não cometereis adultério. Mas eu vos digo que todo aquele que tiver olhado um humano com um errôneo desejo por ele, já cometeu adultério com ele, em seu coração. (*Mateus, cap. V, v. 27 e 28*).

(Quando julgamos sem conhecer os fatos, estamos ‘adulterando’ a justiça! Como não conhecemos nem a nossa história; não devemos ‘olhar errado’ aos nossos erros e, conseqüentemente, aos dos irmãos!)

6. A palavra adultério não deve ser entendida aqui no sentido exclusivo de sua acepção própria, mas em sentido mais geral. Jesus, o Cristo, frequentemente, a empregou por extensão para designar o erro e todo errôneo pensamento, como, por exemplo, nesta passagem: "porque se alguém se envergonhar de mim e de minhas palavras entre essa raça adúltera e pecadora, o Filho do Homem se envergonhará também dele, quando vier acompanhado dos puros Espíritos na grandeza de seu Pai." (*Marcos, cap. VIII, v. 38*).

A verdadeira pureza não está somente nos atos, mas também no pensamento, porque aquele que tem o coração puro não pensa mesmo em errar. Foi isso que Jesus, o Cristo, quis dizer: ele condena o erro, mesmo em pensamento, porque é um sinal de impureza.

(O fato de ‘falar’ ou de ‘pensar’ errado é indiferente, ambos são sinal de orgulho e egoísmo.)

7. Esse princípio conduz naturalmente a esta questão: sofrem-se as conseqüências de um pensamento errôneo não seguido de efeito?

Há aqui uma importante distinção a se fazer. À medida que o Espírito, empenhado no caminho da moral, avança na vida espiritual, se esclarece e se despoja, pouco a pouco, de seus erros, segundo a maior ou menor boa vontade que emprega em virtude do seu livre-arbítrio. Todo errôneo pensamento, pois, resulta da imperfeição do Espírito. Mas de acordo com o desejo de se depurar, mesmo esse errôneo pensamento torna-se para ele uma ocasião de adiantamento, porque o repele com energia. É o indício de uma mancha que se esforça por apagar. E não cederá se se apresentar ocasião para satisfazer um errôneo desejo. E depois que tiver resistido, sentir-se-á mais forte e alegre com a sua vitória.

Aquele, ao contrário, que não tomou corretas resoluções, procura a ocasião para o ato errôneo, e se não o realiza, não é por efeito da sua vontade, mas porque lhe falta oportunidade. Ele é, pois, tão culpado como se o cometesse.

Em resumo, na pessoa que não concebe mesmo o pensamento do erro, a evolução está realizada. Naquela a quem vem esse pensamento, mas o repele, a evolução está em vias de se cumprir. Naquela, enfim, que tem esse pensamento e nele se compraz, o erro está ainda com toda a sua força. Numa, o trabalho está feito, na outra está por fazer. A Lei de Deus, que é justa, considera todas essas diferenças na responsabilidade dos atos e dos pensamentos do ser humano.

(Ainda temos doutrinas que permitem aos seus seguidores a seguinte expressão: ‘Não tenho com que me preocupar, as mulheres são seres inferiores. Deus as fez para servir aos homens!’)

VERDADEIRA PUREZA. MÃOS NÃO LAVADAS

8. Então os Escribas e Fariseus que tinham vindo de Jerusalém, se aproximaram de Jesus, o Cris-

to, e lhe disseram: Por que vossos discípulos violam a tradição dos Antigos? Pois eles não lavam as mãos quando tomam suas refeições.

Mas Jesus, o Cristo, lhes respondeu: Porque vós mesmos violais o mandamento de Deus para seguir a vossa tradição? Pois Deus fez este mandamento: Honrai vosso pai e vossa mãe. E este outro: Que aquele que disser palavras injuriosas ao seu pai ou à sua mãe, seja penado de morte. Mas vós outros vos dizeis: Todo aquele que tiver dito ao seu pai, ou à sua mãe: Toda oferenda que faço a Deus vos é útil, satisfaz à lei, ainda que depois disso não honre nem assista seu pai ou sua mãe. E, assim, tornastes inútil o mandamento de Deus por vossa tradição.

Hipócritas, Isaías bem profetizou de vós quando disse: Este povo me honra com os lábios, mas seu coração está longe de mim. E é em vão que me honram ensinando ensinamentos e ordenações humanas.

Depois, tendo chamado o povo, ele lhe disse: Escutai e compreendei bem isto: Não é o que entra pela boca que enlameia o humano, mas o que sai pela boca do humano. O que sai da boca parte do coração, e é o que torna o humano errado. Porque é do coração que partem os errôneos pensamentos, os homicídios, os adultérios, as fornicções, os furtos, os falsos testemunhos, as blasfêmias e as maledicências. Estão aí as coisas que tornam o humano errado. Mas comer sem ter lavado as mãos não é o que torna um humano errado.

Então seus discípulos, se aproximando dele, lhe disseram: Sabeis que os Fariseus, tendo ouvido o que acabais de dizer, disso se escandalizaram? Mas ele lhes respondeu: Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada. Deixai-os. São cegos que conduzem cegos. Se um cego conduz outro, ambos caem no fosso. (*Mateus, cap. XV, v. de 1 a 20*).

(Hipócritas, Isaías bem profetizou de vós quando disse: Este povo me honra com os lábios, mas seu coração está longe de mim. E é em vão que me honram ensinando ensinamentos e ordenações humanas.

Ha bem mais tempo que 2000 anos é esse ‘ensinamento’ de Isaías e, infelizmente, perfeitamente válido para hoje!

Não é o que entra pela boca que enlameia o humano, mas o que sai pela boca do humano. O que sai da boca parte do coração, e é o que torna o humano errado. Porque é do coração que partem os errôneos pensamentos, os homicídios, os adultérios, as fornicções, os furtos, os falsos testemunhos, as blasfêmias e as maledicências.

Não comer carne, não beber alcoólicos, não fumar etc.: Grave problema dos orgulhosos! Não ‘aceitando’ os conceitos espirituais, querem ‘tomar’ o reino de Deus através dos valores do mundo material...)

9. Enquanto ele falava, um Fariseu pediu-lhe que jantasse em sua casa, e Jesus, o Cristo, para lá se dirigindo, colocou-se à mesa. O Fariseu começou então a dizer para si mesmo: Por que não lavou as mãos antes do jantar? Mas o Senhor lhe disse: Vós outros, Fariseus, tendes grande cuidado em limpar o exterior do copo e do prato. Mas o interior de vossos corações está cheio de rapinas e de iniquidades. Insensatos que sois! Aquele que fez o exterior não fez também o interior? (*Lucas, cap. XI, v. 37 a 40*).

(Vós outros, Fariseus, tendes grande cuidado em limpar o exterior do copo e do prato. Mas o interior de vossos corações está cheio de rapinas e de iniquidades. Insensatos que sois!

Orgulho e egoísmo materiais! Nossos grandes problemas deste momento evolutivo espiritual...)

10. Os Judeus haviam negligenciado os verdadeiros mandamentos da Lei de Deus, para se apearem a prática dos regulamentos estabelecidos pelos humanos e dos quais os observadores rígidos faziam casos de consciência. O fundo, muito simples, acabara por desaparecer sob a complicação da forma. Como era mais fácil observar os atos exteriores do que se reformar moralmente, lavar as mãos do que limpar seu coração, os humanos se iludiram e se acreditaram quites para com Deus, porque se conformavam com essas práticas, permanecendo como eram, porque se lhes ensinava que Deus não pedia mais do que isso. Por isso, o profeta disse: É em vão que esse povo me honra com os lábios, pregando ensinamentos e ordenações humanas.

Ocorreu o mesmo com a Doutrina moral de Jesus, o Cristo, que acabou por ser colocada em segundo plano, o que fez muitos cristãos crerem, a exemplo dos antigos judeus, sua elevação mais assegurada pelas práticas exteriores do que pelas da moral. É a essas adições, feitas pelos humanos à Lei de Deus, que Jesus, o Cristo, fez alusão quando disse: Toda planta que meu Pai celestial não plantou, será arrancada.

O objetivo da religião é conduzir o humano a Deus. Ora, o humano não chega a Deus senão quando está perfeito. Portanto, toda religião que não torna o humano melhor, não atinge seu objetivo. Aquela sobre a qual se crê poder apoiar para fazer o erro, ou é falsa ou falseada em seu princípio. Tal é o resultado de todas aquelas em que a forma se impõe sobre o fundo. A crença na eficiência dos sinais exteriores é nula, se não impede que se cometam homicídios, adultérios, espoliações, calúnias e de fazer erros ao próximo, em que quer que seja. Ela faz supersticiosos, hipócritas e fanáticos, mas não faz humanos corretos. Não basta, pois, ter as aparências da pureza, é preciso antes de tudo ter a pureza do coração.

(Mas ainda hoje, e até quando..., as comunidades religiosas nos ensinam os valores seguintes: 'Esses maltrapilhos, sujos, fedidos, sem educação, fumantes, bebedores, viciados. Todos eles irão para o inferno!... O céu não pode receber imundícias'. Prevalência do exterior sobre o interior!)

ESCÂNDALOS.

SE VOSSA MÃO É UM MOTIVO DE ESCÂNDALO, CORTAI-A

11. Ai do mundo por causa dos escândalos. Porque é necessário que venham escândalos. Mas ai do humano por quem o escândalo venha.

Se alguém escandalizar um desses pequenos que creem em mim, seria melhor para ele que se lhe pendurasse ao pescoço uma dessas pedras de moinho que um asno gira, e que o lançassem no fundo do mar.

Tende muito cuidado em não desprezar nenhum destes pequenos. Eu vos declaro que, no Mundo espiritual, seus Espíritos veem sem cessar a face de meu Pai que está nos céus. Porque o Filho do Homem veio salvar o que estava perdido.

Se vossa mão ou vosso pé vos é um motivo de escândalo, cortai-os e atirai-os longe de vós. É bem melhor para vós que entreis na vida espiritual não tendo senão um pé ou uma só mão, do que terdes dois e serdes lançados no Geena. E se vosso olho vos é motivo de escândalo, arrancai-o e lançai-o longe de vós. É melhor para vós que entreis na vida espiritual não tendo senão um olho, que terdes os dois e serdes precipitados no Geena. *(Mateus, cap. XVIII, v. de 6 a 11. - Cap. V, v. 29 e 30).*

(Escândalos são provocados pelas maledicências, mentiras, traições, invejas etc.)

12. No sentido vulgar, escândalo se diz de toda ação que choca com a moral ou a decência de um modo ostensivo. O escândalo não está na ação em si mesma, mas no reflexo que ela pode ter. A palavra escândalo implica sempre a ideia de certa explosão de comentários. Muitas pessoas se contentam em evitar o escândalo, porque com isso sofreria seu orgulho e sua consideração diminuiria entre os humanos. Contanto que suas torpezas sejam ignoradas, isso lhes basta, e sua consciência está tranquila. São elas, segundo as palavras de Jesus, o Cristo: "sepulcros brancos por fora, mas cheios de podridão por dentro. Vasos limpos por fora, sujos por dentro".

No sentido cristão, a acepção da palavra escândalo, tão frequentemente empregada, é sempre mais geral e, por isso, não se lhe compreende a aplicação a certos casos. Não é mais somente o que ofende a consciência de outrem, é tudo o que resulta dos errados desejos e das imperfeições dos humanos, toda reação errônea de indivíduo para indivíduo, com ou sem repercussão. O escândalo, neste caso, é o resultado efetivo do erro moral.

(Os escândalos somente serão eliminados quando tivermos o conhecimento moralizado!)

13. É preciso que haja escândalo no mundo disse Jesus, o Cristo, porque os humanos sendo imperfeitos na Terra, são inclinados a fazerem o erro, e as erradas árvores dão errados frutos, é preciso, pois, entender por estas palavras que o erro é uma consequência da imperfeição dos humanos, e não que haja para eles obrigação para praticá-lo.

(Caso não conhecêssemos o errado, não conheceríamos o certo. Mas ao conhecer o errado, não mais devemos praticá-lo!)

14. É necessário que o escândalo venha, porque estando os humanos em expiação na Terra, punem a si mesmos pelo contato com seus errados desejos, dos quais são as primeiras vítimas, acabando por compreender seus inconvenientes. Quando estiverem cansados de sofrer no erro, procurarão o remédio no certo. A reação desses errados desejos serve, pois, ao mesmo tempo de penalidades para uns e de provas para outros. É assim que a Lei de Deus faz emergir o certo do errado e os próprios humanos utilizam as coisas errôneas ou mais vis.

(Realmente, aos nos ‘cansarmos’ de fazer-nos erros, gradativamente iremos praticando as coisas certas.)

15. Se assim é, dir-se-á, o erro é necessário e durará sempre, porque se ele viesse a desaparecer, a Lei de Deus estaria privada de um poderoso meio de penar os culpados. Portanto, é inútil procurar melhorar os humanos. Mas se não houvesse mais culpados, não haveria mais necessidade de punições! Suponhamos a Humanidade transformada em humanos corretos, ninguém procuraria fazer o errado ao próximo e todos seriam felizes, porque seriam corretos. Tal é o estado dos mundos avançados, onde o erro não mais existe. Tal será o da Terra, quando tiver progredido suficientemente. Mas, enquanto que certos mundos avançam, outros se formam, povoados de Espíritos iniciantes, e que servem por outro lado de habitação, de exílio e de lugar expiatório para os Espíritos obstinados no erro e que ainda não podem habitar os mundos que se tornaram felizes.

(Estudar para conhecer, conhecer para se moralizar. Somente com o conhecimento moralizado é que evoluiremos espiritualmente!)

16. Mas aí daquele por quem o escândalo venha. Quer dizer, o erro sendo sempre o erro, aquele que inconscientemente serviu de instrumento para a justiça divina, cujos errôneos instintos foram utilizados, não fez por isso menos erro e deve ser penalizado. É assim que, por exemplo, um filho ingrato é uma penalização ou uma prova para o pai que o suporta, porque esse pai talvez tenha sido um errôneo filho e fez sofrer a seu pai, e que sofre a lei de ação e reação: mas o filho disso não é mais desculpável e deverá ser penalizado, a seu turno, em seus próprios filhos ou de uma outra maneira.

(É unicamente através do conhecimento moralizado que ‘romperemos’ o ciclo de penalizações, assim sendo, vamos estudar?)

17. Se vossa mão é uma causa de escândalo, cortai-a. Figura enérgica que seria absurdo tomar ao pé da letra, e que significa simplesmente que é preciso destruir em si a causa de escândalo, isto é, do erro. Extirpar de seu coração todo sentimento errado e toda fonte de errados desejos. Quer dizer, ainda, que valeria mais para um humano ter tido a mão cortada, do que essa mão lhe ter servido de instrumento para uma ação errônea. Estar privado da vista, do que se seus olhos lhe tivessem dado errôneos pensamentos. Jesus, o Cristo, nada disse de absurdo para todo aquele que apreende o sentido alegórico e profundo de suas palavras. Mas muitas coisas não podem ser compreendidas sem a chave que delas nos dá o Espiritismo.

(Quando possuírmos o conhecimento moralizado, nós não mais teremos o seguinte modelo de pensamento: “Tem gente que só se preocupa com a vida dos outros, vivem a bisbilhotar e fofocar. Eu não me preocupo como aquele vizinho, há quatro horas ele está ‘cantando’ a vizinha! Que pessoa sem caráter. Ele devia se preocupar com a própria moral, a sua própria vida! O inferno o aguarda!”.)

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

DEIXAI VIR A MIM AS CRIANCINHAS

18. Jesus, o Cristo, disse: "Deixai vir a mim as criancinhas". Essas palavras, profundas em sua simplicidade, não implicavam o simples chamamento das crianças, mas o dos Espíritos que gravitam nos círculos atrasados, onde a infelicidade ignora a esperança. Jesus, o Cristo, chamava a si a infância intelectual da criatura formada: os fracos, os escravos, os de errados desejos. Ele nada podia ensinar à infância física, sujeita à matéria, submetida ao jugo do instinto, e não per-

tencendo ainda à ordem superior da razão e da vontade, que se exercem em torno dela e por ela. Jesus, o Cristo, queria que os humanos viessem a ele com a confiança desses pequenos seres de passos vacilantes, cujo chamamento lhe conquistaria o coração das mulheres, que são todas mães. Submetia, assim, os Espíritos à sua terna e mansa autoridade. Ele foi o facho que ilumina as trevas, o clarim matinal que toca o despertar. Foi o iniciador do Espiritismo que deve, a seu turno, chamar a si não as criancinhas, mas os humanos de boa vontade. A ação viril está iniciada: não se trata mais de crer instintivamente e de obedecer maquinalmente, é preciso que o humano siga a lei inteligente que lhe revela a sua universalidade.

Meus bem amados, eis o tempo em que o falsamente explicado se tornarão verdades. Nós vos ensinaremos o sentido exato das parábolas, e vos mostraremos a correlação poderosa ligando o que foi e o que é. Digo-vos, em verdade: a manifestação Espírita alarga o horizonte. E eis seu enviado que vai resplandecer como o Sol sobre o cume dos montes.

(João, o Evangelista, Paris, 1863).

(... não se trata mais de crer instintivamente e de obedecer maquinalmente, é preciso que o humano siga a lei inteligente que lhe revela a sua universalidade.

Mas como seguir uma lei se não a conheço? Estudar a Doutrina dos Espíritos nos leva ao conhecimento da Lei de Deus, portanto... Estudar!)

19. Deixai vir a mim as criancinhas, porque eu possuo o leite que fortifica os fracos. Deixai vir a mim aqueles que, tímidos e débeis, têm necessidade de apoio e de consolação. Deixai vir a mim os desconhecedores para que os esclareça, deixai vir a mim todos aqueles que sofrem, a multidão dos aflitos e dos infelizes. Ensinar-lhes-ei o grande remédio para abrandar os tormentos da vida física, lhes darei o segredo da cura de suas feridas! Qual é, meus amigos, este bálsamo soberano, possuindo a virtude por excelência, este bálsamo que se aplica sobre todas as chagas do coração e as fecha? É o amor, é a caridade! Se tendes este fogo divino, que temereis? Direis a todos os instantes da vossa vida: Meu Pai, que vossa vontade seja feita e não a minha. Se está na Sua Lei me experimentar pela prova e pelas tribulações, sede bendito, porque é para o meu adiantamento, eu o sei, que vossa Lei seja sobre mim. Se está na Lei, Senhor, ter piedade desta vossa criatura fraca, dar ao meu coração as alegrias permitidas, sede bendito ainda. Que ela não permita que o amor divino dormite em meu Espírito e que, sem cessar, eu eleve a voz do meu reconhecimento!...

Se tendes o amor, tendes tudo o que se pode desejar na Terra, possuireis a pérola por excelência, que nem os acontecimentos, nem os erros daqueles que vos odeiam e vos perseguem poderão vos arrebatam. Se tendes o amor, tereis colocado o vosso tesouro lá onde os vermes e a ferrugem não podem atingi-lo, e vereis se apagar insensivelmente do Espírito tudo o que pode manchar-lhe a pureza. Sentireis o peso da matéria diminuir dia a dia e, semelhante ao pássaro que plana nos ares, e não se lembra mais da terra, subireis sem cessar, subireis sempre, até que o Espírito embriagado possa se saciar de seu elemento de vida no seio do Senhor.

(Um Espírito protetor, Bordéus, 1861).

(Cheios de orgulho, egoísmo e prepotência, nós ainda ‘filosofamos’ dessa maneira: “Eu adoro essas crianças pobres, pena que não tenham a educação de meu filho, também, frequentando essas escolinhas por aí! Certamente vão encher o inferno!”.)

BEM-AVENTURADOS AQUELES QUE TÊM OS OLHOS FECHADOS (1)

(1) Esta comunicação foi dada a propósito de uma pessoa cega, para a qual evocamos o Espírito de J. B. Vianney, cura d'Ars.

20. Meus amigos, por que me haveis chamado? É para me fazer impor as mãos sobre a pobre aflita que está aqui, e a cure? Ah! Que tormento, meu Deus! Ela perdeu a vista e as trevas se fizeram para ela. Pobre criança! Que ore e espere. Não sei fazer milagres, sem a vontade de Deus. Todas as curas que pude obter, e que vos foram assinaladas, não as atribuais senão àquele que é nosso Pai em tudo.

Em vossas aflições, portanto, olhai sempre para o Mundo espiritual, e dizei, do fundo do vosso coração: "Meu Pai, curai-me, mas fazei que o meu Espírito em erro seja curado antes das enfermidades do meu corpo físico. Que minha carne seja castigada, se preciso for, para que o Espírito

se eleve até vós com a brancura que tinha quando o criastes.". Depois desta prece, meus amigos, que a Lei de Deus ouvirá sempre, a força e a coragem vos serão dadas e, talvez, também essa cura que não tereis pedido senão timidamente como recompensa da vossa abnegação.

Mas, uma vez que eu estou aqui, numa assembleia onde se trata, antes de tudo, de estudos, eu vos direi que aqueles que estão privados dos olhos deveriam se considerar como os Bem-aventurados do resgate. Lembrai-vos de que Jesus, o Cristo, disse que seria preciso arrancar vosso olho, se ele fosse errado, e que valeria mais que ele fosse lançado ao fogo do que ser causa de vossa perdição. Ah! Quantos há sobre a vossa Terra, que maldirão um dia nas trevas terem visto a luz! Oh! Sim, são felizes estes que, no resgate, são atingidos na vista! Seu olho não será motivo de escândalo e de queda. Podem viver inteiramente a vida dos Espíritos. Podem ver mais que vós que vedes claro... Quando a Lei de Deus me permite ir abrir as pálpebras de algum desses pobres atormentados e devolver-lhes a luz, digo a mim mesmo: Espírito querido, por que não reconheces todas as delícias do Espírito, que vive de contemplação e de amor? Tu não pedirias para ver imagens menos puras e menos suaves do que aquelas que te é dado entrever em tua cegueira.

Oh! sim, bem aventurado o cego que quer viver com Deus. Mais feliz que vós, que estais aqui, ele sente a felicidade, toca-a, vê os Espíritos e pode se lançar com eles nas esferas espirituais que os próprios predestinados da vossa Terra não veem. O olho aberto está sempre pronto para fazer o Espírito falir. O olho fechado, ao contrário, está sempre pronto a fazê-lo alçar para Deus. Crede-me bem, meus caros amigos, a cegueira dos olhos é, frequentemente, a verdadeira luz do coração, enquanto que a visão é, frequentemente, o espírito tenebroso que conduz ao erro.

E, agora, algumas palavras para ti, minha pobre aflita: Espera e tem coragem! Se te dissesse: Minha filha, teus olhos vão se abrir, como serias ditosa! E quem sabe se essa alegria não te perderia? Tem confiança na Lei de Deus que fez a felicidade e permite a tristeza! Farei por ti tudo o que me for permitido. Mas, a teu turno, ora e, sobretudo, medita em tudo o que acabo de te dizer.

Antes que me afaste, vós todos que estais aqui, recebei minha bênção.

(Vianney, cura d'Ars, Paris, 1863).

(O olho aberto está sempre pronto para fazer o Espírito falir. O olho fechado, ao contrário, está sempre pronto a fazê-lo alçar para Deus.

Mesmo lembrando que, o pior cego é aquele que não quer ver, pergunto: Se não ver, como poderei 'saber' da vida de meus irmãos? Como poderei avisá-los que estão errando demais? Enquanto no estágio de orgulho e egoísmo continuaremos vendo, mas não enxergando!)

21. Nota: Quando uma aflição não é consequência dos atos da vida presente, é preciso procurar-lhe a causa numa vida anterior. O que se chama de caprichos da sorte não são outras coisas senão os efeitos da justiça da Lei de Deus. A Lei de Deus não aplica penalizações arbitrárias. Ela leva a que, entre o erro e a penalização, haja sempre correlação. Se, em sua justiça, lançou um véu sobre os nossos atos passados, nos coloca, entretanto, sobre o caminho, dizendo: "Quem matou pela espada, perecerá pela espada". Palavras que podem se traduzir assim: "Sempre se é penalizado naquilo em que errou". Se, pois, alguém está aflito pela perda da vista, é porque a vista foi para ele causa de erro. Pode ser, também que foi causa da perda da vista num outro. Talvez alguém tenha se tornado cego pelo excesso de trabalho que lhe impôs, ou em consequência de maus tratos, de falta de cuidados etc. e, então, suporta a pena de talião. Ele mesmo, em seu arrependimento, pode escolher esse tipo de resgate, em se aplicando estas palavras de Jesus, o Cristo: "Se vosso olho vos é um motivo de escândalo arranque-o".

(Vejo todas as boas oportunidades. Dizem que exploro a miséria dos outros. Mas, que culpa tenho se eles não sabem medir suas ambições? Eles precisam aprender a ver! Assim continuamos vendo, mas ainda não enxergando os valores espirituais!)

EXPLANAÇÕES

01- Deixai vir a mim os pequeninos - itens 1, 2, 3 e 4.

Jesus disse: "Deixai vir a mim os pequeninos; não os impeçais, porque deles é o reino dos Céus". E acrescentou ainda mais: "Em verdade vos digo que, se não vos fizerdes como crianças, não entrareis no reino dos Céus".

Primeiramente, Jesus não usou tão somente uma expressão carinhosa, um gesto afetoso, o que seria próprio do Seu caráter e da Sua personalidade de Divino Mestre. A expressão encerra sabedoria, revelando a condição em que a criança se encontra, ao entrar no seio da humanidade e, também, mostra e destaca o compromisso dos que recebem uma criança, como pais, tutores ou receptores.

Escutem bem: a criança não é uma entidade espiritual recém criada: é apenas um Espírito recém encarnado. Isto é o que acontece ao Espírito imortal, a cada vez que reencarna, revestindo-se da indumentária carnal, permanecendo no plano terreno por tempo incerto, que pode ser mais ou menos dilatado.

Quando Jesus disse: "Deixai vir a mim os pequeninos", adverte-nos que a época propícia para se educar um irmão é quando criança.

Jesus é o Mestre. No mundo material veio ensinar e curar, mas Seu grande objetivo foi ensinar a humanidade sobre a verdade da vida eterna. Portanto, encaminhar as crianças a Jesus, é educá-las segundo os preceitos do Seu Evangelho, onde afirmou: "Eu sou a verdade. Eu sou a luz do mundo".

Educar é orientar o Espírito na aquisição parcial e progressiva da verdade. Da verdade que é luz, dessa luz que é redenção, de acordo com a frase elucidativa de Jesus: "Se permanecerdes nas minhas palavras, sereis realmente meus discípulos, conhecereis a verdade e a verdade vos libertará".

Nós viemos a este local para nos educarmos e, aqui são trazidos irmãos desencarnados que, como nós, precisam destes ensinamentos para entender o Evangelho do Mestre. Por todo o tempo que aqui estamos, somos assistidos por irmãos abnegados, que foram enviados para nos ajudar, sob orientação do Divino Mestre.

Observemos melhor a palavra do Mestre: "Deixai vir a mim os pequeninos" e ainda acrescentou: "Não os impeçais".

As frases que Jesus proferiu, não foi porque os apóstolos tiravam as crianças de perto Dele, mas sim, para não descuidarmos da educação infantil, impedindo que a criança se instrua e se ilumine conforme os preceitos do Evangelho. Temos que proporcionar à infância a oportunidade do conhecimento, senão estaremos contribuindo para o seu extravio, quando está em nossa possibilidade conduzi-la Àquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida.

"Porque delas é o reino dos Céus".

A velha ortodoxia, ou seja, outras doutrinas, ensinam que o reino dos Céus é das crianças. Outros acreditam que, toda criança que morre vai para o Céu, porque são inocentes.

Esta interpretação não procede. Não há raciocínio. Onde está o mérito dessa criança para obter o Céu? Que fez ela de tão digno para receber tamanha recompensa, desconhecem que todos nós aqui estamos para resgatar dívidas e não prejudicar ninguém. Ainda mais considerando o que Jesus disse: "A cada um será dado conforme as suas obras".

Não é certo jogarmos culpa nas crianças, como não é certo lhes concedermos merecimento. Se pensarmos que a criança desencarnada vai para o Céu, então o melhor é que ela morra, pois assim estará melhor. Para que ficar aqui na Terra, onde há tanto sofrimento? E nós, seríamos egoístas de querê-las vivas, quando melhor é estarem mortas! E esse pensamento não seria o máximo do ridículo?

Se pensarmos assim, deveria desaparecer a Puericultura e a Pediatria como ciência, deveríamos levantar um monumento a Herodes I, que decretou a degola de milhares de crianças nascidas em Belém e nas cercanias. Pois ele teria enviado para o reino dos Céus, grande falange de Espíritos sem pecado!

Também não teria razão os protestos da imprensa, chamando a atenção das autoridades, para o grande número de crianças que sucumbem na nossa sociedade. Não haveria necessidade das entidades, cristãs ou outras, de procurarem ajudar as crianças que estão relegadas.

Assim, as autoridades que falham na educação das crianças, estariam fazendo justiça, por mandarem-nas para o Tabernáculo Eterno.

Isto acontece para quem desconhece a verdade a respeito da criança, das leis que regem e regulam a marcha evolutiva dos seres conscientes e responsáveis.

A criança é um Espírito que reencarna. A sua inocência resulta do amortecimento do seu estado errôneo, como Espírito, nos primeiros anos de reexistência na matéria.

O novo aparelho material obscurece a mente espiritual, constringendo o Espírito dentro de limites acanhados, para um novo recomeço.

Assim é necessário, pois diante das reencarnações, através de existências sucessivas, é que se processam as retificações que, o Espírito imortal vai imprimindo na linha mais ou menos sinuosa da sua evolução.

Cada passagem pela matéria é uma oportunidade, sendo que os sete primeiros anos são os mais adequados, mais propícios ao lançamento das bases educacionais. E pensar que muitos pais, avós, nessa idade, deixam as crianças fazerem tudo o que desejam, por serem pequeninos! Que desconhecimento!

Os nossos Irmãos Maiores assim nos ensinam, por isso, pais ou receptores, devem os mais atentos cuidados à educação integral de suas crianças.

Quando desencarnamos, levamos nossa individualidade, o que de certo e errado aprendemos, portanto, quando voltamos, nós trazemos tudo conosco, nossas tendências corretas ou errôneas.

Aí está a grande necessidade de, desde cedo, tentarmos ajudar o pequeno ser a lapidar as suas tendências errôneas, procurando educá-lo nos preceitos de Jesus.

E devemos nos sentir mais felizes ainda, quando, além de nossos filhos, ajudamos a educação de outras crianças, para o caminho do esclarecimento.

Vejam a grande responsabilidade dos pais, dos professores, dos templos religiosos, que recebem os Espíritos ainda com a mente razoavelmente obscurecida, podendo ajudá-los a desenvolver o amor, desfazendo-se de suas tendências errôneas, e despertá-los para a grande realidade da vida: a imortalidade ao lado do Pai Eterno.

A comparação de Jesus, sobre a simplicidade e humildade da criança: é porque a criança, em certa época da sua vida física, ignora preconceitos de raça, nacionalidade, cor, classe, credo e posição social. São propensas a se confraternizarem. E quando se hostilizam, não guardam ressentimentos. Às contendas da manhã, invariavelmente, sucedem as fraternas amizades da tarde. A criança é muito natural em suas atitudes, não guarda rancor. Enfim, as crianças dão lições aos adultos, justificando os dizeres do Divino Educador: "Se não vos fizerdes como crianças, não entrareis no reino de Deus".

Aí está, porque Jesus disse que deixasse vir a Ele os pequeninos. Para ir ao Mestre, temos que nos tornarmos pequeninos, isto é, de coração puro, tirar de nós todas as maledicências, pensar somente no certo e no bem, amar o próximo, aceitar os desígnios de Deus. Só assim, entraremos no reino dos Céus.

O Pai Celestial, por tanto nos amar, enviou Jesus Cristo para nos ensinar e dar exemplos.

Cada nova existência é como um retorno do aluno ao ciclo da aprendizagem e ao centro de experiências renovadas. Desprezar tais oportunidades, deixando de orientar, esclarecer e conduzir as crianças, é erro que lesa a humanidade, cometido pelos responsáveis e, dentre estes, nós, os espíritos, temos parte mais acentuada, com respeito a luminosa sentença do Cristo de Deus: "A quem muito foi dado, muito será exigido".

Isto nos ensina que; quanto mais conhecimentos nós temos, mais devemos levá-los aos nossos irmãozinhos, e não isenta ao que tem riquezas materiais, de ajudar aos que necessitam de alimento e educação.

Pensem na educação integral, dando escola e ensinamentos às crianças, pois, do contrário, estaremos falhando lamentavelmente, ao cumprimento do mais imperioso dever que nos cabe desempenhar.

Deus, nosso Pai Eterno, nos dá oportunidade de receber em nossos braços mais uma criatura que, é Seu filho e nosso irmão.

A mulher, vaso sublime da gestação, desde o momento que sabe da maravilhosa oportunidade de ser mãe, pode começar a amar o seu filho e irmão, conversar com ele, dizer que vai ser amado, ajudado na senda do certo e do bem, apesar das dificuldades terrenas.

Este Espírito, que vai renascer novamente, por alguns anos se fará inocente e se entregará totalmente aos pais, que deverão ajudá-lo no cumprimento de sua missão.

Poderemos estar recebendo em nosso lar um adversário de outrora que, só renascendo em nossos braços, sentirá o calor do nosso amor, poderá nos perdoar ou perdoarmos a ele. Por isso, muitos não entendem, porque em lares tão bem estruturados, há filhos que não conseguem viver em harmonia com os pais, ou pais que não conseguem se entender com os filhos.

Deus, na Sua infinita sabedoria, tem a maneira mais simples, e amorosa, para os Espíritos se perdoarem, para a evolução conjunta. Torná-los filhos e pais, pais e filhos.

Também nasce em nosso lar, Espíritos que vêm nos ajudar, nos iluminar, estes não nos causam problemas, nós é que causamos a eles! Também recebemos irmãos que precisam de ajuda e estão receptivos a ela.

A nossa grande responsabilidade é fazer o melhor, porque a criança chega ao regaço do nosso lar indefesa, precisando do nosso auxílio, necessitando do nosso amor. Então, temos que tentar tudo o que estiver em nosso alcance, até o último instante, para que esse Espírito se encaminhe na vereda do certo e do bem. Por isso ele se fez pequenino e veio habitar entre nós.

A professora do maternal, do jardim da infância e dos primeiros anos de escola da criança, tem grande responsabilidade na ajuda, na formação desses Espíritos, os quais apenas recomeçam a galgar a jornada terrestre.

Os exemplos dos pais, dos professores, ajudam na formação desses Espíritos.

Os Espíritos, em forma de criança, veem simples e humildes, até nós, para que os ajudemos a continuarem sempre simples e humildes e, com isso, conquistar o reino dos Céus.

Plantando nesses Espíritos, que vêm sob a nossa responsabilidade, a sementeira do certo, do bem e da verdade, do amor e da justiça, eles nunca se perderão.

Que o Mestre seja louvado, por mais uma noite de Evangelho em busca do reino dos Céus!

02 - Pecado por pensamento. Adulterio - itens 5 a 7.

- Eu o vi, sabes... Vi-o como eu estou te vendo e fico certo que continuarei a vê-Lo em pensamento até a consumação dos séculos.

Odiava-O então e passados quase dois mil anos procuro compreendê-Lo, mas a lei mosaica turva o Espírito, enevoando-me o raciocínio. Por que O odiava? Porque comia sem lavar as mãos, cercava-se de gente impura, acolhia o gentio, desrespeitava o sábado e tinha a língua ferina como um estilete fino. Contudo, manda a verdade que O reconheça como um notável mago. Vi-o ressuscitar mortos, curar cegos e leprosos. Os santos padres, e os doutores da lei, diziam que era arte de Belzebu.

Sabes porque eu mais O odiava? Porque O seu raciocínio invulgar, suas feitiçarias, suas parábolas, abriam os olhos da turba ignara que O seguia, denunciando nossas vantagens de humanos bem localizados na vida física, mostrando ao povo invejoso e sôfrego os privilégios que nos vinham do alto. E porque não dizer, dói-me ainda, apesar dos séculos decorridos, uma grande humilhação que me fez sofrer em público.

- Como foi? Bem... Contar-te-ei... Aconteceu numa tarde quase ao cair do Sol...

Meu escravo grego veio correndo dizer-me que, haviam achado uma mulher em ato de adultério, lá para os lados de Batfagé.

Quando me acerquei correndo, a turba arrastava-a, gritando: - Lapidemo-la! Lapidemo-la!

Alguns cuspiam-na arrepanhando os mantos, temendo o contato do chão impuro por onde se arrastara a adúltera. Foi quando me adveio uma ideia magistral, para indispor o Nazareno contra a lei ou contra a turba que antegozava a lapidação. Se Ele a perdoasse conforme Seus princípios, exacerbaria o povilú e se não a salvasse do castigo, desmoralizaria a Sua Doutrina.

Arenguei a multidão e a convenci de que devíamos submeter a pecadora à justiça do Profeta da Galiléia.

Concordando comigo, a milícia do Tetrarca me entregou e eu levei a cativa ao filho de Maria de Caná.

Estava no Templo de Salomão, no átrio dos gentios, cercado pelos seus discípulos.

Tranquilo, sereno, altivo, Jesus de Nazaré ouviu meu arrazoado e por algum tempo ficou pensativo; esvurmendo meus pensamentos com os seus olhos azuis. Depois, num gesto firme concordou:

- Lapidai-a de acordo com a lei, mas atire a primeira pedra aquele dentre vós que se julga sem pecado.

Mais do que tudo, eu era um pervertido encoberto pela lei, e a voz incisiva daquele estranho homem me manietou os impulsos violentos, meus dedos crispados numa pedra adormeceram, largando o calhau, esgueirei-me disfarçadamente por entre a turba que se calara e saindo pela Porta de Ouro atravessei a ponte da torrente de Cedrom.

Será que ainda O odeio? Em sã consciência não poderei responder. Sei que O procuro em Espírito. Tenho o pressentimento de que só terei paz quando O encontrar, trocando meus princípios milenários pelas Suas originais ideias e curiosos postulados.

Quem é mais adúltero: a mulher que se prostituía ou o que planejou desmascarar Jesus?

Adúltero significa: falso, vicioso, corrupto, infiel, fraudulento. Adulterar é alterar uma situação.

Em nosso pensamento há um vício, pois todas as vezes que ouvimos falar em adultério, lembramos da mulher que trai o marido ou vice versa. A palavra adultério geralmente nos leva a pensar nessa situação.

Nesta passagem, Jesus na Sua eterna bondade, mostrou através deste gesto, que uma pessoa adúltera tinha chance de não mais errar, de ter uma vida digna e respeitosa, podendo voltar ao convívio dos seus.

Ensinou que se deve sintonizar com o seu amor, destacando as suas qualidades, cumprindo a sua missão na Terra com o Divino Mestre no coração. Devemos lembrar que todos os seres humanos são iguais e que se deve procurar ajudar, para que o companheiro ou companheira não caia na

degradação pelo exemplo daninho. Preservar o lar da desonra é ter o tesouro na outra vida aumentado.

Esta parábola está bem clara a quanto nos adulteramos em toda nossa vida.

O personagem da parábola, com inveja do Mestre, não tendo coragem suficiente para seguir Seus princípios, achou que poderia colocar o Meigo Nazareno em uma situação desmoralizante para com os Seus ensinamentos e a Sua doutrina, Jesus seria um derrotado e ele um vitorioso, porque continuaria com a sua mediocridade.

Tudo isso porque o personagem era um fraco, se acovardava perante a vida física, não tinha crença, acreditava só na matéria, não conseguia antever a grandeza dos ensinamentos de Jesus.

Lendo a parábola, pensei em quantas vezes a gente se adultera pela vida afora e com que facilidade se adultera. Nos adulteramos em pequenas coisas, porque ainda estamos viciados nas nossas existências passadas, sem nenhuma vontade de mudar.

O Divino Mestre é puro, então incomodou a todos que são medrosos de enfrentar situações novas, acomodados nos erros do pretérito.

Pela Sua pureza, pelo Seu amor, mesmo sabendo dos pensamentos que perscrutava na mente do personagem, Jesus não teve medo, foi ter com a multidão, ajudou a adúltera, dando-lhe nova chance de vida física e espiritual, dando uma grande lição a todos que desejavam apedrejá-la, ensinando que não se deve julgar o próximo, que o julgamento só cabe ao Pai Eterno, que também não julga os seres humanos, pois perdoa sempre, dando-lhes novas chances.

Se a adúltera compreendeu a mensagem do Meigo Rabi e passou a ter uma vida mais regrada. O resto da multidão compreendeu a mensagem do Cristo?...

Quem somos nós para atirar a primeira pedra? Quem somos nós para julgar?

E a todos os instantes estamos atirando pedras, estamos julgando, isto é, estamos adulterando os ensinamentos de Jesus.

Há vários modos de se cometer adultério. Ser falso e pensar mal do próximo são adultérios, pois estamos tentando mudar o Seu caminho.

Os vícios que carregamos são maneiras de nos adulterarmos: O cigarro, a droga, a bebida, adulteram a nossa saúde, o nosso comportamento, e a vida física do nosso próximo.

A corrupção. Em nosso país a palavra corrupção é moda. Até as crianças a conhecem. É tanta corrupção que, até parece que ela faz parte da vida, está ficando um comportamento normal! Corrompe-se tudo. Porém, se estamos tentando andar nas pegadas do Mestre, a corrupção nos incomoda, nos faz mal. Temos que evitar corromper a nossa mente. Corromper o Espírito é o pior de tudo, ao passarmos para o outro plano, não vamos corromper os irmãos espirituais e então veremos que toda a nossa ilusão foi em vão.

Tudo o que fazemos, achando que estamos tirando proveito, sendo espertos, estamos sendo infiéis a nós mesmos. Estamos aumentando o nosso débito, fermentando a massa para que cresçam as nossas dívidas, esquecendo-nos dos ensinamentos de Jesus, que aqui viemos para resgatar dívidas, aprender a doutrina do Mestre, que é a doutrina do amor, do respeito aos nossos irmãos. A doutrina que nos ensina não desejar aos outros, o que não desejamos para nós.

Você se acha adúltero ou adúltera?

Mesmo que não tenha contra você a censura da sociedade, nem dos parentes, nem dos amigos, você tem a sua consciência. Nós temos a nossa consciência que, nos acusará por tudo no além, e receberemos os merecimentos pelas aventuras descabidas.

Quando pensamos ou desejamos o errado, ou o mal, para o nosso próximo, estamos cometendo um adultério, e não adianta pensar que conseguiremos esconder, porque no plano espiritual tudo se sabe, tudo se vê, e estaremos às claras com todos os nosso companheiros. Por isso, devemos procurar limpar a nossa mente das impurezas e ocupá-la com pensamentos edificantes.

Na Justiça Divina nada é impune. Não porque Deus nos pune, mas porque, a cada evolução, envergonhados do nosso passado, perante a luz do Criador, nós mesmos envergonhamos a nossa culpa e pedimos para resgatar essas dívidas, porque a nossa consciência exige isto.

Como poderemos olhar a meiguice de Jesus, o Seu amor, a Sua pureza, com a consciência adulterada?

A cada atitude, a cada pensamento, a cada desejo que notemos estar nos adulterando, apeguemos ao Divino Mestre e Ele ajudará a livrarmo-nos desses errôneos e malfazejos pensamentos.

Só de pensar que podemos interferir na ação do nosso próximo, para prejudicá-lo, já estamos praticando adultério.

Não atiremos pedras contra nós mesmos. Lembremos sempre que não somos perfeitos e que todos aqui são aprendizes. Compreensão para com o nosso próximo, respeito para com o nosso irmão, é lembrar sempre de nosso irmão maior Jesus Cristo e todo o Seu ensinamento.

Cultivar a humildade no jardim do coração é aprendizado para chegar ao Mestre. Vamos cultivar margaridas de bondade, rosas de amor e sempre-vivas de caridade, e oferecê-las ao Divino Amigo e aos nossos irmãos, ao invés de lhes arremessar pensamentos errôneos, fluidos peçonhentos, prejudicando a sua jornada. Ofereçamos, a todos, pensamentos perfumados corretos de bondade e afeto.

Meus irmãos, desta passagem terrena nós só levaremos de volta, para apresentar ao Cristo Jesus, nossas corretas e errôneas ações praticadas a nós mesmos.

Amemos a nossa passagem momentânea pelo orbe e agradeçamos a oportunidade.

Observemos a maravilha ao nosso derredor. As flores que se abrem, os pássaros voando livremente, as abelhas sugando o néctar das flores, as cascatas que jorram de metros de altura as suas águas, causando um lindo espetáculo aos nossos olhos.

Observemos quantas coisas boas nos acontecem todos os dias, já iniciando pela permissão de termos mais um dia para alívio de resgates.

Olhemos a nossa rua, observemos as casas, as plantas, os animais que nos avizinham.

Agradeçamos o conhecimento que nossos irmãos menores nos passam, tornando a nossa vida física mais afável.

Agradeçamos poder estar conhecendo o Evangelho do Mestre e, a cada existência que deixamos de adular a nossa mente, vamos absorvendo mais conhecimentos e galgando o caminho da evolução espiritual.

Busquemos as luzes de Deus. Não usemos a violência nem em pensamento, mas nos deixemos sermos dominados pela vontade de Deus, desejando sempre ser o menor de todos, não esquecendo dos nossos deveres e não lembrando dos erros alheios.

Em todos os aspectos da vida, devemos sempre fazer o certo e o bom, para que tenhamos a felicidade.

Que a paz de Jesus esteja com todos!

03 - Verdadeira pureza, mãos lavadas - itens 8, 9 e 10.

Vamos falar sobre a língua, uma das mais importantes frações do corpo físico, na função da vida. A fala desempenha função importante na evolução das criaturas na Terra, pois ela comanda todo o empenho do progresso, é de uma utilidade grandiosa na disseminação das verdades espirituais. A nossa língua é a nossa força, pela qual podemos trabalhar para a nossa própria felicidade, porém não esquecendo que, ela é escrava das nossas ideias e dos nossos pensamentos.

O alfabeto também é palavra. Falamos com as letras, não esquecendo que respondemos pelo que fazemos com elas.

A língua é uma das armas mais perigosas da Terra, como também é o mais precioso instrumento para a nossa felicidade. Compete a cada um de nós o trabalho de discipliná-la, e a fonte para melhorar a conduta da palavra é o Evangelho de Jesus Cristo.

Começemos o dia falando bem, e a noite será recompensada no descanso pelo sono. Nos esforcemos para que assim aconteça sempre, e sempre teremos a ajuda dos benfeitores espirituais, inspirando cada vez mais em variados aprimoramentos, de modo a nascer a luz no nosso coração. Falemos, mas quando dissermos alguma coisa aos outros, observemos o que vamos falar, porque a nossa palavra constrói ou destrói, dependendo da educação espiritual que já temos.

Por isso, o Evangelho no nosso lar deve ser feito. Se ainda não fazemos, procuremos fazer o culto do Evangelho no lar, para nos ajudar a compreender o modo como devemos usar a nossa maior força, que são nossas ideias e as transmitimos através da palavra.

Para que a nossa palavra reflita a presença do Cristo, digamos a todos que se encontram reunidos conosco: "A paz Divina esteja com todos".

Devemos desenvolver em nós o interesse pela educação da língua. Ela, sendo disciplinada, nos traz a glória da vida e manifesta a esperança em todos os caminhos. Em tudo o que fizermos, devemos manifestar grande atenção, conjugada com o aprimoramento. Quem faz as coisas certas está investindo na sua própria tranquilidade. Ela dá rendimento às palavras elevadas: gastamos a mesma energia dizendo palavras inferiores e gastamos mais vida física nos entregando ao ódio e a maledicência.

O nosso tempo é sagrado, porque pertence a Deus, e a palavra é semente de luz. Quando falamos coisas nobres, a inspiração Divina é muito maior do que as insinuações das nossas inferioridades. Por que escolhermos o pior? Cuidemos da nossa língua, que ela, educada, irá melhorar a nossa vida física, melhorando a nossa casa.

Nos esforcemos, para arrancar do nosso íntimo as raízes que possam gerar palavras mortas que, às vezes, ofendem e caluniam, deixando em nós somente as que multiplicam a felicidade, estabelecem a paz e avançam com o progresso.

Vigiem a nossa palavra, como fazemos com o filho recém nascido; vigiem a nossa pronúncia, como costumamos agir com o soldo difícil; vigiem a palavra, como observamos o que comemos todos os dias. As palavras são mais que nossos filhos e são maiores que nosso dinheiro, e bem mais valiosas que os nossos alimentos.

Os recursos da palavra são inumeráveis e estão ao alcance de todos, dependendo do esforço de cada um.

Não cansemos os outros com o nosso muito falar; procuremos ouvir com interesse os problemas alheios, sem que eles nos afetem a razão. No momento de ouvir, e responder, podemos ajudar, se já dominamos a força de sentir e entendermos a magia de falar.

Deus fez a palavra para que pudéssemos trocar as energias que, por vezes, nos faltam nas lutas de cada dia. Observem que, quando trabalhamos em excesso, procuramos alguém para conversar? É porque nos falta o que está no outro; são cotas doáveis de Espírito para Espírito. Nisto sentimos o Céu na Terra e Deus em nós, na expressão da amizade que sai como raios do imenso Sol de amor.

A palavra, quando é portadora do amor com Jesus, acorda, em quem ouve, variadas gamas de sentimentos, que nos levam a maiores esperanças e; em quem fala, o prazer do dever cumprido.

Em Matheus, no capítulo 12, versículo 36, Jesus diz: "Digo-vos que de toda palavra que proferirem os seres humanos, dela darão conta no dia do juízo".

Quem usa a palavra para assuntos inferiores, responde pelas consequências desastrosas nos corações atingidos.

O Evangelho anuncia a responsabilidade que temos, na comunicação com os nossos semelhantes. É de direito humano e Divino que, estruturemos a nossa palavra naquele amor que é também caridade, naquela caridade que também é perdão, naquele perdão que serve como tal na fraternidade, e na fraternidade que se divide infinitamente no seio das sociedades, educando-as na existência de um só Pastor e de um só rebanho...

Há seres humanos que estão numa faixa evolutiva que, quanto mais picante, maldizente e luxurioso for o assunto, mais alegria ele sente, teimando em dizer que lhe serve de terapia. Está envolvido, em tamanha ilusão, que perde muito tempo em contradições com a verdadeira moral.

E como se pode remover essa incrustação mental de ordem negativa na consciência? Somente quando a autoconsciência está munida de férrea vontade de mudar, e se nada consegue, resta apenas uma alternativa: a dor. Ela tirará a atenção do enfermo de todos os assuntos desejados, e sutilmente, trar-lhe-á a verdadeira reforma do coração. Uns gastam mais tempo, outros menos, mas isso não importa. Importa, sim, o aprimoramento que se opera por hábeis mãos espirituais.

"Não compreendeis que tudo o que entra pela boca, desce para o ventre, e se lança depois em lugar escuso? Mas as coisas que saem da boca, vêm do coração, e estas são as que fazem o ser humano imundo".

Nesta lição de Jesus entendemos bem que, aquilo que entra pela boca não faz o mal, e sim o que sai da boca do ser humano. Lembra muito o verso nos tempos de escola: "por fora bela viola, por dentro, pão bolorento".

É o que somos, se não buscamos o verdadeiro aprendizado que é a prática do Evangelho de Jesus.

Disciplina é o que mais precisamos para vencer os obstáculos da evolução.

Quando falamos, estabelecemos uma certa harmonia cósmica, um ritmo de vida unicelular, de grande influência no nosso metabolismo. Têm efeitos idênticos o pensar e o ouvir. Quanto mais as conversações girarem em assuntos elevados, mais bem estarão produzindo.

Palavrado destoante desafina o instrumento orgânico espiritual, e, quem ouve ou fala palavras inferiores, terá os órgãos da fala imprestáveis, não mais ajudando o corpo físico no atendimento da missão espiritual.

Somente ao ser humano foi dado o dom da palavra, porque palavra é vida! "Passarão o Céu e a Terra, porém, as minhas palavras não passarão". Marcos, cap. 13, vers. 31.

Jesus, através da Sua palavra, iluminava, instruía, curava. E nós, através de nossa palavra, também podemos iluminar, instruir e curar o nosso próximo.

Guarde isso com determinação: a criança quando nasce, rasga o véu da atmosfera de expectativa que a espera, com a palavra em forma de choro, e o moribundo tem sempre uma última a dizer. A boca é o instrumento do começo e do fim. Temos, do berço ao túmulo, um caminho mais ou menos longo, para que eduquemos o falar, abrindo com isso um roteiro para outras vidas, que nos esperam em mais claro alvorecer.

PRECE DA BOCA

Deus de bondade imensurável! Compadece-Te de mim, que Te fala da Terra, de modo como converso com os seres humanos. Eu sei que Tu me conheces mais que os outros, mais que eu mesma, porém, o impulso de Te pedir é mais forte que o silêncio e mais impetuoso que os instintos que passam por mim. Eu sou, de certa forma, uma escrava que a mente usa sem piedade, para alimentar o corpo físico e para os seres humanos se entenderem: eu sou a boca!

Quantas palavras, Senhor, eu pronuncio sem querer, pois o hábito hipnotizou meus recursos de dicção, e falo por vezes sem sentir...

Deus! Permita que eu possa melhorar! Sempre, no percurso do dia, falo o que não quero, e o que quero não falo. Por que isso, meu Pai? Eu preciso melhorar, eu quero melhorar...

Eu sou a boca, e posso ser a Tua boca no mundo, servindo de instrumento para a Tua voz, aliviando enfermos, consolando os tristes e estimulando a esperança em todos que me ouvirem, mas, para isso, preciso de Ti. Que a Tua ajuda clareie o meu falar, abençoando a minha mente, de maneira que ela desentulhe os pensamentos inferiores, fazendo desaparecer as ideias maléficas.

Eu sou uma das bocas do mundo, que ainda não suporta a disciplina de modo violento, e sempre procura esquecer a educação no momento que mais precisa de amparo celestial. Não sei o que ocorre comigo...

Sou sempre fraca, construo castelos de corrigendas todos os dias e, todos os dias, falo assuntos que não deveria falar. Depois, arrependo-me, todavia, tardiamente, pois já falei.

Não quero mentir para o Senhor, como também não adianta, porque Tu tudo sabes, antes, agora e depois. Estou um pouco envergonhada diante de Ti porque; as vozes sonantes de todas essas mensagens, discorrendo sobre a disciplina da palavra e a educação da voz, e parece que nada fiz no corte das arestas germinadas nos meus lábios.

Uma coisa eu sei meu Deus: quero melhorar, quero servir-Te! Não posso dizer-Te que sou ignorante, diante do que já aprendi, e, se a minha vontade for fraca, irei pedir a Jesus, já que não tenho forças para corrigir-me, que feche os meus lábios. Serei uma boca fechada, até aprender a conversar corretamente com a vida. Assim seja!

Que a palavra de Deus seja por todos nós ouvida!

04 - Escândalos: Cortar a mão - itens 11 a 17.

Escândalo: o que conduz ao erro, indignação causada por palavra indecorosa; alvoroço, tumulto. Escandalizar: causar escândalo; ofender, melindrar, levar ao erro.

A palavra escândalo é muito usada no nosso vocabulário e estamos sempre dizendo ou ouvindo: "Fulano de tal provocou um escândalo", "Não imagina o escândalo que foi tal situação...", "Si-crano rouba escandalosamente!".

Também Jesus, em Seu Evangelho, nos fala do escândalo.

Os pequeninos a quem Jesus se refere, são os puros de coração. Escandalizá-los, é menosprezá-los, é desejar-lhes o erro e o mal, pois eles só pensam no bem e só desejam o bem ao próximo. Não são dignos de injúrias e escárnios.

Os cristãos, perseguidos e sacrificados como animais, por várias gerações, eram também os pequeninos que Jesus cita. Pois amavam o Mestre e por Ele se sacrificavam.

Hoje o mundo oferece muitas maneiras de desviar o ser humano de Jesus; a desonestidade, a corrupção, os vícios, a mentira, o orgulho, a fofoca, a inveja, são escândalos provocados para desviar o ser humano do caminho correto.

Existe o escandaloso que encobre os seus escândalos. Provoca situações, não se deixando envolver e, até mesmo, fazendo que outros respondam pelos seus escândalos.

O Evangelho lido hoje nos diz que, se alguma parte do nosso corpo físico for motivo de escândalo, é melhor que a cortemos fora.

São termos alegóricos que Jesus usou, para melhor se entender a Sua explicação.

Todo escândalo depende de nós, de nossa mente, de nosso coração. Não se deve provocar o escândalo e nem tão pouco ser o motivo de escândalo, pois as duas situações, mostram o quanto se tem ainda para aprender, o quanto ainda se está atrasado no caminho da evolução.

As mãos são maravilhosas partes do nosso corpo físico. Elas nos ajudam na realização dos trabalhos de cada dia. Afagam o filho amado. Enxugam as lágrimas. Fecundam o solo. Acodem os enfermos. Acenam o adeus. Cumprimentam o amigo. Ajudam no passe. Dão o pão. Abençoam. Elas ajudam nas leituras das coisas certas e boas para o ser humano, o nosso irmão em jornada.

Também ferem o próximo, roubam, cometem desvarios, sob o comando das ideias do ser humano. Aí as mãos causam escândalo.

Elas podem fazer o certo e o errado. Depende do Espírito que as comanda.

Os olhos são como faróis a guiar o ser humano pelo mundo afora. Basta se dizer que o ser humano vê pelos olhos. Há também o costume popular de se dizer: "Enxergo longe!".

Todas as belezas passam, em primeiro lugar, pelos olhos. E se não fossem os olhos não haveria necessidade de espelho.

Há olhos pretos, olhos castanhos, olhos verdes, olhos azuis, e todos foram feitos de luzes.

Os olhos são como a candeia. Candeia clara, pavio esbelto, vivo; ilumina a tudo que está na casa, a ponto de se achar uma agulha perdida.

Os olhos de Jesus eram tão luminosos que, certo dia, ao aproximar-se de um cão morto, disse: como são belos os seus dentes! Enquanto as pessoas que passavam só viam a podridão do animal, o Divino filho de Deus, só viu o que ele tinha de bom. Maravilhosos olhos! Via com o coração. Como devem ser luminosos e belos os olhos de Jesus!

Existem olhos tão bons que, só de olhar, curam. Através dos olhos lemos o Evangelho de Jesus, que liberta e salva.

Os olhos dos reis magos miraram a Estrela guia, para que os levassem ao presépio de Belém, onde Jesus estava.

Os olhos têm grande influência no corpo físico. É por eles que entra a vaidade, o orgulho, enfim o erro.

Existem olhos tão fortemente errados e maus, que chegam a secar tenras plantas. Há olhos tão tetricos que parecem uma mecha que fuma. O olhar errôneo e maldoso produz arrepios. Há o olhar maledicente. E se os olhos são sempre errôneos, aí do corpo, pois ficará às escuras.

Cabe ao ser humano ver, com os olhos do coração, para que os olhos não sejam causa de escândalo.

As pernas e os pés ajudam o ser humano a se locomover. Através deles o ser humano vai ao templo, por eles seguiram Jesus na caminhada até o calvário e, também, com as pernas e os pés levaram o Evangelho de Jesus aos mais remotos cantos da Terra.

Com as pernas e os pés sai em socorro do irmão. E com eles se caminha pelo planeta, conhecendo todas as suas belezas. Conduz o humano no seu trabalho, no seu lazer, escala montanhas. E ajudam a caminhar na trilha do certo e do bem.

Também são usadas indevidamente. Persegue, segue furtivamente o próximo, comete desatinos e foge para não ajudar o seu irmão. E também ajudam a caminhar na trilha dos erros. Aí o ser humano usa os pés e as pernas para escândalo.

Por isso que Jesus diz; para se cortar a parte do corpo físico que causar escândalo.

Claro que Jesus não deseja que se corte parte alguma do corpo físico. Através do aprendizado do Evangelho, vai se compreendendo como não causar escândalo, porque o ser humano, ainda integrado na sua ignorância, na sua tendência ao erro e a maldade, na sua imperfeição, comete vários escândalos.

As maldades e os vícios fazem o ser humano praticar o escândalo, e com isso, pune a si mesmo, pois sofre as consequências e aprende com seu próprio erro. E o ser humano aprende, porque raciocina, porque é inteligente, porque vai encontrar Jesus.

Escandalizaram quando Jesus fez curas no sábado, pois era costume naquela época, e até hoje por alguns irmãos, se guardar o sábado. E Jesus para demonstrar que, religião não é guardar os sábados ou domingos, e sim fazer o certo e o bem, fez curas aos sábados.

Jesus entrou na sinagoga. E ali tinha um homem de mão seca. Então perguntaram a Jesus se era lícito curar no sábado? E Jesus lhes perguntou se era lícito nos sábados fazer o certo e o errado, salvar a vida ou tirá-la? Então fizeram silêncio. E Jesus olhando os que o rodeavam, contristados, disse ao homem: Estende a tua mão. Ele a estendeu. E a mão lhe foi restabelecida.

Houve um escândalo, porque a tradição não permitia que se trabalhasse aos sábados, pois desconheciam a grandeza do amor pelo próximo, que Jesus ensinava. Não há dia e nem hora para se curar ou ajudar um irmão.

A mão seca do homem deveria ser a consequência de algum ato pouco digno, de uma causa não nobre. Não tinha a mão seca por causa dos benefícios que praticara, não fora pelos pães que oferecera aos famintos, pela veste que dera aos maltrapilhos, pelos copos de água com que matara a sede das criaturas do Senhor.

Fora pelos erros que fizera, e pelo certo e o bem que deixara de fazer, porque a peça de uma máquina qualquer, trabalhando mal ou não trabalhando, tornando-se defeituosa, é retirada da máquina, enferruja porque fica inativa e seca, quebrando-se com qualquer pancada.

E isso acontece com nossos membros.

E de quem é a culpa? Sempre do maquinista que com ela trabalha, no caso da peça gasta da máquina.

E o caso da mão seca? Também a culpa é do condutor da máquina, do condutor do corpo, que é o Espírito.

E por que sofrera unicamente a mão, e não o resto do corpo? Porque o erro fora feito, simbolicamente, de maneira a parecer daquele órgão e a expiação do erro, simbolicamente, também deveria ser feita através do mesmo órgão.

O Espírito primeiro expia a falta e depois a repara. Primeiramente tivera seca a mão e, depois de curado por Jesus, com a mão sã, repararia o erro através da mesma mão.

Uma mulher samaritana scandalizou-se de o judaísmo de Jesus não impedi-Lo de se comunicar com a filha de uma tribo inimiga, por questões políticas e religiosas.

A samaritana ignorava a existência da maior de todas as recompensas que o Pai celestial dava aos Seus filhos: - o amor.

A lei veio por Moisés, mas a verdade e a graça, que é o amor, vieram por Jesus Cristo.

Muitos seres humanos ignoram o amor crístico. Por isso as rivalidades, as invejas, as contendas, as lutas fratricidas que entre eles reinam. A verdade veio justamente com a graça, isto é, com o amor, que os seres humanos não conseguem entender porque vivem hostilizando-se.

Atitudes e palavras agressivas são geradas pelo desamor, por isso que a boca fala do que está cheio o coração.

Portanto, como resolver as questões que interessam a humanidade, se os seres humanos permanecem em estado de mútua e contínua agressão?

Ainda no cenário terreno há rivalidades, principalmente nos setores da política e da religião. Isto acontece porque os seres humanos esquecem-se de Deus e de Jesus, e ficam se digladiando, enfunando as velas da vaidade própria.

Jesus partiu para a Galiléia porque notara, ali na Judéia, rivalidade entre os seus discípulos e os de João Batista. E até hoje acontecem rivalidades entre religiões e segmentos religiosos.

Jesus, o Cordeiro de Deus que tira os erros do mundo, meditava nas dificuldades que teria para erradicar o egoísmo das profundezas dos seres humanos.

Nesta meditação, Jesus se encontrava no poço de Jacob, enquanto seus discípulos foram comprar os alimentos, quando chegou a moça samaritana com seu cântaro, ela vinha buscar água. E o Sábio Mestre entabula diálogo com ela.

Fala do dom de Deus, de cuja posse depende todo o nosso bem, presente e futuro, por isso contém a chave para solucionar todos os problemas que afetam o ser humano.

Jesus continua a dispensar a Sua complacência, ao ser humano, e aceita os melhores afetos, no culto de profundo respeito e alta veneração que Lhe devotam.

Roga sempre a Deus, Jesus, para que nos tornemos dignos de Tuas promessas.

Esperamos fazer por merecer a atenção do Mestre Jesus.

05 - Deixai vir a mim os pequeninos - item 18.

Traziam-lhe também as crianças para que as tocasse; e os discípulos, vendo isto, repreendiam aos que os traziam. Mas Jesus, chamando-os para junto de si, disse: "Deixai vir a mim as crianças, e não as impeçais; pois dos tais é o Reino de Deus". Em verdade vos digo: "Aquele que não receber o Reino de Deus como uma criança, de maneira alguma entrará nele". Lucas, capítulo XVIII, vers. 15 a 17.

Deus criou os Espíritos simples e ignorantes, isto é, sem conhecimentos, e lhes concedeu os meios de progresso e perfeição.

É preciso que haja falta de conhecimento, para que haja aperfeiçoamento, cujo trabalho tem o mérito de cada um; e o aperfeiçoamento não se faz sem simplicidade. Os Espíritos simples são Bem-aventurados. As bem aventuranças são as remunerações da simplicidade.

Humildade é simplicidade. Os vaidosos, os arrogantes, não têm simplicidade, sendo por isso condenados por suas ideias preconcebidas.

Jesus usou as crianças como símbolo, como personificação da simplicidade. Elas, quando em sua inocência, representam a simplicidade de Espírito. Elas sabem que não sabem, e se esforçam para saber. Não são vaidosas com títulos. Respeitam as convicções, e quando estas lhes parecem disparatadas, indagam o motivo e procuram tirar deduções que lhes pareçam justas.

Para entrar no Reino de Deus, uma das grandes prerrogativas é a simplicidade de Espírito.

Os escribas, os fariseus, os doutores da lei, os religiosos, todos estes repeliram a Doutrina de Jesus, porque não havia neles nenhuma simplicidade de Espírito, eram vaidosos de seus conhecimentos, orgulhosos do seu saber. Não percebiam a ignorância em que se achavam, desconhecendo as coisas Divinas, e se julgando únicos possuidores da verdade.

Jesus, abençoando as crianças, mostrou que vale mais um ignorante simples, do que um sábio sem simplicidade.

Assim como, o odre velho, não pode suportar o vinho novo, por causa do cheiro impregnado do velho licor, também é preciso que o humano se torne simples, isto é, ponha de lado as crenças antepassadas, que recebeu por herança, para analisar sem preconceito o Cristianismo que, a ninguém veio impor seus preceitos, mas apresentar-se como a única Doutrina capaz de nos dar a perfeição, se a estudarmos e compreendermos em Espírito e Verdade.

"Aquele que não receber o Reino de Deus como uma criança, de maneira alguma entrará nele".

Isto quer dizer: aquele que não procurar o Reino de Deus com simplicidade, humildade e boa vontade de se aproximar de Deus, não entrará nele.

Humildade de coração e de Espírito. Está clara e precisa esta sentença. Não se trata, portanto, de humildes de posição social, nem humildes em relação de posses de bens materiais; nem humildes de intelecto, isto é, ignorantes e analfabetos; nem tão pouco os humildes no que respeita a profissão, ou nas vestimentas que usam.

A sentença reporta-se aos humildes de Espírito, àqueles cujos corações estejam livres do orgulho sob suas múltiplas modalidades.

O orgulho viceja também na classe dos humildes, sejam de intelecto, de posição, de fortuna, de profissão, de vestimenta, tal como acontece entre os demais componentes da sociedade humana.

O orgulho não distingue classe. Vai se aninhando onde encontra guarida; seja no Espírito do sábio como no do ignorante; seja no Espírito do rico como no do mendigo que estende a mão à caridade pública; seja no Espírito do potentado que enfeixa poderes e exerce autoridade, que governa povos e dirige nações, como no do pária que perambula pelas ruas; seja no Espírito dos titulados e togados, assim como no daqueles que cavam o solo ou que removem os detritos das cidades.

O orgulho assume formas diversas para cada classe, como para cada indivíduo. Ninguém escapa às suas arremetidas e à maldade de suas artimanhas.

O ser humano, ao nascer, traz consigo o orgulho adquirido em encarnações pretéritas, como fruto que é do egoísmo, do apego ao eu, cuja sensibilidade extremada gera todas as gamas e todas as mais variadas nuanças que o orgulho assume, desde a arrogância e a tirania, até as formas de petulância grotesca e ridícula.

É o grande fator de discórdia entre os seres humanos. É o elemento desaglutinador por excelência, semeando a desarmonia em todos os campos de ação onde os seres humanos exercem as suas atividades. Desenvolve e viça no campo dos pobres e dos ricos; nos doutores e eruditos como nos iletrados e incultos; nas academias como nas feiras livres; nos antros de vícios como nos templos e altares.

Não há terreno neste mundo, onde essa erva daninha não cresça.

O orgulho manifesta-se com ou sem motivo que o justifique; com ou sem razão alguma que explique a sua existência. No rico é a riqueza que o gera e sustenta. Nos que têm conhecimento em qualquer ramo, é o pouco saber que o mantém; nos pobres é a inveja; nos que pouco sabem e semianalfabetos é a própria ignorância que o mantém vivo e palpitante; e nos tolos e vaidosos, é a debilidade mental, a fraqueza do Espírito. Há facínoras que se orgulham de seus bárbaros crimes.

Jesus assim se exprimiu: "Graças te dou, meu Pai, porque revelas as tuas coisas aos simples e pequeninos, e as esconde dos sábios e dos grandes".

Deus nada esconde dos seres humanos; estes, em sua vaidade e soberba, é que se tornam impermeáveis às revelações do Alto, como insensíveis aos reclamos da própria consciência.

Somente os simples e humildes conseguem entender o amor de Deus e de Jesus por nós.

O orgulho é uma grande pedra de tropeço no caminho da evolução, tanto para a inteligência como para o sentimento.

O Divino Mestre esforça-se, para incutir no Espírito dos humanos, a necessidade de combater o grande e perigoso inimigo do seu progresso intelectual e do seu aperfeiçoamento moral.

O meio para se ter êxito, consiste em cultivar o elemento ou a virtude que se opõe ao orgulho: a humildade. Assim como o ser humano se serve da água para extinguir o incêndio, ele deve se servir da humildade para tirar o orgulho do coração.

Todos os vícios e paixões que degradam o ser humano, têm as virtudes opostas que ajudam a se erguer e cujo cultivo é a vitória sobre os vícios e paixões.

Se não quiser, de modo próprio, empreender a luta para vencer, será forçado a fazê-lo mediante a dor.

O orgulho causa complexo de superioridade. Imbuído dessa presunção, o ser humano eleva-se as altas fantasias, criadas pela imaginação, até que um dia despenca, rolando no pó, para que se confirme a máxima de Jesus: "Aquele que se exalta, será humilhado".

Humildade não quer dizer pobreza ou miséria; não quer dizer desasseio nem esfarrapado; não quer dizer ignorância nem analfabetismo; não quer dizer inaptidão e imbecilidade.

Para ser humilde não é necessário que se desmereça aos próprios olhos; nem ser impassível em todas as emergências que se encontre; nem deixar de protestar ou reagir contra as iniquidades de que seja vítima; não se agachar ou prosternar-se diante de manifestação de força, de prepotência e de poderes; não é se julgar inferior, incapaz, impotente, sem prestígio, sem mérito, sem valor nenhum.

Semelhante juízo sobre a humildade, é uma afronta ao Cristianismo de Jesus. A humildade se compatibiliza com a energia de ação, de vez que a energia é uma virtude.

Aquele que descrê de si mesmo é um fracassado na vida física. O ser humano deve se considerar como obra Divina, que de fato é, portanto, de valor infinito. Deve valorizar a obra, e o que toca ao ser humano é lutar incessantemente pela sua espiritualização, libertando-se das influências da animalidade, a fim de que se aproxime cada vez mais da Suprema Perfeição - fonte eterna de onde promana a vida, debaixo de todas as suas formas e modalidades.

Para o Divino Mestre, todo ser humano é filho de Deus, por isso tem valia incomparável. Haja vista como Ele tratou os leprosos, a mulher adúltera. Para Jesus, o mais enfermo é o que precisa da sua medicina.

A ninguém desprezava e a ninguém jamais ensinou que se desprezasse ou aviltasse a si mesmo, mas que se erguesse do pó e da lama, voltando-se para frente e para o alto.

Tende bom ânimo - era a Sua advertência predileta.

Tudo é possível àquele que crê - foi também o Seu estribilho.

Quanto a energia, Jesus deu, dessa virtude, os mais edificantes testemunhos em todas as conjunturas da Sua vida terrena, culminando com a expulsão dos vendilhões do templo, aos quais disse: "Fizestes da casa de oração, um covil de ladrões".

Francisco de Assis foi o grande apóstolo da humildade. Teve energia na sustentação da Doutrina Cristã. Sua existência foi um exemplo de humildade, e combateu decididamente ao reverso dessa virtude, isto é, ao luxo, às pompas, ao fausto e a todas as expressões de grandeza e de exterioridade fascinadora dos sentidos.

Para ser humilde, basta que se reconheça em Deus o Pai comum de toda a humanidade; e nos seres humanos, sem distinção, nossos irmãos, vindos da mesma origem, com os mesmos direitos, sujeitos a mesma lei de justiça, voltados todos para o mesmo destino, sem exclusivismos, sem privilégios de espécie alguma, sem exceções odiosas.

Humildade significa, ausência de orgulho dominando o Espírito; significa, ter o coração singelo e destituído de presunção, iluminado pelos clarões da justiça Divina, justiça essa que desperta nos Espíritos o verdadeiro senso de igualdade e o sagrado sentimento de fraternidade.

Bem-aventurados os humildes de Espírito, porque deles é o reino dos Céus.

Humildes de Espírito e não somente humildes.

Se Jesus tivesse omitido a palavra Espírito, quando disse Bem-aventurados os humildes, não se teria revelado o incomparável Mestre, o consumado pedagogo e excelso psicólogo, cujas qualidades e méritos jamais foram, e nem serão, igualados neste mundo.

Que a Humildade de Jesus penetre em nossos corações.

06 - Poder e Humildade dos Apóstolos. A cura do coxo - item 19.

Em Lystra estava sentado um homem aleijado dos pés, coxo desde o nascimento, e que nunca tinha andado. Ele ouvia falar Paulo, e este, fitando os olhos nele, achou méritos e vendo que tinha fé de que seria curado, disse em alta voz: Levanta-te direito sobre teus pés. E ele saltou e andava. A multidão, vendo o que Paulo fizera, levantou a voz em língua lycônica, dizendo: Os deuses em forma humana desceram a nós, e chamavam a Barnabé de Júpiter e a Paulo de Mercúrio, porque era este quem dirigia a palavra. O sacerdote de Júpiter, que estava em frente da cidade, trouxe para as portas touros e grinaldas e queria sacrificar com a multidão.

Mas os Apóstolos Barnabé e Paulo, quando ouviram isto, rasgaram suas roupas e saltaram para o meio da multidão clamando: Senhores por que fazeis isto? Nós também somos humanos da mesma natureza que vós e vos anunciamos o Evangelho para que destas coisas vãs vos convertais ao Deus vivo, que fez o Céu e a Terra, o mar e tudo que neles há; o qual, nos tempos passados, permitiu que todas as nações andassem nos seus próprios caminhos e, contudo, não deixou de dar testemunho de si mesmo, fazendo o bem, dando-vos do Céu chuvas e estações frutíferas, enchendo-vos de mantimentos e os vossos corações de alegria. Dizendo isto, com dificuldade impediram a multidão de lhes oferecer sacrifícios.

A cura do coxo de Lystra foi efetuada pelo mesmo processo que a cura do coxo do templo da porta Formosa, efetuada por Pedro.

Paulo possuía também, como Pedro, o grande dom de curar os doentes. Era, como dissemos, um dos sinais que envolviam os Apóstolos. A fé contribui muito para o sucesso dessas curas. Jesus dizia aos que lhe pediam o restabelecimento da saúde: "Se tiveres fé, tudo é possível".

Sem dúvida, esse fenômeno, assim como todos os demais catalogados nos Evangelhos e que o Espiritismo reproduz, produzem grande sensação.

Foi o que aconteceu em Lystra. Admirados do fato surpreendente que acabavam de observar, não só o curado, como todos que presenciaram o fato, julgaram, de acordo com suas ideias primitivas, que Paulo e Barnabé eram deuses baixados à Terra.

Submissos ao politeísmo, sem noção da verdadeira de religião que ensina aos seres humanos todas as coisas, estavam eles já prontos a oferecer a esses deuses touros e grinaldas, como era costume, mas os Apóstolos, compenetrados de seus deveres e fiéis à missão que desempenhavam, repudiaram imediatamente as ofertas, os holocaustos e as ovações, fazendo-lhes ver que Deus não pede essas coisas, pois, sendo Ele o dono de tudo, não compete a nós oferecer-lhe dádivas nem sacrifícios.

O sinal do apostolado é o desinteresse e a humildade, e estes Apóstolos deviam fazê-lo realçar para que a Doutrina que pregavam fosse aceita em seus princípios construtivos, a fim de verdadeiramente poder salvar os Espíritos.

Conhecendo a vida dos Apóstolos, os seus atos, a sua pregação, nós, com a mão na consciência, observemos, se os sacerdotes, pastores, guias espirituais, porventura, imitam esses grandes instrutores da humanidade.

Eles davam e não recebiam, eram perseguidos e não perseguiam, todas as suas palavras, todos os seus atos eram outros tantos louvores ao Deus vivo, que fez a Terra, o Céu e o mar e tudo o que neles há.

Repeliam as glórias, repudiavam os louvores, execravam o maldito ouro que tanto escraviza os sacerdotes do nosso tempo e sofriam injustas perseguições, louvando sempre o Senhor e dando bom testemunho que, de fato, eram cristãos.

Eles eram cheios de poder, porque eram humildes e verdadeiros, por isso o Espírito Divino seguia seus passos, provendo-os de tudo que necessitavam.

Se hoje, tivermos fé sincera e acreditarmos, como os Apóstolos, que Jesus não nos desampara, também trilharemos os passos de bondade dos Apóstolos e aprenderemos a sermos humildes como eles e nos desprover da ambição, do materialismo, visando um mundo novo de paz e amor. Jesus é o exemplo da humildade. No tempo em que ao mundo deveria surgir a Boa Nova, Jesus poderia permanecer na glória celeste, e fazer-se representar entre os seres humanos por mensageiros angélicos, porém, preferiu, Ele mesmo, descer ao chão da Terra e sofrer-lhe as vicissitudes.

Jesus contava com bastante poder para anular a sentença de Herodes, que mandava decepar a cabeça dos recém nascidos para impedir a sua presença; no entanto, conhecendo as razões desse resgate coletivo, Ele afastou-se, até que a exigência fosse proscrita.

Jesus dispunha de inúmeros recursos para se impor em Jerusalém, aos pés dos doutores que lhe negavam autoridade no ensino das novas revelações; porém retirou-se sem mágoa, e foi valer-se dos humanos rudes que lhe acolhiam a palavra consoladora.

Jesus tinha virtude suficiente para humilhar a filha de Magdala, dominada pela força das sombras; no entanto, silenciou a própria grandeza moral para chamá-la docemente ao reajuste da vida física e espiritual.

Jesus poderia, com toda dignidade e justiça, mandar os discípulos ao encontro dos sofredores para consolá-los e curar a ulceração; todavia, não renunciou ao privilégio de seguir, Ele mesmo, em cada canto da estrada, a fim de ofertar alívio e esperança, fortaleza e renovação.

Jesus tinha elementos para desfazer-se de Judas, o aprendiz insensato; porém, apesar de tudo, conservou-o até o último dia da luta, entre aqueles que mais amava.

Jesus podia, com uma simples palavra, confundir os juízes que o rebaixavam perante Barrabás; contudo, abraçou a cruz da morte, rogando perdão para os próprios carrascos.

Jesus poderia condenar Paulo de Tarso, o implacável perseguidor que aniquilava a plantação do Evangelho nascente, mas buscou-o, em pessoa, às portas de Damasco, visitando-lhe o coração, por sabê-lo enganado na direção em que se movia.

Com Jesus, percebemos que a humildade quase sempre surge da pobreza ou enfermidade, que tantas vezes significam lições regeneradoras, e que o talento celeste é atitude do Espírito, que esquece a própria luz para levantar os que se arrastam nas trevas, procurando sacrificar a si próprio, nos carreiros empedrados do mundo, para que os outros aprendam, sem constrangimento ou barulho, a encontrar o caminho para as bênçãos do Céu.

Bezerra de Menezes é um exemplo de humildade. Sincero em suas convicções tornou-se ardoroso adepto do espiritismo. Foi um dos proeminentes espíritas do Brasil. E tal proeminência, não lhe obscureceu nunca a humildade dos gestos, nem a singeleza do seu coração. Mesmo quando ocupava cargos públicos de projeção era visto, subindo as escadas da Federação, aonde ia tomar passes e pedir receitas mediúnicas.

Ele nunca se prevaleceu da notoriedade de sua vida pública. Não passava à frente dos demais consulentes, por mais humildes que fossem.

Obediente ao espírito de disciplina, apanhava o seu número e se deixava ficar na antessala, sentado entre pessoas de todas as condições sociais, esperando pacientemente a vez de ser chamado.

"E assenta-te no último lugar", Lucas, capítulo 14, vers. 10.

O Mestre, nesta passagem, proporciona inolvidável ensinamento de boas maneiras.

A sentença revela um conteúdo simbólico, todavia, vamos aplicá-lo igualmente ao mecanismo da vida comum.

A recomendação de Jesus presta-se a todas as situações, em que nos vejamos convocados a examinar algo de novo, junto aos semelhantes. Alguém que penetre uma casa ou participe de uma reunião, pela primeira vez, mostrando que tudo sabe ou que é superior ao ambiente em que se encontra, torna-se intolerável aos presentes.

Quando se encontra um agrupamento enganado em suas finalidades ou intenções, não é razoável que o ser humano esclarecido ingresse neste grupo, fazendo-se doutrinador austero e exigente, porque, para a tarefa de retificar ou reconduzir Espíritos, é necessário que o trabalhador fiel ao bem, inicie o esforço, indo ao encontro dos corações pelos laços da fraternidade legítima. Só assim conseguirá eliminar uma parcela de sombra, a cada dia, através do serviço constante.

Jesus foi o grande reformador do mundo, corrigindo, amando, mostrava o caminho aos seres humanos.

Não procure os lugares de evidência por onde passar. E se parar em alguma parte, não ofusque com a exposição do quanto já conseguiu nos domínios do amor e da sabedoria, isto seria um contrassenso!

Quando se quer cooperar pelo bem dos outros, apague-se de um modo simples, para que o próximo possa compreender. Impondo normas ou exibindo poder, nada se consegue, senão estabelecer mais fortes perturbações.

Esqueça o pó e o vento.
Lembre que a luz do Sol e a pureza da água são gratuitas.
Esqueça o pessimismo e o mau agouro.
Recorde que a marcha do progresso é inexorável.
Esqueça a palavra infeliz.
Lembre que você está sendo ouvido e observado.
Esqueça a malquerença.
Recorde que o imperativo da fraternidade atinge a todos.
Esqueça a indisposição.
Lembre que a disciplina mental é o primeiro remédio.
Esqueça o próprio direito.
Recorde que o dever pessoal é intransferível.
Esqueça a censura.
Lembre que a harmonia e a cooperação constroem sempre mais.
Esqueça a discussão intempestiva.
Recorde que o respeito ao semelhante é o alicerce da paz.
Esqueça a vaidade intelectual.
Lembre o valor do procedimento correto em todas as circunstâncias.
Esqueça as vozes destrutivas.
Recorde que a extensão da seara do bem espera por nós.
Esqueça a convicção nociva.
Lembre que a naturalidade suscita sempre a simpatia maior.
Esqueça a lamentação.
Recorde que o minuto passa sem esperar por ninguém.
Triunfar é esquecer o lado penoso da vida física, lembrando das próprias obrigações que, em verdade, sustentam a nossa alegria incessante.
Rogamos a Jesus que nos ajude a esquecer as indevidas lembranças.

07 – Bem-aventurados os que têm olhos fechados.

Bartimeu; o cego - item 20.

E Jesus, falando, disse-lhe: Que queres que eu te faça? E o cego lhe disse: Mestre, que eu veja.

E Jesus lhe disse: Vai, a tua fé te salvou. E logo viu, e seguiu a Jesus pelo caminho. Marcos, capítulo 10, vers. 51- 52.

Numa das suas andanças pelas cercanias de Jericó, o Mestre deparou com um cego chamado Bartimeu, que estava mendigando à beira da estrada.

Sabendo que o Senhor estava naquela região, Bartimeu levantou-se e começou a clamar: "Filho de Davi! Tem misericórdia de mim".

Muitos dos que estavam nas proximidades passaram a repreendê-lo para que cessasse o seu clamor, porém nada fazia com que parasse de gritar. Jesus, parando a certa distância do cego, ordenou que o chamassem. Ao ouvir o chamamento, cheio de ânimo, largou a sua capa, levantou e dirigiu-se para o lado em que Ele estava.

Cheio de paciência, o Mestre interrogou-o: "Que queres que eu te faça?" E o cego lhe disse: "Senhor, que eu veja". Diante daquela patente manifestação de fé, Jesus fez com que ele começasse a ver.

Vemos, mais uma vez, o efeito da fé. Bartimeu já tinha conhecimento dos atos praticados por Jesus e alimentava a esperança de encontrá-Lo um dia, pois a sua maior ambição era poder ver. Ao tomar conhecimento da aproximação do Senhor, provocou grande alarido, conseguindo assim, despertar a Sua atenção, resultando dali a cura de sua cegueira.

Muita gente se surpreende de Jesus não ter restaurado a visão a todos os cegos, levantado a todos os paralíticos, e curado a todos os leprosos que existiam.

Podem-se contar, nos Evangelhos, as curas materiais operadas por Jesus Cristo. Elas foram de um número insignificante, representando porcentagem pequena, frente ao número de sofrendores existentes na época, o que prova que o Mestre não veio curar enfermidades materiais, que são de efeitos passageiros, e que, diante da lei de Deus, em consequência de reajuste, nem todos estavam em condições de serem curados.

Bartimeu era cego há muitos anos e, essa cegueira prolongada, deu-lhe a oportunidade de resgatar erros do passado. Havia chegado a hora de merecer o benefício da cura, e esta veio por intermédio de Jesus.

Por esta razão é que nem todos podem receber, de imediato, aquilo que pedem a Deus ou aos Espíritos. Se ainda não saldaram seus débitos com a justiça Divina, não podem merecer alteração no curso de suas vidas físicas, porque não houve esforço interior que justificasse o benefício solicitado.

O Mestre veio para curar a cegueira do Espírito, para isso, Ele nos legou a mensagem viva dos Evangelhos.

Felizes os que se interessam pela iluminação interior, após o contato com os ensinamentos do Evangelho. Deve encher-se de alegria, rejubilando e não admitindo que ninguém impeça a sua aproximação da luz.

Não é necessário ter apenas a visão material; importa ter a visão das coisas do Espírito. Jesus curou Bartimeu, dando-lhe a graça da visão, porém não era essa visão que Jesus veio trazer. O Divino Mestre suspirava pela transformação íntima do ser humano, através de um processo de reforma que Ele denominou - conquista do Reino dos Céus. Essa é a verdadeira iluminação do Espírito, é a cura permanente fazendo, com aquele que a receba, que jamais entre no reino das trevas. Jesus desejava também que: aqueles que eram autênticos - cegos que não queriam ver - passassem a ver, sentindo a extensão de Sua mensagem imorredoura. Suspirava para que, aqueles que nada viam em torno das coisas do Espírito, passassem a vê-las, sentindo a majestade dos Seus ensinamentos.

Afirmou Jesus: "quem me segue jamais andarás em trevas", o que revela o sentido libertador do Evangelho. Essa afirmação de Jesus está ligada numa outra expressão equivalente: "conheci a verdade e ela vos fará livres". Quem conhecer a verdade que está latente no Evangelho, liberta-se dos preconceitos, das superstições, das viciações, dos erros, e torna-se um ser compenetrado dos

seus deveres de ordem espiritual, enquadrando-se entre aqueles que são, na realidade, filhos da luz.

E disse ainda o Mestre: "Se, porém, os teus olhos forem maus, o teu corpo será tenebroso. Se, portanto, a luz, que em ti há são trevas, quão grandes serão tais trevas".

Há necessidade de fazermos com que, os nossos olhos, reflitam aquilo que está no Espírito. Se estivermos suficientemente iluminados interiormente, nossos olhos revelarão a serenidade e outras qualidades, que traduzem a nossa evolução espiritual e, então, a lei do amor passará a presidir todos os nossos atos.

Quando se toma conhecimento da mensagem do Evangelho, deve-se esforçar para assimilá-la o melhor possível. Não se deve permitir que alguém impeça os nossos movimentos nesse sentido, tomando como paradigma o cego Bartimeu, que, ao ouvir dizer que Jesus estava se aproximando, passou a clamar, não permitindo que ninguém opusesse obstáculo ao seu objetivo.

Jesus costumava empregar frequentemente esta frase: "Quem tem ouvidos de ouvir e olhos de ver, ouça e veja. Quem tem inteligência de entender, entenda".

Às vezes parecem banais estes dizeres, porém encerram grande sabedoria.

Olhos de ver? Acaso os olhos têm outra função?

Ouvidos de ouvir? Para que se destinam os órgãos auditivos, a não ser para ouvir?

E a inteligência? Esta faculdade presta-se a analisar e utilizar os conhecimentos.

Realmente assim é. Todavia, a grande maioria dos seres humanos, tem olhos e não veem, tem ouvidos e não ouvem, tem inteligência e não conhecem e nem sabem.

Aqueles que tendo olhos, ouvidos e conhecimento, veem, ouvem e entendem, constituem rara exceção.

A maioria da humanidade tem coração e não ama, tem consciência e não sente o peso das responsabilidades.

Na passagem de Jesus pela Terra, quantos viram as Suas obras? Quantos ouviram Suas parábolas? Quantos Espíritos foram tocados pela magia do Divino Verbo? Bem poucos!

As Madalenas, os Zaqueus e os Saulos são raridades.

Até na matéria se processa o mesmo critério. As maçãs desprendem-se das macieiras, desde que estas árvores existem no mundo, no entanto, só Newton teve olhos de ver esse fenômeno, descobrindo nele a lei da atração dos corpos físicos; vislumbrando o segredo da máquina celeste com todas as suas maravilhas.

As tampas das panelas trepidando, sempre sob a influência da água em ebulição, só Fulton teve olhos de ver essa trepidação, partindo daí a descoberta dos barcos a vapor e dos caminhos de ferro.

Inúmeras pessoas haviam observado os fenômenos da tiptologia, mas só Allan Kardec teve inteligência de entendê-los, tirando dos mesmos as bases para compilar a Doutrina dos Espíritos, cujos postulados vêm revolucionando as esferas da ciência e da fé.

Todos os seres humanos têm no peito um coração que pulsa e que sente. Mas, os que amam o próximo como a si mesmos, são tão raros, que os denominamos de Santos.

O Divino Mestre tinha razão quando chamava a atenção dos Seus ouvintes por meio dessas palavras.

Aprendamos com o Senhor, que os verdadeiramente vivos, neste orbe, com olhos de ver, ouvidos de ouvir e coração de amar, são raridades dignas de nota, como a flor de Lótus e os trevos de quatro folhas.

Não devemos desanimar quando a luta apenas começa. Reergamo-nos para o trabalho. Fomos chamados a servir. Divino é o amor dos Espíritos, laço eterno a ligar-nos uns aos outros para a imortalidade triunfante, mas que será desse dom celeste se não o soubermos entender?

O coração incapaz de ceder, a benefício da felicidade alheia, é semente seca que não produz.

Todos nós somos filhos do mesmo Criador. Não podemos exigir Dele, o que Ele não deve nos dar, e a ninguém se ama, ou se faz amado, através da exigência.

De imediato, muitos não entendem que desejamos ajudar e salvar e nem sempre conseguem compreender, mas podem ser arrastados ou inclinados à renovação por nossos exemplos.

Em muitas ocasiões na Terra, somos esquecidos e humilhados por aqueles que amamos, porém, se soubermos perseverar na abnegação, acendemos no próprio Espírito a luz com que clarearemos a estrada além do sepulcro.

Tudo passa no mundo... Os gritos da mocidade menos construtiva, transformando-se em música de meditação na velhice.

Amparemos os nossos filhos, que são também nossos irmãos na eternidade, mas não podemos escravizá-los ao nosso modo de ser. Monstruosa seria a árvore que se pusesse a devorar o seu próprio fruto; condenável seria a fonte que tragasse sua própria água. E o Mestre demonstrou tudo isso, através do exemplo, do ensinamento, deixando-nos à vontade para segui-Lo, dando-nos o livre arbítrio.

Não nos rendamos ao sopro frio do infortúnio, nem creiamos no poder do cansaço.

Que seria de nós, se Jesus, entediado dos nossos erros, se entregasse à fadiga inútil?

Mesmo que nosso corpo físico se recolha às transformações da morte, devemos nos manter firmes na fé e no otimismo. O túmulo é a penetração no novo dia, para os que atravessam a noite, com a visão da esperança e do trabalho.

Nesta vida, aguardemos renúncia e sacrifício... Jesus até hoje não foi compreendido, mesmo por muitos que se dizem seus seguidores.

Auxiliemos, perdoemos... As vitórias supremas do Espírito brilham além da carne.

No caminho que nos conduzimos, que o Céu nos conceda a paz e as bênçãos da eterna luz.

Recebamos as alegrias do Senhor como flores no vaso do coração.

Que Jesus permaneça entre nós!

CAPÍTULO IX

BEM-AVENTURADOS AQUELES QUE SÃO BRANDOS E PACÍFICOS

Injúrias e violências. - Instruções dos Espíritos: A afabilidade e a doçura. - A Paciência.
- Obediência e resignação. - O ódio 1.

INJÚRIAS E VIOLÊNCIAS

1. Bem-aventurados aqueles que são brandos, porque eles possuirão a Terra. (*Mateus, cap. V, v. 4*).
2. Bem-aventurados os pacíficos, porque eles serão chamados filhos de Deus. (*idem, v. 9*).
3. Aprendestes o que foi dito aos Antigos: Não matareis, e todo aquele que matar merecerá ser condenado pelo julgamento. Mas eu vos digo que todo aquele que se encolerizar contra seu irmão merecerá ser condenado ao Geena. Que aquele que disser a seu irmão Racca (~ doido!), merecerá ser condenado pelo conselho de humanos. E que aquele que lhe disser: Sois louco, merecerá ser condenado ao Geena.

4. Por esses ensinamentos, Jesus, o Cristo, faz da doçura, da moderação, da mansuetude, da afabilidade e da paciência uma lei. Condena, por conseguinte, a violência, a cólera e mesmo toda expressão descortês com respeito ao semelhante. Racca (~ doido!) era, entre os Hebreus, um termo de desprezo, que significava humano de má conduta, e se pronunciava escarrando e desviando a cabeça. Ele vai mesmo mais longe, uma vez que ameaça com o Geena aquele que disser ao seu irmão: Sois louco.

É evidente que, aqui, como em toda circunstância, a intenção agrava ou atenua o erro. Mas em que uma simples palavra pode ter bastante gravidade para merecer uma reprovação tão severa? É que toda palavra ofensiva exprime um sentimento contrário à lei do amor e da caridade, que deve regular as relações dos humanos e manter entre eles a concórdia e a união. Que é um insulto à benevolência recíproca e à fraternidade. Que promove o ódio e a animosidade. Enfim, que depois da humildade para com Deus, a caridade para com o próximo é a primeira lei de todo cristão.

(Quando estamos tranquilos, vibramos harmonia. Quando intranquilos nós vibramos desarmonia. Jesus, o Cristo, é o modelo do 'amor', mas só o é por sua tranquilidade, pois sem esta não há o 'amor'! A tranquilidade é estágio evolutivo do Espírito!)

5. Mas o que diz Jesus, o Cristo, por estas palavras: "Bem-aventurados aqueles que são brandos, porque eles possuirão a Terra", tendo ele dito para renunciar aos bens deste mundo e prometendo os do Mundo espiritual?

À espera dos bens do Mundo espiritual, o humano tem necessidade dos da Terra para viver. Somente lhe recomenda não ligar a estes últimos mais importância do que aos primeiros.

Por estas palavras, ele quer dizer que, até esse dia, os bens da Terra estão açambarcados pelos violentos, em prejuízo daqueles que são brandos e pacíficos. Que a estes, frequentemente, falta o necessário, enquanto que os outros têm até o supérfluo. Promete que justiça lhes será feita, na Terra como no Mundo espiritual, porque são chamados filhos de Deus. Quando a lei de amor e de caridade for a lei da Humanidade, não haverá mais egoísmo. O fraco e o pacífico não serão mais explorados, nem esmagados pelo forte e pelo violento. Tal será o estado da Terra quando, segundo a lei do progresso e a promessa de Jesus, o Cristo, ela tornar-se um mundo feliz, pela ausência dos imorais.

(Mas no nosso estágio evolutivo espiritual, de orgulho e egoísmo, os irmãos que recebem como 'lição' a 'liderança', em sua maioria, raciocinam assim: "Estão reclamando o quê de mim! Se eu não lhes desse trabalho estariam morrendo de fome!")

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

A AFABILIDADE E A DOÇURA

6. A benevolência para com os semelhantes, fruto do amor ao próximo, produz a afabilidade e a doçura, que lhe são a manifestação. Entretanto, não é preciso fiar-se sempre nas aparências. A cultura e o hábito do mundo podem dar o verniz dessas qualidades. Quantos há cuja fingida bondosa atitude não é senão máscara para o exterior, uma roupagem cuja forma premeditada esconde as deformidades ocultas! O mundo está cheio dessas pessoas que têm o sorriso nos lábios e o veneno no coração. Que são brandas, contanto que nada as machuque, mas que mordem à menor contrariedade. Cujas línguas douradas, quando falam face a face, se transmuda em dardo envenenado, quando estão por detrás.

A essa classe pertencem ainda esses humanos benignos por fora e que, tiranos domésticos, fazem sofrer, sua família e seus subordinados, o peso do seu orgulho e do seu despotismo, como querendo-se compensar do constrangimento que se impuseram lá fora. Não se atrevendo a usar de autoridade sobre estranhos que os recolocariam em seu lugar, eles querem ao menos ser temidos por aqueles que não podem resistir-lhes. Sua vaidade alegra-se de poder dizer: "Aqui eu mando e sou obedecido". Sem pensar que poderiam acrescentar com mais razão: "E é detestado".

Não basta que dos lábios gotejem leite e mel, pois se o coração nada tem com isso, há hipocrisia. Aquele cuja afabilidade e doçura não são fingidas, nunca se contradiz. É o mesmo diante do mundo e na intimidade. Ele sabe, aliás, que se pode enganar os humanos, pelas aparências, não pode enganar a Deus.

(Lázaro, Paris, 1861).

(Sua vaidade alegra-se de poder dizer: "Aqui eu mando e sou obedecido". Sem pensar que poderiam acrescentar com mais razão: "E é detestado".

A prepotência é cega, apenas vê se está atendida, o resto não interessa: "Não sei do quê estão reclamando! Aqui em casa, para mim, nunca faltou açúcar!".)

A PACIÊNCIA

7. A aflição é uma bênção que a Lei de Deus envia aos seus eleitos. Não vos aflijais, pois, quando a tiverdes, mas bendizeis, ao contrário, a Lei de Deus que vos marcou pela aflição neste mundo para a glória no Mundo espiritual.

Sede pacientes. A paciência é também uma caridade e deveis praticar a lei da caridade ensinada por Jesus, o Cristo, enviado pela Lei de Deus. A caridade que consiste na esmola dada aos pobres, é a mais fácil das caridades. Mas há uma bem mais penosa e, conseqüentemente, mais meritória: perdoar àqueles que a Lei de Deus colocou sobre nosso caminho para serem os instrumentos dos nossos tormentos e colocar a nossa paciência à prova.

A vida é difícil, eu o sei. Ela se compõe de mil nadas que são picadas de alfinetes que acabam por ferir. Mas é preciso considerar os deveres que nos são impostos, as consolações e as compensações que temos por outro lado, e, então, veremos que as bênçãos são mais numerosas do que as aflições. O fardo parece menos pesado quando se olha do alto, do que quando se curva a frente para o chão.

Coragem, amigos, Jesus, o Cristo, é o vosso modelo. Ele sofreu mais do que qualquer de vós e não tinha nada a se censurar, enquanto que vós tendes vosso passado a resgatar e vos fortalecer para o futuro. Sede, pois, pacientes, sede cristãos, essa palavra encerra tudo.

(Um Espírito amigo, Havre, 1862).

(A caridade que consiste na esmola dada aos pobres, é a mais fácil das caridades.

No nosso atual estágio evolutivo espiritual, o comum é pensarmos deste modo: "Se eu não fosse paciente teria instalado um fio elétrico no lugar da campainha de casa. Mas já estou me irritando com esses pobres à toda hora tocando a campainha!".)

OBEDIÊNCIA E RESIGNAÇÃO

8. A Doutrina de Jesus, o Cristo, ensina, em toda parte, a obediência e a resignação, duas virtu-

des companheiras da doçura, muito ativas, embora os humanos as confundam erradamente com a negação do sentimento e da vontade. A obediência é o consentimento da razão, a resignação é o consentimento do coração. Ambas são forças ativas porque carregam o fardo das provas que a revolta insensata deixa cair. O frouxo não pode ser resignado, assim como o orgulhoso e o egoísta não podem ser obedientes. Jesus, o Cristo, foi a encarnação destas virtudes desprezadas pela antiguidade material. Ele veio no momento em que a sociedade romana afundava nos desfalecimentos da corrupção. Veio fazer luzir, no seio da Humanidade abatida, os triunfos do sacrifício e da renúncia carnal.

Cada época está, assim, marcada com o selo do certo ou do errado que a deve elevar ou punir. A virtude da vossa geração é a atividade intelectual. Seu grande erro é a indiferença moral. Eu digo somente atividade, porque o gênio se eleva de repente e descobre sozinho os horizontes que a multidão não verá senão depois dele, ao passo que a atividade é a reunião dos esforços de todos para atingir um fim menos grandioso, mas que prova a elevação intelectual de uma época. Submetei-vos ao impulso que viemos dar aos vossos Espíritos. Obedecei à grande lei do progresso, que é a palavra da vossa geração. Ai do Espírito preguiçoso, daquele que fecha seu entendimento! Infeliz! Porque nós que somos os guias da Humanidade em marcha, o atingiremos com a verdade, e sua vontade rebelde será forçada no duplo esforço da dúvida e da certeza. Toda resistência orgulhosa cederá, cedo ou tarde. Mas Bem-aventurados os que são brandos, porque prestarão dócil ouvido aos ensinamentos.

(Lázaro, Paris, 1863).

(A obediência é o consentimento da razão, a resignação é o consentimento do coração.

Os valores espirituais, quando são transmutados para o mundo material, recebem outra ‘interesseira’ interpretação: “Claro que a sua dívida venceu hoje. Você trate de se resignar e me pagar sem falta, caso contrário executo a hipoteca!”.)

O ÓDIO 1

9. O orgulho leva a vos crer mais do que sois. A não poder passar uma comparação que possa vos rebaixar. A vos considerar, ao contrário, de tal modo acima dos vossos irmãos, seja como Espírito, seja como posição social, seja mesmo como superioridade pessoal, que o menor paralelo vos irrita e vos fere. E o que ocorre então? Entregai-vos ao ódio. Procurai a origem desses acessos de demência passageira, que vos assemelham aos animais, fazendo-vos perder o sangue frio e a razão, procurai e encontrareis, quase sempre, por base, o orgulho ferido. Não é orgulho ferido, por uma contradição, que vos faz rejeitar as observações justas, que vos faz repelir com ódio aos mais sábios conselhos? As próprias impaciências que causam as contrariedades, frequentemente pueris, prendem-se à importância que se atribui à própria personalidade diante da qual se crê que tudo deve se dobrar. Em seu delírio, o humano odioso ataca a tudo: a natureza bruta, os objetos inanimados, que quebra, porque não lhe obedecem. Ah! Se nesses momentos pudesse se ver com sangue frio, teria medo de si, ou se acharia ridículo! Que julgue por aí a impressão que deve produzir sobre os outros. Quando não fosse senão por respeito a si mesmo, deveria esforçar-se por vencer uma tendência que faz dele objeto de piedade. Se imaginasse que o ódio não resolve nada, altera sua saúde, compromete-lhe a vida física, veria que é sua primeira vítima. Mas outra consideração deveria, sobretudo, detê-lo: o pensamento de que torna infeliz todos aqueles que o cercam. Se tem coração, não terá remorso em afligir os seres que mais ama? E que desgosto mortal se, num acesso de ódio, cometesse um ato de que tivesse que se censurar por toda a sua vida!

Em suma, o ódio não exclui certas qualidades do coração, mas impede de fazer o correto, e pode levar a fazer muito erro. Isso deve bastar para motivar esforços por dominá-lo. O Espírita, por outro lado, é solicitado por outro motivo: ele é contrário à caridade e à humildade cristãs.

(Um Espírito protetor, Bordéus, 1863).

(As próprias impaciências que causam as contrariedades, frequentemente pueris, prendem-se à importância que se atribui à própria personalidade diante da qual se crê que tudo deve se dobrar.

A prepotência, filha mais brutal e estúpida do orgulho e do egoísmo, nos mantém numa incrível cegueira moral! A dor, sua irmã de criação, vai lentamente disciplinando-a na paciência e conduzindo-a ao amor.)

10. Segundo a ideia muito falsa de que não pode reformar sua própria natureza, o humano se crê dispensado de esforçar-se para se corrigir dos defeitos, nos quais se compraz voluntariamente ou que exigiriam muita perseverança. É assim, por exemplo, que o humano inclinado ao ódio se desculpa, quase sempre, com o seu temperamento, antes de se considerar culpado, ele reputa a falta ao seu organismo, acusando, assim, Deus de suas próprias faltas. É ainda uma consequência do orgulho, que se encontra misturado a todas as suas imperfeições.

Sem dúvida, há temperamentos que se prestam mais que outros, aos atos violentos, como há músculos mais flexíveis que se prestam melhor para os torneios de força. Mas não creiais que aí esteja a causa primeira do ódio, e estejais persuadidos de que um Espírito pacífico, mesmo num corpo bilioso, será sempre pacífico. E que um Espírito violento, num corpo linfático, por isso não será mais brando. Somente a violência tomará outro caráter: não havendo um organismo próprio para secundar sua violência, o ódio será concentrado, e no outro caso será expansivo.

O corpo físico não dá cólera àquele que não a tem, como não dá os outros errados desejos. Todas as virtudes e todos os errados desejos são inerentes ao Espírito. Sem isso, onde estariam o mérito e a responsabilidade? O humano que é disforme não pode se tornar direito porque o Espírito nada tem com isso, mas pode modificar o que é do Espírito quando tem uma vontade firme. A experiência não vos prova, Espíritas, até onde pode ir o poder da vontade, pelas transformações verdadeiramente miraculosas que vedes se operar? Dizei-vos, pois, que o humano não permanece vicioso senão porque quer permanecer vicioso. Mas aquele que quer se corrigir sempre o pode, de outra forma a lei do progresso não existiria para o humano.

(Hahnemann, Paris, 1863).

(E que um Espírito violento, num corpo linfático, por isso não será mais brando.

Esse é o tipo ‘bonzinho’: “Eu sou muito bom, mas pise no meu calo e eu o mando para o inferno!”.)

EXPLANAÇÕES

01 - Injúrias e violências - itens 1, 2, 3, 4 e 5.

Bem-aventurados os mansos porque herdarão a Terra.

A Terra é um planeta de expiação e de dor, porém, depois de grandes transformações que se operarão, ela transformar-se-á num planeta de regeneração. Haverá mais estreita seleção de reencarnações. Haverá menos lágrimas e dores. Enfim, a Terra será um planeta onde imperará maior felicidade.

Os brandos e pacíficos herdarão a Terra, porque eles continuarão nela, para o seu processo evolutivo. Os rebeldes, os recalcitrantes, serão relegados a planetas menos evoluídos, onde ainda prevalece o choro e o ranger de dentes, preceituado por Jesus Cristo.

Os Espíritos não retrocedem na sua posição evolutiva, entretanto a mudança de planeta irá ocorrer, cumprindo-se a afirmativa de Jesus Cristo no Sermão profético: “esses dias de tribulação serão abreviados pelo amor de muitos”. O nosso planeta não poderá permanecer eternamente mergulhado no erro, porque, nesse caso, milhões e milhões de criaturas corretas continuariam a sofrer devido à rebeldia de outros milhões e milhões de errados. Por isso a reforma se dará e os errados reencarnarão em planeta de evolução menor, onde guardarão a lembrança de terem perdido o Paraíso (a Terra).

O Espírito renasce, encarna na Terra, impulsionado por nova esperança, decidido a enfrentar as provas que escolheu no campo do aprendizado.

Passa a infância física, atravessa a juventude com a melhor disposição íntima, para atingir a maturidade humana.

Começam a surgir os problemas e lutas maiores. Repontam as primeiras decepções. Acontecem os desencontros mais graves e surgem os compromissos amargos.

Enigmas do passado recente ou antigo, aparecem de improviso.

Aumentam as tentações e o Espírito vai identificando em si mesmo as mostras dos desajustes morais.

Credores impassíveis de outros tempos, que vivem na espiritualidade, em desequilíbrio, descobrem o seu devedor encarnado, e vêm cobrar-lhe, insuflando-lhe ideias nos seus pontos vulneráveis, que marcam a sua personalidade, e tudo isso acontece por se estar distante do Orar e Vigiar, do Perdoar e Servir.

Daí o encarnado começa a ter as primeiras frases de pessimismo, os primeiros ares de tristeza, os primeiros traços de melancolia, os primeiros sintomas de frustração.

Porém, ao se apoiar em Cristo, orando, resignando, através do perdão e da humildade, da beneficência e do serviço, restaura-se mais facilmente, arrimado de compreensão e da fé viva que garantem serenidade e paciência.

Os que se ausentam da realidade moral assumem fugas psicológicas - válvulas falsas para quebrar a pressão interior - e entregam-se imoderadamente ao álcool, ao tóxico, aos jogos de azar, às aventuras infelizes da sensibilidade, no domínio das paixões terrenas, que se fazem acompanhar de cativeros e angústias. Gradativamente entram na condição de escravos dos próprios desregramentos, e tornam-se tiranos dos outros.

É aí que se desencadeia o colapso de todas as resistências do Espírito, que se entrega então, em dolorosos processos obsessivos, à recapitulação de todos os erros do passado, para, de novo, mergulhar em pesadelos sinistros além da morte.

Permaneçamos em guarda contra nós mesmos.

O Cristianismo que nos tutela os votos de melhoria, surgiu nos caminhos do mundo para anular os rebates falsos do materialismo, dando-nos fortaleza e resolução para vencermos nossas tendências menos felizes.

Seguir Jesus é refazer o destino!

Estudar os mecanismos da Justiça Maior, interpretar no tempo e no espaço, as causas profundas das aflições; tendo por bênção o incontestável esquecimento provisório das existências anteriores; entendendo sem dificuldade o imperativo da justa resignação; aceitando a função admirável

do educandário terrestre e reconhecer igualmente, no cárcere da carne, a abençoada carteira escolar em que se recolhem as lições e os valores para a nossa definitiva emancipação.

A mansidão imperturbável, no meio dos seres humanos, parece-nos muito difícil, pela largueza da ignorância que ainda alimentamos sob todos os aspectos da vida; mas não é impossível de ser adquirida.

No passar dos anos e dos séculos, sem que a interrupção do certo e do bem se faça, a mansidão passa a fazer parte do Espírito e, por consequência, do ser humano.

A lei impõe uma condição para o ser humano encontrar a mansuetude: que cada dia coloque no seu alforje um grãozinho de areia de autoaprimoramento, de autoeducação, de amor sem descanso, de fé revestida de obras, para que, no amanhã da eternidade, possa sentir o nascimento dentro e fora dele, da serenidade imperturbável.

É importante que o ser humano não esqueça que, desde os primeiros passos, com serenidade e confiança, começará a viver e a sentir a felicidade, oriunda dos primeiros raios do reconhecimento espiritual. A bondade de Deus é tão grande que mandou mensagens de salvação, para que se possa sentir a Sua paternidade e acreditar no amor que se estenderá de uns para com os outros.

A serenidade, a mansidão que desejamos ser portadores é tesouro dos anjos que receberam das mãos do tempo, pelos impulsos de milênios incontáveis, sob as bênçãos de Deus. Entretanto, esse tempo somente age quando abrimos nossos corações pela boa vontade, onde o esforço próprio nunca falta. E os milênios são como o calor Divino, que somente amadurece e harmoniza o universo interior, quando nos dispomos a respeitar e viver os princípios das leis que governam a todos. As bênçãos de Deus são a execução da melodia celestial, que se irradia pela vivência da serenidade imperturbável.

Uma árvore para se manter de pé no solo que lhe dá a vida, estica suas raízes em todas as direções da terra, e os seus galhos obedecem ao mesmo esquema, no ar, para que, no centro, se avolumem seu corpo ciclópico, com segurança.

Assim é a serenidade. Não pode ser fruto somente de dentro de cada Espírito, como não pode ser esforço só de fora. O que garante a brandura inalterável de dentro do nosso ser é o amor de Deus, que parte de dentro de nós em busca da sua manifestação para fora e que vem de fora para que se manifeste dentro das criaturas. Enquanto somos tomados pela insegurança, somos como árvore mirrada que não pode demonstrar seus frutos, como valores de gratidão, ao agricultor que as adubou durante o seu crescimento.

Quando desejamos que cresça a árvore da mansidão dentro de nós, começamos, cultivando-a sem cansaço, adubando os ideais elevados, e trabalhemos pela nossa paz e, também, a dos outros. Sejam benevolentes com o próximo e não esqueçamos a caridade onde passarmos. Vamos servir sem interrogação e amemos indistintamente.

- Grande artífice da verdade! - Aqui estamos, nesta casa do Teu coração, como servos penitentes em busca da perfeição, e queremos encontrar os meios que nos fogem da razão.

Pedimos-Te a paz, Senhor, mas que ela não nos venha na expressão da preguiça.

Pedimos-Te a luz, mas não permitas, Senhor, que ela nos leve a cruzar os braços no conforto da claridade.

Pedimos-Te, Senhor, que nos ajude a perdoar, sem nos afastar daqueles que nos ofenderam.

Pedimos-Te, Grande força do Universo, dar muito amor, sem que ele exija nada de ninguém.

Pedimos-Te, Senhor, que nos dê o pão de cada dia, sem que esse pão nos leve ao egoísmo, e que possamos reparti-lo aos que têm fome.

Pedimos-Te, Senhor, consolação, porém nos ajude também a consolar os tristes e os desesperados todos os dias.

Pedimos-Te, meu Deus, Deus nosso, que a saúde se instale em nós, mas que não esqueçamos de ajudar os enfermos.

Pedimos-Te, Senhor, o teto, mas, ajuda-nos a abrir nossas portas aos desabrigados.

Pedimos-Te a Tua companhia permanente, todavia, ajuda-nos a acompanhar os deserdados, os órfãos, os atormentados, os viciados, os criminosos, os leprosos, os famintos da Tua luz, porque sabemos que, sem esse convívio, de nada nos valerá pedir-Te o que almejamos.

Jesus - abençoa a nossa razão e clareia os nossos sentimentos, no afã de sentirmos a luz da verdade e multiplicá-la pela presença dos nossos exemplos -.

Abençoa-nos a todos! Magnífico Mestre.

02 - A Afabilidade e a Doçura - item 6.

Jesus, o Meigo Nazareno, é o maior exemplo de afabilidade e doçura para a humanidade.

Falava docemente o Evangelho, com o olhar incendiado de júbilos divinos.

Toda pessoa afável é benigna e branda, meiga e dócil.

Ser educado é ser afável. A educação é um tesouro que nasce primeiramente no engendrado ambiente da evolução espiritual. Onde existe desconhecimento não pode existir educação. A educação é uma força de Deus no coração do ser humano, que deve ser despertada por vários meios, e principalmente, pela disposição no certo e no bem comum e no respeito aos direitos alheios.

No mundo, muitas vezes se confunde a educação com a instrução. A educação precisa de instrução, porém a instrução não terá vida sem a educação. Na instrução a pessoa precisa de mestres que norteiem seus caminhos e de livros que lhes assegurem as experiências. Na educação, o mestre é o tempo e os livros, unindo todos os valores, entregando-os à consciência.

Primeiramente devemos educar a nós mesmos, para depois ajudar aos outros, pelos exemplos. A humanidade deve passar por milhares e milhares de anos, neste trabalho de se educar e se conscientizar de que o amor é a vida, buscando luz para o Espírito.

A educação sem o saber está sujeita a atrofiar os sentimentos. É por isso que a Natureza quase sempre é binária: homem e mulher; dia e noite; claro e escuro; duas pernas; dois olhos; dois ouvidos e, muitas outras coisas que se pode analisar com uma simples meditação.

A cortesia é o aprimoramento do Espírito. De qualquer modo que se manifestar, ela é filha da educação e nasce com o beneplácito do amor.

A afabilidade, mesmo se expressando no comércio onde o interesse é o móvel da afeição, tem o seu trabalho no íntimo da criatura. Já é algo nascendo que nunca mais morrerá. E se já despertamos para o certo e o bem verdadeiro, na luz da caridade, nunca devemos esquecer da afabilidade, porque ela valoriza a nossa vida, do Espírito e física, e a de quem somos afáveis, desperta a esperança e constrói amizades. O ser humano polido não maltrata, não injuria, não se esquece do certo, do bem e desenvolve sempre a alegria.

Também a amizade nos torna dóceis e afáveis em todas as circunstâncias, no momento de falar, na hora de compreender, no instante do trabalho, quando estivermos em casa, nas nossas andanças e mesmo nas orações, porque a amizade é um vínculo onde pode transitar o amor.

A oportunidade de fazermos amigos não pode nos faltar. É um belo exercício para o Espírito: compreender o nosso semelhante e ajudá-lo com os nossos recursos, para que, amanhã, essa amizade venha a nos ajudar na divulgação da palavra do Cristo à todas criaturas de Deus. Fazer amigos é acumular tesouros na eternidade.

“Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos”. Se os humanos se amassem uns aos outros, se todos fossem amigos uns dos outros, no verdadeiro sentido da palavra, a Terra se transformaria em Céu, e nada faltaria, porque o interesse de ajudar seria força divina a correr nas veias de todas as criaturas.

Quando o Mestre dos Mestres for conhecido por todos os povos e quando o Evangelho for falado e vivido por todas as pessoas, todas as virtudes estarão ligadas na amizade e esta se engrandece, transformando em amor.

Ser tolerante é também ser afável, porque a tolerância é um estado do Espírito que todos nós devemos conquistar. Não podemos viver sem a força da tolerância, que nos faz acalmar alguns impulsos inferiores. É indispensável que, junto da tolerância, coloquemos em evidência a razão, para que ela não passe dos limites que lhe compete atingir.

Como desejamos viver em paz com os outros e com a nossa própria consciência, procuremos desde já, disciplinar a nossa tolerância para conosco e para com os nossos semelhantes, desde que façamos tudo isso com e por amor.

Compreensão é afabilidade. Devemos ter compreensão com as pessoas, sem exigir delas o mesmo, a não ser que seja espontânea. Quando compreendemos, a quem desconhece a lei do amor e da caridade, mesmo sem palavras, ela passa a nos admirar, e esse é o primeiro passo para o alcance da verdade.

Não se pode dar, querendo receber; nem perdoar, esperando o perdão; nem sorrir, porque precisa receber um sorriso e nem amar pensando no amor que poderá receber em troca. Devemos colocar o capacete da compreensão sem perguntar o que vamos receber.

A alegria é afabilidade e quando bem posta em nossa feição, é um patrimônio divino. Na Terra, somente os seres humanos possuem o sorriso da alegria. A alegria pura é o Sol despontando nos Céus dos nossos corações, para que possa em maior valor anunciar a Boa Nova do Reino de Deus.

Ajudar é também ser afável e dócil. Podemos usar inúmeros meios de ajudar as criaturas nas suas dificuldades, mas nunca passar de determinados limites, marcados pelo dever de cada um. O aprendizado da ajuda somente se aperfeiçoa com o tempo e a prática permanente. Ajudar é muito bom. Todavia, saber ajudar, é muito melhor.

Brandura é afabilidade e doçura. A brandura é uma qualidade e todas as outras virtudes carecem dela. A brandura é muito nobre, porque ela não passa dos limites. Logo se apaga quando movida por corações inferiores. A brandura é a força para restabelecer os ignorantes; ela vive na eternidade dos corações, palpitando dia e noite, para o bem que ainda precisa acordar a serviço da caridade.

Solicitude é afabilidade. E a solicitude nos é exigida em todos os momentos de nossa vida, porque estamos permanentemente em comunicação com os outros. Devemos ter solicitude também conosco, de viver cada dia, cada passo da existência, dentro das normas divinas que pregamos aos nossos irmãos.

A bondade é afabilidade e doçura, é uma marca de Deus em nossos corações. O ser humano bom e correto, sempre sabe de onde veio a sua bondade e o que fazer para conservá-la. Essa virtude é uma das grandes cordas do grande instrumento da vida, é uma das cordas do amor. A bondade deve ser calibrada com a justiça, aí ela faz muitos prodígios na educação das criaturas.

Contribuir é verdadeiramente ser afável e a contribuição é uma das riquezas da caridade. O que fazemos aos outros, sem que a vaidade ouça, está sob o domínio da real benevolência. A contribuição de Deus para com os seres humanos é imensamente grandiosa. Como somos, espiritualmente, Sua imagem e semelhança, é de lei que passemos a contribuir pela paz de todos.

Ser companheiro é ser afável. Ser companheiro de alguém, ou de algum grupo de irmãos, é alimentar nos outros o entusiasmo pelas coisas que o bom senso sempre revelou. Ser companheiro é ajudar sempre, dentro das possibilidades, aos que se envolvem em dificuldades, sem se empenhar no ganho. O prazer de ajudar por ajudar é o que nos torna verdadeiros companheiros.

Podemos ser afáveis ouvindo os nossos irmãos em situações difíceis. Podemos tranquilizar os desesperados, pelo ouvido. Podemos amenizar as dores dos doentes, ouvindo suas histórias. É necessário, acima de tudo, saber ouvir, pois esta é uma das grandes ciências, só dominada pelos anjos. Os seres humanos estão a caminho, permanentemente, quando não esmorecem na educação e na disciplina. Saber falar é muito bom, mas saber ouvir é bom demais.

A fala é um dom extraordinário que Deus nos outorgou. O ser humano pode ser dócil através da palavra. A fala tem um poder incalculável na formação das coisas, partindo do Todo-Poderoso até nós. Precisamos purificar a fala para que o Espírito se ilumine. A palavra educada abre muitas glórias em nossa ascensão e destampa muita luz.

Confiar no próximo é ter afabilidade. A confiança é semente plantada por Deus na consciência das criaturas. Procuremos confiar em nós mesmos e fazer do nosso coração um alicerce de confiança. Confiar em si mesmo é um passo avançado no mundo interior, e confiando em si mesmo é confiar em alguma coisa. A confiança deve ter discernimento. É para isso que temos raciocínio e o Evangelho, para que possamos selecionar, com o Cristo, as nossas atitudes.

A afabilidade e a doçura nos parecem que, como todos os dons da vida, de forma divina, salientam a presença de Deus nos atos humanos.

Que Jesus esteja com todas as criaturas!

03 - A Paciência - item 7.

“Pela paciência possuireis os vossos Espíritos”.

É muito comum ouvirmos esta explicação: perdi a paciência! Como se sabe que perdeu a paciência?

Por que quando se precisou daquela virtude, para se manter calmo e sereno, não a encontrou consigo, e, por isso, exasperou-se, praticou desatino, proferiu improperios e blasfêmias?

Só pelo fato de não encontrar a paciência em seu patrimônio moral, alega-se logo que a perdeu? Como poderia perder o que não possui?

É melhor que os seres humanos se convençam que não têm paciência, que ainda não alcançaram essa preciosa qualidade, e o Mestre Jesus nos assegura a posse de nós mesmos: “pela paciência possuireis os vossos Espíritos”.

E não pode haver maior conquista que a conquista própria, porque o ser humano que se conquistou a si mesmo vale mais que aquele que conquistou um reino.

Os reinos são usurpados mediante o esforço e o sangue alheio, enquanto a posse de si mesmo só pode advir do esforço pessoal, da insistência enérgica e perseverante da individualidade própria, agindo sobre si mesma.

Todos que vivem alegando que perderam a paciência, já estão confessando que jamais a tiveram. Paciência não se perde como qualquer objeto de uso ou como uma soma de dinheiro.

Aqueles humanos que ainda não tentaram, alcançar a paciência, estão revelando essa falha precisamente no momento em que se exasperam, em que perdem a compostura e cometem despautérios. Quando, logo depois o ânimo serenar, o ser humano diz: perdi a paciência. Não perdeu coisa alguma! Não tem paciência... é o que lhe compete reconhecer e confessar.

As virtudes fazem parte do Evangelho de Jesus sob estas sugestivas palavras: “granjeai aquela riqueza que o ladrão não rouba, a traça não rói, o tempo não consome e a morte não arrebatá”.

Tais bens são inacessíveis às contingências do tempo, e não desaparecem em hipótese alguma. Constituem propriedade adquirida pelo Espírito, que jamais a perderá.

Não é fácil adquirirmos certas virtudes, entre as quais se acha a paciência. A aquisição da paciência depende da aquisição de outras virtudes que são correlatas, que se acham entrelaçadas com ela numa trama perfeita. A paciência é filha da humildade e irmã da fortaleza, do valor moral. O orgulho é seu grande inimigo. A perturbação do Espírito é outro obstáculo à conquista da paciência.

Todos os movimentos intempestivos, todo ato violento, toda atitude colérica, são originados do nosso amor próprio exagerado. Os desesperos, as aflições incontidas, os estados de alucinação, os improperios e blasfêmias, são consequências de fraqueza de ânimo ou debilidade moral.

A calma e a serenidade de ânimo, em todas as emergências e conjunturas difíceis da vida, só podem ser conservadas mediante a fortaleza e a humildade do Espírito. É essa condição inalterável de ânimo que se denomina paciência. Ela é incontestavelmente atestado eloquente de alto padrão moral.

Em épocas de calma em nossa vida física, quando tudo corre conforme os nossos desejos, parece que possuímos paciência, esse preciosíssimo bem. Os seres humanos quando dormem, são todos bons e inocentes. É exatamente nas horas aflitivas, nos dias de amarguras, quando suportamos o batismo de fogo, que verificamos, então, a inexistência da sublime paciência.

No mundo, observou o Divino Mestre, tereis tribulações, mas tende bom ânimo; eu venci o mundo!

Como Ele venceu, cabe a nós como discípulos, imitá-lo, vencendo também. Cristo é o sublime modelo, é o grande exemplo. Não basta conhecer seus ensinamentos, é preciso praticá-los. Por isso, precisamos fortificar o Espírito, retemperando-o nos embates cotidianos, como o ferreiro que, na forja, tempera o aço até que o torna maleável e resistente.

A existência humana é cheia de vicissitudes e de imprevistos. São as condições que devemos suportar como consequências do nosso passado. Portanto, cumpre nos tornemos fortes para vencermos. Fomos dotados de predicados para isso.

“Tudo que eu faço, vós também podeis fazer” - asseverou o Mestre.

Sendo possível realizar os feitos maravilhosos do Cristo de Deus, por que permanecemos neste estado de miserabilidade moral? Simplesmente porque temos descuidado da obra de nossa educação. A educação do Espírito é obra universal. A obra de salvação é obra de educação, nunca será demais afirmar esta tese.

A religião que, no momento atual a humanidade reclama, é aquela que apela para a educação em todos os aspectos: educação física, educação intelectual, educação cívica, educação mental, educação moral.

A fé que há de salvar o mundo é aquela que resulta desta sentença de Jesus: “Sede perfeitos como nosso Pai Celestial é perfeito”.

Vamos aqui lembrar um conto: O homem que não se irritava.

- Existiu um rei, amigo da sabedoria, que, depois de grande trabalho para subjugar sua natureza inferior, chamou um filósofo para socorrê-lo no aperfeiçoamento da palavra. Progrediu na arte de sublimar-se. Fizera-se portador de primorosa cultura. Era bondoso no ministério público e na vida privada. Fazia tudo para exercer a justiça, segundo os padrões de sua consciência. Era carinhoso, na defesa e proteção do povo, e distribuía lã e trigo para que os menos favorecidos não sofressem fome ou frio. Não acumulava tesouros. Criou escolas e abrigos e incentivava a indústria e a lavoura, desejando que todos os súditos, ainda o mais humilde, encontrasse acesso à educação e prosperidade.

Contudo o valoroso monarca se sentia atrasado e hesitante. Não sabia disfarçar a cólera, não continha a franqueza rude e tinha mau humor. Era admirado e querido por suas qualidades sublimes, no entanto a mágoa e a desconfiança de muitos passaram a temer-lhe a frase ofensiva.

Descontrolava-se, caindo nas amargas consequências do verbo e o seu orientador observava com humildade: - Poderoso senhor, tenha paciência e continue trabalhando no aprimoramento das próprias manifestações. A expressão serena e sábia revela grandeza interior que reclama tempo para ser devidamente consolidada. Quem alcança a ciência de falar, pode conviver com os anjos, porque a palavra é, sem dúvida, a continuação de nós mesmos.

O monarca não se conformava, e em desespero, silenciou-se, prejudicando os negócios do reino. E o filósofo o advertiu, respeitoso: - Amado soberano, sua quietude pode traduzir traição aos deveres. Porque não se reforma espiritualmente, não é lícito desprezar os compromissos com o progresso comum. Fale sempre e não desdenhe agir! O verbo é projeção do pensamento.

O rei voltava a conversar, beneficiando o seu reino, mas havia momentos que se perdia na indignação excessiva, humilhando e ferindo os ministros e vassalos que desejava ajudar sinceramente. E o filósofo vinha aconselhá-lo: - Grande soberano, tenha paciência consigo mesmo. O reajustamento do Espírito não é obra para um dia. Prossiga, esforçando-se. Toda realização pede muitas horas abençoadas. O rio deixaria de existir sem a congregação das gotas... Guarde calma e não desanime.

O monarca, desacorçoado, exonerou o filósofo, e expediu dois emissários às suas províncias, para que trouxessem ao palácio algum homem incapaz de se irritar.

Os mensageiros iniciaram as investigações. O homem que era ponderado, na rua; era colérico, no lar. Quem era gentil no lar, irava-se na rua. Alguns que eram distintos e agradáveis junto à família consanguínea, eram azedos no trato social. Diversos exibiam a máscara de serenidade com estranhos, no entanto eram ásperos com os domésticos. Depois de trinta dias eles descobriram jubilosos um homem que não se exasperava.

Seguiram-no cuidadosamente por toda parte. Nunca falava alto e mantinha silêncio comovedor no seu domicílio e fora dele. Durante quatro semanas foi examinado sob atenção vigilante. Trabalhava, movimentava-se, alimentava-se e atendia aos menores deveres, imperturbavelmente.

Os mensageiros levaram a boa nova ao rei, e este se apressou em receber o personagem admirável. O vassalo venturoso foi trazido à real presença, e quando o rei lhe dirigiu a palavra, esperando encontrar um anjo num corpo de carne, verificou, que o homem incapaz de irritar-se era mudo.

Sob o manifesto de todos, o rei sorriu, desapontado, e mandou buscar novamente o filósofo, resignando-se a ter paciência consigo mesmo, a fim de aprender a conquistar-se pouco a pouco.

Que este conto do rei sirva de exemplo, e que nós, no dia a dia, procuremos cultivar a paciência, não esquecendo as palavras de Jesus: “Pela paciência possuireis os vossos Espíritos”.
Que o amor de Jesus permaneça entre nós!

04 - Obediência e Resignação - item 8.

Toda criatura obedece a alguém ou alguma coisa. O ser humano obedece a toda hora. Até as rebeldias obedecem às forças corretoras da vida.

Obedece-se horário, trânsito, leis. A obediência do ser humano é para que ele se discipline e respeite o seu próximo. Respeitar o próximo é obedecer aos ensinamentos de Jesus, leis de Deus. Respeitando o próximo, está respeitando a si mesmo.

Deus respeita o nosso livre arbítrio - nos dado por Ele!

Quem ainda não sabe obedecer por bondade, é porque atende aos impulsos baixos da sua natureza, resistindo a autoelevação.

Obedecer com amor é trilhar o caminho da evolução.

O ser humano transforma a obediência que salva, em escravidão que o condena, porque transgredindo as leis de Deus, as leis dos humanos e da Natureza, o ser humano se condena.

Deus estabeleceu o progresso do caminhar, instituiu a lei do próprio esforço, para adquirir os valores da vida, e determinou que o ser humano aceitasse os desígnios para ser verdadeiramente livre, porém o ser humano preferiu a condição de inferioridade e organizou seu cativeiro.

A quem obedecer? As vaidades humanas ou as opiniões alheias, antes de observar o conselho do Mestre Divino?

É bom refletir sempre quanto à obediência, porque, ao atendermos aos ensinamentos de Jesus, poderemos quebrar a escravidão do mundo em favor da libertação eterna.

A obediência é construtiva, quando aceitamos as lições divinas, os exemplos do Mestre, das pessoas que galgaram o caminho da evolução, e de tudo isso absorvemos o conteúdo da sabedoria.

Paulo de Tarso é um exemplo da suprema obediência perante os desígnios de Deus. Escrevendo aos apóstolos, declarou-se prisioneiro de Jesus.

Aquele homem sábio e vigoroso que, se rendeu a Jesus incondicionalmente às portas de Damasco, revela à comunidade cristã a sublime qualidade de sua fé e obedeceu ao chamado do Divino Mestre. Não disse ser prisioneiro dos romanos, nem se importou com a situação judaica. Não nomeou algozes, nem se referiu às sentinelas que o acompanhavam de perto. Não examinou serviços prestados. Não relacionou lamentações. Só compreendeu que devia permanecer a serviço de Jesus Cristo, obedecendo aos deveres sagrados que lhe competiam, seguir a Ordem Celestial e continuar a sua missão.

“E assim vos rogo eu, o preso do Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados”. Efésios - capítulo 4, vers. 1.

Nesta simples frase demonstra a sua elevada obediência. Com a nobre atitude de Paulo de Tarso, convém lembrar-nos que devemos obedecer em primazia à vontade de Jesus em nossas vidas.

Quando predominar nos quadros da evolução terrestre, os discípulos que se sentem administradores de Jesus, operários de Jesus e cooperadores de Jesus, a Terra alcançará expressiva posição no universo.

Imitemos o exemplo de Paulo de Tarso, sejamos obedientes a Jesus em toda parte. Somente assim, abandonaremos a caverna da impulsividade primitiva, colocando-nos a caminho de um mundo melhor.

Ao estarmos aqui, num templo cristão, procurando conhecer o Evangelho do Divino Mestre, estamos obedecendo ao chamamento do amor.

Obediência é o consentimento da razão, por isso a obediência não deve ser cega, e sim, raciocinada.

A resignação é o consentimento do coração, porque exige paciência, conformidade, renúncia.

É preciso saber ser resignado, para que a paciência não tenha maus resultados.

Por exemplo: Um lavrador suporta corajosamente as chuvas e granizo na plantação, porém não deve se acomodar com os insetos e a erva daninha. O lavrador aceita as intempéries da Natureza, porém não pode cruzar os braços e deixar que pragas e ervas daninhas arruinem sua lavoura. Deve lutar. E se preciso for, novamente remover a terra e replantar.

Assim somos nós perante a vida física. Temos que passar por diversas situações, porém, não podemos nos acomodar e não ir a busca do progresso.

Temos que sempre ir à luta, procurando nos renovarmos a cada dia.

A resignação não é passiva. Ela é operante, é obediente às leis divinas.

Ser resignado não é procurar esconderijo na preguiça e ir aceitando tudo que a vida física oferta, sem o desejo de aprender, evoluir, conhecer.

Há os que se resignam no conforto e vantagens imediatas da materialidade passageira, não se importando com o desconforto e desvantagens dos outros.

Não se pode esquecer que o incêndio ameaça de fogo a nossa casa e, de imprevisto, irrompem chamas junto de nós, comprometendo a nossa segurança e ilusória tranquilidade.

Todos nós aceitamos ajustar a resignação no lugar certo.

E se passamos por um desastre inevitável, não é justo que nos desmantelemos em gritarias e inconformação. É preciso tomar decisão para o bem dos remanescentes e ajudá-los no tear da vida física.

Se as circunstâncias revelam a incursão da doença maligna, não é compreensível cruzar os braços e deixar o campo livre para os bacilos e micróbios.

A AIDS, este mal que atualmente nos assola, vitimando tanta gente, não podemos cruzar os braços, mesmo sabendo que muitos que a adquiriram desobedeceram às leis, é preciso descobrir o meio de combatê-la.

Precisamos rever sempre as nossas atitudes no setor de conformidade.

Como reagiremos diante do erro, do mal e do sofrimento?

Se aceitarmos penúria, detestando trabalho, nossa pobreza é merecimento.

Civilização significa trabalho contínuo contra a barbárie.

Higiene expressa atividade contínua contra a imundície.

Nos domínios do Espírito, todas as conquistas do ser, no rumo da sublimação, pedem harmonia com ação para que se perseverem.

A paz deve estar pronta ao alarme. Construção certa e do bem, com dispositivo de segurança.

Serenidade é constância operosa, esperança e ideal de serviço.

Ninguém deve cultivar resignação diante do erro e do mal declarado e removível, achando que vai agravá-lo e sofrer-lhe o desencarne.

Veja a resignação de Jesus Cristo. A cruz do Mestre não é símbolo de passividade à frente da crueldade. É mensagem de resistência contra a mentira, a criminalidade, a falta de amor e caridade, num protesto que dura até hoje.

Jesus aceitou a sua jornada terrestre com resignação, mas em nenhum instante se deixou levar pelo desânimo, procurou arrebanhar mais ovelhas ao seu rebanho, conquistou mais corações e proclamou os seus ensinamentos através do Evangelho a todos que desejam conhecê-Lo.

Com resignação e obediência mais se adianta no progresso e mais se percebe que a vida física é um condomínio.

Partilhamos, em regime de obrigatoriedade, o ar e a luz solar que nunca estiveram sob o nosso controle.

Como Espírito encarnado, à medida que solucionamos as grandes questões de interesse coletivo, como justiça, economia, trabalho, moradia, mais impelido se está de observar os direitos dos outros.

Seja em um edifício de apartamentos ou numa fila de compras, as nossas conveniências estão sujeitas à tranquilidade dos outros.

Princípios idênticos prevalecem no reino do Espírito, convocando o nosso livre arbítrio ao levantamento da segurança e da felicidade de todos os que desejam crescer espiritualmente.

O Espiritismo, atualmente, no campo religioso da humanidade, traz o Evangelho de Jesus por mecanismo providencial de alerta, para a edificação do ser humano ao certo e o bem comum.

Por séculos e séculos o mundo se conservou na ignorância e carência, guerra e criminalidade em nome da vontade de Deus; entretanto, o Espiritismo restaurou a mensagem do Cristianismo, que veio estabelecer a fraternidade entre os seres humanos.

Vivemos agora o gigantesco empreendimento da renovação. Usemos todas as possibilidades, recursos e aptidões, na construção de tempos novos.

Solidariedade e cooperação, entendimento e concórdia, resignação e obediência, é amor a deslocar-se da teoria e erguer-se na vida prática.

E a regra máxima para completar esta renovação é “não faças a outrem aquilo que não desejas façam a ti”, ou então de forma mais positiva dizer: “é preciso fazer aos outros tudo aquilo que desejamos nos seja feito”.

Que o Mestre Jesus permaneça entre nós!

05 - A Cólera - item 9.

Lembra-se do instante em que gritou fortemente, antes do almoço?

Por insignificante questão de vestuário, você pronunciou palavras feias em voz alta, desrespeitando a paz doméstica.

Ah! Meu filho, quantos males foram atraídos por seu gesto de cólera!...

A mamãe, muito aflita, correu para o interior arrastando atenções de toda a casa. Voltou-lhe a dor de cabeça e o coração tornou a descompassar-se.

As duas irmãs, que cuidavam da refeição, dirigiram-se precipitadamente para o quarto, a fim de socorrê-la, e duas terças partes do almoço ficaram queimados.

Em razão das circunstâncias provocadas por sua irreflexão, o papai muito contrariado, foi compelido a esperar mais tempo em casa, chegando ao serviço com grande atraso.

Seu chefe não estava disposto a tolerar-lhe a falta e recebeu-o com repreensão áspera.

Quem o visse, ereto e digno, a sofrer essa pena, em virtude da sua leviandade, sentiria compaixão, porque você não passa de um jovem necessitado de disciplina, e ele é um homem de bem, idoso e correto, que já venceu muitas tempestades para amparar a família e defendê-la. Humilhado, suportou as consequências de seu gesto impulsivo, por vários dias, observado na oficina qual se fora um menino vadio e imprudente.

Os resultados de sua gritaria foram, porém, mais vastos.

A mãezinha piorou e o médico foi chamado.

Medicamentos de alto preço, trazidos à pressa, impuseram vertiginosa subida às despesas, e o papai não conseguiu pagar todas as contas de armazém, farmácia e aluguel de casa.

Durante seis meses toda a sua família lutou, e solidarizou-se para recompor a harmonia quebrada desastrosamente, por sua cólera infantil.

Cento e oitenta dias de preocupações e trabalhos árduos, sacrifícios e lágrimas! Tudo porque você, incapaz de compreender a cooperação alheia, se pôs a berrar, inconscientemente, recusando a roupa que não lhe agradava.

Pense na lição, meu filho, e não repita a experiência.

Todos estamos unidos, reciprocamente, através de laços que procedem dos desígnios divinos. Ninguém se reúne ao acaso. Forças superiores impelem-nos uns para os outros, de modo a aprendermos a ciência da felicidade, no amor e no respeito mútuos.

O golpe de machado derruba a árvore de vez.

A ventania destrói um ninho de momento para outro.

A ação impensada de um ser humano, todavia, é muito pior.

O grito de cólera é como um raio mortífero, que penetra o círculo de pessoas em que foi pronunciado e aí se demora, indefinidamente, provocando moléstias, dificuldades e desgostos.

Por que não aprende a falar e a calar, a benefício de todos?

Ajude em vez de reclamar.

A cólera é força infernal que nos distancia da paz divina.

A própria guerra, que extermina milhões de criaturas, não é senão a ira venenosa de alguns seres humanos que se alastra, por muito tempo, ameaçando o mundo inteiro.

Será que todos nós já não cometemos essa atitude? Por motivo banal, nos encolerizamos, ferimos com as palavras, quebramos objetos, causamos doenças e mal estar.

Ouvindo esta narração, sintamos o peso da cólera. Pensemos em todos e tudo o que se pode afeitar com essa atitude colérica.

A cólera não resolve; agrava.

Não resgata; complica.

Não ilumina; escurece.

Não reúne; separa.

Não ajuda; prejudica.

Não equilibra; desajusta.

Não reconforta; envenena.

Não favorece; dificulta.

Não abençoa; maldiz.

Não edifica; destrói.

Evitemos a cólera como quem foge ao contato destruidor de alta tensão.

Mas, se você amanhece de mau humor, antes que o flagelo se instale de todo na sua cabeça e na sua voz, comece o dia rogando à Divina Bondade o socorro providencial de uma laringite.

Quando nos rendemos à revolta e à tristeza e passamos algum tempo sem olhos para contemplar a Natureza, sem ouvidos para escutar o cantar dos pássaros, sem tato para sentir, num aperto de mão, as palmas calosas dos prisioneiros da adversidade, perdemos a eficiência pessoal porque distanciamos da realidade fundamental. E aí vem a insatisfação, desenfreada a violência explosiva em forma de cólera.

E quando o nosso coração, intumescido, salta no ritmo espasmódico da cólera, estamos resvalando na obsessão, seja por cinco minutos, cinco horas, cinco dias ou cinco anos.

Existe a cólera convulsiva e gritante, e a cólera íntima e surda. As duas causam efeitos diversos, por trás de outros acontecimentos, e tem levado multidões de Espíritos encarnados à espiritualidade, através de desencarnes repentinos e inexplicadas crises cardíacas e nervosas, paralisias e mudezas, acidentes e delitos de toda ordem.

Ninguém renasce na carne para revestir-se de sombras. O desencarne é o ressuscitador das culpas mais disfarçadas pelo ser humano, ou mais arraigada nas profundezas do Espírito.

Cólera! Por essa loucura, muitos de nós temos experimentado, e milhares experimentam, no imo do próprio ser, as comichões endoidecedoras do remorso.

Na cólera observamos, no sangue efervescente da tez, nas expressões contorcidas do rosto, nas trepidações neuróticas das mãos e nas descargas terríveis da palavra desgovernada, a volta da personalidade à zona inferior do Espírito, aos porões do Espírito, dos instintos tempestuosos.

Para a cólera, apliquemos a nossa vigilância e a nossa prece, porque a cólera expulsa o bom senso e causa prejuízos de estarrecer. Ela humilha e ridiculariza muito mais a criatura do que qualquer pretexto invocado para motivá-la.

Procuremos transportar as cruzes pequeninas, das dificuldades de cada dia, em paz e paciência.

Desenrugemos o rosto nos sorrisos de bondade constante.

Reprimamos o gesto de precipitação e abençoemos sempre.

Mergulhemos o próprio pensamento, no pensamento cintilante da atualidade espírita e, se somos contrariados, perdoemos, para compormos cada vez mais puro o clima da confraternidade entre os seres humanos, com esforços e lutas, em serviços desinteressados, e iniciativas redentoras, junto aos Vanguardeiros da Verdade e do Amor.

Quando alguém vai atravessar uma rua, deve saber como fazê-lo, obedecendo as leis do trânsito para não sofrer um desastre. O mesmo deve acontecer quando se viaja de um lugar para outro, por motivo de passeio ou trabalho.

Atrás de tudo e de todos, regem leis orientando e medindo, prescrevendo o caminho certo e estabelecendo horários, direções e modos, linguagens e valores etc.

Assim também sucede com a vida moral; por detrás de todas atitudes, há leis, pesando e avaliando emoções e ideais.

Por isso, a preguiça, a cólera e o egoísmo impõem prejuízos fatais, da mesma forma que a diligência no certo e no bem, na paz e na caridade, trazem vantagens sem igual. Para essas leis não há erros, nem exceções. São firmes, constantes, inderrogáveis.

Aí está o valor do Evangelho de Jesus. Expõe as minúcias das leis que nos governam, munindo a criatura de defesas e conhecimentos para que erre menos e acerte mais, superando as próprias fraquezas.

Raciocinando com o Evangelho do Mestre, não se pode culpar ninguém por tristeza ou fracasso que lhe assedie. Ninguém pode fazer outro infeliz, de vez que se assume livremente as atitudes que infelicita.

Convém que se aprenda, que nunca se é vítima das circunstâncias, que se é vítima de si próprio, das ideias e emoções e das escolhas entre o melhor e o pior, que se adota no conjunto de leis que regem a vida física e espiritual.

Deve-se reconhecer que os problemas não são novos. Grandes luminares, da espiritualidade, enfrentaram os problemas que hoje nos assaltam e tudo deram para superá-los. E, se aspiramos a elevação, façamos o mesmo.

Aos irmãos aqui reunidos, a paz do meigo Nazareno para todos.

06 - Males coléricos - item 10.

Laboratórios organizam-se no combate ao cólera. Medicamentos são testados para socorrer-nos desse mal. Estamos falando do cólera causado por vírus. Damos sério e metódico combate a esta enfermidade orgânica que nos ameaça seriamente.

No entanto, nem sempre cuidamos de evitar o malefício da cólera no Espírito. Somos imprevidentes, pelo contato direto e pelo tratamento com os miasmas mentais, de curta incubação, com todos os seus efeitos de desequilíbrio, que nos fazem reproduzir os quadros de demência momentânea: os quadros de cólera psíquica.

Um estrondar de portas...

Um bater impaciente de pratos e talheres, quebrando-os...

Um soco violento no tampo da mesa...

Palavras ásperas e ferinas...

Ameaças de agressão física...

Passos pesados e gestos destrambelhados...

Olhares chispando raiva e rancor...

Ímpetos de vingança...

Esses são apenas alguns dos sintomas da cólera, que leva o ser humano a regredir à sua condição menos evoluída, assemelhando-se a enfermo mental.

Quantas pessoas, que num ato de cólera tiram a vida física de um semelhante. Quantas atrocidades se cometem com a família, num ato de cólera.

Quem tem por princípio a caridade e a humildade cristã, não pode justificar a sua cólera, as contrariedades do cotidiano, o amor próprio ferido, o orgulho pelos vendavais do mundo.

Procuremos corrigir-nos. Não podemos de um dia para outro evitar que o vírus espiritual da cólera procure o agasalho do nosso coração. Porém, podemos compreender que a cólera não faz parte da nossa expiação, nem das provas do dia a dia e nem tão pouco do nosso temperamento. Não se pode dizer que uma pessoa é raivosa porque puxou a alguém.

A cólera ou raiva é filha da nossa imperfeição moral.

Quando nos esforçamos com algum cuidado, para conter a cólera por dentro, pacificando o nosso coração, aceitando que devemos ser mansos, estamos no programa de regeneração de nossa vida. Recorramos a Jesus!

O Mestre Amado, com sua doutrina consoladora, nos medica com o bálsamo do equilíbrio. É se estivermos em prece no auge da luta que procuramos vencer a nós mesmos, refreando os nossos ímpetos e mudando para melhor as nossas aspirações de equilíbrio, nos livramos da cólera.

“De tal forma Deus amou o mundo que lhe deu Seu filho, para que todo aquele que nele crê, não pereça, mas tenha vida eterna”.

É costume maldizer o mundo, cobrindo-o de desprezo e injúrias, atribuindo-lhe a origem de todos os males que afetam a nossa vida física.

O mundo não é responsável por tudo o que passamos. O erro não vem dele, nem da vida terrena.

A lágrima que rola pelo nosso rosto; os vincos que nos surgem na face; a mágoa que nos confrange; a dor de várias maneiras; são efeitos de uma causa que nós mesmos produzimos, e não do planeta que habitamos.

São do nosso interior que vêm os errados e maus pensamentos: O adultério, a cobiça, a avareza, a impudicícia, o ódio, o egoísmo, a cólera. Estas são as causas do verdadeiro sofrimento e flagelo que assediam a humanidade.

A Terra não é presídio, não é cárcere, não é degredo, não é vale de lágrimas. A Terra, disse o Mestre Jesus em suas admiráveis parábolas, é uma granja, uma quinta ou vinha para onde o Senhor envia trabalhadores.

A Terra é o campo de ação aonde o nosso Espírito vem exercer a sua atividade. Como o lavrador lavra o solo duro e árido, transformando-o em seara fértil, assim cumpre a cada um de nós exercitar os poderes latentes do Espírito, na conquista do saber e da virtude, rumando para a evolução.

Não há castigo, não há punição, não há penalidade a cumprir na Terra. Há problemas a resolver, há contingências e ligações mais ou menos penosas a resolver. E tudo isto vai depender do estado particular dos Espíritos, cujas energias são despertadas.

A justiça divina não admite vítimas. A cada um é dado segundo suas obras.

Se o erro fosse do mundo, teríamos que pensar em sair deste mundo. Mas o erro está em nós mesmos, então; cabe a nós nos retratarmos! Nada vale ao pestilento mudar de habitação: levará a peste consigo. Ele precisa tratar-se, curar-se da enfermidade que o flagela.

Deixemos de achar que o erro está no mundo. O mundo é obra de Deus e faz jus ao Seu amor. Para este mundo tão mal afamado, Deus mandou o Seu filho, não para condenar o mundo, mas para redimi-lo.

Tratemos de reformar o mundo, reformando a nós mesmos. Aqui, por tempo indefinido é o nosso teatro de ação. Não nos iludamos esperando a mansão dos justos, quando ainda estamos cheios de iniquidades; não nos iludamos esperando a região dos puros, quando ainda estamos cheios de impurezas; não nos iludamos esperando os tabernáculos eternos, quando ainda não vencemos a carne.

Nascer, morrer, renascer ainda, progredindo sempre: tal é a lei. Melhorar o mundo, melhorando a nós mesmos: tal é a vontade do Senhor Jesus.

Jesus é a luz do mundo. O cristianismo é um Sol que não tem ocaso; acompanha a humanidade em sua evolução, que através dos séculos, determina, regula e promove, mantendo o Espírito do ser humano em constante novidade de vida.

O Céu de Jesus Cristo é diferente de todos os outros céus. Nada tem em comum com os Campos Elíseos dos gregos, nem com o Nirvana dos hindus, nem com o Seio de Abraão dos judeus, nem com a Mansão dos privilegiados da graça, cujas portas se abrem mercê de cerimônias mercantilizadas.

O Céu de Jesus Cristo é um campo de ação, é um meio aonde a vida se ostenta sob aspectos cada vez mais intensos. E por ser assim, é que Ele compara o Seu Evangelho com a semente e o fermento: a semente contém no seu centro energias latentes, que só aguardam a ocasião propícia para entrar em ação; o fermento é uma força condensada que leveda, que põe em atividade a massa, determinando o seu crescimento. A semente e o fermento são imagens de potências ocultas, de poderes latentes, tal como se verifica no Espírito do ser humano.

O Céu de Jesus é o reinado do Espírito, é o estado do Espírito livre, que, emancipando-se do cativeiro material da carne, ergue altaneiro voo sem encontrar mais obstáculos ou peias que o restrinja.

Jesus assemelhou o Céu à parábola dos talentos, onde um fazendeiro distribui aos seus servos, de acordo com a capacidade de cada um, certa importância em dinheiro. Depois de algum tempo, chama os seus servos para a prestação de contas. E cada um apresenta o fruto de seu labor.

O que recebeu dez moedas entrega vinte; o que recebeu cinco entrega dez e o que recebeu duas entrega quatro.

Aquele que recebeu uma moeda trouxe-a desacompanhada de lucro, alegando impotência e receio de colocá-la em giro. O Senhor louva o proceder dos três primeiros, prometendo lhes confiar, oportunamente, maiores somas; e censura o quarto servo pela sua negligência e ociosidade.

Tal é a ideia do Céu, que o Filho de Deus nos dá, nesse apólogo e em outras parábolas. Semelhante Céu, como se vê, é o contraste de outros céus, visto como, longe de ser a região da inércia, da estagnação e da beatitude passiva. O Céu de Jesus é um meio de ação, de atividade franca, de luta acirrada na conquista dum bem maior, dum estado melhor, cujo antegozo vai fluindo desde logo, à guisa do incentivo.

Qual a consciência livre, qual a razão esclarecida capaz de trocar este Céu, o Céu de Jesus Cristo, por um céu qualquer?

Qual a inteligência lúcida, qual o senso amadurecido na experiência da vida, capaz de trocar a verdade encarnada no Ungido de Deus, pelas fantasias e quimeras forjadas pelas paixões humanas?

À medida que a razão humana vai firmando o seu império no Evangelho de Jesus, ela vislumbra o Céu de Jesus.

O Espírito do ser humano é criado à imagem de Deus, é inteligente e quando aprende a usar a razão, compreende a grandeza dos ensinamentos do Evangelho de Jesus.

Vamos, a cada dia de nossa vida terrena, procurar o Céu de Jesus, trabalhar para ter o Céu de Jesus, amando o nosso próximo, sendo caridoso, paciente, humilde.

Que o Mestre Jesus nos acompanhe!

CAPÍTULO X

BEM-AVENTURADOS AQUELES QUE SÃO MISERICORDIOSOS

Perdoar pela Lei de Deus. - Reconciliar-se com os adversários. - O sacrifício mais agradável pela Lei de Deus. - A árvore e o galho no olho. - Não julgueis, a fim de que não sejais julgados. - Aquele que estiver sem erro, atire a primeira pedra. - Instruções dos Espíritos: Perdão dos erros. - A indulgência. - É permitido repreender os outros. Observar as imperfeições dos outros. Divulgar o erro dos outros?

PERDOAR PELA LEI DE DEUS

1. Bem-aventurados aqueles que são misericordiosos, porque eles próprios obterão misericórdia. (*Mateus, cap. V, v. 7*).

2. Se perdoardes aos irmãos os erros que eles fazem contra vós, vosso Pai celestial vos perdoará também vossos erros, mas se não perdoardes aos irmãos quando eles vos ofendem, vosso Pai, também, não vos perdoará as ofensas. (*Idem, cap. VI, v. 14, 15*).

3. Se vosso irmão errou contra vós, ide lhe exhibir seu erro em particular, entre vós e ele. Se ele vos escuta, tereis ganho o vosso irmão. Então Pedro se aproximando, lhe disse: Senhor, quantas vezes perdoarei ao meu irmão quando ele houver errado contra mim? Será até sete vezes? Jesus, o Cristo, lhe respondeu: Eu não vos digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete vezes. (*Idem, cap. XVIII, v. 15, 21, 22*).

4. A misericórdia é complemento da doçura, porque aquele que não é misericordioso não saberia ser brando e pacífico. Ela consiste no esquecimento e no perdão dos erros. O ódio e a vingança denotam um Espírito sem elevação, sem grandeza. O esquecimento incondicional dos erros é próprio do Espírito elevado, que está acima dos insultos que se lhe pode dirigir. Um é sempre ansioso, de uma suscetibilidade desconfiada e cheia de fel. O outro é calmo, cheio de mansuetude e de caridade.

Ai daquele que diz: Eu nunca perdoarei, porque se não for condenado pelos humanos, sê-lo-á certamente pela Lei de Deus, com que direito reclamará o perdão dos seus próprios erros se ele mesmo não perdoa os dos outros? Jesus, o Cristo, nos ensina que a misericórdia não deve ter limites, quando diz para perdoar ao seu irmão não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes.

Mas há duas maneiras bem diferentes de perdoar. Uma grande, nobre, verdadeiramente generosa, sem segunda intenção, que trata com delicadeza o amor próprio e a suscetibilidade do adversário, tivesse mesmo este último toda a culpa. A segunda, pela qual o prejudicado, ou aquele que acredita sê-lo, impõe ao outro condições humilhantes, e faz sentir o peso de um perdão que irrita, em lugar de acalmar. Se estende a mão, não é com benevolência, mas com ostentação, a fim de poder dizer a todo mundo: Vede quanto sou generoso! Em tais circunstâncias, é impossível que a reconciliação seja sincera de parte a parte. Não, nisso não há generosidade, mas um modo de satisfazer o orgulho. Em toda contenda, aquele que se mostre mais conciliador, que prove mais desinteresse, caridade e verdadeira grandeza de Espírito, conquistará sempre a simpatia das pessoas imparciais.

(Jesus, o Cristo, nos ensina que a misericórdia não deve ter limites, quando diz para perdoar ao seu irmão não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes.

Aqui está o comportamento típico no nosso estágio evolutivo espiritual: ‘Eu tirei só a casa, os móveis e utensílios, as vacas, os cavalos... Faltou uns jurinhos, mas como eu sou bondoso... Perdoei!’.)

RECONCILIAR-SE COM OS ADVERSÁRIOS

5. Reconciliai-vos o mais depressa, com o vosso adversário, enquanto estais com ele no caminho, a fim de que vosso adversário não vos entregue ao juiz, e que o juiz não vos entregue ao ministro da justiça, e que não sejais aprisionado. Eu vos digo em verdade, que não saireis de lá,

enquanto não houverdes pago até o último centavo. (*Mateus, cap. V, v. 25, 26*).

6. Há, na prática do perdão, e na do certo em geral, mais que um efeito moral, há também um efeito material. Sabe-se que o desencarne não nos livra dos nossos adversários, os Espíritos vingativos perseguem, frequentemente, com seu ódio, além do túmulo, àqueles contra os quais conservaram esse ódio, por isso o provérbio que diz: "Morto o animal, morto o veneno", é falso quando aplicado ao humano. O Espírito amoral espera que aquele a quem quer errado esteja preso ao corpo físico e menos livre, para o atormentar mais facilmente, atingi-lo em seus interesses ou em suas mais caras afeições. É preciso ver nesse fato, a causa da maioria dos casos de obsessão daqueles, sobretudo que apresentam certa gravidade como a subjugação ou a possessão. Os obsidiados e, principalmente, os possessos são, pois, quase sempre, vítimas de uma vingança anterior, à qual, provavelmente, deram lugar pela sua conduta. A Lei de Deus o permite para penalizá-los do erro que eles próprios fizeram ou, se não o fizeram, por terem faltado com indulgência e caridade não perdoadando. Importa, pois, do ponto de vista da sua tranquilidade futura, reparar mais depressa os erros que cometeu contra o próximo, perdoar seus adversários, a fim de exterminar, antes de desencarnar, todo motivo de dissensões, toda causa fundada de animosidade ulterior. Por esse meio, de um adversário obstinado neste mundo pode-se fazer um amigo no outro. Pelo menos coloca o direito do seu lado, e a Lei de Deus não deixa aquele que perdoou ser alvo de vingança. Quando Jesus, o Cristo, recomenda reconciliar-se o mais depressa com o adversário, não é somente com vistas a apaziguar as discórdias durante a existência atual, mas evitar que elas se perpetuem nas existências futuras. Não saireis de lá, disse ele, enquanto não houverdes pago até o último centavo, quer dizer, atendido completamente a justiça da Lei de Deus.

(O nosso modo de ‘perdoar’ ainda é extremamente ligado ao nosso estágio evolutivo espiritual: ‘Sou muito cordial, até já falei que, se ele lavar as mãos, eu o cumprimentarei!’.)

O SACRIFÍCIO MAIS AGRADÁVEL PELA LEI DE DEUS

7. Se, pois, quando apresentardes vossa oferenda ao altar vós vos lembrardes que o vosso irmão tem alguma coisa contra vós, deixai a vossa dádiva aí ao pé do altar, e ide antes reconciliar-vos com o vosso irmão, e depois voltai para oferecer vossa dádiva. (*Mateus, cap. V, v. 23, 24*).

8. Quando Jesus, o Cristo, disse: "Ide vos reconciliar com o vosso irmão antes de apresentar vossa oferenda ao altar", ensina que o sacrifício mais agradável ao Senhor é o do próprio ressentimento. Que antes de se apresentar a ele para ser perdoado, é preciso ter perdoado, e que, se cometeu injustiça contra um de seus irmãos, é preciso tê-la reparado. Só então a oferenda será agradável, porque virá de um coração puro de todo errôneo pensamento. Materializa este preceito porque os judeus ofereciam sacrifícios materiais. Devia conformar suas palavras aos seus usos. O cristão não oferece dádivas materiais, ele espiritualizou o sacrifício, mas o preceito, com isso, não tem senão mais força. Oferece seu Espírito a Deus, e esse Espírito deve estar purificado. Entrando no templo do Senhor, deve deixar do lado de fora todo sentimento de ódio e de animosidade, todo errôneo pensamento contra seu irmão. Só então sua prece será levada pelos Espíritos puros ao Eterno. Eis o que ensina Jesus, o Cristo, por estas palavras: Deixai vossa oferenda ao pé do altar, e ide primeiro vos reconciliar com vosso o irmão, se quereis ser agradáveis ao Senhor.

(Entrando no templo do Senhor, deve deixar do lado de fora todo sentimento de ódio e de animosidade, todo errôneo pensamento contra seu irmão.

Mas as comunidades religiosas humanas pregam o separatismo entre irmãos! Por isso: “Eu pago os meus 10 %, azar dele que não paga!”.)

A ÁRVORE E O GALHO NO OLHO

9. Por que vedes um galho no olho do vosso irmão vós que não vedes uma árvore no vosso olho? Ou como dizeis ao vosso irmão: Deixai-me tirar um galho do vosso olho, vós que tendes uma árvore no vosso? Hipócritas, tirai primeiramente a árvore do vosso olho, e então vereis como pode-

reis tirar o galho do olho do vosso irmão. (*Mateus, cap. VII, v. 3 a 5*).

10. Um dos defeitos da Humanidade é ver o erro dos outros antes de ver o que está em si. Para julgar-se a si mesmo, seria preciso poder se olhar num espelho, transportar-se de alguma sorte, para fora de si, e se considerar como outra pessoa, perguntando-se: Que pensaria eu se visse alguém fazendo o que faço? Incontestavelmente, é o orgulho que leva o humano a se dissimular os próprios erros, tanto à moral como aos materiais. Esse defeito é essencialmente contrário à caridade, porque a verdadeira caridade é modesta, simples e indulgente. A caridade orgulhosa é um contrassenso, uma vez que esses dois sentimentos se neutralizam um ao outro. Como, com efeito, um humano bastante vaidoso para crer na importância de sua personalidade e na supremacia de suas qualidades, pode ter, ao mesmo tempo, bastante abnegação para fazer ressaltar, em outro, o certo que poderia eclipsá-lo, em lugar do erro que poderia realçá-lo? Se o orgulho é o pai de muitos desejos errados, é também a negação de muitas virtudes, vamos encontrá-lo no objetivo e como causa de quase todas as ações. Por isso, Jesus, o Cristo, se dedicou a combatê-lo como o principal obstáculo ao progresso.

(Para julgar-se a si mesmo, seria preciso poder se olhar num espelho, transportar-se de alguma sorte, para fora de si, e se considerar como outra pessoa, perguntando-se: Que pensaria eu se visse alguém fazendo o que faço?)

Sim, olhei no espelho, tirei espinhas, passei creme, arrumei o cabelo, portanto só faço coisas úteis e boas, mas esse pessoal quer achar erros em mim, porém eles é que são muito errados, só fazem besteiras!

**NÃO JULGUEIS, A FIM DE QUE NÃO SEJAIS JULGADOS.
AQUELE QUE ESTIVER SEM ERRO, ATIRE A PRIMEIRA PEDRA.**

11. Não julgueis, a fim de que não sejais julgados. Porque vós sereis julgados segundo houverdes julgado os outros. E se usará para convosco da mesma medida da qual vos usastes para com eles. (*Mateus, cap. VII, v. 1, 2*).

12. Então os Escribas e os Fariseus lhe conduziram uma mulher que tinha sido surpreendida em adultério, e a colocaram de pé no meio do povo dizendo a Jesus, o Cristo: Mestre, esta mulher acaba de ser surpreendida em adultério: ora, Moisés nos ordena na lei para lapidar as adúlteras. Qual é, pois, sobre isso, vosso sentimento? Eles diziam isso tentando-o, a fim de ter do que acusá-lo. Mas Jesus, o Cristo, abaixando-se, riscava com o dedo na Terra. Como continuassem a interrogá-lo, ele se ergueu e lhes disse: Aquele dentre vós que estiver sem erro, lhe atire a primeira pedra. Depois, abaixando-se de novo continuou a riscar na Terra. Mas eles, ouvindo-o falar assim, se retiraram um após outro, os velhos saindo primeiro. E assim Jesus, o Cristo, permaneceu só com a mulher, que estava no meio da praça.

Então Jesus, o Cristo, se levantando, lhe disse: Mulher, onde estão os vossos acusadores? Ninguém vos condenou? Ela lhe disse: Não, Senhor. Jesus, o Cristo, lhe respondeu: Eu também não vos condenarei. Ide, e, no futuro, não erreis mais. (*João, cap. VIII, v. de 3 a 11*).

13. "Aquele que estiver sem erro, lhe atire a primeira pedra", disse Jesus, o Cristo. Este ensinamento nos faz da indulgência um dever, porque não há ninguém que dela não tenha necessidade para si mesmo. Ela nos ensina que não devemos julgar os outros mais severamente do que julgaríamos a nós mesmos, nem condenar nos outros o que desculpamos em nós. Antes de censurar um erro de alguém vejamos se a mesma reprovação não pode recair sobre nós.

O julgamento lançado sobre a conduta dos outros pode ter dois motivos: reprimir o erro ou desacreditar a pessoa cujos atos se criticam. Este último motivo não tem jamais desculpa, porque é da maledicência e é errado. O primeiro pode ser louvável, e torna-se mesmo um dever em certos casos, uma vez que disso deve resultar uma correção, e sem isso o erro não seria jamais reprimido na sociedade, o humano, aliás, não deve ajudar o progresso de seu semelhante? Não seria preciso, pois, tomar no sentido absoluto este princípio: "Não julgueis, se não quiserdes ser julgados", porque a letra mata, e o espírito vivifica.

Jesus, o Cristo, não podia proibir de condenar o erro, uma vez que ele mesmo disso nos deu o exemplo, e o fez em termos enérgicos. Mas quis dizer que a autoridade da condenação está em

razão da autoridade moral daquele que a pronuncia. Tornar-se culpável daquilo que se condena nos outros é abdicar dessa autoridade. É mais, é se arrogar o errado direito de repressão. A consciência íntima, de resto, recusa todo respeito e toda submissão voluntária àquele que estando investido de um poder qualquer, viola as leis e os princípios que está encarregado de aplicar. Não há autoridade legítima aos olhos da Lei de Deus, senão aquela que se apoia sobre o exemplo que dá de correção, é o que ressalta igualmente das palavras de Jesus, o Cristo.

("Aquele que estiver sem erro, atire a primeira pedra", disse Jesus, o Cristo.
"Olha, eu não julgo ninguém, mas que eles só cometem erros, cometem!".)

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

PERDÃO DOS ERROS

14. Quantas vezes perdorei a meu irmão? Perdoar-lhe-eis não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes. Eis uma dessas palavras de Jesus, o Cristo, que mais devem atingir a vossa inteligência e falar mais ao vosso coração. Comparai essas palavras de misericórdia com as da oração tão simples, tão resumida e tão grande em suas aspirações, que Jesus, o Cristo, dá aos seus discípulos, - Perdoa as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores -, e encontrareis sempre o mesmo pensamento. Jesus, o Cristo, o justo por excelência, responde a Pedro: Perdoarás, mas sem limites. Perdoarás cada erro, ainda que o erro te seja feito frequentemente. Ensinarás aos teus irmãos esse esquecimento de si mesmo que os torna invulneráveis contra o ataque dos errôneos procedimentos e das injúrias. Serás brando e humilde de coração, não medindo jamais a tua mansuetude. Farás, enfim, o que desejas que a Lei de Deus faça por ti. Não tem ela de te perdoar frequentemente, e conta o número de vezes que o perdão desce para apagar teus erros?

Escutai, pois, essa resposta de Jesus, o Cristo, e, como Pedro, aplicai-a a vós mesmos. Perdoai, usai de indulgência, sede caridosos, generosos, pródigos mesmo de vosso amor. Dai, porque a Lei de Deus vos restituirá. Perdoai porque a Lei de Deus vos perdoará. Humilhai-vos, porque a Lei de Deus vos elevará. Resignai-vos, porque a Lei de Deus vos fará sentar à direita do Pai.

Ide, meus bem amados, estudaí e comentai estas palavras que vos dirijo, da parte d'Aquele que, do alto dos esplendores celestes, está voltado sempre para vós, e continua com amor a tarefa ingrata que começou há mais de vinte séculos. Perdoai, pois, aos vossos irmãos como tendes necessidade que eles vos perdoem. Se os seus atos vos foram pessoalmente prejudiciais, é um motivo a mais para serdes indulgentes, porque o mérito do perdão é proporcional à gravidade do erro. Não haveria nenhum em relevar os erros de vossos irmãos, se eles não houvessem feito senão ofensas leves.

Espíritas, não olvideis jamais de que, tanto por palavras, como por ações, o perdão dos erros não deve ser uma palavra vã. Se vós vos dizeis Espíritas, sede-o pois, esquecei o erro que os outros lhe fizeram, e não penseis senão uma coisa: o certo que podeis realizar. Aquele que entrou neste caminho dele não deve se afastar, nem mesmo pelo pensamento, porque sois responsáveis pelos vossos pensamentos, que a Lei de Deus conhece. Fazei, pois, que eles estejam despojados de todo sentimento de rancor. A Lei de Deus sabe o que permanece no fundo do coração de cada um. Feliz, pois, aquele que pode cada noite adormecer dizendo: Nada tenho contra o meu próximo.
(Simeão, Bordéus, 1862)

(Farás, enfim, o que desejas que a Lei de Deus faça por ti.)

Para comigo e para com meu irmão: Perdoe-me; já perdoei. Dá-me paciência; o entendo. Dá-me luz; já iluminei. Somente pedir naquilo em que já dá os primeiros passos!

15. Perdoar aos adversários, é pedir perdão para si mesmo: perdoar aos amigos, é dar-lhes uma prova de amizade. Perdoar as ofensas é mostrar que se tornou melhor. Perdoai, pois, meus amigos, a fim de que a Lei de Deus vos perdoe, porque se sois duros, exigentes, inflexíveis, se tendes rigor mesmo por uma ofensa leve, como quereis que a Lei de Deus esqueça que, cada dia tendes maior necessidade de indulgência? Oh! Ai daquele que diz: "Eu nunca perdorei", porque pronuncia a sua própria condenação. Quem sabe, aliás, se, pensando com razão e justiça, não fostes o agressor? Quem sabe se, nessa luta que começa por um golpe de espinho e acaba por

uma tragédia, não destes o primeiro golpe? Se uma palavra ofensiva partiu de você? Se usastes de toda a moderação necessária? Sem dúvida, vosso adversário errou em se mostrar muito ofendido, mas é para vós uma razão para serdes indulgentes e não de censurardes duramente seu irmão. Admitamos que fostes realmente o ofendido, quem diz que não envenenastes a coisa por represálias, e que não fizestes degenerar em querela séria aquilo que teria podido facilmente cair no esquecimento? Se dependia de vós impedir-lhe as consequências, e se não o fizestes, sois culpados. Admitamos, enfim, que não tendes absolutamente nenhuma censura a vos fazer, e, com isso, não tereis senão maior mérito em vos mostrar clementes.

Mas há duas maneiras bem diferentes de perdoar: há o perdão dos lábios e o perdão do coração. Muitas pessoas dizem de seus adversários: "Eu lhe perdoo", enquanto que interiormente, experimentam um secreto prazer do erro que lhe acontece, dizendo para si mesmas que ele não tem senão o que merece. Quantos dizem: "Eu perdoo" e que acrescentam: "mas não me reconciliarei nunca, não quero vê-lo pelo resto da vida". Está aí o perdão cristão? Não, o verdadeiro perdão, o perdão cristão, é aquele que esquece tudo o que passou. É o único que vos será contado, porque a Lei de Deus não se contenta com a aparência: ela sonda o fundo dos corações e os mais secretos pensamentos. Não se lhe engana com palavras e mentiras disfarçadas. O esquecimento incondicional, completo e absoluto dos erros dos outros é próprio dos grandes Espíritos. O ressentimento é sempre um sinal de rebaixamento e de inferioridade. Não esqueçam que o verdadeiro perdão se reconhece pelos atos bem mais que pelas palavras.

(Paulo, apóstolo, Lião, 1861).

(Muitas pessoas dizem de seus adversários: "Eu lhe perdoo", enquanto que interiormente, experimentam um secreto prazer do erro que lhe acontece, dizendo para si mesmas que ele não tem senão o que merece.

"Todas essas pessoas estão erradas, mas, para mostrar a minha bondade, eu as perdoo!".)

A INDULGÊNCIA

16. Espíritas, queremos vos falar hoje da indulgência, esse sentimento tão doce, tão fraternal, que todo humano deve ter para com os seus irmãos, mas do qual bem poucos fazem uso.

A indulgência não vê os erros dos outros, ou, se os vê, evita falar deles, divulgá-los. Ao contrário, oculta-os, a fim de que não sejam conhecidos senão dele, e se a malevolência os descobre, tem sempre uma desculpa para os abrandar, quer dizer, uma escusa plausível, séria, e não daquelas que, tendo o ar de atenuar o erro, o fazem ressaltar com um jeito falsamente bondoso.

A indulgência não se ocupa jamais com os atos errados dos outros, a menos que isso seja para servir, e tem ainda o cuidado de os atenuar tanto quanto possível. Não faz observações chocantes, não tem censura nos lábios, mas somente conselhos, o mais frequentemente discretos. Quando criticais, que consequências se deve tirar de vossas palavras? É que vós, que censurais, não teríeis feito o que reprovais e valeis mais que o culpado. Ó humanos! Quando, pois, julgareis os vossos próprios corações, os vossos próprios pensamentos, os vossos próprios erros, sem vos ocupardes do que fazem os vossos irmãos? Quando não abrireis os vossos olhos severos senão sobre vós mesmos?

Sede, pois, severos para convosco, indulgentes para com os outros. Pensai naquele que julga em última instância, que vê os pensamentos secretos de cada coração, e que, por conseguinte, desculpa os erros que censurais, ou penaliza o que desculpais, porque conhece o motivo de todos os atos, e que vós, que proclamais tão alto: culpados! Tenhais talvez cometido erros mais graves.

Sede indulgentes, meus amigos, porque a indulgência atrai, acalma, reergue, ao passo que a rispidez desencoraja, afasta e irrita.

(José, Espírito protetor, Bordéus, 1863).

(A indulgência não vê os erros dos outros, ou, se os vê, evita falar deles, divulgá-los

Sou indulgente, pois só falo dos erros dos outros para os da minha comunidade!)

17. Sede indulgentes para com os erros dos outros, quaisquer que sejam. Não julgueis com severidade senão as vossas próprias ações, e a Lei de Deus usará de indulgência para convosco, como dela usastes para com os outros. Sustentai os fortes: encorajai-os à perseverança. Fortificai os fracos em lhes mostrando a bondade da Lei de Deus, que considera o menor arrependimento.

Mostrai a todos o puro Espírito do arrependimento estendendo sua branca asa sobre os erros dos humanos, e escondendo-os assim aos olhos d'Aquele que não pode ver o que é impuro. Compreendi todos a misericórdia infinita da Lei de Deus, e não esqueçais jamais de dizer, pelos vossos pensamentos e, sobretudo, pelos vossos atos: "Perdoai os meus erros, como perdoei àqueles que erraram contra mim". Compreendi bem o valor dessas sublimes palavras. Não só sua letra é admirável, mas também o compromisso que ela encerra. Que pedis à Lei de Deus em lhe solicitando para vós o seu perdão? Apenas o esquecimento de vossos erros? Esquecimento que vos deixa no nada, porque se a Lei de Deus esquece os vossos erros, ela não penaliza, mas, tampouco, não recompensa. A recompensa não pode ser a paga do certo que não se fez, e ainda menos do erro que se fez, fosse esse erro esquecido. Em lhe pedindo perdão de vossas transgressões, vós lhe pedis o favor de suas graças para neles não mais cairdes; a força necessária para entrar num novo caminho, caminho de submissão e de amor, no qual podereis somar a reparação ao arrependimento. Quando perdoardes aos vossos irmãos, não vos contenteis em estender o pano do esquecimento sobre os seus erros. Esse pano, frequentemente, é bem transparente aos vossos olhos. Levai-lhes o amor ao mesmo tempo que o perdão. Fazei por eles o que pediríeis ao vosso Pai celeste fazer por vós. Substituí o ódio que mancha, pelo amor que purifica. Pregai pelo exemplo essa caridade ativa, infatigável, que Jesus, o Cristo, vos ensinou. Pregai como ele próprio o fez, enquanto encarnado na Terra, visível aos olhos do corpo físico, e como a prega ainda, sem cessar, desde que não é mais visível senão aos olhos do Espírito. Segui esse divino modelo. Marchai sobre seus passos: eles vos conduzirão ao lugar de refúgio onde encontrareis o repouso depois da luta. Como ele, carregai cada um a vossa cruz e escalai penosamente, mas corajosamente, o vosso calvário: no cume está a pureza e a perfeição.

(João, bispo de Bordéus, 1862).

(Fortificai os fracos em lhes mostrando a bondade da Lei de Deus, que considera o menor arrependimento. Ainda nos é mais fácil dizer: "Azar desses fracos, pois não pertencem à comunidade dos eleitos!".)

18. Caros amigos, sede severos para convosco, indulgentes para com os erros dos outros. É ainda uma prática da pura caridade que bem poucas pessoas observam. Todos tendes errôneas tendências a vencer, defeitos a corrigir, hábitos a modificar, todos tendes um fardo mais ou menos pesado a depor para escalar o cume da montanha da elevação espiritual. Por que, pois, serdes tão observadores para com o próximo e cegos em relação a vós mesmos? Quando, pois, cessareis de perceber no olho de vosso irmão o galho que o fere, sem olhar no vosso a árvore que vos cega e vos faz tropeçar de queda em queda? Crede em vossos irmãos, os Espíritos: Todo humano bastante orgulhoso para se crer superior, em virtude e em mérito aos seus irmãos encarnados, é insensato e errado e a Lei de Deus o avaliará no dia da sua justiça. O verdadeiro caráter da caridade é a modéstia e a humildade que consistem em não ver, senão como aprendizado, os defeitos dos outros, por se interessar em fazer valer o que há neles de certo e virtuoso, porque se o coração humano é um abismo de corrupção, existe sempre em algumas de suas dobras mais ocultas a semente de alguns corretos sentimentos, centelha vivaz da essência espiritual. Espiritismo, Doutrina consoladora e bendita, felizes aqueles que te conhecem e que aproveitam os salutares ensinamentos dos Espíritos do Senhor! Para eles, o caminho é iluminado, e em todo o seu percurso podem ler essas palavras que lhes indicam o meio de atingir o fim: caridade prática, caridade de coração, caridade para com o próximo, como para consigo mesmo. Numa palavra, caridade para com todos e amor de Deus acima de todas as coisas, porque o amor de Deus resume todos os deveres, e é impossível amar realmente a Deus sem praticar a caridade, da qual fez Ele uma lei para todas as criaturas.

(Dufétre, bispo de Nevers. Bordéus).

(Todo humano bastante orgulhoso para se crer superior, em virtude e em mérito aos seus irmãos encarnados, é insensato e errado e a Lei de Deus o avaliará no dia da sua justiça.)

Quando não cremos na reencarnação, fica muito difícil entendermos a Lei de Deus. Fazer e 'aguardar' a justiça divina nos leva, invariavelmente, a compará-la com a justiça humana! Somente o 'medo' ou o 'entendimento' da justiça divina é que nos anima ao caminhar correto. O primeiro é produto da fé cega. O segundo é produto do conhecimento moralizado, obtido pelos estudos continuados e a sua prática.)

19. Ninguém sendo perfeito, segue-se que ninguém tem o direito de repreender o próximo? Seguramente não, uma vez que cada um de vós deve trabalhar para o progresso de todos, e sobretudo daqueles cuja tutela vos está confiada, mas é uma razão de o fazer com moderação, com um fim útil, e não como se faz geralmente, pelo prazer de denegrir. Neste último caso, a censura é um grande erro. No primeiro, é um dever que a caridade manda cumprir com todas as reservas possíveis. É ainda a censura que se lança sobre os outros, ao mesmo tempo, deve-se dirigi-la a si mesmo e se perguntar se não a terá merecido.

(Luis, Paris, 1860).

(Aqui temos a diferença entre ‘ensinar’ e ‘censurar’. O primeiro é terno e intimista. O segundo é agressivo e aviltante.)

20. Será repreensível observar as imperfeições dos outros, quando disso não pode resultar nenhum proveito para eles, quando não sejam divulgadas?

Tudo depende da intenção. Certamente, não é proibido ver o erro quando o erro existe. Haveria mesmo inconveniente em não ver por toda parte senão o certo: essa ilusão prejudicaria o progresso. O erro está em fazer resultar essa observação em detrimento do próximo, depreciando-o sem necessidade na opinião pública. Seria ainda repreensível de não fazê-lo senão para nisso comprazer-se com um sentimento de malevolência e de alegria em apanhar os outros em erro. Ocorre de outro modo quando, lançado um pano sobre o erro, para o público, se se limita a observá-lo para dele fazer proveito pessoal, quer dizer, para estudá-lo e evitar o que se censura nos outros. Essa observação, aliás, não é útil ao moralista? Como ele pintaria os defeitos da Humanidade se não estudasse os modelos?

(Luiz, Paris, 1860).

(Seria ainda repreensível de não fazê-lo senão para nisso comprazer-se com um sentimento de malevolência e de alegria em apanhar os outros em erro.)

Muitos podem não concordar, mas que é gostoso ‘enfiar o dedo’ na cara desses metidos a ‘anjinhos’ isto é! Vejo facilmente os erros dos outros, é difícil me enganar!)

21. Há casos em que seja útil revelar o erro dos outros?

Essa questão é muito delicada, e é aqui que é preciso apelar para a caridade bem compreendida. Se os erros de uma pessoa não prejudicam senão a ela mesma, não há jamais utilidade em fazer conhecê-los. Mas se podem causar prejuízos a outros, é preciso preferir o interesse da maioria ao interesse de um só. Segundo as circunstâncias, desmascarar a hipocrisia e a mentira pode ser um dever, porque vale mais que um humano caia, do que vários se tornarem enganados ou suas vítimas. Em semelhante caso, é preciso pesar a soma das vantagens e dos inconvenientes.

(Luiz, Paris, 1860).

(Eu, quando vejo os outros fazendo coisas erradas, fecho os olhos para não vê-los. Eu sou muito indulgente!)

EXPLANAÇÕES

01 - Perdoai para que Deus vos perdoe - itens 1, 2, 3 e 4 - 01.

- Parábola do Credor Incompassivo -

Então Pedro, aproximando-se de Jesus lhe perguntou: Senhor, quantas vezes meu irmão errará contra mim, que lhe hei de perdoar? Será até sete vezes? Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete vezes.

Por isso o reino dos Céus é semelhante a um rei, que resolveu ajustar contas com os seus servos. E tendo começado a ajustá-las, trouxeram um que lhe devia dez mil talentos. Não tendo, porém, o servo com que pagar, ordenou o seu senhor que fossem vendidos - ele, sua mulher, seus filhos e tudo quanto possuía, e que se pagasse a dívida.

O servo, pois, prostrando-se, o reverenciava dizendo: Tem paciência comigo, que te pagarei tudo! E o senhor teve compaixão daquele servo, deixou-o ir e perdoou-lhe a dívida. Tendo saído, porém, aquele servo, encontrou um dos seus companheiros, que lhe devia cem denários; e, segurando-o, o sufocava, dizendo-lhe: - Paga aquilo que me deves! E este, caindo-lhe aos pés, implorava: - Tem paciência comigo, que te pagarei. Ele, porém, não o atendeu; mas foi-se embora e mandou conservá-lo preso, até que pagasse a dívida.

Vendo, pois, os seus companheiros ao que tinha se passado, ficaram muitíssimos tristes e foram contar ao senhor tudo o que havia acontecido. Então, o senhor, chamando-o, disse-lhe: - Servo malvado, eu te perdoei aquela dívida, porque me pediste; não devias tu, também, ter compaixão do teu companheiro, como eu tive de ti? E irou-se o seu senhor e o entregou aos verdugos, até que pagasse tudo o que lhe devia. Assim também meu Pai Celestial vos fará, se cada um de vós do íntimo do coração não perdoar a seu irmão. Matheus, capítulo XVIII, vers. 21 a 35.

Entender a parábola do credor incompassivo é fácil, porque o Mestre a explicou perfeitamente.

Então sabemos que somente perdoando, seremos perdoados.

No Sermão do Monte, em Matheus, capítulo VI, versículos 5 a 15, Jesus ensinou a seus discípulos e a multidão que se apinhava para ouvir os Seus ensinamentos, a maneira como se deveria orar; e aproveitou o ensejo para resumir num excelente e substancioso colóquio com Deus, a súplica que devemos dirigir cotidianamente ao Poderoso Senhor.

O Mestre renegava as longas e intermináveis rezas, que os escribas e fariseus no seu tempo proferiam, nas sinagogas e nos cantos das ruas para serem vistos.

Jesus ensinou que não se fizesse isso, mas que em secreto, dirigisse sua prece a Deus.

Ensinando a oração do Pai Nosso, encerrou nela, ao mesmo tempo, pedidos e compromissos, dos quais destaca o ensino de hoje, a Parábola do Credor Incompassivo: “Perdoa as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores”.

O cumprimento desta oração depende do nosso entendimento e vontade. Além disso, nesse dever, resume toda a confissão, comunhão e extrema unção etc.

Aquele que confessar, estiver de acordo, ter doçura de expressão, mas não perdoar os seus devedores, não será perdoado; ao passo que, o que perdoar será imediatamente perdoado, independente das demais praxes recomendadas como meio de elevação espiritual.

O perdão conforme Jesus ensinou a Pedro, deve ser perpétuo; não o concedido apenas uma, duas ou sete vezes. Por isso a parábola explica a concessão que devemos fazer ao nosso próximo, para recebermos de Deus o troco com a mesma moeda.

Vemos que o primeiro servo, era o que devia mais. Soma fabulosa naquela época e hoje também, se a transformássemos na moeda atual.

Jesus escolheu uma quantia avultada para melhor impressionar seus ouvintes, sobre a bondade de Deus e a natureza da doutrina que estava ensinando no momento: A doutrina do perdão, do amor, da misericórdia.

O devedor da parábola é o suficiente para completar a lição. Vendo que seria vendida a sua mulher, os seus filhos, sentiu-se ameaçado e pediu moratória, valendo-se da benevolência do rei; este, cheio de compaixão, perdoou-lhe a dívida, isto é, suspendeu as ordens que havia dado, para

que tudo o que possuísse fosse vendido, e até mesmo o servo, visto que ele propunha pagar a prazo.

O devedor conseguiu o perdão, porém, ao sair, encontrou o que também lhe devia, uma bagatela perto do que ele devia ao rei, exigiu violentamente o seu dinheiro.

Seus companheiros viram a cena, indignaram-se e foram contar ao rei o ocorrido. E o rei, tomou nova decisão, entregando o servo malvado aos verdugos, fazendo-o trabalhar à força, até que pagasse tudo o que devia.

Esta última condição é interessante: paga a dívida, recebe o devedor a quitação.

Quem deve pouco, paga o pouco. Quem deve muito, paga muito. Isto é mais claro que água cristalina.

E Jesus termina a parábola: “Assim também o Pai Celestial vos fará, se cada um de vós do íntimo do coração não perdoar a seu irmão”.

Sem dúvida, é muito difícil a um Espírito errado pagar mil erros, como um trabalhador pagar mil talentos. Mas, tanto um, como o outro, têm a eternidade diante de si. Toda dívida deve ser paga, tanto a dívida moral como a material.

O que não se pode fazer numa existência far-se-á em duas, vinte, cinquenta, far-se-á em outra vida, em que o Espírito não está inativo.

Tudo isso está de acordo com a bondade de Deus, aliada à Sua justiça; o que não pode é o indivíduo pagar eternamente e continuar a pagar, depois de já ter tudo pago.

Por isso, a Doutrina Espírita nos mostra a reencarnação. E também nos ensina, que à medida que vamos perdendo, seremos perdoados e evoluímos para chegar ao Pai celestial.

A lei do perdão é inflexível, reina no Céu, como Jesus a ensinou na Terra.

O perdão deve ser ilimitado. Quando a ofensa procurar abrigo na nossa sensibilidade, organizando desentendimento e mágoas, deve encontrar passagem livre para não se acomodar nos departamentos de nossa vida.

Só seremos fortes ante os ataques, as injúrias e o errado procedimento, quando reconhecermos a nossa humilde posição no cenário evolutivo de nossa humanidade, e devemos nos empenhar a não guardar detritos que poluirão o nosso mundo interior.

Ante a ofensa, esqueçamos de nós mesmos. Sejamos brandos, sem limitar a nossa mansuetude.

Não devemos ser duros, exigentes, inflexíveis, intolerantes com os erros praticados contra nós, porque o Pai celestial tem relevado todos os erros, ensinando-nos que tanto mais grave o erro praticado, maior deve ser a indulgência para o indispensável reajuste.

Não coloquemos o nosso irmão de caminhada na posição de algoz, porque nos responde ofensivamente, ou porque se compraz em nos alfinetar sem motivos.

Muitas vezes a ofensa que nos procura, é simples reação do nosso ato impensado, é palavra menos sadia que sai de nossa boca, querela que podíamos evitar, amor próprio enfermiço.

Perdoando, estaremos sendo perdoados.

Se a ofensa não nasceu de nosso desvario, e termos consciência que não somos promotores do errado procedimento, mais razão temos de ser clementes.

Mais mérito tem aquele que perdoa uma ofensa imerecida, do que aquele que perdoa a ofensa em que foi coautor. Não teremos agido certo, se nossas palavras não estiverem de acordo com o coração.

Costumamos dizer:

- Não preciso condená-lo; ele se condena por si;
- Perdoo sim, mas nunca reconciliarei;
- Eu perdoo, mas a Justiça Divina lhe cobrará a falta;
- Eu perdoarei, desde que não o veja mais;
- Se não na Terra, pagará na espiritualidade;
- Eu perdoo, ele receberá o que merece...

Isso é perdão condicionado. Não é o sentimento superior que nos ensina o Espiritismo Cristão, aquele que eleva e sublima os Espíritos, retirando o egoísmo e o orgulho de si, refletindo o amor e a humildade que deve compor a fibra íntima.

Perdoando, devemos criar condições de rearmonização.

O perdão generoso denota Espírito cristianizado, não se realiza somente nas palavras e nem traz condição qualquer.

O perdão generoso é véu coberto de amor, lançado sobre o passado, sufocando de vez toda causa de ressentimento ou de rancor.

E Jesus, no dia do calvário, em frente aos seus perseguidores e verdugos, revelando aos seres humanos ser indispensável o perdão, para harmonia da vida, disse estas palavras: "Pai, perdoai-os, porque não sabem o que fazem!..."

E que após esta lição, meditemos sobre o perdão, pensemos nos ensinamentos do Mestre Jesus. Finalmente, repitamos com conhecimento: Pai perdoa-nos, porque não sabemos o que estamos fazendo!

02 - Reconciliar-se com os Adversários - itens 5 e 6.

“Quando, pois, vais com o teu adversário ao magistrado, faze o possível para te livrar dele no caminho; para que não suceda que ele te arraste ao juiz, e o juiz te entregue ao meirinho e o meirinho te lance na prisão. Digo-te que não sairás dali até pagares o último ceitel”. Lucas, capítulo XII, vers. 58 e 59.

“Harmoniza-te sem demora com o teu adversário enquanto estás a caminho com ele; para que não suceda que o adversário te entregue ao juiz, o juiz ao oficial de justiça, e sejas recolhido à prisão; em verdade te digo que não sairás dali até pagares o último ceitel”. Matheus, capítulo V, vers. 25 e 26.

Estas duas passagens evangélicas constituem o contrário do inferno eterno, proclamado antes por outras religiões.

Reconciliar com os nossos adversários, antes mesmo que ele nos entregue ao juiz, significa, nos retratarmos com o próximo, pelo erro que fizemos e não o fazer mais. É não deixarmos para outra vida física o que podemos fazer nesta.

Como somos conhecedores da reencarnação, sabemos o quanto é necessário nos harmonizarmos com os nossos adversários, porque alimentar o mau sentimento, não se resolve com o desencarne. Nós levamos além túmulo tanto o nosso amor como o nosso ódio. Então, quanto mais solvermos esses sentimentos errados, tirando-os do coração, mais livres retornaremos à pátria espiritual.

Cada um é julgado por suas obras, e cada qual tem o mérito e demérito das mesmas obras. Ninguém pode ter o salário superior ao serviço que fez; ninguém pode receber castigo maior do que o crime que cometeu. Não é preciso estudar Direito, nem Teologia, para compreender essa verdade, que é intuitiva. E tão intuitiva é, que a nossa legislação suprimiu a pena de morte, assim como suprimiu as galés perpétuas, que faziam parte do velho código elaborado por elementos que tinham ideia de um inferno eterno.

A tendência evolutiva da lei não é mais para o castigo, mas sim para a correção. Por isso afirmamos que Deus não castiga, corrige.

Vemos atualmente em nossas penitenciárias, por exemplo, o espírito que aí predomina. Um indivíduo pratica um crime e é condenado a trinta anos de prisão. Vai cumprir sua pena numa penitenciária. Nos primeiros tempos fica submetido à prisão celular, para que seja observado, estudado, perscrutado. Conforme a ferocidade ou humildade que revele, fica entre quatro paredes ou é solto da cela, para trabalhos manuais e de educação moral e intelectual.

Em última análise, na cela ou fora dela, ele recebe exortações morais. Se o seu comportamento for irrepreensível, ele completará a metade da pena na penitenciária e os demais anos terá liberdade condicional, podendo trabalhar e estar mais próximo de sua família. Hoje, há prisioneiros que mesmo no presídio, conseguem estudar, escrever livros, pintar quadros etc.

Depende da vontade da criatura desejar mudar.

Na Terra, a lei tem atenuantes e indulgências.

E no Céu também é assim, onde a justiça não afasta da misericórdia e do amor. Por isso a oportunidade de nos reencarnarmos quantas vezes forem necessárias.

A lei condenatória eterna e inflexível, sem oportunidade de correção, de perversidade e de eterna maldade, seria lei de quem não compreende, ou não quer compreender Deus. Seria lei de escravizadores, que desejam perpetuar o seu domínio no mundo material.

O que deve prevalecer, como nos diz o Justo Nazareno, o pagamento dos ceitis, que serão todos contados, e, quites o devedor, nenhum tormento sofrerá, porque Deus não faz pagar dez ceitis a quem só deve cinco. Pago o último ceitel, paga está a dívida.

Não existe inferno; somente existem condições e trabalho para reparação e correção.

A missão de observar os preceitos de Jesus é a mais difícil, e não seremos capazes de pô-la em prática se não pudéssemos contar com o auxílio dos divinos mensageiros, sempre prontos a nos guiar, socorrer e sustentar, e para isso precisamos nos esforçar a fim de cumprir as ordenações de Jesus.

Não faltam tropeços e barreiras, mas quem tem fé em Jesus remove montanhas.

Infeliz daqueles que tentam atrapalhar a nossa tarefa, se ela é realmente Cristã, se é realmente Espírita.

Precisamos nos prevenir, principalmente contra os tropeços domésticos, causa principal de grandes desapontamentos. Barreiras, agudos espinhos, nós os encontramos por toda parte, mas não são estes os empecilhos mais difíceis de remover, e, sim, aqueles que surgem nos nossos próprios lares, abalando sólidas amizades, destruindo velhos e fraternos parentescos.

É bem nítido o trecho que procuramos esclarecer: “Se teu irmão errar contra ti...”.

Quem é o nosso irmão? Quem é o nosso amigo?

O Evangelho, que manifesta o espírito de Jesus, manda que os que estão em demanda cheguem imediatamente à fala para entrarem em acordo com as suas faltas, e se for possível, ainda há o recurso de novas falas, para que se entendam e permaneçam no espírito do cristianismo.

Nossa raiva não deve permanecer até o por do Sol, e até chegarmos a perdoar setenta vezes sete vezes, o Reino dos Céus não chega até nós.

Não deve haver inimizade entre crentes e descrentes, entre raças e famílias e, muito menos entre pessoas de um único credo de amor, credo que os uniu para se amarem e respeitarem. Às vezes as inimizades são sem motivos justificáveis, eternizando desarmonias que mais tarde causam duras suplícios.

Os estudantes do Evangelho de Jesus sabem que, as desarmonias são pedras de tropeço na estrada da felicidade. Sabem que, não podem se ligar ao Céu, porque nem na Terra se ligam aos preceitos de Jesus.

Para permanecer na proteção de Jesus é indispensável renunciar ao orgulho, tornar-se humilde, reconciliador, indulgente e correto e bom.

Lembremos que o perdão se dá ao errado e não ao correto, e que só com o perdão concedido aos desafetos, obteremos de Deus o perdão para os erros que cometemos.

Muitos obstáculos se interpõem a nossa marcha: O desrespeito humano, o preconceito, o amor ao dinheiro e outras barreiras que tanto têm prejudicado os filhos de Deus.

De outro lado, Jesus afirma a possibilidade de erros na Terra, porque o nosso mundo é dos mais atrasados do sistema planetário, e sem os erros os seres humanos não fariam a sua evolução.

A evolução nasce da luta, do trabalho para a perfeição e, para que haja luta é necessário que haja erros; e para que haja trabalho é indispensável que este trabalho esteja por fazer.

Todos fomos criados simples e desconhecedores, porém dotados de inteligência para realizar a nossa perfeição e, para termos o mérito da nossa elevação, é preciso que este trabalho seja feito por nós mesmos.

E para tal, Deus, o nosso Criador, nos legou o planeta Terra, onde podemos efetuar grande parte da obra de aperfeiçoamento.

Começamos o nosso trabalho pelo lado material ou físico, cultivando as terras, formando cidades, fazendo estradas, sondando os mares, ligando continentes, empreendendo indústrias, fundando escolas, desenvolvendo a inteligência.

E para conseguir tudo isso, nós temos que lutar contra os tropeços: Lutamos contra as feras e vencemos as feras; lutamos contra as matas e vencemos as matas; lutamos contra as montanhas e vencemos as montanhas, lutamos contra as águas e vencemos as águas!

Ai das feras! Ai das matas! Ai das águas! Ai das montanhas!

Lutamos contra inóspitos sertões e transformamo-los em cidades, em metrópoles.

O processo evolutivo acontece na esfera do conhecimento e da moral e, com o uso da inteligência, crescemos material e espiritualmente. Assim o nosso mundo vai se libertando sucessivamente das mazelas do passado.

Ainda temos que crescer muito na esfera moral, mas já fizemos bastante, assim como muito faremos ainda na esfera espiritual, onde a nossa ação já se tem feito sentir, solapando instituições seculares opressoras da razão, dominadoras da consciência e conspurcadoras do nosso caráter, do nosso sentimento, da nossa fé, da nossa vontade, da nossa liberdade.

Todo esse trabalho de destruição e edificação é uma luta, contra os erros causados pelos tropeços, que empreendemos e na qual os erros são vencidos.

Todo trabalho produz fadiga; toda luta causa dor; mas é da luta e do trabalho que vem a felicidade e a perfeição.

Tendo fé, confiando nos ensinamentos de Jesus, venceremos os erros e os tropeços.
Que a nossa fé e esperança nos levem, por Jesus, a Deus!

03 - O Sacrifício mais Agradável a Deus. - itens 7 e 8.

Enquanto Francisco de Assis lia a lição do Evangelho, Elias, um dos seus discípulos, que era vi-dente, mergulha o seu pensamento na Palestina. E uma visão lhe é apresentada.

- Pai Francisco - assim que seus discípulos o chamavam, vi, com os olhos da carne, uma cena, em que João Evangelista se aproximava da casa de Marta e Maria. Interessante é que João Evan-gelista estava vestido com a tua túnica, esta que te cobre o corpo... Acompanhava-o um cordeiri-nho, exatamente como acontece contigo. Como nos alegramos em ver-te com teu cordeirinho!...

Elias silenciou por alguns instantes e continuou:

- Maria estava sentada no chão, aos pés do Mestre Jesus, e, absorta, contemplava-o com um leve sorriso. Por seu turno, Marta dirigia-se ao Mestre com os olhos rasos d'água, mas sua fisionomia era de respeito e adoração pelo Senhor ao entregar-lhe, de joelhos, um prato de doces que havia feito.

Francisco de Assis esboçou um sorriso, olhou para Elias e falou:

- Lembras Frei Elias, de que o Senhor empregou a expressão: "Pouco é necessário?".

- Sim, meu pai.

- Necessário é o primeiro passo. Suficiente é o complemento. Os sábios não se contentam so-mente com o necessário; buscam o suficiente. Procure equilibrar as duas partes. Tu tens capaci-dade para usar, nas horas certas, o necessário e o suficiente. Que Deus te ilumine, filho caríssi-mo. Apascenta as tuas ovelhinhas!

Elias abaixou-se e beijou os pés do amigo.

Dias depois, Francisco de Assis entrega a Frei Elias a seguinte carta, assinada por próprio punho: "Desejo dar-te da melhor forma que for possível, a minha opinião. Antes de tudo, deverás consi-derar uma graça a oposição que os irmãos, como os outros seres humanos, te fizerem. Deves de-sejar que seja assim e não de outra maneira. Sei de certeza certa, que é nisso que consiste a ver-dadeira obediência. Cumpre-te amar aqueles que são contra ti e não pretender deles nada mais que o Senhor quiser dar-te. Cumpre-te manifestares o teu amor, esforçando-te para que eles se tornem melhores cristãos do que são. E que isso seja para ti mais que um retiro ou eremitério. Deves agir e proceder de forma que nenhum irmão do mundo, por muito grande o erro que tenha cometido, se vá da tua presença, sem o perdão, se o pedir. Se não o pedir, debes lhe perguntar se quer ser perdoado. E, mesmo que ele viesse mil vezes com erros, deverias amá-lo muito mais do que a mim, de modo a poderes atrair o seu coração a Deus; e sempre deverás ser assim, indul-gente para com os irmãos sem condições".

Esta carta de Francisco de Assis a Frei Elias é uma exortação a inofendibilidade! Quem se trans-forma em inofendível, isto é, que não ofende, compreende e serve alegremente. Quem compre-ende e serve permanece equilibrado. Equilíbrio é apanágio dos felizes e dos fortes.

Compreender e Servir é a sublime síntese de todas as aspirações humanas em busca da felicida-de.

No dia em que os que dirigem, seja uma nação, seja um lar, um escritório, uma empresa, uma a-gremiação política, uma instituição beneficente, cultural ou religiosa, se aperceberem do valor de não ofender, não haverá mais desarmonias, nem guerras.

Onde não há desarmonias o perdão não tem sentido.

Na era da paz e da fraternidade que se aproxima, pregada e exemplificada por Cristo, reavivada e também exemplificada por Francisco de Assis e, em breve, vivenciada pelos que atingirem a plenitude do amor, o perdão será apenas um vocábulo ornamental. Deixará de existir como con-dição de relacionamento.

Enquanto houver suscetíveis e ofendíveis, as guerras não cessarão e as cadeias estarão superlota-das; os lares desajustados e continuarão exportando, para a sociedade, mais viciosos, prevarica-dores, ladrões, assassinos, tarados sexuais, perturbados de toda espécie.

Todavia temos ainda que usar do perdão, este, apesar de não ser o suficiente, é necessário. Sufi-ciente é não se ofender. "Não ofenda nem se ofenda". Ame e compreenda.

André Luiz, Espírito, na psicografia de Francisco Cândido Xavier, disse: "O perdão é uma forma sutil de vingança".

Por que? - perguntarão. Então Jesus não pediu que perdoasse os seus algozes? E Deus, perdoadando, estaria se vingando?

Acaso Deus se vinga? Ou Deus não perdoa?

Quando André Luiz nos diz que o perdão é uma vingança, ele está nos mostrando que, perdoadando os nossos algozes, estamos levando-os a meditar sobre a nossa atitude, a perceberem que não se vive somente do ódio, do rancor e do egoísmo. Estamos levando-os ao conhecimento do amor. Como vemos; o perdão é uma maravilhosa vingança!

Jesus rogou ao Pai que perdoasse aos seus algozes para desligar-se deles e subir glorioso ao Seu Reino de Luz.

Se Jesus não tivesse perdoado, a violenta carga negativa dos ofensores, que Ele, de modo próprio, aceitou e colocou sobre Seus Sagrados Ombros, dificultaria Seu triunfo sobre a morte.

Após minutos da famosa frase: “Pai perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”. Ele disse: “Está consumado! Em Tuas mãos entrego o Espírito”.

Nesse instante supremo Jesus recebeu, em definitivo, o grau de Cristo Planetário. E no terceiro dia ressuscitou, porque se entregou a Deus Pai.

O perdão de Deus vem em forma de mais oportunidades de reencarne, para resgate de nossos débitos para com a Lei Maior, até que devolvamos o último ceitel. Jesus disse: “Nenhuma ovelha ficará fora do meu redil”. “E haverá um só rebanho para um único Pastor”.

Todos somos ovelhinhas do Senhor e para todos nós está destinada a coroa da glória.

A conquista dessa coroa depende unicamente de nós, do nosso esforço em buscar a perfeição. Perfeição total, em alguns decênios como encarnados, é impossível, nenhum de nós conseguirá. No entanto, podemos ser perfeitos cumpridores dos nossos deveres, como servidores do mundo, no lar e na sociedade.

O não matar, não roubar, não se viciar, não ser maledicente, ciumento, perverso, prevaricador, mentiroso, preguiçoso, avarento, vingativo, egoísta, vaidoso, hipócrita e orgulhoso, são etapas vencidas para chegarmos às parciais da perfeição.

Em cada experiência reencarnatória, uma ou várias dessas facetas negativas podem ser definitivamente retiradas do Espírito, desde que nos esforcemos. A soma dessas vitórias sobre nós mesmos, em várias experiências na roda reencarnatória, fortalece o Espírito, iluminando-o gradativamente, até que um dia nos integramos no Cristo. E nesse glorioso dia, vamos afirmar, conscientemente, tal qual Jesus: “Eu e o Pai somos um”. Francisco de Assis alcançou esse grau.

Aos que me ouvem e eu também, façamos uma experiência: Adquiramos o hábito de perdoar incondicional e indefinidamente, até que chegue o dia em que não seja mais necessário perdoar.

Nesse dia venturoso, saibam meus irmãos, desabrochará em nós a flor da insuscetibilidade, que é o primeiro degrau para atingirmos a gloriosa condição de inofendíveis.

Se ainda temos necessidade de perdoar, é sinal que dentro de nós a ferida da ofensa ainda não cicatrizou, ainda nos orgulhamos de exercer a misericórdia. E qualquer sombra de orgulho invalida o mérito da atitude.

O hábito de perdoar nos leva a esquecer as ofensas e apagar a forma sutil de vingança.

Quando tal acontecer, atingiremos a indulgência de que falou Francisco de Assis em sua carta a Frei Elias.

A indulgência nos desliga do ofensor, porém, sem o desprezarmos. E ele, sentindo-se indulgenciado, mas não desprezado, religar-se-á a nós e nos amará como nós o amamos, porém com muito mais ardor, em função do nosso procedimento amoroso.

Francisco de Assis, para nós, é o exemplo sublime e grande na indulgência, na compaixão, na piedade, na ternura, na inofendibilidade!

Que Jesus Cristo esteja entre nós!

04 - O Argueiro e a Trave no Olho. - itens 9 e 10.

É hábito bastante generalizado notarmos os defeitos dos nossos semelhantes, sem atinarmos com os nossos próprios erros e falhas. No dizer de Jesus, é muito comum vermos um cisco no olho do nosso irmão e não sentirmos a pedra que está no nosso próprio olho.

Neste tema, o Mestre nos recomenda que, procuremos remover os empecilhos que estão em nossos próprios olhos e, então, com o olho bom, poderemos ver as qualidades boas que adornam os nossos irmãos.

O orgulho e a inveja têm sido a fonte geratriz de muitos erros dessa natureza. Muitas pessoas, não podendo conformar-se com as qualidades nobres que notam ou salientam nos seus irmãos, em vez de procurar nessas pessoas um paradigma, fazendo esforços para igualá-las, preferem denegri-las apontando falhas irrisórias nos outros, quando na realidade, em si, possuem-nas em profusão.

Muitas vezes, na imperfeição do nosso próximo, vemos um cisco, por mais insignificante que seja, enquanto que não vemos nossa imperfeição, que pode ser comparada a uma pedra ou um tronco de árvore.

A ética cristã nos manda que sejamos comedidos no julgamento das obras alheias, e severos no nosso julgamento. Não nos comprazeríamos em ressaltar o defeito dos outros, se tivéssemos um caráter reto, um coração piedoso.

Um bom exame de consciência acusa nossos erros, que muitas vezes censuramos e achamos mais graves quando acusamos nos outros.

Na apóstrofe: “Hipócritas, tirai primeiro a trave do vosso olho e depois, então, vede como podeis tirar o argueiro do olho do vosso irmão”.

Trave - quer dizer viga; peça de madeira grossa e comprida usada nas construções.

Argueiro - palhinha - cisco - grão muito pequeno.

Jesus dá-nos a entender que é preciso ser correto e bom para fazer o certo e o bem, e que cada um de nós só poderá auxiliar eficazmente aos semelhantes, na medida dos recursos que possua. Ninguém pode dar o que não tem.

Para corrigirmos um determinado defeito em alguém, é preciso que sejamos exemplo nesse defeito, porque, senão as advertências e conselhos que oferecemos, embora adequados e oportunos, não surtirão efeito, não tem influência edificante, porque precisa da valorização moral do exemplo.

Esta lição serve para todos e principalmente para os pais.

Como poderão eles reprimir os vícios, os desregramentos e maus hábitos dos filhos, se são os primeiros a escandalizá-los com falhas clamorosas de sua conduta?

Dizer aos filhos que não devem fumar, beber nem jogar, que devem ser recatados, honestos, leais, verdadeiros etc., quando eles próprios fumam, bebem, jogam, transigem da indecência, enganam-se uns aos outros, falam mal das pessoas do círculo de sua amizade, mentem deslavadamente, violando a todo instante as regras mais simples do correto e do bom proceder, só pode dar no que vemos por aí.

Esforcemo-nos para conduzir nossa vida física tendo por norma os preceitos cristãos, para que, transformados, possamos trabalhar pela regeneração de outros Espíritos.

A ciência mais difícil que até hoje encontramos foi a de viver em conjunto, e o mais interessante é que precisamos desse intercâmbio para viver. É necessidade biológica e espiritual.

A vida física não tem sentido quando nos isolamos das criaturas. É uma troca, as pessoas têm algo que não possuímos e nós doamos a elas certos estímulos que nós temos. Isto é a presença de Deus, ensinando-nos a amar uns aos outros. E nós precisamos aprender a amar por amor.

A sociedade se aprimora, quando os seus membros se respeitam mutuamente. A sociedade é a flor do aprimoramento humano. A sociedade não pode existir sem o lar. Desarmoniza-se se não existir a família, que é o sustentáculo da harmonia que pode ser desfrutada pelos seres humanos, em todos os rumos do seu objetivo.

Para ter paz no nosso lar, comecemos respeitando o direito dos que convivem conosco. Quando se rompe a linha divisória dos direitos alheios, ficamos sem a nossa própria paz. Somente impondo nossas ideias, passamos a ser joguete dos pensamentos dos outros, às vezes, sem perceber.

Precisamos observar a natureza humana, pelos livros, movimentos e atitudes, e a experiência nos dirá o caminho a tomar e a conduta que deve ser seguida.

Observemos como falamos a quem nos ouve e, como ouvimos a quem nos fala, porque isto é um autoaprendizado e as lições serão guardadas em lugares que a vida sabe cuidar.

Procuramos não gastar o nosso tempo em palavras que desagradam, nem em horas de silêncio que desapontam. Usemos as oportunidades no bom senso que equilibra o Espírito. Conversemos com os outros na altura que eles já atingiram. Isto não é disfarce, é respeito a sensibilidade dos outros, é sentirmo-nos irmãos de todos em todas as faixas da vida.

Quando encontrarmos uma criança, tenhamos o diálogo que ela entenda. Assim deve ser em todas as dimensões da vida humana.

A felicidade depende da compreensão, que gera caridade, que gera amor. Conviver com os outros é, realmente, uma grande ciência, é a ciência da vida. Fomos feitos para viver em sociedade. Se recusarmos, nos atrofiamos e disto nós temos provas, observando as plantas que frutificam mais em conjunto, as pedras que dão mais segurança quando amontoadas e os animais, que sempre andam em convivência. Tudo se une para maior grandeza da criação.

Estas lições não são somente para os encarnados. Os Espíritos, na erraticidade, obedecem igualmente a essa grande regra de viver bem.

Aprendamos a confiar, a respeitar e entender os nossos irmãos, que trabalham e vivem conosco, que tudo passará a ser, para nós, motivo de felicidade, onde enxergaremos somente o amor.

Quando contrariamos as leis que nos une, desagregamos a nossa paz.

Além de aprendermos a conviver com os outros, sabemos que todos temos direitos. Porém, não podemos esquecer dos deveres a cumprir diante dos outros, que caminham conosco no mesmo comboio planetário. Compete a nós respeitarmos os que nos ajudam a viver, para que o próprio respeito nos garanta a tranquilidade. Nós podemos fazer o que desejamos que nos seja feito, no entanto, podemos assumir dívidas para com os nossos irmãos, se os nossos feitos não compartilharem com a harmonia da criação.

O nosso direito é ser honesto e o nosso dever é respeitar a vida que o semelhante leva, de modo que o tempo seja gasto somente na educação que nos compete adquirir e, se a tivermos plena, ensinar.

O nosso direito é a honra onde quer que andemos, e o nosso dever é o encargo de trabalhar em silêncio nos moldes do exemplo, para ajudar quem ainda não percebeu os valores das virtudes espirituais. O nosso direito é o autoaprimoramento, e a nossa incumbência é trabalhar constantemente pela paz de todas as criaturas de Deus.

Se já despertamos para a luz, é imperativo sagrado ajudar quem quer que seja, sem exigências que possam nos levar ao orgulho e a vaidade.

Devemos ter autoridade, e devemos exercitá-la nos domínios de nossas emoções inferiores, porque aí, nossa missão se engrandece diante de todas as criaturas que vivem conosco.

Alistemo-nos no exército da salvação de nós mesmos. Vamos lutar! Essa é uma guerra em que não podemos fugir dos objetivos a que nos propusemos. É uma conquista altamente valiosa, a conquista de nós mesmos.

Nós estamos tão enfermos que, somente a cirurgia moral pode nos aliviar. E quando vamos tomando conhecimento da moral, vamos aprendendo a nos conhecermos e os meios corretos para chegar a cura completa.

Será que nós analisamos, os direitos alheios, todos os dias e se os respeitamos, pelos pensamentos, palavras e ações? Se não fazemos isso, começemos a trabalhar dentro de nós mesmos, porque plantando e cuidando da terra, o crescimento pertence ao Senhor, que nunca falta na Sua bondade e no Seu amor.

Todos nós devemos viver bem conosco mesmo. No entanto, temos grandes obrigações com o próximo, que não pode sofrer as custas da nossa felicidade. Vigiem a nossa palavra, porque ela sem harmonia incomoda quem ouve e desinquieta quem nos acompanha.

Somos responsáveis pelo que somos e pelo que fazemos. Recebemos de volta o que damos, em todas as dimensões da vida. O comportamento do Espírito pode ser luz ou treva. Em tudo o que fazemos, lembremos da palavra respeito e, que os direitos serão resguardados pela lei divina, que nada esquece.

Aprendamos a viver bem com os outros e, para isso, é necessário que eduquemos os nossos sentidos, aprimorando nossas virtudes.

Respeitando o direito do nosso próximo, estaremos aprendendo a conviver com ele e, aprendendo essa convivência, não ficaremos vendo somente os seus defeitos, esquecendo-nos dos nossos. Que Jesus reine entre nós!

05 - Não julgueis para não serdes julgados - Aquele que estiver sem erro, que atire a primeira pedra. - itens 11, 12 e 13.

“Melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea”. Erasmo, livro dos médiuns.

Monólogo - Francisco de Assis.

- Que significa meu Deus, “retorna a Assis e lá te será dito o que terás de fazer?”. E mais; “Deverás entender de outro modo o sonho que tiveste!”. Ó meu Deus, meu Deus, por que me acontecem esses fenômenos?...

Seu corpo fremia e bagas de suor molhavam-lhe as vestes e o leito. A respiração tornou-se ofegante e uma sucessão de ideias desconexas dominava-lhe a mente excitada. Em meio a tudo isso, lembrou-se das lições evangélicas que a mãe lhe ensinava. E uma visão de Damasco apareceu em sua tela mental: “Saulo, Saulo, por que me persegues?...”.

- Ó não, eu não persigo ninguém, dizia - antes procuro os pobres e sinto misericórdia por eles! - Ah! Sim, bem me lembro, a luz que apareceu a Paulo disse: "Eu sou Jesus".

- Jesus? Jesus? - gritou; - acaso Tu estás aqui, Jesus?...

E prostrou-se de joelhos, encobrindo o rosto com as mãos. Depois, a passos lentos e trôpegos, foi à janela. Silêncio. Escuridão total. Céu sem estrelas.

- Volta, anjo bom que me apareceste em sonho e dize-me, por caridade, o que devo fazer. Estou confuso...

- Levanta-te e entra na cidade, onde te dirão o que convém fazer.

- Quem falou? Onde está quem falou? Por que não aparece?

Os mensageiros do Céu aplicam passes magnéticos de recomposição de forças e energia, e Francisco entra em rearmenia. A respiração retorna a ritmo normal, a febre entra em declínio e as sístoles e diástoles cardíacas se reequilibram. Mas Francisco não conseguiu conciliar o sono naquela noite. Abandonou a expedição e retornou a Assis, com a mente povoada daquelas cenas e repetindo as frases que ouvira. Procurava uma explicação, argumentava, e apenas tinha capacidade para saber que o palácio, as armas, e outras coisas materiais que lhe foram apresentadas eram apenas símbolos de uma nova era em sua vida física. Aquela noite fora marcante para Francisco.

Ao chegar a Assis, não tinha mais o ar alegre dos dias que precederam a campanha em prol da guerra. Lançava o olhar distante e vago para tudo, e, tão absorto estava em suas lucubrações mentais, que nem ouvia os comentários do povo e, em especial dos jovens, que diziam: “Mais uma das suas!”. Isso porque alguns consideravam Francisco um jovem voluntarioso, gastador e emocionalmente instável, principalmente em se tratando de assuntos sérios.

- Eu não dizia - repetiam as línguas ferinas - que o filho de Pedro Bernardone não passava de um menino rico e cheio de caprichos?

Tal, porém, não era verdadeiro. Os falsos juízes não perderiam por esperar. Nem ao menos tiveram a delicadeza de respeitar o estado emocional do jovem, estampado em sua fisionomia em virtude de uma noite passada em terrível vigília. Mentalmente ele repetia as lições de sua mãe: “Não julgueis para não serdes julgados. Não julgueis pelas aparências”.

Ainda não era chegada a hora em que sua presença irradiaria luz e consolação, veneração e respeito. Ele apenas tinha tido o primeiro contato com o momento decisivo, em que daria o primeiro passo para o encontro com a realidade da vida espiritual. Mas, aquele fugaz momento de experiência mística, foi suficiente para que sentisse o despertar do amor em toda a sua sublimidade. Ao chegar a casa, a mãe cheia de cuidados, correu ao seu encontro: - Que aconteceu, filho querido? Dize-me, depressa, por que voltaste?

Francisco ficou seu terno olhar sobre a mãe e duas grossas lágrimas escorreram-lhe dos olhos. A mãe o envolveu em seus braços, acariciou-o e sentou-se. Francisco permanecia calado. Estava como que hipnotizado. A mãe ajoelhou-se a seus pés e instava carinhosamente:

- Meu filho, fala! - Não despedaces o coração de tua mãe! Foste maltratado? Expulsaram-te das fileiras de Gualter de Briene? Não te querem como soldado de Frederico II? Graças a Deus está conosco, são e salvo.

- Jesus?... - repetiu Francisco interrompendo as palavras da mãe. E continuou em frases soltas: - “Retorna a Assis e lá te será dito o que terás de fazer... Deverás... entender... de outro modo... o sonho que tiveste...”.

- Sonho? Tiveste um sonho meu filho, e por causa disto está tão mudado? - Conta-me teu sonho. Certamente juntos poderemos interpretá-lo.

Refeito, Francisco passou a explanar, com detalhes, todos os acontecimentos que o fizeram voltar a Assis.

Após ouvir a narrativa ela recordou-se das cenas da infância do adorado filho, e da profecia que fizera para o mesmo: “Ele será um Espírito de Deus!”.

Foi assim que Francisco de Assis realmente começou a sua missão de amor, de humildade.

- Não julgueis, a fim de não serdes julgados; porquanto serão julgados conforme houverdes julgado os outros.

- Com a medida que medirdes sereis medidos.

- Não deis aos cães as coisas santas, nem lanceis aos porcos as vossas pérolas, para que não suceda que as pisem, se voltem contra vós e vos estraçalhem.

Na oração dominical - o Pai Nosso, pedimos a Deus que nos perdoe, como nós perdoamos aos nossos irmãos. Segue-se que, com a indulgência, a tolerância, a brandura com que tratamos os outros, é que seremos tratados.

Comecemos, pois, por lavar o Espírito dos vícios e paixões que o maculam, por purificar os nossos corações; depois, então, quando de tudo limpo nos acharmos, poderemos pensar em censurar as faltas alheias. Desde que, porém, estejamos nessas circunstâncias, limpos de toda culpa, não o faremos, porque teremos sempre presentes as palavras daquele que disse: “O que não tiver erro, atire a primeira pedra”, e que, dirigindo-se à pecadora, acrescentou: “Vai e não erres mais”. João, capítulo 18, vers. 1 e 11.

Não deis aos cães as coisas santas, nem lanceis aos porcos as vossas pérolas. Quer isso dizer: Proceder sempre de acordo com as circunstâncias de ocasião. Sondai o terreno, preparai-o e, se o reconhecerdes fértil, por pouco que seja, semeai com prudência e precaução. Cultivai depois com cuidado a semente. Se, ao contrário, o terreno vos parecer árido e ingrato, guarda silêncio, demonstrando que não quereis falar.

A vossa reserva talvez excite a curiosidade e o desejo de saber. Neste caso, lançai-vos a obrar, consagrando-vos a esses que, tendo-vos a princípio repellido, depois viram. Estendei os braços às ovelhas transviadas e reconduzi-as ao Senhor. O Mestre recompensa generosamente os obreiros vigilantes, solícitos e diligentes.

A ventura de haverdes salvado da incredulidade os vossos irmãos, vos premiará o labor e vos preparará para gozardes das alegrias da eternidade.

O profeta Elias usou a medida da violência, ordenando a decapitação de numerosos sacerdotes de Baal. Reencarnado como João Batista também foi decapitado, por ordem de Herodes.

Os Espíritas sabem, melhor do que ninguém, as consequências funestas de juízos apressados e dos atos errados e maldosos. A lei de causa e efeito, por meio da reencarnação, é inexorável e, através dela, agudos ciclos expiatórios são acarretados àqueles que prevaricam com os seus deveres e julgam o seu próximo de modo injusto.

Pilatos julgou Jesus pelo gabarito de seus interesses políticos, permitindo a condenação de um inocente por temer perder a sua posição de mando.

Herodes julgou João Batista pela escala de seus instintos menos puros, permitindo a decapitação de um profeta, instigado pelos atrativos de Salomé e pelos caprichos de Herodíades.

Judas Iscariotes julgou Jesus pelos seus interesses monetários, traindo-o a troco de trinta moedas de prata.

O julgamento da maioria dos seres humanos é sempre feito de modo unilateral. Os interesses pessoais são sempre situados em primeiro plano. Desta forma, assim como a Justiça Divina caiu pesadamente sobre os Espíritos de Herodes, Pilatos e de Judas Iscariotes, cairá também sobre todos aqueles que não sabem usar um julgamento reto em relação aos seus semelhantes.

Por isso Jesus nos ensinou: “Amai ao vosso próximo como a vós mesmos”, pois todo aquele que chegar a amar o seu próximo como a si mesmo, jamais usará de juízos apressados que possa trazer prejuízos ao seu irmão.

Que a Justiça Divina reine entre nós!

06 - Perdão das Ofensas. - item 14.

As primeiras peregrinações de Jesus Cristo e de seus discípulos, em torno do lago, alcançou grande triunfo. Eram doentes atribulados que agradeciam o alívio buscado ansiosamente; trabalhadores humildes que se enchiam de santas consolações ante as promessas divinas da Boa Nova. Todas estas atividades despertaram a atenção dos judeus, que viam em Jesus um revolucionário. O amor que Jesus pregava, vinha quebrar os preceitos da lei judaica. Os senhores da terra observavam cuidadosamente as conversas dos escravos, que tinham imenso júbilo, provenientes das esperanças num novo reino que ainda não chegavam a compreender. Os mais egoístas viam em Jesus um conspirador vulgar que, desejava levantar a ira popular contra o domínio de Herodes, outros acreditavam ser ele um feiticeiro incomum, que era preciso evitar.

Por isso, a viagem do Mestre a Nazaré foi uma excursão de grandes dificuldades, donde vêm as observações quase amargas que se encontra no Evangelho, com respeito àqueles que O deveriam guardar no santuário do coração. Em Nazaré não foram poucos os adversários de suas ideias renovadoras, neutralizando-Lhe e tentando desmoralizá-Lo em Sua ação, por meio de falsas notícias.

Jesus sentiu de perto a delicadeza da situação, da primeira investida dos inimigos gratuitos de Sua doutrina; mas aproveitou todas as oportunidades para melhores deduções na esfera do ensinamento. O mesmo não aconteceu com os Seus discípulos Felipe e Pedro, que questionaram seriamente alguns senhores da região, trocando palavras ásperas em torno das edificações de Jesus. As gargalhadas irônicas e as apreciações menos dignas, deixavam-nos impulsivos e partiam para defesas apaixonadas.

Muitos viam em Jesus um Espírito do mal, um inimigo de Moisés, um adepto de príncipes desconhecidos. Em Nazaré eram enormes as discussões, o reflexo nocivo se fazia sentir fortemente nos Seus discípulos.

Pedro e André advogavam a causa do Mestre com expressões eficazes e sinceras. Tiago aborrecia-se com a análise dos companheiros. Levi protestava, desejando debates públicos, desejoso de mostrar a superioridade do ensino do Mestre em confronto com os velhos textos.

Jesus, na Sua meiguice, compreendeu os acontecimentos e, calmamente, ordenou a retirada, afastando-Se da cidade com tranquilo sorriso.

Apesar da determinação e do regresso a Cafarnaum, a maioria dos apóstolos prosseguiu em discussão, estranhando que o Mestre nada fizesse, reagindo contra as envenenadas insinuações a Seu respeito.

Depois de alguns dias, Pedro e Felipe, procuram avistar-se com o Mestre, ansiosos pela claridade dos Seus ensinamentos.

- Mestre, chamaram-Vos servo de Satanás e reagimos prontamente! - dizia Pedro, com sinceridade ingênua.

- Observávamos que por Vós mesmo nunca oporíeis a contradita - disse Felipe, certo de que havia prestado excelente serviço ao Mestre bem amado, e por isso revidamos aos ataques com a maior força de nossas expressões.

Apesar de toda ênfase daquelas afirmativas, Jesus meditava com doce placidez no olhar profundo, enquanto os discípulos O contemplavam, ansiando pela Sua palavra de franqueza e amor.

Então o Mestre interrogou:

- Acaso poderemos colher uvas nos espinheiros? De modo algum me empenharia em Nazaré numa contradita com os opositores. Contudo, procurei ensinar que, a melhor réplica é sempre o nosso trabalho, o esforço útil que nos seja possível. De que serviriam as longas discussões públicas, inçadas de insultos e zombarias? Ao término de tudo, a possibilidade para triunfo do amor seria bem menor, e teria mais motivo para a separatividade e odiosas dissensões. Só podemos dizer aquilo que o coração pode testificar mediante atos sinceros, porque, de outra forma, as afirmações são simples ruído sonoro de uma caixa vazia.

- Mestre - atalhou Felipe, quase com mágoa, a verdade é que a maioria, daqueles que compareceram às pregações de Nazaré, falava mal de Vós!

- Mas não será vaidade exigirmos que toda gente faça de nossa personalidade elevado conceito? - interrogou Jesus com energia e serenidade. Nas ilusões que as criaturas da Terra inventaram para

a sua própria vida física, nem sempre constituiu bom atestado da nossa conduta o falarem todos bem de nós, distintamente. Agradar a todos, é marchar pelo caminho largo, onde estão as mentiras da convenção. Servir a Deus é tarefa que deve estar acima de tudo e, por vezes, nesse serviço divino, é natural que desagrademos os mesquinhos interesses humanos. Felipe, tu sabes de algum emissário de Deus que fosse bem apreciado no seu tempo? Todos os portadores da verdade do céu são incompreendidos de seus contemporâneos. Antes de considerar que o conceito justo é respeitável, necessitamos obter a aprovação legítima da consciência dentro da nossa lealdade para com Deus.

- Mestre - perguntou Pedro, nos acontecimentos mais fortes da vida física, não deveremos, então, utilizar as palavras enérgicas e justas?

- Em toda circunstância, convém naturalmente que se diga o necessário, porém, é também imprescindível que não se perca o tempo.

Perguntou Felipe:

- Senhor, vossos esclarecimentos são indiscutíveis; entretanto, preciso acrescentar que alguns dos companheiros se revelaram insuportáveis nessa viagem a Nazaré: uns me acusaram de brigão e desordeiro; outros, de péssimo entendedor de vossos ensinamentos. Se os próprios irmãos da comunidade apresentam essas falhas, como há de ser o futuro do Evangelho?

O Mestre refletiu um momento e recrutou:

- Estas são perguntas que cada discípulo deve fazer a si mesmo. Mas, com respeito à comunidade, Felipe, pelo que me compete esclarecer, cumpre-me perguntar-te se já edificaste o reino de Deus no íntimo do Espírito?

- É verdade que ainda não - respondeu o discípulo.

- De dentro dessa realidade, podes observar que se o nosso colégio fosse constituído de irmãos perfeitos, teria deixado de ser irrepreensível pela adesão de um amigo que ainda não houvesse conquistado a divina edificação.

Ambos compreenderam e se puseram a meditar, enquanto o Cristo continuava:

- O que é indispensável é nunca perdermos de vista o nosso próprio trabalho, sabendo perdoar com verdadeira espontaneidade de coração. Se nos labores da vida, um companheiro nos parece insuportável, é possível que também algumas vezes sejamos considerados assim. Temos que perdoar os adversários, trabalhar pelo bem dos nossos adversários e auxiliar os que zombam da nossa fé.

Então, Pedro perguntou:

- Mas, para perdoar, não devemos aguardar que o adversário se arrependa? E que fazer, na hipótese de o adversário assumir a atitude dos lobos sob a pele da ovelha?

- Pedro, o perdão não exclui a necessidade da vigilância, como o amor não prescinde da verdade. A paz é um patrimônio que cada coração está obrigado a defender, para bem trabalhar no serviço divino que lhe foi confiado. Se o nosso irmão se arrepende e procura o nosso auxílio fraterno, amparemo-lo com as energias que possamos despender; mas, em nenhuma circunstância cogites de saber se teu irmão está arrependido. Esquece o erro e o mal e trabalha pelo certo e o bem. Quando ensinei que cada ser humano deve conciliar-se depressa com o adversário, busquei salientar que ninguém pode ir a Deus com um sentimento de odiosidade no coração. Não pode saber se o nosso adversário está disposto à reconciliação; todavia, podemos garantir que nada se fará sem a nossa boa vontade e pleno esquecimento dos males recebidos. Se o irmão infeliz se arrepender, estejamos sempre dispostos a ampará-lo e, a todo o momento, precisamos e devemos esquecer o erro e o mal.

Foi quando Pedro fez a sua célebre pergunta:

- Senhor, a quantas vezes errará meu irmão contra mim, que lhe hei de perdoar? Será até sete vezes?

Jesus respondeu-lhe, calmamente:

- Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete vezes.

Daí por diante, o Mestre aproveitou as menores oportunidades para ensinar a necessidade do perdão recíproco, entre os seres humanos, na obra sublime da redenção.

Acusado de feiticeiro, de servo do Adversário e de conspirador, Jesus demonstrou, em todas as ocasiões, o máximo de boa vontade para com os Espíritos mais rasteiros de seu tempo. Sem des-

prezar a boa palavra, no instante oportuno, trabalhou a todas as horas pela vitória do amor, com o mais alto idealismo construtivo. E no dia inesquecível do Calvário, em frente aos seus perseguidores e verdugos, revelando aos seres humanos ser indispensável a imediata conciliação entre o Espírito e a harmonia da vida física, foram estas as últimas palavras:

- “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem!...”.

E agora Pai, eu vos imploro, ajuda-nos a entender os seus ensinamentos!

(Boa Nova - FCX)

07 - O Perdão. - item 15.

— Psicografia do apóstolo Paulo - Lion 1861. —

Tomé era dado, de um momento para o outro, a certas dúvidas, o que castigava o seu caráter e não deixava de lhe trazer certos aborrecimentos.

Admirava dois profetas: Elias e Eliseu. Os feitos extraordinários desses dois homens de Deus transtornavam o seu fácil raciocínio. Não encontrava meios de negar os feitos desses profetas, porque além de serem evidentes na história, eram contados pelos sacerdotes em suas mais elevadas pregações, ao mostrarem o poder de Deus diante dos seres humanos. Tomé relutava, pensativo, mas acabava aceitando a realidade.

Eliseu foi discípulo de Elias e sabemos que o profeta Elias foi João Batista, o precursor de Jesus, o que veio preparar os seres humanos para a chegada do Divino mestre.

Elias chamou Eliseu para acompanhá-lo nas terras, às margens do rio Jordão e entregou-lhe a capa e isto bastou para que ele entendesse a intenção de Elias - torná-lo discípulo.

Eliseu viu seu mestre em Espírito subir radiante ao Céu... Com semanas da ausência do seu guia, já carregava o manto herdado, como a maior preciosidade de sua vida e com ele realizou inúmeros fenômenos.

As curas de Elias e Eliseu eram incontáveis, e o povo os reconhecia como missionários da verdade. E Tomé, às margens do Jordão, não se esquecia daqueles dois homens.

Tomé foi acometido de uma febre muito violenta, quando fora picado por um mosquito. O veneno agitou sua vida física, no entanto foi de grande utilidade. Em pleno delírio, ele fala com Eliseu, chora, sorri, canta e conversa alto, assustando os seus familiares. Eliseu falava a Tomé de mente a mente, aproveitando a sensibilidade aguçada que a enfermidade despertara.

Eis a mensagem registrada:

- Tomé, passaram-se anos e mais anos e nós também passamos pela Terra, porém ficou aquilo que fizemos. O bem nunca é destruído. Agarraste-te aos nossos feitos e simpatizaste com a nossa conduta, procurando, talvez, a resposta para tuas indagações mais íntimas. O que temos a dizer, para as tuas indagações, é que ninguém morre. Continuamos na mesma sequência de trabalhos de fazer conhecida a verdade, o respeito ao Todo Poderoso e a amizade entre as criaturas. Seria bom ouvires igualmente a palavra de Elias. No entanto, força maior impede que ouças. Eu falarei por nós dois, para conscientizar-te sobre o que deves fazer na hora exata do teu trabalho maior na Terra.

Tomé ouvia nitidamente o profeta, com os olhos arregalados, mesmo ardendo em febre.

- Meu filho! A tua vinda ao mundo está marcada por uma missão de grande importância, junto à Luz que já se encontra no caminho que vais percorrer. Nós te pedimos confiança absoluta no que abraçaste antes de entrares na carne. Amaina a tua dúvida acerca de muitos fatos e serve de coração para o chamado de Deus.

Os prodígios que realizamos no mundo fazem com que você procure as causas no Céu. E te digo, que diante daquele a quem vais servir como discípulo, tais milagres não são nada. Conhecerás o messias pelos Seus feitos incomparáveis. Ao ouvires a Sua voz de pastor, sentirás a verdade no coração e acompanhá-Lo-ás em toda a Sua jornada pelo planeta. Sabemos que a sua estrutura espiritual mostra algumas fraquezas, referentes a dificuldade de perdoar. Contudo, se persistires na amplidão d'Aquele que há de te chamar para Seu rebanho, o tempo, juntamente com o teu esforço, preparar-te-á para que a confiança se alie com a tua razão, e o esquecimento de todas as ofensas não tardará a sair dos teus lábios, partindo do centro da tua consciência. Nós estamos te seguindo no plano espiritual e vamos trabalhar juntos, pelo comando d'Aquele que haveria de vir e que já Se encontra no Seu posto de partida, para a disseminação das verdades e para a vivência dos preceitos por Ele anunciados. Somos multidões de Espíritos às Suas ordens. Pensaste muito em ter um manto como o de Elias e Eliseu. O teu terá de ser tecido por ti mesmo, com as linhas da virtude. Esse será sempre teu e com ele te agasalhará de todos os problemas que encontrares nos labores de cada dia. Compete a ti mesmo dar início a feitura da tua capa espiritual. Como queres saber, Tomé, na verdade, o manto que herdei de Elias, o grande profeta do passado, era roubado muitas vezes, por mãos inescrupulosas. Todavia, voltava para mim sem que eu fizesse força para tal. Mãos invisíveis o traziam de onde estivesse e o colocavam nos meus ombros.

Somente eu o possuía na grandeza do seu dono verdadeiro, que era Elias. Existia no manto uma poderosa força concentrada que, juntando-se a minha, acionava outra maior, obedecendo a minha mente. Eis porque, ao tocar esse manto, muitos se curavam dos seus males físicos.

Tomé, mesmo em delírio, sente uma mão passar em sua cabeça e um vigor penetrar no Espírito. As últimas palavras ressoavam em sua acústica mental:

- Que Deus te abençoe Tomé! Levanta-te e cuida da tua vida, sem nunca esqueceres de que deves ser chamado pelo Cristo e obedecer ao Seu comando. Adeus...

Tomé estremece... Olha para todos os presentes, chama um, chama outro. Volta a si e começa a melhorar. Pede alimento. Bebe água. É forçado a aceitar um xarope das mãos de seus companheiros e começa a se lembrar, se assim podemos dizer, do sonho que a enfermidade lhe proporcionara, com os que o circundavam a cama, afirmando terem ouvido ele repetir os nomes de Elias e Eliseu. Com poucas horas, já estava completamente curado da febre, disposto para o trabalho, lembrando-se das palavras do profeta bíblico.

Tomé adentra o casarão da Igreja dos Pescadores em companhia de Judas Iscariotes e os dois homens tomam assento em lugar próximo ao Mestre. Por simples gesto do Nazareno, Judas levanta-se e ora com emoção. Tomé, aproveitando a sequência da prece, encara Jesus, recebendo em troca um sorriso de aprovação, e fala, com humildade:

- Mestre! O que podes me dizer acerca do perdão? Qual o benefício que ele trás para nós e para os outros?

Acomoda-te em seu lugar, ao lado de Judas. O comandante em Chefe das forças espirituais da Terra inicia a sua resposta:

- Meu filho, tu tocaste em uma sensibilidade da lei. Tocaste em um assunto que, por natureza, é divino, e, por necessidade, se faz humano. Tu tocaste, Tomé, em um ponto chave com a qual abrirás muitas portas, para que possas entender os segredos da felicidade: graças te damos por esse interesse em conhecer o perdão e suas profícuas ações de Espírito para Espírito. O perdão, quando é desconhecido pelos seres humanos, começa a dar sinal pelos lábios. Depois, com o tempo, suas raízes espirituais vão se aprofundando e estimulando o coração. O perdão verdadeiro, meu filho, é aquele que esquece os erros cometidos contra si. O mais verdadeiro ainda é aquele que não existe, porque somente podes perdoar se fores ofendido. Quando chegares ao tempo de não te ofenderes, para que o perdão? Mas é bom que comeces do início, para que tu sintas o seu mais lindo benefício no correr do tempo, pelas avenidas do espaço, encontrando os meios e a alegria de perdoar, sem provocar ofensas, somente para ter o prazer de esquecê-las. É necessário muito cuidado na prática dos preceitos que nós trazemos a todos. Aonde o fanatismo chega, a verdade não é vista. É indispensável que o bom senso seja uma defesa constante, uma vigilância permanente. O perdão desentulha todos os miasmas de que, a mente, porventura se tenha feito portadora. O perdão irriga todos os canais do sistema nervoso que a invigilância se esquecer de cuidar. O perdão dá vida ao coração porque purifica o sangue em toda a sua extensão. O perdão acelera o entusiasmo de viver e é forte motivo para a alegria perfeita. Se não experimentaste essa virtude, faça-a visível na tua vida. Se já, procura melhorá-la.

Tomé e Judas ficam inquietos, analisando o modo mais fácil de perdoar, pois as dificuldades apareciam na mente, como barreiras intransponíveis. E Jesus, observando isso, continua:

- Meus filhos! O perdão tem um alcance imensurável. Ele beneficia a quem perdoa, mas trás ensinamentos secretos a quem ofende, mostrando ao ofensor o valor da tolerância e o tesouro da harmonia. A pessoa violenta seja por natureza ou por perturbações espirituais, diante do perdão, sentirá o clima benfazejo. Com a sequência do esquecimento das ofensas, vai compreendendo o valor do perdão e passa a envergonhar-se de si mesma, procurando modificar as suas atitudes. Começa a fazer o certo e o bem e a mostrar o que faz aos outros. É a consciência empenhada em desculpar-se do que os instintos inferiores inspiram. E é nesse drama de cada dia que o Espírito vai se ajustando aos serviços da fraternidade.

A caridade é a sua fuga e ela vai lhe ensinar o valor da gratidão e as bênçãos do amor. O perdão, em silêncio, é força irresistível. Transforma todo e qualquer caráter que esqueceu a grandeza da amizade, alterando gradativamente os caminhos em que a tolerância se faz presente e alimentando os esquecimentos de todas as ofensas. Aquele que não consegue perdoar, Tomé, se compara ao lenho seco em que o fogo se apoderou sem ser visto pelo lenhador. E quem já encontrou a

fórmula do esquecimento das ofensas, sabe que essas chamas da maledicência se apagarão com a água do perdão. Quem não perdoa, divorcia-se da alegria, distancia-se da tranquilidade e se separa da harmonia espiritual, porque o coração, nesse pulsar, não tem condições de amar nem a Deus e nem ao próximo, abeirando-se da infelicidade. Portanto, Tomé, começa hoje o teu trabalho pela tua paz e não percas tempo, porque o tempo é ouro divino em nossas mãos. Não preciso falar muita coisa para o teu coração, já que existem milhares de vozes com recursos especiais para me ajudar a fazer-te compreender os deveres assumidos diante de Deus.

Tomé pensa, pensa, põe a mão no ombro de Judas e sai, em busca do repouso.

Ao sairmos daqui, buscando o repouso dos nossos lares, meditemos sobre o perdão, pensando no dia em que ele não precisará mais existir, porque não haverá ofensores e nem ofendidos.

Que o perdão do Mestre Jesus prolifere em todos nós!

(Ave Luz)

08 - A Indulgência. - item 16.

Uma das mais notáveis referências sobre a indulgência, e que se oferece à análise de qualquer pessoa interessada, é o momento em que o Amigo Divino se serve da curiosidade natural de Pedro, quando este lhe indaga sobre quantas vezes se deveria perdoar ao irmão que, invigilante, se colocasse em situação de errar contra o outro.

Era hábito dos judeus, possivelmente em conformidade com os estatutos estabelecidos por Moisés, que se deveria perdoar ao pecador em até três vezes pelo erro cometido, daí o questionamento do apóstolo Pedro, que acreditava estar bem interpretando a essência dos ensinamentos do Mestre, se dilatasse a quantidade de possibilidades de se esquecer até sete vezes, porque aí estaria bem evidenciada a indulgência e tolerância para com o infrator.

Desconsiderando semelhante evidência de compadecimento trazida por Pedro, para com os desvios de terceiros, o Senhor replica, gravando em todas as consciências que o ouviam, ou tomariam posterior conhecimento dessa passagem, que o ato de perdoar não se poderia cingir à superficialidade dos preceitos sociais, criados para mostrar um comportamento condicionado, ao invés de patrocinar o sentimento profundo, sublimado, do esquecimento fraterno: - “Eu não vos digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete”.

Pessoas ilustres e muitas outras mentes privilegiadas, que revelam textos, fizeram interpretações da passagem narrada no Evangelho. Também na Doutrina Espírita, no Evangelho Segundo o Espiritismo, somos auxiliados no entendimento da referência do Querido Amigo, através das palavras de Allan Kardec e dos Amigos Espirituais: No capítulo X, a partir do item 16, o qual estamos comentando hoje, há três mensagens assinadas e três perguntas do Codificador, que obtém respostas do Espírito Luiz. E na literatura Espírita ainda há muitas mensagens sobre a indulgência, que são para nosso maior esclarecimento.

“A verdadeira indulgência, consiste no integral esquecimento de tudo quanto nos tenham feito de errado”.

Todo esse amparo espiritual que o Mestre Jesus nos legou, é para favorecer-nos na manietação dos impulsos infelizes na verbalização, ou tomada de ação revanchista, quando nos sentimos atingidos por qualquer agressão.

É interessante observarmos as situações em que, normalmente, nos colocamos no capítulo da indulgência. Em geral reclamamos misericórdia para os nossos erros, assumindo nossa culpa e esperando a indulgência divina. Porém não hesitamos em reassumir a condição de devedor incompassivo; “que é como aquele que obteve o perdão do rei pela sua dívida pecuniária e que à porta do soberano, pula sobre o pescoço do infeliz devedor seu, e o ameaça de prisão por causa de valor muitas vezes inferior à própria dívida, da qual obtivera perdão”.

A indulgência, mais tarde nos lábios do Divino mestre, é uma grande lição, quando Ele nos ensina a orar o Pai Nosso e introduz: - “Perdoai as nossas ofensas”, - para que nós nos inclinássemos a acreditar indistintamente que podemos receber a alforria divina quando completa a frase - “assim como nós perdamos aqueles que nos ofendem”.

A verdadeira indulgência nós acreditamos que, consiste no esquecimento de tudo de errado que tenham feito a nós, não importando sequer a análise da motivação dos provocadores do desconforto.

Podemos enquadrar alguns comportamentos por indulgência:

- total esquecimento dos erros contra nós cometidos,
- a ausência de comentários sobre quaisquer situações infelizes que dificilmente se alterarão, a despeito de nossas referências,
- a orientação segura e, sobretudo, alicerçada nas Luzes do Evangelho, para aqueles infelizes que já possam ser sensibilizados para reformarem seus impulsos inferiores.

Então observamos que a indulgência pode e deve ser aplicada em qualquer lugar e, a todo o momento, não apenas em casos específicos de agressões verbais ou sugestões maliciosas. Pode-se ser indulgente com o descaso em quaisquer repartições públicas, no comércio, no trabalho, no lar, no trânsito, no templo religioso, com os vizinhos e em outras tantas situações.

Na advertência do Mestre Jesus para que não odiássemos aos nossos adversários, estava embutida a preocupação para que evitássemos o envenenamento próprio, pelo lançamento desordenado

e intempestivo de adrenalina na corrente sanguínea, pois o uso habitual da indulgência acaba sendo um tratamento profilático daquele mal, gerado por nós contra nós mesmos, quando nos entregamos a sentimentos sórdidos e mesquinhos, sempre patrocinados pela ignorância, raiva ou ódio, numa palavra: pelo egoísmo!

Embora presente a sublime advertência do Amigo de sempre, inúmeros irmãos de jornada deixam de se beneficiar, entregando-se ao desequilíbrio, porque acreditam que comentar as deficiências reais de qualquer indivíduo é como se não estivéssemos falando errado e maldosamente... Sim, nesse momento, doa a quem doer, a verdade há que ser dita!

E se a situação fosse inversa? Certamente se diria: O uso indiscriminado da verdade é descarido-so!

Toda a verdade pode ser dita, porém com amor, como sempre fez o Divino Mestre. Aí estaremos aprendendo a sermos indulgentes com o nosso próximo e com nós mesmos.

Retirava-se Jesus do lar de Jeroboão, filho de Acaz, em Corazim, para atender a um pedido de socorro em casa próxima, quando quatro velhos publicanos, apareceram de chofre, buscando-Lho o verbo reconfortante.

Impedido de dar o atendimento imediato que Lhe requisitavam aqueles espíritos pressurosos, Ele os confia a Simão Pedro, mais pedindo que mandando:

- “Pedro, nossos irmãos chegam à procura de renovação e de afeto... Rogo que tu sejas, junto deles, o portador do Bem Eterno!... Ampara-os com a verdade, prossigamos em nossa tarefa de amor!...”.

Pedro ouviu o amável pedido. Chamou-os pelo nome, pois conhecia a todos. Eliúde, o mais velho do grupo, sintetizou o motivo da visita: Tendo ouvido notícias sobre o Messias e a Nova revelação e, ansiosos por saber sobre o reino de Deus, solicitavam bênçãos e esclarecimentos para nortearem seus comportamentos a partir de então.

Pedro não se fez de rogado, mas ao invés de atender à medida da solicitação dos recém chegados, inicia um duro e violento discurso, enumerando-lhes suas deficiências morais, uma a uma.

Os homens ficam apavorados, se encolhem, pois realmente se viam no quadro sombrio que Pedro lhes colocara. E encerrando a reunião, Pedro, indignado, vocifera:

- Súcia de ladrões, bando de malfeitores!... O reino de Deus não é para vós!...

Nesse justo momento, Jesus reentrou na sala, acompanhado de alguns amigos, e, entendendo o que se passava, contemplou, enternecidamente, aos quatro publicanos arrasados de lágrimas, ao mesmo tempo em que se abeirou do pescador amigo indagando:

- Pedro, que fizeste?...

Simão Pedro, desapontado à frente daqueles olhos cuja linguagem muda tão bem conhecia, tentou justificar-se:

- Senhor, tu disseste que eu deveria amparar estes homens com a verdade...

- Sim, eu falei amparar, nunca te recomendaria aniquilar ninguém com ela...

E Pedro questiona Jesus, se era necessário tanto carinho para com os errados, como estender auxílios aos corretos? Se os seres humanos errados mereciam tanto amor, o que lhes competia fazer a benefício dos seres humanos corretos?

O Cristo escutou as observações em silêncio e, quando o aprendiz calou as derradeiras exclamações, respondeu numa frase breve:

- Pedro, eu não vim à Terra para curar os sãos.

Teria ou não sido, essa uma prova cabal da indulgência que nos cumpre observar? Não será necessária prolongada reflexão para que localizemos a resposta exata.

Após estudarmos juntos, tentando compreender o ensinamento do mestre dos Mestres, vamos procurar a cada dia mais, entender a indulgência, sendo indulgentes com nós mesmos e, principalmente, com o nosso próximo, seja ele amigo ou adversário.

Jesus é o Divino Amigo, o Amigo de Sempre, e sempre disposto a nos iluminar na indulgência.

Estudemos o Seu Evangelho, observemos este Seu exemplo e conseguiremos aprender a sermos indulgentes, com muito amor.

Que possamos merecer a indulgência do Mestre Jesus!

(O Reformador - 01/95)

09 - A Indulgência. - item 17.

A luz da alegria deve ser o facho continuamente aceso na atmosfera das nossas experiências. Circunstâncias diversas e, principalmente, as de indisciplina, podem alterar o clima de paz em redor de nós e, dentre elas, se destaca a palavra impensada, como forja de incompreensão, a instalar entrechoques.

Daí o nosso dever básico de vigiar a nós mesmos na conversação, ampliando os recursos de entendimento nos ouvidos alheios.

Sejamos indulgentes!

Quando erramos, roguemos perdão!

Se outros erraram, perdoemos!

O erro que desejarmos para alguém, hoje, suscitará o erro para nós, amanhã.

A mágoa não tem razão justa e, o perdão, anula os problemas, diminuindo complicações e perdas de tempo.

É assim que a espontaneidade no certo e no bem estabelece a caridade real.

Quem não reconhece as próprias imperfeições demonstra incoerência. Quem perdoa desconhece o remorso.

Ódio é fogo invisível na consciência.

O erro, por isso, não pede aversão, mas... entendimento.

O erro nosso requer a bondade alheia; erro de outrem reclama a clemência nossa.

A humanidade dispensa quem a censure, mas necessita de quem a estime.

E ante o erro, debalde se multiplicam justificativas e razões. Antes de tudo, é preciso refazer, porque o retorno à tarefa é a consequência inevitável de toda fuga ao dever. Quanto mais conhecemos a nós mesmos, mais amplo em nós será o imperativo de perdoar.

Aprendamos com o Evangelho, a fonte inexaurível da verdade.

Nós, amostra da grande prole de Deus, carecemos de amparo de todos e, todos solicitam-Lhe amparo.

É inevitável o nosso encontro, e convivência, com os defeitos de outrem.

Estamos num mundo de transição, onde todos somos alunos portadores de múltiplas deficiências espirituais, que no cotidiano transparecem no nosso modo de agir, de pensar, de aspirar, de externar-nos.

A indulgência nos recomenda que, ao tomarmos conhecimento das falhas alheias, devemos evitar propagá-las, mesmo com piedosa intenção. Do silêncio amoroso com que recobrimos os erros de nosso companheiro de caminhada, nascerá a oportunidade dos acertos.

Devemos comentar o certo e o bem; difundir o certo e o bem.

Se, por circunstâncias independentes de nossa vontade, conhecermos os atos errados de nossos irmãos de humanidade, deveremos compreender, nessa ocorrência, que estamos sendo convocados à prestar-lhe assistência, abrir-lhe as vias de recomposição íntima.

Frente a essas oportunidades de serviço espiritual, no entanto, deveremos evitar atitudes comuns, que sempre desajustam:

- as observações chocantes ou violentas,
- os ímpetos de censuras e ironias,
- a franqueza depressiva,
- os conselhos ostensivos...

A melhor medicação aos que erraram são os conselhos velados, quase despercebidos; o apoio que se oferece, ao que caiu em erro, é como a mão que se estende para salvar-nos dos abismos das dores; a companhia que não se nega sob a alegação de não se contaminar com o erro; a não subestimação da capacidade de recuperação daquele que tombou; o perdão incondicional; não invalidar antecipadamente as iniciativas de quem errou, deixando a ele as experiências indispensáveis do recomeço e da autocorreção.

Devemos sustentar os fortes induzindo-os à perseverança.

Devemos fortalecer os fracos, falando-lhes da bondade Divina.

Permitamos que o nosso coração, purificando-se com a prece e estreitando-se com o plano maior da espiritualidade, nos sugira a conduta ajustada que devemos sustentar, frente aos que tenham

errado contra os outros ou contra nós mesmos. A orientação que haurirmos no silêncio de nossas reflexões, depois de mensurada com os princípios do Cristianismo Redivivo, deverá ser posta em prática, a fim de que a caridade não seja uma aspiração vã do Espírito.

Indulgência não é sinônimo de indiferença. Ela é o oposto da prepotência; da tirania. Ela não se impõe, ela ama entendendo.

Junto com o perdão, esqueçamos todos os erros. E ao errado, cabe-nos ofertar o clima de caridade cristã, que faz a cura do erro, sem sacrificar o irmão errado.

Em nosso caminho humano, o passado é uma corrente que retorna com o mesmo impulso com que foi gerada. Às vezes, quando menos esperamos, o destino avança aos saltos, como o lençol d'água sobre ribanceiras e pedregulhos.

Ai de nós se não fosse o Evangelho do Senhor, que disciplina as nossas emoções e sentimentos. A lição de Jesus é um poder moderador sobre a coroa de nossa soberania individual. Cobranças do passado voltam com o tempo à nossa paisagem de ação, mas, se o nosso pensamento já está sendo mudado pelos exemplos e ensinamentos do Mestre Jesus, o ódio e a incompreensão não encontram guarida no Espírito e, assim, as ondas perturbadoras se desfazem de encontro ao cais bem construído.

Plantemos flores onde reponem ameaçadores espinheiros agrestes.

Lancemos a mensagem do certo e do bem onde o erro e o mal procura envolver situações, criaturas e coisas em seu manto repelente de aflição, desentendimento e amargor.

Estendamos os recursos da amizade leal onde a discórdia tenta estabelecer o escuro domínio que lhe é própria.

Auxiliemos onde a leviandade dos outros desajuda.

Façamos da solidariedade a bandeira de nossa ação permanente, para diante, dentro da nossa sede de progresso, porque, em verdade, somente a compreensão, a tolerância e a fraternidade, com o perdão e o amor por normas inalteráveis de serviço, conseguem amparar, soerguer, lenir, salvar.

Apiedemo-nos de todos que ainda não podem comungar conosco nas sinceras intenções de servir.

Pela ressurreição, a cruz é suave martírio. Pela paz sublime do desencarne, as angústias da existência carnal são esquecidas. Pela restituição da saúde as chagas inspiram respeito. Pelas flores, os espinhos, ainda que pontiagudos, são tolerados.

Há problemas e posições que não se modificam quando não sabemos ceder. Aprendamos com Jesus Cristo, que se confiou ao madeiro do extremo sacrifício como quem tudo perdia, para finalmente tudo possuir na senda dos séculos. Em Jesus Cristo, Nosso mestre e Senhor, temos a diretriz, o conselho e o ensinamento.

Enquanto o passado devolve ao presente o seu velho conteúdo de preocupação e dores, desenvolvamos o nosso potencial de energia para fazer o certo e o bem.

Desculpemos eternamente.

Tudo na vida física se reveste da importância no aprimoramento comum. Dura é a pedra e áspera se mostra a longa extensão de areia, entretanto fazem o leito das águas, para que os rios não se percam.

Obscura é a noite, mas sem ela as criaturas encarnadas desconheciam as Estrelas.

Desditosa e feia é a lagarta, contudo é a tecelã de seda nobre que honrará os ideais de beleza.

Asfixiante é a dor, mas, sem o sofrimento, jamais seríamos advertidos da verdade.

Cada vez que a mágoa e a ofensa nos baterem à porta do coração, desculpemo-las tantas vezes quantas se fizerem necessárias.

É pelo esquecimento de nossos erros que o Senhor se impõe sobre nós, porque só a bondade torna a vida realmente grande e em condições de ser divinamente vitoriosa, sentida com sinceridade e amplamente vivida.

Busquemos agir no certo e no bem, que as esperanças e a energia crescem cada vez mais, no espaço e no tempo, indicando-nos o sublime futuro que nos cabe atingir.

Mestre Jesus Cristo, esperamos que a Sua indulgência sobre nós se abata!

(Vida e Mensagem - Meimei)/(Jesus e Kardec)/(Ideal Espírita)

10 - A Indulgência. - item 18.

“Tende cuidado convosco: Se contra ti errou o teu irmão, repreende-o. Se se arrepender, perdoá-lhe. Se contra ti ele errar sete vezes no dia e sete vezes no dia te procurar para dizer: - Eu me arrependo - perdoá-lhe”. Lucas, capítulo XVIII, vers. 3.

Quer isso dizer: Se tivermos que fazer a um irmão uma censura qualquer, procuremos fazê-la com palavras brandas, persuasivas, a fim de que ele se corrija. Se nos ofendeu, perdoamos-lhe com sinceridade a ofensa recebida, ocultando-a dos estranhos, para que o irmão não fique vexado, e seremos perdoados do mesmo modo com que perdoamos.

Procuremos não guardar prevenção contra nossos irmãos. Procuremos não ceder ao rancor, para que, aquele que nos ofender, recalque no seu coração o arrependimento sincero.

Nós sabemos, conforme disse Nosso Senhor Jesus Cristo, que seremos julgados conforme julgamos, por isso não há razão nenhuma para não perdoarmos ao nosso irmão, para não sermos indulgentes com o nosso próximo. E também devemos lembrar que, amiúde, não sete vezes no dia, mas setenta vezes sete, dirigimos ofensas a Deus, Nosso pai Divino, transgredindo as Suas leis.

Usemos para com os nossos irmãos, a indulgência da qual tanta necessidade nós temos, e digamos sinceros ao Senhor: “Perdoa as minhas ofensas, como perdoas a dos meus irmãos”.

Indulgência é a qualidade de ser indulgente, tolerante e clemente, benevolente e perdoador.

Deus, na Sua indulgência para com a humanidade, enviou Seu filho Jesus Cristo, para nos mostrar o caminho, a verdade e a vida.

Jesus esteve entre nós, ensinando a lei do amor, a humildade, a indulgência, a tolerância.

Jesus Cristo nos mostrou a vida verdadeira, a única vida, a vida do Espírito. Ensinou-nos, que todos somos irmãos e que um dia seremos um só rebanho espiritual.

Jesus nos falou das muitas moradas na casa do Pai, mostrando que Deus, na Sua indulgência, nos dá a oportunidade de vivermos várias vezes, para irmos aprendendo de acordo com a nossa vontade e de acordo com o nosso livre arbítrio. Na Sua sabedoria nos deu a reencarnação, com a Sua grande indulgência, unida aos ensinamentos de Jesus, pode o ser humano chegar mais rápido ao seu destino, que é a perfeição, com Deus e Jesus.

A reencarnação é a mais excelente demonstração da Justiça Divina em relação aos infratores das leis, na trajetória humana, facultando a oportunidade de ressarcir numa vida física os erros cometidos em outras.

Na reencarnação há evolução, é impositivo da Lei de Deus. Nessa Lei não existe o repouso, a inércia. Há por toda parte, e sempre, o impositivo da evolução, o imperativo do progresso.

Na reencarnação, mediante processo racional, vai se depurando o Espírito, e este, vai se aperfeiçoando nos milênios contínuos da evolução. Ela sublima e supera, registrando como bênçãos no profundo do Espírito as experiências de libertação do imediatismo e da extravagância.

No roteiro da vida nunca se depara com o mesmo recurso, nas mesmas condições. Nunca pisará duas vezes as águas do mesmo rio. Embora possa retornar ao local de véspera, as águas que fluem não são as mesmas.

A oportunidade da reencarnação é preciosa dádiva. Transforma a dor em canto de júbilo. Cada etapa vencida é vitória conquistada, a marcar os triunfos sobre as próprias lutas, incessantemente, até conquistar a paz em plenitude.

A reencarnação ficaria destituída de valor, se não burilasse os Espíritos quando do retorno iluminativo.

O pavio que não arde, conserva-se, todavia não espalha luz.

A lâmina que não se consome no uso, não vai além de ornamento, apesar da economia das utilidades.

Nasce e renasce o Espírito em diversos círculos, para conquistar e reconquistar afetos, alargando os horizontes da fraternidade entre todas as criaturas, e assim o Reino de Deus será de toda a humanidade.

Anotou o Codificador do Espiritismo: “A reencarnação, aliás, precisa ter um fim útil”.

Através das lutas diárias, neste estado transitório da encarnação, galgando obstáculos e superando dificuldades, a oportunidade da organização carnal constitui a ponte que leva ao planalto da

vida melhor, sem sombra, sem dor, sem desespero, fazendo vencedor das paixões e da morte física, verdadeiramente Espíritos felizes.

Quando encarnado não se deve recolher à situação deprimente dos fatos ou das oportunidades, porque, enquanto se contabiliza desditas, esquece-se a claridade estelar espargindo luminosidade, seja durante o dia, seja na escuridão da noite.

Tudo são lições. O desgosto de agora, transformar-se-á em proveitosa experiência amanhã.

Caminho percorrido é local identificado. O que hoje parece insucesso, logo mais se converterá em dadivosa vitória.

A poda renova a planta. O filtro depura a água. O fogo retempera os metais. A luta dignifica o ser humano. A dificuldade purifica o Espírito.

A reencarnação é um abençoado e valioso ensejo para a sublimação, na longa jornada da imortalidade.

O atrito gasta arestas. O instrumento no uso, se gasta. A atividade gasta energia.

A reencarnação gasta as dívidas de várias vidas físicas, pela aplicação da atividade correta e bem orientada que se deve imprimir ao labor da própria purificação.

O amor renova as expressões da coragem. A dor mensura a fragilidade humana. A esperança estimula nos embates renhidos. A tristeza convida a meditação.

A reencarnação é expressiva doação divina para o enobrecimento do Espírito em evolução.

A chuva abençoa com a abundância. O Sol abençoa com luz e calor. A noite abençoa com a oportunidade do repouso.

A reencarnação abençoa a vida com a renovação de propósitos, e do mecanismo de fazer ou deixar de fazer, na elaboração da felicidade intransferível e inalienável de todos nós.

A encarnação é necessária ao duplo progresso, moral e intelectual, do Espírito: Ao progresso intelectual, pela atividade obrigatória do estudo e do trabalho; ao progresso moral, pelo respeito ao irmão de jornada, atendendo a necessidade recíproca de entendimento dos seres humanos entre si.

Se os percalços se acumulam no nosso caminho, levando-nos a exaustão na luta; se a aflição povoava a nossa mente, aniquilando a nossa paz; se os sofrimentos se dilatam, impossibilitando a atividade ordeira; se o cansaço invencível nos prende nas amarras do desânimo; se as inquietações ameaçam a estrutura do equilíbrio quase em colapso; se as dores morais se sucedem incessantes sem oferecer tréguas para a recuperação da paz, agradeçamos assim mesmo. O favor imerecido da reencarnação de agora, coroando-nos com as fortunas do Céu para os resgates na Terra e renovamo-nos, embora sejam duros os golpes da peleja.

Em momento algum devemos nos mergulhar nas blasfêmias ou nas irritabilidades; na impaciência ou na ira, no desespero ou na dilapidação do tempo e das possibilidades do corpo físico e da mente.

Em situação nenhuma nos permitamos à rebeldia ou desânimo na árdua viagem carnal.

Oremos, oremos. Meditemos, meditemos.

Sucedendo a saúde, a enfermidade aflige, mas, após ela, a libertação faculta a plenitude do refazimento e da renovação de paisagens e bendiremos todas as dificuldades que assinalaram a reencarnação benfeitora, quando tudo concluído, chegarmos de volta à vida verdadeira.

Então, Deus, na Sua indulgência, tem o Seu modo de perdoar, com sabedoria, que escapa à nossa apreciação, pelo nosso pequeno estágio evolutivo.

Deus concede ao devedor ou culpado, prazo ilimitado, facultando-lhe meios e possibilidades de resgatar o débito.

O porquê da vida é o amor; e o porquê do amor é Deus. A vida leva ao amor e o amor conduz a Deus. Essa trajetória chama-se evolução. Evolução é renovação. A parte individual que tomamos na renovação é a autoeducação.

Esclarecido, assim, o senso da vida, teremos desvendado o mistério do destino, encontrando, a desejada felicidade.

Que a indulgência de Jesus reine entre nós.

11 - Bem-aventurados os Misericordiosos. - itens 19, 20 e 21.

Ninguém nesta vida física é perfeito, pois aqui viemos na condição de aprendizes. A carne é veículo transitório e abençoado instrumento para o Espírito aprender, na academia terrestre, o processo incessante da evolução.

Repreender o nosso próximo: Podemos? Podemos ajudá-lo a se esclarecer, com brandura, humildade e caridade. Se nossa moral é correta, nós teremos mais força para ajudar. Não podemos aproveitar a situação do nosso irmão e usar a maledicência, tirando proveito da sua infeliz posição. Isso seria anticristão. Fazendo isso, não estamos aprendendo o Evangelho de Jesus quando Ele nos diz: “Eu não vim a Terra para curar os sãos”.

E se tivermos a tentação de acusar, repreender, apontar os defeitos dos outros, lembremos das nossas próprias necessidades e limitações, fazendo todo o certo e o bem possíveis ao nosso alcance.

Devemos saber que os Espíritos seguem o rumo que melhor os atrai. Usemos a feliz ocasião que surge para ajudar e refazer as lições. E nem sempre convenceremos que desejamos ajudar.

Nenhuma circunstância casual aparece no nosso caminho. Se o erro atravessa a nossa estrada, e conseguimos reconhecê-lo, não persistindo nele, estamos evoluindo. Por essa razão, não cultivemos azedume, seja qual for o motivo que nos convoque à amargura. Cultivemos sim, o otimismo e a paciência sem cessar.

Não podemos deixar, uma vez sequer, que as maldades perturbem a nossa paz e que façamos maldades que perturbem a paz dos outros, porque precisamos, no magistério da vivência, com todo o sofrimento do mundo, ensinar o certo e o bem, dar corretos e bons exemplos, aproximando-nos de Deus.

Não podemos julgar ninguém pelo exterior, porque a forma oculta o conteúdo, e normalmente as aparências não expressam realidades.

Sabendo do erro alheio, recordemos de nossas imperfeições, fraquezas e compreendamos. Desculpemos o erro do próximo, desde que esse erro não prejudique a outros. Então façamos o que puder para evitar que o erro atinja os outros.

Maldizer significa destruir. E destruir, compreende a ação mental, seja física ou moral que atinge a vida alheia, perturbando-a, ferindo-a, maltratando-a.

Não lancemos injúrias contra isto ou aquilo, antes, façamos algo para corrigir, seja o que for, que não esteja certo. Se o que reclamamos nos outros corporificasse em nós, nos nossos atos, certamente os outros aprenderiam conosco otimismo e ação, melhorando todas as coisas que podem e devem ser melhoradas.

Devemos receber as críticas das opiniões contrárias, com o máximo de serenidade moral, reconhecendo-lhes a utilidade essencial.

As críticas se apresentam, quase sempre, com finalidade preciosa, e devemos selecionar naturalmente o que perturba e confunde, valorizando a cooperação legítima e sincera, porque todo ataque à verdade pura, serve apenas para destacar e exaltar essa mesma verdade.

Tudo o que nos fala o Evangelho de hoje; sobre repreender, observar as imperfeições dos outros, descobrir o erro alheio e também ajudar o próximo sem alarde, sem maldade, mas, para isto é preciso que, a cada dia, nós caminhemos firmes na reforma íntima.

E como podemos realizar a reforma íntima?

Através do conhecimento do Evangelho de Jesus. E nós, aqui, nesta casa cristã, estamos aprendendo o Evangelho do Mestre através da Doutrina Espírita, que vê a solução dos problemas que afligem a humanidade, e como ela se assenta na reforma íntima.

A Doutrina Espírita é ciência, filosofia e moral ou religião. Mostra como consolar os aflitos; reconduz à religiosidade.

A Doutrina Espírita prega o trabalho, a caridade, a solidariedade humana, a fraternidade; a luta contra a ignorância, contra a miséria; clama pelo amparo à velhice, a proteção à infância; o combate à doença, sob o lema cristão de que: - Fora da caridade não há salvação.

O Espiritismo não tem ritos e nem cultos, não tem liturgia. Procura desenvolver a tomada de consciência em cada um, conduzindo à reforma íntima, impelindo para o desenvolvimento em todos os sentidos.

Sua bandeira é a autoeducação da humanidade. Não apregoa revoluções, deposição de partidos, destronamento de pessoas ou grupos. Não patrocina lutas fratricidas.

Condiciona o progresso, e a reestruturação social, à reforma íntima de cada um, realizada nas trilhas traçadas pela Escola do Mestre Jesus, guiada pelas diretrizes do Evangelho redivivo.

Aos revoltados, aos queixosos, aos insatisfeitos, esclarece a causa de que, todos os males, estão em nós mesmos e que também a solução reside em nós mesmos, em nossas atitudes: Sermos trabalhadores na produção do certo e do bem; sermos bondosos, pacientes, tolerantes, carinhosos, justos, responsáveis, amantes a Deus e ao nosso próximo, na prática constante de estudar e servir.

Façamos uma analogia, para que tenhamos uma ideia mais precisa do nosso comportamento e como temos muito que aprender em benefício da nossa reforma íntima.

- A respeito da Poluição e Educação -

- Nos queixamos do poder público quanto à limpeza, porém não deixamos de jogar detritos no chão ou em terrenos baldios. E sabemos que, em terrenos sujos, proliferam ratos, tornam-se focos de mosquitos, miasmas e pestilências. Apesar disso, não resistimos a um terreno baldio e o transformamos em depósito de lixo. Em lugares públicos não observamos os recipientes adequados para jogar o lixo.

Pobre das praias em época de férias! Viram tapetes de imundícies. - Mas não há serviço público? Não há lixeiros? Não há observância da higiene? E a saúde pública? Que faz o governo?

E adianta? Enquanto se limpa de um lado, suja-se de outro. Veja a impossibilidade da dona de casa, quando pretende manter a casa em ordem e se depara com o desleixo de todos.

Cada um deve se compenetrar do valor da ordem e fazer dela parte das suas responsabilidades. Se cada um de nós colocar em prática os princípios sadios da convivência, não somente facilitará a ação governamental, mas desenvolverá meios mais poderosos, mais eficientes e benéficos, aliçados na compreensão e na participação de todos.

A saúde pública deve sanear, prevenir endemias e doenças, para preservar a saúde e criar recursos de assistência. Porém não devemos poluir as águas, lançar detritos nas ruas ou terrenos baldios.

De nada vale uma alimentação sadia, se cultivarmos o vício do álcool, do fumo, de drogas que solapam as nossas energias. Pouco valerá qualquer plano de saneamento se não cultivarmos a higiene.

De nada adianta a educação proporcionar escolas, livros baratos, bolsas de estudo, se não desenvolver a sede de conhecimento, a ânsia do saber, o amor pela verdade. E temos que nos dispor no esforço de receber, aplicar e transmitir conhecimento.

Qualquer problema coletivo que haja, não poderá ser solucionado se cada um de nós não se dispuser a realizar em si mesmo as condições apropriadas para resolvê-lo.

A miséria não se erradicará se aqueles que detém a riqueza não se dispuserem dela para oportunidade de trabalho, criando novos empreendimentos. Também a miséria não desaparecerá se o trabalhador desperdiçar o tempo, o vendedor adulterar as medidas, o comerciante falsear os preços, se cada um de nós buscar obter proveito para nós mesmos.

A essência dos nossos tormentos será sempre consequência do nosso despreparo diante dos deveres que o convívio social impõe. Para melhorarmos, o caminho é a autoeducação, do aprimoramento e do serviço. - Estudar e servir - diz Emmanuel, é o lema.

- A respeito da Poluição Moral -

- No campo da moral as coisas não são diferentes.

Nossos pensamentos constituem o veículo de influências pelo qual nos relacionamos uns com os outros. A falta de vigilância, o descuido com que os formulamos, a fácil adesão a ideias não edificantes, palavrório grosseiro, o anedotário licencioso, os julgamentos precipitados, a malícia, a desconfiança, o ciúme, o despeito, a inveja, são vários dos móveis que lançam os detritos mentais em nosso redor, provocando poluição no campo das ideias.

Por mais que se esforcem os paladinos do certo e do bem, para propiciar meios de paz, tranquilidade e entendimento, pouco ou nada conseguem, enquanto nós mesmos não policiarmos os nossos pensamentos. Atiramos faíscas de ódio, fuligem de despeito, negrume de falsidade, dardos de ciúme, explosões de cólera, azinhavre de maledicência, lodo de desregramentos, nódoas de cor-

rupção, máculas de desonestidade, na mais completa ignorância de que as ideias são forças e que constituem a paisagem que há de nos abrigar para o convívio comum.

Para que a paisagem nos aclare, seja confortadora e repousante, precisamos abraçar os preceitos do ajustamento íntimo, adotando posturas sugeridas pelos sentimentos nobres; irradiemos as influências inspiradas pelas exigências do certo e do bem comum.

Se não queremos viver na imundície, devemos ser o primeiro a contribuir com a higiene, assim se requer. Quando clamamos pelo resguardo dos valores humanos, a necessidade é de favorecê-los.

- A respeito do ensino Evangélico -

Jesus, sabedor do nosso despreparo, conhecedor do que nos leva para a dor e a aflição, Mestre e Consolador dos necessitados e famintos, diante de nós, que clamamos justiça, respondeu com humildade:

- Sejais justos e não julgueis. Sejais misericordiosos.

- Bem-aventurados os misericordiosos porque deles é o reino dos Céus.

- Não critiqueis. Não lanceis anátemas. Perdoai para serdes perdoados.

- Se perdoares os erros que os outros vos fazem, serão perdoados os vossos erros.

Querem justiça? Praticai-a. Porque o dia em que cada um for justo, a injustiça erradicar-se-á da face da Terra.

Aprendemos a devolver o insulto, se somos atacados: Olho por olho, dente por dente. Justiça com Jesus não é o revide à ofensa; não é retribuir com a mesma moeda. É atribuir a cada um o que lhe compete, segundo a consciência. A justiça não deve agravar os problemas do devedor. Aos que fazem o erro, basta o remorso a atormentar o coração.

Quando reclamamos contra as agruras e a miséria, a luta que se torna pesada. Sejamos operosos, caridosos; não negueis uma camisa a quem a pede, mas procurai dar-lhe duas!

Sejamos mansos, sejamos pacientes; não cultivemos a cólera, não pratiquemos a crítica. Tenhamos sempre uma palavra de estímulo; não censuremos. Cultivemos a compreensão, oferecendo sempre novas oportunidades.

Bem-aventurados os mansos, porque cultivam a paz, a paciência a tolerância, a bondade. Serão os preferidos e amados por todos. São senhores, porque senhor é aquele que é amado e respeitado por todos.

Reclamamos contra os abusos do poder, os excessos dos privilegiados? Jesus responde:

- Não amealheis tesouros na Terra; não temais; não vos inquietais por vossa vida física.

Reclamamos contra as forças da inferioridade que solapam nossa família, desonram o nosso nome, desencaminham nossos filhos, inferiorizam nossa imagem. E o Mestre responde:

- Sejais puros, não pratiqueis a impudicícia. Erguei os pensamentos da vida e não os deixeis mergulhar nos pântanos do vício, para que a vida física se vos faça melhor.

Bem-aventurados os que têm puro o coração, porque deles é o reino dos Céus. E ainda acrescenta:

- Compenetrai-vos do vosso destino e cumpram vossos deveres. Vós sois deuses. Tende fé. Pedi e dar-se-vos-á. Buscai e achareis. Batei e abrir-se-vos-á. Se errados e maus como sois, sabeis dar corretas e boas dádivas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai que está nos Céus, que bens não dará aos que lhos pedirem.

Cumpramos nossos deveres e pratiquemos a caridade. Alivemos os sofrimentos, soergamos os decaídos. Ensinando e acreditando no certo e no bem, eliminando o erro e o mal. Em tudo e em todos irradiemos amor e benefícios.

A paz e a justiça, a prosperidade e a felicidade, reinarão entre nós quando nos amarmos uns aos outros.

O Reino de Deus pode ser estabelecido aqui mesmo na Terra: Ela é a sociedade de seres humanos piedosos e honestos, amando a Deus e amando-se entre si.

- A respeito do Espiritismo -

- O Espiritismo em consonância com o Cristo, não prega revoluções, destruição ou levantes de situações existentes. Prega a caridade e a reforma íntima, porque ao praticá-las e a seguir, nos depararmos com os problemas que envolvem as necessidades humanas, veremos que, na sua es-

sência, se convertem principalmente em necessidades de aprimoramento pessoal, aculturação, virtuosidade e acima de tudo, de muito amor ao próximo.

O Espiritismo é o futuro das Doutrinas, porque nos leva ao plano superior. Ela elucida os seres humanos sobre a vida espiritual além da vida física.

A Doutrina Espírita é um mapa iluminado que nos mostra as moradas da Casa do Pai; por enquanto, só ela esclarece o ser humano sobre a verdadeira vida.

Bendita seja a Doutrina Espírita que abre não só os nossos corações, porém ainda mais os nossos olhos.

Que a Verdade do Pai Eterno, por Jesus, se abata sobre nós!

(Lampadário Espírita)/(Casata de Luz)/(Espiritismo e Reforma Íntima)

CAPÍTULO XI

AMAR O PRÓXIMO COMO A SI MESMO

O maior mandamento. Fazer aos outros o que quereríamos que os outros nos fizessem. Parábola dos credores e dos devedores. Dai a César o que é de César. Instruções dos Espíritos: A lei de amor. - O egoísmo. - A fé e a caridade. Caridade para com os humanos errados. - Deve-se expor a própria vida por um humano errado?

O MAIOR MANDAMENTO

1. Os Fariseus, tendo sabido que ele tinha feito calar a boca aos Saduceus, reuniram-se, e um deles, que era doutor da lei, veio lhe fazer esta pergunta para o tentar: Mestre, qual é o maior mandamento da lei? Jesus, o Cristo, lhe respondeu: Amareis o Senhor vosso Deus de todo o vosso coração, de todo o vosso Espírito, é o maior e o primeiro mandamento. E eis o segundo, que é semelhante àquele: Amareis vosso próximo como a vós mesmos. Toda a lei e os profetas estão contidos nesses dois mandamentos. (*Mateus, cap. XXII, v. 34 a 40*).

(Tudo está contido numa palavra: AMOR! Quando entendermos e praticarmos esse AMOR, exemplificado pelo Cristo de Deus, estaremos plenamente na Lei de Deus. Mas o que é AMOR? Confundimo-lo com a 'paixão', orgulhosa e egoística. AMOR é 'abdicar' de si em favor dos irmãos; não foi isso que o Mestre fez? Caminhemos no sentido de conseguirmos suplantar nossas 'paixões' e, gradativamente, mergulharmos no mar do divino AMOR!)

2. Fazei aos humanos tudo o que quereis que eles vos façam. Porque é a lei e os profetas. (*idem, cap. VII, v. 12*).

Tratai todos os humanos da mesma forma que quereríeis que eles vos tratassem. (*Lucas, cap. VI, v. 31*).

3. O reino dos céus é comparado a um rei que quis acertar as contas dos seus servidores. E tendo começado a fazê-lo, se lhe apresentou um deles que lhe devia dez mil dinheiros. Mas como ele não tinha os meios de lhos restituir, seu senhor recomendou que o vendessem a ele, sua mulher e seus filhos, e tudo o que ele tinha, para satisfazer a sua dívida. O servidor, lançando-se-lhe aos pés, suplicou-lhe dizendo: Senhor tende um pouco de paciência e eu lhe restituirei o total. Então o senhor desse servidor, tocado de compaixão o deixou ir e perdoou-lhe a dívida. Mas esse servidor, mal tendo saído, encontrando um de seus companheiros que lhe devia cem dinheiros, tomou-o pela garganta, quase o sufocando e dizendo-lhe: Restitui-me o que me deves. E seu companheiro lançando-se-lhe aos pés suplicou-lhe dizendo: Tende um pouco de paciência e eu vos restituirei o total. Mas ele não quis escutá-lo. E se indo, fê-lo colocar na prisão, para nela o ter até que lhe restituísse o que lhe devia.

Os outros servidores, seus companheiros, vendo o que se passava, extremamente aflitos, foram informar seu senhor de tudo o que havia ocorrido. Então o senhor, fazendo-o vir, lhe disse: Errado servidor, eu vos isentei de tudo o que me devíeis, porque me pedistes isso. Não seria preciso, pois, que tivésseis piedade do vosso companheiro, como tive piedade de vós? E o senhor, penalizando-o, o entregou às mãos dos carrascos, até que pagasse tudo o que lhe devia.

É assim que meu Pai, que está no céu, vos tratará, se cada um não perdoar, do fundo do coração, ao seu irmão, os erros que lhe tiverem cometido. (*Mateus, cap. XVIII, v. 23 a 35*).

(Sempre que pedirmos a 'piedade' do Pai, confiando na Sua justiça, devemos verificar se a 'nossa' justiça está sendo idêntica à Dele! Será que fazemos essa verificação, ou aplicamos a 'nossa verdade' contra os irmãos?)

4. "Amar o próximo como a si mesmo: fazer para os outros o que quereríamos que os outros fizessem por nós" é a mais completa expressão da caridade, porque resume todos os deveres para com o próximo. Não se pode ter guia mais seguro, a esse respeito, que tomando por medida, do que se deve fazer para os outros o que se deseja para si. Com qual direito se exigiria dos semelhantes mais de corretos procedimentos, de indulgência, de benevolência e de devotamento do que se os tem para com eles? A prática desses ensinamentos ajuda a destruir o egoísmo. Quando

os humanos as tomarem por normas de sua conduta e por base de suas instituições, compreenderão a verdadeira fraternidade e farão reinar entre eles, a paz e a justiça, não haverá mais nem ódios nem dissensões, mas união, concórdia e benevolência mútua.

(Como ainda não estudamos e não atingimos o nível do conhecimento moralizado, nosso pensamento é o seguinte: “Eu trato a todos os ‘irmãozinhos’ com muito carinho, mas o que posso fazer se eles me odeiam?”.)

DAI A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR

5. Então os Fariseus, tendo-se retirado, decidiram entre si surpreendê-lo em suas palavras. Mandaram-lhe, pois, seus discípulos, com os Herodianos, dizer-lhe: Senhor, sabemos que sois verdadeiro, e que ensinais o caminho de Deus pela verdade, sem considerar a quem quer que seja, porque não considerais a posição dos humanos. Dizei-nos, pois, vosso conselho sobre isto: é-nos permitido pagar o tributo a César, ou de não pagá-lo?

Mas Jesus, o Cristo, conhecendo a sua malícia, lhes disse: Hipócritas, porque me tentais? Mostrei-me a peça de dinheiro que se dá para o tributo. E tendo eles lhe apresentado uma moeda, Jesus, o Cristo, lhes disse: De quem é esta imagem e esta inscrição? De César, disseram-lhe. Então Jesus, o Cristo, lhes respondeu: Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.

Tendo ouvido falar dessa maneira, admiraram sua resposta e, deixando-o, se retiraram. (*Mateus, cap. XXII, v. 15 a 22; Marcos, cap. XII, v. 13 a 17*).

(Senhor, sabemos que sois verdadeiro, e que ensinais o caminho de Deus pela verdade, sem considerar a quem quer que seja, porque não considerais a posição dos humanos.

Essa passagem do Evangelho nos faz lembrar a nós mesmos: Sabemos a verdade, tentamos os verdadeiros, mas não assumimos essa verdade! Quando deixaremos de ser hipócritas?)

6. A questão proposta a Jesus, o Cristo, era motivada pela circunstância de que os judeus, tendo horror ao tributo que lhes era imposto pelos romanos, dela fizeram uma questão religiosa, um partido numeroso se formara para repelir o imposto, o pagamento do tributo era, pois, para eles uma questão irritante e atual, sem a qual a pergunta feita a Jesus, o Cristo: "É-nos permitido pagar, ou deixar de pagar, o tributo a César?", não teria nenhum sentido. Essa questão era uma armadilha. Porque, de acordo com a sua resposta, esperavam excitar contra ele, seja a autoridade romana, ou os judeus dissidentes. Mas "Jesus, o Cristo, conhecendo a sua malícia", evita a dificuldade, dando-lhes uma lição de justiça, dizendo-lhes para restituírem a cada um o que lhe era devido.

(Além de não cumprirmos as nossas obrigações, sempre queremos enlaçar ‘outros’ nas nossas desonestidades!)

7. Este ensinamento: Dai a César o que é de César não deve ser entendida de uma forma restritiva e absoluta. Como todos os ensinamentos de Jesus, o Cristo, é um princípio geral resumido sob uma forma prática e usual, e deduzida de uma circunstância particular. Esse princípio é uma consequência daquele que manda agir para com os outros como quereríamos que os outros agissem para conosco. Ele condena todo prejuízo material e moral acarretado aos outros, toda violação dos seus interesses. Prescreve o respeito dos direitos de cada um, como cada um deseja que se respeite os seus. Estende-se ao cumprimento dos deveres contraídos para com a família, a sociedade, a autoridade, assim como para com os indivíduos.

(Porém nosso orgulho e nosso egoísmo ditam: “Tudo que tenho consegui ‘unicamente’ com meus esforços, meu trabalho, por estas razões é que sou rico. Eles que são pobres, tratem de se mirarem no meu exemplo!”.)

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

A LEI DE AMOR

8. O amor resume inteiramente a Doutrina de Jesus, o Cristo, porque é o sentimento por excelên-

cia, e os sentimentos são os instintos elevados à altura do progresso realizado. No seu início, o humano não tem senão instintos. Mais avançado e corrompido, só tem sensações. Mais instruído e moralizado, tem sentimentos. E o ponto delicado do sentimento é o amor, não o amor no sentido vulgar do termo, mas este sol interior que condensa e reúne em seu foco ardente todas as aspirações e todas as revelações sobre-humanas. A lei de amor substitui a personalidade pela fusão dos seres e aniquila as misérias sociais. Feliz aquele que, ultrapassando a sua humanidade, ama com amplo amor seus irmãos em jornada! Feliz aquele que ama, porque não conhece nem a angústia do Espírito, nem a miséria do corpo físico. Seus pés são leves, e vive como transportado para fora de si mesmo. Quando Jesus, o Cristo, pronunciou esta palavra divina - amor -, ela fez estremecer os povos, e os mártires, cheios de esperança, entregaram-se no circo.

O Espiritismo, a seu turno, vem pronunciar uma segunda palavra do alfabeto divino. Estai atentos, porque esta palavra ergue a pedra dos túmulos vazios, é a reencarnação, triunfando sobre a morte, revela ao humano maravilhado seu patrimônio intelectual, não é mais aos tormentos que ela o conduz, mas à conquista do seu ser, elevado e transfigurado. O sangue resgatou o Espírito, e o Espírito deve hoje resgatar o humano da matéria.

Disse eu que no seu início o humano não tem senão instintos e aquele, pois, em quem os instintos dominam, está mais próximo do ponto de partida que do objetivo. Para avançar em direção ao objetivo, é preciso vencer os instintos em proveito dos sentimentos, quer dizer, aperfeiçoar estes, sufocando as sementes latentes da matéria. Os instintos são a germinação e os embriões do sentimento. Eles carregam consigo o progresso, como a bolota encerra o carvalho, e os seres menos avançados são aqueles que, não se despojando senão pouco a pouco de sua crisálida, permanecem escravizados aos instintos. O Espírito deve ser cultivado como um campo, toda a riqueza futura depende do labor presente, e mais do que bens terrestres, levar-vos-á à luminosa elevação. É então que, compreendendo a lei de amor que une todos os seres, nela encontrareis as suaves alegrias do Espírito, que são as preliminares das alegrias celestes. (*Lázaro, Paris, 1862*).

(No seu início, o humano não tem senão instintos. Mais avançado e corrompido, só tem sensações. Mais instruído e moralizado, tem sentimentos.

Sem conseguir o conhecimento moralizado, obtido pelos estudos continuados, meditação e prática do já possível, continuaremos no estágio de ‘sensações’, não é este o momento pelo qual estamos passando?)

9. O amor é de essência divina, e, desde o primeiro até o último, possuíis no Espírito a chama desse fogo sagrado. É um fato que pudestes constatar muitas vezes. O humano mais abjeto, o mais vil, o mais criminoso, tem por um ser ou por um objeto qualquer, uma afeição viva e ardente, à prova de tudo que tendesse a diminuí-la, e atingindo, frequentemente, proporções sublimes. Disse eu por um ser ou por um objeto qualquer, porque existem entre vós indivíduos que dispensam tesouros de amor, dos quais seus corações transbordam, sobre animais, sobre plantas, e mesmo sobre objetos materiais: espécies de melancólicos se queixando da Humanidade em geral, resistindo contra a tendência natural do Espírito que procura, ao seu redor, a afeição e a simpatia; eles rebaixam a lei de amor ao estado de instinto. Mas, qualquer coisa que façam, não saberão sufocar a semente vivaz que Deus lhes depositou nos Espíritos, na sua criação, essa semente se desenvolve e engrandece com a moralidade e o conhecimento, e, ainda que comprimida pelo egoísmo, é a fonte de puras e doces virtudes que fazem as afeições sinceras e duráveis, e vos ajudam a transpor a rota escarpada e árida da existência humana.

Há algumas pessoas a quem a prova da reencarnação repugna, no sentido de que outros participem de suas afetuosas simpatias, das quais são ciumentosos. Pobres irmãos! É a vossa afeição que vos torna egoístas. Vosso amor está restrito a um círculo íntimo de parentes ou de amigos, e todos os outros vos são indiferentes. Pois bem! Para praticar a lei de amor, tal como Deus a plantou no Espírito, é preciso que chegueis, progressivamente, a amar a todos os vossos irmãos, indistintamente. A tarefa será longa e difícil, mas se cumprirá: A Lei de Deus o quer, e a lei de amor é o primeiro e o mais importante preceito de vossa nova Doutrina, porque é a que deverá, um dia, acabar com o egoísmo, sob qualquer forma que ele se apresente. Porque, além do egoísmo pessoal, há ainda o egoísmo de família, de classe, de nacionalidade. Jesus, o Cristo, disse: "Amai vosso próximo como a vós mesmos"; ora, qual é o limite do próximo? A família, a seita, a nação? Não, é a Humanidade toda. Nos mundos adiantados, é o amor recíproco que harmoniza e

dirige os Espíritos avançados que os habitam, e o vosso planeta, destinado a um progresso próximo por sua transformação social, verá praticar, por seus habitantes, esta lei sublime, reflexo da Divindade.

Os efeitos da lei de amor são o aperfeiçoamento moral da raça humana e a felicidade durante a vida terrestre. Os mais rebeldes e os mais viciosos deverão se reformar quando virem os benefícios produzidos por esta prática: Não façais aos outros o que não quereríeis que vos fosse feito, mas fazei-lhes, ao contrário, todo o certo que está em vosso poder fazer-lhes.

Não creiais na esterilidade e no endurecimento do coração humano. Ele cede, a contragosto, ao amor verdadeiro, é um imã ao qual não pode resistir, e o contato desse amor vivifica e fecunda as sementes dessa virtude que está nos vossos corações em estado latente. A Terra, morada de provas e de expiações, será então purificada por esse fogo sagrado, e verá praticar a caridade, a humildade, a paciência, o devotamento, a abnegação, a resignação, o sacrifício, virtudes todas filhas do amor. Não vos canseis, pois, de ouvir as palavras de João, o Evangelista, vós o sabeis que quando a enfermidade e a velhice suspenderam o curso de suas pregações, ele não repetia senão estas doces palavras: "Meus filhinhos, amai-vos uns aos outros". Caros irmãos amados, utilizai com proveito essas lições: sua prática é difícil, mas o Espírito delas retira um bem imenso. Crede-me, fazei o sublime esforço que vos peço: "Amai-vos", e vereis bem cedo a Terra transformada e tornar-se um Paraíso, aonde os Espíritos dos justos virão gozar o repouso.

(Fénelon, Bordéus, 1861).

(Enquanto ficarmos exigindo nossos ‘direitos’ – por mais justos que sejam -, e não cumprirmos, primeiro, nossos ‘deveres’ – por mais elementares que sejam -, continuaremos neste estágio de ‘sensações’, seco, sem AMOR, pleno de ‘paixões’ orgulhosas e egoísticas!)

10. Meus queridos condiscípulos, os Espíritos aqui presentes vos dizem, por minha voz: Amai bastante, a fim de serdes amados. Este pensamento é tão justo que nele encontrareis tudo o que consola e acalma os sofrimentos de cada dia, ou antes, praticando este sábio ensinamento, elevar-vos-ei, de tal modo acima da matéria, que vos espiritualizareis antes da vossa partida terrestre. Os estudos Espíritas, tendo desenvolvido em vós a compreensão do futuro, tendes uma certeza: a ascensão, com todas as promessas que respondem às aspirações do Espírito. Também deveis vos elevar bastante alto para julgar sem as estreitezas da matéria, e não condenar vosso próximo, antes de terdes dirigido vosso pensamento até a Lei de Deus.

Amar, no sentido profundo da palavra, é ser leal, probo, consciencioso, para fazer aos outros o que se quereria para si mesmo. É procurar ao redor de si o sentido íntimo de todas as aflições que oprimem vossos irmãos, para abrandá-las. É encarar a grande família humana como a sua, porque essa família, vós a encontrareis, em um certo período, em mundos mais avançados, e os Espíritos que a compõem são, como vós, filhos de Deus, destinados a se tornarem puros e perfeitos. É por isso que não podeis recusar aos vossos irmãos o que Deus vos deu livremente, visto que, a vosso turno, estariéis bem contentes se vossos irmãos vos dessem do que tivésseis necessidade. A todos os atormentados, daí, pois, uma palavra de esperança e de apoio, a fim de que sejais todo amor, todo justiça.

Crede que estas sábias palavras: "Amai bastante para serdes amados", caminharão. Elas são revolucionárias e seguem um caminho fixo, invariável. Mas já tendes ganho, vós que me escutais, sois infinitamente melhores do que há anos. Tendes de tal modo mudado, em vosso proveito, que aceitais, sem contestar, uma multidão de ideias novas sobre a liberdade e a fraternidade, que outrora rejeitastes. Ora, daqui a alguns anos, aceitareis, com a mesma facilidade, aquelas que não puderam ainda entrar em vosso coração.

Agora que o movimento Espírita deu um grande passo, vede com que rapidez as ideias de justiça e de renovação, contidas nos ditados dos Espíritos, são aceitas por parte do mundo aculturado. É porque essas ideias respondem a tudo o que há de divino em vós. É que estais preparados para uma sementeira fecunda: a dos outros séculos, que implantou na sociedade as grandes ideias de progresso. E como tudo se encadeia sob o dedo do Altíssimo, todas as lições recebidas e aceitas estarão contidas nessa permuta universal de amor ao próximo. Por ele, os Espíritos encarnados, julgando e sentindo melhor, se estenderão as mãos em todos os lados do vosso planeta. Reunir-se-ão para se entenderem e se amarem, para eliminarem todas as injustiças, todas as causas de

desinteligência entre os povos. Grande pensamento de renovação pelo Espiritismo, tão bem descrito em O Livro dos Espíritos, tu produzirá o grande milagre dos séculos futuros, o da reunião de todos os interesses materiais e espirituais dos humanos, pela aplicação deste ensinamento, bem compreendido: Amai bastante, a fim de serdes amados.

(Sansão, membro da Sociedade Espírita de Paris, 1863).

(Realmente estamos progredindo: Tenho e distribuo muito amor... Vejam, até já abracei aquelas crianças molambentas! Esta não é uma grande demonstração de nosso evolutivo espiritual?)

O EGOÍSMO

11. O egoísmo, esta chaga da Humanidade, deve desaparecer da Terra, cujo progresso moral retarda. Ao Espiritismo está reservada a tarefa de fazê-la subir na hierarquia dos mundos. O egoísmo é, pois, o objetivo para o qual todos os verdadeiros espíritas devem dirigir seus conhecimentos, suas forças e sua coragem. Digo coragem porque é preciso mais coragem para vencer a si mesmo do que para vencer os outros. Que cada um, pois, coloque todos os seus cuidados para combatê-lo em si, porque esse monstro devorador de todas as intelectualidades, esse filho do orgulho, é a fonte de todos os tormentos deste mundo. É a negação da caridade e, por conseguinte, o maior obstáculo à felicidade dos humanos.

Jesus, o Cristo, vos deu o exemplo da caridade e, Pôncio Pilatos, o do egoísmo. Porque enquanto o Justo vai percorrer as duras estações do seu martírio, Pilatos lava as mãos dizendo: Que me importa! Ele disse aos judeus: Este humano é justo, por que quereis crucificá-lo? E, entretanto, deixa que o conduzam ao suplício.

É a esse antagonismo da caridade e do egoísmo, à invasão dessa lepra do coração humano, que fez o Cristianismo não ter cumprido ainda toda a sua missão. É a vós, apóstolos novos da fé e que os Espíritos corretos esclarecem, a quem incumbe a tarefa e o dever de extirpar esse erro, para dar ao Cristianismo toda a sua força e limpar o caminho das barreiras que lhe entravam a marcha. Extirpai o egoísmo da Terra, para que ela possa gravitar na escala dos mundos, porque já é tempo de a Humanidade vestir o seu traje viril e para isso, é preciso primeiro extirpar o egoísmo do vosso coração.

(Emmanuel, Paris, 1861).

(Se Emmanuel examinasse, hoje, a humanidade terrena, veria que desapareceu o ‘egoísmo’ e teria que inventar uma nova palavra. Pois egoísmo representa o ‘para mim’ e, hoje somente vemos o ‘para ninguém’... E Emmanuel se afastaria da Terra, desolado com o nosso grande ‘avanço’ moral...)

12. Se os humanos se amassem mutuamente, a caridade seria melhor praticada. Mas seria preciso, para isso, que vos esforçasseis em vos desembaraçar dessa couraça que cobre os vossos corações, a fim de serdes mais sensíveis para com aqueles que sofrem. A dureza do coração mata os corretos sentimentos, Jesus, o Cristo, não se recusava. Aquele que se dirigisse a ele, quem quer que fosse, não era repellido: a mulher adúltera, o criminoso, eram socorridos por ele. Não temia jamais que a sua própria consideração viesse a perder com isso. Quando, pois, o tomareis como modelo de todas as vossas ações? Se a caridade reinasse na Terra, o errado não teria mais predominância. Fugiria envergonhado, se esconderia, porque se encontraria deslocado por toda parte. Então o erro desapareceria, ficai bem compenetrados disto.

Começai por dar o exemplo vós mesmos. Sede caridosos para com todos indistintamente. Esforçai-vos por não mais notar aqueles que vos olham com desdém, e deixai à Lei de Deus o cuidado de toda a justiça, porque a cada dia, ela separa o joio do trigo.

O egoísmo é a negação da caridade. Ora, sem a caridade não haverá tranquilidade na sociedade. Digo mais, nem segurança. Com o egoísmo e o orgulho, que andam de mãos dadas, haverá sempre um caminho para o mais sagaz, uma luta de interesses, onde são pisoteadas as mais puras afeições, onde os laços amorosos da família não são mesmo respeitados.

(Pascal, Sens, 1862).

(Com o egoísmo e o orgulho, que andam de mãos dadas, haverá sempre um caminho para o mais sagaz, uma luta de interesses, onde são pisoteadas as mais puras afeições, onde os laços amorosos da família não são mesmo respeitados.

Podemos avaliar nosso estado evolutivo espiritual, no orgulho e egoísmo, ao analisarmos a frase seguinte: “Bota ele na cadeia, não me interessa que a comida roubada da minha casa fosse para os seus filhos famintos!”. Nos identificamos, ou não, com o dito...)

A FÉ E A CARIDADE

13. Eu vos disse ultimamente, meus caros filhos, que a caridade sem a fé não bastava para manter, entre os humanos, uma ordem social capaz de torná-los felizes. Devia ter dito que a caridade é impossível sem a fé. Podereis encontrar, em verdade, impulsos generosos mesmo nas pessoas sem religião, mas essa caridade austera que não se pratica senão pela abnegação, pelo sacrifício constante de todo interesse egoístico, não há senão a fé para inspirá-la, porque nada além dela nos faz levar com coragem e perseverança a cruz desta vida física.

Sim, meus filhos, é em vão que o humano, ávido de prazeres, se queira iludir sobre a sua destinação nesse mundo, sustentando que lhe é permitido não se ocupar senão da sua felicidade. Certamente, Deus nos criou para sermos felizes na eternidade. Entretanto, a vida terrestre deve servir unicamente ao nosso aperfeiçoamento moral, que se adquire mais facilmente com a ajuda dos órgãos físicos e do mundo material. Sem contar as vicissitudes ordinárias da vida física, a diversidade dos vossos gostos, de vossas tendências, de vossas necessidades, é também um meio de vos aperfeiçoar em vos exercitando na caridade. Porque não é senão à força de concessões e de sacrifícios mútuos que podeis manter a harmonia entre elementos tão diversos.

Entretanto, tendes razão afirmando que a felicidade está destinada ao humano nesse mundo, se a procurais não nos prazeres materiais, mas no certo, no Espírito. A história da cristandade fala de mártires que foram ao suplício com alegria. Hoje, e em vossa sociedade, não é preciso, para serdes cristão, nem o holocausto do mártir, nem o sacrifício da vida física, mas única e simplesmente o sacrifício do vosso egoísmo, do vosso orgulho e da vossa vaidade. Triunfareis se a caridade vos inspirar e se a fé vos sustentar.

(Espírito protetor, Cracóvia, 1861).

(Hoje, e em vossa sociedade, não é preciso, para serdes cristão, nem o holocausto do mártir, nem o sacrifício da vida física, mas única e simplesmente o sacrifício do vosso egoísmo, do vosso orgulho e da vossa vaidade.

Nós assim entendemos: “Já não sou tão orgulhoso e egoísta, pratico a mais pura caridade, dou, todo mês, os 10% para Deus!”. Não é mesmo?)

CARIDADE PARA COM OS HUMANOS ERRADOS

14. A verdadeira caridade é um dos mais sublimes ensinamentos que Jesus, o Cristo, deu ao mundo. Deve existir entre os verdadeiros discípulos de sua Doutrina uma fraternidade completa. Deveis amar os infelizes, os desequilibrados, como criaturas de Deus, irmãos, às quais o perdão e a misericórdia serão concedidos, se se arrependem, como a vós mesmos, pelos erros que cometeis contra a Lei de Deus. Pensai que sois mais repreensíveis, mais culpados que aqueles aos quais recusais o perdão e a comiseração, porque, frequentemente, eles não conhecem a Lei de Deus como o conheceis, e lhes será pedido menos que a vós.

Não julgueis, oh! Não julgueis, meus caros amigos, porque o julgamento que fizerdes vos será aplicado mais severamente ainda, e tendes necessidade de indulgência para os erros que cometeis sem cessar. Não sabeis que há muitas ações que são erros aos olhos da Lei do Deus de pureza, e que o mundo não considera sequer como faltas leves?

A verdadeira caridade não consiste somente na esmola que dais, nem mesmo nas palavras de consolação com as quais podeis acompanhá-la. Não, não é só isso o que a Lei de Deus pede de vós. A caridade sublime, ensinada por Jesus, o Cristo, consiste também na benevolência concedida sempre, e em todas as coisas, ao vosso próximo. Podeis ainda exercitar essa sublime virtude sobre muitos seres que não precisam de esmolas, e que palavras de amor, de consolação e de encorajamento conduzirão ao Senhor.

Os tempos estão próximos, digo-o ainda, em que a fraternidade reinará nesse globo. A Lei de Deus é a que regerá os humanos e só ela será o luzeiro e a esperança, e conduzirá os Espíritos às moradas bem aventuradas. Amai-vos, pois, como os filhos de um mesmo pai. Não façais diferença entre os outros infelizes, porque é da Lei de Deus que todos sejam iguais, portanto, não

desprezeis a ninguém; A Lei de Deus permite que desequilibrados estejam entre vós, a fim de que vos sirvam de ensinamento. Logo, quando os humanos forem conduzidos às verdadeiras leis de Deus, não haverá mais necessidade desses ensinamentos, e todos os Espíritos iniciantes, teimosos e revoltados, serão dispersados nos mundos inferiores, de acordo com as suas tendências. Deveis àqueles de quem falo o socorro de vossas preces: é a verdadeira caridade. Não é preciso dizer de um desequilibrado: "É um miserável; é preciso expurgá-lo da Terra; o desencarne que se lhe inflige é muito suave para um ser dessa espécie". Não, não é assim que deveis falar. Olhai vosso modelo, Jesus, o Cristo, que diria ele se visse esse infeliz perto de si? Lamentá-lo-ia, o consideraria como um coitado doente e lhe estenderia a mão. Não podeis fazer isso em realidade, mas, pelo menos, podeis orar por ele, assistir seu Espírito durante alguns instantes que deve ainda passar na Terra. O arrependimento pode tocar-lhe o coração, se orardes com fé. Ele é vosso próximo como o melhor dentre os humanos. Seu Espírito transviado e revoltado foi criado, como o vosso, para se aperfeiçoar. Ajudai-o, pois, a sair do erro, e orai por ele.

(Elisabeth de França, Havre, 1862).

(A caridade da calma, bondosa e suave palavra consoladora, é a melhor tarefa para o nosso estágio evolutivo espiritual, pratiquemos então!...)

15. Um humano está em perigo, pode desencarnar; para salvá-lo é preciso expor a vida física: mas sabe-se que esse humano é errado, e que, se ele escapar, poderá cometer novos erros. Deve-se, apesar disso, se expor para salvá-lo?

Esta é uma questão muito grave e que pode se apresentar naturalmente ao Espírito. Responderei segundo meu adiantamento moral, uma vez que se trata de saber se se deve expor a própria vida física por um desequilibrado. O devotamento é cego, socorre-se um adversário, deve-se socorrer o adversário da sociedade, numa palavra, um desequilibrado. Credes que é somente ao desencarne que se vai arrancar esse infeliz? É talvez a toda a sua vida espiritual passada. Porque, pensai nisso, nesses rápidos instantes que lhe arrebatam os últimos minutos da vida física, o humano perdido volve sobre sua vida passada, ou antes, ela se ergue diante dele. O desencarne, talvez, chegue muito cedo para ele, a reencarnação poderá ser terrível. Lançai-vos, pois humanos! Vós a quem a Ciência Espírita esclareceu. Lançai-vos, arrancai-o à sua condenação, e então, talvez, esse humano que desencarnaria vos insultando, se atirará em vossos braços. Todavia, não é preciso perguntar-vos se o fareis ou não, mas ide em seu socorro, porque, salvando-o, obedeceis a esta voz do coração que vos diz: "Podes salvá-lo, salva-o!"

(Lamennais, Paris, 1862).

(O nosso entendimento é representativo de nosso estágio evolutivo espiritual: "É claro que devemos ser caridosos com os marginais, e o sou. Eles devem ficar para sempre na cadeia, pois na rua somente sofreriam!)

EXPLANAÇÕES

01 - O Maior Mandamento. - itens 1 a 4.

Chegou um dos escribas e, tendo ouvido a discussão e vendo que Jesus lhes havia respondido bem, fez-lhe esta pergunta: Qual o primeiro de todos os mandamentos?

Respondeu Jesus: - O primeiro é: Ouve, ó Israel; O Senhor nosso Deus é um só, e amarás o Senhor Deus de todo o teu coração, de todo o teu Espírito, de todo o teu entendimento e de toda a tua força. - O segundo é: amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Não há mandamento maior que estes.

Disse-lhe o escriba: Na verdade, Mestre, disseste bem, que Ele é um, e que não há outro senão Ele; e que amá-Lo de todo o coração, de todo o entendimento e de toda a força, e amar o próximo como a si mesmo, excede a todos os holocaustos e sacrifícios.

Vendo Jesus e que ele falava sabiamente, disse-lhe: - Não estás longe do Reino de Deus.

E ninguém mais ousava interrogá-Lo. Marcos, capítulo XII, vers. 28 a 34.

Amemos ao Senhor Nosso Deus acima de todas as coisas: A Ele, origem e vida de tudo o que é, a Ele o Pai bondoso e justo de tudo o que vive, o juiz reto de todas as nossas ações.

Amemos ao Senhor Nosso Deus acima de tudo, e desse amor hauriremos forças para cumprir nossos deveres, para adquirir todas as virtudes. O amor de Deus é a força do Espírito, a quem Ele deu a esperança da vida eterna. É esse amor que aquece os corações, engendra a fé e produz a caridade.

Amemos ao nosso próximo como a nós mesmos. Se não possuímos o sentimento grandioso da fraternidade, não pratiquemos iniquidades contra eles, senão, seremos ramos secos. Do amor a Deus nascem: A submissão, a resignação, a esperança. Praticar estes sentimentos significa obedecer às leis divinas.

Do amor ao próximo, como a nós mesmos, nasce a caridade, sem a qual não faremos boas obras.

A caridade está no socorro que devemos prestar aos nossos irmãos; pela nossa inteligência, pelo nosso coração, pela nossa mão direita, deixando a outra na ignorância do que fez.

Precisamos ser brandos e humildes, para sermos caridosos com nosso irmão, pois, qualquer que seja a sua necessidade, o orgulho o afastará de nós, tornando-lhe penoso qualquer auxílio, seja material, moral ou intelectual, que lhe dispensarmos.

Sejamos brandos e humildes, para sermos caridosos, pois a brandura e a humildade atraem os mais inacessíveis, animam os mais tímidos, consolam os mais aflitos, purificam os mais gangrenosos. Não seja a nossa brandura e a nossa humildade só dos lábios, pois então não seremos caridosos.

Nesses dois mandamentos: “Amar a Deus acima de tudo e amar ao próximo como a si mesmo”, está contida toda a lei e os profetas, disse Jesus. Praticando esses mandamentos, materialmente, intelectualmente e moralmente, estamos cumprindo todos os nossos deveres no seio da grande família humana, debaixo de todos os pontos de vista, social, familiar e individual.

“Faze isso e viverás”.

As obras nos levam prontamente à vida eterna, essa vida em que o Espírito, caminhando nas vias da perfeição moral, não mais sofre com o desencarne, libertado que está dos laços da matéria, das constrictões da carne.

“Não estás longe do Reino dos Céus”, o Divino Mestre mostra que existe um só Deus, que outro não há além dele e que tudo se consubstancia no amor a Deus e ao próximo; que ensina a adoração do Pai em Espírito e Verdade no altar do coração, pela prática do duplo amor: A Deus e ao próximo. E o amor é a única religião verdadeira, a religião de Deus, que levará o ser humano à unidade pela solidariedade na fraternidade.

Deus é o autor de nossa existência, o nosso verdadeiro Pai. Devemos dedicar, primeiramente a Deus, todos os nossos haveres, a nossa própria vida.

Os deveres nossos estão em relação com o nosso grau de adiantamento, com as nossas aptidões físicas, intelectuais e psíquicas.

Podemos dar somente o que temos e, a Deus, devemos dar tudo o que temos. E como em tudo o que dedicamos a Deus, somos retribuídos com juros centuplicados, cabe-nos aproveitar todas essas dádivas para proveito próprio e do próximo.

É no cumprimento dos nossos deveres que começa a felicidade.

Satisfeitos os deveres que temos para com Deus, vamos tratar dos deveres que se relacionam com a nossa própria individualidade. E essas obrigações são de natureza material, intelectual e espiritual.

Nós viemos à Terra para progredirmos e esse progresso depende do correto e bom emprego que fazemos do tempo para zelar do nosso corpo físico, proporcionando-lhe a natural manutenção, e cultivar o Espírito, oferecendo-lhe luzes: luzes de vida eterna; luzes de sabedoria verdadeira; luzes de moral perfeita.

O nosso corpo físico é um intermediário para as recepções e manifestações exteriores; é preciso que o tratemos e o utilizemos, da mesma forma como se trata e como se utiliza uma máquina, para executar o trabalho que está encarregado.

O Espiritismo abrange a nossa parte material e a nossa parte psíquica. Exige que tratemos do corpo físico e cultivemos o Espírito, sem detrimento um do outro. E assim devemos fazer com o nosso próximo.

Próximo é aquele que se aproxima de nós, seja em corpo físico, seja em Espírito.

Há próximos que estão longe e próximos que estão perto de nós. Os principais próximos são os que nos estão ligados pela lei de afinidade psíquica. Os próximos secundários são os que se valem de nós para suprir a sua necessidade; necessidade de ordem material ou de ordem espiritual, porque os nossos deveres para com o próximo, para com nós mesmos e para com Deus, são de ordem material e espiritual.

Quando cumprimos ao nosso dever a nada mais ficamos obrigados. Quando fazemos o que podemos, Deus faz por nós o que não podemos fazer.

Felizes daqueles que fazem tudo o que podem e devem fazer, pois estão empregando certo e bem os talentos para aquisição de novos talentos.

Os ensinamentos de Jesus deixam marcas inconfundíveis, porque Ele fala das fraquezas humanas, da misericórdia de Deus, da tolerância, do amor ao próximo, do perdão incansável, da prece no recolhimento e no silêncio, do valor espiritual da simplicidade e, em contraposição, fala da arrogância dos pseudossábios, do poder da fé e da confiança em Deus, bem como da renúncia ao fascínio do ouro, da irrelevância de certos preceitos.

E ainda nos recomenda para nos portarmos com a inocência de uma criança, unidos pela fraternidade, tendo compreensão com os adversários e pelos que nos causam danos.

Adverte-nos dos sacrifícios da redenção. Fala-nos da humildade, da obrigação de servir e não da exigência de ser servido.

As pregações de Jesus são de uma ética profundamente humana. No entanto, Jesus sabe o quanto é difícil difundir a verdade. No meio do trigo, mete-se o joio, que não pode ser arrancado sumariamente sem o sacrifício do bom grão. A sementeira é ampla e generosa, mas depende da qualidade do solo e do trato da terra.

Há mais alegria entre os corretos quando se recupera um errado, do que por noventa e nove que não se erraram.

E o que nos custa perdoar um deslize, se nós somos perdoados de tão graves ofensas?

Jesus veio nos ensinar um comportamento que sirva de exemplo a todos e mostrar que o importante é a humildade, a caridade e o amor.

Sejamos sensíveis à mensagem de valorização da criatura humana e sirvamos ao próximo. Essa é a meta prioritária de todo amor que se prega, porque o amor sempre foi o teste final, em toda a sua amplitude; o amor que compreende, que perdoa, que serve, que espera.

Não esqueçamos do ensinamento de amar o nosso próximo, que estranhamente foi esquecido por nós. E só amamos, quando dividimos o que é nosso com aquele que passa necessidade.

Nós viemos ao mundo para nos tornarmos corretos e bons, e somos felizes quando vivemos pelo menos um pouco os ensinamentos do Mestre Jesus, em uma época tão materialista, onde o consumismo impera, onde a era moderna nos oferece tudo para desfrutar o nosso tempo e, por isso mesmo, devemos achar tempo para ajudar o nosso próximo.

Lembremos que o preceito é este: Amar a Deus, e amar a nós mesmos como ao nosso próximo. Instruirmo-nos e instruir ao nosso próximo.

Façamos isto com todo o nosso entendimento, com todo o nosso coração, com todo o Espírito, com todas as nossas forças.

Não há outro mandamento. Sigamos os ensinamentos do Nosso Mestre; Jesus de Nazaré!

Quando se ama caridosamente não há dor. Que o Suave Mestre flua através de nós. Assim seja!
(Parábolas e Ensinos de Jesus)/(Cascata de Luz)/(Elucidações Evangélicas)

02 - Dai a César o que é de César. - itens 5, 6 e 7.

Os escribas, observando Jesus, enviaram-lhe emissários que se fingiram justos, para o apanhar em alguma palavra, de modo que o pudessem entregar à jurisdição e à autoridade do governador. E perguntaram-lhe: Mestre, sabemos que falas e ensinas retamente e não te deixas levar de respeitos humanos, mas ensinas o caminho de Deus segundo a verdade; é-nos lícito ou não, pagar tributo a César? Mas Jesus, percebendo a astúcia deles, disse-lhes: Mostrai-me um denário e digam de quem é a efígie e a inscrição que ela tem? Responderam: De César. Disse-lhes Jesus: Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus. E não puderam apanhá-Lo em palavra alguma diante do povo; e maravilhados da Sua resposta, calaram-se. Lucas, capítulo XX, vers. 17 a 26.

Nessas palavras, prova-se que Jesus não veio pregar a subversão social, mas apenas o progresso moral. O respeito às leis humanas é para o ser humano um dever e, muitas vezes, uma provação. Se aquelas leis, ou algumas delas parecem, ou são de fato, injustas, iníquas, arbitrárias, só de nós mesmos devemos queixar, por isso que tais leis existem, unicamente por não quisermos caminhar pelo caminho reto que nos traça a lei divina do amor, por nos obstinarmos em não cumprir o preceito de não fazermos aos outros aquilo que não queiramos que nos façam.

Hoje é tão comum colocarmos nos outros a culpa de tudo o que nos acontece. Agimos como se estivéssemos sempre certos. Quantas vezes deixamos de pagar as nossas dívidas, esquecendo que o nosso irmão também comprou, e pagou, o que deixamos de pagar a ele. Esquecemos de devolver ao que pedimos emprestado. Os impostos deixam de ser pagos. E assim, vamos deixando de cumprir os nossos deveres.

O nosso viver na Terra não será melhor fazendo revoluções, derrubando tronos, derramando sangue, usando crueldade. Será melhor o nosso viver terreno quando cumprirmos os nossos deveres; com pureza de coração, com amor e caridade, que implicam a justiça, o respeito a si mesmo e aos outros.

As leis são duras devido ao nosso próprio comportamento e o abrandamento das leis depende exclusivamente da nossa conduta. Se trabalharmos cada um pela própria reforma íntima, o pesado jugo que as leis impõem se quebrará por si mesma e as reformas sociais se operarão sem abalos, suavemente.

Se compreendêssemos certo e bem as coisas, a nossa redenção não seria para amanhã, como ainda o é. Isto porque ainda nos julgamos muito esclarecidos e então permanecemos cegos. É por isso que ainda se desencadeia a guerra, para se obter a paz. Somos cegos, porque ainda não conseguimos divisar o verdadeiro caminho; somos surdos, por não atendermos os interesses reais. E somos orgulhosos do nosso saber.

As palavras: “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”, ainda não foram compreendidas e, menos ainda praticadas. Só o serão, quando todos, inclusive César, derem a Deus o que é de Deus, pela prática do amor a Deus e ao próximo, o que envolve a fraternidade e da qual resultará a igualdade e a liberdade, na paz, na ordem, baseados somente no grau de pureza moral adquirida.

Se compreendidas houvessem sido as palavras de Jesus, não haveria o poder temporal do papa, não haveria príncipes da Igreja, nem a história registraria os conflitos, muitas vezes cruentos, em que tantas vezes se empenharam esses príncipes da Terra. Tampouco, as discórdias, o ódio, a guerra teriam devastado os filhos do Senhor.

Na época em que Jesus andou pela Terra fazendo Suas pregações, havia grande repulsa contra os impostos. Segundo alguns, previam que, Jesus, homem de justiça, não poderia deixar de ir contra o governo, aconselhando a não fazer o pagamento dos impostos.

Jesus conhecia as intenções daquela gente má e ardilosa e aproveitou a ocasião para dar-lhes edificante lição. O Mestre e Senhor fez compreender que o tributo a César devia ser pago, mas existia um outro tributo que, se não fosse pago no presente, sê-lo-ia no futuro, com juros de mora: O tributo de Deus!

Se as leis dos humanos impõem deveres, as leis de Deus, com mais forte razão, nos tornam devedores de obrigações, das quais não podemos nos escusar sem infringi-las.

“Dai a Deus o que é de Deus, e a César o que é de César”, eis o dever de todo ser humano correto e de bem, dos que desejam a honradez, dos que procuram colocar-se acima dos prejuízos terrenos, dos que querem se livrar da terrível confusão que nos ameaça nesses momentos difíceis, dos que, compreendendo a sua situação neste mundo, sabem que nunca poderão ser felizes, descuidando do dever principal, que é o da submissão à vontade de Deus.

Os inimigos de Jesus julgavam pilhá-Lo em alguma palavra que pudesse acusá-Lo de rebeldia, e o Mestre lhes deu significativa lição.

A Doutrina Espírita veio ensinar um novo caminho, para que a vida terrestre ofereça mais ampla criação de valores espirituais para a Vida Maior.

Se antes de conhecer a Doutrina Espírita, os seres humanos já conseguiam avançar, lidando, afañosos, em todo o período da existência, em prol da evolução de si mesmos, hoje, conscientes dos princípios Espíritas, podem produzir muito mais para si mesmos e para a humanidade, através do esforço contínuo nos interesses do Cristo, sem deixar os deveres comuns.

A renascença moral dentro do próprio Espírito é o movimento mais importante para a criatura. Sem fantasias, sem superstições, sem fanatismo. Não podemos nos deixar absorver inteiramente por uma profissão digna, por uma posição social ou por uma liderança de vantagens terra a terra, conquanto respeitáveis. Acima de qualquer circunstância transitória devemos deixar prevalecer a inadiável necessidade de melhorar-nos intimamente, atentos à vida real que nos espera no futuro. Não podemos menosprezar a execução de nossas obrigações na sociedade, perante o reduto doméstico e à frente das lides profissionais, que são pontos de honra e responsabilidade em nossas mãos. No entanto não podemos desgastar a saúde, a intelecto, o tempo, as oportunidades e recursos, exclusivamente nisso.

Precisamos buscar elevados objetivos, edificando a fraternidade legítima, onde estivermos.

Novas conquistas da ciência e alterações dos regimes políticos não devem mudar a nossa atitude; isso porque sabemos que os governos humanos são temporários e que a vida espiritual continua em renovação e ascensão permanente.

A voz da Espiritualidade Maior encarece, dia a dia, o imperativo da vigilância e da disciplina.

Viver, como já vivemos outras vidas, ou à maneira dos que ignoram a verdade, será sempre fácil. Somos convocados a uma experiência diversa e positivamente difícil, que conserva em si mesma a substância da felicidade.

Manejando os instrumentos que o mundo nos confia, somos chamados a viver como Cristo, pelo Cristo e por Cristo, no roteiro do amor puro.

Portanto, doemos a César, personificado nas exigências passageiras do mundo, o respeito e a colaboração digna a que estamos debitados pela própria natureza, mas sob qualquer roupagem exterior que estivermos, saibamos viver para o Cristo, para conquistar o Reino de Deus.

O ser humano deve vivenciar ordenadamente as duas vidas: A vida na Terra e a vida no Céu.

Nem só para as coisas do mundo vive a criatura humana, mas também para as coisas de Deus.

A vida na Terra é uma condição para alcançar a vida no Céu. A vida na Terra é alimento para manter o Espírito em caminho da vida no Céu.

O corpo físico é um vestido do Espírito, um escafandro por cujo auxílio alcançamos o tesouro no Céu, é um instrumento para o trabalho do Espírito na Terra.

Nossa condição de inferioridade espiritual nos obriga à vida na Terra. A necessidade de nos elevar nos força a tratar a vida no Céu.

A finalidade da nossa existência terrena é elevar-nos à vida no Céu.

O ser humano é composto de corpo físico e Espírito; o corpo físico participa da vida na Terra, o Espírito participa da vida no Céu. As vidas na Terra e no Céu são solidárias; a aquisição de uma, depende da correta e boa aplicação da outra.

Nesta noite de Evangelho, possa o Céu nos permitir caminhar pelas estradas da vida, levando o amor e a paz, como fez o Divino Nazareno e que Ele se apiede de nós.

(O Espírito do Cristianismo)/(Elucidações Evangélicas)/(Seareiros de Volta)

03 - A Lei do Amor - item 8.

Querer. Saber. Amar!

Essas três palavras resumem todo o poder do Espírito.

Querer é fazer convergir toda a atividade, toda a energia para alvo que se tem de atingir, desenvolver a vontade e aprender dirigi-la, porque o querer, o desejar, é um ímã.

Querer é sentir e, pelo sentimento, o Espírito assimila o que se procura e transmite o que recebe.

Aprender a querer o melhor é refletir o melhor na ascensão a Deus.

Querer é poder. Esta máxima é absolutamente verdadeira, porém, no lugar da palavra poder, deveria se empregar saber, porque o querer, conduz ao saber. O que sabe, pode, e o que ignora não pode, ainda que queira.

Por isso, pode-se querer muito alguma coisa, porém, é necessário saber como se pode obter.

Querer o Reino dos Céus, nós queremos, mas é preciso conhecer, saber dos ensinamentos do Evangelho de Jesus.

Saber - é preciso de estudo profundo, porque sem o conhecimento das coisas e das leis, o pensamento e a vontade podem transviar-se no meio das forças que se procura conquistar e dos elementos que se aspira governar.

Pode-se procurar com afínco realizar qualquer coisa, por este ou aquele meio, mas se desprezar o saber, não haverá êxito. Por isso os fracassos, o desânimo, a descrença, o pessimismo de muitos.

“Pedis e não recebeis; não recebeis porque não sabeis pedir”, disse o Mestre.

A questão, pois, é de saber. Saber é poder. Aquele que sabe, pode. Aquele que quer, e ignora a maneira de realizar seu querer, não pode coisa alguma.

O que vive na luz pode, o que vive em trevas não pode, ainda que queira. A salvação está na luz.

O Cristianismo é luz. Jesus é Mestre e a escola é o seu templo.

Amar - acima de tudo precisa-se amar, porque sem o amor, o querer e o saber ficam incompletos e muitas vezes estéreis. O amor ilumina e fecunda, centuplicando os recursos do querer e do saber. Não é o amor sem agir, mas o que espalha o bem e a verdade pelo mundo.

A vida terrestre é um conflito entre as forças do que é certo e as do que é errado. O dever de todo Espírito viril é tomar parte do combate, trazer-lhe todos os seus impulsos, todos os seus meios de ação, lutar pelos outros, por todos aqueles que se agitam na via escura da ignorância do amor a Deus e dos ensinamentos de Jesus.

O uso mais nobre que se pode fazer do querer, do saber e do amar, é trabalhar por engrandecer e desenvolver, no sentido do belo e do bem, à sociedade humana que, sem dúvida, tem as suas chagas e os seus horrores, mas que é rica de esperanças e magníficas promessas; essas promessas transformar-se-ão em realidade vivaz no dia em que a humanidade tiver a comungar, pelo pensamento e pelo coração, com o foco do amor, que é o esplendor de Deus.

Amemos, pois, com todo o saber do nosso coração; amemos até o sacrifício, como Joana D’arc. amou a França, como Cristo amou a humanidade, e todos aqueles que nos rodeiam receberão nossa influência, sentindo nascer para a nova vida.

Procuremos as chagas à nossa volta e pensemos como curar esses males, como consolar as aflições. Alarguemos a inteligência, guia dos corações transviados. Associemos as forças trabalhando para ser edificada a cidade da paz e da harmonia, que será a cidade do amor, a cidade de Deus!

Ilumina, levanta, purifica! Que importa se riem de ti? Que importa que a ingratidão e a maldade se levantem a tua frente? Aquele que ama não recua por tão pouca coisa; ainda que colha espinhos e selvas, continua sua obra, porque esse é o seu dever, sabe que a abnegação o engrandece.

O próprio sacrifício também tem suas alegrias; feito com amor transforma as lágrimas em sorrisos, faz nascer em nós alegrias desconhecidas do egoísta e do orgulhoso.

Para aquele que sabe amar, as coisas mais simples são de interesse; tudo parece iluminar-se; mil sensações novas despertam nele.

A sabedoria e a ciência precisam de longos esforços, lenta e penosa ascensão para conduzir-nos às altas esferas do pensamento.

O amor e o sacrifício lá chegam de um só pulo, com um único bater de asas. Na sua impulsão, o amor conquista a paciência, a coragem, a benevolência, todas as virtudes fortes e suaves. O amor

depura o intelecto, põe à vontade o coração e é pela soma de amor acumulado em nós que podemos avaliar o caminho que temos andado para Deus.

Em todas as interrogações dos seres humanos, nas suas hesitações, nos seus temores, nas suas blasfêmias, uma grande voz, poderosa e misteriosa, responde: Aprende a amar!

O amor é o resumo de tudo, o fim de tudo. Dessa maneira, estende-se e desdobra-se sem cessar, sobre o Universo, a imensa rede do amor tecida de luz e ouro.

Amar é o segredo da felicidade. Com uma só palavra, o amor resolve todos os problemas, dissipa todas as obscuridades. O amor salvará o mundo; seu calor fará derreter os gelos da dúvida, do egoísmo, do ódio; enternecerá os corações mais duros, mais refratários.

Mesmo com todas as suas qualidades, o amor é sempre um esforço para a beleza.

Nem sequer o ato sexual, do homem e da mulher, por mais material que pareça, não deixa de aureolar-se de ideal e poesia, de perder o caráter vulgar, se com ele mistura-se um sentimento de respeito e um pensamento superior. As alegrias do sentimento amoroso terreno são passageiras e misturadas com amargura; andam acompanhadas de decepções, retrocessos e quedas.

Somente Deus é o amor na sua plenitude; é o braseiro ardente e, ao mesmo tempo, pensamento e luz, donde emanam eflúvios para todos os corações de mães, de esposas, de afeições fortes, de todos os corações dos humanos. Deus gera e chama o amor, porque é a beleza infinita e perfeita e é propriedade da beleza provocar o amor.

Em um dia de verão, quando o Sol irradia, quando o Céu azulado se desenrola sobre as nossas cabeças e dos prados e bosques, dos montes e do mar, sobem a adoração, a prece muda dos seres e das coisas, porque sentem as radiações de amor que enchem o infinito.

Só ignora ou nega estas influências sutis, quem nunca abriu o Espírito.

Muitos se fecham para as coisas divinas, ou então sentem suas harmonias e belezas, porém escondem para si o segredo; parecem ter vergonha de confessar o que conhecem, ou melhor, o que experimentam.

Precisa-se abrir o ser interno, abrir as janelas da prisão do Espírito aos eflúvios da vida universal e, de súbito, essa prisão encher-se-á de claridades, de melodias; um mundo todo de luz penetrará o Espírito.

Então o Espírito conhecerá felicidades que não se podem descrever; compreenderá que há em seu redor um oceano de amor, de força e de vida divina no qual ele está imerso e que lhe basta querer para ser banhado nessas águas regeneradoras. Sentirá no Universo um poder supremo e maravilhoso que ama, envolve, sustenta, que vela por toda criatura.

Todos podem conhecer e possuir estas maravilhas, despertando o que há em si de divino. Não há ninguém, por mais perverso que seja, que numa hora de abandono e sofrimento, não veja abrir-se uma fresta por onde entra um pouco de claridade das coisas superiores e um pouco de amor se filtrem até ele.

Basta experimentar uma vez só a centelha divina do amor para não mais esquecer. E quando chega o término de mais uma jornada, as poderosas sensações acordam com a memória de todas as alegrias sentidas, e a lembrança das horas em que verdadeiramente amamos, cai como delicioso orvalho sobre nosso Espírito dissecado pelos ventos ásperos das provações e da dor.

Não nos esqueçamos que o Mestre Jesus muito nos amou enquanto aqui esteve e continua nos amando, porque nos proporciona meios de melhorarmos através do amor.

Sigamos o exemplo de Jesus, procurando aprender a amar, porque o amor é a essência divina em nós.

O amor é a síntese dos ensinamentos de Jesus. Roguemos que Ele nos abençoe e que desta bênção brote o nosso amor!

(O Espírito da Verdade)/(Em Torno do Mestre)/(O Problema do Ser, do Destino e da Dor)

04 - Amor - item 9.

Em nossa aurora espiritual, possuímos apenas instintos.

Movimentando-nos dentro do mecanismo instintivo, força oculta que nos inspira os atos espontâneos e involuntários, preservando-nos a existência e fazendo-nos avançar na aquisição dos conhecimentos, estágio em que adquirimos o livre arbítrio.

Os instintos jamais se perdem; eles transfiguram-se em sentimentos, fazendo-nos, a pouco e pouco, alcançar um plano mais alto, na escalada do infinito.

E os sentimentos são o prelúdio do amor. O amor é a centelha divina em nós.

Permitamos que o Espírito rompa todas as comportas artificiosas, sustentadas pelo egoísmo, e envolvamos em afeto todas as criaturas que partilham conosco o aprendizado terreno, a fim de que palmilhemos, com real proveito, os caminhos que se fazem escarpados e áridos na ausência do amor.

Não desperdicemos os tesouros imensuráveis da afetividade somente com alguns irmãos da criação; animais, plantas e objetos inanimados, esquecendo outros irmãos da criação, os Espíritos, que rogam carinho e ternura, afeição e piedade.

Amemos o próximo como a nós mesmos. Façamos aos outros todo o certo e o bem ao nosso alcance.

O coração humano não é estéril. Mesmo anestesiado por falsos e transitórios conceitos, sobre a vida, todo ser humano vive as suas experiências aspirando pela chama vivificante e fecunda do amor, porque o amor se encontra latente no coração.

Na Terra, muitos entendem o amor como um sentimento, um impulso do ser, que o leva para outro ser com o desejo de unir-se a ele. Na verdade, o amor reveste formas infinitas, desde as mais vulgares até as mais sublimes.

O amor é o princípio da vida universal, porque proporciona ao Espírito, em suas manifestações mais elevadas e puras, a intensidade de radiação que aquece e vivifica tudo em roda de si. É pelo amor que o Espírito se sente estreitamente ligado ao Poder Divino, foco ardente de toda a vida, de todo o amor.

Acima de tudo, Deus é amor. Por amor, criou os seres para associá-los às Suas alegrias, à Sua obra.

O amor é uma força inexaurível, renova-se sem cessar e enriquece ao mesmo tempo aquele que dá e aquele que recebe. É pelo amor, Sol dos Espíritos, que Deus atua no mundo. Pelo amor, Ele atrai para Si, todos os seres retardados nos antros das paixões, os Espíritos cativos da matéria; eleva-os, arrasta-os na espiral da ascensão infinita para os esplendores da luz e da liberdade.

O amor conjugal, o amor materno, o amor filial ou fraterno, o amor da pátria, da raça, da humanidade, são refrações, raios refratados do amor divino, que abrange, penetra todos os seres e, difundindo-se neles, faz rebentar e desabrochar mil formas variadas, mil esplêndidas florescências de amor.

Até nas profundidades do abismo da vida física, infiltram-se as radiações do amor divino e vão acender nos seres rudimentares, pela afeição à companheira e aos filhos, as primeiras claridades, que no meio do egoísmo feroz, serão a promessa de uma vida mais elevada.

É o apelo do ser para o ser, é o amor que provocará, no âmago dos Espíritos embrionários, os primeiros rebentos do altruísmo, da piedade, da bondade.

Na escala evolutiva, pelo amor, o ser humano terá as primeiras felicidades, nas únicas sensações de ventura perfeita que lhe é dado gozar na Terra, sensações mais fortes e suaves que todas as alegrias físicas, e conhecidas somente dos Espíritos que sabem verdadeiramente amar.

Assim, de grau em grau, sob a influência e irradiação do amor, o Espírito se desenvolverá e engrandecerá, vendo alargar os círculos de suas sensações.

Lentamente, o que era somente paixão, desejo carnal, vai se depurando, transformando num sentimento nobre e desinteressado. A afeição a um só ou alguns, converter-se-á na afeição a todos, à família, pátria, humanidade...

E o Espírito adquirirá a plenitude do seu desenvolvimento quando for capaz de compreender e participar da vida celeste, que é toda de amor.

O amor é mais forte do que o ódio, mais poderoso do que a morte.

Se o Cristo foi o maior dos missionários e dos profetas, e tanto influenciou os seres humanos, foi porque trazia em Si um reflexo mais poderoso do amor divino.

Jesus passou pouco tempo na Terra; foram bastante três anos de evangelização para que o Seu domínio se estendesse a todas as nações. Não foi pela ciência e nem pela oratória que Jesus cativou as multidões; foi pelo amor!

Desde Seu desencarne, Seu amor ficou no mundo como foco sempre vivo, sempre ardente.

Por isso, apesar dos erros e faltas de Seus representantes, apesar de tanto sangue derramado por eles, de tantas fogueiras acesas, de tantos véus estendidos sobre o Seu ensino, o Cristianismo continuou a ser a maior das revelações divinas; disciplinou, moldou o Espírito humano, amansou a índole feroz dos bárbaros, arrancou raças inteiras da sensualidade e da bestialidade.

À medida que o ser humano se afasta dos planos inferiores, onde reinam as impulsões egoístas e fatais, e sobe os degraus da gloriosa hierarquia espiritual, verifica-se que, cada Espírito é um sistema de forças e um gerador de amor, cujo poder de ação aumenta com a elevação.

Por isso, é que se explica a solidariedade e fraternidade universais. Um dia, quando o ser humano se desembaraçar das dúvidas e incertezas que obsedam os seus pensamentos, compreenderá a grande fraternidade que liga os Espíritos. Sentirá que todos estão envolvidos pelo magnetismo divino, pelo grande sopro de amor que enche os espaços.

Quem ama termina por ser amado.

O amor é o consolo e o abrandamento das penas inevitáveis do dia a dia, nascente de uma nova era em que, o nosso orbe não será a cinzenta faixa de exílio e lágrimas e onde nos confinamos no expurgo do Espírito.

Sob o reinado do amor, teremos o recanto desejado, em que poderemos repousar e aprender sem o imperativo da dor.

Amar, no profundo sentido espiritual:

- é ser leal, sem condicionantes,
- é ser probo, sem aguardar recompensas,
- é ser consciencioso, sem mensurar a própria honestidade,
- é ter a iniciativa do certo e do bem, sem desfalecimento,
- é suavizar as dores que acabrunham os irmãos,
- é sentir a humanidade por família,
- é ter sempre a palavra de esperança e de conforto.

O amor fará a conjugação de todos os interesses materiais e espirituais do ser humano, promovendo o portentoso fenômeno da nova civilização cristã, que já faz os seus prenúncios no horizonte espírita.

Através do amor, respira-se, progride-se, compreende-se, serve e sublima, espalhando a felicidade.

Por onde passamos, vamos deixando mensagens de amor, porque o amor é Deus em tudo.

Roguemos ao Pai Eterno que nos ilumine de amor.

(O Espírito da Verdade)/(O Problema do Ser, do Destino e da Dor)/(Jesus e Kardec)

05 - Sansão - item 10.

“Eis que vos envio como ovelhas para o meio dos lobos; sede, portanto, prudentes como as serpentes e simples como as pombas”. São as palavras de Jesus, em Mateus 10:16.

Gúbio, outrora uma cidade pacata, vivia sobressaltada porque um ferocíssimo lobo, que vivia em floresta próxima, saía do seu covil e devorava a quantos passassem pelas estradas. Quando sua fome atingia paroxismos, o lobo, destemidamente, entrava na cidade e fazia suas vítimas. O povo fechava suas casas e ninguém se dispunha a enfrentar o animal.

Francisco de Assis compadeceu-se daquela gente e entrou em oração:

- Oh! Pai Justo e Santo, bem sei que as coisas acontecem porque têm uma causa. Aos nossos olhos, ainda cegos para os Teus Santos desígnios, fatos como os que se desenrolam em nossa pequena cidade são por nós interpretados como um grande castigo dos Céus.

Este teu humilde servo sabe que não criastes castigos para nenhuma das Tuas criaturas. Nós é que geramos, com nossos erros e maldades, os males que nos afligem. Meus irmãozinhos ainda não se aperceberam dessas verdades, meu Pai. Por isso, revidam o erro com outro erro. E o erro permanece, aumentando cada vez mais a sua capacidade de ferir. Se for do Teu agrado, Senhor, permite a esse Teu servo inútil ir ao encontro do irmão lobo e lhe falar a Tua linguagem. Disseste: “Eis que vos envio como ovelhas para o meio dos lobos”. O irmão lobo da floresta, criação Tua, ainda não ouviu uma palavra de amor.

Todos o querem matar, todos o odeiam. De certo modo, graças ao Teu poder, temos conseguido que muitos lobos humanos arrefeçam o ódio em seu coração e, alguns, até já conseguiram a bem aventurança. Por isso, ó Pai, confiando em Tua força, irei conversar com o irmão lobo, porque estou compadecido do sofrimento dessa gente.

Terminada a sentida prece, partiu o Mensageiro da Fraternidade ao encontro do lobo, acompanhado de numerosos companheiros e de povo.

- Ficai aqui.

- Não Pai Francisco, pelo amor de Deus, não prossiga, nós o queremos conosco e não nas garras do maldito lobo! Gritou uma senhora que presenciara o animal devorar seu filhinho e seu esposo.

- Ah! Meu Deus, meu Deus, lá se vai o nosso amigo! Nunca mais o veremos! Exclamou outra pessoa, em lágrimas.

- Tende fé. Não temais! Respondeu o Francisco serenamente, encaminhando-se para o covil.

Quando o feroz animal percebe que se aproxima Francisco, põe-se em atitude de ataque, mostra os dentes pontiagudos, arrasta as patas no chão, eriça o pelo e parte a passos lentos contra o Pai Francisco. Eis que estaca de inopino, frente a frente com Francisco de Assis. Este lhe fala docemente:

- Vem cá, irmão lobo, ordeno-te, da parte do Cristo, que não faças mal a mim e nem a ninguém!

Espetáculo admirável! A fera fecha a sua enorme boca e, mansamente se lança aos pés do Luzeiro do Espaço, como morto.

- Irmão lobo, tu fazes muitos danos nesta terra e grandes malefícios, destruindo e matando criaturas de Deus sem Sua licença. E não somente mataste e devoraste os animais, mas, tiveste o ânimo de matar aos seres humanos, que são imagem e semelhança de Deus. Por isso, és digno da força, como ladrão e homicida péssimo; e toda gente grita e murmura contra ti e toda esta terra é tua inimiga. Mas eu quero fazer a paz entre ti e eles; de modo que tu não mais os ofenderás e eles te perdoarão todas as passadas ofensas e nem seres humanos e nem cães te perseguirão mais.

O lobo levantou-se, abanando a cauda e as orelhas e abaixando e levantando a cabeça, dava mostras de aceitar, prometer e observar o que o Bem aventurado dizia.

- Irmão lobo, desde que é do teu agrado fazer e conservar esta paz, eu prometo dar-te continuamente alimento, enquanto viveres, pelos seres humanos desta terra, para que não sofras fome, porque sei bem que, pela fome, é que fizeste tanto mal. Mas, por te conceder esta grande graça, quero, irmão lobo, que me prometas não lesar mais nenhum ser humano, nem a nenhum animal. Promete-me isso?

O lobo, inclinando a cabeça, demonstrou que sim.

- Irmão lobo, eu quero uma prova dessa promessa a fim de que possa confiar.

E estendendo a mão, o lobo levantou a pata direita da frente e pôs sobre a mão de Francisco.

- Irmão lobo, eu te ordeno, em nome de Jesus Cristo, que venhas agora comigo, sem duvidar de nada, e vamos concluir esta paz em nome de Deus.

Como é fácil prever, o povo estava estarelecido diante do inusitado espetáculo.

A partir de então, o lobo acompanhava Francisco de Assis em suas andanças pela cidade, permanecia atento, aos pés Dele, durante suas pregações, e ninguém o temia. Ao contrário, aproximavam-se dele, acariciavam-no, davam-lhe alimentos e nenhum cão ladrava com ele.

O amor, uma vez mais, foi glorificado, através de alguém que atingiu a sua plenitude.

A cidade de Gúbio voltou a desfrutar da antiga paz e harmonia.

Examinando todas as parábolas do Evangelho de Jesus, suas passagens e sentenças, chega-se a conclusão de que todas encerram lições e ensinamentos, cuja essência é sempre a apologia do amor e a abominação do egoísmo.

Egoísmo e amor - eis a perdição e a salvação, o Céu e o inferno. Egoísmo e amor são dois extremos opostos, dois polos inconfundíveis; são dois antagonistas irreconciliáveis que lutam entre si, tendo por campo de ação o recesso íntimo de nossos corações. Da vitória que consagramos a um deles depende o nosso destino terreno.

“Em vos muito amardes uns aos outros, todos reconhecerão que sois meus discípulos”, sentenciou o Mestre.

Os pagãos romanos, impressionados com a fraternidade dos primeiros cristãos, entre si, vieram confirmar aquele conceito que corria de boca em boca, entre os sequazes de Nero: “Vede como eles se amam!”.

Os cristãos se distinguiam dos gentios pelo culto do amor, que entre si guardavam como lei soberana, como fruto daquela fé augusta, cujo lábaro, flutuando no cimo do calvário, deixa através de suas dobras a magistral legenda: “Amam-vos uns aos outros”.

Quando acreditamos que Deus é amor, o amor, verdadeiramente, está em tudo. Onde haja harmonia existe amor, e a natureza é, pois, um concerto espiritual, onde a harmonia é o ponto alto da vida, circulando em todas as dimensões.

Para saber a grandeza do amor, basta amar alguma coisa que está próxima a você, que logo receberá de volta a correspondência do que ofertou; necessário se faz que compreenda a qualidade evolutiva daquilo que seu amor atingiu.

Tudo o que existe carece do amor de Deus, na dinâmica da vida; passemos, pois, a amar as coisas e as pessoas, na qualidade de idosos ou crianças.

Também os Espíritos superiores atendem ao amor que a eles ofertamos, por gratidão, aos seus corações, correspondem a esse amor, ajudando-nos a levar a nossa cruz.

A Natureza, em todas as dimensões do existir, foi feita pelo amor daquele que é a Vida. O “Deus é amor” no dizer do apóstolo João, nos mostra o valor dessa virtude inconfundível.

A vida nos pede que compreendamos o amor e que passemos a amar, ainda que do modo limitado como percebemos esse maravilhoso sentimento.

A felicidade de todas as criaturas se encontra na libertação das ilusões passageiras e das paixões inferiores que todos conhecem. Quando tudo está pronto, sentimos a necessidade de amar, começando por alguém e depois por toda a criação.

Todos os impulsos da vida, em todos os departamentos da Natureza, são estimulados por essa virtude incomparável, que denominamos de Amor.

O amor puro é bom, é justo, é livre, é tranquilo, é paciente, é perdão, é caridade, é luz, é entendimento, é paz, é compreensão, é alegria, e acima de tudo, é vida, que saiu da vida do Criador.

O amor obedece a uma escala que vibra desde o vírus até aos puros Espíritos, mas sempre onde está, vibra a presença de Deus, como sendo Ele atendendo às necessidades dos que possuem essa qualidade benfeitora.

A própria dor faz maravilhas no Espírito, pelos processos do amor de Deus. O corpo humano se fez com a presença do amor, e é por isso que ele é um complexo de harmonia, que busca cada vez mais o seu porte de esplendores.

No mundo espiritual tudo se faz envolvido pelo amor. Na Terra tudo se transforma sob os planos de Deus, movendo para a grande esperança de vida, mas que no fundo, move e dá direção para o amor.

Se você deseja compreender a vida, passe a pensar nela, buscando pelos pensamentos; a paz, a caridade, o perdão, que é o amor e a sua vida se transformará e encontrará o almejado. É o "Buscai e achareis".

Comece o dia pensando no amor e, usando-o para o seu amanhecer, comece os seus trabalhos do mesmo modo, isto certamente atrairá para junto do seu coração o que busca: Os semelhantes se atraem, na verdadeira fusão do amor.

Quando tomar um copo d'água, não esqueça o amor, beneficiando-se em nome dele.

A criança é gerada no seio da mãe pela força desse amor de que falamos com gratidão a Deus.

Tudo se move e se faz pelo amor de Deus.

Estamos juntos aqui, hoje, pelo amor que já despertou em nós, e a nossa alegria, é que aprendamos um pouco do amor, para que entendamos mais a vida, que busca o coração nos rumos da felicidade.

Que Jesus permaneça entre nós!

(De Francisco de Assis para você)/(Nas Pegadas do Mestre)/(Francisco de Assis)

06 - O Egoísmo - item 11.

O egoísmo é o vício mais radical. Dele deriva todo o erro. Em todos os vícios existe o egoísmo. Por mais que se lute contra os vícios, não os arrancamos de nós se não extirparmos a sua causa: o egoísmo! Todos os nossos esforços devem ser para esta causa, porque no egoísmo se encontra a chaga da sociedade.

Para, nesta vida, tentarmos nos aproximar da perfeição moral, temos que tirar o egoísmo do nosso coração, porque ele é incompatível com a justiça, o amor e a caridade; o egoísmo neutraliza todas as outras qualidades.

O egoísmo é o nosso erro maior, porque ele se liga as inferioridades dos Espíritos encarnados na Terra e não a humanidade em si mesma.

Os Espíritos se purificam nas encarnações sucessivas, perdendo o egoísmo e as outras impurezas. Por acaso existe na Terra algum ser humano destituído de egoísmo e praticante da caridade?

Sim. Existe em maior número do que pensamos, mas poucos conhecemos, porque a virtude não procura se fazer notar.

Observemos o nosso cotidiano; ao ligarmos o rádio ou a televisão, a maioria das notícias é de coisas erradas e ruins. Será que não tem nada de coisas certas e boas para se noticiar?

Apesar de toda essa avalanche de notícias erradas e ruins, hoje já existem programas que ressaltam as virtudes de alguns seres humanos que trabalham pelo próximo. Há programas que mostram a Natureza e falam da sua importância para o equilíbrio do planeta. Isso é sinal de progresso, apesar de ser a passos lentos, mas está acontecendo...

As notícias erradas e más já incomodam muitos, que veem nessas atitudes a inferioridade do ser humano.

E se existe um sem egoísmo, pode existir dez, e por que não mil? E assim por diante.

Quando todos nós tivermos nos despedido do egoísmo que nos domina, viveremos como irmãos. Então o forte será o apoio do fraco, e não o seu opressor, não mais veremos ninguém desprovido do necessário, porque todos nós praticaremos a lei da justiça.

De todas as imperfeições humanas, a mais difícil de desenraizar é o egoísmo, porque se liga a influência da matéria, da qual o ser humano está muito próximo e não conseguiu libertar-se. Tudo pode ajudar para se ter essa influência: as leis, a organização social e a educação.

O egoísmo só enfraquecerá quando a vida moral predominar na vida material.

Ao experimentar o egoísmo do outro, a criatura humana se torna egoísta, porque se sente na necessidade de se por em defensiva. Para não acontecer isso, precisa vigiar e orar.

As vezes se abdica do egoísmo em favor de outro e este não reconhece. Não se deve perturbar com a situação e lembrar que tendo a virtude do amor, da bondade, estará aberta a porta do Reino dos Céus.

Muitos esforços do plano espiritual têm sido feitos para ajudar a humanidade a avançar; os corretos e bons sentimentos são encorajados, estimulados e honrados, e hoje mais do que em qualquer época.

E, no entanto, o verme devorador que é o egoísmo, continua a ser a praga social. É um verdadeiro mal que se espalha por todo o mundo e do qual, cada um de nós é, mais ou menos, causa e vítima. É necessário combatê-lo, como se combate uma epidemia.

E a causa é a falta de conhecimento da moralidade, do conhecimento dos ensinamentos de amor mostrados pelo Divino Mestre.

Conhecendo o remédio, que é o amor, a cura do egoísmo se apresentará por si mesma. E vai se combatendo, pouco a pouco o veneno será extirpado. A cura poderá ser demorada, porque as causas são inúmeras, mas o mal deve ser atacado pela raiz, ou seja, com a educação. Não a educação intelectual que faz seres humanos instruídos, mas a educação moral, a de fazer seres humanos corretos e de bem!

O melhor seria caminharem juntas as duas: A educação intelectual e a moral. Seria muito mais fácil erradicar o egoísmo. A educação bem compreendida é a chave do progresso moral.

Desde o nascimento do filho do rico ou do pobre, devem ser observadas as influências perniciosas que agem sobre ele, em consequência da fraqueza e da ignorância dos que o dirigem. Por isso fracassam, e é a razão de tanta confusão no mundo. A formação moral do Espírito é muito im-

portante nos primeiros anos que se encontra encarnado, por isso a necessidade de seus educadores terem conhecimento moral.

O ser humano quer ser feliz e esse sentimento está na sua natureza; por isso trabalha sem cessar para melhorar a sua situação na Terra, e procura as causas de seus males para os remediar.

Quando compreender bem que o egoísmo é uma dessas causas, aquela que engendra o orgulho, a ambição, a inveja, o ódio, o ciúme, dos quais em todo momento ele é vítima, que leva a perturbação a todas as relações sociais, provoca as dissensões, destrói a confiança, obrigando-o a se manter constantemente numa atitude de defesa em face ao outro, e que, do amigo faz um inimigo, então compreenderá que esse vício é incompatível com a sua própria felicidade. É incompatível com a sua própria segurança.

Desse modo, quanto mais sofrer, mais sentirá necessidade de combater o egoísmo, como se combate uma peste, os animais daninhos e todos os outros flagelos.

O progresso é uma condição da natureza humana, ninguém tem o poder de se opor a ele. É uma força viva que as leis erradas podem retardar, mas não asfixiar.

O maior obstáculo para o progresso é o egoísmo. Isto é, o progresso moral, porque o egoísta pode progredir materialmente, o que ainda o torna mais egoísta e prepotente.

Hoje, no nosso mundo, o progresso intelectual tem recebido muito estímulo e tem atingido vários graus. Seria necessário que o progresso moral estivesse no mesmo nível.

O ser humano não permanecerá perpetuamente na ignorância, porque chegará ao fim determinado pela Providência: e se esclarecerá pela própria força das circunstâncias. Avança, vai compreendendo o que é o erro e, dia a dia corrige os seus abusos. É preciso que haja excesso do erro, para compreender a necessidade do certo e do bem e das reformas.

Não se deve esquecer que o egoísmo é a fonte de todos os vícios, e a caridade é a fonte de todas as virtudes. Destruir o egoísmo e desenvolver o sentimento da caridade deve ser o alvo de toda criatura, para assegurar a felicidade neste mundo e na vida futura.

O egoísmo é o grande inimigo do ser humano. Ele acorrenta a criatura à senzala moral, avassala as aspirações mais nobres.

Para desarticular as suas manifestações e o seu domínio, a fim de se livrar dele, precisa-se crescer na hierarquia espiritual. É preciso muita coragem. Coragem para vencer a si mesmo, superar as deficiências de muitas vidas físicas passadas, redescobrimo a personalidade sob esse musgo aderente e deformante.

Das manifestações de egoísmo através do ser humano, deve-se a deformação do Cristianismo. Se não se anular tal enfermidade em cada um, continuaremos nos desvios do Espiritismo Cristão.

Com o egoísmo, as mais sublimadas noções religiosas se transformam em pedregulhos, que embaraçam a marcha da humanidade e, as mais belas conquistas da ciência se tornam armas beligerantes, dificultando o nosso avanço no rumo a um mundo melhor.

Deve-se consagrar a caridade moral por norma de vida, e se terá impregnado o mais salutar bálsamo, único capaz de cicatrizar as chagas do egoísmo no Espírito.

Combater o egoísmo é dar trânsito à caridade. Naturalmente que se terá grandes obstáculos a superar, porque, nessa evolução, a caridade é o extremo oposto do egoísmo. O egoísmo é o primeiro e mais espontâneo impulso que o ser humano sente, à vista do caráter espiritual, deformado pela necessidade na sobrevivência material e pela errada educação secular.

Jesus é o modelo da caridade. Seguir os seus exemplos, em todas as circunstâncias e no cotidiano da vida, é tomar carta de alforria, garantindo de uma vez por todas, a plena liberdade, por descondicionar-se daqueles desejos menos dignos que regem o atual estágio de evolução.

No mundo do egoísmo vence o mais esperto... Esperto...?

Na luta dos interesses individuais, mesmo nas mais fantasiosas e belas desculpas, são pisadas as mais puras afeições, desrespeitados até os sagrados laços de família, porque o egoísmo envaidece e cria uma sociedade triste, sem segurança e sem esperança de dias melhores.

Somente na procura de Jesus, de Sua doutrina, vai-se erradicando o egoísmo do coração.

Nestes ensinamentos do Evangelho, que Jesus Cristo nos abençoe.

(O Livro dos Espíritos)/(Jesus e Kardec)

07 - O Egoísmo - item 12.

É fato reconhecido que, a maior parte das misérias da vida física provém do egoísmo dos seres humanos.

Desde que cada um só pensa em si, sem pensar nos outros e ainda só quer a satisfação dos próprios desejos, é natural que sacrifique os interesses de outrem, quer nas pequenas, quer nas maiores coisas, tanto na ordem moral, como na material.

Por isso todo o antagonismo social, todas as lutas, conflitos e misérias.

O egoísmo tem origem no orgulho. A superioridade da própria personalidade arrasta o ser humano a considerar-se acima dos demais. O orgulho da importância que atribui a si mesmo, o torna naturalmente egoísta.

Deus não criou o erro; é o ser humano que o produz por abuso dos dons divinos, em virtude do livre arbítrio.

Deus criou o Espírito simples e sem conhecimentos, para que ele os buscasse por si mesmo. Deus não criou o Espírito orgulhoso e egoísta; foi o próprio Espírito que, ao administrar erradamente o instinto, que Deus lhe deu para sua própria conservação material quando encarnado, se tornou egoísta e orgulhoso.

A humanidade não será feliz enquanto não viver em paz, isto é, enquanto não for animada pelos sentimentos de benevolência, indulgência e condescendência recíproca e enquanto procurar esmagar uns aos outros.

A caridade e a fraternidade resumem todas as condições e deveres sociais, mas reclamam abnegação. A abnegação é incompatível com o egoísmo e com o orgulho; então, com estes vícios não pode haver fraternidade, nem igualdade e liberdade; porque o egoísta e o orgulhoso tudo querem para si. Os egoístas e os orgulhosos serão sempre os vermes roedores de todas as instituições progressistas, e enquanto reinarem, os mais generosos sistemas sociais, os mais sabiamente combinados, cairão a golpes deles.

Para que os seres humanos vivam como irmãos na Terra, não basta dar-lhes lição de moral; é preciso destruir a causa contrária existente, é atacar a origem do erro: o orgulho e o egoísmo.

É a chaga que deve merecer toda a atenção daqueles que seriamente desejam o certo e o bem da humanidade.

É impossível destruir o egoísmo e o orgulho?

Se fosse impossível, o progresso moral também seria impossível. Se considerarmos o ser humano em diversas épocas, reconhecemos a evidência de um progresso incontestável. Como temos sempre progredido, em progresso continuaremos.

Os egoístas ainda são em maior número, e se assim não fosse, não fariam as leis. Porém os bondosos não são em tão pouco número como se pensa. Parecem poucos porque a virtude é sempre modesta, ao passo que o orgulho se põe em evidência.

Tudo isso acontece pela falsa ideia que faz o ser humano da sua natureza, do seu passado e do seu futuro. Não sabe donde vem, julga-se mais do que é; não sabendo para onde vai, concentra todos os seus pensamentos na vida terrestre.

Se o ser humano se identificasse com a vida futura, a sua perspectiva mudaria inteiramente, como quem sabe que pouco tempo deve estar em pouso ruim e que dele saindo alcançará uma excelente hospedaria para o resto da vida.

A importância da presente vida física, tão triste, tão curta e efêmera, desaparece diante do esplendor da vida futura infinita, que se abre à frente. A consequência natural e lógica desta certeza é o sacrifício voluntário das vaidades do presente a um futuro sem fim, ao passo que antes desse conhecimento, tudo era sacrificado no presente.

Desde que a vida futura se torna a meta, que importa gozar mais ou menos nesta?

Os interesses mundanos são acessórios, em vez de principais. Trabalha-se no presente, a fim de assegurar-se uma boa posição no futuro, sabendo quais as condições para alcançá-la. Nos interesses mundanos, os seres humanos podem opor obstáculos, que podem combatê-los e que gera o egoísmo.

A causa do orgulho e do egoísmo está na crença, que o ser humano tem, da sua superioridade individual, e aqui se faz ainda sentir a influência da concentração do pensamento nas coisas da vida terrestre.

O sentimento de personalidade arrasta o ser humano que nada vê diante de si, atrás de si ou acima de si; então o seu orgulho não conhece medidas.

A incredulidade além de não combater o orgulho, estimula-o e lhe dá razão, porque nega a existência de um poder superior à humanidade. O incrédulo só crê em si; por isso tem orgulho, é egoísta, porque vê nos contratempos senão obra do acaso; enquanto que o crédulo vê na mão do Senhor os contratempos, e curva-se submisso, enquanto o outro se revolta.

Crer em Deus e na vida futura é a principal condição de se quebrar o egoísmo, mas não é a única. Conjuntamente com o futuro, é preciso ter em vista o passado, para fazer justa ideia do presente. Para que o orgulhoso pare de crer na sua superioridade, é preciso provar-lhe que ele não é mais do que os outros e que todos lhe são iguais, que a igualdade é um fato e não uma teoria filosófica. São verdades que derivam da existência do Espírito e da reencarnação.

Quando se considera somente a vida corporal, vê as desigualdades sociais e não as pode explicar; porém, quando se vê o prolongamento da vida espiritual, para o passado e o futuro, desde o ponto de partida, que é a criação, até o terminal, que é a perfeição, as desigualdades se desfazem perante os olhos e se reconhece que Deus não deu a nenhum de seus filhos vantagem que negasse aos outros; fez a partilha com a mais perfeita igualdade; o atrasado de hoje, pode ser o adiantado de amanhã; enfim, reconhece que, não se elevando ninguém a não ser pelos esforços, a igualdade tem o caráter de justiça e de lei natural, diante dos quais não prevalece o orgulho e o egoísmo.

A reencarnação prova que os Espíritos podem nascer em diferentes condições sociais, quer como prova, quer como expiação. E nos faz saber que muitas vezes tratamos mal, quem em outra vida foi nosso superior ou igual, parente ou amigo. Se soubéssemos, trataríamos com atenção, então não haveria mérito. E se soubéssemos que o amigo de hoje foi o adversário de ontem? Com certeza o repeliríamos.

Deus não quis assim e lançou um véu sobre o passado, para que víssemos irmãos e iguais em todos, para estabelecer a fraternidade e, sabendo que poderemos ser tratados como tratamos os outros, firmaremos o princípio da caridade.

Jesus estabeleceu os princípios da caridade, da igualdade e da fraternidade, e o Espiritismo, baseado nos ensinamentos de Jesus, pelo conhecimento da vida espiritual, descortinou novos horizontes.

No infinito campo que o Espiritismo põe aos nossos olhos, a importância pessoal se anula, porque se compreende que, só, nada vale e nada pode, que todos precisam uns dos outros e um não é mais do que o outro; é um duplo golpe contra o orgulho e o egoísmo.

Para isso é preciso ter fé, mas não a fé cega que acanha as ideias e alimenta o egoísmo, mas sim, a fé que pede a luz e não as trevas, sendo inteligente e racional, e que rasga o véu dos mistérios e alarga os horizontes. Essa fé é elemento essencial para o progresso, é o que o Espiritismo proclama: fé robusta, porque se firma na experiência e nos fatos, dá as provas palpáveis da imortalidade e ensina donde ela vem, para onde vai e porque está na Terra e, fixa as ideias a respeito do futuro.

O ser humano não pode instantaneamente mudar de sentimentos e elevar os olhos da Terra ao Céu; o infinito deslumbra e confunde-o; precisa de tempo para assimilar novas ideias.

O Espiritismo é o elemento mais potente de moralização, porque desmorona os fundamentos do egoísmo e do orgulho, dando sólido fundamento à moral. O que produz no indivíduo é o prenúncio do que produzirá um dia nas massas.

Não pode de uma vez arrancar a erva daninha, mas dá a fé, que é a boa semente e que precisa somente de tempo para germinar e frutificar. Eis porque ainda não são todos perfeitos.

O Espiritismo encontrou o ser humano no meio da vida física, no ardor das paixões, na força dos preconceitos, e nestas condições tem operado prodígios.

Sob o império das ideias de fraternidade, caridade, igualdade, que serão mandamentos de fé racional para todos, o progresso limpará a estrada, do egoísmo e do orgulho, e a humanidade caminhará rapidamente para os destinos que lhe são prometidos na Terra, enquanto não chega a hora de alcançar o Céu.

E Jesus estará junto de todos nos!
(Obras Póstumas)

08 - A Fé e a Caridade. - item 13.

Fé: No sentido comum é crença. Normalmente ela é inata, manifesta-se naturalmente ao aceitar as coisas e as realidades conforme se apresentam. É inata em toda criatura humana. Ninguém está isento da sua realidade, porque é parte integrante de cada vida.

A fé se realiza na sua plenitude, quando é consequência da razão.

A fé natural, à medida que se apoia no objeto que lhe constitui a crença, transcende a própria capacidade, transformando-se em estado de espírito. Quando honestamente elaborada, é calma e fecunda, propiciando equilíbrio físico e psíquico que sustenta a vida humana.

Para qualquer edificação a fé se eleva a fator essencial, através do qual se levantam e materializam os ideais de enobrecimento da humanidade.

No entanto, a fé que não produz é semelhante a lâmpada suntuosa que não espargiu claridade: É inútil!

O apóstolo Tiago asseverava: “a fé sem obras é inoperante”.

Para que a fé engrandeça, é imperioso que se indague, investigue, realize, a fim de resistir às circunstâncias adversas, às decepções de qualquer expressão, fundados em fatos iniludíveis, assim sobreviverá aos escombros e destroços das crenças ruínas e das instituições malogradas.

Para legitimar-se, a fé deve consorciar-se com a razão que estuda e analisa, passando pelo crivo da argumentação lógica tudo em que crê.

A fé torna-se consciente, graças a experiência pessoal do que crê em relação ao fato, dando-lhe ciência individual do conhecimento em que se afirma, libertando e felicitando o ser humano.

A fé torna-se verdadeira quando desperta os sentimentos da humildade e da ponderação, em que consubstancia os fatos espirituais que lhe servem de base.

A fé é a força motriz para a caridade - a virtude por excelência, em cujo labor o Espírito se engrandece e alcança a plenitude. E foi por esta razão, que Allan Kardec, o escolhido embaixador do Espírito de Verdade, conceituou: “fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da humanidade”.

Caridade - é a virtude que constitui a mais alta expressão de sentimento do ser humano, é o quadro da sua espiritualização.

A caridade é vulgarmente confundida com a esmola, essa dádiva humilhante do que sobra e representa inutilidade. A caridade é mais do que as doações externas, e que se supõe em tal atividade encerrá-la.

É valioso, sem dúvida, qualquer gesto de generosidade, quando a única meta é a oportunidade de ajudar o que padece ou o aflito, ajudando-lhe a lenir os problemas físicos ou renovando-lhe o ânimo, com que se fortalece para atividades redentoras.

Não se pode confundir caridade com filantropia. A filantropia é um ato de amor fraterno e humano que, identifica certos seres humanos, ao destinarem altas somas para se aplicarem em obras de incontestável valor, financiando múltiplos setores da ciência, da arte, da higiene, do humanismo...

Henry Ford, John Rockefeller e muitos outros seres humanos de bem, foram filantropos eméritos, pois contribuíram para a humanidade com serviços de inapreciável qualidade, espalhando dadas oportunidades para países e povos de diversas regiões da Terra.

Vicente de Paulo, João Bosco, Francisco de Assis e tantos outros transformaram-se em apóstolos da caridade, pois nada quiseram possuir entre os valores transitórios do dinheiro ou do poder, ofertaram tesouros de amor e fecundaram em milhões de vidas físicas, o pólen da esperança, da saúde, da alegria de viver, lecionando exemplos rutilantes com os quais convocaram multidões de Espíritos ao prosseguimento do seu ministério que nem o desencarne conseguiu interromper.

A caridade, para ser praticada, nada exige e tudo oferece. Pode ser caridoso o ser humano que nada tem e é capaz de amar até o sacrifício da própria vida física. Enquanto o filantropo se exalta, mediante o excedente de que salutarmente se utiliza, na preservação do bem, na edificação da beleza, na manutenção da saúde.

Para a legítima caridade, é imprescindível a fé. Basta um arroubo momentâneo, uma motivação estimulante, uma explosão idealista.

A caridade é, sobretudo cristã, e esteve presente em toda a vida de Jesus, seu insuperável divulgador e expoente, porque repassava todas as suas doações com inefável amor, mesmo quando visitado pelo impositivo da energia.

A filantropia é valioso tributo, independe da fé, não se caracteriza do espírito cristão, é irreligiosa, brotando em qualquer indivíduo, mesmo entre déspotas, vaidosos ou usurpadores, o que já significa um passo na direção da elevação moral, portanto espiritual.

Enquanto a caridade é humilde e se apaga, ocultando as mãos do socorro e reconhecendo não haver feito tudo o que deveria, a filantropia recebe o prêmio da gratidão, engalanada na recompensa da referência bajulatória ou imortalizada na estátua e, no aplauso popular, nos monumentos igualmente transitórios.

Inegavelmente, é melhor para a criatura humana promover, fazer, estimular o bem e desenvolver a felicidade geral, do que, disfarçando-se, fugir do dever de ajudar e nada produzir, coisa alguma realizar.

O ideal seria o filantropo atingir a mais alta expressão do seu investimento, culminando na caridade que transforma o próprio doador.

O apóstolo Paulo, o incomparável pregoeiro das verdades eternas, melhor do que ninguém, escrevendo aos Coríntios a sua 1.ª carta, nos versículos 1 a 7 e 13, do capítulo XIII, definiu a caridade na sua máxima significação: Mesmo quando eu falasse todas as línguas dos seres humanos e a língua dos próprios anjos, se eu não tiver caridade serei como o bronze que soa ou um címbalo que retine; - ainda quando tivesse o dom da profecia, que penetrasse todos os mistérios, e tivesse a perfeita ciência de todas as coisas; ainda quando tivesse toda a fé possível, até o ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, nada sou. - E, quando houvesse distribuído os meus bens para alimentar os pobres, e houvesse entregado o meu corpo físico para ser queimado, se não tivesse caridade, tudo isso de nada serviria. A caridade é paciente; é branda e benfazeja; a caridade não é invejosa; não é temerária, nem precipitada; não se enche de orgulho; não é desdenhosa; não cuida de seus interesses; não se irrita, e não se azeda com coisa alguma; não suspeita mal; não se rejubila com a injustiça, mas se rejubila com a verdade; tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo sofre. Agora, estas três virtudes: fé, esperança e caridade permanecem; mas, dentre elas, a mais excelente é a caridade.

E determinou com incomparável sabedoria, que através da caridade, o cristão alcança a plenitude da paz.

Caridade e Espiritismo.

No Espiritismo cristão, a caridade é o único recurso, sem o qual o ser humano não consegue evoluir.

Allan Kardec penetrou as inesgotáveis fontes da espiritualidade, fazendo com que a Doutrina Espírita tivesse como objetivo primeiro a elevação do Espírito, arrancando-o em definitivo da constrição das reencarnações inferiores, em cujos vaivens se compromete, para logo expungir, e se desequilibra para depois se reorganizar.

Através da Ciência Espírita, o investigador consciente e devotado tem a certeza da imortalidade, compreende a lógica irretorquível da vida, mesmo diante dos aparentes disparates e aberrações da lei, defrontando a justiça equânime e imparcial para com todos, a todos facultando os recursos do autoburilamento com a recuperação dos valiosos tesouros da harmonia interior.

Embora o ser humano tenha a necessidade da prática da caridade material, necessária e de grande significação é a prática da caridade moral, a que exige melhores condições do Espírito, portanto, a mais importante, porque conclama aquele que a pratica à própria elevação, com que se sublima e edifica interiormente.

Na execução da caridade não se cansa, não se exaure, não reclama, não se considera, tudo dá, mais do que dá: dá-se!

Jesus culminou o Seu ministério entre os seres humanos da Terra, após as incontáveis doações pela estrada da compaixão e da misericórdia, com que socorreu e leniu, doou-se, deu a vida física na cruz com sublime legado de amor, inapagável luz de caridade que passou a clarear os milênios desde aquele momento.

O Espírito prova a sua elevação, quando todos os atos de sua vida corporal representam a prática da Lei de Deus e, quando antecipadamente compreende a vida espiritual.

“Verdadeiramente, o ser humano correto e de bem é o que pratica a lei da justiça, amor e caridade, na sua maior pureza. Se interrogar a própria consciência sobre os atos que praticou, perguntará se não transgrediu essa lei, se não fez erros, se fez todo o bem que podia, se ninguém tem motivos para dele se queixar, enfim se fez aos outros aquilo que desejava que lhe fizessem. Possuindo do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o certo e o bem pelo certo e o bem, sem contar com qualquer retribuição, e sacrifica seus interesses à justiça”.

Que Mestre Jesus permaneça entre nós!

(Estudos Espíritas - DPF)

09 - Caridade com os Criminosos - item 14.

Conta-nos o Irmão X, que poucas vezes, tivera ao seu lado, entidade tão bela. Era a nobre Diana, que há muito, consagrara-se ao ministério de iluminar os Espíritos, fossem cegos ou infelizes. Demorava longas semanas no abismo.

Acendia a luz evangélica entre gemidos e sombras e resistia, heroica, ao peso da atmosfera baixa e espessa. Inúmeros criminosos impenitentes rendiam-se à sua palavra persuasiva e maternal.

Jamais falava como quem reprova condenando; mas como quem esclarece amando, em nome de Deus.

Certo dia visitou-os um grupo de elevada tarefa. E Diana dissertava sobre grandes teses humanas, com sabedoria que lhe vibrava em cada definição.

O que mais impressionava na sua figura feminina, era a luz que a rodeava inteiramente. Parecia viver num ambiente maravilhoso, exclusivamente seu, tão sublime era o halo radioso que a circundava, isolando-a das influências exteriores.

Um amigo disse que, a abnegada mensageira possuía direito indiscutível para desfrutar semelhante situação, não só por trabalhar em círculos de criaturas inferiores, como também, porque vencera, em si mesma, as deficiências mais rudes da condição animal.

Espírito elevado, Diana reunia a beleza e a bondade, a ciência e a expressão.

Quando terminou a palestra encantadora que a trouxera ao núcleo de serviço que Irmão X trabalha, aproximou-se dela, curioso e enlevado, e outros companheiros fizeram o mesmo. Muito simples, parecia desconhecer a própria elevação. Sorria fraternalmente e comentava os problemas terrestres, como se estivesse ainda com a roupagem carnal. Soberano entendimento de todas as coisas lhe transparecia as mínimas expressões.

Irmão X, emocionado, observou a renúncia a favor dos Espíritos embrutecidos, e indagou o porquê de seu sacrifício.

Disse que num impulso espontâneo de sua própria consciência, oferecera cinquenta anos de trabalho aos nossos irmãos das zonas mais baixas da vida, e não se envergonharia de explicar a razão do seu gesto.

E sorridente, diante do interesse geral, prosseguiu delicada.

- Acho que todos conhecem as extremas dificuldades do Espírito de despojar-se dos sentimentos animalizados.

Todos, de modo significativo, entendem a sua inferioridade.

E a embaixatriz da caridade e da sabedoria, continuou.

- Confesso, pertenci à classe das piores mulheres que já existiram nos círculos do planeta. O ciúme, o egoísmo e a vaidade eram o meu trio de verdugos cruéis. Voltei à carne numerosas vezes. Somente para atacar o ciúme fulminante, recebi a oportunidade de nove existências sucessivas, sem resultado eficiente.

- Para combater o egoísmo e a vaidade, regressei ao corpo físico muitas vezes, falhando na mais insignificante tarefa. Sempre a recapitulação do movimento vicioso. Envenenava meu companheiro pelo ciúme, destruía o lar pelo egoísmo e perdia os filhos através da vaidade.

- Amigos desvelados seguiam-me, carinhosos, de esferas mais altas, estendendo-me braços fraternais. Entretanto, fracassei de modo invariável.

- Valia-me da bênção do esquecimento na reencarnação, para perpetrar novos erros e espezinhar as sagradas leis. E o tempo ia passando, implacável, e os antigos benfeitores espirituais foram se distanciando, elevados a regiões menos densas.

- Despediam-se, afetuosos, estimulando-me ao desempenho dos deveres cristãos, permanecendo, assim, relegada a mim mesma, entre problemas inquietantes e complicados. Por fim, o esposo amigo, sócio abençoado de experiências inúmeras, foi convocado a esfera superior, em virtude dos méritos adquiridos. E dos Espíritos amados, que me foram pais e filhos, em várias estações evolutivas, não existia nenhum ao lado da minha pequenez.

- Quando me vi sozinha, experimentei intraduzível pavor e amargoso desânimo. Abandonei-me a propósitos menos dignos, qual trapo inútil, embora consciente, vencida pelo trio nefasto: ciúme, egoísmo e vaidade.

- Dia houve, em que fui visitada por nobre missionária do bem, que me contou carinhosamente o romance que lhe dizia respeito. Estivera na minha posição degradante, mas superara os obstáculos, utilizando a cooperação de criaturas infelizes. Voltou a Terra, na qualidade de mãe de filhos monstruosos, e tão rijos lhe foram os testemunhos de abnegação que chegou a triunfar sobre a tríade tenebrosa, dominando o ciúme, o egoísmo e a vaidade no decurso de muitos anos de sacrifício incessante.

- Aconselhou-me visitar as furnas do sofrimento e rogar a colaboração dos dirigentes daqueles que estacionam nas províncias da angústia, candidatando-me à maternidade dolorosa na Terra.

- Aceitei o alvitre, jubilosa.

- Seriam setenta anos de esforço e paciência para conseguir o que me escapara durante milênios. A prestimosa amiga conduziu-me às retaguardas das trevas e, horrorizada percebi a existência de infortunados irmãos nossos, em estágios longos de loucura, cegueira e deformação. Acovardei-me ante o quadro triste, mas a piedosa mensageira reanimou-me e, afinal, solicitei a concessão. Quando meu fervor exteriorizou em lágrimas de esperança, fez-se visível um dos vigilantes da atormentada região, acolhendo-me a súplica. Designou-me quatro crianças monstruosas. Reunir-se-iam ao meu Espírito, dentro de algum tempo nos círculos carnis. Entre pavor e ansiedade, regressei ao renascimento terrestre.

- Desde cedo, vi-me em condições dolorosas e precárias. Na infância, observei que meu corpo físico estava em desacordo com os meus sentimentos íntimos.

- Vigorosa rebeldia dominou-me o coração, mas fui lavando as manchas da revolta com lágrimas benfazejas e, a orfandade me colhera nos primeiros anos. Fui compelida a casar com um homem disforme, que me impôs quatro filhos desventurados. Depois do nascimento do último deles, meu infeliz esposo, companheiro de quedas noutras épocas, desencarnou, legando-me a viuvez e a pobreza irremediáveis. Tentei conquistar um trabalho digno, mas o infortúnio dos filhos não mo permitiu. Um era cego, outro leproso, dois aleijados.

- Muita vez, a vaidade me inclinou à prostituição, mas o instinto de mãe não me separava dos filhinhos e toda gente me evitava a presença com repugnância. O egoísmo procurou vendar-me os olhos, sugerindo que os rejeitasse, porém a maternidade sofredora me ajudava a vencer no combate do coração. O ciúme propunha o desespero e o crime, principalmente quando surgiam as mães tranquilas e afortunadas, ao meu olhar; todavia, o beijo das minhas pobres crianças atormentadas convidava-me à gratidão pela caridade pública, à humildade e ao entendimento. Nunca tive pouso certo, nunca dispus de parentes que me solucionassem as necessidades.

- Mendiguei nos caminhos, sem direção, acompanhada pelos quatro meninos desditosos, que se transformaram em adultos cheios de necessidades.

- Os filhos aleijados, partiram mais cedo para o sepulcro; o leproso desencarnou algum tempo depois, e o cego andou comigo por mais de quarenta anos. Suportei fome, sede, privações e conheci de perto a enfermidade e a aflição, com os filhos amargurados, agonizantes e insepultos...

- Ao completar setenta anos, achava-me liberta do trio maldito: ciúme, egoísmo e vaidade. A morte surpreendeu-me totalmente renovada, e, com as bênçãos divinas, pude entoar o meu cântico de vitória.

- Vejam, sou devedora que não sabe como pagar aos irmãos do sofrimento. Através deles, na reencarnação terrestre, aprendi lições de muitos séculos de aprendizado pacífico que não absorvi. E tão grande é a minha alegria e tão bela a minha noção de vitória individual que, se rastejasse nas trevas, por alguns milênios, a fim de servi-los, não lhes pagaria, em hipótese alguma, quanto lhes fiquei a dever na eternidade.

A reencarnação é a maior caridade do Pai Celestial para com a humanidade. Através dela, às vezes de maneira penosa, devido a nossa má vontade de aprender, chegamos a evolução.

Hoje nossa irmã Diana se esclareceu e ajuda os que ainda se encontram no abismo.

Com o conhecimento do Evangelho de Jesus, nos iluminando e assentando em nosso coração, nos vamos modificando.

Todos nós já tivemos diversas reencarnações. Já passamos por vários tipos de vida física, para conseguirmos hoje, estar aqui, ouvindo o Evangelho de Jesus. Quanta caridade o Pai celestial teve para conosco, a fim de chegarmos neste estágio.

Então, por que não termos caridade para com os criminosos?

Devemos socorrer os adversários, porque a morte carnal não nos fará ficarmos livres deles. E nesses últimos momentos de vida física, o ser humano perdido revê sua vida passada.

Ajudando-o a se salvar, talvez medite sobre o seu passado e procure aprender um pouco nesta vida física.

É melhor que se atire em nossos braços, do que desencarnar blasfemando.

Não devemos perguntar se salvaremos ou não um criminoso. Vamos obedecer a voz do coração que diz; se podemos salvá-lo... Salvemos!

Haverá época que reinará na Terra a fraternidade. A lei de Jesus Cristo é que regerá a humanidade, porque só ela será o freio e a esperança que conduzirá os Espíritos às bem aventuranças.

Vamos nos amar como filhos do mesmo Pai. Não haverá diferença entre os felizes e infelizes, porque Deus quer que sejamos felizes. Assim não desprezaremos ninguém.

Deus permite que os criminosos estejam entre nós, a fim de nos servir de ensino. Em breve não teremos necessidade desse ensino, porque os Espíritos impuros e revoltados irão para mundos em harmonia de acordo com as suas inclinações, até desejarem evoluir e mudar a sua condição.

Se já estamos tendo a oportunidade de conhecer o Evangelho de Jesus, vamos procurar melhorar, para não termos que conviver com a desarmonia desses irmãos.

Vencer o ciúme, o egoísmo e a vaidade não é tarefa fácil, mas com a ajuda do Evangelho de Jesus podemos aos poucos passar por essas barreiras.

Não devemos esquecer que o Mestre Jesus estará sempre conosco.

Façamos que Ele permaneça em nós!

(Contos e Pontos)/(Revista Espírita - 1862)

10 - Um irmão em perigo - item 15.

Encontrando-se no outro lado da vida, Judas Iscariotes sentia-se vivo, muito vivo, com a intensidade de dores sobre-humanas a atormentá-lo.

- Quero morrer! Quero morrer! Gritava enlouquecido.

Revia na imaginação, Jesus, a quem traíra. Caía por terra e gritava desolado.

De repente, sentiu-se eriçado. Um que de temor o possuía, enquanto ouvia um crescente rumor, como se mil feras haviam escapado da jaula, vindo na sua direção.

Súbito, rompendo pelo local em que remoia o seu desencanto, porque o suicídio não lhe dera fim, surgem criaturas que lhe perguntam:

- Você é o Judas traidor?

- Quem são vocês? Inquiriu Judas.

- Quem somos nós? Então não nos conhece, traidor? Quem somos nós?

- Você nos conhece Judas! Um dia você esteve próximo de nós na Terra, quando um homem que frequentava as sepulturas, saltou enlouquecido, junto de seu Mestre Jesus!

- Aquele homem que gritava por entre os sepulcros?

- Sim. Estávamos a dominá-lo! Estávamos a atormentá-lo!

- Nesse dia, prosseguiu o assustador visitante, o seu Mestre Jesus conversou conosco! Como nenhum outro antes fizera, Ele nos dirigiu a atenção, perguntando-nos qual era o nosso nome!

- Ninguém antes d'Ele, interessou-se em ouvir-nos e, igualmente, nenhum outro, antes d'Ele, interessou-se em saber quem éramos, qual o nosso nome!

Judas emudecera!

- Respondemos a seu Mestre que o nosso nome era Legião, porque éramos e somos muitos! E, persuadidos pelo poder do seu Mestre, abandonamos o infeliz, que nos servia de instrumento.

- E você Judas traiu a confiança daquele homem, a quem até nós, os filhos da dor e das sombras, respeitamos!

Houve como um movimento de retirada. Judas aturdido gritou:

- Levem-me com vocês! Levem-me, seja para onde for!

- Não! Negou-se o estranho visitante. Não podemos levar você conosco, porque embora a traição, você não é um dos nossos. E, talvez, não seja um daqueles que serviu o Nazareno. Talvez não seja de ninguém, por ser escarmento do mundo.

Gargalhadas estouraram!

Judas estava só novamente! Confundido caíra em choro convulsivo. A dor quase o enlouquecia, enquanto buscava o fim. O fim, contudo, não existe para o Espírito, criação eterna do Pai Celestial.

O discípulo infiel sentia-se cego. Palpava à sua volta, qual se densa noite lhe recobrisse os olhos, e uma chuva ácida lhe atormentasse o corpo, fustigando-o, continuamente.

Sentiu que u'a mão lhe tocara o ombro. Voltou-se, na direção da mão, sem nada ver.

- Judas, disse-lhe uma voz branda. Levante-se!

- Não posso! Fuja de mim, para que a lepra espiritual que me devora não o contamine!

- O que tanto o atormenta Judas?

- Não sabe... De minha desdita? Não sabe o que fiz? Sabe o meu nome... E parece não saber quem sou?

Um breve silêncio.

- Sei que você é filho da dor.

- Não apenas isso! Sou aquele que traiu o Senhor, entregando-O ao sacrifício da cruz, vendido por trinta moedas de prata...

- Mas aquele Senhor não lhe falou do perdão? Não lhe ensinou Ele, que se deve perdoar aos inimigos? E, assim ensinando, não lhe disse que se deve perdoar aos amigos confundidos?

Judas silenciou refletindo.

- Afaste-se de mim, Senhor! Não importa quem seja você! Não importa que, pela sua voz eu ouça o falar de meu pai e os aconselhamentos de minha mãe. E acusou-se impiedosamente.

- Quem errar, como eu errei, não tem perdão!

O visitante sentou-se ao lado de Judas.

- Reaja, filho! Lembre-se do amor do Pai Celestial!

Judas estremeceu, ao novo toque no seu ombro.

- Sei das consequências de minhas ambições, afirmou Judas, num tom de infinita tristeza. Não sei por qual motivo, senti-me arrastado ao calvário e vi, uma a uma as cenas de dor que com minha traição determinei para Aquele que foi meu Mestre e Senhor.

O visitante colocou a cabeça de Judas em seu regaço.

- Se tudo você viu, também ouviu quando Ele voltou ao Pai Celestial, suplicando:

“Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”.

- Isso eu ouvi... Mas, bem sabia do erro que praticava.

Passando as mãos, sobre a fronte de Judas, o visitante buscava reerguer-lhe o ânimo.

- Não me conforte! Protestou Judas. Que não tenho perdão.

E o visitante, colocando a sua mão sobre os olhos de Judas, disse-lhe:

- Abra seus olhos Judas!

Judas, num esforço abriu os olhos. De pronto, os fechou aterrorizado.

- Veja-me, Judas! Nada temas! Quando roguei ao Pai, perdão para todos, a mim me caberia vir encontrá-lo, trazendo-lhe o meu beijo de carinho e amizade e todo o meu perdão.

E, em soluços, Judas sentiu-se abraçado por Jesus.

Nessa passagem, relatada do livro “Judas Iscariotes” de Roque Jacinto, está explicada a lição do Evangelho de hoje, quando se pergunta, se devemos salvar a vida de um ser humano, mesmo sabendo que ele era errado.

Jesus nos dá a grande lição de caridade, de amor ao próximo, indo ao encontro de Judas.

Não existe morte, bem sabemos. E através das vidas sucessivas vamos reconquistando o direito de estar mais próximo do Pai Celestial, e Jesus nos proporciona essa conquista, através do ensinamento do Seu Evangelho.

Judas, o traidor do passado, hoje trabalha incessantemente na Seara do Mestre Jesus, ajudando a nós, que também já fomos Judas muitas vezes ou que ainda somos, a entender a grandeza do ensinamento do Mestre.

Judas foi um fraco, mas a reencarnação deu-lhe o progresso, que é infinito e ensinou que a condenação não é eterna.

O Mestre Jesus, em todo o tempo, está nos dando lição de amor e caridade para que aprendamos seguir o Seu caminho.

Para aprendermos a sermos caridosos com os outros, há necessidade de longas experiências, através de várias vidas físicas, porque a caridade é filha do amor.

A caridade não exige, para não perder a alegria; a caridade não ofende, para não perder a paz; a caridade não violenta, para não perder o equilíbrio; a caridade não é maledicente, para não frustrar a bondade; a caridade não arde de ciúmes, para não aborrecer ninguém; a caridade não duvida das coisas de Deus, para não esquecer a esperança. Cumpre o seu dever no que foi chamada, para não se submeter ao tribunal da consciência.

A caridade para com os outros começa no respeito aos direitos alheios, ajudando todas as criaturas onde quer que seja, dentro das nossas forças. E ela, nunca reclama e nunca se revolta. Nunca deseja errado ou mal, nunca pede para si, nunca injuria e nunca entristece.

A caridade é um Sol de Deus que nunca se apagará.

E a caridade para conosco?

É por excelência, a mais preciosa, não porque desejamos desfrutar desse seu bem estar celestial, mas para assegurar o nosso trabalho para com os outros.

Se um soldado precisa de um treino com as armas para lutar e vencer o inimigo, muito mais os soldados de Deus, que somos nós, precisamos de misericórdia.

A caridade para conosco é no sentido de prepararmos pensamentos, ideias e sentimentos, para melhor fazer o certo e o bem ao próximo.

Estamos em regime de urgência, preparando-nos para falar com dignidade, trabalhar com discernimento e ajudar por amor.

Quem ainda não educou a si mesmo, como poderá trabalhar para a educação coletiva?

Quem ainda não perdoou, como poderá falar e ensinar o perdão?

Quem ainda não se desprende dos bens terrenos, como poderá pedir aos outros o desprendimento?

Quem ainda não ama a Deus e a si mesmo, como mostrar às criaturas que o amor é a própria felicidade?

Primeiro, temos que sentir e vivenciar as coisas que pretendemos ensinar.

A caridade para conosco é nos desejar todo o certo e o bem possível, sem egoísmo, contrariando os instintos inferiores, através de uma disciplina ativa e constante.

A caridade, nascida no coração da criatura, é fruto do esforço próprio, para que depois surjam as bênçãos de Jesus Cristo.

Toda subida exige esforço, todo esforço carece de inteligência e toda inteligência somente encontra proveito, quando é norteadada pelo coração, ligado as leis naturais.

Jesus, o nosso Mestre, nos dá o exemplo do verdadeiro amor e caridade, mostrando-nos o conhecimento para renovar o Espírito e o caráter, renovar o amor e os costumes.

Os ensinamentos do Divino Amigo nos mostram o progresso espiritual através do amor, da humildade e do esforço pessoal.

Vamos analisar o Evangelho de Jesus, pelo menos para nos modificarmos um pouquinho nessa etapa de vida física.

E Jesus estará sempre conosco!

(Judas Iscariotes - RJ)/(Francisco de Assis - JNM)

CAPÍTULO XII

AMAI OS VOSSOS ADVERSÁRIOS

Pagar o errado com o certo - Os adversários desencarnados - Se alguém vos fere a face direita, apresentai-lhe também a outra - Instruções dos Espíritos: A Vingança - O ódio 2 - O duelo ou brigas.

PAGAR O ERRADO COM O CERTO

1. Aprendestes que foi dito: Amareis vosso próximo e odiareis vossos adversários. E eu vos digo: Amai os vossos adversários, fazei o certo àqueles que vos odeiam e orai por aqueles que vos perseguem e vos caluniam, a fim de que sejais os filhos de vosso Pai que está nos céus, que faz erguer o Sol sobre os corretos e sobre os errôneos, e faz chover sobre os justos e os injustos. Por que se não amardes senão aqueles que vos amam, que recompensa disso tereis? Os publicanos não o fazem também? E se não saudardes senão os vossos amigos, que fazeis nisso mais que os outros? Os publicanos não o fazem também? Eu vos digo que se a vossa justiça não for mais abundante que a dos Escribas e dos Fariseus, não entrareis no reino dos céus. (*Mateus, cap. V, v. 20 e 43 a 47*).

(Os Escribas e Fariseus de hoje são as comunidades religiosas materialmente dominantes. Realmente, temos que ser mais justos que elas, e aplicar a justiça da Lei de Deus na sua plenitude.)

2. Se não amardes senão aqueles que vos amam, que recompensa tereis, uma vez que as pessoas de vida errônea amam também aqueles que as amam? E se não fazeis o certo senão àqueles que vo-lo fazem, que recompensa tereis, uma vez que as pessoas de vida errônea fazem a mesma coisa? E se vós não emprestais senão àqueles de quem esperais receber o mesmo favor, que recompensa tereis, uma vez que as pessoas de vida errônea se emprestam mutuamente para receber a mesma vantagem? Mas, por vós, amai os vossos adversários, fazei o certo a todos, e emprestai sem disso nada esperar, e então vossa recompensa será muito grande, e sereis os filhos do Altíssimo, que é justo para os ingratos e mesmo para os errôneos. Sede, pois, cheios de misericórdia, como Deus é cheio de misericórdia. (*Lucas, cap. VI, v. 32 a 36*).

(O único comentário racional que podemos fazer é: Não conheço ninguém com essas 'qualidades' totais para ser 'filho do Altíssimo'!)

3. Se o amor ao próximo é o princípio da caridade, amar os adversários é sua aplicação sublime, porque esta virtude é uma das maiores vitórias alcançadas sobre o egoísmo e o orgulho. Entretanto, equivoca-se geralmente sobre o sentido da palavra amor nessa circunstância. Jesus, o Cristo, não quis dizer, por essas palavras, que se deve ter pelo adversário a ternura que se tem para com um amigo. A ternura supõe a confiança. Ora, não se pode ter confiança naquele que sabemos nos querer erroneamente. Não se pode ter com ele os transportes de amizade, porque se sabe que é capaz de abusar disso. Entre pessoas que desconfiam umas das outras não poderá haver os laços de simpatia que existem entre aqueles que estão em comunhão de pensamentos. Não se pode, enfim, ter o mesmo prazer ao se encontrar com um adversário do que com um amigo. Esse sentimento resulta mesmo de uma lei física: a da assimilação e da repulsão dos fluidos. O pensamento errôneo dirige uma corrente fluídica cuja impressão é penosa. O pensamento correto vos envolve de um eflúvio agradável. Daí a diferença de sensações que se experimenta à aproximação de um amigo ou de um adversário. Amar os adversários não pode, pois, significar que não se deve fazer nenhuma diferença entre eles e os amigos. Esse preceito não parece difícil, impossível mesmo, de praticar, senão porque se crê falsamente que prescreve lhes dar o mesmo lugar no coração. Se a pobreza das línguas humanas obriga a se servir do mesmo termo para exprimir diversas nuances de sentimento, a razão deve diferencia-los segundo o caso. Amar os adversários não é, pois, ter para com eles uma afeição que não é natural, porque o contato de um adversário faz bater o coração de maneira bem diferente do de um amigo: é não ter

contra eles nem ódio, nem rancor, nem desejo de vingança. É perdoar-lhes sem segunda intenção e incondicionalmente o erro que nos fazem. É não opor nenhum obstáculo à reconciliação. É desejar-lhes o certo, em lugar de desejar-lhes o errado. É regozijar-se em lugar de se afligir pelo certo que os alcança. É lhes estender mão segura em caso de necessidade. É abster-se, em palavras e em ações, de tudo o que possa prejudicá-los. Enfim, é lhes retribuir em tudo, o errado com o certo, sem intenção de os humilhar. Quem quer que faça isso cumpre as condições do mandamento: Amai os vossos adversários.

(É desejar-lhes o certo, em lugar de desejar-lhes o errado.)

Na atual fase evolutiva espiritual, esta é uma atitude que podemos praticar. Vibrar tranquilamente, pensar positivamente, desejar corretamente a favor do crescimento espiritual do irmão. Enfim, tratar o adversário como um irmão necessitado...)

4. Amar os adversários é um absurdo para o incrédulo. Aquele para quem a vida presente é tudo, não vê no adversário senão um ser nocivo perturbando sua tranquilidade, e do qual crê que só a morte pode livrá-lo. Daí o desejo de vingança. Não tem nenhum interesse em perdoar se isso não é para satisfazer seu orgulho aos olhos do mundo. Perdoar mesmo, em certos casos, lhe parece uma fraqueza indigna de si. Se não se vinga, não lhe conserva menos rancor e um secreto desejo errôneo.

Para o cristão, mas para o Espírita, sobretudo, a maneira de ver é diferente, porque ele considera o passado e o futuro, entre os quais a vida presente não é senão um ponto. Sabe que, pela própria destinação da Terra, deve prever encontrar nela humanos incultos e perturbados. Que os erros dos quais é alvo fazem parte das provas que deve suportar, e o ponto de vista elevado em que se coloca, lhe torna as vicissitudes menos amargas, venham elas dos humanos ou das coisas materiais. Se ele não se queixa das provas, não deve murmurar contra aqueles que delas são os instrumentos. Se, em lugar de se lamentar, agradece à Lei de Deus por experimentá-lo, deve agradecer a mão que lhe fornece a ocasião de provar sua paciência e sua resignação. Esse pensamento o dispõe naturalmente ao perdão. Ele sente, por outro lado, que quanto mais é generoso, mais se engrandece aos próprios olhos e se acha fora do alcance dos errados golpes do seu adversário.

O humano que ocupa uma posição elevada no mundo não se crê ofendido pelos insultos daquele a quem considera como seu inferior. Assim ocorre com aquele que se eleva, no mundo moral, acima da Humanidade material. Ele compreende que o ódio e o rancor o aviltariam e o rebaixariam. Ora, para ser superior ao seu adversário, é preciso que tenha o Espírito maior, mais nobre e mais generoso.

(O maior adversário nosso, somos nós mesmos. Sabemos o caminho correto e as ações necessárias para evoluirmos, mas não fazemos! Temos que aprender a amarmos a nós mesmos, caso contrário não chegaremos a amar nossos irmãos!)

OS ADVERSÁRIOS DESENCARNADOS

5. Tem o Espírita ainda outros motivos de indulgência para com seus adversários. Sabe ele, primeiro, que o erro não é um estado permanente dos humanos. Que ele se deve a um desconhecimento momentâneo, e que, do mesmo modo que a criança se corrige dos seus defeitos, o humano errôneo reconhecerá um dia seus erros e se tornará correto.

Sabe ainda que o desencarne não o livra senão da presença material de seu adversário, mas que este pode persegui-lo com o seu ódio, mesmo depois de desencarnar na Terra. Que, assim, a vingança falha no seu objetivo e, ao contrário, tem por efeito produzir uma irritação maior que pode continuar de uma existência a outra. Cabe ao Espiritismo provar, pela experiência e a Lei de Deus, que a expressão: apagar o ódio com o sangue é radicalmente falsa, e o que é verdadeiro, é que o sangue conserva o ódio, mesmo além do túmulo. De dar, por conseguinte, uma razão de ser efetiva e uma utilidade prática ao perdão, e ao sublime ensinamento de Jesus, o Cristo: Amai os vossos adversários. Não há coração tão errado que não seja tocado de corretos procedimentos, mesmo inconscientemente. Pelos corretos procedimentos tira-se pelo menos todo pretexto de represálias. De um adversário pode-se fazer um amigo, antes e depois do seu desencarne. Pelos errôneos procedimentos, ele se irrita, e é então que ele próprio serve de instrumento à justiça, pela

Lei de Deus, para penalizar aquele que não perdoou.

(Que, assim, a vingança falha no seu objetivo e, ao contrário, tem por efeito produzir uma irritação maior que pode continuar de uma existência a outra.

Os denominados processos ‘obsessivos’ estão, na maioria dos casos, ligados a essas vinganças. O orgulho ferido, a vaidade abalada, o egoísmo não atendido, a prepotência desobedecida etc. são ‘razões’ para as vinganças. Mas na Lei de Deus, quem faz maldade atrai maldade e, quem faz bondade atrai bondade! Portanto, a decisão de vingança...)

6. Pode-se, pois, ter adversários entre os encarnados e entre os desencarnados. Os adversários do mundo invisível manifestam seu erro pelas obsessões e pelas subjugações, das quais tantos humanos são alvo, e que são uma variedade das provas da vida. Essas provas, como as outras, ajudam ao adiantamento e devem ser aceitas com resignação, e como consequência da natureza inferior do globo terrestre. Se não houvesse humanos errôneos na Terra, não haveria Espíritos em erro ao redor dela. Se, pois, deve-se ter indulgência e benevolência para com os adversários encarnados, devemos tê-las igualmente para com aqueles que estão desencarnados.

Outrora, sacrificavam-se vítimas sangrentas para apaziguar os deuses do erro, que não eram outros senão os Espíritos em erro. Aos deuses do erro sucederam os demônios, que são a mesma coisa. O Espiritismo veio provar que esses demônios não são outros senão os Espíritos de humanos imorais, que não se despojaram ainda dos instintos materiais. Que não se pode apaziguá-los senão pelo sacrifício de seu ódio, quer dizer, pela caridade. Que a caridade não tem apenas por efeito impedi-los de fazer o erro, mas de os conduzir no caminho do certo, e de contribuir para a sua elevação espiritual. É assim que o ensinamento: Amai os vossos adversários, não está circunscrito ao círculo estreito da Terra e da vida presente, mas se integra na grande lei da solidariedade e da fraternidade universais.

(Quando tripudiamos sobre os irmãos achávamos legal! Agora que eles estão vindo nos cobrar, não estamos achando legal, bela justiça a nossa! Conhecer a Lei de Deus é fundamental para o nosso evolutivo espiritual!)

SE ALGUÉM VOS BATE NA FACE DIREITA, APRESENTAI-LHE TAMBÉM A OUTRA

7. Tendes aprendido que foi dito: olho por olho e dente por dente. Eu vos digo para não resistirdes ao erro que se vos queiram fazer. Mas se alguém vos bate na face direita, apresentai-lhe também a esquerda. E se alguém quer processar você para tomar sua túnica, abandone-lhe também sua capa. E se alguém quer vos obrigar a andar mil passos com ele, ande ainda dois mil. Dai àquele que vos pede e não repilais àquele que quer vos tomar emprestado. *(Mateus, cap. V, v. 38 a 42).*

(Eu vos digo para não resistirdes ao erro que se vos queiram fazer.

Tudo que se afasta da Lei de Deus é errado. O nosso conhecimento deve nos proporcionar a fé raciocinada, suficiente para enfrentarmos com tranquilidade a toda e qualquer ação errada, que parte dos nossos irmãos contra nós. Resistir deve ser entendido como: Reagir de modo também errôneo!)

8. Os preconceitos do mundo sobre o que se convencionou chamar o ponto de honra, dão essa suscetibilidade sombria, nascida do orgulho e da exaltação da personalidade, que leva o humano a retribuir injúria por injúria, insulto por insulto, o que parece a justiça para aquele cujo senso moral não se eleva acima das paixões terrestres. Por isso, a lei mosaica dizia: olho por olho, dente por dente, lei em harmonia com o tempo em que vivia Moisés. Jesus, o Cristo, veio e disse: Retribuí o errado com o correto. E disse mais: "Não resistais ao erro que se vos queiram fazer; se alguém vos bater sobre uma face, apresentai-lhe a outra". Ao orgulhoso este ensinamento parece uma covardia, porque não compreende que haja mais coragem em suportar um insulto do que em revidar, e isso sempre por essa causa que faz com que a sua visão não se transporte além do presente. Entretanto, é preciso tomar este ensinamento ao pé da letra? Não mais que aquele que diz para arrancar o olho, se ele for motivo de escândalo. Acentuado em todas as suas consequências, seria condenar toda repressão, mesmo legal, e deixar o campo livre aos errôneos, lhes dissipando todo medo. Se não se opusesse um freio às suas agressões, logo todos os corretos seriam suas vítimas. O próprio instinto de conservação, que é uma lei natural, diz que não é preciso estender

benevolmente o pescoço ao carrasco. Por essas palavras, portanto, Jesus, o Cristo, não interditou a defesa, mas condenou o revide. Em dizendo para apresentar uma face quando a outra foi batida, é dizer, sob outra forma, que não é preciso retribuir o erro com o erro. Que o humano deve aceitar com humildade tudo o que tende a rebaixar-lhe o orgulho. Que é mais vantajoso para si ser ferido do que ferir, suportar pacientemente uma injustiça, do que ele próprio cometer uma. Que vale mais ser enganado do que ser enganador, ser arruinado do que arruinar os outros. Isto é, ao mesmo tempo, a condenação do duelo ou briga, que não é outra coisa senão uma manifestação do orgulho. Só a fé na vida futura e na Justiça da Lei de Deus, que não deixa jamais o erro impune, pode dar a força de suportar pacientemente os golpes dirigidos contra os nossos interesses e o nosso amor próprio. Por isso, dizemos incessantemente: Dirigi vossos olhares para frente. Quanto mais vos eleveis pelo pensamento, acima da vida material, menos sereis magoados pelas coisas da Terra.

(Por essas palavras, portanto, Jesus, o Cristo, não interditou a defesa, mas condenou o revide.

Mas até qual limite é permitida a defesa, pois no nosso estágio evolutivo o ditado seguinte é considerado normal: Em cara de homem não se bate. Aqui, bateu – levou -! Será isso uma defesa pela Lei de Deus?)

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

A VINGANÇA

9. A vingança é o último vestígio dos costumes bárbaros, que tendem a se apagar do meio dos humanos. Ela é, como o duelo ou brigas, um dos últimos vestígios desses costumes selvagens sob os quais se debatia a Humanidade no início da era cristã. Por isso, a vingança é um indício certo do estado atrasado dos humanos que a ela se entregam, e dos Espíritos que podem ainda inspirá-la. Portanto, meus amigos, esse sentimento não deve jamais fazer vibrar o coração de quem se diga e se afirme Espírita. Vingiar-se, vós o sabeis, é de tal modo contrário a esta prescrição de Jesus, o Cristo: "Perdoai aos vossos adversários", que aquele que se recusa a perdoar, não somente não é Espírita, como também não é nem mesmo cristão. A vingança é uma inspiração tanto mais funesta quanto a falsidade e a baixeza são suas companheiras assíduas. Com efeito, aquele que se entrega a esse fatal e cego desejo não se vingará quase nunca a céu aberto. Quando é o mais forte, precipita-se como um animal feroz sobre aquele a quem chama seu adversário, quando a visão deste vem inflamar sua paixão, sua cólera e seu ódio. Mas, o mais frequentemente, ele reveste uma aparência hipócrita, em disfarçando, no mais profundo do seu coração, os errados sentimentos que o animam. Toma caminhos escusos, segue na sombra seu adversário sem desconfiança, e espera o momento propício para atingi-lo sem correr perigo. Esconde-se dele, espreitando-o sem cessar. Arma-lhe emboscadas odiosas e derrama-lhe, chegada a ocasião, o veneno no copo. Quando seu ódio não vai até esses extremos, ele o ataca, então, em sua honra e em suas afeições. Não recua diante da calúnia, e suas insinuações pífidas, habilmente semeadas para todos os ventos, vão crescendo pelo caminho. Por isso, quando aquele que persegue se apresenta nos lugares onde seu sopro envenenado passou, espanta-se de encontrar rostos frios onde encontrava, outras vezes, rostos amigos e benevolentes. Fica estupefato quando mãos que buscavam a sua se recusam a apertá-la agora. Enfim, fica aniquilado quando seus amigos mais caros e seus parentes se desviam e fogem dele. Ah! O covarde que se vingará assim é cem vezes mais culpável do que aquele que vai direto ao seu adversário e o insufla de rosto descoberto. Para trás, pois, com esses costumes selvagens! Para trás com esses usos de outro tempo! Todo Espírita que pretendesse, hoje, ter ainda o direito de se vingiar, seria indigno de figurar por mais tempo na falange que tomou por divisa: Fora da caridade não há salvação! Mas não, eu não poderia deter-me em semelhante ideia, de que um membro da grande família Espírita possa jamais no futuro ceder ao impulso da vingança, de outro modo senão para perdoar.

(Jules Olivier, Paris, 1862).

(Portanto, meus amigos, esse sentimento não deve jamais fazer vibrar o coração de quem se diga e se afirme Espírita.

Quando conhecermos e confiarmos na Lei de Deus, e nos tornarmos Espíritas, não mais afirmaremos: “Quer dizer que, eles me ofenderam e eu não posso tirar satisfação? Eu não tenho sangue de barata!”.)

O ÓDIO 2

10. Amai-vos uns aos outros e sereis felizes. Sobretudo, tomai a tarefa de amar aqueles que vos inspiram indiferença, ódio e desprezo. Jesus, o Cristo, de quem deveis fazer o vosso modelo, vos deu o exemplo desse devotamento. Missionário de amor, amou até dar o seu sangue e a própria vida física. O sacrifício que vos obriga a amar aqueles que vos ultrajam e vos perseguem é penoso. Mas, é precisamente isso que vos torna superiores a eles. Se vós os odiais como vos odeiam, não valeis mais do que eles. É a hóstia sem mancha ofertada sobre o altar de vossos corações, hóstia de agradável aroma cujos perfumes sobem até Ele. Ainda que a lei do amor queira que se ame indistintamente a todos os irmãos, não endurece o coração contra os errados procedimentos. Ao contrário, é a mais penosa prova, eu o sei, uma vez que durante minha última existência terrestre, experimentei essa tortura. Mas a Lei de Deus lá está, e pena nesta vida e na outra aqueles que faltam à lei de amor. Não vos esqueçais, meus caros filhos, que o amor nos aproxima da Lei de Deus, e que o ódio nos afasta dela.

(Fénelon, Bordéus, 1861).

(Sobretudo, tomai a tarefa de amar aqueles que vos inspiram indiferença, ódio e desprezo.

Cansei de ser ofendido! Já ofereci as minhas condições, ele não quer aceitar. O que posso fazer? Ainda nos resta um extenso caminhar evolutivo para nos tornarmos ‘cristãos’.)

O DUELO OU BRIGAS

11. Só é verdadeiramente grande aquele que, considerando a vida como uma viagem que deve conduzi-lo a um objetivo, faz pouco caso das asperezas do caminho e não se deixa jamais desviar um instante do caminho reto. O olhar sem cessar dirigido para o objetivo, pouco lhe importa que os espinheiros e os espinhos do caminho lhe ameacem provocar arranhões. Eles o roçam sem atingi-lo, e, por isso, não prossegue menos no seu curso. Expor seus dias para se vingar de uma injúria, é recuar diante das provas da vida física. É sempre um erro aos olhos da Lei de Deus, e se não estivesseis iludidos, como estais por vossos preconceitos, isso seria uma ridícula e suprema loucura aos olhos dos humanos. Há grande erro no homicídio pelo duelo ou brigas. Vossa própria legislação o reconhece. Ninguém tem o direito, em nenhum caso, de atentar contra a vida física de seu semelhante. Erro aos olhos da Lei de Deus que vos traçou vossa linha de conduta. Aqui, mais do que por toda parte, em qualquer lugar, sois juízes em vossa própria causa. Lembrai-vos de que vos será perdoado segundo haverdes perdoado vós mesmos. Pelo perdão vos aproximais da Divindade, porque a clemência é irmã do poder. Enquanto uma gota de sangue humano correr na Terra pela mão dos humanos, o verdadeiro reino de Deus não terá ainda chegado, este reino de pacificação e de amor que deve banir para todo o sempre do vosso globo a animosidade, a discórdia e a guerra. Então a palavra duelo ou brigas não existirá mais em vossa língua senão como uma longínqua e vaga lembrança de um passado que se foi. Os humanos não conhecerão entre eles outros antagonismos senão a nobre rivalidade do certo.

(Adolpho, bispo de Argel, Marmande, 1861).

(Pelo perdão vos aproximais da Divindade, porque a clemência é irmã do poder.

Perdoar por perdoar tem pouco valor. Saber que deve, pode e porque perdoar; isto é sublime. Vamos estudar para conhecer a Lei de Deus e, aí sim, saberemos o valoroso perdão...)

12. O duelo ou brigas pode, sem dúvida, em certos casos, ser uma prova de coragem física, de desprezo pela vida física, mas, incontestavelmente, é a prova de uma covardia moral, como no suicídio. O suicida não tem a coragem de afrontar as vicissitudes da vida física. O duelista ou briguento não tem a de afrontar as ofensas. Jesus, o Cristo, não vos disse que há mais de honra e de coragem em apresentar a face esquerda àquele que feriu a direita, do que se vingar de uma injúria? Jesus, o Cristo, não disse a Pedro, no Jardim das Oliveiras: "Tornai a por vossa espada na bainha, porque aquele que matar pela espada perecerá pela espada?". Com estas palavras, Jesus, o Cristo, não diz que é errado para sempre o duelo ou brigas? Com efeito, meus filhos, o que é, pois, essa coragem nascida de um temperamento violento, sanguíneo e colérico bramindo à pri-

meira ofensa? Onde, pois, está a grandeza do Espírito daquele que, à menor injúria, quer lavá-la em sangue? Mas, que ele trema! Porque, sempre, no fundo da sua consciência, uma voz lhe gritará: Caim! Caim! Que fizeste de teu irmão? Foi-me preciso sangue para salvar minha honra, dirás a essa voz. Ela, porém, responderá: Quiseste salvá-la diante dos humanos por alguns instantes que te restam para viver na Terra, e não pensaste em salvá-la diante da Lei de Deus! Pobre louco! Quanto sangue pediria Jesus, o Cristo, pois, por todos os ultrajes que recebeu? Não somente o feristes com o espinho e a lança, não somente o pregastes num madeiro infamante, mas ainda, no meio da sua agonia pode ele ouvir as zombarias que lhe eram dirigidas. Que reparação, depois de tantos ultrajes, vos pediu? O último grito do cordeiro foi uma prece para seus carrascos. Oh! Como ele, perdoai e orai por aqueles que vos ofendem.

Amigos, lembrai-vos deste preceito: "Amai-vos uns aos outros", e então ao golpe dado pelo ódio respondereis com um sorriso, e ao ultraje, pelo perdão. O mundo, sem dúvida, se levantará furioso, e vos tratará de covarde. Erguei a cabeça alto, e mostrai então que a vossa frente não temeria, também ela, de se carregar de espinhos, a exemplo de Jesus, o Cristo, mas que vossa mão não quer ser cúmplice de um homicídio que autoriza, supostamente, uma falsa aparência de honra, que não é senão do orgulho e do amor próprio. Em vos criando, Deus vos deu o direito de vida e de morte, uns sobre os outros? Não, Ele não deu esse direito senão à Sua Lei somente, para reformar e reconstruir. Mas a vós, não permitiu de dispordeis de vós mesmos. Como o suicida, o duelista ou briguento estará marcado com sangue quando chegar ao mundo espiritual e, a um e ao outro, o Soberano Juiz, pela sua Lei, prepara longas e tristes penalizações. Se determinou com a aplicação de sua justiça aquele que disse ao seu irmão racca (doido!) quanto a pena será bem mais severa para aquele que apareça diante dele com as mãos vermelhas do sangue de seu irmão! (Agostinho, Paris, 1862).

(Em vos criando, Deus vos deu o direito de vida e de morte, uns sobre os outros?)

Todos os corpos ‘animados’ são sujeitos à vida e à morte. Nós não conseguimos animar com a ‘vida’, mas conseguimos ‘matar’; vegetais e animais para alimentação ou não. Até aqui somente há erro quando matamos sem racionalidade. Porém, ao matarmos um corpo humano, criamos um grave problema; desestabilizamos um Espírito imortal! Não criamos, mas destruimos construindo nossos adversários de amanhã!

13. O duelo ou brigas é, como antigamente o que se chamava o julgamento de Deus, uma dessas instituições bárbaras que regem ainda a sociedade. Que diríeis, entretanto, se vísseis mergulhar os dois antagonistas na água fervente ou sujeitá-los ao contato de um ferro em brasa para resolver suas querelas, e dar razão àquele que suportasse melhor a prova? Chamaríeis a esses costumes de insensatos. O duelo ou brigas é ainda pior que tudo isso. Para o duelista ou briguento emérito, é um assassinato cometido a sangue frio, com toda a premeditação desejada: porque ele está seguro do golpe que dará. Para o adversário, quase certo de sucumbir, em razão da sua fraqueza e de sua inabilidade, é um suicídio, cometido com a mais fria reflexão. Eu sei que, frequentemente, procura-se evitar essa alternativa, igualmente criminosa, atribuindo-a ao acaso. Mas, então, não é, sob uma outra forma, um retorno ao julgamento de Deus da Idade Média? E ainda, nessa época, era-se infinitamente menos culpado. O próprio nome julgamento de Deus indica uma fé, ingênua é verdade, mas enfim uma fé na justiça de Deus que não podia deixar sucumbir um inocente, enquanto que, no duelo ou brigas, se confia na força bruta de tal sorte que, frequentemente, é o ofendido quem sucumbe.

Ó amor próprio estúpido, tola vaidade e louco orgulho, quando, pois, sereis substituídos pela caridade cristã, pelo amor ao próximo, e pela humildade de que Jesus, o Cristo, deu o exemplo e o preceito? Só então desaparecerão esses preconceitos monstruosos que governam ainda os humanos, e que as leis são impotentes para reprimir, porque não basta interditar o erro e prescrever o certo, é preciso que o princípio do certo e o horror ao erro estejam no coração do humano.

(Um Espírito protetor, Bordéus, 1861).

(Chamaríeis a esses costumes de insensatos. O duelo ou brigas é ainda pior que tudo isso. Para o duelista ou briguento emérito, é um assassinato cometido a sangue frio, com toda a premeditação desejada: porque ele está seguro do golpe que dará. Para o adversário, quase certo de sucumbir, em razão da sua fraqueza e de sua inabilidade, é um suicídio, cometido com a mais fria reflexão.

Insensatos! Como seria ótimo se assim nos denominassem, mas assistindo partidas ‘esportivas’, exemplo de confraternização, e vendo as ocorrências entre torcedores... Brigas! ... é ainda pior...)

14. Que opinião terão de mim, dizei-vos frequentemente, se eu recuso a reparação que me é pedida, ou se não a peço àquele que me ofendeu? Os loucos, como vós, os humanos atrasados, vos censurarão. Mas aqueles que estão esclarecidos pelo facho do progresso intelectual e moral, dirão que agistes de acordo com a verdadeira sabedoria. Refleti um pouco. Por uma palavra frequentemente dita ao ar ou muito inofensiva da parte de um dos vossos irmãos, vosso orgulho se acha ferido, respondeis-lhe de maneira áspera, e daí uma provocação. Antes de chegar ao momento decisivo, perguntai-vos se agis como cristão? Que contas deveis à sociedade se a privais de um dos seus membros? Pensais no remorso de ter arrancado a uma mulher seu marido, a uma mãe seu filho, aos filhos seu pai e seu sustentáculo? Certamente, aquele que ofendeu deve reparação. Mas não é mais honroso para ele dá-la espontaneamente em reconhecendo seus erros, do que expor a vida física daquele que tem direito de se lamentar? Quanto ao ofendido, convenho que algumas vezes pode se achar gravemente atingido, seja na sua pessoa, seja em relação àqueles que nos cercam: não é só o amor próprio que está em jogo, o coração está ferido e aflito. Mas além de ser estúpido jogar a sua vida física contra um miserável capaz de uma infâmia, ocorre que, este estando desencarnado, a afronta, qualquer que seja, não existe mais? O sangue derramado não dá mais renome a um fato que, se é falso deve cair por si mesmo, e que se é verdadeiro, deve se ocultar no silêncio? Não resta, pois, senão a satisfação da vingança saciada. Ah! Triste satisfação que, frequentemente, deixa desde esta vida física cruciantes remorsos. E se é o ofendido que sucumbe, onde está a reparação?

Quando a caridade for a regra de conduta dos humanos, eles conformarão seus atos e suas palavras a este ensinamento: "Não façais aos outros o que não quizerdes que vos façam". Então, sim, desaparecerão todas as causas de dissensões e, com elas, as do duelo, brigas e das guerras, que são os duelos de povo a povo.

(Francisco Xavier, Bordéus, 1861).

(Por uma palavra frequentemente dita ao ar ou muito inofensiva da parte de um dos vossos irmãos, vosso orgulho se acha ferido, respondeis-lhe de maneira áspera, e daí uma provocação.

"Se ele acha que pode ficar falando o que quiser de mim por aí, pode esperar, vai ter a sua resposta!". O diálogo sereno entre as partes poderia resolver as dúvidas e, até, se descobrirem os 'maledicentes', mas quantos de nós estaremos dispostos a esse diálogo?)

15. O humano do mundo, o humano feliz, que, por uma palavra ofensiva, por uma causa fútil, joga a vida física que lhe vem de Deus, joga a vida física do semelhante que não pertence senão a Deus, este é mais culpável cem vezes que o miserável que, compelido pela cupidez, pela necessidade algumas vezes, se introduz numa habitação para dela roubar o que cobiça, e faz desencarnar aqueles que se opõem ao seu desígnio. Este último, quase sempre, é um humano sem educação, não tendo senão noções imperfeitas do certo e do errado, enquanto que o duelista ou briguento pertence quase sempre à classe mais esclarecida. Um faz desencarnar brutalmente o outro com método e polidez, o que faz com que a sociedade o desculpe. Acrescento mesmo que o duelista ou briguento é infinitamente mais culpável que o infeliz que, cedendo a um sentimento de vingança, faz desencarnar num momento de exasperação. O duelista ou briguento não tem ponto para desculpar o arrastamento do errado desejo, porque entre o insulto e a reparação, há sempre o tempo de refletir. Ele age, pois, friamente e de plano premeditado. Tudo está calculado e estudado para fazer desencarnar mais seguramente o seu adversário. É verdade que expõe também a sua vida física, e é isso que reabilita o duelo ou brigas aos olhos do mundo, porque nele se vê um ato de coragem e o desprezo da própria vida física. Mas há verdadeira coragem quando se está seguro de si? O duelo ou brigas, resto dos tempos de barbárie, onde o direito do mais forte fazia a lei, desaparecerá com uma apreciação mais sadia do verdadeiro ponto de honra, e, à medida que o humano tiver uma fé mais viva na vida espiritual futura.

(Agostinho, Bordéus, 1861).

(Um faz desencarnar brutalmente o outro com método e polidez, o que faz com que a sociedade o desculpe.

A vida, física ou a espiritual, é uma dádiva exclusiva do Pai! Nunca devemos discutir a vida! A morte física pertence à Lei de Deus. Quando formos matar qualquer corpo vivente devemos meditar antes na Lei de Deus, para não cometermos erros lamentáveis contra essa Lei! A forma 'abrutalhada' ou 'amorosa' não muda a gravidade do erro!)

16. Nota - Os duelos tornaram-se cada vez mais raros, e se são vistos ainda de tempos em tempos em dolorosos exemplos, o número deles não é comparável ao que era antigamente. Outrora, um humano não saía de casa sem prever um encontro, tomando sempre suas precauções em consequência. Um sinal característico dos costumes do tempo e dos povos está no uso do porte habitual, ostensivo ou oculto, de armas ofensivas ou defensivas. A abolição desse uso testemunha o abrandamento dos costumes, e é curioso seguir-lhe a gradação desde a época em que os cavaleiros não cavalgavam jamais senão com armadura de ferro e armados de lança, até o porte de uma simples espada, tornada antes um adorno e um acessório de brasão do que uma arma agressiva. Outro indício de costumes, é que outrora os combates singulares tinham lugar em plena rua, diante da multidão que se afastava para deixar o campo livre, e que hoje se oculta: hoje, o desenhar de um humano é um acontecimento que emociona. Outrora, não se lhe dava atenção. O Espiritismo vencerá esses últimos vestígios da barbárie, em inculcando nos humanos o espírito de caridade e de fraternidade.

(Outrora, um humano não saía de casa sem prever um encontro, tomando sempre suas precauções em consequência. Ainda bem que hoje somente nos preocupamos com a marginalidade... Os tempos são outros, mas os pensamentos continuam assim: “Não sou covarde, por isso não levarei desaforo para casa. Ele não perde por esperar!”.)

EXPLANAÇÕES

01 - Pagar o Mal com o Bem. - itens 1 a 4.

Tendes ouvido o que foi dito: Amarás o teu próximo, e aborrecerás teu adversário. Mas eu vos digo: Amai os vossos adversários, fazei o certo e o bem aos que vos têm ódio e orai pelos que vos perseguem e caluniam, para serdes filhos do vosso Pai, que está nos Céus, o qual faz nascer o Sol sobre os corretos e bons, e sobre os errados ou maus, e vir chuva sobre justos e injustos. Porque, se vós amais apenas os que vos amam, que recompensa haveis de ter? Os publicanos não fazem, também, o mesmo? E se saudardes somente os vossos irmãos amigos, que fazeis nisso de especial? Não fazem assim também os gentios? Mateus 5:43-47

Há grande sublimidade nessa máxima de Jesus.

Já nos custa tanto amar aos nossos amigos, é com sacrifício que renunciamos alguma satisfação em favor deles. Como amar os adversários, onde encontrar forças para retribuir o errado e o mal com o certo e o bem, orando pelos que nos perseguem e caluniam?

Para muitos, perdoar aos adversários é uma fraqueza, uma covardia. Então, o desejo de vingança acentua nos sentimentos ofendidos e se não conseguem realizá-los, guardam ressentimento que lhes perturba a existência toda.

O máximo que se consegue dizer ao adversário é: “Não quero vê-lo mais, nem pintado de ouro”. Esse é o esquecimento, quase sempre, aparente, pois quando se sabe que o adversário foi vítima de qualquer infelicidade, satisfaz-se com isso e ainda diz: “Bem feito, recebeu o que merecia”.

Assim, as recomendações do Mestre Jesus parecem absurdas e não são praticadas e, no entanto, encerram profunda ciência e constituem a mais alta filosofia prática da vida.

Os psicólogos, psiquiatras e psicoterapeutas confirmam que a cólera, a malquerença, o ódio, o rancor, os pensamentos de vingança são forças negativas que destroçam o equilíbrio mental e o espiritual e até mesmo físico de quem as alimenta, mandando para o cemitério, diariamente, milhares de pessoas; fornecendo grande número de clientes para os manicômios, hospitais de doenças nervosas e, transformando inúmeros lares em verdadeiros infernos.

Quem alimenta ódio contra os adversários, e procura pagar-lhes erro por erro, inflige a si mesmo, danos maiores do que poderia causar aos outros.

A bola de borracha, que se atira violentamente contra um obstáculo qualquer, volta sempre contra aquele que a atirou. Assim também é o ódio, sempre refluí para o odiento. Há uma diferença: A bola de borracha volta com a mesma intensidade do impacto, enquanto o ódio, quando atinge a pessoa que foi visada, ferindo-a ou mesmo matando-lhe o corpo físico, repercute no odiento de forma ainda mais desastrosa. Desintegra sua moral, tornando-se passível de terríveis obsessões, e ainda lhe será exigida a reparação, nesta ou em futuras existências físicas, com os sofrimentos equivalentes aos que haja provocado.

É difícil crer, para muitos, que as enfermidades de mau caráter que tanto nos martirizam, fazendo-nos conhecer dores lancinantes, angústias e aflições, são decorrentes de crimes do passado, contra o nosso próximo, a quem não soubemos amar ou não quisemos perdoar; são amargas consequências de nossa falta de vigilância, de nossa rendição à sugestões do ódio arrasador.

Tratemos de aprender essa preciosa lição do sábio Mestre, esforçando-nos, para ver naqueles que agem errado e mal para conosco, não adversários que devemos esmagar ou eliminar, mas, sim, infelizes analfabetos espirituais que ainda não sabem o que fazem e, por isso, precisam de nossa piedade e oração.

Quando não devolvemos as pedras que nos são atiradas, estamos despojando as armas de quem atirou, frustrando-lhe os novos ataques, além de granjearmos a simpatia das criaturas de corretas e de bem e atrairmos, para nós e a nossa casa, bênçãos a mancheias.

Quando Jesus disse: “Amai os vossos adversários; fazei o certo e o bem aos que vos fazem errado e o mal.”; proferiu uma sentença sábia. A benevolência, que contrasta com a agressão, é o único processo evolutivo capaz de corrigir e regenerar.

Para se varrer o erro e o mal da face da Terra é preciso que se aplique método natural. O método natural é a educação do Espírito através do Evangelho de Jesus.

A medicina não pensa em eliminar os seus doentes; toda a sua preocupação está em curar as doenças. O processo deve ser o mesmo em relação aos distúrbios que afetam a moral das criaturas. A educação do Espírito previne o erro. O ser humano educado conhece o senso da vida, age conscienciosamente com critério, com discernimento. É pela educação que se há de vencer os vícios.

E a educação espiritual não cabe somente aos criminosos. É obra de salvação, é obra científica e social.

Na educação do Espírito está o senso da vida, está a solução de todos os problemas.

Educar o Espírito não é somente adquirir saber, mas é especialmente a formação e consolidação do caráter.

A razão e o coração devem marchar unidos na obra do aperfeiçoamento do Espírito, pois aí está o senso da vida.

O Espiritismo vem ensinar à humanidade, não mais reger a vida pelo código romano, mas pelo código divino que reflete justiça e a soberana vontade do Céu.

A missão do Espiritismo é educar para salvar o Cristianismo de Jesus, desse Jesus que foi Mestre, que teve discípulos e proclamou a liberdade do ser humano mediante a educação racional do Espírito.

Vamos recordar o olhar compreensivo e amoroso de Jesus, para esquecermos o argueiro nos olhos de nossos irmãos de luta.

O Mestre Divino jamais se deteve na faixa escura dos companheiros da jornada humana.

Em Bartimeu, o cego de Jericó, não viu um homem inutilizado pelas trevas, mas sim, o amigo que poderia tornar a ver, devolvendo-lhe a visão, para enriquecer-lhe a existência.

Em Maria de Magdala, não enxergou a mulher possuída pela ignorância de conhecimentos, mas sim, a irmã sofredora e por isso, lhe restaura a dignidade própria, nela plasmando uma renovada beleza espiritual, que mais tarde transmitiria a mensagem da vida eterna.

Em Zaqueu, não vê a usura e a apropriação indébita, mas sim, o missionário do progresso enganado pelos desvarios de posse, e por essa razão, devolve-lhe o trabalho e o raciocínio à administração sábia e justa.

Em Pedro, no dia da negação, não repara o cooperador enfraquecido, mas sim, o aprendiz invigilante, a exigir-lhe carinho e compreensão, por isso, com o tempo, transforma-o no baluarte seguro do Evangelho nascente, operoso e fiel até o martírio e crucificação.

Em Judas, não surpreende o discípulo ingrato, mas sim, o colaborador traído pela própria ilusão, e mesmo sabendo-o atraído pela honraria terrestre, sacrifica-se até o fim, aceitando a flagelação e a morte física, para doar amor e perdão, que se estende pelos séculos, soerguendo os vencidos e amparando a justiça das nações.

Busquemos algo, no olhar de Jesus, para nossos olhos e a crítica será banida do mundo de nossa consciência, porque teremos atingido o “Grande Entendimento”, que nos fará discernir em cada ser do caminho, mesmo envolvido nos espinheiros do erro e do mal, um irmão nosso necessitado, antes de tudo, de nosso auxílio e de nossa compaixão.

Quando não revidamos os que nos fazem errado e mal e nos ofendem, se formos capazes de tratá-los fraternalmente, procurando conquistá-los com bondade e, talvez, tornando-os nossos amigos, estamos conquistando o reino dos Céus, porque a alegria e a paz vão permanecer em nosso coração.

E Jesus continuará sempre conosco!

(O Sermão da Montanha)/(O Mestre na Educação)/(Amor e Sabedoria de Emmanuel)

02 - Inimigos Desencarnados. - itens 5 e 6.

Nós somos Espíritos. O Espírito é quem fala, ouve, vê, anda, escreve, sente, através do corpo carnal.

O ser humano é um Espírito encarnado. Como Espírito livre, ou encarnado, está sempre evoluindo, às vezes mais, às vezes menos rapidamente. As paradas são aparentes, porque de tudo que fizemos, um dia será revelada a experiência adquirida, através da satisfação do dever cumprido ou pela reparação do erro que praticamos.

Nosso mundo normal é o mundo dos Espíritos, por isso, muitas vezes, sentimos saudades do desconhecido, de lugares em que, na situação de encarnados, nunca estivemos. Temos ânsia de liberdade, vontade de espiar o invisível ou transportarmo-nos com a velocidade do pensamento.

Possuímos estas faculdades, mas quando encarnados elas estão suspensas, porque estamos presos a um corpo denso, em nosso próprio benefício.

Temos tido várias encarnações na Terra e em outros mundos e continuaremos a tê-las, até chegarmos à condição de Espíritos puros.

Jamais perderemos a individualidade.

Possuímos inúmeras faculdades desconhecidas de nós próprios quando encarnados, entre os quais, está o registro de vidas passadas.

Somos Espíritos e em tempo algum morreremos. Quando completar o nosso ciclo terreno, nosso corpo denso de destruirá, mas continuaremos a viver, noutra plano, noutra vibração, de acordo com o nosso estado de evolução espiritual, livre e conforme o grau de ciência e moralidade por nós conquistados.

Você é um Espírito, eu também sou um Espírito, e nós somos Espíritos pertencentes a diferentes classes um dos outros em conhecimentos e moral.

Quando deixamos o corpo físico, levamos a bagagem de conhecimentos que já tínhamos e a que adquirimos nessa jornada. Levamos tudo de certo e de errado que aprendemos e continuaremos a ter as atitudes que tínhamos como encarnados. Por isso a explicação de que somos Espíritos; sempre!

A lição do Evangelho de hoje nos fala sobre os adversários desencarnados. Ora, os adversários desencarnados, nada mais são do que as inimizades que temos hoje ou que angariamos em vidas físicas passadas.

Se não conseguimos elevar a nossa moral, e nem tomamos conhecimento dos ensinamentos de Jesus, levamos conosco o sentimento de vingança, de ódio, levamos a irresponsabilidade em que vivemos.

Os Espíritos, que somos nós, quando desencarnados, que continuam a desejar o erro e o mal aos semelhantes, perseguindo-os, são Espíritos perturbados, ainda inclinados ao erro. Estes irmãos, ainda não conhecem o amor. Na sua perturbação, dão conselhos perversos, insuflam a discórdia e a desconfiança e usam de todos os disfarces para melhor enganar.

Normalmente apegam-se às pessoas de caráter fraco, que cedem as suas sugestões, para retardar o seu adiantamento e fazê-las sucumbir nas provas a cumprir.

A grosseria de expressões, entre os Espíritos, como entre nós, seres encarnados, é sempre indício de inferioridade moral e intelectual. Tanto o desencarnado como o encarnado, nas suas comunicações, tentam enganar, falando de maneira sensata, mas não podem sustentar o papel por muito tempo e acabam sempre por trair a sua origem.

Isso acontece muito no nosso dia a dia. Surgem em nosso caminho, pessoas bem vestidas, que falam bonito... Que prometem muito... Que enganam... E, de repente, essa criatura foge, ou comete um roubo ou a máscara cai.

O Espírito perturbado, quando encarnado, ele se entrega a todo o tipo de vícios que as paixões oferecem. São flagelos à humanidade, seja qual for a posição social que ocupa. Não é para isso que se encarna, porém a sua fraqueza é tão grande, que passa por várias encarnações, sem se preocupar com a tarefa a cumprir.

Alguns povos, sem o conhecimento da origem desses Espíritos, os classificavam como demônios, Espíritos do mal.

Conhecemos, em nosso meio, a pessoas levianas, que não levam nada a sério, que não medem consequências e quando desencarnadas, continuam a ter essas atitudes, prejudicando a vida dos encarnados e desencarnados. Estes Espíritos causam pequenas contrariedades e pequenas alegrias, fazendo intrigas, induzindo maliciosamente ao erro, por meio de mistificações e de espertezas. Quando se comunicam com os encarnados, muitas vezes a sua linguagem é espirituosa e alegre, porém sem profundidade. Usam nomes supostos e veneráveis, mais por malícia do que por maldade.

Há os irmãos que julgam tudo saber e a verdade é sempre sua, pois se acham verdadeiros sábios, e retornam ao mundo espiritual levando essa característica. Esse irmão progrediu em alguns sentidos, sua linguagem parece séria e pode iludir quanto a sua capacidade, misturando algumas verdades com os erros mais absurdos, entre os quais, destacam-se: O orgulho, a inveja, a teimosia, e outros dos quais não conseguiram despir-se.

Há os irmãos neutros, que se contentam com qualquer situação e nada fazem para mudar, porque não são corretos para fazer o bem e nem errados para fazer o mal. Não se elevam nem pela moral e nem pelo conhecimento. Apegam-se as coisas desse mundo, saudosos de suas alegrias.

Os Espíritos perturbadores e batedores manifestam-se através de efeitos físicos, como golpes, movimento e deslocamento anormal de corpos sólidos. Ainda se encontram muito apegados à matéria. São os causadores da maioria das vicissitudes dos encarnados no globo terrestre.

Tudo isso acontece, tanto do lado espiritual como material, devido ao atraso em que muitos se encontram, devido a falta de vontade de aprender.

Nós, encarnados, somos chamariz para esses irmãos, pelas atitudes que temos. Pensando errado, tendo inveja, raiva, ciúme, ódio, intolerância. Devemos evitar a todo sentimento ruim, que atrai irmãos menos esclarecidos.

Na nossa vida física diária, devemos evitar contratempos, brigas no lar, no trabalho, na comunidade que participamos, respeitar os nossos filhos, paciência no trânsito etc. Procurar sempre ser sincero e leal.

Não devemos deixar brecha nenhuma para irmãos menos esclarecidos se aproximarem de nós, no sentido de nos perturbar. Aí, a necessidade do “Vigiar e Orar” de Jesus. A prece atrai, quando feita com sentimento, corretos Espíritos para perto de nós, afastando o perigo das perturbações e nos ajudando a não cair no erro. Vigiar nossas atitudes, nossos sentimentos, buscando o conhecimento através do Evangelho do Mestre.

Se nos compenetrarmos da necessidade de evoluir, teremos sempre ajuda dos corretos e bons companheiros espirituais.

Em todo Espírito há a centelha do amor. Todos nós, um dia, seremos Espíritos totalmente corretos e perfeitos. O Pai Eterno está sempre nos dando condições de aprender, de elevar a nossa moral.

Temos que preparar o solo da nossa caminhada, tornando-o fértil de amor, de caridade, de compreensão, de tolerância, de paciência, para que cada vez mais tenhamos a proteção dos corretos e bons Espíritos, e os ensinamentos do Divino Mestre.

Vamos procurar tirar a mágoa do nosso coração, evitar inimizades, desapegar dos bens materiais, para que, na volta ao plano espiritual, estejamos despojados desses sentimentos, querendo apenas evoluir, ajudar os irmãos menos esclarecidos.

Não podemos esquecer que os Espíritos influem no nosso pensamento, e muito mais do que imaginamos, a tal ponto que, muitas vezes nos dirigem. Por isso, precisamos de prudência e humildade, que tenhamos pensamentos puros no dia a dia, a fim de que os menos esclarecidos não prevaleçam de nós. Tenhamos os corretos e bons propósitos, assim quando formos sugestionados, a escolha será sempre para o lado do certo e do bem.

Muitas vezes oscilamos para o lado do certo e do bom e outras vezes para o lado errado e do mau, sem perfeita consciência do que fazemos, pois Paulo, em Romanos 7:7-25, confessa as suas dificuldades, dizendo que muitas vezes não conseguia fazer o que desejava e era levado a fazer o que não desejava.

Isso é para sabermos quanto é grande a influência dos desencarnados sobre nós, porque ainda estamos arraigados aos sentimentos menos nobres.

Também não podemos atribuir aos Espíritos a culpa dos nossos erros.

Precisamos nos abster de julgar, precipitar ações, conclusões, assim não seremos surpreendidos pelos irmãos menos esclarecidos, que nos induzem a cair no espinheiro das reações descabidas, que nos levam ao desequilíbrio e perturbação, que cabe somente a nós evitar.

Precisamos estar sempre vigilantes, entre a riqueza do trabalho e a graça da oração.

Caminhemos para Deus, através do caminho que é Jesus; da verdade que é Seus ensinamentos; da Vida que é o certo e o bem em todas as modalidades.

Que assim seja! Graças a Deus!

(O Além e o Aquém)/(Eurípedes, o Homem e a Missão)/(O Livro dos Espíritos)

03 - Se Alguém Te Ferir na Face Direita. - itens 7 e 8.

“Se alguém te bater numa face, apresenta-lhe a outra; se alguém te tirar a capa, não o impeças de levar também a túnica. Dá a todo o que pedir e ao que te tomar os teus bens não os reclames”. Lucas, VI; 29-30.

O sentido dessas palavras de Jesus é claro quando compreendemos segundo o espírito e não segundo a letra. Devemos considerar antes de tudo a época que Jesus veio à Terra e as condições morais do povo a quem Ele falava.

Consideremos igualmente o fim superior que tinha a Sua missão, toda de abnegação, devotamento, caridade e amor, cujo fim que era lançar, como lançou, pelos Seus ensinamentos e exemplos, sementes de verdades, destinadas a germinar desde logo e a frutificar cada vez mais pelos séculos afora.

Os preceitos da lei antiga eram de molde a infundir medo, como convinha a pessoas de natureza violenta, que só pelo medo podiam ser dominadas, pois, ainda estavam incapacitadas para obedecer a uma lei toda de mansidão e doçura. Para que os direitos fossem reciprocamente respeitados, necessário se fazia que cada um estivesse convencido de que sofreria, como castigo, pena idêntica, senão maior, do que aquela que houvesse feito ou desejado aos outros.

A lei trazida ao mundo pelo Cristo, sobrepõe a tudo, em todos os casos: Amor, abnegação, renúncia de si mesmo, sentimentos que devem animar o ser humano, não só para os que lhe são caros e amigos, também para os adversários. Nisto se resume tudo.

Sabemos que foi dito por Moisés: “Olho por olho, dente por dente”, porém Jesus ensinou que não devemos opor resistência aos que nos queiram errado ou mal, retribuindo-lhes com o mesmo sentimento.

Jesus nos disse: “Ponde de lado o orgulho e humilhai-vos; não façais justiça pelas vossas mãos; deixai que as leis divinas tenham sequência no seu curso; limitai-vos a usar da caridade, do amor, da benevolência, a fim de que, pelo vosso exemplo, seja reconduzido o vosso semelhante ao correto e bom caminho, do qual se transviou. Fazei não somente a esmola da bolsa, mas também a do coração e da inteligência”.

Para os seres humanos daquela época, endurecidos, Jesus viu a necessidade de formular esses exemplos de amor, por assim dizer, excessivo, de extremada abnegação. Por pouco que obtivesse deles, Seu desejo era ajudá-los a enveredar pelo caminho do certo e do bem, ao longo do qual, iriam, pouco a pouco, adquirindo sentimentos capazes de arrancar dos corações; o ódio, a cobiça, a inveja que os dominavam.

Quanto a nós, hoje, se não nos achamos em condições de observar os preceitos evangélicos, como fez Moisés e os profetas de Israel em tempos remotos, devemos estar atentos à nova fase da evolução moral, que se inicia com a Nova Revelação, cujos efeitos veremos e acompanharemos como encarnados ou desencarnados, a fim de que se cumpra a palavra de Jesus.

Depois que nós, Espíritos que somos, passarmos pelo cadinho depurador das reencarnações, esclarecidos pela revelação espírita, separados os obstinados no erro e tornado o planeta terreno morada exclusiva dos corretos e bons, devido a evolução moral, lenta, mas progressiva sempre, que acarretará a transformação física, também lenta, mas sempre progressiva, a humanidade chegará a uma época em que, para julgar os seus atos, em face dos princípios evangélicos, haverá um só tribunal: O da própria consciência, guarda das leis de Deus, o nosso Criador, o nosso Juiz Supremo e nosso Pai de Misericórdia infinita.

Bem longe ainda nos achamos desses tempos ditosos, em que, iluminados pela verdade e praticando o amor, caminharemos sempre sob as vistas do Pai Celestial.

Entretanto, já podemos atestar a realidade dessa transformação, que embora lenta, a transição já vai se fazendo patente na mudança dos costumes, na melhoria de nossa índole, até mesmo na modificação dos animais mais ferozes, que mais facilmente se vão sujeitando ao jugo da criatura humana.

O Espiritismo mostra que a lei de talião; o olho por olho e dente por dente do velho testamento, é uma realidade para todos os tempos, desde que saibamos extrair o sentido verdadeiro do que ela exprime. Mediante as reencarnações sucessivas e os tormentos que passamos em cada uma de-

las, vamos passando por tudo o que fizemos aos outros, ainda que na vida corpórea não tenhamos lembranças dos delitos cometidos.

Somos nós mesmos que fazemos a lei de talião para nós. Quanto mais obstinarmos-nos em continuar na ignorância, mais tempo levaremos para atingir o progresso moral. A cada reencarnação temos a chance de melhorar um pouco mais, porque nosso Pai é misericordioso.

E quando o Mestre Jesus nos diz que: “se alguém te bater numa face, apresenta-lhe a outra”, está nos ensinando a perdoarmos o nosso irmão pelas atitudes mesquinhas que tem; está nos ensinando a termos paciência com o próximo; está nos ensinando a sermos humildes; está nos ensinando a refrearmos os nossos instintos; está nos ensinando a sermos tolerantes; está nos ensinando a amarmos os nossos adversários; está nos ensinando a depurarmos os nossos sentimentos e respeitarmos o nosso próximo como a nós mesmos.

Obedeçamos a lei do amor, em tudo e para com todos, conhecidos e desconhecidos, amigos e adversários: tal é o ensino de Jesus, constante no Evangelho, que se conjugam com essas palavras que nos disse: “Sede perfeitos, como Vosso Pai Celestial é perfeito”, isto quer dizer: Cultivar e praticar com sinceridade, todas as virtudes que nos são ensinadas e exemplificadas no Evangelho, a fim de que nos aproximemos d’Aquele que é a perfeição absoluta.

O Espiritismo, a revelação nova, novo transbordamento da bondade de Deus para conosco, como luz brilhante, nos guiará os passos, rumo ao seio infinito do Pai, dando-nos a compreensão nítida das palavras evangélicas, ajudando-nos em consequência dessa compreensão, atingir a meta que nos é proposta.

A jornada é longa e áspera, e semeado de perigos e dificuldades o caminho, mas o porto de chegada é prodigioso de venturas e esplendores.

Nem sempre a nossa consciência, dadas as condições do meio em que nos encontramos encarnados, pode indicar a causa do nosso procedimento, ou os impulsos, que obedecemos na prática de nossos atos.

Porém, como é possível estudar as causas da enfermidade de que padecemos, pelos medicamentos que nos aconselha o médico, também podemos descobrir as nossas enfermidades morais, pelo remédio espiritual que se encontra no Evangelho, repetindo o conselho Daquele que foi e será sempre o médico supremo, não só dos corpos, mas principalmente dos Espíritos. E para isso, carecemos de humildade em nossos corações e a sua falta nos conduz aos erros.

Por essa razão, o Evangelho, a cada passo, em todas as suas páginas, nos dá sublimados ensinamentos e exemplos de humildade. Por esse motivo os nossos anjos de guarda, os nossos guias, continuamente nos recomendam que sejamos humildes.

Somente possuindo essa virtude celeste que, como todas as outras, foi modelo excelso Nosso Senhor Jesus Cristo, é que seremos capazes de praticar unicamente corretas e boas obras, com o cunho da abnegação, do desinteresse, da sinceridade, do sigilo, do devotamento, do amor, em suma, do ensinado nos versículos que estudamos.

Somente a posse da humildade nos capacitará para a prática da caridade material e moral. E assim, praticada material e moralmente, o Divino Mestre interpretava em Espírito e Verdade as Suas palavras.

Não podemos esquecer, que a semente humilha-se no seio da terra e aprende a morrer para renovar-se, enriquecendo o celeiro.

O grande rio, a fim de ajudar, faz-se pai das fontes e dos córregos, suportando todos os detritos e garantir a economia dos continentes, a caminho do mar.

As raízes ocultam-se no subsolo, sustentam as árvores que são a fartura do mundo.

Por sofrer resignado, o óleo escuro se converte em pavio incandescente e luz.

Por obedecer ao pensamento do oleiro, ergue-se a argila em vaso precioso.

Por curvar-se ante a ventania, a erva tenra consegue sobreviver à passagem da tormenta.

Por esconder-se solitária, sob o chão, a rocha alimenta e embeleza o vale.

Humilhemo-nos, engrandecendo a vida que nos cerca, e a vida nos exaltar.

Por isso mesmo, o Mestre Maior de todos preferiu sofrer e dobrar-se na cruz, porque, com a grandeza imortal do sacrifício, construiu o caminho para redenção de todas as criaturas.

Aqui, juntos, estudando o Evangelho, estamos tentando aprender a humildade ensinada por Jesus.

Sejamos humildes como o Mestre Jesus!

04 - A Vingança. - item 9.

A procura de trabalho, Francisco Alves, deixou sua terra, Minas Gerais, para procurar emprego no Rio de Janeiro, pois soubera que na Ilha do Caju poderia melhorar sua vida.

Hospedou-se numa pensão modesta, e por não haver quarto vago, ficou morando no aposento de um homem de sua idade chamado João.

Poucos dias depois, obteve a promessa de um emprego num armazém. Iria falar de manhã com o proprietário, para obter o emprego. Chegando à pensão, narrou o caso ao companheiro.

Qual não foi a sua surpresa, ao chegar no armazém, encontrou João trabalhando no lugar que deveria ser seu. Seu colega de quarto fora desleal e ocupou a sua vaga. Averiguou toda a história e falou a João, criticando o seu comportamento, e este lhe respondeu cinicamente:

- O mundo é das águias!

Apesar da atitude indigna de João, continuou morando no mesmo quarto. Entretanto, cada dia mais, o desejo de vingança aumentava. Pensava em matar o companheiro. Com esse pensamento, saiu uma tarde e procurou um amigo, prático de farmácia, e pediu-lhe uma pílula de estriçnina, dizendo que desejava matar um cachorro.

Ficou com o comprimido por vários dias a espera da ocasião oportuna.

Certa noite, João voltou à pensão com fortes dores no estômago e pediu remédio. Rapidamente Francisco lhe disse:

- Tenho um comprimido formidável, e entregou-lhe o comprimido.

João engoliu e os efeitos foram instantâneos. Teve terríveis convulsões. Veio o proprietário ajudar e quando o médico chegou, foi tarde, João havia falecido.

Francisco saiu da pensão, com muito receio, e se dirigiu à cidade do Rio de Janeiro e depois a São Paulo, onde arranjou emprego.

Em 1930 ficou desempregado e a vida começou a ficar dura. Então lhe veio a lembrança do acontecido no passado e pensou ser aquilo um castigo. Impressionou-se tanto que uma noite usou heroína, para fugir da lembrança, mas arrependeu-se e tomou remédio que o pôs fora de perigo.

Por ter escapado da morte, a vida deu-lhe novas esperanças.

Rezou para o seu sossego e encarou a realidade com firmeza e ânimo. E para sua alegria, ganhou um bom dinheiro na loteria. Depois de três anos, não tinha mais dinheiro, fazendo jus ao ditado: - "Dinheiro que não é suado, não dura!"

Foi para Mogi onde se empregou, depois de quatro meses estava desempregado.

Voltaram-lhe as visões terríveis. Via João em toda parte. Tinha pesadelos medonhos. Acordava suando frio. Não tinha fome, não tinha alegria em nenhum divertimento. Já não sabia o que era melhor: O suicídio ou a prisão. De acordo com os seus conhecimentos religiosos, optou pela prisão.

Então se apresentou ao Delegado e confessou o seu crime, que até aquele dia estivera em mistério.

Esclareceu-se mais um crime, graças ao remorso.

Trêmulo, barbudo, óculos sobre os olhos amortecidos, apresentou-se à delegacia e disse:

- Ele foi mau para mim, mas apesar disso, o remorso não me abandonou e... Isso que eu vivo, não é vida! Entrego-me à prisão porque não posso mais comer e nem dormir!

Estava comovido. Levou a mão aos olhos, que se encontravam úmidos, por trás dos óculos fortes.

Que adiantou a vingança de Francisco? Não soube perdoar João, que fora desleal ao tomar o seu emprego. Ao invés de diminuir as suas dívidas, aumentou-as. Retribuiu o erro com o erro. Não soube defender-se das injúrias do companheiro de quarto e levou às últimas consequências a sua vingança.

Francisco não soube dar a outra face, quando lhe bateram numa face. Não teve humildade, deixou o seu orgulho dominá-lo. Não aprendeu que devemos amar os nossos adversários.

Atacou o seu colega, deixando-se dominar pelo sentimento de vingança, que faz qualquer erro ou mal na primeira oportunidade que surge.

Se o vingador é forte, ataca a sua vítima com ferocidade. Quando é mais fraco, fica a espreita, para dar o bote assim que puder. Não podendo atingir pessoalmente a sua vítima, sente prazer quando sabe que alguma coisa ruim lhe aconteceu e emite sentimentos errados e maus.

Há necessidade de se vigiar os pensamentos, porque quando não se gosta de alguém, não se deve comprazer em falar e ouvir mal dessa pessoa.

Isso é sentimento de vingança, porque se está desejando o erro ou o mal a alguém.

Procurando conhecer os ensinamentos de Jesus, vai se reconhecendo aos poucos esses erros e aprende-se a dominá-los.

A vingança é a negação da caridade.

Quando se pretende desferrar contra o próximo, por mais que as razões pareçam estar a favor, aliciando esse desejo se atrai para companhia a falsidade, a baixeza, filhas diletas da vingança.

Raramente a vingança se realiza abertamente. Essa paixão é amiga das sombras e das intrigas.

O desejo de vingança dá, ao humano os sintomas da hipocrisia, levando-o a ocultar no mais profundo do seu ser os errados e maus sentimentos que o consomem, como se um câncer deitasse raízes na sede de sua afetividade.

A vingança urde dolorosas armadilhas; deita veneno no adversário. Ela ensombrece o Espírito daquele que se obsedia em tomar vingança contra o que chama de inimigo, para atacá-lo na honra e nas afeições.

A calúnia é amicíssima da vingança. Procura ouvidos invigilantes e desfila-lhes as pérfidas insinuações que a sua mente tresloucada articula ou reúne. Antes semblantes amigos, agora gélidos de desconfiança, olhares endurecidos e exigentes, sorrisos que ocultam temores. Mãos que antes estendiam, agora recuam.

É doloroso surpreender o roteiro da existência salpicado pela lama da malícia de um vingador, que age nas sombras, poluindo as nascentes onde solve a água da amizade e envenenando as mais puras afeições.

É amargoso conduzir no peito os anseios de um mundo melhor, a inspiração de ofertar ao semelhante, quando em cada esquina, em cada agrupamento, no seio daqueles que mais se ama, passou o vento crescente e destruidor daquele que toma o propósito de vingança.

Deve-se aceitar essa ocorrência contristadora.

Resignadamente deve-se procurar sustentar o curso da esperança, alimentar a chama ardente do trabalho, confiando na ação renovadora do tempo.

A paisagem se recomporá, após as devastadoras tempestades, fazendo-se mais bela; renascerá sempre a vegetação, após findo o inverno, com mais vigor; perfuma-se todo o ambiente, após o vento vergastar as flores; renasce sempre o Sol, após finda a noite e o seu brilho terá mais fulgor, quanto mais longa e espessa haja sido a escuridão que o precedeu.

Ore ao Senhor Jesus, por todos aqueles fascinados nas faixas da obsessão oculta e temendo enfrentar os que tomam por inimigos, sem conseguir insultar a plena face, se deixam render pela aviltante paixão de vingança, enceguecidos pelo ódio e rancor.

Não se pode esquecer: Sem caridade não há salvação!

“Amái os vossos adversários e orai pelos que vos perseguem, para que vos torneis filhos de vosso Pai Celeste, porque Ele faz nascer o seu Sol sobre errados ou maus, e certos ou bons, e vir chuvas sobre justos e injustos”. Mateus ; 5- 44 e 45.

Que o Mestre Jesus nos ajude a cultivar a oração caritativa!

(O Martírio dos Suicidas)/(Jesus e Kardec)

05 - O Ódio. - item 10.

Seara de Ódio - resumo de um conto do Irmão X.

Bela jovem, a quem o Senhor lhe conferira a doce missão da maternidade, não desejava o filho que lhe desabrochava no seio, para que não perdesse a sua beleza. Não queria o filho nos seus braços.

No santuário da consciência o filho suplicava-lhe que o deixasse viver materialmente, pedia-lhe a bênção do corpo físico, pois precisava lutar e regenerar-se. Desejava redimir-se. Queria estar com ela, dar-lhe alegrias, sendo seu rebento de amor tanto quanto ela era para ele a árvore de luz, o seu ninho de paz e de esperança.

A bela jovem continuava irreduzível. Queria expulsá-lo de seu ventre.

O filho implorava, pedia piedade, pois procediam de muito longe, Espírito com Espírito, coração a coração.

E nada removia a ideia da jovem, que só via no filho um intruso. Era mulher bela e livre, mocidade e prazer, o filho lhe seria perturbação e obstáculo.

E o filho continuava a pedir que o amparasse, para o serviço de sua restauração. O diálogo sem palavras continuava dia a dia, e a criança tentava vir a luz, até que a mãezinha infortunada decidiu expulsá-lo de seu corpo físico. E assim mesmo pedia que o deixasse viver. Pedia socorro e no anseio de preservar o corpo físico tenro, agarrou-se ao coração dela, que destrambelhou à maneira de um relógio desconcertado e, ao invés de continuarem na graça da vida física, os dois morreram.

Desprovidos do invólucro carnal, projetaram-se no espaço, gritando acusações recíprocas. Porém, achavam-se marcados, um ao outro, pelas cadeias magnéticas de pesados compromissos, arrastando-se por muito tempo, detestando-se e recriminando-se mutuamente.

A sementeira da crueldade atraía a seara do ódio. E a seara de ódio lhes impunha nefasto desequilíbrio.

Anos e anos desdobraram-se, sombrios e inquietantes, para os dois, até que um dia, caridoso Espírito em corpo físico feminino recordou-se deles em preces de carinho e piedade, como a lhes ofertar o próprio seio. Ambos responderam, famintos de consolo e renovação, aceitando o generoso abrigo.

Envolvidos pela carícia maternal, repousaram enfim. Brando sono pacificou-lhes a mente dolorida.

Todavia, quando despertaram de novo na Terra, traziam o estigma do clamoroso débito em que se haviam reunido, reaparecendo, entre os seres humanos, como dois Espíritos apaixonados pela carne, disputando o mesmo vaso físico, no triste fenômeno de um corpo único, sustentando duas cabeças.

O ódio nos afasta das leis de Deus, mas assim mesmo Ele nos cria alternativas para que possamos arrancar de dentro de nós o rancor, a antipatia, o desprezo, a aversão.

O ódio é corrosivo no coração, transfigura o pensamento e desequilibra. Não enxerga o certo e o bem que o Céu espalha em tudo, para ver simplesmente o erro e o mal e imagina espinheiros e pântanos onde há flores e bênçãos.

No conto narrado, a bela jovem, deixou-se dominar pela vaidade e pelo cupidez, não permitindo que o pequeno irmão resgatasse a sua dívida, e gerou a discórdia, o ódio, tornando a próxima reencarnação ainda mais difícil.

Ao examinarmos o tema do ódio - nódoa infeliz no coração do ser humano - que jamais nos surpreenda na posição de quem odeia e que, por essa paixão inferior, semeia os ventos da dor para recolher, logo mais, as tempestades da alienação mental em graus inimagináveis.

Embora constrangidos é melhor; aceitar as alfinetadas que nos são desferidas, as calúnias que nos são deitadas nos caminhos da vida física, a maledicência distanciando-nos os amigos; do que, uma só vez, ensaiarmos o gesto da revolta, o brado da indignação, ou o uso da palavra para justificar a nossa deserção dos campos do certo e do bem.

O ódio distancia-nos do Pai Celestial e o amor ao adversário funde-nos com a Espiritualidade Maior.

Aquele que odeia, remete os seus dardos envenenados da cela de sua loucura e, pela enfermidade espiritual que transporta no seu próprio coração, é digno de nossa incondicional piedade.

Não sendo possível abraçá-lo, porque a conciliação ostensiva poderá humilhá-lo, por não entender o alcance da fraternidade e, conseqüentemente, soprar as labaredas do fogo de sua paixão, então, recolhamo-nos em silêncio e oremos por ele.

Amar os que nos inspiram desconfiança ou até ódio, exige o sacrifício total do amor próprio, fenequimento do nosso orgulho, desfiguração completa do nosso egoísmo.

Jesus amou até o sacrifício na cruz.

Nos dias de hoje, vencidos os holocaustos de sangue nos circos romanos e nas praças do fanatismo religioso, já não somos convocados a extremos testemunhos materiais de caridade divinizada.

O sacrifício agora é; amarmos os que nos ultrajam.

Penoso é o comportamento espiritual a sustentarmos, amparados na humildade, quando somos compelidos a aceitar o perseguidor na área de nosso afeto.

Nesse amor está a superioridade cristã.

Ao longo de nossas vidas terrenas vamos anotando em nossos arquivos os resultados de nossos atos, de nossas obras, certas ou boas e erradas ou más.

É como se tivéssemos uma maleta de arquivamento, onde registramos tudo que pensamos e realizamos para, na hora certa e precisa, analisarmos o que pudemos produzir, tanto para um lado como para o outro, certo ou bom e errado ou ruim.

Hoje, sabemos que as nossas faltas, omissões, erros, agressões, ficam marcados como pontos ou manchas escuras, objetivamente anotados em nosso perispírito e também em nossa eficiente tela mental.

Após a desencarnação, em algum momento de reflexão, abriremos a nossa bagagem, o arquivo de nossas ações, e, aí, visualizaremos todos aqueles pontos escuros, todas aquelas manchas escuras que, na verdade, nos mostrarão as fases de enganos, erros, que consciente ou inconscientemente, construímos para nós, passando, por conseqüência, a compor o nosso patrimônio.

Nesses instantes, no plano espiritual, poderemos, se estivermos preparados, idealizar o planejamento do reacerto, do ressarcimento, do pagamento das dívidas, cientificando-nos concretamente da existência da justiça divina, dando oportunidade aos que erraram para o devido reajustamento. Somente através do processo reencarnatório, bem estudado, devidamente planejado, e eficientemente cumprido, é que conseguiremos limpar as manchas escuras do nosso mundo mental, quitando-nos, por livre iniciativa, com todos aqueles com os quais nos endividamos.

Dia haverá em que, por nosso próprio esforço, teremos em nossa bagagem somente a claridade translúcida das corretas e boas obras, dos corretos e bons atos, dos corretos procedimentos mental e físico.

Hoje, no mundo terreno, apesar de suas sombras, podemos, todos, sem qualquer distinção, optar pela construção de um futuro limpo, conhecendo e estudando as leis da Natureza, trazidas pelo Cristo Jesus e revividas, séculos depois, pela Doutrina Espírita. Um completando os ensinamentos do outro, colocam à disposição dos interessados todos os instrumentos para um bom comportamento, para uma boa vida, podendo realizar as tarefas terrenas e objetivando a sua continuidade no plano espiritual.

Cumprindo, aqui, objetivamente, as obrigações que assumimos, lá chegaremos, indubitavelmente, de consciência tranquila, sem manchas escuras na bagagem. Livres para o trabalho superior.

E, certamente, Jesus estará conosco!

(Contos e Apólogos)/(Jesus e Kardec)/(O Reformador)/(Religião dos Espíritos)

06 - O Duelo. - item 11.

O ser humano ou Espírito encarnado está na Terra para progredir, e somente através das reencarnações sucessivas conseguirá progresso moral e intelectual. É necessário saber que, em qualquer condição que se encontre o encarnado, deve chegar ao termo fixado pelos desígnios da Suprema Justiça.

Adiantar por si mesmo ou por provocação a entrada no mundo dos Espíritos é enorme erro ou crime. O duelo ainda é um erro maior, porque não é um suicídio, é um assassinato frio.

Tanto o provocado, como o provocador, se suicida moralmente. Ambos são assassinos, porque procuram mutuamente tirar a vida física por ele escolhida ou imposta pela Lei de Deus, como expiação.

Os Duelistas aos olhos de Deus, são duas vezes criminosos, porque nenhuma desculpa será admitida, desde que tudo foi calculado friamente e premeditado.

O duelo é uma terrível invenção dos Espíritos errados e perversos, invenção digna do estado de barbárie, que nos desonra junto ao nosso Pai, o Deus tão bom.

Os vocábulos: dever, honra, coragem, muitas vezes são usados para justificar ações e crimes. O ser humano ainda se acha sob a influência do orgulho e para se desculpar aos próprios olhos, pronuncia bem alto esses vocábulos: dever, honra e coragem e não se dá conta que essas palavras significam a execução dos mandamentos de Deus: Caridade e amor. No entanto, com essas palavras estrangulam irmãos; com elas se suicidam; com elas se perdem.

Como está cego! Julga-se forte por ter arrastado um infeliz, mais fraco do que ele. Cego está, porque crê na aprovação de sua conduta por outros cegos, como ele próprio.

Um humano tem o coração varado de dor e o Espírito cheio de amargura, porque surpreendeu provas irrecusáveis da errada conduta de sua esposa.

Um dos sedutores provoca essa pobre e infeliz criatura. Tal provocação seria resultado do seu dever, de sua honra, de sua coragem?

Não, porque a sua honra não foi e nem será atingida. Aceitando a provocação em nome da honra, do dever e da coragem, estaria se vingando.

Sua honra não está em jogo e sua infelicidade seria ignorada, se não fosse tornada pública, provocada pelo escândalo da vingança.

Se sua infelicidade fosse conhecida, seria sinceramente lamentada por todos os sensatos, resultando numerosas provas de simpatia, e contra ele não haveria risos dos corações malévolos e endurecidos.

Tanto num caso como noutro, sua honra continua intacta. O que o leva a praticar qualquer ato indigno é o orgulho, a ostentação, a vingança, e não a honra.

Cabe-se aprender o sublime sentido das palavras: dever, honra e coragem e Deus falará por nossas vozes. Cabe-se ao humano a felicidade de semear entre seus irmãos os preciosos grãos da felicidade, muitas vezes ignorados na existência terrena.

Aquele que, provocado ou provocador, tiver sucumbido, experimentará as maiores torturas morais pela contínua lembrança de sua vítima. Durante séculos será roído pelos remorsos, por haver desobedecido tão gravemente as leis de Deus.

Somente pelo arrependimento sincero e profundo, aliviam os sofrimentos, que lhes abrem os olhos do Espírito e, então, poderão entrever um fim as suas penas, compreenderão Deus e pedirão forças para não mais provocar a Sua justiça.

Falar de duelo hoje, em nossa época, parece retrógrado. No Evangelho Segundo o Espiritismo há várias citações sobre o duelo. Na época em que foi escrito, realmente havia esse crime bárbaro. Por qualquer motivo banal, praticava-se o duelo.

Nossa lembrança atual do duelo é dos filmes. Dois humanos, geralmente de roupa preta, apontando a arma um para o outro.

Será que ainda existe o duelo?

Sim, o duelo ainda existe, não praticado como outrora, porém com mais sofisticação.

Apesar do progresso que a cada reencarnação vamos obtendo, ainda existem irmãos que não conhecem as leis de Deus, não conhecem Seus ensinamentos de amor e se deixam dominar pelo orgulho, pela tentação, pela vingança.

Há pessoas que ainda hoje querem defender sua honra, entre aspas. Tiram vidas ou perdem as suas por ciúme, por herança, por brigas entre famílias.

A bebida e a droga ceifam muitas vidas físicas, devido a imperfeição em que se acha o ser humano.

Até no trânsito se duela, pela irresponsabilidade de muitos, que usam a máquina tão útil, para satisfazer seus instintos e não se preocupam com a vida física do próximo.

Quantas vezes lemos ou ouvimos que pessoas decentes, vizinhos, por quaisquer querelas, brigas de crianças, acabam com a vida física um do outro, tornam-se assassinos, deixam seu lar, vão para a prisão, porque não tiveram domínio sobre os seus orgulhos, suas ostentações, suas prepotências.

Todo ser humano que se vinga, está premeditando algo contra o seu próximo e comete crime tão horrendo quanto o duelo. O Espírito que conserva o sentimento de vingança ficará nos porões do mundo espiritual. A vingança não é compatível com a perfeição.

Aquele que por humildade, como o Cristo Jesus, tiver suportado o maior ultraje, e, por amor a Deus, perdoado de coração, além das recompensas celestes da outra vida, terá paz de coração nesta vida física e uma alegria incompreensível por haver respeitado a obra de Deus.

Aquele que por caridade com o próximo, lhe houver provado seu amor fraterno, na outra vida terá a santa proteção e o concurso glorioso da Mãe de Jesus, pois Ela ama e abençoa os que cumprem os mandamentos de Deus, que seguem e praticam os ensinamentos de Seu filho.

Aquele que, mesmo sofrendo ultrajes, respeita a existência de seu irmão, ao entrar no mundo espiritual, encontrará milhões de legiões de corretos Espíritos que virão facilitar os seus primeiros passos na renovada existência espiritual. Todos em conjunto elevarão a Deus sinceras ações de graça por sua misericórdia, que permitiu ao seu irmão resistir à tentação.

Aquele que resiste a essas tristes tentações pode esperar, não a mudança nos desígnios de Deus, que são imutáveis, mas contar com a benevolência sincera e afetuosa do Espírito de Verdade, O Filho de Deus, o qual, de maneira incomparável inundará o seu Espírito com a felicidade de compreender o Espírito de Justiça perfeito e de bondade infinita, que conseqüentemente o salvará de qualquer cilada.

Esquecimento das injúrias é perfeição do Espírito. A Jesus, foi mais fácil perdoar os ultrajes de Sua paixão do que o último dos seres humanos perdoar a mais leve zombaria.

O grande Espírito Jesus Cristo, habituado à doçura, nem concebia a amargura e a vingança.

O nosso Espírito, atingido por ninharia, esquece o que é grande.

Diariamente pedimos perdão a Deus, que desce sobre nós como benéfico orvalho, mas nossos corações esquecem o perdão, repetido tantas vezes em nossas preces.

O fel interno corrompe o Espírito: É a pedra enorme que o fixa ao solo e retarda sua elevação.

Quando formos insultados, entremos em nós mesmos, examinemos nosso erro interior - aquele que o mundo ignora - meçamos a sua profundidade e curemos a nossa vaidade pelo conhecimento de nossa miséria.

Se a ofensa atingir o coração, lamentemos o infeliz que a cometeu, como se lamenta o ferido cuja chaga verte sangue.

No Jardim das Oliveiras Jesus conheceu a dor humana; mas ignorou sempre a amargura do orgulho e a pequenez da vaidade: Foi encarnado para mostrar aos seres humanos o tipo de beleza moral que devia servir de modelo.

E Jesus continua sendo o nosso modelo, para alcançarmos a perfeição em Deus.

Graças a Deus!

07 - O Duelo. - item 12.

“E eu vos digo que quem se encha de cólera contra o seu irmão será condenado no juízo”. Mateus 5:22.

O duelo, ou briga, é um acesso de cólera que a criatura humana tem contra o seu irmão, quando se deixa dominar pelo orgulho e pelo egoísmo.

Há várias manifestações infelizes de cólera que o ser humano tem no seu estágio carnal. Não é somente o duelo. O duelo é uma consequência da cólera. Quantas vezes, nós nos deixamos levar por estes sentimentos errados e cometemos atos que nos trazem prejuízo moral e espiritual. O tempo todo, por falta de conhecimentos, estamos brigando contra nós mesmos.

É uma luta ferrenha aprender a controlar nossas atitudes e nossos sentimentos, porque temos que nos educar para controlar e conter a cólera.

A raiva prejudica muito mais o seu emissor do que a sua vítima, porque constitui uma insensatez. Quando a cólera determina um crime, um homicídio, o que se encoleriza sofre dano espiritual e moral muito maior do que aquele que sucumbiu sob a fúria do irado, mesmo que tenha sido gravíssima a ofensa que ensejou a reação do ofendido.

A cólera é tão perniciosa que até mesmo na religião as pessoas se esquecem de Deus e traem os princípios da fé, negligenciando o certo ou o bem, o amor, a caridade e a paz.

Hoje, passando o crepúsculo do vigésimo século e estando na aurora do terceiro milênio, ainda, em algum recanto deste planeta, o ser humano mata o seu semelhante sob a alegação de guerra religiosa, como se a guerra e a religião fossem possíveis de se associarem.

O significado de cólera é sempre o mesmo em qualquer dicionário: Impulso violento contra o que nos ofende, fere ou indigna, ira, raiva, furor e zanga.

Imaginemos o que se passa no Espírito de um corpo físico encolerizado:

- Certa feita teve-se notícia de um homicídio ocorrido por um motivo banal. Dois homens jogavam, divertindo-se. Eram velhos amigos. A certa altura, um achou que o outro trapaceava e grave discussão se acendeu entre ambos, levando um a esfaquear o outro. Quando a polícia chegou ao local, encontrou o criminoso em desespero, tentando trazer à vida o seu companheiro, gritando que não quisera fazer aquilo, pois este é o seu grande amigo.

Neste episódio, a cólera encegueceu dois amigos de muitos e muitos anos e transformou-os em tigres enraivecidos.

Nós não chegamos a uma atitude homicida, mas muitas vezes, enraivecidos, tomamos atitudes egoístas e, até com palavras ferimos ao nosso próximo. Tudo porque não conseguimos controle. Deixamos que os nossos irmãos desencarnados e ainda sem esclarecimentos, aproveitem da situação e nos ajudem a cair mais ainda no erro. E tudo por nossa própria culpa.

Os mestres da ciência dizem que a cólera decorre de uma excitação emocional que escapa ao controle do encolerizado, ensejando a hipertensão. Geralmente as pessoas de temperamento forte, e consideradas nervosas, estão sempre sujeitas a exacerbações emocionais, podendo sofrer morte súbita ou cometer desatinos.

Nem sempre estamos preparados para controlar-nos diante de uma situação de terror ou perigo; mas pelo menos no que se refere à raiva, é conveniente que estejamos de certo modo prevenidos, já que nos causa incontável emoção de desagrado.

Nosso querido Emmanuel, que tantos ensinamentos nos dá, através de Chico Xavier, nos adverte que toda emoção violenta sobre o corpo físico é semelhante martelada forte sobre a engrenagem de máquina sensível.

O Dr. Emílio Mira Y Lopez escreveu o livro - Os quatro gigantes da Alma. São quatro os gigantes: O Medo, a Ira, o Amor e o Dever. A cólera neste livro está colocada em segundo lugar, após o medo, com o sinônimo de ira.

A cólera, o gigante rubro, filho do medo, é responsável por grande parte da infelicidade do ser humano. Para esse estudioso do Espírito humano, a cólera é um transbordamento tumultuoso da corrente vital, que promove hipertensão arterial.

Mira Y Lopez sofreu na própria carne as consequências da segunda guerra mundial, como uma resultante da cólera de milhões de criaturas humanas, em mais de cinco anos de confrontação bélica.

O Espiritismo que é o Consolador prometido à humanidade, pelo Cristo de Deus, vem tentar libertar este nosso mundo deste terrível inimigo que permanece, ainda, agasalhado no coração ingrato do ser humano, sob a capa de suas emoções, tendo como alimento o egoísmo.

É uma pena que entre os espíritas, a maioria ainda não aprendeu a valorizar os ensinamentos de Jesus expressos no seu Evangelho. Estamos vivendo numa hora historicamente grave, desperdiçando tempo, realimentando a discórdia e semeando o joio na Vinha de Luz, como se pretendêssemos retardar a hora da colheita.

É conveniente que estejamos com as nossas lâmpadas acesas e bem abastecidas do azeite da prudência. Caso contrário, como nos manter ao resguardo da insensatez da cólera?

Há necessidade urgente de nos unirmos, e colocarmos-nos no âmbito das Bem Aventuranças do Sermão da Montanha.

É uma questão de opção, porque ninguém se deixa envolver pelas claridades do Consolador se não for capaz de se deixar tocar pela sabedoria do Evangelho, procurando viver os seus ensinamentos.

Entre os diversos pontos já salientados em torno da insensatez da cólera, devemos falar sobre mais um: A higienização do Espírito, que é responsabilidade particular de cada um de nós.

Para melhor controlar nossas emoções, é urgente fazer uma revisão profunda no nosso próprio estado de ser, buscando limpar do nosso interior, resíduos de hábitos ocultos, de pensamentos que julgávamos sem grande importância na economia do nosso aperfeiçoamento. É que eles costumam serem realimentados pelas chamadas conversações ingênuas ou inocentes, que constituem em revitalização de sentimentos eivados com uma certa dose de negativismo do erro e da fé.

Um dia, todos nós, teremos formado no ímo do ser, o instinto do certo e do bem. Num certo momento de nossa história evolutiva, todos teremos atingido aquele degrau em que será possível exclamar com o Apóstolo: “Já não sou eu quem vive, o Cristo é que vive em mim”.

Até lá, precisamos estar com nossas lâmpadas acesas e bem abastecidas de sensatez. Caso contrário como vamos nos manter ao resguardo da insensatez da cólera?

Ouvimos muito entre nossos companheiros, bem respaldados nas lições dos amigos da espiritualidade, repetirem que não têm ódio e nem mágoa de Beltrano ou Sicrano, mas é melhor que nos mantenhamos afastados deles. Ainda temos registrado que, enquanto determinada pessoa, de quem já não guarda ressentimento, estiver à frente da Instituição que diz amar, lá não irá.

O nome disso é ódio, oculto sob a máscara do amor próprio, que é sinônimo de egoísmo.

Que responderia a essa atitude o Cristo que desceu das alturas celestiais, pessoalmente, para nos convocar à renovação moral e espiritual?

Não ir à Instituição em que o outro serve é insegurança, e é medo de novos atritos, donde a necessidade de se manter afastado do outro. Por isso que o professor Mira Y Lopez declara que a cólera é filha do medo. Se essas pessoas estivessem conscientes de haver deixado uma vaga no coração, para Deus, não alimentariam semelhante propósito, procurando higienizar o Espírito, atendendo ao apelo do Sermão da Montanha: “Concilia-te depressa com o teu adversário, enquanto estás no caminho com ele...”.

Portanto, a cólera é uma insensatez ou desequilíbrio emocional.

Nada mais triste e desolador é testemunhar entre espíritas, a dissensão, o conflito e a incapacidade de conter as próprias emoções, consentindo que elas desandem na cólera.

A cólera torna mais longa a estrada da evolução e é incontestável traidora do Evangelho, tentando enodoar, aos olhos dos Espíritos enfermos, o Espírito do Consolador.

Aristóteles, nascido em 384 a.C., considerado grande sábio dentre os seres humanos até nossos dias, e que em seu livro *Ética* nos diz: “As virtudes não se geram nem pela Natureza nem contra a Natureza, mas nascem em nós, que, aptos pela Natureza a recebê-las, nos tornamos perfeitos mediante o hábito”.

Será que estão enganados todos esses magnatas do saber, tentando nos convencer que o autoaperfeiçoamento é possível?

Não estão enganados, porque o Evangelho determina que somos filhos do Altíssimo e que a perfeição nos é destinada.

Sabendo que nosso destino é evoluir sempre, vamos nos esforçar para alcançar a serenidade para nossa harmonia íntima.

E roguemos para que Jesus e Sua Paz estejam sempre junto de nós!

(O Reformador - 12/96)

08 - Um Espírito Protetor, Bordeaux, 1861. - item 13.

Duelo - combate de duas pessoas. Briga, ódio.

É o ser humano deixando-se dominar por vis sentimentos, esquecendo-se dos ensinamentos de Jesus. Amar o próximo deve ser a meta de toda criatura a caminho da evolução.

Quando devolvemos ao nosso irmão o ódio, estamos adulterando os ensinamentos do Mestre Jesus. Estamos adulterando o nosso coração. "..., do coração procedem os maus pensamentos, mortes, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias". Mateus 15:19.

Coração, nesse ensinamento do Mestre, simboliza, como órgão da vida, a sede do sentimento do Espírito.

Não devemos esquecer que essa simbologia é importante e tem fundamento lógico muito antigo, em que se acreditava que todo sentir humano partia do coração.

A imagem é perfeita e tem sido registrada em todas as línguas, vivas ou mortas, por artistas, poetas ou filósofos.

Em todos os tempos e em qualquer parte do nosso orbe, o coração sempre foi símbolo perfeito do sentimento humano, quer no certo ou bem quer no erro ou mal. Aí está porque é profundamente correta a expressão do Mestre Divino ao afirmar que; do coração procedem os maus pensamentos, mortes, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias etc.

O sentimento do ser humano obscurecido pela imperfeição, e pela ignorância do certo e do bem, sempre foi responsável por toda a treva, que tem marcado de sombrias tonalidades o cenário social desta nossa sofrida morada planetária.

Como pode o ser humano cometer, ainda em nossos dias, ações tão iníquas se de Deus ele é filho?

Será por cegueira espiritual ou ignorância de sua origem divina?

Não é por uma nem por outra.

Verificando a história da humanidade, em todas as épocas da vida humana nunca faltou a intuição do certo ou bem e do erro ou mal, ou a presença daqueles que se incumbiam de ensinar e orientar. É o abuso do livre arbítrio que tem conduzido o ser humano à prática do erro, segundo os impulsos do coração.

Quando se fala de adultério no coração, não se pretende, simplesmente, situar num comportamento desregrado e sensual. Refere-se a todo e qualquer tipo de ação imprópria ao bom senso e que possa gerar o erro, permitindo à criatura humana conduzir-se por pensamentos estranhos a sua natureza de filho de Deus.

Prevenir contra o assédio mental, responsável por qualquer forma de adultério é tarefa de quem quer que assuma o compromisso de educar ou instruir os outros, na busca de um caminho superior para o certo ou o bem, para a luz.

Adulterar é também mentir, é trair a boa fé ou confiança daqueles que acreditam em nós, é querer fazer prevalecer os seus pontos de vista; é também difamar, enganar, mascarar a verdade.

Apesar dos obstáculos impostos por todos aqueles que se contrapõem ao progresso, o mundo indiscutivelmente caminha para a perfeição. A hora da colheita está chegando.

Em 1862, em Paris, o Espírito de Verdade, envia esta mensagem aos obreiros do Senhor: "Mas, ai daqueles que, por efeito das suas dissensões, houverem retardado a hora da colheita, pois a tempestade virá e eles serão levados no turbilhão!" Esta mensagem encontra-se no vigésimo capítulo do Evangelho Segundo o Espiritismo.

O espírito do Evangelho sofreu ao longo dos séculos muitas adulterações por causa da letra.

O apóstolo das gentes dirigia aos Coríntios de que "a letra mata - Coríntios 2 3:6", em função dela, os seres humanos trairiam tremendamente o espírito dos ensinamentos de Jesus.

Vejam em exemplo simples do perigo a que a letra pode conduzir a quem dela separa o espírito.

Certa feita, aproximando-se o Mestre de Cesárea de Felipe, perguntou aos seus discípulos sobre o pensamento dos seres humanos a seu respeito. E eles responderam que, para uns, ele era João Batista, outros o supunham Elias, ou Jeremias ou algum dos profetas.

E Jesus indaga a Pedro: E para vós quem sou? Pedro é tomado de surpresa por uma força superior, adianta-se e fala: "Tu és o Cristo, filho do Deus vivo". E o Mestre exclama: "Bem aventurado

és, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne e nem o sangue que isso te revelaram, mas meu Pai, que está no Céu. E eu te digo que és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja”. Mateus 16:13-20.

Pedra, na voz do Senhor, não é o homem Pedro, mas a revelação do Altíssimo através da mediunidade de Pedro, ela representa a “pedra” de fé aclarada que sustentará a igreja de Jesus. A Igreja do Senhor é a integração de todos os seguidores do Evangelho. Jesus não estabeleceu que fosse Pedro, o filho de Jonas, o chefe de uma instituição que somente no ano 400, no Concílio de Toledo, designava o título de papa ao bispo de Roma.

Aí está, apenas um exemplo da adulteração imposta ao Evangelho do Cristo, fundamentada na letra que mata.

Quando Jesus passou a anunciar o seu desencarne, o que teria de sofrer dos seres humanos, Pedro censura o Mestre: “Senhor, tem compaixão de ti; de modo nenhum te acontecerá isso”. E o Mestre volta-se para ele, exclamando com autoridade: “Afasta-te de mim Satanás (adversário), tu me és motivo de escândalo, pois que não tens a compreensão das coisas de Deus, mas só das coisas que são dos seres humanos”. Mateus 16:22-23.

Que é isso? Tão logo Pedro foi nomeado guardião das chaves do Céu, já é repudiado como Satanás (adversário)?

Claro que não é ao ser humano Pedro que Jesus se refere, mas ainda à sua mediunidade, agora, instrumentalmente negativa.

Se as letras do Evangelho não houvessem sofrido as consequências do adultério no coração dos seres humanos, milhares de fogueiras não teriam sido acesas nas trevas da Idade média, para queimarem corpos físicos vivos, num atentado infeliz à lei máxima do Senhor do Universo, no seu quinto mandamento: “Não matarás!”.

Tudo isso é passado, estamos hoje no início de uma Nova Era.

O que importa é que nos posicionemos evangelicamente, no certo e no bem, e atentos ao espírito das determinações do Pai de infinito amor, tudo esquecendo e perdoadando, sem que os postulados do Consolador sejam esquecidos.

Enquanto estivermos vinculados ao processo reencarnatório cometeremos erros e sofreremos as suas consequências. Por isso somos, sempre, aprendizes do Evangelho.

No Espírito imperfeito do ser humano há uma tendência terrível ao erro e adulteração das coisas puras e verdadeiras. E não é por acaso que encontramos criaturas valorosas nos arraiais do Espiritismo com inclinação ao conflito ou a acomodações estranhas à influência de outros, obscurecendo a verdade, traíndo os certos e bons princípios e tentando semear a cizânia na vinha do Senhor.

O fenômeno é mera repetição do que ocorrera com Pedro, quando censurou o Cristo; com Judas Iscariotes, quando tenta ludibriar o Sinédrio, convencido de que nunca poriam as mãos sobre aquele Mestre que ele, Judas, efetivamente amava.

As intenções são sempre boas, na aparência!

Como estamos satisfeitos, com a condição superior, não muito fácil de trabalhadores da última hora, é necessário que mantenhamo-nos atentos e vigilantes contra o adultério no coração. Ele nos penetra, tendenciosamente, pela janela da vaidade, pelas brechas do orgulho, pelas chaminés da ambição, pelas frestas da adulação ou por quaisquer outras cicatrizes que nos manchem a epiderme do Espírito.

Ser guardião do Evangelho de Jesus, da Doutrina Espírita e das Verdades Eternas é missão que se conquista através do desenvolvimento das três condições assinaladas pelo Espírito de Verdade ao professor Rivail, ainda antes de assinar-se Allan Kardec: Humildade, modéstia e desinteresse. Será que julgamos sofrer de miopia o Cristo de Deus, que não percebe os nossos erros, deslizes ou falsidades no cumprimento das determinações do Pai Celestial?

Atentemos na advertência do Espírito de Verdade àquele que viera coordenar, pela Doutrina Espírita a reforma do mundo inteiro: “Para o teu triunfo não basta a inteligência”.

Quando o coração corre risco de perverter-se por sintomas de adultério, seja ele qual for, constitui isso um indício natural de carência de vigilância em nossa fé, que se pode corrigir pelo hábito da oração.

Oração e vigilância são colunas seguras de nossa sustentação. Pouco importa o que já tenhamos alcançado na meta evolutiva, porque enquanto usarmos a vestimenta carnal estaremos sujeitos a cometer enganos e sofrer as suas consequências. Por isso; ainda somos estudantes do Evangelho de Jesus.

Devemos prestar atenção na sublimidade de cada frase e de cada termo do luminoso Prefácio de - O Evangelho Segundo o Espiritismo - e no nome do seu autor e em seguida, consultemos a nossa consciência.

O missionário da Terceira Revelação, que tinha ao seu lado o Espírito de Verdade, uma vez por mês, durante quinze minutos, poderia ter liquidado por vez certas questões, se não o fez, é porque não é chegado o momento.

A verdade é coisa seriíssima que, quando somos invigilantes ou muito convencidos, pode gerar argueiro nos olhos ou pedrinhas incômodas nos sapatos de muitos de nós, levando-nos a correr amargos riscos de adultério no coração.

No livro Obras Póstumas, na página 283 nos assinala o Espírito de Verdade: “Para lutar contra os seres humanos, são indispensáveis coragem, perseverança e inabalável firmeza. Também são de necessidade; prudência e tato, a fim de conduzir as coisas de modo conveniente e não lhes comprometer o êxito com palavras ou medidas intempestivas...”.

No trato das coisas espirituais, temos que ser em tudo prudentes. Ao citar ou mencionar determinados acontecimentos, faz-se sem fundo crítico ou censura: Apenas como lembrete oportuno na pedagogia desse manancial de luz e manual de evolução espiritual, que é o Evangelho do Mestre. Que nos duelos cotidianos saibamos decidir quais possuem as bênçãos do Mestre Jesus, e que Ele nos abençoe!

(O Reformador - 01/97)

09 - Francisco Xavier, Bordeaux, 1861. - item 14.

Hoje vivemos em grandes duelos porque a sociedade humana atravessa uma fase de violência e muitos outros desvios e vícios que flagelam.

Precisamos duelar contra o erro, porque corremos o risco de enveredar pelo uso incontido das drogas, com a ferocidade contra as pessoas e instituições, para obtenção de bens e vantagens; os desatinos sexuais, contra o crescimento alarmante desses atos que degradam as pessoas que os praticam.

É imperioso que se encontre meios para por fim a tudo isto, mesmo sabendo que as raízes destes erros são profundas.

As injustiças sociais geram fome e miséria, que também causam esses tormentos. Porém, a causa principal de tudo isto que está acontecendo é o afastamento das criaturas humanas, de Deus e de Jesus Cristo.

Muitas vezes, as religiões se mostram impotentes na condução do seu rebanho de fiéis. Não encontram solução para a angústia dos seus adeptos, para suas aspirações e incertezas na penosa estrada humana, cheia de tormentos e vicissitudes, do berço ao túmulo.

Os poderosos da Terra e os detentores da fortuna não compreenderam, ainda, os mecanismos que governam a vida, e os deserdados não têm obtido a porta de saída da ignorância.

Tanto os poderosos e detentores de fortuna, como os deserdados, não perceberam que a solução está em Deus, nas Suas Leis Justas, Sábias e Misericordiosas, e que Jesus sintetizou todas no Amor.

Para tudo isto que acontece não há necessidade de seres humanos armados, e muito menos de presídios cada vez mais aperfeiçoados.

A tarefa a fazer é outra. É plantar esperança no coração, é acender a luz do entendimento e mostrar a justiça incorruptível nas criaturas, desde a mais tenra idade. Por isso, não podemos deixar as nossas crianças sem o conhecimento do Evangelho de Jesus, para aprenderem discernir o certo ou o bem, do errado ou mal, para que aprendam a se defender das erradas tendências.

Aos governos cabe a tarefa de construir escolas e hospitais, trabalhando pela saúde e educação, para no futuro não investir em armas e presídios. E as leis dos seres humanos precisam se aproximar das normas divinas e naturais para serem eficazes e estáveis.

Os que já compreenderam suas responsabilidades, nesta jornada terrena, precisam se munir de fé e de coragem, e formar contingentes de boa vontade que espalhem luz, que iluminem a estrada dos que ainda não atingiram melhores estágios evolutivos.

Pergunta-se hoje, se houve retrocesso na conduta moral do ser humano. Aparentemente parece ter lógica esta indagação, porque no passado recente ou remoto, certos flagelos não alcançavam tal proporção.

Não existe retrocesso. No passado também havia violências, crimes e desajustes sociais, só que a população era menor e, em consequência, os desajustes eram em menor número e também não se possuía a liberdade que existe hoje, infelizmente, muitas vezes dirigida para a prática delituosa.

As drogas são caminhos que as pessoas criaram como forma de fuga. É tormenta e submissão ao vício.

E o que favorece o aparecimento destes males é a ganância, a cobiça, a sede do enriquecimento ilícito, a falta de esperança e de certeza na vida futura.

Os que consomem as drogas são fracos e submissos e quase não encontram forças para deixar o vício. E os que vendem a droga? Como podemos classificar a este ser humano tão ambicioso e que ajuda a desgraçar tantas vidas e tantos lares? Este irmão, covarde perante a vida física, porque se serve da infelicidade alheia para sobreviver, se encontra em piores condições morais que o próprio viciado. Ele passa as drogas, consciente dos seus efeitos e com esse dinheiro as vezes sustenta a sua família. Essa criatura não conhece a lei de causa e efeito. Não conhece o preceito do Mestre Jesus, que diz: "Não devemos fazer aos outros, o que não queremos que nos façam". Não sabe que terá de pagar ceitil por ceitil, porque desconhece o Evangelho de Jesus. Desconhece a imortalidade do Espírito. Acredita que a vida se resume no aqui e agora. É desconhecedor das leis da reencarnação e que voltará para resgatar, terrivelmente, suas dívidas.

O Espiritismo é uma Doutrina natural que esclarece e encaminha. Abre para cada um de nós a oportunidade de examinar todos os seus ensinamentos e discernir sobre eles. Não impõe normas de conduta a ninguém. Deixa a cada um o uso do livre arbítrio, que Deus outorgou ao ser humano. Mostra o rumo certo para o alcance de uma vida melhor e adverte dos desvios que levam ao tormento e resgate.

A Doutrina Espírita não se nega a examinar qualquer questão que envolva o ser humano e, por toda parte, conta com os seus seareiros, encarnados e desencarnados, prontos a ajudar no encaminhamento de soluções.

A Doutrina Espírita tem a sua força pelo uso livre da razão, não impõe suas ideias. Ela faculta a cada um a escolha da obediência as leis divinas e adverte de suas consequências ao desviar delas. As manifestações espíritas, sempre houve, em todos os tempos, porque elas fazem parte da própria condição humana. Porém a sua inquebrantável força está no conhecimento de sua essência, que conforme vai se aprofundando, o conhecimento de seus ensinamentos vão aumentando, o esclarecimento vem chegando e o ser humano cresce intimamente, tornando-se responsável por si, consciente de suas obrigações.

Muitos ainda a desconhecem, por ser muito recente o seu advento.

A Doutrina Espírita envolve a consciência e a razão das criaturas, porque atende ao anseio de felicidade comum a todos. E quando planta no coração a esperança, faz com plena certeza e lógica, sabendo que o futuro será ditoso.

Por maior que seja a dor, a desilusão e a saudade da pessoa, a Doutrina Espírita proporciona-lhe o bálsamo da consolação que ameniza, esclarecendo que nada está perdido, tudo se renova.

Nenhum dos filhos de Deus foi criado para se perder ou se destruir. Por mais que cometa erros terá sempre a oportunidade de renovação. A misericórdia divina não tem limites, nem a sabedoria infinita jamais será impedida de exercer Sua soberana e amorosa justiça.

Ainda que falhem todas as religiões e todas as tentativas para o alcance da paz, ainda temos a esperança na oferta de Jesus: “A minha paz vos deixo, a minha paz vos dou”.

No Evangelho de Jesus, nas leis naturais que o Espiritismo revela, é onde devemos procurar a inspiração para resolver todos os flagelos que nos afligem.

Precisamos observar porque, às vezes, as religiões se desvirtuam de suas finalidades. Quando as práticas religiosas usufruem vantagens pecuniárias, para exercer os seus misteres, perdem a pureza de caráter que envolve a fé e, aí, os abusos são inúmeros. Existem os vendilhões modernos dos templos, a gerar no Espírito das pessoas a desconfiança. O exercício da caridade não admite pagamento e ninguém deve viver recebendo dinheiro em nome das coisas divinas.

Lembremos; qualquer tarefa honesta constitui uma forma de oração, porém as manifestações de fé e de amor a Deus devem permanecer sempre nos domínios do coração.

Os valores espirituais não podem ser confundidos com a moeda. Quando levamos ao próximo o alívio, a ajuda, o pão ou moeda, deve ser com desinteresse pessoal e com o imaculado caráter da caridade.

Nós precisamos começar a entender que a conquista da felicidade está na prática do certo e do bem, nos gestos benéficos de dar e não receber, só assim iniciaremos o processo de libertação dos vícios e dos tormentos que flagelam a humanidade.

E o primeiro passo para praticarmos o certo e o bem, é praticá-lo para nós mesmos, nos reformando intimamente.

O grande objetivo da Doutrina Espírita é a reforma íntima, a modificação da criatura humana no seu comportamento interior e exterior, conduzindo-a progressivamente à vivência dos ensinamentos evangélicos, na sua pureza original. Não importa raça, cor, filosofia, credo religioso ou político, as criaturas são aceitas como elas são e o importante é que elas se disponham a se modificar nas diretrizes ensinadas e exemplificadas pelo Mestre Jesus.

No processo lento da reforma íntima, vamos realizando transformações sutis e ampliando as potencialidades do Espírito.

Secundariamente façamos a libertação dos vícios comuns, como o fumo, o álcool, o jogo, a gula, os abusos do sexo, realiza uma higienização nas estruturas magnéticas do nosso corpo espiritual, removendo as impregnações densas obstrutoras de energias que nos consomem os fluidos vitalizantes, mantenedores do nosso equilíbrio orgânico e espiritual. E então, sentiremos as nossas e-

nergias vitais com mais intensidade e teremos maior ação restauradora da saúde e do equilíbrio emocional.

Embora conheçamos os nossos vícios e defeitos, e os maiores são morais, as mudanças só se fazem com um trabalho perseverante e muita paciência. Aí está a nossa grande dificuldade, fazer das intenções, realizações efetivas. As vezes os nossos esforços vão um pouco além das intenções, mas não estão suficientemente fortalecidos, seguem altos e baixos e os efeitos igualmente flutuam: Em alguns momentos estamos animados e firmes, conseguimos mudar certas atitudes nos testes que defrontamos; em outras ocasiões caímos num desânimo total, balançamos e somos derrubados, falta-nos resistência e firmeza. E aí, temos que nos reerguer na vontade, nos propósitos, tomar novos rumos, para reiniciar novamente.

Na própria luta, no cair e levantar, nós vamos aumentando nossa tenacidade e nos fortalecendo. E com o tempo, o número de quedas vai diminuindo e os resultados, embora demorados, vão se obtendo.

No trabalho da reforma íntima, vamos tomando consciência dos defeitos, tendências, reações e modos de sentir, iniciando, pela vontade de transformar, uma ação dinâmica, movimentadora das potencialidades do Espírito.

Conforme nos vamos modificando, a nossa compreensão para com tudo e com todos que nos cercam também vai modificando, tornando-se melhor. Os nossos pensamentos se abrem para aspectos mais dignificantes de nossa vida.

Reforma íntima sem serviço cristão é obra interrompida que parou no alicerce. O serviço cristão compreende as emissões de amor ao serviço do próximo, nas obras assistenciais, na tarefa médica, na doação de energias através do passe, nas explicações evangélicas, na orientação à criança, no amparo ao velho, em nosso próprio lar, no trabalho, na rua, na comunidade, podemos ampliar a nossa reforma íntima.

A vontade é o nosso primeiro impulso para a reforma íntima, porque ela é a expressão do nosso livre arbítrio. Pela vontade demonstramos os nossos ideais no certo e no bem. E a vontade se constitui de impulso, autodomínio, deliberação, determinação e ação.

Pergunta 909 do livro dos Espíritos:

- “O ser humano poderia sempre vencer as suas más tendências pelos seus próprios esforços?”.

- “Sim, e às vezes com pouco esforço; o que lhe falta é a vontade. Ah! São poucos os que se esforçam!”.

A reforma íntima é o grande duelo que o ser humano tem com ele mesmo. Para consegui-la precisa de esforço e boa vontade, e isto só depende da própria pessoa.

A reforma íntima é a nossa meta, é de longo alcance; para atingirmos o nosso progresso moral será necessário mudarmos o nosso comportamento dentro dos padrões do Evangelho, isto é; reagirmos sempre, em quaisquer condições e situações, sem ódios, sem violências, como o Mestre Nazareno exemplificou.

É uma empreitada paciente e contínua, requer esforço e tempo.

E, em toda empreitada que nos dispusermos a fazer, com amor e boa vontade, certamente o Mestre Jesus estará ao nosso lado!

(Manual Prático Espírita)/(O Reformador - 03/97)

10 - Agostinho, Bordeaux, 1861. - item 15.

“Amai os vossos adversários, bendizei os que vos maldizem, fazei o certo e o bem aos que vos odeiam; orai pelos que vos perseguem e caluniam, a fim de serdes filhos de vosso Pai - que está nos Céus”. Mateus 5: 44 e 45.

Como amar um adversário ou inimigo? Jesus amou a todos aqueles que o perseguiram, caluniaram e cheios de ódio exigiram a sua condenação, e que efetivamente se cumpriu. Em Lucas, no capítulo 24, versículo 34, está: “E, quando eles chegaram ao lugar chamado caveira, ali O crucificaram, e aos malfeitores, um à sua direita e outro à esquerda”. E disse Jesus: “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem”.

Aí está o exemplo do Cristo, no auge do Seu martírio: “Pai, perdoa-lhes...”, reconhecendo que não sabiam o que Lhe faziam. Jesus leva em conta a ignorância: “... não sabem o que fazem”.

O que existia nas pessoas que condenavam Jesus, era a maldade. Além de O matar, queriam humilhá-Lo, crucificando-O entre dois ladrões. E mesmo assim, o Mestre ergue a voz na direção do Céu e os perdoa a todos. Eram sacerdotes, eram fariseus, eram doutores da lei. Não sabiam o que estavam fazendo, porque, dominados pelo ódio, o terrível gigante cego do Espírito, não conseguiam ver a bondade do Mestre. Por isso, devemos ter muito cuidado quando ficamos enceguecidos pela raiva, pelo orgulho.

E na Idade Média a maldade se repete: Mataram, torturaram e mandaram matar com requintes de perversidade. E as vítimas cristãs, como Jesus, pediram perdão pelos seus algozes.

E nós, porque não perdoamos?

- Porque somos ignorantes do ensinamento de Jesus!

Será que os doutores da lei, na Idade Média, continuavam sem saber o que faziam?

- Certamente que sim! E muitos ainda continuam sem saber o que fazem!

Na história da humanidade, há períodos trevosos, porque não sabíamos o que fazíamos e por isso cada vez mais, entendemos porque Jesus disse: “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem”.

O amor aos adversários, vem com a compreensão do Evangelho de Jesus. Este amor foi exemplificado e ensinado pelo Redentor da humanidade, que é o Mestre Jesus.

O problema maior da falta de amor está no atraso moral da criatura humana, que não compreende ou desconhece o Evangelho de Jesus Cristo.

Allan Kardec nos diz: “Se o amor do próximo constitui o princípio da caridade, amar os adversários é a mais sublime aplicação desse princípio, porquanto a posse de tal virtude representa uma das maiores vitórias alcançadas contra o egoísmo e o orgulho”.

O Espiritismo deu grande sentido às palavras do Divino Amigo. Os seres humanos têm zombado delas, por causa do estágio evolutivo em que se encontram. Kardec, explicando as palavras de Jesus, esclarece, que amar os adversários não é ter por eles a afeição que se tem a um irmão ou amigo e sim, não guardar ódio, nem rancor, nem desejos de vingança.

E Jesus adverte, em Mateus 6: 15: “Se, porém, não perdoardes aos seres humanos as suas ofensas, também vosso Pai não perdoará as vossas”.

Na Idade Média, os tribunais chamados - Santo Ofício - se reuniam para condenar seres humanos à morte nas fogueiras, e em nome de Deus. E ainda nos tempos atuais, existem guerras religiosas. Tudo isso é uma contradição dos ensinamentos de Jesus.

Jesus se preocupava com o amor aos nossos adversários. Amar os adversários, os que nos feriram ou ferirem, os que nos perseguiram ou perseguirem, os que nos caluniaram ou caluniarem, não é coisa impossível, já não é fardo tão pesado se, no exercitamento do Evangelho, nós reconhecermos efetiva e sinceramente, o caminho e o portal de nossa libertação, que tem o sabor de glória.

Se estivermos cientes, pela fé apoiada na razão, que Deus, nosso Pai, nunca permitirá que sofremos o que não merecermos sofrer, não nos será difícil entender que o adversário de hoje poderá estar representando o adversário que ontem fomos de alguém, a quem devemos ter machucado seriamente.

Amar os adversários não é ir ao encontro deles, abraçá-los e beijá-los. Amar os nossos adversários, se os tivermos, ainda que supostamente gratuitos, é jamais lhes guardar ódio, é perdoá-los

sem pensamento ou intenção oculta, é nunca lhes opor obstáculo à reconciliação, desejando-lhes sempre o certo e o bem e até vibrarmos de contentamento, quando formos informados de um grande bem que lhes advenha; numa palavra, não guardarmos contra eles qualquer ressentimento.

Sempre que nos surpreendermos na emissão natural ou espontânea de um pensamento de amor, em favor de alguém que haja procedido errado para conosco, estaremos recolhendo, aí, o testemunho de um coração em processo de espiritualização. Que isto ocorra em todos nós.

Se duvidarmos do vigor da Doutrina Espírita dentro de nós, de que modo conseguiremos dirimir tão amarga incerteza? Bastará que consultemos a consciência na intimidade de uma meditação e rogaremos à presença do Divino Amigo do nosso Espírito, mais ou menos assim:

- Como estarei aos olhos do Pai que me observa neste momento?
- Serei capaz de trair o meu próximo, que em mim confia?
- Serei capaz de mentir, ainda que premido por imensa necessidade, sabendo que, mentindo, prejudicarei o meu próximo?
- Serei capaz de praticar um ato desonesto, conscientemente?
- Serei capaz de negar a alguém aquilo que estiver ao meu alcance de realizar?
- E quanto àquele que se positive meu adversário, em função de sua conduta contra mim, serei capaz de negar-lhe perdão?
- E em se apresentando ocasião, serei capaz de prejudicá-lo?
- E dentro do movimento superior da Doutrina a que me julgo pertencer, eu me sentindo incomodado por um companheiro, serei capaz de contra ele guardar ressentimento ou aversão?

Poderíamos fazer outras tantas indagações, relacionadas com os nossos propósitos de reforma íntima, no sentido de nos sentirmos cada vez mais enriquecidos espiritualmente.

Que bom se pudermos olhar para nosso interior, e percebermos mais sinais denunciadores de possibilidades de novas precipitações e desastrosas quedas!

Kardec, diz-nos que: “aquele que pode ser classificado de espírita verdadeiro, acha-se em grau superior de adiantamento moral”. E conclui Kardec: “reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações erradas”.

Amai os adversários importa também em zelar e respeitar o Evangelho do Mestre Jesus, que nós devotamos. É tristíssimo que alguém que simpatizou com o Espiritismo, se afaste de nosso meio ao perceber discórdia e rivalidades entre companheiros.

Se amar os adversários é evangelicamente grandioso, é profundamente decepcionante para a nossa consciência afastarem-se espíritas uns dos outros, por mágoa ou ressentimento. Isso é voltar ao passado, quando não dispúnhamos das luzes do Consolador prometido...

Devemos saber que o amor é a síntese da Doutrina de Jesus.

E só o amor consegue totalizar a glória da vida.

Quem vive fisicamente, respira.

Quem trabalha, progride.

Quem sabe, percebe.

Quem ama, respira, progride, percebe, compreende, serve e sublima, espalhando a felicidade.

Sigamos o roteiro do amor, louvando o certo e o bem, esquecendo o erro e o mal, e edificando sem repouso.

Se o caminho é áspero e sombrio, prossigamos com destemor.

Busquemos ouvir a mensagem do amor onde passemos. Estudemos amando. Respondamos aos imperativos da evolução, amando onde estejamos.

Atendamos ao semelhante, amando com alegria.

Na marcha ascendente para o reino divino, o amor é a estrada real. Os outros caminhos, chamados experiências, que a Divina Sabedoria traçou, para que o Espírito não se perca, foi por amor.

Antes de nós, o amor já era.

Depois de nós, o amor será.

Isso, porque o amor é Deus em tudo.

Vivamos, assim, a vida, amando-a para entendê-la.

Viver é amar.

Amar e compreender. Compreender e viver abundantemente...

Viver sem amar é respirar sem trabalho digno; querer com exclusivismo estonteante é contemplar situações e circunstâncias com raciocínios que geram a enfermidade e a morte.

Quando sabemos como viver, por que não vivemos?

Só vive realmente quem ama. Por isto o Cristo Jesus nos ensinou a amar também aos adversários.

Só ama efetivamente quem age para o certo e o bem de todos.

O amor é a essência divina em nós.

Amemos o próximo como a nós mesmos. Façamos aos outros todo o certo e o bem ao nosso alcance.

E Jesus estará sempre ao nosso lado, amparando-nos.

(O Reformador - 03/97)/(O Espírito da Verdade)/(Jesus e Kardec)

CAPÍTULO XIII

QUE A VOSSA MÃO ESQUERDA NÃO SAIBA O QUE DÁ A VOSSA MÃO DIREITA

Fazer o certo sem ostentação. - Os infortúnios ocultos. - O óbolo da viúva. - Convidar os pobres e os estropiados. Servir sem esperar retribuição. - Instruções dos Espíritos:
A caridade material e a caridade moral. - A beneficência. - A piedade. - Os órfãos.
- Benefícios pagos com a ingratidão. - Beneficência exclusiva.

FAZER O CERTO SEM OSTENTAÇÃO

1. Tomai cuidado de não fazer as vossas corretas obras diante dos humanos para serem vistas por eles, de outro modo não receberéis a recompensa de vosso Pai que está nos céus. Então, quando derdes esmolas, não façais soar a trombeta diante de vós, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem honrados pelos humanos. Eu vos digo em verdade, que receberam sua recompensa. Mas quando derdes esmola, que a vossa mão esquerda não saiba o que faz a vossa mão direita, a fim de que a esmola esteja em segredo. E vosso Pai que vê o que se passa em segredo, dela vos entregará a recompensa. (*Mateus, cap. VI, v. 1 a 4*).

(Quando considerarmos os ‘necessitados’ como colaboradores na nossa evolução espiritual, aí já estaremos fazendo o correto.)

2. Jesus, o Cristo, tendo descido da montanha, uma grande multidão de povo o seguiu. E ao mesmo tempo um leproso veio a ele e o adorou dizendo-lhe: Senhor, se quiserdes, podereis me curar. Jesus, o Cristo, estendendo a mão, tocou-o e lhe disse: Eu o quero, estais curado, e no mesmo instante a lepra foi curada. Então Jesus, o Cristo, lhe disse: Guardai-vos de falar disto a alguém, mas ide vos mostrar aos sacerdotes e oferecei o dom prescrito por Moisés, a fim de que isso lhes sirva de testemunho. (*Mateus, cap. VIII, v. 1 a 4*)

(Fazer o correto ao irmão e encaminhá-lo pelas corretas veredas das suas necessidades espirituais, mas essa é a atitude de quem já ‘sabe’... Vamos estudar para ‘saber’?)

3. Fazer o certo sem ostentação é um grande mérito. Ocultar a mão que dá é ainda mais meritório. É o sinal incontestável de uma grande superioridade moral. Porque para ver as coisas de mais alto que a pessoa comum, é preciso fazer abstração da vida física presente e se identificar com a vida espiritual futura. É preciso, numa palavra, colocar-se acima da Humanidade para renunciar à satisfação que proporciona o testemunho dos humanos e esperar a aprovação da Lei de Deus. Aquele que estima a aprovação dos humanos mais do que a da Lei de Deus, prova que tem mais fé nos humanos do que em Deus, e que a vida física presente é mais, para ele, do que a vida espiritual futura, ou mesmo que não crê na vida espiritual futura. Se diz o contrário, age como se não cresse no que diz.

Quantos há que não prestam um serviço senão com a esperança de que o beneficiado irá gritar o benefício sobre os telhados. Que, na claridade, darão uma grande soma, e na sombra não dariam uma moeda! Por isso, Jesus, o Cristo, disse: "Aqueles que fazem o certo com ostentação já receberam a sua recompensa". Com efeito, aquele que procura a sua glorificação na Terra pelo certo que fez, já pagou a si mesmo. A Lei de Deus não lhe deve mais nada. Não lhe resta a receber senão a penalização do seu orgulho.

Que a mão esquerda não saiba o que dá a mão direita é uma figura que caracteriza admiravelmente a beneficência modesta. Mas se há a modéstia real, há também a modéstia simulada, o simulacro da modéstia real. Há pessoas que escondem a mão que dá tendo o cuidado de mostrar-lhe um pedaço, atento se alguém não a viu esconder. Indigna paródia dos ensinamentos de Jesus, o Cristo! Se os benfeitores orgulhosos são depreciados entre os humanos, que será deles, pois, perto da Lei de Deus? Estes também receberam sua recompensa na Terra. Foram vistos, e eles estão satisfeitos de terem sido vistos: é tudo que terão.

Qual será, pois, a recompensa daquele que faz pesar seus benefícios sobre o beneficiado, que lhe

impõem, de alguma sorte, testemunhos de reconhecimento, lhe faz sentir a sua posição em exaltando o preço dos sacrifícios que se impôs por ele? Oh! Para este não há nem a recompensa terrestre, porque será privado da doce satisfação de ouvir abençoar seu nome, o que é uma primeira pena ao seu orgulho. As lágrimas que seca em proveito da sua vaidade, em lugar de subirem ao Mundo espiritual, recaíram sobre o coração do aflito e o ulceraram. O certo que faz é sem proveito para si, uma vez que o censura, porque todo benefício censurado é uma moeda falsa e sem valor.

A beneficência sem ostentação tem um duplo mérito. Além da caridade material, é a caridade moral. Ela poupa a suscetibilidade do beneficiado e o faz aceitar o benefício sem que seu amor próprio sofra com isso, e salvaguardando a sua dignidade de humano, porque alguém aceitará um serviço, mas não receberá uma esmola. Ora, converter um serviço em esmola pela maneira que é prestado, é humilhar aquele que o recebe, e há sempre orgulho e erro em humilhar alguém. A verdadeira caridade, ao contrário, é delicada e engenhosa para dissimular o benefício, evita até as menores aparências ofensivas, porque toda ofensa moral aumenta o tormento que nasce da necessidade. Ela sabe encontrar palavras doces e afáveis que colocam o beneficiado à vontade em face do benfeitor, ao passo que a caridade orgulhosa o esmaga. O sublime da verdadeira generosidade é quando o benfeitor, mudando de papel, encontra o meio de parecer ele mesmo beneficiado em face daquele a quem presta serviço. Eis o que querem dizer estas palavras: Que a mão esquerda não saiba o que dá a mão direita.

(Com efeito, aquele que procura a sua glorificação na Terra pelo certo que fez, já pagou a si mesmo.

Ainda nos atrapalhamos com a beneficência material e, assim sendo, cochichamos: “Que fique em segredo entre nós, eu faço muita, mas muita, caridade, porém não fico espalhando por aí!”.)

OS INFORTÚNIOS OCULTOS

4. Nas grandes calamidades, a caridade se manifesta, e veem-se generosos impulsos para reparar os desastres. Mas, ao lado desses desastres gerais, há milhares de desastres particulares que passam despercebidos, de pessoas presas a rotas camas sem se lamentarem. São a esses infortúnios discretos e ocultos que a verdadeira generosidade sabe ir descobrir, sem esperar que eles venham pedir assistência.

Quem é esta mulher de ar distinto, vestida de maneira simples, mas cuidada, seguida de uma jovem vestida também modestamente? Entra numa casa de paupérrima aparência, onde é conhecida, sem dúvida, porque, à porta, a saúdam com respeito. Onde vai ela? Abre a porta e vai ao fundo: Lá mora uma mãe de família cercada de filhos pequenos. À sua chegada, a alegria brilha nesses semblantes emagrecidos. É que ela vem acalmar todas essas aflições. Traz o necessário, temperado com doces e consoladoras palavras, que fazem aceitar o benefício sem corar, porque esses infortunados não são mendigos profissionais. O pai está no hospital e, durante esse tempo, a mãe não pode bastar às necessidades. Graças a ela, essas pobres crianças não suportarão nem o frio, nem a fome. Irão à escola agasalhadas e o seio da mãe não secará para as criancinhas. Se há um doente entre eles, nenhum cuidado material a repugnará. De lá, ela se dirige ao hospital, para levar ao pai algum consolo e tranquilizá-lo sobre a sorte da família. No canto da rua a espera uma viatura, verdadeira loja de tudo o que leva aos seus protegidos, que visita assim sucessivamente. Não lhes pergunta nem sua crença, nem sua opinião, porque, para ela, todos os humanos são irmãos e filhos de Deus. Terminada a excursão, ela se diz: Comecei corretamente o meu dia. Qual é seu nome? Onde mora? Ninguém o sabe. Para os infelizes, é um nome que não revela nada. Mas é o Espírito de consolação. E, à noite, uma sinfonia de bênçãos se eleva para ela até o Criador: católicos, judeus, protestantes, todos a bendizem.

Por que ela se veste de maneira tão simples? É que não quer insultar a pobreza com o seu luxo. Por que se faz acompanhar da filha adolescente? É para ensinar-lhe como se deve praticar a beneficência. A filha também quer fazer a caridade, mas sua mãe lhe diz "Que podes dar, minha criança, uma vez que nada tens de ti? Se eu te entregar alguma coisa para passá-la aos outros, que mérito terás? Em realidade, eu é que farei a caridade, e tu que dela terás o mérito. Isso não tem valor. Quando vamos visitar os enfermos, tu me ajudas a cuidar deles. Ora, dar cuidados é dar alguma coisa. Isso não parece bastante? Nada é mais simples. Aprende a fazer obras úteis, e

tu confeccionarás roupinhas para essas criancinhas. Deste modo, darás alguma coisa vinda de ti". É assim que essa mãe, verdadeiramente cristã, forma sua filha na prática das virtudes ensinadas por Jesus, o Cristo. É Espírita? Que importa!

No seu lar, é a mulher do mundo, porque a sua posição o exige. Mas ignora-se o que ela faz, porque não quer outra aprovação senão a da Lei de Deus e da sua consciência. Um dia, porém, uma circunstância imprevista conduziu até ela uma das suas protegidas, que lhe produzia obras. Esta a reconheceu e quis abençoar a sua benfeitora: "Silêncio! Disse-lhe. Não o digas a ninguém". Assim falava Jesus, o Cristo.

(Se eu te entregar alguma coisa para passá-la aos outros, que mérito terás?)

O errado ensino da beneficência material: "Eu dei umas moedinhas para o meu filho fazer caridade para os coitadinhos dos irmãozinhos!".)

O ÓBOLO DA VIÚVA

5. Jesus, o Cristo, estando sentado defronte do gazofilácio (lugar para depositar as doações ao templo), considerava de que maneira o povo nele atirava o dinheiro, e que várias pessoas ricas tinham colocado muito. Veio também uma pobre viúva, que nele colocou somente duas pequenas moedas. Então Jesus, o Cristo, tendo chamado seus discípulos lhes disse: Eu vos digo em verdade, esta pobre viúva deu mais do que todos aqueles que colocaram no gazofilácio. Porque todos os outros deram de sua abundância, mas esta deu de sua pobreza, tudo mesmo o que tinha e tudo o que lhe restava para viver. *(Marcos, cap. XII, v. 41 a 44 - Lucas, cap. XXI, v. 1 a 4).*

(O valor da nossa doação aos irmãos, seja ela do tipo que for, é medido pelo sentimento com que foi executada a ação. Doar o que nos sobra é 'treinamento', doar o que pode nos faltar é 'amor'! Os dois tipos são valerosos, pois o primeiro nos prepara para a execução do segundo.)

6. Muitas pessoas lamentam não poderem fazer tanta bondade quanto o gostariam, por falta de recursos suficientes, e se desejam a fortuna é, dizem elas, para dela fazerem um bom uso. A intenção é louvável, sem dúvida, e pode ser muito sincera em alguns. Mas é certo que seja em todos completamente desinteressada? Não há aqueles que, desejando mesmo fazer a bondade aos outros, estariam bem contentes em começar por fazê-la a si mesmos, de se darem algumas alegrias a mais, de se proporcionarem um pouco do supérfluo que lhes falta, sob a condição de darem o resto aos pobres? Essa segunda intenção, dissimulada, mas que encontrariam no fundo do coração se quisessem nele rebuscar, anula o mérito da intenção, porque a verdadeira caridade pensa nos outros antes de pensar em si. O sublime da caridade, nesse caso, seria procurar no seu próprio trabalho, pelo emprego de suas forças, de seus conhecimentos, de seus talentos, os recursos que faltam para realizar suas intenções generosas. Aí estaria a realização mais agradável ao Senhor. Infelizmente, a maioria sonha com meios mais fáceis de se enriquecer de repente e sem trabalho, correndo atrás de quimeras, como descobertas de tesouros, uma chance incerta favorável, a recuperação de heranças inesperadas etc. Que dizer daqueles que esperam encontrar, para os secundar nas pesquisas dessa natureza, auxiliares entre os Espíritos? Seguramente, eles não conhecem nem compreendem o objetivo sagrado do Espiritismo, e ainda menos a missão dos Espíritos, aos quais a Lei de Deus permite se comunicarem com os humanos. Também nisso são punidos pelas decepções. *(O Livro dos Médiuns, n.º 294 e 295)*

Aqueles cuja intenção é pura de toda ideia pessoal, devem se consolar de sua impossibilidade em fazer tanto certo quanto gostariam, pelo pensamento de que o óbolo do pobre, que dá privando, pesa mais na balança da Lei de Deus do que o ouro do rico, que dá sem se privar de nada. A satisfação seria grande, sem dúvida, em poder largamente socorrer a indigência. Mas se ela é negada, é preciso se submeter e se limitar a fazer o que se pode. Aliás, não é apenas com o ouro que se podem secar as lágrimas, e é preciso ficar inativo por não possuí-lo? Aquele que quer sinceramente se tornar útil aos seus irmãos para isso encontra mil ocasiões. Que as procure e as encontrará. Se não é de uma maneira, será de outra, porque não há ninguém, tendo o livre gozo de suas faculdades, que não possa prestar um serviço qualquer, dar uma consolação, abrandar um sofrimento físico ou moral, fazer uma tentativa útil. À falta de dinheiro, cada um não tem seu

trabalho, seu tempo, seu repouso, dos quais pode dar uma parte? Aí também está o óbolo do pobre, a moeda da viúva.

(Qual o maior óbolo? É o espiritual ou o material? É aquele feito com amor! E, principalmente se, material com desapego e, conjunto, espiritual com dedicação amorosa! Quantos de nós são ‘ricos’ em conhecimentos, porém não se movem, nem um milímetro, para ensinar aos irmãos ‘pobres’...)

CONVIDAR OS POBRES E OS ESTROPIADOS

7. Ele disse também àquele que o havia convidado: Quando derdes uma refeição, para isso não convideis nem vossos amigos, nem vossos irmãos, nem vossos parentes, nem vossos vizinhos que serão ricos, de medo que eles vos convidem em seguida, a seu turno, e que, assim, retribuam o que haviam recebido de vós. Mas quando fizerdes uma festa, convidai para ele os pobres, os mutilados, os coxos e os cegos. E estareis felizes porque não terão meios para vo-lo retribuir. Porque isso vos será retribuído na ressurreição dos justos.

Um daqueles que estavam à mesa, tendo ouvido essas palavras, lhe disse: Feliz aquele que comer do pão no reino de Deus! (*Lucas, cap. XIV, v. 12 a 15*).

(Este ensinamento é importante, pois ‘gostamos’ de agradar aos poderosos, porém assim fazendo já estaremos devidamente pagos! Façamos créditos espirituais ajudando aos irmãos necessitados, quer sejam necessidades espirituais ou materiais...)

8. "Quando fizerdes uma festa. Disse Jesus, o Cristo, para ele não convideis os vossos amigos, mas os pobres e os mutilados". Estas palavras, absurdas se tomadas ao pé da letra, são sublimes se nelas se procura o espírito. Jesus, o Cristo, não podia ter querido dizer que em lugar dos amigos, é preciso reunir à sua mesa os mendigos da rua. Sua linguagem era quase sempre figurada, e a humanos incapazes de compreenderem as nuances delicadas do pensamento, seria preciso imagens fortes, produzindo o efeito de cores berrantes. O fundo do pensamento se revela nestas palavras: "Sereis felizes porque não terão meios para vo-lo retribuir". Quer dizer que não se deve fazer o certo com vistas a uma devolução, mas pelo único prazer de fazê-lo. Para dar uma comparação surpreendente, disse: Convidai para as vossas festas os pobres, porque sabeis que estes não poderão nada vos retribuir. E por festas é preciso entender, não a comida propriamente dita, mas a participação na abundância de que desfrutais.

Estas palavras podem, entretanto, também receber sua aplicação num sentido mais literal. Quantas pessoas não convidam à sua mesa senão aqueles que podem, como dizem, lhes honrar, ou que podem convidá-las, a seu turno! Outras, ao contrário, encontram satisfação em receber aqueles de seus parentes ou amigos que são menos felizes. Ora, quem é que não os possui entre os seus? É, por vezes, prestar-lhes um grande serviço sem aparentá-lo. Estes, sem irem recrutar os cegos e os mutilados, praticam a ensinamento de Jesus, o Cristo, se o fazem por benevolência, sem ostentação, e se sabem dissimular o benefício por uma sincera cordialidade.

(Quer dizer que não se deve fazer o certo com vistas a uma devolução, mas pelo único prazer de fazê-lo.

Mas no estágio espiritual em que nos encontramos, fazemos a nossa interpretação do ensinamento e entendemos dessa maneira: “Por isso que, tudo que sobra de comida eu não dou aos amigos ricos, passo a esses irmãosinhos famintos, até da ração dos meus cães de raça!”.)

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

A CARIDADE MATERIAL E A CARIDADE MORAL

9. "Amemo-nos uns aos outros e façamos aos outros o que quereríamos que nos fosse feito". Toda a religião, toda a moral se encontram encerradas nestes dois preceitos. Se fossem seguidos nesse mundo, seríeis todos perfeitos. Nada mais de ódio, de divergência. Direi mais ainda, nada mais de pobreza, porque do supérfluo da mesa de cada rico muitos pobres se alimentariam, e não veríeis mais, nos sombrios bairros que habitei durante a minha última encarnação, pobres mulheres arrastando consigo miseráveis crianças necessitadas de tudo.

Ricos! Pensai um pouco nisso. Ajudai, com o que tendes de melhor, os infelizes. Dai, porque a Lei de Deus vos retribuirá um dia o certo que houverdes feito, para que encontreis, ao sair do vosso envoltório terrestre, um cortejo de Espíritos reconhecidos, que vos receberão no limiar de um mundo mais feliz.

Se pudésseis saber a alegria que experimentei em reencontrar aqui aqueles a quem pude beneficiar em minha última vida terrena!...

Amai, pois, o vosso próximo. Amai-o como a vós mesmos, porque, o sabeis agora, esse infeliz que repelis talvez seja um irmão, um pai, um amigo que afastais para longe de vós. E então qual será o vosso desespero em o reconhecendo no mundo dos Espíritos!

Desejo que compreendais bem o que pode ser a caridade moral, a que cada um pode praticar, a que nada custa materialmente, e, entretanto, a que é mais difícil de pôr em prática.

A caridade moral consiste em se suportar uns aos outros, e é o que menos fazeis nesse mundo inferior onde estais encarnados no momento. Há um grande mérito, crede-me, em saber se calar para deixar falar um mais tolo. E ainda aí está um gênero de caridade. Saber ser surdo quando uma palavra de zombaria escapa de uma boca habituada a escarnecer. Não ver o sorriso de desdém que acolhe a vossa entrada entre pessoas que, frequentemente, erradamente, se creem acima de vós, enquanto que, na vida Espírita, a única real, estão algumas vezes bem longe disso. Eis um mérito, não de humildade, mas de caridade. Porque não anotar os erros de outrem é caridade moral.

Entretanto, essa caridade não deve impedir a outra: mas pensai, sobretudo em não menosprezar o vosso semelhante. Lembrai-vos de tudo o que vos tenho dito: é preciso lembrar sem cessar que, no pobre rejeitado talvez repilais um Espírito que vos foi caro, e que se encontra momentaneamente em posição inferior à vossa. Eu revi um dos pobres da vossa Terra que pude, por felicidade, beneficiar algumas vezes, e a quem me cabe agora implorar, por minha vez.

Recordai-vos de que Jesus, o Cristo, disse que somos irmãos, e pensai sempre nisso antes de repelir o leproso ou o mendigo.

Adeus; pensai naqueles que penam e orai.

(Irmã Rosália, Paris, 1860).

(A caridade moral consiste em se suportar uns aos outros, e é o que menos fazeis nesse mundo inferior onde estais encarnados no momento.

O conselho é maravilhoso e corretíssimo, mas será que estamos prontos e dispostos a segui-lo? A caridade moral apresenta nuances variadas, das mais fáceis até as mais difíceis. Devemos estudar para conhecer e decidir qual 'caridade' já podemos tentar fazer, pois ainda somos 'aprendizes'.)

10. Meus amigos, ouvi vários de vós dizerem para si mesmos: Como posso fazer a caridade, se frequentemente não tenho mesmo o necessário? A caridade, meus amigos, se faz de muitas maneiras. Podeis fazer a caridade em pensamentos, em palavras e em ações. Em pensamentos: orando pelos pobres abandonados que desencarnaram sem ter podido mesmo ver a luz, uma prece do coração os alivia. Em palavras. Dirigindo aos vossos companheiros de todos os dias alguns corretos conselhos. Dizei aos humanos irritados pelo desespero, pelas privações, e que blasfemam do nome do Altíssimo; "Eu era como vós; eu penava, era infeliz, mas acreditei no Espiritismo, e vede, sou feliz agora". Aos velhos que vos dirão: "É inútil; estou no fim do meu caminho; desencarnarei como vivi". Dizei a estes: "Deus tem para nós todos uma justiça igual. Lembrai-vos dos trabalhadores da última hora". As crianças que, já viciadas por suas companhias, vão vagar pelos caminhos, prestes a sucumbirem sob as erradas tentações, dizei-lhes: "Deus vos vê, meus caros pequenos", e não temais em lhes repetir, frequentemente, essas doces palavras. Elas acabarão por germinar na sua jovem inteligência, e, em lugar de pequenos vagabundos, tereis feito humanos. Está ainda aí uma caridade.

Vários dentre vós dizem também: "Ora essa! Somos tão numerosos na Terra que Deus não pode nos ver a todos". Escutai bem isto, meus amigos: Quando estais sobre o cume de uma montanha, vosso olhar não abarca bilhões de grãos de areia que cobrem essa montanha? Pois bem! Deus vos vê da mesma forma! Ele vos deixa o livre-arbítrio, como deixais esses grãos de areia irem ao capricho do vento que os dispersa. Somente que Deus, em sua misericórdia infinita, colocou no fundo do vosso coração uma sentinela vigilante que se chama consciência. Escutai-a. Ela não vos dará senão corretos conselhos. Às vezes, vós a entorpeceis opondo-lhe o espírito do egoísmo. Ela

se cala então. Mas estejais seguros de que a pobre abandonada se fará ouvir logo que lhe tiverdes deixado perceber a sombra do remorso. Escutai-a, interrogai-a, e frequentemente, vos consolareis com o conselho que dela tiverdes recebido.

Meus amigos, a cada comunidade nova o dirigente fornece uma bandeira. Eu vos dou este ensinamento de Jesus, o Cristo: "Amai-vos uns aos outros". Praticai este ensinamento. Reuni-vos todos ao redor desta bandeira, e dela receberéis a felicidade e a consolação.

(Um Espírito protetor, Lião, 1860).

(A caridade, meus amigos, se faz de muitas maneiras. Podeis fazer a caridade em pensamentos, em palavras e em ações.

Podemos nos iniciar na caridade, mas não dessa forma usual e falsa: "Sempre que vejo os alimentos que vão estragar, dou-os aos coitadinhos dos irmãozinhos e lhes ensino coisas morais. Como veem, eu faça caridade material e moral!")

A BENEFICÊNCIA

A beneficência, meus amigos, vos dará nesse mundo as mais puras e as mais doces alegrias, as alegrias do coração que não são perturbadas nem pelo remorso, nem pela indiferença. Oh! Pudésseis compreender tudo o que encerra de grande e de suave a generosidade dos corretos Espíritos, esse sentimento que faz com que se olhe para os outros com o mesmo olhar como o qual se olha a si mesmo, que se desnude com alegria para vestir seu irmão. Pudésseis, meus amigos, não ter mais doce ocupação que a de fazer os outros felizes! Quais são as festas do mundo que poderíeis comparar a essas festas alegres, quando, representantes da Divindade, entregais a alegria a essas pobres famílias que não conhecem da vida física senão os tormentos e as amarguras. Quando vedes de súbito esses semblantes descorados iluminarem-se de esperança, porque não tinham pão. Esses infelizes e suas crianças, ignorando que fisicamente viver é sofrer, gritavam, choravam e repetiam estas palavras que penetravam, como agudo punhal, no coração materno: Eu tenho fome!... Oh! Compreendi quanto são deliciosas as impressões daquele que vê renascer a alegria onde, um instante antes, não via senão desespero! Compreendi quais são as vossas obrigações para com os vossos irmãos! Ide, ide ao encontro do infortúnio. Ide em socorro das aflições ocultas, sobretudo, porque são as mais dolorosas. Ide, meus bem amados, e lembrai-vos destas palavras do Salvador:

"Quando vestirdes um desses pequeninos, pensai que é a mim que o fazeis!"

Caridade! Palavra sublime que resume todas as virtudes, tu debes conduzir os povos à felicidade. Em te praticando, eles criaram para si alegrias infinitas para o futuro, e, durante seu exílio na Terra, tu lhe serás a consolação, o antegozo das alegrias que gozarão mais tarde, quando se abraçarão todos juntos no seio do Deus de amor. Foste tu, virtude divina que me proporcionaste os únicos momentos de felicidade que desfrutei na Terra. Possam meus irmãos encarnados crer na voz do amigo que lhes fala e lhes diz: É na caridade que deveis procurar a paz do coração, o contentamento do Espírito, o remédio contra as aflições da vida. Oh! Quando estiverdes a ponto de acusar a Deus, lançai um olhar abaixo de vós. Vede quanta miséria a aliviar. Quantas pobres crianças sem família. Quantos velhos que não têm mais uma só mão amiga para os socorrer e lhes fechar os olhos quando o desencarne os reclame! Quanto certo a fazer! Oh! Não vos lamenteis: mas, ao contrário, agradecei a Deus, e prodigalizai a mancheias a vossa simpatia, o vosso amor, o vosso dinheiro a todos aqueles que, deserdados dos bens desse mundo, definham no padecimento e no isolamento. Colhereis nesse mundo alegrias bem suaves, e mais tarde... Só Deus o sabe!...

(Adolfo, bispo de Argel, Bordéus, 1861).

(Ide em socorro das aflições ocultas, sobretudo, porque são as mais dolorosas.

As 'aflições ocultas' somente podem ser descobertas pela aproximação aos irmãos necessitados; ouvi-os tranquilamente e meditar nas possíveis soluções, no auxílio que se pode prestar e, principalmente, não 'cobrar' qualquer ação ou atitude do irmão beneficiado.)

12. Sede corretos e caridosos, essa a chave dos céus que tendes em vossas mãos. Toda a felicidade eterna está encerrada neste ensinamento: Amai-vos uns aos outros. O Espírito não pode se elevar nas regiões espirituais senão pelo devotamento ao próximo. Ele não encontra felicidade e

consolação senão nos impulsos da caridade. Sede corretos, sustentai vossos irmãos, deixai de lado a horrível chaga do egoísmo. Esse dever cumprido deve vos abrir o caminho da felicidade eterna. De resto, quem dentre vós não sentiu o coração pulsar, sua alegria interior se dilatar a narração de um belo devotamento, de uma obra verdadeiramente caridosa? Se não procurásseis senão a volúpia que proporciona uma correta ação, permaneceríeis sempre no caminho do progresso espiritual. Os exemplos não vos faltam; o que falta é a boa vontade, que é rara. Vede a multidão de humanos corretos dos quais vossa história vos recorda piedosa lembrança.

Jesus, o Cristo, não vos disse tudo o que concerne às virtudes de caridade e de amor? Por que deixar de lado esses divinos ensinamentos? Por que tapar o ouvido a essas divinas palavras, o coração a todos esses ensinamentos suaves? Eu gostaria que se colocasse mais interesse, mais fé nas leituras dos Evangelhos. Abandona-se esse livro, faz-se dele uma palavra oca, carta fechada. Deixa-se esse código admirável no esquecimento. Vossos erros não provêm senão do vosso abandono voluntário desse resumo das leis divinas. Lede, pois, essas páginas ardentes do devotamento de Jesus, o Cristo, e meditai-as.

Humanos fortes, ergueis vossa bandeira. Humanos fracos, fazei vossa bandeira de vossa brandura e de vossa fé. Tende mais persuasão, mais constância na propagação de vossa nova Doutrina. Não é senão um encorajamento que viemos vos dar, não é senão para estimular vosso zelo e vossas virtudes que a Lei de Deus permite nos manifestemos a vós. Mas se se quisesse, não se teria necessidade senão da ajuda da Lei de Deus e da própria vontade. As manifestações Espíritas não são feitas senão para os de olhos fechados e os corações intranquilos.

A caridade é a virtude fundamental que deve sustentar todo o edifício das virtudes terrestres. Sem ela, as outras não existem. Sem a caridade não há esperança num futuro melhor, nem interesse moral que nos guie. Sem a caridade não há fé, porque a fé não é senão um raio puro que faz brilhar um Espírito caridoso.

A caridade é a boia eterna de elevação, em todos os globos: é a mais pura emanção do próprio Criador. É a Sua própria virtude que Ele dá à criatura. Como querer-se desconhecer essa suprema bondade? Qual seria, com esse pensamento, o coração bastante errado para reprimir e expulsar esse sentimento todo divino? Qual seria o filho bastante errado para se rebelar contra esse doce carinho: a caridade?

Não ousou falar do que fiz, porque os Espíritos têm também o pudor de suas obras. Mas creio aquela que comecei uma das que devem mais contribuir para o alívio dos vossos semelhantes. Vejo, frequentemente, Espíritos pedirem por missão continuar a minha tarefa. Eu as vejo, minhas doces e caras irmãs, no seu piedoso e divino ministério. Eu as vejo praticar a virtude que vos recomendo, com toda a alegria que proporciona essa existência de devotamento e de sacrifícios. É uma grande felicidade para mim ver quanto seu caráter é honrado, quanto sua missão é amada e docemente protegida. Humanos corretos, de boa e forte vontade, uni-vos para continuar amplamente a obra de propagação da caridade. Encontrareis a recompensa dessa virtude no seu próprio exercício. Não há alegria espiritual que ela não dê desde a vida presente. Sede unidos; amai-vos uns aos outros segundo os preceitos de Jesus, o Cristo. Assim seja.

(Vicente de Paulo, Paris, 1858).

(Eu gostaria que se colocasse mais interesse, mais fé nas leituras dos Evangelhos. Os exemplos não vos faltam; o que falta é a boa vontade, que é rara.)

Será que nós podemos nos excluir dessa afirmação? Será que lemos e bem entendemos os ensinamentos contidos nos Evangelhos? Será que só nos falta a ‘boa vontade’? Se já estudamos, estamos sabemos e, se sabemos... Por que não fazemos?)

13. Chamo-me caridade e sou a rota principal que conduz a Deus. Segui-me, porque sou o objetivo a que todos deveis visar.

Fiz esta manhã minha caminhada habitual e, coração angustiado, venho vos dizer: Oh! Meus amigos, quantas lágrimas, e quanto tendes a fazer para secá-las todas. Inutilmente, procuro consolar as pobres mães, dizendo-lhes ao ouvido: Coragem! Há bons corações que velam sobre vós. Não sereis abandonadas. Paciência! Deus está aí. Sois suas amadas, sois suas eleitas. Elas pareciam ouvir-me e voltavam para o meu lado grandes olhos ansiosos. Eu lia sobre seus pobres rostos que seu corpo físico, esse opressor do Espírito, tinha fome, e que se minhas palavras lhes serenavam um pouco o coração, não enchiam seu estômago. Eu repetia ainda: Coragem! Coragem!

Então uma pobre mãe, muito jovem, que amamentava uma criancinha, tomou-a nos braços e a estendeu no espaço vazio, como a me pedir para proteger esse pobre e pequeno ser que não tomava num seio estéril senão um alimento insuficiente.

Em outro local, meus amigos, vi pobres velhos sem trabalho e cedo sem asilo, atormentados por todas as aflições da necessidade, e envergonhados da sua miséria, não ousando, eles que jamais mendigaram, ir implorar a piedade dos que passavam. Coração cheio de compaixão, eu que nada tenho, me fiz mendiga por eles, e vou por todo lado estimular a beneficência, intuir corretos pensamentos aos corações generosos e compassivos. Por isso, venho a vós, meus amigos, e vos digo: aí há infelizes cuja mesa está sem pão, o corpo físico sem roupas e o leito sem cobertor. Não vos digo o que deveis fazer. Deixo essa iniciativa aos vossos corretos corações. Se vos ditasse a vossa linha de conduta, não teríeis o mérito de vossa correta ação. Eu vos digo somente: Sou a caridade, e vos estendo a mão pelos vossos irmãos atormentados.

Mas se peço, também dou e dou muito. Convido-vos para um grande banquete, e vos forneço a árvore onde vos saciareis. Vede como é bela, como está carregada de flores e de frutos! Ide, ide, colhei, apanhai todos os frutos dessa bela árvore que se chama beneficência. Em lugar dos ramos que houverdes tirado, fixarei todas as corretas ações que fizerdes e levarei essa árvore a Deus para que a carregue de novo, porque a beneficência é inesgotável. Segui-me, pois, meus amigos, a fim de que vos conte entre os que se alistam sob a minha bandeira; sede corajosos; eu vos conduzirei no caminho da elevação, porque eu sou a Caridade.

(Cáritas, martirizada em Roma, Lião, 1861).

(Os convites são numerosos, as necessidades maiores ainda, mas nós nos colocamos como ‘incapazes’ de realizar essa grandiosa beneficência. Não estudamos, não sabemos, portanto podemos nos ‘justificar’ a nós mesmos!)

14. Há várias maneiras de se fazer a caridade, que muitos dentre vós, confundem com a esmola. Há, todavia, uma grande diferença. A esmola, meus amigos, é algumas vezes útil porque alivia os pobres. Mas é quase sempre humilhante para aquele que a faz e para aquele que a recebe. A caridade, ao contrário, liga o benfeitor e o beneficiado, e depois se disfarça de tantas maneiras! Pode-se ser caridoso mesmo com os parentes, com os amigos, sendo indulgentes uns para com os outros, em se perdendo as fraquezas, em tendo cuidado para não ferir o amor próprio de ninguém: para vós, Espíritas, em vossa maneira de agir para com aqueles que não pensam como vós. Em conduzindo os menos esclarecidos a crerem, e isso sem os chocar, sem contradizer as suas convicções, mas os conduzindo muito suavemente às nossas reuniões, onde poderão nos ouvir, e onde saberemos encontrar a brecha do coração por onde devemos penetrar. Eis um aspecto da caridade.

Escutai agora a caridade para com os pobres, esses deserdados do mundo, mas recompensados pela Lei de Deus, se sabem aceitar as suas misérias sem as murmurar, o que depende de vós. Vou me fazer compreender por um exemplo.

Vejo várias vezes na semana uma reunião de senhoras, de todas as idades. Para nós, como sabeis, são todas irmãs. Que fazem elas? Trabalham depressa, depressa. Os dedos são ágeis. Vede também como os rostos são radiosos e como os corações batem em uníssono! Mas qual é o seu objetivo? É que elas veem se aproximar o inverno que será rude para os lares pobres. As formigas não puderam amontoar durante o verão os grãos necessários à provisão, e a maior parte dos seus pertences está empenhada. As pobres mães se inquietam e choram pensando nas criancinhas que, neste inverno, terão frio e fome! Mas, paciência, pobres mulheres! Deus inspirou a mulheres mais afortunadas do que vós. Elas estão reunidas e vos confeccionarão roupinhas. Depois, num desses dias, quando a neve tiver coberto a terra, e murmurardes dizendo: "Deus não é justo", porque é a vossa palavra habitual, a vós que penais: então, vereis aparecer um dos filhos dessas corretas trabalhadoras que se constituíram em operárias dos pobres. Sim, é para vós que elas trabalham assim, e vossa murmuração se mudará em bênçãos, porque no coração dos infelizes, o amor segue de bem perto o ódio.

Como é preciso a todas essas trabalhadoras um encorajamento, vejo as comunicações dos corretos Espíritos lhes chegar de todas as partes. Os humanos que fazem parte dessa sociedade trazem também seu concurso fazendo uma dessas leituras que agradam tanto. E nós, para recompensar

o zelo de todos e de cada um em particular, prometemos a essas operárias laboriosas uma boa clientela que lhes pagará, dinheiro contado, em bênçãos, única moeda que tem curso no Mundo espiritual, lhes assegurando por outro lado, e sem medo de muito avançarmos, que ela não lhes faltará.

(Cáritas, Lião, 1861).

(O convite está posto, a promessa está garantida. Será que acreditamos no convite, ou apenas desconfiamos da garantia? Como é importante estudar, é o único caminho para bem conhecer as veredas corretas...)

15. Meus caros amigos, cada dia ouço entre vós dizerem: "Sou pobre, não posso fazer a caridade". E cada dia vejo que faltais com a indulgência para com os vossos semelhantes. Não lhes perdoais nada, e vos erigis em juízes frequentemente severos, sem vos perguntar se estardes satisfeitos que fizesses o mesmo a vosso respeito. A indulgência não é também a caridade? Vós que não podeis fazer senão a caridade indulgente, fazei-a ao menos, mas fazei-a largamente. Para o que é da caridade material, quero vos contar uma história do outro mundo.

Dois humanos vieram a desencarnar. Deus havia dito: Enquanto esses dois humanos viverem, serão colocadas em um saco cada uma das suas corretas ações e, no seu desencarne, serão pesados esses sacos. Quando esses dois humanos chegaram à sua hora derradeira, Deus fez trazer os dois sacos. Um estava gordo, grande, bem cheio, ressonando o metal que o enchia. O outro era muito pequeno, e tão fino, que se via através dele as raras moedas que continha. E cada um desses humanos reconheceu o seu: Eis o meu, disse o primeiro. Eu o reconheço. Fui rico e dei muito. Eis o meu, disse o outro. Sempre fui pobre, ah! Eu não tinha quase nada a partilhar. Mas, ó surpresa! Os dois sacos colocados na balança, o mais gordo tornou-se leve e o pequeno se fez pesado, tanto que dominou em muito o outro lado da balança. Então Deus disse ao rico: Deste muito, é verdade, mas deste por ostentação e para ver o teu nome figurar em todos os templos do orgulho, e, além disso, dando não te privaste de nada. Vai para a esquerda e estejas satisfeito de que a esmola te seja contada ainda por alguma pequena coisa. Depois, disse ao pobre: Deste bem pouco, meu amigo. Mas cada uma das moedas que estão nesta balança representa uma privação para ti. Se não deste esmola, fizeste a caridade e, o que há de melhor, fizeste a caridade naturalmente, sem pensar que te seria levada em conta. Foste indulgente. Não julgaste o teu semelhante, ao contrário desculpaste todas as suas ações. Passa à direita e vai receber a tua recompensa.

(Um Espírito protetor, Lião, 1861).

(A nossa consideração para com os valores materiais é resultado do nosso estágio animalesco. Ao nos desligarmos, um pouco, desses valores materiais, passamos a verificar a realidade espiritual e iniciamos uma árdua jornada de libertação. A parte mais crítica dessa jornada refere-se ao contato com os irmãos cristalizados nos valores materiais, sejam encarnados ou desencarnados, pois os mesmos insistem em provocações com o intuito de atrapalhar a evolução daqueles que se esclarecem... Respeito ao livre-arbítrio e fé!)

16. A mulher rica, feliz, que não tem necessidade de empregar seu tempo nos trabalhos do lar, não pode consagrar algumas horas em trabalhos úteis aos semelhantes? Que, com o supérfluo de suas alegrias, compre com o que cobrir o infeliz que treme de frio. Que com suas mãos delicadas, confeccione grosseiras, mas quentes roupas. Que ajude a mãe a cobrir a criança que vai nascer. Se seu filho, com isso, ficar com algumas rendas a menos, o do pobre terá mais calor. Trabalhar para os pobres é trabalhar na vinha do Senhor.

E tu, pobre operária, que não tens o supérfluo, mas que queres, no amor por teus irmãos, dar também um pouco do que possuis, dá algumas horas da tua jornada, do teu tempo, teu único tesouro. Faze desses trabalhos elegantes que tentam os felizes. Vende o trabalho de tua vigília e poderás também, proporcionar aos teus irmãos a tua parte de alívio. Terás talvez algumas fitas a menos, mas darás sapatos àquele que anda descalço.

E vós, mulheres devotadas a Deus, trabalhai também na sua obra, mas que os vossos trabalhos delicados e custosos não sejam feitos somente para ornar as vossas capelas, para atrair a atenção sobre vossa agilidade e vossa paciência. Trabalhai, minhas filhas, e que o preço do vosso trabalho seja consagrado ao alívio de vossos irmãos em Deus. Os pobres são os seus filhos bem amados. Trabalhar por eles é glorificá-lo. Sede-lhes a Providência que diz: Às aves do céu Deus dá o alimento. Que o ouro e o dinheiro que se tecem sob os vossos dedos se transformem em roupas e

em alimentos para aqueles a quem eles faltam. Fazei isto, e o vosso trabalho será abençoado. E todos vós que podeis produzir, daí. Dai o vosso gênio, dai a vossa inspiração, dai o vosso coração, que a Lei de Deus abençoará. Poetas, literatos, que não sois lidos senão pelas pessoas da sociedade, satisfazei seus lazes, mas que o produto de algumas de vossas obras seja consagrado ao alívio dos infelizes. Pintores, escultores, artistas de todos os gêneros, que a vossa genialidade venha também em ajuda dos vossos irmãos: com isso não tereis menos glória, mas haverá alguns tormentos a menos.

Todos vós podeis dar. Em qualquer classe que estiverdes, tendes alguma coisa que podeis partilhar. O que quer que seja que a Lei de Deus vos tenha dado, disso deveis uma parte àquele a quem falta o necessário, porque em seu lugar estaríeis bem contentes que um outro dividisse convosco. Vossos tesouros da Terra serão um pouco menores, mas vossos tesouros no Mundo espiritual serão mais abundantes. Nele recolhereis ao cêntuplo o que houverdes semeado em benefícios nesse mundo.

(*João, Bordéus, 1861*).

(Quanto mais a humanidade se afunda nos valores materiais, mais pensamos desta maneira: “Eu sou muito, mas muito mesmo, generoso! Uma vez por mês eu levo, na minha Mercedes, uma panela de sopa para os famintos!”.)

A PIEDADE

17. A piedade é a virtude que mais vos aproxima dos corretos Espíritos. É a irmã da caridade, que vos conduz pela Lei de Deus. Ah! Deixai o vosso coração se enternecer diante das misérias e dos tormentos dos vossos semelhantes. Vossas lágrimas são um bálsamo que lhes aplicais sobre as feridas, e quando, por uma doce simpatia, vindes a lhes restituir a esperança e a resignação, que encanto experimentais! Esse encanto, é verdade, tem um certo amargor, porque nasce ao lado da infelicidade. Mas se não tem a agrura dos gozos mundanos, não tem as pungentes decepções do vazio que estes deixam atrás de si. Há uma suavidade penetrante que alegra o Espírito. A piedade, uma piedade bem sentida, é amor. O amor é devotamento. O devotamento é o esquecimento de si mesmo. E esse esquecimento, essa abnegação em favor dos infelizes, é a virtude por excelência, a que praticou em toda a sua vida o Divino messias, e que ensinou em sua Doutrina tão pura e tão sublime. Quando essa Doutrina retornar à sua pureza primitiva, e for admitida por todos os povos, dará felicidade à Terra, nela fazendo reinar, enfim, a concórdia, a paz e o amor.

O sentimento mais próprio para vos fazer progredir, domando vosso egoísmo e vosso orgulho, o que dispõe vosso Espírito à humildade, à beneficência e ao amor do próximo, é a piedade! Essa piedade que vos comove até as entranhas, diante dos tormentos de vossos irmãos, que vos faz lhes estender mão segura e vos arranca lágrimas de simpatia. Portanto, não sufoqueis jamais em vossos corações essa emoção celeste, não façais como esses egoístas endurecidos que se distanciam dos aflitos, porque a visão da sua miséria perturbaria por instante sua alegre existência. Temei permanecer indiferentes quando puderdes ser úteis. A tranquilidade comprada ao preço de uma indiferença culpável, é a tranquilidade do mar morto, que esconde no fundo de suas águas o lodo fétido e a corrupção.

Quanto a piedade está longe, entretanto, de causar a perturbação e o aborrecimento com os quais se apavora o egoísta! Sem dúvida, o Espírito experimenta, ao contato da infelicidade alheia, e voltando-se para si mesmo, um abalo natural e profundo que faz vibrar todo o vosso ser e vos afeta penosamente. Mas a compensação será grande quando vierdes a restituir a coragem e a esperança a um irmão infeliz que se emociona com a pressão da mão amiga, e cujo olhar, ao mesmo tempo úmido de emoção e de reconhecimento, se volta docemente para vós antes de se fixar no Mundo espiritual agradecendo por lhe haver enviado um consolador, um apoio. A piedade é a melancólica, mas celeste precursora da caridade, essa primeira virtude, da qual é irmã e cujos benefícios prepara e enobrece.

(*Michel, Bordéus, 1862*).

(A piedade, uma piedade bem sentida, é amor. O amor é devotamento. O devotamento é o esquecimento de si mesmo.)

O sentimento é espiritual, a emoção é animal. Enquanto formos emotivos pensaremos assim: “A piedade que eu tenho com esses irmãozinhos é grandiosa. Já pensou: Eles vão todos morrer com fome, na miséria e, ainda, vão para o inferno! Coitadinhos!”.)

OS ÓRFÃOS

18. Meus irmãos, amai os órfãos. Se soubésseis quanto é triste ser só e abandonado, sobretudo na infância! A Lei de Deus permite que haja órfãos para nos exortar a lhes servirmos de pais. Que divina caridade ajudar uma pobre criança abandonada, impedi-la de passar fome e frio, dirigir seu Espírito a fim de que não se perca no erro! Quem estende a mão à criança abandonada é agradável à Lei de Deus, porque compreende e pratica a lei divina. Pensai também que, frequentemente, a criança que socorreis vos foi cara numa outra encarnação. E se pudésseis vos lembrar, não seria mais caridade, mas um dever. Assim, meus amigos, todo ser atormentado é vosso irmão e tem direito à vossa caridade, não essa caridade que fere o coração, não essa esmola que queima a mão que a recebe, porque vossos óbolos, frequentemente, são bem amargos! Quantas vezes eles seriam recusados se, em casa, a doença e a privação não os esperassem! Dai delicadamente, acrescentai ao benefício o mais precioso de todos os benefícios: uma palavra, uma carícia, um sorriso amigo. Evitai esse ar de proteção que fere de novo o coração que sangra, e pensai que fazendo o certo trabalhais para vós e para os vossos.

(Um Espírito familiar, Paris, 1860).

(Ainda os valores materiais: “Não foi gostoso fazer, agora tratem de criar! Essas moléculas travessas só podiam parir essas coisas... Os meus eu criei com todo carinho, pois eram minha responsabilidade!”.)

BENEFÍCIOS PAGOS COM A INGRATIDÃO

19. Que pensar das pessoas que tendo seus benefícios sido pagos com a ingratidão, não fazem mais o certo com medo de reencontrar ingratos?

Essas pessoas têm mais de egoísmo do que de caridade. Porque não fazer o certo senão para dele receber sinais de reconhecimento, é não fazê-lo com desinteresse, e o benefício desinteressado é o único agradável à Lei de Deus. Também são orgulhosas porque se comprazem na humilhação do beneficiado que vem depositar reconhecimento aos seus pés. Aquele que procura na Terra a recompensa do certo que faz, não a receberá no Mundo espiritual. Mas a Lei de Deus terá em conta aquele que não a procura na Terra.

É preciso sempre ajudar os fracos, mesmo sabendo de antemão que aqueles a quem se faz o certo não estarão contentes. Sabeis que se aquele a quem prestais serviço esquece o benefício, a Lei de Deus vo-lo terá mais em conta do que se estivésseis já recompensados pelo reconhecimento do beneficiado. A Lei de Deus permite que sejais pagos, por vezes, com a ingratidão, para experimentar a vossa perseverança em fazer o certo.

E sabeis, aliás, se esse benefício, esquecido no momento não dará mais tarde corretos frutos? Estais certos, ao contrário, de que é uma semente que germinará com o tempo. Infelizmente, não vedes sempre senão o presente. Trabalhais para vós, e não tendo em vista os outros. Os benefícios acabam por abrandar os corações mais endurecidos. Eles podem ser menosprezados nesse mundo, mas quando o Espírito se desembaraçar de seu envoltório carnal, lembrar-se-á, e essa lembrança será sua punição. Então, lamentará a sua ingratidão e quererá reparar seu erro, pagar sua dívida noutra existência, frequentemente, aceitando mesmo uma vida de devotamento para com seu benfeitor. É assim que, sem disso suspeitardes tereis contribuído para o seu adiantamento moral, e reconheceréis, mais tarde, toda a verdade deste ensinamento: Um benefício jamais se perde. Mas tereis também trabalhado para vós, porque tereis o mérito de haver feito o certo com desinteresse, e sem vos deixar desencorajar pelas decepções.

Ah! Meus amigos, se conhecésseis todos os laços que, na vida presente, vos ligam a vossas existências anteriores. Se pudésseis abarcar a multidão das relações que aproximam os seres uns dos outros para o progresso mútuo, admiraríeis bem mais ainda a sabedoria e a bondade do Criador, que vos permite reviver para chegar até ele.

(Guia protetor, Sens, 1862).

(No estágio animal a lei é dos mais espertos: “Eu vi que ele estava distraído, sem pressa, e furei a fila. Quem manda ser bobo!”.)

BENEFICÊNCIA EXCLUSIVA

20. A beneficência é bem entendida quando exclusivamente praticada entre as pessoas da mesma opinião, da mesma crença ou do mesmo partido?

Não. É sobretudo o espírito de seita e de partido que é preciso abolir, porque todos os humanos são irmãos. O verdadeiro cristão não vê senão irmãos nos semelhantes, e antes de socorrer aquele que está na necessidade, não consulta nem sua crença, nem sua opinião, no que quer que seja. Seguiria ele o preceito de Jesus, o Cristo, que diz para amar mesmo os adversários, se repelisse um infeliz, por ter este uma outra fé que não a sua?

Que o socorra, pois, sem lhe pedir nenhuma conta de sua consciência, porque se é um adversário da religião, é o meio de fazer com que a ame. Repelindo-o, faria que ele a odiasse.

(Luiz, Paris, 1860).

(Mas nós ainda, e por muito tempo, exclamaremos: “É claro que só contribuo com Deus na minha igreja, as outras são do diabo!”.)

EXPLANAÇÕES

01 - Fazer o bem sem ostentação - itens 1 a 3.

“Quando derdes a esmola, não saiba a vossa mão esquerda o que faz a direita, a fim de que a esmola fique secreta; e vosso Pai, que vê o que se passa, vos recompensará”. Mateus VI - 3 e 4.

A lei do certo e o bem é a lei natural, aquela que temos de obedecer e cumprir.

Sendo a prática da caridade a verdadeira religião de Jesus, nada fazemos demais quando cumprimos esse preceito da elevação espiritual.

Fazer boas obras para sermos vistos pelos seres humanos é querer atrair o respeito e a admiração destes e, não cumprir os preceitos da religião de Jesus; é exaltar a nossa personalidade, querendo fazer-nos parecer mais do que na realidade somos. São sinais característicos de tola presunção, de vaidade, de orgulho; é colocarmo-nos acima de nossos semelhantes.

Se praticarmos o bem para que os seres humanos nos vejam e nos glorifiquem, ou para que o nosso nome seja exaltado pelos jornais, aí já está recebida a nossa recompensa; Deus não nos dará a recompensa, porque não procedemos em obediência a Sua Lei e no respeito aos Seus ditames.

Os hipócritas, cujo proceder não coaduna com a lei natural do correto e do bem, quando chegam a praticar um benefício, ou coisa que com benefício se pareça, fazem soar trombetas pelas ruas e pelos templos. Erigem capelas, ajudam a construção de igrejas, erguem altares e os ornaram com custosas imagens, para lá terem seu nome immortalizado. Estes infelizes, aos quais Deus concedeu o ouro; para auxiliar maltrapilhos, pobres, miseráveis, enfermos, órfãos, viúvas, gastam suas fortunas concorrendo para a idolatria, para a ignorância humana. São cegos, conduzindo cegos para o abismo.

Um dos grandes misteres da mensagem de Jesus é desmascarar a hipocrisia, denunciar a impostura. E o Mestre mostra como deve ser praticado o certo ou o bem, e como deve ser dada a esmola, para que tenha valor perante Deus.

O ser humano correto e bom, que pratica a lei do amor, não se exalta dos benefícios que faz, e os faz naturalmente, por se achar essa lei na sua própria natureza que, no momento em que presta o benefício, esquece-se do que fez.

O ser humano correto e bom, faz soar a trombeta quando pratica o erro, pois sua consciência rebelde-se de tal modo que ele não pode conter-se e só acha repouso quando se acusa diante dos seres humanos, como infrator daquela lei do certo e do bem à qual se acostumou a obedecer.

A nossa consciência, dadas as condições do meio em que nos encontramos encarnados, nem sempre nos pode indicar a causa do nosso procedimento, ou os impulsos a que obedecemos na prática de nossos atos.

Entretanto, como até certo ponto nos é possível estudar a causa de nossa enfermidade, que nos faz padecer, pelos medicamentos que nos aconselha o médico, também podemos descobrir as causas das nossas enfermidades morais, pelo remédio espiritual que nos aconselham os nossos maiores, repetindo o conselho Daquela que foi, é e será sempre o médico supremo, não só do corpo físico, mas principalmente dos Espíritos.

Reconhecer a carência de humildade em nossos corações constitui, na maioria das vezes, a causa principal, mais ou menos oculta, das nossas faltas, dos nossos erros.

Certamente, não é por outra razão que, nos Evangelhos, a cada passo, quase em todas as suas páginas, nos deparamos com tantos e tão sublimados ensinamentos e exemplos de humildade.

Não é, igualmente, por outro motivo que os nossos anjos da guarda, os nossos guias, continuamente e com tanta insistência nos recomendam que sejamos humildes.

Não deixar que a mão esquerda saiba o que a direita faz é uma esplêndida lição de humildade. Somente possuindo essa virtude celeste, de que, como de todas as outras, foi modelo excelso Nosso Senhor Jesus Cristo, é que seremos capazes unicamente de praticar corretas e boas obras, com o cunho da abnegação, do desinteresse, do sigilo, do devotamento, do amor, em suma, das virtudes ensinadas no Evangelho de Jesus.

Somente a posse da humildade nos capacitará para a prática da caridade material e moral, pondo em jogo todas as aptidões da inteligência e todas as delicadezas do coração.

O Evangelho de Jesus é a mensagem libertadora e o Mestre nos convida a espalhá-lo pelo planeta. Cristianizar o mundo, através do conhecimento e do amor, é o impositivo da Nova Era.

Não aguardemos compensações e prêmios que não merecemos. Por enquanto estamos na luta da Boa Nova, repetindo experiências, nas quais malogramos.

No volume da Codificação, de Allan Kardec, A Gênese, capítulo XVIII, item 34 - A Geração Nova - há um alerta para os tempos difíceis que já estaria passando o planeta, visando a sua transformação:

- “Opera-se presentemente um desses movimentos gerais, destinados a realizar uma remodelação na humanidade. A multiplicidade das causas de destruição constitui sinal característico dos tempos, visto que eles apressarão a eclosão de novos germens. São as folhas que caem no outono e às quais sucedem outras folhas cheias de vida, porquanto a humanidade tem suas estações, como os indivíduos têm suas várias idades. As folhas mortas da humanidade caem batidas pelas rajadas e pelos golpes do vento, porém, para renascerem mais vivazes sob o mesmo sopro de vida, que não se extingue, mas se purifica”.

Nós bem sabemos, que há duas formas de despertamento das criaturas. Uma é pelo amor e a outra é pela dor.

Pelo amor, vemos que a humanidade, ao longo de sua história, vem sendo convidada pelos Espíritos de Escol que reencarnaram e, mesmo, pelos que permaneceram nas esferas espirituais do planeta, inspirando e guiando os passos da humanidade nessa direção.

Figuras exponenciais como Confúcio, Buda, Sócrates, Gandhi, Tereza de D’Ávila, Francisco de Assis, Allan Kardec e tantos outros, tiveram, até mesmo com o próprio sacrifício, o importante papel de difundir o conhecimento e o amor, como caminho seguro e natural para a felicidade do ser humano.

Como muitos não escutaram e até hoje não escutam tais chamamentos à reforma íntima, e a humanidade tem de progredir sempre na direção dos mundos mais felizes, a dor, por vezes, é o único caminho a impulsioná-los para frente.

O momento é de dor. Crises econômico financeiras, sociais, culturais, guerras fratricidas e religiosas em vários pontos do globo, numa mostra de desamor, da incompreensão e do desrespeito aos direitos básicos à sobrevivência das pessoas, sendo a causa principal o egoísmo e o orgulho; as duas maiores chagas da humanidade, ainda muito plasmadas em cada indivíduo, comprometendo a evolução da sociedade terrena.

E como as forças diretoras do Universo não podem esperar indefinidamente pela boa vontade das criaturas humanas, transforma-os pela dor, fazendo com que busquem o alívio na mensagem do Cristo, nas mais variadas manifestações religiosas.

E ainda existe um grave problema: doutrinas equivocadas, ou mal interpretadas pelos seus condutores, têm levado seus seguidores a desencantos mais terríveis ainda.

É exatamente nesse momento aflitivo que o Consolador Prometido, o Espiritismo, vem dar a esperança no futuro, renovando o chamamento de Jesus: “Oh! Vinde a mim todos vós que estais cansados e aflitos e eu vos consolarei...!”.

Procuremos estar atento ao grave momento da atualidade, permanecendo fortes em nossa convicção, pautada na fé racional que o Espiritismo nos dá e, por pior que sejam os dias, confiemos em Deus e sigamos em frente sempre...!

Que Deus nos abençoe a todos, encarnados e desencarnados, que aqui viemos em busca de conhecimento, e que Jesus permaneça conosco, guindo-nos hoje, amanhã e sempre.

(Elucidações Evangélicas)/(O Espírito do Cristianismo)/(O Reformador)

02 - Os infortúnios ocultos - item 4.

Querendo transformar o seu íntimo, Judas Iscariotes tomou uma nova decisão; desejava fazer caridade ardentemente. Não queria perder tempo, pois do que tinha ouvido de Nosso Senhor Jesus Cristo, sentiu que este era o único caminho para a salvação.

Começou visitando enfermos e procurando resolver problemas alheios, doou algumas vestes, consolou corações tristes, enfim, sua vivência mudou. Os companheiros comentavam a mudança de Judas. O júbilo era uma nova bandeira estendida na mente do discípulo.

Judas estendeu sua beneficência até a outras cidades.

Certa feita, na cidade de Betânia, se encontrava em uma estalagem. Era época de festas e o movimento era enorme. Uma noite acordou com o barulho dos turistas, com os homens da lei, e vê adentrando a casa um homem deformado, chamado Hergon. Pela pele, notava o estado adiantado da lepra. O dono da estalagem, humano de bons sentimentos, teve compaixão do doente, mas não podia aceitá-lo como hóspede por vários motivos: primeiro, por não haver quarto vazio; segundo, porque o leproso não podia ser misturado com pessoas sãs, ainda mais numa hospedaria; terceiro, os homens da lei estavam perseguindo o leproso, pela sua desobediência às regras, em plena festa, estar em contato com pessoas de fora, com perigo de transmitir a doença.

O dono da estalagem, sendo piedoso e sabedor das ideias de Judas na caridade sem distinção, bateu à sua porta. Este se depara com o quadro. Sente repulsa pelo homem mal cheiroso, quase entrando em seu quarto, mais por medo do que para agasalhar-se.

Judas Iscariotes que tinha receio da doença, pediu desculpas e licença, fechou a porta, e dormiu confortavelmente na cama coberta de pelos de camelo. Logo pegou no sono, parecendo que o entusiasmo do bem em seu coração, havia secado. Fugiu também a serenidade que havia começado a raiar no seu íntimo pela caridade.

Os vigilantes da lei, agarraram o leproso, depois induziram-no a desaparecer para as ermas encostas da montanha, onde uma multidão deles se desfazia como animais, pelos desgastes do tempo, da falta da higiene e da fome.

E Judas, no seu quarto quentinho, por lhe faltar a verdadeira caridade, esqueceu-se de uma palavra e de um sorriso para seu irmão.

No outro dia, Iscariotes amanheceu mal humorado. Já não havia o entusiasmo da caridade. Se dormisse com o leproso em seu quarto, havia o risco de ser descoberto pelos homens da lei e acusado de cumplicidade. Tinha medo da violência desses homens.

Teve grande arrependimento. Na sua mente havia vontade de ir atrás daquele homem. Sua consciência o acusava. E se perguntava, por que a consciência não o acusara antes, assim teria deixado o homem entrar. E agora? Como consertar o erro? Teve ímpetos de chorar...

O dono da estalagem nem sequer quis ver o seu rosto. Somente Judas naquela noite poderia ter ajudado o leproso, pois as outras acomodações estavam cheias de famílias desconhecidas. Sua decisão tinha que ser rápida, por causa da violência dos homens da lei. Porém se esqueceu do que pretender fazer e a oportunidade passou. A mente de Judas parecia um cálice transbordando de fermentação corrosiva. Sua cabeça queria estourar de revolta e arrependimento de sua indecisão e medo.

Foi a igreja dos pescadores e Simão abriu a reunião em sentida prece. Judas, inquieto, olha para Jesus, que lhe transmite, pelo olhar tranquilo e amoroso, uma nova cota de energia. Entendendo a intenção do Cristo, levanta-se e dirige ao Mestre:

- Mestre! Em todas as decisões que tomo para me libertar da opressão íntima, eu falho. Sinto-me fracassado. O que se passa comigo? Estou preso a laços que não consigo desatar. Dê-me uma orientação, como devo erguer-me no caminho da caridade.

Jesus Cristo, imensamente compadecido de Judas, deixa transparecer na feição certa melancolia, que se mistura com bondade, e recorre às palavras:

- Judas! Filho, eu compreendo as tuas lutas na intimidade do Espírito, que se manifestam também externamente, por mais que queira esconder. Tu estás num estado depressivo que não condiz com a caridade, porque ao entrar em contato com teus semelhantes, eles já herdaram de ti as vibrações negativas.

Há meios de lutar e buscar a felicidade. Quando surgem em tua mente ideias de transformação, pratique-as imediatamente, mas, com a mesma rapidez, não se esfrie aos trabalhos divinos.

A tua fraqueza no bem procede de indecisões por não alcançar, no momento, o discernimento que precisa ter no caminho da luz. Você parece uma pessoa faminta que ao deparar-se com a comida, come demais e este impulso faz com que você fique novamente sem alimento.

Equilibre as tuas emoções, sejam quais forem. Quando fizer uma grande caminhada, podes ir passo a passo; quando fores conhecer um texto sagrado, analise palavra por palavra; assunto por assunto; quando escutares alguém, qualquer assunto, registra nos aparelhos auditivos, som por som; quando fores te alimentar, faça-o, bocado por bocado.

Essa é uma lei para tudo e para todos, em sequência universal.

Como queres fazer a caridade, beneficiar os outros, de uma maneira que não suportas? Todo exagero é caminho para desistência e quase sempre na hora em que deveria fazer a beneficência, foges com medo das consequências.

O amor não pode ter medo. Quando aderimos a ideia de sermos úteis pela caridade, os pensamentos de bem estar, conforto, orgulho, não podem tomar conta da beneficência, para que não esfrie os processos da caridade.

Apare as arestas dos teus próprios pensamentos, escolha a hora em que eles vão se transformar em ideias, e, depois, examina o momento em que eles poderão se transformar em atos, assim ficará mais fácil a prática do certo e do bem. Há necessidade de carência de seleção nos princípios do raciocínio.

Podes fazer muita caridade pelas possibilidades que tens no coração. Avança devagarzinho, mas sempre. O tempo não exige que tu dispares nas reformas, no entanto pede que não pares nos caminhos. Quem corre desesperado cansa logo e quem anda vagaroso e sempre, alcança a meta com mais presteza e sem distúrbios.

Tudo de bom que temos, colocado por Deus em nós, haverá de ser despertado por nossas mãos. É o trabalho que nos compete realizar pelo nosso próprio benefício. Assim não será ignorante como muitos, nem violento como alguns.

A caridade é o mesmo amor que viaja aproveitando metodicamente todos os meios que a vida oferece e que tem como vigilância o bom senso, para que o exagero não mude o seu nome.

Judas estava atento às palavras de Jesus. Pretendia novamente começar o trabalho que esfriara.

O Cristo, ardendo em sabedoria, avança seu raciocínio:

- Judas! A caridade de doar alguma coisa material aos outros, nos parece transitória, quando não é acompanhada pela doação interna. Todos que começam a ajudar somente no campo exterior, logo esfriam nas suas decisões, por falta de alicerce no coração.

A própria caridade te visitou, usando um leproso. Pela tua indecisão, fizeste o doente sofrer mais. Para servir, precisamos renunciar à cama, ao sossego, ao descanso, às vestes, para que sirvamos de instrumento dos anjos, a serviço de Deus.

Falaste que a consciência deveria acusar antes do ocorrido. Isto é impossível, porque ela é um tribunal dentro de nós, e um juiz só pode julgar depois dos fatos.

Todavia, nós mesmos, devemos usar a inteligência e os sentimentos, policiando nossas atitudes, para não cairmos em tentações que favorecem o desleixo espiritual e o descuido dos nossos deveres.

Judas! Não te condeno por nada, meu irmão. Eu te quero como parte do meu coração e espero de ti grandes coisas no futuro. Haverás de erguer-te, mesmo no meio das incompreensões, mesmo sendo apedrejado, escarnecido, queimado e vendido como um pária, banido das mentes como inconveniente para a sociedade. Eu te amo e disto darei provas. Sabemos, por conhecermos as leis de Deus, que somente a dor, em todas as suas linhas de instrução, nos levará à verdadeira caridade, dotando-nos de amor, proporcionando aquele amor que irradia sem cogitar de preços e exigências.

Não temas, Judas, as doenças da carne. Elas são aparências, porque a enfermidade mais grave é a do Espírito.

E Deus, o grande médico da vida, nos envia pela Boa Nova, a receita para todos os desequilíbrios e o remédio para todos os males, que é o amor.

Vamos amar, pois diante desse exercício, desconhecemos todas as doenças e passaremos a ver em todas as criaturas e em nós mesmos, o reflexo da amplitude divina.

Cultiva a oração com humildade, Judas, e vamos trabalhar, de mãos dadas, em busca de Deus, amando-O sobre todas as coisas, que depois sentiremos a necessidade de amar o próximo, onde encontraremos mais vida.

Jesus, mesmo sabendo o que ia ocorrer no futuro próximo, traído por Judas, já estava dizendo a Judas que o perdoava, mostrando a caridade do Seu coração e que, todo filho de Deus tem a chance de renovar-se.

Judas, depois de entregar Jesus por trinta moedas, caiu em si e não aguentou o tribunal de sua consciência, suicidou-se. Sofreu a dor do arrependimento.

Nosso Pai Celestial que dá a todos a chance da renovação, através do amor, deu-a também a Judas, que já passou por diversas existências, e hoje, trabalha pela causa nobre do Cristo: o amor e a caridade.

Na lição de hoje do Evangelho, a nobre senhora, procura fazer a caridade sem alarde, a caridade espiritual da compaixão, da palavra gentil, do gesto de simpatia, do pensamento nobre.

Ensina a sua filha que se deve fazer a caridade com o que tem para dar, ou então não haveria mérito no que faz, como explicou o Mestre à Judas.

Vicente de Paulo deixou-se arrebatar pela caridade, sem nada ter, seguindo as pegadas de Jesus e, até hoje, há milhares de criaturas que desenvolvem e mantêm tarefas santificantes, espalhadas por grande parte do mundo.

Fixando a mente nos ensinamentos do Evangelho, dá-se início à renovação espiritual e aí, será mais fácil vestir os nus, alimentar os famintos, medicar os enfermos, dessedentar os aflitos e socorrer os agonizados a que sempre se referiu Jesus, e a caridade, a virtude dos anjos, refletirá luminosidade através de ti, e em torno de ti, vencedor das próprias imperfeições, realizado nos objetivos essenciais a que te propõe nesta existência e Jesus estará contigo em todas essas realizações.

Que Deus nos abençoe!

(Ave Luz)/(Lampadário Espírita)

03 - O óbolo da Viúva - itens 5 e 6.

“Porquanto, os outros fizeram a Deus a oferta do que lhes superabundava, ao passo que a viúva, da sua pobreza, deu tudo o que lhe restava para o seu sustento”. Lucas - XXI - 4.

Quem mais dá, segundo afirma o Mestre, não é quem dá muito, mas é quem dá o que tem, embora pouco ou quase nada. A balança da divina justiça não pesa o que o ofertante dá, porém aquilo com que ele fica, para assim equilibrar o valor das dádivas.

É uma grande lição, tanto para os ricos como para os pobres, tanto para os grandes e poderosos como para os humildes e pequeninos.

Os ricos não têm de que se orgulhar pelas vultosas somas que empregam em obras beneficentes, porque, em relação às suas respectivas fortunas, representa um valor muito relativo, para não dizer insignificante.

O mérito de nossas obras está no esforço que empregamos para realizá-las, como também na pureza das intenções propulsoras dos nossos atos.

E a quem a providência confia a administração de largas fortunas, que não se vangloriem do benefício que prodigalizam supondo-se credores de maiores méritos.

Os pobres também devem aprender um ensinamento; a pobreza não é incompatível com a prática da caridade, mesmo considerada em seu aspecto material - a beneficência.

Os pobres não devem esquivar-se do pouco que podem dar. O quanto vale esse pouco, somente o legítimo intérprete da soberana justiça sabe, Ele considerou o óbolo da viúva superior às consideráveis somas que os endinheirados lançaram no gazofilácio.

A importância das obras na esfera da fé, não importam o vulto maior ou menor dessas obras, mas a boa vontade, a diligência e ao esforço que toda criatura sincera deve empregar em prol do aperfeiçoamento próprio e da melhoria de suas condições e de seus semelhantes.

O valor das obras não está nas suas grandes proporções, mas na pureza de intenção com que são executadas e no esforço da consecução.

A viúva pobre fez mais deitando, no gazofilácio do templo, uma moedinha de cobre do que os ricos que ali despejavam punhados de ouro. O óbolo da viúva representa um valor maior, porque é a expressão do sumo esforço; era tudo que ela possuía. Dando tudo, não podia dar mais.

Segundo o critério da divina justiça, o que tem valia não é o mais que se vê, que se exterioriza, mas é o mais que não se vê, que permanece oculto nos meandros incrustáveis do coração.

A sinceridade com que agimos, os motivos menos egoístas que determinam nosso proceder, estes são os elementos que estabelecem o valor maior ou menor dos nossos feitos.

Há muita gente cujas obras o mundo ignora e são de grande merecimento aos olhos de Deus. Há outros, aos quais o século rende homenagens, e o mérito pesa pouco, quase nada, na balança da justiça do Senhor.

Nossos atos são como os metais. Não é a quantidade, mas a qualidade que estabelece a sua valia. Não é o volume, nem o peso, é o quilate que dá a excelência e a superioridade.

Quanto mais puro é o ouro, mais pesa, porque maior é o seu valor. A gema sem liga, o diamante sem jaça, são preciosidades de subido preço, precisamente por não ter liga e nem jaça, isto é, pela pureza intrínseca de suas constituições.

A parábola do óbolo da viúva é facilmente compreensível, é a lição que, por aquelas palavras, deu Jesus aos seres humanos. Toda caridade é meritória, quando feita com desinteresse, sem orgulho, sem ostentação.

Maior, porém, do que a do rico que dá do que tem em abundância, sem de nada se privar, é a dádiva daquele que dá o que lhe é indispensável a outro a quem falta o necessário. Esse último mais adiantado se acha na via da caridade do coração.

É muito difícil estabelecer o conceito preciso de pobreza e riqueza, e, na prática, esse procedimento é muito mais difícil.

A pobreza significa falta ou carência, porém a riqueza induz o entendimento de abundância ou fartura.

Tanto uma como a outra dizem respeito a bens materiais ou morais. No que se refere à matéria, é impraticável fixar com exatidão onde inicia e termina o alcance da cada uma delas.

A riqueza, tanto quanto a pobreza, pode, pois, referir-se a povos, nações e até mesmo continentes, ou simplesmente ao indivíduo. Mas, nem só de pão vive o ser humano e, se é inquestionável a coexistência da riqueza e da pobreza materiais, também existem essas condições no mundo moral.

Assim, há criaturas ricas e pobres, que não creem em Deus, na Sua existência. Há pessoas que são ricas de bens materiais, mas pobres de entendimento e as que são pobres duplamente; material e moralmente.

Por intermédio da Natureza, Deus deu ao ser humano todos os meios e recursos para a sua subsistência. As dificuldades das criaturas, onde quer que se encontrem, são desafios para o seu aprimoramento, para a sua evolução.

Ao lado de modernos edifícios proliferam favelas populosas e degradantes. Junto de elevados ideais deparamos com pavorosas ruínas morais.

Há coletividades e até povos que se adiantam na conquista de bens materiais e culturais, mas que são indigentes de fé. O materialismo é uma grande chaga no mundo e faz o ser humano esquecer a existência do Espírito. O egoísmo, que o materialismo entroniza no peito das pessoas, faz que elas se esqueçam de apreciar a beleza da vida física; como o sorriso da criança feliz correndo sobre a grama. O materialismo embrutece o ser humano ao buscar afastá-lo de Deus e incutir-lhe a ambição e a cobiça.

É urgente que as pessoas aprendam a esquecer um pouco os bens materiais e procurem serem atenciosas dentro do lar, não somente com as visitas, mas com os filhos e os familiares, ensinando as crianças a amar, reconstruindo a paz e o entendimento, e ajudando a construir um mundo novo onde perdue a fraternidade.

A humanidade já dispõe de suficiente experiência para compreender que o materialismo, além de não resolver os problemas do mundo, agrava os do Espírito.

Ao negar a existência do Espírito, que habita o corpo físico, destrói a liberdade, a esperança e a fé. Desse modo, o Espírito que habita um corpo físico, já prisioneiro, desta maneira, torna-se duplamente encarcerado.

Em relação a bens materiais, haveres, fortunas, nesta nossa etapa de vida, a igualdade absoluta é impossível, mas a desigualdade acentuada é altamente ultrajante ao ser humano. Por isso mesmo, jamais se deve esquecer que o direito à vida física não pode sofrer qualquer espécie de restrição e que o supérfluo para uns pode suprir muitas necessidades de outros.

As leis do amor e da fraternidade, quando praticadas, noutra etapa de vida, vão arredar do coração humano o egoísmo e o orgulho e, com eles, serão também afastados muitos tormentos do caminho.

A Doutrina espírita vem abrir, ao humano, as oportunidades de livrar-se dos empecilhos da evolução. E no que se refere à riqueza e à pobreza mostra-nos a solução para as dificuldades decorrentes delas.

Se a riqueza é causa de muitos males e provoca mesmo tantos crimes, não é a ela que devemos culpar, mas ao ser humano que dela abusa, como de todos os dons de Deus. Pelo abuso torna pernicioso o que poderia ser-lhe de grande utilidade. Isto é consequência do estado de inferioridade dos encarnados no mundo terrestre.

Se a riqueza somente males nos trouxesse, Deus não a teria posto na Terra. Compete a criatura humana fazê-la produzir o certo e o bem. Se não é um elemento direto de progresso moral, sem contestação é poderoso elemento intelectual.

A pobreza é, para os que sofrem, a prova de paciência e da resignação; a riqueza é, para os outros, a prova da caridade e a abnegação.

Portanto, os males não são decorrentes da pobreza e nem da riqueza, mas do comportamento do ser humano em face delas. Não devemos jamais esquecer que, na abastança ou na provação, estamos comprometidos com o amanhã, quando colheremos os frutos doces ou amargos que plantamos na lavoura do certo e do bem ou nos desfiladeiros do erro.

Há bens materiais e espirituais. Os bens materiais nós deixamos neste mundo, não vamos levá-los quando deste mundo partirmos; os bens espirituais, nós os levamos conosco para o mundo maior e, como são imperecíveis, fazem a nossa grandeza espiritual.

Os ricos do mundo material que fazem errado uso de suas riquezas, arrastarão angústias e sofrimentos e, também, os pobres que forem abundantes em maldades e delinquências carrearão destruição e pesadelos.

Na humanidade, pequena parcela retém bens e fortunas, e um enorme contingente vive em precárias condições de vida física e entre estes extremos há uma população intermediária, muito numerosa.

A Doutrina Espírita vem para orientar e esclarecer todas as pessoas, em quaisquer condições ou posições sociais, lançar luz sobre as consciências de todos, ao desvendar para cada um a existência de Deus e Suas leis, do Espírito e da sua imortalidade - graças a Deus! - e de tudo o que se relaciona com o porvir celestial.

Dilata os horizontes ao descortinar a eternidade e mostrar que o desencarne é o portal da vida maior.

Rogo ao Mestre Jesus Sua luz abrangente sobre todos nós!

(O Reformador - 11/96)/(Elucidações Evangélicas)/(Em Torno do Mestre)/(Nas Pegadas do Mestre)

04 - Convidar os pobres e os estropiados - itens 7 e 8.

“Quando deres algum festim, convida os pobres e estropiados, os coxos e os cegos. E bem aventurado serás, porque esses não têm com o que te retribuir; Deus é quem te retribuirá na ressurreição dos justos”. Ao ouvir-lhe essas palavras, disseram os que estavam à mesa: “Bem aventurado aquele que comer do pão no reino de Deus”. Lucas XIV - 13 a 15.

Parecem descabíveis estas palavras de Jesus. Como poderíamos dar uma festa, e convidar somente pessoas que não são do nosso convívio, pessoas desconhecidas, esquecendo dos nossos parentes e amigos.

E Jesus deixou algum ensinamento que não fosse correto? Na época de Sua estada na Terra, pela falta de conhecimento do ser humano, havia necessidade de palavras duras, para que houvesse entendimento.

E até hoje, a grande maioria não entendeu as palavras do Mestre, não procurou estudar o Seu Evangelho.

Será que falta oportunidade?

O que existe é a falta de vontade, o desejo de nada compreender, a falta de tempo - entre aspas. O Evangelho está aí, exposto a todos que tenham desejo de conhecê-lo. E se não o entende bem, há sempre alguém para explicá-lo. Se não sabe ler, pode ouvi-lo. Hoje não há desculpas para não se procurar conhecimento, que é o caminho da evolução.

Atualmente as portas dos templos estão abertas. Existem programas religiosos na TV e no rádio. Os livros circulam por toda parte. Os diálogos são mais abertos. A liberdade é grande.

O desinteresse faz parte do ser humano, que está muito propenso a pensar só em si. E muitas vezes, do bem que faz, só pensa em tirar proveito, isto é, não passa de um empréstimo, do qual espera auferir largos juros.

E na maior parte dos atos praticados pelo ser humano, pelo bem do próximo, deseja que seja pago, pelo reconhecimento do beneficiado, pelos elogios do mundo, ou pelo merecimento que julgue adquirir aos olhos de Deus...

Bem aventurado tu serás, disse Ele, porque os pobres e os aleijados, os coxos e os cegos, não têm com o que te retribuir. Deus é quem te retribuirá na ressurreição dos justos.

Perfeitamente compreensíveis são estas palavras. Do ponto de vista humano, faz alusão aos que participam da vida feliz dos justos. Para seres humanos materialistas qualquer coisa se reporta a matéria. Por isso apresentou ao espírito dos judeus a ideia dos festins celestes.

A ressurreição do justo é o seu regresso à pátria espiritual. Aquele, que durante a sua peregrinação humana, viveu submisso às vontades do Senhor, será por Ele recebido, quando voltar à sua pátria. Para o Espírita, a ressurreição do justo, consiste em libertar-se da necessidade de voltar aos mundos inferiores de provações e expiações; consiste em ascender a mundos superiores ao nosso.

Que responderíamos ao nosso filho, que não cumprisse um só dos seus deveres para conosco, ou para com seus irmãos e viesse imediatamente dizer: “Fiz isto, o que me darás em recompensa?”. Sem dúvida, lhe responderíamos: “A principal recompensa está em haveres cumprido o seu dever?”.

E ele cumpriu o seu dever?

Não, não o cumpriu, portanto não terá recompensa. A maneira das palavras da resposta é que deve ser interpretada. Não nos atenhamos à letra que mata, e sim, ao espírito que vivifica o seu sentido.

Jesus não pensou em condenar as relações em família, amigos e vizinhos, não os convidando ao festim. Ensinou, apenas a parábola do desinteresse da recompensa pelo certo e o bem que se faz, porque no seio da grande família humana ainda existe o desejo de ser recompensado, pelo bom ato que pratica.

Ensinou que os festins da caridade material, que sustenta o corpo, dando-lhe alimentos, vestes e abrigo, assim como os da caridade moral, que alimenta e desenvolve o Espírito, devem substituir o luxo, a ostentação e o orgulho desses festins que se originam do interesse calculado, da vaidade, de sensualidade, nos quais se dissipa o supérfluo devido aos pobres que, material, moral e intelectualmente, carecem do necessário.

Jesus apropriava Sua linguagem às inteligências de seres humanos materiais, a fim de abalar e impressionar fortemente...

O apóstolo Paulo de Tarso, na epístola aos romanos, afirmou: “morremos para aquilo em que estamos retidos”. O que significa isto? Que é necessário morrer para aquilo que retém o nosso progresso espiritual, a fim de viver para as coisas novas e retumbantes, que na realidade alçam o Espírito para Deus, enquadrando-nos na célebre sentença: “Conheça a verdade e ela vos fará livres”.

E ainda nos diz o apóstolo Paulo de Tarso, em Atos dos Apóstolos: “A letra mata e o espírito vivifica”, significando que, tanto no livro dos profetas, como nos evangelhos, devemos deixar de lado a interpretação segundo a letra, para nos atermos ao significado segundo os valores espirituais.

Paulo de Tarso, ao contrário do que sucedeu com os apóstolos de Jesus, assim que conheceu a Boa Nova, deixou para trás todos os preconceitos e o apego as vãs tradições e abraçou incondicionalmente os imorredouros preceitos legados por Jesus Cristo.

Enquanto alguns apóstolos praticavam o batismo da água, Paulo proclamava que não veio batizar, mas sim, para evangelizar.

Enquanto alguns apóstolos continuavam apegados aos costumes da circuncisão, Paulo combatia frontalmente tudo o que favorecesse a circuncisão, sempre dizendo, que se precisa seguir os preceitos de Deus e não os dos humanos.

Assim deve ser o Cristão que segue os ensinamentos de Jesus Cristo, crendo com todo o fervor numa vida melhor, aceitar com resignação sua missão e, aprender a cada dia a mais amar ao próximo.

Não se pode apegar ao formalismo das letras, é necessário extrair delas o espírito que vivifica, isto é, o aprendizado espiritual. É imperioso que assim se suceda, para não cairmos nos erros dos antepassados.

Quando Jesus Cristo afirmou: “Eu e o Pai somos um”, Ele não pretendeu dizer que era para transformar em trindade, onde Ele, o filho, era parte integrante do Pai. O sentido foi dizer que entre Ele e o Pai, existe perfeita unidade, por isso se converteu em mensageiro de Deus na Terra. Ele executou a vontade do Pai, mas se deixou na dependência D’Ele, até mesmo a Sua submissão. No Horto das Oliveiras, Ele assim fez a Sua oração: “Meu Pai, seja feita a Sua vontade, e não a minha...”.

Vamos nos esclarecer sobre as palavras que abrem o Evangelho de João, capítulo I, versículo 18: “Deus nunca foi visto por alguém. O Filho Unigênito que está no seio, esse o fez conhecer”.

Não se pode conceber que Jesus seja o Unigênito de Deus, o que nos levaria a pensar que Jesus é o filho Único de Deus. Não são as palavras de João que estão erradas, e sim, a maneira de ser escrita.

O próprio Cristo nos diz que não é o Filho Único de Deus, quando disse a Madalena, o que está bem claro no Evangelho de João, capítulo XX, versículo 17: “Não me detenhas porque ainda não subi para meu Pai, mas vai para meus irmãos, e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus”.

Neste trecho evangélico, fica bem evidenciado que Deus é Pai de todos, que todos são Seus filhos, desde os que já são corretos, que são denominados santos, até os ainda muito errados, que são denominados demônios...

Ainda falando do sentido que damos às palavras, precisamos examinar as expressões e ditos que nenhuma justiça fazem a ideia sublime de Deus.

Costumamos dizer: “pagam os corretos pelos errados”, - jamais o correto pagará pelo errado. Não há quem pague o que não deva. Isto é desconhecimento da Doutrina reencarnacionista. Quando assistimos o tormento da criatura boa, caridosa e justa, estamos certos, que ela está resgatando faltas de existências passada, a não ser em raros casos, em que o Espírito encarnado, embora altamente evoluído, escolheu livremente a missão de sacrifício para ajudar irmãos que ainda se demoram no erro.

E quando, o tormento e a angústia nos atingem, nosso primeiro impulso é dizer: “Que fiz para merecer tamanha desgraça?”. Isto é duvidar da Justiça Divina, achando que Deus aplica penalidades em seres aparentemente desprovidos de culpa. O que sabemos nós do que fizemos de erra-

do através da série enorme das vidas que nós vivemos? A dor que nos atinge, é sinal de redenção. Como pagamos, é porque devemos. Na contabilidade minuciosa de nossos atos, nenhuma ação ocorreu sem a correspondente reação. O tormento deve, assim, ser recebido com humildade... Quanto mais cedo nós quitarmos com nossos credores, mais cedo poderemos desfrutar da suprema alegria da espiritualidade.

Outro dito comum: “Deus dá nozes a quem não tem dentes” ou a outra: “Deus dá asas a quem não sabe voar”.

Quando dizemos estas palavras, estamos falando de um “deus” vingativo e maldoso que se diverte em dar nozes a quem não tem dentes para mastigá-las e asas para quem não sabe utilizá-las. Estes provérbios são produto do desconhecimento das leis de Deus.

Se hoje temos nozes e não podemos comê-las para matar a fome, é porque ontem, num passado que se perde na poeira dos séculos, a muita fome e muita miséria fizemos nossos pobres irmãos sofrerem. É porque tínhamos demais e não soubemos dar. É porque nós, nem a migalha dos nossos restos dávamos a infelizes ao pé de nossas mesas. É porque nós, enceguecidos pelo egoísmo da matéria, comíamos nossas nozes regaladamente, à vista da criança faminta... Se hoje, não voamos com as asas que temos, é porque em outras épocas, voamos para os abismos do crime e da miséria moral, em vez de nos alçarmos às esferas de luz e de amor. A punição e o tormento não veem das mãos de Deus; nós mesmos as criamos ao praticarmos os nossos erros. O equilíbrio no balanço da vida, só se obtém por partidas dobradas, como ensina a contabilidade. O erro que cometemos contra o irmão, fica debitado à nossa conta, simultaneamente, creditado em uma conta a resgatar, em futuro próximo ou longínquo. Da mesma forma, o gesto de caridade e amor, de perdão e ajuda, escritura-se, com larga bonificação, a crédito da nossa conta corrente, representando do outro lado, lucro líquido e certo, a favor do nosso desenvolvimento espiritual, superávit cambial divino, com o qual resgatamos dívidas morais.

Lavoisier dizia que nada cria, nada se perde, tudo se transforma. O sábio se referia às leis materiais. Pode se estender esse ensinamento às leis morais, pois nenhum gesto de bondade e amor se perde no vazio. A cada um deles corresponde uma compensação, muitas vezes superior ao mérito da ação que praticamos. Igualmente, nenhum gesto errado, de crueldade, se perde. Sendo, como é, uma atitude negativa, cria uma espécie de molde espiritual e que, um dia, será utilizado contra nós mesmos. Se criarmos nosso futuro de dores, preferindo o erro, porque atribuímos a Deus sentimentos mesquinhos de vingança e castigo?

Outro provérbio invigilante, que é muito comum em nossas bocas: “parentes são dente, mesmo assim mordem a gente”. Além da rima forçada, nela se desconhece a lei da reencarnação. Os parentes que temos nesta são os que merecemos. Algumas vezes, escolhemos a família onde desejamos nascer, outras vezes, os nossos compromissos são tão sérios com a Lei, que nossos Mentores nos trazem caridosamente para o melhor meio que atenda o nosso desenvolvimento.

Assim, o antigo assassino recebe como filho àquele que em outra existência roubou a vida física. Os adversários irreconciliáveis nascem sob o mesmo teto, muitas vezes, como irmãos gêmeos xifópagos, para reaprenderem a lei do amor, da tolerância, da cooperação. O filho inválido, do qual somos obrigados a cuidar, foi talvez, aquele que sacrificamos em vidas passadas. O parente transviado, que tantas angústias e sobressaltos hoje nos causa, não seria aquele que nós mesmos ajudamos a transviar em vidas pretéritas.

Vemos que os parentes não mordem a gente, como diz o ditado, apenas se congregam em torno de nós, para que juntos aprendamos a nos amparar, sofrer e caminhar.

Os mestres do Espiritismo nos fazem entender que, não pode haver felicidade, nas sublimes mansões do espaço, para aqueles que deixaram pais, irmãos, filhos, parentes, ainda presos ao cipal do erro.

Nós mesmos, embora conscientes de algumas leis superiores da vida, quanto não precisamos evoluir para alcançar aqueles que lá de cima velam e sofrem por nós?

A família é, pois, um grupo que caminha, oferecendo mútuo amparo, revezando-se aqui na Terra e no Além, uns na carne e outros em Espírito. Por que então o dito amargo; mordem a gente?

Vamos começar a desfazer esses provérbios mal formados e informados?

Aprendendo o Evangelho do Mestre Jesus Cristo, vamos tirando de nós todos esses errados costumes. E os corretos Espíritos estarão sempre nos ajudando.

Com a ajuda dos corretos Espíritos, do Mestre Jesus Cristo e a Luz Divina haveremos de vencer!

(Os Padrões Evangélicos)/(Elucidações Evangélica)/(O Reformador - 11/96)

05 - A caridade material e a caridade moral - item 9.

A caridade moral é a mais nobilitante. Ela dispensa os recursos materiais para exercê-la e ninguém se encontra impedido ou impossibilitado de fazê-la. É mais ampla e exige a completa renúncia do egoísmo e do orgulho, porque é considerada como o autêntico caminho da elevação espiritual.

Ricos e pobres podem exercitar a caridade moral:

- suportando-nos uns aos outros, sem aguardar que todos sejamos perfeitos, para só então nos tolerarmos mutuamente,
- calando-nos, a fim de que se estabeleça a paz, mesmo que alguém menos vigilante prossiga falando impensadamente,
- fazendo-nos surdos às palavras zombeteiras,
- tornando-nos momentaneamente cegos, não vendo a ironia e o escárnio emoldurando os lábios daqueles que se consideram superiores a nós,
- orando pelos que desencarnaram sem ter tido a felicidade de divisar a luz do certo e do bem que nos ilumina,
- pacificando os desesperados e os que se azedaram com os repetidos insucessos em nosso mundo através da mensagem consoladora do Espiritismo Cristão,
- amparando os velhinhos com demonstrações de afeto, induzindo-os a sentirem-se amados, senão pelos seus que se fazem ausentes, ao menos pelos irmãos de humanidade,
- dando às crianças, perturbadas pelas erradas companhias, branda advertência que as lembre de que o Pai a todos vê e distingue os nossos corretos e nossos errados atos.

Rendamo-nos ao imperativo do amor ao próximo.

A caridade material auxilia o corpo físico; a moral constrói no mundo do Espírito, parcela eterna de cada um de nós, permitindo que a penúria do Espírito finde até mesmo antes do que a pobreza material que nos assola.

Se pudermos conjugá-las, ofereçamos pão e luz aos necessitados.

A caridade moral nada nos custa e, no entanto, é a mais difícil de se praticar. Amar o nosso próximo é caridade moral.

Dar um sorriso, cumprimentar as pessoas, ser tolerante nas filas, não reclamar da vida física, olhar todas as pessoas como filhos de Deus, nossos irmãos, passar aos outros tudo de bom que sabe fazer.

A caridade material também deve ser praticada. Nas grandes calamidades, a ajuda material anima as pessoas. Quando temos alimentos em abundância em nossa mesa, podemos reparti-los. Não devemos deixar que nossas roupas embolorem por falta de uso, quando se têm outros corpos físicos precisando de agasalho.

E, ao praticarmos a caridade material, façamos com amor, não deixando que a mão esquerda veja o que a direita faz. Pratiquemos a caridade material sem humilhar o que nada tem, lembrando que um dia estivemos nessa situação e que ainda poderemos passar por ela.

O ideal é passarmos ao nosso irmão a caridade material e a espiritual juntas, ensinando que o corpo físico carece do alimento, mas que nem só de pão vive o ser humano.

Todos nós necessitamos da caridade moral, tanto o pobre como o rico. Quantos têm pão em abundância e lhes falta a paz do Espírito.

No campo da assistência fraternal temos de evoluir, constantemente, até alcançar o grau de caridade integral, ou seja, socorro ao corpo físico e ao Espírito. Nessa integração que experimentamos na área da caridade legitimamente Cristã, compreendemos que o corpo físico e o Espírito são componentes de um mesmo ser, incumbindo-nos amparar ambas as faces, a fim de que uma não feneça por falta de cuidados.

Não esqueçamos, porém, de algumas atitudes fundamentais:

- evite lembrar os problemas dolorosos do assistido; para não abrir chagas em cicatrização. Não bastasse tal, a dor que lhe poderá ser enorme, nem sempre terá para nós a mesma significação. Quem relata o próprio desalento, com estômago vazio, nem sempre será suficientemente compreendido por quem haja feito refeições regulares,

- apaguemos quaisquer sinais ostensivos de superioridade de conhecimentos, de indumentária, de comportamento ou de economia, perante o socorrido; a fim de não inibi-lo e para que ele nos possa falar de irmão para irmão,
- não tenhamos pressa na colheita de resultados. Cada companheiro de caminhada terrena terá o seu tempo de maturação, que não podemos apressar estouvadamente e nem sempre conseguimos acompanhar, porque medimos os nossos semelhantes pela métrica de aspirações e virtudes que ainda não temos no cotidiano,
- não subestimemos a capacidade de regeneração de criatura alguma; induzidos pelo aspecto físico combatido, pela manifesta ou oculta indiferença ou alheamento das coisas do Espírito. Cumpramos o que nos toca, confiando em todos, assim como Jesus tem confiado em nossa recuperação no curso dos séculos,
- não nos transformemos em religiosos especializados em regras de intolerância, que vigiam os seres humanos com olhos duros exigindo de todos comportamentos que exprimam santificação externa,
- não acreditemos em posição de privilégio, por fruto de nossos méritos, estudando os assistidos como quem examina material deteriorado ou de qualidade inferior. Na maioria das vezes, a nossa situação atual nada mais é que uma oportunidade de serviço na Seara do Senhor, por acréscimo da misericórdia Divina,
- conservemos sempre acesa a chama do amor em nosso coração, para que não se enfraqueça a nossa afetividade no contato com Espíritos empedernidos que são convocados por nosso intermédio, para o Aprisco do Senhor,
- não planejemos ilusões, julgando que o mundo há de render-se à nossa quota de trabalho e transformar-se, miraculosamente, aos nossos ensaios de caridade. Há expiações e provas de pobreza e de dores físicas que não podemos tirar de seu curso sem graves prejuízos ao assistido,
- respeitemos os nossos compromissos pessoais, sem nos cegarmos por impulsos generosos. A caridade não dispensa o concurso de nossa disciplina e começa sempre em nossa própria família,
- não nos desvinculemos dos estudos nobres dos postulados doutrinários e nem sejamos cultores das fábulas dos falsos profetas da espiritualidade, porque o amor, por muito nobre, quando sem a iluminação da sabedoria, se torna uma trilha que já conduziu a muito crime, utilizando o nome do Cristo,
- não alimentemos o anseio que todos os assistidos se tornem Espíritas ou trabalhadores do Espiritismo Cristão. Muitos deles não podem ainda desligar-se das formas religiosas a que se filiam. Devem ser assistidos sem sofrerem nenhuma violência extemporânea,
- não nos detenhamos em martirizar-nos, por não conseguir espantar o fantasma da fome, a presença da enfermidade grave, as mutilações acidentais ou congênicas, os quadros obsessivos. Sempre devemos servir, até a extenuação de nossas energias, mas sem escandalizar-nos com o estágio de evolução em que vamos descobrir os assistidos,
- desarmemos a expectativa da palavra de gratidão, ou de reconhecimento pelo certo, ou bem, distribuído. A maioria das criaturas humanas ainda não sabe acolher com gratidão os fenômenos da própria Natureza, reclamando, ora contra o Sol renovador, ora contra a chuva benéfica, num momento contra o frio e noutra contra o vento,
- procuremos pela conquista do equilíbrio espiritual, provendo-nos de energia e amor. Se o amor destrambelhado induz à derrocada dos melhores propósitos, a disciplina excessiva pode asfixiar as melhores obras.

Ponderemos, semanalmente, nossas atitudes de caridade.

Não tenhamos receio de mudar, para melhor, os programas que vimos cumprindo. Nossos estatutos e nossas regras deverão estar em marcha para a luz do Cristianismo, pois não são, ainda, expressão de sublimação divina. Daí a necessidade de atualização contínua, até que nos ajustemos, no transcorrer dos séculos, ao gênio da Doutrina Espírita Cristã.

Nunca nos creiamos inúteis. O caminho para a vida superior começa na prestação de serviços aos outros. E as Leis de Deus não lhe conservariam onde se encontra, se aí, não tivesse tarefas a cumprir.

Reflitamos e reconheçamos que todos os seres, ao redor de nossos passos, algo esperam que os mantenham e os auxiliem.

Ergamo-nos a cada manhã. Observemos e perceberemos que todos aqueles que se associam ao nosso grupo doméstico, aguardam o nosso sorriso ou a nossa frase encorajadora, nos quais se nutrem de equilíbrio para mais um dia de trabalho e esperança.

Nas tarefas em que nos encontramos, os companheiros nos rogam cooperação.

Na rua os transeuntes nos pedem paciência, expressando entendimento e bondade.

E a lista de requisições prossegue aumentando.

O irmão da sua comunidade reclama simpatia; os necessitados aguardam o socorro que é possível fazer; o animal esmola proteção; a planta requisita respeito; a fonte espera que lhe preserve e defenda; o ambiente em que vivemos conta conosco na execução dos próprios deveres a fim de que a paz felicite a todos.

E se estivermos acordados, ante os princípios do bem eterno, compreenderemos em todas as situações e em todos os lugares, que Deus possibilita da nossa cooperação e espera por nós. E o Mestre Jesus Cristo estará nos orientando!

(Deus Aguarda)/(Jesus e Kardec)

06 - Parábola espiritualista - A caridade - item 10.

Era um tribunal espiritual. No vasto recinto, sentavam-se atrás de uma mesa várias figuras veneráveis, sobre cujas cabeças havia um halo resplandecente. O ambiente era iluminado por uma luz verde, repousante, e tomando toda a parede havia grande cruz que lentamente se iluminava.

Uma paz serena envolvia todos os corações e no éter vibrava uma suavíssima música que fazia elevar os Espíritos numa suspensão de prece.

Súbito se fez silêncio, e o presidente se erguendo e elevando os olhos, murmurou:

- Mestre amado. Louvado seja o Vosso sagrado nome. Aqui estamos para ouvir e julgar três dos vossos filhos que terminaram o seu estágio na Terra. Rogamos para eles a Vossa bênção e Vossa proteção, e pedimos permissão para iniciar os nossos trabalhos.

Um murmúrio de bênçãos correu entre os presentes e, quando se fez silêncio, uma voz vinda do alto, encheu o enorme recinto:

- Fale o primeiro irmão.

Uma sombra adiantou-se para uma espécie de púlpito e descobrindo o rosto, disse:

- venho do departamento de recuperação,

- que fizeste na Terra?

- fui preboste do rei,

- que realizaste de bom?

- defendi a coroa e a religião, estendi a fé cristã a pontos extremos do mundo.

Fez-se silêncio e depois de alguns momentos, uma segunda voz cheia de energia, vibrou do alto:

- foste um flagelo! Tua vaidade, teu orgulho, tua cupidez fizeram a humanidade dobrar no sofrimento e na dor,

- será que não tem nada que venha em teu socorro? Perguntou a primeira voz,

- fui bom pai, fiz caridade... Murmurou tremulamente a sombra,

- tiraste de outros pais para dar aos teus filhos que tudo tinham e a tua caridade foi farisaica, para que te aplaudissem.

Os jurados da mesa comunicaram-se entre si, e o presidente anunciou:

- já tiveste a paga pelo que fizeste de bom, sendo que teu débito aumentou assustadoramente.

Anda pelo orbe sozinho, sem os antigos bajuladores que te acompanhavam e vê com os próprios olhos o mal que fizeste com tua prepotência, teu orgulho. Quando estiveres farto de todo o sofrimento que causaste, roga ao Divino Mestre que te conceda a graça de voltar à Terra sob a carne dolorida de um mendigo leproso.

A sombra curvou a cabeça, mas, em passos firmes onde se via ainda o orgulho, afastou-se ladeada por acompanhantes transparentes.

Uma segunda sombra tomou lugar no púlpito. Era uma pequena figura de mulher.

- venho da Terra diretamente a este recinto.

Um murmúrio de admiração correu pelo tribunal.

- que fizeste no mundo?

- fui irmã de caridade, devotei-me aos que sofriam, e nos terríveis dias da peste negra, chorava, quando nenhum lenitivo podia dar aos meus pobres doentes,

- pura entre os puros! Exclamou a segunda voz, num timbre de alegria.

O presidente levantou-se e concluiu com alegria:

- ganhaste o estágio em alta esfera, que Deus continue a mostrar-te a estrada!

A pequenina sombra prosternou-se e erguendo-se, traçou sobre o peito um amplo sinal da cruz.

- fale o terceiro irmão.

Era um jovem forte e, apesar do sorriso que o iluminava, havia no seu rosto macerado indefinível tristeza.

- também vim diretamente a este tribunal,

- que fizeste na Terra?

- quase nada, não houve paradeiro e nem pousada certa. Por onde andei, ajudei os que precisavam de um braço e amparo. Aqui era aguadeiro, ali pastor, mais além coveiro, e o que ganhava, repartia pelos que eram mais famintos do que eu. Minha grande alegria era a Natureza. Fui um poeta do Criador. Encantava-me o palpitar de uma asa, o pipilar dos passarinhos famintos num

ninho e o laborioso trabalho de um broto, rasgando a casca humilde para se transformar mais tarde em folhas, flores e frutos. Emocionava-me o nascer do Sol e o seu poente e nada me magoava mais do que o triste choro de uma criança,

- e o que te ensombrece a face? Saudade da Terra?

- não, magoa-me o coração o ter falhado na minha última missão,

-conta-nos o acontecimento para que te julguemos.

A sombra curvou a cabeça sobre o peito como se meditasse e começou:

- eu o encontrei escondido na orla do bosque, fui guiado pelos seus gemidos e com grande custo, consegui puxá-lo até a clareira,

- fui ao povoado mais próximo e arranjei um pedaço de pão, água e voltei onde estava o ferido. Não o encontrei. Segui-lhe as pegadas e encontrei-o desmaiado. Cavara um buraco ao pé do carvalho, mas não conseguira puxar um saco que descobrira. Tirei-o para fora e espantado, vi que continha castiçais de prata, coroas de ouro cravejadas de brilhantes, e cálices de metal usado no serviço religioso de um templo. O desconhecido acordou do desmaio e levou a mão à cintura onde se via uma bacia vazia. Esboçou um sorriso e disse: - Eu lhe conto toda a história. Sou servente leigo da abadia do condado, e o moleiro e o filho me obrigaram a roubar estas peças da igreja do convento. Fugimos ao anoitecer, fi-los se perderem no bosque e escondi o tesouro. Era minha intenção voltar e entregar o produto de tão grande crime, mas eles me encontraram e tudo fizeram para que eu contasse o esconderijo. Desanimados e raivosos me golpearam e me deixaram quase morto.

No rosto do ferido, transparecia a falsidade, a mentira e a maldade. Dei-lhe pão e água e disse que ia deixá-lo. Rogou-me que não o fizesse, que o ajudasse a reparar a involuntária falta. Tive pena do infeliz e enquanto esperava que se refizesse, aconselhava-o a tornar sua vida simples e honesta na sacristia. Quando se sentiu com forças, pusemo-nos a caminho. Pedi que pusesse a riqueza roubada no meu saco, sob o pretexto que o outro estava rasgado. Quando estávamos perto do povoado, foi acometido de súbita fraqueza. Amparei-o e ele passou-me o saco com o roubo da igreja. Mal chegamos ao povoado, fomos aprisionados. No convento, o servente acusou-me como autor do roubo e dos seus ferimentos. Fiquei pasmo em ver a abjeção daquele Espírito. Nada fez para salvar-me. As provas todas contra mim. Fui condenado à roda. Meu martírio foi indescritível. No pátio da abadia fui deitado sobre uma roda e tive meus braços e minhas pernas esmagados. Fiquei desconjuntado horas e horas. A contração dos músculos causava-me dores inenarráveis que se foram intensificando à medida que a gangrena avançava. Pareceu-me sofrer um século. O ladrão empedernido assistiu ao martírio, sorrindo, e coitado, mal sabendo que a minha maior dor era sentir-me fracassado em não conseguir fazer no seu Espírito uma réstia de arrependimento.

A sombra calou-se comovida enquanto um largo murmúrio perpassava entre os ouvintes. E o presidente levantou-se e exclamou:

- meu irmão, és a própria síntese da caridade. Tu serás ainda hoje, recebido pelo Divino Mestre.

Todos os componentes do Tribunal ergueram-se vibrantes, louvando em Jesus, o poeta do Criador que viera da Terra após cruel martírio.

Vimos que não há somente caridade em distribuir esmolas, em vestir, em matar a fome, mas também em falar, ouvir, impedir, favorecer, ajudar, esquecer, recordar, amar e perdoar. Se consolarmos aos que choram; se incitarmos aos que fraquejam; se não replicamos aos que nos anatematizam e se termos um sorriso de compaixão para os que nos ferem, mora nos nossos corações a própria caridade, a excelsa virtude que nos conduz diretamente à morada do Senhor.

Senhor!...

Ensina-nos a compreender a importância dos outros.

Em verdade, recolhemos de alguns as dificuldades e os problemas, no entanto, de inúmeros outros obtemos as alegrias e as bênçãos que nos enobrecem a vida.

Entre alguns outros, surpreendemos os adversários gratuitos que, por vezes, buscam entrar-nos os passos; faze-nos entender que, entre muitos outros, encontramos os amigos e os benfeitores, os companheiros de ideal e trabalho, os que colaboram conosco, em nossas realizações, e os que aliviam nas tribulações do caminho.

De alguns, temos a censura, mas, de outros recebemos os estímulos ao desempenho das tarefas que nos confiaste.

Alguns nos inclinam ao pessimismo, entretanto, outros muitos nos estendem cooperação e esperança, encorajamento e carinho.

Das mãos de alguns recebemos obstáculos que nos alarmam por momentos, de outros recebemos consolo e incentivo, apreço e aprovação para muito tempo nas trilhas do cotidiano.

Quando a nuvem da provação nos alcance, induze-nos a buscar, com humildade, o socorro dos corações que se nos fazem doadores da paz e da segurança, de que todos necessitamos para viver, segundo os Teus desígnios.

Senhor, haja o que houver da parte de alguns, para que se nos enfraqueçam as energias na nossa estrada do próprio aperfeiçoamento, auxilia-nos a procurar o concurso dos outros com a aceitação de nossa pequenez, para que não nos falem as oportunidades de serviço e aprimoramento, aprendizado e renovação, hoje e sempre.

Que assim seja, nas Suas graças Senhor!

(Parábolas Espiritualistas)/(Deus Aguarda - Meimei).

07 - A beneficência - item 11.

Virtude é disposição firme e constante para a prática do certo e do bem.

Qual é a mais meritória de todas as virtudes?

Todas as virtudes têm o seu mérito, porque todas são indícios de progresso no caminho do certo e do bem. Há virtudes sempre que há resistência voluntária ao arrastamento das erradas ou más tendências; mas a sublimidade da virtude consiste no sacrifício do interesse pessoal para o bem do próximo, sem segunda intenção. A mais meritória é aquela que se baseia na caridade mais desinteressada. (questão 893 do livro dos Espíritos)

Hoje, nos nossos dias, pouco se comenta ou se usa a palavra virtude. No entanto, pelo nosso planeta afora existem muitas criaturas virtuosas, trabalhando pelo seu próximo e por si mesmas, reformando-se intimamente. Seria maravilhoso se houvesse divulgação para as virtudes tocarem os corações endurecidos.

Precisamos valorizar e incentivar as qualidades virtuosas, porque a virtude não é algo distante do nosso modo de ser. Se muitas vezes conseguimos, por vontade própria, afastar de nós os malefícios, estamos cultivando virtude.

Nas virtudes temos os padrões de comportamento que um dia chegaremos a vivenciar espontaneamente, sem que isso nos custe esforço. Reagiremos de modo natural, por hábito, com corretos e bons sentimentos, sem dificuldades.

A atitude virtuosa deve estar despida de interesse pessoal, ou das intenções ocultas; praticar o certo e o bem pelo próprio bem. Os amigos da espiritualidade nos dizem: “O sublime da virtude consiste no sacrifício do interesse pessoal para o bem do próximo, sem intenção oculta”.

A maior qualidade que a virtude pode ter é a de ser praticada, com a mais desinteressada caridade, o que lhe confere grandioso mérito.

As características fundamentais das virtudes são:

- a) - disposição firme e constante para a prática do certo e do bem;
- b) - prática da resistência voluntária ao arrastamento das erradas e más tendências;
- c) - sacrifício voluntário do interesse pessoal, renunciando pelo bem do próximo, isto é abnegação;
- d) - prática da caridade desinteressada, empregada com discernimento para o proveito dos que dela necessitam;
- e) - dedicação com sentimento de amor profundo e desprendimento, isto é devotamento;
- f) - fazer o certo e o bem espontaneamente, com naturalidade, por hábito, sem esforço ou dificuldade.

Eis o nome das virtudes mais comuns que almejamos exercitar:

- humildade, modéstia, sobriedade;
- resignação;
- sensatez, piedade;
- afabilidade, doçura;
- compreensão, tolerância;
- perdão;
- brandura, pacificação;
- vigilância, abnegação;
- dedicação, devotamento.

Cultivando estas virtudes, estamos praticando a caridade, lembremos que; sem caridade não há elevação espiritual!

Reformar-nos intimamente é praticar caridade para conosco e com o nosso próximo. Conseguir a reforma íntima é uma grande virtude.

Hoje, no Evangelho Segundo o Espiritismo, a virtude da qual estamos falando é a beneficência.

A beneficência deve estar acompanhada da generosidade. A generosidade é característica dos que se aplicam a caridade com naturalidade e espontaneidade.

Ser generoso é ser correto e bom, pródigo, saber fazer o bem, ser desapegado aos bens materiais, ter alegria e satisfação em servir. Contentar-se com aquilo de correto, bom e agradável que possa proporcionar a alguém.

Quem é generoso, não sente dificuldade em ser bom, não lhe é sacrificial. Pelo contrário, o faz por gosto e satisfação, não se cansa, não se irrita, não se perturba.

O generoso age com beneficência, com filantropia, com bondade.

Inumeráveis são as oportunidades de fazer o certo e o bem e incontáveis os meios de aplicá-lo.

Vejamos como:

- saber fazer-se de surdo quando uma palavra irônica escapa da boca propensa a nos ridicularizar;
- não ver o sorriso desdenhoso de quem nos recebe com superioridade e indiferença;
- fazer o certo e o bem sem comentários ou qualquer referências ao nosso gesto;
- dissimular o benefício quando prestado a alguém para não embarçá-lo ou causar-lhe melindre;
- não permitir homenagens ou honrarias por qualquer bem praticado;
- procurar o serviço ao próximo, com os próprios meios que pode oferecer, empregando as forças, inteligência e habilidades para realizar os propósitos generosos;
- saber tirar das próprias privações, mesmo o que faça falta, quando for necessário àquele que será ajudado;
- vigiar severamente, nas ocasiões em que presentear alguém, se o faz por obrigação ou com vistas à retribuição, ou se tão somente pelo prazer de fazê-lo;
- trabalhar para os pobres, dedicando algumas horas do dia, na própria casa, à confecção de roupas, agasalhos ou enxovais a recém nascidos;
- repartir o guarda-roupa não só no que sobra, mas também ao que ainda possa ser mais útil ao irmão necessitado;
- dedicar assistência ao atendimento ou carências mais prementes dos serviçais ou subalternos com os quais convive, no lar ou no trabalho;
- olhar, ouvir, falar, acariciar, com o coração pleno de amor, aos familiares que estão sob dependência, e que, ligados pelos laços consanguíneos juntos retificamos os comprometimentos do passado.

Todos podemos dar algo; a qualquer classe que pertençamos, teremos sempre alguma coisa que pode ser repartida. Seja o que for que Deus tenha concedido, devemos uma parcela aos que não têm sequer o substancial, pois, se alguém dividisse conosco, ficaríamos contentes.

Nossos tesouros da Terra podem diminuir um pouco, mas nossos tesouros no Céu serão acrescidos. Lá colheremos pelo cêntuplo o que semeamos em benefícios neste mundo...

A Onipresença de Deus significa beneficência, para que ajamos em Seu nome, efetivando as obras que estão por realizar e dependentes de nossa responsabilidade, e à espera da nossa disposição de servir.

Deus atua na humanidade através dos seres humanos, por isso precisamos ser instrumentos conscientes de nossas obrigações. Deus é a energia que nos imprime energia, amor que nos insufla amor.

A beneficência com generosidade é um sentimento cabível em qualquer circunstância. E deve-se saber que não há Espíritos ricos e nem pobres. Há cadáveres milionários e pessoas que empregam mal a sua fortuna e muita gente com cultura que se transvia na delinquência.

Nós somos irmãos em Cristo, filhos de Deus, descendentes de uma só família.

Na beneficência com generosidade devemos aprender a diferença entre conceder e repartir.

Conceder constitui atendimento a pedido, repartir é dar, sob a inspiração da caridade pura, irmandando Espíritos, no reino das perfeições divinas.

Conceder estabelece barreiras. Repartir dissolve limitações. Repartir é abraçar o certo e o bem, segundo a beneficência do Criador, que espalha tesouros da vida a todas as criaturas.

Conceder, às vezes, ainda inferioriza alguém. Repartir eleva a todos.

Não concedamos apenas o que nos sobre, repartamos o que usamos. Quando concedemos algo do que temos, decerto já faremos muito, mas se repartimos, fazemos muito mais.

Pela nossa tranquilidade íntima, sabemos se estamos agindo certo ou errado. Nós somos o nosso próprio julgador e sabemos perfeitamente quando concedemos ou repartimos.

Se o erro, ou mal, jamais perturba a paz, o certo, ou bem, nunca forja o pânico. Nisso tudo, sabemos que nem sempre é reto o fio de nossa estrada, mas podemos imitar a corrente que salta as pedras cantando alto.

Vamos começar hoje a praticar alguma virtude, porque temos, queira ou não, o livro de crédito e débito. Isto é; a Lei de Deus.

Em toda parte, com todas as criaturas, temos o princípio atuante de causa e efeito.

Todos nós carecemos de revisar verdades. Se não pararmos de vez em quando para pensar, acabamos consumindo erros por acertos.

Dever cumprido é direito à mostra. Não é lícito transfigurar honestidade em heroísmo, porque honestidade é obrigação.

Reflitamos na importância da coluna de crédito no livro de nossa experiência. Todos nós temos tempo para realizar investimentos constantes. Investimentos de tempo, tolerância, gentileza, atenção.

Fazer o máximo não é só atender o que nos pedem. É realizar além do pedido. É ultrapassar as fronteiras da ação que os encargos nos incumbiram.

Se colaborarmos com o diretor do nosso trabalho, guardemos a certeza de que ele responderá com magnanimidade, justificando nossas faltas.

Se você auxilia o subalterno, melhorando-lhe a condição de maneira espontânea, encontrará nele o amigo vigilante de sua administração.

Faça uma criança sentir-se feliz e estará capitalizando apoio inestimável para o futuro.

Uma frase de gratidão e encorajamento a quem lhe presta serviço, fará com que amanhã o serviço em seu favor surja melhor.

Imagine a extensão de virtudes, se admitirmos a felicidade pelo bem dos outros, através do serviço que ultrapasse os limites do nosso dever.

Contando ou não com a recompensa da vida, a remuneração virá certa. A Justiça Maior possui canais ignorados pelos quais os salários chegarão às nossas mãos.

Não podemos esperar desencarnar para ver as consequências do certo ou do errado nas trilhas da nossa conduta. Nós temos o livro de DEVE e HAVER no armazém do Universo. Podemos verificar aqui na Terra mesmo.

Examinemos o que temos feito para o nosso crédito. Nós somos capazes de realizar prodígios em matéria de aquisições em nosso próprio favor, mas devemos começar hoje.

Começemos já e, com certeza, o Mestre Jesus estará nos ajudando em nossas novas aquisições e acrescentando o Seu amor por nós.

Assim seja!

(Técnicas de Viver)/(Manual Prático do Espírita)

08 - Francisco de Assis - item 12.

Francisco de Assis foi a Roma. Sentiu necessidade de falar com o Papa. Era consciente e compreendia profundamente o que era o catolicismo e o cristianismo.

Salmo 69: “Pus um pano de saco por vestes, e me tornei um escárnio para eles”.

As vestes de Francisco de Assis, como de seus companheiros, eram de sacos, daqueles que já tinham servido para outras utilidades, preso na cintura por cordões trançados pelas suas próprias mãos.

Chegando a Roma, procurou uma estalagem, na sua mais alta simplicidade, expôs para o Sr. José Maria, que o seu ideal era falar com o Papa sobre sua missão, como entendia o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo.

O estalajadeiro embevecia-se ao ouvir Francisco falar. Chegou a ter vontade de fazer parte do grupo. Nas regras de Francisco, achou inconveniente, sem expor seu ponto de vista, a renúncia aos bens terrenos e a castidade.

O homem de Assis, pela sua penetração psicológica, percebeu a fraqueza do Sr. José Maria e a nada o forçou. O caminho dele era outro; devia dominar os impulsos inferiores, para combater o erro, isto ao longo da vida, no dia a dia com cada um.

O dono da estalagem trazia gente nova todos os dias para conversar com Francisco, e todos saíam admirados com a sua presença e a sua fala. Trocavam ideias em torno da vida de Jesus, de Sua missão, de Francisco no mundo, e de seus mais profundos objetivos.

Certa noite e, num profundo silêncio na Cidade Eterna, ali estavam somente Francisco e o Sr. José Maria, este pegou as mãos de Francisco, beijou-as com ternura e disse:

- meu amigo, na noite passada, eu tive um sonho, que não acredito ser sonho, mas realidade. Pude observar um cortejo de anjos descendo nesta estalagem, e adentrando à casa a tua procura. Alguns beijavam as tuas mãos, falando palavras de conforto e de esperança, e cobrindo-te da mais bela roupagem que se pode pensar. Pareceu-me que o Céu desceu à Terra a tua procura e até alimentos te deu em forma de luz. Cantaram hinos de louvor e falaram sobre coisas que não entendi.

Após alguns dias, Francisco quis passar-lhe alguns valores, em pagamento da ocupação da estalagem, mas o português estalajadeiro não aceitou e ainda se colocou a disposição para tudo que dele precisasse. Francisco ficou constrangido e pensou em como poderia ajudar. A partir daí, ele e seus companheiros, nos momentos de descanso, iam para a cozinha ajudar.

Dona Zita, mulher do estalajadeiro, com toda meiguice, disse-lhes que não era necessário que trabalhassem para comer e dormir, por serem filhos da caridade e preocuparem-se somente com o bem estar das criaturas.

Francisco olhou-a com ternura e disse:

- senhora, os teus sentimentos estão iluminados pelo amor de Deus; no entanto, quero que saiba, que o trabalho para nós é força que alivia a consciência e desata a alegria presa no coração. O primeiro dever do ser humano deve ser o trabalho que, com amor, é oração das mais festejadas pelos anjos do céu. Quem não trabalha com alegria, não sente a manifestação da vida e não tem a oportunidade de conhecer o Criador, que não para um instante, e Jesus Cristo, que opera sempre em nós e fora de nós; nós te pedimos por caridade, que nos deixeis trabalhar na cozinha e na limpeza desta casa, cujas portas foram abertas para nós, e a fraternidade nos acolheu como filhos do coração.

A seguir beijou as mãos de dona Zita com gratidão, dizendo:

- Deus te abençoe, e que a vida te conduza para o coração de Cristo.

Os companheiros de Assis trabalhavam na higienização da casa e mais ainda da cozinha, preparando alimentos para centenas de pessoas, quase todas viajantes.

Certa noite, José Maria quis falar-lhe.

- fala meu irmão, fala!... É um prazer ouvir-te. Queremos saber tudo o que seu coração queira nos contar e, se estiver ao nosso alcance, poderemos ajudá-lo ou pedir a Jesus, que é o mais indicado para todos os casos.

- Francisco, eu tenho uma filha que amo muito. É minha própria vida, de três anos para cá, começou apresentar escamas em todo o corpo. Com o tempo as escamas caem e ficam os ferimen-

tos, os quais ninguém suporta o odor. Hoje vive lá nos fundos, num cômodo que fizemos para ela. Não se levanta da cama. Tem uma criada só para ajudá-la. É uma moça linda nos seus 22 anos. Eu te peço pelo amor que tens a teus pais, que a visite. Creio que pode abençoá-la e levar-lhe uma palavra consoladora. Quem sabe, devolverá a ela a alegria e a esperança de viver, - já procuramos todos os meios de tratamento e falharam todos. Não sei mais o que fazer. Tenho dinheiro e posso gastá-lo para curá-la, mas onde? É uma doença incurável para os seres humanos. Só Deus... Só Deus... E o lenço umedeceu de pranto.

- Meu irmão, confie mais em Deus, que curava todos os tipos de doenças com um só toque das mãos de Jesus. E onde se reúne em Seu nome Ele está. Deus não é deus de medidas. O Seu amor é imensurável e atende a todos os Seus filhos. Jesus mesmo deixou essa esperança quando disse: “Pedi e obtereis. Buscai e achareis. Batei e abrir-se-vos-á”. A fé constitui a chave que abre todas as portas para o milagre da vida, e a paz das criaturas. Vamos confiar, esperando e trabalhando com os recursos que o Senhor nos deu e que o Evangelho chama de talentos em nossos corações. - Se for de teu agrado, quero vê-la agora, pois para nós e para o serviço de Deus, não existem horas; desaparece tudo, como todos os obstáculos, para somente vigorar a Sua soberana vontade. José Maria, confiante na força daquele homem simples, mas grande em Cristo, levou-o até onde se encontrava sua filha.

Francisco viu aquele rosto chagado à luz bruxuleante da candeia. Passou os olhos pelo corpo da jovem e ficou comovido até as fibras mais íntimas do Espírito, pois o seu sofrimento era maior do que era narrado. Os olhos vivos pediam socorro em mímica divina. Com o coração em saltos, esperava aquele homem de quem o pai lhe falara.

Afrânia, a empregada quis sair do quarto, mas Francisco pegou suas mãos calosas e disse: - fica, minha filha, nós precisamos do teu apoio espiritual, da tua presença que muito nos agrada.

E lhe beijou as mãos. A velha, que nunca recebera atenção, sentou no catre e nada respondeu, chorando como criança, pelo amor que sentiu daquele homem, a penetrar no seu coração.

Num clima de paz espiritual, o pai ajoelhou-se à beira da cama da filha, fazendo Francisco o mesmo. Em preces, com fé e confiança em Deus, Francisco, pela primeira vez sentiu algo diferente ao ouvir aquela voz que ele tanto conhecia:

- Francisco!... Francisco!...

E ele respondeu mentalmente:

- aqui estou eu, meu Senhor; que queres que eu faça?

- começa hoje, agora, a tua missão de erguer a minha Igreja, fazendo lembrar o que Jesus fez. Fale das belezas do Céu, do tesouro espiritual que constitui o Evangelho, como a Boa Nova para os humanos e insista no certo e no bem até o fim de sua vida física, sem esmorecer; são as sementes da vida, na vida de Deus. O que vai fazer agora é fruto do que vive, porque as curas, ante os humanos, são as melhores testemunhas de que estás comigo. Eles pedem prodígios a fim de se despertarem para o milagre das transformações. O curso da sua vida vai mudar. Aqueles que assentam em trono de ouro vão lhe ouvir, porque Eu, na verdade, lhe digo que vou usar suas mãos e a sua língua para relembrar o meu Evangelho, que por hora está escondido.

O ambiente fosforesceu de luzes. Duas mãos invisíveis tocaram em Francisco. Afrânia perdeu os sentidos. Francisco impulsionado pela inteligência que lhe falara, levantou-se e tocou o corpo da moça e este foi coberto por fluidos imponderados e ativos, que correram em todo o seu ser, recompondo, como por encanto, todos os tecidos de sua epiderme. Filetes de luz, verde-claro, entraram na sua corrente sanguínea, destruindo e expulsando agentes da desarmonia orgânica.

Francisco parecia mudar de cor, como se assumisse a função de fios elétricos, recebendo alta carga de eletricidade divina, despejando-as em forma de saúde e bem estar, em favor da filha de Deus, sob a proteção de José Maria.

No êxtase da operação espiritual, reconhecendo que Jesus operara por seu intermédio, agradeceu com gratidão:

- Senhor!... Agradeço-Te por tudo que fizeste em benefício desta família. Não mereço este convívio nas minhas andanças, e peço-Te em favor dos sofredores, a luz do entendimento; que eles sejam curados dos males da carne, mas, que não esqueçam do tratamento espiritual, exercitando todos os dias a conduta reta, estimulando a renúncia às coisas supérfluas, e desativando os instin-

tos inferiores; corrigindo desatinos referentes aos impulsos da carne e melhorando as ideias de perdão e caridade.

Nós Te pedimos Senhor, que não nos deixes cair em tentação, no que se refere à usura, à mentira e ao ódio, e que cresça em nós o ambiente de paz, aquele que não esquece o trabalho honesto.

Nós Te pedimos, meu Senhor!... Em nome de Jesus, o Cristo da vida, que acalmes os nossos gestos impensados, que possam ferir os outros e que a nossa vida possa ter a sequência que corresponda às vidas dos santos, mostrando a presença dos grandes sábios junto de nós.

Confiamos que essa nossa irmã esteja curada de seus males físicos, mas a nossa preocupação é com seu Espírito; que ela possa ser curada igualmente pelo despertar da Verdade; que, de agora em diante ela seja uma luz nascida do amor, o qual nunca pede e tudo suporta, que nunca exige e tudo dá, que nunca odeia, mas abençoa sempre.

Quanto a este teu filho e devedor comum da humanidade, ajuda-me a melhorar e cumprir a Tua vontade e não a minha, porque sabes melhor do que eu o de que mais preciso, como servo fiel do Teu mandato.

Lembro-me neste momento, da mãe de Jesus, nossa mãe e das criaturas; que interceda por nós no reino em que habita, e guie esta casa em pauta dos deveres que propôs seguir, alimentando a fé e cuidando do próximo como se fosse a continuação dos próprios familiares.

Que Deus, na Sua glória e majestade, abençoe a todos nós!...

A moça já dormia, como há muito não fazia. O português e Afrânia choravam baixinho. A moça ficou sozinha no quarto e um leve perfume inundou a atmosfera do quarto, acompanhando os assistentes, recendendo por toda a casa.

No outro dia, a moça chamou Afrânia e seu pai, dizendo que estava curada e agradeceu ao bom Deus por ser caridoso para com ela.

Todos ficaram eufóricos, e diziam que Francisco era um santo.

Toda a família se movimentou, festejando o acontecimento da cura de Adália. Procuraram Francisco e seus companheiros e não os encontrou, apenas um bilhete escrito pelas mãos de Frei Leão: “Estimados amigos José Maria e família. Agradecemos por tudo que fizeram por nós. Nossa gratidão é tamanha, que só Deus pode pagar. Rogamos as Suas bênçãos para toda a família e para a irmã que estava enferma, pedindo de coração, a Jesus, que a acompanhe sempre em sua luta. Desejamos a todos muita paz e bastante trabalho em favor dos pobres, dos famintos e dos nus. Fomos obrigados a partir sem as devidas despedidas, que o coração não aceitou. Pedimos desculpas por esta nossa falta; somos sempre seus devedores, mas o dever nos chama para serviços urgentes no campo da nossa religião. Orem por nós, que os seus sentimentos de fraternidade muito poderão nos ajudar, já que bem sabem dos nossos ideais. Algum dia poderemos nos encontrar, se Deus quiser”.

Um abraço fraternal. Adeus.

Do servo que muito os estima.

Francisco procurou outra área de pouso, para evitar constantes agradecimentos.

A caridade para com os outros é fruto de longas experiências, porque a caridade verdadeira é filha do amor.

Francisco de Assis, nesta história de sua passagem terrena, nos dá o exemplo da verdadeira caridade. Dar, sem nada exigir em troca. O que importava para ele era o certo e o bem do próximo, mesmo que sacrificasse o seu próprio bem.

Na caridade devemos cumprir os nossos deveres, para não nos submetermos ao tribunal da consciência.

A caridade para com os outros começa no respeito aos direitos alheios, ajudando todas as criaturas, onde quer que seja, dentro de nossas forças.

A caridade é um Sol de Deus, que nunca se apagará.

Manda-nos uma réstia desse Sol Senhor! Ilumina-nos Mestre Jesus!

09 - Cáritas - item 13.

Levantando-se um doutor da lei experimentou-o, dizendo: Mestre, que farei para herdar a vida eterna? Respondeu-lhe Jesus: O que está escrito na lei? Como lês tu? Respondeu ele: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de todo o teu Espírito, de toda a tua força e de todo o teu entendimento e ao próximo como a si mesmo. Replicou-lhe Jesus: Respondeste bem; faze isso e viverás. Ele, porém, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: E quem é o meu próximo? Prosseguindo Jesus disse: Um humano descia de Jerusalém a Jericó; e caiu nas mãos de salteadores que, depois de o despirem e espancarem, se retiraram, deixando-o meio morto. Por uma coincidência descia por aquele caminho um sacerdote; e quando o viu, passou de largo. Do mesmo modo, também um levita, chegando ao lugar, vendo-o, passou de largo. Um samaritano, que ia de viagem, aproximou-se do humano, e, vendo-o, teve compaixão dele; e chegando-se lhe atou as feridas, deitando nelas azeite e vinho; e pondo-o sobre um animal, levou-o para uma hospedaria e tratou-o. No dia seguinte tirou dois denários, deu-os ao hospedeiro e disse: Trata-o, e quanto gastares de mais, na volta te pagarei. Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele que caiu nas mãos de salteadores? Respondeu o doutor da lei: Aquele que usou a misericórdia para com ele. Disse-lhe Jesus: Vai e faze tu o mesmo! Lucas, X, 25 a 37.

A Doutrina de Jesus, quando observamos atentamente, ela exalta a humildade e humilha o orgulho. Suas parábolas têm como personalidades impressionantes, os humildes, os repudiados pelas seitas dominantes, os excomungados pela fúria e ódio sacerdotal, os acusados pelos doutores da lei, pelos rabinos, pelos fariseus e escribas do povo, os chamados hereges e descrentes! Estes são os preferidos de Jesus e julgados mais dignos do Reino dos Céus que os potentados de sua época. E para melhor testemunho, aparece aos olhos de todos os que penetram o Evangelho, a parábola do bom samaritano.

Os samaritanos eram considerados hereges aos olhos dos judeus ortodoxos; por isso mesmo eram desprezados, excomungados e perseguidos. Este, que segundo a afirmação dos sacerdotes, era um descrente, foi justamente o que Jesus escolheu como figura proeminente de Sua parábola. E o mais interessante da parábola é que a proposta foi feita a um doutor da lei, a um judeu da alta sociedade, que para inquirir Jesus, perguntou-lhe como entrar no Reino dos Céus.

O judeu doutor não ignorava os mandamentos, e como podia ignorá-los se era doutor da lei? Com certeza não os praticava! Conhecia a teoria, mas desconhecia a prática. O amor de todo o Espírito, de todo o coração, de todo o entendimento e de toda a força que o doutor judeu conhecia, ainda não era o bastante para fazê-lo cumprir seus deveres para com Deus e o próximo.

Amava, como amavam os fariseus, como os escribas amavam e como amam hoje muitos dirigentes de Igrejas e casas que se dizem Cristãs, como amam os doutores da lei de nossos dias. Era um amor muito diferente, o oposto do que preconizou o Filho de Deus.

O amor do sacerdote que passou de largo; o amor do levita, que também passou de largo, vendo o pobre ferido; despido, espancado, quase morto à beira do caminho, é o amor dos egoístas, o amor dos que não compreenderam ainda o que é o amor, é o amor do sectário fanático que ama a abstração, mas não ama a realidade.

Na parábola, Jesus salientou personalidades poderosas, cujo exemplo, hoje é fielmente copiado por muitos sacerdotes de várias religiões, por seres humanos que têm o poder nas mãos e nada fazem pelo próximo. Jesus mostra, que a santidade dessa gente não chega ao mínimo no Reino dos Céus, ao passo, que muitos, que nem sequer se dizem religiosos e não batem no peito quando fazem algo, praticando o certo e o bem, se acham no caminho da vida eterna.

Quem é o meu próximo? É aquele que necessita dos meus serviços, de minha palavra, de meus cuidados, de minha proteção!

E o doutor da lei respondeu acertadamente à indagação de Jesus “o próximo do ferido foi aquele que usou de misericórdia para com ele”.

E Jesus para lhe ensinar disse: “Vai, e faze tu a mesma coisa”.

O que quer dizer: - não basta, não é preciso ser doutor da lei, nem sacerdote, nem fariseu, nem católico, nem protestante, nem espírita, nem assistir a cultos ou cumprir mandamentos desta ou daquela igreja, para ter a vida eterna; basta ter coração, Espírito e cérebro, isto é; ter amor, porque o que verdadeiramente tem amor, há de auxiliar o seu próximo com tudo o que lhe for possí-

vel auxiliar: Seja com dinheiro, seja moralmente ensinando os que não sabem, espiritualmente prodigalizando afetos e descerrando aos olhos do próximo as cortinas da vida eterna, onde a vida sucede à morte, onde a palavra de Jesus triunfa dos preceitos e preconceitos.

O óbolo da viúva.

Olhando, Jesus viu os ricos colocarem suas dádivas no gazofilácio. Viu também uma viúva pobre deitar ali duas moedas. Disse então: “Em verdade vos digo que esta viúva deu mais do que todos os outros, porquanto, os outros fizeram a Deus a oferta do que lhes superabundava, ao passo que ela na sua pobreza, deu tudo o que lhe restava para o seu sustento”. Lucas, XXI, 1 a 14.

As duas narrações do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo são para mostrar que todos podem praticar a caridade, não importando o seu credo, a sua situação financeira, o cargo que ocupa. O que é preciso para praticar a caridade, é o amor ao próximo.

Na parábola do bom samaritano, Jesus compara o viajante ferido com a humanidade saqueada, de seus bens espirituais e de sua liberdade pelos poderosos do mundo; o sacerdote e o levita que não socorreram o viajante, significam as religiões que, em vez de tratarem do lado espiritual da coletividade, tratam dos interesses dogmáticos, etc. O samaritano que se aproximou, e atou as feridas, deitando nelas azeite e vinho, é Jesus Cristo. O azeite é o símbolo da fé, o combustível que deve arder na lâmpada que dá claridade para a vida eterna, a Sua Doutrina; o vinho é o suco da vida, é o espírito de Sua palavra; os dois denários dados ao hospedeiro são a caridade e a sabedoria; e o mais que se gastar, resume-se na abnegação, nas vigílias, na paciência, na dedicação, cujos feitos todos serão recompensados. E o hospedeiro representa os que receberam os Seus ensinamentos.

No óbolo da viúva é praticamente indispensável as palavras, porque Jesus deixou bem claro a importância de fazer a caridade com todo amor, fazer a caridade com o coração. A viúva deu o que lhe era indispensável a outro a quem falta o necessário. E deixa evidente que sua caridade foi do coração.

A Doutrina espírita nos ensina que, todos nós podemos ser caridosos. Podemos começar com respeito aos direitos alheios, ajudando as criaturas onde quer que seja, dentro das nossas forças.

Podemos ser caridosos para conosco, nos deixando todo o bem possível, sem egoísmo, contrariando nossos instintos inferiores, através da disciplina ativa e constante.

Hoje, nos tempos atuais, com tanta enganação, às vezes ficamos em dúvida da ajuda que podemos dar a um irmão. E se formos enganados, não deixemos que a raiva nos domine e esqueçamos o que foi feito. O que importa é saber que o Mestre Jesus sabe das nossas intenções, e sere-mos recompensados pelo amor que dedicamos.

A caridade nascida do coração é fruto do nosso esforço próprio.

Para sermos caridosos, é preciso falar com dignidade, trabalhar com discernimento e ajudar por amor. Desprendermos dos bens materiais é uma maneira de nos tornarmos caridosos.

Vamos nos lembrar do Bom Samaritano, considerado herege, mas trazendo no peito um coração bondoso, não vacilou em ajudar o seu próximo, cumpriu o seu dever no que a sua consciência pediu.

No óbolo da viúva, Jesus mostrou o despreendimento dos bens terrenos, em dar tudo o que tinha, mostrando que o seu tesouro não estava nas moedas. Seu despreendimento era tão grande, por isso sua caridade foi meritória.

A Caridade.

Eu sou a Caridade; sim, a verdadeira Caridade. Em nada me pareço com a caridade cujas práticas seguis. Aquela que entre vós usurpou o meu nome é fantasista e caprichosa, exclusiva e orgulhosa; venho vos premunir contra os defeitos que, aos olhos de Deus, empanam o mérito e o brilho de suas boas ações. Sedes dóceis às lições que o Espírito de Verdade vos dá por minha voz. Segui-me, meus fiéis: Eu sou a Caridade.

Segui-me. Conheço todos os infortúnios, todos os sofrimentos, todas as dores, todas as aflições que assediam a humanidade. Sou a mãe dos órfãos, a filha dos velhos, a protetora e suporte das viúvas. Curo as chagas infectas; trato de todos os doentes; visto, alimento e abrigo os que nada têm; subo às mais humildes choupanas e aos mais miseráveis casebres; bato à porta dos ricos e

poderosos porque: Onde quer que exista uma criatura humana, há, sob a máscara da felicidade, dores amargas e cruciantes. Oh! Como é grande a minha tarefa! Não poderei cumpri-la se não vierdes ao meu auxílio. Vinde a mim: Eu sou a Caridade!

Não tenho preferência por ninguém. Jamais digo aos que de mim necessitam: “Tenho meus pobres; procurai outros lugares”. Ó falsa caridade, quanto erro e mal fazes! Amigos, nós nos devemos a todos. Crede-me: Não recuseis assistência a ninguém. Socorrei-vos uns aos outros com bastante desinteresse, para não exigir reconhecimento de parte dos que tiverdes socorrido. A paz do coração e da consciência é a suave recompensa de minhas obras: Eu sou a verdadeira Caridade!

Ninguém sabe na Terra o número e a natureza dos meus benefícios. Só a falsa caridade fere e humilha aqueles a quem beneficia. Evitai esse funesto desvio: As ações desse gênero não tem mérito perante Deus. Só Ele deve saber e conhecer os generosos impulsos de vossos corações, quando vos tornais os dispensadores de Seus benefícios. Guardai-vos, pois, amigos, de dar publicidade à prática da assistência mútua; não mais lhe deis o nome de esmola. Crede em mim: Eu sou a Caridade!

Tenho tantos infortúnios a aliviar, que por vezes tenho o colo e as mãos vazias: Venho dizer-vos que espero em vós. O Espiritismo tem como divisa o Amor e Caridade; e todos os verdadeiros espíritas quererão, no futuro, conformar-se a esse sublime preceito, ensinado por Jesus há muitos séculos. Segui-me, pois, irmãos, e eu vos conduzirei ao Reino de Deus, nosso Pai. Eu sou a Caridade!

E o Mestre Jesus Cristo estará ao nosso lado a cada caridade que praticarmos.

(Revista Espírita)/(Parábolas e Ensinos de Jesus)/(Elucidações Evangélicas)

10 - Um Espírito protetor - item 15.

O verdadeiro sentido da palavra caridade, como ensinou Jesus, é benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições alheias, perdão das ofensas.

O amor e a caridade complementam a lei da justiça, porque amar o próximo é fazer-lhe todo o certo e o bem possível, que desejaríamos que nos fizessem. Por isso nos disse Jesus: “Amai-vos uns aos outros como irmãos”.

Segundo Jesus, a caridade não é somente dar esmolas, ela abrange as relações com os nossos semelhantes, iguais, inferiores ou superiores. Ela nos manda ser indulgente, porque temos necessidade da indulgência e nos proíbe humilhar o infortúnio.

E sempre fazemos ao contrário.

Veja, se um rico nos procura, atendemos com a maior consideração e atenção, porém, se é um pobre, parece que não o enxergamos.

Quanto mais a situação é lastimável, não devemos aumentar-lhe a humilhação. Quando somos verdadeiramente corretos e bons, procuramos elevar o infeliz irmão aos seus próprios olhos, diminuindo pelo menos um pouco a distância existente entre nós.

Jesus nos ensinou: “Amai aos vossos adversários”. O amor entre adversários é contrário as nossas tendências naturais e, muitas vezes, a adversidade vem de uma falta de simpatia entre os Espíritos, por isso, não temos com o adversário, um amor terno e apaixonado. Amar os adversários é perdoar-lhes, pagar-lhes o errado com o certo. É assim que nos tornamos superiores; pela vingança nos colocamos abaixo deles.

A criatura humana reduzida a pedir esmolas se degrada moral e fisicamente, e se embrutece. Numa sociedade baseada na Lei de Deus e na justiça, deve-se prover a vida física do fraco sem humilhá-lo. Deve-se assegurar ao que não pode trabalhar, sem deixá-lo ao acaso. Isto é, deve-se dar o necessário para sua sobrevivência, e o restante é a sua força de vontade. Há os doentes, há o velho que não consegue sobreviver sozinho, há crianças jogadas a esmo, precisando de total ajuda.

A esmola não é condenada, e sim a maneira como é dada. A criatura correta e de bem, que entende a caridade segundo os ensinamentos de Jesus, vai ao encontro do desgraçado, antes que ele lhe estenda a mão.

A verdadeira caridade é sempre correta, boa e benevolente, tanto no ato quanto na maneira de fazê-la. O serviço prestado com delicadeza tem duplo valor; com altivez, a necessidade obriga a aceitar, mas o coração mal será tocado.

A ostentação apaga aos olhos de Deus o mérito do benefício, por isso disse Jesus: “Que a vossa mão esquerda ignore o que faz a direita”. Desta maneira, está nos ensinando a não manchar a caridade com o orgulho.

Precisamos prestar bem a atenção na beneficência. Nem sempre o mais necessitado é o que pede; o temor da humilhação retém o verdadeiro necessitado, que quase sempre sofre sem queixar. É a esse, que a criatura verdadeiramente humana deve assistir sem ostentação.

Deus governa o mundo pela lei divina do amai-vos uns aos outros. O amor é a lei de atração para os seres vivos e organizados, e a atração é a lei do amor para a matéria inorgânica.

Não se deve esquecer jamais que o Espírito, qualquer que for o seu grau de adiantamento, sua situação como reencarnado ou na erraticidade, ele está sempre colocado entre um superior que o guia e aperfeiçoa e um inferior perante o qual tem deveres a cumprir.

Sejamos caridosos, não somente pela caridade que nos leva a por a mão no bolso e tirar o óbolo que friamente entregamos ao que nos pede, mas indo ao encontro das misérias ocultas.

Sejamos indulgentes com os erros dos nossos semelhantes. Em lugar de desprezar a ignorância e o vício, instruí-os e moralizai-os. Sejamos afáveis e benevolentes para com todos os que são inferiores. Façamos o mesmo com os mais ínfimos seres da criação, e estaremos obedecendo a lei de Deus.

A caridade é o espírito do Espiritismo: Ela resume todos os deveres do ser humano para consigo mesmo e para com os seus semelhantes; eis porque se pode dizer que não há verdadeiro Espírita sem caridade.

A caridade é uma palavra com sentidos múltiplos e deve ser bem compreendida. Os Espíritos bondosos ainda não pararam de pregá-la e defini-la, porque é necessário. O campo da caridade é muito vasto. Compreende duas grandes divisões: A caridade beneficente e a caridade benevolente. A caridade beneficente compreende-se facilmente e é proporcional aos recursos materiais de todos, do mais pobre ao mais rico.

Como praticar a caridade benevolente? É amar o próximo tanto como a si mesmo; agir com os outros como gostaríamos que agissem conosco; não querer fazer erro ou mal a ninguém, porque não queremos que nos façam.

Amar ao próximo é renunciar ao sentimento de ódio, de rancor, de inveja, de ciúme, de vingança, numa palavra, todo desejo e todo pensamento de prejudicar; é ser indulgente com as imperfeições de nossos semelhantes, é não procurar a palha no olho do vizinho, quando não vemos um tronco no nosso; é não se comprazer em ressaltar as faltas dos outros; é não se fazer valer as custas dos outros; não procurar esmagar a pessoa sob o peso de sua superioridade; não desprezar ninguém por orgulho. A verdadeira caridade benevolente é a caridade prática, sem a qual a palavra caridade é vã; é a caridade do verdadeiro cristão, por isso o Espírita deve procurar ser caridoso.

Nem todas as criaturas humanas estão maduras para uma completa abnegação, para fazer o certo e o bem unicamente por amor do bem.

Para sermos verdadeiramente cristãos é necessário crermos num Deus todo poderoso, soberanamente justo e bom; crer no Espírito e na sua imortalidade; crer na preexistência do Espírito e na pluralidade de existências como meio de reparação, expiação e adiantamento moral; na felicidade crescente com a perfeição; na perfeição dos imperfeitos; no livre arbítrio dos seres humanos, que lhe deixa a escolha entre o certo e o errado; crer na igualdade de justiça para todos; sem exceções, favores ou privilégios; crer na continuidade que religa todos os seres do passado, presente e futuro, encarnados e desencarnados; considerar a vida terrena transitória e uma fase do Espírito, que é imortal ou eterno desde sua criação; aceitar corajosamente as provações em vista de um futuro melhor; praticar a caridade em pensamentos, palavras e obras; esforçar para cada dia ser melhor que o outro, tirando a imperfeição do Espírito; submeter todas as crenças ao controle de livre exame e da razão e não aceitar a fé cega; respeitar todas as crenças, por mais irracionais que pareçam e não violentar a consciência de ninguém; ver nas descobertas da ciência a revelação das leis da Natureza, que são as leis de Deus.

Isto tudo, vamos conquistando a cada oportunidade de reencarnação. E conforme vamos evoluindo, nos vamos unindo na comunhão de pensamentos, que vai ligando todos os humanos sob a bandeira da fraternidade universal.

A fraternidade é filha da caridade, e com ela a humanidade viverá em paz e se poupará de erros e males inumeráveis, que nascem da discórdia, que é filha do orgulho, do egoísmo, da ambição, do ciúme e todas as imperfeições da humanidade.

O Espiritismo dá aos seres humanos tudo que é preciso para a felicidade aqui na Terra, porque ensina a contentar com o que se tem.

Que os Espíritas saibam aproveitar estes benefícios e que inaugurem entre si, a harmonia que resplenderá nas gerações futuras.

A caridade é um conjunto de virtudes que, aos poucos, as criaturas humanas vão apreendendo a vivenciá-las espontaneamente, com bons sentimentos. As virtudes, que vamos apreendendo a praticar, são indícios de progresso no caminho correto.

Humildade, resignação, piedade, sensatez, generosidade, beneficência, afabilidade e doçura, compreensão e tolerância, perdão, brandura, companheirismo, indulgência, paciência, abnegação etc., são virtudes que vamos cultivando ao longo das caminhadas das diversas reencarnações.

E ao nosso lado sempre estará o Mestre Jesus Cristo, nos ajudando na aquisição destas virtudes. Assim seja!

(O Livro dos Espíritos)/(Revista Espírita)

11 - João - item 16.

O ser humano por longos e tortuosos caminhos, tem procurado integrar-se com Deus.

Julgou encontrá-Lo nos tiranos coroados e inventou processos de adoração como se precisasse Lhe granjear a simpatia; pensava homenageá-Lo com ritos exteriores e erigiu palácios, ofertou-Lhe ouro e púrpura, em forma de louvor; acreditava que o Supremo Senhor quisesse dominar as criaturas pelo freio da violência; criou sistemas religiosos de opressão fazendo com que muitos se dobrassem caso não pensassem igual; acreditou ser Ele ávido de honrarias e com isso não vacilou em oferecer-Lhe sacrifícios sanguinolentos, à frente de símbolos com que Lhe mentalizava a presença!...

Em Seu nome guerreou, destruiu, cometeu desatinos, e até hoje, ainda se comete muitos disparates em Seu nome, julgando ser Ele um Deus exigente que não se preocupa com Seus filhos.

E Deus, conhecendo a ignorância humana deliberou enviar alguém que instrísse a humanidade nos caminhos da elevação. E Jesus, o Sublime Governador do Planeta Terra, veio em pessoa explicar que Deus não pede adulações e nem pompas, nem vítimas e nem holocaustos, e sim o coração inflamado de fraternidade, a serviço do certo e do bem, para que na Terra se abra, enfim, a glória e a felicidade do Seu Reino.

O Mestre Jesus respeitou as convicções dos seus contemporâneos, esmerou-se em ensinar a união com Deus, acima de tudo, através do socorro aos necessitados, da esperança aos tristes, do amparo aos enfermos e do alívio aos sofredores de todas as procedências... Desde então, a humanidade começou a compreender que Deus, o Pai justo e misericordioso, a ninguém exclui de Sua bênção e espera a todos, hoje ou mais tarde, por filhos bem amados, unidos na condição de verdadeiros irmãos uns com os outros.

Por isso, em todos os países e em todas as crenças, em todos os templos e em todos os lares da Terra, onde realmente se pratique o Evangelho de Jesus, o culto à Providência Divina começa primeiro com a caridade.

A caridade está ao alcance de qualquer criatura praticar, e mais valor terá quando for feita com o coração. Dar o que sobra não é nada mais do que obrigação; tirar do que vai fazer falta, é praticar renúncia.

Embora se pratique serviços ao próximo, em locais carentes, às pessoas necessitadas, longe do núcleo doméstico, pode-se indagar: quem são os próximos mais próximos? São os familiares diretos e os secundários. Quase sempre se os têm à volta, sem dar muitos passos, aqueles que estão a espera de carinho, compreensão e tolerância. Uma palavra, um olhar, um gesto, uma mão estendida, uma conversa reconfortante, uma visita de apoio, uma colaboração financeira silenciosa, uma ajuda em dias de penúria, um agasalho para as noites frias, enfim, mil oportunidades existentes com relativa frequência, no seio de qualquer família.

Primeiramente olhe à volta, averigue se não está omitindo nos deveres da caridade para com o próximo mais próximo.

Faça um exame, discretamente, sem alarido e verifique a fraternidade com a parentela.

Então, a primeira caridade se começa dentro do lar.

Quando Barsabás, o tirano, desencarnou, buscou reintegrar-se no palácio que Lhe servia de residência.

A viúva, alegando infinita mágoa, desfez-se da moradia, vendeu os adornos. Viu ele, então, baixelas, candelabros, tapetes, perfumes, joias e relíquias, sendo disputadas pelos filhos.

Ninguém falava o seu nome, a não ser para reclamar o ouro e a prata que doara a mordomos distintos.

Na memória dos amigos, não passava de uma sombra, tentou o interesse pelos companheiros de infância... Todavia, entre eles, encontrou simplesmente a recordação dos próprios atos de malquerença e de usura.

Barsabás entregou-se às lágrimas de tal modo, que por fim a sombra Lhe embargou a visão, ficando na escuridão.

Vagueou por muito tempo no nevoeiro, entre vozes acusadoras, até que um dia aprendeu a pedir na oração, e esta Lhe serviu de bússola, e de súbito, termina-Lhe a cegueira e ele vê, diante de seus

passos, um santuário sublime, faiscante de luzes. Milhões de estrelas e pétalas fulgurantes povoavam em todas as direções.

Barsabás, sem perceber, alcançara a Casa das Preces de Louvor, nas faixas inferiores do firmamento.

Deslumbrado, chorou convulsivamente, ante o ministro espiritual que velava no pórtico. Após ouvi-lo, generoso, o funcionário angélico falou sereno:

- Barsabás, cada fragmento luminoso que contempla é uma prece de gratidão que subiu da Terra...

- Ai de mim - soluçou o desventurado - eu jamais fiz o bem.

- Em verdade, trazes contigo, em grandes sinais, o pranto e o sangue dos doentes e das viúvas, dos velinhos e órfãos indefesos que despojaste, nos teus dias de invigilância e crueldade; entretanto, tem aqui, em teu crédito, uma oração de louvor...

E apontou-lhe acanhada estrela, que brilhava à feição de pequenino disco solar.

- Há trinta e dois anos - disse o instrutor - deste um pão a uma criança e essa criança te agradeceu, em prece ao Senhor da Vida.

Chorando de alegria e consultando velhas lembranças, Barsabás, perguntou:

- Jonakim, o enjeitado?

- Sim, ele mesmo, confirmou o missionário. Segue a claridade do pão que deu, um dia, por amor, e se livrará, em definitivo, do sofrimento nas trevas.

E Barsabás acompanhou o tênue raio do tênue fulgor que desprendia daquela gota estelar, mas em vez de elevar-se às alturas, encontrou-se numa carpintaria humilde da própria Terra.

Um homem calejado manobrava o enxó em pesado lenho... Era Jonakim, aos quarenta anos de idade.

Os dois identificados no doce fio de luz, Barsabás abraçou-se a ele, qual viajante abatido, de volta ao calor do lar.

Decorrido um ano, Jonakim, o carpinteiro, sustentava sorridente, nos braços, mais um filhinho, cujos louros cabelos emolduravam belos olhos azuis.

Com a bênção de um pão dado a um menino triste, por espírito de amor puro, conquistara Barsabás, nas Leis eternas, o prêmio de renascer de novo.

(Irmão X)

A narrativa nos mostra que a caridade realizada de coração só traz benefícios, benefícios estes, que nem sequer sabemos a sua extensão, porque Deus, no mínimo, recompensa em dobro o que se faz com verdadeiro amor.

Os caminhos desta recompensa são muitos e nunca são esquecidos pelo Pai Misericordioso.

E a maior caridade de Deus para com a criatura humana, é a reencarnação.

Na mensagem do Irmão X, Barsabás recebeu a dádiva, renascendo no lar humilde de Jonakim, para que tenha conhecimento da humildade e da simplicidade.

A reencarnação é a mais excelente demonstração de caridade de Deus para com os Seus filhos. É a justiça divina em relação aos infratores das Leis, na trajetória humana, facultando a oportunidade de ressarcir os erros cometidos nas existências passadas.

A reencarnação significa o retornar do Espírito ao corpo físico tantas vezes quantas se tornem necessárias para o autoburilamento, libertando-se das paixões e adquirindo experiências superiores, sublimando as expressões do instinto, ao mesmo tempo em que se desenvolve a manifestação da inteligência e penetra nas potencialidades transcendentais da intuição.

A evolução é um impositivo da Lei de Deus, incessante, inquestionável. Nessa lei, não existe o repouso, a prostração, a inércia. Existe por toda parte e sempre, o impositivo da evolução e o imperativo do progresso.

A reencarnação estatui como base o amor e esparze misericórdia em convites de excelsa honra, para os naufragos das realizações malogradas, que têm necessidade de recomeço para avançar na direção do êxito que a todos aguarda.

E se aqui nos encontramos, cresçamos para Jesus no caminho redentor. A sinceridade no esforço do certo e do bem é a maior riqueza. Ainda mesmo, nos nossos erros, se somos sinceros, somos grandes.

Auxiliando, nunca perderemos.

Ainda que nossas mãos dilacerem na colheita das rosas para os outros, não esmoreçamos. Deus transforma as feridas da caridade em portas de luz para a sublimação de nosso Espírito.

Há caridade em todos os feitos.

Há quem ajude ao faminto na migalha de pão.

Há quem agasalhe sob o próprio teto aqueles que vagueiam sem rumo.

Há quem auxilie o leproso lhe balsamizando as chagas doloridas.

Há quem reparta as próprias roupas com os nus.

Há quem ofereça o correto e bom conselho, quem vele pelos agonizantes, quem cerre os olhos do moribundo sem ninguém.

Todos os tipos da divina virtude são amados no Céu, mas uma força de caridade existe, sempre difícil e sacrificial: é a caridade do amor para quem não nos compreende, para quem nos fere e nos perturba.

Dar o nosso coração a quem nos recusa o olhar, amparar os que fogem de nossa presença tangidos pela incompreensão, silenciar diante da calúnia, oferecendo aos que nos perseguem a nossa colaboração fraternal, é a caridade, que Jesus, coroado de espinhos, consagrou na cruz da flagelação e da morte, a que nos compete exemplificar, a cada dia, se desejamos escalar a montanha da vida eterna.

E nesta escalada, estejamos certos, Jesus estará sempre conosco!

(Meimei - Vida Mensagem)/(Jesus no Lar)/(Estude e Viva)

12 - A Piedade - item 17.

Virtude é disposição habitual para o certo e o bem, para o que é justo.

Virtude parece palavra que vem da educação religiosa, na nossa infância, e parecia ser qualidade apenas das criaturas angelicais. Muitos acham a virtude ridícula. Outros dizem que é coisa de antigamente, das cidades pequenas, das famílias tradicionais e que hoje já não é compatível com os padrões sociais das cidades grandes, onde poucos se conhecem e levam suas vidas, despreocupados com a retidão de caráter, a seriedade profissional, a honestidade, a fidelidade conjugal, a boa educação de princípios.

No entanto, virtude não é algo tão distante do nosso modo de ser. Todas as vezes que resistimos a um mal, a um erro, estamos sendo virtuosos. E com o tempo, vamos agindo naturalmente, aumentando nossas virtudes.

O nosso autoaprimoramento é o caminho para sermos virtuosos.

Quando nos dispomos a melhorar a nós mesmos com espírito de combate, com conhecimento cristão, estes são lampejos de renovação, denotando as transformações que se iniciam em nós.

As características principais das virtudes são: humildade, modéstia, sobriedade, resignação, sensatez, piedade, generosidade, beneficência, afabilidade, doçura, compreensão, tolerância, perdão, companheirismo, renúncia, misericórdia, paciência, mansuetude, vigilância, abnegação, dedicação, devotamento etc.

Todas estas características nós não conseguimos praticá-las, porque estamos vindo de várias encarnações com muitos vícios, mas, aos poucos, vamos procurar tomar conhecimento de cada uma através do autoburilamento.

Todas estas características nos tornarão caridosos. Caridosos para com nós mesmos e caridosos para com o nosso próximo.

A piedade é uma virtude que vem dos corações sensíveis, em direção aos que estão sofrendo, e pode refletir em nós com maior ou menor intensidade, variando dos menores lampejos de dó às comoções mais profundas.

O que nos torna sensíveis aos tormentos alheios?

Quais os meios de canalizar mais corretamente esses sentimentos, em benefício daqueles que nos tocam a compaixão?

Podemos cultivar a piedade? Com que finalidade?

Nesta época de tantas tribulações, e de interesses imediatistas, são indagações que fazemos. Pensar nos problemas dos outros já é difícil, que dirá sentir a dor alheia.

A piedade é a virtude que mais nos aproxima dos Espíritos aprimorados; é a irmã da caridade que nos conduz a Deus.

O sentimento, que é manifestação do Espírito, se amplia na medida em que nos despojamos dos interesses egocêntricos, abandonamos os apegos aos nossos pertences e nos voltamos para o bem estar dos que estão ao nosso redor.

As satisfações que nos preenchem o Espírito transbordam do nosso íntimo, abrangendo os semelhantes, e apenas se completam quando proporcionamos a eles algum benefício.

Desponta então, dentro de nós, a devoção, a piedade cresce, como precursora que é da caridade, a mais sublime das virtudes.

Devemos com esforço e aprimoramento, cultivar a piedade, que acelera o nosso progresso espiritual e é indicativa do nosso amor ao próximo.

E como impulsionar dentro de nós a piedade?

- Estimulando os próprios sentimentos de compaixão para com os sofrimentos alheios;
- Dirigindo nossa atenção e nosso olhar para os que convivem conosco, analisando-lhes as preocupações e os receios;
- Dedicando mais tempo em pensar nas aflições dos que nos cercam, em vez de nos absorver nas necessidades próprias;
- Interessando-nos pelos problemas que atormentam as criaturas sem rumo, oferecendo-lhes apoio e orientação evangélica;
- Permitindo que o nosso coração se enterneca diante das dores e tribulações de nossos semelhantes;

- Visitando parentes, amigos e indigentes, hospitalizados ou em reclusão, levando-lhes o bálsamo pelas expressões de carinho, restaurando-lhes a esperança e a resignação com palavras de conforto;
- Estendendo nossas mãos, em auxílio fraterno e amparo, aos que nos comovam as fibras do coração;
- Não sufocando jamais as emoções de pena, para com qualquer pessoa, deixando-as crescer em nós e transformando-as em resultados benéficos objetivos.

Ao ter contato com a desventura alheia, o Espírito sem dúvida estremecerá e fará vibrar todo o nosso ser e nos afetará penosamente. Porém, a compensação será grande, quando conseguirmos devolver a coragem e a esperança a um irmão menos feliz, que se comove ao aperto da mão amiga, e cujo olhar, umedecido de emoção e reconhecimento, se volta com doçura para nós, antes de se elevar a Deus, agradecendo por ter-lhe enviado um consolador, uma sustentação.

A Multiplicação dos Pães

O Mestre, chamando os seus discípulos, tomou uma barca, e foram para um sítio repousar.

Mas o povo, os reconhecendo, rumou por atalhos para onde Ele se dirigia, chegando primeiro.

E Jesus, contemplando a multidão; inculta, sofredora, enferma, faminta, moveu-se de piedade. E com este sentimento O envolvendo, o Filho de Deus esqueceu-se do Seu cansaço e começou a agir, deixando o repouso que buscara.

Começou ensinando muitas coisas àquelas pessoas, abrindo brechas de luz naquelas mentes em trevas, porque sabia de todos os sofrimentos, privações e vicissitudes que os flagelavam, procedentes do desconhecimento da verdade.

As sombras da noite já se desenhavam no horizonte, e o Mestre prosseguia no desempenho da Sua missão, ensinando e atendendo os enfermos que lhe imploravam a cura das suas mazelas.

E os discípulos chegaram até o Mestre Jesus e disseram: - Mestre, o dia já vai longe, e este lugar é deserto; portanto despede o povo, para que procure as aldeias mais próximas onde todos poderão comer, porque aqui não há nada para alimentá-los.

E Jesus retruca com precisão: - Dai-lhes vós de comer.

Os apóstolos não tinham ainda a noção de como colaborar com o Mestre na obra de redenção. A tarefa que lhes cabia, estava destinado a despenseiros do pão da vida, esse pão que sintetiza todas as necessidades legítimas do ser humano sob a sua dupla natureza: humana e divina.

Como podiam eles, os celeiros ambulantes do trigo celeste, alegar que não havia recurso para atender a multidão?

O imperativo do Senhor; - dai-lhes vós de comer - encerra o papel que compete aos discípulos do Mestre desempenhar, em todas as épocas da humanidade.

Porém, os humanos louvaram-se sempre na impressão dos sentidos. Achavam que o caso era positivamente material: dar de comer à multidão que tinham diante dos olhos.

Onde encontrar pão para tanta gente? Duzentos denários (e era muito dinheiro!) não bastariam para resolver a situação.

Os discípulos não sabiam que, na verdade não existem problemas materiais, todos são espirituais, e que só espiritualmente se resolvem, mesmo aqueles que mais de perto se relacionam com a carne e o sangue. Continuavam no velho erro de que é com dinheiro, só com o dinheiro, que se soluciona o problema do pão.

Jesus mostrou-lhes que está no sentimento e não no cálculo, a incógnita do magno problema que tinham diante de si.

Jesus teve piedade da turba esfomeada. Piedade é uma das modalidades do amor e, é só com o amor que se resolverão os problemas da humanidade. Amor é luz, é sabedoria, é poder.

Enquanto as criaturas se guiarem pelo egoísmo, viverão, como até aqui tem sucedido, na confusão e no caos.

Serão pobres, fracos, doentes e incapazes no seio da abundância, da riqueza e da força.

Os discípulos, contemplando os famintos, somente lhes ocorreu despedi-los, descartar-se deles, achando que o problema era insolúvel.

Porém Jesus não pensou assim. É preciso que essa gente seja alimentada: dai-lhe vós de comer!

Ali não havia dinheiro, esse elemento considerado chave de todas as questões terrenas.

No entanto, alguém trazia consigo cinco pães e dois peixes. Mas o que representa esta migalha, tratando-se de saciar cinco mil estômagos vazios? É nada e é muito. É nada considerando como propriedade de um indivíduo. É muito, é tudo quando é posto ao serviço da causa comum, do bem de todos, da felicidade coletiva.

Assim demonstrou o Mestre e pediu para trazer os pães e peixes.

Tomando-os em suas mãos, abençoou-os e deu graças. Através desse gesto de reconhecimento e gratidão Àquele que nos dá o pão nosso de cada dia, consumou-se o milagre da multiplicação dos pães, tal como se dá no seio da terra, com a germinação da semente. O pão é a vida: desce do Céu, não sobe dos campos.

Devido a sua vaidade, a criatura humana não percebe o milagre do cotidiano, porque julga que o grão se reproduz a mercê do seu trabalho no solo, esquecida que a germinação inteira, se opera a sua revelia.

O dia em que o ser humano tomar o pão em suas mãos, ciente e consciente donde ele vem, e levantar os olhos ao Céu, não haverá mais fome, pobreza e miséria no mundo. Aí saberá distribuí-lo como sabe produzi-lo.

Não basta que os sulcos fecundos realizem continuamente a germinação, para se dar o milagre é necessário que haja olhos de ver, inteligência de entender, coração capaz de sentir, para que o problema do pão, tão debatido, seja solucionado de vez, deixando de ser causa de conflitos, ódios e guerras.

A solidariedade é a vara mágica que transforma a carência em abundância, visto como importa no ajustamento à lei soberana e universal que tudo regula e equilibra.

E podemos perguntar: como Jesus conseguiu isto? Teria sido por sugestão? Os humanos realizam verdadeiros prodígios por esse meio? O que não poderia fazer o Mestre pelo Seu extraordinário magnetismo pessoal? De outra sorte, o que sabemos nós sobre a manipulação e combinação de fluidos?

Flamarion já disse que aquilo que vemos é feito do que não vemos. A água resulta da combinação de dois gases fora do alcance da nossa visão. Não passa ela do estado líquido para o sólido, baixando a zero a sua temperatura? E não passa para o vapor, elevando essa temperatura? A temperatura influi na vibração dos átomos e com essa alteração modifica-se o estado da matéria.

Jesus não infringiu nenhuma lei.

Jogou apenas as possibilidades desconhecidas dos seres humanos. O Seu estupendo poder deriva do Seu imenso saber.

“É tudo que eu faço vós podeis fazer”, Ele assevera. Esta afirmação importa em declarar que todas as Suas obras foram executadas de acordo com as leis naturais.

E nós, que estamos aprendendo o Evangelho de Jesus, devemos crer, ter fé nos Seus ensinamentos, e conseguiremos fazer tudo de certo e bom que tiver ao nosso alcance, mentalizando o amor a Deus e ao próximo.

Não nos esqueçamos que Jesus estará sempre conosco em todo empreendimento de amor.

(Na Seara do Mestre)/(Manual Prático do Espírita)

13 - Os Órfãos - item 18.

Minha mãezinha alguém me disse,
Que tu foste, triste sem mim;
Já não me embala tua meiguice,
E não podias partir assim.

Eu acredito que tenhas ido,
Pedir a Deus, que possui a luz,
Que de mim faça, do teu querido,
Um dos seus anjos, outro Jesus.

Nós, que tantas vezes rogamos o socorro da Providência Divina, oremos ao coração da mulher, suplicando pelos filhinhos das outras!

Peçamos as seareiras do bem pelas crianças desamparadas, flores humanas atingidas pela ventania do infortúnio, nas promessas do alvorecer.

- pelas crianças que foram enjeitadas nos becos de ninguém;
- pelas que vagueiam sem direção, amedrontadas nas trevas noturnas;
- pelas que sugam os próprios dedos, contemplando por vidraças faustosas, a comida que sobeja desperdiçada;
- pelas que nunca viram a luz da escola;
- pelas que dormem, estremunhadas, na goela escura do esgoto;
- pelas que foram relegadas aos abrigos de lama e se transformam em cobaias de vermes destruidores;
- pelas que a tuberculose espia, assanhada, através dos molambos com que se cobrem;
- pelas que se afligem no tormento da fome e mentalizam o furto do pão;
- pelas que jamais ouviram uma voz que as abençoasse e se acreditam amaldiçoadas pelo destino;
- pelas que foram enganadas por falsa ternura, nas armadilhas do crime e são entregues ao vício e a indiferença, entre os ferros e os castigos do cárcere!

Mães da Terra, enquanto vos regozijais no amor de vossos filhos, descerrai os braços para os órfãos de mãe!...

Recordemos, sobretudo, que se o ser humano deve edificar as paredes imponentes do mundo porvindouro, só a mulher poderá convertê-lo em alegria da vida e carinho no lar.

Mas tanto tempo faz que partiste,
Que me fugiste sem me levar,
Que sofro e choro, saudoso e triste,
Sem esperanças de te encontrar.

Há quantos dias que te procuro,
Que te procuro chorando em vão!...
Tudo é silêncio tristonho e escuro,
Tudo é saudade no coração.

Órfãos! É um tema bastante delicado. Criança asilada, criança ao desamparo, ao léu, sem família, sem lar, sem pão!

Ave implume sem o aconchego do ninho, sem os cuidados de uma proteção amiga e solícita, reclamada pela precariedade das condições de quem não sabe e não pode dirigir-se por si; de quem se encontra desprovido dos meios de defesa pessoal e das possibilidades de prever e prover a manutenção própria!

Na sociedade aristocrática de uma civilização febril e voluptuosa, expressa em arranha céus, aviões, rádios e metralhadoras, é uma síntese mais ou menos lacônica a amargura em que vegetam inúmeras crianças.

Falar da criança asilada é tocar no problema da orfandade, é falar desse problema que ao lado de outros permanece insolúvel no nosso país.

Órfã não é precisamente a criança que perdeu os pais, ambos, ou um deles. Órfã é a criança sem lar, portanto, sem carinho, pela qual não há quem se interesse, entregue aos azares dos imprevistos, estejam ou não contando no número dos chamados vivos os seus genitores.

Ao cair da noite, é comum vermos crianças maltrapilhas, sujas, cabelos em desalinhos, carregando vasilhas, pedindo aqui e acolá, restos de comida, nacos de pão. A maioria é órfã por viver completamente abandonada, perambulando pelas ruas e praças, sem a companhia dos pais. Muitos pais exploram os filhos, ficando em casa a espera da colheita mais ou menos farta, que as crianças conseguem fazer em sua cotidiana peregrinação. Todavia não os condenamos por isso, antes os lamentamos, pois são pessoas ignorantes e destituídas do senso de vida, verdadeiros párias, órfãos a seu turno, de vez que são outras tantas crianças, espiritualmente falando, desprotegidas e desamparadas dos cuidados requeridos pela sua condição.

Falamos dos órfãos pobres, de condição financeira precária, sem condição moral. Porém há muitos órfãos de famílias abastadas, onde os pais, na ganância de sempre ganhar mais, dar mais conforto material à sua família, deixando seus filhos, sem carinho, sem amor, achando que os bens materiais podem satisfazê-los. Estes também são órfãos da ignorância de seus pais. São órfãos do abraço afetuoso, do conselho, da bondade, da oração ao deitar. São órfãos do conhecimento religioso. Deixam seus filhos crescerem sem o que há de melhor para toda criatura - o amor. Estes pais são ainda mais irresponsáveis, porque têm o conhecimento e deixam seus filhos desabrocharem nesta jornada sem nenhum conhecimento de Jesus. São órfãos, também, do Evangelho do Mestre que é o caminho, a verdade, a vida. Crescem como florzinhas sem adubo.

Mal sabem estes pais, que lhes será perguntado, pelo que fizeram dos filhos que o Senhor lhes confiou.

Por isso, nossos olhos veem na classe média e rica, cada vez mais, crescer a droga, o banditismo, nestes órfãos de uma boa direção, nestes órfãos de conhecimento moral.

Outros meninos alegres vejo,
 Numa alegria terna e louçã,
 Que exclamam rindo dentro dum beijo:
 Como eu te adoro, minha mamã!

Sinto um anseio sublime e santo,
 De nos meus braços, mãe, te beijar;
 E abraço, o espaço, beijo o teu pranto,
 Somente a mágoa vem me afagar.

São problemas sociais; a orfandade, a mendicância a invalidez, o analfabetismo, as endemias, o pauperismo, o vício, o ciúme. O Estado, usando e abusando do direito de intervir na vida do cidadão, tributando e condicionando sua atividade, retirando uma quota daquilo que produz, tem a obrigação de acudir aos inválidos, aos incapazes, aos miseráveis, e, particularmente, às crianças que não estão ainda em condições de produzir e que constituem o engrandecimento material e moral de uma nação.

Inquiro ao vento quando a verei?
 Minha mãezinha boa e querida!
 E o vento triste diz-me: - Não sei!...
 Só noutra vida, só noutra vida!...

E digo ao sino na tarde calma:
 Onde está ela, meu doce bem?
 Ele responde, grave a minh'alma:
 Além na luz! Na luz do além!...

Existem os orfanatos para as crianças abandonadas. Eles atendem a necessidade física da criança e nem sempre podem atender a necessidade psíquica.

Os asilos, os orfanatos, não podem ser para as crianças o que são as chocadeiras e as criadeiras para os pintainhos. Estes exigem somente certos cuidados com a alimentação, com higiene e temperatura ambiente, onde se desenvolvem. As criadeiras preenchem perfeitamente aos fins a que se destinam.

A vida humana é muito mais complexa; tem gamas e nuances delicadas, que não podem ser esquecidas, sem que resultem em sérios prejuízos.

Salvo certas exceções, a criança asilada é sempre tristonha, tímida e desconfiada. Cresce debaixo de dolorosa dependência, da caridade pública, e que para ela não existe os carinhos e o zelo de um pai que vele pelo seu futuro e cujo amparo pode confiar. Certamente a criança não tem este raciocínio; mas, sente o efeito inelutável da ausência daqueles fatores, que tão grande influência exercem e exercerão em sua vida psíquica, e que tudo que se escreve em seu Espírito, ali cristaliza e não se apaga mais.

A infância é a época em que a criança reclama maiores desvelos e cuidados. É a época de lançar bases para uma edificação sólida, como requer uma construção, que depende dos alicerces.

E no seio da família, no lar bem organizado, é que se encontra o meio propício, o terreno adequado para lançar o embasamento, capaz de suportar a edificação dos caracteres que constituirão as individualidades mais ou menos acabadas.

Para a fome - o alimento; para a sede - a água; para a criança - o regaço materno, o lar doméstico. Só aí se depara com o clima propício à sua delicadeza, ao seu estado e condições especialíssimas.

Onde encontrar lares para todos os órfãos do orbe?

A dificuldade não está na escassez de lares, e sim na esterilidade dos corações. A orfandade é um crime do egoísmo. Se distribuíssemos os órfãos todos deste mundo entre as famílias constituídas, não tocaria, talvez, uma criança para cada grupo de cinquenta habitações.

Não há lugar para os órfãos na estreiteza de sentimentos.

Os orfanatos e asilos remediaram o problema, constituem a prova eloquente do reinado do egoísmo entre os seres humanos.

Não se está falando mal dos orfanatos. Tomara que eles se multipliquem para que atendam toda a espécie de orfandade. Nesta nossa transição, há necessidade deles, porque ainda não sabemos amar o nosso próximo como a nós mesmos. Ainda somos frutos do nosso passado, cheios de rancor, egoísmo, ódios etc.

Bendigamos às pessoas, que reúnem muitas crianças e lhes dão um lar. Devemos orar por eles, pedindo a proteção divina para terem forças e continuarem.

Há crianças maltrapilhas, perambulando pelas ruas, sem pão, sem lar e sem afeto, no seio de uma sociedade onde se ostentam luxuosos solares e vilas, em cujos recintos, por vezes, não se vê desabrochar o sorriso de uma criança, mas se veem, cães de raça comendo à mesa, servidos por empregados uniformizados. No seio de uma sociedade, onde ao lado de jardins, das praças, dos palácios e dos monumentos, erguem-se soberbas catedrais em honra d'Aquele que mais amou os órfãos, e estão cercados de crianças abandonadas.

Será o mundo sempre assim? Acreditamos que não. A evolução é incoercível. A Natureza não dá saltos; porém, lentamente, tudo vai se modificando, tudo se vai transformando, e o Universo marcha para frente e para o alto. O relógio do progresso avança em seu movimento contínuo.

É assim que se explica a queda da escravidão, do feudalismo, dos latifúndios, da inquisição, do absolutismo e de outras instituições iníquas.

Temos certeza que, um dia, o seio de cada família seja um abrigo para a criança desamparada; que cada lar seja um refúgio de um órfão e que, finalmente, cada coração seja um asilo aberto, onde a orfandade se extinga, desaparecendo ao sopro divinal do amor.

Volta depressa! Guardo-te flores,
Porque só vivo, pensando em ti:
Celebraremos nossos amores,
Junto a fonte que canta e ri.

Já não suporto tantos cansaços!...
Se não voltares, pede a Jesus,
Que te conceda pôr-me em teus braços,
Foge comigo para outra luz!...

Vejamos em cada criança órfã um menino Jesus! E que Ele nos ilumine para ampararmos essa criança!

(O Espírito da Verdade)/(O Mestre na Educação)/(Parnaso do Além Túmulo)

14 - Um Guia protetor e Luiz - itens 19 e 20.

A gratidão é um sentimento raro nos corações.

No momento de retribuí-la, o semblante afável, a voz melodiosa, a atitude gentil no ato da solicitação de auxílio, quase sempre se convertem em sisudez, verbetes duros, gestos bruscos.

Gratidão implica altruísmo, amplitude de Espírito, riqueza de emoções. Como o egoísmo prossegue triunfante, em grande número de pessoas, quando estas sentem as expressões de reconhecimento despontar no íntimo, asfixiam-se, vencidas por controvertidos estados íntimos.

Muitas pessoas alegam que não sabem retribuir, que ficam constrangidas, receosas, envergonhadas... E esquecem que é muito mais feliz aquele que dá, fazendo feliz quem também retribui sentimentos, gestos ou palavras.

Retribuir com ternura, com expressões de afeto, com gestos de simpatia fraternal em testemunhos de solidariedade, constitui formas de gratidão. No seu sentido mais nobre.

Não apenas por meio de moedas, objetos, utensílios deve ser a preocupação dos que se beneficiaram junto a alguém, buscando exteriorizar ou traduzir gratidão de que se sentem possuídos.

Nunca se deve esquecer o bem que se recebeu, embora se modifiquem os quadros da vida em relação a você ou a quem lhe beneficiou.

E se a retribuição for com ingratidão o bem que se fez, exulta! É sempre melhor receber ingratidão do que fazê-la ao próximo.

Alegre-se se ofertou carinho e bondade, sustentando alegria nos corações alheios e a retribuição for com azedume ou indiferença. O ingrato é alguém que enlouquece em longo prazo.

Rejubila-te se está tentado à decepção, porque o bem que fez se demora sem resposta dos que o fruem. A árvore não se nega a doar aos malfeitores do caminho novos frutos, após ser apedrejada por eles.

O bem que se faz é um triunfo no coração. Esperar receber o retributo é diminuir a significação do que realizou.

Bendiga, assim, os ingratos e ora por eles, porque estão em piores condições do que se supõe, ajuda-os mais, pois a felicidade é sempre maior naquele que cultiva o amor e a misericórdia, jamais em quem recebe e esquece, beneficia-se desprezando o benfeitor.

A humanidade até hoje tem sido ingrata com o Divino Mestre que se sacrificou no Calvário para demonstrar o quanto a ama. E a ingratidão continua, por não procurar entender o Seu Evangelho.

O ser humano é ingrato com a Natureza, com tudo o que ela fornece, esquecendo-se que é dela que se sobrevive materialmente.

Quando se reclama que chove muito, ou que o Sol está muito quente, está sendo ingrato com a oportunidade de vida que o Pai está ofertando.

A criatura humana ainda traz muito arraigada em si a ingratidão, principalmente com o Pai Eterno, e Ele, nos dá exemplo, não retribuindo da mesma maneira, ensinando retornar a ingratidão com amor.

Os defeitos têm sido para a criatura humana os seus grandes impedimentos morais. A ingratidão é também um defeito. Muitas vezes, os defeitos constituem verdadeiro obstáculo para o nosso avanço evolutivo.

Cada um, pessoalmente, pode fazer o diagnóstico dos defeitos mais acentuados. Conhecendo a característica do defeito, é mais fácil identificá-lo e combatê-lo. Devido aos envoltórios que obstruem a nossa consciência, temos reais dificuldades em decifrar as artimanhas e tramas inconscientes, muitas delas sugeridas pelos irmãos insensíveis, que se apoiam na nossa fraqueza. Aí, titubeamos, nos deixando levar e nos desequilibramos.

Conhecendo nitidamente como se manifestam em nós o orgulho e a vaidade, a inveja e a avareza, o ódio e a vingança, o personalismo e a ingratidão, a agressividade e a maledicência, a intolerância e a impaciência, podemos registrar mais rapidamente as ações de cada um deles e iniciar imediatamente a luta interior para controlá-los, podando as suas interferências, bloqueando a propagação e diminuindo as consequências desastrosas.

É condição de sucesso numa batalha, conhecer o melhor possível o adversário, suas tendências, modo de agir, para não ser tomado de surpresa. Há o antigo ditado militar: “o preço da liberdade é a eterna vigilância”, que é aplicado também na luta íntima.

Para se libertar dos próprios defeitos, é imperioso que vigie sempre, conhecendo os perigos a que se está sujeito quando se cede terreno, abrindo brechas à sua livre ação.

Para vencer as erradas tendências e defeitos, necessita-se de uma ferramenta importante: A Vontade. Ela é a tradução do querer diante de qualquer propósito.

Quando se quer ou deseja algo, movimenta-se interiormente o impulso da vontade, que é a disposição de conseguir, de obter. Aí vem o esforço que se desenvolve para conquistar o que se idealiza.

Precisa-se observar o querer, principalmente no terreno dos ideais transformadores, se não passam de impulsos fugazes, passageiros, fracos, indecisos. Diante dos primeiros impedimentos, que são importantes para pormos em prova a vontade, abandona-se a luta, larga-se a ferramenta e se cai nos mesmos erros. Porém, a queda está no início do aprendizado de qualquer um.

Quando se dispõe a ser melhor, a crescer espiritualmente, precisa-se contar com as quedas, pois elas são partes da experiência. São elas que fortalecem a vontade, ensinando a ter persistência. São as quedas responsáveis pela continuidade da luta para realizar algo. Quando é aquilo que se realiza e não o que promete realizar. E é imprescindível, para a firmeza e segurança, aprender a cair, saber os riscos e perigos que se corre, conhecer as ameaças ao equilíbrio, conviver pacificamente com aquilo que pode ser derrubado, pois desse modo, torna-se capaz de afastar de áreas movediças.

Biologicamente o ser humano é frágil e espiritualmente imperfeito. A humanidade é aspirante ao equilíbrio e o conhecimento é o meio de atingir o objetivo.

De modo geral todos vivem em função dos impulsos inconscientes que se agitam no mundo interior. Manifesta-se, sem controle e sem conhecimento próprio, desejos recônditos, ignorando suas raízes e origens.

O campo íntimo, onde os desejos são despertados das mais variadas formas, encontra-se ainda muito vedado diante de um olhar mais profundo.

Reflete-se inconscientemente um sem número de emoções, pensamentos, atrações, repulsas, simpatias, antipatias, aspirações e repressões. O ser humano é um complexo indefinido de sentimentos e ideias que, na maioria das vezes, brotam de dentro sem saber como e porquê.

Toda criatura humana é vítima dos próprios desejos mal conduzidos. Se sente uma atração forte e alimenta o desejo de posse, não pergunta se tem o direito de adquirir ou concretizar aquela aspiração. Sente-se como se fosse dona do que quer, desrespeita o direito do próximo. O desejo é mais forte e nada pode obstá-lo, contraria a liberdade dos outros, esta é a maneira habitual de reagir internamente.

E quando age dessa maneira, interfere na vontade, contrariando aqueles que não se subordinam aos seus caprichos. Com isso provoca reações, violências de parte a parte, agressões, discussões, desajustes, conflitos, ansiedades, tormentos, mal-estares, infelicidades...

Vê-se constantemente o defeito dos outros e tem incapacidade de ver os seus próprios erros, muitas vezes mais acentuados. As faltas próprias são sempre justificadas devido ao entendimento limitado. Esse comportamento é típico dos seres humanos e confirma o desconhecimento de si mesmo, das reações, das manifestações que habitam a intimidade do eu ou sede do Espírito.

A maior parte da humanidade ainda se compraz na manifestação de suas paixões e não desejam abdicar delas em benefício de alguém; são os imediatistas, com predominância das funções animais, como reprodução, conservação, defesa. E dentro dessa maioria, está bem evidente a gula, a sensualidade, a agressividade, o ciúme, o ódio, a vingança. Nessas criaturas ainda há predominância da natureza animal, seja orgânica ou corpórea.

Uma pequena minoria da humanidade compreende a sua natureza espiritual e nela se reflete um comportamento mais racional e menos impulsivo, isto é, em suas necessidades já existem aspirações do sentimento, esforço em conquistar virtudes e, assim, libertar-se dos defeitos derivados do egoísmo.

Possivelmente a humanidade possa estar numa categoria intermediária, numa fase de transição de Espíritos iniciantes para Espíritos aprendizes, por isso, ora se compraz dos impulsos irrefletidos e ora busca alimentar o Espírito nas realizações do coração, na caridade, na solidariedade, no esforço do autoaprimoramento.

Assim, de modo lento, nas múltiplas existências, vai se realizando o progresso individual, elevando-se, alicerçando-se interiormente nos valores morais.

Agostinho afirma: “O conhecimento de si mesmo é, portanto, a chave do progresso individual”.

É somente por disposição própria, no sentido de melhorar nesta vida física e resistir ao arrebatamento do erro e do mal, que leva a criatura humana à mudança de comportamento.

Na Grécia, 400 anos antes de Cristo, Sócrates já ensinava: “Conhece-te a ti mesmo”.

Essa sabedoria milenar é evidente até hoje e constitui o meio de evoluir. E foi também ensinamento de Jesus.

Com isso se sabe que conhecendo a si mesmo está a um passo para melhorar-se, e torna mais fácil, sabendo os perigos que se está sujeito, afastando-se deles e evitando-os.

Esta iluminação, de querer melhorar-se, acontece quando se começa a procurar o Evangelho de Jesus, acreditando numa vida melhor.

Sejamos iluminados pela luz do Mestre Jesus Cristo!

CAPÍTULO XIV

HONRAI A VOSSO PAI E A VOSSA MÃE

Piedade filial. - Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? - O parentesco corporal e o parentesco espiritual. - Instruções dos Espíritos: A ingratidão dos filhos e os laços de família.

1. Vós sabeis os mandamentos: Não cometereis adultério. Não matareis. Não furtareis. Não prestareis falsos testemunhos. Não fareis erro a ninguém. Honrai a vosso pai e a vossa mãe. (*Marcos, cap. X, v. 19; Lucas, cap. XVIII, v. 20; Mateus, cap. XIX, v. 19*).

2. Honrai a vosso pai e a vossa mãe, a fim de viverdes longo tempo na Terra, que o Senhor vosso Deus vos dará. (*Decálogo; Êxodo, cap. XX, v. 12*).

(Por quanto tempo continuaremos entendendo os ‘mandamentos divinos’ no sentido puramente material? Que nos primórdios assim pensássemos, tudo bem! Mas já devíamos estar espiritualizando o sentido, principalmente depois dos ensinamentos do Mestre Amado!)

PIEIDADE FILIAL

3. O mandamento: "Honrai a vosso pai e a vossa mãe" é uma consequência da lei geral de caridade e de amor ao próximo, porque não se pode amar o próximo sem amar pai e mãe. Mas a palavra honrai encerra um dever a mais a seu respeito: o da piedade filial. Jesus, o Cristo, quis mostrar com isso que, ao amor, é preciso acrescentar o respeito, as atenções, a submissão e a condescendência, o que implica a obrigação de cumprir para com eles, de um modo mais rigoroso ainda, tudo o que a caridade manda para com o próximo. Esse dever se estende naturalmente às pessoas que estão no lugar de pai e de mãe, e que têm tanto mais mérito quanto seu devotamento é menos obrigatório. A Lei de Deus penaliza sempre, de maneira rigorosa, toda violação a esse mandamento.

Honrar a seu pai e a sua mãe, não é somente respeitá-los: é assisti-los na necessidade, proporcionar-lhes o repouso na velhice, cercá-los de solicitude como fizeram por nós em nossa infância.

É, sobretudo, para com os pais sem recursos que se mostra a verdadeira piedade filial. Satisfazem esse mandamento aqueles que creem fazer um grande esforço dando-lhes apenas o necessário para não desencarnarem de fome, quando eles mesmos não se privam de nada? Em os relegando aos mais ínfimos aposentos da casa, para não os deixar na rua, enquanto se reservam o que há de melhor, de mais confortável? Felizes ainda quando não o fazem de errada vontade e não diminuem o tempo que lhes resta de vida física, descarregando sobre eles os trabalhos da casa! Cabe, pois, aos pais velhos e fracos serem os servidores de filhos jovens e fortes? Sua mãe regateou seu leite quando estavam no berço? Contou suas vigílias quando estavam doentes, seus passos para lhes proporcionar o de que tinham necessidade? Não, não é somente o estritamente necessário que os filhos devem a seus pais pobres, mas também, tanto quanto possam, as pequenas doçuras do supérfluo, as amabilidades, os cuidados delicados, que não são do interesse do que eles receberam, o pagamento de uma dívida sagrada. Só aí está a piedade filial aceita pela Lei de Deus.

Ai! Pois, daquele que esquece o que deve aos que o sustentaram em sua fraqueza, que com a vida material lhe deram a vida moral, que, frequentemente, se impuseram duras privações para assegurar seu bem-estar! Ai! Do ingrato, porque será penalizado pela ingratidão e pelo abandono. Será atingido em suas mais caras afeições, algumas vezes desde a vida presente, mas certamente numa outra existência, em que suportará o que terá feito aos outros suportarem.

Certos pais, é verdade, menosprezam seus deveres, e não são para os filhos o que deveriam sê-lo. Mas cabe a Lei de Deus penaliza-los e não aos seus filhos. Não cabe a estes censurá-los, porque talvez eles próprios merecessem que fosse assim. Se a caridade estabelece como lei retribuir o errado com o certo, ser indulgente para com as imperfeições alheias, de não maldizer o próximo, de esquecer e perdoar os erros, de amar mesmo aos adversários, quanto essa obrigação é maior ainda com relação aos pais? Os filhos devem, pois, tomar por regra de conduta para com os pais,

todos os preceitos de Jesus, o Cristo, concernentes ao próximo, e dizer-se que todo procedimento repreensível em face de estranhos o é ainda mais em face dos parentes, e que o que talvez não fosse senão uma falta no primeiro caso, pode vir a ser um grave erro no segundo, porque, então, à falta de caridade se une a ingratidão.

(Asilos de idosos = depósito de velhos inúteis... Grupo de terceira ou 'melhor' idade: velhos de razoável renda, sorrindo da própria inutilidade e infantilidade... Quantos velhos 'sãos' que nem se lembram de seus iguais 'doentes'... E o que fazem os jovens? Na sua maioria copiam os primeiros...)

4. Moisés disse: "Honrai a vosso pai e a vossa mãe, a fim de viverdes longo tempo na Terra, que o Senhor vosso Deus vos dará". Por que, pois, promete como recompensa a vida na Terra e não a vida celeste? A explicação está nestas palavras: "Que Deus vos dará", suprimidas na forma moderna do decálogo, o que lhe desnatura o sentido. Para se compreender essas palavras, é preciso se reportar à situação e às ideias dos Hebreus à época em que foram ditas. Eles não compreendiam ainda a vida espiritual futura. Sua vida não se estendia além da vida corporal. Deviam, pois, ser mais tocados pelo que viam do que pelo que não viam. Por isso, Moisés fala numa linguagem à sua altura e, como a crianças, lhes dá em perspectiva o que pode satisfazê-los. Estavam, então, no deserto. A terra que Deus lhes dará era a Terra Prometida, objetivo de suas aspirações. Eles não desejavam nada mais do que isso, e Moisés lhes disse que viveriam nela longo tempo, quer dizer, que a possuiriam por muito tempo, se observassem seus mandamentos.

Mas, ao advento de Jesus, o Cristo, suas ideias estavam mais desenvolvidas. Era chegado o momento de lhes dar um alimento menos grosseiro, iniciá-los na vida espiritual, em lhes dizendo: "Meu reino não é deste mundo. É nele, e não na Terra, que receberéis a recompensa de vossas corretas obras". Com estas palavras, a Terra Prometida material se transforma numa pátria celeste. Também, quando os chama à observação do mandamento: "Honrai a vosso pai e a vossa mãe", não é mais a Terra que lhes promete, mas o Mundo espiritual.

(Materialistas e imediatistas que somos, somente podemos agir assim: "Meu pai é alcoólatra e minha mãe viciada em drogas. Quero mais que o inferno lhes seja suave!")

QUEM É MINHA MÃE E QUEM SÃO MEUS IRMÃOS?

5. E tendo chegado à casa, nela se reuniu uma tão grande multidão de povo, que não podiam mesmo tomar seu alimento. Seus parentes, tendo sabido disso, vieram para se apoderarem dele, porque diziam que ele havia perdido o Espírito.

Entretanto, sua mãe e seus irmãos tendo vindo, e ficando do lado de fora, mandaram chamá-lo. Ora, o povo estava sentado ao seu redor, e lhe disse: Vossa mãe e vossos irmãos estão lá fora vos chamando. Mas ele lhes respondeu: Quem é minha mãe, e quem são meus irmãos? E olhando aqueles que estavam sentados ao seu redor. Eis, disse, minha mãe e meus irmãos. Porque todo aquele que faz a vontade de Deus, este é meu irmão, minha irmã e minha mãe. *(Marcos, cap. III, v. 20, 21 e 31 a 35; Mateus, cap. XII, v. de 46 a 50).*

(Os ensinamentos do Mestre devem ser entendidos na transcendência, nunca no imediatismo.)

6. Certas palavras parecem estranhas na boca de Jesus, o Cristo, e contrastam com a sua bondade e sua inalterável benevolência para com todos. Os incrédulos não deixaram de fazer disso uma arma, dizendo que ele próprio se contradizia. Um fato irrecusável é que a sua Doutrina tem por base essencial, por pedra angular, a lei de amor e de caridade. Não podia, pois, destruir de um lado o que estabelecia de outro. De onde é preciso tirar esta consequência rigorosa de que, se certos ensinamentos estão em contradição com o princípio, é que as palavras que se lhe atribuem foram falsamente expressadas, compreendidas erradas ou não são dele.

(A família carnal, a família espiritual, a família universal. Cada qual representa um estágio diferente de elevação do Espírito.)

7. Admira-se, e com razão, ver, nessa circunstância, Jesus, o Cristo, mostrar tanta indiferença pa-

ra com os seus parentes e, de alguma sorte, renegar sua mãe.

No que tange a seus irmãos, sabe-se que não tiveram jamais simpatia por ele. Espíritos pouco avançados, não tinham compreendido a sua missão. Sua conduta, a seus olhos, era bizarra, e seus ensinamentos não lhes haviam tocado, uma vez que não houve nenhum discípulo entre eles. Parecia mesmo que partilhavam, até certo ponto, das prevenções dos seus adversários. É certo, de resto, que o acolhiam mais como estranho do que como irmão quando ele se apresentava na família, e João disse, positivamente, "que não acreditavam nele".

Quanto à sua mãe, ninguém poderia contestar sua ternura por seus filhos. Mas é preciso convir também que ela não parecia ter feito uma ideia muito justa da sua missão, porque não se viu jamais seguir seus ensinamentos, nem lhe prestar testemunho como fez João Batista. A solicitude maternal era, nela, o sentimento dominante. A respeito de Jesus, o Cristo, supor-lhe ter renegado sua mãe seria desconhecer-lhe o caráter: tal pensamento não poderia animar aquele que disse: Honrai a vosso pai e a vossa mãe. É preciso, pois, procurar outro sentido para as suas palavras, quase sempre veladas sob a forma alegórica.

Jesus, o Cristo, não negligenciou nenhuma ocasião de dar um ensinamento. Tomou, pois, a que lhe oferecia a chegada de sua família para estabelecer a diferença que existe entre o parentesco corporal e o parentesco espiritual.

(Esta mensagem só pode ser aceita quando nos elevarmos em conhecimento e moral. A Doutrina dos Espíritos atende à razão e nos faz entender, perfeitamente, essa irmandade espiritual, mas, mesmo assim, ainda muitos 'espíritas' não conseguem expressar isso!)

O PARENTESCO CORPORAL E O PARENTESCO ESPIRITUAL

8. Os laços de sangue não estabelecem, necessariamente, os laços entre os Espíritos. O corpo físico procede do corpo físico, mas o Espírito não procede do Espírito, porque o Espírito existia antes da formação do corpo físico. Não foram os pais que criaram o Espírito do filho, eles não fizeram senão fornecer-lhe um envoltório corporal físico, mas devem ajudar o seu desenvolvimento intelectual e moral, para fazê-lo progredir.

Os Espíritos que se encarnam numa mesma família, sobretudo entre parentes próximos, são o mais frequentemente, Espíritos simpáticos, unidos por relacionamentos anteriores, que se traduzem por sua afeição durante a vida terrestre. Mas pode ocorrer também que esses Espíritos sejam completamente estranhos uns aos outros, divididos por antipatias igualmente anteriores, que se traduzem da mesma forma por seu antagonismo na Terra, para lhes servir de prova. Os verdadeiros laços de família não são, pois, os da consanguinidade, mas os da simpatia e da comunhão de pensamentos que unem os Espíritos antes, durante e após a sua encarnação. De onde se segue que dois seres nascidos de pais diferentes, podem ser mais irmãos pelo Espírito do que se o fossem pelo sangue. Podem se atrair, se procurar, se dar bem juntos, enquanto que dois irmãos consanguíneos podem se repelir, como se vê todos os dias. Problema moral que só o Espiritismo podia resolver pela pluralidade das existências.

Há, pois, duas espécies de famílias: as famílias pelos laços espirituais, e as famílias pelos laços corporais físicos. As primeiras, duráveis, se fortalecem pela elevação, e se perpetuam no mundo dos Espíritos, através de diversas migrações do Espírito. As segundas, frágeis como a matéria, se extinguem com o tempo e, frequentemente, se dissolvem moralmente, desde a vida atual. Foi isso que Jesus, o Cristo, quis fazer compreender em dizendo aos seus discípulos: Eis minha mãe e meus irmãos, quer dizer, minha família pelos laços do Espírito, porque quem quer que faça a vontade do meu Pai que está nos céus é meu irmão, minha irmã e minha mãe.

A hostilidade de seus irmãos está claramente expressa na narração de Marcos, uma vez que, disse ele, se propunham se apoderar dele, sob o pretexto de que havia perdido o Espírito. À notícia da sua chegada, conhecendo-lhe os sentimentos a seu respeito, era natural que dissesse, falando dos seus discípulos, do ponto de vista espiritual: "Eis meus verdadeiros irmãos". Sua mãe se encontrava com eles e generaliza o ensinamento, o que não implica de nenhum modo que tenha pretendido que sua mãe segundo o corpo físico não lhe era nada como Espírito, e que não tivesse por ela senão indiferença. Sua conduta, em outras circunstâncias, provou suficientemente o contrário.

(Podemos entender no sentido espiritual ou: “Os que são do meu ‘sangue’ pertencem à boa estirpe. Os outros são a ralé!”.)

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

A INGRATIDÃO DOS FILHOS E OS LAÇOS DE FAMÍLIA

9. A ingratidão é um dos frutos mais imediatos do egoísmo. Revolta sempre os corações honestos: mas a dos filhos com relação aos pais, tem um caráter ainda mais errado. É sob esse ponto de vista especialmente que vamos encará-la para analisar-lhe as causas e os efeitos. Aqui, como por toda a parte, o Espiritismo veio lançar luz sobre um dos problemas do coração humano.

Quando o Espírito deixa a Terra, carrega consigo os errados desejos ou as virtudes inerentes à sua evolução, e vai para o mundo espiritual se aperfeiçoar ou ficar estacionário, até que queira ver a luz. Alguns, pois, partiram carregando consigo ódios poderosos e desejos de vingança insatisfeitos. Mas a alguns destes, mais avançados que os outros, é permitido entrever algo da verdade. Eles reconhecem os funestos efeitos de seus errados desejos e, então, tomam corretas resoluções. Compreendem que para andar na Lei de Deus não há senão uma senha: caridade. Ora, não há caridade sem esquecimento de ultrajes e de injúrias. Não há caridade com ódios no coração e sem perdão.

Então, por um esforço inaudito, olham aqueles que detestaram na Terra, mas ante essa visão, sua animosidade desperta. Revoltam-se com a ideia de perdoar, e mais ainda com a de se abdicarem de si mesmos, sobretudo, à de amarem aqueles que talvez lhe destruíram a fortuna, a honra, a família. Entretanto, o coração desses infortunados está abalado. Eles hesitam, vacilam, agitados por sentimentos contrários. Se a correta resolução vence, pedem à Lei de Deus, imploram aos corretos Espíritos que lhes deem forças no momento mais decisivo da prova.

Enfim, depois de algum tempo de meditações e de preces, o Espírito se aproveita de um corpo físico que se prepara na família daquele que detestou, e pede aos Espíritos encarregados de transmitir as ordens supremas, para ir cumprir na Terra os destinos desse corpo físico que vem de se formar. Qual será, pois, a sua conduta nessa família? Ela dependerá, mais ou menos, da persistência de suas corretas resoluções. O contato incessante dos seres que odiou é uma prova terrível, sob a qual sucumbe, às vezes, se sua vontade não é bastante forte. Assim, segundo triunfe a correta ou a errônea resolução, será amigo ou adversário daqueles no meio do qual foi levado a viver. Por aí se explicam esses ódios, essas repulsas instintivas que se notam em certas crianças e que nenhum ato anterior parece justificar. Nada, com efeito, nesta existência, pôde provocar essa antipatia. Para compreendê-la é preciso voltar os olhos sobre o passado.

Ó Espíritas! Compreendei hoje o grande papel da Humanidade. Compreendei que quando produzis um corpo físico, o Espírito que nele se encarna vem do espaço para progredir. Sabei vossos deveres e colocai todo o vosso amor em aproximar esse Espírito da Lei de Deus. É a missão que vos está confiada e da qual receberéis a recompensa, se a cumprirdes fielmente. Vossos cuidados, a educação que lhe derdes, ajudarão seu aperfeiçoamento e seu bem-estar futuro. Pensai que a cada pai e a cada mãe a Lei de Deus perguntará: "Que fizestes do filho confiado à vossa guarda?". Se permaneceu atrasado por vosso erro, vossa penalização será o de vê-lo entre os Espíritos atormentados, ao passo que dependia de vós tê-lo feito feliz. Então, vós mesmos, atormentados de remorsos, pedireis para reparar vosso erro. Solicitareis uma nova encarnação, para vós e para ele, na qual o cercareis de cuidados mais esclarecidos, e ele, cheio de reconhecimento, vos cercará de seu amor.

Não rejeiteis, pois, a criança de berço que repele sua mãe, nem aquele que vos paga com ingratidão. Não é o acaso que o fez assim e que vo-lo deu. Uma intuição imperfeita do passado se revela e daí julgais se um ou o outro já muito odiou ou foi muito ofendido. Que um ou o outro veio para perdoar ou para resgatar. Mães, abraçai, pois, o filho que vos causa desgosto, e dizei-vos: Um de nós dois foi errado. Merecei as alegrias divinas que Deus atribui à maternidade, ensinando a essa criança que ela está na Terra para se aperfeiçoar, amar e bendizer. Mas, ah! Muitos dentre vós, em lugar de arrancar pela educação os errados princípios inatos de existências anteriores, entretêm, desenvolvem esses mesmos princípios por uma fraqueza errada ou por negligên-

cia, e, mais tarde, o vosso coração ulcerado pela ingratidão de vossos filhos, será para vós, desde esta vida física, o começo da vossa expiação.

A tarefa não é tão difícil como o poderíeis crer. Não exige o saber do mundo, o simples, tanto quanto o sábio, pode cumpri-la, e o Espiritismo veio facilitá-la, dando a conhecer a causa das imperfeições do coração humano.

Desde o berço, a criança manifesta os instintos corretos ou errôneos que traz de sua existência anterior. É a estudá-los que é preciso se aplicar. Todos os erros têm seu princípio no egoísmo e no orgulho. Espreitei, pois, os menores sinais que revelem as sementes desses vícios, e empenhai-vos em combatê-los, sem esperar que lancem raízes profundas. Fazei como o correto jardineiro, que arranca os errados brotos à medida que os vê despontar sobre a árvore. Se deixais se desenvolverem o egoísmo e o orgulho, não vos espanteis de ser mais tarde pagos pela ingratidão. Quando os pais fizeram tudo o que deviam para o adiantamento moral dos filhos, se não se saem bem, não têm censuras a se fazer, e sua consciência pode estar tranquila. Mas ao desgosto muito natural que experimentam do insucesso dos seus esforços, a Lei de Deus reserva uma grande, uma imensa consolação, pela certeza que não é senão um atraso, e que lhes será dado acabar em outra existência a obra começada nesta, e que um dia o filho ingrato os recompensará com seu amor.

A Lei de Deus não faz a prova acima das forças daquele que a pede. Não permite senão aquelas que podem ser cumpridas. Se não se triunfa, não é, pois, a possibilidade que falta, mas a vontade, porque quantos há que em lugar de resistir aos errôneos arrastamentos, neles se comprazem. A estes estão reservados os prantos e os gemidos em suas existências posteriores. Mas admirai a bondade da Lei de Deus. Que nunca fecha a porta ao arrependimento. Chega um dia em que o errado está cansado de sofrer, em que seu orgulho está enfim domado, e é então que a Lei de Deus abre seus braços paternos ao filho pródigo. As fortes provas, entendi-me bem, são quase sempre o indício de um fim de tormento e de um aperfeiçoamento do Espírito, quando são aceitas por amor a Deus. É um momento supremo, e nele, sobretudo, importa não falhar reclamando, se não se quer perder-lhe o fruto e ter de recomeçar. Em lugar de vos lamentardes, agradecei à Lei de Deus que vos oferece ocasião de vencer para vos dar o prêmio da vitória. Então, quando saídos do turbilhão do mundo terrestre, entrardes no mundo dos Espíritos, nele sereis aclamado como o artesão que sai vitorioso pela conclusão de sua obra de arte.

De todas as provas, as mais difíceis são as que afetam o coração. Alguém suporta com coragem a miséria e as privações materiais, mas sucumbe ao peso dos desgostos domésticos, esmagado pela ingratidão dos seus. Oh! É uma pungente angústia essa! Mas que pode melhor, nessas circunstâncias, revelar a coragem moral que o conhecimento das causas do erro e a certeza de que, se há extrema aflição não há desesperos eternos, porque Deus não pode querer que a sua criatura sofra para sempre! Que mais consolador, mais encorajador que esse pensamento de que depende só de si, de seus próprios esforços, abreviar o tormento, destruindo em si as causas do erro? Mas, para isso, é preciso não deter o olhar na Terra e não ver senão uma única existência. É preciso se elevar, planar no infinito do passado e do futuro. Então, a grande justiça de Deus se revela ao vosso olhar, e esperais com paciência, porque entendeis o que vos parecia calamidades na Terra. As feridas que nela recebeis não vos parecem mais do que arranhões. Nesse golpe de vista lançado sobre o conjunto, os laços de família aparecem sob sua verdadeira luz. Não são mais os laços frágeis da matéria reunindo os membros, mas os laços duráveis do Espírito, que se perpetuam e se consolidam em se elevando, em vez de se romperem pela reencarnação.

Os Espíritos que a semelhança dos gostos, a identidade de progresso moral e a afeição levam a se reunirem, formam famílias. Esses mesmos Espíritos, em suas migrações terrestres, se procuram para se agruparem como o fazem no espaço. Daí nascem as famílias unidas e homogêneas, e se, em suas peregrinações, estão momentaneamente separados, reencontram-se mais tarde, felizes com os novos progressos. Mas como não devem trabalhar unicamente para si, a Lei de Deus permite que Espíritos menos avançados venham a se encarnar entre eles para aí ter conselhos e corretos exemplos, no interesse do seu adiantamento. Eles causam, por vezes, perturbações, mas aí está a prova, aí está a tarefa. Acolhei-os, pois, como irmãos, vinde em sua ajuda e, mais tarde, no mundo dos Espíritos, a família se felicitará de haver salvo do naufrágio os que, a seu turno, poderão salvá-la de outros.

(Agostinho, Paris, 1862).

(Desde o berço, a criança manifesta os instintos corretos ou errôneos que traz de sua existência anterior.
Quando os pais reconhecerem e dominarem as necessidades educativas, de valor espiritual, de seus filhos, aplicando a educação correta, não mais terão que ouvir: “Eu não sou um filho ingrato, todo ano levo flores aos túmulos de meus pais!”.)

EXPLANAÇÕES

01 - PIEDADE FILIAL - itens 1 a 4.

Filhos, obedeci a vossos pais no Senhor, pois isto é justo.

Honra a teu pai e a tua mãe para que te vá bem, e sejas de longa vida sobre a Terra.

E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor. Efésios - capítulo 6 - vers. 1 a 4.

O Espírito não procede do Espírito. Quando um Espírito busca o ninho doméstico, para habitar por um tempo no mundo físico, a escolha do berço onde deve renascer não se realiza somente pelos laços de simpatia mútua que atraem os que se amam e se compreendem. A reconciliação com os adversários, a recomposição com o passado delituoso, entra no cômputo de elementos ponderados para promover a nossa reencarnação neste ou naquele lar.

Nunca existe o acaso. O plano superior preside nossas aspirações, nos orienta nos liames evolutivos, e organiza as aproximações indispensáveis, a fim de que, expiando nossos erros do passado, venhamos a iniciar a construção de um futuro realmente feliz e pleno de paz com todos.

Como nada sabem os que dizem que não pediram para nascer! Nós imploramos oportunidade de resgate!

Acolher um novo ser é sempre missão. Será tarefa grata, terna, e despertando uma suave e infinda alegria, quando os braços se abrem para um Espírito que integra, pela comunhão de aspirações, o grupo familiar espiritual. Será um calvário doloroso, porém dignificante, se nos dispormos a recolher um Espírito em fase de reconciliação.

Por isso os pais devem estar vigilantes. Todos nós, que mergulhamos no esquecimento da carne, desvinculando do arquivo de nossa memória os sucessos que precederam ao nosso ingresso na escola terrena, trazemos vícios e lampejos de virtudes, que estão dormentes no coração. Toda a bagagem psíquica que formamos, experiência após experiência, permanece esmaecida na forma de impulsos e tendências que, desde muito cedo, se manifestam em nossos atos e na externalização de nossas preferências.

Cuidemos da educação de nossos filhos. Procuremos descobrir, no ente sob a nossa guarda temporária, as manifestações sutis ou grosseiras do orgulho e do egoísmo e procuremos corrigi-las com amor e discernimento. Cada deficiência que se despontar merece o cuidado do floricultor, que impede a proliferação incontrolada da erva daninha em seus canteiros, para que não venha a perdê-las, sufocadas pelo matagal.

A infância é o tempo da sementeira. Ainda pequenina, a criança externa os seus pendores corretos ou errados, possibilitando-nos até conhecer o seu passado, no campo do caráter e da conduta. Não poderemos, no entanto, aguardar que ela se faça adulta, atingindo a idade da razão, para depois alertá-la de seus desequilíbrios. Seria permitir que afluíssem e se fortalecessem as suas desvirtudes num grau irreversível, acomodando-as com os vícios e, depois de iniciarmos as colheitas dos maus frutos, pretendêssemos corrigir o plantio esquecido e a árvore abandonada à praga destruidora.

Há o filho rebelde! Mil vezes teremos procurado corrigir os seus defeitos, por palavras, pela disciplina indispensável, pelo exemplo do nosso comportamento equilibrado, sem que ele tenha recuado um centímetro sequer de seus desvios. Aí sentimos o gosto da frustração e da amargura. Nossos mestres espirituais pedem que examinemos todos os esforços desenvolvidos para educá-los. E, se concluirmos que fizemos tudo para auxiliá-los no desenvolvimento moral, e eles continuam rebeldes aos conselhos e exemplos, não nos culpemos. Continuemos orando por esse filho e sabendo que numa próxima existência será possível prosseguir na obra de recuperação, que nesta iniciamos. Não nos esqueçamos que o filho problema terá novas oportunidades.

Há também os pais que não cuidam de seus filhos. E nós, que também esquecemos os cuidados e a educação de nossos filhos, recolhendo agora os frutos da ingratidão e dos problemas, teremos nova existência, onde nos será permitido reparar os descuidos de hoje, mas agravados pelo desleixo.

Abandonamos o lar, assoberbados pelos cuidados da vida material e pelos gozos traiçoeiros e transitórios deste mundo. Enquanto isso, o filho permanece relegado ao esquecimento, desenvol-

vendo o instinto de víboras que picam e envenenam tão logo transponham as fronteiras do seu pequeno mundo.

É justo que recolhamos o produto do nosso desleixo. Dia virá que, pela bondade do Pai, seremos novamente reajustados numa constelação familiar e, juntos seremos impelidos a revisar as lições menosprezadas, aprendendo a renunciar a própria vida física, para conquistarmos a vida perene da paz e da harmonia.

Nós devemos, pais e filhos, observar as eternas Leis do Amor que equilibram o nosso universo, contidas todas no Evangelho do Senhor Jesus, hoje revivido pelo Espiritismo Cristão, e, aceitando esses luminescentes preceitos, reconstruamos nossa existência.

Não encontraremos caminhos iluminados no mundo onde são visíveis os desvios e irregularidades, se não aceitarmos Jesus, esse Sol perene, para clarificar o lar que eleva e dignifica os Espíritos na sua ascensão rumo ao infinito.

E assim, vamos entendendo e aceitando melhor a convivência entre pais e filhos e filhos e pais.

Graças ao conhecimento do Espiritismo, compreendemos porque de pais tão bondosos, nascem filhos tão rebeldes e de lares tão desleixados saem filhos tão virtuosos.

Em todos os lares, pais ensinam filhos e filhos ensinam pais. Ambos estão juntos para aprenderem valores espirituais, sejam de conhecimentos ou de moral.

"As noções religiosas, com a exemplificação dos mais altos deveres morais da vida, constituem a base de toda a educação, no sagrado instituto da família". Emmanuel.

O Espiritismo encara com seriedade e carinho o problema da educação, que sempre preocupou a humanidade em todos os tempos, isto porque as inteligências que examinam o assunto sob o ponto de vista do futuro, devassam, pela intuição, no tempo e no espaço, os caminhos que hão de vir.

Os spiritistas entendem que, sendo o amor a lei da vida, todas as realizações humanas ou espirituais que o têm por base, mais cedo ou mais tarde, alcançam os seus objetivos, porque Deus é amor e como tal, está no centro e em toda parte da vida universal, dirigindo-lhe as mais diversas manifestações.

Léon Denis nos diz: "O amor é uma força inexaurível, renova-se sem cessar e enriquece ao mesmo tempo aquele que dá e aquele que recebe. É pelo amor, Sol dos Espíritos, que Deus mais eficazmente atua no mundo".

Nenhum mestre ensinará a uma criança, a um adolescente ou a um adulto a se portarem como devem se não houver muito amor, muito idealismo e muita paciência no Espírito desse educador, além de serena energia espiritual.

Os benfeitores espirituais dizem que o Espírito, ao regressar à vida corporal, é livro em branco em cujas páginas podem ser inscritas luminosas concepções de; amor e paz, renovação e trabalho, dignidade e sentimento, ou os sombrios caracteres do desequilíbrio, da materialidade, da descrença.

"O método do amor é tão infalível como a lei da gravidade", diz-nos o pensador Marden.

Emmanuel, mentor do médium Francisco Cândido Xavier cita a frase: "a criança é o futuro" e esclarece que as ciências psicológicas atualmente contam com diversos sistemas de orientação com que pretendem guiar para a felicidade, advertindo, no entanto, que a vitória desses empreendimentos depende da aplicação da regra áurea do Cristo: "faze aos outros o que desejas que os outros te façam".

Quem ama adquire condições para bem exemplificar na missão educativa, iluminando, protegendo, construindo para a eternidade, visando ao supremo objetivo da educação: Elevar.

O amor, gerando equilíbrio e fraternidade, compreensão e tolerância, por ser divino, não ofusca a razão.

Não distorce a verdade. Não oblitera o raciocínio. Não dissimula.

Não desvirtua o ensino. Não aponta roteiros que não seja os da persuasão cristã, da energia construtiva, serena e firme nos roteiros que não violentam o livre arbítrio, porém não apoiam e nem aplaudem desatinos.

Léon Denis, filósofo Espírita e educador por excelência, pela riqueza do pensamento e sublimidade dos conceitos observa: "Jesus passou pouco tempo na Terra; foram bastante três anos de

evangelização para que seu domínio se estendesse a todas as nações. Não foi pela ciência nem pela oratória que Ele seduziu e cativou as multidões: Foi pelo amor!".

- Em homenagem às mães -

--TERNURA--

Mãezinha querida.

Lembro-me de ti, quando acordei para recordar.

Debruçada ao meu berço, cantavas baixinho e derramavas no meu rosto pequeninas gotas de luz que, mais tarde, vim saber serem lágrimas.

Aconchegaste-me no colo, como se transportasses a brando ninho e, desde então, nunca mais me deixaste.

Quando os outros iam à festa, velavas comigo, ensinando-me a pronunciar o bendito nome de Deus... Noutras ocasiões, trabalhavas, de agulha aos dedos, contando histórias de bondade e alegria para que eu dormisse sonhando...

Se eu fugia, quebrando o pente, ou se voltava da escola com a roupa rasgada, enquanto muita gente falava em castigo, afagavas minhas mãos entre as tuas ou beijavas os meus cabelos em desalinho.

Depois cresci, vendo-te ao meu lado, à feição de um anjo entre quatro paredes...

Cresci para o mundo, mas nunca deixei de ser, em teus braços, a criança pela qual entregaste a vida.

E, até agora, dia a dia, esperas paciente e doce, o momento em que me volto para teus olhos, sorrindo para mim e abençoando-me sempre, ainda mesmo quando os meus problemas te retalham o peito por lâminas de aflição!...

Hoje, ouvi a música dos milhões de vozes que te engrandecem...

Quis apanhar as constelações do Céu e misturá-las ao perfume das flores que desabrocham no chão, para tecer-te uma coroa de reconhecimento e carinho, mas, como não pudesse, venho trazer-te as pétalas de amor que colhi em minh'alma.

Recebe-as, mãezinha!...

Não são pérolas, nem brilhantes da Terra...

São as lágrimas de ternura que Deus me deu para que te oferte o meu próprio coração, transformado num poema de Estrelas.

Meimei.

(O Reformador - 12/96)/(O Espírito da Verdade)/(Jesus e Kardec)

2 - Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? - itens 5 a 7.

Enquanto Jesus falava, achavam-se da parte de fora sua mãe e seus irmãos, procurando falar-lhe. Alguém então Lhe disse: Tua mãe e teus irmãos procuram falar-Te. Mas Ele respondeu: Quem é minha mãe, e quem são meus irmãos?

E estendendo a mão para os discípulos, exclamou:

- "Eis minha mãe e meus irmãos! Porque todo aquele que ouve a palavra de Deus, e a põe em prática, esse é meu irmão, minha irmã, minha mãe".

A palavra falada, ou escrita, compõe-se de dois elementos: forma e fundo; ou sejam: corpo e espírito.

A linguagem de Jesus é toda espiritual. Quem quiser compreendê-Lo deve buscar sempre o sentido dos Seus dizeres sob prisma puramente espiritual. Ele serviu-se da forma, empregando-a para designar pensamentos transcendentais, dos quais a forma em si mesma, não pode dar uma ideia precisa e clara. Temos necessidade de ir além da forma, isto é, desprezar a letra, a vestimenta da sua linguagem, buscando o espírito. Só este é capaz de nos fazer penetrar a mente e o coração do Mestre Jesus.

Críticos que se ativeram a letra, viram certa irreverência na resposta que Ele dera quando procurado pela Sua família carnal.

Quem é minha mãe? Quem são meus irmãos? Estas interpelações devem ser consideradas espirituais, e não materialmente.

Esta é uma lição eloquente, porque os laços que unem as pessoas entre si na constituição da família não são os da carne nem do sangue, mas sim os do Espírito.

Os laços da carne e do sangue são contingências da vida terrena: afrouxam-se com o atrito das paixões, rompem-se no momento do desencarne. Não podem, por sua natureza, irmanar e confundir os corações, fazendo da coletividade uma unidade. Só os laços do Espírito conseguem tal resultado.

A prova desse fato está nos desacordos que se verificam comumente no seio das famílias cujos membros se acham ligados somente pelos frágeis e tênues vínculos da carne e do sangue. Há irmãos - filhos do mesmo pai e da mesma mãe - que mutuamente se repelem e até se hostilizam. Há cônjuges que se acham radicalmente divorciados, aparentando vida conjugal apenas para salvar as aparências.

Na organização da família, como na organização da pátria, só os fatores de ordem moral podem estabelecer aquela coesão indispensável que; dá a tais organizações, solidez, vitalidade e permanência.

É no equilíbrio de aspirações comuns que se funda a base da família. Onde os Espíritos não vibram na mesma nota, onde os ideais não se conjugam obedientes a afinidades que se atraem, haverá casamentos diversos, mais ou menos duradouros, mas jamais haverá família e nem pátria.

Escusado é dizer que, os ideais que deveras consagram nos corações são os puros e nobres, livres de rasteiros interesses. O egoísmo é dispersivo. Só o amor perfeitamente compreendido, gera vínculos indissolúveis.

Daí o dizer de Jesus: "Aqueles que fazem a vontade de meu Pai, esses são meus irmãos, irmãs e mãe".

Fazer a vontade de Deus é agir segundo a suprema lei do amor, fora da qual tudo é efêmero, fugaz e insustentável.

Há leis que regem o correto, mas nenhuma que rege o erro. O erro é efeito da ignorância humana, vai-se dissipando à medida que a luz se vai fazendo nos cérebros e nos corações.

Nada pode ser estável no erro. Quanto mais dentro da lei, mais perto da consolidação.

Entre Jesus e Deus há íntima e perfeita comunhão: "Eu e o Pai somos um". Semelhante ideal que visa a tão completa identificação, confundindo as individualidades numa unidade, representa o alvo supremo do Cristianismo, como se infere desta sentença destacada da oração sacerdotal do Divino Mestre: "Pai, quero que todos sejam um em mim como Eu já sou um contigo. Eu neles e Tu em mim para que, desse modo, todos se aperfeiçoem na unidade".

A verdade unifica. O erro dispersa. Se os seres humanos conhecessem a lei, e procurassem obedecer-lhe na organização da família, evitariam inúmeros dissabores e dolorosos sofrimentos. In-

felizmente, porém, quando tratam de o fazer, cuidam de tudo, menos dos fatores de natureza espiritual.

Casam-se corpos físicos, não se casam Espíritos. Previnem-se os interesses temporais, menos-prezando-se por completo os interesses espirituais.

Consequência: O lar em vez de ser o doce remanso da paz, onde se retemperam forças, é pandemônio onde se querela noite e dia, ou, então, é masmorra onde todos vegetam e ninguém vive com alegria de viver.

O lar, organizado sob a égide sagrada da lei, há de ser a verdadeira igreja do Cristo, conforme a promessa; "Onde estiverem dois ou mais em meu nome, aí estarei no meio deles".

Cada chefe de família é o sacerdote desse templo augusto. A esposa e mãe, sabedora dos seus deveres, será o anjo abençoado abrindo sobre o lar suas brancas asas, a fim de abrigá-lo das intempéries dos erros. Os filhos são os discípulos que se exercitarão na aprendizagem da virtude, no cumprimento do dever, na disciplina santa do trabalho e da mútua dedicação.

Tal é a família como a quer Jesus e da qual Ele se considera membro.

Jesus é o maior Espírito que já pisou no solo terreno.

Ele nasceu de uma mulher: Maria de Nazaré.

Ela, um Espírito esclarecido, recebeu a incumbência de ser a mãe de Jesus. Espírito singular. Carregou em seus ombros a responsabilidade de dar exemplos vivos, para toda a família humana. Muitos desconhecem o esforço gigantesco desse Espírito, sacrificando ao que tinha direito, no sentido de ajudar a humanidade a conquistar a paz.

Maria teve assistência espiritual para o nascimento de Jesus. Quantidades de anjos fizeram tudo para que a ordem se estabelecesse e não faltasse harmonia no seu coração e no seu caminho. Até as plantas foram beneficiadas, também foram os animais e as coisas, e certamente, todas as criaturas.

Maria conhecia a missão de seu filho e da Sua união com o Pai Eterno.

Jesus amou a todos e principalmente Maria, que o ajudou a vir ao mundo cumprir a Sua missão.

E quando Ele diz: Quem é minha mãe? - está mostrando naquele momento um exemplo do nosso futuro, em que a nossa família será a humanidade.

Maria acompanhou o seu filho e presenciou muitas vezes os Seus atos, e o seu coração estremeceu quando percebia o clima de hostilidade daqueles que censuravam o seu filho.

Muitas vezes o viu chorar, mas não chorar por Ele mesmo e sim pelos que sofrem, pelo orgulho que corrói os corações humanos e retardam o Reino dos Céus em seus Espíritos. E muitas vezes, se abraçavam e choravam juntos.

E a cada dia da convivência com Jesus, Maria ia conhecendo a grandeza de seu filho.

A posição de Maria era diferente de todas as criaturas que O seguiam; porque a sua pureza de sentimentos não dava lugar para dúvidas e não cedia ambiente para incompreensão; a sua fé cresceu, e tomou conta de todo o seu coração pela beleza que expressava na consciência. E Jesus a abençoava, pelas bênçãos do Pai que está nos Céus.

Jesus reconhecia Maria como sua mãe, pois ela renunciou à própria vida, para que Ele vivesse e cumprisse a Sua missão. Recebeu a tarefa que o Céu lhe deu. E sabia que seu filho, antes, era Filho de Deus, a quem obedecia na totalidade de Suas determinações.

Jesus explicou a Maria que Ele ajudou Deus a fazer mundos, porque antes que Ele fosse, Deus era. E o Pai que está nos Céus entregou-lhe todo rebanho da Terra, para que o pastorassem e despertasse para a vida eterna.

Maria muito aprendeu com seu filho amado e viu em cada criatura, um filho de Deus.

Maria é a mãe da Terra, exemplo de amor para todas as mães da Terra e guia das mães nos planos espirituais da casa terrena.

Maria trabalhou pelos ensinamentos do seu filho até o dia em que partiu para os braços de seu filho amado e agradeceu a oportunidade de vida, nesta escola espiritual abençoada.

(Maria de Nazaré)/(Nas Pegadas do Mestre)/(Jesus Voltando)

3 - Parentesco Corporal e Espiritual - item 8.

Os pais geram aos filhos somente o corpo material, porque o Espírito é indivisível. Um pai estúpido pode ter filhos inteligentes e vice versa.

A sucessão das vidas corpóreas estabelece entre os Espíritos liames que remontam as existências anteriores; disso decorrem frequentemente as causas de simpatia entre Espíritos que nos são estranhos.

A Doutrina Espírita, que é a Doutrina da Reencarnação, não destrói os laços de família. Ela os amplia. Baseando-se o parentesco em afeições anteriores, os laços que unem os membros de uma mesma família são menos precários. A reencarnação amplia os deveres da fraternidade, pois no nosso vizinho ou no nosso auxiliar pode encontrar-se um Espírito que foi do nosso sangue em outra encarnação.

O corpo físico procede do corpo físico, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças, nada mais existe do que a consanguinidade.

Nós, os reencarnados, nos orgulhamos de ter tido na família um avô barão, um grande poeta, um nobre debochado e coramos de vergonha quando se fala de um pai de outra raça ou um simples trabalhador honesto. Isto acontece devido ao nosso orgulho.

Façamos o que quisermos, nada impedirá que as coisas sejam como são, porque Deus não regulou as leis da Natureza pela nossa vaidade. O que devemos acreditar, é que os Espíritos dos nossos antepassados não se sentem honrados com o culto com que os tributamos por orgulho. Devemos seguir seus corretos e bons exemplos. Somente assim, a lembrança além de agradável pode também ser útil.

As semelhanças morais entre pais e filhos vêm de Espíritos que são simpáticos.

Os Espíritos dos pais exercem grande influência nos Espíritos dos filhos. Os Espíritos dos pais têm a missão de desenvolver os dos filhos pela educação. Isso é uma tarefa.

Um Espírito desequilibrado poderá pedir bons pais, na esperança que os seus conselhos o dirijam por uma senda melhor, e muitas vezes Deus o atende.

Os pais podem melhorar o Espírito da criança a que deram nascimento e que lhes foi confiada. Esse é o dever e filhos desequilibrados são provas para os pais.

A semelhança de caráter entre irmãos, pais, é que são Espíritos simpáticos que se aproximam pela similitude de seus sentimentos e que se sentem felizes por estarem juntos.

Os Espíritos formam famílias pela semelhança de suas tendências, mais ou menos purificadas, segundo as suas elevações.

Um povo é uma grande família em que se reúnem Espíritos simpáticos. A tendência a se unirem, que têm os membros dessas famílias, é a origem da semelhança que determina o caráter distintivo de cada povo. Os Espíritos simpatizam com as coletividades, como simpatizam com os indivíduos. Procuram o meio em que se sintam correspondidos.

Todos trazemos, abrandadas em nosso íntimo pelo bálsamo do esquecimento, as chagas que abrimos em nós mesmos, na derradeira existência, onde contraímos dívidas com a humanidade e com as leis espirituais.

Antes de nossa atual imersão nos domínios deste mundo, rogamos que adormecessem em nosso coração os impulsos menos generosos, que se abrandassem as deficiências de caráter, a fim de que pudéssemos ser colocados, de novo, na estrada, na posição de um tarefeiro que não se empenhou no cumprimento de seu trabalho e que pede a oportunidade de um dia novo.

Fomos atendidos!

Despertamos, nos braços de nossos pais, amigos de outras eras ou benfeitores de novo dia, em condições de reencetar a caminhada aviltada ou interrompida, dispondo do instrumental ajustado ao nosso refazimento.

Nos primeiros anos da infância começamos a externar nossos impulsos naturais, muitos dos quais são expressões de desequilíbrios, isto é: excesso de egoísmo, maldade, mentira etc., e esbarramos com a autoridade disciplinadora de nossos tutores, pais, parentes e amigos.

Chegamos a adolescência!

Na adolescência tomamos posse da herança anímica, isto é: o Espírito começa a atuar mais claramente sobre o corpo físico. Mostramos edificações nobilitantes de um passado recente e, tam-

bém deficiências de conduta que lamentávamos na espiritualidade. Essa herança do Espírito estivera adormecida nas células mais internas, hibernadas pela ação magnética dos Benfeitores da Espiritualidade Maior, que nos dirigiram a reencarnação.

Então, raiou o dia em nós mesmos!

Reintegrando-nos na personalidade que temos edificado ou deformado no transcurso dos séculos, alcançamos a livre manifestação, equidistantes da atividade disciplinadora de nossos mentores reencarnados e, nessa fase, começamos a viver tais como somos.

E esse mundo interior passou a ser estimulado.

Na nossa união com o corpo físico, nada devemos recluir da vida material e das circunstâncias a que fomos chamados a provar-nos. Nada, além de nossas necessidades e além de nossas forças, nos é colocado no caminho da existência e, por mais difíceis que sejam os lances da convivência familiar ou social, poderemos superar-nos e vencer-nos.

As dívidas que expiamos no presente foram contraídas pelo nosso divórcio do Senhor Jesus. Mantínhamo-nos afastados do Mestre da Vida, ocupados tão unicamente na satisfação de nossos caprichos, desinteados voluntariamente da realidade espiritual. Na liberdade de escolher, desprezamos o correto e bom senso do Evangelho e, em decorrência de quem atrai fora precioso mapa capaz de orientar-nos na travessia de intrincado recanto, terminamos por transviar-nos por recolher falsas informações de falsos líderes de nosso mundo, mas que atendiam aos nossos desejos.

Com o Evangelho de Jesus compreenderemos as razões elevadas de nosso entrelaçamento com a família que nos oferta o berço.

Através do Evangelho saberemos que pais e parentes, por menos que correspondam aos nossos anseios, são Espíritos que nos receberam dentro do seu horizonte espiritual, nas condições mais propícias às nossas provas e expiações.

No Evangelho entenderemos que a ausência de mais carinho é um mero reflexo do aviltamento afetivo que ontem perpetramos, talvez contra estes que hoje nos albergam com frieza.

Dentro do Evangelho descortinaremos que a educação acadêmica que não pudemos atingir, na medida que aspirávamos, fazia parte do nosso ajuste, pelo menosprezo que já dedicamos um dia aos ramos do conhecimento humano.

Estudando o Evangelho tomaremos ciência de que, o parente problema é Espírito com quem terçamos deploráveis duelos morais nas encarnações derradeiras e que essa repulsa instintiva pede a interferência da caridade, para que se inicie a harmonização partida.

Conhecendo o Evangelho aceitaremos, nos obstáculos que se antepõem a concretização de nossas aspirações, um suave desafio para o exercício de nossa resignação, em campos onde já falimos repetidas vezes.

Vivendo o Evangelho analisaremos a sensação de frustração por indício de fuga de nós mesmos, turbados pelo que somos e necessitamos.

Participando do Evangelho entenderemos as más formações congênitas por frutos de nossa própria sementeira, constituindo, também, dolorosa e rude provação aos nossos próprios pais.

O Espiritismo Cristão reajusta-nos a visão do mundo.

O lar apresenta-se por oficina da personalidade.

Com o preciso auxílio da Doutrina Espírita nos é facultado; conseguirmos divisar a origem de quase todas as dificuldades que nos assaltam e, com tal provisão de luz, estaremos predispostos a bem utilizar as oportunidades que são ofertadas para a nossa regeneração.

Compreendamos a posição dos nossos pais.

Passemos a viver o hoje na intensidade benéfica de suas manifestações, trazendo-nos estímulos para vencer a personalidade deformada de ontem, sem que nos demorem indefinidamente no plano de revoltas e reclamações depressivas.

Honremos pais e mães, glorificando-lhes as missões sublimes, das quais somos um dos beneficiados, ofertando-lhes as radiações de nosso afeto, na mocidade e na velhice.

E Jesus, o Divino Amigo, estará junto de nós!

(Jesus e Kardec)/(Livro dos Espíritos)

4 - A Ingratidão dos Filhos e os Laços de Família - item 9.

Filha Rebelde - Irmão X

Dona Matilde sempre dizia à sua filha que era preciso atender ao problema espiritual, orientar o sentimento à luz do Cristo, porque a existência terrestre oferece surpresas inúmeras e Espíritos desprevenidos costumam cair, desastrosamente. Por isso precisa de vigilância.

E a jovem gargalhava ironicamente e dizia que não necessitava de sermões encomendados. E dizia que os conselhos da mãe eram antiquados, que a mãe desconhecia as reviravoltas do mundo, que suas observações eram descabidas e ela, era dona de sua vontade, fazia o que bem entendia.

Porém, a mãe, paciente, dizia-lhe saber que ela era dona de si, mas que o cuidado materno a obrigava a esclarecê-la, mesmo que ela não aceitasse e quem é mãe sofre muito por desvelar-se junto aos filhos...

- E você teima em sofrer! Exclamava a filha cortando-lhe a palavra, o culto do passado está em aniquilamento.

E a nobre genitora enxugava as lágrimas, enquanto a filha rebelde dizia-lhe que não precisava desfiar o rosário de lágrimas.

Assim era a situação entre dona Matilde e a moça altaneira. A generosa senhora, dedicada servidora de Cristo, já não sabia como proceder. Viúva, e com três filhas solteiras, desvelava-se, carinhosa para não lhes faltarem o necessário. Sacrificava-se para o bem estar delas. Privava-se de suas satisfações próprias, sujeitava-se a trabalhos mal remunerados, desequilibrava sua saúde pelo excesso de atividades diárias, substituindo a falta do esposo e atendendo ao próprio dever.

Eulália e Cacilda, as duas filhas mais novas, compreendiam os seus sacrifícios, Emilinha, a mais velha, tratava-a rudemente, sem a menor consideração. Criticava-lhe os mínimos gestos.

Dona Matilde raramente se dava ao prazer de conversar com as visitas. As intromissões da filha eram ásperas, tão grosseiros eram os seus modos ante a presença de estranhos, que a nobre senhora mantinha-se em silêncio, humilhada. Quando falava do dever, Emilinha referia-se a conceitos modernos de vida; quando aventurava uma opinião inocente em qualquer assunto, a filha se mostrava arrogantemente superior.

Quando dona Matilde voltava das reuniões evangélicas, falando das consolações e ensinamentos recolhidos, a jovem tornava-se escarnekedora, dizendo que a mãe se consagrara a teologia, pois só falava em assuntos religiosos.

Cuidadosa na fé replicava a genitora, que ela não sorrisse da verdade, para que a verdade mais tarde não viesse sorrir dela e que se lembrasse dos imperiosos deveres para com Jesus.

E a filha sorria mordaz, dizendo-lhe que adquirira maneiras de sacerdote e que não concordava com as teorias de sobrevivência e reencarnação, e concluía que nós não passamos de experiências biológicas da Natureza no campo da racionalidade humana. O resto é ilusão, que se deve relegar ao fanatismo religioso.

No princípio, a viúva discutia e argumentava, esclarecendo-a com a verdade espiritual, porém, observando o endurecimento da filha, retraiu-se pouco a pouco, dando-lhe exemplo na ação e abstendo-se de muitas palavras.

E Emilinha fez no mundo o que lhe pareceu melhor, nos domínios do capricho e da irreflexão criminosa, contraindo pesados débitos e agravando responsabilidades, surda às advertências maternas.

O trio implacável: o tempo, a dor e a morte, esses são os cobradores da realidade. E ao influxo desse tempo, tanto dona Matilde quanto as filhas foram reconduzidas à vida nova, além túmulo.

Emilinha, agora, afastada do grupo familiar, experimentava rudes provações em círculo de sombras. Frequentemente era visitada pela mãezinha amorosa, mas não conseguia identificar-lhe a presença e nem ouvia a voz encorajadora, porque sua mente estava absorvida por negras visões e vozes angustiadas.

Anos se passaram e, dona Matilde volta à esfera carnal, em continuação do seu plano redentor.

A filha penitente agora ficaria sem o seu amparo direto. Meditando a situação, a devotada genitora implorou recursos novos. Não desejava ser insensível com Emilinha; era desajuizada, por isso era a filha que mais necessitava dos desvelos maternos.

Ante os padecimentos da ingrata, na paisagem tenebrosa, a nobre criatura intercedeu, fervorosa, empenhando o coração.

E a resposta Divina veio. Emilinha, deslumbrada, reviu a mãezinha pela primeira vez. Era indescrevível o contentamento de ambas.

Após confortar o Espírito ulcerado, dona Matilde deu-lhe a conhecer o projeto em organização. Regressaria à Terra, recomeçaria as tarefas inacabadas do processo de redenção que lhe dizia respeito. E Emilinha perguntou a mãe se a aceitaria novamente ao seu lado.

E a entidade bondosa, disse que sim, se o Senhor o permitir, reconstruirão o velho lar, voltando à outra paisagem.

E em prantos, Emilinha prometeu compreendê-la.

E a genitora rogou bênçãos beijando-a carinhosamente.

Nesse instante, fez-se visível o generoso diretor espiritual, daquela região de sofrimento retificador. Cumprimentou dona Matilde, enquanto Emilinha, se lhe arrojava aos pés, rogando comovida que o Emissário de Jesus, que conheceu os seus padecimentos, a ajudasse a voltar à Terra, em companhia de sua mãe. Primeiro sua mãe regressaria aos círculos da carne, e ela ficaria em serviço, até que pudesse receber Emilinha nos braços maternos e implorava pelo amor de Deus, para permitir a sua volta.

A sábia entidade contemplou-a fraternalmente e lhe disse que no momento não poderia retirar-se. Ainda precisava desgastar, por alguns anos, os envoltórios inferiores que criou em torno de si mesma. E que os atuais vínculos de manifestação não lhe permitiam, por enquanto, a vida em zona menos pesada que esta. No entanto mais tarde poderia voltar, viver ao lado de Matilde, receber-lhe o verbo carinhoso e ouvir-lhe os conselhos Cristãos.

Emilinha não cabia em si de contente, elevou as mãos ao Céu e agradeceu.

Contudo, o diretor espiritual retomou a palavra e disse-lhe que não poderia voltar na situação de parentesco que já passou. Não tinha títulos de serviços prestados que a autorizem, agora, a regressar como filha de Matilde, mas retornaria ao mundo, como criada humilde da sua residência, para que, na verdadeira condição de obediência, aprenda a valorizar o tesouro que Deus lhe concedeu.

Cada vez que nos reencarnamos é uma nova oportunidade de evolução. No caso de Emilinha, ela volta, numa condição mais simples, para que aprenda ser humilde e tomar conhecimento da existência de Deus.

Dona Matilde, que tinha o conhecimento do Evangelho do Mestre, ajudou sua filha e a aceitou viver para perto e novamente ter chance de ajudá-la no caminho correto. Sua felicidade é a prática do bem. E ela sabia que um dia a filha aprenderia.

A ingratidão da filha pela existência que dona Matilde a ajudou, trouxe-lhe muitos sofrimentos, porque a ingratidão é filha do egoísmo. E a ingratidão é uma prova para a persistência no bem.

Pensemos no próprio Jesus, quando na Terra, foi injuriado e desprezado, tratado como patife e impostor, por isso, não podemos admirar quando algo semelhante nos acontece.

Lamentemos os que nos tratam de maneira que não merecemos, pois terão sua recompensa. Porém não nos aflijamos com isso, é o meio de nos elevarmos sobre eles: desde que não façamos exatamente o que condenamos nos irmãos.

A natureza deu ao humano a necessidade de amar e ser amado. Um dos maiores gozos que lhes são concedidos na Terra é o de encontrar corações que simpatizem com o seu. São as primícias da felicidade que está reservada no mundo dos Espíritos perfeitos, onde tudo é amor e benevolência, essa é uma ventura recusada ao egoísta.

A vida decorre de duas alternativas: dar e receber. Quem dá pouco, recebe pouco. Quem mais dá, mais recebe e mais vive, porque vive a vida mais intensa.

O egoísmo é contraproducente em suas expressões. Destrói e espalha. A vida é amor. O egoísmo é a morte. O egoísmo do ser humano é que delimita suas dádivas e seus dons.

E quem pouco recebe é porque pouco dá. A capacidade de receber está em relação da capacidade de dar.

A vida consiste em aprender e ensinar. Quem mais ensina é o que mais aprende. Quem mais se dispõe a aprender é quem melhor ensina.

Por pouco que saibamos, há sempre quem saiba ainda menos, a quem podemos ensinar.

Quanto mais sabemos, mais reconhecemos nossa ignorância e mais vontade temos de aprender.
Aprender e ensinar.

Dar e receber: eis o segredo da vida!

E o Mestre Jesus nos dá amor, ensinamentos através do Seu Evangelho. Procuremos por Ele!
(Na Seara do Mestre)/(Pontos e Contos)/(O Livro dos Espíritos)

CAPÍTULO XV

FORA DA CARIDADE NÃO HÁ ELEVAÇÃO

O que é preciso para se elevar. Parábola do correto Samaritano. - O maior mandamento.
 - Necessidade da caridade segundo Paulo. - Fora da Igreja não há elevação. - Fora da verdade não há elevação. - Instruções dos Espíritos: Fora da caridade não há elevação.

O QUE É PRECISO PARA SE ELEVAR. PARÁBOLA DO CORRETO SAMARITANO

1. Ora, quando o Filho do Homem vier em sua majestade, acompanhado de todos os puros Espíritos, se assentará no trono da lei. E todas as nações estando reunidas diante dele, separará uns dos outros, como um pastor separa as ovelhas dos bodes, e colocará as ovelhas à sua direita, e os bodes à sua esquerda.

Então dirá àqueles que estarão à sua direita: Vinde, vós que fostes benditos por meu Pai, possuí o reino que vos foi preparado desde o início do mundo. Porque eu tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber, tive necessidade de alojamento e me alojastes. Estive nu e me vestistes. Estive doente e me visitastes. Estive na prisão e viestes me ver.

Então os justos lhe responderão: Senhor, quando foi que vos vimos com fome e vos demos de comer, ou com sede e vos demos de beber? Quando foi que nós vos vimos sem teto e vos alojamos, ou sem roupa e vos vestimos. E quando foi que vos vimos doente ou na prisão e viemos vos visitar? Ele lhes responderá: Eu vos digo em verdade, quantas vezes o fizestes com relação a um destes pequeninos de meus irmãos, foi a mim mesmo que o fizestes.

E dirá, em seguida, àqueles que estarão à sua esquerda: Retirai-vos de mim, errados, ide para os mundos atrasados, que foram preparados para vós e para seus seguidores. Porque eu tive fome e não me destes de comer. Tive sede e não me destes de beber, tive necessidade de teto e não me alojastes. Estive nu e não me vestistes. Estive doente e na prisão e não me visitastes.

Então eles lhe responderão também: Senhor, quando foi que vos vimos com fome, com sede, ou sem roupa, ou doente, ou na prisão, e deixamos de vos assistir? Mas ele lhes responderá: Eu vos digo em verdade, todas as vezes que deixastes de dar essas proteções a um desses pequeninos, deixastes de dá-las a mim mesmo.

E então estes irão para o resgate terreno, e os justos para a vida espiritual. (*Mateus, cap. XXV, v. 31 a 46*).

(Este ensino nos alerta para a nossa cegueira, nada vemos ou somente vemos aquilo que nos interessa. Vamos abrir os olhos, para ver e sentir aos irmãos de jornada terrena, ou será que não queremos ver?)

2. Então um doutor da lei, tendo se levantado, disse-lhe para o tentar: Mestre, o que é preciso que eu faça para possuir a paz eterna? Jesus, o Cristo, lhe respondeu: Que é o que está escrito na lei? Que ledes nela? Ele lhe respondeu: Amareis o Senhor vosso Deus de todo o vosso coração, de todas as vossas forças e de todo o vosso Espírito, e vosso próximo como a vós mesmos. Jesus, o Cristo, lhe disse: Respondestes muito bem. Fazei isso e vivereis.

Mas esse homem, querendo parecer que era justo, disse a Jesus, o Cristo: E quem é meu próximo? E Jesus, o Cristo, tomando a palavra, lhe disse:

Um homem, que descia de Jerusalém para Jericó, caiu nas mãos de ladrões que o despojaram, cobriram-no de feridas e se foram, deixando-o semimorto. Aconteceu, em seguida, que um sacerdote descia pelo mesmo caminho e tendo-o percebido, passou do outro lado. Um levita, que veio também para o mesmo lugar, tendo-o considerado, passou ainda do outro lado. Mas um Samaritano que viajava, chegando ao lugar onde estava esse homem, e tendo-o visto, foi tocado de compaixão por ele. Aproximou-se, pois, dele, derramou óleo e vinho em suas feridas e as enfaixou. E tendo-o colocado sobre seu cavalo, conduziu-o a uma hospedaria, cuidou dele. No dia seguinte, tirou dois dinheiros e os deu ao hospedeiro, dizendo: Tende bastante cuidado com este homem, e tudo o que gastardes a mais, eu vos restituirei no meu regresso.

Qual desses três vos parece ter sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos ladrões? O doutor da lei lhe respondeu: Aquele que exerceu a misericórdia para com ele. Ide pois, lhe disse Jesus, o

Cristo, e fazei o mesmo. (*Lucas, cap. X, v. 25 a 37*).

(Com quem nós nos identificamos? Com o sacerdote? Com o levita? Ou com o samaritano? A escolha é do nosso livre-arbítrio!)

3. Toda a moral de Jesus, o Cristo, se resume na caridade e na humildade, quer dizer, nas duas virtudes contrárias ao egoísmo e ao orgulho. Em todos os seus ensinamentos, ele mostra essas virtudes como sendo o caminho da felicidade eterna. Bem-aventurados, disse ele, os simples de Espírito, quer dizer, os humildes, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados os que têm puro o coração. Bem-aventurados os que são brandos e pacíficos. Bem-aventurados os que são misericordiosos. Amai o vosso próximo como a vós mesmos. Fazei aos outros o que quereis que vos fizessem. Amai os vossos adversários. Perdoai as ofensas, se quiserdes ser perdoados. Fazei o certo sem ostentação. Julgai a vós mesmos antes de julgar os outros. Humildade e caridade, eis o que não para de recomendar, e ele mesmo dá o exemplo. Orgulho e egoísmo, eis o que não para de combater. Mas faz mais do que recomendar a caridade, coloca-a claramente, e em termos explícitos, como a condição absoluta da felicidade futura.

No quadro que Jesus, o Cristo, deu do julgamento final, é preciso, como em muitas outras coisas, separar a figura e a alegoria. Aos humanos como aqueles a quem falava, ainda incapazes de compreenderem as coisas puramente espirituais, devia apresentar imagens, surpreendentes e capazes de impressionar. Para melhor ser aceito, devia mesmo não se afastar muito das ideias vigentes, quanto à forma, reservando sempre para o futuro a verdadeira interpretação de suas palavras e pontos sobre os quais não podia se explicar claramente. Mas, ao lado dessa parte acessória e figurada do quadro, há uma ideia dominante, a da felicidade que o correto alcança e da infelicidade reservada ao errôneo.

Nesse julgamento supremo, quais são os fundamentos da sentença? Sobre o que dirige o inquirido? O juiz pergunta se se cumpriu esta ou aquela formalidade, observou mais ou menos tal ou tal prática exterior? Não, ele não inquire senão de uma coisa: a prática da caridade, e sentencia dizendo: Vós que assististes vossos irmãos, passai à direita. Vós que fostes duros para com eles, passai à esquerda. Ele se informa do tipo da fé? Faz uma distinção entre aquele que crê de um modo e o que crê de outro? Não. Porque Jesus, o Cristo, coloca o Samaritano, considerado materialista pelos judeus, mas que tem o amor ao próximo, acima do religioso que falta com a caridade. Jesus, o Cristo, não fez, pois, da caridade somente uma das condições de elevação espiritual, mas a única condição. Se houvesse outras a serem preenchidas, ele as teria mencionado. Se coloca a caridade no primeiro plano das virtudes, é porque ela encerra, implicitamente, todas as outras: a humildade, a doçura, a benevolência, a indulgência, a justiça etc. E porque é a negação absoluta do orgulho e do egoísmo.

(Toda a moral de Jesus, o Cristo, se resume na caridade e na humildade, quer dizer, nas duas virtudes contrárias ao egoísmo e ao orgulho.

Para nos conhecermos, em nosso orgulho e egoísmo, é fácil. Quando passamos perto de um irmão necessitado o que fazemos? Ajudamos ou: “Eu lá conheço esse cara! Ele que se vire! Não quero problemas para mim!”.)

O MAIOR MANDAMENTO

4. Mas os Fariseus, tendo sabido que ele tapara a boca aos Saduceus, reuniram-se. E um deles, que era doutor da lei, veio lhe fazer esta pergunta para o testar: Mestre, qual é o maior mandamento da lei? Jesus, o Cristo, lhe respondeu: Amareis o Senhor vosso Deus de todo o vosso coração, de todo o vosso Espírito. Eis aí o maior e o primeiro mandamento. Eis o segundo que é semelhante a este: Amareis vosso próximo como a vós mesmos. Toda a lei e os profetas estão contidos nesses dois mandamentos. (*Mateus, cap. XXII, v. 34 a 40*).

(Somente dois mandamentos, mas não fazemos nenhum! Estudar, meditar, aplicar o conhecimento dentro das possibilidades, isto é o mínimo que devemos fazer!)

5. Caridade e humildade, tal é, pois, o único caminho da elevação espiritual. Egoísmo e orgulho, é o caminho do erro. Este princípio está formulado em termos precisos nestas palavras: "Amareis

a Deus de todo o vosso Espírito e ao vosso próximo como a vós mesmos. Toda a lei e os profetas estão contidos nesses dois mandamentos". E para que não haja mais equívoco sobre a interpretação do amor de Deus e do próximo, ajunta: "E eis o segundo mandamento que é semelhante ao primeiro". Quer dizer, que não se pode verdadeiramente amar a Deus sem amar ao próximo, nem amar ao próximo sem amar a Deus. Portanto, tudo que se faz contra o próximo se faz contra a Lei de Deus. Não podendo amar a Deus sem praticar a caridade para com o próximo, todos os deveres do humano se encontram resumidos neste ensinamento: FORA DA CARIDADE NÃO HÁ ELEVAÇÃO.

(De modo egoístico e orgulhoso ainda predomina o: "Eu amo Deus de todo meu coração, até ajudo na obra dele com os meus 10% todo mês! E amo todos os da minha comunidade!".)

NECESSIDADE DA CARIDADE SEGUNDO PAULO

6. Ainda quando eu falasse todas as línguas dos humanos, e mesmo a língua dos Espíritos, se não tivesse caridade, seria como o som do bronze, ou um barulho de prato metálico. E quando eu tivesse o dom de profecia, penetrasse todos os mistérios, e tivesse uma perfeita ciência de todas as coisas. Quando tivesse ainda toda a fé possível, até transportar as montanhas, se não tivesse a caridade eu nada seria. E quando tivesse distribuído meus bens para alimentar os pobres, e tivesse entregue meu corpo físico para ser queimado, se não tivesse caridade, tudo isso não me serviria de nada.

A caridade é paciente. É doce e correta. A caridade não é invejosa. Não teme e nem se precipita. Não se enche de orgulho. Não despreza. Não procura seus próprios interesses. Não se ofende e não se irrita com nada. Não suspeita erroneamente. Não fica alegre com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo aceita.

Agora, estas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade permanecem. Mas, entre elas, a mais excelente é a caridade. (Paulo, 1.a Epístola aos Coríntios, cap. XIII, v. 1 a 7 e 13).

(Tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo aceita.)

Suporta todas as vicissitudes. Crê na verdade do conhecimento espiritual. Espera no tempo espiritual. Aceita resignadamente as provações. Este é um irmão com o conhecimento moralizado, obtido pelo estudo continuado da Doutrina dos Espíritos, sua meditação e realização das ações já possíveis!

7. Paulo de tal forma compreendeu essa verdade, que disse: "Ainda quando eu tivesse a linguagem dos Espíritos. Quando eu tivesse o dom de profecia, e penetrasse todos os mistérios, quando eu tivesse toda a fé possível, até transportar as montanhas, se não tivesse caridade, eu nada seria. Entre estas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade, a mais excelente é a caridade". Coloca, assim, sem dúvidas, a caridade acima mesmo da fé, porque a caridade está ao alcance de todo o mundo, do desconhecedor e do culto, do rico e do pobre, e porque independe de toda crença particular.

E fez mais: definiu a verdadeira caridade. Mostrou-a não somente na beneficência, mas na reunião de todas as qualidades do coração, na bondade e benevolência para com o próximo.

(Mas as igrejas materialistas nos fazem pensar assim: "Os da minha comunidade sabem que sou muito caridoso e que vou para o céu!".)

FORA DA IGREJA NÃO HÁ ELEVAÇÃO. FORA DA VERDADE NÃO HÁ ELEVAÇÃO

8. Enquanto o ensinamento: Fora da caridade não há elevação se apoia sobre um princípio universal e abre a todos os filhos de Deus acesso à felicidade suprema, o dogma: Fora da Igreja não há elevação se apoia, não sobre a fé fundamental em Deus e na imortalidade do Espírito, fé comum a todas as religiões, mas sobre a fé especial em dogmas particulares. É exclusivo e absoluto. Em lugar de unir os filhos de Deus, os divide. Em lugar de os incentivar ao amor de seus irmãos, alimenta e aumenta o ódio entre os seguidores dos diferentes cultos que se consideram reciprocamente como errados na eternidade, fossem eles parentes ou amigos neste mundo. Desconhecendo a grande lei de igualdade diante do túmulo, os separa até no campo do repouso. O en-

sinamento: Fora da caridade não há elevação é a consagração do princípio da igualdade diante de Deus e da liberdade de consciência. Com este ensinamento, todos os humanos são irmãos, e, qualquer que seja a sua maneira de adorar a Deus, eles se estendem as mãos e oram uns pelos outros. Com o dogma: Fora da Igreja não há elevação, eles se condenam, se perseguem e vivem em inimizade. O pai não ora pelo filho, nem o filho pelo pai, nem o amigo pelo amigo, desde que se julguem, uns aos outros, errados para sempre. Esse dogma, pois, é essencialmente contrário aos ensinamentos de Jesus, o Cristo, e à Lei de Deus.

(Mas continua prevalecendo nas nossas igrejas ligadas aos valores imediatistas, materiais!)

9. Fora da verdade não há elevação seria a mesma coisa que: Fora da Igreja não há elevação, e também exclusivista, porque não há uma só seita que não pretenda ter o privilégio da verdade. Qual é o humano que pode se gabar de possuí-la inteiramente, quando o círculo dos conhecimentos aumenta sem cessar, e as ideias se retificam cada dia? A verdade absoluta não pertence senão aos Espíritos puros, e a Humanidade terrestre não pode acreditar tê-la, porque não lhe é dado tudo saber. Ela não pode aspirar senão a uma verdade relativa e proporcional ao seu adiantamento. Se Deus houvesse feito da posse da verdade absoluta, a condição expressa da felicidade futura, isso seria uma sentença de condenação geral. Enquanto que a caridade, mesmo no seu entendimento mais simples, pode ser praticada por todos. O Espiritismo, de acordo com o Evangelho, admitindo que a elevação independe da crença, conquanto que se observe a Lei de Deus, não diz: Fora do Espiritismo não há elevação. E como não pretende ensinar ainda toda a verdade, também não diz: Fora da verdade não há elevação, ensinamento que dividiria em lugar de unir, e perpetuaria o antagonismo.

(Enquanto que a caridade, mesmo no seu entendimento mais simples, pode ser praticada por todos.

Enquanto não fazemos a caridade, nem a mais simples, atendemos aos valores imediatistas: “Como só na minha igreja está a verdade, qual a razão de eu me preocupar? Eu vou para o céu!”.)

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

FORA DA CARIDADE NÃO HÁ ELEVAÇÃO

10. Meus filhos, no ensinamento: Fora da caridade não há elevação, estão contidos os destinos dos humanos na Terra e no Mundo espiritual. Na Terra, porque com esse lema eles viverão em paz. No Mundo espiritual, porque aqueles que a tiverem praticado encontrarão felicidade diante da Lei de Deus. Este lema é a luz celeste, a coluna luminosa que guia o humano no deserto da vida para conduzi-lo à Terra Prometida, e brilha no Mundo espiritual como uma auréola pura no rosto dos que a praticam, e na Terra está gravada no coração daqueles a quem Jesus, o Cristo, dirá: Passai à direita, vós os benditos de meu Pai. Vós os reconheceréis pelo perfume de caridade que espalham ao seu redor. Nada exprime melhor o pensamento de Jesus, o Cristo, nada resume melhor os deveres do humano, do que este ensinamento de ordem divina. O Espiritismo não podia provar melhor a sua origem do que dando-o por regra, porque ele é o reflexo do mais puro Cristianismo. Com um tal guia o humano não errará jamais. Aplicai-vos, pois, meus amigos, em compreender-lhe o sentido profundo e as consequências, e em procurar, por vós mesmos, todas as suas aplicações. Submetei todas as vossas ações ao controle da caridade, e vossa consciência vos responderá. Não somente ela vos evitará fazer o errado, mas vos levará a fazer o certo: porque não basta uma virtude positiva, é preciso uma virtude ativa. Para fazer o certo é preciso sempre a ação da vontade. Para não fazer o errado basta, frequentemente, parar ou descuidar. Meus amigos, agradecei à Lei de Deus que vos permitiu pudésseis gozar da luz do Espiritismo. Não porque só aqueles que a possuem podem se elevar, mas porque vos ajudando a melhor compreender os ensinamentos de Jesus, o Cristo, ela vos faz melhores cristãos. Fazei, pois, que em vos vendo, se possa dizer que o verdadeiro Espírita e o verdadeiro cristão são uma só e a mesma coisa, porque todos aqueles que praticam a caridade são os discípulos de Jesus, o Cristo, qualquer seja o culto a que pertençam.

(Paulo, apóstolo, Paris, 1860).

(Meus amigos, agradecei à Lei de Deus que vos permitiu pudésseis gozar da luz do Espiritismo. Não porque só aqueles que a possuem podem se elevar, mas porque vos ajudando a melhor compreender os ensinamentos de Jesus, o Cristo, ela vos faz melhores cristãos.

A pergunta é: Sabemos fazer caridade? Como caridade é amor em ação... Sabemos fazer isso? Sabemos amar, o amor pregado e exemplificado pelo Mestre? Amar é dedicar a própria vida pelos irmãos: Fazemos isso? Precisamos aprender... A Doutrina dos Espíritos é uma bela alavanca!)

EXPLANAÇÕES

1 - O Necessário Para elevar-se - O Bom Samaritano - itens 1, 2 e 3.

"Quando o Filho do homem vier na sua majestade acompanhado de todos os anjos, assentar-se-á no trono de sua glória. E reunidas todas as gentes na sua presença, separará uns dos outros, como o pastor aparta dos cabritos as ovelhas" Mateus, capítulo 25, vers. 31 e 32.

"Dir-se-lhe-ão os justos: Senhor, quando foi que te vimos famintos e te demos de comer; ou com sede, e te demos de beber? Quando foi que te vimos sem teto e te recolhemos, ou nu e te vestimos? Quando foi que vimos enfermo ou preso, e te fomos visitar? O Rei responderá: Em verdade vos digo que, todas as vezes que o fizeste a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes". Mateus, capítulo 25, vers. 37 a 40.

"Em verdade vos digo que, quantas vezes os deixastes de fazer a um destes pequeninos, tantas o deixastes de fazer a mim. E irão estes para o suplício eterno e os justos para a vida eterna". Mateus, capítulo 25, vers. 45 e 46.

Estas palavras de Jesus serviram de base a todas as crenças e todas as interpretações humanas. Apropriadas aos tempos e às inteligências, tinham elas que servir, atento o passado de todos os povos, para aquele momento e tinham de preparar o futuro.

Tomadas ao pé da letra, foram mal compreendidas e falsamente interpretadas. Mas, tudo tem a sua razão de ser na marcha do progresso, para a depuração e transformação, assim dos mundos, como das humanidades.

Precisam ser entendidas em espírito e Verdade!

Traçando para os seus discípulos um quadro imponente do juízo final, quis o Mestre deixar nas inteligências uma impressão inapagável.

Quando o Filho do homem vier na sua majestade, acompanhado de todos os anjos, assentar-se-á no trono de sua glória e, reunidas todas as gentes na sua presença, separará uns dos outros, como o pastor aparta dos cabritos as ovelhas. São palavras simbólicas. Jesus falava das épocas que se hão de suceder até o momento em que a luz suave e verdadeira virá iluminar o mundo.

O trono de sua glória é a época em que todos os povos estarão sob o jugo da sua lei. Esse trono terá então o embasamento no fundo do coração de todas as criaturas e os anjos do Senhor o cercarão e descerão ao meio destas.

Já não começou esse período?

O trono do Salvador não está sendo preparado para recebê-lo?

Os anjos do Senhor já descem entre nós, para ensinar a cantar a glória ao Onipotente, preparando-nos por meio da prática da justiça, da caridade e do amor, para o advento do Espírito; abrindo-nos, pelo progresso moral; todas as fontes do progresso intelectual; ensinando-nos a ser brandos e humildes de coração, desinteressados e dedicados aos nossos irmãos.

Todos nós estamos reunidos sob a vista do Salvador. Não se procede, desde a origem dos tempos, a separação que aludia Jesus?

Desde o princípio do mundo os Espíritos têm sido colocados, segundo o grau de adiantamento, em mundos superiores e inferiores e, chegada a época da fluidificação do nosso planeta, estará inteiramente concluída a separação, que é aquela da qual Jesus falava.

Para a realização de semelhante obra, que é progressiva e sucessiva, não pode haver época predefinida, segundo a maneira humana de calcular. Ela corresponde ao período que precederá a depuração completa da Terra.

Jesus voltará ao mundo quando a humanidade tiver atingido um patamar da perfeição moral, e ela aclamará a Sua vinda, entoando este canto de júbilo, de alegria, imenso e unânime: "Bendito o rei que vem em nome do Senhor".

A direita e a esquerda são expressões figuradas, indicativas dos lugares reservados aos humanos corretos e errados.

Por suplício eterno se deve entender os lugares, ou as condições, em que o Espírito sofre, durante um tempo mais ou menos longo, durante uma eternidade relativa, ou espaço, ou encarnado em mundos de expiação e de prova, até se regenerar.

Eternidade das penas é apenas um dogma humano, e teve o seu reinado apenas na letra, pois bastou o tempo necessário, até que a humanidade se adiantasse na senda do progresso moral e intelectual, para se compreender que ela é impossível, pois está contra a lei divina.

Os tempos preditos são chegados, em que o espírito esclarece a letra, e dá-lhe o verdadeiro sentido. O Espírito da Verdade, por meio da nova revelação, ensina o que é a eternidade de penas, como explica que o fogo de que falava Jesus é o dos remorsos.

Enfim, o que resulta de todos os ensinamentos do Mestre, é que devemos procurar sermos caridosos e, tornar-nos por todos os meios possíveis, úteis aos nossos irmãos, porque fora da caridade e do amor não há elevação.

Na parábola do Bom Samaritano o doutor da lei experimenta Jesus, perguntando o que é preciso para herdar a vida eterna.

Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.

Faze isto e viverás.

Então, pergunta o doutor, quem é o meu próximo.

E Jesus fala por meio de parábola: um ser humano que descia de Jerusalém a Jericó, caiu nas mãos de salteadores, que o deixaram meio morto.

Passou por ele um sacerdote e quando o viu passou ao largo; também um levita e passou de largo.

Um samaritano aproximou-se do humano e teve compaixão, atou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho e levou-o até uma hospedaria e tratou-o.

No dia seguinte, tirou 2 denários, deu-os ao hospedeiro, e disse: Trata-o e se gastares mais, na volta pagarei.

Qual dos 3 é o mais próximo do ser humano salteado? E o doutor da lei respondeu: O samaritano, que usou de misericórdia. E Jesus lhe disse: Vai e faze tu o mesmo.

Em todos os ensinamentos de Jesus, Ele exalta a humildade e humilha o orgulho.

Os samaritanos eram considerados hereges aos olhos dos judeus; por isso eram desprezados, perseguidos.

Por essa razão Jesus em sua parábola usou um samaritano, para mostrar que o amor independe do credo religioso, da posição social. O que vale é a bondade, a vontade de ajudar o próximo e, ajudando o próximo, estamos fazendo bondade a Nosso Senhor Jesus Cristo, que reconhecerá nossos atos.

O samaritano ignorava os mandamentos, porém o doutor da lei não os ignorava. Conhecia a teoria e o samaritano a prática.

E Jesus nesta parábola ensina que não é preciso ser doutor da lei, nem católico, nem protestante, nem assistir a cultos ou cumprir mandamentos desta ou daquela igreja, para se ter a vida eterna; basta ter coração, espírito e cérebro, isto é, ter amor, porque o que verdadeiramente tem amor, há de auxiliar: seja com dinheiro, seja moralmente ensinando os que não sabem, espiritualmente prodigalizando afetos e descerrando aos olhos do próximo as cortinas da vida eterna, onde o Espírito sobrevive ao corpo físico, onde a vida sucede ao desencarne, onde a palavra de Jesus triunfa.

Na parábola do Bom Samaritano Jesus ensina: o viajante salteado; representa a humanidade saqueada de seus bens espirituais e de sua liberdade pelos poderosos do mundo; o sacerdote e o levita significam as religiões, que em vez de tratarem dos interesses da coletividade, tratam dos interesses dogmáticos.

O azeite é o símbolo da fé, o combustível que deve arder nessa lâmpada que dá claridade para a vida eterna - que é a Doutrina de Jesus, a Doutrina do amor. O vinho é o suco da vida, é o espírito da palavra do Mestre Jesus.

Os dois denários dados ao hospedeiro para tratar o doente são a caridade e a sabedoria, e o mais que gastar significa abnegação, paciência, dedicação etc.

O hospedeiro representa os que receberam os ensinamentos de Jesus.

Não há dúvida quanto ao rumo certo que o Evangelho nos dá para a nossa ressurreição na vida eterna. Mas não é menos certo que muitos escolhem caminhos incertos para tomar o rumo certo.

Em verdade, todos, um dia, tomarão esse rumo, pois assim está estabelecido na lei de evolução. Quando descobrimos o caminho certo, estamos avançando a passos largos na estrada do progres-

so e ressarcindo com lucros os nossos débitos, por caminhar na trilha das pegadas do Mestre e Senhor, o que vale dizer, servindo e amando aos nossos irmãos do caminho, tornando as coisas simples e fáceis de serem compreendidas.

No entanto, tudo se torna difícil quando tomamos os rumos incertos.

O Evangelho é o roteiro, a bússola a apontar o rumo certo, onde todos os obstáculos são previstos e os caminheiros preparados para superá-los.

Os caminhos incertos nos afastam das diretrizes que, o Evangelho mostra e a Doutrina dos Espíritos esclarece, retardando a jornada de redenção.

Atentemos, pois em nossos compromissos com Ismael, para levar a sua bandeira de paz, luz e amor aos mais longínquos recantos da terra do Cruzeiro do Sul, a Pátria do Evangelho e celeiro do mundo.

Não busquemos por caminhos incertos, tentando novas formas, que distanciam uns dos outros, tornando mais penosa a jornada das ovelhas que, obedecem ao cajado daqueles que se tornaram instrumentos de divulgação e pregação da mensagem trazida por Jesus, mensagem esclarecida e propagada pelos Espíritos que vêm, em nome do Senhor, tirar o véu da letra que mata para surgir o espírito que vivifica.

A tarefa será divina se a conduzirem à luz dos ensinoss de Jesus.

Desviemos dos caminhos incertos. Tomemos o caminho certo, para mais depressa seguirmos o rumo certo.

E Jesus estará nos ajudando a escolher o caminho certo, quando seguirmos o Seu Evangelho.

(O Reformador - 06/97)/(Elucidações Evangélicas)/(Parábolas e Ensinoss de Jesus)

2 - O Maior Mandamento - itens 4 e 5.

A Caridade é a nossa lâmpada acesa. Aos seus raios tudo esclarece e tudo brilha - Emmanuel.
No dia 19 de julho comemora-se o dia da Caridade, com o objetivo de difundir e incentivar a prática da solidariedade entre os brasileiros.

Infelizmente muita gente nem sequer sabe que existe este dia.

Os templos, as escolas e o próprio governo não o comemoram, pelo menos falando da Caridade, explicando o sentido da Caridade.

Como seria útil, se nesse dia visitássemos hospitais, casas de misericórdia, asilos, orfanatos, creches, presídios e a todos os demais lugares onde a pobreza e a dor se façam sentir.

Estimular a Caridade é o dever de todos, também do governo, estendendo a paz, a ordem, a harmonia, o progresso etc.

A Caridade é lei divina e natural.

Por isso ela deve constituir preceito da legislação humana.

A fé tem o poder de remover montanhas.

A esperança é o bálsamo dos aflitos.

Contudo, a Caridade tudo sobrepuja, porque é o farol que indica o porto seguro da felicidade.

Por isso, a Federação Espírita Brasileira foi espiritualmente instruída para adotar o lema: Deus, Cristo e Caridade.

Caridade! Há tantas maneiras de praticá-la e, durante toda a nossa vida, podemos praticá-la.

Nós recebemos do Pai celestial o dom da Caridade. E a todo o tempo é caridoso conosco.

A reencarnação é a grande Caridade de Deus para com os Seus filhos, dando a oportunidade de refazer o que deixamos de fazer por várias existências.

A família é outra grande Caridade do Pai. Podemos voltar em grupos onde já existe elo de amor e dentro deste seio devemos praticar a nossa Caridade, amando, respeitando a todos, usando de beneficência para com os que nos rodeiam.

E a cada dia que o conhecimento do Evangelho de Jesus vai brotando em nosso coração, vai crescendo em nós a Caridade.

A Caridade pode ser praticada de muitas maneiras. Desde a ajuda material até um simples sorriso, um abraço amigo.

Quantas vezes, uma palavra amorosa reergue um irmão!

Respeitar o nosso próximo, vendo nele um filho do Pai de Amor e nosso irmão é a maior Caridade.

Não existe ninguém que não possa fazer Caridade, porque a Caridade está no nosso coração.

Ela é paciente, misericordiosa e benigna, não é invejosa nem temerária, não se ensoberbece, nem é ambiciosa, não se irrita, nem gosta de injustiça, tudo desculpa, tudo crê, tudo espera e tudo sofre.

Não é num passe de mágica que vamos nos tornar caridosos.

Nos ensinamentos de Jesus vamos descobrindo, aos poucos, como podemos ser caridosos, porque o Mestre no Seu Evangelho ensina o amor ao próximo. Quando amamos ao nosso próximo, sentimos o desejo de ajudá-lo, de vê-lo bem, caminhando na senda do Senhor.

E a grande Caridade do Divino Mestre é o Seu Evangelho, a nossa espera, para ser absorvido.

No momento em que desponta em nós o desejo de conhecê-Lo, o Divino Amigo estará ao nosso lado, auxiliando-nos sem cessar.

Dia da Caridade, 19 de julho, já é um reconhecimento oficial da sublimidade contida nos ensinamentos de Jesus e pode constituir um marco de uma nova era de entendimento entre as gentes.

Assim, seria magnífico se todos nós nos acostumássemos a dedicar integralmente os 365 dias do ano ao incentivo e a prática da Caridade, e não por um dia ou esporadicamente.

Isto é possível, por certo. Porém aos poucos, de acordo com a evolução que vamos atingindo.

Há muitas pessoas que têm feito das tripas coração em favor das famílias carentes, do menor que vive pelas ruas, dos doentes sem remédios. Constroem albergues noturnos, creches, sopa para os pobres, abrigo para os velhos, escola de alfabetização, campanha do quilo, enfim, alguma atividade que leve conforto ao que sofre por falta de comida, de roupas, de medicamentos. Às vezes, estas atividades são desenvolvidas a duras penas, sem qualquer ajuda governamental, contando

apenas com a colaboração generosa das pessoas que, por vezes, tendo pouco, fazem o melhor possível.

Há pessoas que se dedicam totalmente à Caridade, e às vezes são carentes de recursos materiais, porém, milionários de valores morais, que chegam a comover o Espírito.

Nós somos todos irmãos em humanidade, ainda que um seja rico e o outro pobre!

Há ricos, riquíssimos, que são paupérrimos em matéria de paz interior e vivem às voltas com tranquilizantes, analistas e psiquiatras.

Na vida precisamos ver as criaturas além das aparências, o que não é nada fácil.

Nem sempre uma pessoa de aparência modesta é realmente humilde. Pode estar profundamente revoltada contra tudo e contra todos.

Uma mulher coberta de joias, vestindo as mais caras roupas, ser de uma humildade comovedora. As aparências enganam muito.

Uma pequena piranha tem fome insaciável. Reunida em cardume, devora um boi de 500 quilos em questão de minutos, enquanto a baleia, com seus 30 metros de comprimento, 150 toneladas de peso, não faz mal a nenhum animal que dela se aproxime no alto mar.

A dor não faz distinção de raça, de religião, de sexo ou idade para atacar. Ela pode instalar-se tanto no casebre como no palácio.

Há ricos que esmolam um pedaço do pão da alegria, do encanto de viver, do sossego do coração.

E há operários braçais, sem instrução, agradecendo a bênção da existência terrena.

Nós, como pais, podemos deixar de herança aos nossos filhos uma boa educação e uma saúde perfeita, porém, não uma educação somente de diplomas na parede e muitos anéis no dedo, e sim, de equilíbrio emocional, discernimento na conduta social, fraternidade nos gestos mais simples para com os companheiros de romagem terrena.

O dinheiro, a formosura, o poder, a fama, a beleza, a cultura acadêmica, são empréstimos que a Divina Providência concede temporariamente a todos nós, nesta ou em outras encarnações, para que juntemos estes talentos para o nosso aprimoramento e a melhoria dos semelhantes.

Infelizmente nem todos sabem utilizá-los bem, agindo de maneira egoística, para desventura de nós mesmos.

Por isso devemos fazer Caridade a favor de quem sofre, seja ele um empresário, um banqueiro, um industrial, um político, ou um mendigo, um delinquente, um órfão, um velho abandonado...

O Espiritismo nos ensina que o rico de hoje, pela lei da reencarnação, se não souber fazer correto e bom uso de seus bens, poderá ser o pobre de amanhã. Tanto como o pobre de agora foi o rico de ontem, que não soube usar a sua fortuna para melhorar as condições de vida física de seus irmãos em humanidade, preferindo usá-la para alisar suas vaidades e suas paixões.

O Espiritismo faz opção em benefício de quem sofre, more na choupana ou no castelo.

Há tantas formas de sofrimento...

Tantas moléstias orgânicas, tanta distonia psíquica, tanto desajuste conjugal, tanta angústia existencial, tanta lágrima oculta, tanta ferida a sangrar e que o Espiritismo pode socorrer. Pode e deve socorrer em nome de Jesus!

A todos os que estão merecendo consolo e esclarecimento, o Espiritismo abre os braços e os acolhe, recordando a mensagem de Jesus, acenando para a eternidade de nossa existência imortal, mostrando que a Paternidade de Deus a todos nós destinou um futuro de felicidade que, será conquistada por nós mesmos, com o nosso incessante esforço no caminho do Bem, da Justiça e da Caridade, conforme o Mestre Jesus nos ensinou e Kardec nos explicou de maneira tão lindamente clara nas obras da Codificação da Terceira Revelação.

Sermos caridosos depende de nós mesmos!

Sejamos caridosos conosco, aprendendo a nos reformar intimamente.

Dado o primeiro passo, tudo vai sendo acrescentado e o Divino Amigo estará sempre ao nosso lado.

(Caboclos, Índios, pretos velhos e outros assuntos)

3 - A Caridade segundo Paulo - itens 6 e 7.

- Se eu falar as línguas dos humanos e dos anjos, e não tiver Caridade, sou como o metal que soa ou como o sino que tine.

- O apóstolo Paulo, o baluarte do Evangelho de Jesus, foi muito explícito quando pronunciou estas palavras: que mesmo falando as línguas dos humanos e dos anjos, sem Caridade nos atos, as palavras passam como os ventos, fazendo apenas ruídos.

- E se eu tiver do dom da profecia, e conhecer todos os mistérios, e quanto se pode saber; e se tiver toda a fé, até a ponto de transportar montanhas, e não tiver Caridade, não sou nada.

Paulo continua recitando esta bela poesia sobre a Caridade, tão esquecida por alguns daqueles que, mesmo possuindo o dom da profecia, conhecendo os mistérios do mundo espiritual, retendo fluídos magnéticos de cura, operando fenômenos ainda desconhecidos por muitos, sem ela nada são, porque só aquele que a pratica trabalha com Jesus.

- E se eu distribuir todos os meus bens em sustento dos pobres, e se entregar o meu corpo físico para ser queimado, se, todavia não tiver Caridade, nada disto me aproveita.

Muitos acreditam que, fazendo doações com rótulo de Caridade, ganham os Céus. Não meus irmãos, a Caridade não está restrita às quantias, e sim a grandeza moral de quem a pratica. Quanto as torturas materiais em nome da Caridade entristecem o Pai, que não nos pede sacrifícios e sim renúncia. Portanto, de nada valem as demonstrações exteriores, se em nossos corações a Caridade não estiver germinando, mesmo devagar, formando pétalas de cujas essências o mundo tanto necessita.

- A Caridade é paciente, é benigna; a Caridade não é invejosa, não obra temerária nem precipitadamente, não se ensoberbece, não é ambiciosa, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita errado, não folga com a injustiça, mas folga com a verdade.

Quem já desenvolveu a Caridade ou está tentando praticá-la, já está num plano mais próximo do Senhor, possuindo uma integridade de humano correto e de bem, que respeita o seu semelhante, porque reconhece nele uma obra de Deus a ser respeitada e amada. Sendo assim, não usa a inveja, a vaidade, a ambição, a injustiça, a cólera; tudo tolera porque crê. Mesmo sofrendo incompreensões, ele espera que o irmão seja curado pelo remédio do amor.

- A Caridade nunca jamais há de acabar, ou deixem de ter lugar as profecias, ou cessem as línguas, ou sejam abolidas as ciências: Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e a Caridade, estas três virtudes: porém a maior delas é a Caridade.

A Caridade fica, por ser sustentáculo da fé e da esperança. As profecias, as belas palavras e o avanço da ciência emudecem e se deterioram, se a Caridade não imperar nos corações dos seres humanos.

A esperança faz nascer no coração da criatura humana, as boas e nobres aspirações. Porém, a fé as realiza. A esperança sugere, a fé concretiza. A esperança desperta nos corações o anseio de possuir luz própria, portanto, a fé conduz. Quem alimenta a esperança está, invariavelmente, sob o influxo da fé oriunda de alguém.

Tanto a fé quanto a esperança espantam as trevas interiores.

Que seria do Espírito encarcerado na carne se não houvesse nem fé e nem esperança!

É doce ter esperança, é valor ter fé. A esperança gera o desejo, a fé gera o poder. A esperança suaviza o sofrimento, a fé neutraliza os efeitos depressivos.

A esperança sustenta o ser humano nas lutas deste século, a fé assegura desde já a vitória da vida sobre a morte.

A esperança está para a fé, como o Sol está para a Lua. A Lua não tem luz própria, recebe do Sol. A esperança recebe a força da fé.

O Sol é luz; a Lua reflete a luz recebida. A fé é força comunicativa que do coração de quem a tem, passa reflexamente para o coração de outrem, gerando esperança.

Jesus tinha fé. Seus apóstolos e discípulos tinham esperança gerada pela fé exemplificada de seu Mestre. Os corações que se aproximavam de Jesus, e estabeleciam com Ele uma certa comunhão, iluminavam-se com a luz patente do Seu imaculado Espírito.

A Lua clareia os caminhos. O Sol alumia e fecunda a estrada da vida. A Lua é poética, faz cisnar e sonhar. O Sol é energia; movimenta, vivifica, ativa, produz. A luz amortecida do satélite

da Terra mostra os obstáculos; a Luz brilhante do Sol distingue e remove os tropeços da senda do destino.

E a Caridade?

Não sabemos como dizer. A Caridade é amor, e o amor é inexplicável, é incomparável. Não se define.

A Caridade, espírito da vida, é a mais alta conquista que o ser humano pode entrever. É mais nobre que a generosidade e a filantropia, e é o coroamento do Espírito valoroso.

A Caridade tem início em atos singelos de bondade e se desdobra em lances de renúncia, que assinalam a magnitude do caráter humano. Ela é o resultado do exercício do amor em jornadas de sublimação pessoal, intransferível.

É a antítese do egoísmo, esse câncer responsável pela derrocada da sociedade - é o estímulo vivo da fraternidade, que ligará seres humanos e nações numa só família, qual imenso rebanho sob o comando de um único Pastor.

A Caridade dá-se - o egoísmo toma.

A Caridade se sacrifica - o egoísmo sacrifica.

A Caridade dirige - o egoísmo domina.

A Caridade expõe o amor - o egoísmo impõe o jugo.

A Caridade é vida - o egoísmo é passo para a morte.

O ser humano moderno, dentro de conceitos de filosofia utilitarista, nem sempre tem visão do fulgor resplandecente da Caridade.

Quando afortunado se compraz na filantropia e nela se detém, sem banhar-se na luz da Caridade, que é a claridade solar a permear por dentro. O ser humano se perde nos tormentos da posse, esquecendo de se impregnar da excelsa mensageira, donde poderia fruir a paz que é o clímax da felicidade que todos almejam.

Entre Jesus e Pilatos, muitos seres humanos preferem o empregado menor dos tribunais de César ao enviado de Deus.

É falsa a ideia de praticar a Caridade somente ao engodo das realizações filantrópicas, quando se dispõe de posses.

Inicie o seu exercício hoje, aqui e agora.

Não é somente através do que se pode oferecer em moedas ou através do que as moedas podem oferecer.

Lembre-se da Caridade espiritual da compaixão, do silêncio ante a ofensa, da palavra gentil, do gesto de simpatia, do pensamento nobre, da vibração de cordialidade, da desculpa espontânea, do perdão íntimo e incondicional, da luz da oração acessa no recôndito do ser em benefício próprio.

É necessário fixar a mente nos objetivos do ensino evangélico e dar início à renovação espiritual, pacificando-se, e fácil será vestir os nus, alimentar os esfaimados, medicar os enfermos, desdentar os aflitos e socorrer os agonizados a quem sempre se referiu Jesus.

A Caridade, a virtude dos anjos, refletirá através de você, em torno de você, fazendo-o ditoso e por fim, vencedor das próprias imperfeições, realizado nos objetivos essenciais a que se propõe na presente existência.

A Caridade para com os outros é fruto de longas experiências, porque a Caridade verdadeira é filha do amor.

A Caridade para com os outros começa no respeito aos direitos alheios, ajudando todas as criaturas onde quer que seja, dentro de nossas forças.

Ela é um Sol de Deus, que nunca se apagará.

(Lampadário Espírita)/(Francisco de Assis)

4 - Fora da Igreja não há elevação - Fora da Verdade não há elevação - itens 8 e 9.

Hoje, com a evolução que o ser humano vem conquistando a cada dia, mesmo que devagarzinho, já não se aceita dizer que fora da igreja não há elevação. Sabe-se muito bem, que é fora da verdade, fora do Evangelho, fora do amor, fora da caridade é que não há elevação.

A criatura humana frequenta uma religião, para tomar conhecimento dos ensinamentos de Jesus e sabe que Ele é a Igreja, Ele é o caminho da elevação; por isso não deve se tornar fanático e sempre usar a razão, pois todo o ensinamento de Jesus é racional.

"Onde se encontre dois ou três reunidos em meu nome, aí estarei Eu no meio deles".

Assim Jesus descreveu a Sua Igreja, na simplicidade divina que a caracteriza.

A Igreja de Jesus está em todos os lugares, porque Está onde quer que se reúnam dois ou três corações fiéis, invocando-Lhe o nome.

A Igreja de Jesus independe de pedras, feitura de mãos humanas, porque tem no Universo o Seu eterno e majestoso Tabernáculo. O Seu objetivo não é o domínio do mundo. O Seu reino não pretende posições de relevo ou destaque na sociedade terrena.

A finalidade da Igreja de Jesus é tornar o ser humano livre, por meio de iluminação interior.

"Onde há, pois, o Espírito de Cristo, aí há liberdade".

A força da Igreja Cristã se exerce no recôndito dos Espíritos. Sua influência reformadora verifica-se no indivíduo. Age no recesso dos corações, purificando os sentimentos e plasmando os caracteres. Seu culto é interno, de natureza toda espiritual. Nada tem de comum com o exibicionismo e as exterioridades das gentes. Sua obra é silenciosa e construtiva; não explode em ruidosas manifestações. Remodela, transforma e aperfeiçoa o Espírito.

Ninguém poderá dizer sobre a Igreja de Jesus: "Ei-la acolá! Vede a sua pompa e o seu fastígio", por isso que os esplendores de sua luz é no interior do ser humano, cuja razão ela ilumina e cuja consciência santifica.

As características da Igreja de Jesus são inconfundíveis, revelados hoje pelos Espíritos do Senhor, que são as virtudes do Céu.

Quem tiver olhos de ver, veja.

Na Igreja de Jesus a verdade está sempre presente, porque a verdade é a essência espiritual da vida.

Cada criatura ou cada grupo de criaturas possui o seu quinhão de verdades relativas, com o qual alimentam os Espíritos nos vários planos evolutivos.

O coração que retém maior parcela de verdade, está habilitado a alimentar seus irmãos a caminho de aquisições mais elevadas. A distribuição dos bens da verdade, só devem ser fornecidos de acordo com a compreensão do Espírito a que se destina o ensinamento, de maneira que o esforço não tenha resultados contraproducentes.

Então a elevação independe da forma da religião, desde que o Evangelho de Jesus, que são os ensinamentos do Pai trazidos pelo Mestre, seja observado. E no Evangelho está a verdade que leva o ser humano à evolução.

A religião dos seres humanos não é a Religião de Deus. A religião dos seres humanos se resume em sacramentos. A Religião de Deus é caridade, misericórdia, paz, paciência, tolerância, perdão, amor a Deus, amor ao próximo.

A religião dos seres humanos é misericórdia sujeita ao numerário. A Religião de Deus está isenta do dinheiro do mundo.

A religião dos seres humanos consiste em dogmas e mistérios que a consciência repele e o sentimento repudia.

A Religião de Deus derruba as barreiras do sobrenatural e afirma que nunca disse, nem dirá, a última palavra, porque é evolução permanente.

A religião dos seres humanos escraviza os Espíritos, escraviza a inteligência, anula a razão, condena a análise, a investigação, o livre exame...

A Religião de Deus manda ao indivíduo, como Paulo de Tarso, examinar tudo, crescer em todo o conhecimento, fazer o estudo crítico do que lhe for apresentado para separar o certo do errado e não ter tropeço no dia do Cristo.

Na religião dos seres humanos não tem espírito; para ela o Evangelho é letra morta, não tem a palavra de Jesus; seus santos são de pau e barro; suas virtudes de incenso e alfazema; suas obras são folgedos, festanças com alarido de foguetes, de fanfarra; seus ornamentos, de fitas e papéis de cores.

A Religião de Deus é vivificada pelo espírito da Vida Eterna, é acionada pelas revelações sucessivas, baseia-se na palavra de Jesus, nos Evangelhos, nas Epístolas dos Apóstolos. Seus Santos são Espíritos vivos, puros ou que estão se purificando e que vêm comunicar-se com os seres humanos na Terra, para guiá-los à verdade; suas virtudes são as curas dos enfermos operados por esses Espíritos, as manifestações de materializações, de transportes, de fotografias, que vêm dar a certeza da Imortalidade e estabelecer a verdadeira fé.

A Religião de Deus é a consolação, a esperança, a vida; ao doente dá remédios, fluidos divinos para lenir o sofrimento; ao agonizante desvenda o reino da imortalidade e afirma o prosseguimento da vida na Terra; dá graça à misericórdia, cerca o paciente de amor e a todos recomenda a oração gratuita como meio de auxiliar os que sofrem.

A Religião de Deus é ministrada pelo Espírito, por intermédio dos dons espirituais de que fala o grande apóstolo da luz em sua gloriosa epístola, hoje de divulgação mundial; ela não distingue o religioso, o cristão, pelo hábito, pelos anéis, pela coroa, pela mantilha, pelas medalhas, pelas cruzes, porque qualquer hipócrita pode usar; mas reconhece o cristão, o religioso, pelo caráter, pelo critério, pela fé que dele emana, pela caridade que o caracteriza, pela esperança não fingida que manifesta.

A Religião de Deus perdoa, ora, auxilia, serve e ampara seus próprios perseguidores, detratores e adversários.

A religião dos seres humanos se ilumina à luz do azeite, da cera, da eletricidade.

A Religião de Deus é a luz do mundo e de todo o Universo.

A religião dos seres humanos é insípida, corruptível; usa o sal material.

A Religião de Deus é o sal da Terra; conserva, transforma, purifica.

A religião dos seres humanos tem igrejas de pedra, de terra, de cal, de ferro e de madeira.

A Religião de Deus tem por Igreja Espíritos; Espíritos vivificantes.

As igrejas dos seres humanos são de matéria inerte, caem ao embate dos ventos, das tempestades, das correntezas.

Contra a Igreja de Deus os elementos não prevalecem, ela é imperecível e se mostra cada vez mais viva, mais luminosa.

A religião dos seres humanos é a opressão, o orgulho, o egoísmo, a mercancia.

A Religião de Deus é a da liberdade, da humildade, do amor, do desinteresse. A religião dos seres humanos não é a Religião de Deus; a religião dos seres humanos é dos seres humanos e para alguns dos seres humanos.

A Religião de Deus é a luz universal que proclama a verdade, o caminho, e a vida, repetindo a palavra do incomparável sábio e santo, Jesus o Cristo de Deus: Amai os vossos adversários; orai pelos que vos caluniam; que a vossa justiça seja maior que a dos escribas e fariseus; amai a Deus e ao próximo, porque neste amor se fundam as Leis e os Profetas; sede perfeitos como é o vosso Pai Celestial.

Quando sentimos o desejo de amar, de melhorar-nos, estamos descobrindo a Religião de Deus dentro de nós, através de nossa reforma íntima.

Aceitar o poder de Jesus, guardar certeza da própria ressurreição além da morte, reconfortar-se ante os benefícios da crença, constituem fase rudimentar no aprendizado do Evangelho.

Praticar as lições recebidas, afeiçoando a elas nossas experiências pessoais de cada dia, representa o curso vivo e santificante.

O aluno que não se retira dos exercícios no alfabeto nunca penetra o luminoso domínio mental dos grandes mestres.

Não basta situar nosso Espírito no pórtico do templo e aí dobrar os joelhos reverentemente; é imprescindível ir aos caminhos e concretizar, em nós mesmos, os princípios da fé redentora, sublimando a vida comum.

O que se poderia dizer do operário que somente visitasse a porta da oficina, louvando-lhe a grandeza, sem dedicar-se ao trabalho que ela reclama?

O que dizer do navio admiravelmente equipado, que vivesse indefinidamente na praia, sem navegar?

Há milhares que acreditam na Boa Nova e estão nessa posição de estacionamento. São pessoas corretas na Doutrina do Cristo. Creem, adoram e consolam-se; todavia não marcham para adiante, no sentido de se tornarem mais sábias e mais nobres. Não sabem agir, nem lutar e nem sofrer, em se vendo sozinhas, sob o ponto de vista humano.

E o apóstolo Paulo nos diz: "Deixando os rudimentos da Doutrina de Jesus, prossigamos até à perfeição, abstendo-nos de repetir muitos arrependimentos, porque então não passaremos de obras mortas".

E o Mestre Jesus, o Divino Amigo, estará sempre junto de nós em qualquer empreendimento de amor, de conhecimento.

(Rudimentos da Doutrina - os princípios elementares) (O Consolador) (Na Seara do Mestre) (Parábolas e Ensinos de Jesus) (O Reformador - 03/97)

5 - Fora da Caridade não há elevação - item 10.

Se já podemos sentir a felicidade de auxiliar, imaginemo-nos no lugar de quem pede.

Provavelmente jamais precisaremos recorrer à mesa do próximo, para alimentar um filho estremeado e nem saberemos quanto dói a inquietação, nas salas de longa espera, quando se trata de mendigar singelo favor.

Quantos nos dirigem o olhar molhado, suplicando socorro, são nossos irmãos.

Talvez nunca examinamos os prodígios de resistência dos pequeninos, sem prato certo e que nos abordam na rua, e nunca medimos a solidão dos que atravessam moléstias graves, sem braço amigo que os assista no sofrimento, a se arrastarem nas vias públicas, na expectativa de encontrarem alguém que lhes estenda leve apoio contra o assédio da morte.

Muitos dizem que há entre eles viciações e mentiras, que nos compete evitar, em louvor da justiça, e ninguém pode contrariar a justiça, que sempre é chamada a reger a ordem.

Será justo verificarmos até que ponto nós somos culpados pelos desesperos que os fizeram cair em semelhantes desequilíbrios, e até onde somos também passíveis de censura por faltas equivalentes.

Deus nos dá para que aprendamos também a distribuir.

Asseguremos a disciplina, mas lembremos que o Senhor nos agradece a bagatela de bondade que possamos entregar, em favor dos que sofrem, e a palavra de reconforto que se grava no coração torturado que nos pede esperança.

Trabalhemos contra o erro, no entanto, recordemos que as leis da vida assinalam a alegria da criança desditosa, a quem demos um sinal de bondade e respondem às orações do velhinho que recebe os testemunhos de afeto, exclamando: "Deus te abençoe!".

A Caridade em cada gesto e em cada frase acende o clarão de uma bênção. Será talvez por isso que a Sabedoria Divina ergueu o cérebro, acima do tronco, por torre de luz, como a dizer-nos que ninguém deve agir sem pensar, mas, entre a cabeça que reflete e as mãos que auxiliam, situou o coração por estrela de amor, fulgurando no meio.

Caridade é, sobretudo, amizade.

- Para o faminto - é o prato de sopa fraterna;
- Para o triste - é a palavra consoladora;
- Para o ingrato - é o esquecimento;
- Para o desequilibrado - é a paciência com que nos compete ajudá-lo;
- Para o desesperado - é o auxílio do coração;
- Para o ignorante - é o ensino despretenso;
- Para o enfermo - é a visita pessoal;
- Para o estudante - é o concurso do aprendizado;
- Para a criança - é a proteção construtiva;
- Para o velho - é o braço irmão;
- Para o adversário - é o silêncio;
- Para o amigo - é o estímulo;
- Para o transviado - é o entendimento;
- Para o orgulhoso - é a humildade;
- Para o colérico - é a calma;
- Para o preguiçoso - é o trabalho sem imposição;
- Para o impulsivo - é a serenidade;
- Para o leviano - é a tolerância;
- Para o maledicente - é o comentário bondoso;
- Para o deserddado da Terra - é a expressão de carinho.

Caridade é amor em manifestação incessante e crescente. É o Sol de mil faces brilhando para todos, é o gênio de mil mãos ajudando indistintamente na obra do certo e do bem, onde quer que se encontre, entre justos e injustos, corretos e errados, felizes e infelizes, porque onde estiver o Espírito do Senhor, aí se derrama a claridade constante dela, a benefício do mundo inteiro.

Nós precisamos aprender a Caridade para conosco, no sentido de ajudar o próximo, preparando pensamentos, ideias e sentimentos.

Precisamos educar a nós mesmos para trabalhar na educação coletiva.

Precisamos perdoar, para falar e ensinar o perdão.

Precisamos nos desprender dos bens terreno, para pedir aos outros desprendimentos.

Precisamos amar a Deus e a nós mesmos, para mostrar às criaturas que o amor é a própria felicidade.

Precisamos sentir e vivenciar as coisas que pretendemos ensinar.

A Caridade para conosco é nos desejar todo o certo e o bem possível, sem egoísmo, contrariando os instintos inferiores, através da disciplina, ativa e constante.

A Caridade, nascida do coração, é fruto do esforço próprio, para que depois surjam as bênçãos de Deus e de Cristo.

Tudo que se faz exige esforço, todo esforço necessita de inteligência, e toda inteligência tem proveito quando norteadada pelo coração.

Os irmãos que necessitam de nossa assistência, estão nos dando oportunidade do serviço fraterno, e nisto, lembremos o amor de Cristo para com os necessitados.

Quando recebemos à nossa porta um carente, ofertemos algumas frases de conforto e bom ânimo, sem ferir-lhe o coração, mesmo quando não podemos ser úteis.

Visitando o lar dos que necessitam mais do que nós, que seja feito afetosamente, sabendo do respeito natural pela família, sem traços de censura.

Se lhe servimos à mesa, não reprovemos os modos e expressões, diferentes dos nossos, calando críticas e manifestações de azedume, que lhes agravaria a subalternidade e a desventura.

Socorrendo o corpo enfermo ou dolorido, pensemos nos seres que nós amamos e imaginemos a gratidão que teríamos diante daqueles que os amparassem nos constrangimentos orgânicos.

Quando temos a incumbência de provê-los, nas filas organizadas para a distribuição de favores, preservemos o regulamento estabelecido, com serenidade e bondade, sem fomentar a impaciência ou tumulto, e se algum deles, depois de atendidos voltarem a nova solicitação, recordemos nossos filhos queridos quando nos pedem a repetição do prato, e procuremos satisfazê-los, dentro das possibilidades em mão, sem desmerecê-los com qualquer repreensão.

Precisamos ser afáveis e amigos, junto de nossos companheiros em dificuldades maiores. Eles não são apenas nossos irmãos. São convidados do Cristo em nossa casa, pelos quais devemos demonstrar carinho e consideração, como se fosse para com Ele, o Divino Mestre, em pequenos gestos de amor.

E assim vamos recordando o olhar de Jesus, compreensivo e amoroso, esquecendo o argueiro nos olhos dos outros, que às vezes aparece no campo visual dos nossos irmãos de luta.

O Mestre Divino jamais se deteve na faixa escura dos companheiros de caminhada humana.

Em Bartimeu, o cego de Jericó, não encontrou o homem inutilizado pelas trevas, e sim o amigo que poderia tornar a ver, restituindo-lhe a visão, para enriquecer a sua existência.

Em Maria de Magdala, não enxerga a mulher de vida errada, e sim, a irmã sofredora, e por esse motivo, restaura-lhe a dignidade, plasmando a sua beleza espiritual e transmitindo-lhe mais tarde a mensagem divina da ressurreição eterna.

Em Zaqueu, não identifica a sua usura e apropriação indébita, e sim, o missionário do progresso, enganado pelos desvarios de posse, e por essa razão, devolve-lhe o raciocínio à administração sábia e justa.

Em Pedro, no dia da negação, não repara o cooperador enfraquecido, mas sim o aprendiz invigilante, exigindo compreensão e carinho, e com o tempo transforma-o em baluarte seguro do Evangelho nascente, operoso e fiel até o martírio e a crucificação.

Em Judas, não vê o discípulo ingrato, e sim, o colaborador traído pela própria ilusão, e mesmo sabendo do seu fascínio pela honraria terrestre, sacrifica-se até o fim, aceitando a flagelação e a morte, para doar-lhe o amor e o perdão que se estendem pelos séculos, soerguendo os vencidos e amparando a justiça das nações.

Busquemos algo do olhar de Jesus para nossos olhos e a crítica será banida do mundo de nossas consciências, porque teremos atingido o Grande Entendimento, que nos fará discernir em cada ser do caminho, mesmo nos mais inquietantes espinheiros dos erros, um irmão nosso, necessitando, antes de tudo, de nosso auxílio e de nossa compaixão.

E peçamos ao Divino Amigo que nos abençoe eternamente.

CAPÍTULO XVI

NÃO SE PODE SERVIR A DOIS DEUSES

Elevação dos ricos. - Guardar-se da avareza. - Jesus, o Cristo, na casa de Zaqueu - Parábola do rico errôneo. - Parábola dos talentos - Utilidade providencial da fortuna. - Provas da riqueza e da pobreza. - Desigualdade das riquezas. - Instruções dos Espíritos: A verdadeira propriedade. - Emprego da fortuna. - Desprendimento dos bens terrestres. - Transmissão da fortuna.

ELEVAÇÃO DOS RICOS

1. Ninguém pode servir a dois senhores. Porque, ou odiará a um e amará ao outro, ou se afeiçoará a um e desprezará o outro. Não podeis servir, ao mesmo tempo, ao Espírito e à matéria. (*Lucas, cap. XVI, v. 13*).

(Eis uma das razões de não caminhar bem nos valores espirituais; estamos servindo ao senhor material!)

2. Então um jovem se aproximou dele e lhe disse: Bom Mestre, o que é preciso que eu faça para adquirir a paz eterna? Jesus, o Cristo, lhe respondeu: Por que me chamais bom? Só Deus é bom. Se quereis entrar na vida espiritual, guardai os mandamentos. Quais mandamentos? disse-lhe. Jesus, o Cristo, lhe disse: Não matareis. Não cometeréis adultério. Não furtareis. Não direis falso testemunho. Honrai a vosso pai e a vossa mãe, e amai o vosso próximo como a vós mesmos. O jovem lhe respondeu: Tenho guardado todos esses mandamentos desde a minha juventude. Que me falta ainda? Jesus, o Cristo, lhe disse: Se quereis ser perfeito. Ide, vendei o que tendes e dai-o aos pobres, e tereis um tesouro no Mundo espiritual. Depois, vinde e me segui. O jovem, ouvindo essas palavras, foi-se embora muito triste, porque tinha grandes bens materiais. E Jesus, o Cristo, disse aos seus discípulos: Em verdade vos digo que é bem difícil que um rico em bens materiais entre no reino dos céus. Digo-vos ainda uma vez: É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico em bens materiais entrar no reino dos céus. (*Mateus, cap. XIX, v. 16 a 24. Lucas, cap. XVIII, v. 18 a 25. Marcos, cap. X, v. 17 a 25*).

(Na nossa, ainda, pequenez espiritual, acreditamos, muito mais facilmente, na grandeza material! Por essa razão nos é tão difícil vencer o atual estágio elevatório espiritual.)

GUARDAR-SE DA AVAREZA

3. Então um humano lhe disse do meio da multidão: Mestre, dissei a meu irmão que dívida comigo a herança que nos coube. Mas Jesus, o Cristo, lhe disse: Ó humano! Quem me estabeleceu para vos julgar ou para fazer vossas partilhas? Depois lhe disse: Tende cuidado em vos guardar de toda avareza. Porque por mais rico que o humano esteja, sua vida não depende dos bens materiais que ele possua.

E lhe disse em seguida esta parábola. Havia um humano rico, cujas terras tinham produzido extraordinariamente. E ele mantinha em si mesmo estes pensamentos: Que farei, porque não tenho lugar onde eu possa guardar tudo o que colhi? Eis, disse ele, o que farei: Derrubarei meus celeiros e os construirei maiores e aí colocarei toda a minha colheita e todos os meus bens. E direi ao meu corpo físico: Meu corpo, tu tens muitos bens reservados para vários anos. Repousa, come, bebe, ostenta. Mas a Lei de Deus ao mesmo tempo reserva a esse humano: Insensato que és! Vai ser retomado teu Espírito esta noite mesmo. E para quem será o que amontoaste?

É isso o que acontece àquele que amontoa tesouros para si mesmo, e que não é rico diante de Deus. (*Lucas, cap. XII, v. 13 a 21*).

(E para quem será o que amontoaste?)

Caso estivéssemos espiritualizados assim pensaríamos, mas atualmente o nosso pensar é deste modo: “A minha igreja me garante o céu, o resto não me interessa!”)

JESUS, O CRISTO, NA CASA DE ZAQUEU

4. Jesus, o Cristo, tendo entrado em Jericó, passava pela cidade. E havia um homem chamado Zaqueu, chefe dos publicanos e muito rico que, tendo vontade de ver Jesus, o Cristo, para conhecê-lo, não o podia por causa da multidão, porque ele era muito pequeno. Por isso correu à frente e subiu em uma árvore para vê-lo, porque ele devia passar por ali. Jesus, o Cristo, tendo chegado a esse lugar, olhou para cima e, tendo-o visto, lhe disse: Zaqueu, apressai-vos em descer, porque é preciso que eu me aloje hoje em vossa casa. Zaqueu desceu logo e o recebeu com alegria. Vendo isso, todos murmuraram dizendo: Ele foi alojar-se na casa de um homem de errônea vida.

Entretanto, Zaqueu, apresentando-se diante do Senhor, lhe disse: eu dou a metade dos meus bens aos pobres. E se causei dano a alguém, no que quer que seja, eu lhe retribuirei em quádruplo. Sobre o que Jesus, o Cristo, lhe disse: Esta casa recebeu hoje a luz espiritual, porque este é também filho de Abraão. Porque o Filho do Homem veio para procurar e para iluminar o que estava em erro. (*Lucas, cap. XIX, v. 1 a 10*).

(Será que nos enganamos quando proferimos: “Zaqueu ajudava as pessoas, eu, com os 10%, ajudo a Deus, que é muito mais importante!”.)

PARÁBOLA DO ERRADO RICO

5. Havia um humano rico, que se vestia de púrpura e de linho, e que se trajava magnificamente todos os dias. Havia também um pobre chamado Lázaro, estendido à sua porta, todo coberto de feridas, que quisera matar sua fome com as migalhas que caíam da mesa do rico. Mas ninguém lhas dava, e os cães vinham lambe-lhe as feridas. Ora, aconteceu que esse pobre desencarnou e foi levado pelos Espíritos ao paraíso. O rico desencarnou também e foi levado para o lugar de tormento. E quando estava nos tormentos, levantou os olhos e viu ao longe Abraão e Lázaro no paraíso. E, gritando, disse estas palavras: Pai Abraão, tende piedade de mim, e enviá-me Lázaro, a fim de que ele molhe a ponta de seu dedo na água para me refrescar a língua, porque eu passo tormentos extremos neste lugar.

Mas Abraão lhe respondeu: Meu filho, lembrai-vos que haveis recebido vossos bens em vossa vida física e Lázaro não teve senão aflições. Por isso, ele está agora na consolação, e vós nos tormentos. Além disso, há por muito tempo um grande abismo entre nós e vós. De sorte que aqueles que querem passar daqui para vós não o podem, como ninguém também pode passar para aqui do lugar em que estais.

O rico lhe disse: Eu vos suplico, pois, pai Abraão, enviá-lo à casa de meu pai, onde tenho cinco irmãos, a fim de que lhes ateste estas coisas, de medo que eles venham também para este lugar de tormentos. Abraão lhe replicou: Eles têm Moisés e os profetas, que os escutem. Não, disse ele, Pai Abraão, mas se alguns dos mortos procurá-los, eles farão penitência. Abraão lhe respondeu: Se eles não escutam Moisés nem os profetas, não crerão mais do que neles, quando mesmo algum dos mortos ressuscitasse. (*Lucas, cap. XVI, v. 19 a 31*).

(A predominância atual, dado o evolutivo da humanidade, após ler o ensino do Mestre, nos faz temer o amanhã, assim sendo: “Por isso que eu varro as migalhas do chão e dou para os pobres famintos”.)

PARÁBOLA DOS TALENTOS

6. O Senhor age como um homem que, devendo fazer uma longa viagem para fora do país, chamou seus servidores e lhes colocou nas mãos seus bens. E tendo dado cinco talentos a um, dois a outro e um a outro, segundo a capacidade diferente de cada um, logo partiu. Aquele, pois, que tinha recebido cinco talentos, foi-se embora. Negociou com seu dinheiro e ganhou cinco outros. Aquele que havia recebido dois, ganhou da mesma forma outros dois. Mas aquele que não havia recebido senão um, foi cavar na terra e aí escondeu o dinheiro do seu senhor. Muito tempo depois, o senhor desses servidores tendo retornado, pediu-lhes conta. E aquele que havia recebido cinco talentos veio lhe apresentar cinco outros, dizendo-lhe: Senhor, me havíeis colocado cinco talentos nas mãos, eis aqui cinco outros que ganhei. Seu senhor lhe respondeu: Correto e fiel servidor, porque fostes fiel em pouca coisa eu vos estabelecerei sobre muitas outras. Entrai no gozo

do vosso Senhor. Aquele que havia recebido dois talentos veio logo se apresentar a ele, dizendo-lhe: Senhor, me havíeis colocado dois talentos nas mãos, eis aqui dois outros que ganhei. Seu senhor lhe respondeu: Correto e fiel servidor, porque fostes fiel em pouca coisa, eu vos estabeleci sobre muitas outras. Entrai no gozo do vosso Senhor. Aquele que não havia recebido senão um talento, veio em seguida e lhe disse: Senhor, sei que sois enérgico, que cortais onde não haveis semeado, e colheis onde nada haveis empregado. Por isso, como eu o temia, escondi vosso talento na terra. Ei-lo, restituo o que é vosso. Mas seu senhor lhe respondeu: Servidor errado e preguiçoso, sabíeis que corto onde não semeiei, e que colho onde nada empreguei, devíeis, pois, colocar meu dinheiro nas mãos dos banqueiros, a fim de que, no meu retorno, eu retirasse com juro o que era meu. Que se lhe tire, pois, o talento que tem, e deem-no àquele que tem dez talentos. Porquanto dar-se-á a todos aqueles que já têm, e eles serão cumulados de bens. Mas, para aquele que não tem, tirar-se-lhe-á mesmo o que pareça ter. E que se lance esse servidor inútil na escuridão. Ali haverá choros e ranger de dentes. (*Mateus, cap. XXV, v. 14 a 30*).

(Quando entendemos as parábolas do Mestre, por nossa total conveniência, no sentido puramente material, normalmente cometemos barbarismos, tais como este: “Viu, essa a razão pela qual eu não nego e nem atraso os 10% de ajuda a Deus!”.)

UTILIDADE PROVIDENCIAL DA FORTUNA

7. Se a riqueza devesse ser um obstáculo absoluto à elevação espiritual daqueles que a possuem, assim como se poderia inferir de certas palavras de Jesus, o Cristo, interpretadas segundo a matéria e não segundo o espírito, a Lei de Deus, que a dispensa, teria colocado nas mãos de alguns um instrumento só para errar, pensamento que não é aceito pela razão. A riqueza, sem dúvida, é uma prova muito difícil, mais perigosa que a pobreza pelos seus arrastamentos, as tentações que dá e a fascinação que exerce. É o excitante supremo do orgulho, do egoísmo e da vida sensual. É o laço mais poderoso que liga o humano à Terra e afasta seus pensamentos do Mundo espiritual. Produz uma tal vertigem que se vê, frequentemente, aquele que passa da pobreza à fortuna esquecer depressa a sua primeira posição, daqueles que o dotaram, daqueles que o ajudaram, e tornar-se insensível, egoísta e vão. Mas do fato de tornar o caminho difícil, não se segue que o torne impossível, e não possa tornar-se um meio de elevação nas mãos daquele que dele sabe se servir, como certos venenos podem devolver a saúde, se são empregados de forma correta e com discernimento.

Quando Jesus, o Cristo, disse ao jovem que o interrogou sobre os meios de ganhar a paz eterna: "Desfazei-vos de todos os vossos bens materiais e segui-me", ele não entendia estabelecer como princípio absoluto que cada um deva se despojar daquilo que possui, e que a elevação espiritual só tem esse preço, mas mostrar que o apego aos bens materiais é um obstáculo à elevação espiritual. Esse jovem, com efeito, se acreditava quite porque tinha observado certos mandamentos e, todavia, recua ante a ideia de abandonar seus bens materiais. Seu desejo de viver a paz eterna não ia até esse sacrifício.

A proposição que Jesus, o Cristo, lhe fez era uma prova decisiva para pôr a descoberto o fundo do seu pensamento. Ele podia, sem dúvida, ser um perfeito humano honesto, segundo o mundo, não fazer o erro a ninguém, não maldizer seu próximo, não ser vão nem orgulhoso, honrar a seu pai e a sua mãe. Mas não tinha a verdadeira caridade, porque sua virtude não ia até a abnegação. Eis o que Jesus, o Cristo, quis demonstrar. Era uma aplicação do princípio: Fora da caridade não há elevação.

A consequência dessas palavras, tomadas em sua forma rigorosa, seria considerar a fortuna como nociva à felicidade futura, e como fonte de uma multidão de erros na Terra, e seria, além disso, a condenação do trabalho que a pode obter. Consequência absurda que conduziria o humano à vida selvagem, e que, por isso mesmo, estaria em contradição com a lei do progresso, que é uma lei de Deus.

Se a riqueza é a fonte de muitos erros, se ela excita tanto os errôneos desejos, se provoca mesmo tantos erros, é preciso tomar-se não a coisa, mas ao humano que dela abusa, como abusa de todos os dons recebidos pela Lei de Deus. Pelo abuso, ele torna pernicioso o que lhe poderia ser mais útil. É a consequência do estado de inferioridade do mundo terrestre. Se a riqueza não devesse

produzir senão o erro, Deus não a teria colocado na Terra. Cabe ao humano dela extrair o certo. Se ela não é um elemento direto do progresso moral, é, sem dúvida, um poderoso elemento de progresso no conhecimento.

Com efeito, o humano tem por missão trabalhar pelo aprimoramento material do globo. Deve desbravá-lo, saneá-lo, dispô-lo para receber um dia toda a população que a sua extensão comporta. Para alimentar essa população que cresce sem cessar, é preciso aumentar a produção. Se a produção de uma região é insuficiente, será preciso ir procurá-la fora. Por isso mesmo, as relações de povo a povo tornam-se uma necessidade. Para as tornar mais fáceis é preciso destruir os obstáculos materiais que as separam, tornar as comunicações mais rápidas. Para esses trabalhos, que são a obra dos séculos, o humano teve de tirar materiais até das entranhas da Terra. Procurou na ciência os meios de executá-los mais segura e rapidamente. Mas para realizá-las lhe foram precisos recursos: a necessidade fê-lo criar a riqueza, como o fez descobrir a ciência. A atividade, necessitada por esses mesmos trabalhos, aumenta e desenvolve a manifestação da sua inteligência. Essa inteligência, que ele concentra primeiro na satisfação das necessidades materiais, o ajudará mais tarde a compreender as grandes verdades morais. A riqueza, sendo o primeiro meio de execução, sem ela não mais grandes trabalhos, não mais atividade, nem estímulo, nem pesquisas. É, pois, com razão, considerada um elemento de progresso.

(Passados dois milênios de ensinamentos Crísticos, cento e cinquenta anos de Espiritismo, e o que vemos? Será que o mundo já deu alguns passos na melhora moral? Estamos um pouco menos egoístas, pouco menos orgulhosos, pouco menos materialistas? Por quanto tempo ainda diremos: “A nossa igreja já recebeu muitas doações totais dos fiéis, estes agora já têm o céu garantido!”.)

DESIGUALDADE DAS RIQUEZAS

8. A desigualdade das riquezas é um desses problemas que se procura em vão resolver, se não se considera senão a vida atual. A primeira questão que se apresenta é esta: Por que todos os humanos não são igualmente ricos? Não o são por uma razão muito simples: é que eles não são igualmente conhecedores, ativos e laboriosos para adquirir, nem moderados e previdentes para conservar. Aliás, é um ponto matematicamente demonstrado que a fortuna, igualmente repartida, dada a cada um uma parte mínima e suficiente. Que, supondo-se essa repartição feita, o equilíbrio estaria rompido em pouco tempo, pela diversidade dos caracteres e das aptidões. Que, supondo-a possível e durável, cada um tendo apenas do que viver, isso seria o aniquilamento de todos os grandes trabalhos que concorrem para o progresso e o bem-estar da Humanidade. Que, supondo-se que ela desse a cada um o necessário, não haveria mais a necessidade que estimula às grandes descobertas e aos empreendimentos úteis. Se a Lei de Deus a concentra em certos pontos, é porque daí ela se derrama em quantidade suficiente segundo as necessidades.

Admitindo isso, pergunta-se por que a Lei de Deus a dá a pessoas incapazes para fazê-la frutificar corretamente para todos. Aí ainda está um prova da justiça e da bondade da Lei de Deus. Dando ao humano o livre-arbítrio, quis que ele alcançasse por sua própria experiência, a distinção do certo e do errado, e que a prática do certo fosse o resultado dos seus esforços e da sua própria vontade. Ele não deve ser conduzido fatalmente, nem ao certo nem ao errado, sem o que não seria senão um instrumento passivo e não responsável, como os animais. A fortuna é um meio de prová-lo moralmente. Mas como, ao mesmo tempo, é um poderoso meio de ação para o progresso, a Lei de Deus não quer que ela fique muito tempo improdutiva e, por isso, a desloca incessantemente. Cada um deve possuí-la para experimentar servir-se dela, e provar o uso que dela sabe fazer: mas como há a impossibilidade material de que todos a tenham ao mesmo tempo. Que, aliás, se todo mundo a possuísse, ninguém trabalharia e o aprimoramento do globo com isso inexistiria, cada um a possui a seu turno: quem não a tem hoje, já a teve ou terá numa outra existência, e quem a tem agora, poderá não tê-la mais amanhã. Há ricos e pobres porque a Lei de Deus sendo justa, cada um deve trabalhar a seu turno. A pobreza é para uns a prova da paciência e da resignação. A riqueza é para outros a prova da caridade e da abnegação.

Lamenta-se com razão o errado uso que certas pessoas fazem de sua fortuna, os errados desejos que a cobiça provoca, e se pergunta se a Lei de Deus é justa em dar a riqueza a tais pessoas. É certo que se o humano não tivesse senão uma só existência, nada justificaria essa repartição dos

bens da Terra. Mas se, em lugar de limitar a visão à vida presente, considerar-se o conjunto das existências, vê-se que tudo se equilibra com justiça: O pobre, pois, não tem mais motivo para acusar a Deus, nem para invejar os ricos, e os ricos não têm mais do que se gabar pelo que possuem. Se dela abusam, não será nem com os decretos, nem com as leis pomposas, que se remediará o erro. As leis podem, momentaneamente, mudar o exterior, mas não podem mudar o coração. Por isso, elas não têm senão uma duração temporária, e são sempre seguidas de uma reação mais dura. A fonte do erro está no egoísmo e no orgulho. Os abusos de toda espécie cessarão por si mesmos quando os humanos se regerem pela lei da caridade.

(As leis podem, momentaneamente, mudar o exterior, mas não podem mudar o coração.

Ainda bem que Deus não nos ‘equipou’ com instrumentos que leiam os sentimentos cardíacos! O pensamento seguinte seria atribuído a um irmão ‘materialista’ ‘ou religioso’: “Eu sou rico, pois Deus me abençoou! Qual a minha culpa se os outros foram amaldiçoados?”.)

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

A VERDADEIRA PROPRIEDADE

9. O humano não possui de seu senão o que pode levar deste mundo. O que encontra ao chegar, e o que deixa ao partir, goza durante a sua permanência na Terra. Mas, uma vez que é forçado a abandoná-lo, dele não tem senão o gozo e não a posse real. Que possui ele, pois? Nada daquilo que é para uso do corpo físico, tudo o que é de uso do Espírito: a manifestação de sua inteligência, dos conhecimentos, das qualidades morais. Eis o que traz e o que leva, o que não está no poder de ninguém lhe tirar, o que lhe servirá mais ainda no outro mundo do que neste. Dele depende ser mais rico espiritualmente em sua partida do que em sua chegada, porque daquilo que tiver adquirido de correto depende a sua posição futura. Quando um humano vai para um país longínquo, compõe a sua bagagem de objetos usáveis no país. Mas não se carrega daqueles que lhe seriam inúteis. Fazei, pois, o mesmo para a vida espiritual futura, e fazei provisão de tudo o que poderá nela vos servir.

Ao viajor que chega a uma estalagem, se dá um belo alojamento se pode pagá-lo. Àquele que pode pouca coisa, se dá um menos agradável. Quanto àquele que nada tem, vai deitar sobre a palha. Assim ocorre com o humano na sua chegada ao mundo dos Espíritos: seu lugar nele está subordinado ao que tem. Mas não é com o ouro que o paga. Não se lhe perguntará: Quanto tínheis na Terra? Que posição nela ocupáveis? És rei, príncipe ou operário? Mas, se lhe perguntará: O que dela trazei? Não se computará o valor dos seus bens materiais nem dos seus títulos, mas a soma das suas virtudes. Ora, a esse respeito, o operário pode ser mais rico do que o príncipe. Em vão alegará que, antes da sua partida, pagou a sua entrada com ouro e se lhe responderá: Os lugares aqui não se compram, eles se ganham pelo certo que se fez. Com o dinheiro terrestre, pudesdes comprar campos, casas, palácios. Aqui tudo se paga com as qualidades do coração. Sois cheio dessas qualidades? Sede bem vindo, e ide ao primeiro lugar onde todas as felicidades vos esperam. Sois vazio? Ide ao último, onde sereis tratado em razão do que tendes.

(Pascal, Genebra, 1860).

(Os lugares aqui não se compram, eles se ganham pelo certo que se fez.

Ainda não fazemos todo o certo material, pois as leis humanas são falhas, mas a aproximação dessas leis à peregrina Lei de Deus nos faz vislumbrar o caminho correto. Estudando a Doutrina dos Espíritos nos habilitaremos ao vislumbre correto das veredas a serem percorridas.)

10. Os bens da Terra pertencem a Deus, que os dispensa pela Sua Lei, e o humano deles não é senão o usufrutuário, o administrador mais ou menos íntegro e inteligente. Eles são tampouco a propriedade individual do humano, porque a Lei de Deus, frequentemente, frustra todas as previsões, e a fortuna escapa daquele que crê possuí-la pelos melhores méritos humanos.

Direis, talvez, que isso se compreende para a fortuna hereditária, mas que não ocorre o mesmo com aquela que se adquiriu pelo trabalho. Sem nenhuma dúvida, só há uma fortuna legítima, é esta, quando adquirida honestamente, porque uma propriedade só é legitimamente adquirida quando para a possuir, não se fez erro a ninguém. Será pedida conta de uma moeda erroneamente

adquirida em prejuízo dos outros. Mas do fato de um humano dever sua fortuna a si mesmo, leva mais dela em desencarnando? Os cuidados que ele toma em transmiti-la aos seus descendentes não são, frequentemente, supérfluos? Porque se a Lei de Deus não prevê que ela lhes chegue às mãos, nada poderá prevalecer contra a sua decisão. Pode dela usar e abusar em sua vida física sem ter contas a prestar? Não. Em lhe permitindo adquiri-la, a Lei de Deus pode recompensar nele, durante esta vida física, seus esforços, sua coragem, sua perseverança. Mas se não a fez servir senão à satisfação de seus sentidos ou de seu orgulho. Se ela se torna uma causa de erro em suas mãos, melhor fora para ele que não a possuísse. Perde de um lado o que ganhou de outro, anulando o mérito do seu trabalho, e quando deixar a Terra, a Lei de Deus lhe mostrará que já recebeu a sua recompensa.

(Um Espírito protetor, Bruxelas, 1861).

(Em lhe permitindo adquiri-la, a Lei de Deus pode recompensar nele, durante esta vida física, seus esforços, sua coragem, sua perseverança.

Mais uma vez ficamos dependendo apenas e tão somente daquilo que ‘acreditamos’, seja cega ou racionalmente, material ou espiritualmente: “Como eu ajudo Deus com os 10%, Ele me deixa fazer o que eu queira com o restante.”.)

EMPREGO DA FORTUNA

11. Não podeis servir ao Espírito e à Matéria. Guarde bem isto! Vós a quem o amor do ouro domina, vós que venderíeis vosso Espírito para possuir tesouros, porque eles podem vos elevar acima dos outros humanos e vos dar as alegrias das paixões. Não, não podeis servir ao Espírito e à Matéria! Se, pois, sentis vosso Espírito dominado pelas cobiças da matéria, apressai-vos em sacudir o jugo que vos oprime, porque a Lei de Deus, justa e severa, vos dirá: Que fizeste, despenheiro infiel, dos bens que te foram confiados? Esse poderoso móvel das corretas obras, não fizeste servir senão à tua satisfação pessoal.

Qual é, pois, o melhor emprego da fortuna? Procurai nestas palavras: "Amai-vos uns aos outros", a solução do problema. Aí está o segredo de corretamente empregar as riquezas. Aquele que está animado de amor ao próximo tem sua linha de conduta toda traçada. O emprego que apraz à Lei de Deus é o da caridade. Não essa caridade fria e egoísta que consiste em derramar em torno de si o supérfluo de uma existência dourada, mas essa caridade cheia de amor que procura o infeliz, que o reergue sem humilhá-lo. Rico, dá do teu supérfluo. Faze melhor: dá do teu necessário, porque o teu necessário ainda é supérfluo, mas dá com sabedoria. Não afaste os que se queixam com medo de seres enganado, mas vai à fonte do erro. Alivia primeiro, informa-te em seguida, e vê se o trabalho, os conselhos, a afeição mesma não serão mais eficazes do que a tua esmola. Espalha ao redor de ti, como bem-estar, o amor de Deus, o amor ao trabalho e o amor ao próximo. Coloca tuas riquezas sobre um capital que não te faltará jamais e te trará grandes interesses: as corretas obras. A riqueza da inteligência deve te servir como a do ouro. Espalha ao redor de ti os tesouros da instrução. Espalha sobre os teus irmãos os tesouros do teu amor, e eles frutificarão.

(Cheverus, Bordéus, 1861).

(A riqueza da inteligência deve te servir como a do ouro. Espalha ao redor de ti os tesouros da instrução.

No nosso atual estágio evolutivo espiritual, muito próximo da ignorância animal, um dos melhores trabalhos que podemos fazer é o de instruir ‘corretamente’ aos irmãos! A formação cultural humana é apropriada ao desempenho profissional do mundo físico. A formação cultural espiritual é apropriada aos valores morais dos dois mundos; o físico e o espiritual!)

12. Quando considero o pouco tempo da vida física, fico dolorosamente impressionado pela incessante preocupação que o bem-estar material é para vós o objeto, ao passo que ligais tão pouca importância e não consagrais senão pouco ou nenhum tempo ao vosso aperfeiçoamento espiritual, que deve vos ser contado para a eternidade. Crer-se-ia, ao ver a atividade que fazeis, que ela se prende a uma questão do mais alto interesse para a Humanidade, enquanto que não se trata, quase sempre, senão em vos esforçar para satisfazer necessidades exageradas, a vaidade, ou vos entregar aos excessos. Quantos sofrimentos, cuidados e tormentos se autoaplica, quantas noites sem sono para aumentar uma fortuna, frequentemente, mais do que suficiente! Por cúmulo da cegueira, não é raro ver aqueles a quem um amor cego, pela fortuna e dos gozos que ela propor-

ciona, sujeitar-se a um trabalho penoso, orgulhar-se de uma existência dita de sacrifício e de mérito, como se trabalhassem para os outros e não para si mesmos. Insensatos! Credes, pois, realmente, que vos será tido em conta os cuidados e os esforços dos quais o egoísmo, a cupidez ou o orgulho são os móveis, enquanto que esqueceis o cuidado do vosso futuro espiritual, assim como os deveres da solidariedade fraternal impostos a todos os que gozam das vantagens da vida social! Não haveis pensado senão em vosso corpo físico, seu bem-estar, seus gozos foram o único objeto de vossa solicitude egoística. Por ele que morre, haveis esquecido o Espírito que viverá sempre. Assim, esse senhor tão estimado e acariciado tornou-se o vosso tirano: comanda vosso Espírito que se fez seu escravo. Estava aí o objetivo da existência que a Lei de Deus vos havia dado?

(Um Espírito protetor. Cracóvia, 1861).

(Por cúmulo da cegueira, não é raro ver aqueles a quem um amor cego, pela fortuna e dos gozos que ela proporciona, sujeitar-se a um trabalho penoso, orgulhar-se de uma existência dita de sacrifício e de mérito, como se trabalhassem para os outros e não para si mesmos. Insensatos!

Quantos da humanidade se encaixam na expressão acima? Quantos da humanidade concordam com a expressão? Enquanto não conhecermos a Lei de Deus e trilharmos pelos caminhos morais, de valor espiritual, ficaremos ‘atingidos’ pela citada expressão!

13. Ao humano, sendo o depositário, o gerente dos bens materiais que a Lei de Deus depositou em suas mãos, lhe será pedida severa conta do emprego que deles tiver feito em virtude do seu livre-arbítrio. O errado emprego consiste em não fazê-los servir senão à satisfação pessoal. Ao contrário, o emprego é correto todas as vezes que dele resulta um benefício qualquer para outrem. O mérito é proporcional ao sacrifício que se impõe. A beneficência não é senão um modo do emprego da fortuna. Ela alivia a miséria atual: aquietta a fome, preserva do frio e dá asilo àquele que não o tem. Mas um dever igualmente imperioso, igualmente meritório, consiste em prevenir a miséria. Nisso, sobretudo, está a missão das grandes fortunas, pelos trabalhos de todos os gêneros que podem fazer executar. E devessem elas disso tirar um proveito legítimo, o certo não existiria menos, porque o trabalho desenvolve o conhecimento e realça a dignidade do humano sempre confiante em poder dizer que ganhou o pão que come, ao passo que a esmola humilha e degrada. A fortuna concentrada numa só mão deve ser como uma fonte de água viva que derrama fecundidade e bem-estar em torno dela. Ó vós ricos! Se a empregardes segundo os desígnios do Senhor, vosso coração, o primeiro, se saciará nessa fonte benfazeja. Tereis nesta vida os inefáveis gozos do Espírito em lugar dos gozos materiais do egoísta, que deixam o vazio no coração. Vosso nome será abençoado na Terra, e quando a deixardes, o soberano Senhor vos dirigirá a palavra da parábola dos talentos: "Ó correto e fiel servidor, entrai no gozo do vosso Senhor". Nessa parábola, o servidor que enterrou na terra o dinheiro que lhe foi confiado, não é a imagem dos aventos entre as mãos dos quais a fortuna é improdutiva? Se, entretanto, Jesus, o Cristo, fala principalmente das esmolos, é porque naquele tempo e naquele país onde ele vivia, não se conheciam os trabalhos que as artes e a indústria criaram depois, e nos quais a fortuna pode ser empregada utilmente para o bem geral. A todos aqueles que podem dar, pouco ou muito, eu direi, pois: Dai esmola quando isso for necessário, mas, tanto quanto possível, convertei-a em salário, a fim de que aquele que a recebe, dela não se envergonhe.

(Fénelon, Alger, 1860).

(O mérito é proporcional ao sacrifício que se impõe.

Não há sacrifício algum em realizar qualquer coisa que atenda ao nosso ‘comodismo’ e ‘conformismo’! Principalmente quando se refere aos valores espirituais, portanto, devemos estudar, para conhecer os valores transcendentos, e não mais dizer: “Eu ouvi o chamado, por isso é que ajudo Deus com os 10%, para que Ele possa atingir Seus desígnios!”.)

DESPRENDIMENTO DOS BENS TERRENOS

14. Venho, meus irmãos, meus amigos, trazer o minha colaboração para vos ajudar a marchar corajosamente no caminho evolutivo em que entrastes. Nós nos devemos uns aos outros. Não é senão por uma união sincera e fraternal entre Espíritos erráticos e encarnados que a regeneração será possível.

Vosso amor aos bens terrestres é uma das mais fortes dificuldades ao vosso adiantamento moral e espiritual. Por esse apego à posse, acabais com as vossas faculdades afetivas em as transportando todas sobre as coisas materiais. Sede sinceros, a fortuna dá uma felicidade sem erros? Quando vossos cofres estão cheios, não há sempre um vazio no coração? No fundo desse cesto de flores não há senão uma serpente escondida? Compreendo que o humano que, por um trabalho assíduo e honrado, ganhou a fortuna, experimente uma satisfação, de resto, bem justa. Mas, dessa satisfação, muito natural e que a Lei de Deus aprova, a um apego que absorve todos os outros sentimentos e paralisa os impulsos do coração, há distância tão grande quanto da avareza sórdida à prodigalidade exagerada, dois vícios entre os quais colocou Deus a caridade, santa e salutar virtude que ensina ao rico dar sem ostentação, para que o pobre receba sem baixaza.

Que a fortuna venha de vossa família, ou que a ganhastes pelo vosso trabalho, há uma coisa que não deveis jamais esquecer: é que tudo vem de Deus e retorna a Deus. Nada vos pertence na Terra, nem mesmo o vosso pobre corpo físico: o desencarne dele vos despoja, como de todos os bens materiais. Sois depositários e não proprietários, disso não vos enganéis. A Lei de Deus vos emprestou, deveis restituir, e ela vos empresta com a condição de que o supérfluo, pelo menos, reverta para aqueles que não têm o necessário.

Um dos vossos amigos vos empresta uma soma. Por pouco que sejais honesto, tereis o escrúpulo de pagá-la, e lhe ficareis agradecido. Pois bem, eis a posição de todo humano rico. A Lei de Deus é o amigo celeste que lhe emprestou a riqueza. Não pede para ele senão o amor e o reconhecimento, mas exige que, a seu turno, o rico dê também aos pobres, que são seus irmãos tanto quanto ele é.

O bem material que a Lei de Deus vos confiou, desperta em vossos corações uma ardente e louca cobiça. Haveis pensado, quando vos apegais sem moderação a uma fortuna perecível e passageira como vós, que um dia virá em que deveis prestar contas ao Senhor do que vem dele? Esqueceis que pela riqueza, estais revestidos do caráter sagrado de ministros da caridade na Terra para dela serdes os aplicadores inteligentes? Que sois, pois, quando usais em vosso único proveito daquilo que vos foi confiado, senão depositários infieis? Que resulta desse esquecimento voluntário de vossos deveres? O desencarne no final, inexorável, vem rasgar o véu sob o qual vos escondíeis, e vos força a prestar contas ao amigo que vos ajudara, e que, nesse momento, se apresenta, para vós, com o poder de juiz.

É em vão que na Terra procurais vos iludir, colorindo com o nome de virtude o que, frequentemente, não é senão egoísmo. Que chamais economia e previdência o que não é senão cupidez e avareza, ou generosidade o que não é senão prodigalidade em vosso próprio proveito. Um pai de família, por exemplo, se absterá de fazer a caridade, economizará, amontoará ouro sobre ouro, e isso, diz ele, para deixar aos seus filhos o máximo possível de bens materiais e lhes evitar cair na miséria. É muito justo e paternal, convenho, e não se pode censurá-lo por isso. Mas está aí sempre a única razão que o guia? Não é, frequentemente, um compromisso com a sua consciência para justificar, aos seus próprios olhos e aos olhos do mundo, seu apego pessoal aos bens terrestres? Entretanto, admito que o amor paternal seja sua única razão. É um motivo para esquecer seus irmãos diante de Deus? Quando ele mesmo já tem o supérfluo, deixará seus filhos na miséria porque terão um pouco menos desse supérfluo? Não é lhes dar uma lição de egoísmo e endurecer seus corações? Não é sufocar neles o amor ao próximo? Pais e mães, estais em grande erro se credes com isso aumentar a afeição de vossos filhos por vós. Em lhes ensinando a ser egoístas para com os outros, os ensinais a sê-lo para com vós mesmos.

Quando um humano trabalhou bastante, e com o suor de seu rosto amontoou bens, vós o ouvis, frequentemente, dizer que quando o dinheiro é ganho se lhe conhece melhor o valor. Nada é mais verdadeiro. Pois bem! Que esse humano que confessa conhecer todo o valor do dinheiro, faça a caridade segundo seus meios, e terá mais mérito do que aquele que, nascido na abundância, ignora as rudes fadigas do trabalho. Mas se, ao contrário, esse mesmo humano, que lembra seus sofrimentos, seus trabalhos, for egoísta, duro para com os pobres, é bem mais errado do que os outros. Porque, quanto mais se conhece por si mesmo as aflições ocultas da miséria, mais se deve procurar aliviá-las nos outros.

Infelizmente, há sempre no humano de posses um sentimento tão forte que o apega à fortuna. É o orgulho. Não é raro ver-se o felizardo atordoar o infeliz que implora a sua assistência com o rela-

to de seus trabalhos e de sua habilidade, em lugar de vir ajudá-lo, e acabando por dizer: "Faça o que eu fiz". Segundo ele, a bondade da Lei de Deus nada tem em sua fortuna. Só a ele cabe todo o mérito. Seu orgulho coloca-lhe uma venda nos olhos e lhe tapa os ouvidos. Não compreende que, com toda a sua inteligência e sua habilidade, a Lei de Deus pode derrubá-lo com uma só palavra.

Esbanjar a fortuna não é desapego aos bens terrenos, mas descuido e indiferença. O humano, depositário desses bens, não tem mais o direito de esbanjá-los ou de só usá-los em seu proveito. A ganância não é generosidade, mas, frequentemente, uma forma de egoísmo. Aquele que atira ouro ao lamaçal para satisfazer uma fantasia, não daria uma moeda para prestar um serviço útil. O desapego aos bens terrestres consiste em apreciar a fortuna pelo seu justo valor, em saber servir-se dela para os outros e não só para si, a não sacrificar por ela os interesses da vida espiritual futura, a perdê-la sem murmurar se apraz a Lei de Deus vo-la retirar. Se, por perdas imprevistas, vos tornardes um novo Jó, dizei como ele: "Senhor, vós me havíeis dado tudo, vós me haveis tirado tudo. Que seja feita a vossa vontade". Eis o verdadeiro desapego. Sede submissos primeiro. Tende fé naquele que vos tendo dado e tirado, pode vos restituir. Resisti com coragem ao abatimento e ao desespero que paralisam a vossa força. Não olvideis jamais, quando a Lei de Deus vos atingir, que ao lado da maior prova, coloca sempre uma consolação. Mas pensai, sobretudo, que há bens infinitamente mais preciosos que os da Terra e esse pensamento vos ajudará a vos desapegar dos bens materiais. O pouco valor que se atribui a uma coisa faz com que menos sensível seja a sua perda. O humano que se apega aos bens da Terra é como a criança que não vê senão o momento presente. Aquele que a eles não se prende é como o adulto que vê as coisas mais importantes, porque compreende estas palavras proféticas do Salvador: "Meu reino não é deste mundo".

O Senhor não ordena largar o que se possui, para se reduzir a um mendigo voluntariamente, e tornar-se uma carga para a sociedade. Agir assim seria compreender errado o desapego dos bens terrestres. É um egoísmo de outro gênero, porque é se isentar da responsabilidade de quem possui riquezas. A Lei de Deus a dá a quem lhe parece pronto para geri-la em proveito de todos. O rico tem, pois, uma missão que pode tornar bela e proveitosa para ele. Rejeitar a fortuna quando a Lei de Deus vo-la dá, é renunciar ao benefício do certo que se pode fazer em administrando-a com sabedoria. Saber passar sem ela quando não a tem, saber empregá-la utilmente quando a possui, saber sacrificá-la quando isso é necessário, é agir de acordo com a Lei de Deus. Aquele a quem chegue o que se chama no mundo uma boa fortuna, diga a si mesmo: Meu Deus, vós me concedestes um novo encargo, procurarei ter a força de cumpri-lo segundo a vossa Lei.

Eis, meus amigos, o que eu queria vos ensinar quanto ao desapego aos bens terrestres. Resumirei, dizendo: Sabei vos contentar com pouco. Se sois pobres, não invejeis os ricos, porque a fortuna não é necessária à felicidade. Se sois ricos, não olvideis que esses bens vos estão confiados, e que deveis justificar seu emprego, como sendo tutores. Não sejais depositários infieis, fazendo-os servir à satisfação do vosso orgulho e da vossa sensualidade. Não vos creiais no direito de dispor, unicamente para vós, daquilo que não é senão um empréstimo, e não uma doação. Se não sabeis restituir, não tendes mais o direito de pedir, e lembrai-vos de que aquele que ajuda aos pobres se quita da provação, de acordo com a Lei de Deus.

(Lacordaire, Constantina, 1863).

Vosso amor aos bens terrestres é uma das mais fortes dificuldades ao vosso adiantamento moral e espiritual. Mas eu tenho um monte de razões para 'cuidar' da minha fortuna! A pobreza é uma desgraça...)

15. O princípio segundo o qual o humano não é senão o depositário da fortuna que a Lei de Deus lhe permite utilizar durante a vida física, tira-lhe o direito de transmiti-la aos seus descendentes? O humano pode perfeitamente transmitir, depois de seu desencarne, do que gozou durante a vida física, porque o eleito desse direito está sempre subordinado à Lei de Deus que pode, quando necessário, impedir seus descendentes de gozá-lo. É assim que se vê desmoronarem fortunas que pareciam solidamente estabelecidas. A vontade do humano em manter sua fortuna na sua descendência é, pois, impotente, o que não lhe tira o direito de transmitir o empréstimo que recebeu, uma vez que a Lei de Deus o retirará quando for conveniente.

(Luis, Paris, 1860).

(É evidente que meus herdeiros estarão protegidos, pois além dos 10% de ajuda a Deus, hoje eu O honro vestindo este novo terno que comprei especialmente para este culto! Será que todos nós pensamos assim?)

EXPLANAÇÕES

1 - Salvação dos ricos - Itens 1 e 2

O principal escopo da missão de Jesus é libertar os seres humanos do jugo da escravidão da matéria e convencê-los que o objetivo primordial, acima de todas as coisas, são os esforços para conquistar a vida eterna, isto é, a vida do puro Espírito, do Espírito que, completando o ciclo das provas que foram necessárias ao progresso moral e de conhecimento, chega ao Supremo grau de pureza, o que faculta a compreensão de Deus e o gozo eterno da vida Espiritual livre, que o leva a aproximar-se cada vez mais do centro da Onipotência, sem igualar-se jamais à Divindade.

"Nenhum servo pode servir a dois senhores, porque ou odiará a um e amará a outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom". Os fariseus que eram avaros, ouvindo-Lhe todas estas coisas, zombavam Dele.

Jesus lhes disse: - "Ponde grande cuidado em parecer justos aos humanos; mas Deus conhece os vossos corações; pois, o que é elevado aos olhos dos humanos é abominação aos olhos de Deus." Lucas XVI, 13 a 15.

Falando a criaturas grosseiras, de natureza rebelde, de Espíritos endurecidos, Jesus tinha que lhes dirigir fortes e enérgicas reprimendas, para conseguir tocá-los um pouco, impressionando-lhes a imaginação.

As palavras de Jesus devem ser interpretadas segundo o espírito e não segundo a letra.

"Ninguém pode servir a Deus e a Mamom".

Mamom era uma divindade que os antigos assírios adoravam, um ídolo de prata e ouro, que representava as paixões humanas, com seu cortejo de vícios, o que explica o pensamento de Jesus quando disse: "Ninguém poderá servir a dois senhores".

De fato, não podemos viver a vida espiritual para as coisas de Deus, cedendo simultaneamente aos desvios da vida material mundana.

Em regra, o mundo dá apreço a coisas cobiçáveis, a riqueza e a glória, porque satisfazem ao cego orgulho da criatura humana, enquanto Jesus ama os de Espírito humilde, aos simples e mansos de coração.

A criatura deve aguardar que, pela vontade do Criador, se desenvolvam os predicados com que haja de brilhar aos olhos de seus irmãos, mas deve esperar em atividade, no trabalho que Deus sempre abençoa, e não na inércia, na ociosidade, na despreocupação.

Algumas pessoas têm a riqueza e o poder, e outras a miséria. É para cada um uma prova, e os próprios Espíritos, as vezes, as escolhem, porém muitas vezes sucumbem, não conseguindo realizá-las.

Tanto a riqueza como a pobreza são tarefas difíceis. A pobreza provoca lamentação, e a riqueza leva a excessos.

O rico sofre mais tribulações, porém tem mais meios de ajudar. A posição elevada no mundo e a autoridade são provas tão grandes e arriscadas quanto a miséria; porque, quanto mais o ser humano for rico e poderoso mais obrigações têm a cumprir, portanto, maiores são os meios que dispõe para fazer o certo ou o errado. Deus experimenta o pobre pela resignação e o rico pelo uso que faz dos seus bens e do seu poder.

A riqueza e o poder despertam todas as paixões que nos prendem à matéria e nos distanciam da jornada espiritual.

A existência presente, tanto para o pobre como para o rico, é mais um momento na eternidade da vida espiritual.

Tanto os pobres como os ricos devem lembrar que a atual situação é efêmera: Passará como passam e se sucedem as fases da Lua.

Todos somos Espíritos encarnados submetidos em provas a vencer. A Pátria é o Universo e nós somos os companheiros eternos da estrada evolutiva.

Quando somos pobres, façamos jus às promessas da bem aventurança, suportando a pobreza com resignação e calma, aproveitando a situação em que nos encontramos para esmagar o nosso orgulho e adoçar o nosso caráter.

Quando somos ricos, fuçamos da sentença que; todo rico se perde na sua riqueza, elevemos o nosso ideal acima das coisas mundanas. Procuremos possuir certa casta da riqueza que o ladrão não rouba, a traça não rói e a morte não arrebatada.

Aproveitemos os meios que ora dispomos, para exercer a beneficência. Afrouxemos o cordão de nossas bolsas. Combatamos o egoísmo, porque ele é o nosso maior inimigo; instiga-nos a aumentar a nossa fortuna na Terra, cavando nossa ruína no além.

Pobres: Sejam humildes e pacientes, sem baixeças, nem vilanias.

Ricos: Sejam caritativos e bondosos, sem ostentação, nem vaidades.

Pobres e ricos devem se lembrar que, a pobreza e a riqueza são cadinhos por onde a Providência faz passar os Espíritos, para os purificar e fazê-los, ao mesmo tempo, conhecerem a si próprios.

Deus conhece os pobres e ricos de agora, mas nós não nos conhecemos. Saberemos quem somos, após a prova passada. Aí lamentaremos se sucumbirmos e nos congratularemos em nosso íntimo se vencermos.

Nem a riqueza e nem a pobreza conduzem-nos à elevação ou ao umbral; mas o modo como o pobre recebe a dor e o rico auffer o prazer, é o que acarreta noutra vida, esta ou aquela consequência.

Tanto pobres como ricos devem refletir a maneira como recebem a prova de agora. O agora passa célere. Cada dia, ou cada hora, ou cada minuto que se escoar no tempo, é um passo dado em demanda ao término desta jornada.

Servir a Deus e as riquezas? Por que Jesus nos diz que não podemos servir aos dois?

Servir a Deus é fazer a entrega, despojando-se de todas as amarras que nos afastam Dele. Para isso não é preciso que nos tornemos mendigos. Jesus nos alerta para não servirmos às riquezas, porque ela faz prisioneiros àqueles que a veneram, como se fosse a causa mais importante da vida. Lutando para adquiri-las, esquecem moral, dever e família. Escravizados pela cobiça não encontram tempo para Deus.

Tempo para servir a Deus não quer dizer visitas aos templos, nem recitar ladainhas. Servi-Lo é tornar amena a vida física e espiritual, daqueles que possuem menos do que nós.

Os que amam a Deus e desejam trabalhar na Sua vinha, fazem de cada irmão uma divindade, não se importando com que ele seja rico ou pobre ou muito necessitado. Vivem na riqueza porque esta lhes pertence, mas amam e trabalham para Deus, fazendo da riqueza adquirida, um meio de demonstrar a capacidade de humanos corretos.

"Vede as aves do céu: Não semeiam, não ceifam, não enchem celeiros e, entretanto, Vosso Pai Celestial as alimenta. Não sois muito mais do que elas?". Mateus, capítulo 24, vers., 26.

O Divino Mestre não pretendeu aconselhar ao ser humano que, para todas as suas necessidades se entregue ao Criador; que deixe de cumprir a sua tarefa; que se despreocupe de toda previdência, negligenciando-se em pecar para os dias da velhice e invalidez.

Jamais Jesus daria esse conselho, porque no Seu ensino, a criatura humana, no vigor de sua idade, deve assegurar os grãos para a sua velhice. Aconselha que o faça lealmente, com integridade, diante do Senhor, sem desperdiçar qualquer parcela, porque lhe cabe ajudar seus irmãos desvalidos ou inválidos, que não puderam colher mais do que algumas espigas para o seu sustento.

"Não vos inquieteis pelo dia de amanhã".

Isto quer dizer que, vivendo segundo os desígnios de Deus e trabalhando, como deve, para a sua subsistência, deve a criatura humana estar sempre confiante de que a tudo mais, como for de justiça e conforme as necessidades espirituais, o Pai proverá. E também quer dizer que, apesar de ser mais providente, não deve mostrar-se ambicioso, nem concentrar na acumulação de riquezas todos os pensamentos e desejos.

Mesmo que trabalhando o ser humano se encontre na penúria, deve confiar-se ao Senhor que, sabendo o que convém a cada uma de suas criaturas, e que se permite tal situação, é porque ela representa prova necessária para depurar o Espírito e torná-lo digno do Criador.

Cientes que devemos estar, que nem as mínimas coisas somos capazes de fazer, então não podemos alimentar a pretensão de mudar os acontecimentos que decorrem da ação Divina. Em todas as circunstâncias nos cabe conformar-nos, certos de que tudo obedece à vontade de Deus, que só ao nosso bem visa.

Não nos preocupemos com os cuidados e aflições que hajam de vir. Entreguemo-nos confiantes à misericórdia do Senhor, que não deixará de chamar os obreiros diligentes, no devido tempo, para gozarem dos frutos dos seus labores. Coragem, portanto, coragem, que esse tempo chegará.

Quando houvermos transposto a barreira que nos detém os passos, volveremos à nossa verdadeira pátria e de lá apreciaremos os progressos da humanidade, e cumprida estará integralmente a revelação do Cristo.

Que assim seja!

(Alicerce da Fé)/(Nas Pegadas do Mestre)/(Elucidações Evangélicas)

2 - Guardai-vos da Avareza - item 3.

PARÁBOLA DO AVARENTO

"As terras de um humano rico produziram muito fruto. E ele discorria consigo: Que hei de fazer, pois não tenho onde recolher os meus frutos? E disse: Farei isto: derribarei os meus celeiros e os construirei maiores, e aí guardarei toda a colheita e os meus bens e direi ao meu Espírito: Meu Espírito, tu tens muitos bens em depósito por longos anos; descansa, come e bebe e regala-te. Mas Deus disse-lhe: Insensato, esta noite eles exigirão o teu Espírito; e as coisas que ajuntaste para quem serão? Assim é aquele que entesoura para si e não é rico para com Deus". Lucas, capítulo XII, vers. 16 a 21.

Quanto mais chegava perto o cumprimento da missão de Jesus na Terra, mais Ele intensificava o Seu trabalho de difusão da Doutrina do Amor, da qual havia sido encarregado, pelo Supremo Senhor, de trazer à Terra.

Os escribas e fariseus já faziam planos para acabar com o Filho de Deus e aí, o Mestre iniciou Suas parábolas que constituem um dos mais eloquentes capítulos do Novo Testamento.

A parábola do avaro é uma síntese maravilhosa do trágico fim de todos aqueles que não veem a felicidade senão no dinheiro e são seus escravos incondicionais. Para essa gente havendo dinheiro, há tudo. Periclita a família, cambaleie a sociedade, que o mendigo arraste-se pelas vias públicas, envergonhado e descomposto, chore e soluçe o aflito, grite de dores o enfermo, o miserável ou o inválido sem pão e sem lar, nada comove esses corações de pedra, nada lhes demove, nada consegue mudar ou desviar-lhes as vistas dos seus frutos, dos seus celeiros, do seu ouro!

São pessoas desumanas, diria até sem Espírito; pelo menos ignoram a existência, de si mesmos, desse princípio imortal que deve constituir, para todos, o principal objeto de cuidados e de carinho.

A avareza é a véspera da mendicidade, ou seja, o fator da miséria.

Quantos miseráveis perambulam pelas praças, implorando o auxílio, e que nesta mesma existência ou em outra, foram ricos, sustentaram grandezas, tiveram celeiros transbordantes.

Quantos párias se arrastam pelas ruas, a bater de porta em porta, implorando uma esmola pelo amor de Deus.

Qual a origem dessa situação penosa que atravessam e qual a causa desses sofrimentos?

A Avareza! Ricos de dinheiro eram pobres para com Deus, porque, embora não lhes faltasse tempo, nunca se dedicaram a Deus, nunca procuraram a Lei Divina, nunca pesquisaram o próprio íntimo em busca de algo que existe, que sente, que quer e que não quer, que ama e que odeia, que vê o passado, que, ao menos, teme o futuro; nunca buscaram saber se essa centelha de inteligência que lhes dá tanto amor ao ouro, tanta ganância pelos bens terrenos, poderá sobreviver a esse corpo que, de uma hora para outra, cairá exânime, para ser entregue ao banquete dos vermes!

O que valem as riquezas efêmeras, sombras de felicidade que se esvaem, grandezas que desaparecem à primeira visita de uma enfermidade mortal! O que valem celeiros repletos em presença do ladrão da morte que chega em momento inesperado, e, até, quando nos julgamos em plena mocidade e com ótima saúde!

Miserável avaro dos bens que Deus lhe confiou! Pensou, porventura, que não tem que prestar contas desse depósito? Pensou que há de permanecer com você e servir para multiplicar, cada vez mais a sua fortuna?

Em verdade afirmo que, o ouro se converterá em brasas a causticar a sua consciência!

Em verdade digo que, o ouro se transformará em peias e algemas, resultante da ação nefasta que teve, em detrimento dos que tinham fome, dos que tinham sede, dos enfermos desprezados, dos pobres trabalhadores de quem explorou o trabalho!

Rico! Movimento esse talento que o Senhor lhe concedeu! Granjeie amigos com esse tesouro da iniquidade, para que eles o auxiliem a entrar nos tabernáculos eternos! Faça o certo e o bem; socorra o pobre; ampare o órfão; auxilie a viúva necessitada; cure o enfermo; como se ele fosse o seu irmão ou filho; pague com generosidade o trabalhador que está a seu serviço. Faça mais: Compre livros e aproveite os momentos de ócio para se instruir, porque um rico ignorante é co-

mo um asno de sela dourada. Ilustre o Espírito; faça para você tesouros e celeiros nos Céus, aonde os vermes não chegam, os ladrões não alcançam, a morte não entra.

Lembre do avarento, cujo Espírito, na mesma noite em que fazia castelos no ar, foi chamado pelo Senhor!

Avareza é a paixão que se apodera da criatura cuja preocupação consiste em acumular riquezas. Ainda são muitas as pessoas que só cuidam das coisas da Terra e que não creem em Deus, na elevação do imortal Espírito, na vida futura e que não tem no que se preocupar. E quando menos espera, se vê arrebatada pela morte, deixando tudo quanto acumulou durante a vida terrena, para ser esbanjado pelos outros, que nada fizeram pela aquisição de tanta riqueza.

O ser humano devia compenetrar-se para combater a avareza, entendendo que se deve reunir tesouro para a vida eterna, e não juntar riquezas para uma vida efêmera, que apenas alguns anos duram.

Esta lógica é naturalmente para aqueles que buscam o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, que é o código da vida eterna e da moral divina, que desejam se tornar ricos em Deus, pela prática ininterrupta do amor e da caridade, pelo esforço constante de se libertar das influências materiais como: A sensualidade, o orgulho, o egoísmo, a cupidez, a inveja etc.

Jesus não veio ao mundo para reinar sobre as coisas perecíveis da Terra, nem para dar aos seres humanos leis materiais. Sua missão constituiu, sobretudo, desprender da matéria humanos profundamente materializados, a fim de dar-lhes a visão e o gosto das coisas espirituais.

"Aquele que acumula sem cessar, e sem beneficiar ninguém, terá uma desculpa válida ao dizer que ajunta para deixar aos herdeiros? - É um compromisso com a consciência errada!". Pergunta 900, Livro dos Espíritos.

O ser humano avaro é o egoísta que nega auxílio pecuniário a quem lhe bate à porta, desprezando a oportunidade de servir, e até mesmo de ouvir quem lhe venha pedir socorro. Sua atenção está centralizada na aquisição do dinheiro e nas diversas formas de enriquecimento.

A atmosfera vibratória do avarento é certamente obscura, densa. Tem grande dificuldade em sentir a inspiração que vem do Alto, em captar sugestões nobres em relação ao seu próximo.

Porém a ironia do destino causa-lhes os maiores impactos. A queda é um grande sofrimento, porque lhes tira o mais valioso: O dinheiro!

A avareza se manifesta em diferentes gradações, que se refletem nas nossas preocupações diárias, com maior ou menor intensidade. A importância que damos aos nossos pertences e as inquietações que tantas vezes nos desequilibram, pelo fato de termos perdido esse ou aquele objeto de maior estima, representam nosso apego a eles.

É uma forma de avareza não querer emprestar algumas de nossas quinquilharias, com receio de perdê-las ou desgastá-las e também é um aspecto de ciúme.

A mania de guardar por tempo indeterminado, até mesmo sem usar, joias, roupas ou outros pertences pessoais, reagindo em dar a alguém que mais necessite, sem justificativas, caracteriza avareza.

Dos valores eternos, os aprendizes do Evangelho já apreenderam, que da avareza, não se tem nenhum benefício real, ela precisa ser identificada e combatida.

Como exemplo de desprendimento dos valores materiais, lembremos um episódio da vida do estimado benfeitor espiritual, Dr. Bezerra de Menezes. - Certo dia, ao consultar no gabinete médico uma senhora de poucas posses, entregando-lhe o receituário, ouviu as suas lamentações, pois não tinha condição suficiente para a compra dos remédios. Então, o magnânimo médico, não encontrando em seus bolsos o correspondente em moeda corrente, entregou à senhora o seu anel de formatura, para que com ele obtivesse dinheiro que lhe permitisse medicar a criança doente que trazia no colo.

Talvez ainda não consigamos ter a atitude do Dr. Bezerra de Menezes, mas vamos observando o que temos de avareza e combatendo em nós este malefício, para mais tarde, ter atitudes benéficas para o próximo e para nós mesmos.

Quanto mais aprendemos o Evangelho de Jesus, vamos descobrindo os nossos vícios e vamos criando forças para combatê-los.

O Evangelho do Mestre é o caminho da vida eterna.

Não iremos ao Pai, sem entendê-lo e praticá-lo, porque o Divino Mestre veio trazê-lo a mando do Pai Celestial, para que evoluíssemos na senda do bem.

E Jesus que é todo de misericórdia, nos recebe de braços abertos no Seu Evangelho!

(Manual prático do Espírita)/(Elucidações Evangélicas)/(Parábolas e Ensinos de Jesus)

3 - Jesus em casa de Zaqueu - item 4.

Zaqueu é um astro que brilha no Evangelho. É um Espírito de contato mais suave, que afaga o Espírito quando recordamos essas figuras proeminentes da legenda Sagrada. Basta lembrar que foi na casa deste destemido chefe dos publicanos que Jesus encontrou fino acolhimento, e tão espontânea recepção espiritual, que passados quase dois mil anos, ainda nos comove numa alegria santa, idêntica, talvez, àquela que Jesus sentiu, levando-O a pronunciar a nova felicitadora, que se nos depara no trecho de Lucas: "Hoje entrou a salvação nesta casa".

Os publicanos eram os arrematantes dos impostos públicos, designados pelos antigos romanos. Eram cavalheiros romanos, que formavam companhias poderosas, destinadas a arrematar, por certa quantia, a cobrança dos impostos nas províncias, pelo prazo de cinco anos.

Cada companhia tinha um nome especial, conforme a qualidade de imposto; assim havia:

- Decumani - cobrava os dízimos.
- Partitores - para as alfândegas.
- Pecuaru - para os pastos etc.

Estas companhias tinham sede em Roma e subdiretores e agentes em todas as províncias. Os publicanos abusavam com frequência dos seus direitos, exigindo dos contribuintes mais do que o devido, e por isso, eram odiados pelo povo. Os judeus, especialmente, tinham grande antipatia pelos publicanos, não só porque estes exorbitavam a sua ação, como também porque consideravam o imposto taxado pelo domínio de Roma contrário à lei judaica.

E Allan Kardec escreve: "Daí a aversão pelos publicanos de todas as classes, entre as quais se encontram pessoas estimáveis, mas que, por motivo de suas funções, eram desprezadas, bem como as pessoas de suas relações, sendo todos confundidos na mesma ordem".

Zaqueu, conseqüentemente, era mal visto por todos, porque estava incluído no juízo que se fazia dos publicanos. Entretanto, a passagem do Evangelho deixa transparecer ter sido um humano correto, um humano de bem.

O prolóquio: "Dize-me com quem andas que te direi os defeitos que tens", não vigorou para o chefe dos publicanos, instalado em Jericó. E se ele não tinha caráter reto até o seu encontro com Jesus, a transformação momentânea por que passou, foi tão real que atingiu a transfiguração. Maravilhamo-nos com a transfiguração de Jesus no Tabor, tendo ao seu lado Moisés e Elias como representantes da Lei e dos Profetas, a testemunhar a individualidade do Nazareno como cumpridor e executor da Lei e sancionador dos profetas; e nos alegamos com a transfiguração de Zaqueu em Jericó, tendo como executor Jesus e, como testemunhas, os profetas.

O chefe dos publicanos era dócil, manso de coração. O Evangelho lembra o encontro de Jesus com Zaqueu. Baixo de estatura, o publicano subiu na árvore chamada sicômoro, e se fez alto, para ver o Nazareno, escondido pela multidão: Porém, alto de dignidade e de dinheiro, Zaqueu faz-se novamente pequeno para alcançar pela elevação, - o reino dos Céus.

Enquanto não vira a Jesus, estava exaltado. Exaltado em tamanho corpóreo (pois subira no sicômoro), exaltado em dignidade, exaltado em fortuna!

Basta o Mestre dar com os olhos nele, Zaqueu humilha-se - desce do sicômoro, desce das dignidades e desce do dourado altar em que havia se colocado.

- "Zaqueu, desce depressa, porque importa que eu fique hoje na tua casa", disse Jesus.

E Zaqueu desceu com toda a pressa que uma notícia de alegria produz, fazendo-nos descer quando estamos nas alturas:

- "Senhor, vou dar a metade de meus bens aos pobres, e, se em alguma coisa defraudei alguém, lho restituirei quadruplicado", disse Zaqueu.

Bela lição! Bela, porque vestida do exemplo. Não é só a palavra que soa como bronze ou como o címbalo; é o fato, é a ação que grava e inscreve com letras indeléveis a Doutrina que vigora.

Como são belas essas individualidades dos tempos idos, sempre memoráveis: Paulo, Madalena, Zaqueu!

Paulo cai fulminado na estrada de Damasco, e depondo as armas, renuncia a autoridade que tinha para massacrar os discípulos do Cristianismo nascente, empunha a nova bandeira, e do tenebroso Saulo, transforma-se em apóstolo, mensageiro da luz e da verdade.

Madalena enfrenta o Nazareno pela primeira vez e Lhe acompanha os passos, e de mulher mundana que era, não mais abandona o seu Benfeitor e Mestre.

Zaqueu sobe ao sicômoro, desce do sicômoro, abre gavetas, remexe cofres, desenterra haveres, restitui o alheio com juros de quatrocentos por cento, e aos pobres e famintos enche de bens ao ter a honra de uma simples visita Daquele que lhe havia trazido a luz da elevação!

Que quadros belíssimos, que ornamentos admiráveis, os quais, se passados para a tela dos cinemas, fariam reviver o poder da singular Doutrina que, nascida num estábulo e subjugada pela cruz infamante, proclamou-se em ressurreições sucessivas, a mais lídima expressão da Palavra de Deus!

Todos que ouviram Jesus, dizendo que ia hospedar-se na casa de Zaqueu, ficaram estupefatos, por ser ele um publicano. E quando Zaqueu se dispôs a repartir os seus bens, disse-lhe o Senhor: - "Hoje a salvação entrou nesta casa, porque ele também é filho de Abraão. Com efeito, o filho do humano veio procurar e salvar o que estava perdido".

O diálogo simples revela grandes ensinamentos, que ainda estão despercebidos por muitos, mas que destacam o ensinamento moral e o ensinamento espiritual.

O fato de Zaqueu procurar uma melhor maneira de ver Jesus, já revela predisposição à mudança de atos, pois a simples presença do Rabi Galileu provocou profundas reflexões. E a mudança de Zaqueu já fazia parte dos objetivos do Mestre, tanto que, ao entrar em Jericó, percebe-o facilmente em cima de uma árvore, ansioso por um olhar, ao que Jesus corresponde, demonstrando profundo conhecimento de psicologia transpessoal: Levanta o olhar e a ele se dirige dizendo: "Zaqueu, desce depressa, pois hoje devo ficar em tua casa".

A palavra casa, neste caso, adquire nova conotação, visto que vem antecedido de uma afirmativa verbal - pois hoje DEVO FICAR em tua casa. Na frase, o verbo DEVO é aplicado no sentido de certeza e não de hipótese. Entendemos, com isso, que o Mestre se refere à casa mental de Zaqueu, pois a hospedagem que desejava Jesus não era apenas no lar físico, mas principalmente no coração, a fim de que esse se modificasse.

Convém exaltar a imensa facilidade com que Jesus manipula os fluidos, pois se subentende que Ele altera a psicósfera pessoal de Zaqueu, permitindo que compreenda a mensagem de natureza espiritual na sua perfeita essência.

E ele entende, como se Jesus a propusesse: "Desce depressa, pois hoje devo ficar em teu coração para sempre".

O envolvimento fluídico é tão patente, que bastaram alguns momentos em contato com o Mestre para que Zaqueu se modificasse moralmente, não apenas no compromisso de distribuir os bens aos pobres e ao quádruplo pagar aos que devia, mas por despertar nele o sentimento de caridade e desprendimento, levando-o a doar aos pobres a metade dos bens que lhe pertenciam.

A autoridade espiritual de Jesus se faz presente ao afirmar: "A salvação entrou nesta casa, porque ele também é filho de Abraão".

Jesus veio salvar, isto é; mostrar como se elevar ao que estava perdido ou rebaixado. No entanto, demonstra claramente que conhecia as mazelas que marcavam o caminho espiritual de Zaqueu, percebia nos seus pensamentos a vontade de mudar. E se não fosse verdade, Jesus estaria interferindo no livre arbítrio dele, modificando-o contra a sua vontade.

A receptividade de Zaqueu às sugestões do Mestre modifica instantaneamente o seu comportamento para com Deus, para com o próximo e para consigo mesmo, salvando aquela encarnação e, por conseguinte, reformando-se pela conversão, através de atos e não de promessas.

A passagem de Zaqueu é de grande alcance e importância na condução de nossas ações. Subir no sicômoro representa a predisposição para a mudança, que funciona como agente facilitador da reforma íntima, a reforma que se constitui no preparo da morada de nossos corações, onde com certeza o Cristo pedirá pousada.

Pelo simples fato de estarmos aqui, nesta casa cristã, já estamos nos predispondo a conhecer os ensinamentos do Mestre Jesus.

Como Zaqueu, vamos abrir a brecha para que o Cristo entre no nosso coração.

E que Ele permaneça sempre!

(Reformador - 01/97)/(O Espírito do Cristianismo)

4 - Parábola do Rico e Lázaro - item 5.

Este ensino é a proclamação da caridade, que é imprescindível para todos.

O rico e o pobre Lázaro personificam a humanidade sempre rebelde aos ditames da Luz e da Verdade. O rico gozou no mundo e sofreu no espaço; Lázaro sofreu no mundo e gozou no espaço.

Este rico que se vestia de púrpura e que todos os dias se regalava esplendidamente, é o símbolo daqueles que querem tratar da vida do corpo e esquecem-se da vida do Espírito. São os que buscam a felicidade no comer, no beber e no vestir; são os que se entregam a todos os gozos da matéria, são os egoístas que vivem unicamente para si, os orgulhosos que, entronados nos altares das paixões vis, da vaidade, da soberba, não veem senão o que lhes pode saciar a sede dos prazeres, não cultivam senão a luxúria, que mata os sentimentos afetivos e anula os dotes do coração.

Nesta parábola, o rico representa a personificação dos que são escravos do reino do mundo, que não veem mais do que o mundo material, esse paraíso perdido na degradação moral, que avilta os Espíritos e atira aos erros dos vícios.

Jesus falava geralmente por parábolas; e esta lição que o Mestre ofereceu há mais de 2000 anos aos povos da Palestina, e que consta no Evangelho de Lucas como um conselho salutar e memorável, nada mais é do que uma parábola; é um ensino alegórico e representativo do que se passa no espaço, para afirmar a nossa vida além tumba, é uma consequência justa e equitativa da nossa existência na Terra.

O rico passou toda a sua vida a se fartar esplendidamente, a desprezar os pobres, a desprezar a Deus, a respeitar sua lei, a dar as costas à religião, a gozar e a folgar, mas, quando desencarnou, não pode continuar a viver como vivia, vestindo-se de púrpura, comendo manjares, bebendo licores, porque no mundo dos Espíritos não há púrpuras, não há manjares, não há licores. Ele já se havia fartado com os prazeres da Terra, não podia fartar-se com os prazeres do Céu, porque não os havia buscado, nem havia adquirido o tesouro com que se conquista as glórias celestes.

Lázaro representa os excluídos da sociedade terrena, aqueles; que mal podem chegar ao portão dos grandes templos, os que não podem entrar nos palácios dourados, os que a sociedade despreza.

Os Lázaros não são esses pobres orgulhosos do mundo, que não têm muitas vezes o que comer e o que vestir, mas estão cobertos com a púrpura do orgulho; não é essa gente que não tem dinheiro, mas tem vaidade; não tem palácios, mas tem egoísmo; não tem jantares, mas tem prazeres nefastos.

Os pobres que Lázaro serviu de símbolo na parábola, são os que sofrem com resignação, são os que desprezam os bens da Terra, porque buscam as coisas de Deus; são aqueles que se veem usurpados daquilo que tem por direito na Terra, mas pacientes e resignados não se revoltam, porque creem no futuro e esperam as dádivas que lhes estão reservadas por Deus.

Eles sabem, porque estudam, esperam e oram, que existe um Criador, um Pai Supremo, que lhes dá o prêmio das suas vigílias, um salário pelos seus afazeres morais, uma luz para a sua orientação espiritual; e que esse prêmio, esse salário, essa luz, embora, às vezes, pareça tardar, não faltará, porque a justiça de Deus é infalível, é indefectível.

O rico e Lázaro - duas personalidades distintas, uma que gozou e a outra que sofreu, pelos padrões humanos; uma a quem nada faltava e a outra a quem tudo faltava, vão trocar as suas condições; vão mudar de cenário: O mendigo vai para a abundância, e o rico é o que passa a mendigar. Muitas vezes esse reverso de medalha acontece até na própria existência terrena.

Todos conhecemos uma medalha, uma moeda. De um lado traz uma figura e do outro lado o seu valor real. Assim também acontece conosco. Cada um de nós é uma medalha, uma moeda. A moeda vale segundo o câmbio corrente, assim também nós valem de acordo com o câmbio espiritual, que taxa o valor dos Espíritos.

Os que só olham a efígie da moeda, não conhecem o valor do dinheiro, porque a efígie, o verso da moeda, só traz uma figura, e esta nada vale.

Assim também os que olham o ser humano só pelas aparências, pelo exterior, não conhecem o ser humano; porque o exterior do ser humano é a efígie da vaidade, do egoísmo e do orgulho. O que vale na moeda é o reverso; o que vale no ser humano é o interior, ou seja, o Espírito.

O rico trazia no verso a característica da efígie, mas depois que morreu, apurou-se o valor da moeda, gravado no reverso, e esse valor não permitiu a entrada no Céu, ou seja, uma vida melhor no mundo espiritual.

Ao pobre, que desde a sua existência na Terra, sabia o valor do reverso da moeda, esse sacrifício lhe deu o valor de ser levado pelos anjos ao Seio de Abraão.

O julgamento de Deus é diferente do julgamento dos humanos!

Deus não se deixa levar pelo preconceito; Deus não se deixa levar pelo juízo humano.

Seio de Abraão é a liberdade do Espírito no espaço infinito. Seio de Abraão é o mundo invisível onde os Espíritos caminham livres de todas as peias, realizando sempre novas conquistas, fazendo novas descobertas, aprendendo novas verdades que os elevam em conhecimentos e moral, que os elevam em felicidade. Abraão foi o patriarca dos Hebreus, alta personalidade do Antigo Testamento, com fé inabalável, a ponto de quase sacrificar seu filho único - Isac, para obedecer as ordens que havia recebido do Alto. Era um crente sincero na imortalidade do Espírito; via o espaço semeado de Espíritos, conversava com os Espíritos, os que são chamamos de mortos, e vivia em relação contínua com o mundo dos Espíritos.

E para esse mundo é que foi Lázaro, que na Terra viveu aguilhoado pela dor, privado das delícias do mundo, mas cria num Deus Supremo, que lhe concedera aquela existência de expiação e de provas, para que reparasse os males de suas vidas passadas, em que havia se descuidado das coisas Divinas e só tratado dos gozos efêmeros. Lázaro saldara a sua conta: Ao sair da prisão corpórea tinha pago o último ceutil de sua dívida, e reconquistara o reino da liberdade e da luz, que Deus concede a todos que se submetem à Sua lei, aos Seus santos desígnios.

O Evangelho diz que o rico levantou os olhos e viu ao longe Abraão e Lázaro e exclamou: "Pai Abraão, tenha compaixão de mim!". E pede a Lázaro que molhe a ponta do seu dedo e refresque a sua língua. O rico queria água. Tinha sede e essa sede não era a do corpo físico, era sede de consolação, de esperança, de perdão.

Compreendeu que a causa das suas dores era a vida dissoluta que passara no mundo e a chama viva do remorso abrasava a sua consciência.

Ele queria água, essa água da vida, essa água da salvação que Jesus havia dado à mulher da Samaria.

Ainda havia um grande abismo entre Lázaro e o rico, que só se preocupava com o corpo físico, ao passo que Lázaro teve os olhos voltados para o Alto, e pagou suas dívidas materiais, conquistou fluidos espirituais para se elevar.

Apesar de estarem em faixas diferentes, Abraão ouvia a voz do rico e este ouvia a voz de Abraão. Comunicavam-se, pois havia necessidade do rico ser exortado para se regenerar mais tarde, e como Lázaro, vir novamente ao mundo pagar a sua dívida e depois subir para o Seio de Abraão; porque também ele era filho de Deus, e Deus não deixa nenhum filho Seu perecer.

Abraão disse-lhe: "Filho lembra da tua vida e da vida de Lázaro", querendo dizer que deveria voltar, com a vida corporal semelhante a de Lázaro, para sofrer as consequências do seu orgulho e do seu egoísmo. E foi então que o Espírito do rico, cheio de pobreza e sofrimento, lembrou-se dos cinco irmãos que levavam a mesma vida física que ele na Terra, e replicou: "Pai, eu Te rogo, então, que o mandes à casa do meu pai, pois tenho cinco irmãos, para os avisar, a fim de não suceder virem também para este lugar de tormentos".

E Abraão lhe respondeu: "Eles têm Moisés e os profetas. E se eles não ouvem a Moisés e os profetas, tão pouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém entre os mortos". Moisés - é o caminho que precisam seguir, e os profetas são os médiuns, que pela influência dos Espíritos, diz o que se passa após a morte e o que se deve fazer aqui, para encontrar a luz.

Deus dá a liberdade a todos para buscarem a Sua lei; e àqueles que buscam, o Pai não dá o Espírito por medida. Está escrito "Aquele que pede recebe; o que busca, encontra; e ao que bate, se abre, porque o Pai não dá uma pedra para quem Lhe pede um pão, nem uma serpente a quem Lhe pede um peixe". Mateus, 7, 8.

Assim Deus respeita o livre arbítrio que concedeu a cada um.

Os Espíritos podem se comunicar e se manifestar aos encarnados, mas não podem obrigar, embora sejam eles portadores de grandes conhecimentos, a tomar posse desde já da felicidade futura!

O rico e Lázaro, ambos tiveram a sua oportunidade. Lázaro aceitou com resignação a sua missão, e o rico esqueceu-se de suas obrigações, quando se viu cercado de tanto conforto. Ambos são filhos de Deus, por isso, o rico terá nova oportunidade, para consertar o que não fez numa existência em que tivera muitas facilidades.

Sabemos que muitos ricos das coisas do mundo e muitos pobres que querem enriquecer com as coisas do mundo, embora ouçam sobre as coisas divinas, não se convencem da necessidade de buscá-las. Dizem que é ilusão, tolice.

Por isso não foi permitido o aviso aos cinco irmãos do rico.

Ao ser humano que se quer convencer pela força, lhe acontecerá o que aconteceu com a cigarra de La Fontaine: "Cantou a sua vida, mas depois chorou a sua morte". E há de voltar chorando na outra vida para, com justa razão, cantar na imortalidade.

(Parábolas e Ensinos de Jesus)

5 - Parábola dos Talentos - item 6.

Igualmente à Parábola dos Talentos, temos a Parábola das Minas. A dos Talentos narrada por Mateus e a das Minas narrada por Lucas.

- Um homem ilustre foi para um país longínquo, a fim de obter para si o governo e voltar. Chamou dez servos, deu-lhes dez minas e disse: Negociai até eu voltar. Mas os seus concidadãos o odiavam, e enviaram após ele uma embaixada, dizendo que não queriam que ele os governasse. Quando ele voltou e após ter tomado posse do governo, mandou chamar os servos.

Veio o primeiro, e disse: "Senhor, tua mina rendeu dez". Então o senhor lhe deu autoridade sobre dez cidades.

Veio o segundo, e disse: "Senhor tua mina rendeu cinco". Então o senhor lhe deu autoridade sobre cinco cidades.

E veio outro dizendo: "Senhor, eis a tua mina, eu a guardei, pois tinha medo de ti, porque tu és severo, tiras o que não puseste e ceifas o que não semeastes".

Respondeu-lhe: "Servo mau, pela tua boca te julgarei". Sabes o que faço, por que não puseste o meu dinheiro no banco? E então na minha vinda teria exigido com juros. E disse aos presentes: Tirai-lhe a mina e dai-a ao que tem dez.

Responderam-lhe: Senhor, este já tem dez.

"Declaro-vos que a todo que tem, dar-se-lhe-á; mas ao que não tem, até aquilo que tem lhe será tirado. Quanto, porém, a esses meus inimigos, que não quiseram que eu governasse, trazei-os aqui e matai-os diante de mim". Lucas, capítulo XIX, vers. 11, 27.

Todos somos filhos de Deus; o Pai dos Espíritos reparte com todos igualmente os Seus dons; a uns dá mais, a outros dá menos, sempre de acordo com a capacidade de cada um. A uns dá dinheiro, a outros sabedoria, a outros dons espirituais e, finalmente, a outros concede todas essas dádivas reunidas.

De modo que um tem cinco talentos, outro dois, outro um; ou então um tem dez, outro cinco, outro dois.

Para o Senhor não há privilégios nem exclusões; e se cada qual for consciente do que possui e compenetrado dos seus deveres agisse de acordo com a Lei Divina, tenham certeza, que ninguém teria razão de queixar-se da sorte ou reclamar a má situação em que se encontra.

Todo indivíduo no mundo é depositário de um talento ou duas minas. Mesmo aqueles que se julgam miseráveis e mendiga a caridade pública, se procurarem suas aptidões, que trazem ocultas nos recônditos do Espírito, verão que não são tão desgraçados quanto se julgam.

Todos nós trazemos a este mundo talentos e minas para garantir a atual vida e a futura, porque o mundo é apenas uma estância aonde viemos fazer aquisições, provisões para construirmos e abastecermos a vida futura.

Observemos o mendigo que passa andrajoso e sujo, perguntemos sobre a sua vida, levemo-lo a falar, pesquisemos suas qualidades e seus defeitos; penetremos no recesso do seu coração e de seu cérebro; estudemo-lo físico, moral e espiritualmente; façamos a sua psicologia, e teremos ocasião de ver nesta figura esquelética, monótona e às vezes, até repelente, qualidades superiores às de muitos cidadãos que se ufanam nas praças, veremos nele, dons adormecidos, semelhantes às minas escondidas na terra ou o talento atado a um lenço!

A parábola tem maior aplicação aos grandes, aos poderosos, aos doutos, aos sacerdotes e similares, que por se intitularem guias do povo, são merecedores de maior cobrança.

Há mais de dois mil anos, o Supremo Senhor enviou ao mundo o Seu Filho dileto e representante, cuja doutrina sábia, consoladora e ungiada de amor, é a única capaz de salvar a humanidade.

E o que observamos por toda parte?

Na esfera religiosa, como na esfera científica, o dolo, a má fé, a deturpação da verdade.

Nas guerras de 1914 e 1939, baniu-se dos Espíritos os princípios de fraternidade que o Cristo nos legou, pois muitos lares ficaram na orfandade, cidades foram devastadas e a imoralidade se acentuou.

E onde estão os subsídios e os subsidiados; os servos, os talentos e as minas legados no Evangelho às gerações?

Nós, servos indolentes, cheios de preconceitos e temores humanos, ocultamos substanciosos ditames que nos foram doados, para ganhar meios de nos elevarmos, e por isso passamos por penosas existências de expiação e provas, até que, mais humildes, mais submissos à vontade divina, recebamos novo talento, nova mina, para começarmos a preparar o nosso bem estar futuro.

Todos somos filhos de Deus: O Pai reparte igualmente Suas dádivas entre todos os Seus filhos; faz levantar o Sol para corretos e errados e descer as chuvas para justos e injustos; mas exige que essas dádivas sejam acrescentadas por todos.

Os que obedecem aos Seus preceitos têm o mérito de suas obras; os que desobedecem, o demérito, e são responsáveis pela falta de observância de seus sagrados deveres.

O dinheiro não nos foi dado para volúpias, nem a sabedoria para estufar; assim como os dons espirituais não nos foram concedidos senão para serem proveitosos à fé, à esperança e à caridade.

Não devemos esbanjar a fortuna que nos foi concedida, nós, meros depositários, da qual teremos de prestar severas contas.

Encaremos as parábolas sob o ponto de vista Espírita.

Elas dirigem-se justamente àqueles que tiveram a felicidade de receber os talentos e as minas dos conhecimentos Espíritas.

Sabe-se que estes conhecimentos, quando corretos e bem entendidos e aplicados, são uma fonte perene de felicidade e, ao contrário, quando erradamente entendidos e aplicados, são como setas de remorsos cravados nas consciências desviadas do certo, do bem e da verdade.

Aqueles que recebem a Doutrina Espírita e ainda os dons espirituais, e os aplicam em proveito próprio e alheio, com o fim especial de tornar conhecida a Palavra de Deus, são os que receberam dois e cinco talentos, cinco e dez minas, e quando chamados ao ajuste de contas, lhes será dito: "Servos bons e diligentes! Fostes fiéis no pouco, também sereis no muito; confiar-vos-ei o muito; porque foste fiel no pouco, terás autoridade sobre dez cidades, sobre cinco cidades", de acordo, cada um, com os talentos e as minas que recebeu.

Aqueles que recebem a Doutrina e dons espirituais e não os observam, ou os aplicam errado e mal, são semelhantes aos que enterram os talentos e as minas, ao invés de colocá-los no banco para render juros. Serão julgados e lhe serão tirados o pouco que têm, porque a todo o que tem, dar-se-lhe-á e terá em abundância, e ao que não tem, até o que tem lhe será tirado.

Os talentos, as minas, são os conhecimentos que vamos adquirindo em cada existência, e quanto mais conhecimentos nós temos, mais nos será pedido, pois teremos noção de nossas atitudes, de nossos atos, para com Deus e o nosso próximo. "A todo que tem, dar-se-lhe-á"; pois quanto mais temos conhecimento dos ensinamentos de Jesus, mais devemos procurar obter conhecimentos, nos reformando intimamente, para galgar os degraus da evolução.

Aos que nada têm, até aquilo que têm, lhes será tirado. A este que não tem conhecimento algum, será necessário que vá a busca do saber, que sinta vontade de evoluir, então os seus talentos e as suas minas começarão a aumentar.

Todos nós recebemos talentos ou minas a serem trabalhados e quantos de nós, por medo, enterramos-los, alegando não ter condições de fazê-los multiplicar. E assim, passamos a vida toda, negligenciando os talentos a nós oferecidos. Enquanto isso admiramos aqueles servos fiéis, que tudo fazem para não deixar enterrado o que recebem do Senhor, os que enfrentam o desprezo do mundo, as desavenças familiares, enfim, fazem de suas vidas um banco de providências divinas, onde os banqueiros do Senhor os ajudam com o aumento dos juros.

Coitado daquele que, acovardado, diante do pavor de enfrentar as próprias deficiências, corre do compromisso, alegando sempre imperfeição ou medo de ir contra o Senhor. Este se compara ao servo infiel, que enterrou o talento recebido e que, até este, foi-lhe retirado. Afastando-se daqueles que tudo fazem para servir ao Senhor, sofrerá o ranger de dentes e a consciência acusando-o de relapso, porque não teve o desejo de progredir, negligenciou e perdeu o pouco que adquirira.

E João, no capítulo XV, versículo 2, diz: "Toda vara que não dá fruto em mim, ele a cortará, para que dê mais abundante fruto".

O ser degredado será levado para um planeta inferior à Terra, quando houver a separação do joio e do trigo e lá aprenderá a dar frutos.

Felizes os que não guardam para si o talento recebido, mas multiplica-os, oferecendo a cada filho de Deus o que Dele recebeu: Amor.

E Jesus, está sempre disposto a nos oferecer amor, quando O procuramos sinceramente!
(Parábolas e Ensinos de Jesus)/(Alicerces da Fé)

6 - Utilidade Providencial da Fortuna - item 7.

"Jesus olhando ao redor de si disse: Quão dificilmente entrarão no Reino de Deus os que têm riquezas! Os discípulos ficaram surpreendidos com estas palavras. Mas Jesus tornou a dizer-lhes: Filhos, quão difícil é entrar no reino de Deus os que confiam nas riquezas! É mais fácil entrar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no Reino de Deus. E eles ficaram sobremaneira admirados, dizendo entre si: Quem então pode ser salvo? Jesus olhando para eles, disse: Aos humanos é impossível, mas a Deus não; porque a Deus tudo é possível". Marcos, capítulo X, vers. 23 -27.

Jesus falava por meio de parábolas, às vezes eram rudes, porque as pessoas daquela época entendiam assim, através dos exemplos.

O camelo a que Jesus se refere nesta parábola, não é o camelo animal, e sim uma corda.

Na lição do Evangelho está explicado que, a riqueza não é obstáculo à elevação de quem a possui, porque Deus, nosso Pai Bondoso, jamais a daria a alguém, para prejudicá-lo. A riqueza é uma prova como é a pobreza e, vai depender de quem vai usá-la.

Muitas vezes os Espíritos que vêm com maior soma de benefícios para o engrandecimento material, moral e espiritual de seus irmãos, esquecem da missão que vieram desempenhar. O orgulho é insuflado pelos bajuladores, pelos servís, que têm como deus a riqueza, transviam muitos Espíritos, levando-os a rudes e penosas provações, pelo errado emprego da fortuna que, o Criador lhes concedeu para o seu aperfeiçoamento e dos seus semelhantes.

Sabemos que a opulência tem as suas virtudes, os seus feitos gloriosos, mas são grandes os obstáculos que se acham na opulência.

O ser humano rico tem mais dificuldades a vencer que o pobre. Além de tratar de si e dos seus, além de procurar manter as exigências sociais, além de estudar e estudar muito porque dispõe de mais tempo que o pobre, ainda lhe cabe o dever restrito de exercer a caridade, quer socorrendo os necessitados do corpo físico, quer ensinando os ignorantes, dirigindo a todos as palavras de conforto, de coragem de resignação.

Deus não condena a riqueza e ninguém é condenado por ser rico.

"Como é difícil entrar um rico no Reino dos Céus! É mais fácil - disse Jesus, passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico se salvar".

Esta sentença do Mestre vem em apoio das provas por que aqueles que pediram bens de fortuna para prestarem benefícios ao seu próximo e progredirem rapidamente, pois através da fortuna material deverão conquistar a fortuna imperecível que, os ladrões não roubam, as traças não roem e a ferrugem não consome.

Aqueles que pediram a pobreza devem manter a coragem, a resignação, pois a verdadeira fortuna é a que nos proporciona as virtudes que praticamos e das quais nos cercamos.

A condessa Paula, bela, jovem, rica e de estirpe ilustre, era perfeito modelo de qualidades intelectuais e morais.

Faleceu aos 36 anos de idade. E as pessoas repetiam: "Por que Deus retira tão cedo pessoas assim da Terra?".

Felizes aqueles que tornam abençoada a sua memória. Ela era boa, meiga e indulgente, sempre pronta a desculpar e atenuar o erro em lugar de aumentá-lo.

A simples ideia de que alguém pudesse experimentar uma privação, por sua causa, provocar-lhe-ia um remorso de consciência.

A sua beneficência era inesgotável, mas não essa beneficência ostentosa; exercia a caridade de coração e não provinda do amor de vanglorias. Só Deus sabe as lágrimas que ela enxugou, os desesperos que acalmou, pois essas práticas caridosas só tinham por testemunhas os infelizes que socorreu. Socorria com aquela delicadeza que eleva o moral em vez de o rebaixar.

Da sua estirpe e das altas funções do marido, decorriam-lhe onerosos encargos domésticos, que não podia eximir-se; satisfazia plenamente as exigências de sua posição, sem avareza, fazia com método, evitando desperdícios e superfluidades, que lhe bastava metade daquilo que a outrem não bastaria.

Assim fazia com que da sua fortuna maior quinhão fosse facultado aos necessitados. Destinava uma parte da sua fortuna para a caridade, e conciliava seus deveres para com a sociedade e para com os infortúnios.

Após doze anos de seu desencarne, um dos seus parentes iniciados no espiritismo, evocou-a. E ela disse:

- Tem razão, meu amigo, em pensar que sou feliz. Na Terra estive entre os felizes, pois não me lembro de haver aí experimentado um só desgosto real. O que é, no entanto, essa felicidade comparada àquela que desfruto aqui?

Não há nada na Terra que se compare às vastas regiões do espaço, matizadas pelas cores que tem o arco íris. Nem as mais esplêndidas festas terrenas, com os mais ricos paramentos, são comparadas às assembleias de Espíritos resplandecentes de brilho que as vistas dos humanos não suportariam.

Os concertos da Terra são monótonos perante os concertos harmoniosos, em relação a suave melodia que faz vibrar os fluidos do éter e as fibras do Espírito.

São insípidas as maiores alegrias comparadas à sensação inefável de felicidade como um eflúvio benéfico, sem mistura de inquietação, de apreensão, de sofrimento.

Aqui tudo verte amor, confiança, sinceridade: Por toda parte corações amantes, amigos por toda parte!

Nem invejosos, nem ciumentos! Este é o mundo em que me encontro, meu amigo, ao qual você chegará infalivelmente se seguir o reto caminho da vida.

Tem cada um a sua missão a cumprir, seus protegidos a velar, amigos terrenos a visitar, mecanismos na Natureza a dirigir, Espíritos atormentados a consolar: É o vai e vem de um mundo para o outro, reunindo-nos, separando-nos para novamente nos juntarmos. Aqui ninguém tem tempo para enfadar-se, por um segundo que seja.

Atualmente a Terra é o magno assunto de nossas cogitações. Há grande movimento entre os Espíritos. Numerosas falanges aí fluem, a fim de auxiliarem o progresso e a evolução.

São nuvens de trabalhadores sob ordens de chefes experimentados. É como se estivessem derrubando uma floresta, abatendo troncos seculares, arrancando suas raízes profundas, desbastando o terreno; preparam a terra, semeiam; edificam novas cidades sobre as ruínas carunchosas de um velho mundo. Os Espíritos se reúnem em conferências e transmitem suas ordens por mensageiros, em todas as direções.

A Terra deve regenerar-se em dado tempo, pois os desígnios da providência se realizam e cada um tem o seu papel. Não sou simples espectadora, isto me envergonharia, já que todos trabalham. Missão importante me é designada.

Não foi sem labores que alcancei a posição que ora ocupo na vida espiritual; fiquei ciente, que não bastou a minha última existência, por mais meritória que ela pareça, não era por si só suficiente. Em várias existências passei por provas de trabalho e miséria que voluntariamente havia escolhido para fortalecer e me depurar espiritualmente; dessas provas tive a dita de triunfar, a mais perigosa, a da fortuna e bem estar material, um bem estar sem sombras e desgostos. Nessa consistia o perigo. Antes de tentar quis sentir-me forte para não sucumbir. Deus, tendo em vista as minhas boas intenções, concedeu-me a graça de Seu auxílio.

Muitos Espíritos, seduzidos pelas aparências, pressurosos, escolhem essa prova, mas, fracos para afrontar-lhe os perigos, deixam que as seduções do mundo triunfem da sua experiência.

Trabalhadores, eu estou nas vossas fileiras: Eu, a dama nobre, ganhei como vós, o pão com o suor do meu rosto; saturei-me de privações, sofri reveses e foi isso que me retemperou as forças espirituais; do contrário, eu teria falido na última prova, o que me teria deixado para trás, na minha carreira.

Como eu tereis também a vossa prova de riqueza, mas não vos apresseis em pedi-la muito cedo. E vós outros, ricos, tende sempre que a verdadeira fortuna, a fortuna imorredoura, não existe na Terra; procurai antes saber o preço pelo qual podeis alcançar os benefícios do Todo Poderoso.

Não nos esqueçamos meus irmãos que, aqui na Terra, tudo nos é emprestado temporariamente, para alcançarmos o nosso progresso.

No relato da Condessa, vimos que a fortuna não é um mal, e sim degrau para a evolução.

E somente aprendendo o Evangelho de Jesus, alcançaremos a paz.

"Ninguém vai ao Pai senão por mim".
(O Céu e o Inferno)/(Parábolas e Ensinos de Jesus)

7 - Desigualdade das Riquezas - item 8.

Deus concedeu a riqueza e o poder a alguns e a miséria a outros, para provar cada um de uma maneira diferente e bem se sabe que, muitas vezes, as provas são escolhidas pelos próprios Espíritos, que muitas vezes sucumbem ao realizá-las.

Tanto a pobreza como a riqueza são provas difíceis. A pobreza, a miséria, provoca a lamentação contra a Providência Divina, e a riqueza leva a todos os excessos.

O rico dispõe de mais meios para fazer o certo e o bem, porém passa por mais tentações. Expõe-se a ser egoísta, orgulhoso e insaciável; suas necessidades aumentam com a fortuna e julga não ter o bastante para si mesmo.

A posição elevada no mundo e a autoridade sobre os semelhantes são provas tão grandes e arriscadas quanto a miséria; porque, quanto mais o ser humano for rico e poderoso, mais obrigações têm a cumprir e maiores são os meios de que dispõe para fazer o certo e o errado.

Deus experimenta o pobre pela resignação e o rico pelo uso que faz de seus bens e do seu poder. A riqueza e o poder despertam todas as paixões que nos prendem à matéria e nos distanciam da perfeição espiritual.

Todas as criaturas humanas tendem para o mesmo fim e Deus fez as Suas leis para todos. Por isso dizemos ou ouvimos frequentemente: - o Sol brilha para todos.

Com isso dizemos e ouvimos uma grande verdade.

Todas as criaturas humanas são submetidas às mesmas leis naturais; todos nascem com a mesma fragilidade, estão sujeitos às mesmas dores e o corpo físico do rico se destrói como o do pobre. Deus não concedeu superioridade natural a nenhuma criatura, nem pelo nascimento, nem pela morte: Todas as criaturas são iguais perante Ele.

Deus criou todos os Espíritos iguais, mas cada um deles viveu mais ou menos tempo espiritual e, por conseguinte, realizou mais ou menos aquisições; a diferença está no grau de experiência e na vontade, que é o livre arbítrio: Por isso uns se aperfeiçoam mais rapidamente, tendo aptidões diversas.

A mistura de aptidões é necessária, a fim de que cada um possa cumprir os desígnios da Providência Divina, nos limites do desenvolvimento de suas forças físicas e intelectuais: O que um não faz, o outro faz, e é assim que cada um tem a sua função útil. Por isso, que habitantes de outros orbes, superiores, na sua maioria criados antes de nós, vêm habitar aqui na Terra para nos dar exemplos.

Se um Espírito de um orbe superior vier habitar um mundo inferior, ele conserva integralmente suas aptidões, porque o Espírito, no que progrediu, não regride mais. Ele pode escolher um envoltório mais rude ou uma situação precária, apenas para lhe servir de lição e ajudá-lo a progredir.

As nossas aptidões se relacionam com o grau de aperfeiçoamento a que chegamos. Deus não nos criou com desigualdades de faculdades, mas permite que os diferentes graus de desenvolvimento se mantenham em contato, a fim de que os mais adiantados possam ajudar os mais atrasados a progredir. E também a fim de que as criaturas humanas necessitassem umas das outras, compreendendo a lei de caridade que as deve unir.

A desigualdade das condições sociais é obra do ser humano. Somente as leis de Deus são eternas. Essa desigualdade social desaparecerá juntamente com a predominância do orgulho e do egoísmo, restando somente a desigualdade do mérito. Chegará um dia em que a grande família dos filhos de Deus só verão o Espírito puro e não o sangue mais ou menos puro.

Os que abusarem da superioridade social serão oprimidos, porque renascerão numa existência em que eles sofrerão tudo o que fizeram os outros sofrer.

A igualdade absoluta das riquezas é impossível, pois existe a diversidade das faculdades e dos caracteres. Porém o bem estar é relativo e cada um pode gozá-lo, porque o bem estar está no emprego do tempo de acordo com a vontade e não em trabalhos pelos quais não se têm nenhum gosto. Como cada um tem aptidões diferentes, nenhum trabalho útil ficará por fazer. O equilíbrio existe em tudo e é o ser humano quem o perturba.

E um dia todos se entenderão, quando praticarem a lei da justiça.

Há pessoas que caem na pobreza e na miséria por sua própria culpa.

A sociedade deve velar pela educação moral dos seus membros, porque é a má educação que falseia o critério dessas pessoas, em lugar de cortar-lhes as tentações perniciosas.

Enfim vemos que, tanto a pobreza e a riqueza, são provas difícilimas dadas ao Espírito, porque vai depender da sua vontade de evoluir. E tanto a riqueza, como a pobreza, leva o Espírito a evolução. E se passamos por elas, é para burilar o Espírito, esse diamante bruto.

Saibamos que não é somente o rico da parábola o grande devedor da vida. Muitas vezes a fortuna é simplesmente um cárcere.

Há outros aventos que devemos recordar em nossa viagem para a Luz maior: Temos os sovins da inteligência, que se ocultam nas floridas trincheiras da inércia; temos os abastados de saúde que desamparam os aflitos e doentes; temos os privilegiados de alegria que cerram a porta aos tristes, isolando-se no oásis de prazer; temos os felizes de fé que procuram a solidão, a pretexto de se preservarem contra o pecado; temos os expoentes da mocidade que menosprezam a velhice; temos os favorecidos da família terrestre, que esquecem os andarilhos da penúria que vagueiam sem lar.

Todos esses ricos, comuns de experiência, contraem pesados débitos para com a humanidade.

Não nos esqueçamos que o tesouro real da vida está no nosso coração.

Quem não pode doar algo de si mesmo, na boa vontade, no sorriso fraterno, tão pouco estenderá as mãos recheadas de ouro, porque só o amor abre as portas da plenitude espiritual e semeia na Terra a luz da verdadeira caridade, que extingue o erro e dissipa as trevas.

A pobreza é mera ficção. Todos temos algo. Todos podemos auxiliar. Todos podemos servir.

E o Mestre Jesus disse: "O maior na vida será sempre aquele que se fizer devotado servidor de todos".

Em nosso relacionamento habitual com César - simbolizando o governo político, não nos esqueçamos de que o mundo é de Deus e não de César, para que não sejamos parasitas na organização social em que fomos chamados a viver.

Muitos acreditam estarem exonerados de quaisquer obrigações para com o poder administrativo da Terra, simplesmente porque pagaram seus impostos, achando que não devem fazer mais nada. Então, não esqueçamos que somos de Deus e não de César, e que César não dispõe de meios para substituir junto de nós a assistência de Deus.

Por isso a Providência Divina conta com a nossa participação constante no certo e no bem, para alcançarmos a vitória com o progresso real.

A voz do Senhor nos fala na acústica da própria consciência e procuremos executar aos nossos deveres sem esperar que César nos visite com exigências ou aguilhões.

O trabalho é regulamento da vida e devemos cultivá-lo com diligência, utilizando os recursos que dispomos para a melhoria de todos que nos cercam.

Auxiliar os outros é recomendação do Céu e em razão disso, auxiliemos sempre, seja amparando um companheiro infeliz, protegendo uma fonte ameaçada pela secura ou plantando uma árvore benfeitora que amanhã falará por nós à beira do caminho.

Todos prestaremos contas à Divina Providência quanto aos bens que nos foram emprestados temporariamente, e sem nenhum constrangimento, exercitemos a compreensão e a tolerância, o otimismo e a fé, apagando os incêndios da rebelião ou da crítica onde estiverem e estimulando, em toda parte, a plantação de valores suscetíveis de estabelecer a harmonia e a prosperidade em torno de nós.

De nada vale dar a César algumas moedas por ano, cobrindo-o de acusações e reprovações todos os dias.

Doemos a Deus o que é de Deus, oferecendo o melhor de nós mesmos, em favor dos outros, e, desse modo, César estará realmente habilitado a amparar-nos e a servir-nos, hoje e sempre, em nome do Senhor.

Devemos nos empobrecer das ambições inferiores e adquirir a luz que nasce da sede da perfeição espiritual.

Quem se empobrece de exigências da vida física, recebe os tesouros inapreciáveis do Espírito.

E Jesus, o Divino Amigo, estará sempre junto de nós, tanto na empreitada da reforma íntima como na ajuda ao próximo.

(O Livro dos Espíritos)/(Dinheiro - FCX - Emmanuel)

8 - A Verdadeira Propriedade - item 9.

É difícil estabelecer conceito exato de pobreza e riqueza. A primeira significa falta ou carência, enquanto a segunda nos dá o entendimento de abundância ou fartura.

Tanto uma quanto a outra dizem respeito a bens materiais ou morais.

A riqueza e a pobreza podem referir-se a povos, nações, e até mesmo a continentes ou simplesmente ao indivíduo. Mas, nem só de pão vive o ser humano e, é inquestionável a existência de riqueza e pobreza material, também existem em comum essas condições no mundo do ponto de vista moral. Assim, há criaturas ricas e pobres que não creem em Deus, na Sua existência. As primeiras são ricas de bens materiais, mas pobres de entendimento; as segundas são duplamente carentes: Nem riqueza material e nem moral.

Deus, por intermédio da Natureza, deu ao indivíduo todos os meios e recursos para a sua subsistência. As dificuldades da criatura humana, onde quer que se encontre; são desafios para o seu aprimoramento, a sua evolução.

Ao lado de modernos edifícios proliferam favelas populosas e degradantes. Junto de elevados e nobres ideais deparamos com pavorosas ruínas morais. Há coletividades e até povos que se adiantam na conquista de bens e cultura, mas que são indigentes de fé. O materialismo é a grande chaga do mundo e faz o ser humano esquecer a existência do Espírito. O egoísmo, que o materialismo entroniza no peito das pessoas, faz com que elas se esqueçam de apreciar a beleza da vida; como o sorriso da criança feliz correndo sobre a grama. O materialismo embrutece o ser humano ao buscar afastá-lo de Deus e inculcar-lhe a ambição e a cobiça.

A humanidade já dispõe de suficiente experiência para compreender que o materialismo, além de não resolver os problemas do mundo, agrava os do Espírito. Ao negar a existência do Espírito, procura destruir a liberdade, a esperança e a fé. Desse modo, o Espírito ainda prisioneiro a bens materiais, quando reencarnado, sente-se mais encarcerado.

Devemos considerar, com relação a bens, haveres e fortunas, que a igualdade absoluta é impossível, mas a desigualdade muito acentuada é altamente ultrajante ao ser humano. Por isso mesmo, jamais devíamos esquecer que o direito à vida física não pode sofrer qualquer espécie de restrição e que o supérfluo para uns pode suprir muitas necessidades vitais de outros.

As leis de amor e fraternidade quando forem praticadas, no futuro, vão arredar do coração humano o egoísmo e o orgulho e, com eles, serão também afastados muitos tormentos do caminho.

A Doutrina Espírita vem abrir à criatura humana as oportunidades de se livrar de todos os empecilhos à sua evolução. Também no que se refere à riqueza e a pobreza mostra-nos a solução para as dificuldades decorrentes delas.

Tudo o que a riqueza nos proporciona para que esqueçamos os deveres para com o próximo, não é culpa dela, e sim de quem dela abusa. A riqueza é de grande utilidade quando se sabe aproveitá-la. E se a riqueza só produzisse o erro, Deus não a poria na Terra, pois qual é o pai que deseja o mal de seus filhos?

A riqueza é para conduzir o ser humano a produzir o certo e o bem, e se não é um elemento direto para o progresso moral, é sem contestação, poderoso elemento de progresso intelectual, pois dá oportunidade de mais aprendizado e fornece oportunidades para os cientistas em suas pesquisas.

A pobreza é, para os que sofrem, a prova de paciência e de resignação; a riqueza é, para os outros, a prova da caridade e da abnegação.

Portanto, os males não são decorrentes de uma ou de outra, mas do comportamento do ser humano em face delas.

Não é por sabermos que a pobreza é prova de resignação, que devemos cruzar os braços, deixando que os nossos irmãos sofram, sabendo que podemos repartir algo do que temos.

Tanto na abundância ou na privação, estamos comprometidos com o amanhã, quando haveremos de colher os frutos doces, ou amargos, que plantamos na lavoura correta, ou nos desfiladeiros do erro.

Desse modo, há bens materiais e bens do Espírito. Os materiais nós deixamos no mundo físico, porque não podemos levá-los quando partimos daqui; os bens do Espírito nós os levamos, pois o Espírito é imortal e como ele, os bens morais são imperecíveis e fazem a sua grandeza. Mas os

ricos do mundo que fizerem errado uso de suas riquezas, arrastarão angústias e sofrimentos, enquanto os pobres que também forem abundantes em erros e delinquências, carrearão destruição e pesadelos.

A humanidade compõe-se de pequena parcela que retém bens e fortunas, e de um enorme contingente em precárias condições de vida física e de uma população intermediária, também muito numerosa, podendo ser incluída naqueles extremos. Estabelecer limites entre todas é irrealizável. Deus não condena nem uma e nem outra, pois, ambas são aprendizado, pois o Espírito, ora pode encarnar como rico e ora pode encarnar como pobre. Saber conviver com a condição em que se reencarna é o seu livre arbítrio.

A Doutrina Espírita vem para orientar e esclarecer todas as pessoas, em quaisquer condições ou posições sociais, lançar luz sobre as consciências de todos, ao desvendar para cada um de nós a existência de Deus e às Suas leis, do Espírito e da imortalidade, e de tudo o que nos relaciona com o porvir. Dilata, assim, os horizontes ao descortinar a eternidade e mostrar que o desencarne é o portal da vida real.

O corpo terrestre é valioso instrumento de formação da verdadeira riqueza. Ele se notabiliza como ferramenta essencial em nosso próprio favor, no fecundo campo da vida.

Temos o primoroso equipamento do cérebro. Aprendamos a produzir pensamentos que enobrecam a estrada, conquistando o apreço e a estima dos semelhantes, em nosso próprio benefício.

Possuímos o tesouro dos olhos. Vamos movimentá-los no serviço e nos estudos, provendo o Espírito dos mais amplos valores, no setor do conhecimento que nos aprimoramos.

Dispomos da felicidade dos ouvidos. Empreguemo-los na aquisição de ensinamentos e palavras edificantes que possam clarear o nosso futuro.

Contamos com a bênção da língua. Usemo-la na máxima possibilidade, emitindo o verbo sadio, e fraternal, que nos assegure a confiança e simpatia dos outros.

Retemos conosco o patrimônio dos braços. Apliquemos na plantação do certo e do bem e surpreenderemos abundantes colheitas de prosperidade e alegria.

Guardemos conosco o cofre do coração. Com ele estendamos os recursos para recolher da vida os júbilos do amor, alicerce da ventura sonhada.

Nem sempre o corpo físico será uma cruz para a regeneração do Espírito.

Na maioria das circunstâncias é a ferramenta com que o Espírito pode talhar os mais altos destinos.

Não nos preocupemos com o problema da abastança ou da carência de utilidades materiais, porque a riqueza e pobreza, à frente da Lei Divina, muitas vezes, apenas significam oportunidades de aperfeiçoamento e elevação.

Somente o trabalho sentido e vivido é capaz de gerar a verdadeira fortuna e acrescentá-la infinitamente e, por isso, amando a tarefa que o Senhor nos confiou, por mais inquietante e singela, valhamo-nos do tempo para enriquecermos hoje de luz e amor, compreensão e merecimento, a fim de que o tempo não nos encontre amanhã de coração fatigado e mãos vazias.

(O reformador - 11/96)/(Dinheiro - FCX - Emmanuel)

9 - M., Espírito Protetor, Bruxelas, 1861 - item 10.

Neste capítulo do Evangelho, vimos que não há mal nenhum em possuir fortuna, desde que seja adquirida de maneira lícita e se continue trabalhando pelo bem do próximo, gerando emprego, pagando-se salário justo, distribuindo um pouco a favor dos mais carentes de alguma maneira, pois será pedido prestação de contas de cada centavo em erro ganho e em erro pago.

Não se pode usar e abusar da riqueza sem ter que prestar contas, pois ao adquiri-la, Deus está pedindo perseverança, justiça, vontade e esforço. Porém, se usada errada, será causa de queda, pois terá que se responder por todas as ações.

Há muito esforço que se faz para transmitir fortuna aos descendentes, mas se quem a recebe, não está preparado para tê-la, não conseguirá administrá-la, perderá tudo, enquanto o que a usou com sabedoria, não visando somente o seu proveito próprio, crescerá. Por isso, veem-se grandes fortunas ruírem, pois os que as recebem não estão aptos para recebê-las, não sabem fazer o verdadeiro uso delas.

No mundo realmente existe os usurários, que são os agiotas, os avarentos, os sovinas, os mesquinhos, estes são os ricos infelizes, são os dilapidadores dos bens do povo, porque a movimentação do dinheiro poderia incentivar o trabalho, atenuando as dificuldades dos mais infelizes.

Entretanto, temos fortunas de grandes beneméritos da humanidade, que estimulam as grandes iniciativas em favor do bem público. Transformam pântanos em parques industriais, onde milhares de criaturas ganham honestamente o pão da vida, e por isso merecem o nosso respeito.

Não se deve julgar ninguém, só Deus pode julgar as criaturas; sendo o planeta terrestre uma abençoada escola de dor, que conduz à alegria e ao trabalho, que encaminha para felicidades com Jesus, deve-se assinalar que, na carne, há quase totalidade de Espíritos com débitos pesados, com as mais vastas obrigações, perante a obra de Deus, que é o país infinito dos Espíritos.

O Senhor das riquezas é o próprio Pai que criou o Universo, onde estão os bancos infalíveis e os milionários que podem dispor eternamente dos seus bens.

As expressões cambiais do mundo terrestre são convenções que outras convenções modificam. Basta, às vezes, um sopro leve das marés sociais, para que todos os quadros da riqueza humana se transformem.

Dinheiro para gastar e dívida financeira para resgatar, são oportunidades que o Senhor de todas as coisas oferece para que seja digno Dele.

O crédito exige a virtude da ponderação com a bondade esclarecida e o débito reclama a virtude de paciência com o amor ao trabalho.

O capital do mundo não é um erro, apesar de serem raríssimos os seres humanos que conseguem trabalhar sem este estímulo.

O capital continuará sendo um aguilhão, até que as criaturas entendam o divino prazer de servir.

Para os mais abastados; o capital tem constituído a preocupação bendita da responsabilidade, para a maioria dos seres humanos; o estímulo ao trabalho.

O capital é um recurso de sofrimento purificador, não somente para os que o possuem, mas para quantos se esforcem para obtê-los. É o meio pelo qual o amor de Deus opera sobre toda a estruturação da vida material no globo; sem a sua influência, as expressões evolutivas deixariam a desejar, mesmo porque, os Espíritos encarnados estão longe de compreender os valores legítimos da vida.

Na Parábola do rico e Lázaro, o Espírito de Abraão, personifica a Providência Divina junto à Lázaro redimido, porém não atendeu as súplicas do rico desventurado, sendo ele também filho de Deus.

Será insensibilidade nos Espíritos gloriosos que já se redimiram das vicissitudes da existência material?

Abraão e Lázaro viram no sofrimento do rico a misericórdia inesgotável do Pai Celestial que, dos erros mais profundos, sabe extrair a água amargosa que há de curar o coração.

Ambos compreenderam que seria contrariar os desígnios de Deus, levar ao irmão torturado uma água mentirosa que não lhe mataria a sede espiritual.

E o que pedia o rico ao Espírito de Abraão?

Rogava que Lázaro voltasse à Terra para dar a seus pais, a sua mulher, a seus filhos e irmãos as verdades de Deus, a fim de que se salvassem.

Por que não lembrou de pedir essa difusão de verdades entre todas as criaturas? Por que razão somente pensou nos seus amados pelo sangue, quando todas as criaturas são irmãos e têm necessidade da paz de Deus, que é a água viva da redenção?

A solicitação do rico é muito semelhante à maioria das súplicas que partem dos caminhos escuros da Terra, filhas do egoísmo ambicioso, ou do malfadado espírito de preferência das criaturas, orações que nunca chegam a Deus, porque se apagam no mesmo círculo de sombra e ignorância em que foram geradas, pela insensatez dos seres humanos indiferentes.

A Terra ainda está cheia de heranças tristes, porque desconhece a grandeza do Cristo, por isso os quadros sociais tão angustiosos da existência terrestre, por não meditar também na profunda Parábola do rico e Lázaro, isto é, nos ensinamentos de Jesus.

O grande problema em relação à riqueza é que ela exacerba as erradas paixões, desperta o orgulho e o egoísmo, os vícios radicais, causadores de todos os outros vícios humanos. O que se deve condenar é o abuso da riqueza, resultado da imperfeição do Espírito que encarna para viver essa prova, e não a riqueza em si mesma, porquanto se Deus permite que exista, é que ela faz parte dos Seus próprios projetos pedagógicos em relação ao ser humano.

Como diz Allan Kardec: A riqueza é, com razão, considerada elemento de progresso!

O maior obstáculo que se trilha no caminho espiritual não é a riqueza. É, na verdade, o apego à autoimagem, ao ego.

Precisa-se observar com honestidade a vida, enfrentar as fraquezas e problemas, amar a verdade, ouvir o coração, enfim, trabalhar o íntimo honesta e inteligentemente, para ampliar a consciência de si mesmo.

A própria Natureza apresenta preciosas lições.

Sucedem-se os anos com precisão matemática, mas os dias são sempre novos.

Dispondo, assim, de trezentos e sessenta e cinco ocasiões de aprendizado e recomeço, anualmente, quantas oportunidades de renovação moral encontrará a criatura, no abençoado período de uma existência?

Deve-se guardar do passado o que for correto, bom e justo, mas não guardar do pretérito os detritos e sombras, ainda mesmo quando mascarados de encantador revestimento.

Cada hora que surge pode ser portadora de reajustamento.

Se possível, não deixe para depois os laços de amor e paz que pode criar agora, em substituição às pesadas algemas do desafeto.

Não é fácil dedicar o coração a favor daqueles que ferem.

Entretanto, o melhor antídoto contra os tóxicos da aversão é a boa vontade, à benefício daqueles que odeiam ou que ainda não compreendem.

Ficando na fortaleza defensiva, o adversário cogita de enriquecer as munições, porém, tornando-se sereno, mostrando disposição na luta, a ideia de acordo substitui, dentro de cada um e em torno dos passos, a escura fermentação da guerra.

Alguém te magoa? Reinicia o esforço da boa compreensão.

Alguém não te entende? Persevera em demonstrar os intentos mais nobres.

Deixe-se viver cada dia, na corrente cristalina e incessante do bem.

Não esqueça a assertiva do Mestre: "Aquele que não nascer de novo não pode ver o Reino dos Céus".

Renasça agora nos propósitos, deliberações e atitudes, trabalhando para superar os obstáculos que te cercam e alcançando antecipadamente a vitória sobre ti mesmo no tempo...

Mais vale auxiliar, ainda hoje, do que ser auxiliado amanhã!

E o Mestre Jesus, está nos auxiliando sempre!

(Pontos e Contos - Irmão X)/(O Reformador - 11/92)/(O Reformador - 07/97)

10 - Emprego da Fortuna - item 11.

"Não podeis servir a Deus e a Mamom". Mateus, capítulo 6, vers. 6-24.

Mamom era uma divindade que os povos antigos adoravam, feita de ouro e prata, representando mais ou menos o que representava Júpiter para os romanos, isto é, os vícios da humanidade com todo o seu cortejo, explicando o pensamento de Jesus: "Não podeis servir a dois senhores ao mesmo tempo". Ou servir a Deus, Criador e Pai, ou servir aos interesses do mundo.

Não é possível viver uma vida que agrade a Deus, praticando desregramentos que deixam uma existência comprometida com vícios e paixões.

Não podemos ter no Espírito, ao mesmo tempo, o amor e o egoísmo; a caridade e a avareza; o desprendimento e a cólera; a mansidão, que reflete humildade de Espírito com simplicidade de coração e o orgulho; a atividade indispensável ao trabalho e a preguiça, a bondade para com todos e o gosto do assassinio e das violências, pois são comportamentos adversos.

Aquele que se consagra aos bens terrenos não tem como praticar o desprendimento que o progresso espiritual exige.

A era das divagações de pensamento passou. Hoje, mais do que nunca, há a condição para se conhecer o Criador do Universo.

O Mestre declarou no livro de Mateus (24-34) e no de Marcos (13-30): "Que não passará esta geração sem que todas estas coisas aconteçam". E disse mais: "O Céu e a Terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar". E também profetizou João Batista: "O machado está posto à raiz das árvores; toda árvore, pois, que não produz bons frutos, é cortada e lançada ao fogo". Mateus (3-10).

De Jesus até os nossos dias as gerações humanas têm sido inúmeras e, no entanto, as criaturas humanas têm se comportado à vontade; mundana, viciosa e adulteramente, assassinando, roubando, pervertendo-se na prática de todos os erros possíveis e inimagináveis.

Não estamos referindo simplesmente aos pequeninos integrantes das massas populares, incultos, apagados e débeis. Estamos referindo aos que se orgulham de seus títulos, nomes e posição social, mas que também matam, que também roubam, que também mentem, que também praticam a corrupção, e não têm o direito de alegar desconhecimento de Deus.

Haverá a hora do basta, porque todos serão levados a refletir, porque o Pai Celestial não privou ninguém de consciência, e a geração que Jesus se referia é a dos Espíritos, que o Senhor do mundo colocou sob a Sua tutela, e todos nós estamos incluídos, e a passagem para mundos melhores somente ocorrerá com a perfeição alcançada.

A árvore de que João Batista falava, diz respeito a qualquer das ovelhas do grande rebanho de Cristo que, no momento da escolha, não tenha condição de permanecer entre as que não transviaram. Para aqueles que tiverem olhos de ver, a grande separação do joio e do trigo já está acontecendo.

Este sofrido planeta está sendo promovido a mundo regenerador. E as árvores que nele não quiseram produzir frutos bons não permanecerão, por tratar-se de uma presença perniciosa na nova fase a ser desenvolvida na Terra.

Vamos indagar a nossa consciência; pois ninguém dela é privado:

- Teria Deus esquecido de insistir em Suas advertências?

- Não! Reflitamos todos sob cada versículo, cada sentença do Sermão da Montanha e nos venceremos de quanto o Mestre alertou para que ninguém se perdesse por falta de conhecimento. No entanto, já está a acontecer na Terra a repetição do exílio dos filhos de Capela, no exílio doloroso de um contingente quase inumerável de filhos deste astro do Universo.

Somos cristãos e estamos convictos de nossa fé. Quanto ao que o Cristo espera de nós não há razões para dúvidas no Espírito.

São milhares e milhares de páginas que já devem ser milhões, em ensinamentos, orientações elucidativas e advertências. Nem mesmo o povo de Israel, que a si mesmo denominava Povo de Deus, recebeu tanto.

Como nós temos procedido aos olhos de Deus, diante de tão valiosos ensinamentos? Será que estamos sendo sinceros com o Consolador prometido pelo Senhor, e que nos veio no tempo certo?

E para que não houvesse dúvida em nossos corações, fomos premiados com o Evangelho Segundo o Espiritismo, onde encontramos mensagens assinadas pelo Espírito de Verdade, no prefácio do capítulo VI e no capítulo XX, neles carinhosamente nos trata como trabalhadores da última hora.

Que queremos mais?

Será que podemos ter a tranquilidade de consciência que somente a Deus estamos servindo?

Já estamos unificados no espírito da Doutrina do Consolador, que está conosco há 140 anos?

Já nos foi possível, pelo menos, colocar no ponto mais alto o trabalho da fraternidade?

Que fizemos de nossos venturosos propósitos de humildade? Ou esquecemos o sentido destas palavras: "Aprende de mim que sou manso e humilde de coração". Mateus (11 - 29).

Reflitamos sobre quanta coisa estranha tem sido expelida, aqui, ali e em outros lugares, pelo nosso incontido intelectualismo, a causar perplexidade nas mentes ingênuas ou despreparadas, dificultando-lhes o entendimento das verdades de que o Consolador é veículo.

Estamos nos momentos mais propícios ao nosso efetivo e bom serviço a Deus. Se ontem Jesus falava a seres humanos de instintos grosseiros, que punham acima de tudo seus compromissos mundanos com Mamom, hoje a Doutrina Espírita se dirige a seres humanos bem mais adiantados, e não é possível que humanos assim, se deixem dominar pelo deus Mamom; da vaidade e do personalismo exacerbado.

Recordemos uma vez mais, a advertência prudente do apóstolo Paulo aos companheiros na assembleia de Corinto: "Aquele, pois, que cuida estar em pé, olhe, não caia!". I Cor. (10 - 12).

Ninguém está impedido de ser rico, de desfrutar poderes diante do mundo, de conquistar aplausos por seus dons intelectuais, de participar dos banquetes que às sociedades mundanas tenham conquistado. O livre arbítrio nos pertence.

Todavia, quando nos permitimos ser colocado a Serviço do Senhor, na condição de trabalhador ou obreiros do Evangelho, temos que manter a postura de servidor de Deus, exemplificando prudência, abnegação, humildade e devotamento.

Esses quatro instrumentos, seguros e poderosos, ajudam muito a exercitar o Evangelho e manter-se fiel ao compromisso com o Cristo.

Vivendo nessa fidelidade, jamais atentaremos contra o Cristianismo Redivivo que é; unir, integrar, recompor e fortalecer a grande falange do Consolador e nunca dispersar, confundir, atordoar aqueles que, embora sinceros, são incipientes ainda na Seara do Senhor.

Bem de vida!

Estar bem de vida é a aspiração mais generalizada de todo o mundo, conquistar um lugar ao Sol. Todos se identificam quando pretendem melhorar de situação.

As mudanças para melhor fazem parte da ordem natural das coisas.

Somos seres humanos, isto é, seres pensantes, inteligentes, racionais. Logo, temos os nossos problemas e, dentro deles, as nossas aspirações.

O que não podemos é forçar situações para melhorar de vida física. Não podemos disputar a posse de grandes rendimentos, decorrentes de empregos rendosos, de posições vantajosas, de cargos lucrativos, de negócios vultosos, sem nos inquirirmos se estamos preparados espiritualmente para entrar no seu usufruto, com lúcido discernimento das responsabilidades contraídas.

Muitas pessoas são proprietárias de grandes fortunas, porém gostariam de ser donos até mesmo das nações de que são filhos e se fosse possível do planeta em que vivem. E intelectualmente bem dotadas, ofuscam as outras inteligências que existem.

Isto é buscar a infelicidade com as próprias mãos, pedindo o que não pode, desejando o que não sabe, querendo o que não deve.

Será que pensam em Deus os que assim agem? Acreditamos que não pensam nem em si mesmos, pois se o fizessem, não perderiam a honra para ganhar evidência, não sacrificariam a paz, não trocariam o Céu interior pelo umbral das torturas morais.

De que nos serve sermos hoje, o que não podemos ser amanhã? Possuirmos agora, o que nos será tirado amanhã?

Precisamos observar, se ao pensar em subir, não estamos descendo; ou se o melhor pretendido não será, na realidade, o pior que nos sobrevirá.

Melhorarmo-nos de dentro para fora, interiormente, intimamente, é a questão, o ponto chave.

Bem de vida está, não propriamente quem melhora de situação material e, sim, o que melhora a si mesmo, enriquecendo-se de virtudes, agigantando-se nos valores do Espírito.

Ser um humano correto e de bem na vida - situação definida para consecução definitiva do verdadeiro objetivo de nossa destinação eterna. Está é a causa e a meta de nossa permanência na crosta planetária e à qual devemos estar atentos e de todo empenhados em conquistar.

Conquistemos o Reino de Deus dentro de nós e tudo mais nos será acrescentado.

O grande tesouro da vida está na paz interior, e só a temos, seguindo os passos do Mestre Jesus.

E aqui estamos para seguir às Suas pegadas.

Muita paz a todos!

(O Reformador - 03/97)/(O Reformador - 08/97)

11 - Um Espírito Protetor - Cracóvia, 1861 - item 12.

Em nossa vida precisamos constantemente fazer escolhas. A nossa dificuldade é que nem sempre conseguimos discernir os caminhos que se abrem à nossa frente. O conhecimento espírita pode nos ajudar bastante nesses momentos de dúvidas e incertezas diante do futuro, mas, às vezes, o nosso conhecimento dos princípios básicos do Espiritismo é superficial para termos uma análise da encruzilhada que nos encontramos. Então, precisamos refletir sobre estes conhecimentos, meditar como aplicá-los em nossa vida, tendo o senso crítico para observar nossas atitudes e reações, identificando nossos motivos interiores.

Muitas vezes tomamos a decisão que precisamos tomar, porque ela define a nossa filosofia de vida, mas não temos consciência que já fizemos a escolha. Continuamos pela vida agindo e reagindo, sem fazer uma autoanálise, para perceber que, muitas vezes, não estamos trilhando o caminho mais viável para o alcance dos nossos objetivos, que consideramos válidos em vista das informações colocadas ao nosso alcance pela Doutrina que abraçamos. Estamos falando da decisão básica que devemos tomar quanto aos dois caminhos que a vida nos apresenta: O material e o espiritual.

O caminho material é a escolha mais imediata e geradora de posição social, conforto, bem estar físico. Aí, traçamos nossas metas, considerando habilidades intelectuais e profissionais que precisamos adquirir, e aceitamos as regras de uma sociedade competitiva. Dedicamos nossas horas somente para obtenção do que está colocado em nossa mente, achando imprescindível à felicidade, armazenando mais, sem pensar nas carências à nossa frente, no futuro incerto. A violência e a enfermidade são imprevistos que nos ameaçam, projetando sombras sobre a nossa aparente tranquilidade.

Na corrida, atrás de tantos afazeres materiais, nosso dia fica totalmente preenchido, sobrando pouco espaço interior, para considerar o vazio que começa a se instalar dentro de nós, gerando insatisfação. E, muitas vezes, quando essa sensação começa a nos incomodar, procuramos preenchê-lo com aquisições de bens materiais. Consumimos o nosso tempo de lazer diante da televisão; em espetáculos que atendem aos nossos sentidos; com bebidas; buscando novos parceiros.

A Doutrina Espírita nos mostra que esse caminho não nos trás a felicidade almejada. A alegria presente nele é aparente, efêmera, e deixa atrás de si uma estranha sensação, amarga, de frustração, aprisionando-nos num círculo vicioso e difícil de ser identificado e corrigido. Consumimos preciosas reservas de energia nisso e nos surpreendemos depois com doenças, acidentes imprevistos ou conflitos íntimos: interfamiliares ou sociais, aos quais não estávamos buscando. Pelo conhecimento espírita aprendemos que, a qualquer tempo de nossas vidas podemos alterar os rumos, escolhendo o caminho espiritual.

Escolher o caminho espiritual não significa renunciar a tudo que seja material. A Doutrina Espírita não prega o abandono do mundo, a reclusão e a clausura; o adepto do espiritismo, ao contrário, precisa estar presente na sociedade, vivendo conforme a realidade em que se inseriu ao reenagnar, para mais uma experiência de aprendizagem na Terra. A escolha desse caminho determina novas prioridades, motiva atitudes diferentes, diante das circunstâncias e do próximo, gerando um novo modo de estar no mundo.

A intuição ganha espaço novo na nossa economia psíquica, trazendo subsídios às decisões que precisamos tomar no dia a dia, ampliando nossa capacidade de discernir e de fazer opções, diante dos problemas do cotidiano. Esse caminho dá significado à nossa vida, preenche o vazio interior e nos direciona a obter conquistas reais do Espírito.

Alertados pelo conhecimento espírita, buscamos o caminho espiritual, porém há expectativas que não se realizam, porque as coisas não mudam da noite para o dia, os nossos problemas não são eliminados e não teremos saúde e energia inesgotáveis. E se essas coisas miraculosas não acontecem, voltamos atrás, ficamos confusos, sem saber no que acreditar.

A tentativa de percorrer os dois caminhos: Espiritual e Material, pode acontecer. Queremos servir a Deus e a Mamom, isto é; desejamos os benefícios do caminho espiritual, mas recusamos abrir mão da comodidade, do conforto e dos prazeres que o caminho material proporciona, mas a tentativa de conciliar os dois caminhos trás o conflito interior, e ficamos como aquele moço do Evangelho, em Mateus, capítulo 19, vers. 16 a 24, que perguntou a Jesus o que deveria fazer para

ganhar o Reino dos Céus. Jesus informou-lhe a necessidade de guardar os mandamentos. Ele respondeu que já o fazia. O Mestre considerou que ele precisava de abnegação e renúncia dos bens materiais, afirmando: "Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens, dá aos pobres e terás um tesouro no Céu. Depois, vem e segue-me".

Pela narrativa do Evangelho, sabemos que o rapaz entristeceu-se com a resposta, porque possuía muitos haveres. Ele estava dividido entre a vontade de trilhar o caminho espiritual e a dificuldade de abandonar o que o mundo lhe proporcionava. Assim ficamos muitas vezes, mas precisamos insistir no caminho espiritual, apesar dos obstáculos.

A atitude do rapaz rico motivou a célebre afirmação de Jesus, de que é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus. Camelo nesse caso, não é um animal, e sim uma corda, ou um caminho muito estreito, como labirinto. Essa passagem gera interpretações extremadas, pois muitos consideram os bens materiais a causa da perturbação do Espírito, porém isso não é verdadeiro, pois o ser humano precisa desse estímulo para consagrar-se ao trabalho necessário à melhoria das condições do Planeta. O trabalho humano contribui para o saneamento do ambiente, desenvolve a produção de alimentos, determina o aperfeiçoamento da indústria, minora os sofrimentos físicos, decorrentes das enfermidades. Para dar conta dessas atividades, a Ciência é chamada a ampliar os conhecimentos, a criar novas tecnologias, aumentando a eficiência e a segurança do trabalho humano. Tudo isso é progresso e evolução.

O grande problema é que a riqueza exalta as erradas paixões, desperta o orgulho e o egoísmo. O que se deve condenar é o abuso da riqueza, resultado da imperfeição do Espírito que encarna para viver essa prova, e não a riqueza em si mesma. E Deus permite que ela exista, porque ela faz parte dos Seus projetos pedagógicos em relação ao ser humano. E Allan Kardec nos diz que a riqueza é, com razão, elemento de progresso.

A riqueza não é o maior obstáculo que trilhamos. É o apego a ela e ainda não nos conscientizamos desse apego. Precisamos observar com honestidade nossa vida, enfrentar nossas fraquezas e problemas, amar a verdade, ouvir nosso coração, seguir as verdades descobertas na experiência, trabalhar o íntimo honesta e inteligentemente, para ampliar nossa consciência de nós mesmos.

E para alcançar nossa consciência de nós mesmos, precisamos:

- 1 - Sair do nevoeiro dos sonhos do futuro ou da recordação do passado;
- 2 - Desistir do romantismo emocional;
- 3 - Analisar os próprios pensamentos e examinar os acontecimentos da própria vida.

Esses itens nos dizem que devemos enfrentar cada situação conscientemente, pois que é uma das melhores maneiras de assumirmos as nossas responsabilidades.

Para trilhar o caminho espiritual, precisamos buscar os ensinamentos básicos que estão dentro dos nossos corações, porque a lei divina está inscrita em nossa própria consciência. Devemos parar de desperdiçar a vida física, sonhando e cobiçando prazeres fora de nós mesmos, impedindo-nos de conhecer nossos sentimentos íntimos.

A sabedoria oriental nos diz: "Há rochas no oceano que vêm sendo cobertas de água há milhares de anos; em seu interior, todavia, elas continuam secas". É fácil interpretar: As rochas somos nós mesmos com os corações fechados, sem deixar penetrar nada no nosso interior, permanecendo secos.

A insensibilidade para responder aos apelos amorosos de Jesus é que nos amarra ao desapontamento em que nos encontramos.

Podemos quebrar esse ciclo, renunciando aos apegos e as ganâncias. Pelo conhecimento espírita, podemos entender uma forma nova de vida, colocando as coisas materiais em seu devido lugar, tranquilizando assim o nosso coração, permitindo que ele se abra aos sentimentos mais sutis.

Jesus ofereceu-nos o Seu jugo e o Seu fardo: "Vinde a mim, todos vós que estais aflitos e sobrecarregados, que eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei comigo que sou brando e humilde de coração e achareis repouso para os Espíritos, pois é suave o meu jugo e leve o meu fardo". Mateus, capítulo 11, vers. 28 a 30.

Temos preferido o caminho mais difícil das amarras do mundo, recusando-nos ao jugo suave e ao fardo leve, pois negamo-nos a observar a lei do amor que Ele nos ensinou. O Espiritismo vem, nos tempos atuais, reiterar o convite de Jesus, pelos esclarecimentos que nos possibilitam

alcançar a fé e a esperança, que podem gerar fraternidade. Estamos, mais uma vez, diante da encruzilhada da vida que nos propõe seguir em paz ou continuar na angústia. O primeiro caminho sugere-nos a disciplina do dever, mas nos acena com a possibilidade da conquista serena de nós mesmos; o segundo nos oferta alegrias fáceis, ocultando-nos a dor que fatalmente nos alcançará cedo ou mais tarde.

Para que lado se inclina a nossa vontade?

Essa decisão é pessoal e intransferível, e dela depende o nosso amanhã.

Pensemos, e que Jesus nos ilumine nesse pensar!

(O Reformador - 07/97)

12 - Fénelon - Alger - 1860. - item 13.

"Não junteis tesouros na Terra, onde a ferrugem e a traça os consomem, e os ladrões os desenterram e roubam, mas acumulai para vós tesouros no Céu, onde não os consomem a ferrugem nem a traça, e onde os ladrões não os desenterram nem roubam, porque, onde está o teu tesouro, aí está também o teu coração". Mateus, capítulo 6, vers. 19 a 21.

Jesus dizia estas parábolas aos judeus, porque a ganância era obsedante, esqueciam a religião.

Hoje a situação não é muito diferente. As riquezas exercem influência fascinante na vida física das criaturas humanas, sufocando o que há de mais nobre e belo, abstraindo-se por completo das coisas celestiais.

Jesus não condena as riquezas. O que Ele recomenda é que não se escravizem por ela, nem faça de sua posse a finalidade exclusiva da existência terrena, pois são transitórias, e não se deve torturar ao deixá-las.

Quando o Mestre Jesus diz: "Ajuntai tesouros no Céu", é para que se desenvolva as corretas e boas qualidades do Espírito: A caridade, a justiça, a misericórdia, a tolerância, enfim; o amor fraterno para com todos, pois é nisto que consistem as riquezas imperecíveis, que são realmente do ser humano, que a traça e a ferrugem não podem corromper, nenhum incêndio ou inundação pode destruir, e ladrão algum pode arrebatar.

A riqueza, quando utilizada de conformidade com a vontade divina, é o mais poderoso recurso para ativar a evolução e o bem estar da humanidade, pois dá serviço aos que dele precisam e contribui para o desenvolvimento da inteligência humana, através das artes e ciências.

Se a riqueza fosse repartida igualmente com todas as criaturas, diz Kardec, cada um, supondo ter com que viver sem trabalhar, procuraria eximir-se dele, resultando daí o mal de todos, pela paralisção do progresso e pela falta dos elementos indispensáveis à existência.

Deus concede a riqueza a número limitado, para que administrem com critério e integridade, fazendo chegar aos demais o bastante para cobrir as suas necessidades.

A riqueza é ainda um meio que Deus faculta aos seus detentores para que melhor aprendam a discernir o certo do errado e, pratiquem o certo em grande escala, em proveito da coletividade e de seu próprio progresso espiritual.

Não sendo possível que todos a usem ao mesmo tempo, cada um a possuirá por sua vez. Quem não a possui hoje, já a teve, ou virá a tê-la em outra encarnação, e quem a possui agora, poderá não a ter amanhã.

Se tivéssemos uma única existência, não haveria explicações para essa divisão dos bens; porém, vivemos muitas e muitas vezes, e sob esta luz de verdade está o equilíbrio da justiça divina.

Há muitas queixas do errado uso da riqueza e do poder que alguns fazem, chegando a duvidar da Sabedoria Suprema que conduz todas as coisas, esquecendo que ninguém zomba impunemente das leis de Deus.

Ai daqueles que, possuindo fortuna, não a põem em movimento, deixando de proporcionar trabalho ao povo!

Ai daqueles que, possuindo haveres em abundância, só pensam em aumentá-los, aumentá-los sempre, sem atender os que, premidos pela necessidade, imploram um pouco mais de pão!

Ai daqueles que, vivendo na opulência, só pensam nas suas satisfações pessoais, sem se lembrarem dos que sofrem de fome, de frio, e não têm lugar onde possam repousar o corpo físico, e exaustos e combalidos pela velhice ou pela enfermidade!

Então se aplica a sentença de Jesus: "É preciso que haja escândalo; ai daqueles, porém, por causa de quem vier o escândalo", o que significa: "É preciso que haja sofrimento, porque é através de um cadinho de dor que se depura o sentimento". Ai daqueles que o provocam! Ai daqueles que o semeiam! A morte para estes, não será a paz e nem a bênção do Céu. Será o desassossego. Desassossego da própria consciência; do egoísmo e da falta de sensibilidade.

Atormentados pelo tribunal da consciência, haverá necessidade de se dirigirem a Deus, implorando-Lhe por misericórdia, por uma nova oportunidade.

Por isso, não invejem os ricos e poderosos da Terra.

Se a pobreza é a prova da paciência e da resignação, a riqueza constitui a prova do altruísmo e da caridade - bem mais difícil de vencer!

Certa vez, um cavaleiro de França, ausentou-se do seu domicílio, indo à Itália para resolver questão política.

Trazia consigo o propósito central de servir ao Senhor.

Inesperadamente surgiu a sua frente ulceroso mendigo a estender-lhe as mãos descarnadas e súplices.

Quem seria semelhante infeliz a vaguar sem rumo? Sem fixá-lo, atirou-lhe a bolsa farta.

O nobre cavaleiro voltou ao lar, menos afortunado nos negócios, deixou, de novo, a casa. Ia para a Espanha, em missão de eclesiásticos amigos, aos quais de devotava.

No mesmo lugar, estava outro infortunado pedinte, com os braços em rogativa.

Intrigado, retirou do grande saco de viagem pequeno brilhante, e arremessou-o ao triste camineiro que parecia devorá-lo com o olhar.

E menos feliz no círculo de suas finanças, necessitou viajar pela Inglaterra, onde desejava solucionar vários problemas, alusivos à organização doméstica.

E no mesmo lugar, é surpreendido pelo amargurado leproso, cuja velha petição se ergue no ar.

O cavaleiro arranca do chapéu estimada joia e projeta-a sobre o romeiro, orgulhosamente.

Decorridos alguns meses, segue para porto distante, em busca de precioso empréstimo, porque sua economia estava ameaçada de colapso fatal, e com precisão, no mesmo lugar, é interpelado pelo mendigo e cujas mãos, em chagas, voltam-se ansiosas para ele.

Extremamente dedicado à caridade, não hesita. Despe fino manto e entrega-o de longe, receando contato.

Após um ano, indo à Paris invocar socorro de autoridades, no lugar de sempre é defrontado pelo mesmo Lázaro, de feição dolorida, que lhe repete a mesma súplica.

O castelão lhe atira um gorro de alto preço, sem pausar o galope em que seguia.

Passam-se os dias. E com festança representará os seus na cruzada com que se pretendia libertar os lugares santos.

E no mesmo ângulo da estrada o mendigo o aguardava e lhe dirige com voz ainda mais triste.

O ilustre cavaleiro dá-lhe, então, um rico cesto de alimentos, sem dar-lhe a mínima atenção.

Na Palestina, combalido e separado de seus compatriotas, por anos a fio, padeceu miséria e vexame, ataques e humilhações, até que um dia, parecendo um fantasma, retorna ao lar, que não o reconhece.

Houve a falsa notícia de sua morte, a esposa depressa o substituiu, e seus filhos, revoltados, soltaram os cães contra ele, que o dilaceraram cruelmente, sem piedade. E o pranto lhe escorria dos olhos semimortos.

Procurou velhas afeições, sofreu repugnância e sarcasmo. Interpretado como louco, o ex-fidalgo, ausentou-se, em definitivo, a passos vacilantes...

Seguir para onde? O mundo era pequeno demais para conter-lhe a dor. Avançava, penosamente, quando encontrou o mendigo.

Relembrou a passada grandeza, e voltou-se para si mesmo, como se estivesse buscando alguma coisa para dar.

Pela primeira vez, contemplou o infeliz, cruzando com ele o angustiado olhar e sentiu, que, aquele homem, chagado e sozinho, devia ser seu irmão.

Abriu os braços e caminhou para ele, tocado de simpatia, como se quisesse dar-lhe o calor do próprio sangue. Foi, então, que, recolhido no regaço do companheiro que considerava leproso, dele ouviu as sublimes palavras:

- Vem a mim! Eu sou Jesus, teu amigo. Quem me procura no serviço ao próximo, mais cedo me encontra... Enquanto me buscavas à distância, eu te aguardava aqui, tão perto! Agradeço o ouro, as joias, o manto, o agasalho e o pão que me deste, mas há muitos anos te estendia os braços, esperando teu próprio coração!

O antigo cavaleiro nada mais viu senão vasta senda de luz entre a Terra e o Céu...

Mas, no outro dia, quando os semeadores regressavam as lides do campo, sob a claridade da aurora, tropeçaram no orvalhado do caminho com um cadáver!

O cavaleiro estava morto!

Somente depois de muito sofrimento o cavaleiro encontrou Jesus, e Ele o tempo todo estava por perto. Poderia ter minorado os seus sofrimentos, pois quando fazia a caridade, deveria abrir o seu coração.

Lutou, correu atrás das riquezas, esquecendo-se que a maior riqueza estava com ele: o amor!

Todavia, o Mestre o aguardou, e no momento do seu maior sofrimento, abriu os olhos e conseguiu enxergá-lo, e Este imediatamente o abraçou.

Jesus, de várias maneiras se apresenta a nós. Será que temos olhos para vê-Lo? Será que em algum momento paramos para observá-Lo?

Não tardemos ao nosso encontro com Ele, como fez o cavaleiro. Vamos depressa ao Seu encontro: Amando o nosso próximo; fazendo o certo e o bem; tendo paciência e compreensão; sendo honestos e amando a verdade; retirando os errados pensamentos e as mágoas de nós; enfim, nos modificando a cada dia; tendo a consciência em paz. Então estaremos caminhando ao Seu encontro e prontos para mais cedo do que esperávamos receber Seu abraço de amor!

(Contos e Apólogos - Irmão X)/(O Sermão da Montanha - R. Caligaris)

13 - Desprendimento dos bens terrenos - Lacordaire - Constantina - Argélia - 1863 - item 14.

"Preparai-vos tesouros no Céu, onde não há ferrugem nem traças que os possam destruir, onde não há ladrões que os desenterrem e roubem". Mateus, capítulo 6, vers. 20.

Isto é uma reflexão do Evangelho de Jesus, o Cristo de Deus. Aprendendo no espírito do Evangelho, estamos objetivando, definitivamente, nossa reforma interior, e vamos refletindo sobre a importância do conhecimento de nós mesmos.

Temos a necessidade do desenvolvimento racional da humildade, sem a qual seria difícil a aquisição de determinados atributos psíquicos, indispensáveis na conquista da verdadeira fé alicerçada na razão.

No conhecimento do Evangelho temos que nos conscientizar de uma conduta formal e espiritual que nos permita um paulatino, mas irreversível, desprendimento das coisas deste mundo material.

Prestemos bem atenção: Desprendimento não quer dizer abandono, ou pouco caso das coisas que nos são necessárias enquanto permanecemos encarnados neste planeta.

No passado, admitiu-se que se desprender alguém das coisas materiais, era entregar-se a uma situação de extrema pobreza ou a práticas de isolacionismo, em que o candidato a santo abandonava amigos e familiares para residir num eremitério.

Repetimos mais uma vez que: Não temos que lembrar da "letra que mata" e sim do "espírito que vivifica".

Entendamos desprendimento como desapego a bens, a objetos supérfluos, e, às vezes, até pessoais. Dizemos desapego e não abandono. Determinados bens são importantes enquanto úteis ao progresso.

Para entender do Evangelho deve-se deixar o Espírito livre de influências negativas quando tiver de adentrar a vida espiritual, o que de modo algum é possível numa existência de apego a objetos e interesses materiais.

Antes da passagem de Jesus Cristo: O nosso orbe era bastante obscuro, parecia um cárcere sem luz e de atmosfera impura.

A pouco e pouco, o Espírito rebelde foi se adaptando às sombras e aos poucos recursos para sobrevivência, e nossa primeira preocupação foi a de apossamento das coisas ao nosso alcance. Desta forma, foi fácil o desenvolvimento interior do vírus nocivo do egoísmo, que ainda escraviza e vilipendia a humanidade em nossos dias.

Dois tipos de personalidades foram percebidos, de início, no sombrio cenário: Os possessivos - tudo para eles, só para eles e destruindo a quem lhes atrapalhasse a ganância; e os mais ou menos desprendidos - dotados de algum sentimento de fraternidade, então de temperamento menos agressivo.

Ao mesmo tempo, havia uma grande massa de indiferentes dos que não agiam, dos ociosos, dos bajuladores, dos criminosos comuns, dos que iam se anulando nos vícios do roubo, da cobiça, da falsidade etc.

Esse era o cenário que o Messias anunciado pelos profetas iria deparar. Era essa a ribalta sombria em que, possivelmente, nos encontrávamos um dia...

Será que mudou o cenário do mundo hoje?

Sim, porque o Cristo de Deus veio trazer luz para os corações. Jesus já pensava no futuro, por isso deixou o Seu Evangelho. A preocupação Dele não era o somente com o ser humano atrasado e tosco, e ainda brutalizado daquele tempo. Sua suprema preocupação era com toda uma geração integrada pelos seres humanos daquela época e de todos os milênios que se seguiriam na esteira infinita do tempo.

Jesus quando fazia exortação diante do quadro de dores perante os humanos disse: "em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas estas coisas aconteçam. O Céu e a Terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar". E foram registradas por Mateus, capítulo 24, vers. 34 e 35.

A elevação é um processo. Não é um acontecimento acidental ou uma graça que, de repente, ocorre ao Pai Celestial conceder à alguém.

A revelação Espírita nos mostra que, o Cristo de Deus se referia não a uma geração de humanos, mas a uma geração de Espíritos, abrangendo a toda a humanidade deste planeta, encarnada e desencarnada, em processo de evolução, de ontem, de hoje e dos milênios que estão por vir.

E numa outra ocasião, em Mateus, capítulo 17, vers., 17, Ele assim se expressou: "Oh, geração incrédula e perversa! Até quando estarei convosco, e até quando vos sofrerei?". Claro que Jesus não se referia aos humanos imaturos e embrutecidos daquela época, mas a todas as ovelhas que o Pai colocara sob a Sua tutela, ao constituir-Lo governador e Cristo de nosso planeta, e enquanto persistisse a nossa ignorância moral e espiritual.

Nossa conduta atual deve ser de muita preocupação com o certo e o bem, com a nossa posição de obreiros do Senhor, divulgando a Doutrina-Luz. Estamos vivendo a hora do desafio, ou seja, da aplicação de todo o conhecimento adquirido através do Evangelho de Jesus.

Precisamos nos desprender do orgulho e da vaidade, antes de tudo. É assim a conduta do seguidor de Jesus. Convém que nos desprendamos dos nossos hábitos negativos, começando pelo desapego das coisas materiais perecíveis, que nos estimulam hábitos que se incrustam na personalidade e geram sentimentos errados que nos perturbarão, no além, a paz e a felicidade espirituais. Não nos preocupemos com o joio, que um suposto adversário lançou no meio do trigo e sim com as áreas reservadas ao certo e ao bem.

Sabemos que precisamos nos reformar, quando encontramos o Evangelho de Jesus.

O que é reforma íntima? O próprio nome já indica. Reformar é formar de novo. Reconstruir.

Nas passagens evangélicas, existe uma personagem que se reveste de grandeza, quando conhecemos sua trajetória junto aos companheiros de Jesus.

Sensível e abnegada, buscou a reforma íntima e se tornou o exemplo da transformação moral que a cristandade conheceu. Distante, seguiu o Cristo passo a passo, enfrentando preconceitos e intolerância de seus companheiros de jornada. Espírito nobre, ela carregava junto de si o fardo, com o peso de suas próprias atitudes. E sabia dos problemas que teria de enfrentar, quando a hora do Mestre chegasse...

Do instante que tomou conhecimento do Mestre Jesus, suas esperanças de vida renovaram.

Escutou-O dizer ao moço rico para repartir tudo com os pobres...

Esteve presente quando Ele curou a muitos dos infelicitados.

Na calada da noite, junto a sua serva fiel, venceu a barreira dos preconceitos procurando-O na casa de Simão e O mestre curou-a.

Em outra ocasião, também na casa de Simão, lava os pés de Jesus com lágrimas e os balsamiza com perfumes, dando ensejo a mais um belíssimo ensinamento do Mestre.

Repartiu tudo o que tinha com os pobres e passou a fazer parte da comunidade do Caminho.

Quantos de nós conhecemos o Mestre Jesus e damos a volta por cima como Maria, a de Magdala. Quantos de nós colocamos os ensinamentos de Jesus como prioridade em nossa existência?

Todos os dias o Mestre nos chama.

Os chamados são tantos e de todas as partes.

Mas, para largar tudo e segui-Lo, há uma grande distância.

Para segui-Lo é preciso fazer como Maria de Magdala: Colocar para fora todas as nossas imperfeições e renovar-nos intimamente. Não basta procurar os templos religiosos, agirmos como os fariseus, que mostravam aquilo que não viviam.

Não basta cuidar do que entra pela boca. Necessário se faz darmos uma boa introspectiva no nosso íntimo, verificarmos como estamos e o que fazemos quando lembramos do "Sede Perfeitos" diante do fermento da maledicência, do egoísmo, do orgulho, da procura desregrada dos prazeres fáceis, da inveja, do ciúme, que tão bem sabemos levar...

Sigamos o exemplo de Maria de Magdala. Quando Jesus pediu, ela deixou para trás uma vida física de facilidades e buscou a "Porta Estreita", e, corajosa, entregou-se ao Mestre como uma valorosa guerreira e venceu suas batalhas.

Jesus a livrou dos Espíritos obsessores que a seguiam, e era preciso que ela cuidasse para que eles não voltassem.

Saibamos seguir o chamado do Mestre.

Espelhemo-nos no exemplo radiante dessa mulher, que de tão grande, foi a escolhida de Jesus para a sua primeira aparição, ao invés dos apóstolos amados.

Sejamos como ela, exemplos de amor à causa do Cristo, e livremo-nos dos empecilhos que nos buscam, vestidos com a capa das nossas imperfeições.

Jesus somente nos pede que tenhamos boa vontade, para conseguirmos a nossa reforma íntima. Vamos analisando os nossos defeitos, procurando melhorar a cada dia.

E a cada boa vontade nossa, o Mestre Amado, estará junto de nós, auxiliando, dando-nos forças para continuarmos.

(O Reformador - 06/97)

CAPÍTULO XVII

SEDE PERFEITOS

Caracteres da perfeição. - O humano correto. - Os corretos Espíritas. - Parábola do Semeador.
 - Instruções dos Espíritos: O dever. - A virtude. - Os adiantados e os atrasados.
 - O humano no mundo. - Cuidar do corpo físico e do Espírito.

CARACTERES DA PERFEIÇÃO

1. Amai os vossos adversários. Fazei o certo àqueles que vos odeiam e orai por aqueles que vos perseguem e que vos caluniam. Porque se não amais senão aqueles que vos amam, que diferença com isso fareis? Os marginais não o fazem também? E se vós não cumprimentardes senão vossos irmãos, que fazeis nisso mais que os outros? Os infiéis não o fazem também? Sede, pois, vós outros, perfeitos, como vosso Pai celestial é perfeito. (*Mateus, cap. V, v. 44, 46, 47 e 48*).

(Quando consideramos os nossos adversários como se fossem ‘cobradores’, conseguimos nos manter tranquilos por mais tempo, portanto errando menos! A frase chave é: “não me interessa o que o outro faz, pois o que importa é como eu estou reagindo!”)

2. Uma vez que Deus possui a perfeição infinita em todas as coisas, este ensinamento: "Sede perfeitos como vosso Pai celestial é perfeito", tomado ao pé da letra, pressuporia a possibilidade de se atingir, nesta encarnação, a perfeição absoluta. Se fosse dado à criatura, nesta encarnação, ser tão perfeita quanto o Criador, ela tornar-se-lhe-ia igual em perfeição, o que parece inadmissível. Mas os humanos aos quais Jesus, o Cristo, se dirigia não teriam compreendido esse detalhe. Ele se limitou a lhes apresentar um modelo e lhes disse para se esforçarem por alcançá-lo.

É preciso, pois, entender, por essas palavras, a perfeição relativa, aquela da qual a Humanidade é suscetível e que mais a aproxima da Divindade. Em que consiste essa perfeição? Jesus, o Cristo, o disse: "amar os adversários, fazer o certo àqueles que nos odeiam, orar àqueles que nos perseguem". Ele mostra, assim, que a essência da perfeição é a caridade em sua mais larga acepção, porque ela implica a prática de todas as outras virtudes. Com efeito, observando-se os resultados de todos os erros, e mesmo dos simples defeitos, se reconhecerá que não há nenhum que não altere, mais ou menos, o sentimento da caridade, pois todos têm seu princípio no egoísmo e no orgulho, que são a sua negação. Porque tudo o que superexcita o sentimento da personalidade, destrói, ou pelo menos enfraquece, os elementos da verdadeira caridade, que são: a benevolência, a indulgência, a abnegação e o devotamento. O amor ao próximo, levado até ao amor dos adversários, não podendo se aliar com nenhum defeito contrário à caridade é, por isso mesmo, sempre o indício de maior ou menor superioridade moral. De onde resulta que o grau de perfeição está na razão direta da extensão desse amor, por isso, Jesus, o Cristo, depois de ter dado aos seus discípulos as regras da caridade naquilo que ela tem de mais sublime, lhes disse: "Sede, pois, perfeitos como vosso Pai Celestial é perfeito".

(Dentro do nosso orgulho e egoísmo, ainda acreditamos nas fáceis conversas dos manipuladores de opinião, ficando com aqueles que nos ‘prometem’ as regalias divinas, caso os sigamos, e o inferno aos que são diferentes. Assim sendo: “Aqui, nesta comunidade, andamos no caminho dos céus! Os outros deviam fazer o mesmo, mas querem continuar no caminho do inferno, azar deles!”.)

O HUMANO CORRETO

3. O verdadeiro humano correto é aquele que pratica a lei de justiça, de amor e de caridade em sua maior pureza. Se interroga a consciência sobre seus próprios atos, pergunta a si mesmo se não violou essa lei. Se não fez o errado e se fez todo o certo que podia. Se esqueceu voluntariamente uma ocasião de ser útil. Se ninguém tem o que reclamar dele. Enfim, se fez a outrem tudo o que quereria que se fizesse para com ele.

Tem fé na Lei de Deus, em sua bondade, em sua justiça e em sua sabedoria. Sabe que nada ocor-

re sem ela e se submete, a ela, em todas as coisas.

Tem fé no futuro. Por isso, coloca os bens espirituais acima dos bens materiais.

Sabe que todos os problemas da vida, todas as aflições, todas as decepções, são provas ou resgates, e aceita sem murmurar.

O humano, possuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o certo por ser certo, sem ficar esperando recompensa. Retribui o errado com o certo, toma a defesa do fraco contra o forte, e sacrifica sempre seu interesse à justiça. E encontra satisfação nos benefícios que faz, nos serviços que presta, nos felizes que faz, nas lágrimas que seca, nas consolações que dá aos aflitos. Seu primeiro movimento é de pensar nos outros antes de pensar em si, de procurar o interesse dos outros antes do seu próprio. Ele é correto, humano e benevolente para com todos, sem preferência de raças nem de crenças, porque vê irmãos em todos os humanos. O egoísta, ao contrário, calcula os lucros e as perdas de toda ação generosa.

Respeita nos outros todas as convicções sinceras, e não lança a separação àqueles que não pensam como ele. Em todas as circunstâncias, a caridade é o seu guia. Diz a si mesmo que aquele que leva prejuízo aos outros por palavras erradas, que fere os sentimentos de alguém por seu orgulho e seu desdém, que não recua à ideia de causar uma inquietação, uma contrariedade, ainda que leve, quando pode evitá-lo, falta ao dever de amor ao próximo, e não merece a clemência do Senhor.

Não tem ódio, nem rancor, nem desejo de vingança. A exemplo de Jesus, o Cristo, perdoa e esquece as ofensas, e não se lembra senão dos benefícios. Porque sabe que lhe será perdoado como ele próprio houver perdoado.

É compreensivo para com as fraquezas alheias, porque sabe que ele mesmo tem necessidade de ser compreendido, e se lembra destas palavras de Jesus, o Cristo: aquele que está sem erro lhe atire a primeira pedra. Não se preocupa em procurar os erros alheios, nem em colocá-los em evidência. Se a necessidade a isso o obriga, procura sempre o certo que pode atenuar o errado. Estuda as suas próprias imperfeições e trabalha, sem cessar, em combatê-las. Todos os seus esforços são para poder dizer a si mesmo no dia de amanhã, que há nele alguma coisa de melhor do que na véspera. Não procura fazer valorizar nem seu Espírito, nem seus talentos à custa dos outros. Aproveita, ao contrário, todas as ocasiões para ressaltar as vantagens dos outros. Não se envaidece nem com a fortuna, nem com as vantagens pessoais, porque sabe que tudo o que lhe foi dado, pode lhe ser retirado.

Usa, mas não abusa, dos bens materiais que lhe são concedidos, porque sabe que é um depósito do qual deverá prestar contas, e que o emprego, o mais prejudicial para si mesmo, é de fazê-los servir à satisfação de suas erradas paixões. Se a vida colocou humanos sob a sua dependência, ele os trata com bondade e benevolência, porque são seus iguais perante Deus. Usa de sua autoridade para erguer-lhes o moral e não para os esmagar com o seu orgulho. Evita tudo o que poderia tornar a posição subalterna mais penosa.

O subordinado, por sua vez, compreende os deveres da sua posição, e tem o escrúpulo em cumpri-los conscienciosamente.

O humano correto, enfim, respeita em seus semelhantes todos os direitos dados pelas leis divinas, como gostaria que os seus fossem respeitados.

Esta não é a enumeração de todas as qualidades que distinguem o humano correto, mas todo aquele que se esforça em possuí-las, está no caminho que conduz a todas as outras.

(E encontra satisfação nos benefícios que faz, nos serviços que presta, nos felizes que faz, nas lágrimas que seca, nas consolações que dá aos aflitos.)

O ‘conhece-te a ti mesmo’! Primeiro devemos nos aprimorar em conhecimento, e depois nas ações junto aos irmãos de jornada evolutiva espiritual. Sem o conhecimento raciocinado continuaremos deste modo: “Nas minhas louvações sempre rogo que Deus não me deixe errar e, como ajuda com 10% fielmente, Ele tem me livrado do caminho do erro!”)

OS CORRETOS ESPÍRITAS

4. O Espiritismo bem compreendido, mas, sobretudo, bem sentido, conduz forçosamente aos resultados acima, que caracterizam o verdadeiro Espírita como o verdadeiro cristão, que são a

mesma coisa. O Espiritismo não criou nenhuma moral nova. Facilita aos humanos o conhecimento e a prática da moral de Jesus, o Cristo, dando uma fé sólida e esclarecida àqueles que duvidam ou vacilam.

Mas muitos daqueles que creem nos fatos das manifestações não compreendem nem as suas consequências, nem o seu alcance moral, ou, se as compreendem, não as aplicam a si mesmos. A que se prende isso? A falta de precisão da Doutrina? Não, porque ela não contém nem alegorias, nem figuras que possam dar lugar a falsas interpretações. Sua essência mesma é a clareza, e é o que a faz poderosa, porque vai direto à razão comum. Nada tem de misteriosa e seus alunos não estão de posse de nenhum segredo oculto aos humanos simples.

É preciso, pois, para compreendê-la, um conhecimento fora do comum? Não, porque se veem humanos de uma capacidade notória que não a compreendem, enquanto que humanos simples, de jovens mesmo, apenas saídos da adolescência, a entendem e assimilam com admirável exatidão em suas mais delicadas lições. Isso decorre do fato de que a parte de alguma sorte material da ciência não requer senão olhos para observar, ao passo que a parte essencial exige certo grau de sensibilidade que se pode chamar maturidade do senso moral, maturidade independente da idade e do grau de instrução, porque é próprio do desenvolvimento, num sentido especial, do Espírito encarnado.

Em alguns, os laços da matéria são ainda muito fortes para permitir ao Espírito se libertar das coisas da Terra. O nevoeiro que os circunda lhes tira a visão do infinito. Por isso, eles não rompem facilmente nem com seus gostos, nem com seus hábitos, não compreendem alguma coisa melhor do que aquilo que têm. A crença nos Espíritos é para eles um simples fato, mas não modifica senão pouco, ou nada, as suas tendências instintivas. Numa palavra, não veem senão um raio de luz, insuficiente para conduzi-los e lhes dar uma aspiração poderosa, capaz de vencer os seus pendores. Eles se apegam aos fenômenos mais do que à moral, que lhes parece comum e monótona. Pedem aos Espíritos para instruí-los, sem cessar, nos novos conhecimentos, sem perguntarem se se tornaram dignos de penetrarem nos segredos do Criador. Esses são os Espíritos imperfeitos, dos quais alguns permanecem no caminho ou se distanciam dos seus irmãos em crença, porque recuam diante da obrigação de se reformarem, ou reservam suas simpatias para aqueles que partilham suas fraquezas ou suas prevenções. Entretanto, a aceitação do princípio da Doutrina é um primeiro passo que lhes tornará o segundo mais fácil numa outra existência.

Aquele que pode ser, com razão, qualificado de verdadeiro e sincero Espírita, está num grau melhor de adiantamento moral. O Espírito, que domina mais completamente a matéria, lhe dá uma percepção mais clara do futuro. Os princípios da Doutrina fazem vibrar nele as fibras que permanecem mudas nos primeiros. Numa palavra, ele é tocado no coração. Também é a sua fé inabalável. Um é como o músico que se comove com certos acordes, ao passo que o outro não ouve senão sons. Reconhece-se o verdadeiro Espírita pela sua transformação moral, e pelos esforços que faz para domar as suas errôneas inclinações. Enquanto que um fica parado em seu horizonte limitado, o outro, que compreende alguma coisa de melhor, se esforça para dele se libertar e sempre o consegue quando tem vontade firme.

(O Espiritismo não criou nenhuma moral nova. Facilita aos humanos o conhecimento e a prática da moral de Jesus, o Cristo, dando uma fé sólida e esclarecida àqueles que duvidam ou vacilam.

Acredito que o Espírita no correto caminho, seja aquele que, de boa vontade, caminhe firme para a correção de seus erros. Com paciência, tranquilidade, pois está imbuído de confiança na Lei de Deus!)

PARÁBOLA DO SEMEADOR

5. Naquele mesmo dia, Jesus, o Cristo, tendo saído de casa, sentou-se perto do mar. E se reuniu ao seu redor uma grande multidão de povo. Por isso, ele subiu num barco, onde se sentou, todo o povo estando na margem. E lhes disse muitas coisas por parábolas, falando-lhes desta maneira:

Aquele que semeia, saiu a semear. E, enquanto semeava, uma parte da semente caiu ao longo do caminho, e vindo os pássaros do céu a comeram.

Outra caiu nos lugares pedregosos, onde não havia muita terra. E logo nasceu porque a terra onde estava não tinha profundidade. Mas o Sol tendo se erguido, em seguida, a queimou. E, como não tinha raízes, secou.

Outra caiu nos espinheiros, e os espinhos, vindo a crescer, a sufocaram.

Outra, enfim, caiu na boa terra, e deu frutos, alguns grãos rendendo cento por um, outros sessenta e outros trinta.

Que ouça aquele que tem ouvidos para ouvir. (*Mateus, cap. XIII, v. 1 a 9*).

(Poderíamos até pensar que o ‘semeador’ é incompetente, pois semeia em ‘qualquer’ tipo de solo! Mas quando entendemos que o semeador – Jesus, o Cristo -, semeia num tipo de solo específico – coração -, passamos a entender a amplitude moral da sementeira.)

Escutai, pois, vós outros, a parábola do semeador. Todo aquele que escuta a palavra do reino e não lhe dá atenção, o espírito do erro vem e arrebatou o que havia sido semeado em seu coração. É aquele que recebeu a semente ao longo do caminho.

Aquele que recebeu a semente no meio das pedras é o que escuta a palavra, e que a recebe na hora mesmo com alegria. Mas ele não tem em si raízes, e não está senão por um tempo. E quando sobrevêm os obstáculos e as perseguições por causa da palavra, a toma logo como um objeto de escândalo e de queda.

Aquele que recebe a semente entre os espinhos é o que ouve a palavra. Mas, em seguida, os cuidados deste mundo e a ilusão das riquezas sufocam em si essa palavra, e a tornam infrutífera.

Mas aquele que recebe a semente numa boa terra é aquele que escuta a palavra, que lhe presta atenção e que dá fruto, e rende cento, ou sessenta, ou trinta por um. (*Mateus, cap. XIII, v. 18 a 23*).

(Quando o coração recebe a ‘semente’ e a leva à razão, a resposta virá e de acordo com o estado de interesses da razão! Quando tendemos para o valor material; não entendemos moral da parábola! Quando tendemos para o valor moral, nos interessamos em praticá-la!)

6. A parábola da semente representa perfeitamente as diferenças que existem na maneira de aproveitar os ensinamentos do Evangelho. Quantas pessoas há, com efeito, para as quais eles não são senão a letra morta que, semelhante à semente caída sobre a rocha, não produzem nenhum fruto!

Ela encontra uma aplicação, não menos justa, nas diferentes categorias de Espíritos. Não é o emblema daqueles que não se apegam senão aos fenômenos materiais, e deles não tiram nenhuma consequência, porque não veem neles senão um objeto de curiosidade? Daqueles que não procuram senão o brilho nas comunicações dos Espíritos, e não se interessam por elas senão quando satisfazem a sua imaginação, mas que, depois de as ter ouvido, são tão frios e indiferentes quanto antes? Que acham os conselhos muito certos e os admiram, mas deles fazem aplicação nos outros e não a si mesmos? Dos que, enfim, para quem essas instruções são como a semente caída na boa terra e produzem frutos?

(Quando nos propomos a renovar o pomar da nossa existência, produto de pretéritas sementeiras, é o momento em que encontramos as plantas e ações que julgávamos ter semeado no pomar dos outros. Então verificamos a existência de muitas plantas inúteis e, outras, agressivas. Descobrimos Paineiras ‘bonitas, mas cheias de espinhos’, cipó de espinheiros ‘dificultando a vida das outras plantas’, mamoneiras ‘frutos benéficos ou venenosos’ etc. No arroteamento encontramos pedras pontiagudas ‘que jogamos nos outros’, solo frágil ‘de forças que exploramos dos outros’, secura ‘de sentimentos que demos aos outros’ etc. Nesta altura nos desesperamos, ficamos procurando a razão de tudo isso, não ‘vemos’ o ontem e, em função disso, praguejamos contra os outros e, até, contra Deus! A Consolação só é encontrada, em razão bem estudada, na Doutrina dos Espíritos. Mas sua aplicação está condicionada ao livre-arbítrio de cada um. A Doutrina Consoladora, esse divino presente, ao ser bem estudada, nos torna corretos lavradores das terras da vida. Munidos da racional Consolação e cheios de boa vontade, estaremos prontos para renovar ‘corretamente’ o nosso pomar, plantando as corretas sementes que nos garantirão magníficas colheitas nos amanhã de nossa existência, com grandes sobras para devolvermos aos outros!)

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

O DEVER

7. O dever é a obrigação moral, diante de si mesmo primeiro, e dos outros em seguida. O dever é a lei da vida. Ele se encontra nos mais pequenos detalhes, assim como nos atos elevados. Não

quero falar aqui senão do dever moral, e não daquele que as profissões impõem.

Na ordem dos sentimentos, o dever é muito difícil de ser cumprido, porque se acha em antagonismo com as seduções do interesse e do coração. Suas vitórias não têm testemunhos, e suas derrotas não têm repressão. O dever íntimo do humano está entregue ao seu livre-arbítrio: o espinho da consciência, esse guardião da justiça interior, o adverte e o sustenta, mas permanece, frequentemente, impotente diante das dúvidas da errada paixão. O dever do coração, fielmente observado, eleva o humano. Mas, esse dever, como conhecê-lo? Onde começa ele? Onde se detém? O dever começa precisamente no ponto em que ameaçais a felicidade ou a tranquilidade do vosso próximo. Termina no limite que não gostaríeis de ver ultrapassado em relação a vós mesmos.

Deus criou todos os humanos iguais. Pequenos ou grandes, desconhecedores ou esclarecidos, sofrem pelas mesmas causas, a fim de que cada um julgue com justeza o erro que pode fazer. O mesmo critério não existe para o certo, infinitamente mais variado em suas expressões. A igualdade diante da aflição é uma sublime providência de Deus, que quer que seus filhos, instruídos pela experiência comum, não cometam o erro dizendo que desconhecem os seus efeitos.

O dever é o resumo prático de todas as meditações morais. É uma bravura do Espírito que afronta as angústias da luta. É austero e flexível. Pronto a dobrar-se às diversas complicações, permanece firme diante de suas tentações. O humano que cumpre o seu dever ama a Deus mais que as criaturas, e as criaturas mais do que a si mesmo. Ele é, ao mesmo tempo, juiz e escravo em sua própria causa.

O dever é o mais belo troféu da razão. Depende dela como o filho depende de sua mãe. O humano deve amar o dever, não porque o preserve das aflições da vida física, as quais a Humanidade não pode evitar, mas porque dá ao Espírito o vigor necessário ao seu desenvolvimento.

O dever cresce e irradia sob mais elevada forma em cada uma das etapas superiores da Humanidade. A obrigação moral não cessa jamais, da criatura para com Deus. Ela deve refletir as virtudes do Eterno que não aceita um esboço imperfeito, porque quer que a beleza da sua obra resplandeça diante dele.

(Lázaro, Paris, 1863).

(Devo e não nego, pagarei quando der! Essa frase engloba duas soluções: A mentirosa e a verdadeira. A verdadeira é quando eu me preparo devidamente para pagar. No caso espiritual, essa preparação é otimizada pelo estudo da Doutrina dos Espíritos. Porém, como estudar é cansativo, a maioria de nós prefere a outra solução!)

A VIRTUDE

8. A virtude, em seu mais alto grau, comporta o conjunto de todas as qualidades essenciais que constituem o humano correto. Ser bom, caridoso, laborioso, moderado, modesto, são qualidades do humano virtuoso. Infelizmente, elas são com frequência, acompanhadas de pequenas enfermidades morais que as enfeiam e as diminuem. Aquele que exhibe a sua virtude não é virtuoso, uma vez que lhe falta a qualidade principal: a modéstia, e tem o vício mais contrário: o orgulho. A virtude verdadeiramente digna desse nome não gosta de se exhibir, é adivinhada, mas se oculta, não se mostra e foge da admiração das multidões. Vicente de Paulo era virtuoso. O digno Cura d'Ars era virtuoso, e muitos outros pouco conhecidos do mundo, mas conhecidos de Deus. Todos esses humanos corretos desconheciam, eles mesmos, que fossem virtuosos. Se deixavam ir na corrente de suas corretas inspirações, e praticavam o certo com um desinteresse completo e um inteiro esquecimento de si mesmos.

É à virtude assim compreendida e praticada que eu vos convido, meus filhos. É a essa virtude verdadeiramente cristã e verdadeiramente Espírita que eu vos convido a vos dedicar. Mas afastai dos vossos corações o pensamento do orgulho, da vaidade, do amor próprio, que enfeiam sempre as mais belas qualidades. Não imiteis esse humano que se coloca como um modelo e exalta, ele mesmo, as próprias qualidades a todos os ouvidos próximos. Essa virtude de ostentação, oculta, frequentemente, uma multidão de pequenas falhas e terríveis erros. Em princípio, o humano que exalta a si mesmo, que ergue uma estátua à sua própria virtude, perde, só por esse fato, todo o mérito que possa ter. Mas, que direi daquele em que todo o valor está em parecer o que não é? Quero admitir que o humano que faz o certo sente no fundo do coração uma satisfação íntima,

mas desde que essa satisfação se exteriorize para recolher elogios, degenera em amor próprio. Ó, vós todos a quem a fé Espírita reaqueceu com seus raios, e que sabeis quanto o humano está longe da perfeição, não vos entregueis à semelhante erro. A virtude é uma graça que eu desejo a todos os Espíritas sinceros, mas eu lhes direi: Mais vale menos virtude com a modéstia do que muitas com o orgulho. Foi pelo orgulho que as humanidades sucessivas se perderam, e é pela humildade que elas um dia deverão redimir-se.

(François - Nicolas - Madeleine, Paris, 1863).

(Agora entendo o que é a virtude e as ferramentas necessárias para praticá-la! Pena que esteja tetraplégico, cego, surdo e mudo! Mas estou estudando e certo de poder continuar a prática, em ações corretas, nas encarnações futuras... Agora, com os estudos, a Lei de Deus clareou os meus caminhos para a virtude!)

OS ADIANTADOS E OS ATRASADOS

9. A autoridade, da mesma forma que a fortuna, é uma delegação da qual serão pedidas contas àquele que dela se acha investido. Não creiais que ela lhe seja dada para lhe proporcionar o vão prazer de comandar, nem, assim como o creem falsamente a maioria dos poderosos da Terra, como um direito, uma propriedade. A Lei de Deus, entretanto, lhes prova suficientemente que não é nem uma nem outra coisa, uma vez que as retira quando isso é correto. Se fosse um privilégio ligado à sua pessoa, ela nunca seria tirada. Ninguém pode, pois, dizer que uma coisa lhe pertence, quando lhe pode ser tirada sem seu consentimento. A Lei de Deus concede a autoridade a título de missão ou de prova quando isso é correto, e a retira da mesma forma.

Todo aquele que é depositário da autoridade, qualquer que ela seja, desde o patrão sobre seu empregado até dos governantes sobre seu povo, não deve se desculpar que tem encargo de Espíritos. Ele responderá pela certa ou errada direção que tiver dado aos seus subordinados, e as faltas que estes poderão cometer, os vícios a que serão arrastados, em consequência dessa direção ou de errôneos exemplos recairão sobre ele, enquanto que recolherá os frutos da sua solicitude para conduzi-los ao certo. Todo humano tem, na Terra, uma missão pequena ou grande. Qualquer que ela seja, é sempre dada para o certo. É, pois, nela falir, falseá-la em seu princípio, se desculpar com mentiras, atribuir aos outros as falhas.

Se a Lei de Deus pergunta ao rico: Que fizeste da fortuna que deveria ser em tuas mãos uma fonte espalhando a felicidade ao teu redor? Também perguntará àquele que possui uma autoridade qualquer: Que uso fizeste dessa autoridade? Que erro detiveste? Que progresso fizeste? Se eu te dei subordinados não foi para fazer deles escravos da tua vontade, nem os instrumentos dóceis de teus caprichos e da tua cupidez. Eu te fiz forte, e te confiei os fracos para os sustentar e os ajudar a se elevarem espiritualmente.

O superior, que está compenetrado das palavras de Jesus, o Cristo, não despreza a nenhum daqueles que vê abaixo de si, porque sabe que as distinções sociais nada instituem diante de Deus. O Espiritismo lhe ensina que se o obedecem hoje, puderam lhe comandar, ou poderão lhe comandar mais tarde, e que então será tratado, como os tiver tratado ele mesmo.

Se o que manda tem deveres a cumprir, o que é mandado os tem, de seu lado, e não são menos sagrados. Se este último é Espírita, sua consciência lhe dirá, melhor ainda, que deles não está dispensado, mesmo quando seu chefe não cumprisse os seus, porque sabe que não se deve retribuir o erro com erro, e que as faltas de uns não autorizam as faltas de outros. Se sofre em sua posição, diz a si mesmo que, sem dúvida, mereceu, porque talvez, ele mesmo, abusou outrora de sua autoridade, e deve sentir, a seu turno, os inconvenientes daquilo que fez os outros passarem. Se está forçado a suportar essa posição na falta de achar uma melhor, o Espiritismo lhe ensina a nela se resignar como sendo uma prova para a sua humildade, necessária ao seu adiantamento. Sua crença o guia em sua conduta. Age como quereria que seus subordinados agissem para com ele, se fosse chefe. Por isso mesmo, é mais escrupuloso no cumprimento de suas obrigações, porque compreende que toda negligência no trabalho que lhe está confiado é um prejuízo para aquele que o remunera e a quem deve seu tempo e seus cuidados. Numa palavra, ele é solicitado pelo sentimento do dever que lhe dá sua fé, e a certeza de que todo desvio do caminho reto é uma dívida que será preciso pagar, cedo ou tarde.

(François - Nicolas - Madeleine, Cardeal Morlot, Paris, 1863).

(Sempre digo aos outros: Vocês devem me obedecer sem discutir! E sempre respondo aos outros: Pensa que não sei o que estou fazendo? O desconhecimento dos valores morais da Lei de Deus nos leva a decisões equivocadas, pois acreditamos que nossa ‘posição’ está sendo ofendida! Problemas de nosso orgulho e egoísmo! Enquanto não dominarmos esses dois ‘opositores’ morais não caminharemos corretamente...)

O HUMANO NO MUNDO

10. Um sentimento de piedade deve sempre animar o coração daqueles que se reúnem na Lei de Deus e imploram a assistência dos Espíritos corretos. Purificai, pois, os vossos corações. Não deixeis neles demorar nenhum pensamento mundano ou fútil. Elevai o Espírito até aqueles a quem chamais, a fim de que, encontrando em vós as disposições necessárias, possam lançar profusamente a semente que deve germinar em vossos corações e nele dar frutos de caridade é de justiça.

Não acrediteis, todavia, que em vos exortando sem cessar à prece e à evocação mental, nós vos mandamos viver uma vida totalmente religiosa, que vos mantenha fora das leis da sociedade em que estais atualmente a viver. Não! Vivei com os humanos de vossa época, como devem viver os humanos. Sacrificar às necessidades, mesmo às coisas simples do dia, mas sacrificai-as com um sentimento de pureza que as possa santificar.

Fostes chamados a entrar em contato com Espíritos de natureza diferente, de vontades diferentes. Não choqueis nenhum daqueles com os quais vos encontrardes. Sede alegres, sede felizes, mas da alegria que dá uma correta consciência, da felicidade do herdeiro do Mundo espiritual contando os dias que o aproximam de sua herança.

A virtude não consiste em tomar um rosto severo e triste, em afastar os prazeres que as vossas condições humanas permitem. Basta informar todos os atos da vida física ao Criador que deu essa vida física. Basta, quando se começa ou acaba uma obra, elevar o pensamento até esse Criador e lhe agradecer, num impulso do Espírito, seja sua proteção por ser corretamente sucedido, seja sua bênção para a obra terminada. O que quer que fizerdes, remontai até à fonte de todas as coisas. Nada façais sem que a lembrança de Deus venha purificar e santificar os vossos atos.

A perfeição está inteiramente, como disse Jesus, o Cristo, na prática da caridade absoluta, mas os deveres da caridade se estendem a todas as posições sociais, desde a menor até a maior. O humano que vivesse sozinho, não teria caridade a exercer. Não é senão no contato com os semelhantes, nas lutas mais penosas, que disso encontra ocasião. Aquele pois, que se isola, afasta-se voluntariamente do mais poderoso meio de perfeição. Não tendo que pensar senão em si, sua vida é a de um egoísta.

Não imagineis, pois, que para viver em comunicação constante conosco, para viver sob o olhar do Senhor, seja preciso se martirizar e se cobrir de cinzas. Não, não, ainda uma vez. Sede felizes segundo as necessidades da Humanidade, mas que em vossa felicidade não entre jamais nem um pensamento, nem um ato que possa ofendê-la, ou fazer corar a face daqueles que vos amam e que vos dirigem. Deus é amor e abençoa aqueles que amam corretamente.

(Um Espírito protetor, Bordéus, 1863).

(A virtude não consiste em tomar um rosto severo e triste, em afastar os prazeres que as vossas condições humanas permitem.

Como sou uma pessoa muito boa, elevada, humilde, não tenho nenhum problema! O desconhecimento da moral contida na Lei de Deus nos faz estacionar espiritualmente, continuando na prisão da carne e nos valores materiais...)

CUIDAR DO CORPO FÍSICO E DO ESPÍRITO

11. A perfeição moral consiste no castigar o corpo físico? Para resolver esta questão, eu me apoio sobre os princípios elementares, e começo por demonstrar a necessidade de cuidar do corpo físico que, segundo as alternativas da saúde e da doença, influi de maneira muito importante sobre o Espírito, que é preciso considerar como prisioneiro na carne. Para que esse prisioneiro viva, se divirta e conceba mesmo as ilusões da liberdade, o corpo físico deve estar são, disposto, vigoroso.

Sigamos a comparação: Ei-los, pois, em perfeito estado, ambos. Que devem fazer para manter o

equilíbrio entre as suas aptidões e suas necessidades tão diferentes?

Aqui dois sistemas se defrontam: o dos ermitões, que querem castigar o corpo físico, e o dos materialistas, que querem anular o Espírito. Duas violências, que são quase tão insensatas uma quanto a outra. Ao lado dessas opiniões, caminha a numerosa tribo dos indiferentes que, sem convicção e sem paixão, amam friamente e gozam pouca felicidade. Onde, pois, está a sabedoria? Onde, pois, está a ciência de bem viver? Em nenhuma parte. E esse grande problema permanecerá inteiramente por resolver, se o Espiritismo não viesse em ajuda aos pesquisadores em lhes demonstrando as relações que existem entre o corpo físico e o Espírito, e em dizendo que, uma vez que são necessários um ao outro, é preciso cuidar de ambos. Amai, pois, vosso Espírito, mas cuidai também do corpo físico, instrumento do Espírito. Desconhecer as necessidades que são indicadas pela própria naturalidade, é desconhecer a Lei de Deus. Não castigueis o corpo físico pelos erros que o vosso livre-arbítrio fê-lo cometer, e das quais ele é tão irresponsável como o é o cavalo erradamente dirigido, pelos acidentes que causa. Sereis, pois, mais perfeitos se, castigando o corpo físico, com isso não ficais menos egoístas, menos orgulhosos e mais caridosos para com o vosso próximo? Não, a perfeição não está nisso. Ela está inteiramente nas reformas que fareis o Espírito suportar. Dobrai-o, submetei-o, humilhai-o, mortificai-o: é o meio de torná-lo dócil à Lei de Deus e o único que conduz à perfeição.

(Georges, Espírito protetor, Paris, 1863).

(Desconhecer as necessidades que são indicadas pela própria naturalidade, é desconhecer a Lei de Deus.

A consciência da gravidade dos vícios nos leva a considerar extingui-los. Como é simplório o vício material, passamos a combatê-lo! E qual a razão de não fazermos o mesmo com os ‘grandes’ vícios espirituais? É que estes exigem muitos esforços ‘verdadeiros’, pois não conseguimos escondê-los de nós mesmos! Já, os materiais, é moleza, são fáceis de esconder e podemos ficar mostrando aos outros, alardeando nossa ‘pureza’! Atende muito bem ao nosso ‘orgulho e egoísmo’ não? Mas o principal é: já conhecemos as nossas necessidades físicas naturais?)

EXPLANAÇÃO

1 - Caracteres da Perfeição - itens 1 e 2.

"Sede Perfeitos, como perfeito é o nosso Pai Celestial, recomendou-nos Jesus. Mateus, capítulo 5, vers. 48".

Grande parte da humanidade se comporta como crianças, que só dão valor aos brinquedos e levam a vida física entre folguedos e sonhos pueris, sem perceberem as sérias responsabilidades e dos graves problemas, à frente dos objetivos da vida neste plano evolutivo, com uma inconsciência e uma leviandade simplesmente deploráveis.

Fazem das riquezas o alvo supremo de suas atividades, porque elas abrem as portas do mundanismo e proporcionam toda a sorte de fúteis distrações, enfiando-se numa desgraçada apatia moral, numa abjeta materialidade, sem idealismo, sem nobreza, como se a existência terrestre não tivesse finalidade útil, e nada mais após ela existisse.

O ser humano em seu desvario cuida apenas de salvar as aparências, de evitar escândalos, procura disfarçar habilmente seus erros e defeitos para passar por pessoa correta, para que a sociedade forme dele um bom conceito, e assim atravessa toda a existência mascarado, aparentando o que não é.

Este mundo não é estância de descanso, nem lugar de divertimentos inúteis, mas sim, oficina de trabalho, de estudo e de realizações, aonde viemos nos burilar espiritualmente. E no final de nossa romagem terrena, voltamos para a pátria de verdade, e com enorme tristeza, lamentamos o tempo perdido e ficamos desiludidos quando contemplamos tal qual somos na realidade, constando, horrorizados, o quanto fomos hipócritas para com nós mesmos.

Após o desencarne observamos, com emoções e sentimentos, cada incidente de nossa vida passada, em que nossa preguiça, nossas mentiras, nossos vícios, paixões e desejos grosseiros, retratam com absoluta fidelidade, as nossas fraquezas de caráter e todas as erradas ações voltam à nossa mente. Então, para nossa vergonha, verificamos não ter avançado espiritualmente um passo sequer, tornando necessário novas reencarnações de provas e de expiações, até que realizemos o aprendizado relativo a este mundo, condição indispensável para que passemos a outro superior e mais feliz.

Certos princípios religiosos contribuem para a estagnação do ser humano por algum tempo, porque modelam um estilo de vida muito material e imediatista.

Também na juventude, a coletividade humana se preocupa muito menos com a religião e às vezes zombam daqueles que se mostram escrupulosos.

Muitos acreditam que podem gozar a vida física e deixar os problemas do Espírito para depois, quando ficarem velhinhos. Outros pensam que alguns sacramentos têm poderes extraordinários e que, mesmo as pessoas mais corruptas e perversas, recebendo-os, ficam livres dos erros cometidos e tornam-se imediatamente puras, imaculadas, com o direito de entrar no reino dos Céus.

É impossível ganhar o Céu de mão beijada, quando não se faz outra coisa senão contrapor às leis de Deus. Pretender isso é conferir juro de um capital que não depositou!

As leis divinas são sábias, justas, inderrogáveis, e não há ninguém que as possa burlar ou anular os seus efeitos.

O Reino de Deus ou o reino dos Céus está dentro de nós mesmos, é um estado de felicidade proporcional ao grau de perfeição adquirida, e não há outro meio de consegui-lo senão praticando o certo e o bem, porque só o altruísmo purifica, melhora e aperfeiçoa os Espíritos.

Para melhorar é necessário reformar-se intimamente. O que é reformar? É formar de novo. Reconstruir.

Precisamos reconstruir o pensamento. A diversidade de aperfeiçoamento moral do ser humano decreta a variedade das qualidades da matéria mental.

Assim como existe a poluição material, que afeta gravemente a vida física, há a poluição no campo espiritual, que perturba a mente humana.

André Luiz nos fala: "Tanto assalta o ser humano a nuvem de bactérias destruidoras da vida física, quanto as formas caprichosas das sombras que ameaçam o equilíbrio mental".

Os pensamentos lançados no espaço pelos encarnados, são assimilados pelas outras mentes ou passam para o campo espiritual, à semelhança de um gás em recinto fechado.

Os pensamentos gravitam nos ambientes conforme esclarece André Luiz: "O pensamento espalha nossas próprias emanções em toda parte que se projeta. Deixamos vestígios espirituais, onde arremessamos os raios de nossa mente, assim como o animal deixa no próprio rastro o odor que lhe é característico, tornando-se por esse motivo, facilmente abordável pela sensibilidade olfativa do cão".

Cada rua ou logradouro, residência ou bairro, região ou município, tem as suas fluidificações específicas, formadas pela soma das criações mentais daqueles que ali vivem e convivem, trabalham e estudam, divertem-se ou descansam.

Em *Missionários da Luz*, o Mentor espiritual Alexandre explica: "A rua é um repositório de vibrações diversas, em meio de pensamentos sombrios e bactérias de variada procedência, porque a maioria dos transeuntes lança em circulação, incessantemente, micróbios diversos e também errados pensamentos de toda ordem".

Se grande parte da humanidade é deseducada espiritualmente, podemos concluir como são as criações mentais e as companhias espirituais.

Muitas vezes os domicílios são belos, limpos e higiênicos no aspecto exterior e, infelizmente, no campo do invisível, as acumulações de pensamentos tem características sombrias e enfermigas, que prejudicam a vida mental das pessoas invigilantes e descrentes que os absorvem. E André Luiz continua explicando: "Ora, se temos a nuvem de bactérias produzidas pelo corpo doente, temos a nuvem de larvas mentais produzidas pela mente enferma, em idênticas circunstâncias. Desse modo, na esfera das criaturas desprevenidas de recursos espirituais, tanto adoecem os corpos físicos como os Espíritos".

Nos locais de diversões noturnas, que homens e mulheres frequentam para esparecimento e prazer, a tendência é de relaxar o padrão moral mental, carregando o ambiente de emanções inferiores, em simbiose profunda com entidades desencarnadas de condição inferior, que se identificam com as predileções humanas.

Os encarnados, em tais recintos menos edificantes, absorvem continuamente pensamentos moralmente viciados, que podem influir na organização espiritual de cada frequentador.

No recinto doméstico onde prevalece a descrença, a discórdia, a discussão e o desrespeito, a brutalidade e a malícia, inclusive a ausência do verdadeiro culto da oração, podemos estar seguros de que, certamente, tal equipe de mentes desorientadas conserva a sintonia com entidades perturbadas que ali se hospedam de forma permanente. Esta conexão contínua, de mentes desajustadas, desfila fluidos enfermigos e corrompidos, impregnado todos os recintos, envolvendo todos os objetos, contaminando todos os alimentos e as águas consumidas pelos moradores. É da lei divina que colheremos sempre de acordo com o que plantamos, no espaço e no tempo.

Se, ao contrário, os membros da família são interessados na evangelização de si mesmos, buscam a convivência fraterna, cultivam o clima de prece superior e a conversação edificante do Evangelho, este reduto por certo criará um clima espiritual harmonioso e salutar, as emanções de pensamento são mais puras, e as companhias espirituais bondosas e nobres têm presença frequente. Este ninho de Espíritos funciona como verdadeiro templo de amor e luz, beneficiando todos os moradores e visitantes, tanto os encarnados como os desencarnados.

André Luiz fala da importância do pensamento educado: "O pensamento elevado santifica a atmosfera em torno e possui propriedades elétricas que o ser humano comum está longe de imaginar".

Conhecer a ciência espiritual e praticá-la é preservar a saúde corpórea e mental, multiplicando a alegria, a felicidade e a paz.

Por isso o Mestre Jesus diz: "Sede perfeitos!" É um imperativo. Jesus conhece a nossa capacidade de nos reformarmos e sermos perfeitos. Através do conhecimento do Evangelho, vamos despoluindo os nossos pensamentos e nos tornando cada dia melhor.

Que Jesus nos abençoe!

(O Sermão da Montanha)/(Informação 08/95)

2 - O ser humano correto e bom - item 3.

A pergunta 918, do Livro dos Espíritos, levanta a seguinte questão:

- Por quais sinais se pode reconhecer no ser humano o progresso real que deve elevar o Espírito na hierarquia espiritual?

R. - O Espírito prova a sua elevação quando todos os atos da sua vida corpórea constituem a prática da lei de Deus, e quando compreende por antecipação a vida espiritual.

O verdadeiro ser humano correto é aquele que pratica a lei de justiça, de amor e de caridade na sua mais completa pureza. Quando interroga sua consciência sobre os atos praticados, perguntará se não violou essa lei, se não cometeu nenhum erro, se fez todo o certo e o bem que podia, se ninguém teve de se queixar dele, enfim, se fez para os outros tudo o que queria que os outros lhe fizessem.

O ser humano possuído pelo sentimento de caridade, e de amor ao próximo, faz o certo pelo certo, sem esperança de recompensa, e sacrifica o seu interesse pela justiça.

Ele é correto e bom, humano e benevolente com todos, porque vê irmãos em todos os humanos, sem exceção de raças ou de crenças.

Se Deus lhe deu o poder e a riqueza, olha essas coisas como um depósito do qual deve usar corretamente, e disso não se envaidece porque sabe que Deus, que lhos deu, também poderá retirá-los.

Se a ordem social colocou seres humanos sob a sua dependência, trata-os com bondade e benevolência porque são seus iguais perante Deus; usa de sua autoridade para lhes erguer a moral, e não para os esmagar com o seu orgulho.

É indulgente para com as fraquezas dos outros porque sabe que ele mesmo tem necessidade de indulgência, e se recorda destas palavras do Cristo: "Que aquele que estiver sem erro atire a primeira pedra".

Não é vingativo: A exemplo de Jesus, perdoa as ofensas para não se lembrar senão dos benefícios, porque sabe: "Que lhe será perdoado assim como aos outros tiver perdoado".

Respeita, enfim, nos seus semelhantes, todos os direitos decorrentes da lei natural, como desejava que os outros o respeitassem.

"CONHECE-TE A TI MESMO".

Foi um sábio da antiguidade que nos disse isto.

Para conhecer a si mesmo, é preciso se reformar. Reformar intimamente.

- Então, o que é reforma íntima?

É um processo contínuo de autoconhecimento, de conhecimento da intimidade espiritual, modelando-se progressivamente na vivência do Evangelho, em todos os sentidos da existência. É a transformação do ser humano velho e cheio de erros seculares, no ser humano novo e atuante na implantação dos ensinamentos do Divino Mestre, dentro e fora de si.

- Por que a reforma íntima?

Porque é o meio de se libertar das imperfeições e fazer o burilamento dentro de si, caminhando ao aprimoramento espiritual.

- Para que a reforma íntima?

Para transformar o ser humano e, a partir dele, toda a humanidade tão distante dos ensinamentos de Jesus.

- Onde fazer a reforma íntima?

Primeiramente, dentro de si mesmo, donde as transformações se refletirão em todos os campos da existência; no relacionamento familiar, com os colegas de trabalho, amigos e não amigos, e ainda colaborar desinteressadamente com os serviços ao próximo.

- Quando se deve fazer a reforma íntima?

O momento é agora e já; não há mais o que esperar. O tempo passa e todos os minutos são preciosos para as conquistas que se precisa fazer no íntimo.

- Como fazer a reforma íntima?

Ao decidir melhorar a si mesmo, um dos meios mais efetivos é começar a estudar o Evangelho de Jesus, cujo objetivo central é esse. Consegue-se vencer, pois o Plano Espiritual ajuda, e se al-

cança com as dificuldades naturais de tão nobre empreendimento e se transpõe as barreiras. Daí em diante o trabalho é progressivo, com mais entusiasmo e disposição e, até sozinho, se faz a reforma íntima, desde que se empenhe com afinco, vivendo correntemente os ensinamentos de Jesus.

Um meio de reforma íntima é chegar no final do dia e interrogar a consciência para definir se cumpri ou faltei com algum dever, ou se ninguém tem algo para se queixar de mim. Só assim é que, conhecendo-se, vê-se como necessita de reforma.

Aquele que todas as noites lembra de todas as suas ações do dia e se pergunta o que fez de certo ou errado, pedindo a Deus e ao seu anjo guardião que o esclareça, adquire grande força para se aperfeiçoar, porque acredita que Deus o assistirá.

Formular perguntas e indagar o que fez; saber o motivo por que se agiu, assim ou assado, em determinada circunstância; fez alguma coisa que censuraria se os outros o fizessem? Praticou alguma ação que não ousaria contar? E ainda perguntar: Se Deus o chamasse neste momento, a entrar no mundo dos Espíritos, onde nada é oculto, teria de temer o olhar de alguém?

Examina o que pode ter feito contra Deus, depois contra o próximo e, por fim, contra si mesmo. As respostas serão motivos para a consciência indicar um erro a ser consertado.

O conhecimento de si mesmo é a chave do melhoramento individual.

Como julgar a si mesmo? Haverá a ilusão do amor próprio, que atenua as faltas e as tornam desculpáveis?

O avarento se julga simplesmente providente e econômico; o orgulhoso se considera somente cheio de dignidade.

Porém há um meio de não se enganar. Quando se está indeciso quanto ao valor de uma ação, pergunte como a qualificaria se outro a praticasse contra você. Se há censura nos outros, não poderia ser boa para si, porque Deus não usa duas medidas para Sua justiça.

Não se deve negligenciar a opinião dos adversários, porque eles não têm interesse em disfarçar a verdade, e Deus colocou-o ao seu lado, para servir de espelho, para advertir com mais franqueza do que o faria um amigo.

O que tem vontade de se melhorar, deve explorar a sua consciência, a fim de arrancar dali as erradas tendências, como arranca as ervas daninhas do seu jardim. Deve dar um balanço geral da sua jornada moral, como o negociante o faz de seus lucros e perdas. E se puder dizer que a sua jornada foi correta e boa, pode dormir em paz e esperar sem temor o despertar na vida eterna.

Formule perguntas claras e precisas e não tenha medo de multiplicá-las. Afinal, pode-se muito bem consagrar alguns minutos à felicidade eterna.

Por acaso, não se trabalha todos os dias para ajuntar o que vos dê repouso na velhice? Esse repouso não é o objeto dos desejos, o alvo que permite sofrer fadigas e privações passageiras? Pois bem: O que é esse repouso de alguns dias, perturbado pelas enfermidades do corpo físico, ao lado daquilo que aguarda o ser humano correto? Isto não vale a pena de alguns esforços?

Muitos dizem que o presente é positivo e o futuro incerto. Este pensamento deve ser destruído das mentes, pois se deve compreender o futuro de maneira que nenhuma dúvida possa restar no Espírito.

Muitas faltas se cometem e que passam despercebidas. Por isso, deve-se seguir o conselho de Agostinho, para interrogar frequentemente a nossa consciência, assim veríamos quantas vezes falimos sem nos apercebermos, porque não perscrutamos a natureza de nossos atos.

O espelho reflete a imagem da pessoa que está à sua frente, tal como se apresenta no momento, oportunidade pela qual pode visualizar a sua situação física, podendo deixá-la como está ou retificá-la.

No entanto, não se pode visualizar a sua situação interna, ou seja, o seu interior. Isto só é possível através do exame de consciência.

A consciência é o espelho do Espírito, retratando através de registro dos atos realizados ou mesmo idealizados, as coisas certas ou erradas das quais o Espírito é portador.

Quando o indivíduo começa a se observar através do espelho do Espírito, assume postura de responsabilidade, vigiando-se para não deixar que novos erros ou enganos aconteçam em seu patrimônio íntimo, isto é, passa a haver um novo comando.

É nesse momento que surge a cautela, a prudência e a análise dos fatos e dos atos de sua vida encarnada, tentando acertar os passos para um rumo certo, o que vai proporcionando tranquilidade e até alegria, ao se olhar no espelho interno.

O processo é: "Vigiai e Orai" e do "Conheça-te a ti mesmo", propiciando a ponderação racional antes de tomar qualquer atitude.

À medida que o ser encarnado passa a se conscientizar da sua realidade, da verdade e das leis naturais, trazidas ao mundo de forma concreta por "Jesus Cristo", diante do espelho do Espírito, perceberá, uma figura desprovida de manchas e de erros, sem barreiras para avançar a própria caminhada.

A partir de então, torna-se um arauto do certo e do bem que, em todas as oportunidades da vida encarnada, busca realizar coisas que ajudem a edificar uma vida plena de luz, alegria e progresso.

E Jesus, o "Amigo de sempre", estará ao nosso lado em qualquer momento.

(O Reformador - 01/97)/(O Livro dos Espíritos)/(Manual prático do Espírita)

3 - Os corretos e bons Espíritas - item 4.

Ser um "correto e bom espírita" é o mesmo que ser um bom cristão. O verdadeiro espírita segue os ensinamentos de Jesus.

"Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelo esforço que empreende no domínio de suas erradas inclinações". E também, "Amar o próximo como a si mesmo", fazer aos outros aquilo que desejamos que os outros nos façam, é a mais completa expressão da caridade, pois resume todos os deveres para com o próximo. Nisto se resume um correto e bom espírita, ou seja, um bom cristão.

Ainda estamos tentando aprender a distinguir o errado, do certo e da verdade. Ainda nos faltam as lições de experiência para exercitar o nosso juízo e avançar.

Os princípios fundamentais para o avanço, são os mesmos por toda parte e hão de unir os pensamentos em comum: O amor de Deus e a prática da correta verdade.

Qualquer que seja o modo de progressão ou condição normal da existência futura, o objetivo final é um só: Fazer o bem. Não existem duas maneiras de fazê-lo. Estas palavras orientaram Allan Kardec e continuam elucidativas e aplicáveis a todos os movimentos em torno da Doutrina de Jesus.

Os adeptos da Doutrina Espírita, ou seja, a Doutrina de Jesus, não devem esquecer dos seus compromissos doutrinários fundamentais que são: A caridade, a fraternidade, a começar pelos irmãos mais próximos. Não devem esquecer de praticar a humildade, a solidariedade, enfim, de praticar a moral da Doutrina, que está contida toda nas mensagens de Jesus Cristo.

O verdadeiro espírita, isto é, o verdadeiro cristão, deve praticar o certo e o bem e entender a finalidade da Doutrina de Jesus.

Há os que conhecem a Doutrina Espírita, admiram-na, mas não seguem os seus princípios, preferem seu próprio parecer, contrastando flagrantemente com a filosofia e a moral do Cristo, que é a mesma do Espiritismo. Esta atitude humana ressentida a Doutrina Espírita, são os espíritas que não seguem os ditames da Doutrina, e sim os que lhe parecem certos.

O espírita verdadeiro não odeia, nem fere, nem foge de suas responsabilidades maiores: O amor, a justiça e a caridade.

Não é pelo fato de se dizer espírita que o ser humano se transforma para melhor.

Não se pode considerar espírita quem simplesmente conhece a Doutrina, mas, sim, quem a estuda atentamente e se esforça por praticá-la, especialmente na sua feição moral.

O Espiritismo não veio ao mundo para informar sobre novos fatos, e nem explicar a comunicação entre vivos e mortos, encarnados e desencarnados, nem para explicar filosoficamente a razão das coisas comuns e transcendentais, mas veio, sobretudo para tornar a criatura humana melhor, tal como fez Jesus Cristo no Seu Evangelho, e que a Nova Revelação procura reviver.

Os tempos atuais são de dificuldades e desafios. Os discípulos da verdade devem permanecer fiéis, vivendo os princípios que os orientam, com os quais se prevenirão dos obstáculos externos e internos do movimento Espírita.

Não se pode impor a Mensagem Libertadora da Doutrina. A grande luta deste momento se travará no país da consciência de cada um dos discípulos de Jesus.

A atuação persistente no certo e no bem é a garantia para que a Mensagem Espírita autêntica seja levada a toda parte, conforme nos foi legada pelos Espíritos Superiores.

A Doutrina Espírita, a cada dia que se a conhece, vai mostrando ao ser humano, que é necessário se melhorar intimamente, de estar vigilante.

Nós sabemos que somos Espíritos e que estamos temporariamente revestidos de corpo carnal. Também temos ciência que convivemos com os irmãos que não estão encarnados, que chamamos de invisíveis. E temos certeza da influência que esses irmãos exercem sobre nós.

Hoje sabemos que os invisíveis são os Espíritos dos mortos, pessoas que desencarnaram e que agem de conformidade com suas tendências e desejos. Muitos que desencarnam permanecem aqui, exercendo sobre nós ampla e insuspeita pressão psíquica.

Na questão 459 do Livro dos Espíritos, Kardec nos fornece a notícia de que essa influência é tão grande que não raro eles nos dirigem.

Muitas vezes somos informados de que nossos problemas estão relacionados com a presença de adversários espirituais que nos assediam, buscando desforra de passadas ofensas.

Em princípio está certo.

Problemas físicos e psíquicos que resistem aos recursos da medicina podem se originar dessa influência, podendo se tornar crônicos e os médicos materialistas ignoram as causas.

Porém há um detalhe: Nem sempre estamos às voltas com vingadores.

Às vezes são Espíritos presos à vida material, aos seus vícios e interesses. Eles vivem como se fossem encarnados e sentem as necessidades relacionadas com a alimentação, o abrigo, o sexo, os vícios etc.

Por isso se ligam aos seres humanos, nutrem-se do seu magnetismo e satisfazem seus anseios nos domínios das sensações.

Esses hóspedes não intentam em prejudicar, a expressão correta é explorar.

Exploram o nosso psiquismo e se servem dos fluidos densos, fluido vital, que lhes fornecemos.

É uma associação perturbadora, porque nos sujeita a desajustes. Eles nos exaurem psiquicamente, pois agem como sanguessugas espirituais.

Jesus, durante o Seu apostolado teve contato com tais Espíritos, chamados por seus contemporâneos, imundos, impuros e maus...

Muitas vezes, com Sua irresistível força moral, afastou estes Espíritos de suas vítimas.

Em Mateus, capítulo 12, vers. 42 a 45, diz: - Quando o Espírito impuro tem saído dum humano, anda por lugares áridos, procurando repouso; não o encontrando, diz:

- Voltarei para minha casa, donde saí. E ao chegar, acha-a desocupada, varrida e adornada. Então ele vai, e leva consigo mais outros Espíritos piores do que ele, e ali habitam. O último estado daquele Espírito fica sendo pior do que o primeiro.

A casa a que se refere Jesus é a mente humana, que é habitada por nossos pensamentos.

A estrutura, organização e disposição dependem do morador - a vontade.

Por que os Espíritos desajustados nos envolvem e influenciam tão facilmente?

A resposta é uma pergunta corriqueira.

Por que o cachorro entra na igreja? - Ora, entra porque acha a porta aberta!

Exatamente o que acontece com esses irmãozinhos sem entendimento. Eles se aproximam de nós, envolvem-nos, invadem a nossa casa mental porque, segundo a expressão evangélica - "Está desocupada", vazia de ideais superiores, de motivação existencial.

"Está varrida e adornada", atraente para os invasores e receptiva às suas sugestões.

A intervenção dos benfeitores desencarnados e os recursos mobilizados no Centro Espírita promovem o seu afastamento.

Todavia, não é o bastante.

O fundamental é que aprendamos a nos defender, que tenhamos cuidado, porque se eles resolvem voltar e ainda acompanhados de outros iguais ou piores, o estrago será maior.

Muitas vezes, ouvimos irmãos dizer o seguinte: - "Nós fomos à Casa Espírita, no começo foi bom, resolveu, mas depois tudo piorou".

Agora sabemos porque piorou. Não foi a Casa Espírita que falhou, e sim, o nosso irmão que não fechou as portas, deixou-as escancaradas para que os invisíveis voltassem. Não seguiu as palavras de Jesus: "Orai e Vigiai".

É preciso fechar a porta, impedir o acesso desses irmãos que não atingiram ainda o entendimento.

Precisamos estar vigilantes o tempo todo, para não cairmos em tentação.

Uma porta que abrimos facilmente a esses irmãozinhos, ainda desentendidos de ensinamentos do Mestre Jesus, traz-nos consequências funestas.

Na questão 469 do Livro dos Espíritos, Kardec pergunta: - Como podemos não ser assediados pelos nossos irmãos menos esclarecidos, e a resposta é bem clara:

- Praticando a correta verdade e pondo em Deus toda a vossa confiança.

Quem se empenhar em servir, tendo certeza da proteção divina, resguarda a casa mental contra desequilibrados e desocupados do além.

Devemos formular uma pergunta a nós mesmos:

- Que tipo de gente recebemos em nossa casa mental?

Não é difícil definir.

Basta analisar como estamos, nossas emoções e sentimentos.

Talvez seja preciso despejar os hóspedes indesejáveis e convidar outros mais recomendáveis, em favor da nossa paz.

E peçamos ao Senhor de nossas vidas que prossiga nos ajudando. Que "Ele" seja o nosso hóspede preferido.

Que a nossa mente se ocupe dos Seus ensinamentos.

Vigiemos e Oremos!

(O Reformador - 01/97)

4 - Parábola do Semeador - itens 5 e 6.

Saiu o semeador a semear a sua semente; uma parte caiu a beira do caminho, foi pisada e as aves do céu as comeram; outra caiu sobre a pedra, cresceu e secou, porque não havia umidade; outra caiu no meio dos espinhos, e foi sufocada por eles; e a parte que caiu na boa terra, cresceu, deu frutos a cento por um.

E Jesus ao dizer a parábola, ainda completou: Quem tem ouvidos de ouvir, ouça.

A semente é a Palavra de Deus. As sementes, que caíram a beira do caminho, são como as criaturas que têm ouvidos para ouvir, ouvem, mas não conseguem ouvir os ensinamentos de Jesus, deixam-se arrebatar facilmente. As sementes a beira do caminho são como as pessoas que não dão atenção devida à Palavra de Deus, estão sempre sujeitas à tentação, têm pouca vontade de alicerçar as palavras no coração.

As sementes a beira do caminho, é a representação das pessoas que procuram uma religião, às vezes ficam por longos anos, mas nada aprendem ou muito pouco aprendem. Acham que vindo à Casa Religiosa, já cumprem a sua obrigação. Não abrem o coração para receber com amor a Palavra de Deus. Não querem dedicar um pouco mais do seu tempo a Deus.

As sementes que caíram sobre a pedra são como as pessoas que recebem com alegria a Palavra de Deus, mas não têm raiz, creem só por determinado tempo, pois à primeira distração, esquecem-se dela. São pessoas que têm mil ideias diferentes, dispostas a fazer isso ou aquilo dentro da Casa Cristã, mas quando chamadas a participar, têm sempre desculpas. E também, quando obtém a melhora necessária, afastam-se, alegando que já aprenderam tudo.

As sementes que caíram entre os espinhos, são seres humanos que ouviram, mas se deixam sufocar pelas riquezas e deleites da vida física e o seu fruto não amadurece. Escutam a palavra, mas logo a esquecem. Reconhecem os bons conselhos, mas para se aplicar aos outros. Não conseguem dispor de tempo para se dedicarem um pouquinho mais à sua religião, ao estudo, pois os compromissos sociais, a novela, têm prioridade. Preferem as coisas materiais. Esta é a situação da maior parte da humanidade.

As sementes que caíram em boa terra, são os que têm ouvidos para ouvir e olhos para ver a Palavra de Deus, com o coração reto e bom, e retém as palavras dando frutos com perseverança.

São os que ouvem o Evangelho de Jesus e procuram se aplicar. Graças a Deus pode-se dizer que existem muitos cristãos e que procuram dedicar um pouco de suas horas de folga, ao ensino da Palavra de Deus, procuram fazer o certo e o bem ao próximo. São os que têm vontade de servir a Deus.

A parábola do Semeador é a parábola das parábolas. É encontrada em Mateus, capítulo 13, vers. 1 a 9, em Marcos, capítulo 4, vers. 1 a 20 e em Lucas, capítulo 8, vers. 4 a 15.

Na Parábola do Semeador, Jesus sintetiza os caracteres predominantes em todos os Espíritos, ao mesmo tempo em que ensina a distingui-los pela boa ou má vontade com que recebeu os dons espirituais.

Pelo enredo da palavra vemos aqueles que, em face da Palavra de Deus, são "beiras do caminho", onde passam todas as ideias grandiosas como gentes nas estradas, sem gravarem nenhuma delas; são como "pedras" impenetráveis às novas ideias, aos conhecimentos; são espinhos que sufocam o crescimento de todas as verdades, como essas plantas espinhosas que enfraquecem e matam os vegetais que tentam crescer nas suas proximidades.

Isso acontece no solo que tem grande parte improdutiva e para grande parte da humanidade. Porém há grande parte de Espíritos que de boa vontade, ouvem a Palavra de Deus, cumprem-na, e dessa maneira conseguem grande produção e se pode contar a cento por uma.

A semente é a Palavra de Deus, a lei do amor que abrange a ciência, a filosofia e a moral, inclusive os profetas, e se resume em: "Amar a Deus e fazer o certo e o bem até aos próprios adversários".

A Palavra de Deus, a semente, é uma só, é sempre a mesma, e tem sido apregoada em toda parte, desde que o ser humano se achou em condições de recebê-la.

Se a Palavra de Deus não atua com a mesma eficácia em todos, é devido a variedade e desigualdade de Espíritos que existem na Terra; uns mais adiantados, ou mais atrasados; uns propensos

ao certo, à caridade, à liberdade, à fraternidade; outros propensos ao erro, ao egoísmo, ao orgulho, apegados aos bens terrenos, às diversões passageiras.

A terra que recebe as sementes, representa o estado intelectual e moral de cada um: Lado do caminho, pedregoso, espinhoso e terra boa.

Para pregar e ouvir a Palavra de Deus é preciso que a coloquemos acima de nós mesmos; porque aquele que despreza a palavra, ouvindo-a e não anunciando; despreza o seu Instituidor.

A Parábola do Semeador era necessária às pessoas daquela época e continua atual entre nós.

Quem quer evoluir precisa se esforçar para consegui-lo, e se tentar, receberá apoio do plano espiritual, do Mestre Jesus. Os que se negligenciam de aprender a Palavra de Deus, deixam as erradas inclinações se apossarem de seus corações, se entregam aos vícios e erros, que os oprimirão durante séculos e séculos, tomando posse das poucas virtudes que possuem.

Antes das revelações feitas por Jesus, o ser humano não tinha ideia clara da outra vida, não conhecia os mistérios do Reino dos Céus e nem os segredos do Reino de Deus. Não sabiam que, para chegar à felicidade, precisa-se conhecer os mistérios do reino dos Céus e os segredos do reino de Deus.

Jesus levantou a bruma das inteligências e clareou as mentes. E a bruma desaparecerá completamente, quando todas as criaturas humanas alcançarem alto grau de conhecimento moral e intelectual. Só então será facultado conhecer os segredos do Reino dos Céus e os segredos do reino de Deus.

A terra é um prodígio de fecundidade. É dela que vem o alimento e, portanto, o corpo físico; é dela que nos vem a roupa. Tudo vem da terra; ela produz a erva, faz brotar a espiga, faz nascer e amadurecer o fruto e; lançada a semente à terra, germina e cresce sem se saber como!

É assim o Reino dos Céus; trazido à Terra pelo Grande Semeador, embora os seres humanos estivessem alheios às coisas do Céu e presos à Terra. A palavra de Jesus, que é a semente da árvore que dá frutos de vida eterna, foi atirada na obscuridade, mas transformou-se, tornou-se um novo corpo, cheio de fortaleza, deu o embrião, subterrâneo, mas perfeitamente organizado, cuja raiz se introduziu no coração de seus discípulos, e fendida a terra produtiva, deixou sair a haste que vai crescendo viçosa, saudando a luz, aparecendo aos olhos de todos, com reflexos verdejantes de esperança, que anuncia o oxigênio espiritual indispensável à vida dos Espíritos! Com folhas abertas e flores perfumosas, mostra-se árvore adulta, tal como fora prevista no Apocalipse pelo Cantor de Patmos; a árvore que serviria para cura e vida dos Espíritos.

A força secreta que produz todas as transformações orgânicas, também produz as transformações psíquicas.

De onde vem essa força? Vem de Deus! Assim como a semente se transforma em árvore, a semente da Palavra de Deus, se transforma em Reino de Deus, pela força do progresso que domina todas as coisas.

A palavra de Jesus ampliou-se, desenvolveu-se e, por sua ação, fez desenvolver em seu seio, uma genealogia inteira de entes diferentes na forma e na grandeza, que vão anunciando a todos o Reino de Deus.

O Reino de Deus, até a pouco, substituído pelo reino do mundo, já está dando frutos de amor e de verdade, que permanecerão para sempre e transformarão o nosso planeta em estância feliz, onde os Espíritos encontrarão os elementos de progresso para a sua ascensão à vida eterna!

Cuidemos da semente que está dentro de nós, sejamos solo fértil na obra de Jesus e, certamente, Deus nos abraçará em Seu amor!

(Parábolas e Ensinos de Jesus)

5 - Parábola do Semeador - itens 5 e 6.

Jesus ia de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, pregando e evangelizando pelo Reino de Deus. Acompanhavam-no os doze e algumas mulheres, que tinham sido livradas dos Espíritos obsessores e curadas de enfermidades. Maria, apelidada a Madalena; Joana, mulher de Cusa; Susana e muitas outras que O assistiam. Como o cercasse grande multidão de todas as cidades, disse Ele esta parábola: O semeador saiu a semear a sua semente, e enquanto o fazia, uma parte dela caiu a margem do caminho, foi pisada e os pássaros do céu as comeram, - outra parte caiu sobre pedras e, por falta de húmus, secou, logo depois de haver germinado, - outra parte, finalmente caiu em boa terra, germinou e frutificou, produzindo cem por um. E dizendo isso, exclamava: Quem tem ouvidos de ouvir, ouça.

E os discípulos lhe perguntaram o que queria dizer aquela parábola? Ele respondeu: Dado vos foi conhecer o mistério do Reino de Deus; mas aos outros só por parábolas se lhes fala, a fim de que vendo não vejam e ouvindo não compreendam.

Eis o que quer dizer esta parábola: A semente é a palavra de Deus.

A que cai junto do caminho, indica os que ouvem a palavra, mas cujos corações deixam-se arrastar pelos prazeres e orgulho, deixam arrancar o conhecimento dos seus corações.

As que caem sobre pedras indicam, os que, tendo ouvido, recebem com alegria a palavra; Porém não criam raízes, porque só creem durante algum tempo, retrocedendo assim que chegam as tentações.

A parte que cai nos espinheiros corresponde aos que escutaram a palavra, mas é abafada nos corações pelas preocupações terrenas, pelas riquezas, pelos prazeres da vida física e não produz frutos.

A boa terra, onde cai a última parte das sementes são os que, ouvindo a palavra, a guardam em seus corações corretos e excelentes e delas tiram frutos pela paciência.

Vede, pois, de que modo ouvis; porque mais se dará àquele que já tem e ao que não tem se tirará até o que julgue ter.

Voltando-se aos discípulos, disse-lhes: Felizes os olhos que veem o que vedes, porquanto vos digo que muitos profetas e reis desejaram ver o que vedes e não viram, ouvir o que ouvis e não ouviram. Lucas, capítulo 8, vers. 1 a 23.

Encontramos esta Parábola do Semeador em Mateus, Marcos e Lucas. Proferida pelo Mestre para o povo daquela época, e continua atual!

Aquele que semeia, saiu a semear; e semeando, uma parte caiu ao longo do caminho e os pássaros do céu, vieram e comeram. Outra parte caiu em lugares pedregosos onde não havia muita terra; as sementes logo brotaram, porque careciam de profundidade a terra onde haviam caído, levantou-se o Sol e as queimou, e como não tinham raízes, secaram. Outra parte caiu nos espinheiros e estes, cresceram, as abafaram. Outra, finalmente, caiu em terra boa e produziu frutos, dando algumas sementes cem por um, outras sessenta e outras trinta. Ouça quem tem ouvidos de ouvir. Falando das sementes que caíram a beira do caminho, Jesus alerta ao que escuta a palavra e não lhe dá a atenção devida, ressaltando o perigo que corre por estar sujeito às tentações que desestruturam as bases frágeis, mal alicerçadas pela incompreensão, pela pouca vontade em colocar as palavras no coração.

O Codificador, intuído pelos Espíritos Superiores, diz que para muitos não passam de letras mortas e não dão qualquer fruto.

São como pessoas que chegam às Casas Espíritas, ou em outras casas religiosas, ficam durante anos, mas nada aprendem ou pouco aprendem. Leem, estudam, participam de estudos, mas não mudam uma vírgula nas suas vidas. Frequentam uma casa religiosa, socialmente, para terem uma religião. E se apressam a sair das reuniões, como se fosse um pesado fardo, aquelas poucas horas ali passadas.

A semente que caiu em lugares pedregosos, Jesus compara àquele que escuta a palavra e que recebe com alegria no primeiro momento, mas não tendo raízes, dura apenas algum tempo.

Kardec nos fala dos que se preocupam com o lado brilhante das comunicações; dos que chegam com mil ideias diferentes, dispostos a fazer isso ou aquilo, mas, quando chamados a participar, pondo as ideias em prática pelo trabalho, logo desistem. Alegam vários compromissos que não

lhes dão tempo para a causa. Vemos ainda aqueles que só buscam o Espiritismo para lhes proporcionar a cura dos seus males. E quando obtém uma melhora, mesmo temporária, afastam-se, alegando não precisarem mais do tratamento, pois se curaram.

Ou então, aprendem um pouco de religião e acham que sabem muito e, ao primeiro problema que surge, sucumbem.

A parte da semente que caiu nos espinheiros, Jesus assemelha aquele que escuta a palavra, mas, logo, os cuidados das ilusões e da riqueza abafam a palavra e a tornam infrutífera.

Kardec refere-se àqueles que reconhecem os bons conselhos, mas para serem aplicados para os outros, e não para si próprios.

Também temos os que se dizem espíritas e dão prioridade aos compromissos profissionais, sociais etc. Não perdem oportunidades de descanso, tirando férias prolongadas dos compromissos assumidos, passando a outros a tarefa que lhes competia realizar. Tratam a religião como o próprio emprego. Os cuidados materiais ainda prevalecem sobre os cuidados espirituais. É a triste situação em que se encontra grande parte da humanidade. Sufocada pela matéria.

A parte da semente que caiu em boa terra e produziu frutos, equipara-se àquele que escuta a palavra, presta atenção e em que ela produz frutos. São aqueles que apreendem a instrução do Evangelho, são sementes que caem em boa terra.

Graças a Deus, muitos já fazem parte dessa sementeira e se podem dizer cristãos e espíritas de fato. Sacrificam horas de folga, férias profissionais, descansos semanais, bens materiais, maiores ganhos financeiros, para se dedicarem verdadeiramente à religião, como apóstolos do Cristo na era moderna.

Nós podemos chegar lá, se optarmos como tantos, por servir ao Cristo com perseverança, coragem, abnegação, se já entendemos que o sacrifício só é aparente, porque nenhum gozo da Terra pode nos trazer a alegria, o prazer e a verdadeira felicidade, que o trabalho com Jesus nos proporciona.

As explicações que Jesus deu da Parábola do Semeador era o que convinha aos Espíritos encarnados daquela época e que os apóstolos necessitavam para sair em suas missões, e as mesmas explicações continuam atuais.

"Muito será dado ao que já tem; ao passo que aquele que pouco tem, mesmo esse pouco lhe será tirado".

Isto quer dizer "Que aquele que deseja progredir e se esforça por consegui-lo, de todos os lados terá amparo; enquanto que o outro, o que tem pouco, indiferente ao que lhe foi dado, negligente em guardar o que recebeu, deixará que as erradas paixões se apossam do seu coração, que os vícios e erros, que o oprimirão durante séculos, tomem lugar das poucas virtudes que possui".

A Parábola do Semeador é a parábola das parábolas.

Jesus clareia a ideia do humano sobre a outra vida, mostra Deus como o Pai misericordioso que é.

Jesus levantou o véu para esclarecer as inteligências e a luz permaneceu.

A cada dia, a luz do Evangelho brilha mais e os Enviados do Senhor nos ajudam a cada dia a aprender mais.

Busquemos em Jesus a nossa felicidade.

Sejamos a boa terra em que caiu a semente e frutifiquemos.

Jesus, o Celeste Amigo, estará sempre nos ajudando neste cultivo. Hoje, aqui nesta casa, estamos começando o cultivo.

Assim seja!

(O Reformador - 08/97)/(Elucidações Evangélicas)

6 - Sede Perfeitos - O Dever - item 7.

Chegou um dos escribas e, tendo ouvido a discussão e vendo que Jesus lhes havia respondido bem, fez-lhe esta pergunta: Qual é o primeiro de todos os mandamentos?

Respondeu Jesus: O primeiro é: Ouve ó Israel: O Senhor é nosso Deus, o Senhor é um só; e amarás teu Deus de todo o teu coração, de todo o teu Espírito, de todo o teu entendimento e de toda a tua força. O segundo é: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior que estes.

Disse-lhe o escriba: Na verdade, Mestre, disseste bem que Ele é um; e não há outro senão Ele; e que amá-Lo de todo o coração, de todo o entendimento e de toda a força, e amar ao próximo como a si mesmo, excede a todos os holocaustos e sacrifícios.

Vendo Jesus que ele falava sabiamente, disse-lhe: Não estás longe do Reino de Deus. E ninguém mais ousava interrogá-lo. Marcos, capítulo 12, vers. 28 a 34.

Três são os deveres indispensáveis à criatura humana:

1.o - para com Deus;

2.o - para consigo mesmo;

3.o - para com o próximo.

Nisto Jesus resumiu a lei e os Profetas.

Sendo Deus o autor da nossa existência, o nosso verdadeiro Pai, devemos dedicar primeiramente a Deus, todos os nossos haveres, a nossa própria vida.

Os deveres do ser humano estão em relação com o seu grau de adiantamento, com as suas aptidões físicas, intelectuais e psíquicas.

Ninguém pode dar senão o que tem, mas fora de dúvida, devemos dar a Deus tudo o que temos. Todos os haveres que damos a Deus são retribuídos com centuplicados juros, devemos aproveitar todas essas dádivas para proveito próprio e em proveito do próximo. É do cumprimento desses deveres que começa a felicidade.

Realizados os deveres que temos para com Deus, devemos tratar daqueles que se relacionam com a nossa própria individualidade. Essas obrigações são de natureza material, intelectual e espiritual.

A criatura humana está na Terra para progredir espiritualmente, e esse progresso depende do bom emprego que se faz do tempo para zelar do seu corpo físico, proporcionando-lhe manutenção, cultivando o Espírito, oferecendo-lhe luzes: Luzes de vida eterna; luzes de sabedoria verdadeira; luzes de moral perfeita.

O corpo físico é intermediário para receber as manifestações exteriores; é preciso que o tratemos e nos utilizemos dele como quem trata de uma máquina para executar o trabalho que está encarregado.

O Espiritismo abrange a parte material e psíquica do indivíduo; exige tratamento do corpo físico e cultivo do Espírito, sem detrimento um do outro. E devemos fazer o mesmo para com o próximo.

Próximo é aquele que se aproxima de nós, seja em corpo físico, seja em Espírito.

Há próximos que estão longe de nós e próximos que estão perto de nós.

Na esfera do Espírito há a lei da similaridade. No terreno da matéria a lei da atração.

Os principais próximos são os que estão ligados pela lei da afinidade psíquica, ou seja, espiritual.

Os próximos secundários são os que se valem de nós para suprir as suas necessidades; necessidade de ordem material ou de ordem espiritual, porque nossos deveres para com o próximo, para com nós mesmos e para com Deus, são de ordem material e espiritual.

O ser humano que cumpre o seu dever, a nada mais fica obrigado. Quando faz o que pode, Deus faz por ele o que ele por si mesmo não pode fazer.

Feliz daquele que faz tudo o que pode e deve fazer, pois esse é o bom emprego do talento para aquisição de novos talentos.

Três são os deveres indispensáveis do ser humano: Para com Deus, para consigo e para com o próximo.

O preceito é este: Ama a Deus; ama a ti mesmo; ama ao teu próximo. Instrui-te e procura instruir o teu próximo. Faze tudo isso de todo o teu entendimento, de todo o teu coração, de todo o teu Espírito, com todas as tuas forças.

Não há outros mandamentos. Estes são os deveres do verdadeiro cristão. São os ensinamentos que Jesus nos deixou e que devemos seguir.

Hoje, o ser humano fazendo um superficial exame, verá que está mais preocupado em descobrir os seus direitos do que os seus deveres, esquecendo-se de sua parcela de contribuição a favor da evolução da humanidade.

São poucos os que indagam: O que devo fazer? E são muitos os que alertam: Isto é meu direito! Atualmente há um choque entre dever e direito, pendendo a balança viciada para os direitos, considerando o dever um incômodo contrapeso da civilização.

Ao Espírita-Cristão, cabe esposar o princípio do cumprimento das obrigações, que o leva a pensar em "fazer aos outros aquilo que quereríamos os outros nos fizessem".

Os "deveres" não devem ser cumpridos dolorosamente. Não há mérito em praticar o certo e o bem como quem transporta carga pesada demais, fazendo tudo amuado, desejoso de recompensa. Nós só estamos perto da nossa "origem divina", quando sentimos paz em amar o nosso próximo, quando houver desprendimento espontâneo das coisas materiais, quando a renúncia não pesar, fazendo os pés se arrastarem, deixando entrar a alegria íntima.

Quando tivermos o impulso generoso de dar-se a si mesmo, em favor dos que sofrem, estaremos penetrando no clima espiritual do Espiritismo-Cristão. Este clima é o mesmo que sustentou Simão Pedro, quando caminhou pelo mar revolto de Genesaré ao encontro com o Mestre, superando as tempestades e ameaças do mundo.

Para isso, precisamos de revisão cotidiana. Examinemos o nosso comportamento, quando somos convocados a viver as lições da caridade. Procuremos identificar se já não sentimos as emoções do Céu dentro de nós.

Nós temos direito de maioria espiritual, para isso devemos aceitar os deveres paralelos, tendo a certeza de que, a independência de decisões e de atos, exige correção de aspirações no código divino da conduta equilibrada.

O dever está sempre nos chamando ao trabalho.

Estaremos aguardando em vão a hora de trabalho nobre, no campo da espiritualidade, enquanto sustentarmos as mãos vazias, desocupadas das pequenas tarefas que nos pedem paciência e perseverança.

A todo o momento, em toda parte, segundo a segundo, o sofrimento do nosso irmão baterá às portas do coração, rogando amparo.

Verifiquemos o nosso relógio. Soou a hora.

Não esperemos que o trabalho seja recolher bênçãos, se ainda não nos empenhamos em preparar o solo para a sementeira do amor.

A dor nos buscará, rogando manifestação de resignação e de luz de conselhos, transportada para irmãos angustiados e rebelados, onde então, a nossa bondade há de fazer-se presente, a fim de amparar os filhos da aflição.

A Maledicência seguirá nossos passos, estabelecendo a necessidade do perdão e a prática do esquecimento das ofensas, para que o maledicente, abandone, pouco a pouco, o charco onde se arrojou.

A nossa família poderá tornar-se o preâmbulo de uma tempestade de recriminações, e com isso, seremos candidatos mais próximos a indulgência, para que um dia o Sol da paz esteja presente em nosso lar.

A enfermidade passageira e também a que se mostra rebelde a todos os tratamentos, poderá nos procurar dentro do ninho doméstico, na pessoa de um parente sem arrimo ou de alguém que seja caro ao nosso coração, e a prece e a calma serão amparo celeste aos que sentem o Espírito atravessado pela adaga da revolta.

Verifiquemos sempre o nosso relógio. O momento da prática do certo e do bem surge a cada minuto, criando a verdadeira noção do tempo espiritual. Devemos valorizar a oportunidade de servir, cultivando virtudes de duração eterna.

Libertemos os nossos olhos das paisagens de rotina que imantam a nossa visão, e encontraremos o trabalho que o Senhor nos confia, na hora certa, onde estivermos e que dependerá unicamente da nossa boa vontade.

Quando o trabalhador converte o trabalho em alegria, o trabalho se transforma em alegria do trabalhador.

Na formação e complementação de qualquer trabalho, é preciso compreender para sermos compreendidos.

Servir além do próprio dever não é bajular e sim entesourar apoio e experiência, simpatia e cooperação.

Não esqueçamos dos nossos deveres, através deles nos tornaremos melhores.

Que Jesus nos abençoe!

(Parábolas e Ensinos de Jesus)/(Vida Futura -R. Jacinto)

7 - A Virtude - item 8.

Virtude - é disposição habitual para o certo e o bem, para o que é justo. O sublime da virtude consiste no sacrifício do interesse pessoal para o bem do próximo, sem intenção oculta.

No capítulo VI do Evangelho Segundo o Espiritismo, o Espírito da Verdade fala-nos do devotamento e da abnegação, afirmando que a sabedoria humana reside nessas duas palavras. E ainda nos diz que, se adotarmos por divisa essas duas virtudes, seremos fortes, porque elas resumem todos os deveres impostos pela caridade e a humildade.

Devotamento, dedicação - Dedicar-se a um trabalho com amor e desprendimento em favor do próximo é devotamento. Assumindo uma tarefa, a valorizamos, quando realizamos com dedicação, sem medir esforços ou sacrifícios, o que precisamos verificar em nossos compromissos de quaisquer espécies.

Seremos reconhecidos como verdadeiros cristãos, discípulos de Jesus, pelas corretas e boas obras que realizamos e, por mais insignificante que elas sejam aos olhos dos seres humanos, revestem-se de maior valor espiritual pelo devotamento com que as produzimos, isto é, com zelo, com sacrifício, com amor, com incansável dedicação.

Quando nos dispusermos a fazer algo na gleba do Senhor, indaguemos se estamos revestidos do carinho que caracteriza o devotamento.

Nos primeiros passos da caridade, as vezes temos certa relutância e até errada vontade, mas com o transcorrer do tempo as nossas disposições de sentimentos progridem, elevando-se, até chegarem nas desejadas expressões de devotamento. Necessitamos de um pouco de paciência para atingir a condição ideal da prática da caridade.

O devotamento, de um modo geral, deve envolver tudo o que fizermos, e não apenas os serviços que dedicarmos ao próximo. O devotamento será o apanágio da atividade dos seres humanos no terceiro milênio.

O devotamento ou dedicação deve haver no nosso trabalho; no interesse de aprender mais, no nosso lar, com os nossos filhos, nossa família; na escola; com os nossos objetos, os quais usamos; no tempo para as atividades beneméritas que assumimos; nos atendimentos às criaturas etc.

Devotamento - é o amor que dedicamos a todas as nossas tarefas. Estudando o Evangelho de Jesus vai crescendo em nós o desejo de praticar o devotamento e a abnegação, e para isso, primeiramente, precisamos nos amar e depois instruir-nos.

Pergunta 912 do Livro dos Espíritos:

- Qual o meio mais eficaz de se combater a predominância da natureza corpórea?

- Abnegar-se!

A abnegação é também uma virtude de sublimação, porquanto das mais difíceis.

Pelo devotamento podemos chegar a abnegação, pois quem se devota a uma causa nobre, reconhecida pela consciência e aceitando-a com sinceridade, por ela pode abnegar-se.

A história da humanidade está plena de exemplos de abnegação.

A própria presença de Jesus Cristo no mundo dos humanos, é um ato incontestado de abnegação. Ele sabia das consequências de Sua missão, pois tinha a presciência de que nenhum outro Espírito, dentre os comprometidos com a evolução da Terra, teria a condição de cumprir a tarefa de trazer ao Orbe terrestre, a sabedoria do Evangelho que o Pai lhe confiara.

Há dois sentidos para o termo abnegação; no sentido amplo - abnegação é renúncia, ou sacrifício de alguém a tudo quanto tenha de egoísta nos seus desejos; e no sentido restrito, como sacrifício voluntário de si mesmo em benefício de outrem ou de outros.

Em Mateus, capítulo 16, vers. 24 e Lucas, capítulo 9, vers. 23 - registram as palavras de Jesus: - "Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-me". É preciso para isso, abnegação do egoísmo para a conquista de uma vida divina.

É óbvio que isso não é fácil, mas é a verdade. E é isso que o Senhor nos propõe em Sua Magna Doutrina. Nós é que somos indolentes ou talvez imaturos.

Não devíamos ser imaturos porque estamos diante de uma nova era, vivendo a plenitude dos tempos preditos. Já não nos ameaça a tortura nos calabouços inquisitórios, nem o calor das fogueiras. E na condição de Espíritas, não devia haver imaturidade. E Emmanuel em seu livro "Re-

ligião dos Espíritos" nos diz: "Espírita deve ser o nome do teu nome, ainda mesmo que respires em aflitivos combates contigo mesmo".

Para sermos "abnegados", ao que temos de renunciar?

Ao nosso orgulho, mascarado de amor próprio, à nossa vaidade de não querer parecer vaidoso, sem abandonar, no entanto, a autossuposição de ser o melhor, o mais inteligente ou de maior nível. Nada disso é fácil, porque, no fundo, predomina ainda em nós o jugo do egoísmo, que nada tem de suave.

Para Blaise-Pascal (1623-1662), inventor da primeira máquina de calcular, aos dezenove anos de idade, por amor e abnegação, pois sacrificava o tempo, o destinando às ciências e matemáticas, a fim de criar um instrumento que facilitasse o penoso trabalho de seu pai, "A abnegação é o amor de Deus através da negação de nós mesmos", ou seja, a extinção do EU odiento, capaz de ser mau e execrável.

Na questão 709 do livro dos Espíritos, Allan Kardec indaga dos Espíritos reveladores, se cometeram crime os que sacrificam seus semelhantes acoitados pela fome. Isto é, se alguém mata, pela contingência da fome, o instinto de conservação não lhe atenua o delito?

E os Espíritos respondem que, em tal situação, há homicídio e crime de lesa Natureza, classificando como dupla falta, pois há mais merecimento em sofrer todas as provações com coragem e abnegação.

Na questão 890 do livro dos Espíritos, os Espíritos ensinam que, no ser humano, o amor materno e filial, persiste pela vida inteira e comporta devotamento e abnegação.

Praticando a abnegação, a criatura humana tem condição de superar o predomínio da natureza corpórea. Coloca-se acima de qualquer de suas carências ou necessidades.

Allan Kardec, elucida-nos que a fraternidade pressupõe desinteresse e abnegação da personalidade. Tentando alcançar a profundidade do ensino do Codificador, convencemo-nos que a verdadeira fraternidade não pode prescindir do valor da abnegação.

As coisas que são decorrentes de princípios egoístas, elas são as mais difíceis de desarraigar, e para isso é preciso abnegar-se da personalidade, o que constitui sinal de grande progresso.

Como se abnegar da própria personalidade, se a personalidade constitui a síntese estrutural do Espírito, o conjunto característico de todos os seus traços a ele agregados, ao longo da existência, nesta e nas anteriores encarnações?

Abnegar da personalidade não é destruí-la, renunciá-la ou negá-la, mas sim, purificá-la, desarraigando dela todos aqueles traços sob os quais possam ocultar-se os germens do egoísmo.

É um progresso difícilimo, e às vezes, penoso. É a razão pela qual cerca de dois mil anos de Evangelho não conseguiram libertar o ser humano de suas mazelas morais. Olhamos em nossa volta, e nos espantamos com o progresso da tecnologia em contraste com tanto ódio e tanta dor.

A abnegação representa o bisturi indispensável a essa delicada cirurgia nos tecidos do Espírito e sob a anestesia da alegria cristã.

"Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me".

Não é e nem será num passe de mágica que seguiremos a Jesus: "... e tome cada dia a sua cruz,...". É um processo e um exercitamento consciente.

É preciso ter coragem para se auto examinar a cada passo. A abnegação constitui um excelente instrumento de autopurificação, quando temos a coragem de olhar-nos de fora para dentro.

Foi difícil para o moço rico deixar os seus bens, distribuí-los com os pobres e seguir Jesus. Colocamo-nos em seu lugar. Jesus não o censurou, aproveitou a oportunidade para prevenir-nos, advertindo-nos de que é bem mais fácil passar um camelo pelo buraco de uma agulha.

Hoje não temos as mesmas dificuldades encontradas pelo moço rico. Ele fora tocado pelo Verbo de Luz do Embaixador da Divindade, mas faltava-lhe o amadurecimento e conscientização evangélica. Os traços egoísticos enraizados na sua personalidade eram muito grandes, entorpecia-lhe a consciência.

A consciência cristã nos coloca em condição diferente.

Quantos de nós já não estivemos na situação do moço rico de ontem? Maravilhados com os ensinamentos de Jesus, mas com a personalidade dominada pelo egoísmo.

A abnegação e o devotamento são uma prece contínua e encerram um ensinamento profundo.

Por que o apego obstinado às coisas que são próprias deste mundo, que não podemos levar daqui, pois não somos daqui?

Por que não o devotamento sincero ao desenvolvimento de conhecimentos e trabalhos em prol de tudo que nos possa libertar das causas do erro e da aflição?

Não sabemos até quando estaremos presos ao corpo carnal, mas temos consciência de que através da fonte inesgotável do Evangelho, suave se tornará o jugo decorrente do nosso fracasso do ontem e leve, muito leve, o fardo de nossas provações, que sabemos justas.

"Vinde a mim, vós que sois bons servidores, vós que soubestes impor silêncio aos vossos ciúmes e às vossas discórdias, a fim de que daí não viesse dano para a obra".

A abnegação é mais do que renúncia ao eu ignorante e perverso. Abnegação é a exercitação do amor supremo, é prática de altíssima qualificação espiritual e exige que o ser se compenetre de sua condição de Espírito em busca de luz...

Busquemos Jesus. Busquemos o Seu evangelho e passaremos a ter compreensão do devotamento e da abnegação necessários à glória com Jesus!

(Manual Prático do Espírita)/(O Livro dos Espíritos)/(Reformador - 02/97)

8 - Superiores e Inferiores - item 9.

Autoridade - direito de se fazer obedecer; influência; prestígio; pessoa competente num assunto; mestre.

Quando falamos de autoridade, lembramos de alguém importante, mas todos nós exercemos esta função.

Em nossa casa, o pai e a mãe são autoridades e os filhos subalternos, para receberem educação, conhecimentos, que um dia também passarão a outros.

Na sociedade em que vivemos, somos subordinados às suas leis. Enfim, em todos os setores de nossa vida, ora somos autoridades, ora somos subordinados.

Saber ser autoridade e saber ser subalterno é a questão. E para isso é necessário ser humilde, ter respeito e abnegação.

Em qualquer das posições que o ser humano se encontre, deve agir com lealdade, honestidade, não esquecendo que em existência recente foi autoritário e agora se encontra em condição de secundário para aprendizado, ou é uma autoridade para aprender a doar, abrandar o coração.

A autoridade não deve ser praticada com arrogância e tão pouco o subordinado também não deve ser arrogante.

Somos subordinados às leis civis, que disciplinam nossas relações sociais, pois sem elas não há ordem, nem segurança ou equilíbrio.

A vida comunitária seria impossível, se não tivesse por base que o nosso direito termina onde começa o do próximo.

Ao nosso bel prazer não se pode desrespeitar uma autoridade, roubar, invadir a propriedade alheia, subjugar pela força, violentar.

Há a necessidade de saber o direito e o dever da autoridade e do subordinado. Ambos precisam de amor para realizar sua missão. Não deve haver aversão de um para o outro, deve haver consciência de suas obrigações.

Vemos, muitas vezes, pessoas abusando de sua autoridade e vemos também secundários não cumprindo suas obrigações com empenho.

Nós todos carecemos da obediência e através dela, estamos abrindo canais para outras virtudes. Nós precisamos do esforço mútuo, de troca permanente de uns para com os outros, para atingir a meta evolutiva.

Todos nós vivemos em agrupamentos. As pedras, as Estrelas, tudo obedece a uma lei, a uma vontade soberana. Tudo se agrupa para melhor harmonia da criação.

Para entrarmos na evolução reta, não conseguiremos sem obediência porque não há fé sem obediência, não existe caridade sem obediência, não aparece amor sem obediência.

Para sermos autoridades e subordinados, precisamos de obediência, disciplina.

Na Terra temos exemplos de grandes autoridades, que nos legaram exemplos que devemos seguir.

Vamos conhecer um pouco do grande Mahatma Gandhi, que tinha tanta autoridade e se fez tão humilde pelo bem do seu povo.

Chamavam-no de Mahatma - que significa Grande alma e Bapu = Pai.

Gandhi tinha convicção de que não tinha o direito de magoar nenhum ser vivo, muito menos seres humanos como ele. Sabia que se empenhando pela não violência estava correndo risco, mas as vitórias jamais foram alcançadas sem risco.

Ainda hoje o Espírito de Gandhi age na esfera de seus irmãos de raça, e não conseguiu eliminar os absurdos do seio do grande povo de iniciados e profetas, pelas suas imperfeições.

Gandhi pregava que o bem do indivíduo está contido no bem comum.

Que o trabalho do advogado tem o mesmo valor que o do barbeiro, na medida em que todos têm o mesmo direito de ganhar sua sobrevivência graças ao trabalho.

Que o seu esforço nunca deve ser o de diminuir a fé do outro, mas torná-lo um melhor seguidor de sua própria fé.

Raciocinemos: Não é o que lemos nas obras Espíritas de autores encarnados ou desencarnados?

Gandhi acreditava introduzir a verdade e a honestidade na vida política do país. Acreditava na evolução contínua do ser humano. Guardava dentro de si a certeza do progresso de seus irmãos.

Pensava o melhor para a Índia, cujos habitantes no passado seriam um dos ramos da massa de proscritos de Capela, exilados no planeta, o país das primeiras vozes da filosofia e da religião no mundo terrestre.

Do plano espiritual extravasou Emmanuel sua simpatia por Gandhi. Cita Gandhi no capítulo V, de A caminho da Luz.

Gandhi foi o arquiteto da independência da Índia, foi a combinação única de um político extremamente hábil e um humanista cuja dedicação estava próxima da santidade.

Sentiu o racismo na própria pele, mas seguiu o seu objetivo sem jamais se desviar de suas concepções éticas, políticas e filosóficas: O princípio da não violência.

A maior autoridade que a Terra recebeu até hoje é o Mestre Jesus!

Sua autoridade era o amor, a bondade, a dedicação. Qualquer um que se aproximava Dele, sentia o Seu olhar, a Sua autoridade.

Os Espíritos imperfeitos deixavam imediatamente de praticar o erro, quando O avistavam.

Jesus curou os cegos de nascença, surdos mudos, epiléticos, doidos e lunáticos, paralíticos, reumáticos e leprosos; sarou enfermos de todas as castas que a Ele recorreram em busca do maior bem temporal - A Saúde!

Jamais pretendeu que o chamassem de médico ou clínico.

Frequentava as sinagogas onde atendia sofredores e ensinava ao povo, verdades, mas nunca se deixou chamar levita ou sacerdote.

Jesus predisse a queda de Jerusalém e fez várias profecias. Penetrava o íntimo dos seres humanos, até os arcanos mais secretos, mas não pretendia o título de vidente ou profeta.

Realizou maravilhas: Alimentou mais de 5.000 pessoas com 3 pães e 2 peixes; acalmou tempestades, impondo autoridade inconcebível às ondas revoltas do oceano. Ressuscitou a filha de Jairo, o filho da viúva de Naim e Lázaro. Transformou a água em vinho nas bodas de Canaã, e operou muitos prodígios, e com isso não deixou que o considerassem milagreiro ou taumaturgo.

Jesus aclarava as páginas escriturísticas, fazendo realçar a letra que mata, do espírito que vivifica, mas não se apresentou como ministro da palavra.

O único título que Jesus deixou para si foi o de "Mestre" (Rabi), ainda que fizesse jus a outros. Este título foi-Lhe reverenciado porque realmente Jesus é o Mestre Excelso, o Educador incomparável.

Sua fé que a redenção humana é possível, mediante a educação, acordando as energias espirituais. Sua crença é firme na regeneração dos errados, na renovação de nossa vida.

Educar é remir. O filho de Deus deu-Se em sacrifício pela causa da liberdade humana.

A cruz em cima, no calvário não representa a sublime tragédia do amor divino: Representa o símbolo, o atestado da fé viva e inabalável que Jesus tem na transformação dos corações, na conversão dos Espíritos.

"Quando eu for levantado no madeiro, atrairei todos a mim".

Todos! Não uma parcela, mas a totalidade. É a Sua crença na reabilitação de todos.

Dirigindo-se aos Seus discípulos disse: "Um só é o vosso Mestre, a saber - O Cristo... Portanto, a ninguém chamais de Mestre, senão a mim".

Jesus rejeitou o cetro, o trono, a realeza, alegando que o seu Reino não é deste mundo. Dispensou a glória e as honras terrenas: Um só brasão sustentou: O de mestre. Ser mestre é ser educador.

"Eu sou a luz do mundo, sou a verdade, sou o pão que desceu do Céu". Proclamou Jesus.

Esparzir luzes, revelar a verdade, distribuir o pão do Espírito, é a obra da educação. - Tal é a missão do Redentor da humanidade.

Com todo este ensinamento, não deve nos restar dúvidas sobre o Espiritismo, que é o Consolador prometido. Através do Espiritismo poderemos educar, renovar, levando a criatura humana a sua reforma íntima.

Trabalhem com ardor e entusiasmo pelo bem da humanidade, começando pela infância e a juventude desta terra de Santa Cruz.

E Jesus, o Mestre Amado, estará ao nosso lado!

(O Reformador - 11/97)/(O Mestre na Educação)/(Ensinos do Mestre)

9 - O Ser Humano no mundo - item 10.

O ato de orar é um dos mais sagrados da vida, e o nosso Pai celestial espera dos filhos os cuidados correspondentes aos seus valores. O ato de orar constitui uma permuta da vida com vidas, de irmão com irmãos, do filho com Deus.

O ser humano é mais ou menos consciente da bondade do Criador, principalmente quando se encontra em estado de graça, em pleno fervor da oração. Mais ou menos consciente, devido ao seu conhecimento e pequena fé.

Quando nos sentamos em torno de uma mesa, na hora da refeição, alimentamos o corpo físico, e quando em segredo, oramos ao Pai, estamos alimentando o Espírito. Por isso, o Evangelho de hoje nos pede sentimento de piedade ao orar e que purifiquemos nossos pensamentos, para que não tenhamos perturbações ao orar.

As nossas atitudes de amor, também são orações. Tudo o que fazemos com carinho, com bondade, é oração ao Pai, que ama a todos os seus filhos.

Não precisamos ter uma vida mística, porque oramos ou porque evocamos coisas boas mentalmente, pois viemos a este mundo para viver e aprender com os nossos semelhantes.

Nós estamos reencarnados na Terra, por não sermos Espíritos perfeitos e sofremos as duras consequências deste plano.

Viver neste mundo é lutar e sofrer desde o momento que ingressamos pelas portas da reencarnação, porque carregamos conosco a bagagem das experiências e das necessidades, e nos vemos à frente de lutas com o dragão de forças inferiores. A consciência é o general implacável e não dá tréguas, dirige a guerra íntima, a única a levar à vitória, abrindo caminhos para o Espírito erguer-se a Deus.

A vigilância é a arma necessária. Precisamos aprender a vigiar, senão caímos nas armadilhas de lobos, e os que não conseguem vigiar, continuam a ser lobos.

Em Tessalonicenses, o apóstolo Paulo escreve argumentando sobre a necessidade da vigilância, não somente para defesa dos Espíritos, mas também para os Espíritos já maduros para o Cristo.

Vigiar é a primeira defesa do Espírito na batalha consigo mesmo: Policiar as experiências que a consciência selecionou contra as investidas do erro que deturpa, da ignorância que desestimula, da sombra que entristece.

Vigiemos nossos pensamentos, que não devem ser deformados, pois na carne a palavra, conforme a sua estrutura, pode servir de escândalo e a vigilância tem o poder de silenciar o pensamento nascido no fermento do erro. E somente no Evangelho de Jesus, aprendemos a vigilância, que é a força que constrói nos Espíritos as corretas e boas tendências.

Precisa-se vigiar no pensar, no falar, e no viver, para que não sejamos apanhados de surpresa, pelo ladrão da maledicência.

Todos nós fazemos parte de uma grande corrente universal, e cada elo precisa do outro.

A fraternidade não é um mito, é a realidade em todos os ângulos da criação, por isso precisamos viver uns com os outros, aprendendo como se deve viver, porque precisamos avançar de mãos dadas, em busca da felicidade, que não está na riqueza e nem na pobreza: É um estado de espírito que se chama evolução.

A obediência também faz parte do nosso aprendizado, porque ela abre canais para as outras virtudes. Nós precisamos da obediência, pois não vivemos sem o esforço mútuo, sem troca permanente de uns para com os outros, no afã de atingir uma meta evolutiva considerada infinita.

Vivemos em agrupamento em obediência à lei, a uma vontade soberana. Até as pedras, as Estrelas se agrupam, para melhor harmonia da criação.

Se quisermos entrar na evolução reta, não conseguiremos sem a obediência; porquanto não há fé sem obediência; não existe caridade sem obediência; não aparece amor sem obediência. Sejamos obedientes a uma Inteligência Soberana.

A compreensão também faz parte da nossa evolução. Ela é herdeira direta das qualidades de Jesus.

Muitas dissidências já surgiram por falta de humildade e compreensão.

Para sermos compreensivos precisamos estar preparados para aceitar as reações, a conduta, o modo de ser das pessoas, sem pré julgamento ou condenações.

Se procurarmos servir, sem recompensa, temos a compreensão do Mestre Jesus.

A prudência também faz parte da nossa evolução, pois evita muitos dissabores, não somente na vida física, mas no tocante ao coração. Ser prudente é ser feliz, porque a felicidade tem algo de prudente.

Jesus Cristo em Seu Evangelho asseverou: "Meus filhos, sedes mansos como as pombas, e prudentes como as serpentes".

A mansidão é indispensável a todos os Espíritos que vivem no preceito de Jesus, mas a prudência, certamente, não pode faltar. São duas forças que margeiam o Espírito, policiando-lhe o perfume, para que ele conserve o perfume da simplicidade e o sal da prudência.

A prudência é a eterna vigilância de um Espírito, na escalada para Deus. A prudência torna os Espíritos simples como as pombas; e os Espíritos que a possuem conduzem-se com segurança nos caminhos difíceis, criando um clima de perfeito equilíbrio e felicidade espiritual.

Bem-aventurados os prudentes, porque deles é o reino da tranquilidade. Bem-aventurados os prudentes, porque deles são as alegrias duradouras. Bem-aventurados os prudentes, porque deles são as amizades profundas.

Por isso, quando abrirmos a boca para falar alguma coisa, seja no lar, na rua, no trabalho ou no templo, atentemos no que vamos dizer.

Sejamos comedidos na fala, de modo que a palavra não sirva de tropeço. Seja ela bem examinada, temperada com o sal da prudência e com os sons de simplicidade, de maneira que não fira a quem quer que seja, mas desperte, seja em quem for, o certo e o bem.

Sejamos cuidadosos ao falar ao subalterno, não criando clima de superioridade e inferioridade, por imposição. Quando conversamos, deixemos extravasar sentimentos de puro amor e de dever cumprido para com todos.

Quando conversamos com os nossos superiores, sejamos prudentes, meçamos as palavras com paciência e baseemos na sinceridade, desde que as palavras não nasçam do ciúme e da inveja.

Guardemos o que escutamos, e não passemos para frente, sem primeiro examinar o que pode ser falado. Prudência... Prudência! É o melhor.

Não devemos julgar pelas aparências, pois com prudência saberemos de que lado está a razão.

Quando somos atacados, não revidemos com a mesma ofensa. Esperemos prudentemente, porque às vezes, o ofensor está doente.

Quando estamos sendo caluniados, não nos irriteemos, pois em muitos casos, a ignorância está agindo.

A prudência é a chave com a qual podemos trancar as portas, para não sermos atacados.

A gratidão é; uma disposição espiritual poderosíssima e que deve ser cultivada.

A gratidão não deve ser bajuladora e nem tampouco incentivar a vaidade, mas deve reconhecer sinceramente ao coração que nos serviu com desprendimento.

A gratidão não deve ser barulhenta, porque constrange, depaupera, deprime e açoita o coração.

Gratidão cristã é aquela que reconhece, com bases na prece, demonstrando com atos que facilitam a permuta de elementos de vida.

Um sorriso de gratidão, quando está fundamentado no puro amor, vale muito mais do que escrever um livro, ramificado com as mais belas palavras, para mostrar a todos, valores que nem um nem outro possuem.

A gratidão prepara o Espírito para desfrutar da vida em outras dimensões que só ela sabe conseguir. E o Espírito, assim preparado, vê as coisas pelo prisma do equilíbrio; Não se perturba com muita alegria; não sofre mais com a escassez; não chora por lhe faltar tudo; não se desinquieta com grande abundância; não se assombra com a dor; não se tranquiliza demais com a saúde. Mas de tudo tira o bem, vivendo com o que lhe é indispensável.

Sejamos bons para com os que nos servem, sem esperar bondade daqueles a quem servimos. Sejamos tolerantes com os que nos ajudam, sem esperar tolerância daqueles a quem ajudamos. Sejamos amorosos com tudo e com todos, sem exigir comércio no intercâmbio de valores. Porque é dando, mas dando muito, que descobrimos quanto ainda temos de servir com o Cristo.

O ser humano no mundo precisa orar com amor; ser vigilante; obediente às leis do Senhor; ter compreensão para com o seu próximo e ser grato ao Pai celestial pela encarnação em que se encontra, pois é uma dádiva para a sua elevação.

Agradecemos sempre.

Sejamos eternamente gratos por tanta oportunidade.

Estando nesta casa cristã, falando do Pai, falando do Mestre Jesus, já é o começo da nossa modificação para o caminho correto.

E que Jesus nos abençoe!

(Alguns ângulos dos Ensinos do Mestre)

10 - Cuidar do Corpo e do Espírito - item 11.

Temos o costume de dizer: "O meu Espírito", quando devemos dizer: "O meu corpo físico", porque o Espírito é eterno e o corpo físico é apenas um empréstimo para o Espírito estagiar.

O que devemos fazer com alguma coisa que nós pedimos emprestado?

Ter o maior cuidado possível para devolvê-lo perfeito como o recebemos. Assim devemos proceder com o corpo carnal que nos é confiado para uma existência. Este corpo físico emprestado segue um ciclo: É jovem, amadurece e envelhece; mesmo assim, devemos cuidá-lo com amor e respeito, pois é valioso para a evolução do Espírito.

O Espírito não é prisioneiro do corpo físico. Ele necessita deste para ajudar no seu aprimoramento, e quanto mais evolui, menos denso se torna.

O corpo físico precisa ser cuidado, higienizado, bem alimentado. As necessidades de ambos são diferentes: O corpo físico precisa de alimento material e o Espírito precisa de conhecimento e moral.

Judiar do corpo físico como penitência, para purificar o Espírito, é errado, pois todos os desatinos cometidos são realizados pelo Espírito, o corpo físico é apenas um veículo.

Achar o corpo físico horrendo, e não gostar de sua aparência, é desconhecimento das leis espirituais, é não saber que o próprio Espírito o escolheu de acordo com o modo que deveria passar a sua existência terrestre e cumprir às suas provas.

Há pessoas que menosprezam o seu corpo físico, por desconhecimento da sua prioridade, e outras que dão importância demais, em exagero, enfeitando-o demasiadamente; gastando com o seu corpo físico o que as vezes não pode; fazendo questão de se apresentar sempre impecável, esquecendo-se, que é o Espírito a parte mais importante; é ele que deve estar impecável aos olhos do Senhor. Isto é desconhecimento do Espírito, porque está muito apegado à matéria. Tudo deve ser na medida certa.

Cuidemos do corpo físico no que ele necessita; não deixemos a vaidade extrapolar a passagem pela Terra.

O nosso corpo físico sofre as consequências dos nossos vícios, tais como: A gula, o fumo, a bebida, a droga, noites mal dormidas etc. Isto é o nosso egoísmo não cuidando da máquina que nos foi legada por algum tempo.

O corpo físico é a máquina mais perfeita. É criação de Deus para o aperfeiçoamento do Espírito. Respeitemos o nosso corpo físico. Olhem no espelho e admiremos esta maravilha do Criador.

Por provas ou expiações, há Espíritos que precisam de um corpo físico com deformidades físicas ou psicológicas.

O ser humano é Espírito imortal, transitoriamente encarnado na crosta da Terra. Enverga um corpo físico, atendendo a necessidade de adaptação ao meio.

A Sabedoria do Universo não criaria o estágio carnal sem objetivo. Isso ocorre em função educativa. A existência planetária constitui oportunidade ímpar para o desenvolvimento e dignificação do Espírito.

O Espírito prestigiado, com os valores da reencarnação, vê-se desafiado pela vida a mostrar iniciativa e aproveitamento nas possibilidades que usufrui se quer elevação de nível.

A criatura humana precisa de ideal superior para progredir, senão estará sempre no submundo da deficiência na subvida terra a terra.

Fica em ponto morto quem está preso às exigências convencionais da rotina; aos preconceitos sem o mínimo propósito de melhoria; sem anseio de criação individual. Este Espírito teve a vantagem do berço, embora respire, se alimente, procrie, aja e durma, sairá da esfera humana, ao modo de um sonâmbulo que apenas vegetou e sonhou, ao invés de raciocinar e viver.

Todo Espírito é filho das próprias obras. Por isso há uma luta entre o hoje e as inferioridades do passado.

Todos nós somos irmãos. E irmãos acordam mutuamente para o trabalho. E se alertarmos uns aos outros para deixar o repouso indébito a que nos afeiçoamos muitas vezes, sem pensar, estaremos intimados a viver e progredir.

A Doutrina espírita descerrando o conhecimento da reencarnação é a escola de renovação e esperança. Ela explica aos que sofrem que, o destino pode ser mudado para condições melhores ou

piores, todos os dias, dependendo disso de nossa atitude para com a existência e para com a nossa consciência.

Devemos aprender a receber, todos juntos, em paridade de direito, os benefícios da vida.

Sejamos leais a nós mesmos e reconheçamos que, até o dia do nosso ingresso nas perfeições do Espírito, somos de um modo ou de outro, inteligências em aprendizado e seres incompletos.

No nosso planeta contam-se milhões de portadores de deformidades físicas e psicológicas. Estabeleçamos com eles o diálogo preciso. Nada de frases piedosas, lhes deplorando a condição temporária; elas são como punhais que lhes encravam o coração.

Nós estamos todos aqui para evoluir, uns à frente dos outros.

Os que se encontram em situação desvantajosa não querem lágrimas, mas sim, apoio seguro para que se desvencilhem dela.

Procuremos afastar do isolamento e da timidez os nossos semelhantes internados nessas provas. Conversemos de igual para igual, recordando que há milhares de cegos, surdos, detentores de defeitos físicos ou egressos de hospitais, em várias partes da Terra, e que estão trabalhando em favor da humanidade.

A ortopedia e a cirurgia plástica têm papel importante para ajudar os tidos como inaptos, então ajudemos nossos irmãos a se aproximarem da medicina, para atenuar os seus problemas e improvisar realizações em favor dos necessitados.

Amparemos aqueles que têm organismo perfeito, do ponto de vista morfológico, mas que transportam consigo conflitos interiores e se abandonam na angústia. Façamos que eles entendam que, os empecos do corpo físico ou de Espírito, servem de derrota simplesmente para os fracos de caráter.

Tudo é lição no clima do Espírito. Cada encarnação é uma nova esperança do Espírito.

O desespero nunca remediou qualquer situação; piora sempre todas as causas e todas as situações.

Durante o trânsito carnal, às vezes, temos a impressão que o carro orgânico prosseguirá deslizando sempre pelas estradas atapetadas de juventude, do prazer, das programações agradáveis. Enfermidade, sofrimento, envelhecimento, morte, são ocorrências que atingem somente outras pessoas, nunca a nós.

Pensávamos que o anjo da morte somente descesse suas asas sobre os outros, a fim de arrebatá-los, não imaginando que isso pudesse acontecer conosco.

Lentamente despertamos para a realidade corporal.

A forma física cheia de vigor, a mocidade risonha e o encantamento feliz cedem lugar às modificações da estrutura física, ao envelhecimento, à decrepitude, aos dissabores, quando a morte não os precede, de forma inesperada, implacavelmente.

Os acidentes de veículos arrebatam vidas humanas com volúpia crescente, e os esportes violentos quanto perigosos, carregam homens e mulheres juvenis, demonstrando que não há prazo estabelecido para o encerramento da jornada, nem preferência exclusiva pelos enfermos, pelos desditosos e envelhecidos.

É necessário que acordemos para os impositivos da imortalidade, conscientizando-nos dos elevados objetivos da existência corporal. Estamos mergulhados no oceano da imortalidade, queiramos ou não.

O corpo físico que o Espírito se utiliza, é como um escafandro adequado para a experiência da evolução mediante o processo reencarnatório. É útil, mas tem sua utilidade limitada, efêmera, e que cessa logo esteja concluído o objetivo para o qual é utilizado.

A vida não sucumbe diante da morte.

Tudo no mundo experimenta contínuas transformações, incessantes alterações. Façamos uma análise mais profunda e perceberemos que o milagre da imortalidade se apresenta em todo o processo evolutivo.

Há um incessante progresso natural e um inestancável desenvolvimento, que se apresenta, a cada momento, sempre mais enriquecedores e intérminos.

A vida não cessa, prossegue, abençoada, alvissareira após o túmulo, dando curso a esse movimento de sublimação.

Reflitamos a respeito da transitoriedade carnal, e elaboremos programas de qualidade superior, para darmos prosseguimento quando encerrarmos o ciclo orgânico.

Viveremos e seremos caracterizados pelos nossos pensamentos, palavras e ações da atualidade, que verterão do inconsciente, tomando-nos por inteiro e vitalizando-nos.

Pensemos, falemos e façamos corretamente, a fim de que despertemos felizes após a tumba. E o mesmo ocorrerá com todos os que amamos - eles viverão. Os que nos anteciparam na viagem de retorno estão a nossa espera.

Por isso, não os choremos em desespero, nem duvidemos da sua existência.

Recordemos com carinho, e lhes enviemos pensamentos bons e saudáveis, rememorando-os nos momentos felizes que tivemos, quando estávamos na Terra.

A evocação sentida, com ternura atingirá os que já estão no mundo espiritual, e os despertará se estiverem adormecidos, assim como os felicitará, caso se encontrem lúcidos.

Devemos manter com eles os vínculos de amor que se sustentarão nos fios da esperança, em favor do breve reencontro feliz.

Jesus retornou da sepultura em exuberante imortalidade, a fim de nos oferecer para sempre a certeza de que a existência corporal passa com brevidade, mas a vida infinita e grandiosa jamais se interromperá.

Que Jesus, o Mestre de Luz e Amor, nos ampare!

(Reformador - 11/97)/(Técnicas de Viver)

CAPÍTULO XVIII

MUITOS OS CHAMADOS E POUCOS OS ESCOLHIDOS

Parábola do festim de núpcias. - A porta estreita. - Nem todos os que dizem: Senhor! Senhor! entrarão no reino dos céus. - Muito se pedirá àquele que muito recebeu. - Instruções dos Espíritos: Dar-se-á àquele que tem. - Reconhece-se o Espírita pelas suas obras.

PARÁBOLA DO FESTIM DE NÚPCIAS

1. Jesus, o Cristo, falando ainda por parábolas, lhes disse: O reino dos céus é semelhante a um rei que, querendo realizar as núpcias de seu filho, enviou seus servidores para chamar às núpcias aqueles que foram convidados. Mas eles se recusaram a vir. Ele enviou ainda outros servidores com ordem de dizer de sua parte aos convidados: Eu preparei meu jantar, fiz matar meus bois e tudo o que havia feito cevar, tudo está preparado, vinde às núpcias. Mas eles não se preocuparam e se foram, um à sua casa de campo, e outro ao seu negócio. E outros se apoderaram de seus servidores, e os mataram após lhes ter feito vários ultrajes. O rei, tendo sabido disso, se encheu de cólera, e tendo enviado seus exércitos, exterminou esses homicidas e queimou a sua cidade. Então, ele disse aos seus servidores: O festim de núpcias está todo preparado. Mas aqueles que haviam sido chamados dele não foram dignos. Ide, pois nas encruzilhadas e chamai para as núpcias todos aqueles que encontrardes. Seus servidores indo então pelas ruas, reuniram todos aqueles que encontraram, corretos e errôneos. E a sala de núpcias ficou cheia de pessoas, que se sentaram à mesa.

O rei entrou em seguida para ver aqueles que estavam à mesa, e tendo notado um humano que não estava com a roupa nupcial, lhe disse: Meu amigo como entrastes aqui sem ter a roupa nupcial? E esse humano permaneceu mudo. Então o rei disse aos seus servos: atai-lhe as mãos e os pés e lançai-o nas trevas exteriores. Aí haverá pranto e ranger de dentes. Porque há muitos chamados e poucos escolhidos. (*Mateus, cap. XXII, v. 1 a 14*).

(As parábolas devem ser bem entendidas. Esta se refere aos israelitas – 1.a Aliança – e, pela recusa deles, a promulgação da 2.a Aliança; com toda a humanidade!)

2. O incrédulo sorri a esta parábola que lhe parece de uma infantilidade ingênua, porque não compreende que se possa criar tanta dificuldade para assistir a uma festa, e ainda menos que os convidados estendessem a resistência até ao massacre dos enviados do senhor da casa. "As parábolas, diz ele, sem dúvida, são figuras, mas ainda é preciso que elas não saiam dos limites da possível verdade".

Pode-se dizer o mesmo de todas as alegorias, das fábulas mais engenhosas, se não são despojadas de seu envoltório para procurar-lhe o sentido oculto. Jesus, o Cristo, buscou as suas nos usos mais comuns da vida, e as adaptou aos costumes e ao caráter do povo ao qual falava. A maioria tem por fim fazer penetrar nas massas a ideia da vida espiritual. O seu sentido não parece frequentemente indecifrável senão porque não se parte desse ponto de vista.

Nesta parábola, Jesus, o Cristo, compara o reino dos céus, onde tudo é alegria e felicidade, a uma festa. Para os primeiros convidados, fez alusão aos Hebreus, que foram os primeiros a serem chamados para conhecer a Lei de Deus. Os enviados do Senhor são os profetas que vieram convidá-los a seguir o caminho da verdadeira felicidade. Mas suas palavras foram pouco escutadas. Suas advertências foram menosprezadas. Vários foram mesmo massacrados, como os servidores da parábola. Os convidados que se desculparam com os cuidados a dar aos seus campos e aos seus negócios são o símbolo das pessoas do mundo que, absorvidas pelas coisas terrestres, são indiferentes quanto às coisas celestes. Era uma crença, entre os judeus de então, que sua nação deveria adquirir a supremacia sobre todas as outras. Deus não havia, com efeito, prometido a Abraão que a sua posteridade cobriria toda a Terra? Mas sempre, tomando a forma pelo fundo, eles acreditavam numa dominação efetiva e material.

Antes da vinda de Jesus, o Cristo, à exceção dos Hebreus, todos os povos eram idólatras e politeístas. Se alguns humanos, mais conhecedores, tiveram a ideia da unidade divina, essa ideia ficou

no estado de sistema pessoal, mas em nenhuma parte foi aceita como verdade fundamental, a não ser por alguns estudiosos que escondiam os seus conhecimentos sob um véu misterioso, desconhecidos dos incultos. Os Hebreus foram os primeiros que praticaram publicamente o monoteísmo. Foi a eles que Moisés transmitiu primeiramente as leis de Deus, depois por Jesus, o Cristo. Foi desse pequeno foco que partiu a luz que deveria se derramar sobre o mundo inteiro, triunfar do paganismo e dar a Abraão uma posteridade espiritual "tão numerosa quanto as estrelas do firmamento". Mas os judeus, repetindo a idolatria, haviam negligenciado a lei moral para se apearem à prática mais fácil das formas exteriores. O erro chegara ao auge. A nação dominada estava fragmentada pelas facções, dividida pelas seitas. A incredulidade mesmo havia penetrado até no santuário. Foi então que apareceu Jesus, o Cristo, enviado para lembrá-los quanto à observância das leis, e abrir-lhes os horizontes novos da vida espiritual futura. Convidados dos primeiros para o grande banquete da fé universal, repeliram a palavra do celeste Messias e o fizeram perecer. Foi assim que perderam o fruto que teriam recolhido de sua iniciativa.

Seria injusto, todavia, acusar o povo inteiro desse estado de coisas. Essa responsabilidade cabe principalmente aos Fariseus e aos Saduceus que perderam a nação, pelo orgulho e pelo fanatismo de uns e pela incredulidade de outros. São eles, sobretudo, que Jesus, o Cristo, compara aos convidados que recusam comparecer na festa de núpcias. Depois, acrescenta: "O Senhor, vendo isso, fez convidar todos os que se encontravam nas encruzilhadas, corretos e errôneos". Ele queria dizer com isso que a palavra foi pregada a todos os outros povos, e que estes a aceitando seriam admitidos na festa em lugar dos primeiros convidados.

Mas não basta ser convidado. Não basta levar o nome de cristão, nem se assentar à mesa para tomar parte no celeste banquete. É preciso, antes de tudo, e como condição expressa, estar revestido com a roupa nupcial, quer dizer, ter a pureza de coração e praticar a Lei de Deus segundo o Espírito. Ora, essa Lei está inteiramente nestas palavras: Fora da caridade não há elevação espiritual. Mas entre todos aqueles que ouvem a palavra divina, quão poucos há que a guardam e a praticam! Quão poucos se tornam dignos de entrar no reino dos céus! Por isso, Jesus, o Cristo, disse: Haverá muitos chamados e poucos escolhidos.

(A roupa para a festa de núpcias, é a veste 'perispiritual'. Esta não pode ser 'enfeitada', sempre apresenta 'verdadeiramente' o nível evolutivo do Espírito! Mas, muitos acham que podem comprá-la nas lojas de suas comunidades!)

A PORTA ESTREITA

3. Entrai pela porta estreita, porque a porta da perdição é larga, e o caminho que a ela conduz é espaçoso, e há muitos que por ela entram. Como a porta da vida espiritual é pequena! Como o caminho que a ela conduz é estreito! E como há poucos que a encontram! (*Mateus, cap. VII, v. 13 e 14*).

4. Alguém lhe tendo feito esta pergunta: Senhor, haverá os que se salvam? Ele lhe respondeu: Fazei esforços para entrar pela porta estreita, porque eu vos asseguro que vários procurarão por ela entrar e não o poderão. E quando o pai de família tiver entrado e fechado a porta, e que vós estando do lado de fora, começardes a bater dizendo: Senhor, abri-nos, ele vos responderá: Eu não sei de onde sois. Então recomeçareis a dizer: Comemos e bebemos em vossa presença e vós ensinastes em nossas praças públicas. E ele vos responderá: Eu não sei de onde sois. Retirai-vos de mim, todos vós que cometeis a iniquidade.

Será então que haverá prantos e ranger de dentes, quando vereis que Abraão, Isaac, Jacó e todos os profetas estarão no reino de Deus, e que vós outros sereis enxotados para fora. Virão do Oriente e do Ocidente, do Setentrião e do Meio Dia, os que terão lugar ao festim no reino de Deus. Então aqueles que são os últimos serão os primeiros, e aqueles que são os primeiros, serão os últimos. (*Lucas, cap. XIII, v. 23 a 30*).

(Então recomeçareis a dizer: Comemos e bebemos em vossa presença e vós ensinastes em nossas praças públicas. E ele vos responderá: Eu não sei de onde sois. Retirai-vos de mim, todos vós que cometeis a iniquidade.

Na nossa cegueira dos valores espirituais nos perdemos. Sem estudar racionalmente, passamos a acreditar naqueles irmãos que se auto-intitulam 'representantes' de Deus. A frase do destaque é límpida quanto à ausência da verdade de Deus 'junto' aos humanos auto-intitulados, e suas de comunidades apegadas aos valores

materiais.)

5. A porta do erro é larga, porque os errôneos desejos são numerosos, e o caminho do erro é frequentado pela maioria. A do certo é estreita, porque o humano que quer transpô-la deve fazer grandes esforços sobre si mesmo para vencer as suas errôneas tendências, e poucos a isso se resignam. É o complemento do ensinamento: Há muitos chamados e poucos escolhidos.

Tal é o estado atual da Humanidade terrestre, porque a Terra, sendo um mundo de expiação e prova, o erro nela predomina. Quando ela estiver transformada, o caminho correto será o mais frequentado. Essas palavras, pois, devem entender-se em seu sentido relativo e não no sentido absoluto. Se tal devesse ser o estado normal da Humanidade, Deus teria voluntariamente votado à perdição a imensa maioria de suas criaturas. Suposição inadmissível desde que se reconhece que Deus é todo justiça e todo bondade.

Mas de que ações erradas esta Humanidade poderia se tornar culpada para merecer uma sorte tão triste, em seu presente e em seu futuro, se ela estava inteiramente relegada na Terra, e se o Espírito não tivesse tido outras existências? Por que tantos entraves semeados em seu caminho? Por que essa porta tão estreita, que é dada ao menor número transpor, se a sorte do Espírito está fixada para sempre depois do desencarne? É assim que, com a unicidade da existência, se está incessantemente em contradição consigo mesmo e com a Lei de Deus. Com a anterioridade do Espírito e a pluralidade dos mundos, o horizonte se amplia. A luz se faz sobre os pontos mais obscuros da fé. O presente e o futuro são solidários com o passado. Então, somente, se pode compreender toda a profundidade, toda a verdade e toda a sabedoria dos ensinamentos de Jesus, o Cristo.

(A porta do erro é larga, porque os errôneos desejos são numerosos, e o caminho do erro é frequentado pela maioria. Ainda aqui se apresenta o ‘tomar o céu à força!’, ou esta frase não é bem representativa disto: “Não sei o que falam de porta estreita: Minha Mercedes passa por todas as portas, e sem problemas!”.)

NEM TODOS OS QUE DIZEM: SENHOR! SENHOR! ENTRARÃO NO REINO DOS CÉUS

6. Aqueles que dizem: Senhor! Senhor! Não entrarão todos no reino dos céus. Mas somente entrará aquele que faz a vontade do meu Pai que está nos céus. Vários me dirão naquele dia: Senhor! Senhor! Não profetizamos em vosso nome? Não expulsamos os demônios em vosso nome e não fizemos vários milagres em vosso nome? E então eu lhes direi claramente: Retirai-vos de mim, vós que fazeis obras de iniquidade. (*Mateus, cap. VII, v. 21, 22, 23*).

(Sem estudar racionalmente, continuaremos errando, e muito!)

7. Todo aquele que, pois, ouve estas palavras que eu digo e as pratica será comparado a um humano sábio que construiu sua casa sobre a rocha. E logo que a chuva caiu e que os rios transbordaram, que os ventos sopraram e se abateram sobre essa casa, ela não tombou porque estava fundada sobre a rocha. Mas todo aquele que ouve estas palavras que eu digo e não as pratica, será semelhante a um humano insensato que construiu sua casa sobre a areia. E logo que a chuva caiu, que os rios transbordaram, que os ventos sopraram e se abateram sobre essa casa, ela ruiu e sua ruína foi grande. (*Mateus, cap. VII, v. 24 a 27. Lucas, cap. VI, v. 46 a 49*).

(O ‘humano sábio’ é aquele que estuda racionalmente, decide pelos seus conhecimentos, e não pelo dos outros. A responsabilidade pela ‘casa’ é total do Espírito que nela mora!)

8. Aquele, pois, que violar um desses menores mandamentos e que ensinar aos humanos violá-los, será considerado no reino dos céus como o último. Mas aquele que os executar e ensinar, será grande no reino dos céus. (*Mateus, cap. V, v. 19*).

(Aquele que já conhece, somente um pouco, de modo racional, compreende as suas responsabilidades, sejam consigo ou com seus irmãos. Portanto, caminhará na verdade da Lei de Deus!)

9. Todos aqueles que proclamam a missão de Jesus, o Cristo, dizem: Senhor! Senhor! Mas de que serve chamá-lo Mestre ou Senhor se não lhe seguem os conselhos? São cristãos aqueles que

o honram por atos exteriores de devoção e sacrificam, ao mesmo tempo, ao orgulho, ao egoísmo, à cupidez e a todas as suas erradas paixões? São seus discípulos aqueles que passam dias em prece e não são com isso nem melhores, nem mais caridosos, nem mais indulgentes para com os seus semelhantes? Não, porque assim como os Fariseus, eles têm a prece sobre os lábios e não no coração. Com a formalidade eles podem se impor aos humanos, mas não a Deus. Em vão dirão a Jesus, o Cristo: “Senhor, nós profetizamos, quer dizer, ensinamos em vosso nome. Expulsamos os obsessores em vosso nome. Bebemos e comemos convosco”. Ele lhes responderá: “Eu não sei quem sois. Retirai-vos de mim, vós que cometeis iniquidades, vós que desmentis as vossas palavras com as vossas ações, que caluniais o vosso próximo, que espoliais as viúvas e cometeis o adultério. Retirai-vos de mim, vós cujo coração destila ódio e fel, vós que derramais o sangue dos vossos irmãos em meu nome, que fazeis correr as lágrimas em lugar de secá-las. Para vós haverá prantos e ranger de dentes, porque o reino de Deus é para aqueles que são dóceis, humildes e caridosos. Não espereis dobrar a justiça do Senhor pela multiplicidade das vossas palavras e das vossas genuflexões. O único caminho que vos está aberto para encontrar graça diante dele é a prática sincera da lei de amor e de caridade”.

As palavras de Jesus, o Cristo são eternas, porque são a verdade. Elas são não somente a salvaguarda da vida espiritual celeste, mas a garantia da paz, da tranquilidade e da estabilidade nas coisas da vida material terrestre. Por isso, todas as instituições humanas, políticas, sociais e religiosas que se apoiarem sobre as suas palavras, serão estáveis como a casa construída sobre a pedra. Os humanos as conservarão porque nelas encontrarão a sua felicidade. Mas aqueles que as violarem, serão como a casa construída sobre a areia: o vento das revoluções e o rio do progresso as carregarão.

(Retirai-vos de mim, vós cujo coração destila ódio e fel, vós que derramais o sangue dos vossos irmãos em meu nome, que fazeis correr as lágrimas em lugar de secá-las. Senhor! Senhor! Mas de que serve chamá-lo Mestre ou Senhor se não lhe seguem os conselhos?)

Mas é claro que não adianta ficar dizendo: Senhor! Senhor! É preciso ajudar Deus com os 10%! Infelizmente este ainda é o nosso modo de entender os Evangelhos... Com ou sem dinheiro, é puro valor material e de interesse imediatista!)

MUITO SE PEDIRÁ ÀQUELE QUE MUITO RECEBEU

10. O servidor que soube a vontade de seu Senhor e que, todavia, não estiver preparado e não tiver feito o que esperava dele, será punido rudemente. Mas aquele que não soube sua vontade, e que tiver feito coisas dignas de castigo, será menos punido. Muito se pedirá àquele a quem se tiver muito dado, e se fará prestar maiores contas àqueles a quem se tiver confiado mais coisas. *(Lucas, cap. XII, v. 47, 48).*

(Mas aquele que não soube sua vontade, e que tiver feito coisas dignas de castigo, será menos punido.

Conforme estudamos racionalmente nós também devemos praticar as ações aprendidas, no limite das nossas possibilidades. Isto é o que aprendemos na Doutrina dos Espíritos.)

11. Eu vim a este mundo para trazer um julgamento, a fim de que aqueles que não veem vejam, e aqueles que veem se tornem cegos. Alguns fariseus que estavam com ele, ouviram estas palavras e lhe disseram: Somos nós, pois, também cegos? Jesus, o Cristo, lhes respondeu: Se fôsseis cegos, não teríeis errado. Mas agora dizeis que vedes e é por isso que vosso erro permanece em VÓS. *(João, cap. IX, v. 39, 40, 41).*

(Se fôsseis cegos, não teríeis errado.

Por nosso orgulho e egoísmo, no comodismo e conformismo, nos julgamos grandes ‘enxergadores’. Portanto os nossos erros não têm desculpas! Vamos estudar racionalmente para ‘ver’ corretamente!)

12. Estes ensinamentos encontram, sobretudo, sua aplicação nos ensinamentos dos Espíritos. Todo aquele que conhece os preceitos de Jesus, o Cristo, é culpável, seguramente, de não os praticar. Mas, além do Evangelho que as contém não estar difundido senão nas seitas cristãs, entre estas, quantas pessoas não o leem, e entre aqueles que o leem quantos há que não o compreendem! Disso resulta que as próprias palavras de Jesus, o Cristo, estão perdidas para a maioria.

O ensinamento dos Espíritos, que reproduz estes ensinamentos sob diferentes formas, que as desenvolve e as comenta para pô-las ao alcance de todos, tem a particularidade de não ser circunscrito e cada um, letrado ou iletrado, crente ou incrédulo, cristão ou não, pode recebê-lo, uma vez que os Espíritos se comunicam por toda a parte. Nenhum daqueles que o recebem diretamente, ou por intermediários, pode alegar desconhecimento. Não pode se desculpar, nem por sua falta de instrução, nem pela dificuldade do sentido alegórico. Aquele, pois, que não os aproveita para o seu adiantamento, que os admira como coisas interessantes e curiosas sem que o seu coração por eles seja tocado, que não é nem menos inútil, nem menos orgulhoso, nem menos egoísta, nem menos apegado aos bens materiais, nem melhor para o seu próximo, é tanto mais errado, quanto tenha maiores meios de conhecer a verdade.

Os médiuns que obtêm corretas comunicações são ainda mais repreensíveis em persistir no erro, porque, frequentemente, escrevem a sua própria condenação e, se não estivessem cegos pelo orgulho, reconheceriam que é a eles que os Espíritos se dirigem. Mas em lugar de tomar para eles as lições que escrevem ou que veem, seu único pensamento é de as aplicar aos outros, realizando assim estas palavras de Jesus, o Cristo: “Vedes um galho no olho do vosso vizinho, e não vedes a árvore que está no vosso”.

Por estas outras palavras: “Se fôsseis cegos não teríeis errado”, Jesus, o Cristo, quer dizer que a culpa está em razão das luzes que se possui. Ora, os Fariseus, que tinham a pretensão de ser, e que eram, com efeito, a parte mais esclarecida da nação, eram mais culpados pela Lei de Deus do que o povo inculto. Ocorre o mesmo hoje.

Aos Espíritas, pois, será pedido muito, porque receberam muito, mas, também, àqueles que tiverem aproveitado, será dado muito.

O primeiro pensamento de todo Espírita sincero deve ser o de procurar, nos conselhos dados pelos Espíritos, se não há alguma coisa que possa lhe dizer respeito.

O Espiritismo vem multiplicar o número dos chamados. Pela fé que proporciona, multiplicará também o número dos escolhidos.

(Ora, os Fariseus, que tinham a pretensão de ser, e que eram, com efeito, a parte mais esclarecida da nação, eram mais culpados pela Lei de Deus do que o povo inculto.

O ‘esclarecido’ humano, mas dominado pelo orgulho e egoísmo, ainda pensa: “Por isso que os da minha comunidade, estando com a verdade e sendo os eleitos, temos nosso lugar no céu!”.)

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

DAR-SE-Á ÀQUELE QUE TEM

13. Seus discípulos, se aproximando, lhe disseram: Por que lhes falais por parábolas? E, lhes respondendo, disse: É porque para vós outros foi dado conhecer as leis do reino dos céus, mas, para eles, não lhes foi dado. Porque a todo aquele que já tem se lhe dará ainda, e estará na abundância. Mas para aquele que não tem, se lhe tirará mesmo o que tem. Por isso, eu lhes falo por parábolas. Porque olhando eles não veem, e escutando não ouvem, nem compreendem. E a profecia de Isaías se cumpre neles quando disse: Escutareis com os vossos ouvidos e não ouvireis, olhareis com os vossos olhos e não vereis. *(Mateus, cap. XIII, v. 10 a 14).*

(A qual tipo de ‘religioso’ estaria, hoje, Jesus, o Cristo, se referindo?)

14. Prestai bem atenção naquilo que ouvís. Porque se servirá para convosco da mesma medida da qual vos servirdes para com os outros, e vos será dado ainda mais. Porque se dará àquele que já tem, e para aquele que não tem, se lhe tirará mesmo o que tem. *(Marcos, cap. IV, v. 24, 25).*

(Quando não estudamos racionalmente, somente ‘ouvimos’ aquilo que nos é conveniente e cômodo. Assim sendo, nós erramos muito e resgataremos, graças a Deus!, em outra encarnação!)

15. “Dá-se àquele que já tem e se tira àquele que não tem”. Meditai estes grandes ensinamentos que, frequentemente, vos pareceram discordantes. Aquele que recebeu é o que possui o sentido da palavra divina. Não a recebeu senão porque tentou dela se tornar digno, e a Lei de Deus, no

amor misericordioso, encoraja os esforços que tendem ao certo. Estes esforços firmes, perseverantes, atraem as verdades da Lei de Deus. É um imã que chama para si as melhoras progressivas, as luzes abundantes que vos tornam fortes para escalar a montanha pura, no cume da qual está o repouso depois do trabalho.

“Tira-se àquele que nada tem, ou que tem pouco”. Tomai isto como uma oposição figurada. Deus não retira às suas criaturas o certo que se dignou fazer-lhes. Humanos cegos e surdos! Abri as vossas mentes e os vossos corações. Vede e ouvi pelo vosso Espírito. E não interpreteis de maneira tão grosseiramente injusta as palavras daquele que fez resplandecer, aos vossos olhos, a justiça da Lei de Deus. Não é Deus quem retira daquele que havia recebido pouco, é o próprio Espírito, ele mesmo, que, pródigo e negligente, não sabe conservar o que tem, e aumentar, na fecundidade, o óbolo que lhe caiu no coração.

Aquele que não cultiva o campo que o trabalho de seu pai lhe ganhou, e o qual ele herda, vê esse campo se cobrir de ervas parasitas. É seu pai quem lhe toma as colheitas que não quis preparar? Se deixou as sementes, destinadas a produzir nesse campo, mofar por falta de cuidado, deve acusar seu pai, se elas não produzem nada? Não, não. Em lugar de acusar aquele que tinha tudo preparado para ele, de retomar seus dons, que acuse o verdadeiro autor das suas misérias e que, então, arrependido e ativo, se lance à obra com coragem. Que rompa o solo ingrato com o esforço da sua vontade. Que a lavre a fundo com a ajuda do arrependimento e da esperança. Que nele jogue com confiança a semente que tiver escolhido como certa entre as erradas, que a regue com o seu amor e a sua caridade, e a Lei de Deus, do Deus de amor e de caridade, dará àquele que já recebeu. Então, ele verá os seus esforços coroados de sucesso, e um grão produzir cem, e um outro mil. Coragem, lavradores. Tomai as vossas grades e os vossos arados. Lavrai os vossos corações. Arrancai dele o joio. Semeai aí a correta semente que o Senhor vos confia, e o orvalho do amor o fará produzir os frutos da caridade.

(Um Espírito amigo, Bordéus, 1862).

(O sentido do ensinamento de Jesus, o Cristo, é todo espiritual, mas nós o materializamos de várias maneiras, e esta é uma delas: “Sei a razão de Deus me dar cada vez mais riquezas: Ajudo Ele na Sua obra. Pago meus 10% religiosamente!”.)

RECONHECE-SE O ESPÍRITA PELAS SUAS OBRAS

16. Aqueles que me dizem: “Senhor! Senhor! Não entrarão todos no reino dos céus, mas só aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus”.

Escutai essas palavras do Senhor, todos vós que repelis a Doutrina Espírita como uma obra errada.

Abri os vossos ouvidos, pois o momento de ouvir chegou.

Basta trajar o uniforme do Senhor para ser um fiel servidor? Basta dizer: “Eu sou cristão”, para seguir Jesus, o Cristo? Procurai os verdadeiros cristãos e vós os reconheceréis por suas obras. “Uma árvore certa não pode produzir errados frutos, nem uma árvore errada produzir corretos frutos”. “Toda árvore que não produz corretos frutos é cortada e lançada ao fogo”. Eis as palavras do Mestre. Discípulos de Jesus, o Cristo, compreendei-as bem. Quais são os frutos que deve produzir a árvore do Cristianismo, árvore poderosa cujos ramos espessos cobrem com a sua sombra, uma parte do mundo, mas que ainda não abrigaram todos aqueles que devem se reunir ao seu redor? Os frutos da árvore de vida são os frutos de vida, de esperança e de fé. O Cristianismo, tal como o fez durante muitos séculos, prega sempre essas divinas virtudes. Procura espalhar os seus frutos, mas quão poucos os colhem! A árvore é sempre certa, mas os jardineiros são errados. Eles quiseram conformá-la à sua ideia. Quiseram modelá-la segundo as suas necessidades. Eles a cortaram, diminuíram-na, mutilaram-na. Seus ramos estéreis não produzem errados frutos, pois nada mais produzem. O viajor sedento que se detém sob sua sombra para procurar o fruto da esperança que deve lhe restituir a força e a coragem, não distingue senão ramos infecundos fazendo pressentir a tempestade. Em vão, ele procura o fruto de vida na árvore de vida: as folhas caem secas. A mão do humano de tanto manejá-las, queimou-as.

Abri, pois, os vossos ouvidos e os vossos corações, meus bem amados! Cultivai essa árvore de vida cujos frutos dão a vida espiritual eterna. Aquele que a plantou vos convida a cuidá-la com

amor, e a vereis produzir ainda, com abundância, seus frutos divinos. Deixai-a tal como Jesus, o Cristo, vo-la deu: não a mangleis. Sua sombra imensa quer se estender sobre o Universo. Não encurteis seus ramos. Seus frutos benfazejos caem em abundância para sustentar o viajor sedento que quer atingir o objetivo. Não os colheis, esses frutos, para os guardar e os deixar apodrecer, a fim de que não sirvam a ninguém. “Há muitos chamados e poucos escolhidos”. Há falsificadores do pão de vida como os há, frequentemente, para o pão material. Não vos junteis a eles. A árvore que produz corretos frutos deve distribuí-los por todos. Ide, pois, procurar aqueles que estão sedentos. Conduzi-os sob os ramos da árvore e dividi com eles o abrigo que ela vos oferece. “Não se colhem uvas dos espinheiros”. Meus irmãos distanciai-vos, pois, daqueles que vos chamam para vos apresentar as dificuldades do caminho, e segui aqueles que vos conduzem à sombra da árvore da vida.

O Divino Mestre, o justo por excelência, disse, e suas palavras não passarão: “Aqueles que me dizem: Senhor! Senhor! Não entrarão todos no reino dos céus, mas só aqueles que fazem a vontade do meu Pai que está nos Mundo céus”.

Que o Senhor de bênçãos vos abençoe. Que a luz de Deus vos ilumine. Que a árvore de vida derrame sobre vós seus frutos com abundância! Crede e orai.

(Simeão, Bordéus, 1863).

(Em vão, ele procura o fruto de vida na árvore de vida: as folhas caem secas. A mão do humano de tanto manejá-las, queimou-as.)

Os frutos da árvore da vida podem ser materiais ou espirituais, portanto existem obras de valores materiais e espirituais, e ambas são importantes! O que devemos entender são as prioridades e os quinhões. O estudo da Doutrina dos Espíritos nos esclarece quaisquer dúvidas que tenhamos! Aqui a materialidade, ‘mão humana que queima’, é sinônimo de infertilidade!)

EXPLANAÇÕES

1 - Parábola da Festa de Núpcias -Itens 1 e 2.

Resumo da Parábola

O rei celebrou as bodas de seu filho. Muitos foram os convidados especiais, porém não compareceram todos. E o rei novamente convidou, avisando estar pronto o banquete; mas novamente não vieram todos e ainda ultrajaram os servos que o rei enviou para fazer o convite. Então se irou o rei, porque a festa estava preparada, e aqueles convidados não mostravam que eram dignos. Mandou que os seus servos convidassem a todos, corretos e errados, e a sala nupcial ficou repleta. E o rei entrando ali, observou entre os convivas, um que não estava vestido para as bodas. Perguntou-lhe o motivo e este emudeceu. Pediu aos servos que o pusessem fora e atasse suas mãos e seus pés, ali haveria choro e ranger de dentes. Porque muitos são chamados, mas poucos os escolhidos. Mateus, capítulo XXII, vers. 1 a 14.

Parábola da Ceia do Pai de Família.

Disse Jesus: Um homem preparou uma grande ceia, convidando muitas pessoas. Na hora da ceia mandou os servos avisarem que estava pronta. Todos encontraram uma desculpa para não ir: Um comprou uma quinta e precisava vê-la; outro comprou cinco juntas de bois e ia experimentá-las; e um se casou, por isso não ia. Os servos voltaram e relataram tudo ao senhor, que os mandou às ruas e praças para convidar os estropiados, os coxos, os pobres e os cegos. E saíam pelas veredas e estradas e convidem a todos para encher minha casa, porque nenhuma daquelas pessoas que foram convidadas, e recusaram, provará da minha ceia. Lucas, capítulo V, vers. 16.

Se nós lermos estas parábolas, apenas por lê-las, sem buscar explicações, vai nos parecer insignificante, e chegaremos a pensar com que razão Jesus as contou.

Sabemos que parábola é uma narração alegórica que envolve algum preceito. E Jesus, em cada uma delas, deixou um ensinamento.

As duas parábolas - da festa de núpcias, e da ceia do pai de família, têm sentido idêntico. Ambas têm o mesmo chamamento.

Os primeiros convidados foram os doutos, os ricos, os sábios, os aristocratas, os sacerdotes, porque ninguém melhor que eles estava pronto para participar da festa de bodas e da ceia do pai de família. Ninguém melhor que eles estava pronto para a solene festa que o Rei dos Céus, sem medir e nem pesar sacrifícios, mandou Seu filho à Terra, para convidar os doutos à celebração das bodas.

Quem poderia melhor apreciar a cura dos enfermos, os fenômenos de materialização e desmaterialização por Ele operados, como a multiplicação dos pães e dos peixes, a manifestação do Tabor, e suas sucessivas aparições após o desencarne?

Quem estava mais apto para compreender o Sermão do Monte, o Sermão Profético, o Sermão da Ceia, seus ensinamentos e suas parábolas, senão os doutores da lei, os rabinos, os sacerdotes? Ou seriam os pescadores, os carpinteiros, os roceiros, as mulheres incultas?

Infelizmente o que aconteceu ontem, acontece hoje: Esta gente toda está dando desculpas; uns porque tratam do campo, outros do seu negócio, alguns precisam do lazer e muitos andam por caminhos escusos.

Que fará o Senhor dessa gente que não quer ouvir o Seu chamamento e nem sentir os Seus reiterados convites?

O fato é que os incultos, os pequenos, os humildes de hoje, como os incultos e humildes de ontem, estão levando vantagem sobre toda essa plêiade de sábios e portentosos; e mesmo sem letras, sem representação e sem veste, auxiliados pelos poderes do Alto, estão correndo eficazmente para que as bodas sejam bem festejadas e concorridas.

A Parábola das Bodas e da Ceia do Pai de Família exprimem o convite que o Senhor faz às criaturas humanas, pelos Seus enviados, para que se regenerem e purifiquem, isto é, para que limpem as manchas escuras do Espírito, a fim de participarem do festim divino que proporciona ao

Espírito adiantar-se moralmente e intelectualmente, tornar-se rico de coração e de inteligência, pela humildade e pelo saber, pela caridade e pelo amor; recobrar a liberdade de suas faculdades e a de caminhar na senda do progresso; recobrar a visão espiritual e ver mais luz, avançar com passo firme e em linha reta para a perfeição, que lhe faculta entrar nas regiões de pureza, nas esferas celestes e divinas, e aproximar-se do foco da Onipotência.

Todos são convidados para a festa de núpcias ou para a ceia do pai de família, porque todos, corretos ou errados, sem nenhuma exceção, são filhos do Pai Eterno e foram criados para o mesmo fim, e irão participar do banquete.

Alguns vão demorar um pouco mais, por não atenderem ao convite, por não sentir o chamamento, por estarem muito presos à matéria.

Para entrar na festa de núpcias ou na ceia do pai de família, era preciso ter a veste própria.

A veste representa o amor, a humildade, a boa vontade em encontrar a verdade para observá-la, ou seja, a pureza das intenções.

Foi retirado da festa aquele que não tinha a veste adequada, para um lugar onde haveria choro e ranger de dentes. Isto é, foi levado para um planeta mais inferior, para longe das venturosas moradas, onde o Espírito continua a se depurar, até poder vestir a veste imaculada.

Dizendo que o rei encontrou à mesa um conviva que não trazia a veste nupcial, quis Jesus mostrar, sob o manto da parábola, que nos tempos de regeneração, quase todos compreenderão a felicidade que está sendo oferecida.

Apenas uma pequena minoria se manterá obstinada em resistir aos esforços dos servos de Deus para lhe vestirem as vestes de núpcias, antes que entrem na sala do festim.

O choro e o ranger de dentes simbolizam as torturas morais na erraticidade e os sofrimentos da encarnação em mundos inferiores à Terra.

As palavras: "Porque muitos serão chamados e poucos os escolhidos" não se referem apenas ao que foi expulso por não estar dignamente vestido. Referem-se também a todos os que anteriormente cerravam os ouvidos e o coração à voz que os chamava. Esses mesmos, sob as leis imutáveis da expiação, do progresso, pelo renascimento, pela reencarnação, chegarão à condição de envergarem o traje e entrarem nos mundos felizes. Vê-se assim que todos os chamados virão a serem escolhidos, porque dos filhos de Deus nenhum ficará perdido para sempre, porque no momento em que o Espírito despertar para as verdades, Deus estará de braços abertos para recebê-lo.

Ainda não havia soado a hora de serem ensinadas abertamente estas coisas, que só a Revelação Espírita tornaria claramente compreensível.

Era preciso que se escoassem muitos séculos, para chegar o momento dessa Revelação. Os dias de hoje, os tempos previstos da regeneração, que o Espírito da Verdade agora prepara.

O Evangelho está disseminado em todas as classes sociais, somente as criaturas humanas de errada vontade, os orgulhosos, enfatuados e de espírito preconcebido, ignoram os seus deveres de humildade.

A estes não garantimos êxito feliz quando comparecerem ao banquete da espiritualidade, que está se realizando em todo o mundo, no consórcio do Céu com a Terra, dos desencarnados com os encarnados, para triunfo da imortalidade.

Os que se fazendo crianças, quiserem achar a verdade para abraçá-la e terem o firme propósito de o fazer, encontrarão a verdade com quem estiverem e onde estiverem.

Fazer-se criança, é tornar-se simples de coração e humilde, e a verdade está no Evangelho de Jesus!

(Parábolas e Ensinos de Jesus)/(Elucidações Evangélicas)

2 - A Porta Estreita - itens 3, 4 e 5.

Esforçai-vos por entrar pela porta estreita.

E alguém lhe perguntou: Senhor, tão poucos são os que se salvam? Ele respondeu: Esforçai-vos por entrar pela porta estreita; porquanto eu vos digo que muitos procurarão entrar e não poderão. E quando o pai de família houver fechado a porta, se do lado de fora começardes a bater, dizendo: Senhor, abre-nos; o Senhor respondendo dirá: Não sei donde sois. Se então disserdes: Bebemos e comemos na tua presença e ensinaste nas nossas praças públicas, ele vos responderá: Não sei donde sois; afastai-vos de mim, vós todos que praticais iniquidades. Haverá prantos e ranger de dentes, quando virdes que Abraão, Isac, Jacob estão no reino de Deus e que vós sois os repelidos de lá. Do Oriente e do Ocidente, do Setentrião e do Meio dia virão os que hão de sentar à mesa do reino de Deus. E eis que serão os últimos os que eram os primeiros e os primeiros serão os que eram os últimos. Lucas, capítulo XIII, vers. 23 a 30.

É árduo É escabroso, cheio de espinhos e cruces, o caminho que nos leva à Casa do Pai. Muitos recuam dele, amedrontados com os obstáculos que terão de superar. Esses são os que não podem passar pela porta estreita. Aquele que segue sempre a senda que sua consciência lhe traça, ouvindo-lhes os conselhos e pondo-os em prática, esse transpõe facilmente a porta da elevação, por mais estreita que pareça. Ao aproximar-se dela, verá que se torna ampla e aberta de par em par, a fim de deixá-lo passar.

MUITOS PROCURARÃO PASSAR E NÃO PODERÃO.

São os que tentam, mas não perseveram. Os Espíritos devem tomar para si estas palavras. Muitos, vendo a porta entreaberta, para ela se encaminham, mas com passo incerto e hesitante, levando consigo o cortejo de vícios, fraudes e impurezas que os acompanha. O caminho vai se alongando mais e a porta vai se fechando gradualmente. Só uma consciência pura pode conduzir até essa porta e transpô-la.

E QUANDO O PAI DE FAMÍLIA HOUVER ENTRADO E FECHADO A PORTA: BATERÁ À PORTA DIZENDO: SENHOR, ABRE-NOS. E O SENHOR DIRÁ: NÃO SEI DE ONDE SOIS.

Se o Espírito chamado a progredir na vida corporal, se obstina em ficar estacionário, apesar de todos os esforços de seus guias e protetores, o Senhor o degreda para planetas inferiores à Terra, onde terá que fazer uma nova série de peregrinações, até que compreenda a necessidade de progredir.

SE ENTÃO DISSERDES: BEBEMOS E COMEMOS NA SUA PRESENÇA E ENSINASTE NAS NOSSAS PRAÇAS PÚBLICAS. ELE VOS RESPONDERÁ: NÃO SEI DONDE SOIS; AFASTAI-VOS DE MIM, VÓS TODOS QUE PRATICAI INIQUIDADES.

Nestes versículos a alusão é aos que, embora professando ostensivamente uma religião qualquer, conservam-se desviados do caminho traçado pela Lei divina. Não basta que a criatura humana se professe seguidor desta ou daquela religião; é preciso que pratique a moral, que em todas contém, como disse Jesus, no duplo mandamento: Amar a Deus e amar ao próximo. Não basta dizer: Senhor! Senhor! É preciso fazer a vontade do Pai que está nos Céus.

HAVERÁ CHORO E RANGER DE DENTES.

Estas palavras são empregadas no sentido alegórico. Expressam as torturas morais, pelas quais forçosamente deve passar o Espírito endurecido, e consciente de que esse endurecimento é a causa única de seu sofrer.

Na Terra, hoje, vive conosco presentemente, Espíritos que acompanharam a Jesus, muitos que progrediram quanto ao uso da inteligência e ao saber, mas que, não progrediram quanto à simplicidade do coração. Julgam possuir tudo; entretanto chegados os dias, verão a nudez em que se encontram.

VIRÃO DO ORIENTE E DO OCIDENTE, DO SETENTRIÃO E DO MEIO-DIA VIRÃO OS QUE SE HÃO DE SENTAR À MESA NO REINO DE DEUS.

Esta é a alusão à comunhão de pensamentos e crenças, que reinará entre os seres humanos ao tempo da regeneração. A união de todas as crenças. Alusão aos Espíritos depurados que virão de diversos outros planetas à Terra, quando esta também já se achar depurada, isto é, na época em que Jesus baixará de novo ao nosso globo, de conformidade com o que está predito e anunciado.

E EIS QUE SERÃO OS ÚLTIMOS OS QUE ERAM OS PRIMEIROS E OS PRIMEIROS SERÃO OS QUE ERAM OS ÚLTIMOS.

Os que primeiro se puseram a caminho, demandando à casa do Pai, mas não tiveram a perseverança necessária, retardaram-se, e ficaram para trás, dos que começaram depois a jornada e nela perseveraram. Aqueles são, em geral, os que ainda tomados de orgulho, se fiam em si exclusivamente. O mesmo orgulho lhes torna tardos os passos.

Para Deus, nada é o tempo que o Espírito gaste no seu progresso. Para Deus, o arrependimento e a virtude são tudo. Assim, o Espírito que tardiamente entrou na senda correta, mas que por ela caminha com perseverança e atividade, pode alcançar, bem como passar adiante do Espírito preguiçoso, senão culpado, que nenhum esforço faz, mesmo que tenha começado mais cedo a sua rota ascensional.

Jesus veio ao planeta Terra, a mando do Pai, trazer a porta para a vida àqueles que, se colocarem em condições, procurando seguir Seus ensinamentos, adaptando-se a um novo modo de ser.

Sua missão não era impor, e sim, lançar a semente no espírito da humanidade.

Fazem mais de vinte séculos que o Cristianismo nos foi legado, porém a evolução é lenta e se manifesta na ordem física e espiritual, requerendo do ser humano aprendizagem por amadurecimento e reforma moral por experiência e conscientização, até atingir um estado satisfatório de depuração e aperfeiçoamento.

A porta para a vida são os ensinamentos que Jesus nos trouxe. São da parte do Pai, e por isso, Ele foi sacrificado pelos seres humanos que detinham o poder. O poder dos humanos; pelo qual nós sempre nos perdemos, é sempre recheado de orgulho e vaidade, atributos do Espírito imperfeito, que fecundam enquanto existe o egoísmo que nos desfigura e escraviza.

Através do Espiritismo, sabemos que o período de expiações e provas provém de eras remotas até os nossos dias. E quando a seara já se encontrava próxima da era da colheita, eis que nos envia o Espírito de Verdade ou Consolador.

O período de mundo primitivo deve ter sido o mais longo da história, pois envolveu a criatura humana na Natureza, sua preparação para a vida social; em agrupamentos instáveis, infância e adolescência.

O novo período que se seguirá, a partir do final deste milênio, será o da regeneração da humanidade, nas pessoas daqueles que, aqui, num orbe em renovação, merecem permanecer.

Empregar esforços para domar nossas erradas inclinações, é não dar reforço àqueles errados hábitos, que nos têm conduzido a fracassos ou a quedas desastrosas, no caminho de nosso progresso ou aperfeiçoamento moral.

Para isso, o Evangelho constitui realmente a porta segura de nossa redenção. Estudá-lo em profundidade e aplicá-lo em todas as ocasiões em que pesarem contra nós as forças impulsivas do hábito malsão, é recurso verdadeiramente superior e infalível.

Para que o Espírita seja realmente obreiro de que o Cristo de Deus deva utilizar-se, em favor de Sua obra, é indispensável que se mantenha integrado no certo e no bem, numa interação fecunda de devotamento e abnegação com Espíritos corretos, conforme nos conclama o Espírito de Verdade.

Para isso, o Espírita consciente precisa abster-se de todo e qualquer estado de mágoa ou ressentimento, contra quem quer que seja, ou estará pela própria consciência impedido de penetrar a porta que conduz à vida espiritual superior. Não há meio termo. Se meio termo houvesse, as vozes do Céu demonstrariam.

E o tempo urge, ele que está à nossa disposição por séculos e séculos.

E o Espírito de Verdade, no capítulo VI do livro dos Espíritos nos diz: "Espíritas! Amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo".

Mais adiante nos fala: "Vossos Espíritos, porém, não estão esquecidos; e eu, o jardineiro divino os cultivo no silêncio de vossos pensamentos".

"E tomai por divisa estas duas palavras: devotamento e abnegação, e sereis fortes, porque elas resumem todos os deveres que a caridade e a humildade vos impõem".

E Kardec, o Codificador, no capítulo XVII do Evangelho Segundo o Espiritismo, nos grifa essas palavras: "Reconhece-se o verdadeiro Espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas más inclinações".

(Elucidações Evangélicas)/(O Reformador - 10/97)

3 - Os que dizem: Senhor! Senhor! - itens 6, 7, 8 e 9.

Mas, por que me chamais: Senhor! Senhor! E não fazeis o que vos digo? Vou mostrar-vos a quem se assemelha àquele que vem a mim - que escuta as minhas palavras e as pratica. Assemelha-se a um ser humano que edifica uma casa e que, cavando fundo, lhe constrói na rocha os alicerces. Um rio, transbordadas as suas águas, se arremessou sobre a casa e não conseguiu abalá-la, por estar edificada sobre a rocha. Aquele que escuta as minhas palavras e não as pratica, se assemelha a um ser humano que edificou sua casa sobre a terra, sem lhe cavar os alicerces. O rio se arremessou sobre ela, a casa caiu logo e grande foi a sua ruína. Lucas, capítulo V, vers. 46 a 49

É através de suas obras o julgamento de cada pessoa. É este um princípio intuitivo, uma verdade evidente. E só não se curvam diante desta evidência os que acreditam que a humanidade inteira sofre pela irresponsabilidade do primeiro ser humano - Adão.

Nem todos que dizem: Senhor! Senhor! Serão ouvidos. Quer dizer: não entrarão no Reino de Deus aqueles cujas palavras não correspondem aos atos. As palavras se perderão no espaço, sem chegarem ao Senhor.

Sempre e sempre devemos praticar o que ensinamos, apreciamos e elogiamos. Não basta que nos extasiemos ante a lei de Jesus e digamos: é perfeita! Se não nos esforçarmos pelo nosso aperfeiçoamento, obedecendo-lhe, nossa admiração é vã.

É inútil nos proclamarmos cristãos, se procedemos em oposição ao que nos ensinou e prescreveu o Cristo. É inútil nos declararmos Espíritas, se continuarmos tal como éramos antes do Espiritismo. É inútil que nos afirmemos médiuns e usemos as faculdades mediúnicas que possuímos, se não pusermos em prática os ensinamentos que temos recebido, se não nos utilizarmos dessas faculdades com consciência do nosso dever cristão, com o propósito de servir à causa da verdade, que é a causa de Deus, e de concorrer para a melhora dos nossos irmãos, dando-lhes testemunho dos sérios e constantes esforços que empregamos por progredir.

Compromete-se o médium que não pratica a humildade e o desinteresse, que não usa suas faculdades mediúnicas com o fim exclusivo de fazer da caridade, continuamente, uma propaganda séria, útil e eficaz da Lei de Jesus, com a colaboração da sublime Doutrina dos Espíritos, seus mensageiros.

Para os Espíritas, a prática da Doutrina que professam é tudo, porque muito lhes será pedido, visto que muito lhes é dado. Assim, devemos nos preparar, todos que nos dizemos Espíritas, para prestar contas exatas do que nos foi confiado.

Não basta dizer que certa moral é sublime sem colocá-la em prática. Não basta ser cristão ou cristão espírita, se não praticar a moral ensinada. Para entrar no Reino de Deus é preciso que sejamos filhos do coração e não de lábios somente, é preciso que obedeçamos com submissão, zelo e confiança as instruções dos Espíritos que nos são enviados de acordo com os ensinamentos de Jesus, para nos conduzir à verdade.

Digamos: Senhor! Senhor! Mas digamos de coração e que correspondam os nossos atos às palavras, e o Reino de Deus nos pertencerá.

Perseveremos no caminho que trilhamos, tenhamos confiança e fé, mas séria, e o Senhor estenderá Suas mãos sobre nós, para afastar os obstáculos que tentam nos deter.

"Apoie o que disser nos exemplos que dê" - questão 904-A do Livro dos Espíritos.

Um benfeitor espiritual disse: "o exemplo é o adubo da palavra".

Jesus sempre exemplificou o que professava.

Há uma diferença entre professar e praticar, pois nem todo que professa pratica.

A crença em Deus não nos transforma em teólogos, nem somos cristãos porque aprendemos o Cristianismo. Só a prática dos ensinamentos cristãos poderá endossar o nosso potencial religioso.

Muitos professam uma doutrina, mas não a praticam, levando a vida como se tais ensinamentos fossem meras utopias, inaplicáveis ao cotidiano.

Muitos que professam o Cristianismo, são os mesmos que acendiam as fogueiras inquisitoriais e fomentavam as guerras santas. Reconhecer publicamente, reconhecer, adotar, abraçar, enfim, professar uma doutrina é fácil, difícil é praticá-la em espírito e verdade.

Somos Espíritas porque temos certeza da existência de Deus; a imortalidade do Espírito, para nós, não padece dúvidas, e não temos razões para não acreditar na pluralidade dos orbes, na comunicabilidade dos Espíritos, e a reencarnação é ponto pacífico. Entretanto, o que realmente diploma nossa condição de espíritas cristãos, verdadeiros Espíritas, é a prática da verdadeira caridade, apregoada e exemplificada por Jesus até o Seu desencarne.

Concomitantemente, o sucesso nas provações terrenas, são as purificações necessárias ao nosso melhoramento. E o Espiritismo beneficia grandemente, para que as pessoas possam ascender mais facilmente aos páramos da luz, localizados no mundo maior, real, indestrutível.

Quando a Doutrina Espírita deixar de ser apenas um feixe de enunciados professados, e passar a ser um conjunto de ensinamentos praticados, aí sim, poderemos, de cabeça erguida e sem receio, nos intitularmos espíritas cristãos ou espíritas verdadeiros, conforme a classificação de Allan Kardec.

Aí, o discurso terá passado para o curso da vida e não mais apenas professaremos, mas... Praticaremos!

A síntese religiosa do Espiritismo é o conhecimento da realidade espiritual, a aquisição e prática das virtudes evangélicas.

As verdades fundamentais, da verdadeira religião, estão contidas nos ensinamentos de Jesus, redivivos pelo Espiritismo. A observância dos preceitos evangélicos, na interpretação nova, é, para os Espíritas sinceros, a vivência da Religião.

O espírita atento e estudioso sabe que toda a Codificação reafirma a Doutrina de Jesus Cristo, constante dos Evangelhos, e Allan Kardec, em diversas passagens, confirmou essa verdade.

Os Espíritos não ensinam qualquer moral nova, superior ao que disse Jesus. A moral dos Espíritos é a do Evangelho.

Por isso, o trabalhador sincero do Espiritismo deve traçar sua própria trajetória, no sentido correto, sem se preocupar em demasia com as dificuldades do caminho e com as provocações, que são convites ao desvio da rota.

Para isso a própria Doutrina Espírita nos esclarece para a vigilância constante, porque sempre há o perigo da tentação, da discussão desnecessária, do revide, da polêmica oca, dos descomprometidos com a Doutrina e o Evangelho do Mestre.

Jesus veio mostrar aos seres humanos o caminho verdadeiro do certo e do bem. Deus o enviou para ser lembrada Sua Lei, que estava esquecida. E hoje, Deus envia os Espíritos corretos, a fim de lembrar novamente aos seres humanos, e com precisão, o esquecimento do Evangelho, em tudo sacrificado pelo orgulho e pela cobiça.

A responsabilidade do Espírita é imensa, porque não é somente agora e nesta vida, pois muitos de nós iremos voltar para continuar a luta, que não tem prazo para terminar. O prazo corresponderá ao tempo necessário que for para a reforma íntima de cada um e de todos.

Vamos procurar praticar o Evangelho de Jesus, para que no momento de dizermos: Senhor! Senhor! Sejamos atendidos.

Jesus é o nosso amoroso Mestre. É Jesus que nos ensina como praticar a caridade amorosa, sem nos importar com as ingratidões.

É Jesus que nos ensina que o amor verdadeiro não tem interesse e nem espera retribuição; conforta os abandonados, doentes e exilados.

Vamos aprender bem, companheiros, os ensinamentos do Mestre Jesus, assim construiremos nossa casa sobre a rocha.

Jesus, que a luz, a paz e o amor parem sobre todos os irmãos, encarnados e desencarnados.

(Elucidações Evangélicas)/(O Reformador)

4 - A quem muito foi dado, muito será cobrado - itens 10, 11 e 12.

Esse servo que conheceu a vontade do seu Senhor e que, entretanto, não se preparou, nem fez o que seu Senhor queria, será duramente açoitado.

Aquele, porém, que sem conhecer a vontade do seu Senhor fez coisas merecedoras de castigo, merecerá menos açoites. Muito será pedido a quem muito foi dado e aquele a quem tenha sido mais confiado maior conta terá que prestar. Lucas, capítulo XII, vers. 47 e 48.

Jesus na sua linguagem apropriada às inteligências encarnadas que lhe ouviam, apresentava sempre a imagem de um castigo material.

O grau e a extensão de responsabilidade de cada um varia de acordo com o conhecimento que tem e que pratica. Àquele que recebe advertências, conselhos e ensinamentos, muito lhe será pedido, pois muito lhe está sendo dado.

A vontade e os desígnios do Senhor com relação aos seus servos, são que progridam constantemente, alcançando a perfeição. Por isso, à gravidade das faltas, correspondem com absoluta justiça e grande misericórdia, às expiações e provas que elas acarretam.

É pelo tormento que o Espírito se depura e ganha elevação. Isto o habilita a descortinar horizontes dos quais o seu atraso moral o privava. E é pelo atraso moral que a ciência ainda não preenche na Terra a sua missão.

O corpo físico é uma grande dádiva do Senhor para com o Espírito no cumprimento de sua missão. Através dele, já está sendo dado muito ao Espírito, para que consiga progredir. Por isso a cada encarnação devemos valorizar muito essa oportunidade, porque muito está sendo dado.

Embora recebamos bastante, podendo ter um corpo físico para cumprir a jornada terrena, encontramos adversários que temos de enfrentar, em reajustes, em nossas vidas.

Estando de posse do corpo denso, encaramos adversários que se instalam em forma de enfermidades físicas e morais. Acometem o corpo físico e perturbam o Espírito.

As enfermidades físicas decorrem de várias causas, tais como: degeneração dos próprios órgãos e tecidos pela ação do tempo; o mau uso a que submetemos o nosso corpo físico, sujeitando-o a vícios e abusos variados, como o fumo, o álcool, os entorpecentes, os desregramentos sexuais, alimentação demasiada, repouso insuficiente, atividade inadequada ou excessiva, além de outros hábitos perniciosos.

A submissão ao fumo leva a pessoa a expor a função pulmonar a risco muitas vezes fatal, como o enfisema, que reduz a capacidade respiratória, sacrificando outros órgãos.

O vício nas bebidas alcoólicas entorpece o fígado e facilita outras moléstias, afeta o sistema nervoso.

Quanto às drogas, não há dúvida da degeneração do indivíduo, tanto para quem usa como para quem mercadeja. Ambos estão violando as leis divinas e humanas.

O número de doenças na Terra é grande. A descoberta dos microrganismos, através do microscópio, as vacinas, as assepsias, são conquistas alcançadas, para aliviar a vida física na Terra.

A pele, derme e epiderme, que envolve o corpo físico, é barreira para penetração de micróbios no organismo e até com capacidade de exterminar muitos que ali se depositam.

As mucosas nasais, pulmonares, intestinais etc. são outros obstáculos que o corpo físico dispõe para defender-se contra corpos indesejáveis e perigosos.

Os medicamentos, as diversas terapias, os hábitos saudáveis e higiênicos e outros fatores, são recursos de defesa do organismo físico humano.

Deus nos empresta o corpo físico por determinado tempo e ainda nos dá inúmeras maneiras de cuidá-lo. E quanto mais o nosso crescimento, mais sentimos responsabilidade de cuidá-lo, pois teremos que prestar conta deste empréstimo.

E apesar de todo o avanço da ciência, ainda há defensores do nosso corpo físico não catalogados. E quando a luz se fizer nos horizontes, os observadores atentos conhecerão a existência de outras proteções.

A energia solar e os fluidos não pesquisados constituem elementos poderosos a serviço da saúde humana, atuando sempre, apesar da ignorância e da insensibilidade sobre sua ação e eficácia.

Nós somos responsáveis pelo nosso corpo físico, pelo nosso planeta, por tudo que fazemos a eles, e nos será pedido contas, porque deles muito recebemos.

Foram mencionados alguns inimigos do corpo humano e modos como defendê-lo.

Existem outros males que se instalam no nosso interior e parecem ter vida simbiótica em nosso Espírito, em processos doentios demorados de difícil erradicação. O egoísmo, o orgulho, a vaidade, o desânimo, a inveja, a preguiça, o ciúme, o ódio, a maledicência, a avareza, a maldade e tantos outros que perturbam o Espírito, tornando-o enfermiço e que impõe ao próprio corpo físico consequências mórbidas dolorosas.

Todos os tormentos humanos decorrem de; não observação e transgressão das leis divinas, resultado da imperfeição humana, com o seu procedimento errado para com o semelhante, advindo daí os efeitos desastrosos que despontam pelo caminho.

O renascimento em mundos como a Terra já revela a nossa imperfeição, e os quadros dolorosos de nossa vida, são indicadores mostrando que, de alguma maneira, deixamos a obrigação de fazer o certo e o bem ao semelhante, e ainda mais grave, mostram claramente, que nossas feridas são resultantes de outras tantas chagas abertas, no passado, por nós em irmãos do caminho.

Nas leis divinas há a escala de valores verdadeiros que, sendo observados e adotados, impulsiona o progresso do ser humano, aperfeiçoando o Espírito imortal.

O comportamento de cada um é de conformidade com o seu adiantamento moral. Portanto, os valores são escalonados sob o aspecto moral, econômico e intelectual. Perante a lei divina, nada impede que essas condições existam, todavia, o aperfeiçoamento moral caracteriza o verdadeiro progresso, perante as leis divinas.

O trato para com o nosso semelhante, não deve ser esquecido. Quando ocupamos posição social elevada, se exercemos funções religiosas, não podemos ser deficientes de bondade e fraternidade. Não podemos achar que os altos cargos são mais importantes do que os dos nossos semelhantes. Estamos sempre ocupados e apressados, e não dispensamos um pouco de tempo ao nosso semelhante. Às vezes, até dos nossos filhos esquecemos. Precisamos amá-los, educá-los na faculdade do amor. E não esqueçamos que o tempo é algoz.

Lembremos que o importante é a pessoa, é o próximo, é o nosso semelhante. É o que conta no fim da trilha que leva ao túmulo - o amor. Ele é a chave que abre a porta para a senda da luz e da felicidade depois do sepulcro.

Menosprezar essa verdade é desejar adversidades no futuro.

Não basta que deixemos de praticar o erro. O princípio universal nos impõe o dever de promover o certo e o bem do próximo.

Na Terra enfrentamos dificuldades inumeráveis, que fazem parte do nosso progresso evolutivo. As dores, os problemas, devem servir de alerta, de que jamais devemos impô-los aos semelhantes.

O tempo todo nós temos que lembrar, que vivemos cercados de misericórdia infinita, a começar pelo dom da vida, pelas possibilidades de amar e de ser amados, de servir e pagar dívidas, de trabalhar e evoluir, de recolher a cada manhã, como raios de luz e renascente esperança, a certeza de que a morte não existe.

Tudo isso o Pai Celestial nos proporciona e a cada dia que tomamos consciência de nossas obrigações, temos que prestar contas de nossas atitudes.

Em tudo que fazemos, é preciso ter amor, porque o amor emana de Deus. O amor é todo poderoso, é todo luz, é todo bondade.

É o único caminho para que qualquer ideal atinja seu ponto máximo: é preciso ter amor.

Pensemos sempre no amor, no dar de si mesmo acima de tudo.

Os exemplos existem por toda parte, basta que o procuremos, nos livros, na história, no tempo ou no espaço.

E no aprendizado do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, encontramos somente o amor que nos mostra a verdadeira vida.

5 - Ao que tem se lhe dará - itens 13, 14 e 15.

Dar ao que já tem? Parece injusto ler estas palavras no Evangelho.

Tirar do que nada tem ou tem pouco.

Soa mais estranho.

Porém, nos ensinamentos de Jesus, as contradições e controvérsias não estão Nele, e sim no pouco entendimento da criatura humana.

"Dar ao que já tem" - estas palavras significam que aquele que deseja progredir e se esforça para consegui-lo, de todos os lados receberá amparo. A criatura humana que, recebendo o conhecimento do Evangelho de Jesus, a cada dia vai se esforçando para tornar-se melhor, preocupando-se com a sua evolução espiritual, apesar dos percalços, encontrará forças para continuar a jornada.

E este exemplo também serve para a vida material, pois aquele que trabalha com afinco, luta pela sua família, para dar-lhe o melhor, com honestidade, receberá ajuda e consolo nos momentos difíceis e, fortalecido pelo Evangelho, conseguirá atravessar todas as dificuldades.

Enquanto que ao que nada tem ou tem pouco, tira-se tudo o que tem - indiferente ao que lhe foi dado, negligente em guardar os ensinamentos que recebeu, deixa que as erradas paixões, os vícios, tomem conta do seu coração. E continua trazendo consigo os defeitos de outras vidas físicas, não se preocupando em se livrar deles, melhorar-se um pouco mais, para, devagarzinho, galgar o caminho da evolução.

E se na vida material são pessoas que conseguem bens, são inescrupulosas, usam de desonestidade para consegui-lo, não respeitam o seu semelhante.

Hoje, o conhecimento do Evangelho de Jesus está mais claro, o ser humano está mais preparado para recebê-lo, está mais apto a conhecer os mistérios do reino de Deus. Os mistérios, os segredos do reino de Deus eram os meios desconhecidos até então, para chegar-se ao Pai Eterno.

Jesus, enviado por Seu Pai, veio trazer à humanidade o Evangelho, a Boa Nova. O Espiritismo veio complementar os ensinamentos do Mestre, não modificando em nada os Seus ensinamentos e, sim, clareando mais as mentes nos ensinamentos do Divino Amigo.

O Espiritismo, a doutrina reencarnacionista, veio mostrar a bondade do Pai, através das vidas sucessivas, onde pode refazer os seus conhecimentos a caminho da evolução.

O Espiritismo dá a cada um a responsabilidade do que pratica.

O malfeitor, o criminoso, o corrupto, o mau, o indiferente, um dia os ensinamentos de Jesus baterão em seus corações e procurarão aprender, e Jesus abrirá os Seus braços, porém eles, através da reencarnação redimirão os seus erros, pagando todas as dívidas para com a Lei de Deus e para com os seus irmãos.

Perante a justiça de Deus nada fica impune. Com o arrependimento, o desejo de tornar-se melhor, Jesus ajuda a criatura, dá ao que já tem, pois sua vontade, a sua fé, o impulsiona a tornar-se melhor, a querer o Evangelho.

O progresso individual, a evolução contínua é que é a elevação espiritual. É evidente que o Cristo de Deus é o Salvador da humanidade, oferecendo Sua mensagem de vida eterna como roteiro, como caminho e a verdade que Ele mesmo se proclamou. Jesus é a exemplificação e modelo, mas compete a cada criatura seguir o caminho indicado, com esforço, com amor, com dedicação e não ficar de braços cruzados à espera da elevação.

A redenção da criatura não se faz simplesmente pela cruz e pelo batismo, e sim, pelo esforço de cada um, através de vidas sucessivas, desejando a evolução. E crermos na Justiça Divina que, a cada um, é dada segundo as suas obras, como ensinou Jesus.

Depois da vinda do Mestre Divino, o mundo já caminhou muito. Na época de Sua vinda, muitos de Seus ensinamentos não puderam ser apreendidos, pela deficiência do ser humano no seu entendimento, porém, o tempo, o progresso das ciências e, sobretudo, a Nova Revelação, proporcionam conhecimento e um juízo mais consciente da realidade.

A verdade e o entendimento justo dos Evangelhos estão à disposição de todos, através do Consolador prometido, enviado pelo Cristo.

Compete à criatura humana, às religiões, atentarem para os novos tempos e não se petrificarem no entendimento antigo, contraditório, injusto e ingrato para com o próprio Cristo, cuja doutrina é amor, é justiça e caridade.

Enquanto o ser humano se preparava para os novos tempos, convivía com o desconhecimento da Idade Média, e eram guiados pelas carências intelectuais e morais dos intérpretes da Escritura Sagrada.

Após séculos de preparo e de progresso da ciência, após tantas retificações de antigos enganos e, sobretudo, o socorro do Alto, com a vinda do Consolador, soou a hora das retificações necessárias, dos erros cometidos pelos seres humanos na interpretação dos textos sagrados, para que não se cometa mais a injustiça de atribuir a Deus e a Jesus, os enganos das resoluções tomadas pelos seres humanos e que foram transformadas em dogmas.

Às portas do terceiro milênio, ainda há religiões que não perceberam a realidade da reencarnação como lei natural e a combatem com grande veemência.

Na Doutrina Consoladora, o progresso do Espírito é resultado do esforço de cada um. Sendo livres, usando do livre arbítrio, trabalham com maior ou menor intensidade, segundo a própria vontade, acelerando ou retardando sua evolução e o encontro com a felicidade.

Portanto, são os Espíritos autores de sua própria situação feliz ou infeliz, de conformidade com o ensino de Jesus: "A cada um, segundo as suas obras".

No livro "O Céu e o Inferno", na primeira parte, capítulo três, número cinco, encontra-se a explicação: "Existem, portanto, dois mundos; o corporal, composto de Espíritos encarnados, e o espiritual; formado de Espíritos desencarnados. Os seres do mundo corporal, estão envolvidos na matéria e ligados à Terra ou outro planeta; o mundo espiritual ostenta-se por toda parte, em redor de nós, como no espaço, sem limite algum designado".

Ora, se existem dois mundos que estão em relacionamento, não há impedimento para a reencarnação. Ela se torna lógica.

O corpo físico se destrói, de acordo com a lei natural, e o Espírito volta à sua condição livre. Por isso, nada o impede de voltar em outro corpo físico, que por sua vez será destruído também, e assim repetirá suas encarnações até conseguir evoluir o necessário para não mais necessitar de corpos físicos.

Por isso, através das reencarnações, muito será dado ao que já tem, isto é, ao que se imbuí da vontade de aprender, de evoluir.

Será tirado do que nada tem ou pouco tem, isto é, terá que passar por muitas existências, com provas e expiações, até brotar dentro de si, a vontade do progresso moral.

Meditemos nos ensinamentos incomparáveis do Mestre Jesus, nestas passagens:

- Amai os vossos adversários,
- Bendizei os que vos maldizem,
- Não julgueis para não serdes julgados,
- No mundo tereis tribulações,
- Eis que vos envio como ovelhas no meio de lobos,
- Entre vós, o maior seja servo de todos,
- Se alguém quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me.

Torna-se impossível ter no Cristo de Deus, um doador de vida fácil, sem sacrifícios.

O Cristianismo é esperança sublime, fé restauradora e amor celestial, é também trabalho sacrificial para o aperfeiçoamento contínuo - Emmanuel.

Nos exemplos do Mestre Jesus, sigamos na caminhada eterna.

(Elucidações Evangélicas)/(O Reformador - 03/97)

6 - Reconhece-se o Cristão pelas suas obras - item 16.

Nas obras na esfera da fé, a sua importância maior ou menor não é o que conta, e sim, a boa vontade, a diligência, o esforço que o crente sincero deve empregar em prol do aperfeiçoamento próprio e da melhoria das suas condições e dos seus semelhantes.

O valor das obras não está na sua grandeza, mas na pureza de intenção com que é executada e no esforço empregado para a sua consecução. A viúva pobre fez mais, deitando no gazofilácio do templo uma moedinha de cobre, enquanto os ricos despejavam punhados de ouro. O óbolo da viúva representa um valor maior, porque é uma expressão de esforço; era tudo o que possuía. Dando tudo, não podia dar mais. O critério da soberana justiça; vale mais, não o que se vê ou o que se exterioriza, e sim o que permanece no coração.

A sinceridade no agir, os motivos menos egoístas, determina o nosso proceder, tais são os elementos que estabelecem o valor maior ou menor dos nossos feitos. Há muita gente cujas obras o mundo ignora, e que tem alto merecimento aos olhos de Deus. Há outros, que recebem louros, cujo mérito pesa pouco, quase nada na balança da justiça do Senhor.

Nossos atos são como os metais. Não é a quantidade, mas a qualidade que estabelece valia. Não é o volume, nem o peso, é o quilate, isto é, a pureza, que dá excelência e superioridade. Quanto mais puro é o ouro, mais pesa e maior é o seu valor. A pedra preciosa sem liga, o diamante sem falha ou mancha, são preciosidades de alto preço, pela pureza intrínseca de suas constituições. "Guardai-vos, não façais vossas obras diante dos humanos, com o fim de serdes vistos por eles; de outra sorte, não tereis a recompensa de vosso Pai que está nos Céus". Mateus, capítulo 6, vers. 1.

Há duas maneiras bem distintas de fazer boas obras: Uma é ditada pelo orgulho; outra é inspirada na caridade.

A primeira consiste em apresentar virtudes inexistentes, em exaltar a própria personalidade. A segunda está calcada na sinceridade e na compaixão pelos sofredores, somente com o objetivo de fazer o bem pelo amor ao que é certo.

Uma visa às compensações e louvores da sociedade; a outra busca apenas a alegria íntima do cumprimento de um dever.

Os fariseus do passado, quando iam ao templo ou saíam à rua para distribuir esmolas, faziam anunciar-se com toques de trombeta. Desejavam serem notados pelo povo e adquirirem a fama de benfeitores, quando na realidade, o que abundava neles era a hipocrisia e não a piedade.

Nós, que ainda somos imperfeitos, também gostamos de aparecer em campanhas de larga repercussão, principalmente na divulgação de nome de benfeitores, enquanto negamos um minuto de atenção aos infelizes farrapos humanos que batem à nossa porta; nos furtamos ao mais insignificante favor a quem não possa retribuir, assim como arranjamos desculpas para esquivarmos a qualquer esforço próprio, que nos oferece ensejo de colaborar, anonimamente, nesta ou naquela tarefa de assistência aos desvalidos.

Ensinando-nos a fazer o certo e o bem sem ostentação, dando com a direita, sem que a esquerda saiba, Jesus quer que desenvolvamos em nós os sentimentos da humildade e de legítima fraternidade cristã, sendo modestos e recatados no benefício em que fazemos, para não agravar a amargura dos irmãos necessitados, porque apesar da má condição social, também possuem a dignidade pessoal, e esta deve ser respeitada.

Não devemos socorrer os nossos irmãos necessitados, expondo-os a humilhações, isto é profanar a caridade, fazendo dela uma agência de publicidade a serviço do nosso personalismo egoísta e mercenário.

Enquanto fizermos boas obras para sermos vistos pelos humanos, sorvendo o elogio das palavras que nos são dirigidas, teremos satisfação passageira, e nada será creditado na contabilidade celeste.

Quando soubermos agir sob os impulsos do coração, por verdadeiro altruísmo; quando formos capazes de servir e passar, sem esperar, sequer, uma palavrinha de gratidão, então, sim, estaremos desenvolvendo nosso Cristo interno e estaremos sintonizados com o Pai Celestial, onde quer que estejamos, e viveremos permanentemente na mais perfeita tranquilidade de espírito, gozando a felicidade de ser correto e bom.

No auge de Sua missão, Jesus Cristo, deparando com a inconstância dos Seus companheiros, referente as coisas espirituais, explicou: "a seara é grande, mas poucos são os trabalhadores". E suplicou ao Pai que lhe enviasse mais trabalhadores.

Muitos Espíritos ao retornarem à Terra, assumem compromissos para desenvolverem certas tarefas, mas aqui, reencarnados, empolgam-se com as coisas do mundo material e se esquecem dos compromissos assumidos, principalmente quando as dificuldades são frequentes.

Muitos obreiros do Senhor estiveram na Terra e desenvolveram tarefas, entretanto muitos outros vieram em missão, e envolvidos pelas coisas do mundo material, desviaram, e deixaram a missão por realizar.

Isto também se aplica, às missões e tarefas que o ser humano tem nas diversas atividades, quer no terreno político, no social, no religioso, no científico e em todos os demais.

Alguns obreiros vêm como unificadores de povos, para proporcionar paz, bem estar e progresso; no entanto, aqui na Terra, tornam-se orgulhosos opressores e vaidosos tiranos, e se transformam em emissários do ódio e da vingança, ao contrário daquilo que vieram realizar.

Certos obreiros vêm até a Terra com a incumbência de chefes religiosos, para propagar a verdade. Enquanto desencarnados animam-se com o propósito. Aqui, reencarnados, tornam-se opositores das ideias novas, e inimigos dos renovadores, detestando os princípios que não sejam os seus.

Grande contingente de Espíritos quando obtém do Alto a permissão para reencarnarem, premeditam socorrer a pobreza, enxugar as lágrimas, suavizar as dores, principalmente dos pequeninos da Terra; e, quando aqui renascem, tornam-se orgulhosos, egoístas, antifraternos, e colocam as conveniências pessoais acima dos tormentos alheios, apenas desejando conquistar ouro e fama.

Diversos Espíritos antes de reencarnarem, predispõem-se a defender os menos favorecidos e restabelecerem a justiça na Terra. Entretanto, tornam-se coniventes com o erro, com a injustiça, sem qualquer princípio de solidariedade.

Jesus, quando esteve na Terra, manteve contato com muitas pessoas que desejavam segui-Lo, e que ao tomarem conhecimento do que era necessário fazer, desistiram prontamente. O moço rico que cumpria rigorosamente os mandamentos, ao receber de Jesus o generoso convite para vender tudo o que tinha e dar o dinheiro aos pobres, retirou-se amargurado e cabisbaixo, preferindo continuar com as vantagens que a riqueza terrena oferecia.

A parábola do Festim das Bodas é bastante elucidativa. Nela deparamos com diversas pessoas que receberam o efusivo convite para tomarem parte do banquete que simbolizava o Reino dos Céus. Todos se furtaram de comparecer, alegando várias razões de natureza material, por isso o salão de festa ficou vazio.

Em seguida o convite foi formulado aos coxos, aos paralíticos e aos humanos de todas as categorias. O salão ficou repleto, mas, mesmo assim, o Senhor teve que afastar alguns que não estavam com as roupas nupciais; isto é, que não compreenderam o chamamento, que não haviam se reformado interiormente e que levou Jesus a exclamar: "Muitos serão os chamados, e poucos os escolhidos".

Primeiramente Jesus fez o generoso convite ao povo de Israel, aos doutos e sábios. Estes não aceitaram o convite, preferindo as conquistas da Terra. Depois o convite foi ampliado a todas as comunidades da Terra, mesmo assim o resultado não foi dos mais promissores, pois muitos continuam a serem chamados, mas poucos os escolhidos.

E se estamos aqui, desejosos de aprender o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, precisamos fazer a nossa reforma íntima, para estarmos entre os escolhidos.

E o Mestre amigo está disposto a nos ajudar a fazer parte dos escolhidos.

(O Sermão da Montanha)/(Os Padrões Evangélicos)/(Em Torno do Mestre)

CAPÍTULO XIX

A FÉ TRANSPORTA MONTANHAS

Poder da fé. - A fé religiosa. - Condição da fé inabalável. - Parábola da figueira seca.
- Instruções dos Espíritos: A fé, mãe da esperança e da caridade. - A fé divina e a fé humana.

PODER DA FÉ

1. Quando veio até o povo, um homem se aproximou dele, lançou-se-lhe de joelhos aos pés, e lhe disse: Senhor, tem piedade de meu filho, que está lunático e sofre muito, porque cai frequentemente no fogo e frequentemente na água. Eu o apresentei aos vossos discípulos, mas não puderam curá-lo. E Jesus, o Cristo, respondeu, dizendo: Oh! raça incrédula e perversa, até quando estarei convosco? Até quando vos suportarei? Trazei-me aqui essa criança. E Jesus, o Cristo, tendo doutrinado o obsessor, ele saiu da criança, que foi curada no mesmo instante. Então os discípulos vieram encontrar Jesus, o Cristo, em particular, e lhe disseram: Por que não pudemos, nós outros, retirar esse obsessor? E Jesus, o Cristo, lhes respondeu: É por causa da vossa incredulidade. Porque eu vo-lo digo em verdade: se tivésseis fé como um grão de mostarda, diríeis a esta montanha: Transporta-te daqui para ali, e ela se transportaria, e nada vos seria impossível. (*Mateus, cap. XVII, v. 14 a 20*).

(A fé racional moralizada é muito diferente da fé cega.)

2. No sentido próprio, é certo que a confiança nas próprias forças torna capaz de executar coisas materiais que não se pode fazer quando se duvida de si. Mas aqui é unicamente no sentido moral que é preciso entender essas palavras. As montanhas que a fé transporta são as dificuldades, as resistências, a errada vontade, numa palavra, que se encontra entre os humanos, mesmo quando se trata das melhores coisas. Os preconceitos da rotina, o interesse material, o egoísmo, a cegueira do fanatismo, as paixões orgulhosas, são outras tantas montanhas que barram o caminho de todo aquele que trabalha pelo progresso da Humanidade. A fé robusta dá a perseverança, a energia e os recursos que fazem vencer os obstáculos, nas pequenas como nas grandes coisas. A que é vacilante dá a incerteza, a hesitação de que se aproveitam aqueles que se quer combater. Ela não procura os meios de vencer, porque não crê poder vencer.

(Os problemas materiais são de duração efêmera, por esta razão a fé cega, sendo 'material', resolve a maioria desses problemas. Os problemas espirituais são de duração variável, normalmente a fé cega falha e leva o humano ao desespero e ao fanatismo.)

3. Noutra acepção, a fé se diz da confiança que se tem no cumprimento de uma coisa, da certeza de atingir um fim. Ela dá uma espécie de lucidez que faz ver, no pensamento, o fim para o qual se tende e os meios de atingi-lo, de sorte que aquele que a possui caminha, por assim dizer, com certeza. Num e noutro caso, ela pode fazer realizar grandes coisas. A fé sincera e verdadeira é sempre calma. Dá a paciência que sabe esperar, porque tendo seu ponto de apoio no conhecimento e na compreensão das coisas, está certa de chegar. A fé incerta sente a sua própria fraqueza. Quando está estimulada pelo interesse, torna-se raivosa e crê suprir a fraqueza pela violência. A calma nos trabalhos é sempre um sinal de força e de confiança. A violência, ao contrário, é uma prova de fraqueza e de dúvida de si mesmo.

(Ao estudarmos a Doutrina dos Espíritos, com a constância, meditação e ações já possíveis, iremos nos fortalecendo na fé raciocinada, toda de caráter moral. Os valores espirituais irão sobressaindo aos materiais e caminharemos mais confiantes, exatamente por estarmos conhecendo a Lei de Deus!)

4. É preciso se guardar de confundir a fé com a presunção. A verdadeira fé se alia à humildade. Aquele que a possui coloca sua confiança na Lei de Deus mais do que em si mesmo, porque sabe que, simples discípulo da Lei de Deus, não pode nada correto fora dela. Por isso, os Espíritos corretos vêm em sua ajuda. A presunção é menos a fé e mais de orgulho, e o orgulho é sempre

castigado, mais cedo ou mais tarde, pela decepção e pelos fracassos que lhe são infligidos.

(A fé cega é produto do nosso comodismo e conformismo aos valores imediatistas, portanto orgulhosa e egoística!)

5. O poder da fé recebe uma aplicação direta e especial na ação magnética. Por ela o humano age sobre o fluido cósmico, agente universal, lhe modifica as qualidades e lhe dá uma impulsão, por assim dizer, irresistível. Por isso, aquele que, a um grande poder fluídico normal junta uma fé ardente, pode, apenas pela vontade dirigida para o certo, operar esses fenômenos estranhos de cura e outros que, outrora, passariam por prodígios e que não são, todavia, senão as consequências de uma lei natural. Tal o motivo pelo qual Jesus, o Cristo, disse aos seus apóstolos: se não curastes é que não tínheis a fé.

(Aqui é a fé raciocinada e moral, bem utilizando as qualidades materiais da energia do fluido vital. Isso para os que estudam. Para os de fé cega: “Tenho toda a fé em Deus, Ele não falha! Por isso que não falho na ajuda de 10% para a obra Dele!”.)

A FÉ RELIGIOSA. CONDIÇÃO DA FÉ INABALÁVEL

6. Do ponto de vista religioso, a fé é a crença nos dogmas particulares que constituem as diferentes religiões. Todas as religiões têm os seus artigos de fé. Sob este aspecto, a fé pode ser raciocinada ou cega. A fé cega, não examinando nada, aceita sem controle o errado como se verdadeiro fosse, e se choca, a cada passo, contra a evidência e a razão. Levada ao excesso, produz o fanatismo. Quando a fé repousa sobre o erro, ela se destrói, cedo ou tarde. A que tem por base a razão é a única segura do futuro, porque não tem nada a temer do progresso das luzes, já que o que é verdadeiro no escuro, o é igualmente em plena luz. Cada religião pretende estar na posse exclusiva da verdade. Preconizar a fé cega sobre um ponto de crença, é confessar impotência em demonstrar que se tem razão.

(A fé cega, não examinando nada, aceita sem controle o errado como se verdadeiro fosse, e se choca, a cada passo, contra a evidência e a razão. Levada ao excesso, produz o fanatismo.)

Somente os estudos é que nos propiciam o conhecimento e, usado pela nossa inteligência, garantem o pleno exercício do livre-arbítrio nas nossas decisões fundamentais.)

7. Diz-se vulgarmente que a fé não se prescreve. Daí muitas pessoas dizerem que não é por sua culpa, se não têm fé. Sem dúvida, a fé não se prescreve, e o que é ainda mais justo: a fé não se impõe. Não, ela não se recomenda, mas se adquire, e não há ninguém que esteja privado de possuí-la, mesmo entre os mais rebeldes. Falamos das verdades espirituais fundamentais, e não desta ou daquela crença particular. Não cabe à fé ir a eles, mas a eles irem ao encontro da fé, e se a procuram com sinceridade, a encontrarão. Tende, pois, por certo que aqueles que dizem: “Não queríamos nada melhor do que crer, mas não o podemos”, o dizem dos lábios e não do coração, porque em dizendo isso tapam os ouvidos. As provas, entretanto, se multiplicam ao seu redor. Por que, pois, se recusam em vê-las? Nuns, é negligência. Em outros, medo de serem forçados a mudar seus hábitos. Na maioria, é o orgulho que recusa reconhecer uma potência superior, porque lhes seria preciso se inclinarem diante dela.

Em certas pessoas, a fé parece de alguma sorte inata. Uma centelha basta para desenvolvê-la. Essa facilidade em assimilar as verdades Espíritas é um sinal evidente de progresso anterior. Em outros, ao contrário, elas não penetram senão com dificuldade, sinal não menos evidente de uma qualidade a ser desenvolvida. Os primeiros já creram e compreenderam. Trazem, ao renascer, a intuição do que sabiam: sua educação está feita. Os segundos têm tudo a aprender. Sua educação está por fazer. Ela se fará, e se não ficar concluída nesta existência, o estará em outra.

A resistência do incrédulo, é preciso ser entendida, prende-se, frequentemente, menos a ele do que à maneira pela qual se lhe apresentam as coisas. À fé é preciso uma base, e essa base é o conhecimento correto daquilo em que se deve crer. Para crer, não basta ver, é preciso, sobretudo, compreender. A fé cega não é mais deste século. Ora, é precisamente o dogma da fé cega que faz hoje o maior número de incrédulos, porque quer se impor e exige a abdicação de uma das mais

preciosas prerrogativas do humano: o raciocínio e o livre-arbítrio. É essa fé contra a qual, sobretudo, luta o incrédulo, e da qual é verdadeiro dizer que não se prescreve. Não admitindo provas, ela deixa no Espírito um vazio de onde nasce a dúvida. A fé raciocinada, a que se apoia sobre os fatos e a lógica, não deixa atrás de si nenhuma dúvida. Crê-se porque se está certo, e não se está certo senão quando se compreendeu. Eis porque ela não se dobra. Porque não há fé inabalável senão aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade.

É a esse resultado que o Espiritismo conduz, e triunfa também da incredulidade todas as vezes que não encontra oposição cega e interesseira.

(Ora, é precisamente o dogma da fé cega que faz hoje o maior número de incrédulos, porque quer se impor e exige a abdicação de uma das mais preciosas prerrogativas do humano: o raciocínio e o livre-arbítrio.)

Para ter fé raciocinada, precisa existir confiança. Se não conheço algo, não posso ter confiança, portanto; não devo ter fé! Mas, existe a fé de igrejas, e os crentes nessas igrejas não conhecem aquilo pelo qual têm a fé? Como pode ser isso? Simples, fé cega e fé raciocinada. A primeira é a dos acomodados e conformistas, a segunda é a dos que estudam e meditam separando o joio do trigo!

PARÁBOLA DA FIGUEIRA SECA

8. Quando saíram de Betânia, ele teve fome. E vendo de longe uma figueira, foi ver se poderia nela encontrar alguma coisa, e tendo se aproximado, não encontrou senão folhas, e era tempo de figos. Então, Jesus, o Cristo, disse à figueira: Que ninguém coma de ti nenhum fruto. O que seus discípulos ouviram. No dia seguinte, passando pela figueira, viram que ela havia se tornado seca até a raiz. E Pedro, lembrando-se das palavras de Jesus, o Cristo, lhe disse: Mestre, vede como a figueira a que te dirigistes tornou-se seca. Jesus, o Cristo, tomando a palavra, lhe disse: "Tende fé em Deus. Eu vo-lo digo em verdade, que todo aquele que disser a essa montanha: Tira-te daí e lança-te ao mar, e isso sem hesitar no coração, mas crendo firmemente que tudo o que houver dito acontecerá, ele o verá com efeito acontecer. *(Marcos, cap. XI, v. 12 a 14 e 20 a 23).*

(Aqueles de fé cega não estão 'produzindo' frutos, portanto devem ser 'arrancados' do pomar terreno, pela Lei de Deus serão 'plantados' em lugares de solos próprios aos de fé cega!)

9. A figueira seca é o símbolo das pessoas que não têm senão as aparências de correção, mas em realidade não produzem nada de correto. Oradores que têm mais brilho do que solidez. Suas palavras têm o verniz da superfície. Agradam aos ouvidos, mas quando estudadas, nelas não se encontra nada de importante para o coração. Depois de tê-las ouvido, pergunta-se qual proveito disso se tirou.

É ainda o emblema de todas as pessoas que têm os meios de serem úteis e não o são. De todas as utopias, de todos os sistemas vazios, de todas as Doutrinas sem base sólida. O que falta, na maioria das vezes, é a verdadeira fé, a fé fecunda, a fé que comove as fibras do coração, numa palavra, a fé que transporta montanhas. São as árvores que têm folhas, mas não frutos. Por isso, Jesus, o Cristo, as destina à esterilidade, porque um dia virá em que estarão secas até a raiz. Quer dizer que todos os sistemas, todas as Doutrinas que não tiverem produzido nada certo à Humanidade, cairão, no nada. Que todos os humanos voluntariamente inúteis, por falta de terem colocado em prática os recursos que tinham, serão tratados como a figueira seca.

(São as árvores que têm folhas, mas não frutos.)

São os humanos que têm 'vida', mas vivem inutilmente, vivem pela matéria e sem atentarem à verdade dos valores espirituais, enfim; que não conhecem e nem vivem pelos valores perenes da Lei de Deus!)

10. Os médiuns são os intérpretes dos Espíritos. Suprem os órgãos materiais que faltam a estes para nos transmitirem suas instruções. Por isso, são dotados de faculdades para esse efeito. Nestes tempos de renovação social, têm uma missão particular. São as árvores que devem dar o alimento espiritual aos seus irmãos. São multiplicados para que o alimento seja abundante. Encontram-se por toda parte, em todos os países, em todas as classes da sociedade, entre os ricos e entre os pobres, entre os grandes e os pequenos, a fim de que não haja deserdados, e para provar aos humanos que todos são chamados. Mas se desviam do seu fim providencial a faculdade pre-

ciosa que lhes foi concedida, se a fazem servir às coisas fúteis ou errôneas, se a colocam a serviço dos interesses mundanos, se em lugar de frutos salutares dão frutos podres, se recusam em torná-la proveitosa para os outros, se dela não tiram proveito para si mesmos em se melhorando, eles são como a figueira estéril. A Lei de Deus lhes retirará um dom que se tomou inútil em suas mãos: as sementes que não sabem fazer frutificar, e os deixará tornarem-se a presa dos Espíritos errados, obsessores.

(São as árvores que devem dar o alimento espiritual aos seus irmãos.

A parábola é 'simbólica'. Sendo a figueira uma árvore que devia produzir 'flores', mas elas se fecham sobre si mesmas e produzem 'frutos'. Isto quer dizer: Não é necessário anunciar produtos 'flores', mas é obrigatório produzir 'frutos'. Em poucas palavras: Não é preciso dizer que sabe, FAÇA SEMPRE! Ou então: Não se disfarce de figueira!)

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

A FÉ, MÃE DA ESPERANÇA E DA CARIDADE

11. A fé, para ser proveitosa, deve ser ativa. Não deve ser escondida. Mãe de todas as virtudes que conduzem a Deus, deve olhar atentamente pelo desenvolvimento das filhas que dela nascem. A esperança e a caridade são consequência da fé. Essas três virtudes são uma trindade inseparável. Não é a fé que dá a esperança de ver cumprirem-se as promessas do Senhor? Porque, se não tendes fé, que esperais? Não é a fé que dá o amor? Porque, se não tendes fé, que reconhecimento tereis e, por conseguinte, que amor?

Divina inspiração de Deus, desperta a fé todos os nobres valores que conduzem o humano ao certo. É a base da regeneração. É preciso, pois, que essa base seja forte e durável, porque se a menor dúvida vier abalá-la, em que se torna o edifício que construístes sobre ela? Elevai, pois, esse edifício sobre fundações inabaláveis. Que a vossa fé seja mais forte do que as falsas conversas e as zombarias dos incrédulos, porque a fé que não afronta o ridículo dos humanos, não é a verdadeira fé. A fé sincera é arrebatadora e contagiosa. Ela se comunica àqueles que não a tinham, ou mesmo não queriam tê-la. Encontra palavras verdadeiras que vão ao Espírito, enquanto que a fé aparente não tem senão palavras sonoras, mas falsas, que os deixam frios e indiferentes. Pregai pelo exemplo da vossa fé para dá-lo aos humanos. Pregai pelo exemplo das vossas obras para fazê-los ver o mérito da fé. Pregai pela vossa esperança inabalável, para lhes fazer ver a confiança que fortalece e leva a enfrentar todas as vicissitudes da vida.

Tende, pois, a fé em tudo o que ela tem de certo e de belo, em sua pureza e em sua razão. Não admitais a fé sem controle, filha cega da cegueira. Amai a Deus, mas sabei por que o amais. Crede em suas promessas, mas sabei por que nelas credes. Segui nossos conselhos, mas inteirai-vos do fim que vos mostramos e dos meios que vos trazemos para atingi-lo. Crede e esperai, sem jamais fraquejar: os atos extraordinários são a obra da fé.

(José, Espírito protetor, Bordéus. 1862).

(Encontra palavras verdadeiras que vão ao Espírito, enquanto que a fé aparente não tem senão palavras sonoras, mas falsas, que os deixam frios e indiferentes.

A fé fundamentada na razão, é aquela produzida pelo estudo sistemático da Doutrina dos Espíritos!)

A FÉ DIVINA E A FÉ HUMANA

12. A fé é o sentimento natural, no humano, de sua destinação futura. É a consciência que tem das faculdades imensas, cuja semente foi depositada nele, primeiro em estado latente, e que deve fazer eclodir e crescer por sua vontade ativa.

Até o presente, a fé não foi compreendida senão sob o aspecto religioso, porque Jesus, o Cristo, a preconizou como alavanca poderosa, e porque não se viu nele senão o chefe de uma religião. Mas Jesus, o Cristo, que realizou ações extraordinárias, mostrou, por essas mesmas ações, o que pode o humano quando tem fé, quer dizer, a vontade de querer, e a certeza de que essa vontade pode receber seu cumprimento. Os apóstolos, a seu exemplo, não fizeram grandes ações? Ora, que eram essas ações senão efeitos naturais, cuja causa era desconhecida dos humanos de então,

mas que se explica em grande parte hoje, e que se compreenderá completamente pelo estudo do Espiritismo e do Magnetismo!

A fé é humana ou divina, segundo o humano aplique suas faculdades às necessidades terrestres ou às suas aspirações espirituais e futuras. O humano de gênio que persegue a realização de alguma grande empresa triunfa se tem fé, porque sente em si que pode e deve alcançar, e essa certeza lhe dá uma força imensa. O humano correto que, crendo em seu futuro espiritual, quer encher sua vida física de nobres e corretas ações, tem na sua fé, na certeza da felicidade que o espera, a força necessária, e aí ainda se cumprem as ações de caridade, de devotamente e de abnegação. Enfim, com a fé, não existem errôneas tendências que não se possam vencer.

O magnetismo é uma das maiores provas do poder da fé posta em ação. É pela fé que ele cura e produz esses fenômenos extraordinários que, antes, eram qualificados de milagres.

Eu repito: a fé é humana e divina. Se todos os encarnados estivessem bem convencidos da força que têm em si, se quisessem colocar sua vontade a serviço dessa força, seriam capazes de realizar o que, até o presente, chamou-se de prodígios, e que não é senão um desenvolvimento das faculdades humanas.

(Um Espírito protetor. Paris, 1863).

(Seja a fé humana ou divina, ela deve ser raciocinada, pois somente esta racionalidade é que propicia caminhar na Lei de Deus!)

EXPLANAÇÕES

1 - O poder da fé - itens 1, 2, 3, 4 e 5.

Jesus, nesta passagem do Evangelho nos fala figuradamente sobre a fé, como sempre sucedia. Quando o pai do moço O procurou, disse-lhe Jesus: Se puderes crer, todas as coisas são possíveis àquele que crê.

Que prodígios a fé não pode operar?

A fé é uma força motriz, é calor fecundante que dá ao Espírito a essência pura da crença, sem sombras, na existência de Deus, no Seu amor, na Sua misericórdia infinita, que leva às regiões luminosas do espaço e ao Criador.

A fé consiste na confiança absoluta, sem a mínima dúvida, sem vacilação. É uma virtude difícil e impossível de definir, quase incompreensível para nós pobres errados de todos os instantes, cheios de imperfeições e fraquezas.

Nós a consideramos impossível, porque achamos que ela é apanágio somente para Espíritos elevados e com isto, não percebemos que todos os instantes recebemos provas de bondade e misericórdia de Nosso Senhor Jesus Cristo; é porque não meditamos nas lições exemplificadas pelo Mestre até o momento de Sua crucificação, e no que Ele nos tem enviado até os dias de hoje. A fé nós a vemos em muitos irmãos, até nos menos aparelhados em outras virtudes. Ela é forte, esclarecida e sábia como mostra o Evangelho.

A verdade, é que: - àquele que crê, todas as coisas são possíveis, por isso em torno do que crê, agrupam-se Espíritos corretos para assisti-lo. A fé se alia à esperança e ambas formam a caridade. Como nossos corações ainda não estão bastante abertos para agasalharmos essas virtudes, vamos nos esforçar nos estudos e na prática do Evangelho de Jesus, meditando nos Seus ensinamentos e exemplos, e dos Seus apóstolos, fortalecendo-nos espiritualmente, aprendendo a pedir somente o que é justiça aos olhos de Deus.

E o pai do moço responde a Jesus: - Sim, Senhor, eu creio; ajuda a minha pouca fé.

E o Mestre, diante desse apelo de quem não sentia tão forte a sua fé, para merecer tal graça, lhe facultou ser atendido pela bondade infinita.

Os apóstolos de Jesus, já haviam realizado algumas missões de curar enfermos e afastar Espíritos obsessores, porém não conseguiram afastar o obsessor do rapaz. Jesus quis mostrar-lhes que ainda lhes faltavam a confiança na tarefa que tinham de cumprir, e que deviam se preservar do orgulho, que eles, na condição de humanos, poderia dominar os seus corações, levando-os a reconhecer que precisavam ter fé e absoluta confiança naquele em cujo nome iam falar.

Esta passagem do Evangelho serve de exemplo para os médiuns de hoje, para que não se envaideçam de sua mediunidade e que realizem o seu trabalho com humildade, fé e confiança.

É um exemplo para os seguidores dos apóstolos. Se eles, que eram edificados constantemente pelos ensinamentos, conselhos e exemplos do Mestre, santificados pela Sua presença, estavam sujeitos a fracassos, como é narrado nesta passagem do Evangelho, imaginem os nossos fracassos na atualidade, nós que carecemos de fé, e que não sabemos orar.

A fé é uma alavanca capaz de levantar o mundo. Da fé, nasce a prece.

A prece não é um amontoado de palavras que repetimos maquinalmente. A prece são nossos atos praticados com o pensamento em Deus. É um enlevo contínuo do pensamento, uma aspiração dirigida ao Criador a guiar-nos na prática da verdade, da caridade e do amor, a bem do nosso progresso moral e intelectual, e dos nossos irmãos.

E Jesus recomenda abstermo-nos dos pensamentos culposos, inúteis, frívolos; para sermos sóbrios na satisfação de nossas necessidades materiais e repartirmos o supérfluo com os nossos irmãos a quem falte o necessário; para sermos sinceros na modéstia, nos costumes e no proceder.

A fé é uma necessidade espiritual da qual não pode o Espírito prescindir.

Da mesma forma que o corpo físico precisa do ar e do pão para manter as células, o Espírito necessita da fé, para vitalizar, renovar, tonificar a organização física e psíquica na tarefa de progredir.

Alimento sutil, a fé é o tesouro de inapreciável valor que conduz os humanos a serviço da coletividade. Graças a ela renova-se a face da Terra, modificam-se as feições. Com ela cessam as agônias, retemperam-se os ânimos, multiplicam-se luzeiros, erradicam-se erros e males.

É a Estrela que clareia as noites do Espírito.

Chama que aquece os corações.

Pão que nutre as esperanças.

Roteiro que conduz vidas.

Conhecê-la, guardando-a no íntimo, é tarefa que todos nos devemos impor, no abençoado alcance de nossa imortalidade.

Não esperemos que a fé nos busque, como hóspede inesperado que chega, após viagem bem sucedida.

A fé não se doa, não se transmite. É a chama que arde em todos os Espíritos, aguardando o combustível do esforço de cada um para agigantá-la e clarear por dentro como mensagem de Deus.

LIÇÃO DE FÉ

Assídua trabalhadora da casa Espírita ganhara dois exemplares do Evangelho Segundo o Espiritismo para doar, para repassar a frequentadores carentes ou não, que tenham interesse pelo estudo das lições de Jesus, à Luz da Doutrina Espírita, ou que estejam extremamente necessitados.

Nessa Casa a frequência predominante é de pessoas de condição social muito humildes, sobretudo, mulheres, crianças e jovens.

Conhecia todos os assistentes, pois coordena outras atividades, semanalmente o trabalho da sopa, oferecida a mais de seiscentas crianças.

Sentou-se para ouvir a exposição evangélica daquela manhã de domingo, colocou os volumes no colo.

E a companheira do lado esquerdo, pergunta-lhe para que eram aqueles livros.

- Para doar - respondeu-lhe.

- Eu quero um - foi a resposta.

Outra idosa senhora, à sua direita, sendo trabalhadora e conviva constante das sopas semanais, ouvindo o diálogo disse-lhe:

- Preciso de outro.

E a portadora dos livros disse-lhe carinhosamente: - Para que você quer o Evangelho Maria, se não sabe ler?

Para sua e nossa surpresa, ouviu a seguinte afirmação:

- Ah! Mas eu faço o culto do Evangelho no lar, e não tenho o Evangelho Segundo o Espiritismo. Num certo dia da semana, faço minha oração. Rogo a Jesus pelos enfermos; pelos amigos e adversários; pelos governantes; pelos que sofrem e precisam de prece; pelos errados. E porque não tenho esse livro tão bonito, pego as mensagens que vocês dão no Centro, coloco na mesa e digo aos Espíritos:

- Está aí! Agora vocês leem.

É claro que Dona Maria levou seu presente. E bem merece! Além disso, desencarnados participam do seu Evangelho, lendo-lhe as belas lições.

Quanta fé em suas palavras simples, sinceras e humildes. Analfabeta das letras do mundo, mas, sabiamente, reconhece o valor da oração no seu modesto barraco e bem sabe da presença de mensageiros celestes no seu estudo periódico, pois os pressente e reconhece a sua influência em sua vida.

Na simplicidade e pureza do seu coração, o exemplo e o exercício vivo da fé.

Bela lição, para todos nós, quer sejamos letrados ou iletrados, especialmente para nós que, sabendo ler, somos escravos do orgulho e não valorizamos a sementeira da felicidade e da paz. Ou que não sabemos orar, ou, ainda, por respeito humano, nos envergonhamos de fazê-lo em público.

Envergonhamo-nos de orar em público, mas cultivamos orgulhosamente, os vícios do fumo ou do álcool; da cólera ou da maledicência; dos palavrões ou das piadas de mau gosto. Quando deveríamos, ao contrário, amar a oração, para nos tornarmos dignos do Pai que nos criou.

Por essas e outras, afirma-nos Jesus: Graças te rendo, meu Pai, Senhor do Céu e da Terra, por haver ocultado estas coisas aos doutos e aos prudentes e por as ter revelado aos simples e aos pequenos. Mateus, capítulo 11, vers. 25.

"Se tivésseis fé" - disse o Senhor.

(Elucidações Evangélicas)/(Lampadário Espírita)/(O Reformador - 04/97)

2 - A fé religiosa. Condição de fé inabalável - itens 6 e 7.

Fé - é a adesão do Espírito àquilo que considera verdadeiro. Crença religiosa. Firmeza na execução de uma promessa ou compromisso.

Cristóvão Colombo seguro da existência de terras além do horizonte, avançou e descobriu a América.

Pasteur teve fé no seu trabalho em benefício da humanidade e descobriu a vacina antirrábica.

Fascinada pelo amor fraternal, Florência Nightingale deixou as fantasias feminis e partiu para a Criméia e, através de sua filantropia, foram elaboradas as bases da Cruz Vermelha.

Jesus, perante a dúvida dos que O seguiam, levantou Lázaro da sepultura, para atender ao confiante apelo de Maria, irmã do cataléptico.

Nestas citações como exemplo, vemos que a fé deve brotar do nosso amor, do nosso esforço, do nosso desejo de melhorar. É necessário que a sintamos, que a queiramos.

A lição do Evangelho de hoje nos fala da fé. Fé cega. Fé raciocinada.

A fé cega que acanha as ideias e alimenta o orgulho e o egoísmo, foge da luz.

Quantas vezes ouvimos notícias de desencarnes em nome de religião ou seita, que seguindo o seu líder, sem raciocinar, desfazem da oportunidade que Deus lhe dá. Muitos se matam e também o fazem a outras pessoas, pelo fanatismo religioso ou político.

E no cenário do mundo de hoje, onde temos tantas mensagens de amor, ainda estamos assistindo brigas religiosas, alimentadas pelo orgulho e o egoísmo.

O Espiritismo combate a fé cega que impõe ao ser humano a abdicação do seu próprio juízo, reconhecendo que não pode ter fundamento a fé imposta.

A fé racional pede a verdade e não a ilusão, porque a verdade rasga o véu dos mistérios e alarga os horizontes. Essa é a fé, elemento essencial de todo o progresso, é o que o Espiritismo proclama: Fé robusta, porque se afirma na experiência e nos fatos, dá provas palpáveis da imortalidade do Espírito e ensina donde ele vem, para onde vai e porque está na Terra, e fixa nossas ideias a respeito do futuro.

Uma vez neste caminho, não daremos mais alimento ao orgulho e ao egoísmo, e estes serão aniquilados progressivamente, enquanto os laços sociais da caridade e da fraternidade serão compreendidos.

Essa modificação não será repentina. É impossível, pois na Natureza, nada vai de salto; vejam a saúde, não volta subitamente e entre a moléstia e a cura há a convalescença.

O ser humano não mudará instantaneamente de sentimento ao elevar os olhos ao céu; o infinito deslumbra-o, confunde-o; precisa de tempo para assimilar novas ideias.

O Espiritismo é o elemento mais potente de moralização, porque desmorona os fundamentos do egoísmo e do orgulho, dando fortaleza à moral. Isto se produz no ser humano individualmente, e um dia produzirá em toda a humanidade. Não arranca de uma vez a erva daninha, mas dá a fé, que é boa semente e que precisa somente de tempo para germinar. Por isso não somos todos perfeitos.

O Espiritismo encontrou o ser humano no meio da vida física, cheio de paixões e preconceitos e às vezes materialista, e mesmo assim, tem operado prodígios.

Imaginem como será quando encontrar a criatura humana no berço da caridade e da fraternidade, enfim, quando uma geração inteira estiver alimentada de fé que a razão fortifica?

Então, a fé racional, o progresso será de todos, limpando a estrada do orgulho e do egoísmo, e a humanidade caminhará rapidamente para o destino que lhe é prometido na Terra, enquanto não chega a hora de alcançar o Céu.

Aí teremos a fé inabalável, a fé que encara a razão face a face em todas as épocas da humanidade.

A nossa felicidade depende da fé, da sua presença marcante e sutil.

A fé é uma força do coração que atrai firmemente aquilo que queremos, sendo infinito o seu campo de ação. Na lavoura cultivamos tudo o que deveremos colher. As virtudes nós cultivamos no coração.

O ser humano é o que a sua fé determina. Precisamos unir os nossos pensamentos, com retidão de sentimentos, para que das ideias, surja a fé, na glória de Deus e no reino de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Quando estamos tristes, busquemos no fundo do nosso íntimo, e veremos que escapuliu a nossa fé.

Quando sentimos por momentos, ódio de alguém, é certo que a fé não estava no nosso coração.

Quando esquecemos o amor ao próximo, a fé nos faltou nas entranhas do nosso ser.

Quando usarmos da ignorância desfazendo das qualidades alheias, verifiquemos que a nossa fé está escondida nas dobras do ciúme.

Quando não respeitamos os direitos alheios, esquecemos a fé.

Quando deixamos passar despercebida a caridade, o que dizer da nossa fé?

Quando não nos lembramos do amor, nas coisas mais simples da vida, é porque nos faltou a presença da fé.

É por isso, que a fé, é verdadeiramente a substância das coisas pensadas, e essas coisas pensadas, para representarem a fé, deverão ser selecionadas pela presença do Evangelho, porque somente ele sabe dar rumos à fé que tanto Jesus nos falava e que repetia a todos os Seus discípulos.

O próprio Evangelho é obra da fé. Qualquer um de nós que a esquecermos, bem como as obras que a completam, será um irmão, que mesmo andando está morto, porque ensina a Boa Nova que a fé, sem obras, é morta. E o que está morto não pode crescer, não desenvolve. Só os organismos vivos é que possuem essa faculdade.

No Universo não há nada estático, e a fé, como tudo o mais, é dinâmica, evolui e se aperfeiçoa.

"Disseram os apóstolos ao Senhor: Aumentamos a fé".

Jesus os fez compreender que, para aumentar a fé, ser fortalecida, a fé tem que se apoiar em atos de benemerência, em devotamento ao próximo, em renúncia pessoal a benefício dos semelhantes.

A fé é o salário do Espírito, só pode ser aumentado naqueles que demonstrem espírito de serviço, e se empreendam com afinco, no campo do altruísmo e da fraternidade Cristã.

E se nós ainda não conquistamos a fé ardente, prossigamos com amor e a encontraremos, porque ela pertence a todo coração persistente, que vibra pelo certo e o bem e pela paz.

Fé é força, é chama vivificante que dissolve toda dificuldade e garante ao portador vigilante, a bênção de ser feliz e dar felicidade.

Ama e Serve!

(Obras Póstumas)/(Orientações Espirituais)/(Parábolas Evangélicas)/(Francisco de Assis)

3 - Parábola da Figueira seca - itens 8, 9 e 10.

A Doutrina Espírita explica de maneira muito clara o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo e ensina de maneira inteligente.

No Evangelho, o Mestre advertiu as criaturas humanas, prevenindo-as quanto a importância da validade de Seus ensinamentos, que não são acidentais ou ocasionais, são fundamentais.

Na condição de Mestre perfeito, Ele tudo conhecia e tudo ensinava, de acordo com a carência dos que O ouviam, porque se responsabilizara perante o Pai Celestial.

Diante dos Seus discípulos e das multidões que se reuniam, sedentas de justiça e consolação, mostrava que era necessário praticar virtudes, levando aos mais amadurecidos, o entendimento do porquê de suas presenças no mundo, revestidos do corpo carnal.

Somente a falta de compreensão dos seres humanos, nas leituras evangélicas, levou-os ao segundo plano, ao valor material e a confundirem as coisas, porque relegaram o Evangelho, não entenderam, não quiseram entender e nem guardaram os ensinamentos de Jesus.

Em Seu Evangelho, Jesus mostra, que cada um responderá pelas suas faltas cometidas, porém não outorga ninguém a submeter os seus semelhantes ao tormento.

O advento do Espiritismo trouxe luz à compreensão de que o faltoso, através de reencarnações expiará as suas faltas, e que os que se obstinarem no erro, passarão a viver em mundos inferiores, até o momento de desejarem melhorar.

O Espiritismo em termo de revelações e conhecimentos muito nos tem dado, por isso, os Espíritos devem refletir nestas palavras do Divino Amigo: "E, a qualquer que muito foi dado, muito se lhe pedirá, e ao que se lhe confiou, muito mais se pedirá". Lucas, capítulo 12, vers. 48.

É grande a cobrança do Pai e tem o direito de nos fazer, porque temos recebido tanto, tanto, que a nossa responsabilidade perante Deus tem proporção indivisível. E como nos diz Emmanuel, que se estivéssemos conscientizados da importância e significação do termo Espírita, este nosso planeta seria glorificado.

Diante destas palavras qual o coração de Espírita não treme? Principalmente nós que falamos do cisco no olho do outro, e não percebemos a trave nos nossos olhos, e ainda dificultamos a colheita do Senhor, desunindo os trabalhadores da vinha.

Não devemos consentir que o orgulho, a vaidade e a presunção nos levem a prejudicar a grande obra da unificação e do cumprimento da missão do Espiritismo, que é a de conduzir todos os seres humanos ao Evangelho que o Pai nos enviou através de Jesus.

Guardar o ensino do Evangelho é, sobretudo, vivenciá-lo, praticá-lo com sinceridade e amor.

Não é brigando, desunindo, cultivando ressentimentos no coração que se vive o Cristianismo, principalmente no seio da grande família cristã que deve ser a família Espírita.

No Evangelho de hoje, a parábola da figueira seca, Jesus quis lembrar aos que O seguiam os seguintes ensinamentos: Que o ser humano em tempo algum deve ser estéril, jamais deve deixar de dar frutos, trabalhando sem cessar pelo seu progresso e pelo progresso de seus irmãos.

A parábola da figueira seca foi para tocar a imaginação dos que O seguiam, fazendo-os compreender a necessidade de serem úteis, foi o molde para lhes ensinar o poder e a força que existe na vontade, quando apoiada na fé. Este ensino era necessário aos discípulos, para que fossem instrumentos dóceis e inconscientes dos Espíritos do Senhor, que os assistiriam em suas missões, quando o Mestre não estivesse mais encarnado.

Como secou assim num instante? Indagaram-lhe os discípulos que já tinham percepção das coisas espirituais. O Mestre apenas respondeu: A fé tudo pode, isto é, a Sua vontade forte fora a causa determinante do fato que os surpreendia.

O objetivo da parábola é levar o ser humano a utilizar sua existência na Terra, progredindo mediante a expiação e a reparação de suas faltas, adverti-los também que, o Espírito culpado que até a época da separação do joio e do bom grão, permanecer surdo aos ensinamentos, não mais dará frutos na Terra: Será levado para mundos inferiores, correspondente ao grau de seus erros e às necessidades do seu progresso e do seu adiantamento.

A verdade é que ninguém deve ocupar inutilmente lugar na sociedade. Todos estão na Terra para produzir. Esse é o motivo da nossa encarnação.

Cada pessoa é uma célula do organismo chamado humanidade, portanto se faz necessário que como as células do corpo físico, cada um desempenhe a sua função.

Todos na Terra consomem: Todos têm obrigação de produzir. Aquele que foge ao cumprimento desse dever é indigno da coletividade que faz parte.

Assim como as árvores produzem, a criatura humana também deve produzir, e como os horizontes do ser humano se dilatam além desse ambiente, há de produzir frutos mais preciosos; porque tem aspirações irrealizáveis neste mundo. Palpita no ser humano, além da inteligência e de uma vontade, um coração que vive de amor e uma consciência que aspira justiça.

E para se melhorar, o ser humano deve procurar aperfeiçoar o seu caráter, desenvolvendo as virtudes do Espírito; e quando sair deste planeta, mostrar aos olhos do juiz implacável de sua consciência que, está melhor do que quando para aqui veio.

Esse é o motivo do Evangelho de Jesus, para nos ajudar na reforma íntima. Para clarear a nossa fé, mostrando-a simples em sua estrutura, bela e esplêndida em suas consequências, como o Mestre ensinou.

A religião que hoje surge nas páginas do Evangelho é uma religião forte e varonil. Assim é a fé que ela inspira. Jesus através da parábola apela para que a humanidade, nesse estágio de existência, tenha um caráter são e íntegro. O descaso desse apelo do Senhor faz nascer a dor, sob aspectos vários. E o tormento abala profundamente o íntimo do nosso ser, desperta a consciência adormecida, acorda a razão, afina os sentimentos.

A figueira secou por não ter frutos, embora enraizada, tronco bem formado, galhos bem ramificados, copa enfolhada.

Assim também é o Espírito do ser humano sem bons sentimentos, sem virtudes divinas, sem ações caritativas, generosas, embora vestidos de seda, reluzentes de ouro, forçosamente sofrerá as mesmas consequências ocorridas com a figueira que, por não dar frutos secou.

Desta parábola resulta a necessidade de sempre praticarmos corretas e boas ações e fazermos provisões dos ensinamentos celestiais.

E para isso é preciso olhar para dentro de nós mesmos, e perguntar, se estamos ligados no Senhor, tentando ser um com Ele, como Ele é um com o Pai. Verificar sempre se estamos vivendo de acordo com os ensinamentos do Evangelho, buscando formar corretos e bons hábitos, corrigindo a nossa personalidade.

Conhecer a nós mesmos, é a nossa primeira conscientização.

Sabemos que ainda não somos perfeitos, que estamos em processo de aperfeiçoamento e por isso, devemos atender a advertência do Mestre Jesus: "Orai e Vigiai".

A oração nos coloca em união com Deus, e esta união nos torna mais vigilantes contra as influências do erro.

PRECE

Deus Pai de infinita bondade, nós Te agradecemos toda esta divina e grata emoção.

Agradecemos estas lágrimas doces e suaves que descem dos nossos olhos.

Quanta ventura para nós que vivemos lutando terra a terra com as nossas fraquezas.

Agradecemos tanta beleza e encanto em tudo que nos rodeia.

Flores, árvores, relvas, fontes, pássaros, Estrelas, tudo nos trazendo lindas mensagens de amor.

Dá-nos Tua proteção e leva-nos pelos caminhos luminosos que conduzem à Tua excelsa morada.

Lembra-Te Pai dos que sofrem e não conhecem Tua imensa caridade, pois sempre perdoa aos que de Ti esquecem.

Faça ó Deus, que possamos nos aprimorar e merecer a Tua bênção e graça extrema de Te amar.

Dá-nos a ventura e força para atravessar a estreita porta, que será a passagem difícil para a outra vida.

(Orientações Espirituais)/(Elucidações Evangélicas)/(Parábolas e Ensinos de Jesus)/(O Reformador - 11/96)

4 - Fé, Mãe da Caridade e da Esperança - item 11.

A Fé, a Esperança e a Caridade são três virtudes que vão fazendo parte da nossa vida, à medida que crescemos interiormente.

Toda vez que resistimos ao arrastamento das erradas tendências há virtude. Um dia chegaremos a vivenciar espontaneamente as virtudes, sem que nos custe esforço.

A maior qualidade que a virtude pode ter é a de ser praticada com a mais desinteressada caridade.

Das três virtudes citadas no Evangelho de hoje, vamos começar o comentário sobre a fé. Ela é inata em todos os seres humanos e ninguém está isento a sua realidade, pois é parte integrante de cada vida. A fé é mais fortificada, é plena, quando raciocinada, porque traz equilíbrio físico e psíquico, o que sustenta a vida humana.

É uma confiança que se conquista pouco a pouco, quando a compreensão chega, mesmo que seja a custa de raciocínios demorados.

Não é um dom gratuito. Essa virtude é a mais pura essência espiritual, e deve ser resultante do esforço pessoal de cada criatura e nunca se deve achar que ela é privilégio de alguém.

Para conquistá-la não devemos aguardar momentos felizes e tranquilos, que pouco acontecem na vida terrena; devemos buscá-la nos momentos mais pungentes, quando a dor vem buscar morada no nosso coração, fazendo um desafio à resignação, aí sim, teremos fertilizantes que sendo bem aproveitados, germinará em confiança, amparando a nossa fé nascente.

Não podemos jamais aguardar o momento de sermos Espíritos perfeitos para demonstrar fé, porque só nos tornaremos melhores, depois que passarmos pelas dores e obras realizadas em múltiplas reencarnações.

A fé desponta em nossa vida, à medida que o amor nascer, brilhante como o Sol, tomando como veículo os nossos braços, nossos olhos, nossas palavras, fazendo com que os que vivem à nossa volta, recebam bênção e amparo, porque a fé sem obras é morta.

Para isso, é necessário o nosso burilamento, rompendo o casulo do egoísmo e do orgulho, para ir ao encontro de quem sofre.

A fé com obras é robustecida pelo exercício da compreensão.

Hoje a humanidade sofre de angústia, porque é órfã de fé, porque se esquece que acima dela, reina a vontade do Pai Celestial.

Quando transpiramos pessimismo, só colheremos negação em nós mesmos, mas se vivermos a bondade, a harmonia será a nossa mensagem.

Não devemos rogar a fé, porque o seu crescimento virá do nosso trabalho contínuo, do socorro aos que sofrem, do desejo de amparar os desesperançados, do privilégio de nos juntarmos a dor do nosso semelhante. Nenhum sinal de fé teremos em nosso caminho, se continuarmos com as escamas do desalento a cobrir nossos olhos.

Precisamos garimpar a fé em nós mesmos e encontrarmos as gemas do amor espiritual, com isso, acumular riquezas espirituais, percebendo a presença Divina em nossa existência.

ESPERANÇA

A esperança é a faculdade que infunde coragem e impele à conquista do certo e do bem.

Quando as circunstâncias conspiram contra realizações, perturbando e afligindo, a esperança revigora o entusiasmo, insufla o ânimo para o prosseguimento até o fim.

Perante a esperança, a calamidade se modifica; os destroços levam ao progresso; o solo pobre, com a assistência da esperança, se converte em jardim e pomar; a enfermidade, ante a sua assessoria, enseja a saúde; a derrota, ressurgue como triunfo, transformando o despotismo e a violência, em alegrias espirituais.

Ela é a claridade dos que sofrem a noite do abandono e da misericórdia; é a voz socorrista aos ouvidos da viuvez e da orfandade; é o consolo do Espírito combalido. A esperança é o amparo dos fracos, a força dos fortes e a resistência dos heróis.

Ela se assemelha a um anjo, acercando, envolvendo e levantando os que tombaram, ajudando-os a recomeçar a jornada.

A esperança tem dois opositores: A presunção e o desespero. A presunção faz o ser humano petulante, confiando nas suas próprias possibilidades, sem contar com o auxílio Divino; e o desespero, conduz a dúvida em torno da excelsa misericórdia de Deus, em relação aos seus filhos.

O tormento é uma consequência da leviandade ou desequilíbrio moral que se vai adquirindo na esteira das reencarnações, e a esperança constitui o estímulo para soerguer cada um, ante as leis da harmonia, representante das Leis Divinas.

A esperança é de vital importância na caridade, porque ensina confiar nos resultados posteriores da ação relevante, embora as condições apareçam adversas.

Quando o abnegado oferece a vida física à comunidade, o artista à beleza, o cientista à pesquisa, o trabalhador à ação, todos têm esperança e expectativa de resultados felizes.

A esperança é humilde e imperturbável, é semelhante a bússola guiando os nautas e as caravanas nos rumos da felicidade e não se detém no portal das realizações: Entra na ação infatigável e extenuante, alcança o êxito que persegue.

A esperança suaviza os Espíritos e os conclama à paz, ao amor e ao dever.

CARIDADE

A caridade constitui a mais alta expressão do sentimento humano, porque em sua base o Espírito encontra firmeza para as atividades enobrecidas em prol de todas as criaturas.

Muitos a confundem com a esmola. É valioso todo gesto de generosidade, quando renova o ânimo e o fortalece para atividades redentoras.

A caridade não é somente oferendas transitórias, muitas vezes, confundida com filantropia, ato de amor fraterno e humano. A filantropia independe da fé, não se caracteriza pelo sentimento cristão e pode brotar em qualquer pessoa, mesmo entre déspotas, vaidosos ou usurpadores, no entanto, é um avançado passo de elevação moral.

Enquanto uma é humilde e se apaga, ocultando as mãos do socorro, reconhecendo não ter feito tudo o que devia ser feito, a outra recebe prêmio de gratidão e aplauso popular.

O ideal seria todo filantropo possuir a mais alta expressão de caridade, porque ela é cristã e esteve sempre presente em toda a vida de Jesus, seu insuperável divulgador, pois repassava todas as doações com incomparável amor.

A caridade para ser praticada nada exige e tudo oferece. E o ser humano que a tem, é capaz de amar até o sacrifício da própria vida física.

Jesus culminando o Seu trabalho entre os humanos, após inúmeras doações pela estrada da compaixão e da misericórdia, doou-Se, deu a vida física na cruz como legado de amor e inapagável luz de caridade que passou a clarear os milênios vindouros, desde aquele momento.

Embora a criatura humana tenha a necessidade de praticar a caridade material, necessária e de subida significação, o Espiritismo sustenta a sublimidade da caridade moral, que exige melhores condições do Espírito, porque aquele que pratica a própria elevação se edifica interiormente.

A caridade na sua execução não se cansa, não se exaure, não reclama, não se considera, tudo dá, mais do que dá: dá-se.

A caridade não exige para não perder a alegria; não ofende para não perder a paz; não violenta, para não perder o equilíbrio; não é maledicente, para não frustrar a bondade; não arde em ciúmes, para não aborrecer a ninguém; não duvida das coisas de Deus, para não esquecer a fé e a esperança. Cumpre o seu dever no que foi chamada, para não se submeter ao tribunal da consciência.

A caridade para com os outros começa no respeito aos direitos alheios, ajudando todas as criaturas onde quer que seja, dentro das nossas forças. E ela nunca reclama, nunca maldiz e nunca se revolta; nunca deseja errado, nunca pede para si, nunca injuria e nunca se entristece.

Ela é um Sol de Deus que nunca se apagará.

A fé, a esperança e a caridade formam uma trindade inseparável.

Ao justo, nenhum temor inspira o desencarne, porque, com a fé tem certeza no futuro; a esperança fá-lo acreditar numa vida melhor; e a caridade lhe dá segurança de que, no mundo onde terá de ir, nenhum ser encontrará cujo olhar lhe seja de temer.

Aprendendo e praticando os ensinamentos do Mestre Jesus, desenvolveremos em nós estas três virtudes e o Divino Amigo estará junto de nós.

(Lampadário Espírita)/(Francisco de Assis)

5 - A Fé Divina e a Fé Humana - item 12.

Todas as criaturas humanas sejam ignorantes ou intelectualizadas, corretas ou erradas, do momento que o discernimento lhe surge, procura noções do porquê da vida, o que são, quais seus objetivos, de onde vêm e para onde vão.

São indagações naturais, de acordo com o ambiente em que se encontram, os fenômenos da Natureza que observa e a vida dos diferentes reinos.

A noção de um Ser Superior, criador da vida e de todas as coisas, é inata no ser humano. E na busca de novos conhecimentos, recebe socorro do Alto, através das revelações.

Cada povo, cada civilização faz jus a ajuda que corresponde ao seu estágio evolutivo. E assim, a humanidade vai tomando conhecimento do Ser Supremo, do Seu amor e da Sua justiça. Essa marcha evolutiva é muito lenta e se apresenta em diversas fases na Terra.

No mundo encontramos povos e raças orientados por várias crenças e religiões, outros sem crenças, materialistas.

E na busca do conhecimento, o ser humano passou por ritualismos, cultos exteriores, religiões diversas. Nessa procura aconteceu a fé forçada ou a fé cega.

A fé forçada ou cega é imposta pelos chefes religiosos, ultrajando a razão e a liberdade individual, esquecendo-se de que, o que há de mais nobre e sublime no ser humano, é o direito de pensar, raciocinar, de aceitar ou rejeitar o que lhe pareça certo ou errado.

Jesus veio ao mundo mostrar o amor pela humanidade, e prometeu o Consolador. E este, representa uma evolução segura para a humanidade, desde que os seres humanos se proponham a assimilar, praticar e divulgar intensamente os seus ensinamentos, que estão encerrados no Evangelho de Jesus.

Com a presença do Consolador, a fé cega está sendo substituída pela fé raciocinada.

E o Evangelho Segundo o Espiritismo afirma com propriedade que a fé verdadeira é somente aquela que encara a razão, face a face, em qualquer época da humanidade.

Ao falar em fé, imediatamente nos ligamos à religião. E nós sabemos que a fé é fonte de alimento espiritual e nela encontramos a alegria e a esperança, porém a fé tem origem humana e divina. Muitos seres humanos, acreditando na sua força, na sua vontade, conseguem grandes empreendimentos, triunfam, mas a sua fé é humana, porque pensa somente na sua vida terrena. O seu objetivo é mais imediato.

Grandes cientistas, estudiosos, têm fé no seu trabalho, na sua descoberta e triunfam, pois a centelha da fé já existe no seu íntimo. E conforme vai desenvolvendo essa fé, ela poderá indagar e ir se transformando em fé divina.

Enquanto não chega a força divina da fé, é necessário que se vá em frente, alimentando a fé como se pode, mesmo enxergando pouco, porque a fé é insubstituível nos caminhos da existência.

Jesus não indagava o tipo de fé que tinham certos enfermos que vinham à Sua procura, somente dizia: "A tua fé te curou!".

Na fé divina o ser humano tem esperança no futuro que o aguarda, e já sabe que não pode viver sem fé, essa chama divina que arde no coração. Tem conhecimento que a sua fé é o seu sustentáculo em todas as suas diretrizes, e procura exercitá-la constantemente, porque ela é paz, e mostra o verdadeiro caminho do entendimento.

Todas as criaturas humanas foram criadas com todos os atributos, e eles dormem, esperando que sejam despertados, no exercício do amor a Deus e ao próximo.

Seja qual for a profissão que o ser humano tenha na vida física, seja qual for o seu estado de vida, na vida ele pode trabalhar para a aquisição de sua fé.

Por isso a fé é humana e divina, porque aumenta os sentimentos, ganhando cada vez mais a própria liberdade.

UMA LIÇÃO SOBRE A FÉ

Um simpatizante do Espiritismo, foi a Pedro Leopoldo, desejando conhecer o Chico Xavier para melhor acertar os seus problemas de fé.

O médium, empregado de uma repartição, não dispunha do tempo como desejasse, e por determinação de sua chefia, estava ausente.

O visitante insistiu... E como não podia ficar a muitos dias, regressou, dizendo a vários amigos:
- Duvido muito da mediunidade. Imagine o meu caso. Viajo até Pedro Leopoldo com sacrifício de tempo e dinheiro. Chego lá, e me informam que o Chico não está. Perdi a minha fé, acho que tudo é simples fraude e estou convencido que o Chico se esconde para melhor sustentar a mistificação.

Um companheiro de ideal escreve a Chico, muito preocupado com o ocorrido.

Não seria aconselhável procurar o queixoso e atendê-lo? O pobre homem perdeu a confiança no Espiritismo.

O médium, preocupado pede o parecer de Emmanuel que lhe responde com serena decisão:

- Deixe este caso para traz. Se a fé desse homem fosse erguida sobre você é melhor que ela a perca desde já, porque todos nós somos criaturas falíveis. A fé para ele e para nós deve ser construída em Jesus, porque, somente confiando em Jesus e imitando-Lhe os exemplos, é que poderemos seguir para Deus.

Através deste caso, do nosso querido Chico Xavier, aprendemos mais uma vez, que a fé vai se conquistando pouco a pouco, através do próprio esforço. A fé é uma aquisição do ser humano.

Uma mulher que sofria há doze anos de hemorragia, gastando todos os seus bens, estava débil e esgotada sobre uma cama. Sabendo que o Mestre estava na cidade, reuniu a todas as suas forças e entrou na multidão, tocou-Lhe as vestes, com certeza plena que bastava isso para ser curada. E Jesus perguntou: Quem foi que me tocou? Mestre, a multidão Te aperta e Te comprime. - responderam os apóstolos. E Ele disse: Eu senti que de mim saiu uma virtude. Ele sentiu que Dele havia emanado fluidos que beneficiariam aquela sofredora, por isso, dirigindo-se a ela, que permanecia receosa, asseverou: Tem bom ânimo filha, a tua fé te salvou; vai-te em paz.

Jesus ensinou que se alguém tiver a fé do tamanho de um grão de mostarda, basta dizer a um monte: Passa-te daqui para acolá, e se fizer isto, sem hesitar, ele passará.

O Mestre falava figuradamente, pela necessidade daquela época.

É sumamente difícil conceber que uma montanha se transponha de um lugar para outro. A montanha que se tem de remover é a de dentro do ser humano, é o seu orgulho, o seu egoísmo, que o transforma em déspota, esquecendo-se dos seus semelhantes. É uma montanha gigante que precisa de fé robusta, de fortaleza de ânimo, para removê-la do nosso caminho. E o ser humano precisa da fé para vencer as maiores dificuldades, mesmo que ela seja do tamanho de uma montanha.

Saulo, ao encontrar-se com Jesus na estrada de Damasco, imediatamente se converteu ao chamado do Mestre, teve fé no Seu chamamento e tornou-se o gigante do Evangelho.

Todos nós estamos sendo chamados, a todos os instantes, através do Evangelho de Jesus.

Cada vez mais os ensinamentos do meigo Nazareno estão mais próximos de nós.

Precisamos buscar no Evangelho os ensinamentos necessários para a nossa elevação, fazendo-nos humildes.

Muitas vezes nossa mente inquieta vai procurar longe, aquilo que está dentro de nós.

Basta abriremos o coração e tudo será fácil e sincero, porque Jesus sempre nos envolve em emanções amorosas e pacientes.

Nossa vaidade e orgulho é que vêm gerar as dúvidas e nos faz faltar firmeza.

No momento que houver fraternidade e tolerância, nossos corações vibrarão ternamente e tudo será maravilhoso, simples e ao mesmo tempo grandioso.

Quando os Espíritos inquietos sentirem a beleza do Evangelho, uma doce paz nos envolverá.

Amado e doce Amigo Jesus, afastai de nossas mentes as dúvidas e preocupações.

Torna-nos simples como as crianças, para merecermos sentir o Seu amor piedoso e sermos atraídos para o Seu reino.

(Orientações Espirituais)/(Ensinos do Mestre)/(Os Padrões Evangélicos)/(O Reformador)/(Tua Casa - Lindos Casos do Chico Xavier)

CAPÍTULO XX

OS TRABALHADORES DA ÚLTIMA HORA

Instruções dos Espíritos: Os últimos serão os primeiros. - Missão dos Espíritos.
- Os obreiros do Senhor.

1. O reino dos céus é semelhante a um pai de família que saiu de madrugada, a fim de contratar trabalhadores para trabalhar em sua vinha. Tendo acertado com os trabalhadores que eles teriam uma moeda por sua jornada, os enviou à vinha. Saiu ainda na terceira hora do dia, e tendo visto outros que estavam na praça sem nada fazer, lhes disse: Ide vós também, vós outros, para a minha vinha e eu vos darei o que for razoável. E eles para lá se foram. Saiu ainda na sexta e na nona hora do dia, e fez a mesma coisa. E tendo saído na décima primeira hora, encontrou outros que estavam sem nada fazer e lhes disse: Por que permanecéis aí durante todo o dia sem trabalhar? E, disseram-lhe, porque ninguém nos chamou. E ele lhes disse: Ide vós também, vós outros, para a minha vinha.

A tarde tendo chegado, o senhor da vinha disse àquele que tinha a incumbência dos seus negócios: Chamai os obreiros e pagai-lhes, começando desde os últimos até os primeiros. Aqueles, pois, que não tendo vindo para a vinha senão quando a décima primeira hora estava próxima, receberam uma moeda cada um. Os que foram aliciados primeiro, vindo a seu turno, creram que se lhes daria mais, mas não receberam além de uma moeda cada um. E, em a recebendo eles murmuravam contra o pai de família, dizendo: Estes últimos não trabalharam senão uma hora e vós os tornais iguais a nós que carregamos o peso do dia e do calor.

Mas, em resposta, ele disse a um deles: Meu amigo, eu não vos fiz injustiça. Não acertastes comigo uma moeda pela vossa jornada? Tomai o que vos pertence e ide. Por mim quero dar a este último tanto quanto a vós. Não me é, pois, permitido fazer o que quero? E o vosso olho é errado porque eu sou certo?

Assim, os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos, porque há muitos chamados e poucos escolhidos. (Mateus, cap. XX, v. 1 a 16.).

(Estes últimos não trabalharam senão uma hora e vós os tornais iguais a nós que carregamos o peso do dia e do calor.

Esse é um dos erros básicos a que somos levados por não conhecer e nem acreditar na reencarnação. Achamos que tudo se resolve nesta! E aí vem a ‘nossa’ justiça’.)

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

OS ÚLTIMOS SERÃO OS PRIMEIROS

2. O trabalhador da última hora tem direito ao salário, mas é preciso que a sua vontade tenha estado à disposição do senhor que devia empregá-lo, e que esse atraso não seja o fruto da preguiça ou da errada vontade. Tem direito ao salário, porque desde a madrugada, esperava impacientemente aquele que, enfim, o chamaria ao trabalho. Era trabalhador, só o trabalho lhe faltava.

Mas se tivesse recusado o trabalho a cada hora do dia: se tivesse dito: Tenhamos paciência, o repouso me é agradável. Quando a última hora soar, será tempo de pensar no salário da jornada. Que necessidade teria de me incomodar por um senhor que não conheço, que não amo! Quanto mais tarde, será melhor. Este, meus amigos, não teria encontrado o salário do obreiro, mas o da preguiça.

Que será, pois, daquele que, em lugar de permanecer simplesmente nada fazendo, tiver empregado as horas destinadas ao trabalho do dia em cometer atos errados. Que tiver blasfemado contra a Lei de Deus, vertido o sangue de seus irmãos, lançado a perturbação nas famílias, arruinado os humanos confiantes, abusado da inocência, que tiver enfim se sujado de todas as vergonhas da Humanidade: que será, pois, daquele? Bastar-lhe-á dizer na última hora: Senhor, eu empreguei erradamente meu tempo. Tomai-me até o fim do dia, que eu faça um pouco, bem pouco da minha tarefa, e dai-me o salário do trabalhador de boa vontade? Não, não. O senhor lhe dirá: Não

tenho trabalho para ti, no momento: esbanjaste o teu tempo. Esqueceste o que aprendeste e não sabes mais trabalhar na minha vinha. Recomeça, pois, a aprender e quando estiveres mais disposto, virás a mim e eu te abrirei meu vasto campo, e tu poderás nele trabalhar a toda hora do dia. Bons Espíritas, meus bem amados, sois todos vós obreiros da última hora. Bem orgulhoso seria aquele que dissesse: Comecei o trabalho no alvorecer e não o terminarei senão no declínio do dia. Todos vós viestes quando fostes chamados, um pouco mais cedo, um pouco mais tarde, para a encarnação, da qual carregais os grilhões. Mas desde quantos séculos e séculos o Senhor vos chamou para a sua vinha sem que tivésseis querido nela entrar! Eis o momento de receberdes o salário. Empregai bem essa hora que vos resta e não olvideis jamais que a vossa existência, tão longa que vos pareça, não é senão um momento bem rápido na imensidade dos tempos que formam para vós a eternidade.

(Constantino, Espírito protetor, Bordéus, 1863)

(Mas desde quantos séculos e séculos o Senhor vos chamou para a sua vinha sem que tivésseis querido nela entrar! Eis o momento de receberdes o salário.)

Mas pelo que vemos, na humanidade atual, não existem muitos querendo trabalhar na vinha do Senhor! Portanto qual será a reação ao receberem o merecido ‘salário’?)

3. Jesus, o Cristo, gostava da simplicidade dos símbolos e, em sua vigorosa linguagem, os trabalhadores chegados à primeira hora são os profetas, Moisés, e todos os iniciadores que marcaram as etapas do progresso, seguidos através dos séculos pelos apóstolos, os mártires, os mestres de igrejas, os sábios, os filósofos e, enfim, os Espíritas. Estes os últimos a virem, foram anunciados e preditos desde a aurora do Messias, e receberão a mesma recompensa. Que digo eu? Mais alta recompensa. Últimos a chegar, os Espíritas aproveitam dos trabalhos intelectuais de seus predecessores, porque o humano deve herdar do humano, e seus trabalhos, e seus resultados são coletivos: Deus abençoa a solidariedade. Muitos dentre eles, aliás, revivem hoje, ou reviverão amanhã, para arrematar a obra que começaram outrora. Mais de um patriarca, mais de um profeta, mais de um discípulo de Jesus, o Cristo, mais de um propagador da fé cristã se encontram entre eles, porém mais esclarecidos, mais avançados, trabalhando não mais na base, mas no coroamento do edifício. Seu salário será, pois, proporcional ao mérito do trabalho.

A reencarnação, esse belo dogma, eterniza e explica a filiação espiritual. O Espírito, chamado a prestar contas do seu mandato terrestre, compreende a continuidade da tarefa interrompida, mas sempre retomada. Vê, sente que apanhou no voo o pensamento dos seus antepassados. Reentra na jornada amadurecido pela experiência, para avançar ainda. E todos, trabalhadores da primeira e da última hora, olhos voltados para a profunda justiça de Deus, não murmuram mais, e O adoraram.

Tal é um dos verdadeiros sentidos desta parábola que encerra, como todas as que Jesus, o Cristo, dirigiu ao povo, a semente do futuro, e também, sob todas as formas. Sob todas as imagens, a revelação dessa magnífica unidade que harmoniza todas as coisas no Universo, dessa solidariedade que religa todos os seres presentes ao passado e ao futuro.

(Henri Heine, Paris, 1863).

(O Espírito, chamado a prestar contas do seu mandato terrestre, compreende a continuidade da tarefa interrompida, mas sempre retomada.)

Os últimos, que se aprimorarem, serão os primeiros que evoluíram!)

MISSÃO DOS ESPÍRITAS

4. Não ouvís já se agitar a tempestade que deve dominar o velho mundo e afundar no nada a soma das injustiças terrestres? Ah! Bendizei o Senhor, vós que haveis posto vossa fé em sua soberana justiça e como novos apóstolos da crença revelada pelas vozes proféticas superiores, ide pregar o entendimento novo da reencarnação e da evolução dos Espíritos, segundo tenham certo ou errado cumprido suas missões, e suportado suas provas terrestres.

Não vos amedronteis! As línguas de fogo estão sobre as vossas cabeças. Oh! Verdadeiros adeptos do Espiritismo, sois os eleitos da Lei de Deus! Ide e pregai a palavra divina. A hora é chegada em que deveis sacrificar à sua propagação os vossos hábitos, os vossos trabalhos, as vossas

ocupações fúteis. Ide e pregai: os Espíritos puros estão convosco. Certamente falareis a pessoas que não quererão escutar a voz da Lei de Deus, porque essa voz as chama sem cessar à abnegação: pregareis o desinteresse aos avaros, a abstinência aos dissolutos, a mansuetude aos tiranos domésticos e aos déspotas: palavras perdidas, eu o sei. Mas, que importa! É preciso regar com os vossos suores o terreno que deveis semear, porque ele não frutificará e não produzirá senão sob os esforços reiterados da enxada e do arado evangélicos. Ide e pregai!

Sim, vós todos, humanos de correta fé, que credes na vossa inferioridade e olhais os mundos dispostos no infinito, parti em cruzada contra a injustiça e a iniquidade. Ide e combatei esses cultos do bezerro de ouro, cada dia mais e mais invasor. Ide, a Lei de Deus vos conduz! Humanos simples e desconhecedores, vossas línguas se soltarão, e falareis como nenhum orador fala. Ide e pregai, e as populações atentas acolherão com alegria as vossas palavras de consolação, de fraternidade, de esperança e de paz.

Que importam as armadilhas que serão colocadas no vosso caminho! Só os lobos se prenderão nas armadilhas de lobos, porque o pastor saberá defender suas ovelhas contra os verdugos imoladores.

Ide, humanos grandes diante da Lei de Deus, que mais felizes que Tomé, credes sem pedir para ver e aceitais os fatos da mediunidade quando mesmo não tendes conseguido jamais obtê-los em vós mesmos. Ide, o espírito da Lei de Deus vos conduz.

Marcha avante, pois, falange imponente pela tua fé! E as grandes turbas dos incrédulos se desmancharão diante de ti como a névoa da manhã aos primeiros raios do Sol nascente.

A fé é a virtude que ergue as montanhas, vos disse Jesus, o Cristo. Todavia, mais pesados do que as mais pesadas montanhas, jazem no coração dos humanos a impureza e todos os vícios da impureza. Parti, pois, com coragem para erguer essa montanha de iniquidades que as gerações futuras não devem conhecer senão no estado de lendas, como não conheceis, vós mesmos, senão muito imperfeitamente, o período de tempo anterior à civilização leiga.

Sim, as comoções morais e filosóficas vão manifestar-se em todos os pontos do globo. A hora se aproxima em que a luz divina apresentar-se-á sobre os dois mundos.

Ide, pois, e levai a palavra divina: aos grandes que a debocharão, aos sabichões que dela pedirão prova, aos pequenos e aos simples que a aceitarão, porque será, sobretudo, entre os mártires do trabalho, essa expiação terrestre, que encontrareis o fervor e a fé. Ide. Estes receberão com cânticos de ação de graça, e cantando louvores a Deus, a consolação santa que lhes levais, e se inclinarão agradecendo o quinhão de suas misérias terrestres.

Que a vossa falange se afirme, pois, na resolução e na coragem! Mãos à obra! O arado está pronto. A terra espera. É preciso trabalhar.

Ide, e agradecei à Lei de Deus pela tarefa gloriosa que vos confiou. Mas meditai que entre os chamados ao Espiritismo, muitos se extraviaram. Olhai a vossa rota e segui o caminho da verdade.

Pergunta: Se muitos dos chamados ao Espiritismo se extraviaram, por qual sinal se reconhece aqueles que estão no correto caminho?

Resposta: Vós os reconhecereis pelos princípios de verdadeira caridade que eles professarão e praticarão. Vós os reconhecereis pelo número das aflições às quais eles terão levado consolações. Vós os reconhecereis pelo seu amor ao próximo, pela sua abnegação, pelo seu desinteresse pessoal. Vós os reconhecereis, enfim, pelo triunfo dos seus princípios, porque Deus sabe do triunfo da sua Lei. Aqueles que seguem suas leis são seus eleitos, e ele lhes dará a vitória, mas separará aqueles que falseiam o espírito dessa lei e fazem dela um meio para satisfazer sua vaidade e sua ambição.

(Erasto, Espírito guardião do médium, Paris, 1863).

(Sim, as comoções morais e filosóficas vão manifestar-se em todos os pontos do globo. Ide e combatei esses cultos do bezerro de ouro, cada dia mais e mais invasor.

A missão principal, e primeira, daqueles que aceitam o Espiritismo é: Se tornarem Espíritas! A seguir, de acordo com a Doutrina, levar esse conhecimento aos irmãos de jornada evolutiva espiritual. O tempo é curto, as atividades necessárias são muitas, portanto não há tempo a perder!)

5. Atingistes o tempo do cumprimento das coisas anunciado para a transformação da Humanidade: felizes serão aqueles que tiverem trabalhado na seara do Senhor com desinteresse e sem outro objetivo senão a caridade! Suas jornadas de trabalho serão pagas ao cêntuplo do que terão esperado. Felizes serão aqueles que terão dito a seus irmãos: “Irmãos, trabalhemos juntos, e unamos os nossos esforços, a fim de que o Senhor encontre a obra pronta à sua chegada”, porque o Senhor lhes dirá: “Vinde a mim, vós que sois bons servidores, que calastes os vossos ciúmes e as vossas discórdias para não deixar a obra prejudicada”. Mas ai daqueles que, por suas dissensões, terão retardado a hora da colheita, porque a tempestade virá e serão carregados no turbilhão! Eles gritarão: “Graça! Graça!” Mas o Senhor lhes dirá: Por que pedis graça, vós que não tivestes piedade de vossos irmãos, e que recusastes lhes estender a mão, vós que esmagastes o fraco em lugar de o sustentar? Por que pedis graça, vós que procurastes a vossa recompensa nas alegrias da Terra e na satisfação do vosso orgulho? Já recebestes a vossa recompensa, tal como a pretendestes. Não peçais mais: as recompensas celestes são para aqueles que não terão pedido as recompensas da Terra.

A Lei de Deus faz neste momento o recenseamento dos seus servidores fiéis, e marcou com o seu dedo aqueles que não têm senão a aparência do devotamento, a fim de que não roubem mais o salário dos servidores corajosos, porque é àqueles que não recuarem diante de suas tarefas que vai confiar os postos mais difíceis na grande obra de regeneração pelo Espiritismo, e estas palavras se cumprirão: “Os primeiros serão os últimos, e os últimos serão os primeiros no reino dos céus!”.

(O Espírito da Verdade, Paris, 1862).

(Não peçais mais: as recompensas celestes são para aqueles que não terão pedido as recompensas da Terra.

Mas os milênios de imediatismo terreno, desligados dos valores transcendentais, nos levam, pelo orgulho e egoísmo, ao seguinte enunciado: “Já estou me cansando de dizer que sou obreiro do Senhor. Ajudo-O com os meus 10%”.)

EXPLANAÇÕES

1 - Os últimos serão os primeiros - itens 1, 2 e 3.

O valor dos nossos feitos não está nas proporções desses feitos. Deus não olha para o volume, nem para a quantidade, mas para a qualidade. Ele não quer o muito, quer o certo e o bom, quer o melhor. É preferível, o pouco certo e bom, ao muito regular.

Nossas obras devem ser feitas com alegria e singeleza de coração, sem tédio, nem cansaço, sem intenção reservada.

É um erro nos desgastarmos numa luta febril e penosa, com o propósito de nos tornarmos mais merecedores aos olhos de Deus: "Misericórdia quero e não sacrifícios".

A vida, mesmo considerada só no aspecto terreno, é um dom precioso e como tal deve ser vivida. Destruir-lhe o encanto natural; reduzi-la a uma série de atos forçados; transformá-la num fardo que se arrasta penosamente, não é virtude, é delito.

Os reclusos em clausura, furtando-se ao convívio social, incompatibilizando-se com a Natureza e suas manifestações, estão longe de se aproximarem do Céu, como pretendem, distanciam-se dele; porque todos os seus atos são egoístas.

O reino dos Céus é daqueles que se tornam como crianças, diz o Mestre. Onde há simplicidade e a inocência faz parte.

A verdadeira virtude é aquela que a si mesma se ignora. Os humildes jamais se julgam seres privilegiados. "Bem-aventurados os simples de espírito, porque deles é o Reino dos Céus" - reza o sermão da Montanha.

Bem-aventurados aqueles que fazem o certo e o bem e não se lembram de que o fizeram. A recompensa é sempre grande para os que nela não pensam, e é sempre mesquinha para os que a têm como móvel dos seus atos.

Agir por amor, sem aflições, sem ânimo excitado, fruindo desse mesmo amor um doce e suave prazer - é o ideal da vida. Os que assim procedem, são felizes. Nunca se queixam de ingratidões, nem de cansaço. O tédio e o mau humor jamais os atingirão. Vivem com alegria de viver; não se esgotam, nem se consomem. Suas energias, tanto físicas como espirituais, são sempre renovadas, mantendo o equilíbrio geral.

Ao ser humano não compete fazer ajustes com Deus. Cumpre-lhe amá-Lo e obedecê-Lo. Aqueles que prometem fazer isto ou aquilo, sob a condição de receber algo em troca, desconhecem por completo o caráter da Divindade.

Insensatos os que pretendem estabelecer a paga. Deixai que Deus nos dê o que bem entender, pois será sempre mais e melhor do que aquilo que pretendemos.

Deus conhece os nossos méritos. Ninguém é bom juiz em causa própria. Trabalhem com simplicidade, com alegria. Deus nos dará o que for justo!

Não precisamos correr, com a intenção de ganhar dianteira, porque muitos últimos serão os primeiros, e muitos primeiros serão os derradeiros. É o que nos ensina Jesus através da Parábola da Última Hora, no Evangelho Segundo Mateus, capítulo 20.

Na época em que Jesus pregou a Sua Doutrina, o orgulho dos que formavam as camadas superiores dos Judeus, erguia alta barreira entre estes e todos os que não eram submetidos às leis de Moisés. Eles se consideravam privilegiados, sendo os únicos merecedores da graça do Pai Eterno, por terem nascidos judeus e não gentios ou pagãos.

E Jesus nos Seus ensinamentos procurava animar os esforços de uns e abater estes em outros. Procurava encher de esperanças aos pecadores que se arrependiam. Foi objetivando esse resultado que Jesus disse: "Assim, os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros, pois que muitos são os chamados, poucos os escolhidos".

O Divino Mestre poderia ter explicado pela reencarnação as diferenças do número de horas de trabalho dos obreiros e a igualdade de salários, das recompensas.

Mostraria então que os trabalhadores da primeira hora, os que foram em primeiro lugar assalariados, se conservaram estacionários em muitas existências, ao passo que os da última hora trabalham com zelo e atividade pelo seu adiantamento. Assim, no fim do dia, chamados uns e outros a receber o salário, as recompensas, pelo trabalho feito, isto é, pela soma do progresso realizado,

os pagamentos tiveram que ser iguais, porquanto, tendo todos produzido a mesma soma de trabalho, todos tinham direito ao mesmo salário, a mesma recompensa.

Mas naquela época, Jesus não podia dar essa explicação, única e verdadeira, então a soma do trabalho de cada um, ficou na obscuridade.

Jesus, desse modo, mostrou aos Judeus que a questão não é de cultos, nem de nacionalidades, e sim de trabalho para adquirir merecimento, e cuidou de encorajar os que tardiamente adquiriram conhecimento do Evangelho, não temessem o direito da recompensa, igual aos trabalhadores da primeira hora.

Trabalhadores que somos, da última hora, não devemos hesitar em compreender a tarefa a que nos convida o Senhor, certos de que Ele não irá considerar o tempo gasto em desempenhá-la e sim, o zelo, a boa vontade de que dermos prova.

Os primeiros que foram chamados ao conhecimento da verdadeira lei, que é a lei da justiça, amor e caridade pregada por Jesus, serão os últimos a chegar, se, em vez de seguirem a linha reta, enveredarem pelos atalhos tortuosos.

Os que começaram por último, e caminharem sempre esforçadamente para frente, chegarão ao fim, serão os primeiros a chegar e serão escolhidos em primeiro lugar, ainda que sejam os últimos na ordem da criação. Porém, como o número de retardatários costuma ser maior do que os de diligentes, resulta que muitos serão os chamados e poucos os escolhidos.

Há operários zelosos, de boa vontade, que se devotam de corpo físico e Espírito às tarefas que lhes são confiadas, produzem mais e melhor, em menos tempo que o comum, assim como há os mercenários, que não têm amor ao trabalho, que estão de olhos pregados no relógio, ansiosos que passe o dia. Evidentemente, sua produção é menor que a do primeiro.

O mérito de cada obreiro não está nas horas de serviço, mas na produção, que interessa o dono do negócio, para dar o mesmo rendimento, um precisa de doze horas, outro de nove, outro de seis.

Apesar das variadas horas de trabalho, a remuneração igual, aqui, é de inteira justiça.

Transportando-se esta parábola para o campo da espiritualidade, o ensino não se perde; pelo contrário, destaca-se ainda mais. O pai de família é Deus; a vinha somos nós, a humanidade; e o trabalho é a aquisição de virtudes que devem enobrecer os Espíritos.

Para realizar a grande mudança espiritual, uns precisam de menos tempo, outros de mais, para cumprir aos seus deveres. No entanto, o prêmio é um só: A alegria espiritual da evolução alcançada.

Esta parábola, que é ensinamento do Mestre, constitui muita esperança para todos, porque Jesus mostra que qualquer tempo é oportuno para cuidarmos do aperfeiçoamento espiritual, tanto nos encontrando no início de nossa existência, como já beirando a velhice, desde que aceitemos, com boa vontade, o convite para o trabalho, para fazermos jus ao salário divino.

Nós estamos aqui, na Terra, porque fizemos um compromisso: O de aprender mais, evoluir, para o nosso próprio bem.

No entanto, usamos o empréstimo do Pai celestial, exclusivamente para nós mesmos, esquecendo de cooperar com os companheiros de evolução e ignorando que a verdadeira alegria não é direito de um só Espírito, e sim da reciprocidade de vibrações entre vários grupos de seres amigos.

Nós, Espíritos, já vivemos assim! Ou será que ainda teimamos em não viver assim?

Agora os tempos são outros e a responsabilidade surge maior.

O Espiritismo rasga nas mentes acanhadas e entorpecidas, ideais superiores, nos impele para frente, rumo à perfeição. E para a humanidade construir o seu futuro, nos conclama trabalho.

O Espírito é um monumento vivo de Deus. Honremos a nossa origem divina, criando o certo e o bem, como chuva de bênçãos ao longo de nossa jornada.

Precisamos ser vencedores na rotina escravizante, porque em cada dia renasce a luz de uma nova vida e, com o desencarne, morrem somente as ilusões.

O Espírito deve ser conhecido pelas suas obras. É necessário viver e servir. É necessário viver e ser mais do que pó.

(O Espírito da Verdade)/(Parábolas Evangélicas)

2 - Missão dos Espíritas - item 4.

"Ide e pregai! Em meu nome, curareis os doentes e expulsareis os errados Espíritos; e se beberdes alguma água mortífera, nenhum mal vos fará".

Estas palavras de Jesus nós as encontramos no texto bíblico, recomendando aos Seus discípulos. A palavra é muito clara: Identifica aqueles que realmente estão integrados na sementeira do Evangelho. O Meigo Rabi da Galiléia em Suas palavras deixou bem clara a responsabilidade de seus seguidores.

Para seguir o Celeste Amigo, não basta o esforço cultural de transmitir a explicação bíblica, mas é necessário que o servidor da Boa Nova exemplifique a caridade, distribuindo o pão, curando doentes, expulsando errados Espíritos, em Seu nome.

É por isso que os elevados mentores espirituais, sob a supervisão do Mestre Jesus, promovem a divulgação do Espiritismo na Terra e recomendam que os Espíritas devem estar atentos às responsabilidades de o movimento Espírita estar sempre integrado com o ideal de Nosso Senhor Jesus Cristo. E Emmanuel explica que a direção das atividades espíritas na Terra está nas mãos do Divino mestre.

A Doutrina Espírita, revelada pelos Espíritos corretos e codificada por Allan Kardec, abre ao pensamento humano uma visão mais ampla acerca de Deus, demonstra a autenticidade dos fenômenos mediúnicos e da imortalidade do Espírito, e é a mensagem consoladora, demonstrando a razão dos nossos tormentos.

É preciso que os Espíritas estejam atentos ao compromisso de sua integração com Jesus de Nazaré.

A força do movimento Espírita não depende da influência econômica e política. O movimento Espírita não tem sacerdócio, não vende e nem cobra taxas de remuneração pelos seus serviços e não admite profissionalismo religioso. Quando há necessidade de recursos financeiros, o movimento Espírita conta com as doações espontâneas, não estabelecendo tributos aos que frequentam os Centros Espíritas. Embora destaque o esforço da pesquisa científica e do estudo da Doutrina Espírita, não se elitiza.

Todos, sem distinção de classe social e econômica, podem receber a mensagem da espiritualidade, seja através das páginas psicografadas, da pregação doutrinária ou através dos meios de comunicação ao alcance do nosso ideal.

Os Espíritas, em sua marcha evolutiva, devem segui-la, identificada com o Evangelho de Jesus, pois o Espírito Emmanuel, através do médium Chico Xavier, nos diz que: "O nome de Jesus está empenhado em vossas mãos".

As casas Espíritas devem estar sempre abertas para receberem a multidão de sofredores, que buscam a mensagem consoladora e o refrigério para as suas dores.

Irmãos Espíritas, Jesus é o Sol das nossas vidas! Apesar das inquietações evidentes nos campos sociais, políticos, econômicos do nosso país, que nós tenhamos a certeza de que, no Céu, onde resplandece uma cruz de Estrelas, e tem o nome Brasil que é o coração do mundo, e no milênio que se aproxima é a grande esperança da humanidade.

Permanecemos em nossos postos de serviço, na retaguarda das dores humanas, guardando a certeza de que, na dianteira luminosa de nossas vidas, socorrendo os sofredores, de mãos estendidas para nós, estaremos desfraldando a bandeira onde se lê, em letras de luz: "Deus! Cristo e Caridade".

Francisco Cândido Xavier é um exemplo para os Espíritas. Ele desfraldou a bandeira do Espiritismo com galhardia, porque sempre exemplificou o amor que o mestre Jesus demonstrou. Em toda a sua vida física deu exemplo de humildade, trabalhando unicamente a favor do seu semelhante.

Uma senhora que morava em Belo Horizonte, com certa posição econômica, procurou o Chico, pois atravessava uma quadra de tormentos. Perdera o pai e um ente da família estava gravemente doente.

Recebeu uma mensagem de seu progenitor, que se autenticara pela letra, pela espontaneidade com que fora emitida, e pelo assunto.

Agradecida e emocionada com o que recebera de seu pai, tanto mais que o Chico ignorava o que se passava, pegou uma cédula de duzentos cruzeiros e ofereceu ao médium, como gratidão e para que comprasse um presente.

E escusando-se delicada e humildemente, o Chico a abraçou dizendo-lhe:

- Não posso aceitar, minha irmã, nenhum dinheiro. Tudo o que recebo é de graça, vem do Mais Alto, por misericórdia do Pai; devo também dar graça para continuar digno do amparo que recebo.

A senhora despediu-se surpresa, agradecida e emocionada, por ver um rapaz tão pobre, tão bondoso, portador de tanta virtude, inclusive da que o fazia renunciar ao dinheiro. E exclamou: "Ele é mesmo digno da missão que possui! Que Jesus o proteja. E partiu feliz pelo exemplo que assistira e pelo bem que recebera".

Este exemplo deve calar fundo nos Espíritas, pois sabemos que através das reencarnações, ora possuímos bens ora não, e que isto tudo é para que aprendamos a dar e receber com simplicidade e humildade.

E para chegarmos naquela condição de Chico Xavier, é mister que a cada reencarnação, aprendamos a disciplina, para ouvir os conselhos dos mentores espirituais.

Nós fomos criados à semelhança do Pai, e nosso destino é estar ao lado "Dele", por isso Jesus veio ao nosso encontro, para burilar a nossa vontade, fazendo que apareçam os mais delicados traços, onde cintilará o amor divino.

E quando o amor houver penetrado em todos os corações, e pleno de virtudes, nós veremos realmente, que Jesus veio para iluminar o caminho que nos leva ao Pai.

Nós conhecemos a função primordial do corpo de bombeiros - que é apagar incêndios, salvar vidas, prevenir tragédias. Para isso deve se equipar e preparar.

Para cumprir esses deveres, precisam estudar e treinar teorias e técnicas, durante muitas e muitas horas, buscando a segurança e a eficiência para os momentos do serviço.

São preparados, não para provocar fogo, mas para o eliminar a qualquer momento, motivo este que estão sempre em alerta!

Façamos um paralelo com a obra de Jesus.

Ele veio ao mundo terreno para colaborar na formação de equipes de salvamento, especializadas em apaziguar os conflitos do mundo, propiciando uma nova etapa de serenidade, paz e felicidade.

Então podemos fazer ligação pedagógica e didática com os trabalhadores da última hora, os quais, através do seu próprio esforço e perseverança, reformaram-se, para depois prestarem socorro aos seus semelhantes nos dois mundos - espiritual e corpóreo.

Mas um soldado-bombeiro relaxado e despreparado não conseguirá cumprir a sublime missão que lhe cabe.

O mesmo ocorre com o soldado do serviço cristão que, não se instrui, não se educa e não se reforma. Na hora dos incêndios, por pequenos que sejam, não conseguem apagá-los, e muitas vezes, por ineficiência, alimentam o fogo, aumentando as catástrofes.

Precisamos ficar em constante alerta e prontidão como corretos, bons, eficientes e entusiasmados soldados, prontos para apaziguar o próprio mundo íntimo, e o daqueles que estão à nossa volta, colaborando eficazmente, para novas eras de harmonia e paz.

Os Espíritas devem ser integrantes competentes do corpo de bombeiros da verdade, trazida pelo Cristo e redivivo pelo Espiritismo.

A Doutrina dos Espíritos, que tem como base os ensinamentos de Jesus, desdobrou e facilitou o seu entendimento, ficando a cada um de nós o esforço de praticá-la e estudá-la.

Espíritas. Estejamos com Jesus, sempre!

(O Reformador - 03/97)/(O Reformador - 10/97)

CAPÍTULO XXI

HAVERÁ FALSOS MESSIAS E FALSOS PROFETAS

- Conhece-se a árvore pelo fruto. - Missão dos profetas. - Prodígios dos falsos profetas.
 - Não acrediteis em todos os Espíritos. - Instruções dos Espíritos; Os falsos profetas.
 - Caracteres do verdadeiro profeta. - Os falsos profetas da erraticidade.
 - Jeremias e os falsos profetas.

CONHECE-SE A ÁRVORE PELO FRUTO

1. A árvore que produz errôneos frutos não é correta, e a árvore que produz corretos frutos não é errada. Porque cada árvore se conhece pelo seu próprio fruto. Não se colhem figos dos espinheiros, e não se cortam cachos de uva no mato. O humano correto tira as corretas coisas do correto tesouro do seu coração, e o errado tira as erradas do errôneo tesouro do seu coração, porque a boca fala do que está cheio o coração. (*Lucas, cap. VI, v. 43 a 45*).

2. Guardai-vos dos falsos profetas que vem a vós cobertos de peles de ovelhas, e que por dentro são lobos famintos. Vós os conhecereis pelos seus frutos. Podem-se colher figos dos espinheiros ou uvas dos matos? Assim, toda árvore que é correta produz corretos frutos e toda árvore que é errada produz errôneos frutos. Uma correta árvore não pode produzir errados frutos, e uma árvore errada não pode produzir corretos frutos. Toda árvore que não produz corretos frutos será cortada e lançada ao fogo. Conhecê-la-eis, pois, por seus frutos. (*Mateus, cap. VII, v. 15 a 20*).

3. Guardai-vos de que alguém vos seduza. Porque vários virão sob meu nome dizendo: “Eu sou o Messias”, e eles seduzirão a muitos.

Levantar-se-ão vários falsos profetas que seduzirão a muitas pessoas. E porque a perversidade será abundante, a caridade de muitos se resfriará. Mas será vitorioso aquele que perseverar até o fim.

Então, se alguém vos disser. O Messias está aqui, ou está ali, não o creiais. Porque se levantarão falsos Messias e falsos profetas que farão grandes prodígios e coisas de espantar, até seduzir, se for possível, os próprios escolhidos. (*Mateus, cap. XXIV, v. 4, 5, 11, 12, 13, 23, 24. Marcos, cap. XIII, v. 5, 6, 21, 22*).

(Levantar-se-ão vários falsos profetas que seduzirão a muitas pessoas. E porque a perversidade será abundante, a caridade de muitos se resfriará.

Muito cuidado com aqueles irmãos que se dizem ‘representantes’ de Deus ou do Cristo Jesus! Qualquer humano deve ser visto e ouvido pelos exemplos racionais, materiais ou espirituais, que distribui. A caridade da língua é uma característica do correto humano. Uma árvore, na época do amadurecimento dos frutos, não ‘joga’ seus frutos, em outras árvores, para serem amadurecidos! Cabe apenas e tão somente a ela o trabalho e os frutos desse trabalho! Se outra árvore amadurecê-los, os frutos serão pertencentes a esta, e não àquela!)

MISSÃO DOS PROFETAS

4. Atribui-se vulgarmente aos profetas o dom de revelar o futuro, de sorte que as palavras proféticas e predições se tornaram sinônimas. No sentido dos Evangelhos, a palavra profeta tem uma significação mais ampla. Diz-se de todo enviado pela Lei de Deus com a missão de instruir os humanos e de lhes revelar as coisas ocultas e desconhecidas da vida espiritual. Um humano pode, pois, ser profeta, sem fazer predições. Essa ideia era a dos judeus ao tempo de Jesus, o Cristo. Por isso, quando foi conduzido diante do sacerdote Caifás, os Escribas e os Anciãos, estando reunidos, lhe cuspiram no rosto, lhe bateram com socos e bofetadas dizendo: “Cristo, profetiza para nós e dize quem é que te bateu”. Entretanto, ocorreu que profetas tiveram conhecimento do futuro, seja por intuição, seja por revelação divina, a fim de transmitir advertências aos humanos. Esses fatos, tendo se cumprido, o dom de predizer o futuro foi encarado como um dos atributos da qualidade de profeta.

(Diz-se de todo enviado pela Lei de Deus com a missão de instruir os humanos e de lhes revelar as coisas ocultas e

desconhecidas da vida espiritual.

Porém muitos irmãos ainda confundem as coisas e dizem: “Tenho certeza que o dirigente da minha comunidade é um verdadeiro profeta, Deus me disse!”.)

PRODÍGIOS DOS FALSOS PROFETAS

5. “Levantar-se-ão falsos Messias e falsos profetas que farão grandes prodígios e coisas de espantar para seduzir os próprios escolhidos”. Essas palavras dão o verdadeiro sentido do termo prodígio. No conceito teológico, os prodígios e os milagres são fenômenos excepcionais, fora das leis da naturalidade. As leis naturais sendo obra unicamente de Deus, Ele pode sem dúvida derogá-las se isso Lhe apraz, mas o simples bom senso diz que não pode ter dado a seres atrasados, um poder igual ao Seu, e ainda menos o direito de desfazer o que Ele fez. Jesus, o Cristo, não pode ter consagrado tal princípio. Se, pois, segundo o sentido que se dá a essas palavras, o Espírito atrasado tem o poder de fazer tais prodígios, que os próprios eleitos sejam por ele enganados, disso resultaria que, podendo fazer o que Deus faz, os prodígios e os "milagres" não são privilégios exclusivos dos enviados de Deus, e não provam nada, uma vez que nada distingue os "milagres" dos corretos daqueles "milagres" dos errados. E preciso, pois, procurar um sentido mais racional para essas palavras. Aos olhos do desconhecedor, todo fenômeno cuja causa é desconhecida passa por sobrenatural, maravilhoso e miraculoso. A causa, uma vez conhecida, reconhece-se que o fenômeno, tão extraordinário que pareça, não é outra coisa senão a aplicação de uma lei natural. É assim que o círculo dos fatos sobrenaturais se retrai à medida que se amplia o da ciência. Em todos os tempos, os humanos exploraram, em proveito de sua ambição, de seu interesse e de sua dominação, certos conhecimentos que possuíam, a fim de darem a si mesmos o prestígio de um poder supostamente sobre-humano ou de uma pretensa missão divina. Estão aí os falsos Messias e os falsos profetas. A difusão dos conhecimentos lhes aniquila o crédito, por isso o número deles diminui à medida que os humanos se esclarecem. O fato de operar o que, aos olhos de certas pessoas, passa por prodígios, não é, pois, o sinal de uma missão divina, uma vez que pode resultar de conhecimentos que cada um pode adquirir, ou de faculdades orgânicas especiais, que o mais indigno pode possuir tão bem quanto o mais digno. O verdadeiro profeta se reconhece por caracteres mais sérios e exclusivamente morais.

(Como a maioria dos humanos não quer se esclarecer nas verdades espirituais, ainda, e por muito tempo, continuará a ser enganada pelos falsos profetas, e estes continuarão dizendo: “Viu como você está errado! Deus está te punindo!”). Sem estudar não conseguimos entender o Deus só amor!)

NÃO ACREDITEIS EM TODOS OS ESPÍRITOS

6. Meus bem amados, não acrediteis em todos os Espíritos, mas experimentai se os Espíritos são pela Lei de Deus, porquanto vários falsos profetas se ergueram no mundo. (*João, 1.a Epístola, cap. IV, v. 1).*

(Serve para todos aqueles que ‘escutam’ os Espíritos, mas principalmente para os medianeiros. Os processos obsessivos, citados em O Livro dos Médiuns, são a luz para o correto entendimento desse ensino do Mestre. Cuidado com a ‘fascinação’!)

7. Os fenômenos Espíritos, longe de dar crédito aos falsos Messias e aos falsos profetas, como alguns exageraram em dizê-lo, vêm ao contrário lhes dar um último golpe. Não peçais ao Espiritismo milagres nem prodígios, porquanto declara ele formalmente que não os produz. Como a física, a química, a astrologia, a geologia, vieram revelar as leis do mundo material, ele vem revelar outras leis desconhecidas, as que regem as relações do mundo corporal físico e do mundo espiritual, e que, como suas primogênicas da ciência, não são menos leis naturais. Em dando a explicação de uma certa ordem de fenômenos incompreendidos até hoje, destrói o que restava ainda no domínio da mentira milagrosa. Aqueles, pois, que estivessem tentados em explorar esses fenômenos em seu proveito, em se fazendo passar por Messias de Deus, não poderiam enganar muito tempo a credulidade, e seriam logo desmascarados. Aliás, como foi dito, só esses fenômenos não provam nada: a missão se prova pelos efeitos morais que não é dado a qualquer um pro-

duzir. Esse é um dos resultados do desenvolvimento da Ciência Espírita. Em perscrutando a causa de certos fenômenos, ela apresenta a verdade sobre muitos mistérios. Os que preferem a escuridão à luz são os únicos interessados em combatê-la. Mas a Verdade é como o Sol: dissipa os mais densos nevoeiros.

O Espiritismo vem revelar outra categoria bem mais perigosa de falsos Messias e de falsos profetas, que se encontram, não entre os humanos, mas entre os desencarnados: a dos Espíritos atrasados, enganadores, hipócritas, orgulhosos e pseudossábios que, da Terra, passaram para a erraticidade, e se apresentam com nomes veneráveis para procurar, graças à máscara com a qual se cobrem, recomendar ideias, frequentemente, as mais bizarras e as mais absurdas. Antes que as relações mediúnicas fossem conhecidas, eles exerciam sua ação de maneira menos ostensiva, pela inspiração, pela mediunidade inconsciente, audiente ou falante. O número daqueles que, em diversas épocas, mas nos últimos tempos, sobretudo, se apresentaram como alguns dos antigos profetas, pelo Messias, por Maria mãe de Jesus, e mesmo por Deus, é considerável. João adverte contra eles, quando diz: “Meus bem amados, não acrediteis em todos os Espíritos, mas experimentai se os Espíritos são pela Lei de Deus. Porquanto vários falsos profetas se ergueram no mundo”. O Espiritismo dá os meios de os provar indicando os caracteres pelos quais se reconhecem os corretos Espíritos, caracteres sempre morais e jamais materiais. É no discernimento entre os corretos e os errôneos Espíritos que podem, sobretudo, ser aplicadas estas palavras de Jesus, o Cristo: “Reconhece-se a qualidade da árvore pelo fruto. Uma correta árvore não pode produzir errados frutos, e uma árvore errada não pode produzir corretos frutos”. Julgam-se os Espíritos pela qualidade de suas obras, como uma árvore pela qualidade dos seus frutos.

(O Espiritismo dá os meios de os provar indicando os caracteres pelos quais se reconhecem os corretos Espíritos, caracteres sempre morais e jamais materiais.)

Ainda presos aos valores do mundo físico, materiais, nós julgamos as ocorrências pela ‘moral’ humana, e não pela espiritual! Presos ao nosso milenar comodismo e conformismo, nós não aceitamos as verdades transcendentes, pois continuamos imediatistas e, assim sendo, clamamos: “Aqui, na minha comunidade dos eleitos, só aceitamos a fala direta do Espírito Santo!”.)

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

OS FALSOS PROFETAS

8. Se vos disserem: “O Messias está aqui”, não vades, mas, ao contrário, ponde-vos em guarda, porque os falsos profetas serão numerosos. Não vedes as folhas da figueira que começam a embranquecer. Não vedes seus brotos numerosos esperando a época da floração, e Jesus, o Cristo, não vos disse: Reconhece-se uma árvore pelo seu fruto? Se, pois, os frutos são amargos, julgais que a árvore é errada. Mas se são doces e salutares, dizeis: Nada de errado pode sair de um tronco puro.

É assim, meus irmãos, que deveis julgar. São as obras o que deveis examinar. Se aqueles que se dizem revestidos do poder divino estão acompanhados de todas as marcas de semelhante missão, quer dizer, se possuem no mais alto grau as virtudes cristãs e eternas: a caridade, o amor, a indulgência, a bondade que concita todos os corações. Se, em apoio às palavras, eles juntam os atos, então podereis dizer: Estes são realmente os enviados pela Lei de Deus. Mas desconfiai das palavras hipócritas, desconfiai dos escribas e dos fariseus que oram nas praças públicas, vestidos de longas roupas. Desconfiai daqueles que pretendem ter o único monopólio da verdade!

Não, não, o Messias não está aí, porque aqueles que o Cristo envia para propagar a sua pura Doutrina, e regenerar seu povo, serão, a exemplo do Mestre, brandos e humildes de coração acima de todas as coisas. Aqueles que devem, por seus exemplos e seus conselhos, salvar a Humanidade que corre para a escuridão e perambulando nas rotas tortuosas, estes serão acima de tudo modestos e humildes. Todo aquele que revele um átomo de orgulho, fugi dele como de uma lepra contagiosa, que corrompe tudo o que toca. Lembrai-vos de que cada criatura leva na fronte, mas nos seus atos, sobretudo, a marca de sua grandeza ou da sua decadência.

Ide, pois, meus filhos bem amados, marchai sem vacilações, sem preconceitos, na rota bendita que empreendestes. Ide, ide sempre sem temor. Afastai corajosamente tudo o que poderia entra-

var a vossa marcha até o objetivo eterno. Viajores, não estareis senão bem pouco tempo ainda nos tormentos e nas aflições da prova, se deixardes os vossos corações buscar essa doce Doutrina que vem vos revelar as leis eternas, e satisfazer todas as aspirações do Espírito quanto ao desconhecido. Desde o presente, podeis dar corpo a essas sombras fugazes que passavam em vossos sonhos, e, que, efêmeras, não podiam senão encantar o Espírito, mas não diziam nada ao vosso coração. Agora, meus amados, a morte desapareceu para dar lugar à luz radiosa que conheceis, a luz do reencontro e da reunião! Agora, vós que corretamente cumpristes a tarefa destinada pelo Criador, não tendes mais nada a temer da sua justiça, porque ele é Pai e Sua Lei perdoa sempre a seus filhos transviados que clamam misericórdia. Continuai, pois, avançai sem cessar. Que a vossa divisa seja a do progresso, do progresso contínuo em todas as coisas, até que chegueis, enfim, a esse termo feliz onde vos esperam todos aqueles que vos precederam.

(Luis, Bordéus, 1861).

(Desconfiai daqueles que pretendem ter o único monopólio da verdade!

Para o conhecimento da verdade é necessário o uso da principal qualidade com que o Criador nos dotou: inteligência! Mas a inteligência não pode se manifestar sem o conhecimento, portanto, é necessário adquirir o conhecimento, e o único modo de obtê-lo é pelo estudo! Porém, como não queremos conhecer a verdade, aceitamos aquelas ‘verdades’ que atendam nossos interesses imediatos, por esta razão é que ouvimos irmãos afirmando: “Pelo poder dado por Deus, nosso líder nos faz colher abacates em tomateiros!”.)

CARACTERES DO VERDADEIRO PROFETA

9. Desconfiai dos falsos profetas. Esta recomendação é útil em todos os tempos, mas, sobretudo nos momentos de transição em que, como neste, se elabora uma transformação da Humanidade, porque então uma multidão de ambiciosos e de intrigantes se coloca como reformadores e como Messias. É contra esses impostores que é preciso se manter em guarda e é dever de todo humano honesto desmascará-los. Perguntareis, sem dúvida, como se pode reconhecê-los: eis os seus sinais.

Não se confia o comando de uma equipe, senão a um dirigente hábil e capaz de dirigi-la. Credes, pois, que a Lei de Deus seja menos prudente do que os humanos? Estai certos de que Deus não confia as missões importantes senão àqueles que sabe capazes de cumpri-las, porque as grandes missões são fardos pesados que esmagariam o humano muito fraco para os carregar. Como em todas as coisas, o mestre deve saber mais do que o aprendiz. Para fazer avançar a Humanidade moral e intelectualmente, são precisos humanos superiores em conhecimento e em moralidade! Por isso, são sempre Espíritos já muito avançados, tendo cumprido suas provas em outras existências, que se encarnam com esse objetivo. Porque se não são superiores ao meio no qual devem agir, sua ação será nula.

Isto posto, concluí que o verdadeiro missionário pela Lei de Deus deve justificar a sua missão pela superioridade, por suas virtudes, por sua grandeza, pelo resultado e pela influência moralizadora de suas obras. Tirai ainda esta consequência: se ele está, por seu caráter, suas virtudes, seu conhecimento, abaixo do papel que se atribui, ou do personagem sob o nome do qual se abriga, não é senão um imitador de baixa categoria, que não sabe mesmo copiar o seu modelo.

Uma outra consideração é que a maioria dos verdadeiros missionários pela Lei de Deus ignoram-se a si mesmos, eles cumprem aquilo para o que foram chamados pela força do seu Espírito, secundados pela força oculta que os inspira e os dirige com o seu desconhecimento, mas sem propósito premeditado. Numa palavra, os verdadeiros profetas se revelam por seus atos: são adivinhados. Enquanto que os falsos profetas se colocam, eles mesmos, como os enviados de Deus. O primeiro é humilde e modesto. O segundo é orgulhoso e cheio de si mesmo. Fala alto e, como todos os mentirosos, parece sempre temer não ser acreditado.

Têm-se visto esses impostores se apresentarem como os apóstolos do Messias, outros pelo próprio Messias, e o que envergonha a Humanidade é que têm encontrado pessoas bastante crédulas para dar fé a semelhantes mentiras. Uma consideração, bem simples, entretanto, deveria abrir os olhos do mais cego, é que se o Cristo se reencarnasse na Terra, viria com todo o seu poder e todas as suas virtudes, a menos que se admitisse, o que seria absurdo, que tivesse degenerado. Ora, da mesma forma que se tirardes a Deus um só dos seus atributos não tereis mais Deus, se tirardes uma só das virtudes do Cristo, não tereis mais o Cristo. Aqueles que se apresentam como o Mes-

sias têm todas as suas virtudes? Aí está a questão. Olhai. Estudai seus pensamentos e os seus atos, e reconheceréis que lhes faltam além de tudo as qualidades distintivas do Cristo: a humildade e a caridade, ao passo que têm o que ele não tinha: a cupidez e o orgulho. Notai, aliás, que há neste momento, e em diferentes países, vários falsos Messias, como há vários falsos Elias, João ou Pedro, e que, necessariamente não podem ser todos verdadeiros. Tende por certo que são pessoas que exploram a credulidade e acham cômodo viver às custas daqueles que os escutam.

Desconfiai, pois, dos falsos profetas, sobretudo num tempo de renovação, porque muitos impostores se dirão os enviados pela Lei de Deus. Eles se proporcionam uma vaidosa satisfação na Terra, mas uma infalível justiça os espera, podeis disso estar certos.

(Erasto, Paris, 1862).

(Temos que separar ‘profetas’ de ‘dirigentes’. Os ‘dirigentes’ não necessitam, e nem podem ou devem, apresentar perfeições que ainda não adquiriram, portanto, caso assim se apresentem: Olho neles! Já, no caso de ‘profetas’, é obrigatório que apresentem e vivam as perfeições, caso contrário: Fora com eles!)

OS FALSOS PROFETAS DA ERRATICIDADE

10. Os falsos profetas não estão somente entre os encarnados. Estão também, e em maior número, entre os desencarnados, Espíritos iniciantes, orgulhosos, que, sob falsa aparência de amor e de caridade, semeiam a desunião e retardam a obra de emancipação da Humanidade, lançando falsamente seus sistemas absurdos que fazem os médiuns aceitarem. E para melhor fascinar aqueles que querem enganar, para dar mais peso às suas teorias, se ornaram, sem escrúpulo, de nomes que os humanos não pronunciavam senão com respeito.

São eles que semeiam os fermentos de antagonismo entre os grupos, que os levam a se isolarem uns dos outros, e a se verem com errôneos olhos. Só isso bastaria para desmascará-los. Porque, em agindo assim, eles próprios dão o mais formal desmentido ao que pretendem ser. Cegos, pois, são os humanos que se deixam prender em armadilha tão grosseira.

Mas há muitos outros meios de reconhecê-los. Os Espíritos da ordem à qual dizem pertencer devem ser não apenas corretos, mas, por outro lado, eminentemente racionais. Pois bem, passai seus sistemas pelo crivo da razão e do bom senso, e vereis o que deles restará. Concordem comigo, pois, que, todas as vezes que um Espírito indique, como remédio para os erros da Humanidade, ou como meio atingir a sua transformação, coisas utópicas e impraticáveis, medidas esquisitas e ridículas. Quando formula um sistema contrariando as mais simples noções da ciência, esse não pode ser senão um Espírito obsessivo e mentiroso.

De outro lado, crede bem que, se a verdade não é sempre apreciada pelos indivíduos, o é sempre pelo bom senso das massas, e está aí um critério. Se dois princípios se contradizem, tereis a medida do seu valor intrínseco procurando aquele que encontra mais eco e simpatia. Seria ilógico, com efeito, admitir que uma Doutrina que, no tempo, visse diminuir o número dos seus partidários fosse mais verdadeira que, no tempo, aquela que vê os seus aumentarem. A Lei de Deus, querendo que a verdade chegue para todos, não a confina em um círculo restrito: fá-la surgir em diferentes pontos, a fim de que, por toda parte, a luz esteja ao lado das trevas.

Afastai resolutamente todos esses Espíritos que se apresentam como conselheiros exclusivos, pregando a divisão e o isolamento. Eles são, quase sempre, Espíritos atrasados, vaidosos e medíocres, que tendem a se imporem aos humanos fracos e crédulos, fazendo-lhes louvores exagerados, a fim de os fascinar e tê-los sob a sua dominação. São geralmente Espíritos ávidos de poder que, mandões públicos ou privados durante a sua vida física, querem ainda vítimas para tiranizar após o seu desencarne. Em geral desconfiai de comunicações que trazem um caráter de misticismo e de estranheza, ou que prescrevem cerimônias e atos bizarros. Então há sempre um motivo legítimo de suspeição.

De outro lado, crede bem que quando uma verdade deve ser revelada à Humanidade, ela é, por assim dizer, instantaneamente comunicada em todos os grupos sérios que possuem médiuns sérios, e não a estes ou aqueles, com exclusão dos outros. Ninguém é médium perfeito, se está obediado, e há obsessão manifesta quando um médium não é apto senão para receber as comunicações de um Espírito especial, por mais elevado que ele mesmo procure se colocar. Em consequência, todo médium, todo grupo que se creem privilegiados por comunicações que só eles po-

dem receber e que, de outra parte, estão sujeitos a práticas que acentuam a superstição, estão indubitavelmente sob a ação de uma obsessão bem caracterizada, sobretudo quando o Espírito dominador se vangloria de um nome que todos, encarnados e encarnados, devemos honrar e respeitar, e não deixar comprometer a toda hora.

É incontestável que submetendo ao julgamento da razão e da lógica todos os dados e todas as comunicações dos Espíritos, será fácil repelir a mentira e o erro. Um médium pode ser fascinado, um grupo enganado. Mas o controle severo dos outros grupos, o conhecimento adquirido, a autenticidade moral dos chefes de grupo, as comunicações dos principais médiuns que recebem um cunho de lógica e de autenticidade de nossos melhores Espíritos, farão rapidamente justiça a esses ditados mentirosos e astuciosos emanados de uma turba de Espíritos enganadores e errados.

(Erasto, discípulo de Paulo, 1862).

(Os Espíritos da ordem à qual dizem pertencer devem ser não apenas corretos, mas, por outro lado, eminentemente racionais. Pois bem, passai seus sistemas pelo crivo da razão e do bom senso, e vereis o que deles restará.

Como é que aquele que estudou e conhece o erro pode instruir ao irmão que está fanatizado? Este é dos problemas mais comuns, quando do exercício indisciplinado da mediunidade ou da participação religiosa. É idêntico, quando não é o próprio, ao caso de obsessão por fascinação! Problema difícil de ser resolvido, a não ser que o obsidiado muito ajude no tratamento!)

JEREMIAS E OS FALSOS PROFETAS

11. Eis o que disse o Senhor dos mundos: Não escuteis as palavras dos profetas que vos profetizam e que vos enganam. Eles divulgam as visões de seus corações, e não o que aprenderam da boca do Senhor. Dizem àqueles que me blasfemam: O Senhor o disse: vós tereis a paz. E a todos aqueles que caminham na corrupção de seus corações: Não vos atingirá o erro. Mas quem dentre eles assistiu ao conselho de Deus. Quem viu e ouviu o que lá se disse? Eu não enviava esses profetas e eles corriam por si mesmos. Eu não lhes falava e eles profetizavam de sua cabeça. Eu ouvi o que disseram esses profetas que profetizaram a mentira em Meu nome, dizendo: Sonhei, sonhei. Até quando essa imaginação estará no coração dos profetas que profetizam a mentira, e cujas profecias não são senão seduções de seus corações? Se, pois, esse povo, ou um profeta, ou um sacerdote vos interroga e vos diz: Qual é o fardo do Senhor? Vós lhe direis: Vós mesmos é que sois o fardo, e eu vos lançaria bem longe de mim, disse o Senhor. *(Jeremias, cap. XXIII, v. 16, 17, 18, 21, 25, 26, 33).*

É sobre esta passagem do profeta Jeremias que convosco vou conversar, meus amigos. A Lei de Deus, falando pela divina mente, disse: “a visão dos seus corações que os faz falar”. Essas palavras indicam claramente que, já naquela época, os charlatães e os fanáticos abusavam do dom da profecia e o exploravam. Abusavam, por conseguinte, da fé simples e quase sempre cega do povo em predizendo, por dinheiro, boas e agradáveis coisas. Essa espécie de mentira era bastante generalizada na nação judia, e é fácil de compreender que o pobre povo, em sua ignorância, estava na impossibilidade de distinguir os corretos dos errados, e era sempre mais ou menos enganado por esses supostos profetas que não eram senão impostores ou fanáticos. Não há nada mais significativo do que estas palavras: “Eu não enviei esses profetas e eles correram por si mesmos. Eu não lhes falei e eles profetizaram?”. Mais adiante, diz: “Eu ouvi esses profetas que profetizam a mentira em Meu nome dizendo: Sonhei, sonhei”. Ele indicava assim um dos meios empregados para explorar a confiança que tinham neles. A multidão, sempre crédula, não pensava em contestar a veracidade dos seus sonhos ou das suas visões. Achava isso muito natural e convidava sempre esses profetas a falarem. Após as palavras do profeta, escutai os sábios conselhos do apóstolo João quando disse: “Não acrediteis em todos os Espíritos, mas experimentai se os Espíritos são de Deus”, porque entre os invisíveis há também os que se demoram na mentira quando encontram ocasião. Esses enganados, são, bem entendido, os médiuns que não tomam bastante precaução. Aí está, sem contradita, um dos maiores escolhos contra o qual muitos vêm bater, sobretudo quando são novatos no Espiritismo. É para eles uma prova da qual não podem triunfar senão por uma grande prudência. Aprendei, pois, antes de todas as coisas, a distinguir os Espíritos corretos, para não vos tornardes, vós mesmos, falsos profetas.

(Luiz, Espírito protetor, Carlsruhe, 1861).

(Essas palavras indicam claramente que, já naquela época, os charlatães e os fanáticos abusavam do dom da profecia

e o exploravam. Abusavam, por conseguinte, da fé simples e quase sempre cega do povo em predizando, por dinheiro, boas e agradáveis coisas.

Quando estudamos, e meditamos, nos ensinamentos da Doutrina dos Espíritos, vemo-nos praticamente livres deste problema. Resta apenas a seguinte dúvida: como podemos convencer um irmão que está ‘fanatizado’ pelos falsos profetas? A solução é... Reencarnação!)

CAPÍTULO XXII

NÃO SEPREIS O QUE A LEI DE DEUS JUNTOU

Indissolubilidade do casamento. - O divórcio.

INDISSOLUBILIDADE DO CASAMENTO

1. Os Fariseus vieram também a ele para tentá-lo, dizendo-lhe: É permitido a um homem devolver sua mulher por qualquer causa que seja? Ele lhes respondeu: Não lestes que aquele que criou o humano desde o princípio, os criou homem e mulher, e que foi dito: Por essa razão o homem deixará seu pai e sua mãe, e se ligará à sua mulher, e não farão mais os dois senão uma só carne? Assim, eles não serão mais dois, mas uma só carne. Que o humano, pois, não separe o que a Lei de Deus juntou.

Mas porque, pois, disseram-lhe, Moisés ordenou que se desse à mulher uma carta de separação e que fosse devolvida? Ele lhes respondeu: Foi por causa da dureza do vosso coração que Moisés vos permitiu devolver vossas mulheres: mas isso não foi desde o princípio. Também vos declaro que todo aquele que devolve sua mulher, se não for em caso de adultério, e esposa outra, comete adultério. E que aquele que esposa a que um outro devolveu, comete também adultério. (*Mateus, cap. XIX, v. 3 a 9*).

(Aqui se apresenta uma ‘discussão’ sobre a aplicação da lei mosaica e dentro do judaísmo! A cada momento evolutivo espiritual corresponde um novo conceito moral e legal sobre as uniões carnis. A lei humana muda, a divina é perene!)

2. Não há de imutável senão o que vem da Lei de Deus. Tudo o que é obra dos humanos está sujeito a mudanças. As leis naturais são as mesmas em todos os tempos e em todos os países. As leis humanas mudam segundo os tempos, os lugares e o progresso do conhecimento e da moral. No casamento, o que é de ordem divina é a união dos sexos para operar a renovação dos seres que desencarnem. Mas, as condições que regulam essa união são de ordem tão humana, que não há no mundo inteiro, e mesmo na cristandade, dois países em que elas sejam absolutamente as mesmas, e que não haja um em que elas não tenham sofrido mudanças com o tempo. Disso resulta que, pela lei civil, o que é legítimo num país em uma época, é adultério num outro país em outro tempo. Isso porque a lei civil tem por objetivo regular os interesses das famílias, e esses interesses variam segundo os costumes e as necessidades locais. É assim que, por exemplo, em certos países, só o casamento religioso é legítimo. Em outros é preciso também o casamento civil. Noutros, enfim, só o casamento civil basta.

(Como a lei divina é muito ‘difícil’, nós legislamos no sentido de atender nossos desejos imediatos, portanto só será ‘pecado’ quando não obedecer às nossas leis...)

3. Mas na união dos sexos, ao lado da lei natural, comum a todos os seres vivos, há uma outra lei divina, imutável, como todas as leis de Deus, exclusivamente moral e que é a lei de amor. Deus quis que os seres humanos estivessem unidos não somente pelos laços da carne, mas pelos do Espírito, a fim de que a afeição mútua dos esposos se transportasse para seus filhos, e que eles fossem dois, em lugar de um, a amá-los, a cuidá-los e fazê-los progredir. Nas condições ordinárias do casamento, foi levada em conta essa lei de amor? De nenhum modo. O que se consulta não é a afeição de dois seres que um mútuo sentimento atrai um para o outro, uma vez que, o mais frequentemente, se rompe essa afeição. O que se procura não é a satisfação do coração, mas a do orgulho, da vaidade e da cupidez, numa palavra, de todos os interesses materiais. Quando tudo está bem segundo esses interesses, diz-se que o casamento é conveniente, e quando as bolsas estão bem combinadas diz-se que os esposos o estão igualmente, e devem ser bem felizes.

Mas nem a lei civil, nem os compromissos que ela faz contrair, podem suprir a lei do amor se esta lei não preside a união. Disso resulta que, frequentemente, o que se une à força, se separa por si mesmo. Que o juramento que se pronuncia ao pé do altar torna-se um perjúrio se dito como

uma fórmula banal. Daí as uniões infelizes, que acabam por tornar-se criminosas. Dupla infelicidade que se evitaria se, nas condições do casamento, não se fizesse abstração da única lei que o sanciona pela Lei de Deus: a lei de amor. Quando a Lei de Deus apresenta: “Vós não sereis senão uma mesma carne”. E quando Jesus, o Cristo, disse: “Vós não separareis o que Deus uniu”, isso se deve entender da união segundo a lei imutável de Deus, e não segundo a lei variável dos humanos.

(O que se procura não é a satisfação do coração, mas a do orgulho, da vaidade e da cupidez, numa palavra, de todos os interesses materiais.

Nesta etapa evolutiva espiritual, de resgates e expiações, ainda, e por muito tempo, as uniões serão, na sua maioria, por ‘paixões’, e raras as por ‘amor’.)

4. A lei civil é, pois, supérflua, e é preciso retomar ao casamento segundo a lei natural? Não, certamente. A lei civil tem por objetivo regular as relações sociais e os interesses das famílias, segundo as exigências da civilização. Eis porque ela é útil, necessária, mas variável. Deve ser previdente, porque o humano civilizado não pode viver como o selvagem. Mas nada, absolutamente nada, se opõe a que seja o coroamento da Lei de Deus. Os obstáculos para o cumprimento da lei divina resultam dos preconceitos e não da lei civil. Esses preconceitos, se bem que ainda vivazes, já perderam seu império entre os povos esclarecidos. Eles desaparecerão com o progresso moral, que abrirá enfim os olhos sobre os erros sem número, as faltas, os próprios crimes que resultem de uniões contraídas tendo em vista unicamente os interesses materiais. E se perguntará um dia se é mais humano, mais caridoso, mais moral unir indissolúvelmente, um ao outro, seres que não podem viver juntos, do que lhes dar a liberdade. Se a perspectiva de uma cadeia indissolúvel não aumenta o número das uniões irregulares.

(Só agora, e alguns, começam a entender que o casamento é um grande treinamento da fraternidade universal: fraternidade nas diferenças de obrigações, de costumes, de objetivos etc.)

DIVÓRCIO

5. O divórcio é uma lei humana que tem por fim separar legalmente o que está separado de fato. Não é contrária à Lei de Deus, uma vez que não reforma senão o que os humanos fizeram, e não é aplicável senão nos casos em que não se levou em conta a lei divina. Se fosse contrária a esta lei, as próprias igrejas seriam forçadas a considerar prevaricadores aqueles dos seus chefes que, pela sua própria autoridade, e em nome da religião, em mais de uma circunstância, impuseram o divórcio. Dupla prevaricação então, uma vez que seria só em vista de interesses temporais, e não para satisfazer a lei do amor.

Mas Jesus, o Cristo, ele mesmo, não consagrou a indissolubilidade absoluta do matrimônio. Não disse: “É por causa da dureza de vossos corações que Moisés vos permitiu devolver vossas mulheres!”. O que significa que, desde o tempo de Moisés, a afeição mútua não sendo o objetivo único do casamento, a separação podia tornar-se necessária. Mas acrescenta: “isso não foi desde o princípio”. Quer dizer que na origem da Humanidade, quando os humanos estavam ainda dominados pelo egoísmo e pelo orgulho, e viviam segundo a lei natural, as uniões fundadas sobre o instinto, e não sobre a vaidade ou a ambição, não davam lugar ao repúdio.

Vai mais longe e especifica o caso em que o repúdio pode ter lugar: o de adultério. Ora, o adultério não existe onde reina uma afeição recíproca sincera. Proíbe, é verdade, a todo homem de esposar a mulher repudiada, mas é preciso ter em conta os costumes e o caráter dos humanos do seu tempo. A lei mosaica, nesse caso, prescrevia a lapidação. Querendo abolir um uso bárbaro, seria preciso, entretanto, uma penalidade, e a achou na ignomínia que devia imprimir a interdição de um segundo matrimônio. Era de alguma sorte uma lei civil substituindo outra lei civil, mas que, como todas as leis desse tipo, deviam sofrer mudanças no tempo.

(Como ainda somos extremamente orgulhosos e egoístas, é melhor ‘viver’ separados que ‘morrer’ juntos! Infelizmente!)

CAPÍTULO XXIII

MORAL ESTRANHA

Quem não amar menos ao seu pai e sua mãe. - Abandonar pai, mãe e filhos. - Deixai aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos. - Não vim trazer a paz, mas a divisão.

QUEM NÃO AMAR MENOS AO SEU PAI E SUA MÃE

1. Uma grande multidão de povo caminhando com Jesus, o Cristo, ele se volta para eles e lhes diz: Se alguém vem a mim, e não amar menos ao seu pai e sua mãe, sua mulher e seus filhos, seus irmãos e suas irmãs, e mesmo sua própria vida, não pode ser meu discípulo. E todo aquele que não carrega sua cruz e não me segue, não pode ser meu discípulo. Assim, todo aquele que dentre vós não renuncia a tudo o que tem, não pode ser meu discípulo. (*Lucas, cap. XIV, v. 25, 26, 27, 33*).

2. Aquele que ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim, não é digno de mim. Aquele que ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim. (*Mateus, cap. X, v. 37*).

(Jesus, o Cristo, representa a perene Lei de Deus. A Doutrina dos Espíritos, com a reencarnação, nos faz entender o 'amor' à Lei e o 'amor' aos irmãos. Assim sendo, fica fácil o entendimento do ensino do Mestre.)

3. Certas palavras, muito raras, de resto, fazem um contraste tão estranho na boca de Jesus, o Cristo, que, instintivamente, se rejeita seu sentido literal, e a sublimidade de sua Doutrina não sofre com isso nenhum prejuízo. Escritas depois do seu desencarne, uma vez que nenhum Evangelho foi escrito durante a sua vida física, é lícito crer que, nesse caso, o fundo do seu pensamento não foi bem exprimido, ou, o que não é menos provável, o sentido primitivo pode ter alguma alteração, passando de uma língua para outra. Bastaria que uma alteração fosse feita uma primeira vez, para que tivesse sido repetida nas reproduções, como se vê, tão frequentemente, nos fatos históricos.

A palavra ódio, nesta frase de Lucas: Se alguém vem a mim e não odeia seu pai e sua mãe, está nesse caso. Não há ninguém que tenha tido o pensamento de atribuí-la a Jesus, o Cristo. Seria pois supérfluo discuti-la, e ainda menos procurar justificá-la. Seria preciso saber primeiro se ele a pronunciou, e, na afirmação, saber se, na língua em que se exprimia, essa palavra tinha o mesmo valor que na nossa. Nesta passagem de João: "Aquele que odeia sua vida neste mundo, a conserva para a vida eterna", é certo que não exprime a ideia que lhe atribuímos.

A língua hebraica não era rica, e havia muitas palavras com vários significados. Tal é, por exemplo, aquele que, no Gênese, designa as fases da criação, e serviu a uma só vez para exprimir um período de tempo qualquer e a revolução diurna. Daí, mais tarde, sua tradução para a palavra dia, e a crença que o mundo foi obra de seis vezes vinte e quatro horas. Tal é ainda a palavra que se dizia de um camelo e de um cabo, porque os cabos eram feitos de pelo de camelo, e que foi traduzida por camelo na alegoria do buraco de agulha.

É preciso, aliás, ter em conta os costumes e o caráter dos povos, que influem sobre o gênio particular de suas línguas. Sem esse conhecimento, o sentido verdadeiro de certas palavras escapa. De uma língua a outra, a mesma palavra tem mais ou menos energia. Pode ser uma injúria, ou uma blasfêmia em uma e não significar isso em outra, segundo a ideia que a ela se atribuiu. Na mesma língua, certas palavras perdem seu significado, alguns séculos depois. Por isso, uma tradução rigorosamente literal não exprime sempre perfeitamente o pensamento. E, para ser exato, é preciso por vezes empregar, não as palavras correspondentes, mas palavras equivalentes ou perífrases. Essas advertências encontram uma aplicação especial na interpretação das Escrituras, e dos Evangelhos em particular. Se não se leva em conta o meio no qual viveu Jesus, o Cristo, fica-se exposto a equivocarse sobre o valor de certas expressões e de certos fatos, em consequência do hábito que se tem de comparar os outros a si mesmo. Por essa razão, é preciso, pois, afastar da palavra ódio a acepção moderna - empregando o "amar menos", para não ser contrária ao espírito do ensinamento de Jesus, o Cristo. (odiar = amar menos)

(Nós temos séria obrigações com nossos pais carnis ou de criação. Devemos amá-los ternamente, mas nunca com a intensidade do amor a Deus! Porém, ainda nem conseguimos amar aos pais terrenos, como ‘pensarmos’ que estamos amando ao Pai Eterno? É o aprendizado... Quando estivermos amando nossos pais terrenos... Estaremos amando muito mais ao Pai Eterno!)

DEIXAR PAI, MÃE E FILHOS

4. Todo aquele que tiver deixado, por meu nome, sua casa, ou seus irmãos, ou suas irmãs, ou seu pai, ou sua mãe, ou sua mulher, ou seus filhos, ou suas terras, por isso receberá o cêntuplo, e terá por herança a vida eterna. (*Mateus, cap. XIX, v. 29*).

5. Então, Pedro lhe disse: Por nós, vedes que tudo deixamos, e que vos seguimos. Jesus, o Cristo, lhes disse: Digo-vos em verdade, que ninguém deixará pelo reino de Deus, ou sua casa, ou seu pai e sua mãe, ou seus irmãos, ou sua mulher, ou seus filhos, que não receba desde este mundo muito mais, e no século futuro, a vida eterna. (*Lucas, cap. XVIII, v. 28, 29, 30*).

6. Um outro lhe disse: Senhor, eu vos seguirei: mas permiti-me dispor antes do que tenho em minha casa. Jesus, o Cristo, lhe respondeu: Todo aquele que tendo a mão no arado, olha para trás, não está apto para o reino de Deus. (*Lucas, cap. IX, v. 61, 62*).

Sem discutir as palavras, é preciso aqui procurar o pensamento, que era evidentemente este: “Os interesses da vida futura se sobrepõem a todos os interesses e todas as considerações materiais humanas”, porque está de acordo com o fundo da Doutrina de Jesus, o Cristo, ao passo que a ideia de renúncia à família seria a sua negação.

Não temos, aliás, sob nossos olhos, a aplicação desses ensinamentos no sacrifício dos interesses e das afeições da família pela pátria? Censura-se um filho por deixar seu pai, sua mãe, seus irmãos, sua mulher, seus filhos, para marchar em defesa do seu país? Não se lhe reconhece, ao contrário, um mérito por se separar do ambiente doméstico, e do aconchego da amizade, para cumprir um dever? Há, pois, deveres que se sobrepõem a outros deveres. A lei não torna uma obrigação à filha deixar seus pais para seguir seu esposo? O mundo está repleto de casos em que as separações, as mais penosas, são necessárias. Mas as afeições não são quebradas por isso. A distância não diminui nem o respeito, nem a solicitude que se deve aos pais, nem a ternura pelos filhos. Vê-se, pois, que, mesmo tomadas ao pé da letra, salvo o termo odiar, essas palavras não seriam a negação do mandamento que prescreve honrar pai e mãe, nem do sentimento de ternura paternal, e com mais forte razão se tomadas quanto ao espírito da escrita. Elas tinham por finalidade mostrar, por uma hipérbole, quanto era imperioso o dever de se ocupar com a vida futura. Deveriam, aliás, ser menos chocantes num povo e numa época em que, em consequência dos costumes, os laços de família tinham menos força do que numa civilização moral mais avançada. Esses laços, mais fracos nos povos primitivos, se fortificam com o desenvolvimento da sensibilidade e do senso moral. A própria separação é necessária ao progresso. Ocorre nas famílias, como nas raças. Elas se abastardam se não há cruzamento, se não se enxertam umas nas outras. É uma lei natural, tanto no interesse do progresso moral quanto do progresso físico.

Essas coisas não são examinadas aqui senão do ponto de vista terrestre. O Espiritismo nos faz vê-las de mais alto, em nos mostrando que os verdadeiros laços de afeição são os do Espírito e não os do corpo físico. Que esses laços não se rompem, nem pela separação, nem mesmo pela morte do corpo físico. Que eles se fortalecem na vida espiritual pela evolução do Espírito: verdade consoladora que dá uma grande força para suportar as vicissitudes da vida encarnada. (*Cap. IV, n.º 18, cap. XIV, n.º 8*).

(No estágio elevatório espiritual em que nos encontramos, se mal conseguimos nos ‘separar’ dos nossos erros pretéritos e atuais, como nos separar dos ‘irmãos’? Temos todo um aprendizado para chegar, conscientemente, a esse ponto. É aqui que a Doutrina dos Espíritos nos ilumina!)

DEIXAI AOS MORTOS O CUIDADO DE ENTERRAR SEUS MORTOS

7. Ele disse a um outro: Segui-me. E ele lhe respondeu: Senhor, permiti-me ir antes enterrar meu

pai. Jesus, o Cristo, lhe respondeu: Deixai aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos, mas por vós ide anunciar o reino de Deus. (*Lucas, cap. IX, v. 59, 60*).

8. Que podem significar estas palavras: "Deixai aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos?". As considerações precedentes mostram primeiro que, na circunstância em que foram pronunciadas, não poderiam exprimir uma censura contra aquele que considera um dever de piedade filial ir enterrar seu pai. Elas encerram, porém, um sentido profundo, só um conhecimento mais completo da vida espiritual poderia fazer compreender.

A vida espiritual, com efeito, é a verdadeira vida. É a vida normal do Espírito. Sua existência terrestre não é senão transitória e passageira. É uma espécie de morte comparada ao esplendor e à atividade da vida espiritual. O corpo físico não é senão uma veste grosseira que reveste momentaneamente o Espírito, verdadeira cadeia que o prende à gleba da Terra, e da qual se sente feliz de estar livre. O respeito que se tem pelos desencarnados não se prende à matéria, mas, pela lembrança, ao Espírito ausente. É análogo àquele que se tem pelos objetos que lhe pertenceram, que tocou, e que aqueles que o amam guardam como relíquias. É o que esse humano não poderia compreender por si mesmo. Jesus, o Cristo, lho ensina, dizendo: Não vos inquieteis com o corpo físico, mas pensai antes no Espírito. Ide ensinar o reino de Deus. Ide dizer aos humanos que sua pátria não está na Terra, mas no Mundo espiritual, porque lá somente está a verdadeira vida.

(Aquele que não quer aprender para evoluir, não deve ser molestado, apenas aconselhe, uma vez! A partir daí respeite o livre-arbítrio desse irmão. Deixe que ele se 'enterre' sozinho... Haverá outras encarnações, também, para ele!)

NÃO VIM TRAZER A PAZ, MAS A DIVISÃO

9. Não penseis que eu vim trazer a paz na Terra. Eu não vim trazer a paz, mas a espada. Porque eu vim separar o filho de seu pai, a filha de sua mãe e a nora de sua sogra. E o humano terá por adversários os de sua casa. (*Mateus, cap. X, v. 34 a 36*).

10. Eu vim lançar o fogo na Terra. E que desejo senão que ele se acenda? Eu devo ser batizado com um batismo, e quanto me sinto apressado que se cumpra! Credes que eu vim trazer a paz na Terra? Não, eu vos asseguro, mas, ao contrário, a divisão. Porque de hoje em diante, se se encontram cinco pessoas numa casa, elas estarão divididas umas contra as outras. Três contra duas, e duas contra três. O pai estará em divisão com seu filho, e o filho com seu pai. A mãe com a filha, e a filha com a mãe. A sogra com a nora, e a nora com a sogra. (*Lucas, cap. XII, v. 49 a 53*).

11. Foi Jesus, o Cristo, a personificação da doçura e da bondade, ele que não cessou de pregar o amor ao próximo, quem pôde dizer: Eu não vim trazer a paz, mas a espada. Eu vim separar o filho do pai, o esposo da esposa. Eu vim lançar o fogo na Terra, e tenho pressa que ele se acenda? Essas palavras não estão em contradição flagrante com o seu ensinamento? Não há blasfêmia em lhe atribuir a linguagem de um conquistador sanguinário e devastador? Não, não há nem blasfêmia nem contradição nessas palavras, porque foi ele mesmo quem as pronunciou, e elas testemunham a sua alta sabedoria. Somente a forma, um pouco equívoca, não exprime abertamente o seu pensamento, o que fez com que se desprezasse seu sentido verdadeiro: tomadas ao pé da letra, tenderiam a transformar a sua missão, toda pacífica, numa missão de perturbações e de discórdias, consequência absurda que o bom senso faz afastar, porque Jesus, o Cristo, não poderia se contradizer.

(Somente aquele que já conseguiu o conhecimento moralizado é que entende perfeitamente esses ensinamentos de Jesus, o Cristo. Os valores espirituais, quando entendidos, clareiam a caminhada evolutiva espiritual.)

12. Toda ideia nova encontra forçosamente oposição, e não há uma única que tenha se estabelecido sem lutas. Ora, em semelhante caso, a resistência está sempre em razão da importância dos resultados previstos, porque quanto mais é grande, mais fere interesses. Se é notoriamente falsa, se julgada sem consequência, ninguém com ela se preocupa e deixam-na passar, sabendo que

não tem vitalidade. Mas se é verdadeira, se repousa sobre uma base sólida, se se entrevê futuro para ela, um secreto pressentimento adverte seus antagonistas de que é um perigo para eles, e para a ordem das coisas em cuja manutenção estão interessados. Por isso, caem sobre ela e seus partidários. A medida da importância e dos resultados de uma ideia nova se encontra, assim, na emoção que causa em seu aparecimento, na violência da oposição que levanta, e no grau e persistência da cólera dos seus adversários.

(Por essas razões é que, não conseguindo destruir os ensinamentos de Jesus, o Cristo, passaram a deturpá-los e adequá-los aos interesses imediatistas materiais.)

13. Jesus, o Cristo, vinha proclamar uma Doutrina que solapava pelas bases os abusos nos quais viviam os Fariseus, os Escribas e os sacerdotes do seu tempo. Assim o fizeram desencarnar, crendo matar a ideia matando o Enviado, mas a ideia sobreviveu, porque era verdadeira. Cresceu porque estava nos desígnios da Lei de Deus e, saída de uma pequenina cidade da Judéia, foi plantar sua bandeira na própria capital do mundo pagão, em frente dos seus adversários mais obstinados, daqueles que tinham maior interesse em combatê-la, porque ela derrubava as crenças seculares, que muitos tinham bem mais por interesse do que por convicção. Aí as lutas mais terríveis esperavam seus apóstolos, as vítimas foram inumeráveis, mas a ideia cresceu sempre e saiu triunfante, porque se sobrepunha, como verdadeira, sobre as suas predecessoras.

(Jesus, o Cristo, vinha proclamar uma Doutrina que solapava pelas bases os abusos nos quais viviam os Fariseus, os Escribas e os sacerdotes do seu tempo.)

Podemos bem entender que a Doutrina do Cristo continua ‘solapando’ os deste tempo. E por quanto tempo continuaremos nos enganando?)

14. Há a observar-se que o Cristianismo chegou quando o Paganismo estava em seu declínio, e se debatia contra as luzes da razão. Era praticado ainda quanto à forma, mas a crença tinha desaparecido, só o interesse pessoal o sustentava. Ora, o interesse é teimoso. Não cede jamais à evidência. Se irrita tanto mais, quanto os raciocínios que se lhe opõem são mais claros e lhe demonstram melhor seu erro. Ele bem sabe que está em erro, mas isso não lhe toca, porque a verdadeira fé não está em seu Espírito. O que mais teme é a luz que abre os olhos aos cegos. Esse erro lhe tem proveito e, por isso, se agarra a ele e o defende.

Sócrates não tinha, ele também, emitido uma Doutrina análoga, até certo ponto, à de Jesus, o Cristo? Por que, pois, não prevaleceu nessa época, entre um dos povos mais cultos da Terra? É que o tempo não havia chegado. Ele semeou em terra não trabalhada. O paganismo não estava ainda gasto. Jesus, o Cristo, recebeu sua missão providencial no tempo próprio. Todos os humanos do seu tempo não estavam, tanto quanto era preciso, à altura das ideias cristãs, mas havia uma aptidão mais geral para assimilá-las, porque se começava a sentir o vazio que as crenças vulgares deixam no Espírito. Sócrates e Platão tinham aberto o caminho e predisposto os Espíritos.

(Era praticado ainda quanto à forma, mas a crença tinha desaparecido, só o interesse pessoal o sustentava.)

Com as interpretações interesseiras, as comunidades cristãs, com seu imediatismo, não repisam o caminho feito pelo paganismo? Será que o seu destino terá outro final? Por que a luz verdadeira sempre nos cega? Somente o nosso estágio evolutivo espiritual, cheio de orgulho e egoísmo explica isso?)

15. Infelizmente, os adeptos da nova Doutrina não se entenderam sobre a interpretação das palavras do Mestre, a maior parte escondidas sob a alegoria e a figura. Daí nascerem, desde o início, as seitas numerosas que pretendiam, todas, terem a verdade exclusiva, e que mais de vinte séculos não puderam pôr de acordo. Esquecendo o mais importante dos divinos preceitos, aquele do qual Jesus, o Cristo, havia feito a pedra angular de seu edifício e a condição expressa de salvação: a caridade, a fraternidade e o amor ao próximo, essas seitas trocavam condenações e se arrojaram umas sobre as outras, as mais fortes esmagando as mais fracas, abafando-as no sangue, nas torturas e nas chamas das fogueiras. Os cristãos, vencedores do paganismo, de perseguidos se fizeram perseguidores. Foi com o ferro e o fogo que plantaram a cruz do cordeiro sem mácula nos dois mundos. É um fato constatado que as guerras religiosas foram as mais cruéis e fizeram mais

vítimas do que as guerras políticas, e que em nenhuma se cometeram mais atos de atrocidade e de barbárie.

Isso foi culpa da Doutrina de Jesus, o Cristo? Não, certamente, porque ela condena formalmente toda violência. Ele disse alguma vez a seus discípulos: Ide matar, massacrar, queimar aqueles que não creem como vós? Não, porque lhes disse, ao contrário: Todos os humanos são irmãos, e Deus é soberanamente misericordioso. Amai o vosso próximo. Amai os vossos adversários. Fazei o certo àqueles que vos perseguem. E lhes disse ainda: Quem matar pela espada, perecerá pela espada. A responsabilidade não é, pois, da Doutrina de Jesus, o Cristo, mas daqueles que a interpretaram erroneamente, e dela fizeram um instrumento para servir aos seus errados desejos. Daqueles que ignoraram estas palavras: Meu reino não é deste mundo.

Jesus, o Cristo, em sua profunda sabedoria, previa o que deveria ocorrer. Mas essas coisas eram inevitáveis, porque se prendiam à inferioridade da natureza humana, que não podia se transformar de repente. Seria preciso que o Cristianismo passasse por essa longa e cruel prova de mais de vinte séculos, para mostrar toda a sua força. Porque, malgrado todo o erro cometido em seu nome, saiu dela puro. Jamais foi posto em causa. A censura sempre recaiu sobre aqueles que dele abusaram. A cada ato de intolerância, sempre se disse: Se o Cristianismo fosse melhor compreendido e melhor praticado, isso não teria ocorrido.

(A responsabilidade não é, pois, da Doutrina de Jesus, o Cristo, mas daqueles que a interpretaram erroneamente, e dela fizeram um instrumento para servir aos seus errados desejos.)

E continuamos assim mesmo, cada comunidade cristã ou não, atirando pedras sobre as outras, como se a única verdade estivesse em seu poder! Enquanto não conhecermos e assumirmos os valores perenes do Espírito, nós continuaremos nos ‘guerreando’ pelo ‘nosso’ Jesus!

16. Quando Jesus, o Cristo, disse: Não creiais que eu vim trazer a paz, mas a divisão, seu pensamento era este: “Não creiais que a minha Doutrina se estabeleça pacificamente. Ela conduzirá a lutas sangrentas, das quais meu nome será o pretexto, porque os humanos não me terão compreendido, ou não terão querido me compreender. Os irmãos, separados por sua crença, tirarão a espada um contra o outro, e a divisão reinará entre os membros de uma mesma família que não tiverem a mesma letra de fé. Eu vim lançar o fogo na Terra para limpá-la dos erros e dos preconceitos, como se coloca fogo num campo para nele destruir as pragas. E tenho pressa que ele se acenda para que a depuração seja mais pronta, porque desse conflito a verdade sairá triunfante. À guerra, sucederá a paz. Ao ódio dos partidos, a fraternidade universal. Às trevas do fanatismo, a luz da fé esclarecida. Então, quando o campo estiver preparado, eu vos enviarei o Consolador, o Espírito da Verdade, que virá restabelecer todas as coisas. Quer dizer, em fazendo conhecer o verdadeiro sentido das minhas palavras, os humanos mais esclarecidos poderão, enfim, compreender, e pôr fim à luta fratricida que divide filhos de um mesmo Pai. Cansados, enfim, de um combate sem resultado, que não arrasta atrás de si senão a desolação, e leva a perturbação até ao seio das famílias, os humanos reconhecerão onde estão os seus verdadeiros interesses para este mundo e para o outro. Verão de que lado estão os amigos e os adversários da sua tranquilidade. Todos então virão se abrigar sob a mesma bandeira: a da caridade, e as coisas serão restabelecidas na Terra, segundo a verdade e os princípios que vos ensinei”.

(A única paz que compreendemos é a das pás! As pás com que enterramos aqueles que não seguem cordeiramente às nossas diretrizes! Àqueles que querem tirar nossas vantagens materiais e perturbar nossa ‘boa vida’ material...)

17. O Espiritismo vem realizar no tempo certo as promessas de Jesus, o Cristo. Entretanto, não pode fazê-lo se não acabarem os abusos. Como Jesus, o Cristo, encontra sobre seus passos o orgulho, o egoísmo, a ambição, a cupidez, o fanatismo cego que, batidos em suas últimas trincheiras, tentam lhe barrar o caminho e lhe suscitam entraves e perseguições. Por isso, lhe é preciso também combater. Mas o tempo das lutas e das perseguições sangrentas passou. As que se tem a suportar são todas morais, e o seu termo se aproxima. As primeiras duraram séculos. Estas durarão apenas algum tempo, porque a luz, em lugar de partir de um só foco, jorra sobre todos os pontos do globo, e abrirá mais cedo os olhos aos cegos.

(É deveras animador o otimismo da mensagem dos irmãos espirituais, mas eles não perdem por esperar, nós não vamos largar tão facilmente o osso material! Estamos acomodados e conformados, será que vamos mudar de uma hora para outra? Pois sim! Podem ficar esperando!)

18. Essas palavras de Jesus, o Cristo, devem, pois entender-se como os ódios que ele previa que sua Doutrina iria levantar, os conflitos momentâneos que lhe iriam ser a consequência, as lutas que teria que sustentar antes de se estabelecer, como ocorreu com os Hebreus antes da sua entrada na Terra Prometida, e não como um desígnio premeditado, da sua parte, de semear a desordem e a confusão. O erro viria dos humanos e não dele. Era como o médico que veio curar, mas cujos remédios provocam uma crise salutar, movimentando os humores perigosos do doente.

(A Doutrina dos Espíritos nos mostra, e muito bem, essa ‘divisão’. Ela nos traz o conhecimento raciocinado do mundo espiritual e seus valores. Assim, estudando-a, vemos claramente a ‘divisão’ entre os interesses materiais e os espirituais. Portanto, não há paz entre os ‘materiais’ e os espirituais’!)

EXPLANAÇÃO

1 – Aborrecer pai e mãe - itens 1, 2 e 3.

‘Aquele que vem a mim e não odeia a seu pai e à sua mãe, a seus filhos, seus irmãos e até à sua própria vida, não pode ser meu discípulo’. Lucas.

O Evangelho nos diz que certas palavras contrastam estranhamente a linguagem de Jesus. E quem já tem um pouco mais de conhecimento da personalidade de Jesus, sabe que estas palavras não foram pronunciadas da maneira que são lidas.

Odiar, esse termo não corresponde ao que Jesus usou no hebraico. Na nossa língua é uma expressão muito forte, enquanto na hebraica não tem o mesmo sentido. O idioma hebraico não é rico e suas palavras tinham muitos significados.

Exemplo: Gênese quer dizer origem, início e, ao mesmo tempo, servia para exprimir um período de tempo qualquer e o período diurno. A tradução, mais tarde, passou para dia e por isso a crença que o mundo foi feito em seis dias.

‘É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino dos Céus’.

Camelo é o mesmo que cabo, que era feito de pelo de camelo (trança do pelo de camelo ou corda)

O verbo hebreu que Jesus deve ter empregado não significa odiar e sim amar menos, não amar igual ao outro.

As palavras de Jesus eram para lançar uma semente que devia frutificar em solo árido e ingrato, precisava ser vigorosa e enterrar raízes.

Jesus não falava a sábios habituados às elegâncias e apuros da linguagem, mas ao povo, atrasado, material, endurecido, que, para se decidir a compreender, precisava ouvir palavras enérgicas e observar exemplos frisantes.

O mestre, cheio de amor e devotamento para com todos, empregava palavras que mais impressionavam seus ouvintes, visando libertá-los desse egoísmo e fazer-lhes compreender para o futuro que, o único interesse do ser humano é o Espírito.

Por isso, para ser discípulo de Jesus, jamais será lícito à criatura humana, sob o pretexto do amor aos seus ou para conservar a vida humana, praticar um ato contrário aos ensinamentos do mestre Jesus, a moral que Ele personificou.

Por aquelas palavras Jesus não pretendeu condenar e não condenou o amor da família, mas sim o excesso que, em tudo, prejudica o ser humano e o transvia.

O ser humano deve consagrar-se à família, cumprir devotadamente todos os deveres para com ela, mas não deve sacrificar ao amor que consagra a seus parentes, a felicidade de seus irmãos em Deus, isto é, não se deve transgredir os ensinamentos de Jesus por amor à família.

Versículo 37 de Matheus:

‘Aquele, disse Jesus, que ama a seu pai ou à sua mãe mais do que me ama, não é digno de mim; aquele que ama a seu filho ou à sua filha mais do que me ama, não é digno de mim’.

Aquele que para agradar a seu pai ou à sua mãe, ou à sua filha, cometer um ato contrário aos ensinamentos de Jesus, não é digno dele, não pode ser seu discípulo.

Jesus personificava e personifica a sua doutrina moral e, por conseguinte, a fé, como poderia Ele, modelo de amor, condenar a família? Isso jamais deve passar pela nossa mente.

Jesus atacou o abuso, por maior que seja o amor da família, jamais deverá levar o ser humano a um ato culposo. E quantos também não se julgam absolvidos de certas ações, escondendo-se por trás do devotamento à família.

Jesus praticava aos olhos dos seres humanos o mandamento: honra a teu pai e à tua mãe, lembrando que, acima de tudo está o dever a cumprir. Por isso o amor à família não deve servir de capa a ações contrárias aos ensinamentos de Jesus.

As palavras de Jesus precisam ser compreendidas em espírito e verdade, conforme ao espírito que vivifica e não segundo a letra que mata.

Para o ser humano o único interesse deve ser o futuro do Espírito. Se um laço humano qualquer o desvia do caminho que deve trilhar, deve se libertar dele.

Jesus jamais pregou em seu nome o egoísmo, a secura de coração. O ser humano deve amar a Deus acima de todas as coisas e, por isso mesmo, cumprir todas as obrigações que os deveres para com a família imponham, quaisquer que sejam as dissensões existentes entre o pai e o filho, a mãe e a filha: dissensões do modo de pensar.

Jesus quis fazer a todos sentir que, por condescendência ou por um interesse humano qualquer, a ninguém será lícito jamais renegar a lei de amor que Ele veio pregar.

Por isso não devemos praticar nenhuma ação repreensível, visando satisfazer a esta ou aquela pessoa, pois estaremos renegando o mestre Jesus.

Versículo 38 de Matheus.

‘Aquele que não toma a sua cruz e me segue, não é digno de mim e não pode ser meu discípulo.’

Aquele que não aceita com resignação as provações de que está cheia a vida humana, não é digno de Jesus, não pode ser seu discípulo.

Jesus aceitou para o progresso de todos, como lição e exemplo à humanidade toda a provação por quais passou, apesar de nenhuma que cumpria sofrer. Assim, cada um deve submeter-se às suas provações em proveito do seu próprio adiantamento.

Versículo 39 de Matheus.

‘Aquele que acha a sua vida a perderá e aquele que perder a vida por minha causa a encontrará.’

Estas palavras ditas aos discípulos era uma advertência objetivando fazer-lhes compreender que aquele que falir na sua missão, para conservar a vida humana, está renunciando ao acabamento da obra, distanciando-se da verdadeira vida, que é a espiritual.

A vida do Espírito é a única existência real. Se durante a vida corporal, o Espírito pratica atos que visam conservar a vida material e não a espiritual, fica obrigado a recomeçar suas provações numa nova encarnação.

Aquele que sacrificar sua vida corporal, isto é, aceitando as suas provações, receberá num mundo melhor a recompensa das provas bem suportadas.

Jesus nos quer como a verdadeira família divina.

Precisamos ter fé forte e vivaz; não transigir a nossa consciência; receber os ensinamentos de Jesus e distribuí-los com os que estão famintos do alimento sagrado. O pão da vida que é o Evangelho.

Para isso é preciso uma fé ativa e produtiva que não desanima com coisa alguma, que nada teme. É preciso um amor fecundo, que espalhe por toda a Terra a semente para dar bons frutos.

Precisamos em absoluto esquecer das ofensas, ter caridade nos lábios e no coração, que não só perdoe, mas esqueça que houve ofensa.

Há necessidade que o mais forte, o mais destro, o mais inteligente, o mais rico, ajude o inferior sem que este o perceba.

FIM

CAPÍTULO XXIV

NÃO COLOQUE A SUA LUZ EMBAIXO DA MESA

Luz embaixo da mesa: Porque Jesus, o Cristo fala por parábolas. - Não vades aos Gentios.
 - Os sãos não têm necessidade de médico. - Coragem da fé.
 - Carregar a cruz. Quem quiser salvar a vida material, perdê-la-á espiritualmente.

LUZ EMBAIXO DA MESA.

PORQUE JESUS, O CRISTO FALA POR PARÁBOLAS

1. Não se acende uma luz para colocá-la embaixo da mesa. Mas colocam-na sobre a mesa, a fim de que ela clareie todos aqueles que estão na casa. (*Mateus, cap. V, v. 15*).

(Aquele que já sabe alguma coisa correta tem a obrigação de propagá-la corretamente aos irmãos de jornada)

2. Não há ninguém que, depois de ter acendido uma luz, a cubra com um vaso ou a coloque embaixo da mesa. Mas a põe sobre a mesa, a fim de que aqueles que entrem vejam a luz. Porque não há nada de secreto que não deva ser descoberto, nem nada de oculto que não deva ser conhecido e manifestar-se publicamente. (*Lucas, cap. VIII, v. 16 e 17*).

(Os que conhecem corretamente, sabem quais são seus deveres e os respeitos que deve ter para com os irmãos.)

3. Seus discípulos, se aproximando, disseram-lhe: Por que falais por parábolas? E, lhes respondendo, disse: Porque, para vós outros, vos foi dado conhecer as verdades do reino dos céus. Mas, para eles, não foi dado. Eu lhes falo por parábolas, porque olhando não veem, e escutando não ouvem nem compreendem. E a profecia de Isaías se cumprirá neles quando disse: Vós escutareis com vossos ouvidos e não ouvireis, olhareis com vossos olhos e não vereis. Porque o coração deste povo está entorpecido e seus ouvidos tornaram-se surdos, e eles fecharam seus olhos de medo que seus olhos não vejam, que seus ouvidos não ouçam, que seu coração não compreenda, e que, estando convertidos, eu não os curasse. (*Mateus, cap. XIII, v. 10 a 15*).

(Com o conhecimento moralizado entendemos perfeitamente a situação descrita no ensino do Mestre!)

4. Admira-se de ouvir Jesus, o Cristo, dizer que não se deve colocar a luz sob a mesa, enquanto que ele mesmo oculta, sem cessar, o sentido de suas palavras sob o véu da alegoria, que não pode ser compreendida por todos. Ele se explica dizendo aos seus apóstolos: Eu lhes falo por parábolas, porque não estão no estado de compreender certas coisas. Veem, olham, ouvem e não compreendem. Dizer-lhes tudo seria, pois, inútil no momento. Mas a vós eu vo-lo digo, porque vos é dado compreender essas verdades. Tratava, pois, com o povo, como se faz com as crianças, cujas ideias não estão ainda desenvolvidas. Com isso indica o verdadeiro sentido do ensinamento: “Não se deve colocar a candeia sob o alqueire, mas sobre o candeeiro, a fim de que todos aqueles que entrem possam vê-la”. Não significa que é preciso inconsideradamente revelar todas as coisas. Todo ensinamento deve ser proporcional ao conhecimento daquele a quem é dirigido, porque há pessoas que uma luz muito viva ofusca sem esclarecê-las.

Ocorre o mesmo com os humanos em geral, como com os indivíduos. As gerações têm sua infância, sua juventude e sua idade madura. Cada coisa deve vir a seu tempo, e o grão semeado fora da época não frutifica. Mas o que a prudência manda ocultar momentaneamente deve, cedo ou tarde, ser descoberto, porque, chegados a certo grau de desenvolvimento, os humanos procuram, eles mesmos, a luz viva. A obscuridade lhes pesa. Tendo Deus lhes dado a inteligência para compreender e para se guiar nas coisas da Terra e do Mundo espiritual, querem raciocinar sua fé, é então que não se deve colocar a luz embaixo da mesa porque sem a luz da razão, a fé se enfraquece. (*Cap. XIX, n.o 7*).

(Todo ensinamento deve ser proporcional ao conhecimento daquele a quem é dirigido, porque há pessoas que uma luz muito viva ofusca sem esclarecê-las.

Esta passagem é importantíssima, e de fácil entendimento aos já possuidores do conhecimento moralizado. Estudar é importante, principalmente para não errar repetidamente!)

5. Se, pois, em sua previdente sabedoria, a Lei de Deus não revela as verdades senão gradualmente, as revela sempre à medida que a Humanidade está madura para recebê-las. Ela as mantém em reserva e não sob o alqueire. Mas os humanos que estão na posse delas, não as ocultam, a maior parte do tempo, ao vulgo, senão em vista de o dominar. São eles que colocam verdadeiramente a luz sob o alqueire. Foi assim que todas as religiões tiveram seus "mistérios", cujo exame proibiam. Mas ao passo que essas religiões permaneciam atrasadas, a ciência, a moral e manifestação da inteligência, caminharam e rasgaram o véu "misterioso". O vulgo, tornado adulto, quis penetrar o fundo das coisas, e então rejeitou de sua fé o que era contrário à observação.

Não pode aí haver mistérios absolutos, e Jesus, o Cristo, está com a verdade quando diz que não há nada de secreto que não deva ser conhecido. Tudo o que está oculto será revelado um dia, e o que o humano não pode ainda compreender na Terra, lhe será sucessivamente revelado nos mundos mais avançados, e quando estiver purificado. Neste mundo, ele está ainda no nevoeiro.

(A luz clareia o suficiente e apropriado à nossa capacidade visual... Mas, apesar disso, o pior cego é aquele que não quer ver!)

6. Pergunta-se que proveito o povo poderia tirar dessa multidão de parábolas, cujo sentido ficou oculto para ele. Deve-se observar que Jesus, o Cristo, não se exprimiu por parábolas, senão sobre as partes de alguma sorte abstratas de sua Doutrina. Mas tendo feito da caridade para com o próximo, e da humildade, a condição expressa de evolução espiritual, tudo o que disse a esse respeito está perfeitamente claro, explícito e sem ambiguidade. Devia ser assim, porque era a regra de conduta, regra que todo o mundo devia compreender para poder observá-la. Era o essencial para a multidão inculta à qual se limitava a dizer: Eis o que é preciso fazer para ganhar o reino dos céus. Sobre as outras partes, não desenvolvia seu pensamento senão aos seus discípulos. Estando estes mais avançados, em moral e conhecimento, Jesus, o Cristo, pudera revelar-lhes as verdades mais abstratas. Por isso, ele disse: Àqueles que já têm, será dado ainda mais.

Entretanto, mesmo com seus apóstolos, permaneceu calado sobre muitos pontos, cujo completo entendimento estava reservado para tempos ulteriores. Foram esses pontos que deram lugar a interpretações tão diversas, até que a ciência de um lado, e o Espiritismo do outro, vieram revelar as novas leis naturais que fizeram compreender seu verdadeiro sentido.

(Mas a multidão de interesseiros e de cegos ainda é majoritária. O caminho é longo...)

7. O Espiritismo vem hoje lançar luz sobre uma multidão de pontos não revelados. Entretanto, não a lança inconsideradamente. Os Espíritos procedem nas suas instruções com uma admirável prudência. Não foi senão sucessiva e gradualmente que abordaram as diversas partes conhecidas da Doutrina e é assim que as outras partes serão reveladas à medida que o momento tenha chegado para fazê-las sair da sombra. Se a tivessem apresentado completa desde o início, ela não teria sido acessível senão a um pequeno número de humanos. Teria mesmo assustado os que para isso não estavam preparados, o que teria prejudicado a sua propagação. Se, pois, os Espíritos não dizem ainda tudo abertamente, não é porque haja na Doutrina mistérios reservados a privilegiados, nem que coloquem a candeia sob o alqueire, mas porque cada coisa deve vir no seu tempo oportuno. Eles deixam a uma ideia o tempo de amadurecer e se propagar antes de apresentarem outra, e aos acontecimentos o de lhe preparar a aceitação.

(Ao estudar, meditar e raciocinar a Doutrina dos Espíritos, nós descobrimos que, aos 'outros', não devemos falar 'abertamente' da nossa Doutrina, portanto, falaremos por 'parábolas'... 'Eles' não estão prontos, no estágio espiritual, para receberem-na! Devemos respeitá-los!)

NÃO VADES AO GENTIOS

8. Jesus, o Cristo, enviou seus doze apóstolos, depois de lhes ter dado as instruções seguintes: Não vades aos gentios, e não entreis nas cidades dos Samaritanos. Mas ide antes às ovelhas perdidas da casa de Israel: e nos lugares para onde fordes, pregai dizendo que o reino dos céus está próximo. (*Mateus, cap. X, v. 5 a 7*).

(Para os espíritas, hoje, a mensagem acima teria a seguinte forma: Não vades aos de outras doutrinas, e não entreis em comunidades diferentes da sua, mas ide aos ‘cristãos’ perdidos pelas interpretações dos humanos interesseiros e, sendo aceito, ensine-os!)

9. Jesus, o Cristo, prova, em muitas circunstâncias, que suas vistas não estão apenas presas ao povo judeu, mas que atingem toda a Humanidade. Se, pois, disse aos seus apóstolos para não ir aos gentios, não foi por desprezar sua conversão, o que teria sido pouco caridoso, mas porque os judeus, que acreditavam na unicidade de Deus e esperavam o Messias, estavam preparados, pela lei de Moisés e os profetas, para receber a sua palavra. Entre os gentios, a própria base desses conhecimentos faltando, tudo estava por fazer, e os apóstolos não estavam ainda bastante esclarecidos para uma tão pesada tarefa. Por isso, lhes disse: Ide às ovelhas desgarradas de Israel. Quer dizer, ide semear num terreno já preparado, sabendo bem que a conversão dos gentios viria a seu tempo: mais tarde, com efeito, no centro mesmo do paganismo, os apóstolos iriam plantar a cruz.

(As palavras do Espírito da Verdade, trazendo o correto ensino do Cristo, serão facilmente entendidas, quando quiserem, pelos irmãos ‘cristãos’ de outras comunidades. Porém, ainda não, às outras comunidades não cristãs!)

10. Essas palavras podem se aplicar aos adeptos e aos propagadores do Espiritismo. Os incrédulos sistemáticos, os escarnecedores obstinados, os adversários interessados, são para eles o que eram os gentios para os apóstolos. A exemplo destes, procuram primeiro os prosélitos entre as pessoas de correta vontade, daqueles que desejam a luz, em quem se encontra uma semente fecunda, e o número deles é grande, sem perder seu tempo com aqueles que se recusam ver e ouvir, e se obstinam tanto mais pelo orgulho quanto se parece ligar mais valor à sua conversão. Mais vale abrir os olhos a cem cegos que desejam ver claramente, do que a um único que se delicia na escuridão, porque é aumentar o número dos que sustentam a causa em maior proporção. Deixar os outros tranquilos não é indiferença, mas uma correta política. Sua vez virá, quando serão dominados pela opinião geral, e ouvirão a mesma coisa repetida sem cessar ao seu redor. Então crerão aceitar a ideia voluntariamente e por si mesmos, e não sob a pressão de um indivíduo. Depois, ocorre com as ideias o mesmo que com as sementes: elas não podem germinar antes da época, e somente em terreno preparado. Por isso, é melhor esperar o tempo propício e cultivar primeiro as que germinam, para evitar que morram as outras em as apressando muito.

Ao tempo de Jesus, o Cristo, e em consequência das ideias restritas e materiais da época, tudo estava circunscrito e localizado. A casa de Israel era um pequeno povo. Os gentios eram pequenos povos circundantes: hoje, as ideias se universalizam e se espiritualizam. A luz nova não é privilégio de nenhuma nação. Para ela, não existem mais barreiras. Tem seu foco por toda parte e todos os humanos são irmãos. Mas também os gentios não são mais um povo, porém uma opinião que se encontra por toda parte, e da qual a verdade triunfa pouco a pouco, como o Cristianismo triunfou do paganismo. Não é mais com as armas de guerra que são combatidos, mas com o poder da ideia.

(Qual a razão de querermos ‘impor’ nossa Doutrina aos ‘outros’ irmãos? Entre nós, ainda, existe uma grande parte que não entende, raciocinadamente, a nossa Doutrina. Vamos incentivar estes ao estudo sistemático da própria Doutrina e, muito depois, iremos aos ‘outros’ irmãos!)

OS SÃOS NÃO TÊM NECESSIDADE DE MÉDICO

11. Jesus, o Cristo, estando à mesa na casa desse homem (*Mateus*), aí vieram muitos publicanos e pessoas de errônea vida que se assentaram à mesa com Jesus, o Cristo, e seus discípulos. E que

os fariseus tendo visto, disseram aos seus discípulos: Por que vosso Mestre come com os publicanos e pessoas de errônea vida? Mas Jesus, o Cristo, os tendo ouvido, disse-lhes: Os sãos não têm necessidade de médico, mas os doentes. (*Mateus, cap. IX, v. 10 a 12*).

(Ainda hoje; qual a comunidade religiosa que aceita, tranquilamente, em suas fileiras os irmãos com problemas de inversão sexual, os drogados, os desequilibrados etc.? Realmente, ainda continuamos a dar remédio aos ‘sãos’!)

12. Jesus, o Cristo se dirigia, sobretudo, aos pobres e aos abandonados, porque são os que têm maior necessidade de consolação. Aos cegos dóceis e de correta fé, porque pedem para ver, e não aos orgulhosos que creem possuir toda a luz e não ter necessidade de nada.

Estas palavras, como tantas outras, encontram sua aplicação no Espiritismo. Admira-se, por vezes, que a mediunidade seja concedida a pessoas não dignas e capazes de fazer errado uso dela. Parece, diz-se, que uma faculdade tão preciosa deveria ser atributo exclusivo dos mais merecedores.

Digamos primeiro que a mediunidade se prende a uma disposição orgânica da qual todo humano está dotado, como a de ver, de ouvir, de falar. Não há uma da qual o humano, em virtude do seu livre-arbítrio, não possa abusar, e se Deus não houvesse concedido a palavra, por exemplo, senão aos que são incapazes de dizer coisas erradas, haveria mais mudos que falantes. Deus deu ao humano as faculdades e o deixa livre para usá-las, mas Sua Lei julga sempre aquele que delas abusa.

Se o poder de se comunicar com os Espíritos não fosse dado senão aos mais dignos, qual aquele que ousaria pretendê-lo? Onde estaria, aliás, o limite da dignidade e da indignidade? A mediunidade é dada sem distinção, a fim de que os Espíritos possam levar a luz em todas as fileiras, em todas as classes da sociedade, ao pobre como ao rico. Aos sábios para os fortalecer no certo, aos viciosos para os corrigir. Estes últimos não são os doentes que têm necessidade de médico? Por que a Lei de Deus, que não quer o desencarne do errado, o privaria do socorro que pode tirá-lo do lamaçal? Os Espíritos vêm, pois, ajudá-lo, e seus conselhos, que ele recebe diretamente, são de natureza a impressioná-lo mais vivamente do que se os recebesse por outros caminhos. A Lei de Deus, em sua bondade, para lhe poupar o trabalho de ir procurar a luz ao longe, lha coloca na mão. Não é bem mais errado se não a considerar? Poderá se desculpar por desconhecimento quando terá escrito, ele mesmo, visto com seus olhos, ouvido com seus ouvidos, e pronunciado com sua boca, a sua própria condenação? Se não aproveita, é então que é penalizado com a perda ou desmoralização de sua faculdade, da qual os Espíritos obsessores se apoderam para obsediá-lo e enganá-lo, sem prejuízo das aflições reais com que a Lei de Deus atinge seus servidores errados, e os corações endurecidos pelo orgulho e pelo egoísmo.

A mediunidade não implica, necessariamente, em intercâmbio habitual com os Espíritos superiores. É simplesmente uma aptidão para servir de instrumento mais ou menos flexível aos Espíritos em geral. O correto médium não é, pois, aquele que comunica facilmente, mas aquele que é simpático aos melhores Espíritos, e não é assistido senão por eles. É neste sentido somente que a excelência das qualidades morais tem tanto poder para a mediunidade.

(Enquanto as aparências exteriores nos afetarem, não estaremos conscientemente na Doutrina dos Espíritos. Temos que levá-la aos que apresentem sinais de ‘aceitação’, caso contrário, não estaremos levando ‘remédio’ para os doentes! Os de aparências exteriores não necessitam da nossa ação, eles usam outros ‘médicos’.)

CORAGEM DA FÉ

13. Todo aquele que me confessar e me reconhecer diante dos humanos, eu o reconhecerei e confessarei também, eu mesmo, diante do meu Pai que está nos céus. E todo aquele que me renegar diante dos humanos, eu o renegarei também, eu mesmo, diante do meu Pai que está nos céus. (*Mateus, cap. X, v. 32 e 33*).

(Entendendo: aquele que conhece e reconhece os ensinamentos do Mestre, também conhece e reconhece a Lei de Deus!)

14. Se alguém se envergonha de mim e das minhas palavras, o Filho do Homem se envergonhará também dele, quando vier em seu esplendor e na de seu Pai e dos puros Espíritos. (*Lucas, cap. IX, v. 26*).

(Aqui uma citação ‘mística’. O ‘Filho do Homem’ se referia aos humanos ‘enviados’ divinos. É só ler a respeito de Buda e outros ‘enviados’ e se entenderá essa designação!)

15. A coragem da opinião sempre foi considerada entre os humanos, porque há mérito em afrontar os perigos, as perseguições, as contradições, e mesmo os simples sarcasmos, aos quais se expõe, quase sempre, aquele que não teme confessar claramente ideias que não são as de todo mundo. Aqui, como em tudo, o mérito está em razão das circunstâncias e da importância do resultado. Há sempre fraqueza em recuar diante das consequências da opinião e em renegá-la, mas há casos de uma covardia tão grande quanto a de fugir no momento da luta.

Jesus, o Cristo, assinala essa covardia, do ponto de vista especial da sua Doutrina, dizendo que se alguém se envergonha das suas palavras, ele se envergonhará também dele. Que renegará aquele que o tiver renegado. Que aquele que o confessar diante dos humanos, o reconhecerá diante do seu Pai que está nos céus. Em outros termos: aqueles que tiverem medo de se confessarem discípulos da verdade, não são dignos de serem admitidos no reino da Verdade. Perderão o benefício de sua fé, porque é uma fé egoísta, que guardam para si mesmos, mas que escondem com medo que lhes cause prejuízo neste mundo, enquanto que, colocando a Verdade acima de seus interesses materiais, aqueles que a proclamam abertamente, trabalham ao mesmo tempo para o seu futuro e o dos outros.

(Em outros termos: aqueles que tiverem medo de se confessarem discípulos da verdade, não são dignos de serem admitidos no reino da Verdade.)

Não interessa o ‘tamanho’ da nossa luz, nossa obrigação é de irradiar essa luz aos irmãos que estão na escuridão!)

16. Assim será com os adeptos do Espiritismo, uma vez que a sua Doutrina, não sendo outra senão o desenvolvimento e a aplicação do Evangelho, é a eles também que se dirigem as palavras de Jesus, o Cristo. Semeiam na Terra o que colherão na vida espiritual. Lá, colherão os frutos de sua coragem ou de sua fraqueza.

(Estaríamos no ponto de ‘separar’ aquilo que é da nossa teimosia, daquilo que é correto? Onde o ponto de ‘separação’? É necessário muito cuidado e estudos para começar a ver a ‘separação’. Onde termina o nosso livre-arbítrio e começa o dos outros? Vamos estudar!)

CARREGAR A CRUZ.

QUEM QUISER SALVAR A VIDA MATERIAL, PERDÊ-LA-Á ESPIRITUALMENTE

17. Sereis bem felizes quando os humanos vos odiarem, vos separarem, vos tratarem injuriosamente, rejeitarem vosso nome como errado por causa do Filho do Homem. Regozijai-vos nesse dia e exultai de alegria, porque uma grande recompensa vos está reservada no Mundo espiritual, porque foi assim que seus pais trataram os profetas. (*Lucas, cap. VI, v. 22 e 23*).

(Os que não ‘sabem’, podem errar, mas os que ‘sabem’, não devem errar mais...)

18. Chamando a si o povo e seus discípulos, ele lhes disse: Se alguém quer vir após mim, que renuncie a si mesmo, carregue sua cruz e siga-me. Porque aquele que quiser salvar a si mesmo, se perderá. E aquele que se perder por amor a mim e ao Evangelho, se salvará. Com efeito, que serviria a um humano ganhar todo o mundo e perder a si mesmo? (*Marcos, cap. VIII, v. 34 a 36. Lucas, cap. IX, v. 23 a 25. Mateus, cap. X, v. 38 e 39. João, cap. XII, v. 24 e 25*).

(Se alguém quer vir após mim, que renuncie a si mesmo, carregue sua cruz e siga-me.)

Esse ensino nos demonstra o exercício, pelo Mestre, do maior respeito pelo livre-arbítrio. Aquele que ‘quiser’, ou seja; ‘decidir’ seguir o Mestre, deve estar consciente e dominado ao seu orgulho e egoísmo, entendido e a-

ceito os objetivos da reencarnação. Somente assim é que poderemos trilhar as corretas veredas evolutivas.)

19. Regozijai-vos, disse Jesus, o Cristo, quando os humanos vos odiarem e vos perseguirem por causa de mim, porque por isso sereis recompensados no Mundo espiritual. Estas palavras podem ser traduzidas assim: Sede felizes quando os humanos, por sua errônea vontade a vosso respeito, vos propiciam a ocasião de provar a sinceridade da vossa fé, porque o erro que vos fazem reverte em vosso proveito. Lamentai-os, pois, pela sua cegueira, e não os maldigais.

Depois, ajunta: “Aquele que quer me seguir, carregue sua cruz”, quer dizer, suporte corajosamente as tribulações que a sua fé lhe suscitará. Porque aquele que quiser salvar sua vida e seus bens materiais em me renegando perderá as vantagens do reino dos céus, ao passo que aqueles que tiverem perdido tudo neste mundo, mesmo a vida física, para o triunfo da verdade, receberão na vida espiritual futura o prêmio da sua coragem, da sua perseverança e da sua abnegação. Mas àqueles que sacrificam os bens celestes aos gozos terrestres, a Lei de Deus determina: Já recebestes a vossa recompensa.

(O desconhecimento ou errado conhecimento, nos faz ‘desesperar’ quando pensamos no desencarne. Esse estado ‘espiritual’ fatalmente nos conduz ao Umbral, pois, ali é o lugar dos ‘intranquilos’. A Doutrina dos Espíritos nos indica o correto, e tranquilo, caminho para um correto desencarne!)

CAPÍTULO XXV

BUSCAI E ACHAREIS

Ajuda-te pela Lei de Deus. - Observai os pássaros do céu.
- Não vos inquieteis pela posse do ouro.

AJUDA-TE, E A LEI DE DEUS TE AJUDARÁ

1. Pedi e se vos dará. Buscai e achareis. Batei à porta e se vos abrirá. Porque todo aquele que pede recebe, quem procura acha, e se abrirá àquele que bater à porta.

Também, qual é o humano dentre vós que dá uma pedra ao filho quando lhe pede pão? Ou se lhe pede um peixe, lhe dará uma serpente? Se, pois, sendo errôneos como sois, sabeis dar coisas certas aos vossos filhos, com quanto mais forte razão vosso Pai, que está nos céus, dará os verdadeiros bens àqueles que lhes pedem. (*Mateus, cap. VII, v. 7 a 11*).

(Mas acomodados e conformados com esta ‘vidinha’ cheia de enfeites materiais, não nos interessa ‘pedir’ e nem ‘buscar’ a verdade da vida espiritual! Por isso é que ‘choramos desesperados’ na hora definitiva...)

2. Sob o ponto de vista terrestre, o ensinamento: Buscai e achareis é análoga a esta: Ajuda-te, e o Mundo espiritual te ajudará. É o princípio da lei do trabalho, e, por conseguinte, da lei do progresso, porque o progresso é filho do trabalho, e o trabalho coloca em ação as forças da inteligência.

Na infância da Humanidade, o humano não aplica seu instinto senão à procura de sua alimentação, dos meios de se preservar das intempéries e de se defender dos seus adversários. Mas Deus lhe deu, a mais do que ao instinto animal, a inteligência - o desejo incessante do melhor -, e é este desejo do melhor que o impele à procura dos meios de melhorar a sua posição, que o conduz às descobertas, às invenções, ao aperfeiçoamento da ciência, porque é a ciência que lhe proporciona o que lhe falta. Através das suas pesquisas, seu conhecimento aumenta, sua moral se depura. Às necessidades do corpo físico sucedem as necessidades do Espírito. Após o alimento material, é preciso o alimento espiritual, e é assim que o humano passa da selvageria à civilização.

Mas o progresso que cada humano cumpre, individualmente, durante a sua vida física, é bem pouca coisa, imperceptível mesmo num grande número. Como então a Humanidade poderia progredir sem a pré-existência e a reexistência do Espírito? Os Espíritos, indo-se cada dia para não mais voltarem, a Humanidade se renovaria sem cessar com os elementos primitivos, tendo tudo a fazer, tudo a aprender. Não haveria, pois, razão para que o humano fosse mais avançado hoje do que nas primeiras idades do mundo, uma vez que, a cada nascimento, todo o trabalho intelectual estaria por recomençar. O Espírito, ao contrário, voltando com o seu progresso realizado, e adquirindo cada vez alguma coisa a mais, é assim que ele passa gradualmente da selvageria à civilização material, e desta à civilização moral.

(Às necessidades do corpo físico sucedem as necessidades do Espírito.

Porém nós acreditamos, acomodados e conformados, que ainda não atendemos a todas as nossas necessidades da vida física, material. Assim sendo, nós vamos deixando para os amanhã as necessidades espirituais...)

3. Se Deus houvesse isentado o humano do trabalho do corpo físico, seus membros estariam atrofiados. Se o houvesse isentado do trabalho da inteligência, seu Espírito teria permanecido na infância, no estado de instinto animal. Por isso, lhe fez do trabalho uma necessidade e lhe disse: Procura e acharás, trabalha e produzirás. Dessa maneira, serás o filho das tuas obras, delas terás o mérito e serás recompensado segundo o que tiveres feito.

(Nós ‘trabalhamos’ muito, principalmente para atender necessidades alimentares, de agasalho, de locomoção e de distração. Portanto não ‘sobra’ nenhum tempo para ‘trabalhar’ nas coisas espirituais... Quando morrer ‘eu’ serei Espírito e, aí sim, trabalharei espiritualmente! Afinal: quem é esse ‘eu’?)

4. É pela aplicação desse princípio que os Espíritos não vêm poupar o humano do trabalho das

pesquisas, trazendo-lhes descobertas e invenções feitas e prontas para produzir, de maneira a não ter que tomar senão o que se lhe colocasse na mão, sem ter o trabalho de se abaixar para recolher, nem mesmo o de pensar. Se assim fosse, o mais preguiçoso poderia se enriquecer, e o mais desconhecedor tornar-se sábio de graça, e um e outro se dar o mérito do que não teriam feito. Não, os Espíritos não vêm isentar o humano da lei do trabalho, mas mostrar-lhe o fim que deve atingir e o caminho que a ele conduz, dizendo-lhe: Caminha e chegarás. Encontrarás pedra sob os teus passos: olha, e tira-as tu mesmo. Nós te daremos a força necessária, se a quiseres empregar.

(Mas como? Não fui eu que coloquei essas pedras no meu caminho! Quem quiser que tire, eu vou jogá-las por aí! Enquanto não nos voltarmos para os estudos, continuaremos ‘chutando’ as pedras que nós mesmos colocamos no nosso caminho!)

5. Sob o ponto de vista moral, aquelas palavras de Jesus, o Cristo, significam: Pedi a luz que deve clarear o vosso caminho, e ela vos será dada. Pedi a força de resistir ao erro, e a tereis. Pedi a assistência dos corretos Espíritos, e eles virão vos acompanhar e, como o Guardião de Tobias, vos servirão de guias. Pedi conselhos certos, e não vos serão jamais recusados. Batei à nossa porta, e ela vos será aberta, mas pedi sinceramente, com fé, fervor e confiança. Apresentai-vos com humildade e não com arrogância, sem isso, sereis abandonados às vossas próprias forças, e as próprias quedas que tereis serão a penalização do vosso orgulho.

Tal é o sentido destas palavras: Procurai e achareis, batei e se vos abrirá.

(Buscar e achar. A indicação do Mestre nos diz para ‘estudar’. Pois já buscamos e achamos: A Doutrina dos Espíritos nos ilumina, corretamente, o caminho para a elevação espiritual.)

OBSERVAI OS PÁSSAROS DO CÉU

6. Não ajunteis tesouros na Terra, onde a ferrugem e os vermes os corroem, onde os ladrões os desenterram e roubam. Mas formai tesouros no Mundo espiritual, onde nem a ferrugem, nem os vermes os corroem. Porque onde está o vosso tesouro, aí também está o vosso coração.

Por isso eu vos digo: Não vos inquieteis por saber onde achareis do que comer para o sustento da vossa vida física, nem de onde tirareis roupa para cobrir o vosso corpo físico. A vida física não é mais do que o alimento, e o corpo físico mais do que a roupa?

Observai os pássaros do céu: eles não semeiam e não colhem, e não amontoam nada nos celeiros, mas vosso Pai celestial os alimenta. Não sois muito mais do que eles? E quem é, dentre vós, aquele que pode, com todos os seus cuidados, aumentar à sua estatura a altura de um centímetro?

Por que também vos inquietais pela roupa? Observai como crescem os lírios dos campos. Eles não trabalham e não fiam, e, entretanto, eu vos declaro que Salomão, mesmo em toda a sua glória, jamais se vestiu como um deles. Se, pois, Deus tem o cuidado de vestir dessa maneira a erva dos campos, que hoje existe e que amanhã será lançada no fogo, quanto mais cuidado terá em vos vestir, ó humanos de pouca fé!

Não vos inquieteis, pois, dizendo: Que comeremos, ou que beberemos, ou de que nos vestiremos? Como fazem os gentios que procuram todas essas coisas. Porque vosso Pai sabe que delas tendes necessidade.

Procurai, pois, primeiramente o reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão dadas por acréscimo. Por isso, não estejais inquietos pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã, cuidará de si mesmo. A cada dia basta o seu erro. (*Mateus, cap. VI, v. 19 a 21 e 25 a 34*).

(Nós trabalharmos e juntarmos para o amanhã. Nós juntarmos para garantia do futuro dos filhos e mais outras e outras preocupações... Mas será que em algum momento nos perguntamos: até quando nós ou nossos filhos viveremos? Será que já velho poderei aproveitar o que juntei? Será que nossos filhos saberão bem aproveitar o herdado? Porém, além de tudo isso, ainda fica a seguinte pergunta: A vida material é a única, ou existe outra?)

7. Estas palavras, tomadas ao pé da letra, seriam a negação de toda providência, de todo trabalho e, por conseguinte, de todo progresso. Com semelhante princípio, o humano se reduziria a uma

passividade expectante. Suas forças físicas e intelectuais estariam inativas. Se tal tivesse sido a sua condição normal na Terra, não teria jamais saído do estado primitivo, e se dela fizesse a sua lei atual, não teria mais senão viver sem nada fazer. Tal não pode ter sido o pensamento de Jesus, o Cristo, porque estaria em contradição com o que disse em outro lugar, e mesmo com as leis naturais. Deus criou o humano sem roupa e sem abrigo, mas deu-lhe a inteligência para fabricá-los. Não se deve, pois, ver nessas palavras senão uma poética alegoria da Lei de Deus, que não abandona jamais aqueles que colocam nela sua confiança, mas quer que trabalhem de seu lado. Se ela não vem sempre em sua ajuda por um socorro material, inspira as ideias com as quais se acham os meios de se livrar da dificuldade.

A Lei de Deus conhece as nossas necessidades, e as provê segundo o necessário. Mas o humano, insaciável em seus desejos, não sabe sempre se contentar com o que tem. O necessário não lhe basta, lhe é preciso o supérfluo. É então que a Lei de Deus o deixa entregue a si mesmo. Frequentemente, é infeliz por sua culpa e por ter desconhecido a voz que o advertia na sua consciência, e a Lei de Deus o deixa passar as consequências, a fim de que isso lhe sirva de lição para o futuro.

(O necessário não lhe basta, lhe é preciso o supérfluo.

Aqui está o principal problema nosso, colocamos os ‘supérfluos’ em prioridade absoluta, e deixamos o necessário espiritual para depois...)

8. A Terra produzirá bastante para alimentar todos os seus habitantes, quando os humanos souberem administrar os bens que ela dá, segundo as leis de justiça, de caridade e de amor ao próximo. Quando a fraternidade reinar entre os diversos povos, como entre as províncias de um mesmo império, o supérfluo momentâneo de um suprirá à insuficiência momentânea do outro, e cada um terá o necessário. O rico, então, se considerará como um humano que tem uma grande quantidade de sementes. Se as espalha, elas produzirão ao cêntuplo para ele e para os outros. Mas se come essas sementes sozinho, e as esbanja deixando perder-se o excesso daquilo que comer, não produzirão nada, e não bastarão para todo o mundo. Se as guarda em seu celeiro, os vermes as comerão. Por isso Jesus, o Cristo, disse: Não ajunteis tesouros na Terra, que são perecíveis, mas formai tesouros no Mundo espiritual, porque são eternos. Em outros termos, não ligueis, aos bens materiais, mais importância do que aos bens espirituais, e sabeis sacrificar os primeiros em proveito dos segundos.

Não é com as leis que se decreta a caridade e a fraternidade. Se elas não estão no coração, o egoísmo as sufocará sempre. Fazê-las nele penetrar é a tarefa do Espiritismo.

(A Doutrina dos Espíritos nos ‘convence’ das benesses espirituais e das futilidades materiais.)

NÃO VOS INQUIETEIS PELA POSSE DO OURO

9. Não vos inquieteis pela posse do ouro, ou da prata, ou de outra moeda em vossa bolsa. Não prepareis nem um sacola para o caminho, nem duas roupas, nem sapatos, nem bastão, porque aquele que trabalha, merece ser alimentado.

(Que adianta vestir do melhor tecido, calçar o melhor sapato, colocar a melhor gravata, usar as mais lindas flores etc. se estou ‘durinho’ no caixão! A alva vestimenta perispiritual é a única necessária à paz espiritual!)

10. Em qualquer cidade ou em qualquer vila que entrardes, informai-vos de quem é digno de vos alojar, e permaneçei com ele até que vos fordes. Entrando na casa, saudai-a dizendo: Que a paz esteja nesta casa. Se essa casa dela for digna, vossa paz virá sobre ela. E se ela não for digna, vossa paz retornará a vós.

Quando alguém não quiser vos receber, nem escutar vossas palavras, sacudi, em saindo dessa casa ou dessa cidade, o pó de vossos pés. Eu vos digo em verdade, no dia do julgamento, Sodoma e Gomora serão tratadas menos rigorosamente do que essa cidade. *(Mateus, cap. X, v. 9 a 15).*

(As atitudes que devem ser tomadas pelos que conhecem, todas são ‘para’ si mesmo, nunca contra os irmãos!)

11. Estas palavras, que Jesus, o Cristo, dirigiu aos seus apóstolos, quando os enviava pela primeira vez para anunciar a Boa Nova (o Evangelho), não tinham nada de estranhas nessa época: estavam de acordo com os costumes patriarcais do Oriente, onde o viajante era sempre recebido sob a tenda. Mas, então, os viajantes eram raros. Entre os povos modernos, o aumento da circulação levou a criar novos costumes. Não se encontram os costumes dos tempos antigos senão nas regiões distantes, onde o grande movimento ainda não penetrou. E se Jesus, o Cristo, retornasse hoje, não poderia mais dizer aos seus apóstolos: Ponde-vos a caminho sem provisões.

Ao lado do sentido próprio, essas palavras têm um sentido moral muito profundo. Jesus, o Cristo, ensinava assim aos seus discípulos a se confiarem à Lei de Deus. Depois, estes nada tendo, não poderiam tentar a cupidez daqueles que os recebessem. Era um meio de distinguir os caridosos dos egoístas. Por isso, lhes disse: “Informai-vos de quem é digno de vos alojar”. Quer dizer, quem é bastante correto para abrigar o viajante que não tem com que pagar, porque estes são dignos de ouvirem a vossa palavra. Pela sua caridade, vós os reconheceréis.

Quanto àqueles que não quisesses nem recebê-los, nem escutá-los, disse aos seus apóstolos para os maldizerem, se imporem a eles, usar de violência e de constrangimento para os converter? Não. Mas para irem pura e simplesmente para outro lugar, e procurar as pessoas de correta vontade.

Assim diz hoje o Espiritismo aos seus adeptos. Não violenteis nenhuma consciência. Não forceis ninguém a deixar sua crença para adotar a vossa: não lanceis condenação sobre aqueles que não pensam como vós. Acolhei aqueles que vêm a vós e deixai em paz os que vos repelem. Lembrai-vos das palavras de Jesus, o Cristo. Outrora o Mundo espiritual se tomava pela violência, hoje pela brandura.

(Aclarando-nos quanto aos valores espirituais e materiais, despojamo-nos do apego material)

CAPÍTULO XXVI

DAI GRATUITAMENTE O QUE RECEBESTES GRATUITAMENTE

Dom de curar. - Preces pagas. - Vendilhões expulsos do templo. Mediunidade gratuita.

DOM DE CURAR

1. Restituí a saúde aos doentes, ressuscitai os de fé morta, curai os leprosos, expulsai os obsessores. Dai gratuitamente o que gratuitamente recebestes. (*Mateus, cap. X, v. 8*).

2. “Dai gratuitamente o que gratuitamente recebestes” disse Jesus, o Cristo, aos seus discípulos. Por esse preceito, prescreve não se fazer pagar por aquilo que nada pagou. Ora, o que eles tinham recebido gratuitamente era a faculdade de curar os doentes e de expulsar os obsessores, quer dizer, os Espíritos iniciantes, amorais. Esse dom lhes fora dado gratuitamente pela Lei de Deus para o alívio daqueles que sofriam, e para ajudar a propagação da fé, e lhes disse para dele não fazerem um tráfico, nem um objeto de especulação, nem um meio de vida material.

(É interessante definir aquilo que recebemos ‘gratuitamente’. Quanto ‘pagamos’ pela inteligência? Nós podemos garantir que ‘pagamos’ pelo conhecimento, mas, e pela moral? Meditando sobre isto, poderemos definir, muito bem, aquilo que recebemos ‘gratuitamente’ daquilo que ‘pagamos’.)

PRECES PAGAS

3. Ele disse em seguida aos seus discípulos, na presença de todo povo que o escutava: Guardai-vos dos escribas que desfilam orgulho passeando com longas túnicas, que gostam de ser saudados nas praças públicas, de ocupar as primeiras cadeiras nas sinagogas e os primeiros lugares nas festas. Que, sob pretexto de longas preces, devoram as casas das viúvas. Essas pessoas receberão por isso uma condenação mais rigorosa. (*Lucas, cap. XX, v. 45 a 47. Marcos, cap. XII v. 36, 39, 40. Mateus, cap. XXIII, v. 14*).

(O Mestre ressaltando os problemas causados pelo orgulho, egoísmo, prepotência etc. Cuidemo-nos!)

4. Jesus, o Cristo disse também: Não façais pagar as vossas preces. Não façais como os escribas que “sob o pretexto de longas preces, devoram as casas das viúvas”. Quer dizer, tiram delas as fortunas. A prece é um ato de caridade, um impulso do coração. Fazer-se pagar pela que se dirige a Deus por outrem, é transformar-se em intermediário assalariado. A prece, então, é uma fórmula cujo comprimento se proporciona à soma que ela rende. Ora, de duas uma: Deus mede ou não mede suas graças pelo número das palavras. Se são necessárias muitas, por que dizê-las poucas, ou quase nada, por aquele que não pode pagar? É uma falta de caridade: se uma só basta, o excesso é inútil. Por que, pois, fazê-las pagar? É uma prevaricação.

Deus não vende os benefícios que concede. Por que, pois, aquele que não é nem mesmo seu distribuidor, que não pode garantir a sua obtenção, faria pagar um pedido talvez sem resultado? Deus não pode subordinar um ato de clemência, de bondade ou de justiça que se lhe solicita de sua misericórdia, a uma soma em dinheiro. De outro modo, disso resultaria que se a soma não fosse paga, ou fosse insuficiente, a justiça, a bondade e a clemência de Deus seriam suspensas. A razão, o bom senso, a lógica, dizem que Deus, a perfeição absoluta, não pode delegar a criaturas imperfeitas o direito de por preço em sua justiça. A justiça de Deus é como o Sol, que está para todos, para o pobre como para o rico. Se se considera imoral traficar as graças de um soberano da Terra, seria lícito vender as do soberano do Universo?

As preces pagas têm outro inconveniente: aquele que as compra se crê, o mais frequentemente, dispensado de orar, porque se considerou quite quando deu o seu dinheiro. Sabe-se que os Espíritos são tocados por meio do pensamento daquele que se interesse por eles: qual pode ser o fervor daquele que encarrega um terceiro de orar por ele, pagando. Qual é o fervor desse terceiro quando delega seu mandato a outro, este a outro, e assim por diante? Não é reduzir a eficácia da prece

ao valor de uma moeda corrente?

(Embora estudando compreendamos isso, ainda a maioria, acomodada e conformada, diz: “Não me preocupo com isso, nos X % já está tudo incluso!”.)

VENDILHÕES EXPULSOS DO TEMPLO

5. Eles vieram em seguida a Jerusalém, e Jesus, o Cristo, tendo entrado no templo, começou por expulsar aqueles que aí vendiam e compravam. Derrubou as mesas dos cambistas e os assentos dos que vendiam pombos. Não permitiu que ninguém transportasse nenhum utensílio pelo templo. Ele os instruiu também dizendo-lhes: Não está escrito: Minha casa será chamada casa de orações por todas as nações? E, todavia, fizestes dela um covil de ladrões. O que os príncipes dos sacerdotes, tendo ouvido, procuravam um meio de prendê-lo. Porque eles o temiam, visto que todo o povo estava arrebatado em admiração por sua Doutrina. (*Marcos, cap. XI, v. 15 a 18. Mateus, cap. XXI, v. 12 e 13.*)

6. Jesus, o Cristo, expulsou os vendilhões do templo, condenando, assim, o tráfico das coisas santas sob qualquer forma que seja. Deus não vende nem sua bênção, nem seu perdão, nem a entrada no reino dos céus. O humano, pois, não tem o direito de as fazer pagar.

(E, todavia, fizestes dela um covil de ladrões.

Na nossa visão ‘imparcial’ nós olhamos para os outros e proferimos: “Na minha comunidade não fazemos barraquinhas na porta do templo”. E continuamos do nosso jeito, nos crendo ‘salvos!’)

MEDIUNIDADE GRATUITA

7. Os médiuns modernos - porque os apóstolos também tinham mediunidade - igualmente receberam da Lei de Deus um dom gratuito: o de serem os intérpretes dos Espíritos para a instrução dos humanos, para mostrar-lhes o caminho correto e conduzi-los à fé, e não para vender-lhes palavras que não lhes pertencem, porque não são o produto de sua concepção, nem de suas pesquisas, nem de seu trabalho pessoal. Deus quer que a luz alcance a todos. Não quer que o mais pobre dela seja deserdado e possa dizer: Eu não tenho fé porque não pude pagá-la. Não tive a consolação de receber os encorajamentos e os testemunhos de afeição daqueles que choro, porque sou pobre. Eis porque a mediunidade não é um privilégio, e se encontra por toda a parte. Fazê-la pagar seria, pois, desviá-la da sua finalidade divina e um grande erro.

(Não quer que o mais pobre dela seja deserdado e possa dizer: Eu não tenho fé porque não pude pagá-la.

Este é um problema muito sério! Como o objetivo da Doutrina dos Espíritos é levar a verdade, ensinar, aos irmãos, será que a ‘caridade’ material não contradita esse objetivo? Será que passando os direitos econômicos para as editoras livra os médiuns da responsabilidade? Assunto deveras importante, mas de fundo íntimo a sua resolução. Estudemos...)

8. Todo aquele que conhece as condições nas quais os corretos Espíritos se comunicam, sua repulsa por tudo o que seja do interesse egoístico, e que sabe quão pouca coisa é preciso para os afastar, não poderá jamais admitir que os Espíritos corretos estejam à disposição de qualquer um que os chamasse a preço por sessão. O simples bom senso repele um tal pensamento. Não seria também uma profanação evocar a dinheiro os seres que respeitamos ou que nos são caros? Sem dúvida, pode-se assim, ter manifestações, mas quem poderia garantir-lhes a sinceridade? Os Espíritos iniciantes, levianos, mentirosos, espertalhões, e toda a multidão de Espíritos atrasados, muito pouco escrupulosos, vêm sempre, e estão sempre prontos para responder ao que se lhes pergunta, sem se incomodarem com a verdade. Aquele, pois, que quer comunicações sérias, deve primeiro pedi-las seriamente, depois se informar sobre a natureza das simpatias do médium com os seres do mundo espiritual. Ora, primeira condição para se conciliar a benevolência dos Espíritos corretos é a humildade, o devotamento, a abnegação, o mais absoluto desinteresse moral e material.

(Somente dos médiuns ou, também, das editoras?)

9. Ao lado da questão moral, se apresenta uma consideração efetiva, não menos importante, que se prende à própria natureza da faculdade. A mediunidade séria não pode ser, e não será jamais, uma profissão, não somente por que seria desacreditada moralmente, e logo comparada aos ledores de sorte, mas porque um obstáculo material a isso se opõe. É uma faculdade essencialmente móvel, fugidia e variável, com a permanência da qual ninguém pode contar. Seria, pois, para o explorador um recurso sempre incerto, que poderia lhe faltar no momento em que lhe seria mais necessário. Outra coisa é um talento adquirido pelo estudo e pelo trabalho, e que, por isso mesmo, é uma propriedade da qual, naturalmente é permitido tirar partido. Mas a mediunidade não é nem uma arte, nem um talento, por isso ela não pode tornar-se uma profissão. Não existe senão pelo concurso dos Espíritos. Se esses Espíritos faltarem, não há mais mediunidade. A aptidão pode subsistir, mas o exercício está anulado. Assim, não há um só médium no mundo que possa garantir a obtenção de um fenômeno Espírita em dado instante. Explorar a mediunidade é, pois, dispor de uma coisa da qual não se é realmente senhor. Afirmar o contrário é enganar aquele que paga. Há mais, não é de si mesmo que se dispõe, são dos Espíritos, dos Espíritos dos desencarnados, cujo concurso é posto à venda. Esse pensamento repugna instintivamente. Foi esse tráfico, degenerado em abuso, explorado pelo charlatanismo, o desconhecimento, a credulidade e a superstição, que motivou a proibição de Moisés. O Espiritismo moderno, compreendendo o lado sério da coisa, pelo descrédito que lançou sobre essa exploração, elevou a mediunidade à categoria de missão.

(Mas como nada citou à respeito das editoras, fica ao nosso critério julgar os valores morais dessa situação!)

10. A mediunidade é uma coisa divina que deve ser praticada divinamente, religiosamente. Se há um gênero de mediunidade que requer essa condição de forma ainda mais absoluta, é a mediunidade curadora. O médico dá o fruto dos seus estudos, que fez ao preço de sacrifícios, frequentemente penosos. O magnetizador dá o seu próprio fluido, frequentemente mesmo a sua saúde: eles podem a isso pôr um preço. O médium curador transmite o fluido salutar dos Espíritos corretos. Ele não tem o direito de vendê-lo. Jesus, o Cristo, e os apóstolos, não faziam pagar as curas que operavam.

Todo aquele, pois, que não tem do que viver, procure os recursos em outra parte, mas não na mediunidade. Que não consagre a ela, se preciso for, senão o tempo de que possa dispor materialmente. Os Espíritos lhe terão em conta o devotamento e seus sacrifícios, ao passo que se afastam daqueles que esperam fazer deles um meio para ganhar dinheiro.

(Este exercício é um caso típico de uso daquilo que conseguimos ‘gratuitamente’, mas podemos adicionar os conhecimentos adquiridos ‘pagos’. Como o uso moral é ‘não cobrado’, temos que dosar o tempo da atividade evolutiva espiritual, para termos o tempo da necessidade material.)

CAPÍTULO XXVII

PEDI E OBTEREIS

Qualidades da prece. - Eficácia da prece. - Ação da prece. Transmissão do pensamento.
 - Entender a prece. - Da prece pelos desencarnados e pelos Espíritos perturbados.
 - Instruções dos Espíritos: maneira de orar. - Alegria da prece.

QUALIDADES DA PRECE

1. Quando orardes, não vos assemelheis aos hipócritas, que se fazem questão de orar em pé nas sinagogas e nas esquinas das ruas para serem vistos pelos outros. Em verdade, vos digo, eles já receberam sua recompensa. Mas quando quiserdes orar, entrai no vosso quarto e, estando fechada a porta, orai ao vosso Pai em segredo. E vosso Pai, que vê o que se passa em segredo, vos recompensará.

Não afeteis orar muito em vossas preces, como fazem os gentios, que pensam ser pela multidão de palavras que serão atendidos. Não vos torneis, pois, semelhantes a eles, porque vosso Pai sabe do que necessitais antes de o pedirdes. (*Mateus, cap. VI, v. 5 a 8*).

(No nosso estágio evolutivo espiritual, por comodismo e conformismo, demoramos milênios para alterar nossos costumes ‘materiais’. Pelo que podemos observar, ainda hoje, continuamos a não atender ao ensino do Mestre!)

2. Quando vos apresentardes para orar, se tiverdes alguma coisa contra alguém, perdoai-lhe, a fim de que vosso Pai, que está nos céus, perdoe também os vossos erros. Se vós não perdoais, vosso Pai que está nos céus, não vos perdoará também os vossos erros. (*Marcos, cap. XI, v. 25 e 26*).

(Levado ao ‘pé da letra’, esse ensino nos mostraria que, possivelmente não exista um só ser humano que possa se apresentar para orar de coração ‘limpo’!)

3. Ele contou também esta parábola a alguns que confiavam em si mesmos como sendo justos, e desprezando os outros.

Dois humanos subiram ao templo, a fim de orar. Um era fariseu e o outro publicano. O fariseu, estando em pé, orava assim consigo mesmo: Meu Deus, eu vos rendo graças porque não sou como os outros humanos, que são ladrões, injustos e adúlteros, nem mesmo como esse publicano. Jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo o que possuo.

O publicano, ao contrário, mantendo-se distante, não ousava sequer erguer os olhos ao céu. Mas batia no peito dizendo: Meu Deus, tende piedade de mim que sou um errado.

Eu vos declaro que este retornou, entre os seus, justificado, e não o outro. Porque todo aquele que se eleva será humilhado, e todo aquele que se humilha, será exaltado. (*Lucas, cap. XVIII, v. 9 a 14*).

(As atitudes farisaicas denotam o nosso momento evolutivo moral. Quantos publicanos será que existem hoje? Dois mil anos nos separam do Mestre, mas por quanto tempo ainda continuaremos espiritualistas de conveniência? Qual será o próximo mundo para os ‘teimosos’?)

4. As qualidades da prece estão claramente definidas por Jesus, o Cristo. Quando orardes, diz ele, não vos coloqueis em evidência, mas orai secretamente: não afeteis de muito orar, porque não é pela multiplicidade das palavras que sereis atendidos, mas pela sua sinceridade. Antes de orar, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai-lhe, porque a prece não será agradável a Deus, se não parte de um coração purificado de todo sentimento contrário à caridade. Orai, enfim, com humildade, como o publicano, e não com orgulho, como o fariseu. Examinai os vossos defeitos e não as vossas qualidades, e se vos comparardes aos outros, procurai o que há de errado em vós.

(Como estamos carregados de orgulho e egoísmo, o que nos domina é o ‘emotivo’ e, este, se refere aos nervos! Gradualmente devemos sufocar aqueles dois, e o seu domínio, e substituindo-os pelo ‘sentimento’, pois este se refere ao coração! A prece deve ser SENTIDA, e não EMOCIONADA. Deve ser CALMA e lúcida, e não

NERVOSA e nebulosa.)

EFICÁCIA DA PRECE

5. O que quer que seja que pedirdes na prece, crede que o obtereis, e vos será concedido. (*Marcos, cap. XI, v. 24*).

(Devemos observar que há um baú cheio de maravilhosos dons, mas ele está a ‘um’ passo de nós, e nós não vamos ao baú, queremos que o baú venha a nós! No nosso comodismo e conformismo não queremos dar esse ‘um’ passo, mesmo sabendo que ele terá que ser dado em nossa vida espiritual. O nosso orgulho e egoísmo nos dãoopotência suficiente para querermos ‘sempre’ que: “venha’ a nós o vosso reino...”)

6. Há pessoas que contestam a eficácia da prece, e se baseiam no princípio de que, conhecendo a Lei de Deus nossas necessidades, é supérfluo expor-lhas. Acrescentam, ainda, que tudo se encaixando no Universo por leis eternas, nossos desejos não podem mudar os decretos de Deus. Sem nenhuma dúvida, há leis naturais e imutáveis que Deus não pode derogar segundo o capricho de cada um. Mas daí a acreditar que todas as circunstâncias da vida física estão submetidas à fatalidade, a distância é grande. Se assim fora, o humano não seria senão um instrumento passivo, sem livre-arbítrio e sem iniciativa. Nessa hipótese, não teria senão que curvar a cabeça sob o golpe de todos os acontecimentos, sem procurar evitá-los. Não deveria procurar desviar o raio. Deus não lhe deu o discernimento e a inteligência para deles não se servir, a vontade para não querer, a atividade para permanecer inativo. Estando o humano livre para agir, num sentido ou noutro, seus atos têm, para ele e para os outros, consequências subordinadas àquilo que faz ou deixa de fazer. Pela sua iniciativa há, pois, acontecimentos que escapam forçosamente à fatalidade, e que não destroem a harmonia das leis universais, como o avanço ou o retardo da agulha de um pêndulo não destrói a lei do movimento sobre a qual está estabelecido o mecanismo. A Lei de Deus pode, pois, aceder a certos pedidos sem derogar a imutabilidade das leis que regem o conjunto, ficando seu acesso sempre subordinado à sua vontade.

(Deus não lhe deu o discernimento e a inteligência para deles não se servir, a vontade para não querer, a atividade para permanecer inativo.

Quantos de nós se utilizam dessas ‘propriedades’ para o crescimento espiritual?)

7. Seria sem razão concluir deste ensinamento: “o que quer que seja que pedirdes pela prece vos será concedido”, que basta pedir para obter, e seria injusto acusar a Lei de Deus porque não cede a todo pedido que lhe é feito, pois ela sabe, melhor do que nós, o que é certo para nós. O mesmo ocorre com um pai sábio que recusa ao filho as coisas contrárias aos interesses deste. O humano, geralmente, não vê senão o presente. Ora, o tormento é útil à sua felicidade futura. A Lei de Deus o deixará sofrer, como o cirurgião deixa o doente passar uma operação, que deve conduzi-lo à cura.

O que a Lei de Deus indicará, se se dirige a ela com confiança, é a coragem, a paciência e a resignação. O que concederá, ainda, são os meios de sair por si mesmo da dificuldade, com a ajuda das ideias que são sugeridas pelos Espíritos corretos, deixando-lhes, assim, o mérito. Assiste àqueles que ajudam a si mesmos, segundo este ensinamento: “Ajuda-te que o Mundo espiritual te ajudará”, e não àqueles que tudo esperam de um socorro estranho, sem fazer uso das próprias faculdades. Mas geralmente, prefere-se ser socorrido por um milagre, sem nada fazer.

(Lendo o trecho acima restou uma pequenina dúvida: Quer dizer que ‘eu’ tenho que fazer por mim mesmo!)

8. Tomemos um exemplo. Um homem está perdido num deserto e sofre uma sede horrível. Sente-se desfalecer e se deixa cair no chão. Roga, então, assistência à Lei de Deus e espera. Mas, nenhum Espírito vem lhe trazer o que beber. Entretanto, um correto Espírito lhe sugere o pensamento de se levantar, seguir um dos caminhos que se apresentam à sua frente. Então, por um movimento maquinal, reúne suas forças, levanta-se e caminha ao acaso. Chega a uma elevação e descobre, ao longe, um riacho. Diante disso, encoraja-se. Se tem fé, exclamará: “Obrigado, meu Deus, pelo pensamento que me inspirastes, e pela força que me destes”. Se não tem fé, dirá:

“Que pensamento bom eu tive! Que chance eu tive tomando o caminho da direita, ao invés da esquerda. O acaso, algumas vezes, nos serve verdadeiramente bem! Quanto me felicito pela minha coragem e por não ter me deixado abater!”.

Mas, dir-se-á, por que o correto Espírito não lhe disse claramente: “Siga este caminho e ao fim dele encontrarás o de que necessitas?”. Por que não se mostrou a ele para o guiar e sustentar no seu desfalecimento? Dessa maneira, ficaria convencido da intervenção da Lei de Deus. Foi, primeiro, para lhe ensinar que é preciso ajudar a si mesmo e fazer uso das suas próprias forças. Além disso, pela incerteza, a Lei de Deus coloca à prova a sua confiança e submissão à sua vontade. Esse humano estava na situação de uma criança que cai e que, percebendo alguém, grita e espera que a venha levantar. Se não vê ninguém, esforça-se e se levanta por si mesma.

Se o Espírito que acompanhou Tobias lhe tivesse dito: “Eu sou enviado por Deus para te guiar em tua viagem e te preservar de todo perigo”, Tobias não teria tido mérito algum. Confiante no seu acompanhante, não teria mesmo necessidade de pensar. Por isso, o Espírito não se fez reconhecer senão no regresso.

(A prece consciente e sentida sempre recebe a resposta do solicitado. Para ser consciente é necessário conhecimento e moral, portanto, muito estudo e meditação. A Doutrina dos Espíritos é uma das melhores luzes para alumiar-nos.)

AÇÃO DA PRECE.

TRANSMISSÃO DO PENSAMENTO

9. A prece é uma invocação. Por ela um ser se coloca em comunicação mental com outro ser ao qual se dirige. Ela pode ter por objeto um pedido, um agradecimento ou uma louvação. Pode-se orar por si mesmo ou pelos outros, pelos encarnados ou pelos desencarnados. As preces dirigidas a Deus são ouvidas pelos Espíritos encarregados da execução das suas vontades, são a Lei de Deus. Aquelas que são dirigidas aos corretos Espíritos são levadas à Lei de Deus. Quando se ora a outros seres, senão a Deus, é apenas na qualidade de intermediários, intercessores, porque nada se pode fazer fora da Lei de Deus.

(Mas quantos de nós conhecemos a Lei de Deus? Estudar é necessário para conhecer essa Lei de Deus, porém isso... Vai atrapalhar as coisas ‘importantes’ que estamos fazendo nesta vida...)

10. O Espiritismo faz compreender a ação da prece explicando o modo de transmissão do pensamento, seja quando o ser chamado vem ao nosso apelo, seja quando nosso pensamento o alcança. Para se inteirar do que se passa nessa circunstância, é preciso mentalizar todos os seres, encarnados e desencarnados, mergulhados no fluido universal que ocupa o espaço, como o somos, neste mundo, na atmosfera. Esse fluido recebe um impulso da vontade. É o veículo do pensamento, como o ar é o veículo do som, com a diferença de que as vibrações do ar são circunscritas, enquanto que as do fluido universal se estendem ao infinito. Portanto, quando o pensamento é dirigido a um ser qualquer, na Terra ou no espaço, de encarnado a desencarnado, ou de desencarnado a encarnado, estabelece-se uma corrente fluídica de um para o outro, transmitindo o pensamento, como o ar transmite o som.

A energia da corrente está em razão do vigor do pensamento e da vontade. Por isso, a prece é ouvida pelos Espíritos, em qualquer lugar em que eles se encontrem, os Espíritos se comunicam entre si, nos transmitem suas inspirações, os intercâmbios se estabelecem à distância como entre os encarnados.

Esta explicação é, sobretudo, para aqueles que não compreendem a utilidade da prece puramente mística, e não tem por objetivo materializar a prece, mas compreender o seu efeito, mostrando que pode ter uma ação direta e efetiva. Ela, por isso, não fica menos subordinada à vontade da Lei de Deus, mas o Juiz supremo em todas as coisas, é o único que pode tornar sua ação efetiva.

(Por que tenho que ‘pedir’? Não sou um ‘pedinte’! Tenho direitos e eles ‘têm’ que ser atendidos! Esse tipo de pensamento denota o quanto de desconhecimento nós temos e o nosso estágio elevatório espiritual. O tempo, através de suas ‘lixas’ denominadas de ‘dor’ e ‘dificuldade’ irá gastando nossa crosta de orgulho e egoísmo.

Quando o tempo acabar seu trabalhinho, nós veremos quanto tempo perdemos por não estudar...)

11. Pela prece, o humano chama para si o concurso dos corretos Espíritos, que vêm sustentá-lo nas suas corretas resoluções, e inspirar-lhe corretos pensamentos. Adquire, assim, a força moral necessária para vencer as dificuldades e reentrar no caminho reto se dele se afastou, assim como afastar de si os erros que atrai por sua própria falta. Um humano, por exemplo, vê a sua saúde arruinada pelos excessos que cometeu, e arrasta, até o fim de seus dias, uma vida de tormentos físicos. Ele tem o direito de se lamentar, se não obtém a cura? Não, porque poderia encontrar na prece a força para resistir às erradas tentações.

(Estudar nos faz saber, mas não nos livra das dificuldades ‘necessárias’ ao nosso processo evolutivo espiritual. Porém, sabendo as razões dessas dificuldades, ficamos mais ‘resignados’ e conscientes das atitudes necessárias à transposição dessa etapa evolutiva espiritual!)

12. Se se dividissem as aflições da vida em duas partes, uma daquelas que o humano não pode evitar, outra das tribulações, cuja causa primeira é ele mesmo, pela sua incúria e seus excessos, ver-se-ia que esta suplanta muito em número sobre a primeira. É, pois, evidente, que o humano é o autor da maioria das suas aflições, e que delas se pouparia se agisse sempre com sabedoria e prudência.

Não é menos certo que essas aflições são o resultado das nossas infrações à Lei de Deus, e que se observássemos pontualmente essa Lei, seríamos perfeitamente felizes. Se não ultrapassarmos o limite do necessário na satisfação das nossas necessidades, não teremos as doenças que são conseqüências dos excessos, e as vicissitudes que essas doenças ocasionam. Se colocarmos limite à nossa ambição, não temeremos a ruína. Se não quisermos subir mais alto do que podemos, não temeremos cair. Se formos humildes, não passaremos as decepções do orgulho humilhado. Se praticarmos a lei da caridade, não seremos nem maldizentes, nem invejosos, nem ciumentos, e evitaremos as querelas e as dissensões. Se não fizermos erros a ninguém, não temeremos as vinganças etc.

Admitamos que o humano nada pudesse sobre as outras aflições. Que toda prece seja supérflua para delas se preservar, já não seria muito estar livre de todos aqueles que provêm de si mesmo? Ora, aqui a ação da prece se concebe facilmente. Porque ela tem por efeito evocar a inspiração salutar dos corretos Espíritos, de pedir-lhes a força para resistir aos errados pensamentos, cuja execução poderia nos ser funesta. Nesse caso, não é o erro que afastam, mas a nós mesmos do pensamento que pode causar o erro. Eles não entram em nada os decretos da Lei de Deus, nem suspendem o curso das leis naturais, mas nos sugerem não infringir essas leis, se dirigindo ao nosso livre-arbítrio. Mas o fazem com o nosso desconhecimento, de maneira oculta, para não a correntar a nossa vontade. O humano se encontra, então, na posição daquele que solicita corretos conselhos e os coloca em prática, mas que está sempre livre de segui-los ou não. A Lei de Deus quer que seja assim para que tenha a responsabilidade dos seus atos, e deixa-lhe o mérito da escolha entre o certo e o errado. Isso o humano sempre pode obter se pede com fervor, e é ao que pode, sobretudo, se aplicar estas palavras: “Pedi e obtereis”. A eficácia da prece, mesmo reduzida a essa proporção, não teria um resultado imenso? Estava reservado ao Espiritismo nos provar sua ação pela revelação dos intercâmbios que existem entre o mundo corporal físico e o mundo espiritual. Mas a isso não se limitam seus efeitos. A prece é recomendada por todos os Espíritos. Renunciar à prece é desconhecer a bondade de Deus, é renunciar, para si mesmo, a assistência da Sua Lei, e para os outros o certo que se lhes pode fazer.

(Sempre a mesma coisa: eu tenho que fazer! Mas eu tenho dinheiro para pagar aos outros, para fazerem esse ‘meu’ trabalho, por que não posso? Somente os estudos moralizadores, de valor espiritual, podem responder a citada pergunta.)

13. Atendendo ao pedido que lhe é dirigido, a Lei de Deus, frequentemente, tem em vista recomendar a intenção, o devotamente e a fé àquele que ora, eis porque a prece do humano correto é mais meritória pela Lei de Deus, e sempre mais eficaz, porque o humano vicioso e errôneo não pode orar com o fervor e a confiança que só é dado pelo sentimento da verdadeira piedade. Do coração do egoísta, daquele que ora nos lábios, não podem sair senão palavras, mas não os im-

pulsos da caridade que dão à prece todo o seu poder. Isso é tão compreensível, que, por um movimento instintivo, a pessoa se recomenda de preferência às preces daqueles nos quais se percebe que a conduta deve ser correta pela Lei de Deus, porque são mais ouvidos.

(Sempre peço, às vezes pago, a pessoas ‘representantes’ de Deus para fazerem orações por mim, elas sabem como pedir... Garantiram que sempre serei bem atendido...)

14. Se a prece exerce uma espécie de ação magnética, poder-se-ia crer que seu efeito está subordinado à força fluídica, mas não é assim. Uma vez que os Espíritos exercem essa ação sobre os humanos, eles suprem, quando isso seja necessário, a insuficiência daquele que ora, seja agindo diretamente em seu nome, seja lhe dando momentaneamente uma força excepcional, quando é julgado digno desse favor, ou que a coisa possa ser útil.

O humano que não se crê bastante certo para exercer uma influência salutar, não deve se abster de orar por outro, pelo pensamento de que não é digno de ser ouvido. A consciência da sua inferioridade é uma prova de humildade sempre agradável pela Lei de Deus, que leva em conta a intenção caridosa que o anima. Seu fervor e sua confiança na Lei de Deus são um primeiro passo para o retorno ao certo, no qual os Espíritos são felizes por encorajá-lo. A prece que é recusada é a do orgulhoso que tem fé em seu poder, em seus méritos, e crê poder se substituir à vontade do Eterno.

(A diferença entre aquele que conhece e aquele que não conhece as leis morais. É a fé raciocinada e a fé cega em ação, qual delas triunfará?)

15. O poder da prece está no pensamento. Ela não se prende nem às palavras, nem ao lugar, nem ao momento em que é feita. Pode-se, pois, orar em toda parte, a qualquer hora, sozinho ou em comum. A influência do lugar ou do tempo prende-se às circunstâncias que podem favorecer o recolhimento. A prece em comum tem uma ação mais poderosa, quando todos aqueles que oram se associam de coração a um mesmo pensamento e têm o mesmo objetivo, porque é como se todos cantassem em conjunto e em uníssono. Mas o que importa estarem reunidos em grande número, se cada um age isoladamente, e por sua própria conta! Cem pessoas reunidas podem orar como egoístas, enquanto que duas, ou três, unidas em comum aspiração, orarão como verdadeiros filhos de Deus, e sua prece terá mais força que a das outras cem.

(A transmissão de pensamento, ‘uma prece para outra pessoa’, tem seu maior exemplo, de ação, na mãe pedindo por seu filhinho doente.)

ENTENDER A PRECE

16. Se não entendo o que significam as palavras, eu serei estranho para aquele com quem falo, e aquele que me fala será para mim estranho. Se oro numa língua que não entendo, meu coração ora, mas minha razão está sem fruto. Se não louvais a Deus senão de coração, como um humano, entre aqueles que não entendem senão a sua própria língua, responderá amém, ao final da vossa ação de graças, uma vez que ele não entende o que dizeis? Não é que vossa ação não seja correta, mas os outros dela não estão edificados. *(Paulo, 1.a Epístola aos Coríntios, cap. XIV, v. 11, 14, 16 e 17).*

(Problema gravíssimo este, ele se dá quando acreditamos cegamente e não vemos que aquele no qual cremos também está cego!)

17. A prece não tem valor senão pelo pensamento ao qual se liga. Ora, é impossível ligar um pensamento ao que não se compreende, porque o que não se compreende, não toca o coração. Para a imensa maioria, as preces numa língua incompreendida não são senão conjunto de palavras que nada dizem ao Espírito. Para que a prece seja entendida, é preciso que cada palavra revele uma ideia, e se não é compreendida, não pode revelar nenhuma ideia. Repetem-na como uma simples fórmula que tem, mais ou menos, virtude segundo o número de vezes que é repetida. Muitos oram por dever, alguns mesmo por hábito. Por isso se creem quites quando disseram uma prece, um número determinado de vezes, nesta ou naquela ordem. Deus lê no fundo dos co-

rações, vê o pensamento e a sinceridade, e é rebaixá-lo crê-lo mais sensível à forma do que ao fundo. (Cap. XXVIII, n.o 2).

(Para entender o que pedir, deve-se ter conhecimento e moral, para não pedir aquilo que não merece. Para pedir, deve-se entender a língua e as palavras, para não pedir errado.)

DA PRECE PELOS DESENCARNADOS E PELOS ESPÍRITOS PERTURBADOS

18. A prece é pedida pelos Espíritos perturbados. Ela lhes é útil porque vendo que pensam neles, sentem-se menos abandonados, menos infelizes. Mas a prece tem sobre eles uma ação mais direta: reergue-lhes a coragem, excita-lhes o desejo de se elevarem pelo arrependimento e pela reparação, e pode desviá-los do pensamento errado. É nesse sentido que ela não só pode aliviar, mas abreviar seus tormentos.

(Mas para fazer uma prece em favor desses irmãos, deve-se entender a situação espiritual deles. Caso pensemos que estamos ‘ajudando’ bondosamente uma ‘alma penada’; certamente estaremos cometendo grave erro...)

19. Certas pessoas não admitem a prece pelos desencarnados, porque, na sua crença, não há para o Espírito senão duas alternativas: ser salvo ou condenado às penas eternas, e, num e noutro caso, a prece é inútil. Sem discutir o valor dessa crença, admitamos por um instante a realidade das penas eternas e irremissíveis, e que as nossas preces sejam impotentes para lhes pôr um termo. Perguntamos se, nessa hipótese, é lógico, caridoso e cristão rejeitar a prece pelos condenados? Essas preces, por impotentes que sejam para os livrar, não são, para eles, um sinal de piedade que pode dulcificar seu tormento? Na Terra, quando um humano é condenado perpetuamente, no caso mesmo que ele não tenha nenhuma esperança de obter graça, é proibido a uma pessoa caridosa ir sustentar suas correntes para lhe aliviar o peso? Quando alguém está atacado de uma doença incurável, porque não oferece nenhuma esperança de cura, é preciso abandoná-lo sem nenhum alívio? Imaginai que, entre os condenados, pode se encontrar uma pessoa que vos foi cara, um amigo, talvez um pai, uma mãe ou um filho, e porque, segundo vós, não poderá esperar sua cura, lhe recusaríeis um copo de água para estancar-lhe a sede? Um bálsamo para secar-lhes as feridas? Não faríeis por ele o que faríeis por um prisioneiro? Não lhe daríeis um testemunho de amor, uma consolação? Não, isso não seria cristão. Uma crença que resseca o coração não pode se aliar com a Lei de um Deus que coloca, em primeiro lugar entre os deveres, o amor ao próximo.

A não eternidade das penas não implica a negação de uma penalidade temporária, porque a Lei de Deus, na sua justiça, não pode confundir o certo e o errado. Ora, negar, nesse caso, a eficácia da prece, seria negar a eficácia da consolação, do encorajamento e dos corretos conselhos. Seria negar a força que se obtém na assistência moral daqueles que nos querem corretamente.

(Caso as qualidades ‘espirituais’, tais como; piedade, compaixão, resignação, esperança, fé, caridade, beneficência etc., fossem inúteis para serem utilizadas em favor dos irmãos ‘mortos’, independente da qualificação religiosa deles, estaríamos entendendo os ensinamentos do Cristo apenas no sentido ‘material’! Lembremos que o Cristo disse a respeito de Deus e os Patriarcas hebreus: Deus é o Deus dos ‘vivos’, nos ensinando que o Espírito não morre! Portanto; não há ‘mortos’! Vamos estudar...)

20. Outros se fundamentam numa razão mais imperiosa: a imutabilidade dos decretos divinos. Deus, dizem eles, não pode mudar as suas decisões a pedido de suas criaturas. Sem isso nada seria estável no mundo. O humano, pois, nada tem a pedir a Deus, não tem senão que se submeter e adorá-lo.

Há, nessa ideia, uma falsa aplicação da imutabilidade da lei divina, ou melhor, ignorância da lei no que se refere à penalidade futura. Essa lei é revelada pelos Espíritos do Senhor, hoje que o humano está maduro para compreender o que, na fé, está conforme ou contrário aos atributos divinos.

Segundo o dogma da eternidade absoluta das penas, ao culpado não adianta, e nem ajuda, os seus remorsos e seu arrependimento. Para ele, todo desejo de se melhorar é supérfluo e está condena-

do a permanecer perpetuamente no erro. Se está condenado por um tempo determinado, a pena cessará quando esse tempo tiver expiado. Mas quem diz que, então, terá mudado para melhores sentimentos? Quem diz que, a exemplo de muitos condenados na Terra, na sua saída da penalização, não será tão errado quanto antes? No primeiro caso, seria manter na dor do castigo um humano que retornou ao certo. No segundo, agraciar aquele que permaneceu errado. A Lei de Deus é mais previdente que essa. Sempre justa, equitativa e misericordiosa, não fixa nenhuma duração à pena, qualquer que seja. Ela se resume no seguinte:

(Quando estudamos e conhecemos a Lei de Deus, entendemos perfeitamente que, não há pré-determinismo absoluto! Caso houvesse, onde fica o denominado 'livre-arbítrio'? A seguir vamos começar a entender alguma coisa da lei de Deus...)

21. O humano suporta sempre a consequência das suas faltas, não há uma só infração à Lei de Deus que não tenha penalização.

A severidade da pena é proporcional à gravidade da falta.

A duração da pena, para qualquer falta, é indeterminada e está subordinada ao arrependimento do errado e seu retorno ao certo. A pena dura tanto quanto a obstinação no erro, e seria perpétua se a obstinação fosse perpétua, de curta duração se o arrependimento chega logo.

Desde que o errado clame por misericórdia, a Lei de Deus lhe atende e envia a esperança. Mas o simples remorso do erro não basta, pois é preciso a reparação. Por isso, o errado é submetido a novas provas, nas quais pode sempre, por sua vontade, fazer o certo em reparação ao errado que fez.

O humano é, assim, constantemente, o árbitro de sua própria sorte, podendo abreviar seu tormento ou prolongá-lo indefinidamente. Sua felicidade, ou sua infelicidade, dependem da sua vontade de fazer o certo.

Tal é a Lei de Deus. Lei imutável e conforme a bondade e a justiça de Deus.

O Espírito em erro e infeliz pode, assim, sempre elevar-se a si mesmo: a Lei de Deus lhe indica em que condições pode fazê-lo. Frequentemente, o que lhe falta é a vontade, a força, a coragem. Se, por nossas preces, nós lhe inspiramos essa vontade, se o sustentamos e encorajamos. Se, por nossos conselhos, nós lhe damos as luzes que lhe faltam, ao invés de solicitar a Deus a derrogação da sua Lei, nos tornamos instrumentos para a execução da sua lei de amor e de caridade, na qual ele nos permite, assim: participar dando, nós mesmos, uma prova de caridade.

(A oração é uma forma de harmonizarmos nossa 'vibração'. Com a vibração serena e sentida oraremos eficazmente por nossos irmãos necessitados. Mas isso somente se: 'queremos com vontade de mudar'!)

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

MANEIRA DE ORAR

22. O primeiro dever de toda criatura humana, o primeiro ato que deve assinalar-lhe o retorno à vida física ativa de cada dia, é a prece. Quase todos vós orais, mas quão poucos sabem orar! Que importa ao Senhor as frases que ligais, maquinalmente, umas às outras, porque disso tendes hábito. É um dever que vos impendes e, como todo dever, vos pesa.

A prece do cristão, do Espírita, de qualquer culto que seja, deve ser feita desde que o Espírito retomou o jugo da carne. Deve se elevar para a Majestade divina com humildade, com profundidade, num arrebatamento de gratidão por todos os benefícios concedidos até esse dia: pela noite que se escoou e durante a qual vos foi permitido, embora inconscientemente, retornar junto de vossos amigos, de vossos guias, para haurir, ao seu contato, mais força e perseverança. Ela deve se elevar humilde para o Senhor, para lhe reconhecer vossa fraqueza, agradecer seu apoio, sua indulgência, sua misericórdia. Deve ser profunda, porque é o Espírito quem deve se elevar até o Criador, que deve se transfigurar como Jesus, o Cristo, no Tabor, e tornar-se alvo e irradiante de esperança e de amor.

Vossa prece deve encerrar o pedido das luzes de que tendes necessidade, mas uma necessidade real. Inútil, pois, pedir ao Senhor abreviar as vossas provas, vos dar as alegrias e a riqueza: pedi-

lhe para vos conceder os bens mais preciosos da paciência, da resignação e da fé. Não digais, como ocorre a muitos entre vós: “Não vale a pena orar, uma vez que Deus não me atende”. Que pedis a Deus na maioria das vezes? Frequentemente, pensastes em lhe pedir o vosso melhoramento moral? Oh! Não, muito pouco. Mas imaginais antes lhe pedir o sucesso nos vossos empreendimentos terrestres, e exclamastes: “Deus não se ocupa conosco. Se disso se ocupasse, não haveria tantas injustiças”. Insensatos! Ingratos! se descêsseis ao fundo da vossa consciência, encontraríeis, quase sempre, em vós mesmos o ponto de partida dos erros dos quais vos lamentais. Pedi, pois, antes de todas as coisas, o caminho do progresso, e vereis que torrente de luzes e de consolações se derramará sobre vós.

Deveis orar sem cessar, sem para isso vos recolherdes em vosso aposento, ou ajoelhar nas praças públicas. A prece diária é o cumprimento dos vossos deveres, dos vossos deveres sem exceção, de qualquer natureza que eles sejam. Não é um ato de amor ao vosso Senhor, assistir vossos irmãos numa necessidade qualquer, moral ou física? Não é fazer um ato de reconhecimento, elevar vosso pensamento até Ele, quando uma alegria vos chega, um acidente é evitado, mesmo quando uma contrariedade só vos aflora, se dizeis pelo pensamento: Sede bendito, meu Pai! Não é um ato de contrição vos humilhar diante do juiz supremo, quando sentis que falhastes, não fosse senão por um pensamento fugidio, e lhe dizer: Reforçai-me, meu Deus, porque eu errei (por orgulho, por egoísmo, ou por falta de caridade). Dai-me a diretriz de não mais falhar e a oportunidade de reparar!

Isso é independente das preces regulares da manhã e da tarde, e dos dias consagrados. Mas, como vedes, a prece pode ser de todos os instantes, sem ocasionar nenhuma interrupção aos vossos trabalhos. Ao contrário, elas os santificam. E crede bem que um só desses pensamentos, partindo do coração, é mais ouvido por vosso Pai celestial que as longas preces ditadas pelo hábito, frequentemente, sem causa determinada, e às quais à hora convencionada vos lembrais maquinalmente. (*V. Monod. Bordéus, 1862.*)

(Lembrar que, determinadas preces, devem ser compreendidas como uma ‘conversa’ com os amigos espirituais ou ‘Deus’. Assim entendida, torna-se uma ‘confissão’ íntima para com o endereçado.)

ALEGRIA DA PRECE

23. Vinde, vós que quereis crer: os Espíritos do Senhor acorrem e vêm vos anunciar grandes coisas. Deus, meus filhos, abre seus tesouros para vos dar todos os seus benefícios. Humanos incrédulos! Se soubésseis quanto a fé faz bem ao coração e leva o Espírito ao arrependimento e à prece! A prece! Ah! como são tocantes as palavras que saem da boca que ora! A prece é um orvalho divino que destrói o maior calor dos errados desejos. Filha primogênita da fé, ela nos conduz ao caminho que leva a Deus. No recolhimento e na solidão, estais com Deus. Para vós não há mais mistérios, eles se vos revelam. Apóstolos do pensamento, para vós é a vida. O Espírito se desliga da matéria e rola nesses mundos infinitos e etéreos que os humanos materiais desconhecem.

Marchai, marchai nos caminhos da prece e ouvireis a voz dos Espíritos. Que harmonia! Não mais os ruídos confusos e a entonação aguda da Terra. São as liras celestiais, a voz doce e suave dos Espíritos, mais leves que as brisas da manhã, quando brincam nas folhagens dos vossos grandes bosques. Em que delicias caminhareis! Vossa linguagem não poderá definir essa felicidade, tanto entrará por todos os poros, tanto a fonte na qual bebe, orando, é viva e refrescante! Doces vozes, embriagadores perfumes que o Espírito ouve e saboreia quando se lança a essas esferas desconhecidas e habitadas pela prece! Sem mistura de desejos materiais, todas as aspirações são divinas. E vós, também, orai com Jesus, o Cristo, levando sua cruz do Gólgota ao Calvário. Levai a vossa cruz e sentireis as doces emoções que passavam em seu Espírito, embora carregado de um madeiro infamante. Ele ia desencarnar, mas para viver a vida celestial na morada de seu Pai.

(*Agostinho, Paris, 1861.*)

(Sempre e em todas as situações e razões, a prece é um ‘contato’ com irmãos espirituais, aos quais estamos agradecendo, pedindo ou louvando, portanto; de vibração mais suave do que a nossa. Esta é a razão da alegria que deve nos invadir ao contatá-los!)

CAPÍTULO XXVIII

COLETÂNEA DE PRECES ESPÍRITAS

PREÂMBULO

1. Os Espíritos sempre disseram: “A forma não é nada, o pensamento é tudo. Orai, cada um, segundo as vossas convicções e o modo que mais vos toca. Um correto pensamento vale mais que numerosas palavras estranhas ao coração”.

Os Espíritos não prescrevem nenhuma fórmula absoluta de preces. Quando as dão é para ajudar nas ideias e, sobretudo, para chamar a atenção sobre certos princípios da Doutrina Espírita. É também com o objetivo de ajudar as pessoas que têm dificuldades para expressar suas ideias, porque existem as que não creem ter realmente orado, se seus pensamentos não foram detalhadamente formulados.

A coletânea de preces contidas neste capítulo é uma escolha feita entre as que foram ditadas pelos Espíritos em diversas circunstâncias. Eles ditaram outras, e em outras palavras, apropriadas a algumas ideias ou a casos especiais, mas pouco importa a forma, se o pensamento fundamental é o mesmo. O objetivo da prece é elevar o Espírito a Deus. A diversidade das fórmulas não deve estabelecer nenhuma diferença entre aqueles que nele creem, e ainda menos entre os adeptos do Espiritismo, porque a Lei de Deus as aceita todas quando são sinceras.

Não é preciso, pois, considerar esta coletânea como um formulário absoluto, mas como uma variedade entre as instruções que dão os Espíritos. É uma aplicação dos princípios da moral dos Evangelhos, desenvolvidos neste livro, um complemento aos seus ditados sobre os deveres para com a Lei de Deus e o próximo, onde são lembrados todos os princípios da Doutrina.

O Espiritismo reconhece como corretas as preces de todos os cultos, quando são ditadas pelo coração, e não pelos lábios. Não impõe nenhuma delas, nem censura nenhuma. Deus é muito grande para rejeitar a voz que o implora ou que canta seus louvores, porque a faz de um modo e não de outro. Todo aquele que lançasse condenação contra as preces que não estão no seu formulário, provaria que desconhece a grandeza de Deus. Crer que Deus se prende a uma fórmula é emprestar-lhe a pequenez e as paixões da humanidade.

A condição principal da prece, segundo Paulo, é de ser clara e que se compreenda, a fim de que possa falar ao Espírito. Por isso, não basta que ela seja dita numa língua compreendida daquele que ora. Há preces em linguagem comum que não dizem muito mais ao pensamento do que se fossem em linguagem estrangeira, e que, por isso mesmo, não vão ao coração. As raras ideias que elas encerram são, frequentemente, sufocadas pelo grande número de palavras e o floreio da linguagem.

A principal qualidade da prece é ser clara, simples e curta, sem palavras inúteis, nem muitos elogios que não são senão enfeites de brilho falso. Cada palavra deve ter a sua importância, revelar uma ideia, movimentar um sentimento: numa palavra, deve fazer pensar e sentir. Só com essa condição a prece pode alcançar o seu objetivo, de outro modo, não é senão barulho. Observe também com que ar de distração e pouca importância elas são ditas na maioria das vezes, veem-se lábios que se movimentam, mas, pela expressão da fisionomia e mesmo o som da voz, reconhece-se um ato mecânico, totalmente sem sentir, ao qual o Espírito permanece indiferente.

As preces reunidas nesta coletânea estão divididas em cinco categorias: preces gerais, preces para si mesmo, preces pelos encarnados, preces pelos desencarnados e preces especiais para os doentes e os obsidiados.

Com a finalidade de chamar mais particularmente a atenção sobre o assunto de cada prece, e melhor fazer compreender a sua importância, elas são todas iniciadas de uma instrução preliminar, espécie de apresentação de motivos, com o título de ‘prefácio’.

I - PRECES GERAIS

ORAÇÃO DOMINICAL DESENVOLVIDA

2. **PREFÁCIO.** Os Espíritos recomendaram colocar a Oração Dominical à frente desta coletânea, não somente como prece, mas como símbolo. De todas as preces, é a que colocam em primeiro plano, seja porque ela veio do próprio Jesus, o Cristo, (*Mateus, cap. VI, v. 9 a 13*), seja porque pode substituir a todas, conforme a direção do pensamento naquele momento. É o mais perfeito modelo de concentração de ideias, verdadeira obra prima de sublimidade na sua simplicidade. Com efeito, sob a mais simples forma, resume todos os deveres do humano para com Deus, para consigo mesmo e para com o próximo, encerra uma profissão de fé, um ato de adoração e de submissão, o pedido das coisas necessárias à vida, e o princípio da caridade. Dizê-la em favor de alguém, é pedir para o próximo o que se pediria para si.

Entretanto, em razão mesmo da sua simplicidade, o sentimento profundo contido em algumas palavras dela, não são percebidos pela maioria das pessoas. Por isso é dita, quase sempre, sem dirigir o pensamento sobre as palavras de cada uma das suas partes. É falada decorada, sem sentimento, acreditando que a eficácia é proporcional ao número de vezes que é repetida. Ora, é quase sempre um dos números cabalísticos três, sete ou nove, tirados da antiga crença supersticiosa da virtude dos números, e em uso nas operações da magia.

Para completar o vazio que a simplicidade dessa prece deixa no pensamento, segundo o conselho e com a assistência dos corretos Espíritos, foi colocado junto a cada frase um comentário que lhes demonstra o sentimento objetivo e mostra suas aplicações. Segundo o sentimento do momento e o tempo disponível, pode-se dizer, pois, a Oração dominical simples ou desenvolvida.

3. PRECE. -

I. Pai Nosso que estais nos céus, santificado seja o Vosso nome!

Creemos em Vós, Senhor, porque tudo revela o Vosso poder e a Vossa bondade. A harmonia do Universo testemunha uma sabedoria, uma prudência e uma providência que suplantam todas as faculdades humanas. O nome de um ser soberanamente grande e sábio está escrito em todas as obras da Criação, desde o galho de erva e do menor inseto, até os astros que se movem no espaço. Por toda parte vemos a prova de uma atividade paternal. Por isso, cego é aquele que não Vos reconhece em Vossas obras, orgulhoso aquele que não Vos glorifica e ingrato aquele que não Vos rende ações de graça.

II. Venha a nós o Vosso reino!

Senhor, nos destes leis cheias de sabedoria e que fariam a nossa felicidade se as seguíssemos com obediência. Com essas leis, faríamos reinar entre nós a paz e a justiça. Nos entre ajudaríamos mutuamente, em lugar de nos prejudicarmos como fazemos. O forte sustentaria o fraco em vez de prejudicá-lo. Evitaríamos os erros que promovem os abusos e os excessos de todos os tipos. Todas as misérias deste mundo vêm da desobediência às Vossas leis, porque não há uma só desobediência que não tenha tristes consequências.

Destes ao animal o instinto que lhe mostra o limite do necessário, e ele com isso se conforma. Mas a nós humanos, além desse instinto, destes a inteligência. Destes também a liberdade de observar ou desobedecer àquelas de Vossas leis que nos orientam pessoalmente, quer dizer, de escolher entre o certo e o errado, a fim de que tenhamos o mérito e a responsabilidade das nossas ações, sejam certas ou erradas.

Ninguém pode dizer que desconhece Vossas leis, em Vosso amor paternal, fizestes que elas fossem gravadas na consciência de cada um, sem distinção de culto nem de nações. Aqueles que as desobedecem é porque se esquecem, ou não acreditam, em Vós.

Dia virá em que, segundo a Vossa promessa, todos as praticarão. Então, a incredulidade terá desaparecido. Todos Vos reconhecerão por soberano Senhor de todas as coisas, e o reino de Vossas leis será o Vosso reino na Terra.

Dignai-vos, Senhor, apressar esse acontecimento, concedendo-nos a luz necessária para conduzir-nos ao caminho da verdade.

III. Seja feita a Vossa vontade, na Terra, como no céu!

Se a obediência é um dever do filho com relação ao pai, do inferior para com o superior, quanto não deve ser maior a da criatura com relação ao seu Criador. Fazer a Vossa vontade, Senhor, é obedecer às Vossas leis e se submeter, sem murmurar, aos Vossos decretos divinos. Nós humanos a isso nos submeteremos, quando compreendermos que sois a fonte de toda a sabedoria, e que sem Vós, nós nada podemos. Então, faremos, Vossa vontade no Universo.

IV. Dai-nos o pão de cada dia.

Deu-nos o alimento para a manutenção das forças do corpo físico. Deu-nos também o alimento espiritual para o desenvolvimento do Espírito.

O animal encontra seu alimento, mas o humano o deve à sua própria atividade e aos recursos da sua inteligência, porque o criastes livre.

Vós nos dissestes: “Tirarás teu alimento da terra com o suor da tua frente”. Com isso, nos fizestes do trabalho uma obrigação, a fim de que nós exercitemos a nossa inteligência na procura dos meios de prover as nossas necessidades e nosso bem-estar físico, uns pelo trabalho material, outros pelo trabalho intelectual. Sem o trabalho, permaneceríamos estacionários e não poderíamos aspirar à felicidade dos Espíritos puros.

Fortificais o humano correto que se confia a Vós para o necessário, mas não àquele que se compraz na ociosidade e gostaria de tudo obter sem trabalho, nem aquele que procura o supérfluo.

Quantos são os que caem por seus próprios erros, por sua falta de cuidado, sua imprevidência ou sua ambição, e por não quererem se contentar com o que lhes destes! Estes são os provocadores de seu próprio infortúnio e não têm o direito de se lamentar, porque são penalizados naquilo em que erraram. Mas a estes mesmos, não abandonais, porque sois infinitamente misericordioso. Vós lhes estendeis mão segura desde que, como o filho pródigo, retornem sinceramente a Vós.

Antes de nos lamentarmos do nosso azar, perguntemo-nos se ele não é causado por nós. A cada infelicidade que nos chegue, perguntemo-nos se não dependeu de nós evitá-la. Mas digamos também que Deus nos deu a inteligência para nos tirar do lamaçal, e que depende de nós dela fazer uso.

Uma vez que a lei do trabalho é a condição do humano na Terra, deu-nos a coragem e a força para cumpri-la. Deu-nos também a prudência, a previdência e a moderação, a fim de não perder-lhe o fruto, basta-nos desenvolver, em nós mesmos, essas qualidades.

Deu-nos, Senhor, nosso pão de cada dia, quer dizer, os meios de adquirir, pelo trabalho e inteligência, as coisas necessárias à vida física, porque ninguém tem o direito de reclamar o supérfluo. Se o trabalho nos é impossível, por razões físicas ou mentais, nos confiamos à Vossa divina providência.

Se está em Vossos desígnios nos experimentar pelas mais duras privações, independente dos nossos esforços, nós as aceitaremos como uma justa expiação de erros que tenhamos cometido nesta encarnação, ou numa encarnação anterior, porque sois justo. Sabemos que não há penalizações imerecidas, e que não penalizais jamais sem causa justa.

Nos esforçaremos, ó meu Deus, de conceber a inveja contra aqueles que possuem o que não temos, nem mesmo contra aqueles que têm o supérfluo, quando nos falta o necessário. Iluminai-lhes, se olvidam a lei de caridade e de amor ao próximo, que lhes ensinasses.

Procurarei afastar, também, com Sua misericórdia, o pensamento de negar a Vossa justiça, vendo a prosperidade do errado e a infelicidade que oprime, por vezes, o humano correto. Sabemos, agora, graças às novas luzes que Vos aprouve dar-nos, que a Vossa justiça se cumpre sempre e não falta a ninguém. Que a prosperidade material do errado é efêmera como a sua existência corporal física, e que terá aflitivos reveses, ao passo que a alegria reservada, àquele que aceita com resignação a sua penalização, será eterna.

V. Perdoai as nossas dívidas como nós perdoamos àqueles que nos devem. Perdoai as nossas ofensas, como perdoamos àqueles que nos ofenderam.

Cada uma das nossas desobediências às Vossas leis, Senhor, é uma dívida contraída que nos será preciso, cedo ou tarde, pagar. Para elas solicitamos a Lei de Vossa infinita misericórdia, sob a promessa de fazer esforços para não contrair dívidas novas.

Fizestes uma lei expressa da caridade. Mas a caridade não consiste somente em assistir o semelhante na necessidade. Consiste também no perdão total das ofensas. Com que direito reclamaríamos a Vossa indulgência, se nós mesmos faltamos com ela em relação àqueles dos quais temos do que nos queixar?

Deu-nos, ó meu Deus, a força para sufocar no Espírito todo ressentimento, todo ódio e todo rancor, só depende dos nossos esforços usá-la. Permite que o desencarne não nos surpreenda com um desejo de vingança no coração. Se está na Vossa Lei nos retirar hoje mesmo deste mundo, esperamos nos apresentar a Vós puros de toda animosidade, a exemplo de Jesus, o Cristo, cujas últimas palavras foram por seus algozes.

As perseguições que os errados nos fazem suportar fazem parte das nossas provas terrestres. Devemos aceitá-las sem murmurar, como todas as outras provas, e não maldizer aqueles que, por seus erros, nos abrem o caminho da felicidade eterna, porque dissestes pela boca de Jesus, o Cristo: “Bem-aventurados aqueles que sofrem pela justiça!”. Bendigamos, pois, a mão que nos fere e nos humilha, porque as contusões do corpo físico fortalecem o Espírito, e seremos levantados pela nossa humildade.

Bendito seja o Vosso nome, Senhor, por nos haverdes ensinado que a nossa sorte não está irremediavelmente fixada depois do desencarne. Que encontraremos em outras existências os meios de resgatar e de reparar os nossos erros passados, de cumprir numa nova vida física o que não pudemos fazer nesta por nosso adiantamento.

Assim se explicam, enfim, todas as irregularidades aparentes da vida física. É a luz lançada sobre nosso passado e nosso futuro, o sinal radioso da Vossa soberana justiça e da Vossa bondade infinita.

VI. Não nos abandoneis à tentação, mas livrai-nos do mal.

Deu-nos, Senhor, a força de resistir às sugestões dos Espíritos em erro que tentarem nos desviar do caminho correto, em nos inspirando errados pensamentos, para suplantá-los é só querer realmente.

Mas nós somos Espíritos imperfeitos, encarnados sobre esta Terra para expiar e nos melhorarmos. O causador inicial do erro somos nós e, os Espíritos em erro, não fazem senão aproveitar nossas tendências para o erro, no qual nos mantemos, por nossa ilusão. Cada imperfeição nossa é uma porta aberta à sua influência, ao passo que eles nada podem, e renunciam a toda tentativa, contra os seres corretos. Tudo o que poderíamos fazer para os afastar é inútil se não lhes opusermos uma vontade inabalável no certo, e uma renúncia absoluta ao erro. É, pois, contra nós mesmos que é preciso dirigir os nossos esforços e então, os Espíritos em erro, se afastarão naturalmente, porque é o erro que os atrai, enquanto que o certo os repele.

Senhor, sustentando-nos em nossa fraqueza. Inspirando-nos, pela voz dos nossos Espíritos guardiães e dos corretos Espíritos, aumenta a nossa vontade de nos corrigir em nossas imperfeições, a fim de não permitir, aos Espíritos em erro, o acesso a nossos Espíritos.

O erro não é Vossa obra, Senhor, porque a fonte de todo o certo não pode nada produzir de errado. Nós mesmos o criamos, desobedecendo às Vossas leis, e pelo errado uso que fazemos da liberdade que nos concedestes. Quando nós humanos obedecermos Vossas leis, o erro desaparecerá da Terra, como já desapareceu dos mundos mais evoluídos.

O erro não é uma imposição para ninguém, e ele só parece irresistível àqueles que a ele se abandonam com satisfação. Se temos a vontade de fazê-lo, podemos ter também a de fazer o certo. Por isso, ó meu Deus, recebemos, sempre, a Vossa assistência e a dos puros Espíritos para resistirmos à tentação do erro.

VII. Assim seja.

Alegre a Vós, Senhor, que os nossos desejos de evolução se cumpram! Mas nos inclinamos dian-

te da Vossa sabedoria infinita. Sobre todas as coisas que não nos é dado compreender, que seja feito segundo a Vossa pura vontade, e não segundo a nossa, porque não quereis senão o nosso bem, e sabeis melhor do que nós o que nos é útil.

Nós Vos dirigimos esta prece, meu Deus, por nós mesmos. Nós Vo-la dirigimos também por todos os Espíritos em jornada de aprendizagem, encarnados ou desencarnados, por nossos amigos e nossos adversários, por todos aqueles que reclamam a nossa assistência, e em particular por

Estamos todos na Vossa misericórdia e na Vossa bênção.

Nota: Pode-se formular aqui o que se agradece a Deus, e o que se pede para si mesmo ou para os outros. (*Ver adiante, as preces n.º 26 e 27*).

ORAÇÃO MODIFICADA (V. N.)

Pai nosso! Criador eterno!

Puro é o Teu nome!

Estamos no Teu reino!

Aprendendo a fazer a Tua vontade, nos mundos material e espiritual!

O pão do nosso aprendizado de cada dia, dá-nos hoje e sempre!

Eternamente nos concede piedosas oportunidades, as mesmas que devemos conceder aos nossos irmãos!

Sempre nos mostra o caminho certo, mas, nos nossos erros, És infinitamente misericordioso!

Assim seja!

REUNIÕES ESPÍRITAS

4. Em qualquer lugar em que se encontrem duas ou três pessoas reunidas em meu nome, aí eu estarei no meio delas. (*Mateus, cap. XVIII, v. 20*).

(Sempre que formos analisar qualquer ação, a sua maior ‘qualidade’ estará no valor espiritual, não devemos nos ater às ‘quantidades’ materiais!)

5. PREFÁCIO. Estar reunidos em nome de Jesus, o Cristo, não quer dizer que basta estar reunidos materialmente, mas de o estar espiritualmente, pela comunhão de intenções e de pensamentos para o certo. Então Jesus, o Cristo, se encontra no meio da assembleia, ele ou os Espíritos corretos que o representam. O Espiritismo nos faz compreender como os Espíritos podem estar entre nós. Eles aí estão com o seu corpo fluídico ou perispiritual, e com a aparência que no-los faria conhecer se se tornassem visíveis. Quanto mais são elevados na hierarquia, maior é o seu poder de irradiação. É assim que possuem o dom da ubiquidade, isto é, podem se achar sobre vários pontos simultaneamente: basta-lhes para isso a vontade do seu pensamento.

Por essas palavras, Jesus, o Cristo, quis mostrar o efeito da união e da fraternidade. Não é o maior ou o menor número que os atrai, uma vez que, em lugar de duas ou três pessoas, ele poderia ter dito dez ou vinte, mas o sentimento de caridade que as anime, umas em relação às outras. Ora, para isso bastam duas. Mas, se essas duas pessoas oram cada uma do seu lado, mesmo que se dirijam a Jesus, o Cristo, não há entre elas comunhão de pensamentos, se, sobretudo, não estão movidas por um sentimento de benevolência mútua. Se elas mesmas se veem erroneamente, com ódio, inveja ou ciúme, as correntes fluídicas dos seus pensamentos se repelem, em lugar de se unirem por um comum impulso de simpatia, e então elas não estão reunidas em nome de Jesus, o Cristo. Jesus, o Cristo, não é senão o pretexto da reunião, e não o verdadeiro motivo.

Isso não implica que ele esteja surdo à voz de uma pessoa só. Se ele nos disse: “Eu virei para todo aquele que me chamar”, é porque exige, antes de tudo, o amor ao próximo, do qual se pode dar mais provas quando se está acompanhado do que no isolamento, e porque todo sentimento pessoal o afasta. Segue-se que, numa assembleia numerosa, duas ou três pessoas se unam de coração pelo sentimento de uma verdadeira caridade, enquanto que as outras se isolam e se concentram nas ideias egoísticas ou mundanas, ele estará com as primeiras e não com as outras. Não é, pois, a simultaneidade das palavras, dos cânticos ou dos atos exteriores que constituem a reunião em nome de Jesus, o Cristo, mas a comunhão de pensamentos, conforme o Espírito de caridade

personificado em Jesus, o Cristo.

Tal deve ser o caráter das reuniões Espíritas sérias, daquelas em que se quer sinceramente o concurso dos corretos Espíritos.

(Ah! Não! Aquela pessoa chata está nessa reunião, de novo! Este não é um exemplo típico da nossa fraternidade!...)

6. PRECE. (No início da reunião). Agradecemos ao Senhor Deus todo poderoso por nos enviar corretos Espíritos para nos instruir e àqueles que poderiam nos induzir em erro, e para que, através da aplicação dessa instrução, consigamos a luz necessária a fim de distinguirmos a verdade da impostura.

Que as instruções deles iluminem também os Espíritos perturbados, encarnados ou desencarnados, que poderiam tentar lançar a desunião entre nós, e nos desviar do aprendizado da caridade e do amor ao próximo. Se alguns procurarem se introduzir aqui, que não encontrem acesso no coração de nenhum de nós, mas que sejam também atingidos pelas suas instruções luminosas.

Corretos Espíritos, que vos dignai virem nos instruir, esperamos ser dóceis aos vossos conselhos. Afastamo-nos, ao máximo, do pensamento de egoísmo, de orgulho, de inveja e de ciúme. Inspiramo-nos à indulgência e à benevolência para com os nossos semelhantes presentes ou ausentes, amigos ou adversários. Fazemos, enfim que, em nossos sentimentos, dos quais estaremos animados, reconheçamos a vossa salutar influência.

Esperamos que os médiuns, encarregados de nos transmitir os vossos ensinamentos, estejam conscientes da pureza do mandato que lhes está confiado e da gravidade do ato que vão realizar, a fim de que nele empreguem o fervor e o recolhimento necessários.

Se, na assembleia, se encontrarem pessoas que foram atraídas por outros sentimentos que não os do certo, que seus olhos se abram à luz, nós rogamos que os perdoem, como nós lhes perdoamos, se vieram com intenções errôneas.

Rogamos notadamente ao Espírito que é nosso guia espiritual, para continuarem nos instruindo e velando sobre nós.

(Os irmãos espirituais sempre nos dão, e de forma repetitiva, corretas e maravilhosas instruções. Por que será que ‘ainda’ não resolvemos segui-las?)

7. (No final da reunião). Agradecemos aos corretos Espíritos que quiseram vir se comunicar conosco. Nós lhes rogamos nos lembrar de pôr em prática as instruções que nos deram, e fazer com que, saindo daqui, cada um de nós se sinta incentivado à prática do certo e do amor ao próximo. Desejamos, igualmente, que essas instruções sejam proveitosas para os Espíritos perturbados que puderam assistir a esta reunião, e para os quais vibramos na misericórdia da Lei de Deus.

(Será que na próxima reunião já poderemos dizer aos irmãos: daquelas instruções dadas, já demos o ‘primeiro’ passo...)

PELOS MÉDIUNS

8. Nos últimos tempos, disse o Senhor, derramarei do meu Espírito sobre toda carne. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e vossos velhos, sonhos. Naqueles dias, derramarei de meu Espírito sobre meus servos e sobre minhas servas, e eles profetizarão. (*Atos, cap. II, v. 17 e 18*).

(Quando não ‘sentimos’ nada; é porque não somos ‘servos’ ou ‘servas’ do Senhor? Quando estudamos a Doutrina dos Espíritos não devemos ter essa dúvida!)

9. PREFÁCIO. O Senhor quis que a luz se fizesse para todos os humanos e penetrasse por toda parte pela voz dos Espíritos, a fim de que cada um pudesse obter a prova da imortalidade. É com essa finalidade que os Espíritos se manifestam hoje sobre todos os pontos da Terra, e a mediunidade que se revela nas pessoas de todas as idades e de todas as condições, entre os homens e as mulheres, entre as crianças e os velhos, é um dos sinais do cumprimento dos tempos preditos.

Para conhecer as coisas do mundo visível, e descobrir os segredos da natureza material, Deus deu ao humano a visão do corpo físico, os sentidos e instrumentos especiais. Com o telescópio, ele mergulha seus olhares nas profundezas do espaço, e com o microscópio, descobriu o mundo dos infinitamente pequenos. Para penetrar no mundo invisível deu-lhe a mediunidade.

Os médiuns são os intérpretes encarregados de transmitir, aos humanos, os ensinamentos dos Espíritos, ou melhor, são os órgãos materiais pelos quais se exprimem os Espíritos para se tornarem inteligíveis aos humanos. Sua missão é pura, porque tem por finalidade abrir os horizontes da vida eterna. Os Espíritos vêm instruir o humano sobre a sua destinação futura, a fim de o conduzir no caminho correto, e não para lhe poupar o trabalho material que deve realizar neste mundo para seu adiantamento, nem para favorecer a sua ambição e sua cupidez. Eis do que os médiuns devem se compenetrar bem, para não fazerem errado uso de suas faculdades. Aquele que compreende a gravidade do mandato de que está investido, cumpre-o religiosamente. Sua consciência lhe reprovava, como um ato sacrílego, fazer um divertimento e uma distração, para si ou para os outros, de uma faculdade dada com objetivo tão sério, e que o coloca em intercâmbio com os seres do mundo espiritual.

Como intérpretes do ensinamento dos Espíritos, os médiuns devem desempenhar um papel importante na transformação moral que se opera. Os serviços que podem prestar estão em razão da correta direção que deem à sua faculdade, porque os que estão num errado caminho são mais prejudiciais do que úteis à causa do Espiritismo. Pelas erradas impressões que produzem, retardam mais de uma conversão. Por isso, lhes serão pedidas contas do uso que terão feito de uma faculdade que lhes foi dada para a instrução e a correção de seus semelhantes.

O médium que quer conservar a assistência dos corretos Espíritos deve trabalhar pelo próprio adiantamento. O que quer ver crescer e desenvolver a sua faculdade deve, ele próprio, crescer moralmente, e se abster de tudo o que possa desviá-lo de seu objetivo principal.

Se os corretos Espíritos se servem por vezes de instrumentos imperfeitos, é para dar corretos conselhos e instruções para os conduzir ao certo. Mas se encontram corações endurecidos, e se seus avisos não são escutados, eles se retiram, e os amorais têm, então, o campo livre.

A experiência prova que, entre aqueles que não sabem aproveitar os conselhos que recebem dos corretos Espíritos, as comunicações, após terem brilhado durante certo tempo, degeneram, pouco a pouco, e acabam por cair no erro, na verbosidade ou no ridículo, sinal incontestável do afastamento dos corretos Espíritos.

Obter a assistência dos corretos Espíritos, instruir e confortar os Espíritos perturbados, tal deve ser o objetivo dos esforços constantes de todos os médiuns sérios. Sem isso a mediunidade é uma faculdade estéril, que pode mesmo reverter em prejuízo daquele que a possui, porque pode degenerar em obsessão perigosa.

O médium que compreende seu dever, em lugar de se envaidecer de um trabalho que não lhe pertence, uma vez que pode lhe ser tirado, atribui à Lei de Deus os trabalhos corretos que obtém. Se suas comunicações merecem elogios, disso não se envaidece, porque sabe que elas são independentes do seu mérito pessoal, e agradece à Lei de Deus por haver permitido que corretos Espíritos viessem se manifestar por ele. Caso deem lugar à crítica, não se ofende com isso, porque não são trabalhos da sua autoria. Diz a si mesmo que não foi um bom instrumento, e que não possui todas as qualidades necessárias para barrar a intromissão dos Espíritos perturbados. Por isso, procura adquirir essas qualidades, e pede, pela prece, a instrução que lhe falta.

(O estudo doutrinário, por incluir O Livro dos Médiuns, instrui devidamente o humano quanto às suas obrigações espirituais, seja para consigo ou para com os irmãos, encarnados e desencarnados.)

10. PRECE. Deus todo poderoso, permitiste que corretos Espíritos me assistissem na comunicação que solicito. Preservar-me-ei da presunção de crer-me ao abrigo dos Espíritos perturbados, do orgulho e de todo sentimento contrário à caridade. Devo respeitar aos outros médiuns, pois sei que poderia me enganar sobre o valor do trabalho que obtenho. Se estou induzido ao erro, inspirai a alguém o pensamento de me advertir e, espero, com humildade aceitar a crítica e reconhecê-la. Tomando para mim mesmo, e não para os outros, os conselhos que quererão me ditar os corretos Espíritos.

Caso esteja tentado em abusar do que quer que seja, ou de me envaidecer do trabalho que Vos

aprouve me conceder, eu Vos peço mo retirar, antes de permitir que seja desviado de seu fim principal, que é a correção de todos, e de meu próprio adiantamento moral.

II - PRECES PARA SI MESMO

AOS ESPÍRITOS GUARDIÃES E AOS ESPÍRITOS PROTETORES

11. **PREFÁCIO.** Todos nós temos um correto Espírito que se ligou a nós desde antes do nosso nascimento na carne, e nos tomou sob a sua proteção. Cumpre junto de nós a missão de um pai junto ao filho: a de nos conduzir no caminho correto e do progresso através das provas da vida física. Ele é feliz quando correspondemos à sua solicitude e se aflige quando nos vê sucumbir. Seu nome nos importa pouco, porque pode não ter nome conhecido na Terra e por nós. Nós o evocamos, então, como nosso Espírito guardião, nosso correto amigo. Podemos mesmo invocá-lo sob o nome de um Espírito correto qualquer, pelo qual sentimos, mais particularmente, simpatia.

Além do nosso Espírito guardião, que é sempre um Espírito correto, temos Espíritos protetores que, por serem menos elevados, não são menos corretos e benevolentes. São ou parentes, ou amigos, ou algumas vezes pessoas que não conhecemos em nossa encarnação atual. Eles nos assistem com seus conselhos, e frequentemente pela intuição, nos atos da nossa vida. Os Espíritos simpáticos são aqueles que se ligam a nós por uma certa semelhança de gostos e tendências: podem ser certos ou errados, segundo a natureza das inclinações que os atraem para nós. Os Espíritos perturbados, se esforçam por nos desviar do caminho correto, nos sugerindo errados pensamentos. Aproveitam de todas as nossas fraquezas como de tantas portas abertas que lhes dão acesso ao Espírito encarnado. Há os que se lutam contra nós como se fôssemos uma presa, mas se afastam quando reconhecem não poderem lutar contra a nossa forte e correta vontade. Deus nos deu um guia principal e superior em nosso Espírito guardião, e guias secundários em nossos Espíritos protetores e familiares. Mas é um erro crer que temos forçosamente um Espírito em erro colocado perto de nós para contrabalançar as corretas influências. Os Espíritos perturbados, vêm voluntariamente segundo encontrem acesso sobre a nossa fraqueza ou nossa negligência em seguir as inspirações dos corretos Espíritos. Portanto, somos nós quem os atraímos. Disso resulta que ninguém está jamais privado da assistência dos corretos Espíritos, e que depende de nós afastar os errados. Por suas imperfeições, o humano sendo o causador inicial das aflições que suporta é, o mais frequentemente, seu próprio errôneo Espírito.

A prece aos Espíritos guardiães e aos Espíritos protetores deve ter por finalidade solicitar sua intervenção pela Lei de Deus, de lhes pedir o apoio para resistir às errôneas sugestões, e as suas instruções nas nossas necessidades da vida física.

(Toda essa beleza com que Deus nos provê, nunca deve ser transformada em ‘muleta’ para resolver os ‘nossos’ problemas. Podemos pedir ‘instruções’, mas nunca ‘ações’, para a solução dos nossos problemas...)

12. **PRECE.** Espíritos corretos. Sábios e benevolentes, mensageiros da Lei de Deus, cuja missão é assistir os humanos e instruí-los ao correto caminho, instruí-me nas provas desta vida física. Dai-me a intuição de como suportá-las sem murmurar e de desviar de mim os errados pensamentos. Esclarecei-me de modo que eu não dê acesso a nenhum dos Espíritos errados que tentarem me induzir ao erro. Esclarecei minha consciência sobre meus erros, e lançai luz sobre meus olhos, para iluminar o véu do orgulho que poderia impedir-me de perceber os erros e de confessá-los a mim mesmo. Vós, sobretudo, meu Espírito guardião, que velais mais particularmente por mim, e vós todos Espíritos protetores que vos interessais por mim, fazei com que me torne digno da vossa benevolência. Conheceis as minhas necessidades, que elas sejam satisfeitas segundo a Lei de Deus.

(Eles nos instruem em ‘tudo’, mas nós fazemos o que eles instruem? Por quantas vezes o professor é obrigado a ‘repetir’ as instruções? Tentemos ser bons aprendizes, façamos, nem que seja um ‘pouquinho’!)

13. (Outra). Meus Deus, pela Tua Lei permitiu aos corretos Espíritos que me cercam, virem em

minha ajuda quando eu estiver em dificuldade, e me apoiarem se vacilar. Agradeço, Senhor, por eles me inspirarem a fé, a esperança e a caridade, e que sejam para mim um apoio, uma esperança e uma prova da Vossa misericórdia. Fez, enfim, que eu encontre junto deles a força que me falta nas provas da vida física, e, para resistir às sugestões erradas, a fé que salva e o amor que consola.

(Belas ‘palavras’ nessa oração, mas vamos ficar somente nas ‘palavras’ dos irmãos, ou nós devemos praticar as ‘ações’ contidas nas instruções? Será que achamos que os irmãos farão as ‘ações’ por nós?)

14. (Outra). Espíritos bem amados, Espíritos guardiães, vós a quem Deus, em sua infinita misericórdia, permite olhar pelos humanos, sendo meus protetores nas provas da minha vida terrestre. Intuí-me a força, a coragem e a resignação. Inspirai-me tudo o que é certo e detende-me na inclinação do erro. Que vossa doce influência me penetre espiritualmente: fazei com que eu sinta que um amigo devotado está perto de mim, que vê meus tormentos e partilha minhas alegrias. E vós, meu correto Espírito guardião, espero não aborrecê-lo, pois tenho necessidade de toda a vossa proteção para suportar com fé e amor as provas que aprouver à Lei de Deus me enviar.

(Plagiando o: “amigos amigos, negócios à parte”, poderíamos dizer, e com todo valor espiritual: “irmãos irmãos, livre-arbítrio à parte”. Uns instruem, outro faz!)

PARA AFASTAR OS ESPÍRITOS EM ERRO.

15. Ai de vós, Escribas e Fariseus hipócritas, porque limpais o exterior do copo e do prato, e estais por dentro cheios de rapina e de impurezas. Fariseus cegos, limpai primeiramente o interior do copo e do prato, a fim de que o exterior também esteja limpo. Ai de vós, Escribas e Fariseus hipócritas! Porque sois semelhantes a sepulcros caiados, que por fora parecem belos aos olhos dos humanos, mas que, por dentro, estão cheios de toda sorte de podridão. Assim, por fora, pareceis justos aos olhos dos humanos, mas, por dentro, estais cheios de hipocrisia e de iniquidades. *(Mateus, cap. XXIII, v. 25 a 28).*

(É proibido fumar... É proibido comer carne... É obrigatório o passe de limpeza... No Evangelho público não entra depois das oito... O que mais vamos ‘caiar’?)

16. PREFÁCIO. Os Espíritos perturbados, só vão onde acham com o que satisfazerem a sua amoralidade. Para afastá-los, não basta pedir-lhes e nem mesmo ordenar: é preciso tirar de si o que os atrai. Os Espíritos em erro farejam as chagas do Espírito, como as moscas farejam as chagas do corpo físico. Do mesmo modo que limpais o corpo físico para evitar a bicheira, limpai também o Espírito de suas impurezas para evitar os Espíritos perturbados. Como vivemos num mundo onde, também, vivem os Espíritos perturbados, as corretas qualidades do coração não nos colocam livres de suas tentativas, mas dão a força de lhes resistir.

(A consciência das razões de estarmos encarnando num mundo de resgates e expiações é o primeiro passo em direção ao correto caminhar evolutivo espiritual. Por que será que esses irmãos perturbados ficam ‘colados’ em mim?)

17. PRECE. Em nome de Deus todo poderoso, rogo que os Espíritos perturbados se afastem de mim, e que os corretos me intuem a forma de me proteger deles!

Espíritos perturbados, que inspirais aos humanos errados pensamentos. Espíritos trapaceiros e mentirosos, que nos enganais. Espíritos zombeteiros, que vos divertis com a nossa credulidade, eu vos repilo com todas as minhas forças espirituais e fecho o ouvido às vossas sugestões. Mas vibro para vós a misericórdia da Lei de Deus.

Corretos Espíritos, que vos dignais me assistir, intuí-me a desenvolver a força de resistir à influência dos Espíritos perturbados, e as luzes necessárias para não ser vítima de seus embustes. Graças a vocês preservo-me do orgulho e da presunção. Afasto do meu coração o ciúme, o ódio, a malevolência e todo sentimento contrário à caridade, que são tantas outras portas abertas ao Espírito perturbado.

(Comparei esses dizeres com as palavras do Mestre para a ‘Legião’ e cheguei a uma conclusão: quem somos nós para ‘cadastrar’ aos irmãos desencarnados? Vamos estudar para fazer corretamente!)

PARA PEDIR A CORREÇÃO DE UM ERRO

18. **PREFÁCIO.** Nossos errados instintos são o resultado da imperfeição do próprio Espírito, e não do nosso corpo físico, de outra forma o humano escaparia de toda espécie de responsabilidade. Nossa evolução depende de nós, porque todo humano que tem o gozo de suas faculdades, para todas as coisas, tem a liberdade de fazer ou não fazer. Não lhe falta, para fazer o certo, senão a vontade.

(O uso pleno e de modo correto do livre-arbítrio, depende do conhecimento moralizado. Esse é obtido pelo estudo continuado, não fanatizado, meditado e com a prática das ações já possíveis, da Doutrina dos Espíritos.)

19. **PRECE.** Vós me destes, ó meu Deus, a inteligência necessária para distinguir o que é certo do que é errado. Ora, do momento em que eu reconheço que uma coisa é errada, estou errando por não me esforçar em resistir a ela.

Preservo-me do orgulho, que poderia me impedir de aperceber-me dos meus erros, e dos Espíritos perturbados, que poderiam me excitar a neles perseverar.

Entre minhas imperfeições, reconheço que sou particularmente inclinado à e se não resisto a esse arrastamento é pela fraqueza que tenho de a ele ceder.

Não me criastes errado, porque Sois justo, mas com uma aptidão igual para o certo e para o errado. Se sigo o caminho errado, é por efeito do meu livre-arbítrio. Mas, pela mesma razão que tenho a liberdade de fazer o errado, tenho a de fazer o certo e, por esta razão, tenho a de mudar de caminho quando for errado.

Meus defeitos atuais são um resultado das imperfeições que conservei das minhas anteriores encarnações. É o meu erro instintivo, do qual posso me livrar com esforço de minha vontade e com a assistência dos corretos Espíritos.

Corretos Espíritos que me protegeis, e sobretudo vós, meu Espírito guardião, intuí-me a força do conhecimento para resistir às erradas sugestões e de sair vitorioso da luta.

Os erros são os caminhos que nos desviam da Lei de Deus, e cada erro superado será um passo dado na senda da evolução, que dela há de nos aproximar.

O Senhor, em sua infinita misericórdia, houve por Sua Lei conceder-me a existência atual, para que sirva ao meu adiantamento. Corretos Espíritos, ensinai-me a aproveitá-la, a fim de que não se torne perdida para mim, e que, quando à Lei de Deus aprouver ma retirar, eu dela saia melhor do que entrei.

(Ensinar os irmãos fazem a todo o momento, nós é que não seguimos esses ensinamentos. Seguir o caminho correto é função única e exclusiva de cada um, pelos seus esforços e dedicação às premissas da Lei de Deus!)

PARA PEDIR A FORÇA DE RESISTIR A UM DESEJO ERRADO

20. **PREFÁCIO.** Todo errôneo pensamento pode ter duas fontes: a própria imperfeição do Espírito, ou uma errada influência que age sobre ele. Neste último caso, é sempre o indício de nossa fraqueza e que nos torna propensos a receber essa influência de um Espírito perturbado. De tal sorte que, aquele que errou, não pode invocar, para se desculpar, a influência de um Espírito estranho, uma vez que esse Espírito não o teria levado ao erro se o considerasse inacessível à sedução.

Quando um errado pensamento surge em nós, podemos, pois, pensar num Espírito perturbado, nos solicitando ao erro, e ao qual estamos inteiramente livres para aceitar ou resistir, como se se tratasse das solicitações de uma pessoa viva. Devemos, ao mesmo tempo, imaginar o nosso Espírito guardião, ou Espírito protetor, que, de sua parte, aconselhando-nos a sair da errônea influência, e espera com ansiedade a decisão que vamos tomar. Nossa dúvida em fazer o erro é a voz do correto Espírito que se faz ouvir pela consciência.

Reconhece-se que um pensamento é errado, quando ele se afasta da caridade, que é a base de toda a verdadeira moral, quando tem por princípio o orgulho, a vaidade ou o egoísmo e quando sua realização pode causar um prejuízo qualquer aos outros, quando, enfim, nos solicita a fazer aos outros o que não gostaríamos que nos fosse feito.

(É, nós sabemos o que é bom e o que é mau, mas ‘gostamos’ da comodidade e nos conformamos com a ‘vidinha’ de reclamações que vivemos; isso é livre-arbítrio! Porém há a lei de causa e efeito...)

21. PRECE. Deus todo poderoso, por Sua Lei ensina-me a não aceitar ao errado desejo em que eu possa cair e me perturbar. Espíritos benevolentes, que me protegeis, sei que me ajudam a me desviar dos errados pensamentos, e dão-me a força de resistir à sugestão do erro. Se eu cair, terei merecido a expiação de minha falta nesta ou em outra vida física, porque sou livre para escolher.

(Reconhecer que ‘todo’ ensino necessário ao nosso evolutivo espiritual já foi, e está sendo, dado há milênios, mas nós decidimos ‘quando’ iremos segui-los. Ficar reclamando de não saber coisas que sabemos é dar uma de ‘migué’! Vamos assumir as nossas verdades e veremos que as coisas fluirão mais suaves...)

ACÇÃO DE AGRADECIMENTO PELA VITÓRIA OBTIDA SOBRE UM DESEJO ERRADO.

22. PREFÁCIO. Aquele que resistiu a uma tentação, deve-o à assistência dos corretos Espíritos, dos quais escutou a voz. Deve agradecer à Lei de Deus e ao seu Espírito guardião.

(Sim! Principalmente por eles terem que ‘gritar’ para nós os ouvirmos...)

23. PRECE. Eu agradeço à Lei de Deus e aos corretos Espíritos por terem me ajudado a sair vitorioso da luta que venho de sustentar contra o erro. Espero que essa vitória me dê a força de resistir a novas tentações.

E vós, meu Espírito guardião, eu vos agradeço pela assistência que me destes. Possa minha submissão aos vossos conselhos reconhecer sempre a vossa proteção.

(Tomemos cuidado para não julgarmos que os irmãos espirituais, que nos guardam, sejam tão ‘errados’ como nós!)

PARA PEDIR UM CONSELHO.

24. PREFÁCIO. Quando estamos indecisos em fazer, ou não fazer uma coisa, devemos, antes de tudo, nos colocar as seguintes questões:

1.o - A coisa que hesito em fazer pode causar um prejuízo qualquer a outra pessoa?

2.o - Ela pode ser útil a alguém?

3.o - Se alguém a fizesse a mim, eu ficaria satisfeito?

Se a coisa não interessa senão a si, é permitido balancear a soma das vantagens e dos inconvenientes pessoais que podem dela resultar.

Se ela interessa a outros, e fazendo o certo a um possa fazer o errado a outro, é preciso, igualmente, pesar a soma do certo e do errado, para saber se deve fazer ou não fazer.

Enfim, mesmo para as melhores coisas, é preciso ainda considerar a oportunidade e as circunstâncias ocasionais, porque uma coisa certa em si mesma pode ter errados resultados em mãos impróprias, se não é conduzida com prudência e seriedade. Antes de fazê-la, convém consultar as próprias forças e os meios de execução.

Em todos os casos, pode-se sempre solicitar a assistência dos Espíritos protetores, lembrando-se deste sábio ensinamento: Na dúvida, abstem-te, não faça!

(Mas eu não tenho dúvidas; sempre faço! É claro que muitas coisas dão erradas, me aborrecem, mas é que os ‘outros’ não entendem que eu tive boa intenção... A precipitação é amiga íntima do orgulho e do egoísmo! Portanto, cuidado!)

25. PRECE. Rogo, pela Lei de Deus, aos corretos Espíritos que me protegem, para inspirarem-me à melhor resolução a tomar na dúvida em que estou. Instruí meu pensamento para o certo, e desviei a influência daqueles que tentarem me desencaminhar do rumo correto.

(Caso os irmãos pudessem falar, será que não diriam: Nós instruímos a você a todo o momento, mas você não nos quer ouvir...)

NAS AFLIÇÕES DA VIDA ENCARNADA.

26. PREFÁCIO. Podemos pedir à Lei de Deus favores materiais, e ela pode no-los conceder, quando têm uma finalidade útil e séria. Mas, como julgamos a utilidade das coisas pelo nosso ponto de vista, e nossa visão é limitada ao presente, nem sempre vemos o lado errado daquilo que desejamos. A Lei de Deus, que vê melhor do que nós, e não quer senão o nosso bem, pode, pois, nos recusar, como um pai recusa a seu filho o que poderia prejudicá-lo. Se o que pedimos não nos é concedido, nisso não devemos conceber nenhum desencorajamento. É preciso pensar, ao contrário, que a privação do que desejamos, nos é colocada como prova ou expiação, e que a nossa recompensa será proporcional à resignação com a qual a tivermos suportado.

(Puxa! Com esse prêmio eu só queria ajudar muita gente... Isso lembra alguma coisa nossa? Mas é claro que, o primeiro a ser ajudado seria...)

27. PRECE. Peço à Lei de Deus e aos Espíritos corretos, que veem as nossas aflições, dignai-vos escutar o pedido que vos dirijo neste momento. Se o meu pedido for inconveniente, esquecei-o; se for justo e útil aos vossos olhos, que os corretos Espíritos, que executam a Lei de Deus, possam vir em minha ajuda para o seu cumprimento.

O que quer que me aconteça, que a vontade da Lei de Deus seja feita. Se meus desejos não são atendidos, é porque não é correto nos desígnios da Lei de Deus e experimentando-me, eu aceito sem murmurar. Com isto, que eu não entendo como desencorajamento, e que, nem minha fé e nem minha resignação, serão abaladas. (Formular o pedido).

(O principal é ‘entender’ as razões de não se conseguir, ou se perder, aquele objeto do desejo.)

AÇÃO DE AGRADECIMENTO POR UM FAVOR OBTIDO.

28. PREFÁCIO. Não é preciso considerar apenas como acontecimentos felizes as coisas de grande importância. As menores em aparência são, frequentemente, as que influem mais sobre o nosso destino. O humano esquece facilmente o certo, e se lembra sempre daquilo que o aflige. Se registrássemos, dia a dia, os benefícios dos quais somos objeto, sem os ter pedido, ficaríamos frequentemente espantados de ter recebido tantos, que se apagaram da nossa memória, e humilhados com a nossa ingratidão.

Cada noite, elevando o Espírito à Lei de Deus, devemos lembrar-nos dos favores que ela nos concedeu, durante o dia, e agradecer-lhos. É, sobretudo, no próprio momento em que experimentamos os efeitos da sua ação que, por um movimento espontâneo, devemos lhe testemunhar a nossa gratidão: basta, para isso, um pensamento que lhe atribua o benefício, sem que seja necessário desviar-se do trabalho.

Os benefícios da Lei de Deus não consistem somente nas coisas materiais. É preciso igualmente agradecer-lhe as corretas ideias, as inspirações felizes que nos são sugeridas. Enquanto o orgulhoso acha nelas um mérito, o incrédulo as atribui ao acaso, aquele que tem fé rende graças a Deus e aos corretos Espíritos. Por isso, as longas frases são inúteis: “Obrigado, à Lei de Deus, pelo correto pensamento que me inspirou”, diz mais do que muitas palavras. O impulso espontâneo que nos faz atribuir à Lei de Deus o que nos chega de correto, testemunha um hábito de reconhecimento e de humildade que nos atrai a simpatia dos corretos Espíritos.

(Muito bom! Mas será que conheço a Lei de Deus?)

29. PRECE. Deus infinitamente bom, és bendito pelos benefícios que me concedestes. Deles seria indigno se os atribuísse ao acaso dos acontecimentos ou ao meu próprio mérito. Corretos Espíritos, que fostes executores das vontades da Lei de Deus, e vós, sobretudo, meu Espírito guardião, eu vos agradeço. Desvio de mim o pensamento de nele conceber o orgulho, e de-les fazer um uso que não fosse para o certo. Eu vos agradeço, principalmente por

(O autoconhecimento, propiciado pelo estudo da Doutrina dos Espíritos, nos permite saber qual é a nossa parte dos trabalhos e a parte ‘auxiliadora’ dos irmãos. Nunca acreditar que ‘tudo’ é por mérito deles, pois isto seria a nulificação do valor individual daqueles que estão destinados, pelo Criador, à participar da construção divina...)

ATO DE SUBMISSÃO E DE RESIGNAÇÃO.

30. PREFÁCIO. Quando um motivo de aflição nos atinge, se lhe procuramos a causa, acharemos, quase sempre, que é a consequência de nossa imprudência, de nossa imprevidência ou de um fato anterior, nesse caso, não devemos atribuí-lo senão a nós mesmos. Se a causa de uma infelicidade é independente de toda participação que seja nossa, é ela uma prova para esta vida física, ou a expiação de uma existência passada, e, neste último caso, a natureza da expiação pode nos fazer conhecer a natureza do erro, porque sempre, corretamente, pagamos naquilo em que erramos.

No que nos aflige, não vemos, quase sempre, senão o erro presente, e não as consequências posteriores benéficas que isso pode ter. O certo, frequentemente, é a consequência de um erro passageiro, como a cura de uma doença é o resultado dos meios dolorosos que se empregam para obtê-la. Em todos os casos, devemos nos submeter à vontade da Lei de Deus, suportar com coragem as aflições da vida física, se queremos que nos sejam tidas em conta, e que estas palavras de Jesus, o Cristo, nos sejam aplicadas: Bem-aventurados aqueles que sofrem.

(Existe uma larga diferença entre o bem sofrer e o mal sofrer. A primeira é dos que já conseguiram o conhecimento moralizado, a segunda é daqueles de fé cega!)

31. PRECE. Meu Deus, Sois soberanamente justo. Todo tormento neste mundo deve ter, pois, sua causa e sua utilidade. Aceito o motivo de aflição, que venho de experimentar, como uma expiação dos meus erros passados ou uma prova para o futuro.

Corretos Espíritos que me protegeis, inspirai-me a força de suportá-lo sem lamentação. Intui-me para que eu a veja como uma advertência salutar. Que ela aumente a minha experiência para eu poder combater em mim o orgulho, a ambição, a tola vaidade e o egoísmo, e que ela contribua, assim, para o meu adiantamento.

(Saber as possíveis razões das nossas ‘dores’ é possuir o conhecimento moralizado, com ele a possível intranquilidade é difícil de ser instalada...)

32. (Outra). Eu sinto, meu Deus, a necessidade de rogar à Sua Lei intuir-me a força para suportar as provas que Vossa Lei aprovou me enviar. Para o meu aprendizado, que a luz se faça bastante viva no Espírito, para que eu aprecie toda a extensão de um amor que me aflige por querer me elevar. Eu me submeto com resignação, ó meu Deus. Mas, ai de mim! A criatura é tão fraca que, se Vossa Lei não me sustentar, temo falhar. Sei que nunca me abandonas, Senhor, porque sem Vós não sou nada.

(Típico nosso! Choramos e reclamamos por qualquer ‘dodózinho’! Somos ‘mártires’ de boca... A dor aflitiva existe e não a conseguimos tirar sem ‘pagar’ a conta, mas será que sabemos qual é a dívida? Estudar faz muito, mas muito bem!)

33. (Outra). Abri meu olhar para ti, ó Eterno, e me senti fortalecido. Tu és a minha força, não te abandonarei. Ó Deus! Estou esmagado sob o peso das minhas iniquidades! Sei que me ajudas. Tu conheces a fraqueza de minha carne, e nunca desvias Teu olhar de sobre mim!

Estou devorado por uma sede ardente, És a fonte de água viva, e me dessedentarei. Que a minha boca não se abra senão para cantar-Te louvores, e nunca para murmurar nas aflições da minha vida física. Sou fraco, Senhor, mas o Teu amor me sustentará.

Ó Eterno, só Tu és grande, só Tu és o fim e o objetivo da minha vida! Teu nome é bendito, se Tua Lei me aflige, porque és o Senhor e eu o servidor infiel, curvarei minha fronte sem me lamentar, porque Tu és grande, só Tu és a meta.

(A dúvida é o primeiro indicativo do desconhecimento, aquele que conhece não tem qualquer dúvida!)

NUM PERIGO IMINENTE.

34. **PREFÁCIO.** Pelos perigos que corremos, a Lei de Deus nos lembra a nossa fraqueza e a fragilidade da nossa existência. Ela nos mostra que a nossa vida física está em suas normas, e que a sustenta por um fio que pode se partir no momento em que nós menos esperamos. Sob esse aspecto, não há privilégio para ninguém, porque o grande e o pequeno estão submetidos às mesmas alternativas.

Se se examinar a natureza e as consequências do perigo, ver-se-á que, o mais frequentemente, essas consequências, se houvessem ocorrido, teriam sido a penalização de um erro cometido, ou de um dever negligenciado.

35. **PRECE.** Deus todo poderoso, e vós meu Espírito guardião, ensinem-me! Se devo desencarnar, que a Lei de Deus seja feita. Se eu continuar encarnado, que no resto da minha vida física repare os erros que fiz e dos quais me arrependo.

(Existem os perigos físicos e os espirituais. Qual deles é o mais delicado para nós? Os perigos físicos por nós quando percebidos devemos agradecer, e os perigos espirituais que não percebemos, como é que ficam?)

AÇÃO DE AGRADECIMENTO DEPOIS DE TER ESCAPADO DE UM PERIGO.

36. **PREFÁCIO.** Pelos perigos que corremos, a Lei de Deus nos mostra que podemos, de um momento para outro, ser chamados a prestar contas do emprego que fizemos da vida física. Ela nos adverte assim para nos concentrarmos e nos emendarmos.

(O maior perigo da vida é estar... Vivo! Não devemos nos preocupar com os perigos da vida física, desde que estejamos progredindo nos valores espirituais...)

37. **PRECE.** Meu Deus, e vós meu Espírito guardião, eu vos agradeço pelo socorro que me enviaram no perigo que me ameaçou. Que esse perigo seja para mim uma advertência, e que ele me esclareça sobre os erros que puderam mo atrair. Compreendo, Senhor, que a minha vida está em Vossas mãos, e que podeis ma retirar quando à Vossa Lei aprover. Inspirai-me, pelos corretos Espíritos que me assistem, o pensamento de empregar utilmente o tempo que me concedeis ainda neste mundo.

Meu Espírito guardião, reforça-me na resolução que tomo de reparar os meus erros e de fazer todo o certo que estiver em meu poder, a fim de chegar menos carregado de imperfeições no mundo dos Espíritos, quando aprover à Lei de Deus me chamar.

(Deus ajuda a quem cedo madruga! Quanto mais cedo acordarmos para os valores espirituais, mais ajuda teremos...)

NO MOMENTO DE DORMIR.

38. **PREFÁCIO.** O sono é o repouso do corpo físico, mas o Espírito não tem necessidade de repouso. Enquanto os sentidos estão entorpecidos, o Espírito se liberta, em parte, da matéria e goza das suas faculdades totais. O sono foi dado ao humano para a reparação das forças orgânicas e para a reparação das forças morais. Enquanto o corpo físico recupera os elementos que perdeu pela atividade da vigília, o Espírito vai se retemperar entre os outros Espíritos. Ele haure no que

vê, no que ouve, e nos conselhos que lhe são dados, ideias que reencontra, ao despertar, em estado de intuição. É o retorno temporário do exilado à sua verdadeira pátria, é o prisioneiro momentaneamente libertado.

Mas ocorre, como para o prisioneiro errado, que o Espírito nem sempre aproveita esse momento de liberdade para o seu adiantamento. Se ele tem errôneos instintos, em lugar de procurar a companhia dos corretos Espíritos, procura a dos seus iguais e vai visitar os lugares onde pode dar livre curso às suas tendências inferiores.

Aquele que está compenetrado desta verdade eleve o seu pensamento no momento em que sentir a aproximação do sono. Faça apelo aos conselhos dos corretos Espíritos e daqueles cuja memória lhe é cara, a fim de que venham se reunir a ele, no curto intervalo que lhe é concedido, e ao despertar se sentirá mais forte contra o erro, mais corajoso contra a adversidade,

(Justo na hora de dormir e ter os meus mais secretos ‘sonhos’ me é recomendado chamar testemunhas! Quando diuturnamente eu ter em meus pensamentos corretas atitudes, estarei chamando os bons companheiros para ‘sonharmos’ em conjunto!)

39. PRECE. Em Espírito vou me encontrar por um instante com os outros Espíritos. Rogo que aqueles que são corretos possam me ajudar com os seus conselhos. Meu Espírito guardião, fazei com que, ao despertar, eu conserve dos conselhos uma impressão durável e salutar.

(Não sei por que, somente lembro-me de duras palavras, incompletas, ditas pelos intrusores de meus ‘sonhos’. Acho que foi a feijoada!)

NA PREVISÃO DO DESENCARNE PRÓXIMO.

40. PREFÁCIO. A fé no futuro, a elevação de pensamento, durante a vida física, com vistas à destinação futura, ajudam o fácil desligamento do Espírito, em se enfraquecendo os laços que o retêm no corpo físico e, frequentemente, a vida corporal física ainda não se extinguiu e o Espírito, livremente, já empreendeu seu voo para a imensidade. No humano, ao contrário, que concentra todos os seus pensamentos nas coisas materiais, esses laços são mais tenazes, a separação é mais penosa e tormentosa, e o despertar no além túmulo é cheio de perturbação e ansiedade.

(Aqui se apresenta a necessidade do conhecimento. O desencarne normalmente é ‘aflitivo’ pela ação da parte instintiva, do fluido vital, do organismo humano. A ação lúcida do Espírito pode ‘abrandar’, mas não eliminar aquela aflição!)

41. PRECE. Meu Deus, eu creio em Vós e na Vossa bondade infinita. Por isso, não posso crer que destes ao humano a inteligência para Vos conhecer e a aspiração do futuro a fim de mergulhá-lo no nada.

Creio que meu corpo físico não é senão o envoltório perecível do Espírito, e que, quando tiver cessado de viver fisicamente, despertarei no mundo dos Espíritos.

Deus todo poderoso, sinto se partirem os laços que unem o Espírito ao meu corpo físico, e logo vou ter de prestar contas do emprego da vida física que deixo.

Vou suportar as consequências do certo e do errado que fiz. Lá não há mais ilusão, nem mais subterfúgio possível. Todo o meu passado vai se desenrolar diante de mim, e me autojulgarei, pela Tua Lei, segundo as minhas obras.

Não levarei nada dos bens da Terra. Honrarias, riquezas, satisfação da vaidade e do orgulho, tudo o que se prende ao corpo físico, enfim, vai ficar neste mundo. A menor parcela não me seguirá, e nada de tudo isso me será o menor socorro no mundo dos Espíritos. Não levarei comigo senão o que se prende ao Espírito, quer dizer, as minhas corretas, e as erradas, qualidades, que serão pesadas na balança de uma justa justiça, e me autojulgarei com tanto mais justeza quanto minha posição na Terra me tenha dado mais ocasião de fazer o certo que não fiz.

Deus de misericórdia, sei que meu arrependimento chega até Vós. E que sempre estenderá sobre mim a Vossa indulgência.

Se na Vossa Lei apraz prolongar a minha existência, que o resto dela eu empregue em reparar, tanto quanto estiver em mim, o errado que pude fazer. Se esta minha hora soou o final, carrego o

pensamento consolador de que me será permitido remir-me por novas provas, a fim de merecer, um dia, a felicidade dos eleitos.

Se não me é dado gozar imediatamente dessa felicidade sem mácula, que não cabe senão ao justo por excelência, sei que a esperança não me está interdita para sempre, e que, com o trabalho, atingirei o objetivo, mais cedo ou mais tarde, segundo os meus esforços. Sei que os corretos Espíritos, e meu Espírito guardião, estão perto de mim, para me receberem. Dentro em pouco, os verei como eles me veem. Sei que encontrarei aqueles que amei na Terra, se o tiver merecido, e que aqueles que aqui deixo virão me reencontrar para estarmos, um dia, reunidos para sempre, e que, até lá, poderei vir visitá-los.

Sei também que vou reencontrar aqueles a quem ofendi. Possam eles me perdoar pelo que têm a me censurar: meu orgulho, minha dureza, minhas injustiças, e não me cobrir de vergonha pela sua presença!

Perdoo aos que me fizeram erros ou quiseram erroneamente na Terra. Não carrego nenhum rancor contra eles, e peço à Lei de Deus que os abençoe.

Senhor, inspirei-me a força de deixar sem pesar as alegrias grosseiras deste mundo, que não são nada perto das alegrias puras do mundo em que vou entrar. Nele, para o justo, não há mais tormentos, aflições, misérias, só o culpado sofre, mas lhe resta a esperança.

Corretos Espíritos, e vós, meu Espírito guardião, ajudem-me, para eu não falhar neste momento supremo. Fazei luzir aos meus olhos a luz divina, a fim de reanimar a minha fé, se ela vier a se abalar.

(Na hora do ‘vamos ver’ nós ficamos tão ‘bonzinhos’... Por que entendemos as coisas que deveríamos fazer e, quando tínhamos tempo, não fizemos? Podemos e devemos pedir, mas que vamos ‘chorar na rampa’, vamos!)

Nota. Ver adiante, parágrafo V: Preces especiais para os doentes e os obsidiados..

III - PRECES PELOS ENCARNADOS

POR ALGUÉM QUE ESTEJA EM AFLIÇÃO.

42. **PREFÁCIO.** Se é do interesse do aflito que sua prova siga o seu curso, ela não será diminuída pelo nosso pedido. Mas seria ato de impiedade desencorajar-se porque o pedido não foi atendido. Aliás, na continuação da prova, pode-se esperar obter qualquer outra consolação que diminua a sua amargura. O que é verdadeiramente útil para aquele que sofre é a coragem e a resignação, sem as quais o que suporta é sem proveito para ele, porque será obrigado a recomeçar a prova. É, pois, para essa finalidade que é preciso, principalmente, dirigir seus esforços, seja em apelando aos corretos Espíritos em sua ajuda, seja em reerguendo por si mesmo o moral do aflito, por conselhos e encorajamentos, seja, enfim, em o assistindo materialmente, se for possível. A prece, neste caso, pode, por outro lado, ter um efeito direto, dirigindo sobre a pessoa uma corrente fluídica para fortalecer sua moral.

(Quando conhecemos a Lei de Deus, os nossos conselhos e ajudas visam apenas o correto. Quando não acreditamos e nem sabemos, é a situação de ‘convocar’ os irmãos espirituais para missões, quase todas, impossíveis!)

43. **PRECE.** Meu Deus, cuja bondade é infinita, rogamos abrandar a amargura da posição de se isso for da Vossa Lei.

Corretos Espíritos, eu vos suplico confortá-lo em suas aflições. Se, no seu interesse, elas não podem lhe ser poupadas, fizeti-o compreender que são necessárias ao seu adiantamento. Reforcem-lhe a confiança na Lei de Deus e no futuro, que tornará as aflições menos amargas. Intui-lhe também a força de não sucumbir ao desespero, que lhe faria perder seu fruto, e tornaria sua posição futura ainda mais penosa. Conduzi meu pensamento até ele, e que eu o ajude a sustentar a sua coragem.

(Qual a razão de ficarmos ‘lembrando’ Deus das obrigações Dele? É porque não conhecemos a Lei de Deus! Quando conhecermos a Lei de Deus, nós mesmos faremos o suficiente e necessário para ajudar aos irmãos e a

nós mesmos!)

ACÇÃO DE AGRADECIMENTO POR UM BENEFÍCIO CONCEDIDO AOS OUTROS.

44. PREFÁCIO. Aquele que não está dominado pelo egoísmo se rejubila com o certo que chega a seu próximo, mesmo quando não o tenha solicitado pela prece.

(É claro que o certo que o outro recebe é em razão de seus méritos... Devemos louvá-lo pelos seus esforços e pelo correto recebido!)

45. PRECE. Meu Deus, És bendito pela felicidade que chegou para Corretos Espíritos, ensina-lhe para que ele veja nela um efeito da bondade da Lei de Deus. Se o benefício que lhe chega é uma prova, inspira-lhe o pensamento de fazer dele correto uso, e de não se envaidecer, a fim de que esse benefício não resulte em seu prejuízo para o futuro.

Vós, meu correto Espírito, que me protegeis e desejais a minha felicidade, ajudai-me a afastar do meu pensamento todo sentimento de inveja e de ciúme.

(Reconhecer 'qualidades' em Deus pelos favores recebidos, quer sejam para nós ou para os irmãos denota, no mínimo, desconhecimento da natural permanência dessas 'qualidades' no Ser Eterno. O Criador não precisa do nosso 'reconhecimento', nós é que precisamos melhor 'conhecê-Lo'!)

POR NOSSOS ADVERSÁRIOS E PELOS QUE NOS QUEREM ERRADO.

46. PREFÁCIO. Jesus, o Cristo, disse: "Amai mesmo os vossos adversários". Este ensinamento é o sublime da caridade cristã. Mas, com ele, Jesus, o Cristo, não quer dizer que devemos ter para com os nossos adversários a ternura que temos para com os nossos amigos. Ele nos disse, com essas palavras, para esquecer suas ofensas, perdoar o erro que nos fazem, pagar o errado com o certo. Além do mérito que isso resulta aos olhos da Lei de Deus, mostra aos olhos dos humanos a verdadeira superioridade.

(A primeira coisa a ser feita é a definição de 'adversário'. O Cristo chamou Pedro de 'adversário (satanás)' por este querer intervir de forma equivocada na jornada do Mestre, mas Judas Iscariote não recebeu esse 'título'! Quando não conseguimos entender ou não aceitar 'conselhos' de alguém, geralmente o taxamos de 'adversário'! Tudo que cremos não ser bom para nós; é mau! Os 'adversários', alvo daquele amor que o Mestre recomenda, são os nossos 'cobradores' dos ontem. Quando do outro lado nós os denominamos de chatos, impertinentes, mal educados, xeretas etc. Quando os descobrimos do nosso lado, são os traidores, inimigos, aproveitadores. Somente aqui, nos adversários, já temos material para muitos 'estudos'...)

47. PRECE. Pela Lei de Deus, perdoo a o errado que me fez e o que quis me fazer, como desejo que me perdoeis, e que também me perdoe as injustiças que eu possa ter cometido contra ele. Se o colocastes no meu caminho como uma prova, que seja feita a Vossa vontade.

Desvio de mim, meu Deus, a ideia de prejudicá-lo, e todo desejo errôneo contra ele. Inspira-me para que eu não experimente nenhuma alegria com as infelicidades que poderiam lhe chegar, nem nenhuma inquietação com os bens que poderiam lhe ser concedidos, a fim de não me enlamear espiritualmente com pensamentos indignos de um cristão.

Possa a vossa bondade, Senhor, estendida sobre ele, conduzi-lo aos melhores sentimentos para comigo. Corretos Espíritos, inspira-me o esquecimento do errado e a lembrança do certo. Que nem o ódio, nem o rancor, nem o desejo de lhe retribuir o erro com o erro entrem em meu coração, porque o ódio e a vingança não pertencem senão aos Espíritos perturbados, encarnados e desencarnados. Que eu esteja pronto, ao contrário, em lhe estender mão fraterna, a lhe retribuir o errado com o certo, e vir em sua ajuda se isso estiver em meu poder.

Desejo, para provar a sinceridade de minhas palavras, que me seja oferecida ocasião de lhe ser útil. Mas, sobretudo, meu Deus, preservo-me de fazê-lo por orgulho ou ostentação, em o oprimindo por uma generosidade humilhante, o que me faria perder o fruto da minha ação, porque então eu mereceria que estas palavras de Jesus, o Cristo, me fossem aplicadas: "Já recebestes vossa recompensa".

(Ao nos criar Deus nos concedeu a maior ‘dádiva’ possível; a inteligência! Mas a inteligência precisa ser alimentada pelo conhecimento. Enquanto não dermos esse alimento à inteligência, nós ficaremos sempre ‘pedindo’, pois é mais fácil pedir do que estudar para conhecer e nutrir a nossa inteligência!)

ACÇÃO DE AGRADECIMENTO PELO BENEFÍCIO CONCEDIDO AOS NOSSOS ADVERSÁRIOS.

48. PREFÁCIO. Não desejar o errado aos adversários é ser caridoso pela metade. A verdadeira caridade quer que lhes desejemos o certo, e que estejamos felizes com o certo que lhes chega.

(Mas será que já sabemos o que é errado e o que é certo? Já conhecemos a Lei de Deus?)

49. PRECE. Meu Deus, em Vossa justiça, alegrou o coração de
Eu Vo-lo agradeço por ele, apesar do errado que me fez ou que procura me fazer. Se a Lei de Deus dele se aproveitasse para me humilhar, eu o aceitaria como uma prova para o meu estado de caridade. Corretos Espíritos, que me protegeis, não me permito conceber nisso nenhum pesar. Desvio de mim a inveja e o ciúme que rebaixam. Inspiro-me, ao contrário, na generosidade que eleva. A humilhação está no errado, e não no certo, e sabemos que, cedo ou tarde, justiça será feita a cada um segundo as suas obras.

(Quando já possuímos o conhecimento moralizado, as qualidades que vamos integrando tornam-se naturais, portanto, não mais consigo citar os meus ‘defeitos’, pois eles foram substituídos pelas minhas ‘qualidades’.)

PELOS ADVERSÁRIOS DO ESPIRITISMO.

50. Bem-aventurados os que estão famintos de justiça, porque serão saciados. Bem-aventurados os que passam perseguição pela justiça, porque deles é o reino dos céus.

Felizes sereis quando os humanos vos carregarem de imprecações, e vos perseguirem e disserem falsamente toda espécie de erros contra vós por causa de mim. Rejubilai-vos então, porque uma grande recompensa vos está reservada nos céus, porque foi assim que perseguiram os profetas que foram antes de vós. *(Mateus, cap. V, v. 6, 10 a 12).*

Não temais aqueles que matam o corpo físico e que não podem matar o Espírito. Mas temei antes aquele que pode perturbar o Espírito e matar o corpo físico. *(Mateus, cap. X, v. 28).*

(Com dois mil anos passados, esse ensino é atualíssimo! Sem estudar para obter o conhecimento moralizado, estamos sujeitos às perturbações espirituais, apesar de todo o conforto material...)

51. PREFÁCIO. De todas as liberdades, a mais inviolável é a de pensar, que compreende também a liberdade de consciência. Lançar a condenação sobre aqueles que não pensam como nós é reclamar essa liberdade para si e recusá-la aos outros, é violar o primeiro mandamento de Jesus, o Cristo: A caridade e o amor ao próximo. Persegui-los pela sua crença, é atentar contra o direito mais sagrado que todo humano tem de crer no que lhe convém, e adorar a Deus como o entende. Constrangê-lo a atos exteriores semelhantes aos nossos, é mostrar que se prende mais à forma do que ao fundo, às aparências mais do que à convicção. A negação forçada daquilo que se acredita, jamais deu a fé, ela não pode fazer senão hipócritas. É um abuso da força material que não prova a verdade, a verdade está segura de si mesma, convence e não persegue, porque disso não tem necessidade.

O Espiritismo é uma opinião, uma crença. Fosse mesmo uma religião, por que não se teria a liberdade de se dizer espírita como se tem a de se dizer católico, judeu ou protestante, partidário desta ou daquela Doutrina filosófica, deste ou daquele sistema econômico? Essa crença é falsa ou é verdadeira: se é falsa, cairá por si mesma, porque a mentira não pode prevalecer contra a verdade, quando a luz se faz nas inteligências. Se é verdadeira, a perseguição não a tornará falsa. A perseguição é o batismo de toda ideia nova, grande e justa, ela cresce com a grandeza e a importância da ideia. A animosidade e a ódio dos adversários da ideia está em razão do medo que ela lhes inspira. Foi por essa razão que o Cristianismo foi perseguido outrora e o Espiritismo o é

hoje, com a diferença, todavia de que o Cristianismo o foi pelos pagãos, ao passo que o Espiritismo o é pelos que se dizem Cristãos. O tempo das perseguições sangrentas passou, é verdade, mas, se não se mata mais o corpo físico, tortura-se o Espírito. É atacado até em seus sentimentos mais íntimos, em suas afeições mais caras. Dividem-se as famílias, excita-se a mãe contra a filha, a mulher contra o marido, ataca-se mesmo o corpo físico em suas necessidades materiais, tirando-lhes seu ganha pão para tomá-lo pela fome.

Espíritas, não vos aflijais com os golpes que vos dão, porque eles provam que estais na verdade. Não fora isso, vos deixariam tranquilos, e não vos feririam. É uma prova para a vossa fé, porque será pela vossa coragem, pela vossa resignação, pela vossa perseverança, que a Lei de Deus vos reconhecerá entre seus fiéis servidores, dos quais faz hoje a enumeração para dar a cada um a parte que lhe toca, segundo as suas obras.

A exemplo dos primeiros Cristãos, sede, pois, orgulhosos em carregar a vossa cruz. Crede na palavra de Jesus, o Cristo, que disse: “Bem-aventurados aqueles que passam perseguição pela justiça, porque é deles o reino dos céus. Não temais aqueles que matam o corpo físico, mas não podem matar o Espírito”. Ele disse também: “Amai os vossos adversários, fazei o certo àqueles que vos fazem o errado, e orai por aqueles que vos perseguem”. Mostrai que sois seus verdadeiros discípulos e que a vossa Doutrina é certa em fazendo o que ele disse e o que ele mesmo fez.

A perseguição não terá senão uma época. Esperai, pois, pacientemente o levantar da aurora, porque já a estrela da manhã se mostra no horizonte.

(Dois momentos similares, porém muito diferentes! Acredito porque quero ir para o céu! Acredito porque conheço a Lei de Deus! Em qual delas estamos?)

52. PRECE. Senhor, Vós nos dissestes, pela boca de Jesus, o vosso Messias: “Bem-aventurados aqueles que passam perseguição pela justiça. Perdoai aos vossos adversários: orai por aqueles que vos perseguem”. E ele mesmo nos mostrou o caminho, orando por seus algozes.

A seu exemplo, meu Deus, sabemos que a Vossa misericórdia atinge aqueles que desconhecem os Vossos divinos preceitos, os únicos que podem assegurar a paz neste mundo e no outro. Como Jesus, o Cristo, nós rogamos: “Perdoai-lhes, meu Pai, porque eles não sabem o que fazem”.

A Lei de Deus deu-nos a força de suportar, com paciência e resignação, como provas para a nossa fé e a nossa humildade, suas zombarias, suas injúrias, suas calúnias e suas perseguições. Desviamos-nos de todo pensamento de represálias, porque a hora da Vossa justiça soará para todos, e nós a esperamos, submetendo-nos à Vossa pura vontade.

(Quando conhecemos a Lei de Deus, nada pode nos retirar do correto caminho evolutivo espiritual!)

POR UMA CRIANÇA QUE ACABA DE NASCER.

53. PREFÁCIO. Os Espíritos não chegam à perfeição senão depois de terem passado pelas provas da vida corporal física. Os que são erráticos esperam que a Lei de Deus lhes permita retomar uma existência que deve fornecer-lhes um meio de adiantamento, seja pela expiação de seus erros passados, por meio das vicissitudes às quais são submetidos, seja cumprindo uma missão útil à Humanidade. Seu adiantamento e sua felicidade futura serão proporcionais à maneira pela qual terão empregado o tempo que devem passar na Terra. O encargo de guiar seus primeiros passos, e de os dirigir para o certo, está confiado aos seus pais, que responderão, diante da Lei de Deus, pela maneira com que terão cumprido o seu mandato. Foi para facilitar-lhes a execução, que Deus fez do amor paternal e do amor filial uma lei natural, lei que jamais é violada impunemente.

(Quando, ao nos tornarmos pais, formos conscientes do que devemos ‘ensinar e exemplificar’ aos filhos, é possível que já não estejamos num mundo de resgates e expiações!)

54. PRECE. (Feita pelos pais). Espírito que está encarnando no corpo físico do nosso filho, seja bem-vindo entre nós. Deus todo poderoso, que o enviastes, és bendito.

É um depósito que nos está confiado e do qual deveremos prestar contas um dia. Se ele pertence

à nova geração de corretos Espíritos que devem povoar a Terra, obrigado, meu Deus, por esse favor! Se é um Espírito perturbado, nosso dever é ajudá-lo a progredir no caminho do certo, pelos nossos conselhos e pelos nossos corretos exemplos, se cair no erro por nossa causa, por isso responderemos diante de vós, porque não teremos cumprido a nossa missão para com ele.

Senhor, inspirai-nos na nossa tarefa e ensinai-nos a força e a vontade de cumpri-la. Se esta criança deve ser um motivo de provas para nós, que seja feita a Vossa vontade!

Corretos Espíritos que viestes presidir a esse nascimento, e que deveis acompanhá-lo durante a vida física, pedimos que o abençoem. Afastai dele os Espíritos perturbados, que tentarem induzi-lo ao erro. Intui-lhe a força para resistir às suas sugestões, e a coragem de suportar, com paciência e resignação, as provas que o esperam na Terra.

(Conhecendo a Lei de Deus é bem mais fácil entender a paternidade e suas obrigações neste mundo de resgates e expiações.)

55. (Outra). Meu Deus, me confiastes a sorte de um de Vossos Espíritos. Espero, Senhor, que eu seja digno da tarefa que me foi outorgada, concedeu-me a Vossa proteção, aclarou a minha inteligência, que eu possa discernir cedo as tendências daquele que devo preparar para entrar na Vossa paz.

(Será que podemos sequer ‘imaginar’ Deus não sabendo o que faremos das nossas atribuições?)

56. (Outra). Deus de bondade, uma vez que te aprouve permitir ao Espírito que anima esta criança vir de novo suportar as provas terrenas, destinadas a fazê-lo progredir e concedeu-lhe a luz a fim de que aprenda a Te conhecer, a Te amar e a Te adorar. Induze, pela Tua onipotência, que este Espírito se regenere no manancial das Tuas divinas instruções. Que, sob a égide de seu Espírito guardião, o seu conhecimento e moral cresçam, se desenvolvam e o faça aspirar a se aproximar, cada vez mais, de Ti. Que a ciência do Espiritismo seja a brilhante luz que o clareie através dos escolhos da vida, que ele saiba, enfim, apreciar toda a extensão de Teu amor, que nos experimenta para nos purificar.

Senhor, lanças, sempre, um olhar paternal sobre a família à qual confiaste este Espírito. Possam eles compreender a importância da sua missão, e fazer germinar nesta criança as corretas sementes, até o dia em que poderá, por suas próprias aspirações, elevar-se sozinha para Ti.

Imploro-te, meu Deus, atender esta humilde prece em lembrança e pelos méritos d’Aquele que disse: “Deixai vir a mim as criancinhas, porque o reino dos céus é para aqueles que se lhes assemelham”.

(Como a Lei de Deus é perfeita, nós devemos nos lembrar do ditado: quando o obreiro está pronto, a obra aparece! Será que a Lei de Deus nos daria serviços para os quais não estaríamos prontos?)

POR UM HUMANO AGONIZANTE.

57. PREFÁCIO. A agonia é o prelúdio da separação do Espírito, do corpo físico. Pode-se dizer que, nesse momento, o humano não tem mais que um pé neste mundo, e que já tem um no outro. Essa passagem é algumas vezes penosa para aqueles que se prendem à matéria e viveram mais para os bens deste mundo do que para os do outro, ou cuja consciência está agitada pelos desgostos e pelos remorsos. Para aqueles, ao contrário, cujos pensamentos estão elevados ao Infinito, e estão desprendidos da matéria, os laços são menos difíceis de romper, e os últimos momentos não têm nada de tormentoso. O Espírito, então, não se prende ao corpo físico senão por um fio, enquanto que, na outra posição, a ele se prende por profundas raízes. Em todos os casos, a prece exerce uma ação poderosa sobre o trabalho da separação.

(Temos que ter cuidado no entendimento. Será que a Lei de Deus, justíssima, não saberia qual tipo de desencarne esse Espírito fez por merecer? Podemos e devemos colaborar, mas melhor uma vibração tranquila do que muitas orações desequilibradas!)

(Ver adiante: Preces pelos doentes.).

58. PRECE. Deus poderoso e misericordioso, mais um Espírito que deixa o seu envoltório terrestre para retornar ao mundo dos Espíritos, a sua verdadeira pátria. Possa nele estar em paz, e a Vossa misericórdia, como sempre, estendida sobre ele.

Corretos Espíritos, que o acompanhastes na Terra, fluidifiquem-no nesse momento supremo, dando-lhe a força de suportar os últimos tormentos que deve experimentar neste mundo para o seu adiantamento futuro. Inspirai-o para que ele se consagre ao arrependimento das suas faltas nos últimos clarões de inteligência que lhe restam, ou que possam momentaneamente lhe retornar. Dirigi meu pensamento, a fim de que a sua ação torne menos penoso o trabalho da separação, e que ele leve consigo, no momento de deixar a Terra, as consolações da esperança.

(Sabemos o que estamos fazendo? Nos casos de dúvidas é melhor dirigirmos nossos pensamentos aos irmãos diretores e pedir-lhes que deem o uso que melhor for, das nossas suaves vibrações, ao irmão desencarnante.)

IV. PRECES POR AQUELES QUE NÃO ESTÃO MAIS ENCARNADOS

POR UM IRMÃO QUE ACABA DE DESENCARNAR.

59. PREFÁCIO. As preces pelos Espíritos que acabam de deixar o corpo físico não têm somente a finalidade de lhes dar um testemunho de simpatia, mas têm ainda por efeito ajudar o seu desligamento e, com isso, abreviar a perturbação que segue sempre a separação, e tornar o despertar mais calmo. Mas aí ainda, como em outros momentos, a eficácia está na sinceridade do pensamento, e não na quantidade de palavras ditas com mais ou menos pompa, e nas quais frequentemente, o coração não toma parte.

As preces que partem do coração vibram em torno do Espírito, cujas ideias são ainda confusas, como as vozes amigas que vêm nos tirar do sono.

(Quando se tem conhecimento, faz-se a coisa certa.)

60. PRECE. Deus todo poderoso, com a Vossa misericórdia estendida sobre o Espírito de que concluiu mais uma etapa encarnatória e, esperamos bem! As provas que ele bem suportou na Terra lhe serão contadas, confiamos que as nossas preces abrandarão e abreviarão as provas que pode ainda experimentar como Espírito!

Corretos Espíritos, que viestes recebê-lo, e vós, sobretudo seu Espírito guardião, assistindo-o para ajudá-lo a se despojar da matéria. Intuí-lhe a luz e a consciência de si mesmo, a fim de, mais rápido, tirá-lo da turbacão que acompanha a passagem da vida corporal física para a vida espiritual. Inspirai-lhe o arrependimento dos erros que pôde cometer, e o desejo que lhe seja permitido repará-las para apressar o seu adiantamento para a vida eterna feliz.

.....vindes de reentrar no mundo dos Espíritos, e entretanto estais aqui presente entre nós. Vede-nos e nos ouvis, porque não há de menos entre nós e vós senão o corpo físico perecível que vindes de deixar e que logo será reduzido a pó.

Deixastes o grosseiro envoltório sujeito às vicissitudes e à morte, e não conservastes senão o envoltório etéreo, imperecível e inacessível aos tormentos físicos. Se não viveis mais pelo corpo físico, viveis da vida dos Espíritos, e essa vida é isenta das misérias que afligem a Humanidade.

Não tendes mais o véu que oculta aos nossos olhos os esplendores da vida futura. Podeis, de hoje em diante, contemplar novas maravilhas, ao passo que nós estamos ainda mergulhados nas trevas materiais.

Ides percorrer o espaço e visitar os mundos em liberdade, ao passo que nós rastejamos penosamente na Terra, onde nos retém nosso corpo material, semelhante para nós a um pesado fardo.

O horizonte do infinito vai se desenrolar diante de vós, e, em presença de tanta grandeza, compreenderéis a vaidade dos nossos desejos terrestres, das nossas ambições mundanas e das alegrias fúteis das quais os humanos fazem as suas delícias.

O desencarne não é, entre os humanos, senão uma separação material de alguns instantes. Do lugar de exílio, onde nos retém ainda a Lei de Deus, assim como os deveres que temos a cumprir neste mundo, nós vos seguiremos pelo pensamento até o momento em que nos será permitido

nos reunirmos a vós, como estais reunido com aqueles que vos precederam.

Se não podemos ir perto de vós, podeis vir perto de nós. Vinde, pois, entre aqueles que vos amam e que amastes. Sustentai-os nas provas da vida física. Velai sobre aqueles que vos são caros. Protegei-os segundo o vosso poder, e abrandai seus pesares pelo pensamento de que estais mais feliz agora, e a consoladora certeza de estarem um dia reunidos a vós num mundo melhor. No mundo em que estais, todos os ressentimentos terrestres devem se extinguir. Para vossa felicidade futura, de hoje em diante, que possais a eles ser inacessível. Perdoai, pois, àqueles que procederam errado para convosco, como vos perdoam os que podeis ter procedido errado para com eles.

Nota. Podem-se ajuntar a esta prece, que se aplica a todos, algumas palavras especiais, segundo as circunstâncias particulares de família ou de relações e a posição do desencarnado. Se se trata de uma criança, o Espiritismo nos ensina que não é um Espírito de criação recente, mas que já viveu e pode estar muito avançado. Se a sua última existência foi curta, é que ela não era senão um complemento de prova, ou devia ser uma prova para os pais.

(Caso dirijamos essa mesma oração ao irmão que não acredita em reencarnação, como será o seu entendimento e a sua recepção a ela? Conhecer a Lei de Deus nos faz situarmos corretamente frente aos irmãos de ‘crenças’ diferentes.)

61. (Outra). Senhor todo poderoso, sabemos que a Vossa misericórdia se estende sobre o nosso irmão que vem de deixar a vida física. A Vossa luz brilha aos seus olhos. Afasta-o do Umbral, abrindo seus olhos e seus ouvidos. Os Vossos corretos Espíritos o envolvem e lhe fazem ouvir palavras de paz e de esperança.

Senhor, por indignos que sejamos, ousamos implorar o acréscimo de Vossa misericordiosa indulgência em favor daquele nosso irmão que vem de ser chamado do exílio. Esperamos que seu retorno seja o do filho pródigo. Meu Deus, sabemos que releva os erros que ele pôde cometer, para que, em outras encarnações, resgate-os com o certo que fará. A Vossa justiça é imutável, nós o sabemos, mas o Vosso amor é imenso, nós sabemos que aplicará a Vossa amorosa justiça por essa fonte de bondade que provém de Vós.

Que a luz se faça para tu, meu irmão, que vindes de deixar o corpo físico. Os corretos Espíritos descerão até tu, te envolverão e te ajudarão a se livrar das tuas cadeias terrestres. Compreendi e vede a grandeza de nosso Senhor. Submeta-se sem murmurar à Sua justiça, não duvideis, jamais, da Sua misericórdia. Irmão! Que um sério retorno no teu passado te abra as portas do futuro em te fazendo compreender os erros que deixastes para trás, e o trabalho que te resta fazer para repará-los. Que a Lei de Deus te aclare no perdão. Os corretos Espíritos te sustentarão e te encorajarão. Vossos irmãos na Terra orarão por ti, e te pedem orar por eles.

(Olha o cuidado para não cobrarmos as obrigações de Deus! Vamos conhecer a Lei de Deus, para não cometermos esses erros!)

PELAS PESSOAS A QUEM TIVEMOS AFEIÇÃO.

62. PREFÁCIO. Como é horrível a ideia do nada. Quanto se deve lamentar aqueles que creem que a voz do amigo que chora seu amigo se perde no vazio e não encontra nenhum eco para lhe responder. Jamais conheceram as puras e santas afeições, aqueles que pensam que tudo morre com o corpo físico, que o Espírito que iluminou o mundo com a sua vasta inteligência é um jogo da matéria que se extingue para sempre, como um sopro. Que do ser mais querido, de um pai, de uma mãe ou de um filho adorador, não resta senão um pouco de pó que o tempo dissipa para sempre.

Como um humano de coração pode permanecer frio a esse pensamento? Como a ideia de um aniquilamento absoluto não lhe gela de pavor e não lhe faz ao menos desejar que não seja assim? Se até esse dia sua razão não bastou para tirar as suas dúvidas, eis que o Espiritismo vem dissipar toda a incerteza sobre o futuro, pelas provas materiais que dá da sobrevivência do Espírito e da existência dos seres de além-túmulo. Por isso, por toda parte, essas provas são acolhidas com a-

legria. A confiança renasce, porque o humano sabe, de hoje em diante, que a vida terrestre não é senão uma curta passagem que conduz a uma vida maior. Que seus trabalhos deste mundo não estão perdidos para ele, e que as suas mais puras afeições não estão desaparecidas sem esperança.

(Mas, e quando o irmão diz: cruz credo sai satanás! O livre-arbítrio deve ser totalmente respeitado e em todas as situações. Aquele que conhece a Lei de Deus respeita o livre-arbítrio de seus irmãos de jornada evolutiva espiritual.)

63. PRECE. Meu Deus, sei que acolherá favoravelmente a prece que Vos dirijo pelo Espírito de Intui-lhe entrever as Vossas divinas claridades para tornar-lhe claro o caminho da felicidade eterna. Que os corretos Espíritos levem a ele as minhas palavras e o meu pensamento.

Tu que me eras querido neste mundo, ouve minha voz que te chama para te dar um novo testemunho da minha afeição. A Lei de Deus permitiu que fosses libertado da carne primeiro, eu não poderia me lamentar com isso sem ser egoísta, porque seria estar aflito por não ter mais para ti os sofrimentos e os tormentos da vida. Espero, pois, com resignação, o momento da nossa união no mundo mais feliz, no qual me precedeste.

Eu sei que a nossa separação não é senão momentânea, e que, tão longa que me possa parecer, a sua duração se apaga diante da eternidade da felicidade que Deus promete aos seus eleitos. Na Sua bondade me preserva de nada fazer que possa retardar esse instante desejado, e que me poupa, assim, a aflição de não te reencontrar ao sair do meu cativeiro terreno.

Oh! como é doce e consoladora a certeza de que não há entre nós senão um véu material que te oculta à minha visão! Que tu possas estar aqui, ao meu lado, me ver e me ouvir como antigamente, e melhor ainda do que antigamente. Que não me olvideis mais, e que eu mesmo não te olvide. Que os nossos pensamentos não cessem de se confundir, e que o teu me siga e me sustente sempre.

Que a paz do Senhor seja contigo.

(Voltando; será que o irmão concorda com as premissas do Espiritismo? Será que acredita em ‘vida’ após a morte? Como posso ‘julgar’ o estado elevatório espiritual do irmão somente pela sua passagem terrena? Vamos estudar, para não termos essas dúvidas!)

PELOS ESPÍRITOS EM ERRO QUE PEDEM PRECES.

64. PREFÁCIO. Para compreender o alívio que a prece pode proporcionar aos Espíritos perturbados, é preciso se informar quanto ao seu modo de ação. Aquele que está compenetrado dessa verdade ora com mais fervor, pela certeza de não orar em vão.

(Aquele que já conseguiu o conhecimento moralizado compreende o poder de uma tranquila vibração...)

65. PRECE. Deus clemente e misericordioso, sempre a Vossa bondade se estende sobre todos os Espíritos que se recomendam às nossas preces, notadamente sobre o Espírito de

Corretos Espíritos, para os quais o certo é a única ocupação, intercedei comigo pelo seu alívio. Fazei brilhar, aos seus olhos, um raio de esperança, e que a divina luz os esclareça sobre as imperfeições que os afastam da morada dos felizes. Instrui seus corações ao arrependimento e ao desejo de se depurar para apressarem os seus adiantamentos. Ensinai-os a compreender que, pelos seus esforços, eles podem abreviar o tempo dos seus tormentos.

Deus, em sua bondade eterna, lhes dá a força de continuar em suas corretas resoluções!

Possam estas palavras benevolentes abrandar as suas dores, em lhes mostrando que há, na Terra, seres que sabem deles se compadecer e que desejam a sua felicidade.

(Será que ‘acreditamos’ que os irmãos diretores de vez em quando ‘esquecem’ suas obrigações? Precisamos aprender a fazer a ‘nossa’ parte, a deles ‘sempre’ é realizada!)

66. (Outra). Nós sabemos Senhor, que derramas, sobre todos aqueles que sofrem, seja no espaço como Espíritos erráticos, seja entre nós como Espíritos encarnados, as graças do Vosso amor e da Vossa misericórdia. Conheces as nossas fraquezas. Falíveis nos fizestes, mas nos destes a força de resistir ao erro e vencê-lo. A Vossa misericórdia se estende sobre todos aqueles que não puderam resistir aos seus errados pendores, e estão ainda arrastados para um errado caminho. Vossos corretos Espíritos nos envolvem. A Vossa luz brilha aos seus olhos, e que, atraídos pelo seu calor vivificante, eles venham se prosternar aos Vossos pés, humildes, arrependidos e submissos.

Nós vos oramos, igualmente, Pai de misericórdia, por aqueles dos nossos irmãos que não tiveram a força de suportar as suas provas terrestres. Vós nos destes uma missão a desempenhar, Senhor, e, essa carga, não devemos depô-la senão aos Vossos pés. Mas a nossa fraqueza é grande e a coragem nos falta, às vezes, no caminho. Tens eterna piedade por estes servidores indolentes que abandonaram a obra antes da hora. A Vossa amorosa justiça os julga e permite aos vossos corretos Espíritos lhes trazer o alívio, as consolações e a esperança do futuro. O caminho do perdão é fortificante para o Espírito, sempre a mostra, Senhor, aos culpados que desesperam, e sustentados por essa esperança, eles haurirão forças na grandeza mesma de seus erros, e de seus tormentos, para resgatar o seu passado e se preparar para conquistar o futuro.

(De aprendizado em aprendizado nós vamos crescendo espiritualmente. Aprender corretamente é fundamental, mas ainda somos muito refratários a isso. O estágio de resgates e expiações, muito material e animalizado, é propício ao nosso comodismo e conformismo, produtos do orgulho e do egoísmo.)

POR UM ADVERSÁRIO DESENCARNADO.

67. PREFÁCIO. A caridade para com os nossos adversários deve segui-los além do túmulo. É preciso pensar que o erro que nos fizeram foi para nós uma prova que pôde ser útil ao nosso adiantamento, se soubermos dela nos aproveitar. Ela pôde nos ser ainda mais proveitosa que as aflições puramente materiais, naquilo que nos permitiu juntar à coragem e à resignação, a caridade e o esquecimento das ofensas.

(Os cobradores sempre nos ajudam quando compreendemos as razões das cobranças. O nosso entendimento pode ajudar esses irmãos, pois podemos gerar tranquilas vibrações de ‘agradecimento’.)

68. PRECE. Senhor, Vos aprouve chamar, antes de mim, o Espírito de
Eu o perdoo do erro que me fez, e suas erradas intenções a meu respeito: possa ele disso se arrepende, agora que não tem mais as ilusões deste mundo.
A Vossa misericórdia, meu Deus, se estende sobre ele, e afastei de mim o pensamento de me alegrar com o seu desencarne. Se eu procedi errado para com ele, que me perdoe, como olvido aqueles que assim procederam para comigo.

(Mas se eu ‘entendo’, por que perdoar? Entendendo devo ‘agradecer’!)

POR UM IRMÃO EM ERRO, PERTURBADO.

69. PREFÁCIO. Se a eficácia das preces fosse proporcional ao seu tamanho, as mais longas deveriam ser reservadas para os mais errados, porque eles têm mais necessidade do que aqueles que viveram corretamente. Recusá-las é desconhecer a misericórdia de Deus. Crê-las inútil porque um humano teria cometido este ou aquele erro, é prejudicar a justiça do Altíssimo.

(Esse é o problema do nosso julgamento de um irmão apenas pela sua única passagem na carne. Será que já conhecemos ele de outras passagens?)

70. PRECE. Senhor, Deus de misericórdia, pela Tua Lei julgas esse perturbado que vem de deixar o corpo físico. A justiça dos humanos pôde atingi-lo, entretanto, não o isentou da Vossa justiça, mesmo que seu sentimento não seja tocado pelo remorso.
Erguida a venda que lhe oculta a gravidade dos seus erros, possa o seu arrependimento encontrar

graça diante da Lei de Deus e aliviar os tormentos desse Espírito! Possam também as nossas preces e a intercessão dos corretos Espíritos levar-lhe a esperança e a consolação. Inspirai-lhe o desejo de reparar as suas erradas ações numa nova existência, e lhe ensinar a força de não sucumbir nas novas lutas que empreenderá.

Senhor, apiedo-me dele!

(E se nada disso adiantar, o que o Espírito perderá? Podemos pensar que ele levará mais tempo para atingir o seu objetivo, mas há qual tempo estamos nos referindo: o material ou espiritual? Afinal, somos ou não somos ‘imortais’, portanto, o que representa o tempo para o Espírito?)

POR UM IRMÃO EM ERRO, ATORMENTADO.

71. **PREFÁCIO.** O humano não tem jamais o direito de dispor da própria vida física, porque só à Lei de Deus cabe tirá-lo do cativeiro terrestre, quando o julga oportuno. Todavia, a justiça divina pode abrandar o seu julgar em favor das circunstâncias, mas reserva toda a sua justeza para aquele que quis se subtrair às provas da vida física. O suicida é como o prisioneiro que se evade da prisão, antes de expirar a sua pena, e que, quando é recapturado, é mantido mais severamente. Assim ocorre com o suicida, que crê escapar às misérias presentes, e mergulha em infelicidades maiores.

(As várias ‘deficiências’ que apresentamos na vida física normalmente se referem ao uso ‘indevido’ dessas partes ‘deficientes’ em vidas pretéritas. Saber mostrar, a si mesmo ou aos irmãos, essas correlações, é de fundamental valor!)

72. **PRECE.** Sabemos, ó meu Deus, a sorte reservada àqueles que violam as Vossas leis, abreviando voluntariamente os seus dias. Mas sabemos também que a Vossa misericórdia é infinita: está estendida sobre o Espírito de Possam as nossas preces e a Vossa comiseração abrandar a amargura dos tormentos que ele experimenta por não ter tido a coragem de esperar o fim das suas provas!

Corretos Espíritos, cuja bondosa missão é assistir os infelizes, tomado este sob a vossa proteção. Inspirai-lhe o arrependimento de seu erro, e que a vossa assistência lhe indique a força de suportar com mais resignação as novas provas que terá de passar para repará-lo. Inspirai-o a afastai de si os Espíritos perturbados, que poderiam, de novo, levá-lo ao erro, e prolongar os seus tormentos, fazendo-o perder o fruto das suas futuras provas.

Vós, cuja infelicidade é o objeto das nossas preces, que a nossa comiseração possa abrandar-vos a amargura, fazer nascer em vós a esperança de um futuro melhor! Esse futuro está nas vossas mãos. Confiai-vos à bondade da Lei de Deus, cujo seio está aberto a todos os arrependidos, e não permanece fechado senão para os corações endurecidos.

(Cuidado com o andor! Nossos braços ‘espirituais’ podem não ser tão ‘fortes’! Aprender em si e para si em primeiro lugar, o demais virá em ‘abundância’!)

PELOS ESPÍRITOS EM ERRO, ARREPENDIDOS.

73. **PREFÁCIO.** Seria injusto situar na categoria dos Espíritos perturbados, os Espíritos atormentados e arrependidos que pedem preces. Estes puderam ser errados, mas não o são mais, do momento em que reconhecem as suas faltas e as lamentam: eles não são senão infelizes, alguns mesmo começam a gozar de uma felicidade relativa.

(Não devemos nos preocupar com as ‘palavras’, as ações posteriores desses irmãos irão classificá-los devidamente!)

74. **PRECE.** Deus de misericórdia, que aceitais o arrependimento sincero do errado, encarnado ou desencarnado, eis um Espírito que se comprazia no erro, mas que reconhece seus erros e entra no correto caminho. Ó Deus, recebê-lo-á como um filho pródigo e o perdoará.

Corretos Espíritos, cuja voz ele desconheceu, ele quer vos escutar de hoje em diante. Intuí-lhe

entrever a felicidade dos eleitos do Senhor, a fim de que persista no desejo de se purificar para alcançá-lo. Sustentai-o em suas corretas resoluções e mostrai-lhe a força de resistir aos seus errados instintos.

Espírito de, nós vos felicitamos pela vossa mudança, e agradecemos aos corretos Espíritos que vos ajudaram.

Se vos comprazeis outrora em fazer o erro, foi porque não compreendíeis o quanto é doce a alegria de fazer o certo. Vós vos sentíeis também muito baixo para esperar atingi-lo. Mas desde o instante em que colocastes o pé no correto caminho, uma luz se fez para vós. Começastes a provar uma felicidade desconhecida, e a esperança entrou no vosso coração. É que a Lei de Deus escuta sempre a prece do errado, arrependido, e não repele nenhum daqueles que vão por ela.

Para entrar completamente em graça junto Dele, aplicai-vos de hoje em diante, não somente a não mais fazer o errado, mas a fazer o certo e, sobretudo, a reparar o errado que fizestes. Então, tereis satisfeito a justiça de Deus. Cada correta ação apagará um dos vossos erros passados.

O primeiro passo está dado: agora, quanto mais avançares, tanto mais o caminho vos parecerá fácil e agradável. Perseverai, pois, e, um dia, tereis a glória de ser contado entre os corretos e os felizes Espíritos.

(Quem vai orar é um proficiente espírita ou é um dirigente espiritual? Falar daquilo que se conhece é falar com fé racional, caso contrário é simples ladainha!)

PELOS ESPÍRITOS EM ERRO, ENDURECIDOS.

75. **PREFÁCIO.** Os Espíritos perturbados são aqueles que o arrependimento ainda não tocou, que se comprazem no erro, e nele não concebem nenhum remorso. São insensíveis às censuras, repelem a prece e, frequentemente, blasfemam contra o nome de Deus. São esses Espíritos endurecidos que, depois do desencarne, se vingam, nos encarnados, dos tormentos que experimentam, e perseguem com o seu ódio aqueles a quem odiaram durante a vida física, seja pela obsessão, seja por uma falsa influência qualquer.

Entre os Espíritos perturbados, há duas categorias bem distintas: aqueles que são francamente errados e os que são hipócritas. Os primeiros são infinitamente mais fáceis de conduzir ao certo do que os segundos. São, o mais frequentemente, de natureza bruta e grosseira, como são vistos entre os humanos, que fazem o erro mais por instinto do que por cálculo, e não procuram se fazer passar por melhores do que são, mas, há neles uma semente latente que é preciso fazer eclodir, o que é conseguido, quase sempre, com a perseverança, a firmeza unida à benevolência, pelos conselhos, pelo raciocínio e pela prece. Na mediunidade, a dificuldade que eles têm em escrever o nome de Deus é indício de um temor instintivo, de uma voz íntima da consciência que lhes diz que são indignos, aquele com quem ocorre isso, está no limiar da conversão, e pode-se esperar tudo dele: basta encontrar o ponto vulnerável do coração.

Os Espíritos perturbados, hipócritas, são quase sempre muito conhecedores, mas eles não têm no coração nenhuma fibra sensível, moralmente nada os toca. Simulam todos os corretos sentimentos para captar a confiança, e ficam felizes quando encontram tolos que os aceitam como santos Espíritos, e que eles podem governar à sua vontade. O nome de Deus, longe de lhes inspirar o menor temor, lhes serve de máscara para cobrir as suas torpezas. No mundo invisível, como no mundo visível, os hipócritas são os seres mais perigosos porque agem na sombra, e deles não se desconfia. Eles têm as aparências da fé, mas não a fé sincera.

(Sim, nós somos ótimos atores (hipócritas). A personagem que encarnamos ainda é uma grande ‘máscara’ para o nosso orgulho e egoísmo!)

76. **PRECE.** Senhor, Digno és de lançar um olhar de bondade sobre os Espíritos perturbados, que estão ainda nas trevas da ignorância e Vos desconhecem, notadamente sobre o de

Corretos Espíritos, ajudai-nos a fazê-lo compreender que induzindo os humanos ao erro, obsidiando-os e atormentando-os, prolonga seus próprios tormentos. Fazei com que o exemplo de felicidade de que gozais, seja um encorajamento para ele.

Espíritos que vos comprazeis ainda no erro, vindes de ouvir a prece que fizemos por vós: ela deve vos provar que desejamos vos fazer o correto, embora façais o errado.

Sois infelizes, porque é impossível ser feliz fazendo o erro. Porque, pois, permanecer em pena quando depende de vós dela sair? Olhai os corretos Espíritos que vos cercam, vede quanto são felizes, e se não vos seria mais agradável gozar da mesma felicidade!

Direis que isso vos é impossível. Mas nada é impossível àquele que quer, porque Deus vos deu, como a todas as suas criaturas, a liberdade de escolher entre o certo e o errado, quer dizer, entre a felicidade e a infelicidade, e ninguém está condenado a fazer o errado. Se tendes a vontade de fazê-lo, podeis ter a de fazer o certo e de ser feliz.

Voltai vossos olhares para Deus. Elevai-vos um só instante até Ele pelo pensamento, e um raio de sua divina luz virá vos esclarecer. Dizei conosco estas simples palavras: Meu Deus, eu me arrependo, quero resgatar meus erros! Experimentai o arrependimento e fazei o correto, em lugar de fazer o errado, e vereis que logo a Sua misericórdia se estenderá sobre vós, e que um bem-estar desconhecido virá substituir as angústias que sentis.

Uma vez que houverdes dado um passo no correto caminho, o resto do percurso vos parecerá fácil. Compreendereis, então, quanto tempo perdestes de felicidade, por vossa falta. Mas um futuro radioso e cheio de esperança se abrirá diante de vós e vos fará esquecer vosso miserável passado, cheio de perturbação e de torturas morais que seriam o inferno, para vós, se devessem durar eternamente. Dia virá em que essas torturas serão tais que, a todo preço, quereis fazê-las cessar. Quanto mais esperardes, porém, mais isso vos será difícil.

Não creiais que permaneceréis sempre no estado em que estais. Não, isso é impossível! Tendes diante de vós duas perspectivas: uma é a de sofrer muito mais do que sofreis agora, a outra de ser feliz como os corretos Espíritos que estão ao vosso redor: a primeira é inevitável se persistis em vossa obstinação, e um simples esforço da vossa vontade basta para vos tirar da errada situação em que estais. Apressai-vos, pois, porque cada dia de atraso é um dia perdido para a vossa felicidade.

Corretos Espíritos, fazei com que estas palavras encontrem acesso nesse Espírito ainda perturbado, a fim de que o ajudem a crer em Deus. Nós vos pedimos pelo amor de Jesus, o Cristo, que teve um tão grande poder sobre os Espíritos perturbados.

(Já que os dirigentes espirituais não sabem fazer com que os desequilibrados se equilibrem, podemos dar uma ‘mãozinha’... Conhecer a Lei de Deus é importantíssima para que não cometamos erros por precipitação!)

V. PRECES ESPECIAIS PARA OS DOENTES E OS OBSIDIADOS

PELOS DOENTES.

77. **PREFÁCIO.** As doenças fazem parte das provas e das dificuldades da vida terrestre. Elas são em razão da nossa imperfeição, da nossa natureza material e à inferioridade do mundo que habitamos. Os errados desejos e os excessos de todos os gêneros semeiam em nós germes doentios, frequentemente hereditários. Nos mundos mais avançados, física ou moralmente, o organismo humano, mais depurado e menos material, não está sujeito às mesmas enfermidades, e o corpo físico não é minado surdamente pela devastação dos errados desejos. É preciso, pois, se resignar em suportar as consequências do meio onde nos coloca a nossa inferioridade, até que tenhamos mérito de trocá-lo. Isso não deve nos impedir, à espera do mérito, de fazer o que depende de nós para melhorar a nossa posição atual. Mas se, apesar dos nossos esforços, a isso não pudemos chegar, o Espiritismo nos ensina a suportar com resignação nossos problemas passageiros.

Se a Lei de Deus não tivesse querido que os tormentos corporais físicos fossem dissipados ou abrandados em certos casos, não teria colocado os meios curativos à nossa disposição. Sua previdente solicitude a esse respeito, de acordo nisso com o instinto de conservação, indica que é do nosso dever procurá-los e aplicá-los.

Ao lado da medicação ordinária, elaborada pela ciência, o Magnetismo nos fez conhecer o poder da ação fluídica. Depois, o Espiritismo veio nos revelar outra força na mediunidade curadora e a influência da prece.

(Tudo isso é importante, mas sem o conhecimento moralizado não saberemos usar de forma correta e cautelosa.)

78. PRECE. (Para o doente pronunciar). Senhor, Sois todo justiça. A doença em que Vossa Lei aprovou me colocar, devo a merecer, pois não penaliza sem causa. Eu me entrego, procurando me curar, à infinita justiça da Vossa lei. Se conseguir restituir a minha saúde, que a Vossa Lei seja bendita. Se, ao contrário, devo ainda sofrer, que ela seja bendita da mesma forma. Eu me submeto sem murmurar à Lei de Deus, porque tudo nela tem por finalidade o melhor para as Vossas criaturas.

Creio, ó meu Deus, que esta doença seja para mim uma advertência salutar, e me leve a meditar sobre eu mesmo. Aceito-a como uma expiação do passado, e como uma prova para a minha fé e a minha submissão à Vossa Lei.

(Prece de proficiente espírita.)

79. PRECE. (Pelo doente). Meu Deus, Vossos desígnios são impenetráveis, e em Vossa Lei está penalizando, pela doença física. Sei que Vós tendes um olhar de compaixão sobre os seus tormentos, e tendes, aguardando-o, oportunidades sem fim.

Corretos Espíritos, ministros do Todo poderoso, reforçai, eu vos peço, meu desejo de aliviá-lo. Dirigi meu pensamento, a fim de que ele vá derramar um bálsamo salutar sobre o seu corpo físico e consolação nesse Espírito.

Inspirai-lhe a paciência e a submissão à Lei de Deus. ensinai-lhe a força de suportar as suas aflições com resignação cristã, a fim de que não perca o fruto das suas provas.

(Novamente ‘cobrando’ os dirigentes...)

80. PRECE. (Para ser pronunciada pelo médium curador). Meu Deus, se eu for digno de Vos servir, indigno que me considero, possa eu curar esse tormento, se tal é a decisão da Lei de Deus, porque tenho fé em Vós. Mas sem Vós eu não posso nada. Rogo aos corretos Espíritos me penetrarem com seu fluido salutar, a fim de que o transmita a este irmão doente, e me esforçarei para afastar de mim todo pensamento de orgulho e de egoísmo, que poderia alterar a pureza dos fluidos.

(Quando há o conhecimento da Lei de Deus, o servidor sabe que sua dignidade é proporcional ao seu estágio evolutivo espiritual. Alguém disse: Se tiverdes a fé do tamanho de uma semente de mostarda, diríeis... Porém aqui diz: mas sem Vós eu nada posso. Parece que as duas frases ‘chocam-se’, mas não é isso, é mais um caso de confusão, tal como igualar a ‘humildade’ com a ‘humilhação’!)

PELOS OBSIDIADOS.

81. PREFÁCIO. A obsessão é a ação persistente que um Espírito perturbado, exerce sobre um irmão espiritual. Apresenta caracteres muito diferentes, desde a simples influência moral, sem sinais exteriores sensíveis, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. Ela altera todas as faculdades medianímicas. Na mediunidade escrevente, se traduz pela teimosia de um Espírito em se manifestar, com proibição de todos os outros.

Os Espíritos perturbados estão todos ao redor da Terra, em consequência da inferioridade moral dos seus habitantes. Sua ação errônea faz parte dos flagelos dos quais a Humanidade é o alvo neste mundo. A obsessão, como as doenças e todas as perturbações da vida, deve, pois, ser considerada como uma prova ou uma expiação, e aceita como tal.

Da mesma forma que as doenças são o resultado de imperfeições físicas que tornam o corpo físico acessível às influências perniciosas exteriores, a obsessão é sempre o resultado de uma imperfeição moral que abre portas a um Espírito perturbado. A uma causa física se usa uma força física: a uma causa moral, é preciso usar uma força moral. Para preservar das doenças, fortifica-se o corpo físico. Para se garantir da obsessão, é preciso fortalecer o Espírito, daí, para o obsidiado, a necessidade de trabalhar pela sua própria melhoria moral, o que basta, o mais frequentemente, para livrá-lo do obsessivo, sem o auxílio de pessoas estranhas. Esse auxílio torna-se necessário

quando a obsessão passa para uma subjugação e depois em possessão, porque, então, o paciente perde, por vezes, a sua vontade e o seu livre-arbítrio.

A obsessão é quase sempre o resultado de uma vingança exercida por um Espírito, e que, o mais frequentemente, tem sua origem nas relações que o obsidiado teve com ele numa anterior existência.

Nos casos de obsessão grave, o obsidiado está como envolvido e cheio de um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutares e os repele. É desse fluido que é preciso livrá-lo. Ora, um fluido desequilibrado não pode ser repellido por um fluido igual. Por uma ação idêntica à do médium curador nos casos de doenças, é preciso expulsar o fluido desequilibrado com a ajuda de um fluido melhor que produza, de algum modo, o efeito de um reativo. Essa é a ação mecânica, mas que não basta. É preciso também e, sobretudo, agir sobre o Espírito obsessor, com o qual é preciso ter a força de falar com autoridade, e essa autoridade não é dada senão pela superioridade moral. Quanto maior a moral, maior é a autoridade.

Ainda não é tudo. Para assegurar a libertação, é preciso levar o Espírito perturbado, o obsessor, a renunciar aos seus errados objetivos. É preciso fazer nascer nele o arrependimento e o desejo do certo, com a ajuda de instruções caridosamente dirigidas, nas evocações particulares feitas com vistas à sua educação moral. Então, pode-se ter a dupla satisfação de livrar um encarnado obsidiado e converter um Espírito perturbado.

A tarefa torna-se mais fácil quando o obsidiado, compreendendo a sua situação, traz seu concurso de boa vontade e de prece. Não ocorre assim quando este, seduzido pelo Espírito perturbado, ilude-se sobre as qualidades daquele que o domina, e se acomoda no erro em que este o mergulha. Porque então, longe de auxiliar, ele repele toda assistência. É o caso da fascinação, sempre muito mais rebelde do que a subjugação mais violenta. (*O Livro dos Médiuns, cap. XXIII*).

Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso auxiliar para agir contra o Espírito obsessor.

(A qualidade ‘moral’, aqui citada, refere-se ao nível moral possível neste estágio evolutivo espiritual. Portanto, nada de se crer muito ‘moralizado’ para não ser humilhado pelo obsessor! O conhecimento da Lei de Deus e a humildade são o melhor remédio para os ‘doutrinadores’!)

82. PRECE. (Para ser pronunciada pelo obsidiado) Meu Deus, permitiste aos corretos Espíritos ajudarem a livrar-me do Espírito perturbado, que está ligado a mim. Se é uma vingança, que exerce por injustiças que eu terei feito outrora para com ele, para minha punição, e eu suporto a consequência do meu erro, pois está tudo conforme a Lei de Deus. Possa o meu arrependimento merecer o perdão e minha libertação desse irmão em perturbação! Mas, qualquer que seja seu motivo, peço para ele a indulgência da Lei de Deus. Rogo-Vos ensinar-lhe o caminho do progresso que o desviará do pensamento de fazer o erro. Possa eu, de minha parte, retribuindo o errado com o certo, conduzi-lo a melhores sentimentos.

Mas eu sei também, ó meu Deus, que são as minhas imperfeições que me tornam acessível às influências dos Espíritos perturbados. Intui-me a luz necessária para as reconhecer. Combatei, sobretudo, em mim, o orgulho que me cega sobre meus defeitos.

Qual não deve ser a minha indignidade, uma vez que um ser desequilibrado pode me senhorear! Faço, ó meu Deus, com que esse revés para a minha vaidade me sirva de lição para o futuro. Que ele me fortaleça na resolução que tomo de me depurar pela prática do certo, da caridade e da humildade, a fim de opor, de hoje em diante, uma barreira às erradas influências.

Senhor, dai-me o conhecimento da força de suportar esta prova com paciência e resignação. Eu compreendo que, como todas as outras provas, ela deve ajudar o meu adiantamento se não perder-lhe o fruto com meus lamentos, uma vez que me fornece ocasião de mostrar a minha submissão e de exercer uma caridade para com um irmão infeliz, perdoando-lhe o erro que me fez.

(O primeiro passo é conhecer a Lei de Deus. Simples palavras não adiantarão nada, elas deverão carregar o sentimento correto, e este, somente o conhecimento moralizado pode nos dar.)

83. PRECE. (Para o obsidiado). Deus todo poderoso: deu-me o poder de libertar
....., do Espírito que o obsidia. Se estiver na Lei de Deus pôr termo a essa prova,

concedei-me a luz de falar, com autoridade e amor, a esse Espírito transtornado.

Corretos Espíritos que me assistis, e vós, seu Espírito guardião, prestai-me um grande favor, permitindo que eu ajude-os a desembaraçá-lo do fluido pesado com o qual está envolvido.

Eu peço ao Espírito perturbado, que o atormenta, a se retirar na paz de Deus todo poderoso.

(Como é que podemos saber se o irmão já cumpriu sua prova ou resgate junto ao obsessor? Podemos e devemos ajudar, mas cuidado para não atrapalhar...)

84. PRECE. (Para o Espírito obsessor). Imploro a misericórdia da Lei de Deus para o Espírito que obsidia Espíritos corretos, fazei-o entrever as divinas claridades, a fim de que ele veja o errado caminho em que está empenhado. Espíritos corretos, permitam que eu ajude a fazê-lo compreender que tem tudo a perder fazendo o errado, e tudo a ganhar fazendo o certo.

Espírito que vos comprazeis em atormentar escutai porque eu vos falo em nome do amor e da caridade.

Se quiserdes refletir, compreenderéis que o errado não pode impor-se ao certo, e que não podeis ser mais forte do que Lei de Deus e os corretos Espíritos.

Eles poderiam preservar de todo golpe da vossa parte. Se não o fizeram, foi porque ele tinha uma prova a suportar. Mas quando essa prova tiver acabado, vos tirarão todo o domínio sobre ele. O erro que lhe tendes feito, em lugar de prejudicá-lo, servirá para o seu adiantamento, e com isso será mais feliz. Assim vosso erro terá sido um erro para vós e causará duros resgates de vós.

A Lei de Deus e os Espíritos puros, que são mais poderosos do que vós, poderão, pois, pôr fim a essa obsessão quando o quiserem, e vossa dureza se quebrará diante dessa suprema autoridade. Mas, pelo fato mesmo de que a Lei de Deus é justa, ela quer vos deixar o mérito de cessar essa obsessão de vossa própria vontade. É um tempo que vos é concedido. Se não o aproveitais, pagareis pelas suas terríveis consequências. Grandes penas e tormentos vos esperam. Sereis forçado a implorar a piedade e as preces da vossa vítima, que já vos está perdoando e orando por vós, o que é um grande mérito pela Lei de Deus, e apressará a sua libertação.

Refleti, pois, enquanto é tempo ainda, porque a Lei de Deus se abaterá sobre vós como sobre todos os Espíritos. Pensai que o erro que fazeis neste momento terá forçosamente um fim, enquanto que, se persistis no vosso endurecimento, vossos tormentos irão aumentando sempre.

Quando estáveis encarnado, não teríeis achado estúpido sacrificar um grande bem por pequena satisfação de um momento? Ocorre o mesmo agora que sois Espírito livre. Que ganhais com o que fazeis? O triste prazer de atormentar alguém, o que não vos impede de ser infeliz, o que quer que possais dizer, vos tornará mais infeliz ainda.

Ao lado disso, vede o que perdeis, olhai os corretos Espíritos que vos cercam e vede se sua felicidade não é preferível à vossa. A felicidade que eles gozam será vosso quinhão quando o quiserdes. O que é preciso para isso? Crer em Deus e fazer o certo, em lugar de fazer o errado. Eu sei que não podeis vos transformar de repente, mas na Lei de Deus não é pedido o impossível. O que ela quer é a boa vontade. Experimentai, pois, e nós vos ajudaremos. Fazei com que logo possamos dizer por vós a prece pelos Espíritos perturbados, arrependidos, e não mais vos situar entre os Espíritos perturbados, endurecidos, até que possais estar entre os corretos.

(Ver também, n.o 75, a prece pelos Espíritos em erro, endurecidos).

Nota: A cura das obsessões graves requer muita paciência, perseverança e devotamente. Ela exige também tato e habilidade para conduzir ao certo Espíritos, frequentemente, muito perturbados, endurecidos e astuciosos, porque há rebeldes em último grau. Na maioria dos casos, é preciso se guiar segundo as circunstâncias. Mas, qualquer que seja o caráter do Espírito, é um fato certo que não se obtém nada pela violência ou pela ameaça. Toda influência está na amorosa ascendência moral. Uma outra verdade, igualmente constatada pela experiência, assim como pela lógica, é a completa ineficácia de exorcismos, fórmulas, palavras sacramentais, amuletos, talismãs, práticas exteriores ou sinais materiais quaisquer.

A obsessão muito prolongada pode ocasionar desordens psíquicas e físicas, e requer, por vezes,

um tratamento simultâneo ou consecutivo, seja magnético, seja médico, para restabelecer o organismo. A causa estando eliminada, resta combater os efeitos.

(Ver O Livro dos Médiuns, cap. XXIII; Da obsessão. - Revista Espírita, fevereiro e março de 1864; abril 1865: exemplos de curas de obsessões).

(Realmente, nada se consegue à força de palavras, mas à força do amor e do conhecimento da Lei de Deus. Estudando a Doutrina dos Espíritos, meditando e praticando as ações já possíveis iremos obtendo o conhecimento moralizado e, com este, poderemos nos elevar e aos irmãos de jornada evolutiva espiritual.)

FIM